

PROFÉTICOS



COMENTÁRIO BÍBLICO EXPOSITIVO

WARREN W. WIERSBE

COMENTÁRIO BÍBLICO EXPOSITIVO

*Antigo Testamento
Volume IV – Profético*

WARREN W. WIERSBE

TRADUZIDO POR
SUSANA E. KLASSEN

1^a Edição
5^a Impressão

Geográfica

Santo André, SP - Brasil
2010

**Comentário Bíblico Expositivo
Categoria: Teologia / Referência**

Copyright © 2001 por Warren W. Wiersbe

Publicado originalmente pela Cook Communications Ministries,
Colorado, EUA.

Título Original em Inglês: The Bible Exposition Commentary – Old Testament: The Prophets

Preparação: Liege Maria de S. Marucci

Revisão: Theófilo Vieira

Capa: Douglas Lucas

Diagramação: Viviane R. Fernandes Costa

Impressão e Acabamento: Geográfica Editora

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, 2^a edição (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indicação específica.

A 1^a edição brasileira foi publicada em maio de 2006.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wiersbe, Warren W.

Comentário Bíblico Expositivo : Antigo Testamento : volume IV, Profético / Warren W. Wiersbe ; traduzido por Susana E. Klassen. – Santo André, SP : Geográfica editora, 2006.

Título original: The Bible Exposition Commentary - Old Testament: The Prophets

ISBN 85-89956-50-4

1. Bíblia A.T. – Comentários I. Título.

06-3711

CDD-221.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Antigo Testamento : Bíblia : Comentários 221.7
2. Comentários : Antigo Testamento : Bíblia 221.7

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Geo-Gráfica e editora ltda.

Av. Presidente Costa e Silva, 2151 - Pq. Capuava - Santo André - SP - Brasil

Site: www.geograficaeditora.com.br

SUMÁRIO

ISAÍAS.....	07
JEREMIAS.....	88
LAMENTAÇÕES.....	186
EZEQUIEL.....	200
DANIEL.....	307
OSÉIAS.....	390
JOEL.....	412
AMÓS.....	425
OBADIAS.....	460
JONAS.....	466
MÍQUÉIAS.....	482
NAUM.....	501
HABACUQUE.....	507
SOFONIAS.....	525
AGEU.....	540
ZACARIAS.....	552
MALAQUIAS.....	589

ISAÍAS

ESBOÇO

Tema-chave: A salvação (livramento) do SENHOR

Versículo-chave: Isaías 1:18

I. CONDENAÇÃO - 1 - 39

1. Sermões contra Judá e Israel - 1 - 12
2. Sentenças de julgamento contra os gentios - 13 - 23
3. Cânticos sobre a glória futura - 24 - 27
4. Ais pelo julgamento vindouro da Assíria - 28 - 35
5. Interlúdio histórico - 36 - 39
 - a. Ezequias é livrado da Assíria - 36 - 37
 - b. Ezequias é enganado pela Babilônia - 37 - 38

II. CONSOLAÇÃO - 40 - 66

1. A grandeza de Deus - 40 - 48
(o Pai versus os ídolos)
2. A graça de Deus - 49 - 57
(o Filho, o Servo de Deus)
3. A glória de Deus - 58 - 66
(O Espírito e o reino)

CONTEÚDO

1. O Senhor é salvação
(Introdução a Isaías)..... 8

2. Procura-se um profeta (Is 1 - 6).....	13
3. Deus está conosco! (Is 7 - 12).....	19
4. O profeta sobrecarregado (Is 13 - 23).....	25
5. Um refúgio da tempestade (Is 24 - 27).....	33
6. Nuvens de tempestade sobre Jerusalém (Is 28 - 31).....	38
7. O abalo e a glória do futuro (Is 32 - 35).....	44
Interlúdio: O rei Ezequias (Is 36 - 39).....	49
8. Deus salve o rei! (Is 36 - 39).....	50
Interlúdio: "O Livro da Consolação" (Is 40 - 66).....	56
9. Quão grande és tu! (Is 40 - 48).....	58
10. Este é o servo de Deus (Is 49:1 - 52:12).....	65
11. Escalando o monte Everest (Is 52:13 - 53:12).....	71
12. Promessas e punições (Is 54 - 59).....	76
13. O reino e a glória (Is 60 - 66).....	82

INTRODUÇÃO A ISAÍAS

O SENHOR É SALVAÇÃO

Certa vez, pediram a Sir Winston Churchill que citasse as qualificações necessárias para se ter sucesso na política, ao que ele respondeu: “Ter a capacidade de prever o que acontecerá amanhã, na próxima semana, no próximo mês e no próximo ano. Além disso, ter a capacidade de explicar por que não aconteceu conforme o previsto”.

Considerando que os profetas do Senhor estavam sempre corretos, não precisariam explicar erro algum. “Sabe que, quando esse profeta falar em nome do SENHOR, e a palavra dele se não cumprir, nem suceder, como profetizou”, escreveu Moisés, “esta é a palavra que o SENHOR não disse” (Dt 18:22). “À lei e ao testemunho!”, escreveu Isaías. “Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva” (8:20). Isaías era um homem que possuía a luz de Deus e que não teve medo de deixá-la brilhar.

Antes de examinarmos os textos das profecias de Isaías, vamos conhecer um pouco do contexto de seu livro para entender melhor esse homem e seu tempo.

1. O HOMEM

O nome Isaías significa “salvação do Senhor”, e salvação (livramento) é o tema central de seu livro. O profeta escreveu sobre cinco atos de livramento que Deus realizaria: 1) de Judá dos invasores assírios (36 – 37); 2) de Judá do cativeiro da Babilônia (40); 3) dos judeus da diáspora entre os gentios (11 – 12); 4) dos pecadores do julgamento (53); e 5) livramento final da criação do cativeiro do pecado, quando o reino for estabelecido (60; 66:17ss).

Havia outros judeus chamados Isaías, de modo que o profeta identificou-se sete vezes como “filho de Amoz”, que não deve ser confundido com “Amós” (ver 1:1; 2:1; 13:1; 20:2; 37:2, 21; 38:1). Isaías era casado, e sua esposa foi chamada de “a profetisa” (8:3) por ser casada com o profeta ou porque também possuía o dom de profetizar. Teve dois filhos cujos nomes apresentavam significados proféticos: Sear-Jasube (“Um-Resto-Volverá” Is 7:3) e Maer-Salal-Hás-Baz (“Rápido-Despojo-Presa-Segura” Is 8:1-4,18). Os dois nomes referem-se ao julgamento e à restauração das nações, dois temas importantes nas profecias de Isaías.

Isaías foi chamado para o ministério “no ano da morte do rei Uzias” (Is 6:1), em 739 a.C. Seu ministério se estendeu aos reinados de Jotão, Acaz e Ezequias, sendo que este último faleceu em 686 a.C. Diz a tradição que Manassés, sucessor do rei Ezequias, matou Isaías ordenando que o profeta fosse serrado ao meio (Hb 11:37), o que não se encontra registrado nas Escrituras.

Que tipo de homem era o profeta Isaías? Ao ler suas profecias, descobrimos que ele era muito próximo de Deus. Viu o Filho de Deus e a sua glória (Is 6; Jo 12:41), ouviu a mensagem do Senhor e procurou conduzir seu país de volta ao Senhor antes que fosse tarde demais.

Era um homem que amava sua nação. A expressão “meu povo” é usada pelo menos vinte e sete vezes em seu livro. Era um patriota, com um amor verdadeiro por seu povo, suplicando a Judá que voltasse para Deus e advertindo os reis quando suas políticas externas eram contrárias à vontade do Senhor. O líder político norte-americano, Adlai Stevenson, assim definiu patriotismo: “não uma breve e frenética explosão de emoções, mas uma tranquila e contínua dedicação de vida”. Stevenson não estava pensando em Isaías quando disse isso, mas suas palavras descrevem perfeitamente o profeta e seu trabalho.

O profeta também odiava o pecado e a falsa religião. Seu nome favorito para Deus era “o Santo de Israel”, designação que usou vinte e cinco vezes em seu livro. (Esse nome

só é encontrado mais seis vezes no restante do Antigo Testamento.) Olhou para a multidão reunida no templo e gritou: “abandonaram o SENHOR, blasfemaram do Santo de Israel, voltaram para trás” (Is 1:4). Analisou os valores políticos dos líderes e disse: “Ai dos que descem ao Egito em busca de socorro [...] mas não atentam para o Santo de Israel, nem buscam ao SENHOR”. (Is 31:1). Jeová era santo, mas a nação era pecadora, e Isaías chamou o povo ao arrependimento.

Isaías certamente foi um homem corajoso. Sem medo de denunciar reis e religiosos e sem vacilar diante da opinião pública contrária, anunciou com ousadia a Palavra de Deus. Durante três anos, usou apenas uma tanga, a fim de dramatizar a vitória da Assíria sobre o Egito (Is 20). Ao fazê-lo, esperava atrair a atenção de seu povo, que se encontrava cego para o perigo que o país corria.

Isaías demonstrou aptidão para comunicar a verdade de Deus. Sem se contentar apenas em declarar fatos, o profeta envolvia os ouvintes com uma linguagem impressionante, procurando despertar a consciência de uma gente cega e surda para as verdades espirituais (Is 6:9, 10). Comparou seu povo com um corpo doente (1:5, 6), uma prostituta (v. 21), uma vinha brava (Is 5), uma brecha em um muro alto (30:13) e uma mulher em trabalho de parto (66:8). A Assíria, o inimigo, viria como uma inundação (8:7, 8), um enxame de abelhas (7:18), um leão (5:29) e um machado (10:15). Como nosso Senhor Jesus Cristo, Isaías sabia instigar a imaginação de seus ouvintes para, dessa forma, despertar seu interesse e melhor ensinar-lhes as verdades divinas (Mt 13:10-17).

2. OS REIS

Isaías profetizou nos dias de “Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá” (Is 1:1). A nação tinha se dividido depois da morte de Salomão (1 Rs 12), porém o sacerdócio e o trono de Davi ficaram com Judá. As dez tribos do Norte formaram o reino de Israel (Efraim), tendo Samaria como capital, ao passo que Benjamim e Judá uniram-se para formar o reino de Judá, tendo como capital

a cidade de Jerusalém. Apesar de Isaías ter predito a queda de Israel para a Assíria (Is 28), o que ocorreu em 722 a.C., seu principal enfoque foi sobre Judá e Jerusalém (Is 1:1).

Uzias também é chamado de Azarias. Aos dezesseis anos, tornou-se co-regente com seu pai, Amazias, e reinou por cinqüenta e dois anos (792-740 a.C.). Quando seu pai foi assassinado em 767 a.C., Uzias tornou-se o único soberano e conduziu a nação a seus melhores dias desde Davi e Salomão (2 Rs 14:17-22; 15:1-7; 2 Cr 26:1-15). “Mas, havendo-se já fortificado, exaltou-se o seu coração para a sua própria ruína” (2 Cr 26:16). Uzias tentou se intrometer no ministério sacerdotal no templo, e Deus o julgou ferindo-o com lepra. Foi no ano da morte de Uzias que Isaías foi chamado para o ministério (Is 6:1).

Jotão tornou-se co-regente depois que seu pai foi acometido de lepra e mostrou ser um bom rei (2 Rs 15:32-38; 2 Cr 27). Governou por dezesseis anos, e foi durante esse tempo que o império assírio começou a surgir como uma nova e ameaçadora potência. Durante os últimos doze anos do reinado de Jotão, seu filho, Acaz, foi co-regente, mas Acaz não foi um dos bons reis de Judá.

Acaz fez alianças políticas que acabaram amarrando Judá à Assíria (2 Rs 16; 2 Cr 28). O reino de Judá sofria ameaças constantes do Egito, ao sul, e da Síria e Israel, ao norte, e Acaz dependia de uma aliança com a Assíria para se defender. Isaías advertiu Acaz que suas alianças com os gentios pagãos não iriam funcionar e encorajou o rei a confiar somente no Senhor (Is 7).

Ezequias reinou vinte e nove anos e foi um dos grandes reis de Judá (2 Rs 18 - 20; 2 Cr 29 - 32). Não apenas fortaleceu a cidade de Jerusalém e a nação de Judá, como também liderou seu povo de volta a Deus. Construiu o famoso sistema de fornecimento de água que existe até hoje em Jerusalém.

O ministério de Isaías estendeu-se por um período de cinqüenta anos, de 739 a.C. (ano da morte de Uzias) até 686 a.C. (ano da morte de Ezequias), e provavelmente se

estendeu também aos primeiros anos do reinado de Manassés. Foi uma época difícil, de conturbações internacionais, em que potências sucessivas ameaçaram a nação de Judá. Porém, os maiores perigos para a nação não eram externos, mas sim internos. Apesar da liderança piedosa do rei Ezequias, Judá não teve outros reis tementes a Deus. Um por um, todos os sucessores de Ezequias conduziram a nação a uma decadência política e espiritual, culminando com o cativeiro na Babilônia.

Nas palavras do comentarista britânico G. Campbell Morgan: “Toda a história do profeta Isaías, conforme nos é revelada neste único livro, é de um homem que falou para uma geração indiferente ou para uma geração que, se atenciosa, zombou dele e recusou-se a obedecer à sua mensagem, até que, com o período profético chegando ao final, ele perguntou angustiado: ‘Quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do SENHOR?’” (*Westminster Pulpit*, v. 10, p. 10).

3. A MENSAGEM

Isaías começa seu livro com uma série de sermões condenando o pecado: os pecados pessoais do povo (caps. 1 – 6) e os nacionais dos líderes (caps. 7 – 12). Nessas mensagens, adverte sobre o julgamento e suplica pelo arrependimento. Os profetas Amós e Oséias pregavam mensagens semelhantes ao povo do reino do Norte, avisando-o de que seu tempo estava se esgotando.

No entanto, as nações gentias ao redor de Judá e de Israel não eram inocentes! Nos capítulos 13 – 23, Isaías condenou essas nações por seus pecados e preveniu-as do julgamento divino. Israel e Judá pecaram contra a lei de Deus e eram ainda mais culpadas que seus vizinhos, mas as nações gentias não escapariam da ira do Senhor. Pelo modo como se comportaram, essas nações pecaram contra a consciência (Rm 2:1-16) e contra a decência humana. O profeta Amós estava pregando a mesma mensagem no reino do Norte, mas condenou os gentios primeiros, depois exortou os judeus (Am 1 – 2).

Ao estudar o Livro de Isaías, você verá que o profeta intercala mensagens de esperança com palavras de julgamento. Mesmo enquanto declara sua ira, Deus se lembra de sua misericórdia (Hc 3:2) e assegura a seu povo que ele tem “pensamentos de paz e não de mal” (Jr 29:11). Isaías 24 – 27 é dedicado às “canções de esperança” que descrevem a glória do reino futuro. Isaías vê o dia em que os dois reinos – Israel e Judá – retornarão a sua terra, serão reunidos e redimidos e desfrutarão as bênçãos do reino prometido.

Os capítulos 28 – 35 concentram-se na invasão iminente da Assíria em Israel e Judá. Israel seria destruído e as dez tribos acabariam assimiladas pelo império assírio. (Essa é a origem dos samaritanos, mestiços de judeus e gentios.) Judá seria invadido e devastado, mas Jerusalém seria liberta pelo Senhor.

Nesse ponto de seu livro, Isaías passa da profecia à história e concentra-se em dois acontecimentos-chave que ocorreram durante o reinado de Ezequias: o livramento miraculoso de Jerusalém das mãos dos assírios (caps. 36 – 37) e a cooperação tola de Ezequias com os babilônios (caps. 38 – 39). Essa passagem constitui uma transição da ênfase sobre a Assíria para a ênfase sobre a Babilônia, pois os últimos 27 capítulos voltam-se para o retorno do remanescente judeu do cativeiro na Babilônia.

Os rabinos judeus chamam Isaías 40 – 66 muito apropriadamente de “Livro da Consolação”. Dirigido originalmente aos judeus exilados e desencorajados que voltavam para uma terra empobrecida e para um templo arruinado, esses capítulos trouxeram conforto e esperança ao povo de Deus em todas as épocas e em diversas situações difíceis. A palavra hebraica traduzida por “consolar” também significa “arrepender”. Deus não traz consolo para pessoas rebeldes, mas sim para pessoas arrependidas.

A organização dos capítulos 40 – 66 não é acidental. “O Livro da Consolação” é dividido em três seções, sendo que cada uma se concentra numa das pessoas da Trindade e num atributo divino diferente. Os capítulos 40 – 48 exaltam a grandeza de Deus, o Pai;

os capítulos 49 – 57 referem-se à graça de Deus, o Filho, o Servo Sofredor de Deus, e os capítulos 58 – 66 falam da glória do reino vindouro, quando o Espírito será derramado sobre o povo de Deus. Observe as referências ao Espírito em Isaías 59:19 e 21; 61:1 e 63:10, 11, 14.

O termo “servo” é uma das palavras-chave nessa parte do Livro de Isaías. É usada vinte e duas vezes, referindo-se principalmente à nação de Israel (Is 41:8, 9; 43:10); a Ciro, rei da Pérsia, a quem Deus levantou para ajudar Israel a restaurar sua nação e seu templo (Is 44:28; 45:1; ver Ed 1:1); e a Jesus Cristo, o Filho de Deus (Is 42:1, 19; 52:13; 53:11), o Servo Sofredor que morreu pelos pecados do mundo. Enquanto a Assíria e o Egito disputaram o primeiro plano nos capítulos 1 – 39, nos capítulos 40 – 66 a atenção do profeta volta-se para a Pérsia.

Resumindo, Isaías tinha um alerta urgente para Israel e Judá: a Assíria estava a caminho e seria usada por Deus para castigar os dois reinos por seus pecados. Em algumas ocasiões, Isaías usa essa invasão para retratar o “Dia do SENHOR”, aquele dia vindouro quando o mundo inteiro provará da fúria do Senhor. Os profetas usavam, com freqüência, circunstâncias imediatas para ilustrar acontecimentos futuros.

Isaías tinha uma promessa para Judá: Deus lheeria Jerusalém de seus inimigos por amor ao trono de Davi. Havia também uma palavra de esperança para os futuros judeus exilados na Babilônia: Deus iria resgatá-los e ajudá-los a restaurar sua nação e seu templo. Porém, a mensagem mais importante de Isaías é sua palavra de salvação, anunciando a vinda do Messias, o Servo do Senhor, aquele que morreria pelos pecadores e um dia voltaria à Terra para estabelecer seu reino glorioso.

4. O MESSIAS

Isaías foi muito mais que um profeta, foi um evangelista que apresentou Jesus Cristo e as boas novas do evangelho. A “canção do Servo” que Isaías escreveu sobre Jesus (Is 52:13 – 53:12) é citada ou aludida quase quarenta vezes no Novo Testamento.

O profeta escreveu sobre o nascimento de Cristo (Is 7:14; 9:6; Mt 1:18-25); o ministério de João Batista (Is 40:1-6; Mt 3:1ss.); a unção de Cristo pelo Espírito (Is 61:1, 2; Lc 4:17-19); a rejeição do Messias por sua nação (Is 6:9-11; Jo 12:38ss.); Cristo, a “pedra de tropeço” (Is 8:14; 28:16; Rm 9:32, 33; 10:11; 1 Pe 2:6); o ministério de Cristo aos gentios (Is 49:6; Lc 2:32; At 13:47); o sofrimento e morte do Salvador (Is 52:13 – 53:12; At 3:13; 8:32, 33; 1 Pe 2:21-25); sua ressurreição (Is 55:3; At 13:34); e sua volta para governar como Rei (Is 9:6, 7; 11:1ss; 59:20, 21; 63:1-3; Rm 11:26, 27; Ap 19:13-15). Há muitas outras referências ao Messias em Isaías, e iremos observá-las ao longo do estudo deste livro.

É essa ênfase sobre a redenção que torna a mensagem de Isaías relevante para o mundo todo. Apesar de ser verdade que ele ministrou à minúscula nação de Judá e escreveu sobre nações e impérios que, em sua maior parte, já não existem mais no cenário mundial, seu enfoque foi sobre o plano de Deus para a salvação de todo o mundo. Isaías viu a grandeza de Deus e a enorme abrangência do plano divino de salvação para judeus e gentios. Foi um patriota, mas não um fanático; transcendeu sua nação e viu a obra que Deus, em sua graça, realizaria entre as nações gentias do mundo.

Tenho a impressão de que o Livro de Isaías era um dos prediletos do apóstolo Paulo, pois faz citações ou alusões a ele pelo menos dezoito vezes em suas epístolas e no mínimo em três de suas mensagens (At 13:34, 47; 17:24-29; 28:26-28). Esse interesse em Isaías pode ter origem no fato de que Jesus citou Isaías 42:7, 16 quando falou com Paulo na estrada de Damasco (At 26:16-18). Ao encorajar Paulo durante seu ministério aos coríntios (At 18:9, 10), o Senhor referiu-se a Isaías 41:10 e 43:5. O chamado de Paulo para evangelizar os gentios foi confirmado por Isaías 49:6. Como o profeta Isaías, o apóstolo viu a enorme abrangência do plano de Deus tanto para judeus quanto para gentios e, assim como Isaías, exaltou Jesus Cristo, o

Salvador do mundo. Em suas epístolas, Paulo se refere a Isaías 53 em cinco ocasiões.

Ao estudar Isaías e descobrir o plano profético de Deus para as nações do mundo, não deixe de observar sua ênfase na mensagem pessoal sobre o perdão de Deus. “Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve” (Is 1:18). “Desfaço as tuas transgressões como a névoa e os teus pecados, como a nuvem” (Is 44:22). “Eu, eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de mim e dos teus pecados não me lembro” (Is 43:25).

Como é possível “o Santo de Israel”, um Deus justo e correto, perdoar nossos pecados e esquecê-los?

“Mas ele [Jesus] foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz

estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados” (Is 53:5).

Com base nessa verdade, Pedro declarou: “Dele [Jesus] todos os profetas dão testemunho de que, por meio de seu nome, todo aquele que nele crê recebe remissão de pecados” (At 10:43).

Isaías nos pergunta: “Quem creu em nossa pregação?” (Is 53:1) e nos adverte: “Se o não crerdes, certamente, não permanecereis” (Is 7:9).

Se você ainda não creu no Senhor Jesus Cristo e ainda não o recebeu em sua vida, faça-o agora. “Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra; porque eu sou Deus, e não há outro” (Is 45:22).

“E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4:12).

PROCURA-SE UM PROFETA

ISAÍAS 1 – 6

A primeira coisa que você precisa saber sobre os profetas é que o ministério deles concentra-se tanto no presente como no futuro. Eles “proclamam” a Palavra de Deus e também “prenunciam” as obras do Senhor. Os verdadeiros profetas são como bons médicos: diagnosticam o caso, receitam um tratamento e avisam o paciente do que acontecerá se a prescrição for ignorada (ver Jr 6:14 e 8:11). Quando os profetas proclamam uma visão do futuro, fazem-no para incentivar as pessoas a obedecer a Deus no presente. Pedro declarou esse princípio quando escreveu: “Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade” (2 Pe 3:11).

Ao contrário de Jeremias e de Ezequiel, Isaías não começou seu livro com um relato sobre seu chamado para o ministério, pois ele o faz no capítulo 6. Em vez disso, começou examinando cuidadosamente a situação de Judá naquele momento e com um apelo vigoroso para que o povo de Deus voltasse para o Senhor. Ao ler sua análise, observe como ela se assemelha à nossa atual situação no mundo ocidental.

1. A VISÃO DE ISAÍAS (Is 1:1-31)

Este capítulo descreve uma cena em um tribunal. Deus convocou o tribunal e declarou as acusações (vv. 2-4). Apresentou seu caso e declarou a nação culpada (vv. 5-15), mas ofereceu aos acusados a oportunidade de se arrependerem e de serem perdoados (vv. 16-31). De que maneira Deus descreveu seu povo pecador?

Eram filhos rebeldes (vv. 2-4), menos dedicados ao Senhor do que animais a seus donos! O termo “revoltados” transmite a idéia de uma quebra de contrato. No monte Sinai, Israel havia firmado uma aliança solene com Jeová (Ex 19 - 20), mas quebraram esse contrato por sua incredulidade e idolatria. Não deram o devido valor àquilo que Deus havia feito por eles, tampouco a suas bênçãos. Haviam abandonado o Senhor, regredido e se tornado corruptos e, assim, eram culpados e mereciam o juízo.

Do ponto de vista humano, a nação estava prosperando, mas do ponto de vista divino, o povo se parecia mais com uma vítima infeliz espancada da cabeça aos pés e deixada para morrer (Is 1:5, 6). As feridas haviam infecionado e o corpo todo estava doente, mas ninguém tomava providência alguma para ajudar. Os falsos profetas e os sacerdotes hipócritas daqueles dias teriam discordado da “biópsia” feita por Isaías no “corpo nacional”, mas o profeta sabia que seu diagnóstico estava certo. Apesar do otimismo dos líderes de Judá, o povo estava moral e espiritualmente doente, e o julgamento era inevitável.

Nos versículos 7-9, Deus vê Judá como um campo de batalha devastado, um deserto que antes havia sido um jardim. Ao usar essa figura, é possível que Isaías estivesse se referindo à invasão de Senaqueribe, quando Judá foi devastada pelo exército assírio e somente Jerusalém foi pouparada (Is 36 - 37). O povo não permitia que Deus administrasse sua terra de acordo com suas leis, de modo que Deus entregou Judá aos estrangeiros e permitiu que seu povo sofresse (Dt 28:15ss).

Que impacto humilhante o povo deve ter sentido quando ouviu Isaías comparar a cidade santa de Jerusalém com as cidades perversas de Sodoma e Gomorra (Is 3:9; Gn 18 - 19)! E o que passou pela mente dos líderes quando Isaías disse que somente “um pequeno remanescente” sobreviveria? Afinal, Deus prometeu a Abraão que sua nação se multiplicaria como o pó da terra e como as estrelas do céu (Gn 13:16; 15:5). A doutrina do “remanescente” é importante

na mensagem dos profetas (Is 6:13; 10:20-22; 11:11-13, 16; Jr 6:9; 23:3; 31:7; Mq 2:12; Zc 8:12). Paulo também se refere a ela (Rm 9:27; 11:5). Apesar da apostasia do povo, um remanescente de crentes verdadeiros seria poupadão para que a obra de Deus fosse realizada por meio do povo judeu.

O mais revoltante é que esse povo rebelde também era religioso (Is 1:10-15). Os judeus adoravam no templo e ofereciam uma grande variedade de sacrifícios ao Senhor, mas seu coração estava longe de Deus e sua adoração era hipócrita. Os sacrifícios, por si sós, não eram suficientes para agradar ao Senhor, uma vez que, juntamente com a observação exterior, Deus requer obediência interior (1 Sm 15:22), um coração contrito (Sl 51:17) e uma vida piedosa (Mq 6:6-8). A adoração de Judá ao Senhor era iniqüidade e não piedade, e Deus estava cansado dela! Em vez de levantar “mãos santas” em oração (1 Tm 2:8), as mãos do povo estavam manchadas de sangue por causa de seus muitos pecados (Is 59:3; Ez 7:23).

Contudo, antes de julgarmos adoradores de uma era passada, talvez devêssemos confessar os pecados da igreja que adora nos dias de hoje. De acordo com o pesquisador George Barna, 93% dos lares nos Estados Unidos têm uma Bíblia e mais de 60% das pessoas entrevistadas se dizem religiosas, mas seria impossível constatar essas estatísticas tomando por base o comportamento dos norte-americanos. Existe uma igreja protestante para cada 550 adultos nos Estados Unidos, mas será que toda essa “religião” faz alguma diferença em nossa sociedade pecadora? A religião organizada não teve efeito algum sobre as estatísticas de criminalidade e divórcios nem sobre as formas de “entretenimento” do cinema e da TV.

A maior parte das igrejas reserva 5% de seu orçamento para a evangelização e 30% para construção e manutenção. Numa época em que os pobres e idosos estão suplicando por ajuda, as igrejas norte-americanas gastam aproximadamente três bilhões de dólares por ano em novas construções. É

possível que isso seja necessário nos lugares em que as igrejas demonstram vitalidade e crescimento, mas com muita freqüência essas construções assemelham-se mais a “uma pedra de moinho pendurada no pescoço do que a uma pedra de demarcação ao longo da estrada”, como diz Vance Havner. Pelo menos 62% das pessoas entrevistadas por Barna disseram que a Igreja não era relevante para o mundo de hoje e que está perdendo influência sobre a sociedade. Talvez, assim como os adoradores no antigo templo judeu, estejamos apenas cumprindo rituais. Isaías não se ateve ao diagnóstico, mas também receitou o tratamento, pois desejava que Judá se tornasse um povo justo (Is 1:16-31). A palavra traduzida por “arrazoemos”, no versículo 18, significa “decidir um caso no tribunal”, mas em vez de anunciar um julgamento, o Juiz ofereceu perdão! Se eles se purificassem arrependendo-se e deixando o pecado (vv. 16, 17; ver 2 Co 7:1), então Deus “limparia a ficha” do povo em resposta a sua fé (Is 1:18). Deus tinha motivos de sobra para castigar seu povo pelos pecados que haviam cometido, mas, em sua graça e misericórdia, ofereceu-lhes seu perdão.

Quais eram alguns dos pecados que aquela nação precisava confessar e abandonar? Isaías citou homicídio (v. 21), roubo, suborno, exploração dos indefesos (v. 23) e adoração a deuses pagãos (v. 29). Por causa de sua idolatria, a esposa fiel tornou-se uma meretriz, e por suas práticas injustas, a prata pura transformou-se em escória. O mais triste é que muitos adoradores no templo participavam dessas práticas perversas e, assim, encorajavam a decadência de sua nação. Os governantes mantinham uma fachada de religiosidade para encobrir seus crimes, e o povo era conivente.

O que Deus faria se o povo não se arrependesse? Enviaria um julgamento abrasador que depuraria a escória e queimaria aqueles cuja rebeldia havia transformado em inimigos do Senhor (vv. 24-31). Isaías encerra essa primeira mensagem com uma promessa de esperança de que, um dia, Jerusalém seria uma “cidade de justiça”.

2. A PROMESSA DE ISAÍAS (Is 2:1 – 4:6)

Três frases importantes resumem a segunda mensagem de Isaías e sua proclamação das obras futuras de Deus.

A Casa do SENHOR (2:1-5). O profeta olhou adiante, para o tempo em que o reino justo de Deus seria estabelecido e o templo se tornaria o centro da adoração mundial ao Senhor. Na época de Isaías, os judeus estavam adotando os falsos deuses dos gentios, mas viria o dia em que os gentios deixariam seus ídolos e adorariam o Deus verdadeiro de Israel. As nações iriam depor suas armas e cessar as guerras. Essas promessas não devem ser “espiritualizadas” e aplicadas à Igreja, pois descrevem literalmente um reino justo e pacífico. O templo judeu será reconstruído, e a Palavra de Deus sairá de Jerusalém para governar todas as nações do mundo.

Diante da glória vindoura do templo de Deus, Isaías pediu ao povo: “andemos na luz do SENHOR” (v. 5). Os cristãos têm uma motivação semelhante ao esperar pela volta de Cristo para buscar sua Igreja (1 Jo 2:28 – 3:3).

O Dia do SENHOR (2:6 – 3:26). Essa expressão refere-se ao período em que Deus julgará as nações e purificará Israel em preparação para a vinda de seu Rei para reinar em Jerusalém. O Dia do SENHOR é descrito por João (Ap 6 – 19), pelos profetas (Is 13:6ss; Ez 30; Jl 1:15; 2:1ss; Sf 1:7ss; Zc 14:1ss) e por Jesus Cristo (Mt 24; Mc 13; Lc 21). Será um tempo de sofrimento terrível; o meio ambiente será destruído, e milhões de pessoas morrerão. (Observe a repetição das palavras “naquele dia”: Is 2:17, 20; 3:7, 18; 4:1, 2.)

Para os profetas, “o Dia do SENHOR” foi prenunciado por acontecimentos em seus próprios dias. No Livro de Isaías, a conquista do reino do Norte pela Assíria e a invasão de Judá, bem como o cativeiro na Babilônia, retratam o “Dia do SENHOR” vindouro.

(1) Por que Deus irá julgar seu povo? Por causa de sua idolatria, cobiça, orgulho e exploração dos mais fracos (Is 2:6-22). Em vez de se apegarem às verdades da Palavra de Deus, adotaram a “corrupção do Oriente”

(v. 6), como muitos que andam em busca de uma religião nos dias de hoje. O crescimento de religiões orientais no mundo ocidental moderno é um fenômeno tanto assustador quanto desafiador. Mesmo pessoas sem religião estão praticando formas de meditação e de relaxamento, seguindo técnicas que são ensinadas em cursos universitários e seminários de negócios.

A prosperidade encheu os líderes de orgulho e de ganância. Em vez de confiar no Senhor, confiaram em suas riquezas e armamentos, sem perceber que nenhuma dessas coisas os livraria do juízo vindouro. Os líderes exploravam os pobres, esmagando-os como grãos no moinho (Is 3:13-15). Deus não permitiria que seu povo se tornasse orgulhoso e autoconfiante, mas os humilharia e cortaria como árvores na floresta. “Só o SENHOR será exaltado naquele dia” (Is 2:11, 17) quando os homens tentarão escapar de sua ira e se darão conta da inutilidade de seus ídolos e das consequências de seus pecados (vv. 19-22).

(2) Como Deus julgará seu povo? Tirando deles tudo em que estavam confiando, inclusive comida e água, líderes e soldados, juízes e profetas (Is 3:1-15). Toda a sua infraestrutura se desintegraria irreparavelmente. Ninguém iria querer assumir cargos de responsabilidade a não ser mulheres e crianças (numa sociedade predominantemente masculina como a de Judá, isso seria uma calamidade humilhante). Os líderes nacionais dos dias de Isaías estavam traçando um curso fora dos propósitos de Deus, o que acabaria em tragédia, porém o remanescente fiel seria protegido pelo Senhor (vv. 10-12).

Depois de denunciar os líderes, Isaías voltou-se para as mulheres orgulhosas que lucravam com os crimes de seus maridos (Is 3:16 – 4:1). O profeta Amós transmitiu uma mensagem parecida às mulheres no reino do Norte (Am 4:1-3). Quando o juízo de Deus sobrevisse, a vida dessas mulheres mudaria completamente! Naquele dia, ninguém prestaria atenção às roupas caras, jóias, perfumes e penteados que usavam. Elas seriam prisioneiras de guerra, amarradas, como gado indo para o matadouro. Tantos

homens seriam mortos que não haveria maridos em número suficiente para todas as mulheres (Am 4:1)!

O Senhor é longânimo ao observar quem explora os outros com perversidade, destruindo a criação com seu egoísmo. Porém, virá o dia quando pecadores incrédulos serão castigados, e o povo de Deus compartilhará das glórias de seu reino. Você está pronto?

O Renovo do SENHOR (4:2-6). O profeta vai além do “Dia do SENHOR” e vê o tempo em que o reino será estabelecido na Terra. “Renovo do SENHOR” é um título messiânico para Jesus Cristo, que veio como um “rebento” da raiz aparentemente morta da dinastia de Davi (Is 11:1; 53:2; ver Jr 23:5; 33:15; Zc 3:8; 6:12). Deus purificará seu povo (Is 4:4; ver Zc 12:10 – 13:1), restaurará a fertilidade da terra e habitará com eles, como fez quando estavam no deserto (Is 4:5, 6; Ex 13:21, 22). Não só o templo, mas toda habitação será abençoada pela presença do Senhor! Ao contrário dos dias de Isaías, “naquele dia” o povo será santo (separado), e a terra será bela e gloriosa.

3. O CÂNTICO DE ISAÍAS (Is 5:1-30)

O pregador tornou-se um trovador e entoou um cântico popular ao Senhor (“meu amado”). Quem sabe, os que haviam ignorado seus sermões ouviriam sua canção. Cantou sobre seu povo (v. 7) e ressaltou como Deus havia estado com os israelitas. Deus lhes dera uma lei santa e uma terra maravilhosa, mas eles quebraram a lei, corromperam a terra com seus pecados e deixaram de produzir frutos para a glória de Deus. O Senhor fez todo o possível por eles. Agora, só lhe restava trazer juízo para uma vinha sem frutos e transformá-la em refugo. (Observe que Jesus se refere a essa passagem em Mt 21:33-44.)

O que são as “uvas bravas” que a nação produziu em lugar das “uvas boas” que Deus desejava? Nos seis “ais” seguintes, Isaías citou os pecados que trouxeram julgamento sobre a terra.

Cobiça (vv. 8-10). Em desobediência à lei (Lv 25:23-28; 1 Rs 21:1-3), os ricos defraudaram os pobres e apoderaram-se das

terras. Esses exploradores abastados construíram grandes mansões e criaram latifúndios para si, mas Deus os advertiu que suas casas ficariam vazias e que suas colheitas seriam escassas. Imagine quatro hectares de vinhas renderem apenas vinte e quatro litros de vinho e duzentos e dezoito litros de sementes renderem apenas dezoito litros de grãos!

Embriaguez (vv. 11-17). No Antigo Testamento, Deus não exigiu abstinência total, mas advertiu sobre a embriaguez (Pv 20:1; 23:29-31; Hc 2:15). Essa advertência é repetida no Novo Testamento para os cristãos de hoje (Rm 13:13; 1 Co 6:9, 10; Ef 5:18). Isaías descreve alcoólatras tão inveterados que começavam a beber logo que acordavam pela manhã e continuavam até tarde da noite. Desfrutavam banquetes e música e envolviam-se em brigas de bêbados (Is 5:14). Mas quando o julgamento viesse, tais pessoas teriam fome e se tornariam “alimento” para a cova (v. 14). Os “comilões” serão comidos, e os orgulhosos beberrões serão humilhados.

Indiferença (vv. 18, 19). Isaías descreveu as pessoas presas ao pecado e que, ainda assim, falavam com freqüência do Senhor e de suas admoestações. “Aproxime-se, manifeste-se o conselho do Santo de Israel, para que o conheçamos” (v. 19). O nome “Santo de Israel” é usado vinte e seis vezes em Isaías, mas esses pecadores não tinham respeito algum por esse nome. Hoje em dia, temos escarnecedores incrédulos que fazem pouco de Deus e pensam que escaparão incólumes.

Dissimulação (v. 20). Os padrões morais foram destruídos por novas definições de pecado (ver Am 5:7), com pessoas usando o vocabulário de Deus, mas não seu dicionário. Como as palavras de “duplo sentido” de hoje, utilizando esse tipo de linguagem era mais fácil ao povo se iludir e evitar a consciência pesada. No mundo de hoje, aumentos nos impostos são uma “otimização da receita” e os pobres são “desfavorecidos fiscais”. O tratamento médico incorreto não é a causa da morte do paciente, mas sim um “infortúnio diagnóstico de ampla magnitude”. A tradução da *Bíblia de Jerusalém* do

Salmo 12:3 expressa muito bem essa realidade: “Cada qual mente ao seu próximo, falando com lábios fluentes e duplo coração”.

Orgulho (v. 21). Em vez de darem ouvidos a Deus, os líderes consultavam-se uns com os outros e tomavam suas decisões com base em sua própria sabedoria. “Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos” (Rm 1:22; ver 1 Co 1:18-25). “Não sejas sábio aos teus próprios olhos; teme ao SENHOR e aparta-te do mal” (Pv 3:7).

Injustiça (vv. 22-25). Os juízes responsáveis que deveriam aplicar a lei usavam sua autoridade para libertar os culpados e punir os inocentes. Estavam mais interessados em festas do que em julgamentos, em ganhar dinheiro (suborno) do que em promover a justiça. Isaías advertiu tais políticos corruptos de que o fogo da ira de Deus estava prestes a chegar e que os consumiria. Eram como flores cortadas sem a raiz: lindas por um tempo, mas destinadas a morrer e transformar-se em pó.

A oração do versículo 25 sobre a ira de Deus (“não se aplaca a sua ira”) aparece novamente em Isaías 9:12, 17, 21 e 10:4 como “não se aparta a sua ira”. A mão do Senhor estava levantada em julgamento e não abaixaria até que ele completasse seu trabalho. Ele convocaria de longe o exército assírio e o usaria para castigar seu povo (Is 5:26-30). O reino do Norte, Israel, seria destruído, e Judá, o reino do Sul, seria devastado, mas no fim seria liberto, apenas para ser entregue ao cativeiro da Babilônia um século mais tarde. Deus levava a sério o pecado de seu povo. Se não se arrependessem nem aceitassem sua oferta de perdão (Is 1:18), então só restaria ao Senhor enviar seu juízo.

4. A EXPERIÊNCIA DE ISAÍAS (Is 6:1-13)

Qualquer um que ler as duas primeiras mensagens de Isaías pode ter vontade de perguntar: “Que direito esse homem tem de pronunciar juízos sobre os líderes de nossa terra e os muitos adoradores no templo?” A resposta encontra-se neste capítulo: o relato de Isaías de seu chamado para o ministério. Antes de anunciar quaisquer “ais” a outros,

confessou primeiro seu próprio pecado e disse: “Ai de mim!” O profeta viu o Santo de Israel e não pôde ficar calado. Observe quatro estágios na experiência de Isaías com Deus.

Contemplação: Ele viu o Senhor (vv. 1-

4). Supomos que Isaías estava no templo quando ocorreu esse acontecimento maravilhoso, mas não sabemos ao certo. O templo a que se refere o versículo 1 é o templo celestial e não o templo de Salomão. O rei Uzias morreu em 740 a.C. e foi um dos maiores líderes de Judá, mesmo que em seus últimos anos tivesse sido disciplinado por sua desobediência a Deus (2 Cr 26:16-21). Ainda que um grande rei tivesse deixado seu trono na Terra, o maior dos Reis continuava assentado em seu trono celestial. De acordo com João 12:41, era o Senhor Jesus Cristo.

Os serafins só aparecem nas Escrituras nessa passagem. A palavra em hebraico significa “queimar” e relaciona essas criaturas à santidade divina. Por isso repetem: “Santo, santo, santo” diante do trono de Deus. Alguns estudiosos acreditam que os serafins são os “seres viventes” mencionados em Apocalipse 4:6-9.

Quando eu falava no programa de rádio “Cânticos na Noite”, da igreja Moody, em Chicago, costumava receber recortes de jornal dos ouvintes, coisas que achavam que seriam interessantes para as transmissões semanais. Não me lembro mais da maioria deles, porém uns poucos continuam na memória. Um dos melhores dizia: “Quando as perspectivas são desanimadoras, tente olhar para o alto!”

Para o jovem Isaías, as perspectivas eram sombrias. Seu rei tão estimado havia falecido, sua nação estava em perigo e não lhe restava muito o que fazer sobre isso. As perspectivas podiam ser desanimadoras, mas o que via ao olhar para o alto era glorioso! Deus ainda estava assentado em seu trono reinando como Soberano do universo! Do ponto de vista celestial, “toda a terra” estava “cheia da sua glória” (Is 6:3; ver Nm 14:21, 22; Sl 72:18, 19). Quando seu mundo começa a ruir, é bom ver as coisas do ponto de vista celestial.

Introspecção: Ele viu a si mesmo (vv. 5-7). A visão de um Deus santo e o som de hinos santos de adoração tocaram profundamente o coração de Isaías, e ele confessou que era um pecador. Lábios impuros são consequência de um coração impuro (Mt 12:34, 35). Isaías suplicou para ser purificado (Sl 51:10), e Deus atendeu seu pedido. Se essa cena tivesse se passado na terra, as brasas teriam vindo do altar onde o sangue do sacrifício havia sido derramado, ou talvez do incensório do sumo sacerdote no Dia da Expiação (Lv 16:12). A purificação de Isaías veio por meio do sangue e do fogo e foi confirmada pela palavra do Senhor (Is 6:7).

Antes de ministrar a outros, devemos nos permitir ser ministrados por Deus. Antes de proferir “ais” contra os outros, devemos sinceramente dizer: “ai de mim!”. A convicção de Isaías de seus pecados conduziu à confissão, e a confissão levou à purificação (1 Jo 1:9). Assim como Isaías, muitos dos grandes heróis da fé viram-se como pecadores e humilharam-se diante de Deus: Abraão (Gn 18:27), Jacó (Gn 32:10), Jó (Jó 40:1-5), Davi (2 Sm 7:18), Paulo (1 Tm 1:15) e Pedro (Lc 5:8-11).

Visão: Ele viu a necessidade (v. 8). A nação precisava de Deus, e o Senhor queria um servo para ministrar ao povo. Isaías ofereceu-se para ser esse servo. Não discutiu seu chamado com o Senhor, como fizeram Moisés (Êx 3:11 – 4:15) e Jeremias (Jr 1:4ss), mas aceitou o desafio e colocou-se à disposição do Mestre.

Nunca subestime o que Deus pode fazer com um obreiro que se coloca à disposição dele. Nos dias de hoje, há uma necessidade

ainda maior de obreiros, e temos oportunidades extraordinárias de compartilhar as boas novas do evangelho neste mundo perdido. Você é um dos voluntários à disposição do Senhor?

Cegueira: A nação não podia ver (vv. 9-13). O Senhor não deu muito estímulo a seu servo! Na verdade, o ministério de Isaías cegaria ainda mais os olhos de algumas pessoas, tornaria seus ouvidos ainda mais surdos e seu coração ainda mais endurecido. Tamanha é a importância dos versículos 9-10 que eles são citados seis vezes no Novo Testamento (Mt 13:13-15; Mc 4:12; Lc 8:10; Jo 12:40; At 28:25-28; Rm 11:8). Deus não cega deliberadamente os pecadores, nem os ensurdece, nem endurece seu coração. Porém, quanto mais as pessoas resistem à verdade do Senhor, menos capazes tornam-se de receber essas verdades. No entanto, a função do servo é proclamar a Palavra, qualquer que seja a reação das pessoas, pois a prova do ministério não é o sucesso exterior, mas a fidelidade ao Senhor.

Deus disse a Isaías que seu ministério terminaria num aparente fracasso, com a terra arruinada e as pessoas sendo levadas ao exílio (Is 6:11, 12). Contudo, um remanescente sobreviveria! Seria como o toco de uma árvore caída de onde os rebentos (“a santa semente”) brotariam e dariam continuidade à verdadeira fé na terra. Se Isaías não pudesse ver os resultados de seu ministério a longo prazo, se sentiria como se não estivesse alcançando nenhum resultado.

“Vai e dize” continua sendo a ordem de Deus para seu povo (v. 9; ver Mt 28:7; Mc 5:19). O Senhor está esperando que respondamos: “Eis-me aqui; envia-me a mim.”

3

DEUS ESTÁ CONOSCO!

ISAÍAS 7 – 12

“Eis-me aqui, e os filhos que o SENHOR me deu, para sinais e para maravilhas em Israel da parte do SENHOR dos Exércitos, que habita no monte Sião” (Is 8:18).

Essa declaração do profeta Isaías é uma chave para a compreensão do significado dos acontecimentos e profecias desta seção. Em sua mensagem anterior, Isaías concentrou-se na necessidade espiritual de seu povo, mas nesta seção trata da situação política e da falta de confiança dos líderes no Senhor. Quatro nomes simbólicos aparecem na mensagem de Isaías, cada um deles com um significado especial: Emanuel, Um-Resto-Volverá, Rápido-Despojo-Presa-Segura e Isaías.

1. EMANUEL: UMA MENSAGEM DE ESPERANÇA (Is 7:1-25)

Uma promessa para o rei Acaz (vv. 1-9).
Eram dias de perigo para a nação de Judá. A Assíria estava se fortalecendo e ameaçando as nações menores, cuja segurança dependia de um equilíbrio muito delicado de forças políticas. A Síria e Efraim (o reino do Norte) tentaram pressionar Judá a entrar numa coalizão contra a Assíria, mas Acaz se recusou a juntar-se a eles. Isso porque havia feito secretamente um tratado com a Assíria! (2 Rs 16:5-9). O rei estava fazendo jogos políticos em vez de confiar no poder de Deus. A Síria e Efraim planejavam destronar Acaz e colocar “o filho de Tabeal” em seu lugar, e Acaz estava em pânico.

O Senhor ordenou a Isaías que tomasse seu filho Um-Resto-Volverá e se encontrasse com Acaz enquanto o rei estivesse inspecionando o sistema de abastecimento de água

da cidade. O coração de Acaz estava inquieto, e o povo encontrava-se agitado pelo medo (Is 7:2), mas Isaías veio com uma mensagem tranqüilizadora: “Acautela-te e aqueta-te; não temas, nem se desanime o teu coração” (v. 4). De que maneira Acaz encontraria essa paz interior? Acreditando nas promessas do Senhor de que os inimigos de Judá seriam derrotados. “Se o não crerdes, certamente, não permanecereis” (v. 9). Crer nas promessas de Deus é a única forma de encontrar paz em meio aos problemas. “Tu, SENHOR, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; porque ele confia em ti” (Is 26:3).

Aos olhos de Deus, os dois reis ameaçadores não eram nada senão “dois tocos de tições fumegantes” (Is 7:4) que sairiam de cena muito em breve, e ambos morreram dois anos depois. Além disso, em vinte e cinco anos, Efraim (Israel, o reino do Norte) deixaria de existir para sempre. Isaías profetizou esse fato no ano de 734 a.C. A Assíria derrotou a Síria em 732 a.C. e invadiu Israel em 722 a.C. Os assírios deportaram muitos dos judeus e assimilaram o restante colocando gentios na terra. Em 669 a.C. (sessenta e cinco anos depois), a nação já não existia mais.

Um sinal para a casa de Davi (vv. 10-16). Se Acaz tivesse acreditado na promessa de Deus, teria rompido seu tratado com a Assíria e chamado seu povo para orar e louvar, mas o rei persistiu em sua incredulidade. Percebendo a fraqueza da fé do rei, Isaías ofereceu-se para dar um sinal de encorajamento, mas Acaz manteve sua “fachada de piedade” e recusou a oferta. Sabendo que estava secretamente aliado à Assíria, de que modo Acaz poderia honestamente pedir a Deus um sinal especial? Então, em vez de falar em particular com o rei, Isaías dirigiu-se a toda a “casa de Davi” e profetizou sobre “Emanuel”.

Sem dúvida, o cumprimento definitivo dessa profecia está em nosso Senhor Jesus Cristo, que é “Deus conosco” (Mt 1:18-25; Lc 1:31-35). O nascimento virginal de Cristo é uma doutrina-chave, pois se Jesus não é Deus que veio em carne e osso, sem pecado,

então não temos Salvador. Era preciso que Jesus nascesse de uma virgem, separado da geração humana, pois ele existia antes de sua mãe. Cristo não nasceu simplesmente neste mundo, mas desceu do céu ao mundo (Jo 3:13; 6:33, 38, 41, 42, 50, 51, 58). Jesus foi enviado por seu Pai e, portanto, veio ao mundo por meio de mãe humana, mas não de pai humano (Jo 4:34; 5:23, 24, 30; 9:4).

Contudo, esse “sinal” tinha significado imediato para Acaz e o povo de Judá. Uma mulher virgem se casaria, conceberia e daria à luz um filho, cujo nome seria “Emanuel”. O filho seria uma lembrança de que Deus estava com seu povo e cuidaria dele. É provável que essa virgem tenha sido a segunda esposa de Isaías – sua primeira esposa deve ter morrido logo depois do nascimento de Um-Resto-Volverá – e que o segundo filho de Isaías tenha recebido dois nomes: “Emanuel” e “Rápido-Despojo-Presa-Segura” (Is 8:1-4; note os vv. 8 e 10).

Os meninos judeus ortodoxos tornam-se “filhos da lei” aos doze anos de idade. Esse filho especial serviu para lembrar que a Síria e Efraim sairiam de cena nos próximos doze anos. Isaías transmitiu essa profecia em 734 a.C. Em 732 a.C., a Assíria derrotou a Síria e, em 722 a.C., invadiu o reino do Norte, cumprindo a profecia.

Uma advertência para Judá (vv. 17-25). Em vez de confiar no Senhor, Acaz continuou confiando na ajuda da Assíria, e Isaías advertiu-o de que a Assíria se tornaria inimiga de Judá. Os assírios invadiriam Judá e destruiriam a terra de tal forma que a agricultura cessaria e as pessoas teriam somente laticínios para comer (vv. 15, 21-23). As lavouras ricas seriam devastadas, e o povo seria forçado a caçar animais selvagens para ter alimento. Seria um tempo de grande humilhação (v. 20; 2 Sm 10:4, 5) e sofrimento, que poderia ter sido evitado se os líderes tivessem confiado no Senhor.

2. MAER-SALAL-HÁS-BAZ.: UM AVISO DE JULGAMENTO (Is 8:1-22)

Isaías casou-se com a virgem, e os documentos legais foram devidamente atestados e

selados. Até anunciou que seu primeiro filho seria um menino chamado Maer-Salal-Hás-Baz., que significa “Rápido-Despojo-Presa-Segura”. Tendo em vista que os filhos de Isaías eram sinais para o povo (Is 8:18), esse nome era significativo. Referia-se ao julgamento futuro, quando a Assíria conquistaria a Síria e invadiria Israel e Judá, e quando a Babilônia levaria Judá para o cativeiro. Uma criança começa a formar frases com sentido perto dos dois anos de idade. Em 732 a.C., dois anos depois que nasceu o filho de Isaías, tanto Peca quanto Rezim morreram (Is 7:1), a Assíria conquistou a Síria e começou a invadir Israel (2 Rs 15:29), e seu exército “segurou sua presa e foi rápido no despojo”.

No restante deste capítulo, Isaías usou três contrastes vívidos para mostrar aos governantes de Judá o erro que estavam cometendo ao confiar na Assíria em vez de confiar no Senhor.

Escolheram uma inundação em vez de um rio tranquilo (vv. 5-10). A facção pró-Assíria em Judá alegrou-se quando a Assíria derrotou a Síria e quando tanto Peca quanto Rezim morreram. Essas vitórias pareciam provar que a aliança com a Assíria era o rumo certo a seguir. Em vez de confiar no Senhor (“as águas de Siloé, que correm brandamente”, no v. 6), buscaram o grande rio da Assíria. O que não perceberam é que esse rio se tornaria uma inundação quando a Assíria viesse e destruísse Israel e devastasse Judá. Deus ofereceu paz a seu povo, mas, em sua incredulidade, escolheram a guerra. Viviam de acordo com o que podiam ver e não pela fé.

Isaías, porém, não viu uma vitória permanente para o exército invasor. Afinal, estavam invadindo a terra de Emanuel, e Deus estava com seu povo e os livraria por amor a seu nome. A Assíria podia planejar sua estratégia, mas o Senhor frustraria cada movimento deles. O exército de Senaqueribe acampou ao redor de Jerusalém, certo da vitória, mas Deus eliminou-os com um só golpe (Is 37).

Escolheram uma armadilha em vez de um santuário (vv. 11-15). Deus advertiu

Isaías a não seguir a maioria apoiando o popular partido pró-Assíria. Mesmo sendo considerado um traidor em função de sua atitude, Isaías opôs-se a todas as coalizões estrangeiras e instou o povo a depositar sua fé no Senhor (Is 7:9; 28:16; 30:15). Os líderes políticos judeus perguntavam: “É algo que agrada o povo? É seguro?” Enquanto o profeta perguntava: “É certo? É a vontade do Senhor?”

Quando você teme ao Senhor, não precisa temer pessoas nem circunstâncias. Pedro fez referência a essa passagem quando escreveu: “Mas, ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, bem-aventurados sois. Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiqueis alarmados; antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração” (1 Pe 3:14, 15). Isaías comparou o Senhor a um santuário, a rocha que é um refúgio para os crentes, mas uma armadilha para os rebeldes. A figura do Messias como uma rocha é encontrada novamente em Isaías 28:16 (ver também 1 Pe 2:4-7 e Rm 9:33). “Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações” (Sl 46:1).

Escolheram as trevas em vez da luz (vv. 16-22). A nação rejeitou a mensagem de Isaías, mas isso não significava que seu ministério havia fracassado. Os verdadeiros discípulos do Senhor receberam a Palavra de Deus e guardaram-na em seu coração. Pela fé, o profeta estava disposto a aguardar pacientemente pelo cumprimento dessa Palavra.

Mesmo que o povo fizesse ouvidos moucos para o que dizia, o próprio Isaías e sua família eram uma “profecia viva”, e ninguém ignorava esse fato. O nome de Isaías significa “Jeová é a salvação”, e isso lembra o povo de que deveria confiar no Senhor para livrá-los. O nome de seu filho mais velho era “Um-Resto-Volverá”, uma palavra de promessa num momento em que a nação estava aparentemente destruída. De fato, um remanescente fiel voltou da Babilônia para Jerusalém e foi encorajado pelo que Isaías escreveu nos capítulos 40 – 66. O nome do filho mais novo, Maer-Salal-Hás-Baz, significa

“Rápido-Despojo-Presa-Segura” e apontava para a queda da Síria e de Efraim. O versículo 18 é citado em Hebreus 2:13,14 e aplica-se ao Senhor Jesus Cristo.

Em seus momentos de crise, em vez de buscar sabedoria em Deus, o povo consultou demônios (Is 8:19; Dt 18:10-12), o que só fez aumentar sua escuridão moral e espiritual. O crescimento do ocultismo em nossos dias é prova de que as pessoas estão rejeitando deliberadamente a Palavra de Deus e voltando-se para as mentiras de Satanás. “Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva” (Is 8:20). Os líderes de Judá esperavam ansiosamente pelo raiar de um novo dia, mas viram somente uma escuridão cada vez mais profunda. A Palavra de Deus é nossa única luz confiável em meio às trevas deste mundo (Sl 119:105; 2 Pe 1:19-21).

3. SEAR-JASUBE: UMA PROMESSA DE MISERICÓRDIA (Is 9:1 – 11:16)

Esse nome significa “Um-Resto-Volverá”, e a volta do remanescente judeu a sua terra é o principal tema destes capítulos (Is 10:20-22; 11:11, 12, 16). Quando a Assíria conquistou o reino do Norte, Israel (Efraim), a nação nunca mais foi restaurada, mas se tornou o que chamamos hoje de Samaria. Depois do cativeiro da Babilônia (606-586 a.C.), o povo de Judá recebeu outra oportunidade de estabelecer-se na região e, por meio deles, o Senhor trouxe o Messias ao mundo. Se esse remanescente não tivesse regressado, os planos de Deus para a redenção deste mundo perdido poderiam ter sido frustrados. Quanta coisa dependia daquele pequeno grupo!

A misericórdia de Deus para com seu povo é vista em quatro ministérios que o Senhor realizou por eles.

O Senhor prometeu-lhes um Redentor (9:1-7). Isaías deu continuidade ao tema da luz e das trevas (Is 8:20-22) anunciando: “não continuará a obscuridade” (Is 9:1). O Redentor viria e traria ao mundo o amanhecer de um novo dia (v. 2; Lc 1:78, 79; Jo 8:12). Sabemos que essa profecia refere-se a Cristo pela forma como é citada em Mateus 4:13-15.

As áreas geográficas mencionadas em Isaías 9:1 foram particularmente devastadas quando o exército assírio entrou no país, porém tais áreas seriam especialmente honradas pelo ministério do Messias. Jesus foi identificado com a “Galiléia dos gentios” (Mt 4:15), e seu ministério de amor ao povo trouxe luz e alegria.

No entanto, o profeta foi além da Primeira Vinda de Cristo, para a Segunda Vinda e o estabelecimento do reino de justiça do Senhor (Is 9:3-7). Em vez de proteger um pequeno remanescente, Deus ampliaria a nação. Em lugar de experimentar a aflição, o povo se regozijaria como ceifeiros depois de uma grande colheita, como soldados depois de uma grande vitória ou como prisioneiros de guerra sendo libertos de seu jugo de escravidão. É claro que parte dessas palavras cumpriu-se quando Deus derrotou a Assíria e livrou Jerusalém do cerco (Is 37). Porém, o cumprimento definitivo ainda está por vir; todo o equipamento bélico será destruído (Is 9:5), pois as nações não aprenderão mais a guerra (Is 2:4).

Isaías 9:6 declarou tanto a humanidade (“um menino nos nasceu”) quanto a divindade (“um filho se nos deu”) do Senhor Jesus Cristo. O profeta avança, então, para o Tempo do Reino, quando o Messias reinará em retidão e justiça no trono de Davi. Deus prometeu a Davi que sua dinastia e seu trono seriam estabelecidos para sempre (2 Sm 7:16), e isso cumpriu-se literalmente em Jesus Cristo (Lc 1:32, 33; Zc 9:9), aquele que um dia reinará em Jerusalém (Is 11:1-5; Jr 23:5-8; 30:8-10). Esse reino é chamado de “milênio”, referindo-se a um período de “mil anos” mencionado seis vezes em Apocalipse 20.

Se seu nome é “Maravilhoso”, então de modo algum seu reinado será tedioso! Como Conselheiro, o Senhor tem a sabedoria para governar com justiça e, como Deus Forte, tem o poder para executar seus planos sábios. O nome “Pai da Eternidade” não sugere que o Filho seja também o Pai, pois cada Pessoa da Trindade é distinta. Para os judeus, a palavra “pai” significa “originador” ou “fonte”. Por exemplo, Satanás é o “pai [origem]

da mentira” (Jo 8:44). Qualquer coisa eterna que você desejar deve vir de Jesus Cristo, pois ele é o “Pai da Eternidade”.

O Senhor julgou Israel por seus pecados (9:8 – 10:4). Esta seção extensa descreve o que aconteceria com o reino do Norte quando fosse invadido pelos assírios. Apesar de o ministério de Isaías ser dirigido especialmente ao povo de Judá, o profeta usou Israel como ilustração para advertir o reino do Sul de que Deus leva o pecado a sério. Judá pecou grandemente, mas Deus, em sua misericórdia, pouparia os por amor a Davi (Is 37:35; 1 Rs 11:13; 15:4; 2 Cr 21:7). Contudo, um dia a longanimidade de Deus chegaria ao fim.

A declaração-chave é: “Com tudo isto, não se aparta a sua ira, e a mão dele continua ainda estendida.” (Is 9:12, 17, 21; 10:4 e também 5:25). Trata-se da mão de Deus estendida em julgamento, não em misericórdia (Is 65:2; Rm 10:21). Deus julgou-os por seu orgulho ao pensarem que as presentes dificuldades eram temporárias e que a nação poderia se reconstruir e ficar melhor do que antes (Is 9:8-12). Também julgou-os por sua dureza de coração ao se recusarem a arrepender-se e voltar para o Senhor (vv. 13-17). O objetivo de Deus em nos disciplinar é que nos sujeitemos a ele, mas se endurecemos nossos corações, então a disciplina se transforma em julgamento (Hb 12:1-11). Falsos profetas e líderes imprudentes estavam levando Israel a desviar-se, e a nação não dava ouvidos à Palavra de Deus.

A própria perversidade de Efraim a estava destruindo, como o fogo destrói uma floresta ou um campo (Is 9:18, 19). Os pecadores se tornariam combustível para o fogo que Deus poderia acender! Em sua ganância, os israelitas estavam devorando (v. 20) e atacando uns aos outros (v. 21), mas não tardaria para que todos fossem devorados e derrotados pela Assíria.

No capítulo 10:1-4, Isaías denuncia a injustiça de Efraim, especialmente contra os pobres, as viúvas e os órfãos. Leis injustas e decretos opressores roubavam dessas pessoas seus poucos bens e direitos que haviam recebido de Deus (Dt 15:7, 8; 24:17, 18).

Qualquer pessoa que deseje estar preparada para a vinda do Senhor deve refletir sobre as três perguntas em Isaías 10:3.

Se Deus não consegue nos levar ao arrependimento por meio de sua Palavra, então precisa erguer sua mão e nos disciplinar. Se não nos sujeitamos a sua disciplina, então ele precisa estender sua mão e nos julgar. Deus é longanímico, mas não devemos tentá-lo com nossa indiferença ou dureza de coração. “Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10:31).

O Senhor julgará o inimigo (vv. 5-34).

Essa seção começa com as palavras “Ai da Assíria!”. Apesar de Deus ter usado a Assíria para disciplinar Judá, não permitiria que seu “instrumento” se orgulhasse disso. A Assíria era sua vara, bastão, machado e serra (Is 10:5, 15, 24), mas os assírios trataram os judeus como lama das ruas (v. 6) e saquearam a terra como quem ajunta ovos abandonados (v. 14). O objetivo de Deus era disciplinar, mas os assírios queriam destruir (v. 7). Vangloriaram-se de sua conquista (vv. 8-14; ver Is 37:10-13), mas não deram glória ao Senhor.

Deus julgaria a Assíria por sua arrogância, pois certamente o Mestre tem controle sobre seus instrumentos! Assim como um flagelo e um incêndio florestal, a ira do Senhor sobreviria à orgulhosa Assíria e seu exército. O Senhor os cortaria como madeira na floresta (Is 10:33, 34). Nos dias de Ezequias, Deus exterminou 185.000 soldados assírios (Is 37:36, 37) e o grande império da Assíria acabou sendo conquistado pela Babilônia em 609 a.C.

Apesar de a Assíria haver conquistado o reino do Norte e de ter a intenção de destruir Judá, Deus salvaria um remanescente para que “as doze tribos” não fossem aniquiladas (At 26:7; Tg 1:1; Ap 21:12). “Os restantes” (Is 10:21) é a tradução do nome de Sear-Jasube, o filho mais velho de Isaías.

Nos versículos 28-32, Isaías relata o avanço do exército assírio quando invadiu Judá e marchou rumo a Jerusalém. Contudo, a Palavra de Deus ao povo era: “Povo meu, que habitas em Sião, não temas a Assíria”

(v. 24). Isaías transmitiu a mesma mensagem ao rei Ezequias quando a Assíria cercou Jerusalém em 701 a.C. (Is 37:1-7). Deus usou a Assíria para disciplinar seu povo, mas não permitiria que essa nação pagã fosse além dos propósitos divinos. Deus pode usar incrédulos para cumprir seus propósitos na vida de seu povo, mas está sempre no controle. Em momento algum, precisamos temer sua mão disciplinadora, pois ele sempre corrige com amor (Hb 12:1-11).

O Senhor restaurará seu povo (11:1-16).

Ao contrário das árvores orgulhosas que Deus cortou (Is 10:33, 34), o remanescente é um tenro rebento saído de um toco aparentemente morto. Isaías olha para além do julgamento de seu povo e vê a glória do reino glorioso quando o Messias vier reinar (Is 11:1-9). A dinastia de Davi havia chegado ao fim, mas de sua família viria o Messias (Rm 1:3; Ap 5:5). Um remanescente de judeus piedosos manteve a nação viva para que o Messias pudesse nascer.

Seu reino será governado com retidão (Is 11:1-5), pois o Filho de Deus e o Espírito de Deus cuidarão dos assuntos de Estado com justiça. Quando o Rei-Messias falar, será com poder (Sl 2:9; Ap 19:15). Seu reino também significará a restauração da criação, pois a natureza tornará a desfrutar a harmonia que existia antes do pecado (Is 11:6-9; Rm 8:18-25). “Porque a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar” (Is 11:9; ver Hb 2:14).

O núcleo do reino será a nação judaica reunida e congregada (Is 11:10-16). A “raiz” se tornará uma “bandeira” para a reunião do povo conforme o Senhor os chamar e ajuntar das nações para onde foram exilados (Is 43:5, 6). Será como um “segundo êxodo” quando o Senhor abrir caminho para seu povo voltar a sua terra. Num sentido restrito, essa promessa cumpriu-se depois da conquista assíria e quando os judeus deixaram o cativeiro da Babilônia, porém o cumprimento definitivo virá no final dos tempos, quando o Messias congregar o seu povo (Is 27:12, 13; 49:22, 23; 56:7, 8; Mt 24:31; Rm 11:25-29). A divisão entre Israel e Judá, que durou séculos, chegará ao fim, e até os

gentios percorrerão esse caminho que leva a Jerusalém.

O “caminho” é uma das figuras preferidas de Isaías. Aqueles que obedecem ao Senhor têm um caminho aplainado sobre o qual andar (Is 26:7, 8). Quando Deus chamar seu povo de volta, preparará o caminho para eles (Is 40:3, 4) e os guiará em segurança (Is 42:16). Removerá obstáculos para que o povo possa viajar com facilidade (Is 49:11; 57:14; 62:10). A vereda do Senhor será chamada “o Caminho Santo” (Is 35:8).

Quando Isaías olhou para seu povo, viu uma nação pecadora que, um dia, andaria no caminho santo e entraria no reino da retidão; viu um povo sofredor que, um dia, se alegraria num reino de paz; viu um povo disperso que, um dia, seria reunido no reino de Cristo. Jesus nos ensinou a orar: “venha o teu reino” (Mt 6:10), pois somente quando o reino de Cristo vier é que poderá haver paz na Terra.

4. ISAÍAS: UM CÂNTICO DE SALVAÇÃO (Is 12:1-6)

O nome de Isaías significa “Jeová é a salvação”, e “salvação” é a palavra-chave deste cântico. A expressão “naquele dia” refere-se ao dia da reunião de Israel e de sua congregação no reino de retidão do Senhor Jesus Cristo. O remanescente judeu terá atravessado o tempo de tribulação na Terra (“É tempo de angústia para Jacó” Jr 30:7), verá o Messias, se arrependerá e o receberá

pela fé (Zc 12:10 – 13:1; 14:4-11). Purificada e estabelecida em seu reino prometido, a nação louvará ao Senhor e o exaltará entre os gentios.

O refrão em Isaías 12:2 – “porque o SENHOR Deus é a minha força e o meu cântico; ele se tornou a minha salvação” – foi cantado no êxodo (Êx 15:2) e na nova consagração do templo nos dias de Esdras (Sl 118:14). Foi entoado à beira do mar Vermelho após o livramento do Egito sob a liderança de Moisés, um profeta. Foi cantado em Jerusalém quando o segundo templo foi consagrado sob a liderança de Esdras, um sacerdote. Será entoado novamente quando os judeus aceitarem a Jesus Cristo como seu Rei. Eles o reconhecerão como “o Santo de Israel” e, de bom grado, obedecerão à sua santa lei.

O cântico jubiloso encerra essa seção de Isaías na qual o profeta usou quatro nomes significativos para dizer ao povo o plano que Deus tinha para eles. Por causa de Emanuel, há uma mensagem de esperança. Maer-Salal-Hás-Baz transmite uma mensagem de julgamento, porém seu irmão, Sear-Jasube, fala da promessa de misericórdia. O nome do pai, Isaías, traz uma canção de júbilo quando o povo descobre que Jeová é, verdadeiramente, seu Salvador.

O Senhor jamais abandonará seu povo. Não importa quão triste possa ser o dia, ou quão longa a noite, para o povo de Deus, o melhor ainda está por vir.

O PROFETA SOBRECARREGADO

ISAÍAS 13 – 23

“Quer vocês gostem quer não, a história está do nosso lado. Vamos enterrá-los!” O Primeiro Ministro da União Soviética, Nikita Khrutchev, fez essa declaração a um grupo de diplomatas ocidentais em 18 de novembro de 1956. Mas Khrutchev está morto, e a União Soviética não existe mais. A profecia presunçosa de Khrutchev não se cumpriu.

A história tem um padrão? Há alguém no controle? O historiador britânico Edward Gibbon interpretou a história como “pouco mais que um registro de crimes, loucuras e infortúnios da humanidade”. Mas o líder missionário norte-americano, Arthur T. Pierson, disse que “a história humana é a história de Deus”. Qual deles está certo?

O profeta Isaías se colocaria ao lado de Pierson, pois esses onze capítulos certamente são evidências de que Deus está operando sobre as nações do mundo. Nesses capítulos, o profeta revela o plano de Deus não apenas para Judá, mas também para dez nações gentias. O presidente James Garfield chamou a história de “o pergaminho desenrolado das profecias”, e Isaías desenrolou o pergaminho para que pudéssemos ler.

Os líderes mundiais precisam tomar conhecimento da lição que Nabucodonosor aprendeu do jeito mais difícil: “o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer” (Dn 4:25). Paulo fez a mesma declaração aos filósofos gregos em Atenas: “[Deus fixou] os tempos previamente estabelecidos [para as nações] e os limites da sua habitação” (At 17:26). De fato, a “história humana é a história de Deus”.

Isaías chamou essas profecias de “sentença” (Is 13:1; 14:28; 15:1; 17:1; 19:1; 21:1, 11, 13; 22:1; 23:1). A palavra em hebraico significa “levantar”. O profeta estava carregando um grande peso em função da seriedade de sua mensagem (Jr 23:33). Anunciava juízos que envolviam a destruição de cidades e o extermínio de milhares de pessoas. Não é de se admirar que se sentisse sobrecarregado!

1. BABILÔNIA (Is 13:1 – 14:23; 21:1-10)

A palavra “Babel” significa “portal para um deus” e seu som é semelhante ao do termo hebraico *balal*, que significa “confusão” (Gn 10:8-10; 11:1-9). Nas Escrituras, a Babilônia simboliza o sistema que o homem construiu em oposição à vontade de Deus. Jerusalém e Babilônia são cidades contrastantes: uma é a cidade escolhida de Deus; a outra, a cidade perversa dos homens. A cidade de Deus permanecerá para sempre, mas a cidade rebelde dos homens acabará sendo destruída (Ap 14:8; 16:19; 17,18).

Deus reúne suas tropas (13:1-5, 17, 18).

Deus é soberano. Pode chamar o exército que desejar para cumprir qualquer missão que lhe aprouver. Pode convocá-lo com um assobio (Is 7:18) ou usando líderes para erguer um estandarte, gritar ou acenar para os soldados (Is 13:2). Neste caso, Deus está convocando o exército dos medos (v. 17; Is 21:2), e ele os chama de “meus consagrados”. Apesar de não crerem em Jeová, os medos foram separados por Deus para realizar sua santa obra.

Deus castiga seus inimigos (vv. 6-22). A cidade da Babilônia foi completamente destruída em 689 a.C. por Senaqueribe e o exército assírio, mas foi reconstruída pelo filho de Senaqueribe. Em 539 a.C., Dario, o Medo, tomou a cidade (Dn 5:31), mas não a destruiu. Nos séculos seguintes, a Babilônia teve seus “momentos de glória”, mas depois da morte de seu último poderoso conquistador, Alexandre, o Grande, a cidade entrou em declínio e logo deixou de existir. A profecia de Isaías cumpriu-se, uma vez que a cidade não foi reconstruída.

Porém, fica claro que a profecia de Isaías descreve algo mais importante do que simplesmente os altos e baixos de uma cidade remota. Os profetas quase sempre começavam suas mensagens concentrando-se em acontecimentos locais e, depois, ampliavam sua visão a fim de revelar algo maior. Isaías viu na queda da Babilônia um retrato do “Dia do SENHOR” (Is 13:6, 9), aquele momento quando Deus derramará sua ira sobre o mundo (v. 11). A figura da mulher em dores de parto é usada na Bíblia para descrever o dia do julgamento (v. 8; 21:3; 26:17; Jr 6:24; Mq 4:9,10; Mt 24:8, onde “princípio das dores” é “dores de parto”; 1 Ts 5:3). Isaías olhou mais adiante, para o dia em que o sistema babilônio seria destruído (Ap 17 – 18). Compare Isaías 13:10 e Mateus 24:29; Joel 2:10 e Apocalipse 6:12-14; ver também Jeremias 50 – 51.

Deus livra seu povo (14:1-23). Isaías advertiu que o reino de Judá seria levado para o cativeiro na Babilônia (Is 5:13; 6:11, 12; 11:11, em que “Sinar” é Babilônia; Is 39:6), o que ocorreu em 586 a.C. Jeremias profetizou que o cativeiro duraria setenta anos. Então, a Babilônia seria julgada, e os judeus teriam permissão de voltar para casa (Jr 25:1-14). Assim, quando Dario tomasse a Babilônia, seria uma boa notícia para os judeus, pois significaria o final do exílio e da servidão.

Isaías 14:1-23 retrata um poderoso monarca cujo orgulho o levou à destruição. Foi o que aconteceu com Belsazar quando Dario, o medo, tomou a Babilônia em 539 a.C. (Dn 5). Isaías descreveu a chegada do rei ao *sheol*, o mundo dos mortos, onde as riquezas, a glória e o poder do rei desapareceram. Os reis mortos que já estavam no além se levantaram em homenagem a ele (Is 14:9), não com reverência, mas como zombaria. A morte é o grande nivelador; não há reis no mundo dos mortos. Lúcifer (v. 12) é a palavra em latim para “estrela da manhã” e sugere que a glória desse rei não durou muito tempo. A estrela da manhã brilha, mas logo é tragada pela luz do Sol.

O profeta viu nesse acontecimento algo muito mais profundo do que a derrota de

um império. Viu na queda do reino da Babilônia a derrota de Satanás, o “príncipe deste mundo” que procura fortalecer e motivar os líderes das nações (Jo 12:31; Ef 2:1-3). Daniel 10:20 dá a entender que Satanás indicou “príncipes” (anjos caídos) para as várias nações, a fim de influenciar seus governantes a agir em oposição à vontade de Deus.

O maior dos anjos de Deus tentou usurpar o trono do Senhor e tomar para si a adoração que pertence somente ao Altíssimo (Mt 4:8-10). O nome Lúcifer (estrela da manhã) indica que Satanás tenta imitar Jesus Cristo, que é “a brilhante Estrela da manhã” (Ap 22:16). A declaração “Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo” revela suas intenções, pois ele é um imitador (Is 14:14; 2 Co 11:13-15). Como o rei da Babilônia, um dia Satanás será humilhado e derrotado. Será expulso do céu (Ap 12) e, por fim, será lançado ao inferno (Ap 20:10). Quer Deus esteja lidando com reis, quer com anjos, Provérbios 16:18 continua sendo verdadeiro: “A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda”.

Deus anuncia a vitória (21:1-10). “O deserto do mar” é, provavelmente, a área ao redor da península do Golfo. Isaías usa a figura da “tempestade no deserto” para descrever o ataque dos assírios contra a Babilônia, o que ocorreu em 689 a.C. Naquela época, a Babilônia e a Assíria eram potências rivais (apesar de a Assíria ser mais forte), e as nações do Crescente Fértil esperavam que a Babilônia detivesse o avanço assírio. Infelizmente, a Babilônia foi derrotada, abrindo caminho para a Assíria conquistar toda a região.

Percebendo as consequências da queda da Babilônia, Isaías experimentou dores como as de uma mulher em trabalho de parto (vv. 3, 4) e sentiu-se esmagado como grãos no moinho (v. 10). Se esse anúncio tivesse noticiado a queda da Babilônia em 539 a.C., os judeus teriam ficado contentes, pois teria significado a libertação do cativeiro. Mas em 689 a.C., a derrota da Babilônia significou a destruição do reino do Norte e a devastação do reino do Sul. Observe que

tanto Jeremias (Jr 51:8) quanto João (Ap 14:8; 18:2) usaram as palavras de Isaías: “Caiu, caiu Babilônia”.

2. A ASSÍRIA (Is 14:24-27)

A palavra-chave aqui é “propósito”. Deus está no controle da ascensão e queda dos países ao cumprir seus propósitos divinos no mundo. A Assíria foi seu instrumento para realizar sua vontade (Is 10:5), e viria o dia em que Deus julgaria essa nação (ver vv. 5ss).

O julgamento seria feito na terra de Judá, e Deus seria o juiz. A Assíria invadiu Judá durante o reinado de Ezequias (701 a.C.), e Deus destruiu o exército quando este ameaçava tomar Jerusalém (Is 37:36). Deus permitiu que a Assíria disciplinasse Judá, porém não permitiria que o inimigo destruísse seu povo.

3. A FILÍSTIA (Is 14:28-32)

Um líder assírio (“vara”; 10:15, 24) morreu, e os filisteus se alegraram com o fato de seu inimigo ter se enfraquecido (alguns estudiosos acreditam que esse líder foi Salmaneser v). Isaías, porém, advertiu-os de que essa alegria era presunçosa, pois o novo líder seria ainda pior. Isaías comparou a morte do governante assírio a uma cobra que deu à luz uma serpente muito pior! “Tu, ó Filístia toda, treme” (Is 14:31).

Observe nessa profecia que Deus apresentou uma palavra especial de conforto a seu povo, Judá. Até mesmo o mais pobre dentre os pobres teria comida e segurança (v. 30), e Sião seria liberta de seus inimigos (v. 32; Is 37:36), os filisteus; no entanto, seriam exterminados pela guerra e pela fome (Is 14:30). O exército assírio viria do Norte como uma grande nuvem de fumaça (v. 31), e os portões das grandes cidades filistéias não poderiam detê-los.

Os enviados (“mensageiros” no v. 32) das outras nações perguntariam o que estava acontecendo, mas as notícias diplomáticas se concentrariam em Judá, não na Filístia! O livramento de Judá por Deus seria a grande notícia, não a conquista assíria da Filístia. Nós nos perguntamos se diplomatas e repórteres,

nos dias de hoje, dariam crédito a Deus por um milagre de livramento.

4. MOABE (Is 15:1 – 16:14)

Os moabitas eram resultado da união incestuosa de Ló com sua filha (Gn 19:30-38) e inimigos declarados dos judeus (Nm 25; 31; Dt 23:3).

A profecia contra Moabe (15:1-9). Essa profecia contra Moabe se cumpriria com grande lamentação em três anos (Is 16:14). Há pelo menos quatorze referências diferentes sobre tais lamentações neste capítulo: choro, lamúria, nudez, panos de saco, gritaria, etc. As pessoas fugiam para seus templos e oravam a seus deuses, mas de nada adiantava (Is 15:2). Mesmo um dia de humilhação nacional não impediu a Assíria de invadir Moabe e de arrasar a região. Era comum exércitos invasores obstruírem as fontes e os cursos d’água, deixando a terra desolada (vv. 6, 7). A matança foi tamanha que onde ainda havia água em Moabe, ela estava suja de sangue (v. 9). Como os débeis moabitas puderam sequer imaginar que seriam capazes de derrotar o grande leão assírio?

A súplica de Moabe (16:1-5). O único lugar que a Assíria não conquistou foi Jerusalém (Is 10:24-34). Apesar de o exército assírio ter entrado em Judá e causado grandes estragos na região, não conseguiu capturar Jerusalém (caps. 36, 37). Contudo, em vez de fugirem para o monte Sião, os moabitas fugitivos foram para o Sul e invadiram os vaus do rio Arnom e a “cidade forteza” de Selá em Edom.

De Selá, os fugitivos mandaram ao rei de Judá um pedido de asilo. Contudo, Isaías os advertiu de que seria necessário mais do que um pedido: deveriam submeter-se ao rei de Judá, o que significava reconhecer o Deus de Judá. Naquele tempo, mandar animais para um governante era uma forma de pagar tributos (2 Rs 3:4). Moabe implorou aos líderes de Judá para dar-lhes refúgio de seus inimigos, como uma árvore frondosa ou uma grande rocha num dia quente (Is 16:3, 4; ver Is 32:1, 2).

Isaías não se impressionou com o apelo dos moabitas. Ele os chamou de extorsionários,

saqueadores e opressores e disse que a nação estava destinada a ser destruída (Is 16:4). Isso porque desejavam a proteção de Judá, mas não queriam aceitar o Deus de Judá. O versículo 5 é, sem dúvida, uma promessa messiânica, apontando para o dia em que o Messias reinará em retidão e misericórdia no trono de Davi. No entanto, Moabe não se sujeitou; queriam livramento de acordo com seus próprios termos.

A arrogância de Moabe (16:6-14). Podemos entender o orgulho de uma cidade como a Babilônia (Is 14:12-14), mas de que uma nação minúscula como Moabe poderia se vangloriar? Sua arrogância impedi-a de se sujeitar a Judá, e foi isso o que a levou à derrota. Seu orgulho se transformaria em pranto, e suas canções, em hinos fúnebres. Moabe se tornaria como uma vinha pisoteada e um campo fértil abandonado. Isaías 16:9-11 descreve a aflição do profeta – e a aflição do Senhor – quanto à destruição de Moabe. “Não tenho prazer na morte do perverso” (Ez 33:11). Isaías poderia ter se alegrado na destruição de um velho inimigo, mas em vez disso ele chorou (Pv 24:17, 18).

5. DAMASCO [SÍRIA] E EFRAIM [ISRAEL] (Is 17:1-14)

Essas duas nações eram aliadas em sua oposição à Assíria e a Judá (Is 7:1, 2), de modo que o profeta falou a ambas em uma só mensagem. Em Isaías 17:1, 2, ele advertiu Damasco, a capital de Aroer (Síria), que a cidade seria tomada pelos inimigos. Isso ocorreu quando os assírios conquistaram Aroer em 732 a.C. Como de costume, os assírios deportaram muitos dos cidadãos, deixando o país e suas cidades desertas.

A queda de Damasco foi um aviso para Israel, o reino do Norte, que se separou de Judá e do Deus de Judá (1 Rs 12). O profeta empregou várias figuras para descrever a queda de Efraim: a destruição das cidades fortificadas (Is 17:3); o pôr-do-sol (v. 4a; “Foi-se a glória de Israel” 1 Sm 4:19-22); o emagrecimento de uma pessoa enferma (Is 17:4b); o respigar de uma pequena colheita (vv. 5, 6); a transformação de um jardim em

terra desolada (vv. 9-11); uma grande inundação (vv. 12, 13a) e pó e palhas levados pelo vento (v. 13b).

Quando veio o juízo, os israelitas viram que seus ídolos não poderiam salvá-los; então passaram a clamar ao Senhor por socorro, mas era tarde demais (Pv 1:20-33). O pecado havia feito a nação adoecer, e não era mais possível se recuperar. Quando o vento começou a soprar e as águas, a subir, a nação perdeu as esperanças. Em 722 a.C., a Assíria conquistou os israelitas, e o reino de Israel deixou de existir.

A ênfase dessa seção é sobre o Deus de Israel. Ele é o Senhor dos Exércitos (o Senhor Todo-Poderoso), quem controla as hostes do céu e da Terra (Is 17:3). Ele é o Senhor Deus de Israel (v. 6), que chamou e abençoou Israel e que o advertiu de seus pecados. É nosso Criador, o Santo de Israel (v. 7); é o Deus de nossa salvação e nossa rocha (v. 10). Quanta insensatez dos israelitas confiar em seus ídolos feitos por mãos humanas, em vez de confiar no Deus vivo (v. 8; 1 Rs 12:25-33). Mas como o Israel antigo, as pessoas hoje em dia confiam em seus deuses em vez de confiarem no Deus que as criou. Seus deuses incluem o prazer, a riqueza, o poderio militar, as conquistas científicas e até mesmo “experiências religiosas”.

6. A ETIÓPIA (Is 18:1-7)

O texto original traz o nome “Cuxé”, a região que cobre a área hoje ocupada pela Etiópia, o Sudão e a Somália. Isaías chamou-a de “terra onde há o roçar de muitas asas” (v. 1), não apenas por causa dos insetos que infestam a região, mas também por sua frenética atividade diplomática ao buscar alianças para se proteger da Assíria. O profeta retratou os embaixadores correndo para seus barcos, indo às nações africanas em busca de ajuda. Mas Deus ordenou que voltassem para casa (v. 2), uma vez que ele trataria com a Assíria a seu modo, sem a ajuda de qualquer exército estrangeiro.

Contrastando com a correria frenética da humanidade, vemos a paciência tranqüila de Deus nos céus (v. 4) enquanto espera pelo

tempo certo para realizar a colheita de juízo (v. 5). No versículo 6, Isaías descreve o banquete que Deus preparou para os pássaros e as feras: os corpos de 185 mil soldados assírios (Is 37:36). Ver Ap 14:14-20 e 19:17-21, em que essa mesma figura é usada para o dia do juízo final.

Em vez de correrem de um lado para o outro com planos diplomáticos, os etíopes iriam para Jerusalém com presentes para o Senhor e para o rei de Judá (Is 17; 2 Cr 32:20-23). Quando o reino messiânico for estabelecido, as nações gentias irão ao monte Sião adorar o Senhor e levar-lhe presentes (Is 60:1-7).

7. O EGITO (Is 19:1 – 20:6)

O falecido Dr. Wilbur M. Smith, grande estudioso das profecias, escreveu que Isaías 19 “contém a mais importante profecia sobre o Egito em todo o Antigo Testamento” (*Egypt in Biblical Prophecy*, p. 77). Trata-se de uma profecia impressionante, pois Isaías declara que os três inimigos – Egito, Israel e Assíria (atual Iraque) – se unirão, um dia, para adorar ao Senhor e compartilhar de suas bênçãos!

Deus julgará o Egito (19:1-15; 20:1-6). É provável que esta profecia tenha se cumprido em 670 a.C., quando o Egito foi conquistado por Esar-Hadom, rei da Assíria. A conquista assíria provou que os ídolos egípcios não poderiam protegê-los (Is 19:1) e que os videntes e mágicos eram incapazes de dar conselhos (v. 3). Nos dias de Moisés, Deus triunfou sobre os deuses do Egito (Êx 12:12; Nm 33:4) e sobre a sabedoria dos líderes egípcios, e o faria novamente.

Além disso, as quarenta e duas províncias egípcias entrariam em conflito e começariam a lutar umas contra as outras (Is 19:2). O rio Nilo, fonte de recursos econômicos do Egito, e os canais e córregos da região iriam secar, o que levaria lavradores, pescadores e fabricantes de tecidos à falência (vv. 5-10). Durante séculos, os egípcios foram respeitados por sua sabedoria, mas seus principes e conselheiros não saberiam o que fazer (vv. 11-13). Em vez de andar em linha reta, a nação seria conduzida por caminhos

tortuosos por líderes tontos como bêbados cambaleando em seu próprio vômito (vv. 14, 15). Uma figura nada agradável!

Nos dias de hoje, com as comunicações praticamente instantâneas e o transporte rápido, quando numa questão de minutos países podem começar uma guerra, esquecemos que Deus ainda é soberano e pode fazer o que bem entender quanto aos assuntos da humanidade. Deus destruiu tudo em que os egípcios acreditavam – unidade política, economia, religião e sabedoria – e fez deles um alvo fácil para os assírios. Quando as notícias internacionais são assustadoras e você se pergunta onde está Deus, leia o Salmo 2 e Atos 4:23-32 e reavive sua esperança.

Isaías 20 é uma nota de rodapé para essa profecia e revela que Isaías fez algumas coisas incomuns para conseguir a atenção do povo de Judá. Uma facção queria fazer aliança com o Egito e a Etiópia, mas Isaías avisou os de que tal aliança estava destinada ao fracasso. A fim de ilustrar sua mensagem, durante três anos o profeta vestiu-se como prisioneiro de guerra, usando apenas uma tanga. Em Judá, o partido pró-Egito causou tantos problemas ao profeta quanto alguns do povo que realizaram a jornada com Moisés e que sempre falavam em voltar para o Egito (Is 30:1-7; 31:1-3; Nm 11; 14).

Deus salvará o Egito (19:16-25). A expressão “naquele dia” é usada cinco vezes nesta passagem e refere-se aos últimos dias, quando Jesus Cristo estabelecerá seu reino messiânico na Terra. Algumas mudanças extraordinárias acontecerão. Os egípcios temerão Israel (vv. 16, 17) e se tornarão verdadeiros adoradores do Senhor (vv. 18-22). Confiarão somente nele e não em seus ídolos e clamaráo por ele em tempos difíceis. Trata-se de uma promessa de que os inúmeros muçulmanos no Egito um dia se converterão ao Senhor e serão salvos!

Tais mudanças espirituais causarão grande transformação política: Israel, Egito e Assíria (atual Iraque) irão cooperar e desfrutar as bênçãos do Senhor! Não apenas receberão as bênçãos de Deus, como também serão uma bênção para as outras nações

(vv. 23-25). Mais uma vez, Isaías fala de uma “estrada” para enfatizar a união dessas três nações (ver Is 11:16, em que o profeta refere-se a um “caminho”). Que dia maravilhoso será quando houver paz entre as nações do Oriente Médio em consequência de sua submissão ao Rei dos reis! Devemos continuar orando: “Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22:20).

8. EDOM (Is 21:11, 12)

Dumá e Seir são outros nomes para Edom (Nm 24:18). No original hebraico, Isaías mudou de lugar uma letra na palavra Adom e criou Dumá, que significa “tranqüilidade, silêncio”. Era sua maneira de dizer: “Edom será silenciada; já não existirá”. Os edomitas eram descendentes de Esaú, cujo apelido era “ruivo, vermelho [Edom]” (Gn 25:21-34). Edom era uma região inhóspita, de areia vermelha; o povo de lá era terrivelmente hostil contra os judeus (Sl 137:7).

Isaías era o atalaia na muralha (Is 21:6; Ez 3:16-21; 33:1-11), e alguém lhe perguntou: “Guarda, a que hora estamos da noite?”. Que horas da noite eram? O avanço do exército assírio havia trazido trevas assustadoras para as nações, e Edom queria saber se havia alguma esperança, alguma luz. A resposta do profeta foi curta, porém adequada, contendo informações e também um convite. A manhã estava chegando, e a Assíria seria derrotada por Deus nos campos de Judá (Is 37:36). Porém, a manhã não seria eterna, e a Babilônia acabaria por tomar o lugar da Assíria, trazendo ainda mais trevas às nações.

Em seguida, Isaías incluiu um convite em três palavras simples: perguntai, voltai, vinde. “Buscai ao Senhor”, instou o profeta. “Deixai o pecado e tornai a ele. Vinde ao Senhor e ele vos receberá!” Um breve “dia da salvação” iria raiar, e era melhor que usassem bem a oportunidade.

Edom não aceitou o convite. A nação foi tomada pela Babilônia, depois pelos persas (que mudaram seu nome para “Iduméia”) e, finalmente, pelos romanos. A batalha entre Esaú e Jacó foi levada adiante por Herodes, que era idumeu. Depois da

queda de Jerusalém em 70 d.C, Edom desapareceu do cenário.

9. A ARÁBIA (Is 21:13-17)

O profeta viu as caravanas dos mercadores de Dedã deixando as rotas de comércio e escondendo-se no bosque por causa da invasão do exército assírio. O povo do oásis de Tema levou comida e água para os fugitivos. Um dia, porém, as caravanas tiveram de fugir, pois de que maneira poderiam os animais vagarosos dos mercadores ou seus arcos competir com a cavalaria assíria e com suas armas poderosas? Assim como um trabalhador, Deus tinha um “contrato” a cumprir (Is 16:14). No prazo de um ano, a pompa e glória das tribos árabes chegariam ao fim.

10. JUDÁ E JERUSALÉM (Is 22:1-25)

O povo de Judá estava se comportando como seus vizinhos pagãos, de modo que não foi por acaso que Isaías os incluiu na lista das nações que seriam julgadas por Deus. Em sua misericórdia, o Senhor livraria Jerusalém do exército assírio, porém não os livraria da Babilônia. Isaías apontou dois pecados em particular que levariam ao declínio de Judá e a seu cativeiro na Babilônia.

A incredulidade do povo (vv. 1-14). Apesar de algumas partes dessa descrição parecerem falar da invasão assíria nos dias de Ezequias (caps. 36 – 37; 2 Rs 18 – 19; 2 Cr 32), a referência principal é à conquista de Jerusalém pelos babilônios em 586 a.C. No tempo de Isaías, Jerusalém era uma “cidade de festa”, onde o povo realizava todo tipo de celebração (Is 5:11-13; 32:12, 13). A filosofia popular era “comamos e bebamos, que amanhã morremos.” (Is 22:13; 56:12; 1 Co 15:32). Contudo, o profeta não participava dessas festas, pois via chegando o dia em que a morte e a destruição reinariam na cidade de Davi. As pessoas subiram aos telhados das casas, mas o profeta desceu até um dos três vales nas cercanias de Jerusalém e, ali, Deus lhe deu uma visão. Visões e vales geralmente andam juntos.

O profeta viu pessoas morrendo, não por ferimentos de guerra, mas de fome e de

enfermidades (Is 22:2). Viu os governantes de seu país fugindo de medo com a chegada do exército inimigo (vv. 3-7; 2 Rs 25:1-10). O povo faria todo o possível para se preparar para um longo cerco (Is 22:8-11): juntaria armas (1 Rs 7:2; 10:17), fortificaria muralhas (Is 22:9,10), cuidaria do sistema de suprimento de água (v. 9; 2 Cr 32:1-4, 30; 2 Rs 20:20) e construiria um reservatório entre os muros (Is 22:11). Mas toda essa preparação frenética não os livraria do inimigo. “Tira-se a proteção de Judá.” (v. 8). Em sua falsa confiança, diriam: “Assim como o Senhor livrou Jerusalém da Assíria, também nos livrará da Babilônia”.

O povo fez de tudo, exceto confiar no Senhor (v. 11). Em vez de banquetear, deveriam estar jejuando, pranteando, vestindo panos de saco e raspando os cabelos em sinal de angústia (v. 12; Ed 9:3; Tg 4:8-10). Deus havia enviado vários profetas para avisá-los, mas o povo não lhes deu ouvidos. Era tarde demais; seus pecados não poderiam ser perdoados, pois seu coração estava endurecido. Judá iria para o cativeiro, e a Palavra de Deus a Isaías se cumpriria (Is 6:9-13).

A infidelidade dos líderes (vv. 15-25). Se os líderes tivessem colocado sua fé no Senhor e chamado o povo ao arrependimento, então talvez houvesse esperança, mas muitos dos líderes eram como Sebna, pensando apenas em si mesmos. Como tesoureiro (“administrador”), Sebna era o segundo em autoridade abaixo do rei Ezequias (ver caps. 36 – 37), mas ele usou sua autoridade (e possivelmente o dinheiro do rei) para construir para si mesmo um túmulo monumental (Is 22:16) e adquirir carros (v. 18; ver Is 2:7). Sebna não era um homem espiritual e provavelmente fazia parte do partido pró-Egito em Judá.

Deus julgou Sebna rebaixando-o de posição (de acordo com Is 36:3, ele se tornou “escrivão”), envergonhando-o e, depois, deportando-o. Em seguida, foi jogado “como uma bola” (Is 22:18) em um país distante (Assíria?), onde morreu. Não pôde ter um funeral dispendioso nem ser enterrado em seu túmulo sofisticado.

Deus escolheu outro homem, Eliaquim (“Deus levantará”), e chamou-o de “meu servo”. Em vez de explorar seu povo, seria um pai para eles e usaria sua “chave” (autoridade) para o bem de sua nação. Seria uma estaca, fincada em lugar firme, na qual se poderia pendurar muitas coisas. Porém, mesmo um líder piedoso como Eliaquim não seria capaz de refrear a queda final de Judá, pois um dia a nação inteira cairia (v. 25). Eliaquim é uma figura de Jesus Cristo (Ap 3:7), o maior Servo de todos.

11. FENÍCIA (Is 23:1-18)

Os fenícios eram um povo mercante, cujas terras ficavam aproximadamente na região que hoje pertence ao Líbano. Seus barcos navegavam pela costa do Mediterrâneo, onde suas muitas colônias garantiam um abundante fluxo de riquezas provindas do mundo todo. As principais cidades eram Tiro e Sidom. Davi e Salomão utilizaram trabalhadores e materiais de construção da Fenícia (2 Sm 5:11; 1 Rs 5:8, 9). O rei Aca-be casou-se com a princesa fenícia Jezabel, que trouxe o culto a Baal para Israel (1 Rs 16:29-33).

Declaração (vv. 1-7). Isaías dirigiu-se aos navios da Espanha (Társis) aportados em Chipre (Quítim, na ARC), dizendo a suas tripulações para levantar âncoras e partir (v. 6), pois Tiro não existia mais. Os mercadores da Espanha, das regiões costeiras e até do Egito se lamentariam, pois a grande indústria marítima de Tiro havia desaparecido, e a economia do Mediterrâneo fora devastada. (Ver Ap 17 – 18 para traçar um paralelo. Observe também que a Babilônia e Tiro são comparadas a prostitutas [Is 23:16, 17].) Os alegres cidadãos de Tiro amanheceriam como refugiados (v. 7) quando Nabucodonosor conquistasse a Fenícia em 572 a.C. (Ele não tomou a parte insular de Tiro, mas Alexandre, o Grande, o faria em 332 a.C. Ver Ez 26.)

Explicação (vv. 8-14). “Quem formou este designio contra Tiro?” (v. 8). O Senhor Todo-Poderoso! Assim como ele determinou a destruição do Egito (Is 19:23) e da Babilônia (Is 13:20), também decidiu julgar Tiro.

Da mesma forma que a Assíria destruiu a cidade da Babilônia em 689 a.C., também Tiro e Sidom seriam destruídas em 585-572 a.C. pela Babilônia, que havia adquirido novas forças (Is 23:13). O orgulho de Tiro (v. 9) era um pecado que Deus não poderia ignorar.

Expectativa (vv. 15-18). Mesmo antes de sua destruição final, Tiro e Sidom não fariam mais negócios por setenta anos. A história nos conta que os assírios restringiram o comércio fenício de 700 a 630 a.C.; mas quando a Assíria começou a enfraquecer, Tiro e Sidom voltaram a suas práticas comerciais. O profeta comparou a cidade renascida a uma velha prostituta que teria de cantar músicas para atrair a atenção dos fregueses. Ao que parece, os negócios marítimos não seriam tão fáceis nem tão lucrativos quanto haviam sido anteriormente. No versículo 18, Isaías olhou adiante para o reino messiânico, quando a riqueza de Tiro não seria acumulada (ver Zc 9:3), mas sim dada ao Senhor como oferta santa.

Ao longo destes onze capítulos, aprendemos algumas lições importantes. Em primeiro lugar, Deus está no controle de todas as nações e pode fazer o que quiser com elas. Nas palavras de Friedrich von Logau: “Ainda que as moendas de Deus trabalhem devagar, moem muito fino” (traduzido por Henry Wadsworth Longfellow). Em segundo lugar, Deus odeia particularmente o pecado

do orgulho (ver Is 13:11; 16:6; 23:9; e Pv 8:13). Quando uma nação se volta contra o Deus vivo para confiar em suas riquezas e armamentos, Deus precisa mostrar-lhe que ele é o único refúgio seguro. Em terceiro lugar, Deus julga as nações conforme tratam umas às outras. Judá foi a única nação mencionada que possuía a lei de Deus e, no entanto, Deus exigiu que as outras dez nações gentias prestassem contas de seus atos. “Assim, pois, todos os que pecaram sem lei também sem lei perecerão” (Rm 2:12). Por fim, Deus sempre dá uma palavra de promessa e de esperança para seu povo. A Babilônia cairá, mas Deus cuidará de Judá (Is 14:1-3, 32). Moabe não aceitará a proteção de Jerusalém, mas um dia Deus estabelecerá na cidade santa o trono do Messias (Is 16:5). A Assíria e o Egito podem ser inimigos declarados dos judeus, mas chegará o tempo em que as três nações glorificarão a Deus juntas (Is 19:23-25).

Sendo assim, não importa quão assustadora a situação nacional ou internacional venha a se tornar, os filhos de Deus podem sempre ter paz, pois sabem que o Deus Todo-Poderoso está em seu trono. As nações podem irar-se e conspirar contra o Senhor, mas “Ri-se aquele que habita os céus” (Sl 2:4).

Quando o Senhor da Terra e do céu é seu Pai e você se submete alegremente a Cristo, então não há o que temer (Mt 11:25-30). Portanto, seja consolado!

UM REFÚGIO DA TEMPESTADE

ISAÍAS 24 – 27

Depois de profetizar sobre onze nações, Isaías ampliou a abrangência de suas profecias e descreveu o julgamento que viria sobre todo o mundo. A palavra hebraica erets, usada dezesseis vezes no capítulo 24, é traduzida por terra e mundo. Nem sempre é fácil dizer quando erets refere-se a apenas um país ou a todo o planeta, mas o contexto normalmente indica qual é o caso. Isaías 24 – 27 descreve um julgamento global que terminará com a destruição dos inimigos de Deus e a restauração de seu povo Israel em sua terra.

Isaías advertiu o reino do Norte de que os assírios os destruiriam e disse a Judá que os babilônios o levariam cativo, mas essas calamidades locais eram apenas precursores de uma catástrofe maior no fim dos tempos e que sobreviria ao mundo todo. O profeta chamou esse tempo de terrível juízo de “Dia do SENHOR”, e no Novo Testamento esse dia é descrito em Mateus 24, Marcos 13 e Apocalipse 6 – 19.

Isaías faz três declarações que servirão de consolo ao povo escolhido de Deus naquele terrível dia de juízo. Essas declarações também nos encorajam hoje ao vermos nosso mundo mergulhando de cabeça no pecado e na rebelião contra Deus. Será que Deus irá, de fato, castigar o perverso? E que esperança há para os justos?

1. O SENHOR JULGARÁ SEUS INIMIGOS (Is 24:1-23)

O resultado do juízo de Deus será um mundo devastado, desolado, transtornado e com seus habitantes dispersos. É possível que, ao escrever essas palavras, o profeta tivesse em

mente Gênesis 1:2 e 11:9. Ninguém na Terra escapará, pois “Deus não faz acepção de pessoas” (At 10:34). Prestígio, poder e riqueza não são proteção contra a ira de Deus. O Senhor fala e, como um moribundo, “o mundo enfraquece e se murcha” (Is 24:3, 4). Os orgulhosos de sua riqueza e posição se verão pobres e sem poder.

Deus castiga os habitantes da Terra por terem corrompido o mundo com seus pecados. Quando Adão pecou, Deus amaldiçou o solo como parte do castigo dado a ele (Gn 3:17-19; Rm 8:20-22) e advertiu o povo de Israel de que seus pecados contaminariam a Terra Prometida (Nm 35:33). Nos dias de hoje, vemos a ganância dos homens poluindo a terra, a água e a atmosfera, explorando indiscriminadamente as riquezas terrestres dadas por Deus. O pecado tem consequências não apenas no caráter e na consciência humana, mas também na natureza.

Há séculos, a humanidade vem poluindo o mundo com sua desobediência à lei de Deus e sua transgressão a seus estatutos. Foi isso o que causou o dilúvio (Gn 6:5, 11-13). Bem antes de Moisés apresentar a lei, as pessoas sabiam que era errado mentir, roubar e matar (Rm 1:18 – 2:16), mas ainda assim fizeram o que era mau. A “aliança eterna” de Isaías 24:5 refere-se ao que geralmente chamamos de aliança com Noé (Gn 8:20 – 9:17) e fala, principalmente, de nosso cuidado com o mundo de Deus e com o tratamento dispensado aos demais seres humanos. Isaías 24:16 deixa implícito que Deus também julgará o mundo, pois as pessoas são traiçoeiras e não mantêm sua palavra. Os seres humanos abusaram do mundo e de seus habitantes e vão pagar por isso.

Os versículos 6-13 apresentam um retrato nítido de como serão as coisas na terra no Dia do SENHOR. Em Israel, a colheita costumava ser um tempo de grande alegria; mas não haveria com que se alegrar, pois não existiria mais colheita. O juízo de Deus destruiria a safra e também os lavradores (ver Ap 6:8 e 9:15). “A cidade” é mencionada pelo menos oito vezes nesses capítulos (Is 24:10, 12; 26:5; 27:10) e deve ser entendida

em termos genéricos, não como uma referência a uma cidade específica. Quer vivessem na cidade, quer no campo, as pessoas não escapariam da ira de Deus. Assim como o fazendeiro que colhe até a última azeitona ou o último cacho de uva, também o Senhor julgaria completamente os pecadores (Is 24:13). O único cântico durante essa colheita seria aquele entoado pelos remanescentes fiéis, que confiariam em Deus e seriam salvos (vv. 14-16a). A doutrina do “remanescente” é uma parte importante da mensagem de Isaías (Is 1:9; 10:20-22; 11:11, 16; 14:22, 30), e o filho mais velho de Isaías chamava-se “Um-Ressto-Volverá” (Is 7:3).

O profeta mudou a figura, em Isaías 24:17, 18^a, descrevendo as tentativas inúteis de animais amedrontados para evitar armadilhas de caçadores. Sem a fé no Senhor, não haverá saída naquele grande dia de juízo. Onde quer que estiverem os pecadores, não conseguirão se esconder da ira de Deus (Ap 6:15-17).

A abertura das “represas do alto” (Is 24:18b) nos faz lembrar o dilúvio (Gn 7:11). Jesus disse que antes do “Dia do SENHOR” a sociedade se tornaria como nos dias anteriores ao dilúvio (Mt 24:37-42). Naquele dia, Deus fará tudo e todos estremecerem e tudo o que o homem construiu vacilará como um bêbado e balançará como uma rede de dormir (Is 24:20; ver Is 1:8). O fardo da culpa se tornará pesado demais para as pessoas carregarem.

Contudo, o Dia do SENHOR afetará não apenas a Terra e seus habitantes, mas também Satanás e suas hostes. Deus julgará “no céu, as hostes celestes, e os reis da terra, na terra” (Is 24:21). Esses julgamentos serão parte da batalha espiritual que está sendo travada há séculos entre os exércitos do Senhor e as hostes do inimigo (Gn 3:15; Lc 10:17-27; Ef 6:10ss; Ap 12). Isaías 24:22 é paralelo a Apocalipse 20:1-3, um acontecimento que ocorrerá pouco antes do reino milenar de Jesus Cristo (Is 24:23; Ap 20:4-10). O auge do “Dia do SENHOR” será quando “o SENHOR dos Exércitos reinar no monte Sião” (v. 23).

2. O SENHOR PRESERVARÁ SEU Povo (Is 25:1-12)

Este capítulo é um cântico de louvor ao Senhor entoado pelo remanescente fiel que ele preservou no “Dia do SENHOR”. Nesse cântico, três figuras impressionantes se destacam:

A cidade arruinada (vv. 1-3). Encontramos essa figura anteriormente (Is 24:10, 12) e observamos que “a cidade” é um termo genérico que se refere a todas as cidades. Isaías vivia num ambiente rural de vilas e de pequenas cidades, e as grandes cidades (ou cidades-Estados) eram lugares de poder e de riqueza. Em tempos de guerra, as pessoas fugiam para as cidades muradas em busca de proteção. Porém, as grandes cidades do mundo não oferecerão proteção alguma quando Deus derramar sua ira sobre as nações (Is 2:19; Ap 16:19). As cidades rebeldes serão forçadas a reconhecer a grandiosidade do Senhor e a prestar-lhe homenagem.

O refúgio (vv. 4, 5). Isaías descreve duas figuras: uma forte tempestade e o calor no deserto. Onde os viajantes podem se refugiar? Vêm uma grande rocha e se refugiam nela. Deus é essa rocha (Dt 32:3, 4, 30; 33:27; Sl 46:1; 61:1-4) e será um refúgio para seu povo durante o terrível “Dia do SENHOR”. Os gritos de vitória do inimigo desaparecerão como o calor some quando as nuvens cobrem o Sol.

Deus toma conta dos seus em tempos de provação e de juízo. Ele cuidou de Noé e sua família durante do dilúvio (Gn 6 – 8) e guardou Israel quando seus juízos feriram o Egito (Ex 8:22, 23; 9:4, 6, 26; 10:23; 11:6, 7; 12:13). Protegeu Raabe e sua família quando Jericó foi tomada (Js 6:25) e preservou um remanescente fiel quando Judá foi levada para o cativeiro na Babilônia (Ed 9:8, 9). Ao longo dos séculos, Deus guardou sua Igreja apesar dos ataques de Satanás (Mt 16:18) e a salvará da ira vindoura (1 Ts 1:10; 5:9). Quando o “Dia do SENHOR” vier a este mundo perverso, Deus cuidará para que o remanescente judeu seja preservado. “Esconde-te só por um momento, até que passe a ira. Pois eis que o SENHOR sai do seu lugar,

para castigar a iniqüidade dos moradores da terra" (Is 26:20, 21).

O banquete (vv. 6-12). Para o judeu do Antigo Testamento, um banquete era uma representação da era do reino quando o Messias reinaria sobre Israel e todas as nações do mundo. Israel entraria em sua glória, e os gentios iriam a Sião adorar ao Senhor (Is 2:1-5; 55:1-5; 60:1ss). Quando Jesus usou a figura do banquete em Mateus 8:11 e Lucas 13:28, 29, o povo sabia que ele estava se referindo ao reino prometido.

O alimento que comemos apenas sustenta a vida, mas nesse banquete a morte será conquistada. "Destruirá neste monte a coberta que envolve todos os povos e o véu que está posto sobre todas as nações. Traçará a morte para sempre, e, assim, enxugará o SENHOR Deus as lágrimas de todos os rostos" (Is 25:7, 8). O funeral se transformará num casamento! O versículo 8 foi citado por Paulo em 1 Coríntios 15:54 e pelo apóstolo João em Apocalipse 7:17 e 21:4.

A "coberta" e o "véu" em Isaías 25:7 também podem indicar a cegueira de Israel e das nações em relação ao Deus verdadeiro e Salvador (2 Co 3:12-18; 4:3, 4). Quando o Senhor Jesus Cristo retornar em poder e glória, todos em Israel "olharão para aquele a quem traspassaram" (Zc 12:10) e crerão nele para receber a salvação. O véu será removido, e verão seu Messias e seu Deus. Então, entoarão o cântico de Isaías 25:9 ao entrar no grande banquete do reino.

Em contraste à exaltação do monte Sião, vemos a humilhação de Moabe (vv. 10-12). É provável que Isaías tenha escolhido Moabe como um exemplo de como Deus humilhará todos os inimigos de Israel. Trata-se de uma figura bastante nítida: os moabitas são comparados à palha pisada "na água da cova da esterqueira". Ficarão atolados tão profundamente que terão de nadar para sair de lá! Enquanto os judeus estarão se banqueteando, os moabitas tentarão escapar do excremento que os animais judeus consomem! Moabe sempre foi conhecida por seu orgulho (Is 16:6ss), porém Deus os humilhará juntamente com todas as nações que se

exaltam, exploram os outros e que se recusam a sujeitar-se ao Senhor.

3. O SENHOR RESTAURARÁ A NAÇÃO (Is 26:1 – 27:13)

Israel está cantando novamente (Is 24:14-16; 25:1ss) e, dessa vez, a ênfase é sobre a retidão e a paz. Não pode haver verdadeira paz sem retidão (Is 32:17), e não pode haver retidão sem a salvação de Deus por meio de Jesus Cristo (Rm 3:21-31). Foi no Calvário que "a justiça e a paz se beijaram" (Sl 85:10). Quando Jesus Cristo reinar na Terra, a promessa do Salmo 72:7 se cumprirá: "Floresça em seus dias o justo, e haja abundância de paz até que cesse de haver lua". Jesus Cristo é nosso verdadeiro Melquisedeque – Rei da Justiça e Rei da Paz (Hb 7:1-3).

A expressão "naquele dia" (Is 26:1; 27:1, 2, 12, 13) refere-se ao "Dia do SENHOR" e às bênçãos que seguirão quando o Senhor derrotar seus inimigos. Nestes dois capítulos, o profeta encoraja o povo sofredor de Deus ao descrever com sete figuras as bênçãos do reino que os esperam no futuro.

A cidade forte (26:1-6). Samaria foi derrotada pelos assírios, e Jerusalém, pelos babilônios, mas a Nova Jerusalém será invencível. No "Dia do SENHOR", Deus arrasará as cidades arrogantes da Terra, mas o monte Sião será exaltado para a glória do Senhor (Is 2:1-5). Jerusalém não será mais a cidade pecaminosa descrita no capítulo 1; antes, será justa para um povo santo, cujos pecados foram purificados (Zc 13:1). Compare Isaías 26:2 com os Salmos 15 e 24.

Somente aqueles que creram em Jesus Cristo entrará na cidade e, pelo fato de crer, terão paz (Rm 5:1). A palavra hebraica para "paz" (*shalom*) significa muito mais do que o fim de uma guerra. Inclui bênçãos como plenitude, vigor, quietude de alma, preservação e perfeição. Os judeus normalmente se cumprimentam perguntando: "Qual é a sua paz?", e a resposta de Isaías seria: "minha paz vem do Senhor, pois confio somente nele!" O conselho de Paulo em Filipenses 4:6-9 baseia-se em Isaías 26:3.

Vale observar que o hino *Rocha Eterna*, de Augustus Toplady, é baseado nas palavras

do versículo 4: "Porque o SENHOR Deus é uma rocha eterna". A Nova Jerusalém é uma cidade edificada sobre a Rocha!

O caminho aplainado (vv. 7-11). Observamos a ênfase de Isaías sobre a figura do "caminho" ou da "estrada" (ver comentários com referência a Is 11:16). Ao longo de grande parte de sua história, os judeus viajaram por um caminho tortuoso, porém, quando o reino for estabelecido, Deus lhes dará caminhos aplainados e livres de obstáculos. Uma vez que estarão andando na vontade de Deus, seu caminho será seguro e agradável. Esperarão no Senhor para saber sua vontade. Conversarão com o Senhor e o adorarão, mesmo durante a noite (Sl 119:55).

De acordo com Isaías 26:9-11, Deus quer que o mundo aprenda a justiça. Ele envia seus juízos, mas ainda assim o povo não se arrepende (Ap 9:20, 21; 16:9). Mostra sua graça de inúmeras maneiras, porém as pessoas continuam a fazer o mal. Sua mão está operando, mas não a vêem. O profeta ora para que Deus se revele por meio de seu povo ao trabalhar em favor dele. O reavivamento e a restauração de Israel deverão contribuir para convencer o mundo de que Deus não está morto e de que ele mantém suas promessas.

A mulher com dores de parto (vv. 12-18). A agonia do "Dia do SENHOR" é comparada às dores da mulher em trabalho de parto (Is 13:6-8; 1 Ts 5:1-3). Isaías descreve o remanescente confessando suas faltas ao Senhor. Por causa de seus pecados, ficaram sujeitos a muitos gentios tiranos, mas agora esses tiranos não existiam mais e não poderiam escravizá-los. Deus disciplinou seu povo e o trouxe a um lugar onde tudo o que lhe restava fazer era derramar diante do Senhor as suas orações (Is 26:16), mas ele os ouviu e salvou. Israel sentiu dores como uma mulher dando à luz, mas seu trabalho não trouxe nada ao mundo! Israel deixou de dar à luz as bênçãos que Deus queria que trouxesse ao mundo (v. 18). Porém, na era do reino, Israel e o monte Sião se tornarão fonte de bênçãos para o mundo todo.

O que impediu Israel de se tornar a bênção para o mundo que Deus queria que fosse? Abandonou a adoração sincera ao Deus verdadeiro e dedicou-se aos ídolos. O verbo em hebraico, no versículo 13, traduzido por "têm tido domínio" é a raiz do substantivo *baal*, nome do deus cananeu da tempestade, cujo culto causou muitos problemas em Israel. Contudo, a palavra *baal* também significa "marido", indicando, nesse caso, que Israel não foi fiel ao seu marido, Jeová, mas que, em sua infidelidade, voltou-se para outro deus. A mesma figura aparece em Tiago 4:4.

O orvalho vivificador (vv. 19-21). Da mesma forma como o orvalho traz vida nova para o solo e a vegetação, assim Deus ressuscitará os mortos da Terra. O profeta já havia anunciado a grande vitória de Deus sobre a morte (Is 25:7, 8) e agora nos diz como ele o fará: ressuscitará esses corpos do pó. Ressurreição não é reconstrução; Deus não reúne as partes do corpo e lhes dá vida. Paulo comparou o milagre da ressurreição à colheita dos grãos plantados no solo (1 Co 15:35-49). A semente é enterrada e morre, mas de sua morte provém a vida e o fruto. Isaías havia acabado de escrever sobre dores de parto (Is 26:17, 18) de modo que compara a ressurreição a um nascimento: "e a terra dará à luz os seus mortos" (v. 19).

Quando Cristo voltar para buscar sua Igreja, os cristãos que "dormem em Jesus" serão ressuscitados (1 Ts 4:13-18). Quando voltar com sua Igreja para julgar seus inimigos e estabelecer seu reino, também haverá uma ressurreição (Ap 19:11 – 20:6). Esses dois acontecimentos são chamados "a primeira ressurreição" e referem-se somente às pessoas salvas. Ao final dos mil anos, quando Satanás for finalmente aprisionado, os perdidos serão ressuscitados para enfrentar o julgamento diante do grande trono branco (Ap 20:7-15). Apesar de o Antigo Testamento não nos fornecer a revelação completa da morte e da ressurreição, ele nos garante, porém, que há um futuro para o corpo humano (Dn 12:2; Sl 16:9, 10).

Deus ouve a oração do remanescente (Is 26:11-19) e responde dando-lhes a segurança

de que necessitam (vv. 20, 21). Ele promete proteger seu povo dos terríveis ataques do inimigo (Ap 12). Deus castigará os inimigos que escravizaram seu povo, cujo sangue clama da terra por vingança (Gn 4:10, 11; Ez 24:7, 8; Ap 6:9-11). O sangue derramado injustamente polui a terra (Nm 35:29-34; Sl 106:34-39) e atrai o juízo de Deus.

O dragão derrotado (27:1). As nações ao redor de Israel tinham vários mitos sobre monstros marinhas, e um deles era comparado ao “leviatã” ou dragão, provavelmente o crocodilo (Jó 3:8; 41:1ss). Abater um leviatã (ARC) ou crocodilo (ARA) era uma grande façanha (Sl 74:14), e foi o que o Senhor prometeu fazer. Satanás mantinha essas nações cativas através de suas superstições religiosas, mas o remanescente não precisava temer os falsos deuses dos gentios. Como povo de Deus nos dias de hoje, somos libertos da escravidão de Satanás e de seus falsos deuses que ele nos seduz a adorar (Cl 2:13-15), e podemos nos alegrar na grande vitória de nosso Senhor (Jo 12:31). Quando a batalha terminar e o Senhor conquistar o mal, Israel poderá entrar no glorioso reino sem medo.

A videira frutífera (vv. 2-11). Como em Isaías 5:1-7, a vinha é Israel, mas aqui o profeta vê tanto a nação de seu tempo quanto o Israel do futuro, quando o reino for estabelecido. Deus não estava zangado com seu povo (Is 27:4), apenas ansiava para que voltassem para ele e cressem nele com fervor. O Senhor usou a guerra (Assíria) para castigar o reino do Norte e o cativeiro (Babilônia) para disciplinar o reino do Sul (v. 8), porém o fez em amor e não com raiva. Os versículos 10 e 11 são a descrição de Jerusalém depois do cerco babilônio. Deus retirou sua misericórdia temporariamente até que seus propósitos fossem cumpridos.

No “Dia do SENHOR”, Deus usará o sofrimento para purificar seu povo e prepará-lo para o reino. O versículo 9 não sugere que o sofrimento pessoal seja uma forma de pagar pelo pecado, pois somente o sacrifício de Jesus Cristo é capaz disso. Deus usa o sofrimento como disciplina para nos levar à submissão, a fim de que busquemos a ele e

à sua santidade (Hb 12:1-11). O cativeiro da Babilônia curou os judeus de sua idolatria de uma vez por todas (Is 27:9).

No tempo de Isaías, a vinha estava produzindo uvas bravas, mas no reino vindouro, Israel florescerá e frutificará. Deus guardará seu povo e lhes dará todo o necessário para glorificar seu nome. A nação “florescerá e brotará Israel, e encherão de fruto o mundo” (v. 6). As nações do mundo serão abençoadas por intermédio de Israel (Gn 12:1-3).

A Bíblia fala de três vinhas: o povo de Israel (Is 5; 27), Cristo e sua Igreja (Jo 15) e a sociedade pagã dos gentios, a “videira da terra” (Ap 14:18). A videira de Israel não está dando frutos, a “videira da terra” está enchendo o mundo de frutos venenosos, e aqueles que fazem parte do povo de Deus precisam ser ramos fiéis nessa vinha e produzir frutos que glorifiquem o nome do Senhor.

A festa alegre e santa (vv. 12, 13). O acampamento de Israel era dirigido pelo toque das trombetas (Nm 10). A Festa das Trombetas era realizada no primeiro dia do sétimo mês e preparava Israel para o Dia da Expiação (Lv 23:23-32). O Dia da Expiação, por sua vez, os preparava para a Festa dos Tabernáculos, um retrato da alegria do reino futuro (Lv 23:33-44).

Isaías previu um dia glorioso quando Deus repetiria o milagre do êxodo e livraria seu povo da escravidão das nações gentias. A trombeta os convocaria para ir a Jerusalém (Mt 24:31) e anunciaria a vitória de Deus sobre seus adversários: “e adorarão ao SENHOR no monte santo em Jerusalém”. O reino seria como uma festa interminável e como um dia santo de adoração em que o povo se alegra no Senhor. É evidente que o povo de Deus, hoje, também está à espera do “ressoar da trombeta” (1 Co 15:50-58; 1 Ts 4:13-18) anunciando a vinda de Jesus para buscar sua Igreja. Então, voltaremos com ele ao céu e nos prepararemos para a festa de casamento do Cordeiro. Voltaremos com ele para a Terra, onde governaremos com ele em seu reino.

Você está orando diariamente: “venha o teu reino”?

NUVENS DE TEMPESTADE SOBRE JERUSALÉM

ISAÍAS 28 – 31

O nome Jerusalém significa “cidade de paz”, mas ao longo da sua história tem sido associado mais a conflitos do que a paz. Ainda hoje, Jerusalém é um foco de preocupação no Oriente Médio. “Orai pela paz de Jerusalém!” (Sl 122:6), admoesta o salmista. Por que devemos orar por Jerusalém? Por que não orar por Londres, Moscou ou Roma? Porque quando houver paz verdadeira em Jerusalém, haverá paz em toda a Terra (Is 52:7; 66:12), de modo que devemos dar ouvidos às palavras do salmista.

Os capítulos 28 – 31 registram uma série de cinco “ais” (Is 28:1; 29:1, 15; 30:1; 31:1) que se concentram, principalmente, em Jerusalém. Encontramos outro “ai” em Isaías 33:1 e, intercaladas com esses “ais” de juízo, há promessas de restauração e de glória. Isaías está tentando convencer os governantes de Judá a parar de confiar em “forças políticas” e em tratados internacionais e passar a confiar no Senhor.

1. O SENHOR ADVERTE JERUSALÉM (Is 28:1-29)

Como todo judeu devoto, Isaías amava Jerusalém, a cidade santa, a cidade de Davi, o lugar da habitação de Deus (Sl 122 e 137). Contudo, Isaías viu uma tempestade se formando sobre a cidade e anunciou que haveria problemas adiante. Era hora de o povo voltar-se para Deus em arrependimento.

O profeta começa sua mensagem anunciando o julgamento divino sobre Efraim (Is 28:1-6). Sem dúvida, a queda de seus vizinhos serviria de aviso para Judá e Jerusalém! Se a Assíria conquistasse Samaria, Judá seria a próxima da lista. O reino do Norte

orgulhava-se de sua capital, Samaria, como uma linda coroa (ou grinalda) na cabeça de um vale frutífero. Porém, sua arrogância era detestável ao Senhor, pois pensavam que sua cidade era invencível. Samaria reinava em luxo e prazer e não tinha medo de seus inimigos.

O Senhor também se desagradava da embriaguez de seu povo. Para os judeus, o vinho era um presente de Deus e uma fonte de alegria (Jz 9:13; Sl 104:15). A lei não exigia abstinência total, mas advertia quanto à embriaguez (Dt 21:18-21; Pv 20:1; 23:20, 21, 29-35). O profeta Amós acusou o povo de Judá e Samaria de entregar-se a excessos (Am 6:1-7), e Isaías também esbravejou contra esse modo de vida ímpio (Is 5:11, 12, 22).

Um funcionário do governo em Washington, D.C. disse certa vez, em tom espiritual, que: “existem três partidos nesta cidade: o Partido Democrata, o Partido Republicano e o partido do aperitivo”. De fato, Washington é uma das cidades que encabeçam a lista dos maiores consumidores de bebidas alcoólicas. Muita gente não se dá conta de que o álcool e a nicotina, as drogas prediletas dos norte-americanos, causam muito mais dano do que todas as drogas ilegais juntas. De acordo com o Dr. Arnold Washton, o álcool e a nicotina matam 450 mil pessoas a cada ano, enquanto as drogas ilegais matam aproximadamente 6 mil (*Willpower's Not Enough*, Harper & Row, 1989, p. 13). Isso não torna as drogas ilegais aceitáveis, mas nos ajuda a avaliar melhor essa questão. Que esperança há para nossa sociedade abastada, amante do prazer, que hipocritamente freqüenta a igreja e ignora as consequências trágicas do pecado e do julgamento que certamente virá?

Samaria orgulhava-se de sua beleza, porém tal beleza estava murchando como uma flor cortada (Is 28:1, 4) incapaz de resistir à tempestade vindoura. Deus mandaria um temporal sobre toda aquela terra, e a cidade arrogante seria destruída por vento, chuva, granizo e inundação – o exército assírio! Conquistar Samaria seria tão fácil quanto apanhá figos na árvore! Naquele dia de julgamento, Samaria descobriria, tarde demais,

que Jeová – não Samaria – é a “coroa de glória” e “o formoso diadema” (v. 5) e que ele é um Deus de justiça (vv. 5, 6). Trata-se de uma referência ao Senhor livrando Jerusalém da Assíria, mesmo quando o inimigo já estava às portas da cidade (caps. 36 – 37).

É possível que o povo de Judá tenha se alegrado ao ouvir Isaías anunciar a queda do reino inimigo, mas sua celebração durou pouco, pois o profeta anunciou que Judá era culpada dos mesmos pecados que Samaria e, sendo assim, também corria o risco de ser julgada (Is 28:5-8). Os sacerdotes e os profetas, que deveriam ser exemplos para o povo, estavam cambaleando de bêbados e farreando ao redor de mesas cobertas de vômito. O conselho que davam ao povo não provinha do Espírito Santo, mas de seus próprios delírios embriagados (ver Ef 5:18). Não apenas bebiam o vinho, mas também eram “vencidos pelo vinho” (Is 28:7). Isso nos lembra um provérbio japonês: “Primeiro, o homem toma um trago, depois o trago toma um trago e, então, o trago toma o homem”.

Contudo, o orgulho e a embriaguez não eram os únicos pecados de Judá; eles também zombavam do profeta do Senhor e rejeitavam a Palavra de Deus (vv. 9-13). Os versículos 9 e 10 são as palavras que os profetas e sacerdotes bêbados usavam para ridicularizar Isaías. “Ele fala conosco como se fôssemos crianças”, diziam eles. “Fica se repetindo e usa um vocabulário infantil. Certamente não há necessidade de levar a sério algo do que ele diz!”

Nossa sociedade atual, com freqüência, tem uma atitude semelhante em relação à Palavra de Deus e a seus servos. As pessoas encontram-se tão inebriadas de orgulho intelectual que zombam das mensagens do evangelho apresentadas pelo testemunho de pessoas simples (1 Co 1:18-31). O profeta Amós foi expulso do santuário do rei por ser apenas um simples fazendeiro e não um membro da elite religiosa (Am 7:10-17). O evangelista D. L. Moody era constantemente vaiado pela falta de sofisticação de suas palavras, mas Deus usou-o para conduzir milhares de pessoas ao Salvador.

Qual foi a resposta de Isaías a esse grupo de críticos religiosos e ébrios? “Se vocês não ouvirem minhas palavras simples em sua própria linguagem, Deus lhes falará numa linguagem que não entendem. Mandará o exército assírio, cuja linguagem lhes é estranha.” E foi o que aconteceu com Efraim e Judá. Os assírios destruíram completamente o reino do Sul em 722 a.C. e, em 701 a.C., depois de devastar a região de Judá, chegaram às portas de Jerusalém.

Isso nos leva à terceira proclamação de Isaías: Deus ofereceu descanso a seu povo (Is 7:4; 8:6-8), mas eles não obedeceram (ouviram) à sua Palavra (Is 28:12-20). O profeta lhes transmitiu uma mensagem clara que todos poderiam entender, porém eles a rejeitaram. Sua fé estava em suas alianças políticas e não em Deus (vv. 15, 18). Nos dias do rei Acaz, fizeram uma aliança secreta com a Assíria, e nos dias do rei Ezequias, recorreram ao Egito (Is 30:1-5; 31:1). Porém, essa “aliança com a morte e com o além” estava destinada a fracassar, uma vez que Deus não fazia parte dela. O inimigo viria como uma inundação, uma tempestade, um dilúvio, e não teriam como escapar. Efraim seria destruído e Judá seria salvo por um triz. A cama que fizeram (suas alianças) não poderia lhes dar repouso (ver Is 28:12), e o cobertor que haviam feito (seus tratados) não os cobriria (ver Is 31:1).

Sua única esperança encontrava-se na pedra fundamental testada e aprovada (Is 28:16), a “rocha eterna” (Is 26:4; 8:14; 17:10). Sem dúvida, trata-se de uma referência ao Messias e também é interpretada dessa forma no Novo Testamento (1 Pe 2:4-7; Rm 9:33; Mc 12:10; ver Sl 118:22). Se tivessem fé em Jeová, não estariam correndo de um lado para o outro, tentando forjar alianças, uma prática que só traz vergonha e fracasso (Rm 10:11). Uma pedra sólida é uma proteção muito mais eficaz do que uma frágil cobertura de mentiras!

A proclamação final de Isaías afirmava que a certeza do povo de que Deus não iria julgá-los era uma ilusão (Is 28:21-29). “Mas Deus defendeu seu povo no passado!”, argumentavam. “E aquela vitória de Davi

sobre os filisteus no monte Perazim [2 Sm 5:17-21] ou a vitória de Josué sobre os amoreus em Gibeão [Js 10]?" Mas Josué e Davi foram líderes piedosos que confiaram em Jeová e obedeceram à sua Palavra. Os adversários escarnecedores de Isaías não se davam conta de que Deus realizaria uma "obra estranha": usaria o inimigo para lutar contra seu próprio povo! Assim como o lavrador tem diferentes tarefas a realizar e deve adaptar-se a cada uma delas, seja ao arar seja debulhar, Deus deve fazer o que for necessário para cumprir seus desígnios eternos. Ele sabe exatamente qual ferramenta empregar e o momento certo de usá-la.

Jerusalém viu o reino do Norte ser destruído pelos assírios, mas esse juízo não os conduziu ao arrependimento. Quando começarmos a dizer a nós mesmos: "Isso nunca acontecerá comigo", com certeza acontecerá!

2. O SENHOR HUMILHA JERUSALÉM (Is 29:1-14)

"A Lareira de Deus" é uma designação para Jerusalém. No original, o termo usado é "Ariel" e significa "leão de Deus". O leão era um símbolo da Assíria, de modo que o profeta podia estar dizendo, "Agora, a Assíria é o verdadeiro leão de Deus, e Jerusalém o é só de nome". Porém, a palavra hebraica também significa "coração do altar" ("lareira"), onde eram oferecidos os sacrifícios (Ez 43:13-18). "E ela [Jerusalém] será para mim verdadeira Lareira de Deus" (Is 29:2). Em outras palavras, a cidade se tornaria um lugar de carnificina.

Deus humilharia a cidade orgulhosa. Em vez de rugir e amedrontar o inimigo, o leão falaria apenas por sussurros quando estivesse no chão (v. 4). Em vez de seus sacrifícios serem aceitos por Deus (v. 1), a cidade inteira se tornaria um altar, e Deus faria de seu povo um sacrifício.

Quando ocorreram essas coisas? Deus começou a "aumentar o fogo" em 701 a.C., quando a Assíria marchou triunfante por Judá e quase tomou Jerusalém. O Senhor derrotou a Assíria num instante (Is 37:36), "de repente" (Is 29:5), como um tufão de

vento (v. 6). Essa disciplina deveria ter conduzido Judá de volta ao Senhor, porém, depois da morte de Ezequias, os judeus voltaram a seus pecados. Então, em 586 a.C., Deus enviou os babilônios, que conquistaram Jerusalém e destruíram a cidade, levando cativos milhares de judeus. Deus realizou sua "obra estranha" e permitiu que seu povo fosse morto pelo inimigo. De fato, a cidade se tornou o coração do altar, e milhares foram sacrificados à ira do inimigo.

Isaías, porém, olhou muito mais adiante, até o fim dos tempos, quando Jerusalém será atacada pelos exércitos do mundo (vv. 7; Zc 14:1-3). Trata-se aqui do que os estudiosos das profecias chamam de "batalha do Armagedom", apesar de esse título não ser utilizado nas Escrituras (Ap 14:14-20; 16:13-21). Quando parecer que a cidade está prestes a cair e os exércitos inimigos estiverem certos da vitória, Jesus Cristo voltará e livrará seu povo (Ap 19:11-21). A vitória inimiga chegará ao fim.

Por que o povo de Jerusalém era tão ignorante do que estava acontecendo? Seu coração estava longe de Deus (Is 29:13). Os judeus realizavam os rituais externos de adoração e comemoravam fielmente as festas anuais (v. 1; Is 1:10ss), mas não era uma adoração verdadeira ao Senhor (Mt 15:1-9). Era moda ir ao templo, mas a maioria não levava a sério sua adoração ao Senhor. Assim, Deus mandou um torpor e uma "cegueira espiritual" sobre seu povo para que não entendessem sua própria lei. Essa falta de discernimento persiste até os dias de hoje (Rm 11:8; 2 Co 3:13-18). Se as pessoas não aceitam a verdade, estão fadadas a tornar-se cada vez mais cegas e a aceitar mentiras (ver Jo 9:39-41 e 2 Ts 2:1-12).

3. O SENHOR SUPLICA A JERUSALÉM (Is 29:15-24)

Esse "ai" era uma denúncia das táticas políticas perversas adotadas pelos governantes de Judá, que pensavam que Deus não exigiria uma prestação de contas de seus atos. Estavam tentando inverter as coisas, como o vaso dizendo para o oleiro o que fazer (ver Is 45:9; 64:8; Jr 18; e Rm 9:20). Se ao

menos as pessoas consultassem o Senhor em vez de confiar em sua própria sabedoria e nas vãs promessas dos homens!

Em Isaías 29:17-24, o profeta pediu ao povo que olhasse adiante e que considerasse o que Deus havia planejado para eles. Em sua estratégia política, haviam virado as coisas de cabeça para baixo, porém Deus um dia colocaria tudo em ordem ao estabelecer seu reino glorioso na Terra. A terra devastada se transformaria num paraíso, os aleijados seriam curados e os rejeitados seriam enriquecidos e se alegrariam no Senhor. Não haveria mais pessoas escarnecedoras ou crueis praticando injustiça nos tribunais. Abraão e Jacó, os fundadores de Israel, veriam seus muitos descendentes glorificando ao Senhor.

Dante desse futuro glorioso, o que levaria Judá a voltar-se para nações frágeis como o Egito em busca de socorro? Deus estava do lado deles e podiam confiar no Senhor! Abraão foi ao Egito em busca de ajuda e meteu-se em dificuldades (Gn 12:10-20); Isaque partiu para o Egito, mas foi detido por Deus (Gn 26:1-6). O Senhor tomou conta de Jacó ao longo de todos os seus anos de provação e certamente poderia cuidar de seus filhos. É triste quando uma nação se esquece de sua grande herança espiritual e, em vez de confiar no Senhor, passa a crer em promessas de homens.

Na Assembléia Constitucional de 1787, na Filadélfia, Benjamin Franklin disse: “Meu senhor, já vivi muito tempo, e quanto mais tempo vivo, mais provas convincentes encontro desta verdade: é Deus quem governa os negócios e assuntos humanos”. Em seguida, propôs que convidassem alguns clérigos locais para irem à assembléia a fim de que orassem pedindo a direção divina e suas bênçãos nas deliberações.

Era essa atitude que Isaías buscava em Jerusalém; mas, em vez disso, encontrou somente zombaria e incredulidade.

4. O SENHOR REPREENDE JERUSALÉM (Is 30:1-33)

Este quarto “ai” começa com uma repreensão de Deus à nação rebelde (vv. 1-17). Isaías

abriu sua profecia com essa acusação (Is 1:2, 20, 23) e terminou com esse mesmo tom (Is 63:10; 65:2). Depois de tudo o que Deus havia feito por seu povo, os judeus voltaram-se contra ele e buscaram ajuda do Egito, uma nação debilitada. Ao contrário dos líderes do passado - Moisés (Nm 27:21), Josué (Js 9:14), Davi (1 Sm 30:7, 8) e Josafá (1 Rs 22:7ss) -, os governantes de Jerusalém não buscaram a vontade de Deus. O Egito era como uma sombra, e o que uma sombra poderia fazer contra o grande exército assírio?

Em seguida, Isaías proferiu um oráculo (sentença) sobre a caravana que estava viajando de Jerusalém para o Egito com tesouros para comprar proteção contra a Assíria (Is 30:6, 7). Ele viu os animais carregados atravessando o difícil e perigoso terreno do Neguebe (o Sul) e exclamou: “É tudo sem proveito! É inútil! Os egípcios não servirão de ajuda!”. No versículo 7, que deve ser lido numa tradução mais recente, Isaías dá um apelido ao Egito: “Gabarola que nada faz” (esse é um dos nomes dados ao Egito no AT).

Judá fez mal em se rebelar contra Deus ao confiar no Egito em vez de Jeová e de depender do dinheiro em vez da força do Senhor, mas, pior ainda foi os judeus terem rejeitado completamente a Palavra de Deus (vv. 8-11). Deus disse a Isaías para pegar uma tabuinha e escrever: “Porque povo rebelde é este, filhos mentirosos, filhos que não querem ouvir a lei do SENHOR” (v. 9). Ele carregou essa tábua ao andar por Jerusalém, e, sem dúvida, quase todo o povo riu-se dele. Os líderes não queriam ouvir as verdades de Deus; queriam as “palavras agradáveis” dos falsos profetas, sermões que não perturbassem seu estilo de vida confortável. Será que essa situação é muito diferente dos dias de hoje? (ver Jr 6:14; 8:11; e 1 Rs 22:1-28).

Decisões têm consequências, e Isaías disse ao povo o que aconteceria com Judá e Jerusalém por causa dessa confiança deles em suas próprias mentiras: seu muro de proteção cairia repentinamente, despedaçado como um vaso de barro (Is 30:12-14). Quando a Assíria invadiu a região, o Egito fez jus a seu nome e não fez nada. Foi só

no último minuto que Deus entrou em cena e resgatou seu povo, e ele o fez somente por causa de sua aliança com Davi (Is 37:35, 36). Durante a invasão dos assírios em Judá, os judeus não conseguiram fugir em seus cavalos importados do Egito (Is 30:16, 17; Dt 17:16), e apenas um soldado inimigo era capaz de amedrontar mil judeus! Que humilhação! (ver Dt 32:30).

A única esperança para eles era o arrependimento, voltar para o Senhor e, pela fé, descansar somente nele (Is 30:15; 8:6, 7; 26:3; 28:12), mas eles não ouviram e não obedeceram.

Então, o profeta deixou de falar da rebelião e passou a tratar da restauração (Is 30:18-26). “Por isso, o SENHOR espera, para ter misericórdia de vós,” disse ele ao povo, “e se detém, para se compadecer de vós” (v. 18). A graça de Deus é seu favor para com aqueles que não o merecem, e é somente pela sua graça que ainda temos suas bênçãos. Isaías descreveu o dia vindouro quando Israel seria restaurado a sua terra e se alegria nas bênçãos do reino. Seriam como prisioneiros de guerra libertados (v. 19). Em vez de escarnecer, ouviriam a Palavra de Deus e deixariam seus falsos ídolos. A terra seria restaurada e voltaria a ser próspera, e Deus ataria as feridas e curaria as chagas de seu povo (v. 26; ver Is 1:5, 6). A “grande matança”, no versículo 25, é a batalha do Armagedom, que ocorrerá antes da vinda do Senhor para livrar seu povo e estabelecer seu reino (Ap 19:11-21).

O tema final desse “ai” é a vingança (Is 30:27-33), a declaração de que Deus derrotará os assírios. O Senhor usou a Assíria para disciplinar Judá, porém não permitiria que os assírios tomassem a cidade de Davi. Isaías empregou várias figuras para descrever o julgamento de Deus contra a Assíria: uma tempestade de fogo e granizo, uma inundação, o peneirar de grãos (ver Am 9:9) e o arrear de um cavalo para que o inimigo seja conduzido como um animal domesticado.

Assim como o *Sheol* foi preparado para o rei da Babilônia (Is 14:9ss), também Tofete foi preparado para o rei da Assíria. Tofete era um lugar nas redondezas de Jerusalém

onde os adoradores de Moloque sacrificavam suas crianças (2 Rs 16:3; 21:6; Jr 7:31, 32; 19:6, 11-14). Esse santuário foi destruído por Josias (2 Rs 23:10), transformado num depósito de lixo e rebatizado de Geena, em grego, que vem de *ge-ben-hinnom*, significando “o vale dos filhos de Hinom”. Essa era a localização de Tofete. Geena é o termo usado no Novo Testamento para “inferno”. A pira funerária para o grande rei da Assíria seria um depósito de lixo! Que humilhação!

Os judeus se alegrariam grandemente com a derrota da Assíria, como o regozijo da Páscoa em comemoração à derrota do Egito. Quando os judeus celebram a Páscoa, ainda têm “um hino” (Mt 26:30), e os “tamboris e harpas” (Is 30:32) nos fazem lembrar dos cânticos de Miriã e das mulheres de Israel no mar Vermelho (Êx 15:20, 21).

5. O SENHOR DEFENDE JERUSALÉM (Is 31:1-9)

Este quinto “ai” é um resumo do que Isaías já havia dito ao povo. O profeta lhes estava ensinando “regra sobre regra, regra e mais regra; um pouco aqui, um pouco ali” (Is 28:10), e ainda assim não estavam entendendo a mensagem.

Sua fé estava nos homens, não em Deus. Confiavam nas pernas de seus cavalos e nas rodas de seus carros e não na mão do Senhor. Deus advertiu os reis judeus para não irem ao Egito em busca de cavalos e carros (Dt 17:14-16), mas Salomão ignorou esse aviso (1 Rs 10:28, 29). Buscar a ajuda do Egito sempre foi uma tentação para os judeus (Êx 13:17; 14:11, 12; Nm 11:5, 18; 14:3ss).

Por que o Senhor deveria temer os assírios? Por acaso o leão tem medo de um bando de ovelhas e de seu pastor? E as águias temem alguma coisa quando sobrevoam seus filhotes no ninho? Deus se lançaria sobre a Assíria como um leão e mergulharia como uma águia, e isso seria o fim dos seus inimigos! O exército assírio foi exterminado em uma noite (Is 37:36).

Pense no dinheiro que Judá teria economizado e na angústia que os judeus teriam evitado se tivessem descansado no Senhor

seu Deus e obedecido à sua vontade. Todas as suas negociações políticas foram inúteis e seus tratados foram imprestáveis. Confiam nas palavras dos egípcios, mas não na Palavra de Deus!

Ao enfrentar inimigos e desafios, a Igreja de Deus em nosso tempo é sempre tentada a recorrer à ajuda do mundo. Porém, nossa primeira resposta deve ser examinar nosso coração e ver se há algo que devemos

confessar e acertar. Então, basta nos voltarmos para o Senhor com fé e obediência e nos entregarmos à sua vontade. Devemos confiar que ele nos protegerá e lutará por nós.

Um amigo meu costumava ter em sua mesa um cartão que dizia: “Crer é viver sem tramar”. Essa única frase resume o que Isaías estava dizendo a Judá e a Jerusalém e também o que ele está nos dizendo hoje.

O ABALO E A GLÓRIA DO FUTURO

ISAÍAS 32 - 35

Em 1919, o escritor norte-americano, Lincoln Steffens, visitou a União Soviética para ver o que a revolução comunista estava realizando de interessante. Numa carta a um amigo, ele escreveu: "Vi o futuro, e ele funciona". Se estivesse vivo hoje, Steffens provavelmente seria menos otimista, porém naquela época o "experimento russo" parecia extremamente bem-sucedido.

Um professor universitário colocou em seu escritório um cartaz dizendo: "O futuro não é mais o que costumava ser". Desde o advento da energia atômica, muitas pessoas se perguntam se ainda há um futuro. Albert Einstein disse que nunca pensava sobre o futuro, pois um dia ele sempre acabava chegando!

Nos quatro capítulos que concluem a primeira seção de sua profecia, Isaías nos convida a olhar para quatro acontecimentos futuros e ver o que Deus planejou para seu povo e seu mundo. Esses capítulos não são especulações humanas, mas sim revelações divinas e, portanto, palavras confiáveis.

1. UM REI GOVERNARÁ (Is 32:1-20)

No começo de sua história, a nação de Israel não era uma monarquia governada por seres humanos, mas sim uma teocracia, tendo Deus como seu Rei. No tempo de Samuel, o povo pediu um rei, e Deus lhes deu Saul (1 Sm 8; ver Dt 17:14-20). Deus não estabeleceu uma dinastia por meio de Saul, pois ele não veio da tribo de Judá (Gn 49:10). Foi Davi quem firmou tanto a dinastia do trono de Israel quanto a genealogia do Messias de Israel (2 Sm 7). Todo judeu

devoto sabia que o futuro Rei-Messias seria o Filho de Davi (Mt 22:41-46).

Em Isaías 32:1, o profeta escreve sobre "um rei", mas em Isaías 33:17, ele o chama de "o rei". Ao chegar no versículo 22, ele já se tornou "o nosso Rei". Não basta afirmar que Jesus Cristo é "um rei" ou mesmo "o rei". Devemos confessar nossa fé nele e dizer com certeza que ele é "nossa Rei". Assim como Natanael, devemos dizer: "Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!" (Jo 1:49).

Em contraste com os governantes perversos nos dias de Isaías (Is 1:21-23), o Messias reinará em retidão e justiça (Is 32:1, 16; 33:5; ver Is 9:7; 11:1-5). Além disso, o Rei será como uma pedra de refúgio para o povo (Is 8:14; 17:10; 26:4; 28:16) e como um rio refrescante no deserto (Is 8:5-8; 33:21; 41:18; 48:18; 66:12). De acordo com Davi, será "Aquele que domina com justiça sobre os homens, que domina no temor de Deus" (2 Sm 23:3, 4).

Isaías 32:3, 4 descreve as maravilhosas transformações que ocorrerão em função do reinado do Messias. Isaías ministrou a pessoas espiritualmente cegas, surdas e ignorantes (Is 6:9, 10; 29:10-12), mas, no reino, todos verão e ouvirão as verdades de Deus e as entenderão e lhes obedecerão (ver Is 29:18 e 42:7). Isso acontecerá porque a nação terá um novo coração e entrará numa nova aliança com o Senhor (Jr 31:31-34).

O "fraudulento" (Is 32:5-8) é o desavergonhado ou salafrário, que usa sua posição em benefício próprio e não para o bem do povo. Nos dias de Isaías, assim como nos nossos, as pessoas comuns admiravam "os ricos e famosos", mesmo que o caráter e a conduta dessas "celebridades" não merecessem respeito algum. Tinham dinheiro, fama e influência, e, aos olhos do populacho, isso os tornava importantes. Porém, no reino, não haverá tais ilusões. "Ao louco nunca mais se chamará nobre, e do fraudulento jamais se dirá que é magnânimo" (vv. 5, 6).

Não apenas seu caráter e suas motivações serão desmascarados e julgados, mas também seus métodos impiedosos (v. 7).

Os pobres e oprimidos não serão mais enganados por tais mentirosos! Em vez de desavergonhados, os líderes que governarão com o Messias serão pessoas nobres com planos elevados.

Por trás do egoísmo dos governantes de Judá, influenciando-os a fazer o mal, estavam as “mulheres aristocratas” de Jerusalém, complacentes e autoconfiantes numa época de grave crise nacional (vv. 9-14; ver Is 3:16-26; Am 4:1-3; 6:1-6). Isaías advertiu-as de que, “daqui a um ano e dias”, a terra e suas cidades seriam desoladas. Isso ocorreu em 701 a.C., quando o exército assírio de Senaqueribe invadiu Judá e devastou a terra. Os judeus confinados em Jerusalém estavam extremamente preocupados com as próximas colheitas, e Isaías transmitiu-lhes uma mensagem (Is 37:30, 31). Porém, antes que o cerco terminasse e que Deus livrasse Jerusalém, essas mulheres mundanas de Jerusalém tiveram de sacrificar não apenas seus luxos, mas também suas necessidades básicas.

Em Isaías 32:15-20, o profeta retoma sua descrição do reino messiânico e enfatiza a restauração da paz e da prosperidade. Nenhuma dessas mudanças ocorreu depois do livramento de Jerusalém em 701 a.C. nem quando o remanescente voltou da Babilônia, de modo que devemos atribuir essas profecias ao reino vindouro. O derramamento do Espírito Santo trará paz em abundância, pois haverá justiça e retidão na terra (Jl 2:28-32; Zc 12:10; Ez 36:26, 27). A terra será tão produtiva que o deserto se tornará em campo fértil, e o campo fértil em floresta. O povo não temerá inimigo algum, e seu trabalho será recompensado.

Judá poderia ter desfrutado segurança, tranquilidade e certeza, caso o povo tivesse confiado plenamente no Senhor sem recorrer à ajuda do Egito (Is 30:15-18; 32:17, 18). A palavra-chave no versículo 17 é “justiça”, pois não pode haver paz verdadeira sem um relacionamento correto com Deus (Rm 5:1; Tg 3:13-17). Quando os pecadores crêem em Cristo e recebem a dádiva da justificação, podem ter paz em seu coração e uns com os outros.

2. JERUSALÉM SERÁ LIBERTA (Is 33:1-24)

Este é o sexto e último “ai” dessa seção (Is 28:1; 29:1,15; 30:1; 31:1) e é dirigido contra Senaqueribe por causa de sua deslealdade para com Judá. Em sua incredulidade, o rei Ezequias tentou “comprar” os assírios (2 Rs 18:13-15), mas Senaqueribe quebrou o acordo e invadiu Judá do mesmo jeito. Era um ladrão, um traidor e um tirano, e Deus prometeu julgá-lo. Senaqueribe havia destruído a outros, de modo que ele também seria aniquilado. Havia se mostrado traiçoeiro em suas relações internacionais, de maneira que as nações lhe seriam desleais. De Deus não se zomba, e os pecadores colhem o que semearam (Gl 6:7).

Isaías 33:2 é a oração do remanescente fiel, quando Jerusalém foi cercada pelo exército assírio. Isaías havia prometido que Deus lhes mostraria sua graça se confiassem no Senhor (Is 30:18, 19), então alguns poucos devotos transformaram sua promessa numa oração. Deus poupou Jerusalém por amor a Davi (Is 37:35) e por causa de um remanescente que creu em Deus e orou. Nunca su bestime a força de uma minoria que ora.

A Assíria estava orgulhosa de sua força e dos espólios que havia juntado na batalha. O exército assírio varreu a terra como gafanhotos devoradores, mas isso iria mudar. Estava chegando o dia em que Judá arrasaria o exército assírio, e Senaqueribe seria assassinado no templo do deus que ele afirmava ser mais forte do que Jeová (vv. 36-38).

O Senhor foi exaltado na derrota da Assíria (Is 33:5), pois nenhuma sabedoria ou força humana poderia ter feito o que ele fez. Devemos nos lembrar de que nações e indivíduos podem encontrar estabilidade em tempos incertos somente quando confiam em Deus e buscam sua sabedoria e glória. O rei Ezequias agiu com insensatez ao tomar os tesouros do templo e tentar subornar Senaqueribe (2 Rs 18:13-16), mas Deus o perdoou e lembrou-o de que “o temor do SENHOR será o teu tesouro” (Is 33:6). A incredulidade se vale da ajuda dos recursos dos homens, enquanto a fé volta-se para Deus.

Judá viu-se numa situação terrível durante a invasão assíria (vv. 7-9). Seus guerreiros

mais valentes choraram ao ver cidade após cidade ser tomada pelo inimigo. Os emissários oficiais de Judá choraram por suas negociações malogradas. As estradas não eram mais seguras, os campos e pomares estavam destruídos, e não havia saída.

Exceto por Deus! “Agora, me levantarei, diz o SENHOR; levantar-me-ei a mim mesmo; agora, serei exaltado” (v. 10). Nos versículos 11 e 12, Isaías usa diversas figuras para descrever o juízo de Deus contra os assírios. Estavam “grávidos” de planos de todo tipo para conquistar Jerusalém, mas dariam à luz palha e restolho, e seus planos acabariam em nada. O exército, bufando, queria atacar, mas seu hálito quente se tornaria fogo que os destruiria como se queima a cal e espinhos cortados. Deus é longâmido com seus inimigos, mas quando decide julgar, faz um trabalho completo.

O relato da libertação surpreendente de Jerusalém espalhou-se depressa, e as nações gentias tiveram de reconhecer a grandeza de Jeová, o Deus dos judeus. Alguns estudiosos acreditam que o Salmo 126 teve origem nessa experiência e é possível que tenha sido escrito por Ezequias. “Então, entre as nações se dizia: Grandes coisas o SENHOR tem feito por eles” (Sl 126:2). Quando confiamos no Senhor e deixamos que faça sua vontade, testemunhamos a um mundo perdido.

O milagre do livramento de Jerusalém não apenas trouxe glória a Deus entre os gentios, como também medo e condenação aos judeus (Is 33:14-16). Deus não nos libera para que voltemos a nossos pecados. “Contigo, porém, está o perdão, para que te temam” (Sl 130:4). Quando os judeus em Jerusalém viram os 185 mil soldados assírios mortos por Deus em apenas uma noite, perceberam novamente que o Deus de Israel era como “fogo devorador” (ver Is 10:17; Hb 12:29). Será que estavam seguros em Jerusalém?

Isaías 33:15 descreve o tipo de pessoa que Deus aceita e abençoa (ver também Sl 15 e 24). Não somos capazes de alcançar essas qualidades de caráter com nossas próprias forças; elas só vêm quando confiamos

em Jesus Cristo e crescemos em sua graça. Muitos religiosos em Jerusalém tinham o coração distante de Deus, pois sua religião não passava de uma série de cerimônias exteriores (Is 29:13). Isaías esperava que o milagre do livramento da cidade conduzisse essas pessoas a uma verdadeira adoração ao Senhor. Somente quando andamos com o Senhor é que temos segurança e satisfação verdadeiras.

Em Isaías 33:17-24, o profeta olha para o fim dos tempos e vê Jerusalém sendo governada pelo Rei Messias. A vitória de Deus sobre a Assíria era apenas um “ensaio geral” para sua vitória sobre todo o mundo gentio, que um dia se unirá para destruir a Cidade Santa (Zc 14:1-9). Quando nosso Senhor ministrou na terra, os judeus descrentes disseram dele: “não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse” (Is 53:2). Porém, quando o virem e crerem, então perceberão sua extraordinária beleza (Zc 12:3 – 13:1; Sl 45).

Em contraste com a provação do cerco assírio, no reino messiânico os judeus não experimentarão mais o terror, não verão mais oficiais militares arrogantes, tampouco ouvirão línguas estrangeiras (Is 33:18, 19). Jerusalém será como uma tenda que não será removida (ver Is 54:1-3), armada à beira de um rio largo que nunca mais trará as embarcações dos exércitos inimigos. Jerusalém é uma das poucas cidades grandes da Antiguidade que não foram construídas perto de um rio, mas isso também mudará no reinado milenar (Ez 47). Sem dúvida, o rio simboliza a paz que o Senhor concede a seu povo (Is 48:18; 66:12; Sl 46:4).

Jerusalém foi um navio que quase afundou (Is 33:23), porém Deus o fez atravessar a tempestade em segurança (Sl 107:23-32), e o mais fraco dos judeus foi capaz de tomar espólios do exército vencido. “Todas as funções do governo – judiciário, legislativo e executivo – se concentrarão no Rei Messias”, conforme diz a nota sobre o versículo 22 em The New Scofield Reference Bible. Não é de se admirar que seu povo diga: “Ele nos salvará!”

Não haverá mais doença nem pecado na cidade. O Messias será seu Redentor e Salvador, e quanto à nação, "perdoar-se-lhe-á a sua iniqüidade" (v. 24). No tempo de Isaías, os judeus eram um "povo carregado de iniqüidades, raça de malignos" (Is 1:4), exatamente como os pecadores de hoje, mas quando o virem e crerem nele, seus pecados serão lavados. Se você ainda não aceitou o convite que Deus, em sua graça, faz em Isaías 1:18, aproveite para fazê-lo agora!

3. O MUNDO PECADOR SERÁ JULGADO (Is 34:1-17)

Os versículos 5 e 6 ressaltam Edom, o antigo inimigo de Israel, porém esse juízo divino virá sobre todo o mundo. Edom é somente um exemplo do juízo de Deus contra as nações gentias pelo que fizeram ao povo de Israel. "Porque será o dia da vingança do SENHOR, ano de retribuições pela causa de Sião" (v. 8). No Dia do SENHOR, os gentios receberão sua retribuição pela forma como trataram os judeus e exploraram sua terra (Jl 3:1-17). "A causa de Sião" pode não receber muito apoio entre as nações de hoje, mas Deus defenderá seu povo e garantirá o sucesso de sua causa.

Isaías começa esta seção com um retrato militar dos exércitos na Terra (Is 34:2, 3) e no céu (v. 4). Os exércitos do inimigo na Terra serão aniquilados, a terra ficará encharcada de sangue, e os corpos serão largados a céu aberto, apodrecendo e cheirando mal. Trata-se de uma descrição muito nítida da batalha do Armagedom (Ap 19:11-21), a humilhante derrota e destruição dos exércitos do mundo que se atreverem a atacar o Filho de Deus. As hostes celestiais também serão afetadas por grandes desordens cósmicas (Is 34:4; ver Mt 24:29; Jl 2:10, 30, 31; 3:15; Ap 6:13, 14). Será um dia e tanto!

Em Isaías 34:5-8, o profeta passa do campo de batalha para o templo e vê o julgamento mundial como um grande sacrifício oferecido por Deus (ver Jr 46:10; 50:27; Ez 39:17-19). Era costume as pessoas imolarem o sacrifício e o oferecerem a Deus, porém, nesse caso, é Deus quem oferece o perverso como sacrifício. Bozra era uma importante

cidade em Edom, e seu nome significa "coleheita de uvas" (ver Is 63:1-8). Deus vê seus inimigos como animais: carneiros, bodes, novilhos, bois e touros a ser sacrificados junto com a gordura (Lv 3:9-11). Essas nações sacrificaram os judeus, de modo que Deus usou-as como sacrifícios.

A figura muda novamente, e Isaías compara o Dia do SENHOR com o juízo de Sodoma e Gomorra (Is 34:9, 10; Gn 18 - 19). Trata-se de uma comparação importante, porque, um pouco antes da vinda do Senhor, acontecerá com a sociedade "O mesmo [que] aconteceu nos dias de Ló" (Lc 17:28). O piche correrá como um ribeiro, e o betume e a chuva de enxofre manterão as chamas do juízo ardendo (Gn 14:10; 19:24). A descrição em Isaías 34:10 lembra a queda da Babilônia (Ap 14:8-11; 19:3). Deveremos também lembrar que o fogo eterno do inferno, o lago de fogo, nunca será extinto (Mc 9:43-48).

Ao concentrar-se especialmente em Edom (Is 34:5, 6), Isaías estava usando aquela nação arrogante como um exemplo do que Deus faria a todas as nações gentias no Dia do SENHOR. Quando Deus terminar seu trabalho, a terra será um lugar deserto, ocupado por urtigas e espinhos, animais selvagens e abutres (vv. 11-17). Deus fará com que cada pássaro tenha um parceiro para se reproduzir, e não haverá gente para espantá-los de seus ninhos.

"Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor" (2 Pe 3:10). Por que Deus está esperando? Porque ele é "longânimo para conosco, não querendo que nenhum pebreça, senão que todos cheguem ao arrependimento" (2 Pe 3:9). Ninguém sabe quanto tempo mais Deus vai esperar; então, cabe aos pecadores arrependerem-se hoje e crearem no Salvador.

4. O REINO GLORIOSO SERÁ ESTABELECIDO (Is 35:1-10)

Contudo, o deserto não ficará assim para sempre, pois o Senhor transformará a Terra num jardim do Éden. Toda a natureza anseia pela volta do Senhor (Is 55:12, 13; Rm 8:19; Sl 96:11-13; 98:7-9), pois sabe que será

libertada da maldição do pecado (Gn 3:17-19) e que participará da glória do reino. O Líbano, o Carmelo e Sarom eram três das regiões mais belas e férteis da Terra, e, no entanto, o deserto se tornaria mais bonito e fértil do que esses três lugares juntos! Não haveria mais “terra sedenta” (Is 35:7), pois ela se transformaria num jardim de glória.

Isaías usa a promessa do reino vindouro para fortalecer seus contemporâneos que se sentiam fracos e temerosos (vv. 3, 4). No reino, não haverá cegos nem surdos, imundos nem loucos, pois serão aperfeiçoados de modo a desfrutar um novo mundo glorioso. (Em Is 32:3, 4, o profeta escreveu sobre deficiências espirituais, mas aqui descreve deficiências físicas.) Cristo fez referência a esses versículos quando enviou uma palavra de estímulo a João Batista (Lc 7:18-23). O Rei estava na terra compartilhando com os necessitados as bênçãos do reino vindouro.

Isaías 35:8 expressa um dos temas favoritos de Isaías: o caminho (Is 11:16; 19:23; 40:3; 62:10). Durante a invasão assíria, as estradas tornaram-se perigosas (Is 33:8), porém durante a era do reino, será seguro

viajar. Haverá um caminho especial: “o Santo Caminho”. Nas cidades da antigüidade, geralmente havia caminhos especiais usados somente pelos reis e sacerdotes, porém, quando o Messias reinar, todo seu povo será convidado a usar seu caminho. Isaías visualizou famílias judias remidas, resgatadas e jubilosas indo às festas anuais em Jerusalém para louvar ao Senhor.

Quando Isaías falou e escreveu essas palavras, é provável que os assírios já tivessem devastado a terra, destruído as colheitas e transformado as estradas em lugares perigosos de se viajar. O povo estava confinado em Jerusalém, imaginando o que aconteceria em seguida. Os membros do remanescente fiel confiavam nas promessas de Deus e clamaram ao Senhor por ajuda, e Deus respondeu a suas orações. Se Deus cumpriu suas promessas nos séculos passados e livrou seu povo, não cumprirá também sua promessa de estabelecer seu glorioso reino vindouro para seu povo escolhido? Certamente que sim!

O futuro é seu amigo quando Jesus Cristo é seu Salvador e Senhor.

INTERLÚDIO: O REI EZEQUIAS

ISAÍAS 36 – 39

Com exceção de Davi e de Salomão, nenhum outro rei de Judá recebeu tanta atenção e aprovação quanto Ezequias. Onze capítulos são dedicados a ele em 2 Reis 18 – 20; 2 Crônicas 29 – 32 e em Isaías 36 – 39. “Confiou no SENHOR, Deus de Israel, de maneira que depois dele não houve seu semelhante entre todos os reis de Judá, nem entre os que foram antes dele” (2 Rs 18:5).

Começou seu reinado em 715 a.C., apesar de ser possível que tenha governado como co-regente com seu pai desde 729 a.C. Restaurou as instalações do templo e os cultos de adoração, destruiu os ídolos e os lugares altos (santuários sobre montes onde as pessoas adoravam Jeová falsamente) e procurou conduzir o povo de volta à fé essencial no Senhor. Dirigiu o povo numa comemoração nacional de duas semanas da Páscoa e convidou os judeus do reino do Norte a participar. “Em toda a obra que começou no serviço da Casa de Deus, na lei e nos mandamentos, para buscar a seu Deus, de todo o coração o fez e prosperou” (2 Cr 31:21).

Depois da queda do reino do Norte em 722 a.C., Judá teve constantes problemas com a Assíria. Ezequias acabou rebelando-se contra a Assíria (2 Rs 18:7), e quando Senaqueribe ameaçou atacar, o rei tentou suborná-lo com tributos (vv. 13-16). Foi um deslize na fé da parte de Ezequias, e Deus não pôde abençoar sua decisão. Senaqueribe aceitou os tesouros, mas quebrou o tratado (Is 33:1) e invadiu Judá em 701 a.C. O relato do livramento miraculoso do povo por Deus nos é apresentado em Isaías 36 – 37.

De modo geral, os estudiosos da Bíblia concordam que a doença de Ezequias (Is 38) e a recepção insensata dos embaixadores (Is 39) aconteceram antes da invasão dos assírios, possivelmente entre o período em que Ezequias mandou o tributo e Senaqueribe quebrou o tratado. Então, por que esses capítulos não se encontram em ordem cronológica?

O profeta organizou os relatos como uma “ponte” entre as duas partes de seu livro. Os capítulos 36 e 37 encerram a primeira parte com ênfase na Assíria, e os capítulos 38 e 39 introduzem a segunda parte com ênfase na Babilônia. Isaías já havia mencionado a Babilônia (Is 13:1ss; 31:1ss), porém essa é a primeira vez em que ele prevê claramente o cativeiro de Judá na Babilônia.

Os capítulos 36 – 39 ensinam lições preciosas sobre a fé, a oração e os perigos do orgulho. Apesar de o contexto ser diferente nos dias de hoje, os problemas e tentações continuam os mesmos, pois a história de Ezequias é a nossa história, e o Deus de Ezequias é o nosso Deus.

DEUS SALVE O REI!

ISAÍAS 36 – 39

Dr. Henry Kissinger, ex-Secretário de Estado dos Estados Unidos, disse certa vez ao *The New York Times*: “Não pode haver uma crise na semana que vem. Minha agenda já está lotada”.

Quer nossa agenda permita quer não, as crises vêm e, às vezes, parecem se acumular. Como lidar com elas? O que a vida nos traz depende do que ela encontra em nós. Uma crise não faz a pessoa; apenas mostra do que essa pessoa é feita.

Ezequias enfrentou três crises num curto espaço de tempo: uma crise internacional (a invasão do exército assírio), uma crise pessoal (doença e quase a morte) e uma crise nacional (a visita dos embaixadores da Babilônia). Ele atravessou as duas primeiras vitorioso, mas a terceira o derrubou. Ezequias era um homem nobre e piedoso, mas, ainda assim, era apenas um homem. Isso significava que estava sujeito a todas as fragilidades humanas. Porém, antes de criticar o rei, devemos examinar melhor nossa própria vida para ver se temos sido bem-sucedidos em lidar com nossas próprias provações.

1. A CRISE DA INVASÃO

(Is 36:1 – 37:38; 2 Rs 18 – 19; 2 Cr 32)

As crises com freqüência surgem quando as circunstâncias parecem ideais para nós. Ezequias havia dirigido uma grande reforma nacional, e o povo estava reunido no temor do Senhor. Haviam deixado seus ídolos, restaurado os cultos no templo e buscado as bênçãos de Deus. Porém, em vez de receber suas bênçãos, viram-se enfrentando batalhas! “Depois destas coisas e desta fidelidade, veio Senaqueribe, rei da Assíria, entrou em Judá,

acampou-se contra as cidades fortificadas e intentou apoderar-se delas” (2 Cr 32:1).

Será que Deus havia ignorado tudo o que Ezequias e seu povo tinham feito? Claro que não! A invasão assíria era parte da disciplina do Senhor, a fim de ensinar seu povo a confiar somente nele. Até mesmo Ezequias havia, a princípio, depositado sua confiança em tratados e tesouros (2 Rs 18:13-16) só para descobrir, depois, que o inimigo ficaria com o tributo, mas não cumpriria sua promessa. Judá havia negociado a ajuda do Egito, um ato de incredulidade que Isaías reprovou com severidade (Is 30:1-7; 31:1-3). O grande propósito de Deus para a vida de fé é construir um caráter piedoso. Ezequias e seu povo precisavam aprender que andar pela fé é viver sem tramar.

Os assírios haviam atacado Judá e encontravam-se em Laquis, cidade cerca de cinqüenta quilômetros a sudoeste de Jerusalém. De acordo com 2 Reis 18:17, Senaqueribe enviou três de seus mais importantes oficiais para tomar as providências a fim de que Ezequias entregasse a cidade: Tartã (“Comandante Supremo”), Rabe-Saris (“Oficial Superior”) e Rabsaqué (“Comandante de Campo”). Essas designações são títulos militares e não nomes próprios. Três oficiais de Judá saíram ao encontro desses três homens: Eliaquim, Sebna (ver Isaías 22:15-25) e Joá (Is 36:3).

O lugar do encontro é importante, pois é exatamente o local onde Isaías confrontou Acaz, o pai de Ezequias, cerca de trinta anos antes (Is 7:3). Acaz havia se recusado a confiar no Senhor e fizera um tratado com a Assíria (2 Rs 16:5-9). Agora, os assírios estavam prontos para tomar Jerusalém! Isaías tinha avisado Acaz do que a Assíria estava planejando (Is 7:17-25) e suas palavras se cumpriram.

Reprovação (36:4-21). O discurso do comandante de campo é um dos mais insolentes e blasfemos encontrados em toda a Bíblia, pois insultou o Deus de Israel (Is 37:4, 17, 23, 24). O comandante enfatizou a “grandezza” do rei da Assíria (Is 36:4,13), pois sabia que o povo estava ouvindo e desejava assustá-los (vv. 11, 12). Seu discurso é um

exemplo de psicologia militar, na qual ele desonra tudo o que era mais precioso aos judeus. A palavra-chave é confiança, usada sete vezes (vv. 4-7, 9, 15). “Em que puseram sua confiança?”, perguntou o comandante de campo. “Não devem sentir-se seguros, pois tudo em que confiaram falhou!”

Ele começou citando a estratégia deles. Os judeus correram para o Egito em busca de ajuda, mas o Egito era apenas uma cana esmagada (Isaías havia dito a mesma coisa! Ver Is 30:1-7 e 31:1-3). Confiar no Senhor só os levaria ao fracasso. Ezequias havia desagrado ao Senhor ao remover os altares dos lugares altos e exigir que todos adorassem em Jerusalém. (O que um soldado pagão sabia sobre a adoração ao Deus verdadeiro?) Assim, de acordo com o comandante de campo, Judá não tinha mais quem o socorresse na terra (o Egito) nem no céu (o Senhor). Já estavam derrotados!

E o que dizer de seus recursos militares? Ezequias havia fortificado Jerusalém (2 Cr 32:2-8), mas Rabsaqué riu-se da força militar de Judá, pois os judeus não tinham homens, cavalos nem carros para atacar os assírios. Mesmo que a Assíria providenciasse o equipamento, os soldados judeus estavam fracos demais para derrotar até o menor dos oficiais de seu exército. Todos os carros e cavaleiros do Egito não seriam capazes de derrotar o grande exército de Senaqueribe (mais uma vez, Isaías teria concordado com ele; ver Is 30:15-17).

O golpe de misericórdia de Rabsaqué foi dizer que tudo o que a Assíria havia feito estava de acordo com a vontade do Senhor (Is 36:10). Como Judá poderia lutar contra seu próprio Deus? Em certo sentido, essa afirmação estava correta, uma vez que Deus está no controle de todas as nações (Is 10:5, 6; Dn 4:17, 25, 32; 5:21). Porém, como Senaqueribe e seu exército não tardariam em descobrir, nenhuma nação pode fazer o que bem entender e usar Deus como desculpa.

De acordo com Rabsaqué, Judá não teria como confiar em estratégias, em recursos militares e nem mesmo em seu Deus. O povo também não poderia confiar em seu

rei (Is 36:13-20). O rei da Assíria era um “grande rei”, enquanto Ezequias era um “joão-ninguém” que estava enganando o povo. Em vez de confiar nas promessas de Ezequias de que Deus os livraria, deviam confiar em Senaqueribe, que lhes prometia um lar confortável na Assíria. O povo sabia que suas lavouras, pomares e vinhas tinham sido destruídos pelo exército assírio e que Judá tinha, diante de si, um futuro sombrio. Se ficassem em Jerusalém, poderiam morrer de fome. Talvez dessem se render e, assim, garantir a própria sobrevivência e a de suas famílias.

Ezequias e Isaías tinham dito ao povo para confiar em Deus, porém Rabsaqué os lembrou de que os deuses das outras nações não foram capazes de protegê-las nem de livrá-las (Ezequias sabia o motivo; veja Is 37:18,19). Até Samaria havia sido derrotada, e eles adoravam o mesmo Deus que Judá. Para Rabsaqué, Jeová era apenas mais um deus, e Senaqueribe não precisa se preocupar com ele.

Deus nos chama a andar pela fé e não pelas aparências (2 Co 5:7). Para aqueles judeus em Jerusalém que viviam na incredulidade, os argumentos do comandante devem ter parecido extremamente razoáveis, e suas evidências, mais do que convincentes. Porém, Deus havia prometido livrar seu povo do exército assírio, e sua Palavra prevaleceria.

Arrependimento (36:22 – 37:20). Segundo as ordens de Ezequias, ninguém respondeu ao discurso de Rabsaqué. A melhor resposta para a insolência é o silêncio. O livramento de Jerusalém não dependeria de negociações com o inimigo, mas sim da confiança em Deus.

Ezequias e seus oficiais buscaram ao Senhor e humilharam-se perante ele. Ao entrarem no templo, talvez tenham se lembrado da promessa que Deus deu a Salomão depois da consagração do santuário: “se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, orar e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra” (2 Cr 7:14).

Apesar de o Senhor ter enviado a Assíria para disciplinar Judá (Is 7:17-25), havia determinado que Jerusalém não seria tomada pelo inimigo (Is 10:5-34). Antes da invasão, quando Ezequias havia ficado gravemente enfermo, Isaías havia lhe garantido o livramento (Is 38:4-6). As promessas de Deus são certas, mas seu povo deve apropriar-se delas com fé para que o Senhor possa trabalhar. Assim, o rei enviou uma mensagem a Isaías pedindo que o profeta orasse, e ele mesmo também clamou ao Senhor por socorro.

Na edificação de nossa fé, a Palavra de Deus e a oração andam juntas (Rm 10:17). Foi por isso que Isaías enviou ao rei uma mensagem do Senhor. Essa mensagem de encorajamento tinha três pontos: (1) não temas; (2) os assírios partirão; e (3) o “grande de rei” morrerá na Assíria.

Quando os três oficiais assírios voltaram para seu quartel general, receberam a mensagem de que um exército egípcio estava a caminho para defender Ezequias. Senaqueribe não queria lutar em duas frentes, de modo que começou a fazer mais pressão para que Jerusalém se rendesse imediatamente. Essa mensagem ameaçadora chegou a Ezequias na forma de uma carta que ele levou ao templo e “estendeu-a perante o SENHOR”.

A oração de Ezequias (Is 37:15-20) é repleta de teologia bíblica e não é diferente da oração da igreja em Atos 4:24-31. Afirmou sua fé no único e verdadeiro Deus vivo e o adorou. Jeová é “o SENHOR dos Exércitos” (Sl 46:7, 11). Ele é o Criador de todas as coisas (Sl 96:5) e sabe o que se passa com sua criação (ver Sl 115). O rei Ezequias não queria livramento simplesmente por causa de seu povo, mas para que o Senhor fosse glorificado (Is 37:20; Sl 46:10).

Resposta (37:21-35). A resposta de Deus a essa oração foi enviar ao rei Ezequias outras três mensagens de garantia: Jerusalém não seria tomada (vv. 22, 31-35); os assírios iriam partir (vv. 23-29); e os judeus não passariam fome (v. 30).

(1) Jerusalém seria libertada (vv. 22, 31-35). A “Filha de Sião” ainda era virgem; não tinha sido devastada pelo inimigo. Podia olhar

para os assírios e balançar a cabeça em desdém, pois não tinham como tocá-la. Deus pouparia seu remanescente e os plantaria novamente na terra.

Por que Deus livrou seu povo quando tantos não confiavam nele? Primeiro, para glorificar seu próprio nome (vv. 23, 35), exatamente como Ezequias havia pedido em sua oração (v. 20). Deus defendeu Jerusalém por amor a seu próprio nome, pois Senaqueribe havia insultado o Santo de Israel. Os assírios exaltaram-se acima dos homens e dos deuses, mas não se exaltariam acima do Deus Jeová, o Santo de Israel!

Deus também salvou Jerusalém por causa de sua aliança com Davi (v. 35; 2 Sm 7). Jerusalém era a Cidade de Davi, e Deus havia prometido que um dos descendentes de Davi reinaria no trono para sempre. Essa promessa cumpriu-se finalmente em Jesus Cristo (Lc 1:32, 33), mas Deus manteve “a lâmpada de Davi” brilhando em Jerusalém tanto quanto pôde (1 Rs 11:13, 36).

A nação dos judeus tinha uma importante missão a cumprir ao trazer o Salvador para o mundo, e nenhum exército poderia frustrar os propósitos do Deus Todo-Poderoso. Mesmo considerando que apenas um remanescente de judeus permaneceria, Deus usaria seu povo para atingir seus propósitos divinos e para cumprir sua promessa a Abraão de que o mundo inteiro seria abençoado por meio dele (Gn 12:1-3).

(2) Os assírios iriam partir (vv. 23-29). Deus se dirigiu ao orgulhoso rei assírio e lembrou-o de todas as palavras jactanciosas proferidas por ele e por seus oficiais. A primeira pessoa do singular (eu, meu, mim) é usada com freqüência nessa passagem. Isso nos lembra das palavras de Lúcifer em Isaías 14:12-17 e da parábola de Jesus em Lucas 12:13-21. “A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda” (Pv 16:18).

Senaqueribe vangloriava-se de seu poder militar e de suas grandes conquistas, pois não havia obstáculos em seu caminho. Como um deus, caso desejasse, poderia até mesmo secar os rios! Mas o rei assírio se esqueceu de que era apenas um “instrumento” nas mãos de seu Criador para cumprir os

propósitos dele aqui na Terra, e um instrumento não deve gabar-se diante de seu Criador (Is 10:5-19). Deus humilharia Senaqueribe e seu exército tratando-os como gado e levando-os para longe de Jerusalém (Is 37:7, 29).

(3) O povo não passaria fome (v. 30). Não sabemos em qual mês do ano esses acontecimentos ocorreram, mas deve ter sido depois da época da semeadura de uma nova safra. Antes que o povo fizesse a terra recobrar sua produtividade normal, os judeus teriam de comer o que nascesse espontaneamente de plantações anteriores, o que seria um exercício de fé. Também teriam de reparar suas lavouras e propriedades depois de todo o estrago feito pelo exército assírio. Porém, o mesmo Deus que os livrou supriria suas necessidades. Tudo voltaria a ser como em anos anteriores, depois do Ano do Jubileu (Lv 25:1-24).

Alguns estudiosos das Escrituras acreditam que o Salmo 126 foi escrito para comemorar o livramento de Jerusalém do exército assírio. O salmo certamente não é uma referência ao livramento dos judeus do cativeiro da Babilônia, pois esse não foi um fato que surpreendeu judeus e gentios, nem os gentios louvaram Jeová pelo livramento de Israel da Babilônia. O Salmo 126 encaixa-se melhor com os eventos descritos em Isaías 36 e 37.

A promessa da colheita, no versículo 30, é paralela ao Salmo 126:5, 6. Sem dúvida, a semente era uma preciosidade naqueles dias! Aqueles grãos poderiam ser usados para fazer pão e sustentar a família, mas o pai deveria semeá-los e, por isso, chorava enquanto plantava as sementes. No entanto, Deus prometeu uma safra e cumpriu sua promessa. O povo não passou fome.

Retaliação (37:36-38). Rabsaqué havia zombado dizendo que o menor de seus oficiais era mais forte que dois mil cavaleiros judeus (Is 36:8, 9), mas foi preciso apenas um anjo de Deus para destruir 185 mil soldados assírios (ver Éx 12:12 e 2 Sm 24:15-17)! Isaías tinha profetizado a destruição do exército assírio. Deus os derrubaria como a uma floresta (Is 10:33, 34), os arrasaria como

uma tempestade (Is 30:27-30) e os lançaria ao fogo como lixo no depósito da cidade (vv. 31-33).

Mas não foi só isso. Depois que Senaqueribe deixou Judá derrotado, voltou para sua capital, Nínive. Vinte anos mais tarde, como resultado de uma briga pelo poder entre seus filhos, Senaqueribe foi assassinado por dois deles, cumprindo-se assim a profecia de Isaías (Is 37:7); e isso aconteceu no templo de seu deus! Rabsaqué ridicularizou os deuses das nações, mas o deus de Senaqueribe não foi capaz de protegê-lo.

2. A CRISE DE ENFERMIDADE (Is 38:1-22; 2 Rs 20:1-11)

Perigo (38:1). Como foi mencionado anteriormente, esse acontecimento ocorreu antes da invasão assíria (ver v. 6). Quando o governante de um país fica doente ou é ferido, isso repercute no mercado de ações e nos noticiários. Imagine como o povo de Judá reagiu quando ouviu que o rei estava morrendo – e que a Assíria estava a caminho! Caso seu líder piedoso morresse, quem os governaria?

Contudo, havia muito mais em jogo. Ao que parece, Ezequias não tinha um filho e, portanto, precisaria indicar um parente próximo para assumir o trono de Davi. A promessa de Deus a Davi iria falhar? (2 Sm 7:16). E por que falharia justamente num momento de calamidade nacional?

Oração (vv. 2, 3). O rei não se voltou para a parede em atitude de indignação e de desgosto, como fez Acabe (1 Rs 21:4), mas para ter privacidade em sua oração. Também é possível que estivesse olhando em direção ao templo (1 Rs 8:28-30). Alguns criticaram Ezequias por chorar e orar, dizendo que sua oração foi egoísta, mas a maioria de nós teria orado da mesma forma. É natural desejar viver e continuar a servir a Deus. Além do mais, Ezequias estava preocupado com o futuro de seu trono e de sua nação.

O rei não pediu a Deus para salvá-lo por ser um servo fiel (Is 38:3). Isso teria sido uma forma sutil de suborno. Em vez disso, pediu a Deus para livrá-lo a fim de que pudesse continuar servindo e completasse a restauração

espiritual do país. Sem dúvida, estava preocupado com sua própria vida, como qualquer um de nós estaria, mas também estava pesaroso por seu povo.

Promessa (vv. 4-8). O pedido foi atendido rapidamente, pois Isaías não havia se afastado muito do quarto do rei quando Deus lhe deu a resposta (2 Rs 20:4). O profeta se tornou o médico do rei e disse aos servos qual remédio aplicar (Is 38:21). Deus pode curar usando quaisquer meios que desejar. Isaías também disse ao rei que sua vida seria prolongada por quinze anos. O rei pediu uma confirmação dessa promessa (v. 22), e Deus lhe deu um sinal. O relógio de sol era provavelmente um pilar cuja sombra projetada mostrava as horas numa escadaria dupla. Em outra promessa, Isaías assegurou ao rei que os assírios não tomariam Jerusalém.

Meditação (vv. 9-20). Ezequias foi autor de salmos (v. 20) e supervisionou um grupo de estudiosos que copiaram as Escrituras do Antigo Testamento (Pv 25:1). Nessa bela meditação, o rei nos diz como se sentiu durante sua enfermidade e convalescência. O rei passou por algumas experiências novas que o transformaram.

Em primeiro lugar, Deus lhe deu uma nova apreciação da vida (Is 38:9-12). Não damos o devido valor à vida até que ela esteja prestes a nos ser tomada. Então, nos agarramos a ela o quanto podemos. Para Ezequias, a morte era o fim de uma jornada (vv. 11, 12), como uma tenda recolhida (v. 12a; ver também 2 Co 5:1-8) ou um pedaço de pano cortado (Is 38:12b). A vida estava se segurando por um fio!

Também passou a ter um novo apreço pela oração (vv. 13, 14). Não fosse pela oração, Ezequias não teria sobrevivido. À noite, o rei sentia-se como um animal amedrontado sendo atacado por um leão feroz, e, durante o dia, como um pássaro indefeso. Nesse tempo de sofrimento, Ezequias examinou seu próprio coração, confessou seus pecados, e Deus o perdoou (v. 17).

O rei passou a ter um novo apreço por oportunidades de servir (vv. 15-20). Havia uma nova humildade em seu modo de viver,

um profundo amor pelo Senhor em seu coração e um novo cântico de louvor em seus lábios. Tinha uma nova determinação para louvar a Deus todos os dias de sua vida, pois cada um era importante para ele. "Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio" (Sl 90:12).

Alguns estudiosos acreditam que Ezequias fez mal em pedir a Deus para poupar sua vida. Três anos depois, seu filho Manassés nasceu (2 Rs 21:1). Manassés reinou 55 anos e foi o rei mais perverso de toda a dinastia! Se Ezequias tivesse morrido sem deixar herdeiros, isso não teria acontecido. Mas não temos garantia alguma de que qualquer outro sucessor teria feito melhor. Além disso, o neto de Manassés foi o piedoso rei Josias, que se dedicou a conduzir a nação de volta ao Senhor. Depois de ser disciplinado por Deus, Manassés se arrependeu e terminou seus dias servindo ao Senhor (2 Cr 33:11-20). Não é sábio conjecturar sobre as atitudes de Deus nem sobre os acontecimentos da História.

3. A CRISE DA INVESTIGAÇÃO (Is 39:1-8).

As notícias sobre a enfermidade de Ezequias e sua recuperação haviam se espalhado tanto que até o povo da Babilônia ficou sabendo (2 Cr 32:23). Pelo fato de Ezequias ser um homem ilustre, era natural que outras nações se preocupassem com ele e desejasse obter seu favor. Naquele tempo, a estabilidade de Judá era importante para o equilíbrio do poder. Nessa época, a Babilônia ainda não era uma potência, e poucos imaginavam que, um dia, a Assíria entraria em colapso e seria substituída pela Babilônia. É evidente que Deus sabia disso, mas Ezequias não buscava a orientação do Senhor.

O motivo declarado da missão diplomática era honrar Ezequias e celebrar oficialmente sua recuperação. Porém, o motivo real era obter informações sobre os recursos financeiros de Judá. Afinal, a Babilônia poderia precisar de parte daquela riqueza em suas futuras negociações ou batalhas. É provável, também, que Ezequias estivesse à procura de ajuda dos babilônios contra a Assíria.

Quando Satanás não consegue nos derrotar como um “leão que ruge” (1 Pe 5:8, 9), vem como a serpente enganadora (2 Co 11:3). O que a Assíria não conseguiu com armas, a Babilônia obteve por meio de presentes. Deus permitiu ao inimigo testar Ezequias para que o rei orgulhoso desbrisasse o que, de fato, se passava em seu coração (2 Cr 32:31).

Motivado por seu orgulho, Ezequias cometeu o grande erro de mostrar a seus visitantes toda a sua riqueza. Depois de uma fase de grande sofrimento, às vezes é tão bom sentir-se bem que baixamos a guarda e deixamos de vigiar e orar. O rei estava desfrutando sua fama e fortuna e, ao que parece, negligenciando sua vida espiritual. Ezequias estava mais seguro enquanto enfermo do que como um homem saudável no trono. Se tivesse, primeiramente, consultado Isaías, é bem provável que não tivesse cometido tal gafe.

O profeta lembrou a Ezequias que, como rei, era apenas o administrador da riqueza de Judá e não seu proprietário (Is 39:6). Parte daquela fortuna havia vindo de reis anteriores, e Ezequias não podia tomar o crédito para si. Todos nós somos apenas mordomos daquilo que Deus nos dá e não temos direito algum de nos vangloriar. “Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?” (1 Co 4:7). “Respondeu João: O homem

não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada” (Jo 3:27).

Isaías 39:7 é a primeira proclamação explícita do futuro cativeiro de Judá na Babilônia. Apesar das reformas de Ezequias, no século seguinte a nação entrou em declínio espiritual, e em 586 a.C. a Babilônia destruiu Jerusalém e levou o povo cativo. A causa desse julgamento não foi o pecado de Ezequias, mas sim os pecados dos governantes, sacerdotes e falsos profetas que se acumularam, ano após ano, até que Deus não pôde mais suportar (2 Cr 36:13-16).

Será que a resposta de Ezequias em Isaías 39:8 foi uma expressão de alívio por ter escapado de uma situação difícil? Se esse foi o caso, tratou-se de uma grande falta de sensibilidade alegrar-se com o fato de que as gerações futuras sofreriam o que ele deveria ter sofrido! Sua declaração se parece mais com a expressão de sua humilde aceitação da vontade de Deus, e 2 Crônicas 32:26 apóia essa idéia. De fato, o rei se humilhou perante o Senhor, e Deus o perdoou.

Mesmo os maiores e mais piedosos servos do Senhor podem se tornar orgulhosos e desobedecer a Deus, de modo que devemos orar pelos líderes cristãos para que permaneçam humildes diante de seu Mestre. Porém, se algum deles pecar, o Senhor está disposto a perdoar quando se arrependerem sinceramente e confessam o pecado (1 Jo 1:9). O “coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus” (Sl 51:17).

INTERLÚDIO: “O LIVRO DA CONSOLAÇÃO”

ISAÍAS 40 – 66

O Livro de Isaías pode ser considerado uma “Bíblia em miniatura”. Há sessenta e seis capítulos em Isaías e sessenta e seis livros na Bíblia. Os trinta e nove capítulos da primeira parte do livro de Isaías podem ser comparados ao Antigo Testamento, com seus trinta e nove livros, sendo que ambos se concentram principalmente no julgamento do pecado por Deus. Os vinte e sete capítulos da segunda parte podem ser vistos como paralelos aos vinte e sete livros do Novo Testamento, sendo que ambos enfatizam a graça de Deus.

A seção do “Novo Testamento” de Isaías começa com o ministério de João Batista (Is 40:3-5; Mc 1:1-4) e encerra com o novo céu e a nova terra (Is 65:17; 66:22); entre um e outro, há várias referências ao Senhor Jesus Cristo como Salvador e Rei. É evidente que a divisão dos capítulos em Isaías não faz parte do texto original inspirado, mas ainda assim a comparação é interessante.

Nessa seção, o profeta dirige-se particularmente a uma geração futura de judeus. Nos capítulos 1 – 39, seus ouvintes eram o povo de seu tempo, e sua mensagem principal era que Deus defenderia Jerusalém e derrotaria os invasores assírios. Porém, nos capítulos 40 – 66, o profeta olha mais adiante e vê a Babilônia destruindo Jerusalém e os judeus indo para o cativeiro (o que ocorreu em 586 a.C.). Contudo, também vê Deus perdoando seu povo, libertando os judeus do cativeiro e levando-os de volta para Jerusalém, a fim de reconstruírem o templo e de restaurarem a nação.

O personagem principal do cenário mundial em Isaías 1 – 39 é Senaqueribe, rei da

Assíria. No entanto, nos capítulos 40 – 66, o líder mundial é Ciro, rei da Pérsia. Foi Ciro quem derrotou os babilônios e, em 541 a.C., publicou o edicto que permitiu aos judeus voltarem a sua terra e reconstruírem a cidade e o templo (Ed 1:1-4). Quando Isaías escreveu essas mensagens, a Babilônia ainda não era um potência mundial, mas o profeta foi inspirado por Deus a ver o rumo que o cenário internacional tomaria.

Os capítulos 40 – 66 podem ser divididos em três partes (40 – 48; 49 – 57 e 58 – 66), com a mesma declaração separando as duas primeiras seções: “Para os perversos, todavia, não há paz, diz o SENHOR” (Is 48:22; 57:21). Os capítulos 40 – 48 enfatizam a grandeza de Deus, o Pai, em contraste com a inutilidade dos ídolos pagãos. Os capítulos 49 – 57 exaltam a graça de Deus o Filho, o Servo Sofredor; e os capítulos 58 – 66 destacam a glória de Deus no reino vindouro, enfatizando a obra do Espírito Santo (Is 59:19, 21; 61:1ss; 63:10, 11, 14). Assim, ao que parece, esses capítulos possuem uma estrutura trinitária.

O cerne de Isaías 40 – 66 é constituído pelos capítulos 49 – 57, nos quais Isaías exalta o Messias, o Servo Sofredor de Deus. E o núcleo dos capítulos 49 – 57 é Isaías 52:13 – 53:12, a descrição da morte substitutiva do Salvador pelos pecados do mundo. Esse é o quarto “cântico do Servo” em Isaías, sendo os outros Isaías 42:1-7; 49:1-6 e 50:1-11. Nossa Senhor Jesus Cristo e seu sacrifício na cruz pelos nossos pecados ocupa o centro da seção de Isaías equivalente ao “Novo Testamento”. Não é sem motivo que Isaías foi chamado de “profeta evangélico”.

Os rabinos chamaram Isaías 40 – 66 apropriadamente de “Livro da Consolação”. Isaías procurou consolar os judeus remanescentes na Babilônia, depois seus anos difíceis no cativeiro, e assegurar-lhes que Deus estava com eles e que os conduziria para casa a salvo. Juntamente com palavras de conforto, o profeta também revelou o Messias, o Servo Sofredor de Deus, e escreveu a futura reunião de Israel bem como o reino prometido. Isaías viu na restauração

de Israel um antegozo do que Deus faria por eles no final dos tempos, depois do "Dia do SENHOR" e da destruição da última "Babilônia" do mundo (Ap 17 – 19).

Assim, ao estudar Isaías 40 – 66, tenha sempre em mente que essa mensagem era dirigida a um grupo de judeus refugiados e desanimados, que tinha diante de si uma longa viagem de volta para casa e uma difícil

tarefa quando chegasse lá. Observe como Deus diz repetidamente: "não temas!" e lhes garante, com freqüência, seu perdão e sua presença. Não é de se admirar que, durante séculos, o povo de Deus tenha buscado nesses capítulos segurança e encorajamento nos momentos difíceis da vida; pois, nessas mensagens, Deus diz a todo o seu povo: "Sejam consolados!"

QUÃO GRANDE ÉS TU!

ISAÍAS 40 – 48

Nos dias de hoje, temos a oportunidade não apenas de nos transformarmos numa sociedade rica e poderosa, mas também de nos elevarmos a uma Grande Sociedade.” O presidente dos Estados Unidos, Lyndon B. Johnson, disse essas palavras na Universidade de Michigan em 22 de maio de 1964. Ao lê-las quatro décadas depois, me pergunto: “Como será que os judeus cativos na Babilônia teriam interpretado as palavras do presidente?”

Uma sociedade rica? Eram refugiados cuja terra e cidade santa estavam em ruínas.

Uma sociedade poderosa? Sem um rei ou exércitos, encontravam-se fracos e indefesos diante das nações a seu redor.

Uma grande sociedade? Haviam pecado rebelando-se contra Deus e tiveram de sofrer grande humilhação e disciplina. Tinham pela frente um desafio monumental, mas lhes faltavam recursos humanos.

Por isso, o profeta admoestou-os a não olhar para si mesmos, mas sim a olhar com fé para o Deus poderoso que os amava e que prometeu fazer grandes coisas por eles. “Não temas!” exortou Isaías. “Eis aí está o vosso Deus!” (Is 40:9).

Anos atrás, um dos ouvintes de meu programa de rádio enviou um pensamento que me serviu de estímulo em várias ocasiões: “Olhe para os outros e ficará angustiado. Olhe para si mesmo e ficará deprimido. Olhe para Deus e será abençoado!” Pode não ser uma obra-prima literária, mas certamente contém uma excelente teologia prática. Quando as perspectivas são sombrias, precisamos olhar para o alto. “Levantai ao alto os olhos e vede. Quem criou estas coisas?

[...] por ser ele grande em força e forte em poder” (Is 40:26).

Quando, assim como o Israel da Antiguidade, você se deparar com uma tarefa difícil e um futuro impossível, siga o exemplo deles e lembre-se da grandeza de Deus. Nestes nove capítulos, o profeta descreve a grandeza de Deus em três áreas distintas da vida.

1. DEUS É MAIOR QUE NOSSAS CIRCUNSTÂNCIAS (Is 40:1-31)

As *circunstâncias que nos precedem* (vv. 1-11). Ao olhar para trás, o remanescente da Babilônia via suas falhas e pecados e precisava de encorajamento. Podem-se ouvir quatro vozes, cada uma delas com uma mensagem especial a esse povo necessitado.

(1) A voz de perdão (vv. 1, 2). A nação havia pecado grandemente contra o Senhor, por sua idolatria, injustiça, imoralidade e insensibilidade para com seus mensageiros (Jr 7). Porém, os judeus ainda eram o povo de Deus, e ele os amava. Apesar de tê-los disciplinado, não os abandonaria. No texto original, “consolar” significa “falar ao coração” e “tempo da sua misericórdia” é uma referência aos tempos de “grandes provações”. A expressão “em dobro” não sugere que Deus os havia disciplinado injustamente, pois, mesmo em seus castigos, ele é misericordioso (Ed 9:13). Deus os disciplinou em proporção direta a tudo o que eles haviam feito (Jr 16:18). Não devemos pecar, mas, caso isso aconteça, Deus está esperando para nos perdoar (1 Jo 1:5 – 2:2).

(2) A voz da providência (vv. 3-5). Os judeus tinham uma dura jornada pela frente quando voltaram para reconstruir Jerusalém e o templo, mas o Senhor iria na frente a fim de abrir caminho. Vemos aqui a figura de um emissário consertando as estradas e removendo os obstáculos, preparando o caminho para a vinda de um rei. A figura do caminho ou da estrada aparece com freqüência nas profecias de Isaías (ver Is 11:16). É evidente que o cumprimento pleno dessas palavras pode ser observado no ministério de João Batista, quando este preparou o caminho para o ministério de Jesus Cristo

Mt 3:1-6). Em termos espirituais, Israel estava vivendo no deserto quando Jesus veio, mas em sua vinda, o Salvador trouxe a glória de Deus (Jo 1:14). O caminho de volta pode ser penoso, mas se confiarmos em Deus, ficará mais fácil.

(3) A voz da promessa (vv. 6-8). “Toda a carne é erva.” A Assíria havia partido e a Babilônia também. Assim como a grama, as nações e seus líderes cumprem seu propósito e, depois, desaparecem, mas a Palavra de Deus permanece para sempre (Sl 37:1, 2; 90:1-6; 103:15-18; 1 Pe 1:24, 25). Ao começar sua longa jornada para casa, Israel podia contar com as promessas de Deus. Talvez estivessem se apropriando especialmente de 2 Crônicas 6:36-39.

(4) A voz da paz (vv. 9-11). Aqui a própria nação sai do vale e vai até o alto das montanhas para declarar a vitória de Deus sobre o inimigo. A boa notícia anunciada naquele tempo foi a derrota da Babilônia e a libertação dos judeus cativos (Is 52:7-9). A boa notícia hoje é a derrota de Satanás por Jesus Cristo e a salvação de todos aqueles que crerem no Senhor (Is 61:1-3; Lc 4:18, 19). O braço de Deus é poderoso para dominar a batalha (Is 40:10), mas também é um braço de amor para carregar suas ovelhas cansadas (v. 11). “Estamos indo para casa!” – sem dúvida essa foi uma boa notícia para as cidades devastadas de Judá (Is 1:7; 36:1; 37:26).

As circunstâncias diante de nós (vv. 12-26). Os judeus eram poucos, apenas um remanescente, e tinham diante deles uma longa e difícil jornada. As vitórias da Assíria, da Babilônia e da Pérsia deram a impressão de que os falsos deuses dessas nações gentias eram mais fortes do que o Deus de Israel, porém Isaías lembrou seu povo da grandeza de Jeová. Ao contemplar a grandeza de Deus, você verá a vida com uma perspectiva correta.

Deus é maior do que qualquer coisa na Terra (vv. 12-20) ou no céu (vv. 21-26). A criação mostra sua sabedoria, seu poder e sua infinitude. Ele é maior do que as nações e seus ídolos. Fundou a Terra e está assentado no trono celeste; nada pode se igualar a

nossa Deus, muito menos ser maior do que ele. Da próxima vez que você se sentir tentado a pensar que o mundo é maior do que Deus, lembre-se do “pingo que cai de um balde” (v. 15) e dos “gafanhotos” (v. 22; ver Nm 13:33). E se você sentir-se tão pequeno a ponto de se perguntar se Deus se importa, de fato, com sua vida, lembre-se de que ele sabe o nome de cada estrela (Is 40:26) e o seu nome também (ver Jo 10:3, 27)! O mesmo Deus que dá nome às estrelas e as conta pode curar seu coração partido (Sl 147:3, 4).

Alguém definiu as “circunstâncias” como “as coisas horríveis que vemos ao desviarmos o nosso olhar de Deus”. Se você olhar para Deus por meio das suas circunstâncias, ele parecerá muito pequeno e distante, porém, se, pela fé, você olhar para as suas circunstâncias por meio de Deus, ele se colocará a seu lado e lhe revelará sua grandeza.

As circunstâncias dentro de nós (vv. 27-31). Em vez de louvar ao Senhor, a nação estava se queixando de que ele agia como se não soubesse da situação deles nem se importasse com os problemas que enfrentavam (v. 27; Is 49:14). Em vez de ver a porta aberta, os judeus enxergavam apenas uma longa estrada a sua frente e queixaram-se de não ter forças para andar. Deus estava lhes pedindo que fizessem o impossível.

Contudo, Deus sabe como nos sentimos, conhece nossos medos e sabe como suprir todas as nossas necessidades. Não somos capazes de obedecer a Deus com nossas próprias forças, mas podemos sempre confiar nele para nos prover a energia de que precisamos (Fp 4:13). Se confiarmos em nós mesmos, iremos desfalecer e cair, mas se esperarmos no Senhor com fé, receberemos forças para prosseguir. A palavra “esperar” não sugere que nos sentemos aguardando sem fazer coisa alguma. Significa “ter esperança”, buscar em Deus tudo de que precisamos (Is 26:3; 30:15). Isso inclui meditar no caráter e nas promessas de Deus, orar e buscar sua glória.

A palavra “renovar” significa “trocar”, assim como se tira uma roupa velha para se colocar roupas novas. Trocamos nossas

fraquezas pelo poder de Deus (2 Co 12:1-10). Quando esperamos nele, Deus permite que sejamos elevados acima de uma crise, que corramos quando os desafios são muitos e que andemos confiantes em meio às exigências cotidianas. É muito mais difícil caminhar sob as pressões comuns da vida do que voar como a águia num período de crise.

“Posso labutar”, disse William Carey, pai das missões modernas. “É o meu único dom. Posso perseverar em qualquer atividade que me seja determinada. Devo tudo em minha vida a isso.”

Uma jornada de mil quilômetros começa com o primeiro passo. Os grandes heróis da fé nem sempre são aqueles que parecem elevar-se acima dos problemas, mas sim os que labutam pacientemente. Ao esperar no Senhor, ele nos permite não apenas voar e correr mais rápido, mas também andar por mais tempo. Bem-aventurados os que labutam, pois um dia chegarão a seu destino!

2. DEUS É MAIOR QUE NOSSOS MEDOS (Is 41:1 – 44:28)

Em sete ocasiões nesta seção do livro, o Senhor diz a seu povo: “Não temas!” (Is 41:10, 13, 14; 43:1, 5; 44:2, 8); também a nós nos exortamos a não temermos hoje. Ao encarar o desafio da longa caminhada para casa e a difícil tarefa de reconstrução, os judeus remanescentes tiveram motivos de sobra para temer. Contudo, havia uma grande razão para não ter medo: o Senhor estava com eles e lhes daria sucesso.

Deus procurou acalmar seus medos garantindo que iria à frente deles e que trabalharia por eles. O Senhor explicou uma verdade maravilhosa: empregou três servos que cumpririam seu propósito: Ciro, rei da Pérsia (Is 41:1-7), a nação de Israel (vv. 8-29; Is 43:1 – 44:27) e o Messias (Is 42:1-25).

Ciro, o servo de Deus (41:1-7). Deus convocou todos ao tribunal e pediu às nações que apresentassem suas acusações contra ele, se fossem capazes. Pelo menos dezessete vezes em suas profecias Isaías escreveu sobre “terras do mar”, referindo-se aos lugares mais distantes da terra santa (Is 11:11; 24:15; 41:1, 5; 42:4, 10, 12). O Senhor

desafiou as nações dizendo: “Apresentai a vossa demanda” (Is 41:21).

Deus não teme as nações, pois é maior do que elas (Is 40:12-17); controla sua ascensão e queda. O Senhor anunciou que levantaria um governante chamado Ciro, o qual faria a obra justa de Deus na Terra ao derrotar outras nações em favor do povo de Deus, Israel. Ciro seria um pastor (Is 44:28) ungido por Deus (Is 45:1), uma ave de rapina que não poderia ser detida (Is 46:11). “Pisará magistrados como lodo e como o oleiro pisa o barro” (Is 41:25).

Isaías chamou Ciro pelo nome mais de um século antes do nascimento do rei (590? - 529 a.C.). Apesar de o profeta não usar, em momento algum, a designação “servo de Deus” para o governante, Ciro serviu ao Senhor ao cumprir o propósito de Deus na Terra. Deus entregou-lhe as nações e ajudou-o a conquistar grandes reis (Is 45:1-4). O inimigo foi soprado para longe como restolho e pó, pois o Deus eterno estava comandando o exército.

Ao atravessar as regiões leste e norte da terra santa (Is 41:25), Ciro trouxe medo às nações e levou-as a voltarem-se para seus ídolos. Numa sátira mordaz, Isaías descreve vários trabalhadores cooperando entre si para manufaturar um deus que, no final, não seria capaz de ajudá-los!. Quando o Senhor do céu está encarregado da conquista, que resistência os homens ou seus falsos deuses podem lhe oferecer?

É possível que Ciro tivesse pensado que realizava seus próprios planos, mas na verdade estava fazendo a vontade de Deus (Is 44:28). Ao derrotar a Babilônia, Ciro permitiu que os judeus cativos fossem libertos e que voltassem para sua terra, a fim de reconstruir Jerusalém e o templo (Ed 1:1-4). “Eu, na minha justiça, suscitei a Ciro e todos os seus caminhos endireitarei; ele edificará a minha cidade e libertará os meus exilados” (Is 45:13).

Às vezes nos esquecemos de que Deus pode usar até mesmo líderes não cristãos para o bem de seu povo e para o progresso de sua obra. Levantou o Faraó no Egito para que pudesse demonstrar seu poder

Rm 9:17) e também usou o fraco Herodes e o covarde Pôncio Pilatos para realizar o plano da crucificação de Cristo (At 4:24-28). “Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do SENHOR; este, segundo o seu querer, o inclina” (Pv 21:1).

Israel, o servo de Deus (41:8-29; 43:1 – 44:28). O profeta apresenta quatro retratos para encorajar o povo. Em contraste com o medo experimentado pelas nações gentias, vê-se a confiança demonstrada por Israel, o servo escolhido de Deus (Is 41:8-13), pois Deus estava operando em seu favor. Apesar de sua antiga rebelião, Israel não foi rejeitado pelo Senhor. Os judeus cativos não precisavam temer nem Ciro e nem a Babilônia, pois Ciro estava trabalhando para Deus, e a Babilônia logo desapareceria. Ao ler esse parágrafo, podemos sentir o amor de Deus por seu povo e seu desejo de encorajá-lo a confiar nele quanto ao futuro.

O título “meu servo” é muito honrado e foi usado para grandes líderes como Moisés (Nm 12:7), Davi (2 Sm 3:18), os profetas (Jr 7:25) e o Messias (Is 42:1). Havia, porém, alguma honra em ser chamado de “verme”? (Is 41:14-16). “Servo” define o que eles eram pela graça e vocação de Deus, mas “verme” descreve o que eram em si mesmos. Imagine um verme com dentes e triturando montanhas até o pó, como se fosse palha! Todas as montanhas e montes seriam aplaniados (Is 40:4), à medida que a nação marchasse com fé, e o Senhor tornaria as montanhas em outeiros.

Das figuras de servo e de verme, Isaías mudou para o retrato do deserto se transformando em jardim (Is 41:17-20). Esse retrato nos faz lembrar de Israel perdido no deserto e de Deus suprindo tudo de que os israelitas necessitavam. Água e árvores são recursos importantes no Oriente, e Deus proverá ambas a seu povo. Sem dúvida, Isaías também estava olhando além do regresso da Babilônia para o reino vindouro, quando “o deserto e a terra se alegrarão; o ermo exultará e florescerá como o narciso” (Is 35:1).

A última cena é a de um tribunal (Is 41:21-29). “Apresentai a vossa demanda”

significa “apresente seu caso!”. Deus desafiou os ídolos das nações a provarem que eram deuses de verdade. Alguma de suas previsões se cumpriu? O que eles disseram sobre o futuro? Anunciaram que Ciro apareceria em cena ou que Jerusalém seria restaurada? “Mas não há quem anuncie, nem tampouco quem manifeste, nem ainda quem ouça as vossas palavras” (v., 26). Não apenas os ídolos eram incapazes de fazer qualquer previsão verdadeira, como também não conseguiam nem sequer falar! O julgamento do tribunal foi inequívoco: “Eis que todos são nada; as suas obras são coisa nenhuma; as suas figuras de fundição, vento e vácuo” (v. 29).

Isaías dá continuidade ao tema do “servo do Deus de Israel” nos capítulos 43 – 44 com ênfase no Deus Redentor de Israel (Is 43:1-7; ver também v. 14; Is 44:6, 22-24). A palavra traduzida por “redimir” ou “Redentor” é o termo hebraico para “parente resgatador”, alguém próximo que poderia resgatar pessoas da família da escravidão e resgatar suas propriedades mediante o pagamento de suas dívidas (ver Lv 25:23-28 e o Livro de Rute). Deus deu o Egito, a Etiópia (Cuxe) e Sabá para Ciro como preço do resgate por ter libertado Israel da Babilônia, pois Israel era muito precioso para o Senhor. Também deu seu único Filho como resgate pelos pecadores (Mt 20:28; 1 Tm 2:6).

Israel é o servo de Deus no mundo e também a testemunha de Deus para o mundo (Is 43:8-13). Trata-se de outra cena de um tribunal, em que Deus desafia os ídolos. “Que tragam suas testemunhas!”, diz o Juiz, mas é claro que os ídolos são inúteis e mudos. Em duas ocasiões, o Senhor diz a Israel: “Vós sois as minhas testemunhas”(vv. 10, 12), pois foi na história de Israel que Deus revelou-se ao mundo. Frederico, o Grande, perguntou ao marquês D’Argens: “Você pode me dar uma única prova irrefutável da existência de Deus?” Ao que o marquês respondeu: “Sim, majestade, o povo judeu”.

Além da nova liberdade e do novo testemunho de Israel, Isaías também escreveu sobre o novo “êxodo” (vv. 14-28). Assim como Deus guiou seu povo para fora do

Egito e através do mar Vermelho (Êx 12 - 15), também os conduziria para fora da Babilônia através do deserto e até seu lar na Terra Santa. Assim como derrotou o exército do Faraó (Êx 14:28; 15:4), também derrotaria os inimigos de Israel, que seriam “apagados como uma torcida” (Is 43:17), ou seja, como o pavio de uma vela.

Quando Deus perdoa e restaura seu povo, deseja que se esqueçam das falhas do passado, que dêem testemunho dele no presente e que se apropriem de suas promessas para o futuro (vv. 18-21). Por que deveríamos nos lembrar de algo que Deus já esqueceu? (v. 25). O Senhor perdoou os israelitas não porque tivessem levado sacrifícios – pois não havia altares na Babilônia –, mas unicamente por sua misericórdia e graça.

Deus escolheu Israel e os redimiu, mas também os formou para si (Is 44:1-20). Neste capítulo, Isaías compara a formação de Israel por Deus (vv. 1-8) com os gentios que faziam seus próprios ídolos (vv. 9-20). A oração “que te criou” (Is 43:1, 7, 21; 44:2, 24) é um tema especial nos capítulos 43 - 44. Pelo fato de Deus ter formado, escolhido e redimido seu povo, os israelitas não precisavam temer coisa alguma. Ele derramaria água sobre a terra e seu Espírito sobre o povo (Is 59:21; Ez 34:26; Jl 2:28, 29; Jo 7:37-39), e ambos prosperariam para a glória do Senhor. O cumprimento final dessas palavras será no reino vindouro, quando o Messias governará.

Isaías 44:9-20 mostra a insensatez da idolatria e deve ser comparado com o Salmo 115. Aqueles que defendem ídolos e que os adoram são como eles: cegos, ignorantes e insignificantes. Deus fez as pessoas à sua própria imagem, e agora elas faziam deuses à imagem delas! Parte de uma árvore se tornava um deus e o restante era usado como lenha. O adorador “alimentava as cinzas” sem obter benefício algum dessa adoração.

Mas Deus formou Israel (Is 44:21, 24), perdoou os pecados de seu povo (v. 22; ver Is 43:25) e é glorificado por meio dele (Is 44:23). Ele fala a seu povo e é fiel no cumprimento de sua Palavra (v. 26). Que possamos sempre apreciar o privilégio que temos de conhecer e de adorar o verdadeiro Deus vivo!

O Messias, o Servo de Deus (Is 42). Isaías 42:1-7 é a primeira de quatro referências aos “cânticos do servo”, em Isaías, aludindo ao Servo de Deus, o Messias. As outras são Isaías 49:1-6; 50:1-11; e 52:13 - 53:12. Compare “Eis que todos [os ídolos] são nada” (Is 41:29) com “Eis aqui o meu servo” (Is 42:1). Mateus 12:14-21 aplica essas palavras ao ministério de Jesus Cristo aqui na Terra. Ele poderia ter destruído os inimigos (a cana e o linho), mas foi paciente e misericordioso. O Pai se agrada de seu Filho (Mt 3:17; 17:5).

É por meio do ministério do Servo que Deus realizará seu grande plano de salvação para o mundo. Deus o escolheu, levantou e capacitou para ser bem-sucedido em sua missão. Por causa da morte e da ressurreição de Jesus Cristo, um dia haverá um reino glorioso, e Deus “promulgará o direito para os gentios [nações]” (Is 42:1). Jesus Cristo é “a luz do mundo” (Jo 8:12), e isso inclui os gentios (Is 42:6; At 13:47, 48; Lc 1:79). Isaías 42:7 refere-se ao livramento do cativeiro na Babilônia (Is 29:18; 32:3; 35:5) bem como ao livramento dos pecadores da condenação (Is 61:1-3; Lc 4:18, 19).

A seção final (Is 42:10-25) descreve uma nação que canta (vv. 10-12), dando louvores ao Senhor, e um Deus silencioso que quebra o silêncio para se tornar um valente emitindo gritos (vv. 13-17). Deus é longânimo para com o pecador, porém, quando começa a operar, não perde tempo! O “servo”, nos versículos 18-25, é o povo de Israel, cego para seus próprios pecados e surdo para a voz de Deus (Is 6:9, 10); ainda assim, o Senhor o perdoou graciosamente e o libertou da servidão. Então, Deus diz aos babilônios: “Restitui” (Is 42:22).

Como é triste quando Deus nos disciplina e não entendemos ou não levamos a sério o que ele está fazendo (v. 25)! O cativeiro de Israel na Babilônia curou a nação de sua idolatria, mas não criou nela um desejo de adorar e glorificar a Deus.

3. DEUS É MAIOR QUE NOSSOS INIMIGOS (Is 45:1 – 48:22)

Estes capítulos tratam da ruína da Babilônia, e um dos temas principais é: “Eu sou o SENHOR,

e não há outro” (Is 45:5-6, 14, 18, 21, 22; 46:9). Jeová volta a se revelar como o verdadeiro Deus vivo em contraste com os ídolos mudos e mortos.

A descrição do conquistador (45:1-25).

Assim como profetas, sacerdotes e reis eram ungidos para o serviço, também Ciro foi ungido por Deus para realizar um serviço especial por Israel. Nesse sentido, Ciro foi um “messias”, um “ungido”. Deus o chamou pelo nome um século antes de seu nascimento! Ciro foi o instrumento humano para a conquista, mas foi o Deus Jeová quem lhe deu as vitórias. Qualquer um que se opusesse a Ciro estaria entrando em conflito com Deus, como o vaso querendo controlar o oleiro ou a criança dando ordens aos pais (vv. 9, 10). Deus levantou a Ciro para fazer sua vontade (v. 13), e nada frustraria seu sucesso. Observe a ênfase na salvação. Os ídolos não poderiam salvar a Babilônia (v. 20), mas Deus é o Salvador de Israel (vv. 15, 17). Ele é “Deus justo e Salvador” (v. 21) e oferece salvação para todo o mundo (v. 22). Foi esse versículo que trouxe a luz da salvação para o grande pastor inglês Charles Haddon Spurgeon, quando era um jovem à procura do Senhor.

A desgraça dos falsos deuses (46:1-13).

Bel era o deus babilônio do Sol, e Nebo era seu filho, o deus da escrita e do aprendizado. Mas nem os dois juntos foram capazes de deter Ciro! Ao escapar do inimigo, os babilônios tiveram de carregar seus deuses, porém eles acabaram sendo levados para o cativeiro junto com os prisioneiros de guerra! Deus garantiu a seu povo que os levaria em seus braços do ventre ao túmulo. O versículo 4 é a base para a estrofe do conhecido hino *Firme Alicerce*, geralmente omitida dos nossos hinários:

Até à velhice, todo meu povo há de provar,
Meu soberano, eterno e imutável amor,
E quando o cabelo grisalho suas temporas adornar,
Como ovelhas junto ao peito ainda os hei de levar.

(Richard Keen)

Que conforto saber que nosso Deus já cuidava de nós mesmo antes de termos nascido (Sl 139:13-16) e que o fará até envelhecermos, bem como a cada momento entre uma coisa e outra!

A destruição da cidade (47:1-15).

A Babilônia, a rainha arrogante, não passava mais de uma escrava humilhada. “Eu serei senhora para sempre!” (v. 7), bradava ela. Mas, num instante, foi alcançada pelo julgamento de seus pecados e tornou-se viúva. Nem seus ídolos nem suas práticas ocultas (vv. 12-14) puderam avisá-la ou prepará-la para sua destruição. Deus, porém, sabia que a Babilônia cairia, pois havia planejado isso muito tempo atrás! Chamou a Ciro, que se lançou sobre a Babilônia como uma ave de rapina. A Babilônia não mostrou misericórdia para com os judeus, e Deus julgou-a conforme merecia.

A libertação do remanescente judeu (48:1-22).

Os judeus haviam se tornado complacentes e acomodados em seu cativeiro e não queriam partir. Seguiram o conselho de Jeremias (Jr 29:4-7) e tinham casas, jardins e famílias. Apegaram-se de tal modo a essas coisas que não seria fácil fazer as malas e seguir para a Terra Santa. No entanto, pertenciam à Terra Santa, e Deus tinha um trabalho para eles ali. Deus lhes disse que eram hipócritas ao usar seu nome e identificar-se com sua cidade, mas não obedecer à sua vontade (Is 48:1, 2). Eram obstinados (v. 4) e não se empolgaram com as coisas novas que Deus estava fazendo por eles.

Se tivessem obedecido ao Senhor logo de início, teriam experimentado paz e não guerras (vv. 18, 19), mas ainda não era tarde demais. O Senhor os havia colocado dentro da fornalha para refiná-los e prepará-los para o trabalho que os esperava (v. 10). “Saí da Babilônia, fugi de entre os caldeus”, foi o mandamento do Senhor (v. 20; ver Jr 50:8; 51:6; 45; Ap 18:4). Deus iria adiante deles e prepararia o caminho, de modo que não tinham o que temer.

Seria de se pensar que os judeus estivessem ansiosos para deixar sua “prisão” e voltar para sua terra, a fim de ver Deus fazer

coisas novas e grandiosas por eles. Porém, haviam se acostumado com a segurança do cativeiro e se esquecido dos desafios da liberdade. Não é difícil para a Igreja de hoje

se acomodar com seu conforto e fartura. Deus pode nos colocar na fornalha para nos lembrar de que estamos aqui para ser servos e não consumidores ou espectadores.

10

ESTE É O SERVO DE DEUS

ISAÍAS 49:1 – 52:12

Um amigo meu tem em seu escritório uma placa que diz: “O mundo está cheio de pessoas que querem servir na qualidade de conselheiros”.

Jesus, porém, não veio com bons conselhos, mas sim com boas notícias, as boas novas de que os pecadores podem ser perdoados e de que a vida pode ser incrivelmente renovada. O evangelho é boa nova para nós, mas foi “má notícia” para o Filho de Deus; pois significou que ele precisaria vir à Terra em forma humana e morrer numa cruz como sacrifício pelos pecados do mundo.

Estes capítulos apresentam o Servo de Deus, o Messias, em três importantes relacionamentos dele: com as nações gentias (Is 49:1 – 50:3), com seu Pai (Is 50:4-11) e com o seu povo Israel (Is 51:1 – 52:12).

1. O SERVO E OS GENTIOS (Is 49:1 – 50:3)

O Servo dirigiu-se às nações que não conheciam o Deus de Israel. Os gentios estavam “distantes”, e somente o Servo de Deus poderia trazê-los para junto do Senhor (Ef 2:11-22). Cristo confirmou a promessa de Deus aos judeus e também estendeu a graça do Senhor aos gentios (Rm 15:8-12). Nessa mensagem, o Servo de Deus explica seu ministério ao trazer luz à escuridão (Is 49:1-7), liberdade ao cativo (vv. 8-13) e amor e esperança ao desencorajado (Is 49:14 – 50:3).

Luz na escuridão (49:1-7). Que direito o Servo de Deus tinha de se dirigir às nações gentias com tal autoridade? Desde seu nascimento, foi chamado por Deus para ministrar (Jr 1:5; Gl 1:15), e Deus o preparou como

uma espada de dois gumes (Hb 4:12; Ap 1:16). O Messias veio como um Servo e um Guerreiro, servindo àqueles que confiaram nele e julgando aqueles que resistiram a ele.

Todos os servos de Deus deveriam ser como armas preparadas. “Deus abençoa mais a semelhança a Cristo do que os grandes talentos”, escreveu Robert Murray McCheyne. “Um ministro santo [servo] é uma arma poderosa nas mãos de Deus”.

O povo de Israel foi chamado para glorificar a Deus e ser luz para os gentios, mas falhou em sua missão. É por isso que o Messias é chamado de “Israel” em Isaías 49:3: ele fez o trabalho que Israel deveria ter feito. Hoje, a Igreja é a luz de Deus para a escuridão do mundo (At 13:46-49; Mt 5:14-16), e, como Israel, ao que parece, estamos fracassando em nossa missão de levar as boas novas aos confins da Terra. Não podemos fazer esse trabalho de modo eficaz quando somente 5% do orçamento da maioria das igrejas é dedicado ao evangelismo!

Ao ministrar na Terra, especialmente a seu povo, Israel, houve ocasiões em que o trabalho de Cristo pareceu ser em vão (Is 49:4). Os líderes religiosos se opuseram a ele, seus discípulos nem sempre o entenderam, e aqueles a quem ajudou nem sempre lhe agradeceram. Cristo viveu e trabalhou pela fé, e Deus lhe deu sucesso.

Nosso Senhor não poderia ministrar aos gentios sem antes ministrar aos judeus (vv. 5, 6). Leia com atenção Mateus 10:5, 6; 15:24; Lucas 24:44-49; Atos 3:25, 26; 13:46, 47 e Romanos 1:16. Quando nosso Senhor voltou ao céu, deixou aqui na Terra um grupo de judeus cristãos que levaram adiante seu trabalho. Não devemos jamais nos esquecer de que “a salvação vem dos judeus” (Jo 4:22). A Bíblia é um livro judeu, os primeiros cristãos e missionários foram judeus e os gentios não teriam ouvido falar do evangelho se os judeus não o tivessem propagado. O Messias foi desprezado por judeus e gentios (Is 49:7), mas realizou a obra de Deus e foi glorificado (Fp 2:1-11).

Liberdade para os cativos (49:8-13). O Servo de Deus não é apenas o “novo Israel”, mas também o “novo Moisés” ao libertar

seu povo. Jesus Cristo é a aliança de Deus (Is 42:6), de modo que podemos estar certos de que ele cumprirá suas promessas. Moisés conduziu a nação a deixar a servidão no Egito, e Deus guiaria seu povo a deixar o cativeiro da Babilônia. Josué guiou seu povo a sua terra para que pudessem reivindicar sua herança, e Deus o traria de volta “para [restaurar] a terra e lhe [repartir] as herdades assoladas” (Is 49:8).

De que maneira isso se aplica aos gentios? Se Deus não tivesse restaurado seu povo, a cidade e o templo, não poderia ter cumprido sua promessa referente ao Messias. Se não existisse Belém, onde Jesus teria nascido? Se não existisse Nazaré, onde ele teria sido criado? E se Jerusalém e o templo não existissem, onde ele teria ensinado, sofrido e morrido? E Cristo fez tudo isso para os gentios bem como para os judeus.

Os versículos 10-12 vão além da libertação da Babilônia em 536 a.C., alcançando o reino vindouro. O Senhor chamará o povo judeu dos confins da Terra e os ajuntará novamente em sua terra (Is 14:1-31; 35:6; 40:11; 43:19).

Amor e esperança para os desencorajados (49:14 – 50:3). “Porque o SENHOR consolou o seu povo e dos seus aflitos se compadece” (Is 49:13). Esse foi o cântico do povo de Deus ao contemplar seu livreamento futuro, mas o povo cativo e aqueles deixados nas “herdades assoladas” não estavam tão contentes. Em vez de cantar, estavam reclamando: “O SENHOR me desamparou, o Senhor se esqueceu de mim” (v. 14).

Deus assegurou-os de seu amor ao comparar-se com uma mãe compassiva (vv. 14-23), um valente (vv. 24-26) e um amante fiel (Is 50:1-3).

(1) A mãe compassiva (vv. 14-23). A Bíblia enfatiza a paternidade de Deus, mas Deus também possui uma natureza “materna”, da qual não devemos nos esquecer. Deus é compassivo e nos conforta como a mãe conforta seus filhos (Is 66:13). Isaías visualiza Israel como uma criança sendo amamentada, totalmente dependente do Senhor, que nunca irá esquecê-la nem abandoná-la. O sumo sacerdote carrega em

seus ombros e em seu coração os nomes das tribos de Israel (Êx 28:6-9), gravados em jóias, mas Deus gravou o nome de seus filhos em sua mão. A palavra “gravar” significa também “esculpir”, indicando permanência. Deus jamais se esquecerá de Sião e dos filhos dela.

São se parece com uma mãe desamparada e estéril, mas será tão abençoada pelo Senhor que não haverá espaço para todos os seus filhos! Serão como magníficos ornamentos nupciais e não como refugiados decrépitos do cativeiro. Mais uma vez, o profeta olha adiante, para um tempo em que os gentios honrarão Jeová e Israel e em que reis e rainhas cuidarão dos filhos de Israel!

(2) O valente (vv. 24-26). Os babilônios eram guerreiros ferozes, mas o Senhor arrancaria Israel de suas mãos. Em sua compaixão, libertaria os cativos e cuidaria para que a Babilônia nunca mais os aflijisse. O fato de Deus ter permitido que a Babilônia conquistasse seu povo não significava que Deus fosse fraco ou indiferente. Quando o tempo certo chegasse, o Senhor libertaria seu povo: “[...] os que esperam em mim não serão envergonhados” (v. 23).

(3) O amante fiel (Is 50:1-3). A figura de Israel como esposa de Jeová aparece com freqüência nos escritos dos profetas (Is 54:4, 5; 62:1-5; Jr 2:1-3; 3:1-11; Os 2; Ez 16). Israel “casou-se” com Jeová quando aceitou a aliança no monte Sinai (Êx 19 - 20), mas rompeu essa aliança ao “fazer-se de prostituta” e adorar a ídolos. Porém, Deus não abandonou seu povo, nem mesmo quando os judeus lhe foram infieis.

A permissão mosaica para se divorciar encontra-se em Deuteronômio 24:1-4 (ver Mt 19:1-12). O “certificado de divórcio” declarava que o matrimônio havia se rompido e que a mulher estava livre para se casar novamente. No entanto, também impedia que a mulher voltasse para seu antigo marido. De fato, Deus havia se “divorciado” do reino do Norte e permitido que os israelitas fossem assimilados pelos assírios (Jr 3:8), para que não pudessem voltar. Contudo, Deus não havia se “divorciado” do reino do Sul; em vez disso, havia permitido que sua esposa

infiel fosse disciplinada nas mãos da Babilônia. Ele a perdoaria e a receberia de volta.

A segunda ilustração nesse parágrafo refere-se a uma família pobre vendendo seus filhos como escravos (2 Rs 4:1-7; Ne 5:1-5). Deus não havia vendido seus filhos, mas eles, por seus pecados, haviam vendido a si mesmos. Deus os havia chamado diversas vezes e tentado persuadi-los a deixar seus caminhos perversos, mas eles se recusaram a ouvir. Judá não foi exilado porque seu Deus era fraco, mas sim por causa de seus próprios pecados.

Como os judeus podiam dizer que haviam sido esquecidos e que estavam desamparados quando o Senhor é uma mãe compassiva, um valente e um amante fiel? Ele honra sua Palavra, mesmo quando somos infieis a ele (2 Tm 2:11-13). Ele é fiel ao nos disciplinar quando somos rebeldes (Hb 12:1-11), mas também é fiel ao perdoar quando nos arrependemos e confessamos nossos pecados (1 Jo 1:9).

A mensagem do Servo aos gentios foi de esperança e de bênçãos. Ele trataria com seu povo para que eles, por sua vez, pudessem levar as bênçãos do Senhor aos gentios.

2. O SERVO E O SENHOR DEUS (Is 50:4-11)

Nos dois primeiros “cânticos do Servo” (Is 42:1-7; Is 49:1-7), encontramos indicações da oposição ao ministério do Messias, porém, neste terceiro cântico, seu sofrimento é descrito com grande nitidez. No quarto cântico (Is 52:12 – 53:12), o profeta nos falará não apenas da aflição de Cristo, mas também do motivo e da necessidade de seu sofrimento.

Observe que em quatro ocasiões, nessa passagem, o Servo usa o nome “SENHOR Deus”. “Jeová Adonai” pode ser trazido como “Deus Soberano”, e não encontramos esse título em nenhum outro dos “cânticos do Servo”. De acordo com Robert B. Girdlestone, o nome “Jeová Adonai” significa que: “Cada um dos seres humanos pertence a Deus e, consequentemente, ele exige obediência irrestrita de todos” (*Synonyms of the Old Testament*, Eerdmans, 1951, p. 34).

Assim, a ênfase aqui está na submissão do Servo ao SENHOR Deus em todas as áreas de sua vida e serviço.

O Servo sujeitou sua mente ao SENHOR Deus para que pudesse saber qual era a obra e a vontade de Deus (Is 50:4). Tudo o que Jesus disse ou fez lhe foi transmitido por seu Pai (Jo 5:19, 30; 6:38; 8:28). Ele rogou ao Pai orientação (Jo 11:42; Mc 1:35) e meditou na Palavra. O que Deus ensinou ao Servo, o Servo compartilhou com aqueles que precisavam de ajuda e de encorajamento. O Servo deixou um bom exemplo para todos aqueles que sabem da importância de uma “hora de meditação” diária com o Senhor.

O Servo também submeteu sua vontade ao SENHOR Deus. Um “ouvido aberto” é aquele que ouve e que obedece à voz do mestre. As pessoas às quais Isaías ministrou não eram “dispostas” nem “obedientes” (Is 1:19), porém o Servo cumpriu de bom grado a vontade do SENHOR Deus. Não foi fácil, pois significou submeter seu corpo aos homens perversos que zombaram dele, o chicotearam, cuspiram nele e, por fim, o pregaram numa cruz (Mt 26:67; 27:26, 30).

O Servo fez tudo pela fé no SENHOR Deus (Is 50:7-11). Ele estava determinado a fazer a vontade de Deus, mesmo que isso significasse morrer na cruz (Lc 9:51; Jo 18:1-11), pois sabia que o SENHOR Deus estaria com ele. O Servo foi falsamente acusado, porém sabia que, um dia, Deus o justificaria e envergonharia seus inimigos. Não se esqueça de que, quando Jesus Cristo estava ministrando aqui na Terra, teve de viver pela fé da mesma forma como nós hoje. Não usou seus poderes divinos de maneira egoísta, mas confiou em Deus e dependeu do poder do Espírito.

Os versículos 10 e 11 dirigem-se especificamente ao remanescente judeu, mas têm uma aplicação para o povo de Deus hoje. Os fiéis estavam perplexos com o que Deus estava fazendo, porém o Senhor lhes garantiu que sua fé seria recompensada. O Dr. Bob Jones costumava dizer: “Quando você estiver na escuridão, nunca duvide do que Deus lhe disse quando estava na luz”. No entanto,

os incrédulos que tentarem eliminar a escuridão acendendo as próprias chamas (ou seja, seguindo seus próprios planos) acabarão vendo-se em pesar e sofrimento. É possível que, ao obedecer ao Senhor, você acabe se vendo subitamente em trevas, mas não entre em pânico, pois ele o trará para a luz no tempo certo.

3. O SERVO E ISRAEL (Is 51:1 – 52:12)

Esta seção contém várias admoestações: “Ouvi-me” (Is 51:1, 4, 7); “desperta, desperta” (vv. 9, 17; Is 52:1-6) e “retirai-vos, retirai-vos” (vv. 7-12). Exceto por Isaías 51:9-16, que é uma oração dirigida ao Senhor, cada uma dessas admoestações é dirigida ao povo de Deus na Babilônia.

“Ouvi-me” (51:1-8). Estas três exortações são dirigidas ao remanescente fiel em Israel, o povo descrito em Isaías 50:10. Na primeira advertência (Is 51:1-3), o Senhor disse-lhes para olhar para trás e lembrar-se de Abraão e de Sara, precursores do povo judeu (Gn 12 – 25). Deus os havia chamado quando estavam sozinhos, mas desse casal idoso surgiu uma nação tão numerosa quanto o pó da terra e as estrelas do céu (Is 13:16; 15:5). O remanescente que estava deixando a Babilônia era pequeno e fraco, mas Deus pôde transformá-los numa poderosa nação, e sua terra devastada, num paraíso. “Sede consolados!” diz o Senhor a seu povo. “O melhor ainda está por vir!”

Na segunda ordem (Is 51:4-6), Deus lhes disse para olhar mais adiante e ver que a justiça viria ao mundo e eles seriam vindicados pelo Senhor. Observe a ênfase nos pronomes possessivos: meu povo, minha nação, minha justiça, minha retidão, meu braço e minha salvação. Esta é a graça de Deus: fazer por seu povo o que eles não merecem e não podem fazer por si mesmos. O “braço do SENHOR” é um conceito-chave nas profecias de Isaías (Is 30:30; 40:10; 51:5, 9; 52:10; 53:1; 59:16; 62:8; 63:5, 12). O céu e terra passarão, porém a justiça e a salvação de Deus permanecerão para sempre. Essa justiça será mostrada de forma especial quando o Messias voltar e estabelecer seu reino na Terra.

A terceira advertência (Is 51:7, 8) concentra-se em olhar para nosso ser interior, onde encontramos medo ou fé. Que motivos a nação teria para temer o homem quando Deus estava ao seu lado? “Eis que Deus é a minha salvação; confiarei e não temerei” (Is 12:2). “Ao SENHOR dos Exércitos, a ele santifícai; seja ele o vosso temor, seja ele o vosso espanto” (Is 8:13). Ter a lei de Deus em nosso coração significa pertencer a ele e ser salvo (Jr 31:31-34; Hb 10:16). A traça e o verme destruirão o inimigo, mas a salvação de Deus resistirá. Traças e vermes não fazem seu trabalho de maneira visível, mas ainda assim o fazem com eficiência. As sementes da destruição já estavam presentes no império babilônio, mas seus líderes não sabiam.

“Desperta, desperta” (51:9 – 52:6). “Ouvi-me” foi dito para advertir o povo, porém “desperta, desperta” é para o despertar do Senhor (Is 51:9-16) e de Jerusalém (vv. 17-23; Is 52:1-6).

O remanescente na Babilônia orou como se Deus estivesse dormindo e precisasse ser acordado (Sl 7:6; 44:23; 78:65-72). Queriam que Deus erguesse seu braço como quando derrotou o Faraó e remiu seu povo da escravidão no Egito. O regresso da Babilônia para Judá foi considerado outro “êxodo” (Is 43:16, 17; 49:9-12), sob o comando absoluto de Deus e trazendo a derrota completa do inimigo.

Deus respondeu às orações deles com palavras de consolo (Is 51:12-16; ver vv. 3 e 19). Ele os lembrou novamente da fragilidade do homem (ver Is 40:6-8) e do poder de Deus o Criador (Is 51:13). Por que eles, que não passavam de erva, deveriam temer quando o Deus do universo estava a seu lado? Tendo em vista que os judeus eram o povo ao qual o Senhor havia confiado sua Palavra, ele os libertaria, protegeria e supriria todas as suas necessidades. O povo de Israel tinha uma importante tarefa a cumprir e seria capacitado por Deus.

No segundo “chamado para despertar”, o profeta fala à cidade arruinada de Jerusalém (vv. 17-23) e a apresenta como uma mãe num estupor embriagado, sem filhos para

socorrê-la. Na Bíblia, o juízo é retratado como beber um cálice de vinho (Is 29:9; 63:6; Sl 75:8; Jr 25:15-16; Ap 14:10). Os filhos de Jerusalém haviam ido para o cativeiro, mas voltariam e dariam à sua “mãe” uma nova esperança e um recomeço. Deus tiraria o cálice do juízo das mãos dos judeus e o daria a seus inimigos. Passar sobre o inimigo ou pisá-lo era uma forma humilhante de declarar sua derrota; porém, em vez de a Babilônia pisotear o povo de Judá, os judeus é que iriam passar sobre os babilônios, como quem anda na rua!

O terceiro “chamado para despertar” (Is 52:1-6) também é dirigido a Jerusalém e trata-se de uma ordem não apenas para acordar, mas também para se vestir! Não bastava a cidade sair de seu estupor (Is 51:17-23); também era preciso que colocasse sua gloriosa vestimenta. A Babilônia, a “rainha”, cairia por terra, envergonhada (Is 47:1), mas Jerusalém seria levantada do chão e entronizada como rainha! O Egito havia escravizado o povo de Deus, a Assíria os havia oprimido e a Babilônia os levou cativos, mas tudo havia chegado ao fim. É claro que o cumprimento pleno dessa promessa ocorrerá quando o Messias voltar, livrar Jerusalém de seus inimigos e estabelecer o monte Sião como regozijo para toda a Terra (Is 61:4-11).

A cidade de Jerusalém é chamada de “a cidade santa” oito vezes nas Escrituras (Ne 11:1, 18; Is 48:2; 52:1; Dn 9:24; Mt 4:5; 27:53; Ap 11:2). Ela foi “separada” por Deus para seus propósitos exclusivos, mas quando seu povo se recusou a lhe obedecer, o Senhor ordenou sua destruição, primeiro pelos babilônios e depois pelos romanos.

Durante o tempo no cativeiro, o nome de Deus foi blasfemado, pois os inimigos escarneceram dos judeus e lhes perguntaram por que o grande Deus deles não vinha libertá-los (Sl 115; 137). Paulo citou Isaías 52:5 em Romanos 2:24. Porém, quando o remanescente fosse restaurado, eles saberiam o nome de Deus e buscariam honrá-lo.

“Retrai-vos, retirai-vos” (52:7-12). A derrota da Babilônia por Ciro sem dúvida

foi uma boa notícia para os judeus, pois significou a libertação do cativeiro (Is 40:9; 41:27). As boas novas que compartilhamos hoje são que Jesus Cristo pode libertar os prisioneiros (Rm 10:15). Durante décadas, o remanescente sofreu num país estrangeiro, sem altar nem sacerdócio, mas voltariam a sua terra, reconstruiriam seu templo e restaurariam o ministério que haviam recebido de Deus.

Alguém disse bem que “as boas notícias são para ser compartilhadas”, e foi isso o que aconteceu em Jerusalém. Os líderes (“atalaias”) aprenderam a lição e cantaram juntos para a glória de Deus (Is 44:23). Porém, eles não apenas ouviram o que Deus havia feito; também viram o que havia acontecido! O deserto também participará dos cânticos, pois as cidades desoladas e “os lugares assolados” serão transformados (Is 51:3). O remanescente orou para que o braço santo do Senhor trabalhasse, e Deus respondeu à sua oração (v. 9).

Isaías gosta de usar repetições: “Consolai, consolai” (Is 40:1); “Despera, desperta” (Is 51:9, 17; 52:1) e, aqui, “Retrai-vos, retirai-vos” (Is 52:11). Parece estranho que Deus tivesse de apressar seu povo para deixar o cativeiro, mas alguns dos judeus haviam se acostumado ao lugar e mostravam relutância em deixá-lo. O primeiro grupo, cerca de 50 mil pessoas, deixou a Babilônia em 539-538 a.C., quando Ciro publicou seu decreto. Foram liderados por Sesbazar, Zorobabel e Jesua, o sumo sacerdote (Ed 1 – 2). Levaram consigo “os utensílios do SENHOR” (Is 52:11), os artigos necessários para o serviço no templo. Um segundo grupo, com cerca de mil e oitocentas pessoas lideradas por Esdras, partiu em 458 a.C.

Deus ordenou que partissem porque a Babilônia era uma cidade condenada (Jr 50:8ss; 51:6, 45). Ele os advertiu a que não demorassem, mas saíssem o mais rápido possível, enquanto ainda podiam (Is 48:20). Não precisavam fugir como criminosos, mas também não havia razão de se demorar por lá. Deus também os avisou para que não levassem nenhuma das coisas imundas da Babilônia. A admoestação “Não toqueis coisa

imunda" (Is 52:11) certamente incluía os ídolos e as práticas de ocultismo, que foram a ruína do povo judeu (Is 47:11-15). Paulo aplica esse mesmo conceito aos cristãos atuais em 2 Coríntios 6:14 – 7:1.

Deus falou de modo específico aos sacerdotes e levitas que estavam com os utensílios do templo: "saí do meio dela [Babilônia], puríficai-vos" (Is 52:11). Trata-se de um excelente mandamento a ser obedecido por todos os servos de Deus. Se nos contaminarmos, também contaminaremos a obra do Senhor. Quão trágico para um ministro de Deus ser fonte de poluição para seu povo!

O profeta acrescentou uma palavra final de encorajamento: "porque o SENHOR irá adiante de vós, e o Deus de Israel será a vossa retaguarda" (v. 12; ver Is 58:8). Isso nos traz à memória o êxodo de Israel do Egito, quando o Senhor foi à frente dos hebreus (Êx 13:21) e ficou entre eles e o inimigo (Is 14:19, 20). Quando o povo de Deus obedece à vontade dele, pode sempre contar com sua orientação e proteção.

Isaías havia preparado o caminho para o cerne da revelação divina do Servo Messias, o quarto cântico do Servo (Is 52:13 – 53:12). É preciso que preparamos nosso coração, pois estamos andando em solo sagrado.

ESCALANDO O MONTE EVEREST

ISAÍAS 52:13 – 53:12

“Estas cinco estrofes incomparáveis do quarto poema do Servo são o monte Everest da profecia messiânica”, escreveu o estudioso do Antigo Testamento, Dr. Kyle M. Yates, mais de cinqüenta anos atrás, e suas palavras continuam válidas. Esta passagem é o cerne dos capítulos 49 – 57, e sua mensagem constitui o núcleo do evangelho. Assim como o monte Everest, Isaías 53 destaca-se pela beleza e grandiosidade de suas palavras, mas somente porque revela Jesus Cristo e nos leva ao monte do Calvário.

A interpretação messiânica de Isaías 53 teve o apoio dos rabinos até o décimo segundo século. Depois disso, estudiosos judeus começaram a interpretar a passagem como uma descrição dos sofrimentos de Israel como nação. Porém, como Israel poderia ter morrido por seus próprios pecados (v. 8)? E quem disse que Israel era inocente de pecado e, dessa forma, fora condenado injustamente (v. 9)? Não, o profeta escreveu sobre um indivíduo inocente, não sobre uma nação culpada. Deixou bem claro que esse indivíduo morreu pelo pecado da culpa para que os culpados pudessem ser libertos.

O Servo que Isaías descreve é o Messias, e o Novo Testamento afirma que este Messias-Servo é Jesus de Nazaré, o Filho de Deus (Mt 8:17; Mc 15:28; Lc 22:37; Jo 12:38; At 8:27-40; 1 Pe 2:21-24). O Novo Testamento apresenta mais citações ou alusions a Isaías 53 do que a qualquer outro capítulo do Antigo Testamento. O índice de citações no apêndice de meu Novo Testamento grego fornece pelo menos quarenta e uma citações diferentes, sendo possível que nem todas elas estejam listadas.

Os quinze versículos que constituem as quatro canções do Servo são divididos em cinco estrofes de três versos, e cada uma dessas estrofes revela uma importante verdade sobre o Servo e sobre o que ele fez por nós.

1. EXALTAÇÃO: O SERVO QUE CAUSOU ESPANTO (Is 52:13-15)

Seu povo não admirou nem desejou o Servo (Is 52:2, 3), no entanto, depois de tudo estar consumado, ele ainda causou espanto e surpresa em reis! Se considerarmos esses versículos em sua ordem cronológica, veremos que o povo espantou-se com sua aparência (Is 52:14), sua exaltação (v. 13) e sua mensagem (v. 15). Temos aqui o sofrimento e morte de nosso Senhor, sua ressurreição e ascensão e a proclamação do evangelho em todo o mundo.

Espanto com a aparência do Servo (v. 14).

“Como pasmaram muitos à vista dele (pois o seu aspecto estava mui desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a sua aparência, mais do que a dos outros filhos dos homens).” Quando levamos em consideração tudo o que Jesus passou no intervalo de tempo entre sua prisão e sua crucificação, não nos surpreendemos ao ouvir que ele não se parecia mais com um homem. Não apenas seus direitos legais foram revogados – inclusive o direito a um julgamento justo – como também desconsideraram seus direitos humanos, uma vez que não foi tratado como um ser humano e muito menos como cidadão judeu.

Quando ele foi interrogado diante de Anás, Jesus foi esbofeteado por um dos guardas (Jo 18:22). Na audiência perante Caifás, cuspiram nele, esbofetearam e socaram sua cabeça (Mt 26:67; Mc 14:65; Lc 22:63). Pilatos o açoitou (Jo 19:1; Mt 27:26; Mc 15:15) e seus soldados o espancaram (Jo 19:3). O açoite era tão terrível que provocava a morte de alguns prisioneiros. “Ofereci as costas aos que me feriam”, disse o Servo de Deus, “e as faces, aos que me arrancavam os cabelos; não escondi o rosto aos que me afrontavam e me cuspiam” (Is 50:6). E fizeram tudo isso ao verdadeiro Filho de Deus!

O relato explícito de seu sofrimento dado em alguns sermões não se encontra nas Escrituras exceto, talvez, pelo Salmo 22. Os escritores dos Evangelhos nos dão os fatos, porém não os detalhes. Basta dizer que, quando os pecadores acabaram de maltratar o Salvador, ele não mais parecia humano, e algumas pessoas ficaram tão horrorizadas que viraram o rosto. O que foi feito a Jesus deveria ter sido feito a Barrabás – e a nós.

Espanto com a exaltação do Servo (v. 13). O Servo sofreu e morreu, mas não permaneceu morto. Foi “exaltado e elevado e [foi] mui sublime”. A expressão “proceder com prudência” significa “ser bem-sucedido na empreitada”. O que parecia uma humilhante derrota foi, na verdade, uma grande vitória aos olhos de Deus (Cl 2:15). “Eu te glorifiquei na terra”, disse Jesus a seu Pai, “consumando a obra que me confiaste para fazer” (Jo 17:4).

Jesus não apenas foi ressurreto dentre os mortos, mas também seu corpo foi glorificado. Ele ascendeu ao céu, onde está assentado à direita do Pai. Possui toda a autoridade (Mt 28:18), pois tudo foi colocado a seus pés (Ef 1:20-23). Não há ninguém no universo maior do que Jesus. Que grande surpresa para aqueles que o consideraram o menor dos menores (ver Fp 2:1-11)!

Espanto com a mensagem do Servo (v. 15). O povo que ficou boquiaberto de admiração, diante da humilhação e exaltação de Jesus, se calará quando ouvir a proclamação dele. Paulo interpreta isso como a pregação do evangelho às nações gentias (Rm 15:20, 21). “Para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus” (Rm 3:19).

Muitas pessoas já foram torturadas e mortas de forma desumana, mas apesar de suscitar simpatia, saber de seu sofrimento não toca nossa consciência. O sofrimento e a morte de nosso Senhor foram diferentes, pois envolveram todas as pessoas do mundo. A mensagem do evangelho não é “Cristo morreu”, pois isso é apenas um fato histórico; é como dizer, por exemplo, que “Napoleão morreu”. A mensagem do evangelho

é que “Cristo morreu pelos nossos pecados” (1 Co 15:1-4, ênfase minha). Você e eu somos culpados da morte de Jesus, tanto quanto o foram Anás, Caifás, Herodes Antípaso e Pilatos.

Agora vemos por que as pessoas ficaram aterrorizadas quando entenderam a mensagem do evangelho: Esse homem a quem condenaram declarou que todos estavam condenados, a menos que deixassem seus pecados e confiassem nele. É impossível alegrar-se com as boas novas da salvação enquanto não encarar a má notícia da condenação. Jesus não sofreu e morreu por sua própria culpa, mas porque nós éramos culpados. Esse fato causa espanto nas pessoas e faz com que se calem.

A palavra traduzida por “admiração” em Isaías 52:15 pode significar também “aspersão”, provavelmente uma referência à cerimônia de purificação, parte importante do sistema sacrificial mosaico (Lv 14:1-7, 16; 16:14, 15; Nm 8:7). Apesar de a aspersão de sangue, água e óleo não eliminar o pecado, tornava o recipiente ceremonialmente puro e aceitável perante o Senhor. Por causa do sacrifício de Cristo, podemos dizer a todas as nações que o perdão e a redenção agora são oferecidos de graça a todos os que o receberem (1 Pe 1:1-2).

2. HUMILHAÇÃO: O SERVO SOFREDOR (Is 53:1-3)

Isaías 53 descreve a vida e o ministério de Jesus Cristo (vv. 1-4), sua morte (vv. 5-8) e sepultamento (v. 9) e sua ressurreição e exaltação (vv. 10-12). O tema que une os capítulos é a morte do Servo inocente no lugar dos culpados. É isso que os teólogos querem dizer quando falam de “expiação vicária”. Não podemos explicar todo o significado da cruz, mas o que nos parece claro é que Jesus tomou o lugar dos pecadores e pagou o preço da sua salvação.

Há um contraste entre “o braço do SENHOR”, que se refere a uma força poderosa, e a “raiz de uma terra seca”, que é uma figura de humilhação e de fraqueza. Quando Deus fez o universo, usou seus dedos (Sl 8:3) e quando libertou Jerusalém do Egito,

foi por sua mão forte (Êx 13:3). Porém, para salvar os pecadores perdidos, teve de mostrar seu braço poderoso! No entanto, as pessoas ainda se recusam a crer nessa grande demonstração do poder de Deus (Rm 1:16; Jo 12:37-40).

O Servo é Deus e, ainda assim, se tornou homem e cresceu no meio de nós! Um menino nos nasceu – essa é sua humanidade, um Filho se nos deu – essa é sua divindade (Is 9:6). Ao escrever sobre o futuro de Israel, Isaías já havia usado a figura da árvore: o Messias é o Renovo do Senhor (Is 4:2); o remanescente é como tocos de árvores cortadas (Is 6:13); as nações orgulhosas serão derrubadas como árvores, mas do toco aparentemente morto de Davi, virá o “rebento de Jessé” (Is 10:33 – 11:1). Por ser Deus, Jesus Cristo é “a Raiz de Davi”, mas por ser também homem, ele é “Geração de Davi” (Ap 22:16).

Israel não era um paraíso quando Jesus nasceu; em termos políticos e espirituais, era um deserto. Cristo não veio como uma grande árvore, mas sim como “um rebento”. Nasceu na pobreza em Belém e cresceu numa carpintaria na desprezada cidade de Nazaré (Jo 1:43-46). Por causa de suas palavras e ações, Jesus atraiu uma grande multidão, mas não havia nada em sua aparência física que o diferenciasse de qualquer outro judeu. Poucas pessoas procuraram deliberadamente tornar-se feias, mas a sociedade moderna chegou ao extremo de transformar a beleza física numa religião. É bom nos lembrarmos de que Jesus foi bem-sucedido sem beleza alguma.

Uma vez que entenderam o que Cristo exigia delas, como a maioria das pessoas tratou o Servo? Do mesmo jeito que tratava qualquer outro escravo: desprezaram-no, depreciaram-no (foi vendido por trinta moedas de prata) e consideraram-no “como um de quem os homens escondem o rosto” (Is 53:3). Envergonharam-se de Cristo, pois não representava nada daquilo que era mais importante para elas: coisas como riqueza (Lc 16:14), prestígio social (Is 14:7-14; 15:12), reputação (Is 18:9-14), ser servido pelos outros (Is 22:24-27) e buscar os próprios

prazeres (Mt 16:21-28). Nos dias de hoje, ele é rejeitado pelos mesmos motivos.

3. EXPIAÇÃO: O SERVO FERIDO (Is 53:4-6)

Esses versículos constituem o cerne da passagem e representam o núcleo da mensagem do evangelho: o Servo inocente morrendo como sacrifício pelo pecado. Essa mensagem era o âmago do sistema religioso de Israel – o sacrifício do animal inocente no lugar do pecador (Lv 16).

Jesus carregou nossos pecados na cruz (1 Pe 2:24), mas também se identificou com as consequências do pecado de Adão quando ministrou aos necessitados. Mateus 8:14-17 aplica Isaías 53:4 ao ministério de cura do Senhor e não à sua morte expiatória. Toda bênção que temos em nossa vida cristã vem por causa da cruz, mas esse versículo não ensina que há “cura na expiação” e que todo cristão, dali por diante, terá o “direito” de ser curado. A profecia cumpriu-se durante a vida de nosso Senhor e não em sua morte.

A ênfase dos versículos 4-6 é sobre os pronomes no plural: nossas enfermidades e nossas dores, nossas transgressões, nossas iniquidades. Nós nos desviamos, escolhemos seguir nosso próprio caminho. Cristo não morreu por ter feito alguma coisa, mas por aquilo que nós havíamos feito.

Foi “traspassado”, o que significa “furado de lado a lado”. Suas mãos e pés foram atravessados por pregos (Sl 22:16; Lc 24:39, 40) e seu lado, por uma lança (Jo 19:31-37; Zc 12:10; Ap 1:7). Ele foi crucificado, o que não era uma forma judaica de execução (Jo 12:32, 33; 18:31, 32). A pena máxima dos judeus era o apedrejamento (Lv 24:14; Nm 15:35, 36). Se quisessem humilhar a vítima ainda mais, podiam expor-lhe o corpo (Dt 21:22, 23), uma prática que Pedro relacionou com a crucificação (At 5:30; 10:39; 1 Pe 2:24).

Na cruz, Jesus Cristo foi “pisado”, o que significa ser “esmagado pelo peso do fardo”. Qual era o fardo? “O Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos” (Is 53:6; ver v. 12; 1:4). De fato, o pecado é um fardo que vai ficando mais pesado à medida que resistimos a Deus (Sl 38:4).

Ele foi “moído” e “pisado” e, no entanto, esse castigo nos trouxe paz e cura. O único jeito de um transgressor ter paz com a lei é sofrer o castigo exigido pela lei. Jesus guardou a lei perfeitamente, mas mesmo assim sofreu o castigo que devia ser nosso. Pelo fato de ter tomado nosso lugar, agora temos paz com Deus e não podemos ser condenados pela lei de Deus (Rm 5:1; 8:1). A palavra “sarados” em Isaías 53:5 refere-se ao perdão dos pecados, não à cura física (1 Pe 2:24; Sl 103:3). O pecado não é apenas um fardo, mas também uma enfermidade que somente Deus pode curar (Is 1:4-6; Jr 30:12; Na 3:19).

O pecado é sério. O profeta o chama de transgressão, o que significa rebelião contra Deus, a ousadia de cruzar a linha que Deus marcou (Is 53:5, 8). Também o chama de iniquidade, o que se refere à deformidade de nossa natureza pecaminosa (vv. 5, 6). Em outras palavras, somos pecadores por escolha e por natureza. Como as ovelhas, nascemos com uma natureza que nos impõe a desviar do caminho e, como ovelhas, em nossa insensatez decidimos escolher nosso próprio caminho. Por natureza, nascemos filhos da ira (Ef 2:3); por escolha, tornamo-nos desobedientes (Ef 2:2). Sob a lei de Moisés, as ovelhas morriam pelos pastores; mas, pela graça, o Bom Pastor deu sua vida pelas ovelhas (Jo 10:1-18).

4. RESIGNAÇÃO: O SERVO CALADO (Is 53:7-9)

Um servo não tem permissão de retrucar; antes, deve ser submisso à vontade de seu senhor. Jesus Cristo permaneceu calado diante de seus acusadores bem como daqueles que o afligiram. Ele se calou diante de Caifás (Mt 26:62, 63), dos principais sacerdotes e anciãos (Mt 27:12), de Pilatos (Mt 27:14; Jo 19:9) e de Herodes Antípaspas (Lc 23:9). Não falou quando os soldados zombaram dele e o espancaram (1 Pe 2:21-23). Foi isso o que impressionou o tesoureiro etíope ao ler essa passagem em Isaías (At 8:26-40).

Isaías 53:7 fala do silêncio de Jesus em meio ao sofrimento, e o versículo 8, de seu

silêncio quando foi ilegalmente julgado e condenado à morte. Nos tribunais de hoje, uma pessoa pode ser culpada de crimes terríveis, mas se for possível provar que algum aspecto do julgamento foi ilegal, o caso deve ser julgado novamente. Tudo nos julgamentos de Cristo foi ilegal, e, mesmo assim, ele não apelou pedindo outro julgamento. “Não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?” (Jo 18:11).

O Servo é comparado a um cordeiro (Is 53:7), um dos símbolos freqüentes do Salvador nas Escrituras. Na Páscoa, foi preciso que um cordeiro morresse para cada família hebreia (Êx 12:1-13), e o Servo morreu por seu povo, a nação de Israel (Is 53:8). Jesus é “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29), e no Livro de Apocalipse é chamado de Cordeiro 30 vezes.

Tendo em vista que Jesus Cristo foi crucificado com criminosos e como um criminoso, era lógico que seu corpo fosse deixado insepulto, mas Deus tinha outros planos. O sepultamento de Jesus Cristo é uma parte tão importante do evangelho quanto sua morte (1 Co 15:1-5), pois o sepultamento é prova de que ele morreu de fato. As autoridades romanas não teriam entregado o corpo a José e a Nicodemos se a vítima não estivesse morta (Jo 19:38-42; Mc 15:42-47). Um homem abastado como José de Arimatéia jamais mandaria fazer um sepulcro para si tão próximo a um local de execução, particularmente considerando que sua casa ficava a quilômetros de distância. Ele preparou o sepulcro para Jesus e tinha as especiarias e a mortalha prontas para o sepultamento. Quão maravilhosamente Deus cumpriu a profecia de Isaías!

5. VINDICAÇÃO: O SERVO SATISFEITO (Is 53:10-12)

O profeta explica a cruz do ponto de vista de Deus. Apesar de Jesus ter sido crucificado pelas mãos de homens perversos, sua morte havia sido determinada de antemão por Deus (At 2:22, 23). Jesus não foi um mártir, tampouco sua morte foi accidental. Antes, foi o sacrifício de Deus pelos pecados do mundo.

Ele não ficou morto! "...e prolongará os seus dias" (Is 53:10) significa que o Servo ressuscitou para viver eternamente. Em sua ressurreição, triunfou sobre todos os inimigos e reivindicou os espólios da vitória (Ef 1:19-23; 4:8). Satanás ofereceu a Cristo um reino glorioso em troca de adoração (Mt 4:8-10), o que significaria ignorar a cruz. Jesus "[tornou-se] obediente até à morte", e "Deus o exaltou sobremaneira" (Fp 2:8-10).

Outra parte de sua "recompensa" encontra-se na afirmação: "Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma" (Is 53:11). Morrer sem filhos significava tristeza e vergonha para os judeus, mas, por causa de suas dores na cruz (v. 11), Jesus deu à luz uma família espiritual. A declaração de Isaías sobre sua família natural (Is 8:18) é citada em Hebreus 2:13 e aplicada a Cristo e sua família espiritual.

A obra do Servo na cruz trouxe satisfação (Is 53:11). Em primeiro lugar, o Servo satisfez o coração do Pai. "E aquele que me enviou está comigo, não me deixou só, porque eu faço sempre o que lhe agrada" (Jo 8:29). O Pai celeste não se alegrou em ver seu Filho sofrendo, pois se o Pai não se agrada da morte do perverso, quanto mais da morte de seu Filho justo. Mas o Pai se agradou da obediência de seu Filho ao completar a redenção que havia planejado desde o início (1 Pe 1:20). "Está consumado!" (Jo 19:30).

A morte do Servo também satisfez a lei de Deus. O termo teológico para isso é "propiciação" (Rm 3:25; 1 Jo 2:2). Nas religiões pagãs, a palavra significa "oferecer sacrifício para aplacar um deus furioso", porém no cristianismo o significado é muito rico. Deus está irado com o pecado, pois ofende sua santidade e transgride sua santa

lei. Em sua santidade, ele deve julgar os pecadores, mas em seu amor, deseja perdoá-los. Deus não pode ignorar o pecado nem condescender com ele, pois seria contrário a sua própria natureza e lei.

De que maneira Deus resolveu o problema? O Juiz tomou o lugar do criminoso e cumpriu os requisitos de sua própria lei. "Ele foi contado com os transgressores" e até orou por eles (Is 53:12; Lc 22:37; 23:33, 34). A lei foi satisfeita, de modo que, em sua graça, Deus pode perdoar todos aqueles que recebem seu Filho.

A graça é o amor que pagou um preço, e os pecadores são salvos pela graça (Ef 2:8-10). A justiça só é capaz de condenar o perverso e de justificar o justo (1 Rs 8:32), porém a graça justifica o iníquo quando ele crê em Jesus Cristo (ver Is 53:11; Rm 4:5)! Justificar significa "declarar justo". Cristo tomou sobre si nossos pecados para que pudéssemos receber a dádiva da sua justiça (2 Co 5:21; Rm 5:17). Justificação significa que Deus declara justos em Cristo os pecadores que crêem e nunca mais se lembra de seus pecados (ver Sl 32:1, 2 e Rm 4:1-8).

Na manhã do dia 29 de maio de 1953, Sir Edmund Hillary e Tenzing Norgay conquistaram o monte Everest, o ponto mais alto do planeta. Até hoje, ninguém conseguiu "conquistar" Isaías 53, pois há sempre novas alturas a alcançar. O mais importante é conhecer pessoalmente o Servo justo de Deus, Jesus Cristo, cuja conquista do pecado é o assunto deste capítulo. "O meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento [ou seja, conhecendo-o pessoalmente pela fé], justificará a muitos" (v. 11).

"E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17:3).

PROMESSAS E PUNIÇÕES

ISAÍAS 54 – 59

O Servo concluiu obedientemente seu trabalho na Terra e hoje está trabalhando no céu, intercedendo pelo povo de Deus (Hb 7:25; Rm 8:34). Mas quais são as consequências do sacrifício de Jesus? Que diferença faz ele ter suportado todo esse sacrifício? Para Israel, significa restauração (Is 54:1-17); para as nações gentias, significa um convite (Is 55:1 – 56:8); para os pecadores rebeldes, significa uma acusação (Is 56:9 – 59:21), uma advertência do Senhor de que precisam arrepender-se.

1. RESTAURAÇÃO PARA ISRAEL (Is 54:1-17)

A figura, neste capítulo, é de Jeová, o marido fiel, perdoando Israel, a esposa infiel, e restaurando-a a seu lugar de bênçãos. Isaías já havia empregado anteriormente a metáfora do casamento (Is 50:1-3) e ainda voltará a usá-la (Is 62:4). Jeremias também usou-a (Jr 3:8), e é um tema importante em Oséias (cap. 2) e Ezequiel (caps. 16 e 23). A nação havia se “casado” com Jeová no monte Sinai, porém cometeu adultério ao se voltar para outros deuses, e o Senhor teve de abandoná-la temporariamente. No entanto, os profetas prometeram que Israel seria restaurada quando o Messias viesse para estabelecer seu reino.

Que tipo de restauração será essa? Em primeiro lugar, é a restauração da alegria e da oportunidade de cantar (Is 54:1a). Sem dúvida, Isaías é o profeta do cântico, pois menciona canções e o ato de cantar mais de trinta vezes em seu livro. A ocasião imediata para essa alegria é a libertação do cativeiro, porém o cumprimento pleno se dará

quando o Redentor vier a Sião e a nação se converter (Is 59:20).

Será também uma restauração da fertilidade quando a nação crescerá e precisará de mais espaço (Is 54:1b-3). A nação havia sido reduzida pela invasão babilônica, mas Deus os ajudaria a se multiplicar novamente. Ao final dessa era, apenas um remanescente fiel entrará no reino, mas o Senhor aumentará a nação abundantemente. Israel pode sentir-se como a mulher estéril, incapaz de ter filhos, porém na glória de Deus ela será fértil. Deus fará por ela o que fez por Sara e Abraão (Is 49:18-21; 51:1-3). As tendas precisarão ser alargadas, e as cidades desoladas voltarão a ser habitadas!

Paulo citou Isaías 54:1 em Gálatas 4:27 e aplicou o princípio espiritual à Igreja: assim como Deus abençoou Sara e o remanescente judeu com filhos, também abençoaria a Igreja, apesar de ser apenas um pequeno grupo no mundo. Paulo não estava equiparando Israel à Igreja nem sugerindo que as profecias transmitidas aos judeus do Antigo Testamento não estão se cumprindo na Igreja. Se tomarmos para a Igreja as profecias feitas no Antigo Testamento aos judeus, então deveremos nos apropriar de todas elas, desde os juízos até as bênçãos, e a maioria das pessoas não quer fazer isso!

A restauração de Israel a sua terra também significará confiança (Is 54:4-10). Isaías apresenta outra de suas promessas de “não temas” (Is 41:10, 13, 14; 43:1, 5; 44:2, 8; 51:7; 54:14) e explica a razão de não haver necessidade para a nação ter medo. Em primeiro lugar, seus pecados foram perdoados (v. 4). Que motivo teriam para temer o futuro, quando Deus havia apagado os pecados do passado (Is 43:25; 44:22)? Por certo, o povo havia pecado gravemente contra seu Senhor, mas Deus o perdoou, e isso significava um novo começo (Is 40:1-5). Podiam esquecer a vergonha de seus pecados quando eram uma jovem nação, registrados nos livros de Juízes e de 1 Samuel, bem como a repreensão de sua “viuvez” no cativeiro da Babilônia.

Outro motivo para ter confiança é o amor imutável do Senhor (Is 54:5, 6). Jeová

era seu Criador e não destruiria o povo criado para sua glória. Ele é o Redentor e não poderia vendê-los aos inimigos. Ele é o marido e não quebraria suas promessas da aliança. Como uma esposa infiel, Israel deixou seu marido; ele, porém, não abandonou permanentemente seu povo. Apenas deu-lhe a oportunidade de ver como era viver numa terra onde o povo adorava falsos deuses. Deus chamaria de volta sua esposa e a cortejaria novamente (Os 2:14-23), e ela não seria mais “a mulher desamparada” (Is 54:6). Israel sentiu-se abandonado (Is 49:14), mas Deus não desistiu de seu povo.

Um terceiro motivo para confiar é a promessa fidedigna de Deus (Is 54:7-10). Era preciso que Deus mostrasse sua ira contra o pecado de seu povo, mas a disciplina havia terminado, e estavam voltando para sua terra. (Para mais sobre a ira de Deus, ver Is 9:12, 17 e 21.) “Com grandes misericórdias torno a acolher-te”, prometeu o Senhor. “Com misericórdia eterna me compadeço de ti.”

Sempre que nos rebelamos contra Deus e nos recusamos a ouvir suas advertências, ele precisa nos disciplinar, e o faz com amor (Hb 12:1-11). Nosso Pai não permite que seus filhos pequem e fiquem impunes. No entanto, o propósito de sua disciplina é nos levar ao arrependimento e nos capacitar, a fim de produzirmos “fruto pacífico”, “fruto de justiça” (Hb 12:11). Quando Deus “dá umas palmadas” em seus filhos, pode ser dolorido, mas ele nunca lhes faz mal. Sua disciplina é sempre para nosso bem e para sua glória.

Deus cumpriu sua promessa do dilúvio (Gn 9:11-17) e manteria sua palavra ao povo de Israel. Poderiam confiar em seu amor, em sua aliança e em sua misericórdia.

Não apenas os cativos seriam libertados e a nação restaurada, como também a cidade de Jerusalém seria reconstruída (Is 54:11-17). Se a linguagem aqui parece exagerada, não se esqueça de que o profeta vê tanto um cumprimento imediato quanto um cumprimento final (Ap 21:18-21). O remanescente reconstruiu o templo e a cidade sob a liderança do governador Zorobabel, do sumo sacerdote Josué, do escriba Esdras, do empreendedor Neemias e dos profetas Ageu

e Zacarias. Contudo, a Jerusalém restaurada não se parecia em nada com aquilo que Isaías descreve aqui! Será preciso esperarmos a volta do Senhor e o estabelecimento de seu reino para vermos essa cidade tão formosa. Então, todos os cidadãos de Jerusalém conhecerão o Senhor (Is 54:13), e a cidade ficará livre do terror e da guerra (v. 14).

Jesus citou a primeira parte do versículo 13 em João 6:45. Quando lemos o contexto, começando no versículo 34, vemos que estava falando sobre as pessoas indo ao Pai. A declaração: “Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim” (Jo 6:37) não significa que o Pai force os pecadores a ser salvos. As pessoas se achegam a ele porque são “ensinadas do Senhor”, e o Espírito as atrai pela Palavra. O evangelismo pessoal não será necessário na Nova Jerusalém, pois todos os seus cidadãos conhecem ao Senhor.

2. CONVITE AOS GENTIOS (Is 55:1 – 56:8)

O Servo morreu não apenas pelos pecados de Israel (Is 53:8), mas também pelos pecados do mundo inteiro (Jo 1:29; 1 Jo 4:14). Isaías deixa claro, ao longo de todo o seu livro, que os gentios fazem parte do plano de Deus. O que Isaías e os outros profetas não sabiam é que judeus e gentios crentes, um dia, seriam unidos em Jesus Cristo na Igreja (Ef 3:1-12).

Deus faz um convite triplo aos gentios: vinde (Is 55:1-5), buscai (vv. 6-13) e adorai (Is 56:1-8).

Vinde (55:1-5). O convite é estendido a “todos” e não apenas aos judeus. Qualquer um que esteja sedento por aquilo que verdadeiramente satisfaz (Jo 4:10-14) é bem-vindo. Em Isaías 25:6, o profeta retrata as bênçãos de Deus como um grande banquete, em que Deus é o anfitrião.

No Oriente, a água é um bem precioso, e a abundância de água é uma bênção especial (Is 41:17; 44:3). Vinho, leite e pão eram elementos básicos da dieta dos judeus. O povo estava vivendo de substitutos que não os nutriam. Precisavam daquilo que era verdadeiro e que somente Deus poderia lhes dar. Nas Escrituras, tanto a água quanto o vinho são representações do Espírito Santo

(Jo 7:37-39; Ef 5:18). Jesus é o “pão da vida” (Jo 6:32-35), e sua Palavra é como leite (1 Pe 2:2). É provável que Cristo tivesse em mente Isaías 55:2 quando disse: “Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna” (Jo 6:27).

Era preciso trabalhar arduamente para cavar poços, pastorear o rebanho, plantar e cuidar das vinhas. Mas Deus ofereceu de graça ao povo tudo aquilo pelo que estavam labutando. Se ouvissem sua Palavra, teriam o desejo de chegar-se a ele, pois é por meio da Palavra que Deus atrai os pecadores para si (Jo 5:24). Observe a ênfase sobre o “ouvir” em Isaías 55:2, 3.

“As fiéis misericórdias prometidas a Davi” (Is 55:3) incluem a aliança de Deus com Davi (2 Sm 7), na qual ele prometeu que um Descendente reinaria no trono de Davi para sempre. É claro que esse Descendente é Jesus Cristo (Lc 1:30-33), e a prova de que ele é o Rei de Deus encontra-se em sua ressurreição dentre os mortos (At 13:34-39). Jesus Cristo é a aliança de Deus aos gentios (“ povos”), e suas promessas permanecerão enquanto o seu Filho viver, o que significa para sempre.

Isaías 55:5 indica que Deus usará Israel para chamar os gentios à salvação, o que sem dúvida foi o caso no começo da Igreja (At 10:1ss; 13:1ss) e também o será durante o reino (Is 2:2-4; 45:14; Zc 8:22). Jerusalém será o centro de adoração no mundo, e Deus será glorificado quando as nações juntarem-se a Israel para honrar ao Senhor.

Buscai (55:6-13). Quando Deus libertou seu povo da Babilônia e o levou em segurança de volta a sua terra, isso serviu de testemunho para as outras nações. Também deu a Israel outra oportunidade de ser luz para os gentios (Is 49:6) e de conduzi-los à fé no verdadeiro Deus vivo. Apesar de ser importante para Israel buscar ao Senhor e consagrar-se inteiramente a ele, era importante também que o povo compartilhasse esse convite com as nações.

O que implica buscar ao Senhor? Em primeiro lugar, admitir que somos pecadores e que pecamos contra o Deus santo. Implica nos arrependermos (Is 55:7), mudar

a forma de pensar sobre o pecado e abandoná-lo, voltando-nos para o Senhor. Deveremos retornar a Deus com fé e crer em sua promessa de que, em sua misericórdia, ele perdoa abundantemente. O arrependimento e a fé andam juntos: “o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus” (At 20:21).

No entanto, não devemos demorar para tomar essa decisão! A expressão “enquanto se pode achar” sugere que, se não levarmos seu convite a sério, ele pode ser suspenso enquanto nos demoramos. Na parábola da Grande Ceia, Deus fechou as portas para aqueles que rejeitaram seu convite (Lc 14:16-24; ver Pv 1:20-33). “Eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação” (2 Co 6:2).

Não é sábio criticar as determinações de Deus, pois seus caminhos e pensamentos vão muito além de nossa compreensão (Is 55:8, 9). Vemos Deus como se fosse igual a nós e concluímos que ele pensa e age da mesma forma (Sl 50:21), o que não é verdade! Você já tentou explicar a graça de Deus a uma pessoa ainda não-salva que pensa que o céu é um “hall da fama” para grandes realizadores e não a casa onde o Pai acolhe os que crêem? Neste mundo, trabalhamos por aquilo que recebemos e consideramos suspeita qualquer coisa gratuita.

De que maneira Deus chama e salva os pecadores? Pelo poder de sua Palavra (Is 55:10, 11). A Palavra de Deus é semente (Lc 8:11). Assim como a chuva e a neve nunca são desperdiçadas, mas cumprem os propósitos de Deus, também sua Palavra nunca falha. “Mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente” (Is 40:8). Nunca sabemos como Deus usará até mesmo um testemunho fortuito para plantar e regar a semente no coração de uma pessoa.

Isaías 55:12, 13 descreve tanto a alegria dos exilados ao serem libertos do cativeiro como a alegria de Israel ao participar daquele “êxodo glorioso” no fim dos tempos, quando regressar a sua terra. Na ocasião em que o reino for estabelecido, toda a natureza cantará ao Senhor (Is 32:13; 35:1, 2; 44:23; 52:8, 9).

Adorai (56:1-8). A nação havia ido para o cativeiro por causa de sua desobediência à lei de Deus, particularmente do quarto mandamento: “Lembra-te do dia de sábado, para o santificar” (Êx 20:8). Esse mandamento era um “sinal” especial entre Deus e os judeus (Is 31:12-18; Ne 9:13, 14) e nunca foi dado aos gentios. Os judeus foram repreendidos pela forma indiferente com que trataram o sábado enquanto vagaram pelo deserto (Ez 20:10-26) e quando viviam na terra prometida (Jr 17:19-27). Mesmo depois que voltaram à terra santa no fim do cativeiro, os judeus continuaram a profanar o sábado (Ne 13:15-22).

Lembre-se de que o sábado é o sétimo dia da semana, o dia que Deus santificou quando completou a Criação (Gn 2:1-3). Domingo é o Dia do Senhor, o primeiro dia da semana e que comemora a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos. Chamar o domingo de “sábado cristão” é fazer confusão entre esses dois dias muito importantes. O sábado era um sinal para os judeus e pertencia à lei: trabalhar seis dias e descansar no sétimo. O Dia do Senhor refere-se à ressurreição e pertence à graça. O povo de Deus confia em Cristo e só depois vem o trabalho.

Em momento algum, até aqui, Deus havia chamado os gentios a guardar o sábado juntamente com os judeus, mas foi o que fez nessa passagem. Convidou exatamente aquelas pessoas que proibira de entrar na aliança: estrangeiros e eunucos (Dt 23:1-8). Trata-se de outra representação da graça de Deus (ver At 8:26ss). O convite ainda é a “todos vós”! Aplica-se aos pecadores hoje, mas se aplicará de forma especial quando Israel entrar em seu reino, os serviços do templo forem restaurados e o sábado voltar a fazer parte da adoração judaica.

A admoestação de Deus ao remanescente – “Mantende o juízo e fazei justiça” (Is 56:1) – não foi obedecida. Ao ler Esdras, Neemias, Ageu e Malaquias, vemos que os judeus logo se esqueceram da bondade de Deus e voltaram a suas antigas práticas pecaminosas. Reservar um tempo a cada semana para nos lembrar do Senhor e adorá-lo ajuda-nos a obedecer à sua vontade.

3. ACUSAÇÃO CONTRA OS PECADORES (Is 56:9 – 59:21)

Nesta seção, o profeta apresenta uma série de acusações contra os desobedientes do povo de Deus: os líderes (Is 56:9 – 57:2), os ídolatrias (Is 57:3-13), os orgulhosos e gananciosos (vv. 14-21), os adoradores hipócritas (Is 58:1-14) e os responsáveis pela injustiça na terra (Is 59:1-21). Porém, mesmo em sua ira, Deus lembra-se de sua misericórdia (Hc 3:2), pois junto com essas acusações, o Senhor insta seu povo a humilhar-se e a submeter-se a ele.

Os líderes de Judá (56:9 – 57:2). Foi a conduta impiedosa dos líderes que causou a queda de Judá diante da Babilônia (Lm 4:13, 14). Se os profetas, sacerdotes e governantes tivessem buscado ao Senhor em arrependimento e fé, Deus teria intervindo em seu favor, mas eles persistiram em sua rebeldia. Com sarcismo mordaz, Isaías diz que “os seus atalaias são cegos”, pois não podiam ver o inimigo vindo, e “todos são cães mudos”, pois não podiam latir para alertar ninguém! Os líderes não eram vigilantes, porque gostavam de dormir e, quando estavam acordados, o que lhes agradava era comer e beber.

Os líderes espirituais são “atalaias” (Ez 3:17-21; 33:1-11) que precisam estar atentos para os perigos que ameaçam o povo de Deus. São “pastores” que devem pôr o cuidado do rebanho acima de seus próprios desejos. Quando os invasores (“animais do campo” e “feras dos bosques”) aparecem, os pastores devem proteger o rebanho, qualquer que seja o perigo. Para a descrição de um ministério espiritual fiel, ver Atos 20:18-38.

Deus permitiu aos líderes perversos que sofressem as terríveis consequências de seus pecados, porém os justos morreram antes da vinda do julgamento. Os piedosos encontraram paz e descanso, e os impiedosos foram levados ao cativeiro, onde alguns foram mortos. Pessoas rebeldes não merecem líderes espirituais dedicados. Quando o povo de Deus rejeita sua Palavra e prefere líderes sem o temor do Senhor, Deus pode lhe dar exatamente o que deseja e deixar que sofra as consequências.

Idólatras (57:3-13). Durante os últimos dias de Judá e de Jerusalém, antes da vinda dos babilônios, a terra e a cidade encontravam-se contaminadas pela idolatria. O rei Ezequias e o rei Josias haviam instruído o povo a destruir os ídolos e os lugares altos, mas assim que um rei impiedoso subiu ao trono, o povo de Judá voltou rapidamente a seus antigos caminhos. Isaías e Jeremias disseram ao povo que Deus iria castigá-lo por ter transgredido a lei, mas, ainda assim, os judeus insistiram em imitar as nações pagãs a seu redor.

Deus vê a idolatria como adultério e prostituição (v. 3). O povo sabia que estava errado, mas continuou arrogante e desavergonhadamente praticando suas formas lascivas de adoração (“vos abrasais na concupiscência junto aos terebintos”). Podiam ser vistos em todo lugar: visitando as prostitutas cultuais sob as árvores dos bosques, oferecendo seus filhos como holocausto nos vales, adorando nas fendas dos penhascos e nas pedras lisas dos ribeiros, sacrificando nos montes elevados e tendo relações ilícitas atrás das portas de suas casas. Quer fosse em público, quer secretamente, o povo se dedicava aos ídolos e à imoralidade.

Os judeus também eram culpados de se associarem a líderes pagãos em busca de sua proteção, em vez de confiarem no Senhor (v. 9). Depositar a confiança num governante pagão e em seu exército era o mesmo que confiar no falso deus que ele adorava (ver Is 30:1-7; 31:1-3). O povo de Judá encontrou forças ilusórias em suas alianças políticas e se recusou a admitir que tais alianças eram inúteis (Is 57:10). Deus iria desmascarar seus pecados e julgá-los, e quando isso acontecesse, sua “coleção de ídolos” não poderia salvá-los (v. 13).

Qualquer outra coisa em que depositarmos nossa confiança que não seja o Senhor torna-se nosso deus e, portanto, um ídolo. Pode ser instrução, experiência, profissão, dinheiro, amigos ou condição social. Uma das melhores maneiras de descobrir se há ídolos em nossa vida é nos perguntarmos: “Onde me refugio instinctivamente quando me deparo com alguma decisão a ser tomada

ou com algum problema a ser resolvido?” Será que ligamos para algum amigo? Garantimos a nós mesmos que podemos resolver a situação sozinhos? Ou nos voltamos para Deus a fim de receber ajuda e de descobrir qual é sua vontade?

Quando os ventos da tempestade começam a soprar, os ídolos saem voando como as folhas (v. 13). São “vaidade”, o que significa que são insignificantes. A tempestade não faz a pessoa; apenas mostra do que essa pessoa é feita e onde se encontra sua fé. Se fizermos de Deus nosso refúgio, não teremos nada a temer.

Os orgulhosos e gananciosos (vv. 14-21). Deus havia reservado uma palavra de encorajamento para o remanescente fiel: o caminho seria construído e os obstáculos, removidos, de modo que os exilados pudessem voltar à terra e servir ao Senhor. (Com referência ao tema “caminho” ou “estrada”, ver Is 11:16.) Deus habitaria com eles, pois seriam humildes de espírito (ver Is 66:2; Sl 34:18; 51:17). O orgulho é um pecado que Deus odeia (Pv 6:16, 17) e ao qual resiste (1 Pe 5:5, 6). Deus estava “indignado” com Judá por causa da “indignidade de sua co-bica” (Is 57:17) e disciplinou seu povo repetidamente por isso, mas os israelitas não mudaram. Em diversas ocasiões, o Senhor os havia “levado ao tribunal” e provado que eram culpados e, ainda assim, não se sujeitaram. No entanto, isso havia passado. Era chegada a hora de Deus curá-los, guiá-los e confortá-los.

Os hipócritas (58:1-14). Deus disse a Isaías para gritar a plenos pulmões como uma trombeta e a anunciar os pecados de seu povo. Os judeus iam ao templo, obedeciam às leis de Deus, jejuavam e pareciam ansiosos por buscar ao Senhor, mas sua adoração era apenas de aparência. O coração deles estava longe de Deus (Is 1:10-15; 29:13; Mt 15:8, 9). Quando adoramos porque está na moda e não porque é a coisa certa a fazer, nossa adoração torna-se hipócrita.

Os judeus tinham ordens de observar somente um jejum, no Dia da Expiação anual (Lv 16:29-31), mas caso o desejassem,

era permitido que jejuassem em particular. Sua queixa foi que ninguém parecia se importar com o que estavam fazendo. Talvez estivessem tentando “comprar” as bênçãos de Deus com seus jejuns. Adorar a Deus implica muito mais do que guardar um ritual exterior; também é preciso que haja obediência e submissão interior a Deus (Mt 6:16-18).

Se em meus deveres religiosos estiver fazendo algo que me agrada e se, ao fazê-lo, isso não me tornar uma pessoa melhor, será apenas perda de tempo; minha adoração não passará de pecado. Jejuar e brigar não andam juntos! Mesmo assim, quantas famílias saem da igreja no domingo com um ar de piedade, entram no carro e brigam o caminho todo até em casa!

O verdadeiro jejum conduz à humildade diante de Deus e ao ministério aos outros. Privamo-nos para que possamos compartilhar com outros, e o fazemos para a glória do Senhor. Se nossa intenção ao jejuar é obter alguma coisa de Deus e não nos tornarmos pessoas melhores para o bem dos outros, então não entendemos o sentido da adoração. O Senhor se alegra quando nos agradamos dele.

Os injustos (59:1-21). Havia um bocado de injustiça na terra: os ricos exploravam os pobres; os governantes abusavam de sua autoridade apenas para enriquecer ainda mais (ver Is 1:17-23; 3:13-15; 5:8-30). O povo levantava as mãos para adorar ao Senhor, mas suas mãos estavam manchadas de sangue (Is 1:15, 21). Deus não podia responder às suas orações, pois os pecados do povo ocultavam dele a face de Deus.

Tratava-se de um conflito entre a verdade e a mentira, como ainda é o caso nos dias de hoje. Isaías comparou os governantes perversos a mulheres grávidas dando à luz iniqüidades (Is 59:4; Sl 7:14; Is 33:11), a cobras chocando seus ovos, a aranhas tecendo suas teias (Is 59:5, 6). O que dão à luz serve somente para destruí-los (Tg 1:13-15), e suas lindas teias de mentiras não podem protegê-los.

Quando as pessoas vivem de mentiras, encontram-se nas sombras, sem saber para onde estão indo (Is 59:9-11). Quando a verdade desaparece, forma-se um “engarrafamento”, no qual a justiça e a eqüidade (honestidade) não conseguem ir adiante (vv. 12-15). O Senhor se desgostou da injustiça e do fato de ninguém de seu povo interceder nem tomar uma atitude (Pv 24:11, 12). Então, o próprio Deus interveio e trouxe os babilônios para destruir Judá e Jerusalém, ensinando-lhes que não poderiam desprezar sua lei e permanecer incólumes.

O julgamento de Deus contra seu povo foi um prenúncio do Dia do SENHOR, quando todas as nações serão julgadas. Quando terminar, então “virá o Redentor a Sião” (Is 59:20), e seu reino glorioso será estabelecido. Israel não apenas será o povo escolhido de Deus, mas também seu povo purificado, e a glória do Senhor brilhará do monte Sião.

A glória do Senhor no reino prometido é o tema dos capítulos de encerramento de Isaías. Enquanto estamos esperando e orando: “venha o teu reino”, talvez devêssemos também interceder e intervir. Somos o sal da terra e a luz do mundo (Mt 5:13-16), e Deus espera que façamos alguma diferença.

O REINO E A GLÓRIA

ISAÍAS 60 – 66

A graça é apenas o começo da glória”, disse Jonathan Edwards, “e a glória é a graça aperfeiçoadas”. Tudo aquilo que começa com a graça de Deus levará à sua glória (1 Pe 5:10), e isso inclui a nação de Israel.

Isaías começou seu “Livro da Consolação” (40 – 66) prometendo que “A glória do SENHOR se manifestará” (Is 40:5). Aqui, ele conclui descrevendo para nós essa glória. Nestes sete capítulos, usou a palavra “glória” e termos relacionados cerca de vinte e cinco vezes. Quando a glória de Deus entra em cena, tudo se renova.

1. O AMANHECER DE UM NOVO DIA (Is 60:1-22)

O imperativo “resplandece” é o chamado de Deus para que Jerusalém desperte (v. 1), pois um novo dia está amanhecendo para Israel. Essa luz não provém do Sol, mas da graça de Deus brilhando sobre a cidade.

No passado, a glória de Deus havia habitado no tabernáculo (Êx 40:34-38), mas partiu por causa do pecado de Israel (1 Sm 4:21). Então, a glória de Deus foi para o templo (1 Rs 8:11), mas deixou-o quando a nação voltou-se para os ídolos (Ez 9:3; 10:4, 18, 11:22, 23). A glória veio para Israel na pessoa de Jesus Cristo (Jo 1:14), mas a nação pregou a glória na cruz. Hoje, a glória de Deus habita em sua Igreja (Ef 2:20-22) e em seu povo individualmente (1 Co 6:19, 20). Um dia, porém, sua glória será revelada para a Terra, e Deus responderá às orações de seu povo: “venha o teu reino”.

O cativeiro da Babilônia havia sido o momento mais sombrio de Judá, mas não

era a essas trevas que Isaías se referia. O profeta estava descrevendo a terrível escuridão que cobrirá a terra no Dia do SENHOR (Am 5:18), quando Deus punir as nações por seus pecados (Is 2:12ss; 13:6ss). Estava se referindo, também, à gloriosa luz que virá sobre Israel quando o Messias voltar para reinar em Jerusalém. Então, “a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR, como as águas cobrem o mar” (Hc 2:14). Os filhos e as filhas de Israel voltarão para casa (Is 60:4, 8, 9), e todos conhecerão o Senhor.

Será o amanhecer de um novo dia para as nações do mundo, bem como para Israel (vv. 3, 10-13). Os gentios irão a Jerusalém para adorar ao Senhor e compartilhar sua riqueza (Is 2:2-4; 11:9; 27:13; 56:7; 57:13; 65:25; 66:20). Alguns “espiritualizam” essas promessas aplicando-as aos gentios que vêm para Cristo e a sua Igreja nos dias de hoje, porém essa não é a interpretação fundamental. Isaías vê navios e caravanas trazendo pessoas e riquezas para Jerusalém (Is 60:5-7), e as nações que se recusarem a honrar ao Senhor e sua cidade serão julgadas (v. 12). Até mesmo os velhos inimigos de Israel se sujeitarão e servirão ao Senhor (vv. 10, 14).

Nos versículos 15-22, o Senhor descreve algumas das alegrias e maravilhas do reino glorioso. A nação não estará mais desamparada, pois será enriquecida pelos gentios e servida como uma criança amada (vv. 4, 16; Is 49:23; 61:6). Assim como nos dias do rei Salomão (1 Rs 10:21, 27), haverá grande abundância de metais preciosos. Será um tempo de paz e de segurança. “Farei da paz os teus inspetores e da justiça, os teus exatores” (Is 60:17).

João usou algumas das características da Jerusalém do reino milenar ao descrever a Cidade Santa (Ap 21 – 22): o Sol nunca se põe; não há sofrimento; os portões nunca se fecham e assim por diante. Contudo, a cidade que Isaías descreve é a capital de Israel depois de sua restauração, onde Jesus Cristo se assentará no trono de Davi e julgará justamente. O “remanescente” judeu se multiplicará e encherá a terra (Is 60:22; 51:2; 54:3).

2. O COMEÇO DE UMA NOVA VIDA (Is 61:1-11)

O Senhor fala (vv. 1-9). Jesus citou essa passagem quando falou na sinagoga em Nazaré, afirmando que se referia a ele (Lc 4:16-21). (Observe que Isaías 61:1 fala do Pai, do Filho e do Espírito Santo.) Contudo, não citou “o dia da vingança do nosso Deus” do versículo 2, pois esse dia ainda está por vir (Is 34:8; 35:4; 63:4).

O contexto dessa passagem é o “ano do jubileu” descrito em Levítico 25:7ss. A cada sete anos, os judeus deviam observar o “ano sabático” e deixar a terra descansar. Depois de sete anos sabáticos, ou seja, quarenta e nove anos, deviam celebrar o quinquagésimo ano como “ano do jubileu”. Nesse ano, todas as dívidas eram canceladas, todas as terras eram devolvidas a seus proprietários originais, os escravos eram libertos e todos podiam recomeçar. Essa era a maneira do Senhor de equilibrar a economia e evitar que os ricos explorassem os pobres.

Se você crê em Jesus Cristo como seu Salvador, então está vivendo dias semelhantes aos de um “ano do jubileu” espiritual. Você foi liberto da escravidão; suas dívidas espirituais foram pagas; está vivendo no “ano aceitável do Senhor”. Em vez de cinzas do luto, você tem sobre a cabeça uma coroa, pois o Senhor fez de você um rei (Ap 1:6). Você foi ungido com o óleo do Espírito Santo e veste uma roupa de louvor e justiça (Is 61:3, 10).

Em seus dias de rebelião, Israel era como um carvalho de folhas murchas ou uma floresta sem água (Is 1:30), mas no reino, será como um jardim regado (Is 58:11) e uma árvore (“carvalho”) de justiça (Is 61:3). Todos os que pertencem ao povo de Deus devem ser como árvores (Sl 1:1-3), “plantados pelo SENHOR para a sua glória” (Is 61:3).

No “ano do jubileu” do reino, os judeus se ocuparão em reconstruir, reparar e restaurar sua terra, e os gentios irão pastorear seus rebanhos e cuidar de suas colheitas. Em vez de lavradores e pastores, os judeus serão ministros e sacerdotes! Deus os reconhecerá como seus primogênitos (Êx 4:22) e lhes dará uma porção dupla de suas bênçãos (Is 61:7; Dt 21:17).

A “aliança eterna” de Isaías 61:8 é descrita em Jeremias 31:31-37 e inclui as bênçãos da Nova Aliança que Jesus Cristo instituiu em sua morte (Hb 10:1-18; Mt 26:28). Observe que Isaías 61:9 fala dos “descendentes” judeus. Aqueles que entrarem no reino milenar se casarão, terão famílias e desfrutaráo as bênçãos de Deus na Terra por mil anos (Ap 20:1-5). Estudarão a Palavra de Deus de geração em geração (Is 59:21).

O profeta fala (vv. 10, 11). Isaías fala em nome do remanescente que está louvando a Deus por tudo o que ele fez. Eles exultam, pois Deus os purificou, vestiu e transformou seu deserto num fértil jardim (Is 55:10). Passaram do funeral ao casamento!

3. A DÁDIVA DE NOVOS NOMES (Is 62:1-12)

Deus não se calará (vv. 1-5). As palavras desses versículos são ditas pelo Senhor. Deus promete continuar falando e trabalhando até que se cumpram seus propósitos para Jerusalém. Sua obra não visa apenas beneficiar Sião, mas também as nações do mundo. Não haverá paz e justiça na Terra enquanto Jerusalém não receber seu novo nome e se tornar uma coroa de glória para o Senhor.

Como uma esposa infiel, Israel foi deixada pelo Senhor, mas não recebeu dele o divórcio (Is 50:1-3). Suas provações serão esquecidas quando ela receber um novo nome, Hefzibá, que significa “Minha-Delicia”. Deus se deleita em seu povo e gosta de dar-lhe o que há de melhor. O antigo nome, “Desolada”, será trocado por “Beulá”, que quer dizer “Desposada” (ver também Is 54:1). Quando uma noiva se casa, recebe um novo nome. No caso de Israel, já se encontra casada com Jeová, porém receberá um novo nome quando se reconciliar com ele.

Os guardas não devem se calar (vv. 6-12). Deus deu líderes ao seu povo para guiá-los, mas esses líderes não foram fiéis (“atalaias”; Is 56:10). Agora lhes dá guardas fiéis, que a todo tempo lembram o Senhor de suas promessas. “Nem deis a ele descanso até que restabeleça Jerusalém e a ponha por objeto de louvor na terra” (Is 62:7).

Que grande estímulo para que oremos “pela paz de Jerusalém!” (Sl 122:6).

Deus promete que os judeus nunca mais perderão suas colheitas para o inimigo. Antes, gozarão o fruto de seu trabalho nos átrios do santuário de Deus. Que privilégio! De acordo com Ezequiel 40 – 48, no milênio haverá um templo em que os judeus adorarão ao Senhor. Uma vez que tiverem recebido seu Messias, compreenderão claramente o significado espiritual de sua adoração. Hoje, há um véu sobre a mente do povo (2 Co 3:14-18), mas seus olhos serão abertos.

Isaías 62:10 é outra referência ao “caminho” (Is 11:16; 40:3-5), e há urgência em suas palavras. O Senhor está para chegar, e o povo deve preparar o caminho! Quando o trabalho estiver completo, devem levantar uma bandeira para indicar que estão prontos.

A proclamação: “Eis que vem o teu Salvador” (Is 62:11) chega aos confins da Terra! E quando o Senhor vier, trará outros nomes: Israel será chamada “Povo Santo” e “Redimidos-Do-Senhor”, e quanto a Jerusalém, “[Será] chamada Procurada, Cidade-Não-Deserta” (v. 12).

Deus não descansará enquanto não cumprir seus propósitos para seu povo, e o mundo não terá paz enquanto isso não acontecer. O Senhor nos pede para não lhe dar descanso (v. 7), mas sim interceder por Israel e Jerusalém, pois as orações de seu povo são parte importante dos planos de Deus.

4. A PROCLAMAÇÃO DE UMA NOVA VITÓRIA (Is 63:1 – 64:12)

Em Isaías 63:1-6, o profeta olha para o futuro e vê Jesus Cristo voltando da Batalha do Armagedom, o auge do Dia do SENHOR (Ap 19:11-21). Edom é citada como representante das nações que oprimiram os judeus. Bozra era uma de suas cidades principais e seu nome significa “colheita de uvas”. Esse nome é significativo, pois a figura apresentada aqui é a de um lagar (Jl 3:13; Ap. 14:17-20). O nome “Edom” significa “ruivo” ou “vermelho” e era o apelido de Esaú (Gn 25:30).

Na antiguidade, o lagar era uma pedra na qual se fazia uma cavidade e onde as uvas eram postas para serem pisadas. O suco

escorría por um buraco na pedra e era recolhido em jarros. Quando os trabalhadores pisavam as uvas, o suco espirrava em suas roupas. As vestes de nosso Senhor ficaram tingidas de sangue como resultado da grande vitória sobre seus inimigos (Ap 19:13).

Quando Jesus veio à Terra da primeira vez, foi para iniciar “o ano aceitável do SENHOR” (Is 61:2; Lc 4:19). Quando vier pela segunda vez, será para culminar no “dia da vingança do nosso Deus” (Is 63:4; 61:2). O inimigo será esmagado como uvas e forçado a beber seu próprio sangue do cálice da ira de Deus (Is 51:17; Jr 25:15, 16). Essas figuras podem não ser atraentes para as pessoas sofisticadas de nossos dias, mas os judeus daquela época entenderam bem o que elas significavam.

Em seguida, o profeta olha para trás, para o que Deus havia feito por Israel (Is 63:7-14). Glorifica a Deus por seus ternos afetos de misericórdia e bondade, pela compaixão e o amor concedidos a Israel. Deus identificou-se com o sofrimento deles (v. 9; Jz 10:16; Dt 32:10-12) e faz o mesmo por seu povo nos dias de hoje (1 Pe 5:7). Os judeus perguntaram: “Onde está o nosso Deus que fez maravilhas pelo seu povo? Por que ele não está operando a nosso favor?”

O profeta olha para o alto e clama ao Senhor para que mostre sua força (Is 63:15 – 64:12). Por amor a Abraão e a Israel, Isaías suplica por uma demonstração de força divina como as de outrora, pois Deus é seu Pai.

O profeta pede a Deus: “Atenta do céu” (Is 63:15) e exclama “Oh! Se [...] descesses!” (Is 64:1). Trata-se de uma das maiores “orações de reavivamento” das Escrituras. Assim como Deus desceu em fogo no Sinai (Ex 19:16-19), que venha novamente e revele seu poder admirável às nações. Elas confiaram em ídolos mortos, então que vejam o que o Deus vivo de Israel pode fazer!

Por que Deus não estava operando maravilhas? Os judeus haviam pecado (Is 64:5, 6) e precisavam confessar e deixar suas transgressões. Se nossa justiça é imunda, imagine como nossos pecados são diante de Deus! De acordo com o versículo 4, Deus havia planejado para seu povo maravilhas

além da imaginação, porém o pecado o impediu de compartilhar suas bênçãos (ver 1 Co 2:9 e Ef 3:20, 21). Haveria alguma esperança? Sem dúvida, pois Deus é um Pai que perdoa e um oleiro paciente (Jr 18). Ele pode nos purificar e nos renovar, se deixarmos que faça sua vontade.

Essa oração (e o remanescente fiel) termina com uma pergunta: Por que Deus está calado? Seu templo foi destruído, sua terra gloriosa foi devastada e seu povo foi exilado. “Conter-te-ias tu ainda, ó SENHOR, sobre estas calamidades? Ficarias calado e nos afligirias sobremaneira?” (Is 64:12). A resposta de Deus encontra-se nos próximos dois capítulos.

5. A BÊNCÃO DE UMA NOVA CRIAÇÃO (Is 65:1-25)

“E não me calarei; mas eu pagarei, vingar-me-ei, totalmente” (Is 65:6). Eis a resposta de Deus.

Primeiro, ele anuncia que sua salvação será concedida aos gentios (v. 1), ainda que não tenham buscado ao Senhor nem experimentado as bênçãos que ele deu a Israel. Paulo aplica esse versículo aos gentios em Romanos 10:19, 20. Se Israel não queria o que Deus tinha a oferecer, então ele o daria a outros. Ver Lucas 14:16-24 e 21:10 e Atos 28:23-31 para outras ilustrações desse princípio divino.

Em seguida, Deus descreve os pecados de seu povo que o impediram de responder a suas orações (Is 65:2-7). Os judeus resistiram à graça do Senhor e a seus apelos carinhosos, mesmo quando estendeu seu braço e lhes falou por intermédio de sua Palavra (Rm 10:21). Buscaram seu próprio caminho (Is 53:6) e provocaram o Senhor com sua adoração a falsos deuses, seu envolvimento com demônios e ocultismo. Comeram alimentos impuros e adoraram publicamente a ídolos dos lugares altos. Mesmo assim, esse povo rebelde se considerava melhor que os outros! “Porque sou mais santo do que tu” (Is 65:5).

Então, Deus explica que foi necessário julgar a nação por seus pecados (Is 65:8-16). Ele convocou os babilônios como seu instrumento de repreensão para ensinar a

seu povo que eles não poderiam pecar impunemente. Contudo, em sua misericórdia, o Senhor preservou um remanescente – como algumas uvas resgatadas do lagar – que voltaria para a terra e restauraria a nação. Quando seu povo o buscassem de todo o coração (v. 10), então ele os abençoaria (2 Cr 7:14).

“O vale de Acor” foi o local do apedrejamento de Acã por causa de sua desobediência a Deus (Js 7). Quando o Senhor restaurar sua esposa afastada, Israel, o vale de Acor se lhes tornará “porta de esperança” (Os 2:15).

Em Isaías 65:11-16, Deus vê dois tipos de pessoas na terra: aqueles que abandonaram o Senhor e aqueles que servem ao Senhor (“meu Servo” se tornou agora “meus servos”). Aqueles que abandonaram o Senhor ignoraram seu templo e adoraram a falsos deuses, como a deusa Fortuna e o deus Destino. Esses judeus desobedientes não viveriam, antes seriam destruídos, e aqueles que sobrevivessem não teriam prazer algum. Seus nomes seriam usados como maldições nos anos vindouros!

Deus guardou o melhor para o final: sua descrição do “novo céu” e da “nova terra” (o reino milenar) em Isaías 65:17 – 66:24.

Não se trata do mesmo “novo céu e nova terra” de João (Ap 21:1ss), pois as características que Isaías nos dá não se encaixam com a vida eterna. Tanto quanto sabemos, na eternidade as pessoas não envelhecerão nem morrerão (Is 65:20) e também não haverá perigo de perder coisa alguma para invasores (vv. 21-23).

Jerusalém será uma fonte de alegria, não apenas para o Senhor mas para toda a Terra. Será uma cidade de harmonia, santidade e felicidade. No reino milenar, as pessoas trabalharão, e Deus abençoará o seu trabalho. As pessoas suplicarão, e Deus responderá (v. 24). A natureza estará em paz (v. 25), pois a maldição será retirada.

6. O NASCIMENTO DA NOVA NAÇÃO (Is 66:1-24)

É evidente que o acontecimento mais marcante será o “nascimento de uma nação”,

quando Israel ocupar a posição central do cenário internacional (vv. 7-9). O regresso dos judeus a sua terra será tão rápido quanto o nascimento de um bebê. O “trabalho de parto” de Israel será “o Dia do SENHOR” ou “o tempo de angústia para Jacó” (Jr 30:7), quando Deus purificará seu povo e o preparará para a chegada do Messias. O Estado político de Israel nasceu em 14 de maio de 1948, porém a “nova Israel” nascerá “em um dia”, quando crer em Jesus Cristo. Jerusalém experimentará alegria, paz e satisfação (Is 66:10-14). Como um bebê sendo amamentado, encontrará saúde e paz nos braços do Senhor. A expressão “paz como um rio” nos lembra das palavras de Isaías a Acaz (Is 7:3-9) e as promessas de Deus em Isaías 41:18 e 48:18.

Haverá um novo templo (Is 66:1-6; Ez 40 – 48), mas cerimônias de adoração jamais substituem um coração humilde. Deus não mora em construções, mas sim com aqueles que se sujeitam a ele. Estêvão citou Isaías 66:1, 2 em sua defesa perante o Sinédrio (At 7:48-50), e Paulo referiu-se a essas palavras quando se dirigiu aos filósofos atenienses (Is 17:24).

No tempo de Isaías, o povo de Deus tremia diante de sua Palavra? Não. Em vez disso, os judeus apenas cumpriam rituais, sem ter o coração consagrado ao Senhor. Não sacrificavam os animais, só os assassinavam! Uma vez que seu coração encontrava-se longe de Deus (Is 29:13), para o Senhor seus sacrifícios eram como coisas imundas. É o coração do adorador que determina o valor da oferta.

A mão de Deus trará bênçãos a seus servos, porém se “indignará contra os seus inimigos” (Is 66:14), e Isaías descreve essa “indignação” nos versículos 15-18. O Dia do SENHOR será uma tempestade de julgamento com fogo, tufões e com a espada de Deus, e “serão muitos os mortos da parte do SENHOR” (Is 66:16).

Quem será morto? Aqueles que desobedeceram à lei de Deus em sua alimentação e adoração (vv. 17, 18). Em lugar de adorar ao Deus vivo, voltaram-se para ídolos e práticas pagãs. Não basta ser “religioso”;

devemos servir ao Senhor de acordo com o que ele diz em sua Palavra (Is 8:20).

O livro encerra com a descrição de mensageiros indo aos confins da Terra para anunciar o que Deus havia feito por Israel (Is 66:19). O resultado será uma torrente de pessoas indo a Jerusalém (ver Is 2:3 e 66:12) para levar suas ofertas ao Senhor. No passado, as nações gentias foram a Jerusalém para atacar e destruir, porém, na era do reino, irão para adorar e glorificar a Deus.

O livro termina com uma observação aparentemente negativa descrevendo os adoradores olhando para os cadáveres profanados e decompostos dos rebeldes (v. 24). O Vale de Hinom (do hebraico, ge'hinnom = Geena, no grego) é um retrato do julgamento (Is 30:33). Jesus o empregou para representar o inferno (Mc 9:43-48). O povo que vier a Jerusalém para adorar também irá aos arredores da cidade, para esse “depósito de lixo” e será lembrado que Deus é um fogo consumidor (Jr 7:32).

Ao longo de seu livro, Isaías nos apresentou alternativas: confiar em Deus e viver ou rebelar-se contra ele e morrer. O profeta explicou a graça e a misericórdia de Deus e ofereceu perdão. Também falou da santidade e da ira de Deus e nos advertiu sobre o julgamento. Prometeu glória para aqueles que crerem e juízo para aqueles que zombarem. Explicou a insensatez de confiar na sabedoria humana e nos recursos do mundo.

O profeta chamou o povo que professava pertencer a Deus a voltar para a realidade espiritual. Advertiu quanto à hipocrisia e à falsa adoração. Suplicou por fé, obediência, um coração que se agrade de Deus e uma vida que glorifique ao Senhor.

“Para os perversos, todavia, não há paz, diz o SENHOR” (Is 48:22; 57:21), pois para haver paz é preciso que haja justiça (Is 32:17). E a única maneira de ser justo é pela fé em Jesus Cristo (Rm 3:19-31).

A mensagem de Isaías é “consolai-vos no Senhor” (ver Is 12:1; 40:1-2; 49:13; 51:3,19; 52:9; 54:11; 57:18; 61:2; 66:13). Porém, Deus não pode consolar os rebeldes. Se estamos pecando contra Deus, e isso

não nos incomoda, então há algo de muito errado. Esse falso conforto conduzirá a uma falsa confiança, e esta, por sua vez, levará à mão disciplinadora de Deus.

“Buscai o SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto” (Is 55:6).

“Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve” (Is 1:18).

“Graças te dou, ó SENHOR, porque, ainda que te iraste contra mim, a tua ira se retirou, e tu me consolas” (Is 12:1).

Seja consolado!

JEREMIAS

ESBOÇO

Tema-chave: Arrependei-vos e tornai ao Senhor ou ele vos julgará.

Versículo-chave: Jeremias 3:22

I. O CHAMADO E A COMISSÃO DE JEREMIAS – 1

II. A MENSAGEM DE JEREMIAS A SEU POVO, JUDÁ – 2 – 33

1. No tempo do reinado de Josias – 2 – 13
 - (1) Os pecados de Judá – 2 – 6
 - (2) As mensagens no templo – 7 – 10
 - (3) A aliança rompida – 11 – 13
2. A invasão iminente da Babilônia – 14 – 16
3. A mensagem do sábado – 17
4. Os sermões na casa do oleiro – 18 – 19
5. Mensagens aos líderes – 20 – 24
6. O cativeiro de Judá – 25 – 29
7. A restauração nacional – 30 – 33

III. O MINISTÉRIO DE JEREMIAS E A QUEDA DE JERUSALÉM – 34 – 39

1. O ministério durante o cerco – 34 – 38
 - (1) Ao rei Zedequias – 34, 37 – 38
 - (2) Ao rei Jeoaquim – 35 – 36
2. A queda de Jerusalém – 39

IV. DEPOIS DA QUEDA DA CIDADE – 40 – 45, 52

V. A MENSAGEM DE JEREMIAS ÀS NAÇÕES – 46 – 51

1. Ao Egito – 46
2. À Filístia – 47

3. A Moabe – 48
4. A Amom, Moabe, Edom, Síria, Quedar e Elão – 49
5. À Babilônia – 50 – 51

CONTEÚDO

Prelúdio.....	89
1. O profeta relutante (Jr 1).....	90
2. A pregação do profeta (Jr 2 – 6).....	97
3. A voz no templo (Jr 7 – 10).....	106
4. O partido de Deus (Jr 11 – 13).....	114
5. Sermões, súplicas e soluções (Jr 14 – 17).....	122
6. O profeta, o oleiro e o presidente (Jr 18 – 20).....	130
7. O desfile dos reis (Jr 21 – 24).....	137
8. A confrontação com a verdade e o combate às mentiras (Jr 25 – 29).....	145
9. O Deus que renova (Jr 30 – 33).....	153
10. Acontecimentos contemporâneos e verdades eternas (Jr 34 – 39; 52).....	160
11. Uma tragédia chama outras (Jr 40 – 45).....	167
12. Deus fala às nações (Jr 46 – 49).....	173
13. A Babilônia caiu! (Jr 50 – 51).....	178
Poslúdio.....	183

PRELÚDIO

“O poder tende a corromper, e o poder absoluto corrompe absolutamente.” Lorde John Acton escreveu essas palavras numa carta a seu amigo Mandell Creighton, no dia 5 de abril de 1887. Quanto terminou a carta, o historiador britânico acrescentou o seguinte pós-escrito: “A história não oferece compensação pelo sofrimento nem punição pelos erros”.

Ao estudar a profecia de Jeremias, você verá que Lorde John estava certo em sua primeira declaração, pois encontrará neste livro alguns dos mais poderosos e corruptos governantes da história. No entanto, Lorde John mostrou-se redondamente enganado em seu pós-escrito. Deus ainda está em seu trono, e a história lhe pertence. O escritor alemão Friedrich von Logau expressou-se bem ao dizer:

Ainda que as moendas de Deus
trabalhem devagar,
trituram completamente;
Ainda que em sua paciência Deus
possa aguardar,
mói tudo exatamente.

Deus julga as nações e, um dia, retribui de acordo com seus pecados. Nenhuma nação pode menosprezar a lei de Deus nem desafiar seu governo sem sofrer as conse-

qüências. A profecia de Jeremias deixa isso bem claro.

Em seu conhecido poema “The Present Crisis”, o poeta norte-americano James Russell Lowell resumiu a vida e o ministério de Jeremias:

Para todo homem e nação,
sempre chega o momento da decisão.
Na luta do que é verdadeiro contra a
falsidade,
escolhe-se o lado do que é bom ou o da
maldade.

Apesar de, a princípio, ter hesitado quando Deus o chamou, Jeremias entregou-se ao Senhor e tornou-se um dos líderes espirituais mais determinados da história. Infelizmente, porém, o povo que mais precisava da liderança do profeta rejeitou-o e ignorou a Palavra de Deus.

Nossa atual situação não tem precedentes: nossos lares, igrejas, cidades e nações precisam de líderes determinados e obedientes à Palavra de Deus. “Se você injetar verdade na política,” brincou Will Rogers, “não restará política alguma”. O político pergunta: “O povo gosta?” O diplomata pergunta: “É seguro?” Mas o verdadeiro líder pergunta: “É a vontade de Deus? É correto?” Citando mais uma vez “The Present Crisis” de James Russell Lowell:

A verdade, no cadasfalso sempre
podemos encontrar
E a falsidade, sempre no trono a reinar.
Mas é esse cadasfalso que controla o
futuro
E por trás do porvir inseguro,
Nas sombras está nosso Deus
Cuidando sempre dos seus.

Foi isso o que Deus disse a Jeremias: “Viste bem, porque eu velo sobre a minha palavra para a cumprir” (Jr 1:12).

O PROFETA RELUTANTE

JEREMIAS 1

Jactar-se da glória do passado e negar o segredo que formou esse passado é perecer.

(C. Campbell Morgan)

Jeremias tinha cerca de vinte anos de idade quando recebeu o chamado de Deus no décimo terceiro ano do reinado de Josias (626 a.C.) Por que o rapaz hesitou em aceitar o chamado de Deus? Permite-me sugerir algumas razões.

1. A TAREFA ERA DIFÍCIL (JR 1:1)

Hilquias, pai de Jeremias, era sacerdote,² assim como havia sido seu pai antes dele, e esperava-se que o jovem Jeremias também servisse no altar. É possível até que estivesse na idade de ingressar no ministério quando Deus o chamou para ser profeta.

Tendo em vista que servir como profeta era uma incumbência que exigia muito mais do que servir como sacerdote, não é de se admirar que Jeremias tenha apresentado objeções. Se eu tivesse de escolher, ficaria com o sacerdócio! Em primeiro lugar, as obrigações de um sacerdote eram previsíveis. Praticamente todas as tarefas que deveria realizar encontravam-se descritas na lei. Portanto, tudo o que os sacerdotes precisavam fazer era seguir instruções.³ A cada dia, havia sacrifícios a oferecer, leprosos a examinar, pessoas impuras a excluir da comunidade, pessoas purificadas a serem reintegradas à comunidade, cerimônias oficiais a serem observadas, o santuário a ser cuidado e a lei a ser ensinada. Não admira que alguns dos sacerdotes tenham dito: “Que canseira!” (Ml 1:13).

O ministério de um profeta, porém, era muito diferente, pois ele nunca sabia de antemão o que o Senhor o chamaria para dizer ou fazer. O sacerdote trabalhava principalmente para preservar o passado ao proteger e manter o ministério do santuário, enquanto o profeta labutava para mudar o presente, de forma que a nação pudesse ter um futuro. Quando o profeta via o povo indo na direção errada, procurava trazê-lo de volta para o caminho certo.

Os sacerdotes lidavam com elementos externos, como determinar rituais de purificação e oferecer vários sacrifícios que não tinham o poder de tocar o coração das pessoas (Hb 10:1-18), mas o profeta tentava alcançar e mudar os corações. A palavra “coração” aparece pelo menos cinqüenta vezes no Livro de Jeremias, pois ele se destaca como o profeta do coração.

Os sacerdotes ministravam principalmente aos indivíduos por meio de vários rituais e não pregavam às multidões com freqüência. Já os profetas se dirigiam à nação, e era comum que as pessoas às quais se dirigiam não quisessem ouvir a mensagem. Os sacerdotes pertenciam a uma tribo especial e, sendo assim, possuíam autoridade e respeito, mas um profeta podia vir de qualquer tribo e precisava comprovar seu chamado divino. Os sacerdotes eram sustentados pelos sacrifícios e pelas oferendas do povo, mas os profetas não tinham sustento garantido.

Jeremias teria desfrutado uma carreira muito mais confortável como sacerdote. Assim, não é de se admirar que sua primeira reação tenha sido questionar o chamado de Deus. Oferecer sacrifícios era uma coisa, porém pregar a Palavra a pessoas de coração endurecido era outra bem diferente. Ao ler este livro, você encontrará uma série de imagens representando seu ministério que revelam como era difícil servir ao Senhor na qualidade de profeta fiel. Em seu ministério, Jeremias teve de ser:

Um destruidor e um construtor (Jr 1:9-10)

Uma coluna e um muro (Jr 1:17, 18)

Um atalaia (Jr 6:17)

Um depurador de metais (“acrisolador”; Jr 6:27-30)
 Um médico (Jr 8:11, 21, 22)
 Um cordeiro sacrificial (Jr 11:19)
 Um fundista (Jr 12:5)
 Um pastor (Jr 13:17, 20, 21; 17:16, 23)
 Um agitador (Jr 15:10, 15-17)

Parece um trabalho fácil?

2. OS TEMPOS ERAM DIFÍCEIS (Jr 1:2, 3; 2 Rs 21 – 25; 2 Cr 33 – 36)

Suponho que não haja um tempo no qual seja fácil servir a Deus, mas alguns períodos da história são especialmente difíceis para o ministério espiritual, e Jeremias viveu numa dessas épocas. Considere a história de Judá durante a vida de Jeremias.

Rebelião em vez de obediência. Para começar, Jeremias nasceu durante o reinado de Manassés, o homem mais cruel a reinar em Judá (2 Rs 21:1-18). Filho do piedoso Ezequias,⁴ Manassés chegou ao trono com apenas doze anos de idade, e os oficiais a seu redor não tiveram dificuldades em influenciá-lo a favor da idolatria. “Manassés de tal modo os fez errar [o povo de Judá], que fizeram pior do que as nações que o SENHOR tinha destruído de diante dos filhos de Israel” (2 Rs 21:9). Quando Manassés morreu, seu filho Amom deu continuidade às práticas perversas do pai.

Assim, Jeremias cresceu em Anatote⁵ num tempo em que a idolatria prosperava em Judá, as crianças eram oferecidas como sacrifício aos ídolos, a lei de Moisés era desprezada e desobedecida e parecia não haver esperanças para a nação. Sacerdotes piedosos não eram tidos em alta consideração.

Reforma em vez de arrependimento. Em 639 a.C., alguns dos servos de Amom o assassinaram. Seu filho, Josias, tornou-se rei e governou até falecer em 609 a.C. Josias era muito jovem quando começou a reinar, mas teve conselheiros piedosos como Hilquias, e, portanto, buscou ao Senhor. No décimo segundo ano de seu reinado, começou a expurgar a terra da idolatria; seis anos depois, ordenou aos sacerdotes e trabalhadores que reparassem e purificassem o templo.

Foi nessa época que o sacerdote Hilquias encontrou o Livro da Lei no templo e o leu para o rei. É possível que esse documento fosse constituído dos cinco livros de Moisés ou talvez apenas do Livro de Deuteronômio.

Quando o rei ouviu a lei de Deus, foi profundamente tocado. Rasgou suas vestes e mandou chamar a profetisa Hulda para que ela lhe desse instruções do Senhor (2 Rs 22). A mensagem dela dizia que o povo havia abandonado o Senhor e, assim, o juízo estava a caminho, mas por causa do arrependimento sincero de Josias, o julgamento não viria durante seu reinado.

Josias não esperou que as reformas do templo fossem concluídas para chamar o povo ao arrependimento. Fez uma aliança com o Senhor e dirigiu o povo a renunciar a idolatria e a voltar para a lei de Deus. Infelizmente, a obediência de muitos do povo foi apenas superficial. Ao contrário do rei, os judeus não demonstraram arrependimento sincero. Jeremias sabia disso e anunciou com ousadia a mensagem de Deus: “não voltou de todo o coração para mim a sua falsa irmã Judá, mas fingidamente” (Jr 3:10).

Josias conduziu a nação a uma reforma, mas não a um reavivamento que transformasse o coração do povo. Os ídolos foram removidos, o templo foi restaurado e também a adoração a Jeová, mas o povo não se voltou para Deus de todo o coração e alma.

Política em vez de princípios. Assim que Josias morreu no campo de batalha⁶ e que seu filho Jeoacaz se tornou rei, a nação não tardou a entregar-se à idolatria. No entanto, o Faraó Neco depôs Jeoacaz, exiliou-o no Egito, onde o rei judeu morreu, e colocou no trono o irmão de Jeoacaz, Eliaquim, mudando seu nome para Jeaquim. Porém, Jeaquim não foi melhor do que o irmão e fez “o que era mau perante o SENHOR, segundo tudo quanto fizeram seus pais” (2 Rs 23:37). Instituiu pesados impostos sobre o povo para conseguir pagar o tributo ao Egito e, posteriormente, concordou em pagar tributo a Nabucodonosor, rei da Babilônia. Depois que Jeaquim voltou atrás em sua promessa, Nabucodonosor levou-o como prisioneiro para a Babilônia,

carregando também com ele os utensílios do templo (597 a.C.).

Joaquim, o filho de Jeoacuim, reinou somente três meses, sendo substituído por seu tio, Matanias, o terceiro filho de Josias (1 Cr 3:15), cujo nome foi alterado para Zedequias. Esse foi o último rei de Judá, um monarca fraco e hesitante que temia mais a seus oficiais do que ao Senhor⁷ (Jr 38:19). “Fez o que era mau perante o SENHOR, seu Deus, e não se humilhou perante o profeta Jeremias, que falava da parte do SENHOR” (2 Cr 36:12). Zedequias pediu ajuda a Jeremias enquanto cortejava os embaixadores das nações vizinhas e planejava rebelar-se contra a Babilônia. Permitiu que seus príncipes perseguissem e até aprisionassem Jeremias, apesar de se encontrar em segredo com o profeta em várias ocasiões, como se estivesse buscando a vontade de Deus.

É fácil líderes políticos consultarem líderes religiosos e, depois, fazerem exatamente aquilo que haviam planejado desde o princípio. Nos dias de hoje, é uma boa tática de relações públicas dar às pessoas a impressão de que a “religião” é importante, mas conversar com um pregador conhecido não é a mesma coisa que humilhar-se diante de Deus.

Jeremias pregou à nação durante quarenta anos, entregando-lhe as promessas e advertências de Deus. Ainda assim, viveu para ver Jerusalém e seu amado templo sendo destruídos pelo exército de Nabucodônoso e o povo sendo levado cativo para a Babilônia. Jeremias ministrou num tempo conturbado, mas permaneceu fiel ao Senhor. Denunciou as inúteis políticas externas dos governantes, suplicando-lhes que se voltassem para o Senhor de todo o coração, confiando em Deus em vez de confiar em seus aliados políticos. Jeremias é um dos maiores exemplos das Escrituras em termos de fé e de resolução diante do perigo físico e da decadência nacional.

3. O SERVO ESTAVA EM DÚVIDA (JR 1:4-10)

Jeremias hesitou ao olhar para o trabalho diante de si e para a perversidade a seu redor e, ao olhar para as próprias fraquezas,

convenceu-se de que não era o homem certo para o desafio.

Quando se trata de servir ao Senhor, em certo sentido ninguém é absolutamente adequado. “Quem, porém, é suficiente para estas coisas?” (2 Co 2:16), perguntou o grande apóstolo Paulo ao refletir sobre as responsabilidades do ministério. Então, respondeu à sua própria pergunta dizendo: “Não que, por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus” (2 Co 3:5).

Contudo, Deus não está cometendo um engano quando nos chama, e se hesitamos ou recusamos a obedecer, agimos com base na incredulidade e não pela fé. Uma coisa é dizer que conhecemos nossas próprias limitações, porém outra bem diferente é dizer que nossas fraquezas impedem Deus de fazer seu trabalho. Essa atitude não é uma demonstração de verdadeira humildade, mas sim de orgulho.⁸

Deus deu ao jovem Jeremias três certezas maravilhosas.

A graça eletiva de Deus (vv. 4, 5). Um de meus professores no seminário costumava dizer: “Tente explicar a eleição divina e você pode perder a cabeça, mas tente desfazer-se dela e perderá sua alma”. Deus não nos salva, nos chama ou usa em seu serviço porque merecemos, mas porque escolhe fazê-lo em sua sabedoria e graça. Trata-se da mais pura graça. “Mas, pela graça de Deus, sou o que sou”, escreveu Paulo, “e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1 Co 15:10).

Cada uma das frases em Jeremias 1:5 é importante. Em primeiro lugar, Deus *conhecia* Jeremias,⁹ uma referência à soberana eleição divina de seu servo. Deus escolheu Jeremias antes mesmo que ele fosse concebido ou formado no útero de sua mãe. Então, Deus *formou* Jeremias e deu-lhe a estrutura genética que desejava que tivesse. Essa verdade é expressa poeticamente no Salmo 139:13-16. Jeremias não estava muito feliz com o que seu nascimento havia lhe

dado (Jr 20:14-18), mas o Senhor sabia o que estava fazendo. Aquilo que somos é um presente de Deus para nós, e o que fazemos com isso é nosso presente para Deus.

Deus *santificou* Jeremias mesmo antes do nascimento dele. Isso significa que Jeremias foi separado pelo Senhor e para o Senhor, antes mesmo que viesse a conhecer a Deus de forma pessoal. Posteriormente, Deus faria a mesma coisa com Paulo (Gl 1:15). O Senhor, então, ordenou que Jeremias fosse profeta às nações. A preocupação de Deus desde o começo sempre foi de que todas as nações da Terra conhecessem sua salvação. Por isso, chamou Abraão (Gn 12:1-3) e separou a nação de Israel como seu meio especial de trazer sua Palavra e seu Filho ao mundo.

O profeta era um porta-voz escolhido e autorizado pelo Senhor para declarar a Palavra de Deus ao povo. A palavra hebraica, provavelmente, vem de um radical da língua árabe que significa “anunciar”. Moisés, por exemplo, falou a Arão, que foi seu porta-voz (profeta) diante do Faraó (Ex 7:1, 2). Os profetas faziam mais do que revelar o futuro, pois suas mensagens tinham aplicações imediatas para a vida do povo. Eram mais *proclamadores* do que *prenunciadores*, expondo os pecados do povo e chamando-o de volta a suas responsabilidades na aliança com Deus.

Como filhos de Deus, somos escolhidos e separados por ele e para ele (Rm 8:28-30; Ef 1:3-14). Essa verdade deve nos dar grande coragem quando enfrentarmos o mundo perverso e procurarmos servir ao Senhor. “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8:31).

A presença protetora de Deus (vv. 6-8). Deus deu ao jovem Jeremias três instruções: Vá para onde eu o enviar, fale o que eu lhe ordenar e não tenha medo do povo. Então, acrescentou uma grande promessa: “porque eu sou contigo para te livrar” (Jr 1:8). O Senhor repetiu essa promessa ao final de seu chamado: “Pelejarão contra ti, mas não prevalecerão; porque eu sou contigo, diz o Senhor, para te livrar” (v. 19).

Observe, porém, que havia uma condição associada a essa promessa animadora:

Jeremias devia ir para onde Deus o mandasse e falar o que Deus lhe ordenasse. Também devia crer nas promessas de Deus e provar sua fé não temendo o povo. É com razão que chamamos Jeremias de “profeta chorão” (Jr 9:1), mas o profeta também era um homem corajoso que enfrentou muitos perigos e provações, permanecendo firme no Senhor. Sabia que o Senhor estava com ele, assim como nós deveríamos saber que Deus está conosco. “De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei”.¹⁰ Assim, podemos dizer com ousadia: “O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?” (Hb 13:5, 6).

A Palavra eficaz de Deus (vv. 9, 10). Quando a brasa do altar celeste tocou os lábios de Isaías, ela o purificou (Is 6:5-7); quando a mão de Deus tocou a boca de Jeremias, deu-lhe poder e autoridade. Deus colocou suas palavras na boca do profeta, e tais palavras foram eficazes no cumprimento da vontade do Senhor. Deus não apenas deu a Jeremias suas palavras, como também prometeu “velar” por elas até que fossem cumpridas (Jr 1:12).

A Palavra de Deus criou o Universo: “Os céus por sua palavra se fizeram, e pelo sopro de sua boca, o exército deles [...]. Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir” (Sl 33:6, 9). O Universo é sustentado pela Palavra de Deus: “sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1:3). Mas Deus também cumpre seus propósitos aqui na Terra por intermédio de sua Palavra: “Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei” (Is 55:10, 11).

Em muitas igrejas de hoje, a adoração transformou-se em entretenimento, e a pregação é simplesmente a distribuição de bons conselhos. Precisamos ouvir a admoestação de Paulo a Timóteo e lhe obedecer: “Prega a palavra” (2 Tm 4:2). O Espírito Santo é

o Espírito da verdade (Jo 16:13) e trabalha por meio da Palavra da verdade (Sl 119:43; 2 Tm 2:15). Jeremias não alcançou os propósitos de Deus na Terra por meio de discursos sagazes, de astúcia diplomática ou de aplicação hábil da psicologia. O profeta ouviu a Palavra de Deus, levou-a a sério e proclamou-a desternidamente ao povo. Deus fez o resto.

O ministério de Jeremias foi difícil, pois ele teve de destruir antes de construir e de desarraigar antes de plantar. Em muitos ministérios, há “estruturas” organizacionais inapropriadas que deveriam ser derrubadas, pois estão impedindo o progresso. Algumas “plantas” ocupam espaço, mas não dão fruto e estão prestes a ser cortadas. Jesus disse: “Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada” (Mt 15:13).

Qualquer servo de Deus que se sinta fraco demais para servir deve considerar estes três encorajamentos: Deus o chamou? Então, ele irá prepará-lo e capacitá-lo. Você está obedecendo aos mandamentos dele pela fé? Então, ele está com você para protegê-lo. Você está propagando a mensagem? Então, ele cumprirá seus propósitos, qualquer que seja a reação das pessoas. O nome Jeremias significa “Jeová estabelece”, e, de fato, Deus estabeleceu seu servo e seu ministério e cuidou dele até o final. “Todavia, o Senhor é fiel; ele vos confirmará e guardará do Malígno” (2 Ts 3:3).

4. A MENSAGEM ERA PERIGOSA (JR 1:11-19)

Ao estudar os profetas do Antigo Testamento, descobre-se que a mensagem deles era entrecida por três verdades: (1) *pecados do passado*: a nação desobedeceu a lei de Deus; (2) *responsabilidades do presente*: o povo deve arrepender-se ou Deus mandará juízo; e (3) *esperança para o futuro*: o Senhor virá um dia para estabelecer seu glorioso reino.

O Senhor não deu a Jeremias uma mensagem alegre de livramento para anunciar; antes deu-lhe uma mensagem trágica de juízo. Essa mensagem era tão perigosa que, ao ouvi-la, o povo chamou Jeremias de trai-

dor. Ele foi mal interpretado, perseguido, detido e aprisionado – e, mais de uma vez, sua vida esteve em perigo. A nação não queria ouvir a verdade, mas Jeremias disse-lhes claramente que estavam desafiando o Senhor, desobedecendo à sua lei e, portanto, seriam julgados.

Deus deu a Jeremias três promessas, a fim de prepará-lo para essa perigosa missão. Duas delas vieram na forma de visões.

A visão da vara de amendoeira: Deus proverá (vv. 11, 12). Na Terra Santa, a amendoeira floresce em janeiro, dando a primeira indicação de que a primavera está chegando. A palavra em hebraico para amendoeira é *saged*; enquanto a palavra “vigiar” ou “acordado” é *soqed*. Deus usou esse jogo de palavras para chamar a atenção de Jeremias para o fato de que ele está sempre acordado para velar sobre sua Palavra e cumpri-la.

Como um marido ou esposa que quebra os votos do matrimônio, a nação pecadora havia abandonado a aliança com o Senhor e entregava seu amor e lealdade a ídolos pagãos. *Mas a aliança permaneceria, pois o Senhor não havia se esquecido dela.* Deus prometeu abençoá-los se obedecessem e discipliná-los se desobedecessem. “Porque eu [Deus] velo sobre a minha palavra para a cumprir” (Jr 1:12; ver Lv 26; Dt 28). Deus falou à nação pelos primeiros profetas, porém os governantes e o povo não deram ouvidos.

O SENHOR advertiu a Israel e a Judá por intermédio de todos os profetas e de todos os videntes, dizendo: Voltai-vos dos vossos maus caminhos e guardai os meus mandamentos e os meus estatutos, segundo toda a Lei que prescrevi a vossos pais e que vos enviei por intermédio dos meus servos, os profetas. Porém não deram ouvidos; antes, se tornaram obstinados, de dura cerviz como seus pais, que não creram no SENHOR, seu Deus. Rejeitaram os estatutos e a aliança que fizera com seus pais, como também as suas advertências com que protestara contra eles; seguiram os ídolos, e se tornaram vãos, e seguiram as

nações que estavam em derredor deles, das quais o SENHOR lhes havia ordenado que não as imitassem (2 Rs 17:13-15).

A panela ao fogo: a ira de Deus está vindo (vv. 13-16). As nações no Oriente encontravam-se com freqüência em conflito, cada uma tentando obter a supremacia. Primeiro, os governantes judeus recorreram ao Egito em busca de ajuda, depois à Assíria (ver Is 30 – 31; Jr 2:18, 36); em meio a tudo isso, deixaram de confiar no Senhor e de buscar sua ajuda. Mas essa visão revela que Deus está no controle das nações do mundo e pode usá-las para realizar seus propósitos. Naquele momento, o Senhor já estava preparando a Babilônia ao norte¹¹ para ser sua serva e para disciplinar seu povo. Era inútil Judá recorrer ao Egito em busca de socorro, uma vez que o Egito também seria conquistado por Nabucodonosor (Jr 46).

Quando Jeremias começou seu ministério, a potência dominante do Oriente Próximo era a Assíria e não a Babilônia, e sem dúvida muitos dos especialistas políticos acharam que Jeremias era um tolo por se preocupar com a Babilônia ao norte. No entanto, o povo de Judá viveu para assistir a Assíria ser derrotada e o Egito ser paralisado, enquanto a Babilônia crescia em poder e as palavras de Jeremias se cumpriam. De fato, os conquistadores babilônios colocaram seus tronos na porta de Jerusalém (Jr 39:1-3), e a cidade santa acabou sendo destruída.

Deus ressaltou o pecado da idolatria (Jr 1:16) – esquecer-se do verdadeiro Deus e adorar a deuses que haviam feito com as próprias mãos. Em sua hipocrisia, o povo de Judá mantinha a adoração no templo, mas Jeová se tornou para eles apenas mais um dentre os muitos deuses que exigiam sua devoção. Chegaram até a levar algumas divindades estrangeiras para dentro do templo (ver Ez 8 – 9)! Os falsos profetas prosperavam em seu ministério superficial e popular, pois prometiam paz ao povo sem nunca chamá-lo ao arrependimento (Jr 5:12, 13; 8:11, 12; 14:13-22).

Quando uma nação abandona a adoração ao Deus verdadeiro, as pessoas começam

a explorar umas às outras, como aconteceu com Judá. Os ricos oprimiam os pobres e os tribunais não defendiam os direitos dos oprimidos (Jr 2:34, 35; 5:26-31; 7:1-11). E, no entanto, esses governantes e juízes perversos iam ao templo fielmente e fingiam adorar a Jeová! Tudo o que fizeram foi transformar o templo num “covil de salteadores” (Jr 7:11). Era esse tipo de pecado que Deus estava prestes a julgar.

A cidade, a coluna e o muro: Deus protegerá seu servo (vv. 17 – 19). Para poder correr ou trabalhar com mais facilidade, os homens daquele tempo precisavam amarrar seus mantos soltos com uma cinta (1 Rs 18:46; 2 Rs 4:29), de modo que “cinge os lombos” (Jr 1:17) significava “prepare-se para entrar em ação!”. Ou, parafraseando: “Aperte o cinto! Arregace as mangas!” A expressão “[cingir] o vosso entendimento” (1 Pe 1:13) significa “preparar a mente e cultivar uma atitude mental correta tendo em vista a volta de nosso Senhor”.

Deus repetiu o aviso que havia dado anteriormente (Jr 1:8) para que Jeremias não tivesse medo do povo que se oporia a ele, pois o Senhor o defenderia. Cercado de inimigos, o profeta se tornaria como uma cidade fortificada à qual não poderiam subugar. Obrigado a resistir sozinho, Jeremias se tornaria forte como uma coluna de ferro. Atacado por todos os lados por reis, príncipes, sacerdotes e pelo povo, se tornaria rígido como um muro de bronze. “Porque eu sou contigo, diz o SENHOR, para te livrar” (vv. 8, 19) – essa era a promessa confiável do Senhor, e, na batalha pela verdade, quem tem Deus a seu lado está em maioria.

Apesar das exigências de seu dever e dos tempos difíceis em que estava vivendo, Jeremias aceitou o chamado de Deus. O profeta conhecia suas próprias deficiências, mas também sabia que Deus era maior e que o capacitaria para realizar a obra. A mensagem que Deus lhe deu foi, sem dúvida, perigosa, porém o Senhor estava velando sobre sua Palavra a fim de cumpri-la e protegeria seu servo fiel.

Jeremias tomou a decisão correta e, como resultado, tornou-se um dos profetas

mais malquistas da história judaica. Pelos parâmetros humanos, seu ministério foi um fracasso, porém pelos parâmetros da vontade de Deus, foi um grande sucesso. Não é fácil ficar sozinho, resistir à multidão e estar em descompasso com a filosofia e os valores do momento. Jeremias, porém, viveu desse modo por mais de quarenta anos.

No capítulo final de seu livro *Walden*, Henry David Thoreau escreveu: "Se um homem não anda em harmonia com seus

companheiros, talvez seja porque ouve um ritmo diferente. Deixe-o andar conforme a música que ouve, seja ela rítmica ou não".¹²

"Se alguém quer vir após mim", disse Jesus, "a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. [...] Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?" (Mt 16:24, 26).

Qual será sua decisão diante dessa pergunta tão séria? Você se conformará com a multidão ou tomará a cruz?

1. MORGAN, G. Cambell. *Studies in the Prophecy of Jeremiah*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell, 1961, p. 19.
2. É pouco provável que o pai de Jeremias fosse o mesmo Hilquias que encontrou o Livro da Lei durante a reforma do templo (2 Rs 22). No Antigo Testamento, são mencionados muitos outros Hilquias. Era um nome bastante comum, especialmente entre os sacerdotes e levitas. Se o pai de Jeremias tivesse sido assim tão próximo do rei, é provável que seu filho tivesse gozado prestígio, o que não parece ter sido o caso.
3. Não estou desconsiderando o fato de que o ministério de um sacerdote trazia grandes responsabilidades no sentido de que poderia desobedecer a Deus e perder a vida. O sacerdote deveria vestir-se corretamente (Ex 28:42, 43), manter pés e mãos limpos enquanto servia (Ex 30:20, 21; Lv 22:9), fazer seu trabalho cuidadosamente (Nm 4:15-20; 18:3) e procurar sempre glorificar a Deus (Lv 16:13); do contrário, o juízo de Deus poderia cair sobre ele.
4. Os caminhos da providência divina são, por vezes, misteriosos. Ezequias foi um rei piedoso, mas não seu filho, Manassés. O filho de Manassés, Amom, que reinou por apenas dois anos, foi tão perverso quanto o pai (2 Rs 21:20-22); porém Josias, filho de Amom, foi um homem piedoso. O filho de Josias, Jeoacaz, que reinou apenas três meses, foi tão perverso quanto o avô. Suponho que devemos levar em consideração tanto a influência de suas mães como a dos oficiais da corte encarregados da educação dos príncipes.
5. A cidade sacerdotal de Anatote ficava na tribo de Benjamim (Js 21:18), cerca de uma hora de caminhada de Jerusalém. Os sacerdotes viviam em suas próprias casas e viajavam para Jerusalém quando chegava sua vez de ministrar no templo. Em desobediência à lei, havia também santuários nos quais alguns dos sacerdotes ministriavam por uma questão de conveniência para aqueles que não queriam viajar até Jerusalém.
6. Josias cometeu o erro de envolver-se precipitadamente na batalha de Carquemis, na qual o Faraó Neco do Egito lutava contra o exército da Assíria. O Faraó Neco já havia avisado Josias para não se intrometer, mas o rei persistiu nessa idéia e acabou sendo morto em Megido (2 Cr 35:20-25).
7. Uma vez que muitos dos nobres (cidadãos importantes da terra) tinham sido deportados para a Babilônia, o rei ficou com um grupo fraco de assistentes. Contudo, é de se duvidar que homens mais fortes teriam feito alguma diferença em seu caráter ou ações.
8. Compare o chamado de Deus a Moisés (Ex 3 – 4) e a Gideão (Jz 6) e veja como o Senhor é paciente com seus servos e faz tudo o que está a seu alcance para encorajá-los na fé. Deus ainda gosta de usar os instrumentos mais improváveis para realizar sua obra neste mundo e tem um bom motivo para isso: "A fim de que ninguém se glorie na presença de Deus" (1 Co 1:29).
9. Deus disse aos judeus: "De todas as famílias da terra, somente a vós outros vos escolhi" (Am 3:2). Sem dúvida, Deus está a par de todas as nações e acontecimentos, porém Israel é a única nação da história a ter um relacionamento especial de aliança com o Senhor Deus e foi escolhida inteiramente pela graça de Deus (Dt 4:32-37; 7:7, 8). O Senhor disse de Abraão: "porque eu o escolhi" (Gn 18:19).
10. A promessa de sua presença foi dada a Isaque (Gn 26:1-3, 24); Jacó (Gn 28:15; 31:3; 46:1-4); Moisés (Ex 3:12; 33:14); Josué (Dt 31:7, 8; Js 1:5; 3:7; 6:27); Gideão (Jz 6:15, 16); Jeremias (Jr 1:8, 19; 20:11) e à Igreja (Mt 28:19, 20; Hb 13:5, 6). Ver também Isaías 41:10; 43:5.
11. Ver Jeremias 4:6; 6:1, 22; 10:22; 13:20; 15:12; 25:9; 47:2; 50:3, 9, 41; 51:48. O exército invasor babilônio é comparado a uma panela ao fogo (Jr 1:13, 14), a um leão (4:7) e a uma inundação (47:2).
12. THOREAU, Henry David. *Walden*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1971, p. 326.

A PREGAÇÃO DO PROFETA

JEREMIAS 2 – 6

Assim como os indivíduos, as nações estão sujeitas ao castigo e à disciplina neste mundo.

(*Abraham Lincoln*)¹

Em minha biblioteca, tenho um caderno contendo esboços de mensagens que preguei quando comecei meu ministério, nos idos de 1950. Sempre que revejo aqueles estudos, sinto-me muito envergonhado e contrito de coração e me admiro de que alguém tenha ouvido aquelas pregações ou que tenha voltado para ouvir ainda outras. Concordo plenamente com um pregador experiente que disse certa vez: “Quando você é novo no ministério, não consegue entender por que as pessoas não vêm aos cultos para ouvi-lo pregar. Porém, ao ficar mais velho, admira-se pelo fato de que alguém venha ouvi-lo.”

No entanto, o jovem Jeremias começou seu ministério com mensagens que eram corajosas, compassivas e condenadoras.² Cheio de ousadia, confrontou o povo com seus pecados e suplicou para que se arrependessem e voltassem para o Senhor. Quatro temas principais combinam-se nessas mensagens: rebelião, arrependimento, justiça e retribuição.

1. REBELIÃO: DEUS VÊ OS PECADOS DE SEU POVO (JR 2:1-37)

Jeremias tinha o dom de expressar verdades teológicas em linguagem vívida. Na verdade, boa parte de sua pregação pode ser lida como poesia.³ Neste capítulo, pinta dez retratos que expõem os pecados do povo.

A esposa infiel (vv. 1-8). Quando o Senhor deu sua aliança aos israelitas no monte Sinai (Êx 19 – 20), entrou num relacionamento amoroso com eles e comparou-o a um casamento. “Porquanto eles anularam a minha aliança, não obstante eu os haver desposado” (Jr 31:32; ver 3:14). No Antigo Testamento, a idolatria de Israel é comparada ao adultério e até mesmo à prostituição (ver Is 54:5; Os 2:16). No começo desse relacionamento de aliança, os israelitas eram dedicados⁴ ao Senhor e o amavam, mas uma vez que conquistaram a Terra Prometida, seu coração cobiçou os deuses das nações a seu redor e afundaram-se na idolatria (Jz 1 – 3). Apesar de Deus tê-los conduzido em segurança ao longo da jornada pelo deserto e de ter lhes dado uma herança maravilhosa em Canaã, eles o abandonaram em troca de ídolos feitos por mãos humanas. Que tipo de amor fiel é este?

As cisternas rotas (vv. 9-13). “Procurem do Ocidente ao Oriente”, disse o profeta, “e não encontrarão nenhuma nação que tenha trocado de deuses”. Mas Israel esqueceu-se do verdadeiro Deus e buscou falsos deuses, como quem abandona a fonte de água fresca em troca de uma cisterna rota e suja, que já não pode reter água. Na Terra Santa, a água é um bem valioso, e ninguém faria algo tão tolo. Não é de se admirar que Deus tenha dito: “Espantai-vos disto, ó céus, e horrorizai-vos! Ficai estupefatos” (Jr 2:12). A segunda oração significa literalmente: “Fiquem com os cabelos em pé!”.

Um escravo transformado em presa (vv. 14-19). Deus remiu os judeus do Egito e deu-lhes liberdade em Canaã, mas sua nação voltou à escravidão por causa de sua idolatria. Ao aliar-se com seus vizinhos pagãos – Egito e Assíria – em vez de confiar no Senhor, Judá havia se transformado num Estado vassalo, sendo saqueado e escravizado. Em vez de beber das águas puras do rio que o Senhor lhes deu, os judeus preferiram beber das águas poluídas do Nilo e do Eufrates. Mênfis e Tafnes eram cidades egípcias⁵

Um princípio básico encontra-se enunciado no versículo 19: Deus nos castiga ao permitir que nossos próprios pecados tragam

dor e disciplina a nossa vida. "O teu proceder e as tuas obras fizeram vir sobre ti estas coisas; a tua calamidade, que é amarga, atinge até o próprio coração" (Jr 4:18). "As vossas iniqüidades desviam estas coisas [chuvas], e os vossos pecados afastam de vós o bem" (Jr 5:25). O maior castigo que Deus pode mandar aos desobedientes é deixar que façam as coisas a seu modo e, depois, colham as tristes e dolorosas consequências de seus pecados.

"Deixar o Senhor" significa, literalmente, "renunciar" e descreve a apostasia⁶ repetida do povo. O Livro de Juízes registra pelo menos sete ocasiões em que Israel voltou-se contra Deus e teve de ser disciplinada, e houve muitas outras durante o período da monarquia quando os israelitas deliberadamente afastaram-se do Senhor. A palavra "apostasia" é usada algumas vezes no Novo Testamento, porém a experiência é descrita de formas diferentes: cair da graça (Gl 5:4), abandonar o primeiro amor (Ap 2:4), amar o mundo (1 Jo 2:15-17; 2 Tm 4:10) e andar nas trevas (1 Jo 1:5-10).

Um animal obstinado (v. 20). Jeremias usava com freqüência animais para retratar o comportamento do povo, e aqui ele compara os judeus a um animal obstinado que se recusa a usar o jugo.⁷ Uma das expressões que mais repete é "a dureza do seu coração maligno" (Jr 3:17; 7:24; 9:14; 11:8; 13:10; 16:12; 18:12; 23:17). Quando as pessoas, feitas à imagem de Deus, se recusam a lhe obedecer, tornam-se como animais (ver Sl 32:9; Pv 7:21-23; Os 4:16).

A vinha degenerada (v. 21). O uso da vinha para representar Israel é uma imagem comum no Velho Testamento (Sl 80:8-16; Is 5:1-7; Ez 17:1-10; Os 10:1, 2). Deus plantou seu povo na terra excelente que lhes deu, porém não produziram o fruto de justiça que o Senhor merecia. "Ele esperava que desse uvas boas, mas deu uvas bravas" (Is 5:2). Por causa da adoração aos falsos deuses, tornaram-se como seus vizinhos degenerados. Como seria possível ídolos mortos produzirem frutos vivos em sua nação?

Um corpo contaminado (v. 22). Não havia boas obras ou cerimônias religiosas

que chegassem para lavar seus pecados, pois o cerne do problema do povo era o problema de seu coração. Tinham um coração pecaminoso pois era obstinado - um coração que se recusava a ouvir o servo de Deus e a obedecer à sua Palavra. A reforma de Josias foi somente uma mudança cosmética no reino de Judá; nunca chegou a tocar o coração do povo de forma a produzir arrependimento ou fazer com que buscassem o perdão do Senhor.

Jeremias destaca-se como o profeta do coração, pois usou a palavra cerca de cinqüenta vezes. "Lava o teu coração da malícia, ó Jerusalém, para que sejas salva!" (Jr 4:14). "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá?" (Jr 17:9). Judá precisava voltar para o Senhor de todo o coração, pois só então Deus poderia abençoá-los.

Um animal no deserto (vv. 23-25). Mesmo que o povo negasse estar contaminado, suas ações deixavam isso claro, pois eram como animais: um camelo perdido procurando um oásis ou uma jumenta no cio, correndo de um lado para outro à procura de um parceiro. Ao procurarem os falsos deuses das nações pagãs, seus sapatos se gastaram e sua garganta secou. Como teria sido melhor para eles beber a água refrescante do rio de Deus!

Os judeus se entregaram ao pecado de tal maneira que não tinham mais esperança de ser salvos. "Não adianta!" (Jr 2:25) era a desculpa deles. "É impossível!" Pareciam alcoólatras ou jogadores compulsivos que não conseguem deixar o vício, ou como o inválido à beira do tanque de Betesda que estava doente há tanto tempo que já não tinha mais esperanças (Jo 5:1-9). Mas Jesus Cristo é um especialista em casos perdidos. "Quebra a força do pecado / Liberta o prisioneiro".⁸

Um ladrão envergonhado (vv. 26-28). Um ladrão pego em flagrante pode alegar ser inocente, mas as provas são óbvias. Qualquer um que visitasse o reino de Judá poderia ver o que Deus via: pessoas abandonando Deus e adorando ídolos surdos, mas depois, voltando desesperadamente

para o Senhor quando se viam em sérios apuros. Foram pegos com a mão na massa!

Uma criança incorrigível (vv. 29-35). O Senhor os disciplinou muitas vezes por seus pecados, mas eles se recusaram a mudar de atitude e depois chegaram a culpar Deus! O Senhor apresentou suas queixas contra eles (Jr 2:9), mas em vez de confessarem e de se arrependerem, reclamaram e apresentaram queixas contra ele! Nenhuma de suas ações disciplinares parecia adiantar. “Tu os feriste, e não lhes doe; consumiste-os, e não quiseram receber a disciplina” (Jr 5:3; ver Jr 7:28; 17:23; 32:33; 35:13).

Deus lembrou os judeus de quão ricamente os havia abençoado. No entanto, rebelaram-se contra ele (Jr 2:29), esqueceram-se dele (v. 32) e mentiram para ele (vv. 33-35), dizendo-se inocentes. Um dos temas centrais do Livro de Deuteronômio é a necessidade de o povo lembrar-se do Senhor e daquilo que havia feito por ele. Em vez disso, os israelitas não deram o devido valor a suas bênçãos e dedicaram sua lealdade a ídolos sem vida. Foram tão hábeis em sua prostituição, adorando a falsos deuses, que até mesmo a mais perversa de suas prostitutas poderia aprender coisas novas com eles! Exploravam os pobres e estavam manchados com seu sangue, porém ainda assim alegavam ser inocentes (ver Am 2:6-8; 5:10-12).

Uma vez que naquela época a nação estava passando por um período de prosperidade política e econômica, os judeus concluíram que essas bênçãos de Deus eram prova de sua inocência. Não perceberam que Deus também pode abençoar os perversos (Sl 37 e 73; Mt 5:45) e que a bondade de Deus deveria, sim, levá-los ao arrependimento (Lc 15:17, 18; Rm 2:4, 5).

Prisioneiros de guerra (vv. 36, 37). Em suas tentativas de manter a paz com os vizinhos, Judá havia recorrido várias vezes ao Egito e à Assíria (Jr 2:14-19), duas nações que acabariam decepcionando os judeus. O versículo 37 descreve prisioneiros de guerra, com as mãos amarradas acima da cabeça, sendo levados cativos. Qualquer decisão que tomarmos em oposição ao plano de

Deus terminará em escravidão, pois somente a verdade pode nos libertar (Jo 8:32). O exército da Babilônia acabaria por invadir a terra, tomar Jerusalém, destruí-la e levar o povo para o cativeiro.

Havia alguma forma de Judá escapar da ira vindoura do Senhor? Sim, e esse foi o tema do tópico seguinte da mensagem de Jeremias.

2. ARREPENDIMENTO: DEUS ROGA A SEU Povo PARA QUE VOLTE PARA ELE (Jr 3:1 – 4:31)

As palavras-chave dessa passagem são *voltar ou tornar* (Jr 3:1, 7, 12, 22; 4:1) e *rebelde ou pérfida Israel* (Jr 3:6, 8, 11, 12, 14, 22).

Ilustrações (3:1-10; 3:21 – 4:4). Mais uma vez, o profeta usou quatro imagens vívidas para retratar a triste condição espiritual do reino de Judá.

A esposa infiel (3:1-10). Jeremias voltou à metáfora do casamento que usou em Jeremias 2:1, 2 e 20, mas dessa vez apresentou a questão do divórcio. A lei mosaica permitia ao homem divorciar-se de sua mulher, mas proibia que ele se casasse novamente com ela (Dt 24:1-4). Deus tinha todo o direito de rejeitar seu povo, pois eles o haviam abandonado, não para se casar com outro “marido”, mas para bancar a prostituta com *muitos* amantes. O povo havia se dirigido aos lugares altos e construído santuários dedicados a ídolos estrangeiros. Eles haviam sido piores do que prostitutas comuns que, pelo menos, esperavam os amantes irem até elas, pois Judá havia *procurado* falsos deuses e cometido adultério espiritual repetidamente com eles.⁹

Contudo, em vez de rejeitar seu povo, o Senhor o chamou pacientemente de volta para ser restaurado como sua esposa. Quanta graça! Deus havia até chegado a causar secas na terra, e o povo havia clamado a ele por socorro (Jr 3:4, 5), mas não tinha se arrependido de seus pecados. Por causa de sua aliança com Deus, Judá o chamava de “Pai” e de “guia”, formas de tratamento usadas às vezes pelas esposas judias para se dirigirem ao marido. Mas como Deus poderia dar-lhes as bênçãos da aliança quando

estavam transgredindo os mandamentos pactuais?

Quando a Assíria conquistou o reino do Norte (Israel), em 722 a.C., o reino do Sul (Judá) testemunhou esse julgamento divino. Apesar disso, o povo de Judá recusou-se a aprender com a destruição de Israel e a deixar seus pecados (vv. 6-11). Deus havia se “divorciado” de Israel e repudiado a nação; Israel tornou-se parte da Assíria, e o reino do Norte nunca mais foi restaurado. Mesmo tendo visto esse julgamento, o povo de Judá persistiu em seus pecados como se algo assim nunca fosse acontecer com eles. Por causa de sua atitude arrogante, Judá era ainda mais culpada do que Israel. O reino do Sul deveria ter sido “repudiado”, porém Deus, em sua graça, convidou sua esposa adúltera a voltar para casa.

Em obediência ao rei, o povo havia cooperado com a reforma de Josias e externamente abandonado seus ídolos, porém o que fizeram foi apenas “fingidamente” (v. 10). “Têm-te [Deus] nos lábios, mas longe do coração” (Jr 12:2; ver Ez 33:31). Hoje em dia, quando líderes políticos declararam-se cristãos e estão dispostos a promover a causa evangélica, ir à igreja e ler a Bíblia virou “moda”, mas ficamos pensando quão sinceras essas pessoas são. A verdadeira fé cristã nunca foi popular, e a estrada que conduz à vida continua estreita e solitária (Mt 7:13-23).

O paciente enfermo (3:21-25). Nas Escrituras, a doença é uma das muitas metáforas para o pecado (Sl 41:4; Is 1:5, 6; Jr 8:22; 30:12; Mc 2:17). Como uma infecção que entra na corrente sanguínea, o pecado entra secretamente no “ser interior” e põe-se a enfraquecê-lo e a destruí-lo. Aos poucos, vai infectando todo o sistema, produzindo cansaço e perda de apetite espiritual. Se não for tratada corretamente, a “doença do pecado” pode ter consequências graves. Quando ouvimos casos de cristãos caindo de repente em pecado patente, na maioria das vezes, a queda foi precedida de um declínio gradual.

Deus ofereceu-se para curar não apenas os sintomas da rebeldia, mas também

a própria doença. Os falsos profetas tratabam apenas dos sintomas e anunciam uma paz que não existia, dando ao povo falsa segurança (Jr 6:14; 7:8; 8:11). Porém, um verdadeiro médico de almas diz a verdade e procura conduzir os pecadores à genuína cura espiritual resultante da confissão e do arrependimento sinceros.

Isso me lembra de uma história que uso com freqüência em meus sermões. Um membro de uma igreja tinha o hábito de encerrar suas orações em público dizendo: “E, Senhor, tire as teias de aranha de meu coração!” Certa noite, outro membro da igreja, cansado dessa ladainha, depois de ouvi-la novamente, levantou-se e orou: “E, Senhor, quando estiver limpando as teias... aproveite para matar a aranha!” Jeremias estava determinado a matar a aranha e a curar o paciente.

Os judeus pensavam que seu livramento viria dos ídolos que adoravam nos lugares altos – os santuários nos montes –, porém sua única esperança era arrepender-se e crer no Senhor.¹⁰ Esses ídolos não poderiam salvá-los e, na verdade, só lhes causaram vergonha. Mesmo assim, os judeus haviam sacrificado os frutos da terra dados por Deus, seus rebanhos de ovelhas e gado e até mesmo seus filhos a esses ídolos vergonhosos!

O campo não arado (4:1-3). O problema do povo era sua desonestade: usavam as palavras corretas, mas não o faziam de coração. Oravam ao Deus verdadeiro, mas não abandonavam os falsos deuses. Era fácil dizer: “Tão certo como vive o Senhor”, mas não o diziam em verdade, justiça e retidão. Seu coração era duro e cheios de espinhos como um campo não arado. Oséias usou essa imagem (Os 10:12), e Jesus também, quando contou a parábola do semeador (Mt 13:1-9, 18-23).

O coração incircunciso (4:4). Os bebês judeus eram circuncidados no oitavo dia de vida, recebiam um nome e tornavam-se filhos da aliança (Gn 17:9-14; Lv 12:3; Lc 1:59). Apesar de nenhuma cirurgia no corpo poder mudar o coração, os judeus acreditavam que esse ritual era sua garantia de salvação (Mt 3:7-9; At 15:1-5). Deus, por outro lado,

queria que “operassem” o coração e que extirpassem sua insensibilidade e desobediência. “Circuncidai, pois, o vosso coração e não mais endureçais a vossa cerviz” (Dt 10:16; ver Dt 30:6; Rm 2:28, 29; Cl 2:11). Também era preciso que circuncidassem os ouvidos (Jr 6:10) para que pudessem ouvir a voz de Deus.

Hoje em dia, muita gente acredita que sua salvação depende do batismo, da ceia do Senhor (eucaristia), da confirmação ou de algum outro ritual religioso, enquanto o que Deus quer de nós é uma fé sincera vinha de um coração arrependido. A salvação é um presente que recebemos pela fé e não uma recompensa que merecemos por sermos religiosos.

Promessas (3:11-13). O Senhor chegou até a chamar os israelitas dispersos de volta para si. Esse convite nos faz lembrar das promessas de Deus em Levítico 26:40-45, Deuteronômio 30 e 1 Reis 8:46-53, que garantiam aos israelitas que o Senhor os perdoaria, caso se arrependessem. Em Jeremias 3:14-19,¹¹ Jeremias parecia estar olhando mais adiante, para a era do reino em que Israel e Judá seriam reunidos, a nação seria purificada e multiplicada, e Deus lhes daria líderes espirituais que cuidariam deles. Nos dias mais sombrios de sua história, os israelitas ouviram seus profetas anunciar esse reino messiânico vindouro, uma promessa que lhes deu esperança.

É provável que o povo tenha ficado espantado quando ouviu Jeremias dizer que chegaria um dia em que a arca da aliança seria esquecida e ninguém sentiria falta dela (v. 16). Eles confiavam na arca, no templo, nos rituais religiosos e na aliança, e, no entanto, essas coisas não passavam de sinais temporários que apontavam para algo espiritual e eterno.

Viria o dia em que os judeus circuncidados seriam tratados como gentios incircuncisos (Jr 9:25, 26), em que o templo não seria mais necessário (Jr 7:1-15; ver Jo 4:20-24) e em que haveria uma nova aliança que transformaria o coração (Jr 11:1-5; 31:31-40). Assim como Jesus, Jeremias enxergou além da aparência religiosa e ensinou que Deus

estava em busca da devoção do coração. Não é de se admirar que ambos tenham sido acusados de traidores e que tenham sido perseguidos por se oporem à “verdadeira religião” que Deus havia dado a Israel.

Castigo (4:5-18). Jeremias anunciou a invasão do exército babilônico vindo do Norte (Jr 1:14) como um leão feroz (Jr 4:7) e como uma tempestade no deserto (vv. 11-13). Um julgamento terrível estava prestes a ser derramado sobre Judá, e a nação estava despreparada, pois o povo acreditava nas mensagens enganosas de paz proclamadas pelos falsos profetas (v. 10).¹² Seu lema era: “Impossível que isso aconteça aqui, na cidade do templo e da arca da aliança!”.

Deus ordenou aos vigias que tocassem as trombetas e que alertassem o povo, a fim de que todos fugissem para as cidades fortificadas em busca de segurança. Isso lhes teria dado tempo de se arrepender vestindo panos de sacos (v. 8) e de lavar o coração pela confissão dos pecados (v. 14). Contudo, o exército da Babilônia viria com grande rapidez (v. 13; ver Ez 38:16) e faria um serviço completo. “O teu proceder e as tuas obras fizeram vir sobre ti estas coisas; a tua calamidade, que é amarga, atinge até o próprio coração” (Jr 4:18).

Dor (4:19-31). Conhecido como profeta chorão, nessa passagem Jeremias expressou sua angústia pessoal ao contemplar a tragédia nacional que poderia ter sido evitada (Jr 4:19-21). Nenhum outro profeta do Antigo Testamento revelou sua dor e sofrimento como fez Jeremias (ver Jr 6:24; 9:10; 10:19, 20). Em seu ministério público, ele foi ousado diante dos homens, mas, em particular, tinha um coração quebrantado diante de Deus.

Deus explicou a seu servo por que o juízo estava a caminho: o povo era insensato, ignorante do Senhor e néscio (Jr 4:22). Se tivesse sido tão sábios para viver em santidade quanto o haviam sido para pecar, Deus o teria abençoado em vez de julgá-lo.

Com uma visão profética, Jeremias viu o que os babilônios fariam com a terra (vv. 23-29), produzindo caos tão grande quanto aquele descrito em Gênesis 1:2.¹³ Para onde

quer que se olhasse, haveria somente ruínas. Até as montanhas estremeceram! Foi somente pela misericórdia de Deus que Judá não foi destruído de todo (Jr 4:27; ver Jr 5:10, 18; 30:11; 46:28).

No entanto, uma tragédia igualmente grande era a incredulidade do povo que se recusava a arrepender-se e a pedir que Deus os socorresse (Jr 4:30, 31). Jeremias os descreveu como prostitutas tentando seduzir outras nações para ajudá-los a deter os babilônios, mas seus “amantes” não respondiam a seus chamados. Judá confiou em alianças políticas em vez de confiar no Senhor. Mas as prostitutas se tornariam como mulheres em trabalho de parto – uma imagem de julgamento doloroso que aparece com frequência em Jeremias (Jr 6:24; 13:21; 22:23; 30:6; 48:41; 49:22, 24; 50:43).¹⁴

3. RETIDÃO: DEUS PROCURA OS PIEDOSOS (JR 5:1-31)

Tendo em vista que o povo não ouviu a Palavra de Deus, o Senhor disse a Jeremias para “dramatizar” sua mensagem. Esse é o primeiro de pelo menos dez “sermões práticos” encontrados em Jeremias.¹⁵ O capítulo 5 apresenta quatro pecados do povo de Jerusalém.

Investigação: eram perversos (vv. 1-6). Deus ordenou a Jeremias que buscasse por toda a cidade de Jerusalém. Se pelo menos uma pessoa piedosa fosse encontrada, o Senhor perdoaria a cidade perversa e suspenderia a invasão. O contexto desse “sermão prático” é o acordo de Deus com Abraão de poupar Sodoma caso dez homens íntegros fossem encontrados na cidade (Gn 18:22-33). O teste em Jerusalém foi: “Essa pessoa pratica a justiça e a verdade?”

Jeremias não encontrou ninguém entre os pobres que se qualificasse e concluiu que podiam ser desculpados por sua falta de educação religiosa. Depois, o profeta foi aos nobres e aos líderes e descobriu que conheciam os mandamentos de Deus, mas quebraram o jugo e se desviaram da lei (Jr 5:5; ver Jr 2:20; Sl 2:1-3). Concluída sua busca, não encontrou uma pessoa sequer que fosse honesta e verdadeira.

Para Deus, só restava uma coisa a fazer: permitir que os invasores entrassem na terra como animais assoladores e que destruissem o povo (ver Jr 2:15; 4:7). O animal havia se soltado do jugo e fugido de seu senhor só para, em seguida, deparar-se com um leão, um lobo e um leopardo! Que tipo de liberdade era essa?

Condenação: eram ingratos (vv. 7-9).

Deus fez duas perguntas: “Como, vendo isto, te perdoaria?” (v. 7) e “Deixaria eu de castigar estas coisas?” (v. 9). Deus os fartou (v. 7) e, no entanto, usaram os presentes do Senhor para pecar e para servir a ídolos. A bondade de Deus deveria tê-los conduzido ao arrependimento (Rm 2:4), porém mostraram-se ingratos por suas bênçãos (Os 2:4-13). Em vez de agir como homens e mulheres feitos à imagem de Deus, tornaram-se como animais no cio (“garanhões bem fartos”, Jr 5:8; ver Jr 2:24).

As nações idólatras em Canaã conduziam uma adoração incrivelmente imoral. Para elas, ter relações com as prostitutas do templo era a maneira de garantir uma colheita farta. Baal era o deus da tempestade que provia as chuvas. Assim, quando o Senhor reteve as chuvas para advertir seu povo, voltaram-se para os ídolos pagãos em busca de ajuda. Josias havia se livrado das prostitutas cultuais, mas elas encontraram outras formas de satisfazer os desejos que haviam estimulado nos homens de Judá. Assim como em nossa sociedade de hoje, as pessoas cultuavam o sexo e não viam nada de errado no que estavam fazendo.

Devastação: eram infieis (vv. 10-19). Eis o cerne da questão: Uma vez que o povo não creu na Palavra de Deus, deu as costas para ele e tomou seu próprio rumo. “Negaram ao SENHOR e disseram: Não é ele; e: Nenhum mal nos sobrevirá; não veremos espada nem fome” (Jr 5:12). Rejeitaram a Palavra de Deus transmitida pelos profetas chamando-a de “vento”. Como resultado, Deus trouxe a devastação sobre sua vinha (vv. 10, 11; ver Jr 2:21).

O Senhor disse que suas palavras seriam como o fogo que consumiria as pessoas como lenha (Jr 5:14; ver Jr 23:29). Note a

repetição de “comerão” em Jeremias 5:17, uma previsão de que a invasão babilônica consumiria a terra e o povo. Essa invasão cumpria a advertência dada em Deuteronômio 28:49-52 e da qual todo o povo estava ciente. Os judeus haviam abandonado o Senhor e servido a outros ídolos em sua própria terra. Logo, seriam temporariamente abandonados pelo Senhor e levados à Babilônia, onde serviriam a ídolos numa terra estranha.

Contudo, essa advertência inicia e encerra com a promessa de que Deus não destruiria a nação de todo (Jr 5:10,18; ver Jr 4:27; 30:11; 46:28).¹⁶ Mesmo em sua ira, o Senhor se lembra da misericórdia (Hc 3:2). Os profetas judeus anunciam o juízo, mas também prometeram que um “remanescente” seria poupado. Isaías repetiu essa promessa (Is 1:19; 10:20-22; 11:11, 16; 14:22; 46:3) e até chamou um de seus filhos de “Um-Resto-Volverá” (Sear-Jasube, Is 7:3, ARC); Miquéias repetiu essa mesma promessa (Mq 2:12; 4:7; 5:3, 7, 8; 7:18).

O remanescente que regressou a Judá depois do cativeiro da Babilônia restaurou a nação, reconstruiu o templo e manteve o testemunho, preparando o caminho para a chegada do Messias. Deus havia feito uma aliança com Abraão, prometendo que, por meio de sua descendência, o mundo inteiro seria abençoado (Gn 12:1-3), e o Senhor cumpriu sua promessa.

Proclamação: estavam desocupados (vv. 20-31). Jeremias era uma pessoa um tanto tímida. No entanto, Deus lhe disse para anunciar e proclamar com ousadia a toda a casa de Jacó como eles eram de fato. A descrição que o profeta fez dos judeus deve tê-los enfurecido, porém não a ponto de tirá-los de sua complacência. Disse-lhes que eram insensatos, insensíveis, cegos e surdos e que não temiam a Deus. Eram teimosos, rebeldes e haviam abandonado o serviço do Senhor. Até os mares poderosos obedeciam às ordens de Deus, mas seu próprio povo o rejeitava. Ele enviou chuvas e deu-lhes a colheita, mas seu povo se recusou a lhe agradecer.

Em vez de encorajar-se mutuamente a temer o Senhor, exploravam uns aos outros

como caçadores preparando armadilhas para pássaros. Assim, os ricos ficavam mais ricos, enquanto os pobres definhavam. Os tribunais eram corruptos, os profetas eram mentirosos, e os sacerdotes não ficavam atrás – e o povo aprovava tudo isso e ainda gostava! “E é o que deseja o meu povo” (Jr 5:31). Quando uma nação chega a esse ponto, não há mais esperança.

Os pecadores pensaram estar se safando de seus crimes, mas Deus lhes perguntou: “Porém, que fareis quando estas coisas chegarem ao seu fim?” (Jr 5:31) “Há caminhos que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminhos de morte” (Pv 14:12).

4. RETRIBUIÇÃO: DEUS ENVIA SEU JULGAMENTO (JR 6:1-30)

O encerramento dessa parte do sermão de Jeremias concentra-se na invasão do exército babilônico e na devastação que traria para o reino de Judá. Num momento crítico, o profeta disse à nação o que Deus estava fazendo.

Deus declara guerra (vv. 1-5). Primeiro, o Senhor falou a seu povo advertindo-o de que o julgamento estava chegando (vv. 1-3). Os judeus tinham três formas principais de adquirir informações militares: dos vigias nas muralhas (v. 17), dos sinais das trombetas (v. 1; ver Nm 10:1-10) e dos sinais de fogo nos lugares altos (Jr 6:1). Tendo em vista que a cidade de Anatote, onde Jeremias morava, ficava em Benjamim, o profeta começou avisando os próprios vizinhos que saíssem de Jerusalém. Jerusalém é comparada a uma mulher “formosa e delicada”, mas acabaria como uma “viúva” (Lm 1:1) sem beleza alguma (Lm 1:6). “Pastores” estrangeiros (soldados) iriam invadir seus belos pastos e armar suas tendas para, depois, abater o rebanho.

Em seguida, Deus falou ao exército babilônico sob seu comando (Jr 6:4, 5) e contou-lhes sua estratégia: um ataque surpresa ao meio-dia, a hora mais quente do dia, quando ninguém estaria esperando por isso e, depois, um ataque durante a noite, quando todos estivessem descansando. A palavra traduzida por “preparar” significa “santificar ou consagrar”; os babilônios consideravam

essa guerra uma cruzada santa a seus deuses (ver Jl 3:9; Mq 3:5).

Deus dirige o ataque (vv. 6-15). O Senhor disse ao exército babilônico o que fazer: cortar árvores e construir rampas junto aos muros da cidade. Depois lhes disse *por que estavam fazendo isso*. Jerusalém era como um poço de água imunda e a cidade devia ser castigada. Era como uma pessoa à beira da morte, com feridas infeccionadas que não podiam ser curadas e que deviam ser expurgadas. Por fim, Deus lhes disse *como fazer*: com precisão e eficácia, da mesma forma como os apanhadores de uvas passam pela vinha sem deixar nenhum cacho para trás (Jr 6:5, 9).

O profeta lamentou o fato de que, nesse momento crítico da história, *ninguém estava ouvindo* (v. 10)! Não tinham apenas o coração incircunciso (Jr 4:4), mas também ouvidos incircuncisos (ver At 7:51) e recusavam-se a atender à Palavra de Deus. Cheio da ira do Senhor, Jeremias lhes disse que a fúria divina seria derramada sobre jovens e velhos, homens e mulheres e até mesmo sobre as crianças. Os governantes e sacerdotes também não escapariam; e, na verdade, eram os mais culpados, pois davam ao povo uma falsa segurança e se recusavam a arrepender-se de seus pecados (Jr 6:13-15; ver Jr 7:8; 8:11). “Por causa dos pecados de seus profetas, das maldades dos seus sacerdotes” (Lm 4:13) é que Deus enviria seu juízo.

Deus dá o veredito (vv. 16-23). O povo é culpado? Sim! Merece ser castigado? Sem dúvida! De fato, Deus chamou os gentios e a terra como testemunhas de que fez todo

o possível para poupá-los do julgamento (Jr 6:18, 19). Os judeus se recusaram a andar nos caminhos do Senhor¹⁷ e não ouviram seus profetas. Contudo, continuaram a oferecer-lhe sua adoração hipócrita (ver Is 1:11-14; Am 5:21; Mq 6:6-8). Deus lhes deu o caminho certo, mas eles o rejeitaram. Não haveria saída. O exército babilônico seria um obstáculo descomunal para qualquer um que tentasse fugir da ira do Senhor. A filha de Sião não teria como escapar.

Deus descreve as consequências (vv. 24-30). O profeta descreveu as reações do povo ao ouvir as notícias – nada além de angústia, medo e fraqueza, como uma mulher em trabalho de parto (Jr 6:24-26). A oração: “há terror por todos os lados” (v. 25) é usada novamente em Jeremias 20:10; 46:5 e 49:29. Esse foi o apelido que Jeremias deu a Pasur, o presidente da Casa do Senhor (Jr 20:1-3).

Às vezes, o sofrimento faz aflorar o que há de melhor nas pessoas, mas não seria o caso no cerco de Jerusalém. Quando Deus acendesse a fornalha, revelaria que o povo era como prata de refugo, escória que devia ser jogada fora. O Senhor não os estava purificando, mas sim castigando. Não estavam sendo depurados, mas sim rejeitados. Eram desprezíveis demais para ser poupadados.

“Decerto estremeço por meu país quando reflito que Deus é justo e que sua justiça não pode dormir para sempre.” Thomas Jefferson escreveu essas palavras em *Notes on the State of Virginia* [Anotações sobre o Estado da Virgínia], há mais de dois séculos, e elas ainda nos levam a refletir com seriedade nos dias de hoje.

1. Promulgação do Dia Nacional de Jejum, 30 de março de 1863.
2. A pausa em Jeremias 3:6 indica que duas mensagens encontram-se registradas nesses capítulos, a primeira de 2:1 até 3:5 e a segunda de 3:6 a 6:30: Mais tarde, as mensagens de Jeremias foram escritas por seu secretário, Baruke, porém o rei Jeaquim queimou o rolo. Então, Jeremias ditou as palavras novamente e acrescentou novas mensagens ao livro (Jr 36).
3. Outras versões bíblicas transmitem uma idéia parecida. Jeremias usava imagens e metáforas com grande aptidão. É impossível ler seu livro sem visualizá-las. Esse é um bom exemplo a ser seguido por todos aqueles que ensinam e que pregam a Palavra.
4. O fato de o Senhor “lembra-se” de seu povo revela sua graça e seu amor infalíveis. Essa devoção implica não apenas amor, mas também lealdade e sinceridade, partes essenciais do amor. Israel foi infiel a seu marido e voltou-se para os ídolos. Os cristãos de hoje que amam o mundo são culpados de adultério espiritual (Tg 4:4), e as igrejas devem cuidar para não perder sua “lua-de-mel” com o Senhor (2 Co 11:1-4; Ap 2:4, 5).

5. O profeta Isaías usou uma imagem parecida em Isaías 8:5-8, advertindo o rei Acaz de que, se confiasse na Assíria, essa nação iria transbordar como um rio turbulento e destruir Judá. As águas calmas de Siloé (“paz”) corriam da fonte de Giom para Jerusalém (2 Cr 32:30) e representavam a provisão de Deus para seu povo (Sl 46:4).
6. Ver Jeremias 2:19; 3:6, 8, 11, 12, 14, 22; 5:8; 8:5; 14:7; 21:22; 31:22; 49:4; 50:6; Oséias 11:7; 14:4.
7. A expressão “quebrava eu o teu jugo”, em Jeremias 2:20, refere-se ao êxodo, quando Deus libertou os judeus (Lv 26:13), porém Jeremias 5:5 usa “quebraram o jugo” para falar da rebelião contra a vontade de Deus (ver Jr 31:18). O jugo é uma imagem recorrente nos escritos de Jeremias (ver especialmente 27 – 28 e também 30:8; 51:23; Lm 1:14; 3:27).
8. Quarto verso do hino [O for a Thousand Tongues to Sing], de Charles Wesley. Letra em português de Robert Hawkey Moreton. (*Hinário para o Culto Cristão*, HCC, 1990, hino 72).
9. Também havia pecado sexual, pois os rituais pagãos geralmente incluíam relações com mulheres e homens que se prostituíam no templo. A idolatria e imoralidade quase sempre andam juntas (Rm 1:18ss).
10. Alguns dos santuários nos montes eram dedicados a Jeová, porém a lei proibia os judeus de oferecerem sacrifício em qualquer outro lugar além do templo (ver Lv 17:1-7; Dt 12:1-16).
11. Jeremias 3:14 diz: “porque eu sou o vosso esposo”, pois o termo hebraico para “esposo” é o mesmo que *baal* e significa “senhor”. Baal era o deus cananeu da tempestade, ao qual os judeus adoravam na esperança de obter boas safras. Assim, encontramos aqui um jogo de palavras. “Vocês estão adorando o falso deus Baal”, diz o profeta, “quando seu verdadeiro baal – esposo – é o Senhor”.
12. Jeremias não estava acusando Deus de enganar o povo, pois Deus não pode mentir (Nm 23:19; Tt 1:2). Antes, estava perplexo com o fato de Deus permitir que os falsos profetas transmitissem suas mensagens enganosas e levassem o povo a uma falsa sensação de segurança, a qual seria seu fim. Porém, se as pessoas não querem obedecer à verdade, aceitarão as mentiras (2 Ts 2:10-12). Essa é a segunda de quatorze orações pessoais registradas em Jeremias, sendo que a primeira se encontra em Jeremias 1:6 (ver 9:1-6; 10:23-25; 12:1-4; 14:7-9, 19-22; 15:15-18; 16:19, 20; 17:12-18; 18:18-23; 20:7-18; 32:16-25). Em algumas ocasiões, Deus instruiu Jeremias para que não orasse pelo povo (7:16; 11:14; 14:11).
13. Em suas tentativas de provar que existe uma lacuna entre Gênesis 1:1 e 1:2 durante a qual Deus julgou Lúcifer e seus anjos, alguns estudiosos usam Jeremias 4:23ss, construindo sua argumentação com base na expressão: “sem forma e vazia”. Contudo, essa passagem refere-se à invasão do exército babilônico e não à Gênesis 1. Além do mais, se essa passagem tem, de fato, relação com Gênesis 1, então é preciso acreditar numa raça anterior à Adão que viveu em cidades; e, no entanto, Adão é chamado de “o primeiro homem” (1 Co 15:45).
14. Ver também Salmo 48:6; Isaías 13:8; 21:3; 26:17, 18; 66:7; Oséias 13:13; Miqueás 4:9, 10; Mateus 24:8; Marcos 13:8; Romanos 8:22; Gálatas 4:19, 27; 1 Tessalonicenses 5:3.
15. São eles: a busca (Jr 5:1-6), o cinto de linho (13:1-11), a vida solitária do profeta (16:1-9), o oteiro (18:1-12), a botija quebrada (19:1-15), os canzis (27 – 28), a compra do campo (32:1-15), o vinho (35:1-19), as pedras (43:8-13) e o livro lançado no rio (51:59-64). Também podemos encontrar “sermões práticos” no livro de Ezequiel. Sempre que as pessoas tornam-se espiritualmente entorpecidas a ponto de não conseguirem ouvir nem entender a Palavra de Deus, em sua graça, o Senhor desce ao nível delas e dramatiza a mensagem.
16. Sobre o “remanescente” em Jeremias, ver 23:3; 31:7; 39:9; 40:11; 41:16; 42:2, 15, 19; 43:5; 44:12, 14, 28.
17. A oração: “perguntai pelas veredas antigas” (Jr 6:16) é a favorita das pessoas que se opõem a mudanças na igreja e querem manter um *status quo* árido e entediante. No entanto, as “veredas antigas” referem-se à verdade de Deus conforme revelada em sua Palavra, e não a métodos de ministério! Observe que Jeremias instruiu: “andai por ele e achareis descanso”. Andamos na verdade de Deus para descansar em sua vontade. O antigo lema da Mocidade para Cristo nos vem à mente: “Ligados a nosso tempo, mas ancorados à Rocha”.

3

A VOZ NO TEMPLO

JEREMIAS 7 – 10

Quanto mais aprendemos sobre os homens da Antiguidade, mais descobrimos que eram parecidos com os homens modernos.

(Henry David Thoreau)¹

Se tivesse havido algum jornal em Jerusalém nos tempos de Jeremias, é possível que várias edições consecutivas de 609 a.C. apresentassem as seguintes manchetes:

REI JOSIAS FERIDO NA BATALHA!
Corajoso monarca é levado a Jerusalém para convalescer

O REI MORREU!
Jeoacaz assume o trono do pai

EGITO DESTRONA JEOACAZ
Monarca reinou apenas três meses

ELIAQUIM É O NOVO REGENTE
Faraó lhe dá o novo nome de "Jeoaquim"

Por trás dessas manchetes fictícias, encontram-se acontecimentos trágicos que aceleraram o declínio e o colapso do reino de Judá. Zeloso em seu serviço ao Senhor, o rei Josias havia conduzido a nação a uma reforma durante a qual restaurou o templo e removeu os ídolos da terra. Porém, em 609 a.C., ele não deu ouvidos às advertências de Deus e intrometeu-se de modo imprudente numa guerra entre o Egito, a Assíria e a Babilônia. O rei foi ferido nessa batalha perto de Megido e levado para Jerusalém, onde morreu (2 Cr 35:20-27). Apesar de consternado com a morte de Josias, o reino

de Judá não viu essa perda como uma condenação nacional ao arrependimento e confissão.

Jeoacaz, filho de Josias, reinou durante três meses, mas foi deposto pelo rei do Egito e substituído pelo irmão, Eliaquim, ao qual o rei egípcio deu o nome de "Jeoaquim". (Por causa da derrota de Josias, Judá havia se tornado um estado vassalo do Egito.) Durante os onze anos de seu reinado, Jeoacim conduziu o povo de volta a suas práticas idólatras. Apesar de Josias ter removido os ídolos da terra, não conseguiu remover a idolatria do coração do povo.

Os judeus não abandonaram o ministério no templo; simplesmente trouxeram a idolatria para dentro do átrio do templo e fizeram de Jeová apenas mais um dentre os muitos deuses que adoravam. Alguém que os visse nessa adoração pensaria que o povo estava honrando ao Senhor sinceramente, mas seu coração pertencia a Baal, Astarote, Quemos e outros deuses e deusas das nações pagãs ao redor de Judá. Honravam Jeová com seus lábios, mas em seu coração serviam aos ídolos.

Os judeus sabiam que a idolatria era errada, mas estavam confiantes de que não tinham nada a temer. Afinal, Deus nunca permitiria que algo terrível acontecesse com a cidade onde ficava seu templo santo! Judá não era o reino que possuía a lei de Moisés e os judeus não eram os descendentes de Abraão e filhos da aliança? Eram o povo escolhido de Deus! Com uma herança religiosa como essa, nada de mal poderia acontecer a seu reino!

No entanto, Deus tinha uma opinião muito diferente sobre o assunto. O Senhor ordenou a Jeremias que fosse ao templo e que proclamassem sua mensagem ao povo hipócrita que lá se reunia. Nesse sermão corajoso, o profeta desmascarou a falsa adoração de Judá (Jr 7:1 – 8:3), seus falsos profetas (Jr 8:4-22), sua falsa confiança na aliança a que estava desobedecendo (Jr 9:1-26) e os falsos deuses que estavam adorando (Jr 10:1-25). Em outras palavras, Jeremias tratou de seu descaso pecaminoso para com o templo, a lei, a aliança e o Senhor. Foi uma

mensagem que não fez muito sucesso no meio do povo e que quase custou a vida do profeta!

1. A FALSA ADORAÇÃO: O TEMPLO (Jr 7:1 – 8:3)

Três vezes por ano, os homens judeus deviam ir ao templo em Jerusalém para comemorar as festas (Dt 16:16); possivelmente, aqui se tratava de uma dessas ocasiões. É bem provável que o templo estivesse cheio, mas não havia muitos adoradores verdadeiros em seus átrios. O profeta ficou em pé, ao lado de um dos portões que davam para o átrio do templo, e ali pregou para o povo que passava. Jeremias apresentou quatro acusações de Deus contra o povo de Judá.

“De nada adianta sua adoração” (vv. 1-15). Por acreditar nas mentiras dos falsos profetas, o povo pensava que poderia viver em pecado e, ainda assim, ir ao templo e adorar a um Deus santo. De acordo com Jeremias 7:6 e 9, eram culpados de quebrar pelo menos cinco dos dez mandamentos, mas os falsos profetas asseveravam que a presença de Deus no templo em Jerusalém garantiria à nação a proteção e as bênçãos de Deus contra qualquer inimigo. É evidente que não se tratava de fé, mas sim de superstição cega,² e num instante Jeremias acabou com suas ilusões.

Jesus fez referência ao versículo 11 depois que purificou o templo (Mt 21:13). Um covil de salteadores é um lugar onde os ladrões se escondem depois de cometer seus crimes. Assim, Jeremias estava afirmando que os judeus estavam usando as cerimônias do templo para encobrir seus pecados. Em vez de ser santificado no templo, o povo estava transformando o templo num lugar profano! Um século antes, Isaías havia pregado a mesma mensagem (Is 1), e muito tempo depois Paulo escreveu uma advertência semelhante aos cristãos de seus dias (Ef 5:1-7; Fp 3:17-21). Qualquer teologia que faz pouco da santidade de Deus e que tolera os pecados deliberados das pessoas é uma falsa teologia.

O povo precisava arrepender-se, não apenas para evitar as desastrosas consequências

de seus pecados em seu caráter e em sua adoração, mas também para escapar do julgamento que estava por vir (Jr 7:12-15). A aliança de Deus com os judeus incluía tanto bônus quanto juízos – bônus se eles obedecessem e juízos caso se rebelassem (Dt 11:26-30; 27:1-26; Js 8:30-35). Apesar de os judeus saberem disso, persistiram em seus pecados e rejeitaram as advertências de Deus.

Também se esqueceram, convenientemente, dos julgamentos passados de Deus, inclusive do julgamento sobre o tabernáculo quando este ainda ficava em Siló. Os filhos perversos de Eli pensaram que carregar a arca da aliança para o meio da batalha derrotaria os filisteus, mas foram trucidados, e o inimigo capturou a arca. Então, Deus escreveu *lcabode* sobre o tabernáculo, que significa, em hebraico: “Foi-se a glória de Israel” (1 Sm 4 – 6; ver especialmente 1 Sm 4:21, 22). Sem dúvida, Deus poderia proteger seu templo santo se quisesse, porém o templo em Jerusalém já não era mais santo. Era um covil de salteadores! Melhor seria que não houvesse templo algum do que toda aquela hipocrisia que profanava a casa de Deus.

“De nada adiantam suas orações” (vv. 16-20). Em pelo menos três ocasiões, Deus instruiu Jeremias a não orar pelo povo (Jr 7:16; 11:4; 14:11) – o que certamente equivalia a uma terrível acusação contra os judeus. Deus permitiu que Abraão orasse pela perversa Sodoma (Gn 18:23-33) e ouviu quando Moisés intercedeu pelo povo pecador de Israel (Ex 32 – 33; Nm 14), mas não deixou que Jeremias suplicasse pelo reino de Judá. O povo havia ido longe demais em seus pecados, e tudo o que lhes restava era o juízo (ver 1 Co 11:30; 1 Jo 5:16).

A degeneração de uma nação começa em seus lares, e Deus viu famílias inteiras em Jerusalém trabalhando em conjunto para adorar a ídolos (Jr 7:17-19). Se ao menos os pais tivessem ajudado os filhos a aprender sobre o Senhor e a adorá-lo! Mas os judeus prestavam culto à “rainha do céu”, um título usado para Ishtar, a deusa babilônica do amor e da fertilidade, cuja adoração envolvia

obscenidades abomináveis (Jr 44:17-19, 25). Por certo, essa adoração pecaminosa entrustecia a Deus, mas o povo estava causando mais mal a si mesmo do que ao Senhor. Essa imoralidade pagã tinha um efeito devastador sobre as crianças, e Deus enviria um julgamento que destruiria a terra, a cidade, o templo e o povo. Judá estava sacrificando o permanente em troca do imediato, um péssimo negócio.

“De nada adiantam seus sacrifícios”
(vv. 21-26). Uma leitura superficial desse parágrafo pode nos dar a impressão de que Deus estava condenando todo o sistema sacrificial que havia dado a seu povo em Éxodo e em Levítico, mas não é esse o caso. De maneira irônica, Jeremias estava apenas lembrando o povo de que sua profusão de sacrifícios não significaria coisa alguma caso seu coração fosse infiel a Deus. O Senhor quer obediência e não sacrifício (1 Sm 15:22), misericórdia e não rituais religiosos (Os 6:6). “Agradar-se-á o SENHOR de milhares de carneiros? De dez mil ribeiros de azeite?” (Mq 6:7), perguntou o profeta Miquéias. E, logo em seguida, respondeu à sua própria pergunta: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Mq 6:8; ver Mt 22:34-40).

A aliança de Deus com Israel no monte Sinai enfatizou a demonstração de sua graça para com a nação e a importância da obediência ao Senhor (Êx 19:1-8). Jeová estava se casando com uma esposa, e não comprando uma escrava. Quando, no Livro de Deuteronômio, Moisés repetiu a lei para a nova geração, sua ênfase foi sobre a importância de amar ao Senhor e de lhe obedecer de coração (Dt 6:1-15; 10:12-22; 11:1, 13, 22). Colocar o ritual exterior no lugar da devocão interior faria com que os sacrifícios perdessem seu sentido e privaria o coração das bênçãos de Deus. O mesmo princípio aplica-se aos cristãos de hoje. Como é triste ocupar-se da obra do Senhor e, ao mesmo tempo, abandonar o primeiro amor (Ap 2:4)!

“De nada adiantam minha disciplina e correção (7:27 – 8:3). “Esta é a nação que

não atende à voz do SENHOR, seu Deus, e não aceita a disciplina” (Jr 7:28). Deus disciplina a quem ama (Pv 3:11, 12; Hb 12:5-13), e se verdadeiramente conhecemos e amamos o Senhor, a disciplina nos levará de volta para ele em obediência contrita. Porém, Deus disse a Jeremias que lamentasse pela nação morta, pois eles não se arrependiam.

Tofete é uma palavra aramaica que significa “fogueira” e tem um som parecido com o termo hebraico usado para “coisas vergonhosas”. Tofete era um lugar, no vale do filho de Hinom, onde o povo sacrificava seus filhos aos ídolos jogando as crianças no fogo (Is 30:33). O rei Josias havia profanado Tofete e transformado o lugar num depósito de lixo (2 Rs 23:10), porém logo após sua morte esses horríveis rituais pagãos foram reinstaurados. O termo grego geena, que significa “inferno”, vem da palavra hebraica ge’hinnom, o vale de Hinom. O inferno é um depósito de lixo onde os pecadores que rejeitaram a Cristo sofrerão eternamente, junto com o diabo e seus anjos (Mt 25:41).

Jeremias anunciou que chegaria o dia em que o vale de Hinom se tornaria um cemitério pequeno demais para todas a pessoas que precisariam ser enterradas ali depois da invasão babilônica. Seria o “vale da Matança”. O exército saquearia túmulos e sepulturas, e os ossos dos grandes líderes e reis seriam profanados nos altares, como tantos dos sacrifícios aos deuses que adoravam. O vale da Matança se tornaria novamente um depósito de lixo, e os cadáveres dos moradores de Jerusalém seriam o lixo! “Não serão recolhidos nem sepultados, serão como esterco sobre a terra” (Jr 8:2).³ Muitos dos sobreviventes ao cerco seriam levados para a Babilônia, e a terra ficaria desolada.

2. OS FALSOS PROFETAS: A LEI (Jr 8:4-22)

Depois de acabar com as ilusões do povo quanto ao templo, Jeremias desmascarou os falsos profetas que constantemente se opunham a seu ministério e que estavam fazendo o povo desviar-se. Nessa seção, o profeta levantou uma série de perguntas,

mas a proclamação toda gira em torno de uma só questão: "Por que a nação não voltou para Deus?" Ao responder a essa pergunta, Jeremias tratou de três aspectos da recusa obstinada do povo em obedecer a Deus.

Sua recusa era irracional (vv. 4-7).

Jeremias usou analogias da vida humana e da natureza para ilustrar sua argumentação. Quando as pessoas caem, levantam-se novamente. É a coisa certa a fazer. Se descobrem que estão indo pelo caminho errado, voltam ao ponto de origem para pegar o caminho correto. Conclusão: se as pessoas podem ser sensatas nessas questões do cotidiano, então por que não conseguem entender as coisas espirituais, especialmente considerando-se que as consequências são muito mais trágicas?

Os judeus eram como cavalos correndo para a batalha, sem nenhuma idéia dos perigos envolvidos. Os cavalos são treinados para obedecer e podem não saber fazer outra coisa, mas as pessoas criadas à imagem e semelhança de Deus devem saber para onde estão indo. Na verdade, o povo de Judá não era mais inteligente do que os pássaros (ver Is 1:3)! Deus deu aos pássaros o instinto para saber as estações do ano e seus períodos de migração, mas deu muito mais do que isso aos seres humanos: um espírito interior para ouvir a voz de Deus e entender sua lei. Feitos à imagem de Deus, homens e mulheres devem ser tão obedientes às instruções divinas quanto os pássaros são a seus instintos naturais.

Sua recusa era causada pelo engano (vv. 8-12). "Eis que rejeitaram a palavra do SENHOR; que sabedoria é essa que eles têm?" (Jr 8:9). Assim como se gabavam de possuir o templo, também se vangloriavam de possuir a lei divina (v. 8), mas ter as Escrituras não é o mesmo que colocar em prática seu conteúdo. Apesar de a Bíblia ainda ser um best seller, sua popularidade não está ajudando a evitar a degradação moral e espiritual da sociedade ocidental. Parece não haver uma relação entre aquilo que as pessoas dizem acreditar e a forma como agem.

Os falsos profetas, que diziam escrever e falar em nome do Senhor, enganavam o

reino de Judá. Eram homens impiedosos, cujo coração era cheio de cobiça e cujas soluções para os problemas de sua nação eram inúteis. Seu ministério agradava mais o povo, pois se concentrava na superficialidade e vendia qualquer boa notícia que o povo desejasse ouvir (ver Jr 5:12; 14:13-15; 27:8, 9; 28:1-17). Jeremias retratou esses homens como médicos dissimulados (Jr 6:14; 8:11), vento (Jr 5:13), distribuidores de pálha (Jr 23:28), pastores egoístas e cruéis (Jr 23:1-4) e pessoas infectadas espalhando doenças (Jr 23:15). Deus não havia enviado esses supostos profetas (Jr 14:14; 23:18, 21; 29:9, 31), nem eles haviam recebido mensagens de Deus (Jr 23:25-28).

O que acontece com o povo do Senhor depende, em grande parte, dos líderes que os conduzem. Líderes mundanos atraem e dão origem a pessoas mundanas, mas é preciso pagar um preço quando se segue uma liderança verdadeiramente espiritual. É muito mais fácil nadar a favor da correnteza e seguir as multidões. Jeremias tinha poucos amigos ou discípulos, pois sua mensagem não agradava ao povo.

Sua recusa acabaria em juízo (vv. 13-22). Estes versículos misturam três vozes: a voz do juízo de Deus, a voz do povo em desespero e a voz angustiada do profeta ao contemplar a ruína daquela que havia sido uma grande nação. Deus declarou que os campos seriam arruinados (vv. 13, 16), as cidades seriam destruídas (v. 16), e o povo seria morto ou levado para o cativeiro ("terra mui remota"; v. 19). Seria como beber veneno (Jr 8:14; 9:15; 23:15), passar por um terremoto (Jr 8:16), ser atacado por cobras venenosas ("áspides"; v. 17) ou ser pisoteado e quebrado ("quebrantado"; v. 21).

Qual foi a reação do povo? Em vez de voltar-se para o Senhor, fugiu para as cidades fortificadas (v. 14)! O grito de angústia do povo era: "onde está o Senhor? Por que permitiu que isso ocorresse?" (ver v. 19). Ocorreu porque os judeus foram desobedientes e infiéis à aliança que haviam firmado com Deus. Sua situação era desesperadora; ninguém viria salvá-los. O versículo 20 era o provérbio que citavam: "Passou a sega,

findou o verão, e nós não estamos salvos" (Jr 8:20). *Haviam perdido a oportunidade que Deus tinha lhes concedido e nunca mais teriam outra chance.*

Tendo em vista que Jeremias era um pastor fiel, identificou-se com o sofrimento do povo: seu coração desfaleceu (v. 18) e pranteou em horror ao sentir o fardo pesado que estava oprimindo a nação. "Estou quebrantado pela ferida da filha do meu povo" (v. 21). Os falsos profetas haviam feito um diagnóstico incorreto e receitado um remédio que não servia, e a ferida do povo continuava aberta, sangrando e infectada. "À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva" (Is 8:20).

3. FALSA CONFIANÇA: A ALIANÇA (Jr 9:1-26)

Os judeus são a única nação na história com a qual Deus estabeleceu um relacionamento de aliança (Gn 12:1-3). Como filhos de Abraão, marcados pelo selo da circuncisão (Gn 17), os judeus são, de fato, um povo especial para o Senhor (Êx 19:4-6). Infelizmente, porém, confiaram na aliança e nos rituais para garantir-lhes a aprovação do Senhor. Pensaram que não precisariam se arrepender nem crer – isso tudo era para os gentios incircuncisos. João Batista enfrentou esse obstáculo em seu ministério (Mt 3:7-10), bem como Jesus (Jo 8:33ss) e Paulo (Rm 2 – 4). Jeremias teve de lidar com o orgulho de seu povo ao apontar-lhes três verdades óbvias.

Ser o povo escolhido de Deus não era desculpa para pecar (vv. 1-6). Assim como Jesus (Lc 19:41) e Paulo (Rm 9:1-5), Jeremias chorou pela triste condição espiritual do povo, sendo esse um dos motivos pelos quais ele é conhecido como o profeta chorão (ver Jr 9:18; 10:19; 13:17; 14:17; Lm 1:16; 2:11,18; 3:48). Nos dias de hoje, é raro encontrar lágrimas tanto no púlpito quanto nos bancos da igreja; a ênfase parece estar no prazer. Em vez de evangelistas e de pregadores, a igreja agora tem "comediantes religiosos" que parecem nunca ter lido Tiago 4:9, 10: "Afligi-vos, lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto, e a vossa

alegria, em tristeza. Humilhai-vos na presença do Senhor, e ele vos exaltará". Vance Havner estava certo quando disse: "Nunca houve na história tanto humor vulgar com tão pouco motivo para ser engraçado".⁴

Jeremias teria preferido fugir do povo e ir a um lugar tranqüilo (ver Sl 55:6), mas sabia que havia sido chamado para ficar e ministrar a Palavra de Deus (Jr 40:6). Sua alma estava entristecida com os pecados do povo, com sua imoralidade, idolatria, falsidade e calúnias. A verdade era preciosa e rara, e não se podia nem confiar em amigos e parentes!

Os judeus pensavam ser "livres para pecar", pois haviam nascido na família de Abraão e eram o povo da aliança. Mas era justamente o contrário, uma vez que o fato de serem parte da aliança de Deus lhes dava uma responsabilidade ainda maior de viver para glorificá-lo e de obedecer à sua vontade! "Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum!" (Rm 6:1, 2). Como disse anteriormente, qualquer teologia que faz pouco da santidade pessoal e que justifica o pecado não é uma teologia bíblica.

Ser o povo escolhido de Deus não permitiria que escapassem do juízo (vv. 7-16). Se havia alguma diferença, era que seu relacionamento privilegiado com o Senhor atrairia sobre eles juízo ainda maior, pois aquele a quem muito é dado, muito lhe será exigido (Lc 12:48). Deus disse aos judeus: "De todas as famílias da terra, somente a vós outros vos escolhi; portanto, eu vos punirei por todas as vossas iniquidades" (Am 3:2).

Esse castigo seria como o calor de uma fornalha (crisol; Jr 9:7). Destruiria as cidades, transformando-as em morada de animais; os campos férteis se tornariam desertos, pois ninguém os habitaria nem tomaria conta deles. A devastação seria tão terrível que até mesmo os pássaros fugiriam, pois não haveria lugar para seus ninhos. O que levaria a "terra que mana leite e mel" a tornar-se um deserto estéril? A desobediência do povo à lei de Deus e sua adoração aos ídolos. Os judeus acreditavam que sua situação privilegiada diante do Senhor os protegeria do juízo.

Ser o povo escolhido de Deus não era garantia de discernimento espiritual (vv. 17-26). “Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem o forte, na sua força, nem o rico, nas suas riquezas; mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o SENHOR” (vv. 23, 24). Não há educação, força ou riqueza – três coisas das quais o mundo de hoje depende e se orgulha – capaz de garantir as bênçãos de Deus. Ele não se agrada da educação, da influência política, dos exércitos ou do produto interno bruto de uma nação. Antes, deleita-se com um povo que pratica a bondade, a justiça e a retidão, pois conhece e teme o Senhor. Deus promete bênçãos àqueles que lhe obedecem e não àqueles que simplesmente se sujeitam às cerimônias religiosas.

Deus chamou a nação para lamentar, pois logo todos se veriam em seus próprios túmulos. A morte estava chegando, e os políticos e falsos profetas não poderiam detê-la. A morte é retratada como um ladrão que, livre e desimpedido, entra pelas janelas para roubar vidas preciosas. Os corpos dos mortos cairiam como “gavela atrás do segador” (v. 22).⁵

Os judeus vangloriavam-se do sinal pactual da circuncisão, mas essa marca encontrava-se apenas em sua carne; em momento algum, a verdadeira circuncisão espiritual havia chegado a seu coração (Jr 4:4; Dt 10:16; At 7:51; Rm 2:25-29). Hoje em dia, as pessoas que se fiam no batismo e em outros sacramentos (ordenanças), mas que nunca se arrependem e creram em Cristo, estão na mesma situação que os judeus do tempo de Jeremias; pensam que fazem parte da aliança divina, mas estão iludidas. Paulo foi um bom exemplo disso: foi preciso que perdesse sua justificação religiosa para que pudesse receber a Cristo (Fp 3:1-11)!

4. FALSOS DEUSES: O VERDADEIRO DEUS VIVO (JR 10:1-25)

Antes de confiar no Deus verdadeiro, Abraão havia sido idólatra (Is 24:2, 3). Durante os anos no Egito, os judeus foram expostos à idolatria repulsiva daquela terra, e parte dela ficou em seu coração. Enquanto Moisés se

encontrava com Deus no monte Sinai, Arão, o irmão de Moisés, ajudou o povo a fazer um bezerro de ouro para os israelitas adorarem (Êx 32). No Sinai, viram a glória de Deus e ouviram sua voz, mas ainda assim: “Trocaram a glória de Deus pelo simulacro de um novilho que come erva” (Sl 106:20). A idolatria estava arraigada em seu coração.

Jeremias olhou a seu redor e ridicularizou os ídolos (vv. 1-16). Em vez de se apartar das práticas perversas das nações conforme Moisés os havia instruído (Dt 7:1-11), aos poucos os israelitas passaram a imitá-las e a adorar aos deuses pagãos. Porém, esses ídolos não valiam nada, eram feitos pelas mãos de artesãos: “como um espantalho em pepinal” (Jr 10:5). Eles não podiam falar nem andar e tinham de ser carregados (ver Sl 115). Se ao menos o povo contemplasse a glória e a majestade do verdadeiro Deus vivo – o Deus eterno que criou o céu e a Terra pelo poder de sua Palavra!

A. W. Tozer lembra que: “a essência da idolatria é cultivar pensamentos sobre Deus que não são dignos dele”.⁶ Significa adorar e servir a criatura em vez do Criador (Rm 1:25), a dádiva em lugar do Doador. Os ídolos eram insensatos, como também o era o povo (Jr 10:8), porque nos tornamos semelhantes ao deus que adoramos (Sl 115:8).

Nossos ídolos contemporâneos não são feios como os ídolos pagãos do tempo de Jeremias, mas inspiram tanto fervor quanto eles e são igualmente nocivos. Tudo aquilo que adoramos que não seja o verdadeiro Deus vivo é um ídolo, seja uma casa, um carro sofisticado, um barco, livros, a última novidade tecnológica, o namorado ou a namorada, nossos filhos, carreiras ou conta bancária. Aquilo a que dedico toda minha atenção e paixão e pelo que estou disposto a me sacrificar é meu deus. E se não for Jesus Cristo, então é um ídolo. “Filhinhos, guardai-vos dos ídolos” (1 Jo 5:21).

A solução para a idolatria é apegar-se à majestade e à grandeza de Deus, o verdadeiro Deus, o Deus vivo, o Rei eterno. Um ídolo é um substituto, e você nunca mais vai querer um substituto depois de ter experimentado

o amor e a força do Senhor Deus Todo-Poderoso.

Jeremias olhou adiante e lamentou o juízo vindouro (vv. 17-22). Jeremias viu a invasão do exército babilônico e a aflição que traria. Instou o povo a arrumar seus pertences e a se preparar para partir, pois seriam atirados para fora da terra como pedras num estilingue. O profeta lamentou a ruína das casas e das famílias, a separação de pais e filhos, a dispersão do precioso rebanho de Deus.

Jeremias indicou os motivos dessa tragédia: os pastores (líderes políticos e espirituais) não buscaram o Senhor, antes fizeram o povo se desviar (Jr 10:21). O juízo veio “por causa dos pecados dos seus profetas, das maldades dos seus sacerdotes” (Lm 4:13). A nação foi ao cativeiro, pois seus líderes abandonaram o verdadeiro Deus vivo.

Jeremias olhou para o alto e pediu misericórdia (vv. 23-25). Deus havia instruído Jeremias a não orar pelo povo (Jr 7:16), e ele obedeceu. Em vez disso, orou por si mesmo como um representante do povo. Mais uma vez, identificou-se com o sofrimento de sua gente (Jr 10:19). Essa oração apresenta três argumentos na tentativa de persuadir o Senhor a usar de misericórdia para com o seu povo.

Em primeiro lugar, Deus devia se lembrar de que eram apenas seres humanos fracos, que não sabiam como conduzir a própria vida (v. 23). É possível que Jeremias tivesse em mente o Salmo 103:13-16.

Em segundo lugar, se Deus lhes desse o que mereciam, seriam destruídos (Jr 10:24). Mais uma vez, lembra-nos do Salmo 103:10: “Não nos trata segundo os

nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniqüidades”. Nas palavras de Esdras, Deus “nos [tem] castigado menos do que merecem as nossas iniqüidades” (Ed 9:13).

Seu terceiro argumento foi que as nações que estavam atacando Judá mereciam ser castigadas por tentar destruir o povo escolhido de Deus (Jr 10:25). Deus chamou a Babilônia para ser seu instrumento de disciplina e não para exterminar seu povo, porém os babilônios trataram os judeus com crueldade. O profeta não estava expressando sua ira pessoal; antes, suplicava ao Senhor para que mantivesse as promessas que havia feito a Abraão e que protegesse o povo da extinção (Gn 12:1-3). Deus respondeu àquela oração e, a seu tempo, deu cabo do domínio brutal da Babilônia (ver Jr 50 - 51).⁷

Foi com esse tema que Jeremias terminou seu “sermão do templo”. Qual foi o resultado? De acordo com Jeremias 26, ele foi preso e condenado à morte! Em vez de ouvir e de obedecer à Palavra de Deus, os sacerdotes preferiram cometer assassinato! O Senhor salvou Jeremias da morte, mas o profeta acabou definitivamente banido do templo (Jr 36:5). Fico imaginando quantos pregadores hoje em dia transmitiriam com tanta ousadia uma mensagem se soubessem que acabariam sendo demitidos por isso... E me pergunto, ainda, quantos numa congregação estariam dispostos a aceitar essa mensagem e a lhe obedecer?

Deus não prometeu a Jeremias um mistério fácil, mas prometeu mantê-lo forte (Jr 1:7, 8, 17-19). O Senhor cumpriu sua promessa a Jeremias e fará o mesmo por seus servos de hoje.

1. Thoreau escreveu essas palavras em seu diário em 2 de setembro de 1851.
2. Esses falsos profetas podem ter baseado suas mensagens enganosas no episódio em que Deus livrou Jerusalém nos dias de Ezequias (2 Rs 18 - 19; Is 37). Porém, Ezequias foi um rei piedoso que ouviu a Palavra de Deus por meio do profeta Isaías, orou ao Senhor pedindo ajuda e procurou honrar a Deus.
3. Jeremias utilizou a palavra “esterco” novamente em 9:22, 16:4 e 25:33. Como é triste que aqueles que poderiam ter sido filhos de Deus terminaram como esterco num depósito de lixo (ver Mc 9:43-50).
4. HAVNER, Vance. *It Is Toward Evening*. Westwood, NJ: Fleming H. Revell, 1968, p. 25. O próprio Vance Havner foi um homem cheio de humor e sempre gostei de sua companhia, porém ele sabia como usar esse humor com sabedoria para expressar suas idéias. Nessa mesma mensagem ele escreveu: “Cristãos nunca são mais ridículos do que quando tentam apresentar uma

versão religiosa do humor mundano. É sempre uma imitação embaraçosa que causa aversão até mesmo aos incrédulos” (p. 27).

5. Jeremias 9:22 representa a morte como um “terrível ceifador” segurando a foice, matando as pessoas como quem colhe trigo no campo (ver também Sl 90:5; 103:14-16; Is 40:7; Jó 5:26).
6. TOZER, A. W. *The Knowledge of the Holy*. Nova York: Harper and Row, 1961, p.11.
7. A oração de Jeremias nos lembra dos “salmos imprecatórios”, como os Salmos 35, 69, 79, 109, 139 e 143. Se tivermos sempre em mente que essas orações eram uma expressão de preocupação *nacional* e não de vingança pessoal, pedindo a Deus para que cumprisse as promessas da aliança para a nação (Gn 12:1-3), então se tornam expressões de um desejo de justiça e de defesa do santo nome de Deus. Seu espírito é como o de Paulo, em Gálatas 1:6-9, e dos santos no céu, em Apocalipse 6:9-11 e 18:20-24.

O PARTIDO DE DEUS

JEREMIAS 11 – 13

Aqueles que desejam ser homens não podem ser conformistas.

(R. W. Emerson)¹

Em seu poema The Need of the Hour [A Necessidade do Momento], o poeta norte-americano Edwin Markham escreveu:

Precisamos da fé para um caminho não trilhado percorrer,
De forças para, sozinhos, o partido de Deus tomar.

Era o que Jeremias estava fazendo no reinado de Josias – caminhando sozinho e tomindo o partido de Deus. O rei Josias empolgou-se quando os trabalhadores que estavam reformando o templo encontraram o Livro da Lei (2 Rs 22), e essa descoberta levou a um movimento que, durante algum tempo, purificou o reino da idolatria (2 Rs 23). Esse acontecimento costuma ser chamado de “reavivamento de Josias”, mas talvez o termo “reforma” seja mais preciso. Isso porque o povo obedeceu à lei apenas externamente; em seu coração, ainda estavam apegados a seus deuses.

Pelo fato de Jeremias saber disso e conhecer a superficialidade do coração impenitente do ser humano, não falou muito durante a reforma de Josias.² O profeta sabia o que estavam fazendo em segredo e que, na primeira oportunidade que tivessem, voltariam a seus antigos pecados. Nessa parte de sua profecia, Jeremias registrou os pecados de sua nação e suplicou aos judeus que voltassem para o Senhor enquanto havia tempo.

1. ROMPENDO A ALIANÇA COM DEUS (JR 11:1-8)

O rei e o povo haviam prometido ao Senhor publicamente que obedeceriam às estipulações da aliança (2 Rs 23:3), e não há dúvidas de que o rei estava sendo sincero. No entanto, para a maior parte do povo, a obediência era apenas uma questão de seguir a multidão e de fazer o que estava na moda.

A história dos judeus é o registro das alianças: o Senhor as fez, e o povo as rompeu. Deus fez uma aliança com Abraão quando o chamou para sair de Ur e ir para Canaã (Gn 12:1-3) e confirmou essa aliança com Isaque (Gn 26:1-5) e Jacó (Gn 35:1-15). A aliança com Abraão é a base de todas as bênçãos que Israel recebe do Senhor.

No Sinai, Deus fez outra aliança com Israel, uma que incluiu a obediência à santa lei (Êx 19 – 20). “Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha” (Êx 19:5). O povo concordou em obedecer ao Senhor, mas não tardou em lhe desobedecer (v. 8). Enquanto ainda estavam no Sinai, fizeram um ídolo e adoraram-no (Êx 32).

Antes de Israel entrar na terra de Canaã, Moisés recapitulou a aliança (Livro de Deuteronômio) e lembrou o povo de suas obrigações para com o Senhor. O direito de propriedade da terra dependia da promessa de Deus a Abraão, porém a posse e o usufruto da terra dependiam da obediência à lei de Deus. Moisés recapitulou as bênçãos e as maldições (Dt 27 – 28) e, posteriormente, Josué reafirmou-as na Terra Prometida (Js 8:30-35). O povo judeu sabia que Deus os abençoaria caso fossem fiéis a ele e que os disciplinaria caso fossem desobedientes.

A terra do Egito tinha sido uma “fornalha de ferro” (Jr 11:4), um lugar de sofrimento (Dt 4:20; 1 Rs 8:51; Is 48:10), mas Canaã era uma “terra que mana leite e mel” (Jr 11:5), um lugar de prosperidade e de liberdade. Deus descreveu a Terra Prometida a Moisés dessa forma (Êx 3:8, 17; ver Êx 33:3), e Moisés transmitiu essa descrição ao povo (Lv 20:24; Dt 6:3; 11:9; 26:9, 15; 27:3).

31:20). É triste, mas a nação preferia as panelas de carne do Egito ao leite e mel de Canaã (Êx 16:3; Nm 11:4, 5) e expressou repetidamente seu desejo de voltar ao Egito.

Durante a reforma de Josias, quando a nação parecia estar retornando ao Senhor, Deus ordenou a Jeremias que percorresse as ruas de Jerusalém proclamando ao povo as estipulações da aliança. Tanto Deus quanto Jeremias sabiam que a obediência não era verdadeira. Não importava o que os judeus estavam fazendo no templo, eles continuavam visitando os lugares altos e adorando os deuses dos países vizinhos.

O profeta Ezequiel descreveu perfeitamente os pecados deles quando escreveu: “Filho do homem, estes homens levantaram ídolos dentro do seu coração” (Ez 14:3). Um século antes, Isaías tinha descrito a adoração hipócrita e vazia de Judá, comparando Jerusalém a Sodoma e Gomorra (Is 1:10ss). O povo levava sacrifícios em abundância, mas Deus não precisava deles nem os queria. Seu incenso era uma abominação, suas festas anuais eram eventos pecaminosos, e Deus odiava e estava cansado de tudo isso. “Se quiserdes e me ouvirdes, comereis o melhor da terra. Mas, se recusardes e fordes rebeldes, sereis devorados à espada; porque a boca do SENHOR o disse” (Is 1:19, 20).

Deus disse a Jeremias para lembrar o povo das bênçãos e das maldições escritas na aliança. Se as bênçãos do Senhor não bastavam para motivá-los a obedecer, então talvez o temor do julgamento divino serviria de motivação. Deus teve de tratar seu povo como crianças pequenas que obedecem apenas para ganhar uma recompensa ou escapar de uma palmada. Como o Senhor ansiava que seu povo obedecesse motivado por amor e pelo desejo de lhe agradar!³

Jeremias respondeu “amém [assim seja]” (Jr 11:5) às palavras de Deus, e esta também deveria ter sido a resposta de Israel à aliança de Deus (ver Dt 27:9-26; Js 8:30-35). Mas o profeta caminhava sozinho; o povo não estava interessado em fazer a vontade do Senhor. Se a nação tivesse se arrependido e voltado humildemente para o Deus, o povo

teria evitado o julgamento terrível trazido pelos exércitos da Babilônia. O que aconteceu, porém, foi que sua hipocrisia tornou esse julgamento ainda pior.

2. CONSPIRANDO CONTRA A AUTORIDADE DE DEUS (JR 11:9 – 12:6)

O Senhor revelou a seu servo uma conspiração na terra: a conspiração dos homens de Judá para desobedecer à aliança e resistir às reformas promovidas pelo rei Josias (Jr 11:9-17) e a conspiração das pessoas na cidade de Jeremias para matar o profeta e silenciar a Palavra de Deus (Jr 11:18 – 12:6). Ambas levaram a uma terceira crise que ameaçou a própria fé de Jeremias no Senhor.

A conspiração contra o rei (11:9-17) foi, na verdade, uma rebelião contra a aliança de Deus e as reformas promovidas por Josias na terra. A menos que a Palavra de Deus seja obedecida e colocada em prática em nossa vida diária, Deus não tem como nos abençoar da forma como deseja. Mas o povo preferiu quebrar a aliança e adorar a falsos deuses.

No entanto, *aquilo que adoramos e a forma como adoramos* não são obra do acaso em nossa vida, mas sim elementos essenciais que determinam o caráter da vida em si. “A qualidade de vida de um povo é diretamente proporcional à sua adoração”, escreveu Eugene Peterson. “A adoração define a vida. Se a adoração é deturpada, a vida também o será.”⁴ Deus deu a aliança a seu povo a fim de poder abençoá-lo, mas as pessoas preferiram confiar nos deuses de seus vizinhos pagãos.

A adoração traz consequências que podem ser positivas ou negativas e, no caso de Judá, as consequências foram trágicas. O povo sabia que as maldições e juízos faziam parte da aliança, mas pensavam que Deus não iria castigar seu próprio povo escondido. Afinal, o templo não ficava em Jerusalém? A arca da aliança não estava guardada em seu santuário? E os sacerdotes não tinham a lei? Será que Deus permitiria que essas coisas sagradas fossem destruídas? Mas Deus sempre cumpre suas promessas, tanto abençoando como disciplinando, e quanto

maiores os privilégios que recebemos dele, maiores são as responsabilidades.

A calamidade estava a caminho de Judá, e não havia nada que pudesse mudar esse fato. O povo poderia clamar a seus deuses, mas eles não responderiam. Mesmo que se voltassem para Jeová e que suplicassem por sua ajuda, ele não lhes daria ouvidos. Assim, o Senhor ordenou a Jeremias pela segunda vez que não orasse pelo povo (Jr 11:14; ver 7:16; 14:11). O povo adorava a deuses em cada cidade de Judá e tinha altares em cada rua de Jerusalém. Ainda assim, nenhuma dessas divindades poderia salvar a nação do terrível julgamento que estava por vir.

Deus apresentou dois retratos de seu povo que revelam quão fútil era sua crença religiosa: um adorador no templo (Jr 11:15) e uma árvore na tempestade (Jr 11:17, 18). Deus chamou a nação de "minha amada", lembrando-a de seu contrato de casamento e de como ela havia sido infiel. A adoração no templo deveria ter sido uma expressão do verdadeiro amor pelo Senhor, mas, em vez disso, não passava de vaidade. Oferecer sacrifícios não evitaria o juízo divino; o povo estava simplesmente participando de atos de perversidade ("vilezas"; v. 15). Quando a adoração se transforma em perversidade e as pessoas passam a se alegrar com o pecado, a luz se tornou trevas (Mt 6:22-24) e não há mais esperança alguma.

Nas Escrituras, às vezes as árvores simbolizam indivíduos (Jr 17:8; Sl 1:3; 52:8; 92:12; Zc 4:3) e, às vezes, nações ou reinos (Is 10:33, 34; 18:5; Ez 17, 31). Israel é comparada a uma oliveira em Jeremias 11:16, 17, imagem que Paulo usou em Romanos 11. A oliveira é muito valorizada no Oriente Próximo por causa de seu fruto e do azeite feito dele. Judá se via como uma "oliveira verde [próspera]" (Jr 11:16) que jamais seria cortada, porém Deus via uma tempestade se aproximando; o vento quebraria os ramos e os raios incendiariam a árvore. Jerusalém seria quebrada e queimada como uma oliveira sem valor.

Se o maior pecado é a corrupção do seu bem mais precioso, então a transgressão de

Judá era enorme. Seu bem mais precioso era o conhecimento e a adoração ao Deus verdadeiro, mas os judeus perverteram essa bênção e adoraram a ídolos. Transformaram o templo num covil de salteadores, perseguiram os profetas, rejeitaram a aliança e envergonharam o nome de Deus. "Por vos-sa causa o nome de Deus é blasfemado entre os gentios" (Rm 2:24; ver Ez 36:22). Deus tratou pacientemente com seu povo, procurando persuadi-lo a voltar para ele, mas os judeus só endureceram ainda mais o co-ração fazendo ouvidos moucos para suas advertências.

Antes de condenar o povo de Judá, porém, devemos examinar nosso próprio co-ração e nossas igrejas. Existem ídolos em nosso co-raço? Dedicamo-nos inteiramente ao Senhor, ou nossa devoção está dividi-dida entre Cristo e outras coisas? Quando pessoas não-salvas visitam nossos cultos, fi-cam impressionadas com a glória e a majes-tade de Deus (1 Co 14:23-25)? Será que a vida profana e as atividades duvidosas de pessoas que se dizem cristãs não estão en-vergonhando o nome de Deus? Lembre-se de que a "última palavra" de Deus para a igreja não é a grande comissão, mas sim: "Arrepende-te" (Ap 2 - 3).

A conspiração contra Jeremias (vv. 18-23) nasceu da rejeição dos judeus à Palavra de Deus, pois se a tivessem aceitado, teriam honrado o profeta e ouvido o que tinha a dizer. Seria de se esperar uma demonstra-ção maior de discernimento da parte dos sacerdotes de Anatote ao ouvir os falsos pro-fetas, mas ocupar um cargo religioso não é garantia de sabedoria espiritual.

Os homens de Anatote, a cidade natal de Jeremias, planejavam matá-lo, pois sua mensagem os condenava. Em vez de se ar-repentir, decidiram destruir o mensageiro. Havia, porém, outro motivo para a conspira-ção: como judeus leais, acharam que aque-las profecias eram prejudiciais ao bem-estar de sua nação. Jeremias estava pregando o julgamento iminente pelas mãos da Babilônia, enquanto os falsos profetas proclaimavam mensagens de paz (Jr 6:14; 8:11). Jeremias insistiu para que o povo obedecesse à lei e

levasse seus sacrifícios para o templo e não para os santuários (lugares altos, alguns deles dedicados a ídolos), e os sacerdotes não gostaram dessa mensagem. Jeremias era a favor da Babilônia, enquanto os governantes eram a favor do Egito. Em outras palavras, Jeremias estava em descompasso com seu tempo e, por ser um homem determinado, teve de andar sozinho e “tomar o partido de Deus”.

Antes de Deus alertá-lo, Jeremias não sabia de coisa alguma sobre os planos contra sua vida e, quando ouviu a notícia, sentiu-se como um cordeiro indefeso conduzido ao matadouro (Jr 11:19, ver Is 53:7). Tudo o que podia fazer era entregar a si mesmo e seus inimigos nas mãos do Senhor e confiar no trabalho de Deus. Essa é a primeira de várias ocasiões em sua vida nas quais, na intimidade, Jeremias derramaria o coração diante do Senhor pedindo-lhe que o defendesse em suas batalhas e que o ajudasse a enfrentar seus medos e depressão (Jr 11:19, 20; 12:1-4; 15:10-17; 17:12-18; 18:20-23; 20:7-18). Em público, Jeremias era ousado diante do povo, mas em particular era quebrantado diante Deus. O Senhor garantiu a seu servo que trataria com seus inimigos quando viesse o dia da calamidade e a Babilônia tomasse Jerusalém.

Seguiu-se uma crise teológica (12:1-6). Deus mal havia acabado de cuidar das duas conspirações e Jeremias já se estava lutando com uma crise teológica (Jr 12:1-6). “No princípio da vida espiritual”, escreveu a religiosa francesa Madame Guyon, “nossa tarefa mais difícil é ter paciência com nosso próximo; à medida que progredimos, vemos como é difícil ser pacientes conosco mesmos e, no final, com Deus”. Jeremias não conseguia entender por que um Deus santo permitia que falsos profetas e sacerdotes infiéis prosperassem em seus ministérios, enquanto ele, um fiel servo do Senhor, era tratado como se fosse um cordeiro sacrificial.

“Por que prospera o caminho dos perversos?” (v. 1) é uma pergunta muito freqüente nas Escrituras e que ainda é feita nos dias de hoje. Jó se debateu com essa questão

(Jó 12; 21); os salmistas tentaram entendê-la (Sl 37; 49; 73); e outros profetas além de Jeremias lutaram com o mesmo problema (Hc 1; Ml 2:17; 3:15). Tomando por base a aliança, teólogos judeus ensinavam que Deus abençoa aqueles que obedecem e castiga aqueles que desobedecem, porém a situação, na vida real, parecia ser justamente o contrário! Como poderia um Deus de amor permitir que algo assim acontecesse?⁵

No entanto, Jeremias procurava algo mais do que respostas. Também estava preocupado com o bem-estar de seu povo. Viu a terra arruinada pelos pecados de seus líderes e muitos inocentes sofrendo. Deus havia enviado a seca sobre a terra, o que era uma das formas de disciplina da aliança (Dt 28:15-24), e tanto a vegetação quanto os animais estavam morrendo. Mas os líderes perversos, os verdadeiros culpados da seca, não apenas estavam sobrevivendo como também prosperavam com as perdas de outros.

Não parecia justo, e Jeremias queixou-se ao Senhor. “Por que prospera o caminho dos perversos, e vivem em paz todos os que procedem perfidamente?” (Jr 12:1) “Até quando estará de luto a terra?” (v. 4). “Por que” e “até quando?” são perguntas fáceis de fazer e difíceis de responder.

A sugestão de Jeremias para resolver o problema era que Deus julgasse os perversos e os levasse embora como ovelhas para o matadouro (v. 3). Afinal, os homens de Anatote estavam prontos a matá-lo como um cordeiro sacrificial (Jr 11:19). Então, por que não deveriam receber de Deus o mesmo destino que haviam planejado para ele?

Contudo, a resposta de Deus para Jeremias não foi a que o profeta esperava (Jr 12:5, 6). Deus não estava concentrando sua atenção no perverso, mas sim em seu servo Jeremias. Assim como a maioria de nós faz quando está sofrendo, Jeremias perguntou: “Como posso sair dessa situação?” Porém, o que deveria perguntar era: “O que posso aprender com essa situação?” Os servos de Deus não vivem de explicações, mas sim de promessas. Entender as explicações pode satisfazer nossa curiosidade e nos tornar

mais espertos, porém, se nos apropriarmos das promessas de Deus, isso constrói nosso caráter e nos aperfeiçoa como servos.

A resposta de Deus revelou a Jeremias três verdades importantes. Em primeiro lugar, *a vida de serviço piedoso não é fácil*; é como participar de uma corrida (Paulo usou uma ilustração semelhante em Fp 3:12-14). Se tivesse ficado no sacerdócio, Jeremias provavelmente teria uma vida bem mais confortável e segura, mas a vida de um profeta era justamente o contrário. Era como um homem participando de uma corrida e tendo dificuldade em prosseguir.

Em segundo lugar, *a vida de serviço torna-se cada vez mais difícil*. Jeremias vinha correndo com soldados que estavam a pé e conseguira acompanhá-los, mas logo estaria correndo com cavalos. Apesar de suas provações, até então havia vivido numa terra de paz. Porém, logo se encontraria nas densas florestas do rio Jordão, onde rondavam animais selvagens. Seu coração estava partido por causa dos ataques de pessoas estranhas, porém logo *sua própria família* começaria a opor-se a ele.

A terceira verdade procede das outras duas: *a vida de serviço fica melhor à medida que amadurecemos*. Cada novo desafio (cavalos, florestas, oposição dos parentes) ajudou Jeremias a desenvolver sua fé e suas aptidões no ministério. No fim das contas, a vida fácil é, na verdade, a mais difícil, pois impede o amadurecimento. A vida difícil, porém, nos desafia a desenvolver nossos “músculos espirituais” e a realizar mais coisas para o Senhor. Phillips Brooks disse que o propósito da vida é a construção do caráter pela verdade, e ninguém constrói seu caráter sendo mero espectador. É preciso correr com persistência, a carreira que Deus lhe propõe e fazer isso nos termos dele (Hb 12:1-3).

“Foi a resposta que Jeremias precisava”, disse o pregador escocês Hugh Black. “O profeta precisava ser fortalecido e não mimado.”⁶ Um parente meu, quando menino, repetiu propositalmente a terceira série para que não precisasse ir para a quarta série, na qual teria de escrever a caneta! Hoje, nossos netos estão aprendendo a usar

programas simples de computador no ensino fundamental para que, posteriormente, possam usar programas mais complexos no ensino médio e na faculdade. Não há crescimento sem desafio, e não há desafio sem mudanças. À medida que vai envelhecendo, muita gente resiste às mudanças, esquecendo-se de que sem os desafios das mudanças, correm o risco de deteriorar-se física, mental e espiritualmente. Deus queria que Jeremias crescesse, e quer o mesmo para nós.

Gilbert K. Chesterton expressou isso da seguinte maneira: “A metáfora fatal do progresso, que significa deixar as coisas para trás, tem obscurecido totalmente o verdadeiro conceito de crescimento, que significa deixar as coisas dentro de nós”.⁷ Deus estava preocupado com o desenvolvimento interior do profeta e não apenas com as dificuldades ao redor dele. Deus era capaz de lidar com o problema do povo de Judá, mas não podia forçar seu servo a crescer. Tratava-se de uma escolha que somente Jeremias poderia fazer ao continuar na corrida aceitando os novos desafios e, assim, amadurecendo no Senhor.

3. IGNORANDO AS ADVERTÊNCIAS DE DEUS (JR 12:7 – 13:27)

Deus usou as palavras e ações de Jeremias para falar ao povo de Judá e para adverti-los do terrível julgamento que estava a caminho. Confortáveis em suas falsas convicções e estimulados pelos falsos profetas, os líderes de Judá viviam na ilusão, certos de que nada poderia acontecer com a cidade nem com o templo. Observe as oito imagens vívidas que retratam o julgamento prestes a lhes sobrevir.

A herança rejeitada (12:7-17). O povo de Israel era a herança especial de Deus, sua “propriedade peculiar” (Êx 19:5, 6; Dt 4:20; 32:9) e a terra de Canaã era a herança de Deus para eles (Êx 15:17; Sl 78:55). A terra pertencia ao Senhor e havia apenas sido emprestada para que os israelitas a usassem (Lv 25:23). O povo deveria obedecer às leis que protegiam a terra do abuso e da corrupção, mas desobedeceram a essas leis e poluíram sua herança (Lv 18:25, 27; Dt 21:23). Deus os disciplinou ao tirá-los da

Terra Prometida e ao levá-los para a Babilônia. Isso deu à terra de Israel a oportunidade de ser sarada (Lv 26:34-43; 2 Cr 36:21; Jr 25:9-12).

É impossível não perceber a angústia no coração de Deus quando fala sobre seu povo amado. Em vez de amá-lo, estavam rugindo para ele como um leão raivoso, e Deus não poderia expressar seu amor por eles da forma como tanto desejava.⁸ Os inimigos de Judá eram como aves de rapina e bestas ferozes, apenas esperando para atacar.

Os líderes das outras nações (pastores) e seus exércitos transformariam a bela vinha num deserto, e o povo judeu seria desarraigado de sua herança. As nações vizinhas – Síria, Moabe e Amom –, que haviam atacado Judá no passado, também seriam castigadas pela Babilônia, e alguns também seriam levados para o cativeiro. No entanto, o Senhor acrescentou uma palavra de esperança: “E será que, depois de os haver arrancado, tornarei a compadecer-me deles e os farei voltar, cada um à sua herança, cada um à sua terra” (Jr 12:15). O povo passaria setenta anos no cativeiro (Jr 25:11, 12; 29:10) e, então, teria permissão de voltar para sua terra e reconstruir o templo e a nação. Deus convidaria os povos das outras nações a adorá-lo – o Deus vivo e verdadeiro – e eles nunca mais ensinariam seu povo a adorar a falsos deuses.

O cinto imprestável (13:1-11). Esse foi um dos “sermões práticos” de Jeremias.⁹ Um cinto de linho era uma roupa de baixo que ia até a altura da coxa e era usada junto à pele. Deus havia trazido a nação para junto de si, porém eles haviam se corrompido com ídolos e se tornado imprestáveis. Quando as pessoas viram Jeremias enterrar seu cinto novo sob uma rocha no rio Iamacoento, sabiam que isso estragaria o cinto, mas não perceberam que estavam julgando a si mesmos. Um dia, Deus levaria Judá à Babilônia e lá humilharia os judeus e os curaria de sua idolatria. A cidade e o templo do qual se orgulhavam seriam arruinados, da mesma forma que o cinto do profeta.

Esse “sermão prático” também tratava de outra questão. Durante anos, os líderes de Judá haviam recorrido à ajuda do Egito, da

Assíria e da Babilônia, em lugar de buscar ao Senhor, e essa “ajuda” havia servido apenas para contaminá-los e torná-los imprestáveis diante de Deus. Jeremias mostrou-lhes que seu hábito de flertar com as nações pagãs estava apenas afastando-os cada vez mais do Senhor, e, um dia, isso acabaria por arruinar a nação.

Os bêbados cambaleantes (vv. 12-14). Jeremias usou um provérbio conhecido do povo em seu texto: “Todo jarro¹⁰ se encherá de vinho” (Jr 13:12). O provérbio expressa a certeza de que haverá paz e prosperidade para a nação, como o lema norte-americano “uma galinha em cada panela”.¹¹ Com o coração partido, o profeta via os líderes se embriagando, quando deveriam estar buscando ao Senhor com sobriedade (ver Is 28:1-8), e sabia que um cálice de ira estava prestes a ser despejado sobre a terra (Jr 25:15ss). Os líderes do povo de Jerusalém enchiam seus jarros de vinho, preparando-se para uma festa, porém Deus iria enchê-los com uma embriaguez que os conduziria à derrota vergonhosa e à destruição dolorosa. Eles seriam atirados uns contra os outros e se despedaçariam como jarros de barro. Paulo usou a imagem da embriaguez para admoestar a igreja a estar pronta para a volta do Senhor (1 Ts 5:1-11).

O andarilho trôpego (vv. 15-16). Quando Jeremias disse ao povo: “Ouve e atenta!” (Jr 13:15), estava lhes oferecendo a oportunidade de se arrepender e de voltar para o Senhor. Ele os comparou a um viajante numa trilha montanhosa, perigosa e desconhecida, caminhando sem mapa e sem luz, esperando pelo amanhecer. Mas em vez de surgir a luz, a escuridão tornou-se cada vez mais profunda. No passado, Deus havia guiado o povo por meio de colunas de fogo e de nuvem. Naquele momento, desejava guiá-los pelas palavras de seu profeta, mas o povo se recusou a segui-lo. Se rejeitarmos a luz de Deus, não restará outra coisa senão a escuridão. Os líderes eram orgulhosos demais para admitir que estavam perdidos e se recusavam a pedir orientação.

O rebanho cativo (vv. 17-20). Jeremias chorou ao ver o rebanho de Deus sendo

levado para o cativeiro, como ovelhas indefesas conduzidas ao matadouro. O que causou essa grande tragédia? Em seu egoísmo, os pastores (governantes de Judá) exploraram suas ovelhas e se recusaram a obedecer à Palavra de Deus (Jr 23:1ss). Jeremias falou com o rei Joaquim e com Neústa, a rainha-mãe (2 Rs 24:8-20), e advertiu-os a se arrependerem e a se humilharem, mas eles se recusaram a ouvir. A Babilônia atacaria do Norte e a nação seria arruinada. “A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda” (Pv 16:18).

A mulher em trabalho de parto (vv. 21). Trata-se de uma imagem bíblica bastante conhecida, usada para retratar o sofrimento e que normalmente se encontra relacionada ao julgamento (Jr 4:31; 6:24; 22:23; 30:6; 49:24; 50:43; 1 Ts 5:3). A mensagem do versículo é: “O povo que buscastes para ser vosso aliado virá e será vosso senhor. Então, que direis? A dor será tanta que não podereis dizer coisa alguma”. Se os judeus tivessem buscado Jeová para ser seu aliado, ele não teria faltado, mas decidiram confiar na Babilônia, e esta acabou mostrando ser o inimigo.

A prostituta envergonhada (vv. 22, 23, 26, 27). A lei de Moisés proibia a prostituição na terra (Lv 19:29; 21:7, 14), e, por vezes, a exposição pública servia para envergonhar as prostitutas. Se uma prostituta se vê despidida, envergonhada e roubada, que motivo tem para espartar-se? Ela pediu por isso! O povo de Judá prostituiu-se com os ídolos pagãos e buscou o socorro das nações gentias. Agora se perguntava: “Por que me sobrevieram estas coisas?” (Jr 13:22). As

pessoas podem viver como se o pecado não tivesse conseqüência alguma, mas isso não impede que colham aquilo que semearam. Assim como os etíopes não podem mudar a cor de sua pele nem o leopardo remover suas manchas, também a nação perversa não é capaz de fazer naturalmente coisa alguma que seja boa. Eram pessoas acostumadas a fazer o mal. Somente Deus pode mudar o coração humano.

Restolhos ao vento (vv. 24, 25). Deus comparou a nação perversa a um restolho soprado para longe (Sl 1:4; ver Mt 3:12). O restolho é um subproduto inaproveitável do processo de colheita. Os trabalhadores jogam os grãos para o alto, e o vento se encarrega de levar embora a palha. O pecado havia depreciado o reino de Judá a ponto de tornar o povo imprestável, próprio apenas para ser levado embora pelo vento. Os judeus esqueceram-se de seu Senhor, acreditaram em mentiras e se recusaram a arrepender-se de seus pecados.

Como o Senhor foi paciente com seu povo e como seu servo foi paciente ao ministrar a eles! Jeremias estava disposto a andar sozinho e a “tomar o partido de Deus” para que seu povo tivesse a oportunidade de ser salvo, mas eles rejeitaram sua mensagem.

Deus ainda é “longâmido para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (2 Pe 3:9). Não façamos como o povo de Judá. Vamos dar ouvidos à Palavra de Deus e lhe obedecer, pois só assim escaparemos de sua disciplina e desfrutaremos suas bênçãos.

1. EMERSON, Ralph Waldo. “Self-Reliance”, em *Essays*. É evidente que Emerson usou o termo “homem” de modo genérico, referindo-se tanto a homens quanto a mulheres.
2. Jeremias 11:6 sugere que Jeremias pode ter viajado por Judá e ensinado a lei ao povo. Essa era uma das incumbências dos sacerdotes (2 Cr 17:8-10; Ed 7:10; Ne 8:1-9).
3. Observe a ênfase no amor no Livro de Deuteronômio. Apesar de essa palavra aparecer no livro apenas três vezes, o amor é apresentado como a motivação para obedecermos ao Senhor (Dt 6:4, 5; 10:12; 11:1, 13, 22). A palavra “coração” é usada cerca de cinqüenta vezes em Deuteronômio. Nessa “segunda edição” da lei, Moisés mudou a ênfase na obediência exterior para o amor interior e para o desejo de agradar a Deus. O motivo pelo qual obedecemos a Deus é um dos sinais de maturidade na vida cristã.
4. PETERSON, Eugene. *Run with the Horses*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1983, p. 61.

5. Ver meu livro *Why Us? When Bad Things Happen to God's People*, Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell, 1984, para uma discussão desse problema sob um ponto de vista bíblico/pastoral. Outros livros úteis são: STRAUSS, Lehman, *In God's Waiting Room* (Radio Bible Class); SMITH, A. E. Wilder, *The Paradox of Pain* (Harold Shaw); STOWELL, Joseph M., *Through the Fire* (Victor); YANCEY, Philip, *Where Is God When It Hurts* (Zondervan); LEWIS, C. S., *The Problem of Pain* (Macmillan) e SPROUL, R. C., *Surprised by Suffering* (Tyndale). Ver também *Be Patient*, meu estudo sobre o Livro de Jó (Victor).
- O sistema de recompensas e de castigos do Antigo Testamento foi apropriado para Israel em seu “jardim da infância espiritual” (Gl 4:1-7), mas nunca foi a intenção de Deus fazer disso um esquema permanente para os cristãos de hoje. Jesus viveu uma vida perfeita e, ainda assim, sofreu muito, e em parte alguma do Novo Testamento a Igreja recebe promessas de imunidade contra o sofrimento. Pelo contrário: “Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2 Tm 3:12).
6. BLACK, Hugh. *Listening to God*. Londres: Fleming H. Revell Co., 1906, p. 282.
7. Ver o ensaio “The Romance of Rhyme”, em seu livro *Fancies versus Fads*.
8. A declaração em Jeremias 12:8 de que Deus “aborrece” sua herança significa que teve de tratá-los como se não fossem seu povo amado. Retirou seu amor ao abandoná-los a seus inimigos. O amor de Deus para com seu povo é incondicional, mas o usufruto desse amor é condicional (ver 2 Co 6:17, 18; Jo 14:21-24).
9. A maior dúvida em relação a esse “sermão prático” é quanto ao local onde ele foi apresentado. O Eufrates ficava a cerca de 560 quilômetros de Anatote, o que significaria quatro jornadas de quatro meses cada uma (Ed 7:8, 9). Teria sido viável fazer quatro viagens dessas num período tão conturbado como aquele? E que significado teriam suas ações para o povo de Judá se ele as tivesse realizado a centenas de quilômetros deles? O texto original de Jeremias 13:4 diz *Perath*, termo hebraico para Eufrates, porém alguns estudiosos acreditam que se trata de uma referência à cidade de Pará, a cerca de cinco quilômetros de Anatote (Js 18:23), ou talvez uma abreviação para Efrata, o nome de Belém, localizada a apenas oito ou nove quilômetros de Jerusalém. Contudo, se Jeremias de fato viajou duas vezes para a Babilônia, deve ter causado grande impressão no povo de Judá quando voltou com seu cinto estragado. É possível que, depois disso, tenha pregado a mensagem que aquela veste simbolizava.
10. A imagem representada em Jeremias 13:14 é de jarros sendo lançados uns contra os outros e se quebrando. O profeta usava provérbios conhecidos como pontes para ensinar as verdades de Deus (ver Jr 17:11; 31:9; Ez 18:2).
11. Henrique IV, rei da França, disse em seu discurso de coroação em 1589: “Espero fazer da França uma nação tão próspera que todo cidadão terá uma galinha em sua panela no domingo”. Em 1928, “uma galinha em cada panela” foi o lema da campanha do partido republicano norte-americano.

SERMÕES, SÚPLICAS E SOLUÇOS

JEREMIAS 14 – 17

Nossa idade moderna é um prato cheio para tudo o que é fácil e superficial. Queremos mudar tudo, menos o coração do ser humano.

(J. Wallace Hamilton)¹

A pregação que não custa coisa alguma.² John Henry Jowett, conhecido pregador inglês, fez essa declaração, que certamente se aplica ao profeta Jeremias. Atormentado pelos pecados de seu povo, proclamando mensagens malquistas sobre o julgamento e perplexo com o que o Senhor estava permitindo que sofresse, Jeremias pagou um alto preço para ser fiel a seu chamado divino. Se algum servo do Antigo Testamento teve de “carregar a sua cruz” para seguir ao Senhor, foi Jeremias.

Nestes capítulos, o profeta pregou quatro mensagens, e, intercaladas com elas, encontramos suas próprias orações ao Senhor e as respostas que recebeu. Jeremias era ousado diante dos homens, mas quebrantando diante de Deus, e foi justamente esse quebrantamento que lhe deu forças.

1. UMA MENSAGEM SOBRE A SECA (JR 14:1-22)

Diferentemente do Egito, cujo suprimento de alimentos dependia da irrigação do rio Nilo, a terra de Canaã dependia das chuvas que Deus mandava dos céus (Dt 11:10-12). Se o povo obedecesse a suas leis, Deus mandaria chuvas³ e safras abundantes (Lv 26:3-5), mas se desobedecesse, o céu se tornaria como ferro, e a terra, como bronze (Lv 26:18-20; Dt 11:13-17; 28:22-24). Ao

longo dos anos, os pecados de Judá causaram uma série de secas na terra⁴ (ver Jr 3:3; 5:24; 12:4; 23:10), e Jeremias usou esse tema difícil porém oportuno como base para um de seus sermões ao povo.

As condições lamentáveis da terra (vv. 1-6). Quer fosse nas cidades (Jr 14:1-3), quer nas lavouras (v. 4), quer nos campos (vv. 5, 6), em toda Judá havia sofrimento e privação. A terra estava de luto, e seus cidadãos lamentavam como se estivessem num funeral. Em consequência dos pecados do povo, Deus reteve as chuvas e, desse modo, cumpriu a promessa que havia feito na aliança com Israel. Nem ricos e nem pobres conseguiam encontrar água. Os rios e cisternas secaram, e tanto os servos na cidade quanto os lavradores nos campos cobriam a cabeça como pessoas numa procissão fúnebre. Até mesmo os animais sofriam por causa dos pecados do povo. A cerva, que costumava cuidar fielmente de sua cria, abandonou o filhote, deixando-o morrer de fome, e aos jumentos selvagens, com seu olhar fixo, não restava outra coisa a fazer senão ficar nos montes áridos e ofegar desesperadamente de sede.

É algo muito sério entrar numa aliança com Deus, pois ele sempre cumpre sua palavra, tanto para abençoar quanto para disciplinar. Se recebemos seu amor, então também podemos esperar receber sua disciplina caso não obedecêmos (Pv 3:11, 12). Deus é sempre fiel.

A súplica do povo (vv. 7-12). Como costuma acontecer com as pessoas em grandes dificuldades, os judeus voltaram-se para Deus e oraram, mas suas orações foram dissimuladas e sem qualquer arrependimento. Jeremias já havia confrontado esses religiosos hipócritas com seus pecados ao perguntar: “Que é isso? Furtais e matais, cometéis adultério e jurais falsamente, queimais incenso a Baal e andaís após outros deuses que não conheceis, e depois vindes, e vos pondes diante de mim nesta casa que se chama pelo meu nome, e dizeis: Estamos salvos; sim, só para continuardes a praticar estas abominações!” (Jr 7:9, 10).

Pelo fato de não poder suplicar por ajuda com base em seu arrependimento e na

promessa da aliança de Deus (Dt 30:1-10; 2 Cr 7:12-15), o povo de Judá pediu a Deus que agisse por amor de seu nome. "Afinal", argumentaram, "é a reputação divina que está em jogo, visto que somos chamados pelo nome de Deus". Afirmaram que a Esperança de Israel, seu Redentor, era como um turista de passagem pela Terra, sem qualquer interesse na presente condição ou na futura destruição do povo. E, ainda, que o Senhor era como um homem estarrecido, um guerreiro sem força alguma.

Quando Deus nos disciplina, não basta orar e suplicar por sua ajuda; qualquer um em dificuldade pode fazer isso. Antes, devemos nos arrepender de nossos pecados, condená-los, confessá-los e buscar com sinceridade a face do Senhor. Chorar por causa das consequências do pecado é demonstrar remorso e não arrependimento. "Rasgai os vossos corações e não as vossas vestes" (Jl 2:13) – esse foi o conselho do profeta Joel aos judeus durante outro período de calamidade; e quando Davi buscou o perdão de Deus, disse: "Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus" (Sl 51:17).

Deus respondeu ao povo, não enviando chuva, mas sim anunciando o juízo (Jr 14:10). Pela terceira vez, disse a seu servo Jeremias para não orar pelo povo (v. 11; ver Jr 7:16; 11:14). Sua longanimidade havia se esgotado e estava determinado a castigá-los por seus pecados. Os judeus poderiam jejunar, orar e levar sacrifícios, mas nada faria o Senhor mudar de idéia. A nação estava destinada a cair pela espada, pela fome e pela peste (Jr 14:12). O exército da Babilônia traria a espada, e os resultados dessa devastação seriam a fome e a peste.⁵

O protesto do profeta (vv. 13-16). "É mesmo culpa do povo?", perguntou Jeremias. "Não são os falsos profetas que fazem o povo se desviar prometendo livramento e paz? Eles são os verdadeiros culpados" (ver Jr 5:12; 6:14; 8:11). Deus concordou que os falsos profetas estavam levando o povo para o mau caminho com suas falsas visões e mentiras e garantiu a Jeremias que essas

pessoas sofreriam pelo que haviam feito. Chegaria o dia em que suas famílias seriam mortas e ninguém enterraria seus corpos – uma das coisas mais humilhantes que poderia acontecer a um judeu.

No entanto, o povo era responsável por suas ações, pois deveriam ter percebido que o Senhor não havia mandado esses profetas. Em Israel, havia duas provas para determinar se uma pessoa era, de fato, uma profetisa ou um profeta verdadeiro: (1) suas predições eram absolutamente corretas (Dt 18:20-22);⁶ e (2) suas mensagens estavam de acordo com a lei de Deus (Dt 13:1-18). Qualquer profeta que permitia a idolatria opondo-se, desse modo, à lei de Deus, era um falso profeta. "À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva" (Is 8:20). Mesmo que um profeta assumido realizasse milagres, não passaria de uma farsa se a verdade de Deus revelada na Palavra não lhe desse base para sua mensagem. Milagres não são a garantia de um chamado divino (2 Ts 2:7-12).

A dor e a oração do profeta (vv. 17-22).

Como Jeremias se sentia em relação a seu povo? Da mesma forma que Deus: chorava por eles (Jr 9:18; 13:17) como um pai choraria se uma de suas filhas virgens tivesse sido violentada, espancada e deixada para morrer. Numa visão profética, Jeremias viu a terra devastada e o povo sendo levado cativo para a Babilônia (Jr 14:18), o que o fez voltar-se para o Senhor em oração.

Tendo em vista que Jeremias havia sido ordenado a não orar pela nação (Jr 14:11), identificou-se com o povo e usou pronomes como "nós", "nos" e "nossa" em vez de "eles" e "deles" (ver Ne 1:4-10; Ed 9; Dn 9; Rm 9:1-3). Ao orar por si mesmo, estava orando por eles, e pediu a Deus que honrasse seu próprio nome e que mantivesse sua aliança ao sarar a terra. Apesar de Deus certamente estar disposto a manter sua parte do acordo, os judeus não desejavam cumprir a parte deles. Portanto, a oração do profeta não foi respondida. Um Deus fiel não pode desonrar sua própria Palavra.

Às vezes, Deus permite que desastres ocorram para levar nações, igrejas e indivíduos a

dobrar os joelhos em arrependimento. As pragas do Egito deveriam ter conduzido o Faraó à contrição, porém ele só endureceu ainda mais seu coração contra o Senhor (Ex 7 - 12). A forma como Israel lidou com as nações em Canaã foi o juízo de Deus sobre esses povos, pois se recusaram a deixar seus pecados (Gn 15:16; ver Dn 8:23; Mt 23:32-35). Apesar de não devermos interpretar toda calamidade como uma expressão da ira divina, é preciso estar sensíveis a Deus, dispostos a sondar nosso coração e a confessar nossos pecados.

2. UMA MENSAGEM SOBRE O CATIVEIRO POR VIR (Jr 15:1-21)

Antes mesmo de os judeus entrarem na terra prometida, Moisés havia repetido a eles as estipulações da aliança, advertindo-os de que Deus os removeria da terra caso se recusasse a obedecer à sua voz (Dt 28:63-68). Logo depois que Josué e sua geração de líderes espirituais saíram de cena (Jz 2:7-15), a nação entregou-se à idolatria, e Deus precisou discipliná-los. Primeiro, castigou-os na terra ao permitir que outras nações invadissem Israel e assumissem o controle. Então, quando o povo clamou por ajuda, o Senhor levantou libertadores (Jz 2:16-23). Porém, no tempo de Jeremias, os pecados do povo eram tão terríveis que Deus teve de removê-los da terra e de castigá-los na distante Babilônia.

Este capítulo apresenta duas respostas: a resposta do Senhor à oração de Jeremias (Jr 15:1-9) e a reação de Jeremias à resposta do Senhor (vv. 10-21).

A reposta do Senhor à oração de Jeremias (vv. 1-9). Não importava quem procurasse interceder por Judá, Deus estava decidido e não voltaria atrás. Em momentos críticos na história dos judeus, Moisés e Samuel intercederam pelo povo, e Deus ouviu e atendeu (Ex 32 - 34; Nm 14; 1 Sm 7; 12; Sl 99:6-8). Mas Deus não iria mais se compadecer de seu povo. Antes, seu povo é que iria para o cativeiro. “Lança-os de diante de mim, e saiam” (Jr 15:1).

O povo tinha diante de si quatro julgamentos possíveis: morte por doença, guerra,

fome ou, caso alguém sobrevivesse a essas calamidades, o exílio na Babilônia.⁷ Os corpos dos que fossem mortos pelos babilônios seriam profanados e devorados por cães, aves ou animais selvagens; ninguém teria um enterro decente. Deus não revelou a seu povo um futuro muito promissor, mas sim o futuro que eles próprios haviam escolhido ao se recusarem a arrepender-se de seus pecados. Você pode fazer o que quiser com sua vida, mas terá de pagar por isso.

Deus escolheu os judeus para serem uma bênção às nações do mundo (Gn 12:1-3), mas eles se tornariam “espetáculo horrendo para todos os reinos da terra” (Jr 15:4; ver 24:9; 29:18; 34:17; Dt 28:25), um objeto de escárnio, “ditado entre as nações” (Sl 44:14). Não só isso, mas também Jerusalém e a própria terra dariam testemunho do julgamento de Deus por seus pecados. “Sua terra [é] um espanto e objeto de perpétuo assobio; todo aquele que passar por ela se espantará e maneará a cabeça” (Jr 18:16; ver 19:8; 25:9, 18; 29:18).

Parte desse julgamento deve-se ao rei Manassés, que permaneceu no trono cinqüenta e cinco anos (697 – 642 a.C.) e foi um dos monarcas mais perversos da história de Judá (2 Rs 21:1-18; 2 Cr 33:1-10). Manassés era filho do piedoso Ezequias e avô do piedoso Josias, e mesmo assim ele próprio era um homem cruel que incentivou os judeus a cometer os pecados que culminaram com a queda do reino. Deus não estava castigando a nação pelos pecados de Manassés, mas porque a nação imitou os pecados de seu rei.

Na verdade, o Senhor lamentava o sofrimento que viria sobre seu povo por causa da desobediência (Jr 15:5-9). Será que alguém teria compaixão de Jerusalém e intercederia em seu benefício? Foi o que fez Neemias (Ne 1:1-3), e, séculos depois, Jesus chorou pela cidade (Mt 23:37). Se Deus adiasse o julgamento, estaria encorajando ainda mais os pecados do povo, coisa que ele não faria. O Senhor estava cansado de ter compaixão (Jr 15:6).⁸

O julgamento vindouro seria como separar trigo do restolho (v. 7; ver 51:2). As

esposas se tornariam viúvas e as mães perderiam seus filhos. Uma mulher com sete filhos era considerada especialmente abençoada, mas se todos fossem mortos na batalha, seria como se o Sol tivesse se posto antes da tarde, interrompendo o dia. A luz de sua vida desapareceria, pois o futuro da família havia sido destruído.

Não devemos pensar que Deus teve algum prazer em julgar seu povo. Se ele não tem prazer na morte do perverso (Ez 18:23, 32), certamente não se alegra com a morte de seu próprio povo! Deus é longânimo, mas quando seu povo resiste a seu bondoso chamado e rebela-se contra sua vontade, não lhe resta outra alternativa senão discipliná-lo.

A reação de Jeremias à mensagem de Deus (vv. 10-21). Esse é o terceiro lamento registrado em Jeremias (ver Jr 11:18-23). Se as mães dos soldados mortos tinham motivos para chorar (Jr 15:8, 9), a mãe de Jeremias tinha muito mais, pois o povo o tratava como se ele fosse um inimigo. Os soldados morriam como heróis, mas Jeremias vivia como se fosse um traidor de seu próprio povo. Ele não era um credor, pressionando seus devedores. Ainda assim, todos o odiavam. Deus prometeu livrá-lo (v. 5) e cumpriu sua promessa, porém não prometeu protegê-lo da perseguição. Jeremias estava correndo com cavalos, e não era fácil (Jr 12:5).

Ao resistir a Nabucodonosor, Judá lutava uma batalha perdida, pois nada era capaz de quebrar o “ferro do Norte” da Babilônia. Judá perderia seus tesouros, e seu povo se tornaria escravo da Babilônia. Não era uma mensagem agradável de se proclamar, e Jeremias sabia que suscitaria a oposição dos líderes e do povo. Assim, pediu a Deus a ajuda de que precisava para prosseguir. Seus pedidos foram: “Lembrete de mim, ampara-me e vinga-me dos meus perseguidores”.

Jeremias 15:15-18 revela a agitação dentro do coração e da mente do profeta. Num minuto ele estava afirmando a longanimidade de Deus e sua fé na Palavra⁹ e, no outro, já estava chorando de dor por causa do sofrimento de seu povo e da dificuldade

de seu trabalho. Chegou a sugerir que Deus havia mentido para ele quando o chamou e que o Senhor era “como ilusório ribeiro, como águas que enganam” (v. 18; ver Jó 6:15-20).

Jeremias era humano e tinha seus defeitos, mas pelo menos ele os admitia honestamente a Deus. Em vez de encobrir seus verdadeiros sentimentos com piedade, derramou seu coração diante do Senhor, e ele respondeu. A resposta de Deus deve ter chocado o profeta, pois o Senhor lhe disse que ele precisava se arrepender! “Se tu te arrependeres, eu te farei voltar e estarás diante de mim; se apartares o precioso do vil, serás a minha boca” (Jr 15:19). Por causa de suas atitudes para com Deus e seu chamado, Jeremias estava a ponto de perder seu ministério! De certa forma, espelhava as palavras e atitudes do povo de Judá, quando duvidaram do Senhor.

Normalmente o Senhor contrabalança reprovações com incentivos. Mais uma vez, prometeu fazer de Jeremias um muro forte de bronze e lhe garantiu a vitória sobre todos os inimigos (v. 20; ver 1:18, 19). Jeremias tinha de aprender a andar pela fé, o que significava obedecer à Palavra de Deus, independentemente daquilo que sentisse, do que visse ou da maneira como outros o tratassem. Deus nunca prometeu a Jeremias um trabalho fácil, mas garantiu suprir tudo de que precisava para cumprir suas tarefas.

É raro servos escolhidos por Deus desanimarem e, dessa forma, colocarem em perigo seu próprio ministério? Não, pois todos os servos de Deus são humanos e sujeitos à fraqueza da natureza humana. Moisés ficou desanimado e quis morrer (Nm 11:10-15); Josué estava a ponto de se demitir e de deixar a Terra Prometida (Js 7:6-11); Elias chegou a abandonar seu posto e a desejar a morte (1 Rs 19) e Jonas ficou com tanta raiva que se recusou a ajudar justamente as pessoas que tinha ido salvar (Jn 4)! Deus não deseja que ignoremos nossos sentimentos, pois isso nos tornaria menos humanos, mas quer que confiemos nele para mudar nossos sentimentos e para que começemos a andar pela fé (2 Co 1:3-11).

3. UMA MENSAGEM SOBRE O ESTRANHO COMPORTAMENTO DE JEREMIAS (Jr 16:1-21)

Para conseguir a atenção do povo, às vezes Deus pedia aos profetas que fizessem coisas estranhas. Isaías deu a seus dois filhos nomes esquisitos (Is 8) e também se vestiu como um prisioneiro de guerra com o intuito de chamar a atenção para o conflito iminente (Is 20). Já observamos que tanto Jeremias quanto Ezequiel realizaram vários “sermões práticos”.

As proibições de Jeremias (vv. 1-9). O Senhor proibiu Jeremias de fazer três coisas normais e aceitáveis: casar-se, prantear os mortos e participar de banquetes. Era esperado que, até os vinte anos de idade, todo homem judeu estivesse casado. De fato, os rabinos pronunciavam uma maldição sobre aqueles que se recusavam a casar-se e a ter filhos. Sem dúvida, Jeremias teria se alegrado em poder contar com uma esposa amorosa para encorajá-lo, mas não lhe seria permitido desfrutar essa bênção. Quando pensamos em todas as provações pelas quais passou e em todos os inimigos que fez, vemos que, provavelmente, foi melhor Jeremias ter permanecido solteiro. No entanto, sua recusa em casar-se era um ato simbólico, pois os filhos e filhas das famílias judias iriam morrer ou pela espada, ou pela fome na invasão da Babilônia. Sempre que alguém perguntava a Jeremias por que ele não era casado, tinha a oportunidade de compartilhar a mensagem de Deus sobre o juízo vindouro.

Nos tempos bíblicos, o povo judeu era mestre na arte de prantear em funerais e de participar de casamentos, mas Jeremias foi proibido de comparecer tanto a funerais quanto a casamentos e aos banquetes relacionados a ambos. Que mensagem essa conduta anti-social transmitia ao povo? Em primeiro lugar, que Deus havia retirado sua paz e consolo do meio dos judeus. Além disso, indicava que o julgamento vindouro seria tão terrível que o povo seria incapaz de expressar seu pesar. Haveria tantos cadáveres e tão poucos sobreviventes que ninguém enterraria os mortos e muito menos

consolaria quaisquer membros da família que ainda restassem.

Quanto às festas de casamento, como os judeus poderiam celebrar quando havia uma nuvem de destruição pairando sobre eles? Chegaria o dia em que as vozes felizes de noivas e de noivos se calariam. Na verdade, toda a alegria e prazer deixaria a terra. Os exilados formariam um cortejo fúnebre e seriam levados para a Babilônia.

A explicação de Jeremias (vv. 10-13, 16-18). Parece estranho que o povo ainda perguntassem quais eram os motivos de o Senhor ter decretado um julgamento tão terrível sobre eles. Sem dúvida, conheciam as estipulações da aliança e as grandes proporções de seus próprios pecados, mas haviam se desviado do caminho pelos falsos profetas, acomodando-se em seus pecados, e sua consciência estava amortecida. Sua teologia contrária aos ensinamentos bíblicos dava-lhes uma falsa certeza de que Deus jamais os abandonaria nem permitiria que os gentios destruissem a cidade santa e o templo. Como estavam errados!

A explicação de Jeremias era simples: em vez de ouvirem a lei do Senhor e de abandonarem seus pecados, os judeus repetiram as transgressões de seus pais. Além disso, não haviam aprendido com os júizos que Deus havia enviado no passado. Por isso, eram ainda mais culpáveis que seus pais. A Assíria não havia tomado Israel, o reino do Norte, por causa de sua idolatria? Os profetas anteriores não haviam proclamado a Palavra de Deus e advertido o povo?

Jeremias usou várias imagens para descrever o cativeiro. A expressão “lançar-vos-ei fora” (Jr 16:13) é usada para o ato de arremessar uma lança ou enviar uma tempestade de contra um navio (Jn 1:4). Deus estava removendo seu povo violentamente para que a terra pudesse ser sarada e a nação purificada (2 Cr 36:14-21). Jeremias também usou as metáforas da pesca, da caça e dos negócios (Jr 16:16-18). Os babilônios lançariam suas redes e pescariam os judeus (Ez 12:13), e nenhum “peixe” escaparia. Se alguém tentasse se esconder nas montanhas, os pescadores se tornariam caçadores e os

perseguiriam. Tudo isso por causa da grande dívida do povo para com o Senhor, pela maneira como haviam tratado sua lei e sua terra. Era chegada a hora de saldar a dívida. A oração: "Pagarei em dobro a sua iniqüidade e o seu pecado" (Jr 16:18) significa que o julgamento de Deus seria amplo e completo.

A consolação de Jeremias (vv. 14, 15). Em meio à ira, Deus se lembra da misericórdia (Hc 3:2), e Jeremias deu ao povo uma mensagem de esperança: um dia os exilados voltariam à terra. Esse livramento seria tão magnífico que receberia o nome de "segundo êxodo", e sua glória seria ainda maior que a do êxodo de Israel do Egito. Mais adiante, Jeremias explicaria que os exilados ficariam na Babilônia por setenta anos (Jr 25) e que um remanescente voltaria à terra, reconstruiria o templo e estabeleceria a nação (Jr 23:3; 31:7-9). Voltariam como um povo disciplinado e que nunca mais se entregaria aos ídolos das nações gentias.

A afirmação de Jeremias (vv. 19-21). Numa explosão de fé e de alegria profética, Jeremias viu não apenas o ajuntamento do remanescente judeu, mas também a vinda das nações gentias de todos os cantos da Terra para adorar o verdadeiro Deus vivo de Israel. Isaías teve a mesma visão (Is 2:1-5; 11:10-16; 45:14) e também Zacarias (Zc 8:20-23). Os gentios confessarão sua idolatria e admitirão que seus ídolos são inúteis. Então, serão ensinados a conhecer ao Senhor. Enquanto esse dia não vem, cabe à igreja de hoje propagar a mensagem do evangelho até os confins da Terra para que os pecadores deixem seus falsos deuses, quaisquer que sejam eles, e creiam em Jesus Cristo, o Salvador do mundo.

4. UMA MENSAGEM SOBRE O PECADO DE JUDÁ (JR 17:1-27)

O ex-presidente norte-americano Calvin Coolidge voltou para casa depois do culto de domingo e sua esposa perguntou:

- Sobre o que o pastor pregou hoje?
- Sobre o pecado – respondeu o presidente com sua habitual brevidade.

– E o que ele disse sobre o pecado? – quis saber a senhora Coolidge, ao que o presidente respondeu:

– Que ele era contra.

Jeremias era contra os pecados de seu povo e citou seis exemplos nesse capítulo.

Idolatria (vv. 1-4). Em vez de dedicar sua devoção e obediência ao verdadeiro Deus vivo que os havia abençoado, os judeus adotaram os ídolos das nações vizinhas e deram-lhes mais valor do que a Jeová. Construíram altares para esses deuses e colocaram símbolos obscenos da deusa Aserá nos lugares altos da terra. Com isso, contaminaram a terra – a rica herança de Jeová –, e, por causa da idolatria, a herança do povo seria pilhada. Perderiam tudo por sua própria culpa.

A santa lei de Deus deveria estar escrita em seu coração (Pv 3:3; 7:3; Dt 6:6; 11:18; 2 Co 3:1-3), porém em seu lugar estava gravado seu pecado. Podemos nos esquecer de nossos pecados, mas eles nunca se esquecem de nós, pois ficam impressos em nosso coração até que peçamos perdão a Deus. Então, o Senhor nos purifica e renova nosso coração (1 Jo 1:9; Hb 10:15-18).

Em sua primeira epístola, a advertência final do apóstolo João aos cristãos é: "Filhos, guardai-vos dos ídolos" (1 Jo 5:21). Naqueles dias, havia muitos falsos deuses (1 Co 8:1-5), assim como há hoje em nossa sociedade: dinheiro, bens, fama, sucesso, poder, prazer, realizações e muito mais. Tudo o que amamos e tudo em que confiamos mais do que o verdadeiro Deus vivo, o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, é um ídolo e deve ser removido de nosso coração.

Incredulidade (vv. 5-10). Os líderes de Judá estavam mais propensos a confiar em seus aliados políticos e a se apoiar em braços humanos do que a depender do poder de Deus. A fim de enfatizar a diferença, Jeremias apresentou um contraste entre um arbusto do deserto e uma árvore frutífera junto às águas (ver Sl 1:3, 4). A incredulidade transforma a vida numa terra seca e improdutiva, enquanto a fé a transforma num pomar frutuoso. Não tardaria para que o exército da Babilônia tomasse o reino de

Judá, e a terra que manava leite e mel se tornasse um deserto.

O coração de todo problema é o problema no coração, e o coração humano é enganoso (Jacó, em hebraico) e incurável. Costumamos dizer: "Se eu me conheço bem...", no entanto, não conhecemos de fato nosso próprio coração. Deus sabe o que há dentro de nós, pois sonda o coração e a mente e também sabe exatamente como recompensar cada pessoa. Se quisermos conhecer nosso coração, devemos ler a Palavra e deixar que o Espírito nos mostre. O coração dos líderes judeus estava longe do Senhor e de sua verdade. Conseqüentemente, tomaram decisões insensatas e levaram a nação à ruína.

O povo judeu possuía um longo histórico de incredulidade. Foi a falta de fé que impedi Israel de entrar na Terra Prometida (Nm 13 - 14). Foi sua falta de fé que os fez adorar a ídolos e, assim, chamar sobre si a disciplina de Deus no tempo dos juízes. No tempo do reino, foi a incredulidade que impediu os líderes de se arrependerem e de se voltarem para o Senhor em busca de ajuda, fazendo com que se emaranhassem em dispendiosas negociações políticas envolvendo a Assíria, o Egito e a Babilônia. Quando iriam aprender?

Ganância (v. 11). Naqueles tempos tumultuados, os ricos exploravam os pobres e ficavam ainda mais ricos, e os tribunais não faziam nada para detê-los. "Porque desde o menor deles até ao maior, cada um se dá à ganância, e tanto o profeta como o sacerdote usam de falsidade" (Jr 6:13). Jeremias citou um provérbio conhecido sobre a perdiz, que choca ovos que não botou e, depois, é abandonada pelos filhotes – uma ilustração da riqueza que abandonou os abastados que a adquiriram injustamente. De que lhes adiantaria a riqueza quando viesse o julgamento?

Deserção ao Senhor (vv. 12, 13). O trono de Judá estava manchado de pecado e coberto de vergonha, mas o trono de Deus era glorioso e exaltado. Os judeus consideravam a arca da aliança no Santo dos Santos o trono de Deus (Sl 80:1; 99:1), mas ainda que o templo fosse destruído, o trono celeste

de Deus permaneceria para sempre (Is 6:1). Deus nunca abandonou seu povo, mas eles o desertaram. Por isso Judá estava enfrentando o terrível juízo. Em vez de estar registrados no Livro da Vida, aqueles que desertaram o Senhor estavam registrados no pó, onde seus nomes pereceriam junto com eles (Êx 32:32; Sl 69:28; Fp 4:3).

Rejeição do servo de Deus (vv. 14-18).

Esta é a quarta oração pessoal de Jeremias pedindo a ajuda de Deus e, dessa vez, a ênfase é sobre o livramento das mãos de seus inimigos. O povo o chamava de falso profeta e ficava perguntando quando suas terríveis previsões se realizariam. Não perceberam que os atrasos de Deus eram oportunidades para a nação se arrepender e ser salva da ruína. Com exceção de um episódio de incredulidade (Jr 15:15-21), Jeremias não tentou fugir de suas responsabilidades nem alterou a mensagem que Deus havia lhe dado para transmitir. Mas ele precisava da ajuda e da proteção de Deus, e o Senhor respondeu a suas orações.

A profanação do sábado (vv. 19-27).

Deus havia dado o sábado ao povo de Israel como um sinal do relacionamento entre eles (ver Êx 16:29; 20:8-11; 31:13-17). Deveria ser um dia de descanso para o povo, para seus animais e para a terra. Contudo, o povo desconsiderou a lei repetidamente e tratou o sábado como um dia qualquer. Esse pecado era evidência de que seu coração estava comprometido com as coisas materiais e não com o Senhor.

Deus não queria uma obediência mecânica à lei do sábado, mas sim uma obediência sincera, por amarem e temerem ao Senhor. Se isso acontecesse, então obedeciam a toda sua lei, e Deus poderia abençoar seu povo, seus reis e suas cidades. Se continuassem a desobedecer à lei e a profanar o sábado, Deus teria de castigá-los destruindo a cidade e o templo.¹⁰

Jeremias pregou ao povo com fé e coragem, levou suas súplicas ao Senhor; expressou sua aflição pelos pecados do povo e, ainda assim, tudo o que o povo fez foi endurecer o coração e resistir obstinadamente à verdade divina.

Numa época de indiferença e indecisão, Jeremias foi consciente e decidido, e Deus o honrou. Humanamente falando, seu ministério foi um fracasso, mas do ponto de vista divino, foi um enorme

sucesso. Hoje, precisamos de homens e mulheres com a mesma fibra que Jeremias para servir a igreja e a nação. Há um preço a pagar, mas também há uma coroa a receber.

1. HAMILTON, J. Wallace. *The Thunder of Bare Feet*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell, 1964, p. 69.
2. JOWETT, John Henry. *The Preacher, His Life and Work*. Nova York: Harper & Brothers, 1921, p. 114.
3. A estação das chuvas ia de outubro a abril, sendo as primeiras chuvas as da primavera e as últimas as do outono (Dt 11:14; Jr 8:3; 5:24). As “chuvas de inverno” começavam em novembro/dezembro, o mês hebraico de Kislev.
4. No original, a palavra “seca”, em Jeremias 14:1, encontra-se no plural.
5. Os três juízos de guerra, fome e peste são mencionados com freqüência em Jeremias (21:7, 9; 24:10; 27:8, 13; 29:17, 18; 32:24, 36; 34:17; 38:2; 42:17, 22; 44:13; ver também 5:12; 11:22; 14:13-18; 16:4; 18:21; 42:16; 44:12, 18, 27).
6. Jeremias havia previsto a invasão do exército babilônico, mas esta só ocorreu vários anos depois. Tendo em vista que sua profecia não se cumpriu imediatamente, o povo não levou as mensagens do profeta muito a sério. Porém, Deus estava velando pelas palavras dadas a Jeremias a fim de que se cumprissem (1:12), e a calamidade finalmente ocorreu.
7. Para outras referências ao cativeiro de Judá na Babilônia em Jeremias, ver Jeremias 9:16; 13:24; 16:13; 18:17; 30:11; 46:28.
8. Deus é santo e não se cansa nem se arrepende. O termo “cansado”, em Jeremias 15:6, é uma expressão humana para o fim da longanimidade divina.
9. Para mais informações sobre “comer as palavras” (Jr 15:16), ver Ezequiel 3:1-3, Apocalipse 10:9, 10 e Jó 23:12. A menos que a Palavra se torne uma parte vital de nosso ser interior, não temos como receber o devido sustento e crescer na vida espiritual. Era isso o que Jesus tinha em mente quando falou sobre comer a sua carne e beber do seu sangue (Jo 6:51-58). Ao receber sua Palavra dentro de nós, também estamos recebendo a Palavra viva (Jo 1:14) e nos alimentando de Cristo.
10. Nove dos Dez Mandamentos são repetidos nas epístolas do Novo Testamento para que os cristãos lhes obedecam, mas o mandamento do sábado não está entre eles. O sábado foi um sinal especial dado a Israel (Êx 31:12-18) e não à igreja. Os cristãos têm liberdade de honrar dias especiais, se forem tocados pelo Senhor a fazê-lo (Rm 14:1-23; Cl 2:16, 17), e não devem julgar uns aos outros. Transformar a observação do sábado num meio de alcançar a salvação ou mesmo numa forma especial de espiritualidade é ir além do significado que as Escrituras nos ensinam. Equipar o sábado com o Dia do Senhor no Novo Testamento é igualmente contrário à Bíblia. O sábado é identificado com a lei: trabalhar seis dias e descansar no sétimo. O Dia do Senhor é identificado com a graça: começar a semana com o Cristo ressurreto e, depois, trabalhar.

O PROFETA, O OLEIRO E O PRESIDENTE

JEREMIAS 18 – 20

A argila, em si, não é atraente, porém quando tocada pelas mãos do oleiro, o pensamento do artesão volta-se para ela, e seu plano se realiza nela e por meio dela; assim ocorre uma verdadeira transformação.

(J. Wilbur Chapman)¹

O profeta, obviamente, era Jeremias. Não sabemos quem era o oleiro, apesar de ele ter um papel importante no drama. O presidente era Pasur, o sacerdote encarregado da segurança do templo, cujo trabalho era manter a paz e castigar os desordeiros. Uma vez que Pasur considerava Jeremias um desordeiro, castigou o profeta fazendo-o passar uma noite no tronco. Jeremias é o ator principal desse drama de três atos.

1. JEREMIAS, O PROFETA AMEAÇADO (JR 18:1-23)

É bem provável que esses acontecimentos tenham ocorrido durante o reinado de Jeoáquim, o rei que pôs fogo nos rolos proféticos de Jeremias (Jr 36:21ss). Ao contrário de seu pai, o rei Josias, Jeoáquim não tinha amor pelo Senhor nem pelo profeta. Não estava nada interessado no que Jeremias tinha a dizer quanto a questões políticas e espirituais.

A soberania de Deus (vv. 1-17). Há mais de trinta palavras hebraicas relacionadas diretamente à olaria, pois a manufatura de cerâmica era a principal indústria do Oriente Próximo naquele tempo. Sem dúvida, Jeremias havia passado várias vezes em frente à casa do oleiro, mas dessa vez Deus tinha uma mensagem especial para o profeta

e, depois de ser pregada, ela o levaria a ser preso. Quando andamos com o Senhor, nunca se sabe o que acontecerá a seguir.

“Ele não teve um lampejo ou uma súbita percepção enquanto orava, mas sim enquanto observava o oleiro em seu trabalho diário”, escreveu Charles E. Jefferson. “Deus se revela em lugares estranhos e em épocas inesperadas. Em certa ocasião, por exemplo, revelou-se numa estrebaria.”²

O oleiro assentava-se diante de duas rodas de pedras paralelas unidas por uma haste. Girava a roda de baixo com os pés e trabalhava a argila na roda de cima enquanto esta se movia. Ao assistir ao processo, Jeremias viu que a argila resistiu às mãos do oleiro estragando o vaso,³ mas, com muita paciência, o oleiro amassou a argila novamente e fez outro vaso.

A interpretação dessa imagem referia-se à nação como um todo, pois estava relacionada à casa de Israel (vv. 6-10), porém a aplicação era individual (vv. 11-17), chamando o povo de Judá e de Jerusalém a tomar uma decisão. Também hoje essa imagem nos convida a tomar uma decisão pessoal.

Interpretação (vv. 5-10). Assim como o oleiro tem poder sobre a argila, também Deus tem autoridade soberana sobre as nações.⁴ Isso não significa, porém, que ele seja irresponsável ou arbitrário naquilo que faz, mesmo que seja livre para agir da forma como quiser. Suas ações são sempre coerentes com a sua natureza, que é santa, justa, sábia e amorosa. Deus não necessita de qualquer conselho nosso e não temos direito algum de criticá-lo. “Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Quem foi o seu conselheiro?” (Rm 11:34, citação de Is 40:13 e Jr 23:18). “Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?! Porventura pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim?” (Rm 9:20).

O Senhor apresentou duas situações que ilustram seu poder absoluto sobre as nações (Jr 18:7-10). Se tivesse ameaçado julgar uma nação e aquela nação se arredesse, então ele teria compaixão e não enviaria seu juízo. Foi o que fez com Nínive quando a pregação de Jonas levou a cidade

ao arrependimento (Jn 3). Por outro lado, se tivesse prometido abençoar uma nação, como fez com Israel em sua aliança, e tal nação fizesse o que era mau, então poderia reter as bênçãos e, no lugar delas, enviar seu julgamento. Deus não muda seu caráter nem precisa se arrepender de seus atos (Mt 3:6; Nm 23:19), mas é soberano em sua liberdade de alterar suas ações dependendo da reação das pessoas.

Sem dúvida, a relação entre a soberania divina e a responsabilidade humana é algo misterioso, mas não precisamos explicar a vontade de Deus antes de ser capazes de lhe obedecer. Vivemos de promessas e de preceitos, não de explicações teológicas, e Deus não tem obrigação de nos dar explicações sobre qualquer de seus atos (ainda que explicasse, é provável que não entenderíamos!). "As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei" (Dt 29:29). Jesus prometeu que, se obedecermos àquilo que sabemos, Deus nos revelará mais de suas verdades (Jo 7:17).

Aplicação (vv. 11-17). As nações são constituídas de indivíduos, e os indivíduos podem aceitar ou rejeitar a Palavra de Deus. Por certo, viemos do pó (Gn 2:7) e vivemos num corpo frágil (Jó 4:19; 10:9; 2 Co 4:7). Ao contrário da argila na roda do oleiro, porém, temos a capacidade de resistir. Deus usa muitas mãos diferentes para nos moldar – país, irmãos, professores, ministros, escritores – e nós podemos lhes resistir. Mas se o fizermos, também estaremos lutando contra Deus.

Deus anunciou que estava "forjando" um mal (ou "preparando", mais uma palavra relacionada ao oleiro no hebraico) contra o reino de Judá. Contudo, caso o povo se arpendesse, ele os livraria. Mas os judeus estavam tão acorrentados a seus pecados que escolheram seguir seus próprios planos perversos. Preferiam adorar ídolos mortos e sofrer por isso a servir ao verdadeiro Deus vivo e desfrutar suas bênçãos! De fato, o coração é enganoso e desesperadamente corrupto! (Jr 17:9)

Ao rejeitar a Deus e escolher ídolos inúteis, o povo de Judá estava agindo contra tudo o que era razoável. Deus os criou para si e não poderiam ser bem-sucedidos sem ele. Os pássaros obedecem ao que Deus lhes diz (Jr 8:7) e nem mesmo as nações pagãs abandonam seus falsos deuses. A água é constante na natureza: em grandes altitudes, transforma-se em neve; nos lugares mais baixos, corre nos rios. O povo de Deus, porém, era totalmente incoerente, disposto a aproveitar as bênçãos de Deus, mas não a obedecer às leis divinas que governavam essas mesmas bênçãos. O que seria de nós se a natureza agisse dessa forma?

Em vez de percorrer o caminho claro e seguro de santidade que Deus lhe oferecia (Is 35:8), o povo encontrava-se num desvio perigoso, cheio de sofrimento, pois havia abandonado as antigas veredas da santa lei de Deus. Tendo em vista que não estavam dispostos a se arrepender, Deus precisou discipliná-los, o que significou ruína para a terra e exílio para o povo. Em vez de deixar seu rosto resplandecer em bênçãos sobre eles (Nm 6:24-26), Deus lhes deu as costas e os deixou entregues à sua própria sorte.

Assim como o oleiro paciente, Deus está disposto a nos moldar novamente quando resistimos a ele e causamos estragos em nossa vida. O famoso pregador escocês, Alexander Whyte costumava dizer que uma vida cristã vitoriosa é "uma série de recomeços". Por certo, sofremos as consequências de nossos pecados, mas nenhum erro em nossa vida precisa ser fatal ou final. O Senhor deu um recomeço para Abraão, Moisés, Davi, Jonas e Pedro quando erraram e pode fazer o mesmo por nós nos dias de hoje.

A conspiração do inimigo (v. 18). Pecadores orgulhosos não gostam de ouvir falar da soberania de Deus nem de ameaças de um julgamento vindouro. Acreditam que, ao silenciar o mensageiro, também estão calando o Senhor. "Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles" (Sl 2:4). "Temos muitos sacerdotes, profetas e anciãos, então podemos ficar sem Jeremias!", argumentaram os conspiradores.

Não era a primeira vez que Jeremias enfrentava uma conspiração contra seu ministério e sua vida (Jr 11:18-23; 12:6; 15:15) e ainda não seria a última. Seus inimigos planejaram uma “campanha de difamação”, que consistiu em espalhar mentiras sobre ele (ver Jr 9:3). O plano provavelmente incluía citações de suas mensagens, sugerindo que ele era um traidor do reino de Judá. Assim como aqueles que conspiraram contra Jesus, os inimigos de Jeremias tentaram provar que ele estava transgredindo a lei e incitando o povo (Lc 23:1-7).

Os servos fiéis de Deus não gostam de oposição, mas aprendem a lidar com ela. “No mundo, passais por aflições” — prometeu Jesus —; “mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (Jo 16:33). O Senhor também disse: “Se o mundo vos odeia, sabei que, primeiro do que vós outros, me odiou a mim” (Jo 15:18). E Paulo lembrou a Timóteo e a nós: “Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2 Tm 3:12).

A agonia do profeta (vv. 19-23). Trata-se da quinta lamentação pessoal de Jeremias ao Senhor com referência a sua situação e a seu ministério (ver Jr 11:18-23; 12:1-5; 15:10-18; 17:14-18; 20:7-18). Suas palavras parecem terrivelmente ríspidas e contrárias ao espírito de Cristo, mas devemos ter em mente que Jeremias foi um profeta escolhido por Deus e que representou o Senhor diante de sua nação. Aqueles que se opunham a ele também estavam se opondo ao Senhor, e Jeremias pediu a Deus que lidasse com eles (Dt 32:35; ver Rm 12:17-19).

Assim como Elias e todos os outros profetas, Jeremias foi “semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos” (Tg 5:17), e sofreu dores profundas, pois os líderes rejeitaram a verdade. Imagino que, se você e eu fôssemos atacados por inimigos cheios de ódio que mentissem a nosso respeito, nos preparassem armadilhas e cavassem buracos para que caíssemos, provavelmente ficaríamos zangados e pediríamos a Deus que lidasse com eles. Pelo menos, Jeremias expressou-se com honestidade diante de Deus e deixou o assunto nas mãos do Senhor.

Precisava lembrar-se das promessas que Deus tinha lhe dado quando o havia chamado (Jr 1:7-10, 17-19) e descansar na certeza de que o Senhor estaria sempre com ele.

Existe uma ira justa contra o pecado que é aceitável diante de Deus. “Irai-vos e não pequeis” (Ef 4:26, citação do Sl 4:4). “Vós que amais o SENHOR, detestai o mal” (Sl 97:10; ver Rm 12:9). Jesus irou-se com a dureza de coração de seus críticos (Mc 3:5), e Paulo enfureceu-se com aqueles que se diziam cristãos e faziam outros se desviarem. “Quem se escandaliza, que eu não me inflame?” (2 Co 11:29). O ódio pecaminoso deseja fazer justiça com as próprias mãos e procura destruir o transgressor, enquanto a ira justa entrega o assunto ao Senhor e procura ajudar a vítima. A angústia é a soma do ódio com o amor, e não é fácil manter um equilíbrio santo. Se Jeremias nos parece excessivamente zangado, talvez seja porque não nos iramos o suficiente com a maldade deste mundo. Graças à mídia, somos expostos a tanta violência e pecado que estamos propensos a aceitá-los como parte normal da vida, sem desejar fazer algo a respeito. As cruzadas deram lugar à condescendência, e não é “politicamente correto” ser dogmático nem crítico em relação a idéias que, sem sombra de dúvida, não são bíblicas.

2. JEREMIAS, O PROFETA PERSEGUIDO (JR 19:1 – 20:6)

O tema do oleiro continua em outro sermão prático de Jeremias, sermão que lhe custou uma surra e uma noite no tronco.

Jeremias prega o sermão (19:1-9). Obedecendo às ordens do Senhor, Jeremias voltou à casa do oleiro — dessa vez como comprador e não como espectador —, levando consigo alguns dos anciãos judeus. Sabendo de suas tramas perversas contra ele, é uma evidência de sua fé o fato de o profeta estar disposto a andar com eles e ousar declarar, *na presença deles*, que a calamidade estava a caminho da terra por causa de seus pecados. É evidente que sua oração ao Senhor havia lhe dado paz e coragem.

O portão leste era chamado de Porta do Oleiro, onde os oleiros trabalhavam e os

vasos quebrados eram jogados fora. A vista da porta dava para o vale do filho de Hinom, o depósito de lixo de Jerusalém (Geena). Mas Jeremias transformou o portão num púlpito e falou do desastre iminente por causa do que os reis de Judá haviam feito: abandonaram ao Senhor, adoraram a ídolos, profanaram o templo, assassinaram inocentes e ofereceram crianças no fogo de altares dedicados a Baal.

O vale de Hinom havia sido um centro de idolatria, mas Josias o havia profanado ao transformá-lo num depósito de lixo. *Tofete* significa “uma fogueira, uma fornalha”, por causa das criancinhas que haviam sido queimadas como sacrifício naquele local. Depois da invasão babilônica, porém, o lugar passaria a se chamar “o vale da Matança”. O cerco seria tão terrível que o povo teria de comer seus próprios filhos para sobreviver!

Jeremias anuncia o julgamento (vv. 10-15). “Porque dissiparei⁵ o conselho de Judá e de Jerusalém neste lugar” (Jr 19:7). Para demonstrar esse fato, Jeremias quebrou um jarro e disse: “Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Deste modo quebrarei eu este povo e esta cidade, como se quebra o vaso do oleiro, que não pode mais refazer-se” (v. 11). Não adiantava mais disciplinar a nação (Jr 2:23), orar por ela (Jr 7:16); agora já não havia mais conserto! O povo havia se endurecido tanto contra o Senhor que já não restava qualquer esperança.

No Oriente Próximo daquela época, reis e generais costumavam quebrar jarros numa cerimônia especial realizada antes de saírem para a guerra, simbolizando a derrota total de seus inimigos. Essa imagem também é usada para o Messias no Salmo 2:9: “Com vara de ferro as regerás e as [nações inimigas] despedaçarás como um vaso de oleiro”. No entanto, nesse caso Deus estava despedaçando seu próprio povo!

Só podemos imaginar como os anciões que acompanharam Jeremias à Porta do Oleiro ficaram furiosos. Afinal, eles e os sacerdotes (e Jeremias era sacerdote) haviam apoiado as “mensagens de paz” dos falsos profetas bem como as tramas políticas dos

governantes de Judá que esperavam obter ajuda de seus aliados pagãos. Porém, o que Jeremias fez em seguida causou-lhes furor ainda maior, *pois foi até o templo e pregou a mensagem outra vez!* Para um homem quebrantado diante de Deus, sem dúvida Jeremias tinha muita coragem diante de seus inimigos, mas estava confiando nas promessas que Deus havia feito de ajudá-lo (Jr 1:7-10, 17-19), e ele estava recebendo forças do Senhor.

Será que uma nação ou um indivíduo pode pecar tão grandemente de forma que nem mesmo Deus é capaz de restaurá-los? Sim. Enquanto a argila permanecer maleável nas mãos do oleiro, ele a moldará novamente, se não ficar satisfeito com o resultado (Jr 18:4), porém quando a argila endurece, é tarde demais para voltar a moldá-la. *O juízo é a única resposta para apostasia obstinada.* O reino do Norte, Israel, recusou-se a arrepender-se, e os assírios levaram os israelitas para o cativeiro. O reino do Sul, Judá, estava resistindo a Deus, e a Babilônia destruiria a terra e deportaria o povo. Os judeus rejeitaram seu Rei quando pediram a Pilatos que crucificasse Jesus; quarenta anos mais tarde, os romanos fizeram com Jerusalém o mesmo que os babilônios haviam feito seis séculos antes. “Há pecado que é para morte” (1 Jo 5:16).

Jeremias experimenta a dor (20:1-6). O que antes havia sido uma ameaça tornou-se realidade. Pasur, filho de Imer,⁶ assistente do sumo sacerdote e chefe da segurança do templo, não gostou do que Jeremias estava dizendo. Assim, mandou prendê-lo, espancá-lo e, depois, colocou-o no tronco até o dia seguinte. O tronco ocupava um local bastante visível dentro do templo, a fim de acrescentar vergonha à dor. Passar a noite inteira com o corpo retorcido e acorrentado já não era, de modo algum, confortável, e, juntando-se a isso a dor do espancamento, podemos imaginar como Jeremias se sentiu.

O espancamento e o tronco foram só os primeiros de vários atos de perseguição dos líderes contra Jeremias. Eles o ameaçaram de morte (Jr 26), acusaram-no falsamente, prenderam-no (Jr 37:11-21) e colocaram-no

numa cisterna (Jr 38:1-13). Ele foi prisioneiro de Estado até ser libertado por Nabucodonosor (Jr 39:11-18).

Naquela noite, porém, Deus encontrou-se com Jeremias (ver At 18:9-11; 23:11; 27:23, 24) e deu uma mensagem especial ao profeta e um novo nome a Pasur: Magor-Missabib, que significa “Terror-Por-Todos-Os-Lados”. Jeremias havia usado essa expressão anteriormente (Jr 6:25) e ainda voltaria a empregá-la (Jr 46:5; 49:5, 29). Essa expressão descrevia o que aconteceria a Jerusalém quando o exército babilônico entrasse na terra.

Pela primeira vez, Jeremias chamou o rei da Babilônia de invasor (Jr 20:4).⁷ Em ocasiões anteriores, Jeremias havia anunciado uma invasão vinda do Norte (ver Jr 1:13-15; 3:12, 18; 4:5-9; 6:1, 22-26; 10:22), mas não havia dado o nome dessa nação invasora. Nessa passagem, o instrumento de disciplina de Deus foi identificado como sendo a Babilônia, e, desse momento em diante, Jeremias a mencionaria, de uma forma ou de outra, pelo menos duzentas vezes até o final de seu livro.

Pasur receberia uma retribuição justa pela forma como havia tratado Jeremias, pois ele e sua família seriam levados cativos para a Babilônia, onde morreriam. Para um judeu, ser enterrado fora de sua própria terra era uma forma de juízo, pois as terras gentias eram consideradas impuras. Mas que diferença isso faria para Pasur e seus amigos? Havia pregado mentiras usando o nome de Deus e tinham incentivado a idolatria no templo do Deus santo. Então, por que não viver numa terra de mentiras e de ídolos e, por fim, morrer nesse país pagão? Estariam em casa!

Se os acontecimentos descritos em Jeremias 18 – 20 ocorreram durante o reinado de Jeoacquim (607-597 a.C.), então não se passou muito tempo até que as profecias de Jeremias se cumprissem. Em 605 a.C., Nabucodonosor saqueou o templo e levou Jeoacquim e seus nobres para a Babilônia. Em 597 a.C., levou cativos mais de dez mil judeus; e, onze anos depois, incendiou o templo e a cidade, deixando-os em ruínas.

Cinco anos depois, deportou outro grupo de exilados.

3. JEREMIAS, O PROFETA DESANIMADO (JR 20:7-18)

Este é o último lamento registrado em Jeremias. Trata-se de uma mistura tipicamente humana de angústia e alegria, de oração e desespero, de louvor e perplexidade. Quando nos lembramos da natureza sensível desse homem, então não nos surpreende que, num instante, ele se encontra na mais alta montanha e, no outro, está no mais profundo vale. No entanto, Jeremias viveu acima de suas variações de humor e fez a vontade de Deus, apesar de seus sentimentos. Nessa expressão honesta de suas mais profundas emoções, o profeta lidou com três assuntos importantes: o chamado de Deus (vv. 7-9), seus perigos diários (vv. 10-13) e seu desespero íntimo (vv. 14-18).

Seu chamado persuasivo (vv. 7-9). Quando os servos de Deus encontram-se em dificuldades por terem sido fiéis ao chamado, com freqüência são tentados a questionar seu ministério e a reconsiderar sua vocação. E o que fazem depois? Uma das primeiras coisas que devem fazer é conversar com Deus sobre isso e dizer-lhe a verdade.

O verbo traduzido como “persuadir” tem certa conotação de atrair ou de seduzir. É claro que Deus não mente (Tt 1:2), mas Jeremias sentiu como se Deus tivesse se aproveitado dele, instigando-o a aceitar o ministério. “Mais forte foste do que eu e preveleceste” (Jr 20:7). Jeremias sentiu-se como uma donzela indefesa seduzida por um “amante” enganador, que depois havia se aproveitado dela. O profeta usou uma linguagem forte, mas o fez numa conversa particular com Deus, não em público dizendo isso a outras pessoas.

Quando recapitulamos o relato do chamado de Jeremias (Jr 1), não encontramos evidência de que Deus o tenha induzido. O Senhor disse-lhe claramente que haveria tempos muito difíceis. Porém, se Jeremias confiasse no Senhor, ele faria de seu servo uma cidade fortificada e um muro de bronze diante de seus inimigos. Deus havia advertido

seu servo de que as exigências do ministério seriam cada vez maiores e de que ele precisaria crescer para prosseguir (Jr 12:5). O que o ministério de Jeremias estava fazendo pela nação era importante, porém mais importante ainda era o que esse ministério estava fazendo por Jeremias. Ao servir ao Senhor, nossa capacidade ministerial deve aumentar e nos habilitar a ir muito além do que jamais imaginamos.

O que você faz depois de dizer a Deus como se sente? Jeremias resolveu deixar de ser profeta! Decidiu calar-se e nunca mais mencionar o nome do Senhor para pessoa alguma. Mas isso não funcionou, pois a mensagem de Deus era como um fogo ardendo no coração e nos ossos do profeta (ver Lc 24:32). Jeremias não pregou porque precisava dizer alguma coisa, mas porque tinha algo a dizer; calar-se o teria destruído. Paulo teve a mesma atitude: “Se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho!” (1 Co 9:16).

Seus perigos diários (vv. 10-13). Uma vez resolvida a questão de seu chamado, Jeremias concentrou-se, então, em seus inimigos. A fé não ignora os problemas, mas os encara com honestidade e busca em Deus a ajuda para resolvê-los. Não importava quanto Jeremias fosse compelido a pregar a Palavra de Deus, ele precisava lidar com o fato de que muitos do povo desejavam que ele se calasse e fariam o que fosse necessário para silenciá-lo.

É possível que os inimigos de Jeremias tenham tomado emprestado o novo nome que Deus havia dado a Pasur (Jr 20:3) – “Terror-Por-Todos-Os-Lados” -, usando-o como um apelido para o profeta. Era mais uma forma de ridicularizar suas profecias diante do povo. Observavam-no e atentavam para o que dizia e fazia a fim de encontrar algo que o incriminasse diante das autoridades. Davi passou por uma experiência semelhante (Sl 31:13), e os inimigos de Jesus o trataram da mesma forma (Mt 22:15ss).

O humor de Jeremias oscilava entre a coragem de buscar vingança e a alegria na

adoração (Jr 20:11-13). Lembrando-se da promessa que Deus havia lhe dado ao chamá-lo, Jeremias confiou que o Senhor estava com ele e que lidaria devidamente com seus inimigos. Em vez de desonrá-lo, seus inimigos é que seriam desonrados. Tendo em vista que as palavras do versículo 12 são idênticas à oração de Jeremias em 11:20, talvez essa fosse uma oração que ele fazia com freqüência.

Seu desespero profundo (vv. 14-18). Depois de entregar sua causa ao Senhor, Jeremias encontrou motivos de sobra para cantar, pois o Senhor carregaria seus fardos e o ajudaria em suas batalhas. “Confiai nele, ó povo, em todo tempo; derramai perante ele o vosso coração; Deus é o nosso refúgio” (Sl 62:8).

No entanto, a euforia de Jeremias não durou muito, pois, assim que tomou fôlego outra vez, já estava amaldiçoando o dia de seu nascimento (Jr 15:10; ver Jó 3). Os pais judeus se regozijavam com o nascimento de um filho que poderia levar o nome da família e ser capaz de sustentá-los em sua velhice. É bem provável que uma família sacerdotal como a de Jeremias ficasse especialmente grata por um filho que desse continuidade ao ministério para o Senhor.

Mas não era o que Jeremias pensava. O mensageiro que anunciava o nascimento de um filho trazia alegria para toda a família e esperava uma recompensa por tão boas notícias, mas Jeremias pediu que esse mensageiro fosse tratado como Sodoma e Gomorra! Queria que tal homem fosse acordado com lamúrias pela manhã e que ouvisse gritos de guerra ao meio-dia! “Por que minha mãe não foi minha sepultura?” (Jr 20:17), perguntou o profeta. “Saí do ventre materno tão-somente para ver trabalho e tristeza e para que se consumam de vergonha os meus dias?”

A pergunta “Por que saí do ventre materno?” (v. 18) era fácil de responder: porque Deus tinha um propósito especial para sua vida e o criou para que pudesse cumprí-lo (Jr 1:4-5; Sl 139:13-16). Deus não comete erros quando chama seus servos, e devemos cuidar para não questionar sua sabedoria.

Todos nós temos períodos de desânimo, em que sentimos que estamos prestes a desistir, mas é nesses momentos que devemos olhar para além de nossos sentimentos e das circunstâncias e ver a grandeza e a sabedoria

de Deus. Como V. Raymond Edman, ex-presidente da universidade Wheaton, em Illinois, costumava dizer a seus alunos: “É sempre cedo demais para desistir”.

Com certeza!

1. CHAPMAN, J. Wilbur. *Revival Sermons*. Nova York: Fleming H. Revell, 1911, p. 231.
2. JEFFERSON, Charles E. *Cardinal Ideas of Jeremiah*. Nova York: Macmillan Co., 1928, p. 102.
3. A palavra traduzida por “estragou” também recebe a tradução de “apodrecido” em Jeremias 13:7 e 9, e o verbo significa “destruir ou corromper”.
4. O fato de Deus ser soberano sobre todas as nações é comprovado por passagens das Escrituras como Salmos 115:3; 135:6; Isaías 46:9-11; Daniel 2:21; 4:17, 34, 35; 7:14; Mateus 28:18; Atos 17:22-31 e Efésios 1:22, dentre outras.
5. O verbo significa “esvaziar” e é semelhante à palavra hebraica para vaso. Talvez Jeremias tivesse colocado água no jarro para, em seguida, derramá-la no chão, enquanto dizia essas palavras. Deus esvaziaria os planos de todas as nações e, depois, quebraria as nações que os haviam imaginado!
6. Há três homens chamados Pasur no Livro de Jeremias: o filho de Imer (Jr 20:1), o filho de Malquias (21:1) e o pai de Gedalias (38:1). Os três eram inimigos de Jeremias e procuraram dar cabo de seu ministério. Não temos como saber, ao certo, se o Pasur de Jeremias 20:1 é o pai de Gedalias.
7. Um século e meio antes, Isaías havia predito o cativeiro e indicado que o agressor seria a Babilônia (Is 6:11-13; 11:11, 12; 39:6). Assim, qualquer judeu que conhecesse a Palavra de Deus teria reconhecido a veracidade do testemunho de Jeremias. O profeta acrescentou um fato importante a sua mensagem: o cativeiro duraria setenta anos (Jr 25).

O DESFILE DOS REIS

JEREMIAS 21 – 24

Os gritos se calam e o tumulto esmorece
 Capitães e reis se vão –
 Da antigüidade, teu Sacrifício permanece,
 Um humilde e quebrantado coração.
 Senhor Deus dos Exércitos, sê conosco
 ainda,
 E que não nos esqueçamos, que não nos
 esqueçamos!

(Rudyard Kipling, *Recessional*)

Aobra *Recessional* [Hino de encerramento], de Kipling, foi publicada em 1897 na celebração do jubileu de diamante da Rainha Vitória, na Grã-Bretanha. O poema foi uma discreta advertência ao povo britânico para que tivessem cuidado com a confiança excessiva em seu momento de glória imperial. Talvez Kipling tivesse em mente as palavras de Daniel: “O Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer” (Dn 4:25) ou as palavras de Provérbios 16:18 “A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda”.

Jeremias escreveu um “hino de encerramento” mais penetrante para o reino de Judá ao descrever uma série de reis saindo de cena e caminhando para um julgamento vergonhoso. Nos dias gloriosos de Davi, Ezequias e Josias, a nação havia honrado ao Senhor, mas Judá estava movendo-se a passos largos rumo à derrota e à desgraça. Nestes capítulos, Jeremias transmite quatro mensagens importantes para os líderes e para o povo.

1. DEUS OPÔE-SE AOS LÍDERES DE JUDÁ **(Jr 21:1-14)**

É provável que esses acontecimentos tenham ocorrido no ano de 588 a.C., quando o exér-

cito invencível da Babilônia encontrava-se acampado ao redor das muralhas de Jerusalém. Contando com a ajuda do Egito, o fraco rei Zedequias havia se rebelado contra Nabucodonosor, recusando-se a pagar-lhe tributo (2 Cr 36:13; ver Ez 17:11-18). Judá estava sofrendo as terríveis consequências de sua decisão imprudente. Desesperado, o rei procurou Jeremias em busca de ajuda enviando o sacerdote Sofônias e também Pasur, um dos oficiais da corte, para saber se o profeta podia obter a orientação do Senhor.¹ O rei esperava que Jeová realizasse um feito miraculoso de livramento para Jerusalém, como havia feito nos dias do piedoso rei Ezequias (2 Rs 18 – 19). No entanto, Jeremias respondeu com pronunciamentos sombrios para o rei (Jr 21:3-7), para o povo (vv. 8-10) e para a casa de Davi (vv. 11-14).

Um pronunciamento para o rei Zedequias (vv. 3-7). Deus não apenas livraria a cidade do inimigo, como também lutaria junto com a Babilônia e derrotaria Jerusalém! O poderio militar de Jerusalém seria inútil contra o exército caldeu. No passado, o poderoso “braço estendido” de Deus e sua “mão poderosa” haviam operado em favor de seu povo (Dt 4:34; 5:15; 26:8), mas passaria a operar contra eles, pois a nação havia dado as costas ao Senhor. “Para com o benigno, benigno te mostras; com o íntegro, também íntegro [...] com o perverso, inflexível” (Sl 18:25, 26).

Parece estranho o Senhor usar as expressões “com ira”, “indignação” e “grande fúria” (Jr 21:5) para descrever sua disposição em relação aos judeus. No entanto, tais palavras faziam parte da aliança com seu povo, e a nação conhecia as estipulações desse pacto (ver Dt 29:23, 28; 32:16, 17, 21, 29; Lv 26:27, 28). Deus avisou os judeus repetidamente de que a desobediência deles provocaria sua ira e o obrigaria a trazer juízo sobre a terra, mas os líderes não lhe deram ouvidos. Preferiram ídolos mortos ao Deus vivo e alianças políticas à simples fé em sua Palavra.

Jeremias anunciou que o povo em Jerusalém morreria pela fome, pela peste ou pela espada; muitos dos sobreviventes seriam

levados para o cativeiro na Babilônia. O rei Zedequias e seus oficiais seriam entregues a Nabucodonosor e depois julgados. E foi exatamente isso o que ocorreu. O cerco teve início em 15 de janeiro de 588 a.C. e terminou em 18 de julho de 586 a.C., num período de pouco mais de trinta meses.² Depois que Zedequias, seus filhos e seus nobres foram capturados, seus filhos foram mortos na frente do rei, a quem em seguida cegaram e levaram para a Babilônia, onde morreu (Jr 39:1-10; 52:8-11, 24-27; 2 Rs 25).

Um pronunciamento para o povo (vv. 8-10). Não havia esperança para o rei, mas o Senhor ofereceu esperança para o povo, caso se rendessem a Nabucodonosor (ver Jr 38:17-23). Deus colocou diante deles dois caminhos – o caminho da vida ou o caminho da morte –, uma escolha que deveria tê-los lembrado das palavras da aliança (Dt 11:26-32; 30:15-20; ver Jr 27:12, 13; 38:2, 3, 17, 18). Quando Deus nos propõe escolhas, é preciso decidir entre uma coisa ou outra (Sl 1); não é possível permanecermos neutros (Mt 7:13-29; 12:22-30).

Naturalmente, render-se ao inimigo era um ato de traição e, mais tarde, Jeremias viu-se em apuros por defender esse plano (Jr 37:11-21; 38:1-6). Os babilônios tratariam os desertores como prisioneiros de guerra, e, depois de perderem tudo no cerco, os judeus se dariam por felizes se conseguissem escapar com vida.

Uma vez que Nabucodonosor estava fazendo o trabalho de Deus ao castigar o reino de Judá (Jr 50:9, 23; 51:20) e que Deus era um aliado da Babilônia na luta contra Judá, render-se aos babilônios significava, na verdade, render-se a Deus. Significava admitir a culpa e entregar-se nas mãos do Senhor. A rebelião contra os babilônios era uma rebelião contra Deus, o caminho da morte.

Como o povo de Deus dos dias de hoje, precisamos entender que a única reação segura e sensata à mão disciplinadora de Deus é a *submissão*. “Além disso, tínhamos os nossos pais segundo a carne, que nos corrigiam, e os respeitávamos; não havemos de estar em muito maior submissão ao Pai espiritual e, então, viveremos?” (Hb 12:9)

Essa pergunta deixa implícita a possibilidade de morrermos se não nos submetermos à vontade de Deus! “Há pecado que não é para a morte” (1 Jo 5:17).

Um pronunciamento para a casa de Davi (vv. 11-14). Aqui o Senhor falou à dinastia de Davi – os reis que se assentaram no trono em função da aliança de Deus com Davi (2 Sm 7). Se obedecessem à lei de Deus e praticassem a justiça na terra, Deus manteria sua promessa e preservaria a dinastia real de Davi. Mas, se desobedecessem, perderiam o direito ao trono. Mais uma vez, Deus estava apenas lembrando-os das estipulações da aliança e insistindo para que obedecessem à sua Palavra.³ O povo de Jerusalém estava certo de que a cidade era invencível e de que não havia o que temer. Cercada por vales dos três lados – Hinom ao sul e a oeste e Cedrom a leste –, a cidade só precisava se defender ao norte. Os habitantes de Jerusalém viam-se entronizados num planalto rochoso, mas em breve Deus iria destroná-los e fazer com que perdessem a coroa. Uma vez que os babilônios incendiaram a cidade, cumpriram o que Deus havia dito: “acenderei fogo na cidade, qual bosque” (Jr 21:14). A expressão “qual bosque” provavelmente se refere às estruturas da cidade, especialmente ao palácio do rei, a casa do bosque do Líbano (1 Rs 7:2; 10:17, 21). Os cedros do Líbano foram usados para construir várias estruturas na cidade.

Este capítulo começa com um rei clmando por socorro e termina com o profeta fazendo um pronunciamento de destruição. Que tristeza!

2. DEUS REVELA O DESTINO DOS REIS (Jr 22:1 – 23:8)

O piedoso rei Josias governou por trinta e um anos e procurou levar o povo de volta para Deus. No entanto, os quatro últimos reis de Judá foram homens perversos, apesar de três deles serem filhos de Josias e um deles, seu neto (Jeoacim).

Jeoacaz, ou Salum, sucedeu Josias e reinou apenas três meses (Jr 22:10-12; 2 Rs 23:30-33). O Faraó Neco deportou-o para o Egito, e lá o rei morreu.

Jeoaquim, também chamado de Eliaquim, reinou durante onze anos (Jr 23:13-23; 2 Rs 23:34 – 24:6) e morreu em Jerusalém. Foi sucedido por seu filho, *Joaquim*, também chamado de Jeconias e Conias, cujo reino durou apenas três meses (Jr 22:24-30; 2 Rs 26:6-12). Nabucodonosor levou-o para a Babilônia, onde terminou seus dias como cativo.

O último rei de Judá foi Zedequias, que reinou por onze anos e viu o reino e a cidade santa serem destruídos pela Babilônia (Jr 22:1-9; 2 Rs 24:17 – 25:21). Os inimigos cegaram-no e levaram-no para a Babilônia, onde morreu. Como escreveu Kipling: “Os capitães e os reis se vão”.

Jeremias revelou a verdade sobre esses quatro reis e depois fez uma promessa sobre o Messias – o Renovo Justo (Rei) – que um dia reinaria e faria justiça na Terra.

Zedequias – insensibilidade (22:1-9). O rei enviou mensageiros a Jeremias, mas o profeta foi pessoalmente ao palácio para entregar a mensagem de Deus. Zedequias estava assentado no trono de Davi, na casa de cedro de Davi (2 Sm 5:11; 7:2, 7), desfrutando os benefícios da aliança que Deus havia feito com Davi (2 Sm 7) e, mesmo assim, não estava servindo ao Senhor como Davi o fizera. Jeremias repetiu o que pregara anteriormente (Jr 21:12): era tempo de o rei e de seus nobres começarem a obedecer à lei de Deus e a fazer justiça no país. Estavam explorando os pobres e necessitados, derramando sangue inocente e se recusando a arrepender-se e a voltar para Deus.

Em 2 Samuel 7, há um duplo sentido na palavra “casa”: tanto pode ser uma construção, no sentido literal (o templo que Davi quis construir para Deus), quanto a casa real (dinastia) que Deus estabeleceu por meio de Davi e da aliança. Esses dois sentidos estavam entrelaçados na mensagem de Jeremias: Deus destruiria tanto o palácio real quanto a dinastia de Davi por causa dos pecados de seus reis. A casa de cedro real seria cortada e queimada quando os caldeus entrassem na cidade como homens derrubando árvores no bosque do Líbano.

Enquanto isso não acontecia, Jeremias parecia estar dando aos líderes uma pequena brecha de oportunidade: caso se arrependessem e fizessem justiça, Deus livraria a cidade e estabeleceria o trono de Davi (Jr 22:4). Mas o coração desses governantes estava endurecido, e não lhe deram ouvidos. As ruínas de Jerusalém seriam um monumento a sua perversidade.

Jeoacaz (Salum) – desesperança (vv. 10-12). A morte do piedoso rei Josias uma década antes havia causado grande tristeza ao povo. Até Jeremias havia escrito uma lamentação honrando o monarca falecido (2 Cr 35:25). Mas de nada adiantava a nação olhar para trás e chorar pelo passado. Também não adiantava confiar que o rei Jeoacaz (Salum) seria liberto do Egito, onde era prisioneiro do Faraó Neco (2 Cr 36:1-4). Ao que parece, havia em Judá um partido que apoiava Jeoacaz e que alimentava esperanças de que ele voltaria, e é possível que alguns dos falsos profetas encorajassem essas expectativas. Jeremias, porém, anunciou que Jeoacaz nunca mais voltaria a Judá, mas morreria no Egito.

Em vez de olhar para o passado ou de confiar num líder deposto, o povo deveria tratar dos assuntos daquele momento e buscar o socorro do Senhor. Josias estava morto; Jeoacaz estava no exílio; era tempo de Zedequias seguir o exemplo de seu piedoso pai, Josias, e de conduzir o povo de volta à adoração ao verdadeiro Deus.

Jeoaquim (Eliaquim) – cobiça (vv.13-23).⁴ Num momento de crise internacional, Jeaquim estava mais preocupado com a construção de seu palácio do que com a construção de um reino justo e, para sua empreitada, usou escravos judeus! Era contra a lei reter os salários dos trabalhadores ou escravizar judeus (Êx 21:1-11; Lv 19:13; Dt 24:14, 15; Tg 5:1-6). A nação estava se deteriorando e morrendo, enquanto o rei admirava seu palácio novo, com seus cômodos espaçosos, grandes janelas e paredes forradas de cedro. Jeaquim não era muito diferente de alguns de nossos atuais políticos, que abusam de seus cargos para ganhar dinheiro desonestamente,

enquanto ignoram os clamores dos pobres e necessitados.

"Reinarás tu, só porque rivalizas com outro em cedro?" (Jr 22:15) perguntou o profeta. Então, lembrou o rei de que seu pai, Josias, viveu confortavelmente e, ainda assim, fez o que era justo e direito. Josias defendeu a causa dos pobres, e Deus o abençoou, mas Jeaquim pensava apenas em si mesmo. O fato de Deus o estar observando enquanto ele roubava dos pobres, matava os inocentes e oprimia os justos, a fim de satisfazer seus desejos de luxo, não o preocupava.

Jeremias deixou de usar o pronome "ele" (terceira pessoa do singular), no versículo 13, para empregar o pronome "tu" (segunda pessoa do singular), no versículo 15, e chamou o rei pelo nome no versículo 18. Jeremias anunciou que o funeral do rei seria bem diferente daquele dado a seu amado pai. A nação lamentou a morte prematura de Josias, porém não derramaria uma só lágrima por Jeaquim, nem o sepultaria como rei. Quem pagaria por um funeral caro apenas para enterrar um jumento? Sua carneça seria jogada no depósito de lixo, onde apodreceria a céu aberto (Jr 36:30). Até a morte de Jeaquim seria um cumprimento das maldições da aliança (Dt 28:26).⁵

Antes de falar sobre o rei seguinte, Jeremias fez uma pausa para dirigir-se ao povo de Jerusalém e para descrever sua situação terrível (Jr 22:20-23). O avanço do exército caldeu havia aniquilado os aliados de Jerusalém ("amantes"), que também seriam mandados para o exílio. Como o vento do deserto, os soldados babilônios "apascentariam" (ajuntariam) os líderes perversos de Judá e os levariam para longe. O rei e seus nobres, vivendo despreocupadamente em seu palácio de cedro ("Líbano"), logo sentiriam grande dor como a de uma mulher em trabalho de parto. O Senhor os avisou, mas sentiam-se tão seguros que não quiseram ouvir. A paz prometida pelos falsos profetas não se concretizaria. Para a cidade de Jerusalém, aquele era o fim.

Joaquim (Conias, Jeconias) – ausência de filhos (vv. 24-30). Filho de Jeaquim, Jeconias reinou apenas três meses e dez dias

antes de ser deportado juntamente com a mãe para a Babilônia, sendo substituído por seu tio, Zedequias (2 Cr 36:9, 10; 2 Rs 24:8-17). Joaquim era um homem perverso, e Jeremias 22:26 sugere que sua mãe era tão responsável por isso quanto o pai impiedoso do rei. Jeremias havia advertido o rei e sua mãe, mas eles não lhe deram ouvidos (Jr 13:18, 19).

Mesmo que o rei fosse o próprio anel do selo na mão direita de Deus, o Senhor o arrancaria e o entregaria à Babilônia (Jr 22:24-27). O anel do selo era de grande valor, pois servia para comprovar a autoridade, identificar posses e "assinar" documentos oficiais, porém, diante do Senhor, Joaquim era imprestável e servia apenas para ser descartado na Babilônia.⁶

A pergunta do versículo 28 é construída de tal forma que se espera uma resposta negativa. O povo de Judá não considerava Joaquim uma vasilha quebrada que devia ser jogada fora. Na verdade, um dos falsos profetas predisse que Joaquim voltaria para Judá, livraria a nação e reinaria novamente (Jr 28:1-4). Mas Deus tinha outros planos para esse homem cruel e sua família; o rei, sua mãe e seus filhos foram todos deportados para a Babilônia, onde morreram.

Joaquim teve pelo menos sete filhos (1 Cr 3:17, 18) com várias esposas (2 Rs 24:15), porém nenhum deles se assentaria no trono de Davi. Deus declarou que trataria Joaquim como se fosse um homem sem filhos. Zedequias, o último rei de Judá, viu os Babilônios assassinarem seus filhos, e é bem provável que tenha morrido antes que Joaquim fosse libertado da prisão (Jr 52:10, 11, 31, 34). Isso significa que Joaquim foi o último rei da linhagem de Davi a sobreviver.

É claro que Jesus Cristo é o "filho de Davi" (Mt 1:1; Rm 1:3) e, um dia, restaurará a sorte de Israel e reinará no trono de Davi (Lc 1:30-33, 67-79). A genealogia em Mateus 1 apresenta os antepassados de Cristo pela família de seu pai terreno, José. Joaquim encontra-se nessa árvore genealógica (Mt 1:11), mas nenhum de seus descendentes pode apropriar-se do trono devido à maldição pronunciada em Jeremias 22:24-30.

O direito de Jesus Cristo ao trono de Davi vem de sua mãe, Maria, cuja genealogia nos é dada em Lucas 3:21-28. De Abraão a Davi, a lista é semelhante, porém diferente a partir de Davi. Lucas apresenta a linhagem pela família de Natã, filho de Davi e, assim, deixa de fora Joaquim, descendente de Salomão. Jesus Cristo tem todo o direito ao trono de Davi, e seu futuro reinado é o assunto de Jeremias na próxima seção.

O Rei Messias – justiça (23:1-8). Jeremias condenou todos os líderes (“pastores”) de Judá pela forma cruel com que trataram o povo desamparado (vv. 1-4). Em vez de conduzirem o rebanho com amor, comandaram impiedosamente e exploraram suas ovelhas. Os pastores não se importavam com as ovelhas, mas Deus cuidaria para que esses líderes fossem castigados. Por terem desobedecido à lei e se recusado a confiar no Senhor, esses líderes destruíram a nação e dispersaram o rebanho entre os gentios. No entanto, Deus prometeu ajuntar seu povo e transformar o remanescente numa nação. De fato, um remanescente voltou para Judá depois do cativeiro, reconstruiu o templo e restaurou a terra.

Contudo, Jeremias prometeu um ajuntamento bem maior de judeus – um milagre ainda mais grandioso do que a libertação dos hebreus do Egito (vv. 7, 8; ver Jr 16:14, 15). Deus chamará seu povo de todas as nações do mundo, os reunirá em sua terra, os purificará e, então, enviará o Messias prometido (Jr 30; Is 2:1-5; 4:1-6; 9:1-7; 11:1 – 12:6; Zc 12 – 14). Mesmo que a “árvore” da família de Davi tivesse sido cortada, um “renovo” cresceria de um rebento e se tornaria o Rei dessa nação (Is 11:1; 53:2).

Em contraste com os reis iníquos descritos por Jeremias, esse Rei será reto e governará com justiça. Os reinos de Israel (Norte) e de Judá (Sul) serão unidos em uma só nação; experimentarão a salvação e viverão em paz e segurança. O nome desse rei é “Jeová Tsídkenu – SENHOR, Justiça Nossa” (ver Jr 33:15, 16). De acordo com 1 Coríntios 1:30 e 2 Coríntios 5:21, esse nome exaltado aplica-se somente a Jesus Cristo. Quando depositamos nossa fé em Jesus Cristo, a justiça

dele nos é imputada e somos declarados justos diante de Deus. É nisso que consiste ser “justificados pela fé” (Rm 3:21 – 5:11).

Não importa quanto o dia esteja sombrio, Deus envia a luz da esperança por suas promessas. As palavras de Jeremias devem ter sido um grande estímulo para o remanescente piedoso em Judá, e essas promessas devem tê-los sustentado durante o difícil período do cativeiro. O retorno dos judeus para sua terra depois do cativeiro foi apenas um prenúncio do que será o ajuntamento mundial que ocorrerá nos últimos dias, quando Deus “enviará os seus anjos, com grande clangor de trombetas, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus” (Mt 24:31).

3. DEUS EXPÔE OS PECADOS DOS FALSOS PROFETAS (JR 23:9-40)

De acordo com o que se encontra registrado em Jeremias 14:14, as palavras de Deus resumem toda essa seção: “Os profetas profetizam mentiras em meu nome, nunca os enviei, nem lhes dei ordem, nem lhes falei; visão falsa, adivinhação, vaidade e o engano do seu íntimo são o que eles vos profetizam”. Jeremias concentrou-se em três áreas na vida deles especialmente abomináveis.

Sua conduta vergonhosa (vv. 9-15). Os verdadeiros profetas sabem como é algo sério ser chamado por Deus para proclamar sua Palavra e aceitam a responsabilidade com temor e tremor. Quando vêm pessoas que se dizem profetas e que vivem como pecadores, isso lhes causa angústia. Não é de se admirar que o coração de Jeremias estivesse quebrantado e que tremesse como um bêbado! Jeremias se deu conta do que os falsos profetas estavam fazendo ao povo e à terra e encheu-se de revolta: “De mim se apoderou a indignação⁷ por causa dos pecadores que abandonaram a tua lei” (Sl 119:53).

Os falsos profetas estavam cometendo adultério e se reunindo nas casas de prostituição (Jr 5:7). Depois, iam ao templo e fingiam adorar a Jeová (Jr 23:11), transformando a casa de Deus num covil de salteadores

(Jr 7:9-11). Contudo, a palavra “adulterio” também inclui a adoração que prestavam a ídolos, abandonando o Deus vivo (com quem Israel era “casada”) e sendo infiéis às promessas da aliança.

Os falsos profetas conduziram Israel, o reino do Norte, para o mau caminho (Jr 23:13) e estavam fazendo o mesmo com Judá, o reino do Sul (v. 14). Baal era o deus cananeu da chuva, ao qual os judeus costumavam recorrer nas épocas de seca (1 Rs 17 – 18), e sua adoração incluía a “prostituição sagrada”. Jerusalém estava se tornando como Sodoma e Gomorra – cidades tão perversas que Deus teve de destruí-las (Jr 20:16; Gn 18 – 19).

A terra passava por uma seca muito grave (Jr 23:10, ver cap. 14), pois os falsos profetas levaram o povo a transgredir as estipulações da aliança com Deus. O Senhor prometeu enviar as chuvas de que precisavam, tanto as primeiras quanto as últimas (Dt 11:10-15; 28:12), porém também os advertiu de que fecharia os céus e a terra secaria caso não lhe obedecessem (Dt 11:16, 17; 28:23, 24). “A terra chora por causa da maldição” (Jr 23:10). Mas os pecadores se recusavam a fugir, apesar de Deus ter prometido julgá-los em seu devido tempo (vv. 12, 15).

Quando uma nação precisa de cura, normalmente é porque o povo de Deus não está obedecendo nem servindo ao Senhor como deveria. Temos a tendência de culpar políticos desonestos e os vários fornecedores de prazeres escusos pelo declínio moral de uma nação, mas Deus culpa seu próprio povo. “Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra” (2 Cr 7:14).

Sua mensagem desonesta (vv. 16-32).

Em primeiro lugar, os falsos profetas ofereciam ao povo uma falsa esperança (Jr 23:16-20). “O SENHOR disse: Paz tereis [...]. Não virá mal sobre vós” (v. 17; ver 6:13-15; 8:10-12). É evidente que se tratava de uma mensagem que agradava o povo, e os judeus, assustados, agarrawam-se a ela com unhas e dentes. No entanto, os falsos profetas não

haviam recebido essas mensagens da parte de Deus; inventaram-nas em seu próprio coração. Em lugar de paz, o Senhor estava preparando uma tempestade (Jr 23:19). Deus estava prestes a liberar sua ira santa sobre seu povo pecador, e quando finalmente compreendessem os propósitos divinos, seria tarde demais para deter o redemoinho.

Os falsos profetas não apenas davam ao povo falsas esperanças, como também ministravam sob uma *falsa autoridade* (Jr 23:21-24). Deus não havia lhes falado e, mesmo assim, profetizavam. Deus não os havia chamado e, mesmo assim, se diziam enviados por ele. Se fossem verdadeiros profetas da parte de Deus, teriam vivido em piedade e encorajado o povo a abandonar sua perversidade. Em vez disso, ensinavam uma “teologia” que agradava o povo e que tornava conveniente aos judeus ser religiosos e continuar a viver em pecado.

Jeová não era uma divindade local como os ídolos pagãos, mas sim um Deus transcendente, que reina acima de todas as coisas e que preenche o céu e a Terra (vv. 23, 24). Nem tampouco era cego como os ídolos (Sl 115:5), incapaz de ver os pecados do povo. “Ocultar-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja?” (Jr 23:24).

Pelo fato de darem ouvidos a falsos profetas, os judeus creram em mentiras sobre o Senhor, e aquilo em que cremos a respeito de Deus determina a forma como vivemos.

Por fim, falavam sob uma *falsa inspiração* (vv. 25-32). Dependiam de sonhos e de ilusões de sua mente e até mesmo plagiavam as mensagens uns dos outros! Comparadas com o trigo nutritivo da Palavra, suas mensagens eram apenas palhas; não se podiam comer, edificar e nem mesmo aquecer alguém com elas.

A mensagem dos verdadeiros profetas é como um martelo que pode destruir e reconstruir (ver Jr 1:10) bem como quebrar até mesmo as pedras mais duras (Jr 23:29). A Palavra é como fogo que consome e purifica qualquer coisa que toca. Jeremias tinha a Palavra ardendo em seu coração (Jr 20:9; ver Lc 24:32) e em seus lábios (Jr 5:14). Era

o acrisolador de Deus, usando o fogo da Palavra para testar a vida do povo (Jr 6:27).

Há falsos profetas e mestres em nosso mundo atual (2 Pe 2:1; 1 Jo 4:1-6), pessoas que dizem conhecer a vontade do Senhor por causa de seus sonhos, de seus estudos de astrologia ou de seus “dons” espirituais especiais. Alguns invadiram a igreja (Jd 3,

4). Qualquer um que afirme falar em nome do Senhor deve ser testado pela Palavra de Deus. “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva” (Is 8:20).

Suas atitudes desrespeitosas (vv. 33-40).

A palavra-chave hebraica nessa seção é *massa*, que significa “peso, fardo”. Jeremias usou-a para referir-se ao trabalho de carregar coisas no sábado (Jr 17:21-27), porém nesse contexto significa o peso da mensagem que o Senhor coloca sobre seu profeta (Na 1:1; Hc 1:1; Ml 1:1). Por esse motivo, alguns estudiosos traduzem o termo como “oráculo”, porém “peso” é perfeitamente aceitável.

Deus advertiu Jeremias a não encorajar a atitude indiferente dos sacerdotes, do povo e dos falsos profetas quando perguntassem a ele: “Qual é a sentença pesada do SENHOR?”

(v. 33). A expressão “sentença pesada do SENHOR” era quase um clichê usado para zombar do verdadeiro profeta de Deus. (Hoje em dia, a expressão “nascer de novo” muitas vezes também é usada para escarnecer dos cristãos.)

Por que os falsos profetas deveriam pedir um oráculo ao Senhor, quando Jeremias já lhes havia dito o que Deus queria que ouvissem? Se não haviam obedecido ao que Deus lhes havia ordenado, por que deveriam receber mais revelações? A atitude deles para com a mensagem de Deus era desrespeitosa e indiferente; não estavam levando a sério nem a mensagem nem o mensageiro de Deus. Os falsos profetas haviam distorcido a verdade para que tivesse o significado que desejavam e, ainda assim, chamavam suas mensagens de “oráculos do Senhor”.

Jeremias respondeu: “Vós sois o peso” (Jr 23:33). A Bíblia Viva capta muito bem o espírito dessa passagem:

Quando uma pessoa qualquer, um desses “profetas”, ou até mesmo um sacerdote perguntar: ‘Quais são as más notícias que o Senhor manda hoje?’, você deve responder: ‘Vocês são as más notícias! Eu vou jogar todos vocês para longe desta terra’” (Jr 23:33, A Bíblia Viva).

Uma igreja mundana coloca a ênfase na diversão e no entretenimento e se esquece das lágrimas. Hoje, há muitos “comediantes cristãos”, que fazem todos darem risada durante trinta minutos e, no final, ajuntam a isso uma pitada do evangelho e fazem um apelo. Apesar de haver lugar e hora para o humor na vida cristã, a igreja de hoje precisa ouvir as palavras de Tiago: “Affligi-vos, lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto, e a vossa alegria, em tristeza. Humilhai-vos na presença do Senhor, e ele vos exaltará” (Tg 4:9, 10). A Igreja não está levando a Palavra de Deus a sério num momento em que o mundo está passando por dificuldades graves.

4. DEUS LANÇA FORA SEU POVO REBELDE (Jr 24:1-10)

Em 597 a.C., os babilônios deportaram o rei Joaquim (também chamado de Conias ou Jeconias) junto com muitos outros nobres e cidadãos importantes, deixando apenas os mais pobres para cultivar a terra (2 Rs 24:14-16). Era o começo do fim para Judá, e, sem dúvida, Jeremias estava muito angustiado.

Sabendo que seu servo precisava de encorajamento, o Senhor lhe deu uma visão de dois cestos de figos diante do templo do Senhor. Um dos cestos tinha figos bons, do tipo que amadurecia no começo da estação, e o outro cesto tinha figos estragados, que ninguém queria comer. Então, o Senhor explicou que o cesto com os figos bons representava os exilados que haviam sido levados para a Babilônia, enquanto os figos estragados representavam o rei Zedequias e seus oficiais, bem como os sobreviventes que ainda estavam na terra e que haviam fugido para o Egito.

O que se faz com figos estragados? Joga-se fora! E com os figos bons e sabrosos? Guarda-se para comer! Deus prometeu preservar os exilados, operar em seu coração e, um dia, trazê-los de volta para a terra. Jeremias chegou a escrever uma carta para os exilados, na qual pediu que vivessem em paz e que buscassem ao Senhor de todo o coração (Jr 29:1-14). Não havia nenhum futuro para o rei Zedequias, sucessor de Joaquim, nem para os nobres que lhe deram tantos conselhos inúteis. Havia, porém, um futuro para o remanescente piedoso que buscasse ao Senhor de todo o coração.

Em tempos de tragédia nacional, não importa quão desanimadora possa parecer a situação, Deus não abandona seu remanescente fiel. Rebeldes são espalhados e destruídos, mas os verdadeiros cristãos descobrem que Deus é fiel em suprir suas necessidades e em realizar seus planos

maravilhosos. O povo que retornou à terra depois do cativeiro não era, de forma alguma, perfeito, mas aprenderam a confiar no verdadeiro Deus vivo e a não adorar falsos deuses. Mesmo que não tenha servido para qualquer outra coisa, o cativeiro purificou o povo judeu da idolatria.

A destruição de Jerusalém e a queda de Judá não foram acidentes, mas sim fatos programados, pois Deus estava no controle da situação. A terra desfrutaria seus sábados (2 Cr 36:21; Lv 25:1-4), e o povo exilado na Babilônia teria tempo para se arrepender e para buscar ao Senhor. Na distante Babilônia, Deus, o Oleiro, iria remodelar seu povo (Jr 18), que voltaria de lá disciplinado e purificado.

“Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça” (Hb 12:11).

-
1. Não se trata do mesmo Pasur que perseguiu Jeremias (Jr 20), apesar de esse Pasur ter ajudado a prender Jeremias e ter pedido ao rei que matasse o profeta (Jr 38). Não há evidência alguma de que Sofônias, o sacerdote, tenha se oposto ao profeta. Sofônias acabou sendo levado para a Babilônia e executado (2 Rs 25:18-21).
 2. Ver Dyer, Charles H. *The Bible Knowledge Commentary, Old Testament*. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1985, p. 1185.
 3. A oração “julgai pela manhã justamente” (Jr 21:12) nos lembra de que o julgamento das causas do povo era realizado pela manhã nas portas da cidade, enquanto ainda não havia chegado o calor do dia. Porém, essas palavras também sugerem que o rei devia fazer da justiça a maior prioridade de seu dia.
 4. Obviamente, essa mensagem foi transmitida ao rei Jeoáquim antes de ele morrer em 598 a.C. Foi incluída nessa seção das profecias de Jeremias porque se encaixa com as mensagens especiais aos outros quatro reis. Observamos, anteriormente, que o Livro de Jeremias não apresenta uma ordem cronológica. Os capítulos 21 – 24 concentram-se especialmente na casa real de Davi.
 5. A declaração: “Descansou Jeoáquim com seus pais” (2 Rs 24:6) não é prova de que tenha recebido um funeral digno. A frase significa simplesmente que ele se juntou a seus antepassados mortos. 2 Crônicas 36:6 indica que Nabucodonosor amarrou Jeoáquim para levá-lo a Babilônia, o que parece contradizer a profecia de Jeremias. A explicação mais simples é que os babilônios tinham a intenção de levá-lo, porém o rei acabou morrendo antes disso. Sendo assim, levaram seu filho e sucessor Jóaquim no lugar dele (2 Rs 24:10-12). O rei Jeoáquim não recebeu um funeral cheio de pompa com outros chefes de estado nem foi sepultado entre os reis de Judá. Seu corpo teve um fim abjeto em algum lugar do lado de fora dos muros de Jerusalém, uma forma vergonhosa de enterrar alguém, especialmente um rei judeu.
 6. Zorobabel, neto do rei Jeoáquim, foi um dos líderes judeus que ajudaram os exilados a regressar do cativeiro e a restabelecer o governo e a adoração. Apesar de não ter governado como rei, era um representante da linhagem de Davi. O Senhor “reverteu” a maldição e declarou que Zorobabel era para ele como um anel de selar (Ag 2:20-23), significando que era um escolhido de Deus e precioso para ele.
 7. No hebraico, o termo se refere ao vento quente do deserto que sufoca a pessoa, deixando-a quase sem vida e pronta para desistir. Em Lamentações 5:10, é traduzido como “ardor” (“Nossa pele se esbraceia como um forno, por causa do ardor da fome”) e como “abrasador” no Salmo 11:6 (“Fará chover sobre os perversos brasas de fogo e enxofre, e vento abrasador será a parte do seu cálice”).

A CONFRONTAÇÃO COM A VERDADE E O COMBATE ÀS MENTIRAS

JEREMIAS 25 – 29

Um idealista acredita que o que ocorre a curto prazo não conta. Um cínico acredita que o que ocorre a longo prazo não importa. Um realista acredita que o que se faz ou se deixa de fazer a curto prazo determina os efeitos a longo prazo.

(Sidney J. Harris)¹

N estes capítulos, vemos o profeta envolvido em quatro experiências diferentes em seu ministério ao servir ao Senhor e procurar conduzir o reino de Judá de volta para Deus.

1. JEREMIAS CONTA UM SEGREDO (JR 25:1-38)

Jeremias vinha servindo ao Senhor há vinte e três anos quando transmitiu a mensagem registrada nos capítulos 25 e 26 (25:3; 26:1). Foi chamado para ser profeta no ano de 626 a.C. (Jr 1:2) e continuou a ministrar depois da queda de Jerusalém, em 587 a.C., um período total de mais de quarenta anos. Nessa passagem, encontrava-se no meio de sua carreira. Quando consideramos a reação insensível do povo ao profeta e a suas mensagens, ficamos admirados com o fato de Jeremias não estar desanimado e pronto a desistir, mas sim a continuar fiel a seu chamado.

O profeta transmitiu duas mensagens – uma aos judeus (vv. 1-14) e outra às nações gentias (vv. 15-38).

Disciplina ao povo de Judá (vv. 1-14). Jeremias pronunciou quatro vezes em sua mensagem a acusação solene: “mas vós não escutastes” (vv. 3, 4, 7, 8). Os profetas anteriores, muitos dos quais não conhecemos, haviam advertido sobre um grande julgamento

caso a nação não se arrependesse e não voltasse para Jeová; porém o ministério desses homens foi ignorado. Jeremias havia pregado tanto aos líderes quanto às pessoas comuns de Judá durante vinte e três anos e teve o mesmo retorno. Ao desobedecer à lei, adorar a ídolos e rejeitar o servo de Deus, os judeus provocaram deliberadamente a ira de Deus, e o dia do juízo se aproximava rapidamente.

Mais uma vez, Jeremias anunciou que Nabucodonosor e os exércitos da Babilônia seriam os instrumentos de Deus para castigar Judá (Jr 21:7, 10) e, com ousadia, chamou o rei babilônio de “meu servo” (Jr 25:9; 27:6; 43:10). Nabucodonosor não acreditava no Deus verdadeiro de Israel, mas com suas conquistas estava realizando a vontade do Senhor (Jr 51:20-23). O próprio povo de Deus não estava disposto a obedecer ao Senhor, mesmo quando tinha tudo a ganhar, enquanto governantes pagãos como o Faraó (Rm 9:17), Ciro (Is 44:28; 45:1) e Nabucodonosor foram servos de Deus para cumprir seus propósitos. A igreja de hoje precisa lembrar que Deus é soberano e pode usar quaisquer instrumentos que desejar para cumprir seus propósitos na Terra, mesmo líderes incrédulos.

Pela primeira vez, Jeremias contou o “segredo” de que o cativeiro na Babilônia se estenderia por setenta anos (Jr 25:11-14; 29:10; ver Dn 9:1-2). Uma das razões pelas quais Deus determinou um período de setenta anos foi que a terra poderia desfrutar o descanso que os judeus lhe haviam negado (2 Cr 36:20, 21; Lv 25:3-5). A lei do ano sabático havia sido ignorada por quase quinhentos anos!²

No entanto, Judá não seria a única nação a sofrer nas mãos dos babilônios, pois “todas estas nações em redor” (Jr 25:9) também seriam punidas; dentre elas, as nações listadas em Jeremias 25:18-25 e 27:3. De uma forma ou de outra, esses povos estavam aliados a Judá no combate à Babilônia, mas a ordem de Deus era para que as nações se submetessem a Nabucodonosor. Deus faria com que até os animais obedecessem ao rei da Babilônia!

O final do período de setenta anos significaria não apenas liberdade para os judeus remanescentes, mas também juízo para o império babilônio por causa da crueldade com que tratavam tanto judeus quanto gentios (Jr 25:12-14). Por certo, Nabucodonosor devia fazer o trabalho de Deus, mas quando o rei encheu-se de orgulho e de ódio, ultrapassou os limites. A Babilônia caiu diante do exército dos medos e persas em 539 a.C. (ver Dn 5).

Juízo para as nações gentias (vv. 15-38).

Jeremias foi chamado por Deus a ministrar não apenas a Judá, mas também a outras nações (Jr 1:5). Deus o havia constituído sobre as nações e reinos (Jr 1:10) e lhe deu autoridade para proclamar a Palavra de Deus. Apesar de Deus não haver dado sua lei às nações gentias nem entrado em aliança com elas, ainda assim exigia que prestassem contas de seus pecados (Rm 1:18ss; Am 1 - 2).

Nessa mensagem, Jeremias usou oito ilustrações para descrever o juízo que Deus estava mandando aos gentios³.

O cálice do furor (vv. 15-29). Essa imagem conhecida de juízo e sofrimento foi usada pelo salmista (Sl 60:3; 75:8), bem como pelos profetas (Is 29:9; 51:17, 22; 63:6; Jr 25:15, 16; 49:12; Ez 23:32-34; Hc 2:16). Também encontramos essa imagem no Novo Testamento (Ap 14:8-10; 16:19; 18:6). "A Babilônia era um copo de ouro na mão do SENHOR, o qual embriagava a toda a terra" (Jr 51:7).

Apesar de essa mensagem concentrar-se principalmente nos gentios, observe que Jeremias começou sua lista com Jerusalém e com as cidades de Judá (Jr 25:18); o juízo inicia com o povo de Deus (Ez 9:6; 1 Pe 4:17). "Pois eis que na cidade que se chama pelo meu nome começo a castigar; e ficareis vós de todo impunes?" (Jr 25:29).

De que maneira Jeremias fez com que as várias nações bebessem do cálice da ira de Deus? Por certo, não viajou de nação em nação encontrando-se com seus líderes. Não havia tempo para tal itinerário e é bem provável que, de qualquer modo, não estivessem dispostos a recebê-lo. Talvez tenha convidado representantes das várias nações

presentes em Jerusalém (Jr 27:3) a fazer uma refeição com ele, pregando sua mensagem a eles e, depois, passado o cálice a todos. É possível que tenha sido em outro "sermão prático" que chamou a atenção da cidade, e quando os visitantes voltaram a suas nações, podem ter relatado o que esse estranho profeta de Jerusalém havia feito e dito.

Beber do cálice é um símbolo de submissão à vontade de Deus. "Não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?" (Jo 18:11). Jeremias chamou as nações para que se submetessem à vontade de Deus, se rendessem a Nabucodonosor e, dessa forma, fossem poupadadas da destruição. O profeta ilustraria essa mensagem posteriormente ao usar um jugo de boi (Jr 27). Se as nações não bebessem do cálice da submissão, então acabariam bebendo do cálice do juízo: "Bebei, embebedai-vos e vomitai; caí e não tornareis a levantar-vos" (Jr 25:27).

O leão que ruge (vv. 30a, 38). Os leões rugem a fim de paralisar de medo sua presa, e Deus rugiria em juízo quando visitasse as nações (ver Os 11:10; Jl 3:16; Am 1:2; 3:8). Deus havia falado a seu povo com amor, mas eles haviam se recusado a obedecer. Então, ele falaria com ira. Nos últimos dias, o Cordeiro de Deus se tornará como um leão e derramará sua ira sobre o mundo perverso (Ap 5:5-7).

O lagar (v. 30b). Trata-se de outra metáfora conhecida para o juízo (Is 63:3; Jl 3:13; Ap 14:19, 20). Ao compartilhar a alegria pela colheita, aqueles que pisavam as uvas gritavam e cantavam uns para os outros (Is 16:10), porém Deus gritaria ao julgar as nações que resistiam à sua vontade.

O processo judicial (v. 31). "Porque o SENHOR tem contenda com as nações" (ver Os 4:1; Mq 6:2). Primeiro, o Senhor apresentou acusações contra seu próprio povo por terem abandonado seu Deus e adorado a ídolos (Jr 2:9-13). Esse "processo judicial" teria um Juiz, mas não haveria um júri, teria uma acusação sem defesa alguma, e uma sentença sem apelação. Deus havia dado a seu povo várias oportunidades de admitir sua culpa e de se arrepender, mas os judeus se recusaram a fazê-lo. Era tarde demais.

A tempestade (vv. 32, 33). Como um furacão, o exército de Nabucodonosor iria de nação em nação, de cidade em cidade, deixando apenas um rastro de devastação. "Eis a tempestade do SENHOR! O furor saiu, e um redemoinho tempestuoso sobre a cabeça dos perversos" (Jr 23:19; ver 30:23; Is 30:30).

O refugo (v. 33). Não ter um enterro decente era uma desgraça, pois o corpo era tratado como lixo comum (Jr 8:2; 9:22; 16:4; 22:19). A palavra hebraica significa "esterco", o que é pior ainda (ver Is 25:10, 11).

Os jarros quebrados (v. 34). "Vós mesmos caireis como jarros preciosos". Isso nos faz lembrar o sermão prático de Jeremias quando quebrou um jarro em público (Jr 19:1-13; ver também 13:14; 48:38). Um dia, Jesus Cristo quebrará as nações como se fossem jarros de barro (Sl 2:9). A palavra hebraica traduzida por "jarros preciosos" (Jr 25:34) refere-se a jarros de excelente qualidade e não apenas a potes comuns. Deus quer que seus jarros sejam limpos e preciosos. Se não o forem, o Senhor tem o direito de quebrá-los.

O rebanho massacrado (vv. 34-38). Os pastores eram os líderes do país – reis e nobres, sacerdotes e falsos profetas –, que exploravam o rebanho de Deus e que não tomavam conta do povo como deveriam. Havia chegado o momento de serem abatidos, e não teriam onde se esconder! Em vez de ouvir o clamor das ovelhas, os pastores ouviriam seus próprios lamentos ao ver seu pasto (Judá) destruído. Como um leão feroz (v. 38; ver v. 30), Deus se lançaria sobre pastores e ovelhas, e não haveria como escapar.

"Porque a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada; ora, se primeiro vem por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus?" (1 Pe 4:17)

2. JEREMIAS ARRISCA SUA VIDA (JR 26:1-24)

Esse capítulo deve ser estudado juntamente com o capítulo sete, pois ambos tratam do sermão corajoso que Jeremias pregou no templo. O sermão encontra-se resumido nos

versículos 3-7 em que podemos observar a ênfase sobre *ouvir a Palavra de Deus* (ver Jr 25:3-8). Jeremias pregava exatamente o que Deus lhe ordenava e não alterava a mensagem para agradar ao povo. Os falsos profetas pregavam o que o povo queria ouvir, porém Jeremias pregava o que o povo precisava ouvir. "Tudo quanto eu te mandar, falarás" (Jr 1:7).

No entanto, com o incentivo dos sacerdotes e dos falsos profetas, o povo no templo rejeitou a mensagem de Jeremias e o tratou como um falso profeta que merecia morrer. Para eles, era uma blasfêmia Jeremias dizer que Jeová permitiria que a cidade santa e o templo caíssem nas mãos de pagãos, assim como a arca da aliança caiu nas mãos dos filisteus (1 Sm 4). Tendo em vista que a aliança de Deus com Davi protegia a cidade e o templo, na verdade Jeremias estava negando a aliança e fazendo o povo se desviar! Ele merecia morrer (Dt 18:20).

Ao ficar sabendo de um grande tumulto no templo, os oficiais deixaram o palácio e foram até lá ver o que estava acontecendo (isso nos lembra do que aconteceu com Paulo em At 21:27-40). Depois de ouvir o povo, os sacerdotes e os profetas acusarem Jeremias de blasfêmia, deram-lhe a oportunidade de falar. Jeremias apresentou, então, três argumentos em sua defesa.

Em primeiro lugar, o que havia falado lhe havia sido ordenado por Deus, pois o Senhor o havia enviado (Jr 26:12, 15). Se o matassem, estariam matando um dos profetas de Deus, e ele preferiria ser um servo fiel morto a ser um servo infiel vivo. Em segundo lugar, eram *eles* que se encontravam em perigo; Jeremias estava apenas tentando salvá-los (v. 13)! Caso se arrependessem e obedecessem à Palavra de Deus, o Senhor suspenderia seus planos de julgar a nação e os livraria. Em terceiro lugar, se o matassem, derramariam sangue inocente, e isso apenas faria com que o juízo que os aguardava se tornasse ainda pior.

Três fatores colaboraram para a libertação de Jeremias. Primeiro, tendo ouvido as evidências, os oficiais decidiram que as acusações eram falsas e que Jeremias não deveria

morrer (v. 16). Segundo, alguns dos sábios anciões da cidade argumentaram que havia precedentes: o ministério do profeta Miquéias nos dias do rei Ezequias (vv. 18, 19; Mq 1:1; 3:12). Naquela época, os assírios estavam ameaçando Jerusalém (Is 36 – 37), mas Ezequias obedeceu ao Senhor e conduziu o povo à confissão e ao arrependimento. Terceiro, Aicão, um dos oficiais presentes, mostrou-se amigo de Jeremias e o libertou (Jr 26:24). Aicão havia servido ao rei Josias (2 Rs 22:11-14) e era o pai de Gedalias, futuro governador de Judá (Jr 25:22).⁴

Depois de uma primeira leitura, a ilustração de Urias (Jr 26:20-23) parece fora de lugar como defesa de Jeremias, pois foi executado pelo rei Jeoacquim depois de ter fugido para o Egito e de ter sido trazido de volta à presença do rei. Por outro lado, Jeremias havia permanecido na terra de Judá e até ministrava no templo! Jeremias deu todas as provas de ser um cidadão leal, apesar de não concordar com a política dos líderes governamentais. Apesar de não podermos culpá-lo por tentar salvar a própria vida, Urias havia transgredido a lei enquanto tentava profetizar a verdade de Deus, o que o levou à morte.

3. JEREMIAS USA UM JUGO DE BOI (JR 27:1 – 28:17)

Mais uma vez, Jeremias teve de lançar mão de outro sermão prático para atrair a atenção do povo e ele o fez na época em que Zedequias estava em conferência com representantes de cinco nações vizinhas. Essas nações eram aliadas de Judá e, juntas, tentavam planejar uma estratégia para lidar com Nabucodonosor.

A mensagem do jugo (27:1-22). O jugo é uma referência à submissão, e era essa a mensagem que Jeremias estava procurando transmitir. Primeiro, Jeremias enviou a mensagem aos emissários das nações (vv. 1-11). O que esses políticos precisavam não era elaborar uma estratégia perspicaz, mas sim se submeter à Babilônia. Quando perguntavam a Jeremias por que estava usando um jugo,⁵ ele lhes dava a mensagem de Deus:

Judá e as outras nações precisavam submeter-se a Nabucodonosor ou seriam destruídas. Deus havia entregue essas nações ao rei da Babilônia, e aquelas que se rebelassem contra ele estariam se rebelando contra Deus (vv. 7, 8, 11, 12). Ele enviou esta mensagem aos emissários reunidos em Jerusalém, que certamente haviam ouvido falar desse judeu estranho que andava de um lado para o outro com um jugo no pescoço (ver Jr 28:10).

As palavras: “Todas as nações servirão a ele [Nabucodonosor], a seu filho e ao filho de seu filho” (Jr 27:7) são uma expressão proverbial que significa, simplesmente, que todos servirão ao rei por um longo tempo. Nabucodonosor foi sucedido por seu filho, Evil-Merodaque (Jr 52:31-34; 2 Rs 25:27), mas este foi sucedido por seu cunhado, Nergal-Sarezer (Jr 39:3), e não pelo neto de Nabucodonosor.

Judá tinha seus falsos profetas, e as nações gentias possuíam seus adivinhos (pessoas que liam presságios), sonhadores (aqueles que interpretavam sonhos), encantadores e feiticeiros (aqueles que colaboravam com demônios para poder descobrir ou controlar o futuro), mas nem Judá nem as nações gentias ousavam dar ouvidos a esses mercadores de mentiras. Uma vez que se envolver com o ocultismo era proibido aos judeus (Lv 19:26; Dt 18:10, 11), por que Zedequias daria ouvidos a conselhos políticos vindos direto do poço do inferno? (Ver 2 Co 6:14-18.)

Em seguida, Jeremias transmitiu a mesma mensagem ao rei Zedequias (Jr 27:12-15). Tendo em vista que o rei havia se rebelado contra a Babilônia e se recusado a pagar tributo, encontrava-se em sérios apuros. Quando o rei viu Jeremias usando o jugo, sem dúvida entendeu a mensagem: “Metei o pescoço sob o jugo do rei da Babilônia, servo, a ele e ao seu povo, e vivereis” (v. 12). Jeremias advertiu o rei para que não ouvisse as mensagens enganosas dos falsos profetas, pois estavam proclamando somente mentiras no nome do Senhor.

Depois, transmitiu a mesma mensagem do “jugo” aos sacerdotes e ao povo (vv. 16-22).

Os falsos profetas estavam dizendo ao povo que os artigos valiosos de ouro e de bronze que os babilônios haviam levado do templo em breve seriam devolvidos a Jerusalém, porém Jeremias sabia que se tratava de uma mentira.⁶ Na verdade, esses tesouros só voltaram para Jerusalém depois que Deus castigou os judeus e o remanescente regressou a Judá após o decreto de Ciro (Ed 1 - 2). O mais importante não era resgatar os utensílios do templo, mas sim salvar o povo da morte e a cidade da destruição. Isso só poderia ser feito se a nação se submetesse ao rei da Babilônia.

Jeremias zombou dos falsos profetas incentivando-os a orar sobre o assunto. Afinal de contas, se eles eram verdadeiros profetas de Deus, o Senhor certamente responderia a suas orações. Pediu que orassem, não pelo retorno dos tesouros que agora estavam na Babilônia, mas para a preservação dos que ainda estavam no templo. Quando os babilônios organizaram uma segunda deportação em 597 a.C., no começo do reinado de Zedequias (Jr 27:1; 28:1), isso provou que os falsos profetas eram, de fato, mentirosos e que suas orações não foram respondidas.

Jeremias terminou sua mensagem aos sacerdotes e ao povo com uma promessa de esperança: ao final dos setenta anos de cativeiro, Deus visitaria seu povo na Babilônia e os levaria de volta à terra. Mesmo em meio à ira, Deus se lembra de sua misericórdia (Hc 3:2).

A quebra do jugo (28:1-17). Enquanto Jeremias estava usando o jugo e chamando a nação a submeter-se à Babilônia, Hananias, um dos falsos profetas, confrontou-o no templo. De acordo com os historiadores, nessa mesma época Nabucodonosor estava reprimindo uma revolta em sua própria terra. Hananias interpretou essa revolta erroneamente como o fim do governo de Nabucodonosor. Hananias anunciou que Deus havia quebrado o jugo do rei da Babilônia e que os tesouros do templo seriam devolvidos a Jerusalém no prazo de dois anos. Mais ainda, o rei Jeconias e todos os exilados voltariam com eles.

Essas mensagens eram uma contradição direta daquilo que Jeremias havia dito em nome do Senhor. O Senhor havia revelado a Jeremias que os deportados e os tesouros do templo só seriam restaurados depois que ele visitasse os exilados ao final de setenta anos de cativeiro (Jr 27:16-22). E, ainda, que o rei Jeconias jamais voltaria a Judá, mas morreria na Babilônia (Jr 22:24-27; 52:31-34).

A resposta de Jeremias à mensagem de Hananias foi: "Amém! Assim faça o SENHOR; confirme o SENHOR as tuas palavras, com que profetizaste" (Jr 28:6). Como devemos interpretar essa resposta? Certamente não como concordância com o que o falso profeta havia dito, pois Jeremias sabia que era mentira. Talvez pudéssemos parafrasear as palavras de Jeremias assim: "Como seria bom se o Senhor fizesse conforme você disse! Isso muito me alegraria!". Mas Jeremias sabia que a profecia de paz de Hananias não seria cumprida. Se o fosse, iria contra tudo o que ele próprio e os profetas haviam predito anteriormente, pois profetizavam julgamento e não paz.

Hananias irou-se, removeu o jugo de Jeremias e o quebrou diante do povo. Se Jeremias podia pregar sermões práticos, então Hananias também era capaz de fazê-lo! "Assim diz o SENHOR: Deste modo, dentro de dois anos, quebrarei o jugo de Nabucodonosor, rei da Babilônia, de sobre o pescoço de todas as nações" (Jr 28:11). Não apenas Judá seria libertada, como todas as nações seriam libertas do jugo da Babilônia. Mais uma vez, essa declaração contradizia a mensagem que Jeremias havia pregado às nações.

Jeremias não resistiu a Hananias quando este lhe quebrou o jugo, nem respondeu à mensagem do falso profeta. "E Jeremias, o profeta, se foi, tomando o seu caminho" (v. 11). Os sacerdotes e o povo que testemunharam essa cena dramática podem ter interpretado o silêncio de Jeremias como concordância, porém Jeremias estava apenas esperando pela mensagem certa do Senhor e pelo tempo certo de transmiti-la.

A mensagem para Hananias foi tanto de caráter nacional quanto pessoal. No que se

referia à nação, por seguirem o conselho enganoso do falso profeta, os judeus seriam colocados sob um jugo de ferro que substituiria o de madeira, que havia sido quebrado (ver Dt 28:48). As nações não escapariam; Nabucodonosor as escravizaria. Sempre que rejeitamos o jugo leve da vontade de Deus, acabamos por usar um jugo mais pesado feito por nossas próprias mãos. A mensagem pessoal era que o falso profeta morreria ainda naquele ano, o que de fato ocorreu dois meses depois (Jr 28:1, 17). Nem mesmo esse acontecimento surpreendente despertou o coração do povo, pois estavam inclinados a fazer o mal.

Deus não costuma tirar a vida das pessoas de maneira tão dramática, mas foi o que aconteceu com os seguidores de Coré (Nm 16), com Uzá (2 Sm 6), com o exército da Assíria (2 Rs 19:35) e com Ananias e Saphira (At 5). “Terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10:31).

4. JEREMIAS ESCREVE ALGUMAS CARTAS (Jr 29:1-32)

Este capítulo traz várias cartas: uma de Jeremias aos exilados (vv. 1-14); outra sobre os falsos profetas judeus na Babilônia, à qual Jeremias respondeu (vv. 15-23); outra ainda de Semaías para os sacerdotes do templo, falando sobre Jeremias e que o profeta leu (vv. 24-29); e mais uma de Jeremias aos exilados, falando sobre Semaías (vv. 30-32). Manter uma correspondência como essa não era difícil naqueles dias, pois havia missões diplomáticas freqüentes entre Jerusalém e a Babilônia (v. 3), e Jeremias tinha amigos nos altos escalões do governo.

A mensagem de encorajamento de Jeremias (vv. 1-14).⁷ Algum tempo depois da deportação em 597 a.C., Jeremias mandou uma carta aos exilados da Babilônia dizendo como deveriam se comportar na nova terra. Sendo um homem com o coração de um verdadeiro pastor, Jeremias queria esclarecer e encorajar o povo em sua nova vida na Babilônia. Governados por leis especiais com relação a coisas puras e impuras, os judeus enfrentariam dificuldades no processo de adaptação a uma cultura pagã.

Jeremias queria que dessem bom testemunho aos babilônios idólatras e que fossem bons judeus, mesmo estando longe do templo e de seus ministérios. O profeta se dirigiu às necessidades de três tipos de pessoas.

Aqueles sem esperança (vv. 4-6). Os exilados haviam perdido tudo exceto a vida e uns poucos pertences que puderam carregar para a Babilônia. Perderam sua liberdade e, agora, eram cativos. Foram levados de suas casas e perderam suas ocupações. Estavam separados de amigos e parentes, sendo que alguns deles talvez tivessem morrido durante a longa marcha de Jerusalém para a Babilônia. De qualquer ângulo que olhassem, a situação parecia desesperadora.

Como devemos lidar com uma situação dessas? Aceite-a das mãos de Deus (v. 4) e deixe o Senhor realizar a vontade dele. Ainda que seja uma reação normal temporária em períodos de calamidade, de nada adianta pendurar a harpa no salgueiro e ficar sentados chorando (Sl 137:1-4). Um dos primeiros passos para transformar a tragédia em triunfo é aceitar corajosamente a nova situação e entregar-se nas mãos de um Deus amoroso que não comete erros.

Aqueles com falsas esperanças (vv. 6-9). Os falsos profetas haviam convencido o povo de que a permanência na Babilônia seria breve, de no máximo dois anos (vv. 8, 9). Assim, não teriam necessidade de fixar residência nem de restabelecer os afazeres normais da vida diária. Mas Jeremias lhes disse justamente o contrário. Tendo em vista que ficariam por lá pelo menos setenta anos (v. 10), haveria tempo de sobra para construir suas casas e estabelecerem seus lares. Era importante que os exilados constituíssem famílias para que houvesse pessoas disponíveis para retornar à terra quando o cativeiro chegassem ao fim. Esse pequeno remanescente judeu tinha em mãos o futuro do grande plano de Deus para a salvação e precisava lhe obedecer, ser fecundo e multiplicar-se (v. 6).

Seria fácil para os judeus estar sempre em conflito com seus captores gentios e idólatras, mas Jeremias instruiu-os a que se empenhassem em ter um bom relacionamento

com os babilônios. Os exilados deviam ser pacificadores e não desordeiros e deviam orar sinceramente pelos inimigos (Mt 5:43-48; 1 Tm 2:1-3; Tt 3:1, 2). Era possível ser um bom judeu, mesmo numa terra pagã. Lembre-se de que, se rejeitarmos o jugo de madeira da submissão, acabaremos usando o jugo de ferro da subjugação (Jr 28:12-14). Assim, a melhor atitude é nos entregarmos ao Senhor e àqueles que nos dominam, por mais cruel que seja seu tratamento (ver o conselho de Pedro aos escravos cristãos em 1 Pe 2:18-25). Ceder a falsas esperanças significa perder o que Deus planejou para nós.

Aqueles com esperanças verdadeiras (vv. 10-14). A verdadeira esperança baseia-se na revelação da Palavra de Deus, não nas “mensagens de sonhos” daqueles que se dizem profetas (v. 8). Deus deu a seu povo uma “boa palavra” (v. 10) de livramento e cumpriria sua promessa. Deus fez planos para seu povo, bons planos que, no final, trazem paz e esperança. Sendo assim, não há motivo para temer nem para desanimar.

Em toda situação, porém, o povo de Deus tem a responsabilidade de buscar ao Senhor, de orar e de pedir a ele que cumpra suas promessas, pois a Palavra e a oração caminham juntas (At 6:4). O propósito da disciplina é fazer com que busquemos ao Senhor, confessemos nossos pecados e nos acheguemos a Deus (Hb 12:3-13). De acordo com Jeremias 29:14, essas promessas vão além dos judeus cativos na Babilônia e incluem todo o Israel ao redor do mundo. Jeremias estava olhando mais adiante, para o final dos tempos, quando Israel seria reunido para encontrar-se com o Messias e entrar no reino (Is 10:20 – 12:6).

A palavra de explicação de Jeremias (vv. 15-23). Os falsos profetas na Babilônia estavam dando esperanças infundadas ao povo quanto ao futuro de Jerusalém e de Judá, fato que chegou aos ouvidos de Jeremias. Por certo, o rei Zedequias ainda estava no trono e havia judeus vivendo em Jerusalém, mas isso não era garantia de que a cidade e

a nação seriam libertadas. O povo continuava numa terra onde os “figos ruins” seriam jogados fora (Jr 29:17; ver cap. 24). O importante não era o que havia acontecido com o povo da terra, mas sim o que os exilados fariam com a Palavra de Deus. Se obedecessem a Deus, ele cumpriria seus propósitos e os abençoaria.

Jeremias citou o nome de dois dos falsos profetas, Acabe e Zedequias, que não apenas pregavam mentiras ao povo, mas também viviam uma vida impiedosa. Conseqüentemente, anunciou o fim deles na Babilônia. Seus nomes se tornariam provérbio em Israel, advertindo para que ninguém se rebelasse contra a Palavra de Deus.

A palavra de advertência de Jeremias (vv. 24-32). Essa advertência foi uma resposta a Semaías, outro falso profeta na Babilônia, que havia escrito cartas ao povo de Jerusalém em nome do Senhor (v. 25), pedindo que o povo colocasse Jeremias na prisão, pois o profeta era um louco. Sofonias, o oficial encarregado do templo, deu a carta para Jeremias ler (ver Jr 21:1). Uma vez que Semaías tinha seguidores na Babilônia, Jeremias advertiu os exilados que esse homem era um rebelde contra Deus e que o Senhor não o havia enviado e nem lhe dado uma mensagem. Semaías seria julgado por seus pecados e morreria sem descendentes na Babilônia, nunca mais voltando a ver sua terra natal.

O que a vida faz conosco depende, em grande parte, daíllo que encontra em nós. Se buscarmos ao Senhor e fizermos sua vontade, então as circunstâncias nos fortalecerão e nos prepararão para o que Deus tem planejado. Se nos rebelarmos ou se procurarmos atalhos fáceis e rápidos, então as circunstâncias nos destruirão e nos afastarão do futuro que Deus quer que desfrutemos. O mesmo sol que derrete o gelo também endurece a argila.

Os pensamentos e planos de Deus a nosso respeito vêm do coração dele e nos conduzem à sua paz. Por que procurar substitutos?

1. Citação de Ann Landers, na coluna “Thoughts at Large”, de Sidney J. Harris, *The Washington Post*, 12, nov. 1979, B-7.
2. Estudiosos da Bíblia não apresentam um consenso quanto à datação dos setenta anos de cativeiro nem mesmo se as palavras “setenta anos” devem ser consideradas um número aproximado ou literal. Desde o começo da invasão babilônica (606 a.C.) até o retorno do remanescente judeu sob o comando de Zorobabel (536 a.C.) passaram-se setenta anos, mas o período entre a destruição de Jerusalém (587 a.C. – 586 a.C.) e a restauração do segundo templo pelos exilados que retornaram também é de setenta anos. Daniel 9:1, 2 parece indicar que Daniel interpretou essa profecia literalmente como um prazo de setenta anos.
3. Embora a ênfase seja sobre o mundo no tempo de Jeremias, essas palavras podem ser aplicadas de maneira mais ampla às nações do final dos tempos, pois Jeremias incluiu “a todos os reinos do mundo” (Jr 25:26). Com freqüência, os profetas começavam suas mensagens com uma situação local para, em seguida, usar isso como ponte para descrever algo que Deus faria no final dos tempos.
4. Safã, pai de Aicão, é o escriba que entregou o Livro da Lei a Josias depois que Hilquias o encontrou no templo (2 Rs 22). Safã teve quatro filhos, três dos quais foram amigos de Jeremias: Aicão, que salvou sua vida (Jr 26:24); Gemarias, que suplicou ao rei Jeoáquim para não queimar o livro de Jeremias (Jr 36:12, 25); e Elasa, que entregou a carta de Jeremias aos judeus cativos na Babilônia (29:1-3). O quarto filho, Jazanias, foi infiel ao Senhor e adorou ídolos no templo (Ez 8:11). Gedalias, o filho de Aicão, tornou-se governador de Judá depois da destruição de Jerusalém.
5. O texto pode dar a impressão de que o profeta usou mais de um jugo e que mandou um para cada enviado das cinco nações (Jr 27:2, 3). A palavra “jugo” é plural no hebraico, pois o jugo que o profeta usou era feito de duas peças de madeira, uma na frente do pescoço e outra nas costas, unidas por tiras de couro. As palavras: “Faze correias e canzis” (Jr 27:2) são uma boa tradução. O profeta mandou avisar os cinco reis que eles deviam submeter-se a Nabucodonosor, e o jugo que Jeremias estava usando simbolizava sua mensagem.
6. Houve três deportações – em 605 a.C., em 597 a.C. e em 586 a.C. –, durante as quais tanto o povo como seus tesouros foram levados para a Babilônia. Como Zedequias reinou de 597 a 586 a.C., os falsos profetas estavam se referindo à deportação de 605 a.C., quando Daniel e seus amigos foram levados para a Babilônia juntamente com alguns dos tesouros do templo (Dn 1:1, 2).
7. É bastante proveitoso comparar o conselho de Jeremias aos exilados na Babilônia com o de Pedro aos “peregrinos e forasteiros” no império romano (1 Pe 2:11-17). Ambos disseram ao povo para ser bons cidadãos, boas testemunhas e fazer um bom trabalho. Paulo concordou com esta mensagem quando escreveu: “Se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens” (Rm 12:18).

9

O DEUS QUE RENOVA

JEREMIAS 30 -33

Um homem medíocre pode ver quando começa a escurecer [...] mas não consegue enxergar além da escuridão. Não sabe como colocar um raio de sol em sua situação. Já um grande homem penetra a escuridão e vê a glória de um amanhecer oculto.

(Charles E. Jefferson)¹

Estudiosos da Bíblia geralmente chamam esses quatro capítulos de "Livro da Consolação". Neles, o Senhor explicou em mais detalhes a maravilhosa promessa que deu a seu povo por meio da carta de Jeremias aos exilados na Babilônia:

Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o SENHOR; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais (Jr 29:11).

Jeremias 30 – 33 descreve a glória do amanhecer de um novo dia para o povo de Israel, não apenas para os exilados na Babilônia, mas também para o povo judeu nos últimos dias quando o Senhor voltar. Ao estudar estes capítulos, você descobrirá que Jeremias tinha em vista dois horizontes: um mais próximo, ou seja, o retorno dos exilados para Judá, e outro mais distante, ou seja, o ajuntamento de Israel vindo de todas as partes do mundo no final dos tempos.

1. REDENÇÃO: UM RECOMEÇO (Jr 30:1-24)

Jeremias recebeu as palavras registradas em 30:1 – 32:25 enquanto estava dormindo (Jr 31:26), pois Deus, às vezes, falava a seus

servos por meio de sonhos (Dn 10:9; Zc 4:1). Deus instruiu Jeremias a escrever essas palavras num livro (rolo) para que a nação tivesse um registro permanente das promessas que ele estava dando a seu povo (ver Jr 36:1-4).

Em suas instruções a Jeremias, Deus apresentou o tema de sua mensagem: Israel (o reino do Norte, tomado pela Assíria em 722 a.C.) e Judá (o reino do Sul) um dia voltariam para sua terra como um povo unido (Jr 30:3). Apesar de essa profecia referir-se ao ajuntamento definitivo de judeus no final dos tempos, certamente foi um grande estímulo para os exilados na Babilônia, pois se Deus era capaz de juntar seu povo procedente de *todas* as nações do mundo, certamente poderia livrar Judá do cativeiro de *uma* nação (observe a promessa no v. 10).

Essa "redenção" de seu povo da servidão é retratada de várias maneiras.

O jugo quebrado (vv. 4-11). "Naquele dia [...] eu quebrarei o seu jugo de sobre o teu pescoço e quebrarei os teus canzis; e nunca mais estrangeiros farão escravo este povo" (v. 8). Quando os profetas usavam a expressão "naquele dia", geralmente se referiam a um tempo futuro, quando Deus julgaria as nações do mundo e restauraria os judeus a sua terra.²

No entanto, antes de Israel ser libertado, todas as nações da Terra passarão pelo "tempo de angústia para Jacó" (v. 7), expressão que descreve o período de tribulação que virá sobre a Terra (Mt 24:21-31; Mc 13:19-27; Ap 6 – 19). Um símbolo bíblico para o sofrimento que aparece com freqüência é a mulher com dores de parto (Jr 30:6); essa imagem é usada para descrever a tribulação do final dos tempos (ver Is 13:8 e contexto; Mq 4:9-13; 1 Ts 5:1-3).³

A promessa em Jeremias 30:9 aplica-se ao reino vindouro, depois da tribulação, quando o Messias reinará sobre seu povo. Encontramos promessas correspondentes em Jeremias 23:5 e 33:14-26: Quando Jesus estava aqui na Terra, seu povo disse: "Não queremos que ele reine sobre nós" (Lc 19:14), mas nesse dia, eles reconhecerão o Rei-Messias e o receberão (Zc 12:8 – 14:21).

A ferida curada (vv. 12-17). No tempo de Isaías, Judá era uma nação “doente” (Is 1:5, 6), e graças ao ministério superficial dos falsos profetas (Jr 6:14; 8:11), a doença tornou-se ainda mais grave no tempo de Jeremias (Jr 10:19; 14:17; 15:18). As chagas no “corpo comunitário” eram tão graves que não havia remédio capaz de curar a nação, e Israel viu-se abandonado à sua própria sorte pelos aliados (“amantes”), nos quais os líderes judeus confiavam. O Senhor lembrou os judeus de que era ele quem havia usado outras nações para feri-los por causa de sua desobediência a ele (Jr 30:14). Usou a Assíria para disciplinar Israel e a Babilônia para punir Judá, e, no futuro, usará nações gentias para corrigir Israel e preparar os judeus para a volta de seu Messias. Contudo, Deus castigará as nações gentias pela maneira como tratarem Israel nos últimos dias (v. 16; ver Jl 3), assim como castigou a Assíria e a Babilônia. “Porque te restaurarei a saúde e curarei as tuas chagas” (Jr 30:17) – essa foi a promessa encorajadora de Deus.

A calmaria depois da tempestade (vv. 18-24). Em seguida, Jeremias empregou a imagem da tempestade (v. 23), que havia utilizado anteriormente (Jr 23:19, 20), para descrever o ataque da Babilônia, mas dessa vez a relacionou com os julgamentos dos “últimos dias” (Jr 30:24). Deus prometeu que Jerusalém e as cidades de Judá serão reconstruídas⁴ e que a prosperidade do povo será restaurada. Suas lamentações serão transformadas em alegria, e seus filhos voltarão a desfrutar uma vida normal.

Em vez de se verem sob o domínio de um governante gentio, os judeus terão o Messias como governante – um “do meio deles” (v. 21), ou seja, um judeu. No entanto, encontramos aqui uma revelação surpreendente: não apenas o Messias será seu rei, mas também será seu sacerdote! “Fá-lo-ei aproximar, e ele se chegará a mim” (v. 21). Trata-se de linguagem usada especificamente para o sumo sacerdote judeu, o único que entraava no Santo dos Santos no Dia da Expiação (Lv 16). Somente Jesus Cristo, Rei e Sacerdote (Hb 7 – 8), pode se qualificar para realizar o cumprimento dessa profecia.

Em resumo, os judeus e Jerusalém passariam por um juízo terrível nas mãos dos babilônios. Acabariam usando o jugo dos gentios, levando no corpo as feridas causadas por seus próprios pecados e tendo de suportar a tempestade da ira de Deus. Mas o Senhor, a seu tempo, os livraria, quebrando esse jugo, curando as feridas e trazendo paz depois da tempestade. Tudo isso seria prenúncio do que acontecerá com os judeus no final dos tempos, quando passarem pela grande tribulação, encontrarem seu Rei-Messias e entrarem no reino.

2. RECONCILIAÇÃO: UMA NOVA NAÇÃO (Jr 31:1-30)

Uma nação é muito mais do que sua terra e suas cidades; é um povo vivendo, trabalhando e adorando em comunidade. Neste capítulo, Jeremias descreve o povo de Deus e as coisas novas que o Senhor faria por eles. Primeiro, o profeta falou a uma nação unida (vv. 1, 27-30), depois a Israel (vv. 2-20) e por último a Judá (vv. 21-26).

Um povo unido (vv. 1, 27-30). Por causa dos pecados de Salomão e da insensatez de seu filho, Roboão, a nação judia dividiu-se e tornou-se Israel e Judá, o reino do Norte e o reino do Sul (1 Rs 11 – 12). Mas nos últimos dias o Senhor reunirá seu povo e será o Deus de todas as famílias de Israel (Jr 31:1). Na verdade, Deus comparou Israel e Judá a sementes que serão lançadas na terra e produzirão apenas uma colheita e não duas (v. 27).

O ministério de Jeremias levou-o não apenas a destruir e a desarraigar, mas também a edificar e a plantar (Jr 1:10); até esse ponto, o profeta havia feito praticamente apenas as duas primeiras coisas, mas no futuro Deus construirá e plantará para que o povo e a terra sejam restaurados. Ninguém mais dirá: “é culpa de nossos pais” (Ez 18:1-4, 19-23; Dt 24:16), pois cada pessoa assumirá a responsabilidade por seus próprios pecados. Esse princípio certamente se aplicou ao remanescente que regressou à terra depois do cativeiro, pois foi a desobediência de indivíduos a Deus que levou sua nação à ruína. Se os reis e sacerdotes tivessem

sido como Josias e Jeremias, a nação poderia ter sido salva.

Um Israel restaurado (vv. 2-20). Os nomes "Efraim" e "Samaria" referem-se ao reino do Norte, Israel, cuja capital era Samaria (Jr 31:4-6, 9, 18, 20). O povo do Norte foi capturado pela Assíria em 722 a.C., e os assírios levaram estrangeiros para a terra de modo a produzir uma raça mestiça ali (2 Rs 17). Quando o povo de Judá voltou do cativeiro, não quis saber dos samaritanos (Ed 4:1-4; Ne 2:19, 20, 23:28), atitude que persistiu até o tempo do Novo Testamento (Jo 4:9).⁵ Posteriormente, os samaritanos estabeleceram sua própria religião, templo e sacerdotes, o que acabou por alienar os judeus ainda mais deles.

As promessas registradas em Jeremias 31:2-22 não se aplicam a Efraim / Israel depois do cativeiro, pois os samaritanos não fizeram parte da reconstrução da terra. Essas promessas são para as dez tribos⁶ dispersas, no final dos tempos, quando Deus ajuntará os judeus e os restaurará à terra. Então, haverá apenas uma nação, e os samaritanos não adorarão mais no monte Gerizim, mas sim no monte Sião (v. 6; Jo 4:20-24). Jeremias viu Deus convocando sua família e juntando seu rebanho, conduzindo-os do deserto para o fértil jardim. Tendo em vista que nada disso aconteceu depois do cativeiro, podemos supor que ocorrerá no fim dos tempos, quando Efraim se arrepende e volta para o Senhor (Jr 31:18-20). Ao ler essas promessas, observe a ênfase nos cânticos, nos louvores e na alegria.

Posteriormente, Mateus fez referência aos versículos 15-17 (Mt 2:16-18). Raquel era a mãe de José e Benjamim, e José era o pai de Efraim e Manassés, os dois líderes das tribos do Norte (Gn 30:22-24). Jeremias ouviu Raquel chorando em Ramá, onde os prisioneiros judeus estavam sendo reunidos para a longa jornada para a Babilônia (Jr 40:1). Os descendentes dela por meio de José haviam sido capturados pelos assírios, e os descendentes por meio de Benjamim (o reino do Sul) estavam indo para a Babilônia. Seu trabalho como mãe havia sido em vão! (Lembre-se de que Raquel morreu

ao dar à luz Benjamim.) No entanto, Deus garantiu-lhe que tanto Efraim quanto Judá seriam restaurados (Jr 31:16, 17) e, assim, que seu sacrifício não havia sido em vão.⁷

Um Judá restaurado (vv. 21-26). Quando os judeus estavam começando sua marcha para a Babilônia, Deus os instruiu a lembrar-se das estradas e a colocar marcos ao longo do caminho, pois o povo usaria a mesma estrada para voltar. Jeremias retratou Judá como uma garota tola, indo de amante em amante, que foi chamada para voltar para casa (o profeta usou essa imagem anteriormente; ver Jr 2:1, 2, 20; 3:1-11). De acordo com a lei, uma filha que se prostituísse deveria ser morta (Lv 21:9; Dt 22:21), mas Deus faria algo inédito: ele a perdoaria e a receberia de volta!

A oração "a mulher infiel virá a requestar um homem" (Jr 31:22) já recebeu tantas interpretações que uma análise de todas elas é um convite à confusão. A palavra traduzida como "requestar" também significa "cercar de cuidados, proteger", sendo usada para referir-se ao cuidado de Deus com Israel durante a viagem pelo deserto (Dt 32:10). A palavra "homem" também significa "um homem forte, um campeão", então a "coisa nova" de Deus é fazer com que as mulheres se fortaleçam de modo a proteger seus homens! (Não se esqueça de que os judeus constituíam uma sociedade extremamente machista.) Em outras palavras, a volta dos exilados não seria um desfile de andarilhos fragilizados, mas sim a marcha de guerreiros, inclusive de mulheres que, naquele tempo, eram consideradas fracas demais para lutar.⁸

Trata-se de uma representação do futuro ajuntamento do povo em Israel no fim dos tempos. Os judeus se alegrarão numa terra renovada, onde os cidadãos abençoarão seus vizinhos em nome do Senhor. Lavradores e habitantes da cidade viverão em harmonia por causa das bênçãos do Senhor.

3. REGENERAÇÃO: UMA NOVA ALIANÇA (Jr 31:31-40)

Qualquer plano para melhorar a sociedade que ignore o problema do pecado está destinado ao fracasso. Não basta mudar o

ambiente, pois o coração de todo problema é o problema do coração. Deus precisa mudar o coração das pessoas para que desejem amá-lo e fazer sua vontade. Foi por isso que ele anunciou uma nova aliança para substituir a antiga, sob a qual os judeus haviam vivido desde os dias de Moisés, uma aliança que podia orientar a conduta, mas que não alterava o caráter.

A história judaica é marcada por uma série de “renovações da aliança” que trouxeram bênçãos temporárias, mas que não mudaram o coração do povo. O livro de Deuteronômio registra uma renovação da aliança sob Moisés, antes de o povo entrar na terra prometida. Antes de morrer, Josué também dirigiu o povo numa reafirmação da aliança (Js 23 – 24). Samuel chamou a nação a renovar seus votos com Deus (1 Sm 12), e tanto Ezequias (2 Cr 29 – 31) quanto Josias (2 Cr 34 – 35) inspiraram grandes dias de “reavivamento” ao conduzir o povo de volta à lei de Deus.

O fato de essas bênçãos serem passageiras não serve de argumento contra a busca de períodos de reavivamento e de refriégrio. Quando alguém disse a Billy Sunday que reavivamentos não eram necessários porque não duravam muito tempo, o evangelista replicou: “Um banho não tem efeito prolongado, mas é bom tomar um de vez em quando”. Uma nação firmada em princípios morais e espirituais deve ter períodos freqüentes de renovação, a fim de manter firmes os seus alicerces.

No entanto, a nova aliança não é apenas mais uma renovação da antiga aliança que Deus deu no Sinai; é um pacto novo em todos os aspectos. A nova aliança é *interior* para que a lei de Deus seja escrita no coração e não em tábua de pedra (2 Co 3; Ez 11:19, 20; 18:31; 36:26, 27). A ênfase é *pessoal*, não nacional, e cada um deve depositar sua fé no Senhor e receber um “novo coração” e uma nova inclinação para a piedade.

A antiga aliança procurava controlar a conduta, enquanto a nova transforma o caráter, de modo que cada um ame ao Senhor e ao próximo bem como deseje fazer a von-

tade de Deus. “Pela lei vem o pleno conhecimento do pecado” (Rm 3:20), mas sob a nova aliança Deus prometeu: “Perdoarei as suas iniqüidades e dos seus pecados jamais me lembrarei” (Jr 31:34). Essa é a aliança que os judeus experimentarão nos últimos dias, quando olharão para o Messias e se arrependerão (Zc 12:10 – 13:1).

A base para essa nova aliança é a obra de Jesus Cristo na cruz (Mt 26:27, 28; Mc 14:22-24; Lc 22:19, 20). Visto que a Igreja de hoje partilha das riquezas espirituais de Israel (Rm 11:12-32; Ef 3:1-6), qualquer um que depositar sua fé em Cristo compartilhará dessa nova aliança (Hb 8:6-13; 10:14-18). Trata-se de uma experiência de regeneração ou de nascer de novo para participar da família de Deus (Jo 3:1-21).

O Senhor também afirmou a permanência de Israel como nação e a fidelidade do relacionamento dele com seu povo (Jr 31:35-37). Seria mais fácil o Sol parar de brilhar ou a Lua e as estrelas se apagarem do que Deus quebrar as promessas que fez a seu povo. Assim como Jerusalém foi reconstruída depois do cativeiro da Babilônia, também será restaurada depois da grande tribulação de Jacó e será santa perante o Senhor. Em função de suas relações desde a antiguidade com Israel, o islamismo, Jesus e a Igreja, Jerusalém é chamada de “cidade santa”, mas não será verdadeiramente santa até que o Senhor a restaure e reine em glória no fim dos tempos.

4. RESTAURAÇÃO: UMA NOVA TERRA E UM NOVO REINO (JR 32:1 – 33:26)

Não bastava um profeta simplesmente pregar as promessas de Deus; também era preciso que as colocasse em prática e que mostrasse a seus ouvintes que acreditava nelas. “A fé sem obras é morta” (Tg 2:26). Sendo assim, Deus orientou Jeremias a fazer um sermão prático e a comprar uma propriedade no momento mais desfavorável em Judá. Ao fazer isso, Jeremias conseguiu chamar a atenção do povo e pôde proclamar as promessas maravilhosas de Deus. O profeta teve de mostrar sua fé com ações, e Deus o abençoou por isso.

Uma “coisa ilógica” (32:1-44). O décimo ano do reinado de Zedequias foi 587 a.C., um ano antes de Jerusalém cair sob o domínio da Babilônia, época em que Jeremias ficou preso no átrio da guarda (Jr 37:21). O rei Zedequias não gostava das mensagens de Jeremias a respeito dele e da cidade (Jr 32:3-5), mas, quem sabe, a prisão do profeta foi a maneira de Deus proteger Jeremias de seus inimigos e de prover alimento durante o terrível cerco de Jerusalém. É possível prender os obreiros de Deus, mas não a Palavra de Deus (2 Tm 2:9). A Palavra do Senhor veio a Jeremias ordenando que fizesse a coisa mais ilógica: que comprasse uma propriedade no campo de batalha!

A transação (vv. 6-15). Deus disse a Jeremias que seu primo, Hananel, estava a caminho para oferecer uma propriedade em sua cidade natal, Anatote. Se Hananel tivesse aparecido de repente, é provável que Jeremias tivesse recusado a proposta. Afinal, o terreno estava nas mãos da Babilônia, Jeremias estava na prisão e, sem dúvida alguma, o futuro de sua nação era sombrio. De que serviria esse terreno para Jeremias que, de modo algum, viveria mais setenta anos?

Mas assim é a fé: obedecemos a Deus apesar do que vemos, de como nos sentimos e do que acontecerá depois. Alguém disse bem que ter fé não é acreditar apesar das evidências, mas obedecer apesar das consequências, e as ações de Jeremias ilustram esse princípio. É bem possível que, ao saber que Jeremias estava investindo numa propriedade sem valor, muitos riram dele, outros menearam a cabeça, incrédulos, e alguns devem ter pensado que ele estava louco.

A transação provavelmente foi realizada na própria prisão, com tudo feito de acordo com a lei. Jeremias assinou os papéis, pagou em dinheiro e entregou os documentos legais a seu secretário, Baruke, mencionado pela primeira vez nessa passagem.⁹ As testemunhas atestaram a assinatura e a escritura e, provavelmente, foram embora imaginando se Jeremias havia perdido o juízo. Com certeza, a transação foi assunto de muita discussão na cidade, e Hananel acabou sendo

considerado um herói. Hananel pode ter pensado que havia fechado um excelente negócio, mas apenas demonstrou sua incredulidade.

A reação (vv. 16-25). Como costumava acontecer com Jeremias, uma provação que o enchia de dúvida era logo seguida de uma triunfante experiência de fé. Depois de obedecer às ordens de Deus pela fé, Jeremias se perguntou de que maneira Deus lhe daria essa propriedade e fez a coisa certa: orou sobre o assunto. A melhor maneira de lidar com a dúvida é conversar com Deus, ser honesto sobre seus sentimentos e, então, esperar que ele fale por sua Palavra.

A verdadeira oração começa com a adoração (vv. 17-19) e concentra-se na grandeza de Deus. Não importa qual seja o nosso problema, Deus é maior; quanto mais virmos sua grandeza, menos ameaçadoras se tornarão nossas dificuldades. Também faz parte da verdadeira oração recapitular o que Deus fez por nós no passado e lembrar que ele cumpre suas promessas e supre as necessidades de seu povo (vv. 20-23). A oração de Jeremias terminou com o profeta compartilhando com Deus sua difícil situação e deixando o problema nas mãos dele (vv. 24, 25). Do lado de fora, a cidade estava sitiada pelo exército da Babilônia; do lado de dentro, Jerusalém padecia de fome, enfermidade e desobediência. No coração de Jeremias, persistia a dúvida de haver feito papel de tolo.

A confirmação (vv. 26-44). Deus supriu a necessidade de seu servo e confirmou que suas decisões haviam sido corretas. O tema fundamental da oração de Jeremias foi: “coisa alguma te é demasiadamente maravilhosa” (v. 17) e Deus reafirmou essa verdade a seu servo (v. 27).¹⁰ A boa teologia sempre leva a um coração confiante se depositarmos nossa confiança na Palavra, pois “a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17).

A resposta do Senhor a Jeremias confirmou o que Deus já havia lhe dito no passado: a cidade estava rumando para a destruição por causa das freqüentes transgressões do povo (Jr 32:28-35). Seu pecado de idolatria

havia provocado o Senhor, e a única solução era levá-los para a Babilônia e saturá-los de ídolos. Pelo fato de haverem resistido aos profetas e se recusado a obedecer à lei, teriam de arcar com as consequências.

Em seguida, o Senhor afirmou a Jeremias que a situação não estava perdida, pois ele ajudaria o povo e o traria de volta à terra (vv. 36-44). Essa promessa parece aplicar-se ao final dos tempos, quando Israel será reunido de “todas as terras” (v. 37) e a nova aliança estará em vigor, pois o povo terá outra atitude para com o Senhor. Depois disso, Jeremias ouviu a palavra que o alegrou: “Comprar-seão campos nesta terra” (v. 43). Chegaria um dia em que a compra de Jeremias seria confirmada, e seu sermão prático, justificado!

A aplicação dessa passagem bíblica para os cristãos de hoje é óbvia: o mundo ri de nós por causa da nossa fé e de nosso investimento no futuro, mas um dia Deus cumprirá sua promessa e nos justificará diante das pessoas e dos anjos. Em vez de viver em função dos prazeres pecaminosos deste mundo, buscamos a alegria do mundo vindouro. Recusamo-nos a sacrificar o eterno em troca do temporário. O mundo descrente pode nos ridicularizar, mas no final Deus justificará seu povo.

“Coisas ocultas” (33:1-26). “Invoca-me, e te responderei; anunciar-te-ei coisas grandes e ocultas, que não sabes” (v. 3). A palavra traduzida como “oculta” retrata uma cidade invencível, escondida atrás de muros altíssimos – uma imagem apropriada durante o cerco de Jerusalém. A idéia é que o povo de Deus não aprende as coisas ocultas de Deus ao “arrombar os portões” com suas próprias forças, mas sim buscando o Senhor por meio da oração de fé. Pelo fato de Jeremias ter pedido ao Senhor que o ensinasse, Deus mostrou-lhe “coisas ocultas” referentes ao futuro de seu povo. O profeta sabia que a cidade estava fadada ao julgamento

(vv. 4, 5), mas o Senhor lhe deu palavras de confiança e de encorajamento – promessas relacionadas ao fim dos tempos.

A nação contaminada seria curada e purificada (vv. 6-8), e a cidade infame traria alegria e honra ao Senhor, tornando-se um testemunho, para todas as nações, da maravilhosa graça e bondade do Senhor (v. 9). Um dia, a cidade deserta seria habitada por um povo que daria louvores a Deus e que expressaria seu regozijo uns aos outros (vv. 10, 11). Um dia, as pastagens arruinadas pelo juízo devastador se encheriam de rebanhos, e as pequenas cidades voltariam a ser felizes (vv. 12, 13). Tendo em vista que tais bênçãos não aconteceram após a volta do exílio, temos motivos para crer que se realizarão quando o Senhor vier e restaurar seu povo e sua terra.

A maior bênção de todas será o Rei prometido governando em justiça! (vv. 14-16; ver 23:5). Jeremias já havia dito que o nome desse Rei é “SENHOR, Justiça Nossa” (Jr 23:6), mas aqui Deus revelou que Jerusalém teria o mesmo nome! Sem dúvida, isso não aconteceu quando os exilados voltaram para reconstruir o templo e sua cidade. Portanto, essa promessa refere-se aos últimos dias. Então, o povo chamará Jerusalém de “cidade santa”, e o nome será apropriado.

Mais uma vez, o Senhor usou a fidelidade da sua aliança com sua criação (Gn 8:22) como base para a confiabilidade de suas promessas e a perpetuidade de seu povo (Jr 33:19-26; ver 31:35-37). Porém, acrescentou outro elemento: multiplicaria o povo como as estrelas do céu – uma das promessas que havia feito a Abraão (Gn 15:1-5).¹¹

“[...] porque lhes restaurarei a sorte e deles me apiedarei!” (Jr 33:26). A nação de Israel tinha um futuro promissor e abençoado, e Jeremias investiu nesse futuro. Como povo de Deus, estamos demonstrando nossa fé com nossas ações?

1. JEFFERSON, Charles E. *Cardinal Ideas of Jeremiah*. Nova York: Macmillan, 1928, p. 125.

2. Isaías usou a expressão “naquele dia” pelo menos quarenta e cinco vezes, mas Jeremias a emprega apenas dez (4:9; 30:8; 39:16, 17; 49:22, 26; 50:30). Nos capítulos 12 a 14 de Zacarias, “naquele dia” é usado dezenas de vezes com referência aos acontecimentos dos últimos tempos relacionados à restauração de Israel e à volta do Senhor.

3. Jesus chamou a primeira parte da tribulação de “princípio das dores” (Mt 24:8), o que significa “o começo das contrações”. A tribulação trará dor a Israel e às nações do mundo, mas dessa dor virá o nascimento do reino.
4. Quem visita a Terra Santa e vai a cidades como Tel Aviv e várias outras “Tel” aprende que *tel* significa “um monte de ruínas”. É raro cidades devastadas pela guerra ou por calamidades naturais se mudarem para outro local. Os sobreviventes simplesmente reconstruem sobre as ruínas e, assim, garantem o trabalho dos futuros arqueólogos.
5. A antiga discórdia entre judeus e samaritanos foi sarada quando Filipe, o evangelista, levou o evangelho à Samaria, e os cristãos samaritanos receberam a mesma dádiva do Espírito que os judeus (At 8:5ss; 2:1-4). Mais tarde, os gentios também receberiam esse dom (At 10:44-48). Desde então, o corpo de Cristo é composto de cristãos judeus, samaritanos e gentios (Gl 3:26-29).
6. Às vezes, ouvimos a respeito das “dez tribos perdidas de Israel”; vários grupos identificam-se com elas, mas apenas Deus sabe onde as doze tribos estão (At 26:7; Tg 1:1; Ap 7).
7. De que maneira isso se encontra relacionado à citação de Mateus? Quando Raquel morreu, deu ao filho o nome de *Benoni*, que significa “filho da minha tristeza”, mas Jacó o chamou de *Benjamim*, “filho da minha destra” (Gn 35:16-20). Em sua humilhação e sofrimento, Jesus Cristo é o homem de aflições, mas em sua exaltação e glória, é o Filho assentado à direita de Deus (At 2:22-36). Jacó fez de Belém um cemitério, mas Jesus transformou-a num lugar de nascimento! Privadas de seus filhos, mães de Belém choram em desespero, mas Deus prometeu confortar Raquel, para que seu sofrimento não tivesse sido em vão. Não importa quantos inimigos procurem destruir Israel, a nação não perecerá, pois um dia o Messias reinará e livrará seu povo.
8. É um despropósito defender que esse versículo seja uma previsão do nascimento virginal de Cristo. No original, o termo traduzido por “mulher” significa “fêmea”, sem ter qualquer relação com a virgindade. Nesse contexto, a única virgem mencionada é a nação (Jr 31:4, 21). Não há artigo definido no texto, pois é mencionada apenas “uma fêmea” e não “a mulher”. A palavra hebraica traduzida por “infiel” não tem qualquer relação com a concepção de uma criança. É possível que a afirmação seja um provérbio judaico para uma coisa surpreendente e impensável.
9. É possível que Baruque fosse descendente da realza, uma vez que seu irmão, Semaías, era assistente na corte do rei (Jr 51:59), e tais oficiais geralmente eram príncipes. O fato de Semaías ter sido levado à Babilônia juntamente com o rei mostra quão importante ele era aos olhos dos babilônios. A família de Nérias pode ter pensado que Baruque havia desistido de um futuro brilhante para servir a Jeremias, mas estavam errados. Muitos dos oficiais reais pereceram, porém Deus protegeu Jeremias e Baruque e supriu todas as necessidades deles (ver Jr 45). Sem dúvida, Baruque era uma fonte de encorajamento para o profeta, que costumava ver-se abandonado e sem amigos.
10. A afirmação remete a Abraão (Gn 18:14) e também foi usada para Moisés (Nm 11:23) e Jó (Jó 42:2). Gabriel repetiu-a quando disse a Maria: “Porque para Deus não haverá impossíveis” (Lc 1:37), e Jesus disse: “Para Deus tudo é possível” (Mt 19:26). O testemunho de Paulo foi: “Posso todas as coisas naquele que me fortalece” (Fp 4:13). Jeremias descobriu que o caráter de Deus é fiel e que suas promessas são verdadeiras, quaisquer que sejam nossos sentimentos ou circunstâncias.
11. Estudiosos competentes e piedosos da Bíblia discordam quanto a estas “promessas do reino”, se devem ser entendidas literalmente ou interpretadas num “sentido espiritual”. Caso se refiram à igreja hoje, é difícil entender o que significam e como se aplicam. Sendo assim, tenho adotado a abordagem de que essas promessas terão seu cumprimento final no reino vindouro. Para mais detalhes, ver Renald E. Showers, *There Really Is a Difference* (Friends of Israel); Charles L. Feinberg, *Millennialism: The Two Major Views* (Moody Press); John F. Walvoord, *The Millennial Kingdom* (Dunham); e John S. Feinberg (Edit.), *Continuity and Discontinuity* (Crossway Books).

ACONTECIMENTOS CONTEMPORÂNEOS E VERDADES ETERNAS

JEREMIAS 34 – 39; 52

Uma nação que não consegue se preservar morrerá; de fato, perecerá nas garras do mal, o qual é frágil demais para derrotar.

(Senador Morris Shepherd)¹

A pesar da longanimidade de Deus e do ministério fiel de seus profetas, o reino de Judá estava prestes a morrer. Era uma nação com uma herança gloriosa – leis vindas do céu e dadas a Moisés, uma terra conquistada por Josué, um reino estabelecido por Davi e elevado à magnificência por Salomão, um povo no meio do qual Deus habitou em um templo maravilhoso – e, mesmo assim, essa gloriosa herança não conseguiu evitar a vergonhosa ruína de Judá nas mãos dos idólatras babilônios. O fim havia chegado.

O que causou a lenta deterioração de Judá e seu colapso final? Para responder a essa pergunta, os historiadores indicariam uma política imprudente com sua dependência da ajuda do Egito e, de fato, não podemos negar que os líderes de Judá tomaram algumas decisões absurdas. No entanto, por trás de sua “política imprudente”, havia uma razão mais insidiosa: os líderes não acreditavam na Palavra de Deus. Durante o período dramático de ascensão e queda de impérios naquela época tumultuosa, Judá olhava ao redor em busca de aliados, em vez de olhar para cima em busca de assistência divina. Em lugar de se arrepender e de voltarem para Deus, o povo endureceu o coração contra a Palavra e confiou em sua própria sabedoria.

Jeremias registrou diversos aconteci-

mentos dos dias finais de Judá que provam como não podemos tratar a Palavra de Deus como bem entendemos sem sofrer as consequências.

1. A PALAVRA DE DEUS É DESONRADA (JR 34:1 – 35:19)

Era o ano de 588 a.C., e o exército de Nabucodonosor estava conquistando com sucesso o reino de Judá. As últimas duas cidades fortificadas estavam prestes a cair: Laquis, a cerca de trinta e sete quilômetros de Jerusalém, e Azeca, a pouco menos de trinta quilômetros de Jerusalém (Jr 34:7). Nabucodonosor não apenas trouxe suas tropas invencíveis da Babilônia, como também ordenou que as nações vassalas que havia conquistado enviassem alguns soldados. De certa forma, todo o Oriente Próximo estava atacando o povo escolhido de Deus (Sl 74).

O destino do rei (34:1-7). Deus deu ao inexpressivo rei Zedequias outra oportunidade de se arrepender e de salvar a cidade e o templo da destruição, mas o rei se recusou a escutar. Jeremias advertiu-o de que a família real e a corte de oficiais não escapariam do juízo e que ele seria levado cativo para a Babilônia, onde morreria em paz. Um só ato de fé e de coragem teria salvo a cidade da ruína e o povo da morte, mas Zedequias teve medo de seus conselheiros (Jr 38:1-6) e deixou-se manipular por eles.

A traição do povo (vv. 8-22). A certa altura, durante o cerco, Zedequias e o povo fizeram uma aliança com o Senhor no templo (Jr 34:15), prometendo libertar todos os escravos judeus. Um bezerro foi morto e cortado ao meio, e os sacerdotes, os oficiais e o povo passaram entre as metades em sinal de que obedeceriam às estipulações da aliança (vv. 18, 19; Gn 15:17). Ao fazer isso, estavam concordando em libertar seus escravos judeus ou sofrer o mesmo que aquele bezerro.

De acordo com a lei de Moisés, um senhor judeu deveria libertar seus escravos ao final de sete anos de serviço (Êx 21:1-11; Dt 15:12-18). Os judeus não respeitavam essa lei havia anos e decidiram que seria de bom tom fazê-lo. Talvez tenham tomado essa

decisão achando que o Senhor honraria a obediência deles e derrotaria o inimigo de forma miraculosa, como havia feito nos tempos de Ezequias (Is 36 - 37). Em vez de confiarem na Palavra de Deus e de se submeterem à Babilônia, os judeus tentaram negociar com o Senhor e "suborná-lo" para que defendesse sua causa.

É claro que provavelmente havia algumas considerações práticas por trás dessa aliança. Se os escravos fossem libertos, teriam de se virar por sua própria conta; seus senhores não precisariam alimentá-los nem cuidar deles. Os homens que tivessem acabado de ser libertos também estariam mais dispostos a lutar contra o inimigo para manterem sua liberdade recém-conquistada. Qualquer que fosse o motivo, porém, os efeitos dessa aliança não duraram muito tempo, pois quando houve alívio do cerco e Nabucodonosor saiu para confrontar o exército egípcio (Jr 34:21, 22; 37:5-11), os senhores forçaram seus antigos escravos a voltar à servidão. A aliança solene feita no templo não significou nada.

Contudo, antes de condenarmos com muita severidade esses senhores judeus desonestos, devemos admitir que o povo de Deus costuma fazer promessas ao Senhor em tempos difíceis só para depois voltar atrás depois, quando a situação melhora. Em meu ministério pastoral, ouvi mais de um cristão sofrendo num leito de hospital prometer tornar-se o mais exemplar membro da igreja caso Deus lhe desse a cura de que precisava, e, quando Deus atendeu seu pedido, essa pessoa esquecia-se imediatamente do Senhor.

Jeremias aproveitou esse acontecimento para pregar um sermão sobre a deslealdade de Judá contra o Senhor (Jr 34:12-22). Deus libertou os israelitas da escravidão no Egito e fez uma aliança com eles para ser seu Deus, mas eles romperam essa aliança e voltaram à idolatria. Então, transgrediram à lei ao escravizar injustamente seus próprios companheiros. Por meio daquilo que fizeram no templo e pela forma como trataram seu próximo, profanaram o nome do Senhor. Os judeus não haviam proclamado verdadeiramente a liberdade de seus escra-

vos, porém Deus proclamaria a "liberdade" de sua nação – liberdade "para a espada, para a peste e para a fome" (v. 17). O profeta predisse uma terrível morte para todas as pessoas desleais que haviam participado daquela aliança, e suas palavras se cumpriram (vv. 19, 20).

A integridade dos recabitas (35:1-19).

Esse acontecimento ocorreu dezoito anos antes, durante o reinado de Jeoáquim (609-597 a.C.). É provável que Jeremias tenha inserido o relato nesse ponto do livro com a finalidade de demonstrar um contraste: o povo de Judá desonrou o Senhor ao desobedecer à lei, enquanto que os recabitas honraram seu pai ao obedecer aos mandamentos que haviam recebido.

Os recabitas eram um clã de nômades leais a seu antepassado, Jonadabe (2 Rs 10:15-23), o qual lhes ordenou que não vivessem em casas, não tivessem lavouras nem vinhas e não bebessem vinho. Eram parentes do sogro de Moisés (Jz 1:16; 4:11) e, por mais de duzentos e cinqüenta anos, constituiram um pequeno clã "separatista" no meio do povo. Por causa da invasão babilônica, os recabitas abandonaram suas tendas e mudaram-se para Jerusalém.

Deus não ordenou a Jeremias servir vinho ao recabitas como forma de tentá-los a beber, pois Deus não nos tenta (Tg 1:13-15). Antes, foi mais um de seus sermões práticos para dar oportunidade ao profeta de dizer aos líderes de Judá quão infiéis haviam sido com a aliança que tinham feito com Deus. Não era errado o povo judeu beber vinho, contanto que não se embriagasse, mas era errado para os recabitas beber vinho, pois haviam assumido um compromisso de não beber. Deus não elogiou esses homens por seus padrões morais, mas pela fidelidade ao mandamento de seu pai.

A mensagem à nação era bem clara. Se o mandamento de um simples homem como Jonadabe foi respeitado e obedecido por sua família por mais de dois séculos, por que o povo de Israel e Judá não obedecia aos mandamentos do Deus Todo-Poderoso constantemente repetidos pelos profetas? Se uma tradição familiar havia sido preservada com

tamanha dedicação, por que a lei de Deus era tratada com tanto desrespeito? Obedecer às palavras de Jonadabe tinha apenas um significado temporal e limitado, mas desobedecer à Palavra de Deus implicaria consequências eternas!

Quantas vezes o povo de Deus é envergonhado pela devoção e disciplina de pessoas que nem mesmo conhecem ao Senhor, mas que são inteiramente leais à família, à religião ou a seus propósitos pessoais. Até mesmo quem não tem qualquer interesse na Palavra de Deus pode ser leal a tradições e códigos de conduta feitos por homens. Se os cristãos tivessem, em sua caminhada espiritual, o tipo de disciplina que os atletas mantêm em suas práticas desportivas, a igreja pulsaria com renovada vitalidade!

2. A PALAVRA DE DEUS É PROTEGIDA (Jr 36:1-32)

O quarto ano de reinado de Jeoacuim foi 605 a.C., ano da batalha decisiva de Carquemis, quando o Faraó Neco derrotou o rei Josias e fez de Judá uma nação vassala do Egito (Jr 46:2; 2 Cr 35:20-27). Jeoacuim havia subido ao trono apenas porque o Egito havia deposto seu irmão, Jeoacaz. Jeremias já estava no ministério há vinte e três anos, e Deus ordenou que escrevesse suas mensagens num livro para que se tornassem permanentes e pudessem ser lidas por outros. Observe que suas mensagens tratavam de Israel, de Judá e de todas as nações, e quando ele escreveu o segundo rolo, acrescentou novo conteúdo (Jr 36:32). Os primeiros quarenta e cinco capítulos do livro de Jeremias concentram-se principalmente em Israel e em Judá, enquanto os capítulos 45 - 51 tratam de outras nações do Oriente Próximo.

Deus dá sua Palavra (vv. 1-4, 17, 18).

Trata-se aqui do que os teólogos chamam de *inspiração* – o trabalho miraculoso do Espírito Santo por meio de um escritor humano, a fim de que seu conteúdo fosse a Palavra que Deus queria que se registrasse (2 Tm 3:16; 2 Pe 1:20, 21).² A inspiração não é um tipo de “direção divina”, como se Deus ignorasse completamente o escritor, pois os au-

tores dos diversos livros da Bíblia possuíam estilos e vocabulário próprios e distintos. Sem fazer dele um robô, Deus guiou Jeremias na escolha de suas palavras; o profeta ditou essas palavras a Baruque, seu secretário, e ele as transcreveu para o rolo.

Deus declarou sua Palavra (vv. 5-26). Em mais de uma ocasião, Deus usou instrumentos humanos para proclamar sua Palavra ao povo. “Como ouvirão, se não há quem pregue?” (Rm 10:14). Uma vez que Jeremias não tinha mais permissão de ir ao templo, enviou Baruque em seu lugar, e o secretário esperou por uma ocasião em que houvesse uma grande concentração de pessoas no templo. Essa ocasião surgiu quando, vários meses depois, foi proclamado um jejum nacional, provavelmente por causa da ameaça babilônica, oferecendo a Baruque a oportunidade que vinha aguardando.

É interessante ver como pessoas diferentes reagem à Palavra de Deus. Houve três leituras públicas do livro, sendo que a primeira foi feita ao povo que estava no templo (Jr 36:10). Não há registro de que a multidão tenha reagido de alguma forma especial. No entanto, um homem chamado Micaías ficou preocupado com o que ouviu (v. 11). Ele era neto de Safâ, o homem que havia lido o recém-encontrado Livro da Lei ao rei Josias (2 Rs 22), portanto não causa espanto o fato de ele ter interesse na Palavra de Deus.

Micaías falou do livro aos príncipes, e estes quiseram ouvir mais sobre o assunto, de modo que Baruque leu para eles (Jr 36:12-19). Juntamente com Micaías, os oficiais estremeceram quando ouviram a Palavra (v. 16), pois sabiam que a nação estava em grande perigo. Guardaram o livro, disseram a Baruque e Jeremias para se esconderem e, então, foram comunicar ao rei que ele precisava ouvir o que Jeremias havia escrito.

A terceira leitura do rolo foi feita por Jeudi – possivelmente um dos escribas – para o rei (vv. 21-26). O rei tratou a Palavra de Deus como se fosse combustível para seu braseiro! Apesar das objeções dos três oficiais, o rei continuou cortando e queimando o rolo até o final. Os servos do rei, que também haviam lido o rolo, não demonstraram

qualquer temor e, dessa forma, encorajaram Jeoquim em seu ato perverso.

Ao longo dos séculos, os inimigos de Deus tentaram destruir a Palavra do Senhor, mas sempre fracassaram. Esqueceram-se do que Jesus Cristo disse sobre a Palavra: "Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão" (Mt 24:35). "Seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente" (Is 40:8; citado em 1 Pe 1:24, 25). Tradutores e pregadores da Palavra são perseguidos e martirizados, mas a verdade de Deus ainda permanece.

Deus preserva sua Palavra (vv. 27-32). Qualquer rei que pense ser capaz de silenciar Deus com uma faca e com fogo é extremamente arrogante e faz pouco do Senhor. Deus apenas ordenou a Jeremias que escrevesse outro rolo, ao qual ele ainda acrescentou mais coisas, incluindo um juízo específico para o rei Jeoquim (Jr 36:27-32). O mesmo Deus que dá a Palavra tem poder para protegê-la. O rei havia tentado destruir a Palavra, mas acabou destruído por ela!

O rei Jeoquim e seus oficiais seriam punidos pelo desrespeito que mostraram para com a Palavra de Deus. Jeoquim não teria uma dinastia e também não seria sepultado como rei. Seu filho Joaquim sucedeu-o e não governou mais do que três meses, sendo substituído por Zedequias, irmão de Jeoquim. Se o rei e seus servos aduladores tivessem temido a Palavra e obedecido, teriam salvado a nação do sofrimento e da ruína, mas preferiram seguir seus próprios caminhos e ignorar a voz de Deus.

3. A PALAVRA DE DEUS É REJEITADA (Jr 37:1 – 38:28)

"Não há problema tão grande ou complicado que não se possa fugir dele." Era o que dizia um grafite num muro de Londres, em 1979, provavelmente uma citação adaptada da tirinha de Snoopy e Charlie Brown, desenhada por Charles Schulz. Qualquer que seja sua origem, a afirmação certamente representa muito bem a atitude do rei Zedequias diante dos problemas terríveis de Judá quando o inimigo encontrava-se às portas de Jerusalém.

Além de Pôncio Pilatos (Jo 18 – 19), nenhum outro governante descrito nas Escrituras revelou tanta indecisão e hesitação quanto Zedequias. Esses dois capítulos registram quatro ocasiões em que Zedequias contatou Jeremias, mas rejeitou a palavra do profeta. Estas foram suas medianas palavras:

"Roga por nós!" (37:1-10). Receoso de encontrar-se pessoalmente com o profeta e de perder o apoio de seus oficiais, o rei mandou Jucal e Sofonias pedirem a Jeremias que orasse pelo rei e pela nação. Jucal não era amigo de Jeremias e acabou pedindo ao rei que matasse o profeta (Jr 38:1, 4). Deus havia dito a Jeremias para não orar pelo povo, mas quando o exército babilônio partiu para lutar com os egípcios, parecia não ser mais necessário orar (Jr 37:5-10). Sem dúvida, os falsos profetas anunciam esse acontecimento como um milagre, semelhante ao extermínio do exército assírio nos dias de Ezequias (Is 36 – 37). Estavam vivendo novamente de falsas esperanças, mesmo depois de Jeremias ter dito que Nabucodonosor voltaria e terminaria o trabalho do qual Deus o havia incumbido.

"Há alguma palavra do SENHOR?" (vv. 11-21). Até aqui, Jeremias era um homem livre (v. 4), mas seus inimigos encontraram motivos para aprisioná-lo. Quando o cerco afrouxou, Jeremias tentou ir a Anatote para tratar de assuntos familiares, mas o guarda à porta prendeu-o, pois pensou que estava desertoando para o inimigo. É claro que Jeremias tinha pregado a rendição para a Babilônia (Jr 21:9) e o faria novamente (Jr 38:2, 19; 39:9), mas sem dúvida não era um traidor. Amava seu país e deu a vida tentando salvá-lo, mas, antes de tudo, sua lealdade pertencia ao Senhor.

Jeremias foi espancado e colocado na prisão. Quando Zedequias ouviu isso, considerou que se tratava de uma oportunidade segura para falar com Jeremias, uma vez que os oficiais pensariam que o rei estava investigando o caso do profeta. Depois de levá-lo para o palácio, o rei perguntou: "Há alguma palavra do SENHOR?". O profeta lhe deu uma resposta imediata: "Há [...] Nas mãos do rei da Babilônia serás entregue" (Jr

37:17). Para que dizer mais? Jeremias já havia declarado a mensagem de Deus muitas vezes, e todos a haviam rejeitado.

Jeremias aproveitou a oportunidade para expor a mensagem enganosa e otimista dos falsos profetas. Se aquilo que haviam dito era a verdade, o rei deveria ter perguntado a esses profetas se tinham uma mensagem do Senhor! Jeremias pediu para ser libertado, e o rei Zedequias o atendeu. O profeta foi colocado no átrio da prisão, onde deveria receber uma ração diária de pão enquanto fosse possível. Ao mesmo tempo que apreciamos a preocupação de Zedequias demonstrada na forma como tratou Jeremias, perguntamo-nos por que o rei não teve a mesma preocupação com seu povo. Hesitou em mudar sua política, pois temia seus conselheiros e oficiais.

“Ele está nas vossas mãos” (38:1-13). Irritados com o fato de as palavras de Jeremias estarem prejudicando sua campanha militar, quatro dos oficiais de Zedequias reuniram-se para persuadir o rei a matar o profeta. Não sabemos nada sobre Sefatias. Se Gedalias era o filho de Pasur, aquele que havia colocado Jeremias no trono (Jr 20:1-6), então certamente não era amigo de Jeremias e nem da verdade. Ouvimos falar de Jucal numa ocasião anterior (Jr 37:3). É possível que fosse parente do guarda que prendeu Jeremias (v. 13).³ Esse Pasur não deve ser confundido com o Pasur mencionado em Jeremias 20. Esses quatro homens acusaram Jeremias de não se preocupar com o bem do povo, ainda que fosse justamente a isso que Jeremias tivesse dedicado sua vida!

Fraco demais para se opor a seus príncipes, o rei cedeu ao pedido deles. Em vez de simplesmente matar Jeremias, o que seria o derramamento de sangue inocente, os homens o aprisionaram numa velha cisterna, onde ele ficou atolado na lama que havia no fundo. Os oficiais esperavam que o profeta acabasse sendo esquecido por lá e morresse. No entanto, Deus levantou um libertador na pessoa de Ebede-Meleque – um homem da Etiópia que, mais tarde, seria conhecido como um dos “bons samaritanos” do Antigo Testamento.

Hesitante e covarde, o rei costumava concordar com a última pessoa que falava com ele. Ebede-Meleque aproveitou-se dessa fraqueza e recebeu a permissão do rei para resgatar Jeremias. Não seriam necessários trinta homens para tirar Jeremias da cisterna, mas é provável que o rei quisesse proteger seus dois oficiais e também o profeta de qualquer ataque dos inimigos de Jeremias (alguns comentaristas sugerem que o texto deveria dizer “três homens”, pois trinta homens certamente atrairiam a atenção do povo para o que estavam fazendo).

Mais tarde, Jeremias enviou uma mensagem especial de encorajamento para Ebede-Meleque (Jr 39:15-18): ele seria libertado quando a cidade fosse tomada, e Deus pouparia sua vida.

“Nada me encubras” (vv. 14-28). De acordo com o registro escrito, esse foi o quarto e último contato do rei Zedequias com Jeremias antes de a cidade cair nas mãos dos babilônios. Seu pedido apresentou um dilema ao profeta: se lhe dissesse a verdade, o rei poderia matá-lo e, de qualquer modo, provavelmente não obedeceria à Palavra de Deus! O Senhor deu ao rei uma última chance de se arrepender, mas tudo o que o monarca fez foi dar desculpas. Caso se rendesse a Nabucodonosor, poderia ser acusado e maltratado pelos judeus que haviam deixado para o lado do inimigo, e o que seria, então, de sua família que vivia na cidade? Talvez os homens que desejavam matar Jeremias dessem cabo dos familiares do rei.

Jeremias garantiu ao rei que, se ele obedecesse à Palavra de Deus, o Senhor iria protegê-lo e pouparia a cidade, mas, se desobedecesse, até as mulheres do palácio escarneceriam dele diante dos babilônios (Jr 38:21-23). A preocupação do rei com suas esposas e filhos é compreensível, mas a melhor maneira de protegê-los seria obedecer à Palavra de Deus.

Ainda temendo seus próprios oficiais, o rei disse a Jeremias para manter segredo sobre a conversa. Não há indicação de que Jeremias tenha mentido aos oficiais que o questionaram. Em primeiro lugar, é possível

que essa não seja a transcrição completa entre Jeremias e Zedequias, e Jeremias poder ter pedido para não ser levado de volta à casa de Jônatas. Sem dúvida, na segunda conversa entre os dois, Jeremias havia feito esse pedido (Jr 37:17-21). O profeta não tinha a obrigação de relatar detalhes aos oficiais e não precisava mentir a fim de manter aquela conversa confidencial.

Às vezes, Deus julga uma nação pecaminosa ao mandar-lhe um líder fraco, hesitante e vacilante, cuja liderança (ou falta dela) faz a nação mergulhar em problemas profundos. “Dar-lhes-ei meninos por príncipes, e crianças governarão sobre eles” (Is 3:4). Nas palavras de John F. Kennedy: “Nós, o povo, somos os chefes e temos o tipo de liderança política, seja ela boa ou má, que queremos e que merecemos”.⁴ Mas Judá não era uma democracia; o povo não votou em seu rei. Foi Deus quem lhes deu o que mereciam.

4. A PALAVRA DE DEUS SE CUMPRE (Jr 39; 52)

Esses dois capítulos, juntamente com 2 Reis 25 e 2 Crônicas 36, descrevem a queda trágica de Jerusalém, seu saque e destruição, bem como o cativeiro e a deportação de milhares de judeus. Nada disso teria acontecido se um dos reis tivesse se arrependido sinceramente, confiado no Senhor e se rendido aos babilônios.

Zedequias é julgado por Deus (39:1-7; 52:1-11). O cerco teve início em 15 de janeiro de 588 a.C. (Jr 52:4), e dois anos e meio depois, em 18 de julho de 586 a.C., os babilônios penetraram os muros da cidade. Os príncipes da Babilônia montaram seus tronos na Porta do Meio e começaram a reinar sobre a terra. O “tempo dos gentios” havia começado no calendário profético de Deus (Lc 21:24). Quando esse período terminar, o Messias voltará e cumprirá a promessa feita aos profetas.

Zedequias, sua família e seus assistentes tentaram escapar (ver Jr 34:3; Ez 12:1-12), mas foram capturados pelos babilônios e levados para o quartel de Nabucodonosor em

Ribla, cerca de quinhentos e vinte quilômetros ao norte de Jerusalém. Lá, Nabucodonosor julgou a todos, e os babilônios não eram conhecidos por sua bondade. Ele matou os filhos de Zedequias na frente do rei e depois o cegou. Essas últimas imagens iriam atormentá-lo para o resto de seus dias. Ezequiel havia profetizado que Zedequias não veria a terra da Babilônia (Ez 12:13), e sua profecia se cumpriu. O rei foi amarrado e levado cativo para a Babilônia, onde morreu.

A cidade é julgada por Deus (39:8-10; 52:12-34). “Porque para minha ira e para meu furor me tem sido esta cidade, desde o dia em que a edificaram e até ao dia de hoje, para que eu a removesse da minha presença” (Jr 32:31). Por meio de seu ministério, Jeremias havia advertido o povo que Jerusalém seria tomada e destruída (Jr 6:6; 19:8, 9, 11, 12, 15; 21:10; 26:6, 11; 27:17).

Ao mesmo tempo, os babilônios saquearam a cidade, pegaram os utensílios preciosos do templo e os levaram consigo. Os soldados escolheram os melhores dentre o povo e os levaram para a Babilônia. Houve uma deportação anterior em 597 a.C. (Jr 52:28), e haveria uma terceira em 582 a.C. (Jr 52:30). As pessoas mais pobres e menos qualificadas foram deixadas para trás a fim de cuidar da terra. Afinal, alguém tinha de alimentar os soldados que haviam ficado em Judá.

Deus cuida de seu servo (39:11-14). Tendo em vista que Deus havia prometido que Jeremias sobreviveria a todas as oposições e perseguições contra ele (Jr 1:17-19; 15:20, 21), o Senhor tocou Nabucodonosor para que soltasse o profeta e que o tratasse com bondade.⁵ Jeremias foi entregue a Gedalias, mais tarde nomeado governador da terra (Jr 40:7; não se trata do mesmo Gedalias que desejava matar Jeremias; Jr 38:1).

Encerro este capítulo com uma palavra solene de G. Campbell Morgan: “Em nossa despreocupação, precisamos nos lembrar de que, também sobre nós, pode vir o décimo dia do quarto mês do décimo primeiro ano, quando Deus nos tirará de nossa posição privilegiada, o que certamente fará, a menos que sejamos fiéis a ele”.⁶

1. Essas foram as palavras do Senador Shepherd durante suas observações feitas no Senado dos Estados Unidos em 18 de dezembro de 1914, conforme a inscrição no registro do Congresso – (*Congressional Record*, v. 52, p. 338).
2. Aquilo que foi registrado é revelação, e isso foi feito pela inspiração de Deus. Não devemos jamais confundir inspiração divina com “inspiração humana”, como aquela de grandes escritores da estatura de Shakespeare e Milton.
3. Existem, por exemplo, dez homens chamados Selemias no Antigo Testamento, o que faz desse um nome comum. Em função disso, não temos como saber, ao certo, quais eram exatamente os parentescos.
4. KENNEDY, John F. *Profiles in Courage*. Nova York: Harper & Row, 1955, p. 245.
5. A contradição entre Jeremias 39:11-14 e 40:1-6 é apenas aparente. Quando os babilônios entraram na cidade, libertaram Jeremias e o levaram sob custódia. Ele ficou livre para se deslocar e para ministrar ao povo. Ao que parece, por algum engano, foi levado prisioneiro junto com o grupo de judeus que ia a Ramá; porém, quando o erro foi descoberto, foi libertado e recebeu permissão de fazer o que quisesse.
6. MORGAN, G. Campbell. *Studies in the Prophecy of Jeremiah*. Westwood, NJ.: Revell, 1961, p. 251.

UMA TRAGÉDIA CHAMA OUTRAS

JEREMIAS 40 – 45

A vida só exige de você a força que possui. A única proeza é não fugir.

(Dag Hammarskjold)¹

Mais de um estudioso já disse que a única coisa que aprendemos com a história é que *não aprendemos* com a história. Sem dúvida, esse foi o caso dos judeus destituídos que ficaram em Judá depois da queda de Jerusalém. Em vez de buscar ao Senhor e de começar uma nova vida, o remanescente repetiu os mesmos pecados que levaram a nação ao colapso e à destruição da cidade: não quiseram ouvir a Palavra, correram para o Egito em busca de ajuda e adoraram a ídolos.

O comportamento pecaminoso do povo deve ter partido o coração de Jeremias, mas o profeta ficou com eles e tentou levá-los a obedecer à Palavra do Senhor. Deus havia castigado a nação, mas nem mesmo esse castigo severo havia mudado o coração deles. Ainda se mostravam propensos a fazer o que era mau.

Foram acontecimentos calamitosos, com protagonistas que podem ser encontrados em todas as épocas. O enredo pode mudar um pouco de tempos em tempos, mas os personagens são sempre os mesmos.

1. JEREMIAS, O PASTOR FIEL (JR 40:1-6)

Jeremias foi liberto depois da captura de Jerusalém pelos babilônios (Jr 39:11-14), mas de alguma forma acabou junto com os cativos que estavam em Ramá sendo preparados para a longa marcha até a Babilônia. Foi liberto novamente e recebeu duas opções: ir para a Babilônia e ficar sob os cuidados

do rei ou permanecer na terra e cuidar de seu povo. Uma vez que era um homem com o coração de pastor, Jeremias escolheu habitar junto com seu povo (v. 14; 40:5, 6).

O capitão da guarda babilônia pregou-lhe um sermão muito parecido com o que Jeremias vinha dizendo ao povo há quarenta anos! Deve ter sido extremamente embarracoso para os judeus ouvir um babilônio pagão lhes dizer que eram pecadores, mas ele estava coberto de razão. Como povo de Deus, precisamos nos curvar em humilhação quando o mundo anuncia publicamente o pecado dos santos (Gn 12:10-20; 20:1ss; 2 Sm 12:14).

Jeremias escolheu juntar-se a Gedalias, o homem que Nabucodonosor havia nomeado governante da terra. Se o povo tivesse seguido o profeta e o governador, ainda que em meio à ruína, o remanescente judeu poderia ter vivido em segurança e em relativo conforto, mas escolheram não obedecer. Mesmo uma disciplina severa como a da Babilônia sobre Judá não foi suficiente para mudar o coração deles, pois o coração humano só pode ser transformado pela graça de Deus.

Jeremias estava indo contra sua própria mensagem quando decidiu permanecer com o povo na terra (Jr 24:4-10)? Por que ficar com os “figos ruins” quando o futuro era dos “figos bons” levados para a Babilônia? Sem dúvida, Jeremias sabia discernir a vontade de Deus, e o Senhor sabia quanto o profeta amava sua terra e seu povo. Ezequiel foi levado para a Babilônia em 597 a.C., começando seu ministério cinco anos depois (Ez 1:1, 2), e Daniel havia sido levado para lá em 605 a.C.. Havia profetas para ministrar aos exilados, e Jeremias fez bem em permanecer com o povo na terra.

Jeremias fez escolhas difíceis tanto no começo quanto no final de seu ministério. Teria sido muito mais fácil servir como sacerdote, mas ele obedeceu ao chamado de Deus e tornou-se profeta; teria sido muito mais confortável viver na Babilônia, mas ele optou por permanecer na terra de seus pais. Jeremias era um verdadeiro pastor e não um mercenário (ver Jo 10:12, 13).

2. ISMAEL, UM TRAIDOR (JR 40:7 – 41:18)

Quando se espalhou a boa notícia de que Gedalias havia sido encarregado dos assuntos de estado de Judá, o povo que havia fugido por causa do cerco começou a voltar para a terra (Jr 40:7, 11, 12). Gedalias era um homem bom e de uma boa família, apesar de os acontecimentos mostrarem sua ingenuidade para questões políticas.

O governador fiel (40:7-12). Gedalias disse ao povo exatamente o que Jeremias vinha lhes dizendo há tanto tempo: sirvam aos babilônios e estarão seguros na terra. Não havia grão algum para o povo colher, pois os campos não tinham sido semeados durante o cerco, mas podiam colher os frutos que não haviam sido destruídos na guerra. O remanescente em Judá teve de seguir as mesmas instruções que Jeremias havia dado aos exilados na Babilônia: vivam normalmente, voltem para o Senhor de todo o coração e esperem nele para ser libertos (Jr 29:4-14). Deus havia prometido um futuro para a nação, pois os judeus tinham um trabalho importante a fazer.

O capitão preocupado (vv. 13-16). Joanã começou como um líder corajoso, porém mais tarde levou o povo a se desviar. Não sabemos como ele e seus companheiros souberam do plano de Ismael para assassinar Gedalias, mas a informação certamente era verdadeira. Se Gedalias os tivesse ouvido, sua vida poderia ter sido poupadada.

Por que Ismael queria matar o governador? O fato de ter sido contratado pelo rei dos amonitas (Jr 40:14) indica que ele estava ganhando dinheiro, mas havia muitos outros fatores em jogo. Os amonitas haviam feito parte da “cúpula” na conferência em Jerusalém, onde as nações aliadas com Judá planejavam quebrar o jugo da Babilônia (Jr 27:1-3). Como amigo de Zedequias e do rei dos amonitas, Ismael não queria ver o povo judeu sujeitando-se a Nabucodonosor, mesmo depois de a guerra haver terminado. Era um patriota que usava seu patriotismo para promover seus próprios interesses.

É possível que o principal fator estivesse relacionado ao orgulho e às ambições

egoístas. Ismael era um descendente de Davi por meio de Elisama (Jr 41:1; 2 Sm 5:16) e, por certo, pensou que, em função de seu sangue azul, ele é quem deveria ser nomeado governante de Judá. Quem era Gedalias para tomar o lugar do rei? O modo como os babilônios trataram Zedequias, parente de Ismael, não serviu de estímulo para que ele se sujeitasse à autoridade babilônica.

Joanã queria matar Ismael, mas Gedalias recusou a oferta. O governador estava certo em não querer matá-lo, mas errou por não preparar um grupo de homens leais que pudessem guardá-lo dia e noite. Isso não apenas teria protegido sua vida como também teria mostrado a Ismael que Gedalias estava ciente do que se passava. O governador deveria ter dado ouvidos a Joanã e não ter sido tão ingênuo com relação a Ismael. “Não havendo sábia direção, cai o povo, mas na multidão de conselheiros há segurança” (Pv 11:14).

O homicida dissimulado (41:1-18). No Oriente Próximo, quando as pessoas comem juntas, estão declarando sua amizade e lealdade mútuas. Ismael, porém, usou a oportunidade como uma armadilha para matar Gedalias e seus homens. Não sabemos quantos homens estavam com o governador, mas dez dos acompanhantes de Ismael conseguiram dar cabo de todos num instante.

A essa terrível violação dos princípios de hospitalidade Ismael acrescentou a hipocrisia, ao chorar diante dos oitenta peregrinos judeus que haviam chegado à cidade para adorar e, em seguida, matar setenta deles. Sua ganância revelou-se quando poupou dez daqueles homens para descobrir onde guardavam o suprimento de comida. Era astuto, implacável e não permitia que o impedisse de conseguir o que desejava.

O ponto culminante de seus crimes foi seqüestrar os judeus indefesos que haviam restado e levá-los para a terra dos amonitas. Mas foi nesse momento que Joanã chegou para acudi-los e para livrar o remanescente em poder de Ismael, mas esse escapou. Foi uma série de tragédias que provavelmente poderiam ter sido evitadas, caso Gedalias

tivesse escutado seus amigos e agido com mais prudência.

Joanã demonstrou coragem ao resgatar os judeus, mas quando finalmente chegou ao poder, revelou sua própria falta de fé ao querer levar o remanescente para o Egito! Não se lembrou do conselho de Gedalias (Jr 40:9) nem das mensagens de Jeremias, quando ambos advertiram o povo a ficar na terra e a não ir para o Egito. Como é fácil um homem bom desviar-se quando ignora a Palavra de Deus!

3. JOANÃ: UM LÍDER HIPÓCRITA (Jr 42:1 – 43:13)

Joanã foi ousado o suficiente para pensar em matar Ismael, mas depois não teve coragem de defender aquilo que sabia ser o certo a fazer. Teve medo de confiar no Senhor e de ficar na terra de Judá, talvez por seu receio daquilo que os babilônios pudessem fazer ao descobrir que Gedalias estava morto e que Ismael havia enchido um poço de cadáveres.

O pedido insincero (42:1-6). O pedido dos líderes a Jeremias parecia sincero e espiritual, mas havia dissimulação no coração deles, inclusive no de Joanã (ver Jr 42:19-22). Já tinham decidido ir para o Egito e esperavam que Jeremias concordasse com eles. Às vezes, o povo de Deus aplica essa falsa abordagem ao discernir a vontade do Senhor. Em vez de buscar a vontade de Deus de todo o coração, há cristãos que vão de conselheiro em conselheiro pedindo opiniões e esperando encontrar alguém que concorde com aquilo que já resolveram.

A resposta divina (vv. 7-22). O Senhor deixou o povo esperando durante dez dias, possivelmente para dar tempo a cada um de sondar seu coração e de confessar seus pecados. Nesses dez dias, puderam ver que o Senhor estava tomando conta deles e que não tinham nada a temer. Isso deveria tê-los convencido da insensatez que era seu plano de fugir para o Egito.

Jeremias ofereceu-lhes uma resposta constituida de três partes. Primeiramente, deu-lhes uma promessa (vv. 7-12). Disse-lhes que, caso ficassem na terra, Deus iria edificá-los

e plantá-los (ver Jr 1:10). O profeta encorajou-os a não temer os babilônios, pois o Senhor estava com o remanescente e cuidaria deles. Era Deus quem estava no controle, não o rei da Babilônia. Chegaria o dia em que esse pequeno remanescente seria capaz de tomar posse da terra que havia perdido e de começar a desfrutar novamente uma vida normal.

A segunda parte da mensagem de Jeremias foi um aviso (Jr 42:13-18). Desde o lapso de fé de Abraão ao ir para o Egito (Gn 12:10-20), os judeus mostraram-se propensos a seguir seu exemplo. Várias vezes durante a travessia do deserto, ao passar por uma provação ou por um teste, os israelitas quiseram voltar para o Egito. Foi o que pediram em Cades-Barnéia quando se recusaram a entrar na terra prometida (Nm 13 – 14). Nos últimos dias do reino de Judá, havia um grande partido pró-Egito no governo, pois o Egito parecia ser o aliado mais próximo e mais forte.

O profeta advertiu-os para que não fossem ao Egito, onde pensavam que teriam paz, fartura e segurança. Os terrores dos quais estavam fugindo os seguiriam até o Egito e os juízos que Deus havia enviado sobre Judá durante o cerco também cairiam sobre eles na terra do Faraó. Deus sabia que Nabucodonosor entraria no Egito e castigaria a terra, o que, de fato, ocorreu em 568-567 a.C. (ver Jr 46:13-19).

Jeremias terminou sua mensagem *desmascarando o que havia no coração do povo* (vv. 19-22). Anunciou publicamente que eles tentaram enganá-lo quando prometeram obedecer às ordens de Deus (Jr 42:5, 6). Não queriam realmente que Jeremias orasse por eles nem estavam interessados em ouvir os planos de Deus; só desejavam que Deus aprovasse o que eles já haviam decidido fazer. No entanto, era uma decisão fatal, pois caso a colocassem em prática, morreriam no Egito.

Esse acontecimento nos serve de aviso para que sejamos sinceros ao buscar a vontade de Deus. Em meu ministério itinerante, várias pessoas já pediram meu conselho e, ao lhes perguntar se já haviam falado com

seu próprio pastor, a resposta que ouvi uma porção de vezes foi:

— Bem, na verdade não, mas é que ele não me conhece muito bem e não me entende.

— Mas eu conheço você menos ainda — tinha de replicar.

— É verdade, mas tenho a impressão de que entende melhor das coisas.

Bajulação!

Estou certo de que essas pessoas haviam pedido conselhos a uma porção de gente, procurando alguém que concordasse com o que já haviam decidido fazer. Quando encontrassem esse apoio, então informariam seu pastor de que “um homem de Deus” lhes havia dado um sábio conselho. É a síndrome de Joanã!

A rebelião presunçosa (43:1-7). Convenidos de que Deus estava errado e de que eles é que estavam certos, Joanã e seus amigos disseram a Jeremias que ele era um mentiroso e um falso profeta e que Deus não o havia enviado nem lhe falado. Como deve ter sido triste para Jeremias ouvir tais falsas acusações vindas de seu próprio povo, pelo qual sofreu tanto! Apesar de tudo o que havia feito por eles, Jeremias estava sendo acusado de ser um falso profeta, cujas mentiras conduziram a nação à ruína. Joanã chegou a incriminar Baruque por influenciar Jeremias, apesar de ser difícil de entender o tipo de influência que ele poderia ter exercido sobre a vida do profeta. A verdade é que precisavam de um bode expiatório.

“E entraram na terra do Egito” (Jr 43:7). Mais uma vez, o povo de Deus foi guiado pelas aparências e não pela fé.

A advertência oportuna (vv. 8-13). Esse é o último sermão prático de Jeremias. Enquanto os judeus o observavam, juntou algumas pedras grandes e colocou-as no chão em frente à casa do Faraó, em Tafnes. Então, anunciou que o trono de Nabucodonosor seria assentado sobre aquelas pedras e que o rei da Babilônia julgaria o povo. Nabucodonosor faria com os deuses e templos no Egito o mesmo que havia feito com o templo em Jerusalém. Sua vitória seria tão fácil que poderia ser comparada a um pastor

retirando piolhos de sua vestimenta! E, no entanto, estes eram exatamente os deuses que os judeus estavam dispostos a adorar no Egito, deuses fadados à destruição!

4. O REMANESCENTE JUDEU: IDÓLATRAS CONDENADOS (JR 44:1-30)

Essa é a última mensagem de Jeremias a seu povo da qual se tem registro; foi transmitida no Egito, provavelmente no ano de 580 a.C. Se foi chamado por Deus em 626 a.C., o décimo terceiro ano do reinado de Josias (Jr 1:2), então o profeta encontrava-se no mistério havia quarenta e seis anos. Não podemos deixar de admirar Jeremias por sua fidelidade, apesar de todas as provações que teve em sua vida.

Uma acusação grave (vv. 1-14). Assim que chegou ao Egito, o remanescente judeu começou a adorar os deuses e deusas locais, que não eram poucos. Jeremias lembrou-os *do que haviam visto no juízo de Deus sobre Judá* (Jr 44:2, 3). Foi por causa de sua idolatria que o Senhor destruiu a terra, a cidade de Jeremias e o templo. Em seguida, o profeta lembrou-os *do que tinham ouvido* – as mensagens dos profetas que Deus havia enviado para repreendê-los tantas vezes (vv. 4-6).

Contudo, o povo não aprendera a lição e arriscava seu futuro, ao atrair sobre si a ira de Deus, caso repetisse no Egito os mesmos pecados cometidos em Judá. Aqueles judeus haviam esquecido o passado? Não se importavam com o futuro? Não percebiam que Deus poderia julgá-los no Egito tão facilmente quanto o fizera em sua própria terra? Não é de se admirar que Deus tenha chamado os judeus de “figos ruins, que, de ruins que são, não se podem comer” (Jr 24:8). O futuro seria dos exilados na Babilônia, que um dia voltariam para sua terra e levariam adiante a missão que haviam recebido de Deus.

Um argumento absurdo (vv. 15-19). Os homens e mulheres que ouviram Jeremias tentaram defender seus pecados ao apelar para a experiência. Usaram a argumentação pragmática: “se dá certo, então deve ser certo”. Quando viviam em Judá e adoravam em segredo à rainha dos céus (Astarte ou Ishtar, deusa da fertilidade), as coisas iam bem.

Tinham muita comida e uma vida confortável. Porém, quando o rei Josias fez o povo desistir de seus ídolos, as coisas começaram a ir de mal a pior. Conclusão: era muito mais vantajoso desobedecer a Deus e adorar a falsos ídolos!

Ao que parece, eram as mulheres que conduziam as práticas idólatras e seus maridos cooperavam com elas. As mulheres faziam votos de adoração a Astarte e os *seus maridos aproavam* (vv. 24-26). De acordo com a lei judaica, se o marido aprovasse os votos de sua esposa, eles eram válidos (Nm 30). Conseqüentemente, as esposas colocavam a responsabilidade sobre os maridos, e os maridos diziam a Jeremias que não ligavam para o que ele dizia! Adorariam Astarte da mesma forma como haviam feito em Judá e, dessa maneira, garantiriam que as coisas dariam certo para eles.

Um pronunciamento terrível (vv. 20-30).

Como é triste ver que, em duas ocasiões num curto intervalo de tempo, o Senhor teve de pronunciar juízos contra seu povo pelos mesmos pecados! Jeremias lhes disse: "Confirmai, pois, perfeitamente, os vossos votos, sim, cumprí-os. Portanto, ouvi a palavra do SENHOR" (Jr 44:25, 26). Os judeus no Egito iriam morrer e somente uma parte do remanescente voltaria para sua própria terra.

Jeremias deu-lhes um sinal: o Faraó Hofra, em quem confiavam, seria entregue ao inimigo assim como o rei Zedequias havia sido entregue a Nabucodonosor. Lembre-se de que foi o Faraó Hofra quem concordou em ajudar Zedequias a rebelar-se contra os babilônios, e sua ajuda mostrou-se inútil. De acordo com os historiadores, uma parte do exército egípcio revoltou-se contra Hofra, e o general que conseguiu conter a rebelião foi proclamado rei. Ele reinou junto com Hofra, mas, três anos depois, Hofra foi executado. Então, Nabucodonosor entrou em cena, e outra profecia de Jeremias se cumpriu.

É provável que Jeremias já estivesse morto quando tudo isso aconteceu, mas será que os judeus no Egito se lembraram de suas palavras e as levaram a sério? Perceberam

que ele havia proclamado fielmente a Palavra de Deus e que suas profecias eram verdadeiras? Arrependeram-se e procuraram obedecer ao Senhor?

5. BARUQUE: UM SERVO FIEL (JR 45:1-5)

Em termos cronológicos, esse capítulo fica junto com Jeremias 36, mas foi colocado aqui para cumprir diversas funções.

Para começar, esse capítulo introduz as profecias dos capítulos 46 - 51, as quais Jeremias ditou a Baruque em 605 a.C. Observe a ênfase em Jeremias 25 sobre as profecias referentes à nação. Além disso, esse capítulo foi escrito na mesma ocasião em que o capítulo 45, ou seja, no quarto ano de Jeoacquim. A maioria das nações das quais o profeta trata nos capítulos 46 - 51 são citadas em Jeremias 25:15-26.

Em segundo lugar, Jeremias 45 nos ajuda a entender melhor quem foi Baruque. Conforme verificamos anteriormente, ele tinha um irmão que fazia parte da equipe de assistentes do rei, o qual provavelmente poderia ter-lhe garantido um bom emprego dentro do palácio. Em vez disso, Baruque escolheu servir a Jeremias e fazer a vontade de Deus. Agradecemos a Deus por tudo o que Jeremias fez, mas também devemos agradecer a Deus pela assistência de Baruque, pois ela permitiu que Jeremias fizesse seu trabalho. Moisés tinha seus setenta anciãos; Davi, seus homens valentes; Jesus tinha seus discípulos; Paulo, seus colaboradores, como Timóteo, Tito e Silas; Jeremias teve seu fiel secretário.

Nem todos são chamados para ser profetas ou apóstolos, mas todos nós podemos obedecer à vontade de Deus ao ajudar outros em suas tarefas. Baruque foi o que chamávamos hoje de "leigo". Mesmo assim, ajudou o profeta a escrever a Palavra de Deus. Em meu ministério, sou grato pelo trabalho de secretários e de assistentes fiéis que me ajudaram de muitas maneiras. Posso ter ocupado o centro do palco, porém sem a ajuda deles nos bastidores teria sido impossível fazer meu trabalho. Baruque estava disposto a ficar nos bastidores e a servir a Deus servindo a Jeremias.

Encontramos aqui uma terceira lição: mesmo o mais devoto dos servos também desanima de vez em quando. Baruque chegou a um ponto de sua vida em que sentia-se tão deprimido que desejou renunciar. "Ai de mim agora! Porque me acrescentou o SENHOR tristeza ao meu sofrimento; estou cansado do meu gemer e não acho descanso" (Jr 45:3). Talvez a perseguição a Jeremias, registrada no capítulo 26, fosse a causa de sua angústia. Talvez Baruque estivesse pensando em deixar Jeremias e procurar seu irmão em busca de um trabalho mais fácil no palácio.

No entanto, o Senhor tinha uma palavra de encorajamento para seu servo. Primeiramente, advertiu-o a não colocar suas esperanças no futuro de Judá, pois tudo seria destruído no cerco da Babilônia. Um "trabalho fácil" no governo apenas o levaria à morte ou ao exílio na Babilônia. Depois, Deus lhe deu uma palavra de certeza: sua vida seria poupadá, de modo que não

precisava temer o inimigo. Deus estava provando a Baruque a realidade de uma promessa que seria escrita séculos depois: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6:33).

Quando servimos ao Senhor e a seu povo, não queremos buscar grandes coisas para nós mesmos. O que importa é que o trabalho de Deus seja realizado e que seu grande nome seja glorificado. João Batista expressou-se de forma sucinta: "Convém que ele cresça e que eu diminua" (Jo 3:30).

A crise não "faz a pessoa"; só revela do que ela é feita. As crises que se seguiram à destruição de Jerusalém foram como o cri-sol do ourives, revelando a escória bem como o ouro puro. É uma pena que já não havia mais ouro.

Qual será nossa reação quando vier "o fogo ardente"? (1 Pe 4:12-19). Espero que, como Jó, nos mostremos feitos de ouro puro (Jó 23:10).

1. HAMMARSKJOLD, Dag. *Markings*. Nova York: Alfred A. Knopf, 1965, p. 8.

12

DEUS FALA ÀS NAÇÕES

JEREMIAS 46 – 49

Meu senhor, já vivi muito tempo e, quanto mais tempo vivo, mais provas convincentes encontro desta verdade: que Deus governa sobre os assuntos da humanidade.

(Benjamin Franklin)¹

Jeremias havia falado a seu povo por mais de quarenta anos, mas os judeus não queriam dar-lhe ouvidos. Aqui, fala às nações relacionadas de alguma forma ao povo judeu. Em sua condição de porta-voz de Deus, Jeremias estava “passando o cálice” a essas nações (Jr 25:15ss) e anunciando o que Deus havia planejado para elas. Jeremias foi constituído “profeta às nações” (Jr 1:5) e estava realizando seu ministério.

Apesar de esses nomes, lugares e acontecimento não passarem de história antiga para quase todos nós, as lições por trás desses fatos revelam-nos a mão de Deus na ascensão e queda dos governantes e nações. Nestes capítulos, Deus declara repetidamente o que ele fará, pois, como diria A. T. Pierson: “a história humana é a história de Deus”. Você também verá que Deus julgou os deuses dessas nações, assim como havia julgado os deuses do Egito antes do êxodo de Israel (Êx 12:12).

1. JUÍZO SOBRE O EGITO (JR 46:1-28)

O Faraó Neco havia derrotado Judá e executado o rei Josias em Megido, em 609 a.C. (2 Cr 35:20-27), mas Nabucodonosor derrotou Neco na famosa batalha de Carquemis, em 605 a.C., o quarto ano de Jeoacquim. Essa derrota quebrou o poder do Egito e deu à Babilônia a supremacia do Oriente Próximo.

Jeremias descreveu a batalha do ponto de vista dos egípcios (Jr 46:3-12) e, depois, descreveu a invasão babilônica ao Egito (vv. 13-26), concluindo com uma aplicação para o povo de Israel (vv. 27, 28).

A derrota vergonhosa do Egito (vv. 3-12). Jeremias apresentou uma descrição detalhada da famosa batalha de Carquemis. Falou de oficiais confiantes no preparo de suas tropas (vv. 3, 4) e viu os soldados fugirem aterrorizados diante do exército babilônio (vv. 5, 6). A expressão “há terror ao redor” já havia aparecido anteriormente (Jr 6:25; 20:3) e ainda será usada adiante (Jr 49:29).

Quando o exército egípcio aproximou-se do campo de batalha, parecia o Nilo na estação das cheias (Jr 46:8a). Os líderes militares estavam certos da vitória (v. 8b), e seus mercenários sentiam-se ansiosos por lutar (v. 9), mas o Senhor já havia determinado que o Egito perderia a batalha. “Porque este dia é o Dia do Senhor, o SENHOR dos Exércitos” (v. 10a).² Tratava-se de uma “guerra santa” na qual Deus ofereceu o Egito como sacrifício (v. 10b). As feridas do Egito eram incuráveis, e sua vergonha, inevitável (vv. 11, 12).

A invasão triunfante da Babilônia (vv. 13-26). De acordo com os historiadores, essa invasão ocorreu em 568-567 a.C. e cumpriu não apenas essa profecia, mas também o “sermão prático” que Jeremias havia escrito anteriormente (Jr 43:8-13). Mais uma vez, a princípio, o exército egípcio permaneceu firme enquanto era atacado pelos babilônios, mas logo seus homens não apenas tropeçaram, como também caíram uns sobre os outros em sua pressa de fugir (Jr 46:13-15). Seus mercenários gritaram: “Levanta-te, e voltemos ao nosso povo e à terra do nosso nascimento” (v. 16) e desertaram de seus postos.

Os soldados babilônios chamaram o Faraó Neco de “espalhafatoso”. Hoje em dia, provavelmente o chamaríamos de “papudo” ou de “falastrão”, pois suas palavras não passavam de conversa fiada.

Observe as imagens vívidas empregadas por Jeremias. O Egito era como uma novilha (v. 20). Os mercenários do exército do Faraó eram como um estouro de bezerros

cevados (v. 21) e os soldados egípcios fugiram como serpentes (v. 22) e caíram diante dos babilônios como árvores cortadas (v. 23). O exército invasor era como uma nuvem de incontáveis gafanhotos (v. 23). O Egito era como uma mulher sendo violentada e incapaz de escapar (v. 24).

A derrota do Egito foi a derrota dos deuses egípcios (v. 25). Isso não queria dizer, porém, que os deuses babilônios eram mais fortes que os egípcios, pois todos os seus deuses eram nada. Antes, significava que Jeová havia se mostrado mais forte do que qualquer outro deus do Egito ou da Babilônia e que estava no controle de toda a batalha. Nabucodonosor venceu e o Faraó Neco perdeu, pois Deus assim havia determinado. No entanto, Deus também determinou que o Egito seria restaurado (v. 26), promessa que também fez a Moabe (Jr 48:47), Amom (49:6) e Elão (v. 39).

O futuro garantido de Israel (vv. 27, 28). Ainda que não devessem estar lá, havia um grupo de judeus no Egito, e essa invasão os afetaria terrivelmente. O remanescente em Judá e os exilados na Babilônia talvez tenham recebido notícias dessa vitória e imaginado se haveria algo na terra capaz de deter Nabucodonosor. Deus havia prometido que os exilados seriam libertados da Babilônia em setenta anos, porém a Babilônia parecia mais forte do que nunca.

Não importam as notícias dos jornais: a Palavra de Deus permanece! “Eu te salverei”, prometeu o Senhor. “Darei cabo de todas as nações entre as quais te espalhei; de ti, porém, não darei cabo”³ (Jr 30:11). Em duas ocasiões, o Senhor disse “Não temas”. Por mais sombrio que seja o dia, Deus sempre dá a seu povo a luz brilhante de sua promessa (2 Pe 1:19-21).

2. JUÍZO SOBRE A FILÍSTIA (JR 47:1-7)

É bem provável que o povo filisteu fosse originário da ilha de Creta (“Caftor”; v. 4). Construíram uma nação próspera desenvolvendo sua marinha mercante, que navegava pelo Mediterrâneo e comprava produtos de diversas terras. Contudo, estavam fadados à destruição. Tiro e Sidom haviam se aliado a

Judá numa tentativa de deter Nabucodonosor (Jr 27:3).

Dessa vez, Jeremias usou a imagem de um rio subindo para descrever o exército babilônio inundando a terra (Jr 47:2). A invasão seria tão terrível que os pais fugiriam para salvar a própria vida, deixando os filhos para trás (v. 3; ver Jr 49:11). O povo ficaria como pranteadores num funeral (Jr 47:5) e perguntaria ao Senhor quando embainharia a espada de seu juízo (v. 6). No entanto, essa espada continuaria destruindo a terra até que o julgamento de Deus tivesse terminado.

3. JUÍZO SOBRE MOABE (JR 48:1-47)

Os moabitas eram descendentes de Ló (Gn 19:20-38) e, juntamente com os amonitas, inimigos dos judeus. Durante a crise com a Babilônia, porém, essas duas nações aliaram-se a Judá numa tentativa infeliz de derrotar Nabucodonosor (Jr 27:3). Este capítulo cita mais de vinte lugares – alguns deles impossíveis de identificar com certeza – numa lista que mostra como Deus pode ser detalhista quando deseja predizer acontecimentos futuros.⁴

Em 582 a.C., o exército de Nabucodonosor invadiu Moabe e destruiu o povo e as cidades, deixando para trás a mais absoluta desolação. Esse julgamento foi consequência do orgulho dos moabitas (Jr 48:7, 29, 30) e de seu descaso (v. 11). Estavam certos de que seu deus, Quemos, os protegeria (vv. 7, 13, 35, 46) e de que nenhum exército poderia alcançá-los em seu planalto seguro (v. 8).

A imagem nos versículos 11-13 mostra Moabe como uma nação presunçosa, sentindo-se muito segura, como vinho envelhecendo num jarro e ficando cada vez mais saboroso. Em função de seu conforto e auto-suficiência, os moabitas não estavam preparados para o que ocorreu. Os babilônios esvaziaram o vinho de todas as vasilhas e depois as quebraram! (ver o v. 38 para outra imagem de uma vasilha quebrada). Em vez de assentar-se em seu trono montanhoso, a nação desceria até a terra seca (vv. 17, 18). O chifre (“poder”) e o braço são símbolos de

força (v. 25), porém o chifre de Moabe foi cortado, e seu braço, quebrado. Não tinha força alguma.

A imagem do vinho é retomada nos versículos 26 e 27: A nação estava embriagada do cálice que Deus lhe deu (Jr 25:15, 16, 27-29) e, como um bêbado, vomitava e se revirava em seu próprio vômito, uma representação nada agradável. Então, a imagem muda para a de uma pomba que se esconde numa caverna, pensando no que acontecerá em seguida (Jr 48:28). Os babilônios são representados como uma águia mergulhando sobre sua presa (v. 40; ver Dt 28:49; Ez 17:3); uma pomba não é páreo para uma águia.

O mais impressionante é ver Jeremias chorando sobre a queda de Moabe (Jr 48:31) e se lamentando como um flautista num funeral (vv. 36-38). Sem dúvida, sua aflição é prova da compaixão que Deus tem por aqueles que são destruídos por causa de seus pecados contra o Senhor. Deus “não tem prazer na morte do ímpio” (Ez 18:32; ver 18:23; 33:11) e faz todo o possível para chamá-los ao arrependimento antes que venha o juízo.

Não há como escapar (vv. 44-46; ver Am 5:19). Fujam do exército e cairão num buraco. Fujam do buraco e cairão numa armadilha. Escapem da armadilha e serão tragados pelo fogo. Escapem do fogo e serão capturados e levados para a Babilônia. Pecadores precisam encarar o fato de que não há onde se esconder quando Deus começa a julgar (Ap 20:11-15). Para os pecadores perdidos de hoje em dia, sua única esperança é crer em Jesus Cristo, que morreu pelos pecados do mundo. Precisam buscar abrigo em Cristo (Hb 6:18) – o único refúgio para sua alma.

Depois de escrever um longo capítulo sobre o juízo, Jeremias termina com uma promessa: “Contudo, mudarei a sorte de Moabe, nos últimos dias, diz o SENHOR” (Jr 48:47). Essa declaração refere-se ao reino vindouro, quando Jesus Cristo governará.

4. SENTENÇA CONTRA AMOM (JR 49:1-6)

Assim como os moabitas, os amonitas haviam se originado da união incestuosa de

Ló com uma de suas filhas (Gn 19:20-38) e eram inimigos dos judeus.

A primeira acusação de Jeremias é que os amonitas se mudaram para o território de Israel quando a Assíria invadiu o reino do Norte, em 722 a.C. Os amonitas tomaram Gade e outras cidades, como se os judeus não fossem voltar nunca mais. Os amonitas vangloriavam-se de que seu deus era mais poderoso do que o Deus de Israel, mas um dia Israel “herdará” o que os amonitas tomaram dos judeus (Jr 49:2).

Os amonitas também se orgulhavam de que seu vale fértil era protegido de três lados por montanhas (v. 4), mas isso não impediria a invasão. Deus havia decretado o julgamento contra o povo orgulhoso de Amom, e nenhuma das coisas em que confiavam poderia livrá-los da invasão.

No entanto, vemos novamente a bondade e a misericórdia do Senhor ao prometer a restauração da prosperidade dos amonitas, quando Deus restaurar a sorte de Israel e de Judá no reino vindouro. Essa restauração não será em função de qualquer mérito dos amonitas, mas acontecerá, porque compartilharão da glória que Israel experimentará quando o Rei Jesus sentar-se no trono de Davi. “A salvação vem dos judeus” (Jo 4:22).

5. JUÍZO SOBRE EDOM (JR 49:7-22)

Os edomitas eram descendentes do irmão mais velho de Jacó, Esaú, a quem Deus preferiu, dando as bênçãos a Jacó (Gn 25:19-34; ver Gn 36). Os edomitas não tinham um relacionamento amigável com os judeus, mas um inimigo comum, a Babilônia, fez com que Edom participasse da “cúpula” que se reuniu em Jerusalém nos dias de Zedequias (Jr 27:3).

É interessante ler as profecias de Obadias e ver como há uma grande concordância entre os dois profetas. Uma vez que não sabemos quando o Livro de Obadias foi escrito, não se sabe ao certo se Jeremias lançou mão das profecias de Obadias ou se foi o contrário. Os profetas faziam citações uns dos outros ocasionalmente, mostrando que o mesmo Deus era o autor de suas

mensagens. Além disso, há vários paralelos entre Isaías e Jeremias.

O julgamento de Edom seria como uma colheita em que não seria deixada coisa alguma para os respigadores (Jr 49:9, 10; Lv 19:10; Dt 24:21). Deus faria um trabalho completo de uma só vez. Assim como as outras nações, Edom teria de beber do cálice (Jr 49:12) por causa de seu orgulho e rebulião contra o Senhor (v. 16). Os edomitas acreditavam ser invencíveis, com suas cidades nas rochas, como Petra (vv. 16-18), mas seriam destruídos da mesma forma que Sodoma e Gomorra, as cidade da planície (Gn 19).

Nabucodonosor atacaria Edom como um leão saindo da floresta próxima ao rio Jordão e não pouparia o rebanho (Jr 49:19-21). Viria como uma águia e causaria terror aos edomitas de tal forma que agonizariam feito uma mulher com dores de parto (v. 22; ver Jr 48:40, 41). O povo de Edom era conhecido por sua grande sabedoria (Jr 49:7; Jó 2:11), mas não seria capaz de formular nenhum plano que pudesse salvá-los da invasão babilônica.

Em meio a sua ira, o Senhor se lembra de sua misericórdia (Hc 3:2) e mostra compaixão pelas viúvas e pelos órfãos (Jr 49:11; ver Ex 22:21-24; 23:9; Lv 19:33; Dt 10:18; 27:19). Mas, como sempre, o orgulho de Edom seria a causa de sua humilhação.

6. JUÍZO SOBRE A SÍRIA [DAMASCO] (JR 49:23-27)

O profeta Isaías condenou Damasco, a capital da Síria (Is 17). Amós acusou os sírios de tratar o povo de Gileade com trilhos de ferro, como grãos no chão da eira (Am 1:3-5). Deus os julgaria por seus atos desumanos e brutais contra seu povo.

De acordo com Jeremias, ao ouvir as notícias da aproximação do exército babilônio, o povo de Damasco ficaria tão perturbado quanto o mar agitado, tão fraco e trêmulo quanto um enfermo, e cheio de dores como a mulher em trabalho de parto (Jr 49:23, 24). Os sírios abandonariam as cidades de seus antepassados e tentariam escapar, mas seus melhores jovens seriam

mortos nas ruas, e suas fortalezas seriam incendiadas e destruídas.

Trata-se de uma mensagem curta, porém forte. Quanta coisa Deus precisa dizer para convencer as pessoas de que sua ira está prestes a ser derramada sobre elas?

7. JUÍZO CONTRA QUEDAR E HAZOR (JR 49:28-33)

Esses dois povos habitavam no deserto. Quedar era parente de Ismael (Gn 25:23). Não sabemos ao certo a origem do povo de Hazor, que não deve ser confundido com a cidade de mesmo nome no Norte da Palestina (Js 11).

Essas duas nações árabes e nômades viviam da criação de ovelhas e de camelos. No entanto, perderam tudo quando foram atacados por Nabucodonosor em 599-598 a.C. A expressão “horror por toda parte” (Jr 49:29; ver 20:3) aparece novamente. Essas duas nações eram culpadas de viver despreocupadamente, isolando-se dos outros e manifestando orgulho e autoconfiança arrogantes (Jr 49:31). Não precisavam de Deus nem da ajuda de qualquer outra pessoa! Quando Nabucodonosor chegou, descobriram sua insensatez.

8. JUÍZO SOBRE ELÃO (JR 49:34-39)

Os elamitas eram um povo semita vizinho dos babilônios (são mencionados nesse parágrafo e também em Gn 14:1; Is 11:11; 21:2; 22:6; Jr 25:25; Ez 32:24; Dn 8:2). Seu território ficava além do rio Tigre, do outro lado da Babilônia, e acabou tornando-se parte do império medo-persa. Deus deu essa profecia a Jeremias em 597 a.C., durante o reinado de Zedequias.

Tendo em vista que os soldados elamitas eram conhecidos por sua arte de manusear o arco e flecha, Deus prometeu quebrar seus arcos (Jr 49:35). Ele comparou o exército babilônio com uma tempestade que não apenas sopraría de todas as direções, como também dispersaria o povo em todas as direções (v. 36). Quando uma nação era derrotada, o vitorioso colocava o trono de seu rei nas portas da cidade (Jr 1:15; 39:3; 43:8-13), e foi o que Deus prometeu fazer em

Elão (Jr 49:38). O Senhor mostraria aos elamitas que ele era o Rei.

Deus terminou esses juízos com uma promessa de misericórdia. Não se sabe por que decidiu restaurar o Egito, Moabe, Amom e Elão, mas esses povos compartilharão do reino vindouro pela graça do Senhor.

Ao estudar esses capítulos, talvez você se canse de ler sempre a mesma mensagem: o juízo está próximo e não há como escapar. Existe certa uniformidade no que Deus diz sobre essas nove nações e, se não tivermos cuidado, essa uniformidade pode gerar comodidade e nos tornar insensíveis à mensagem de Deus.

No entanto, não se esqueça de que essas profecias foram escritas sobre homens, mulheres e crianças de verdade, e o que Jeremias escreveu se cumpriu. Civilizações inteiras foram exterminadas por causa de seus pecados e, no devido tempo, até a Babilônia foi destruída. Isso significa que multidões morreram e foram para uma eternidade de trevas.

Deus vê o que as nações estão fazendo, e ele retribui com justiça. A declaração do rei Ezequias sobre o Senhor precisa ser enfatizada nos dias hoje: “Ó SENHOR dos Exércitos, Deus de Israel, que está entronizado

acima dos querubins, tu somente és o Deus de todos os reinos da terra; tu fizeste os céus e a terra” (Is 37:16). Josué chamou Deus de “Senhor de toda a terra” (Js 3:11), e tanto Jesus quanto Paulo chamaram-no de “Senhor do céu e da terra” (Lc 10:21; At 17:24).

Em momento algum, Deus deu a lei de Moisés para as nações às quais Jeremias se dirigiu, mas ainda assim exigiu que prestassem contas dos pecados que cometiam contra ele e contra a humanidade. Por causa do testemunho da criação a seu redor e de sua consciência interior, eram indesculpáveis (Rm 1:17-32, principalmente v. 20) e culpados diante de Deus.

Na história recente, o comportamento das nações não tem sido nem um pouco melhor do que aquilo que vemos em Jeremias 46 – 49. Sangue inocente é derramado legalmente, enquanto milhões de bebês são abortados. O terrorismo internacional, o genocídio, a exploração de pessoas e recursos naturais, guerra, crimes, abuso de crianças e mais uma porção de outros pecados mancham de sangue as mãos das nações. O que farão quando o Juiz se zangar e começar a vingar os inocentes?

“Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10:31).

1. Citado em BOWEN, Catherine Drinker. *Miracle at Philadelphia*. Boston: Lime, Brown and Company, 1966, p. 126. Os itálicos estão no original.
2. A frase “Porque este dia é o Dia do Senhor” (Jr 46:10) não deve ser interpretada como sendo o mesmo Dia do Senhor que virá no final dos tempos. A batalha descrita por Jeremias ocorreu em 605 a.C. e é conhecida como batalha de Carquemis, pois aconteceu perto de uma cidade de mesmo nome próxima ao rio Eufrates.
3. A expressão “não darei cabo” também pode ser encontrada, com alguma variação, como “não destruirei de todo”, em Jeremias 4:27; 5:10, 18; 30:11 e Ezequiel 11:13. Deus sabe quanta disciplina dar a seu povo e nunca erra. Fica com os olhos no relógio e a mão no termostato.
4. Madmém, em Jeremias 48:2, é o nome de uma cidade moabita.

A BABILÔNIA CAIU!

JEREMIAS 50 – 51

Afinal de contas, somos julgados mais por quanta luz rejeitamos do que por quantos pecados cometemos.

(Vance Havner)¹

Depois de declarar o destino das nações gentias (Jr 46 – 49), o profeta concentrou-se no terrível inimigo de Judá, o império da Babilônia. Jeremias dedicou 121 versículos ao futuro das nove nações e 44 à derrota e destruição de Jerusalém. Contudo, ao contar os versículos nos capítulos 50 e 51, encontramos 110 relatando a queda da Babilônia. Sem dúvida, é um assunto bem importante!

Nas Escrituras, a cidade da Babilônia contrasta com a cidade de Jerusalém – a cidade arrogante do homem em oposição à cidade santa de Deus. Em hebraico, o nome *babel* significa “porta de Deus”, mas *babel* é uma palavra tão próxima do termo *balal* (“confusão”) que é associada com a famosa torre de Babel e com a confusão das línguas humanas (Gn 11:1-9). A Babilônia foi fundada por Ninrode (Gn 10:8-10), “poderoso caçador diante de Deus” (v. 9). Alguns estudiosos interpretam essa designação como “um poderoso rebelde contra o Senhor”.² Babel/Babilônia é um símbolo da rebelião contra Deus, a cidade mundana de esplendor humano em oposição à cidade celestial que glorifica a Deus. Tudo isso encontra seu ponto culminante na Babilônia de Apocalipse 17:1 – 19:10: “Babilônia, a grande”, que simboliza o sistema contrário a Deus que controlará o mundo no final dos tempos e que, mais tarde, será destruído pelo Senhor. Há muitos paralelos entre Jeremias 50 – 51

e Apocalipse 17 – 18, e sugiro que você leia esses quatro capítulos com atenção.

Jeremias escreveu essa profecia no quarto ano do reinado de Zedequias (594-593 a.C.) e deu o rolo a Semaías, irmão de Baruke, para que este o lesse na Babilônia e, em seguida, o jogasse no Eufrates (Jr 51:59-64). Uma vez que Semaías era oficial do gabinete de Zedequias, tinha acesso àquilo que era oficialmente diplomático. Esse seria o último dos “sermões práticos” de Jeremias, realizado sem sua presença, simbolizando a completa destruição do grande império babilônio.

Jeremias 50 – 51 parece uma longa declaração combinada com um diálogo. Normalmente, é o Senhor quem fala por meio de seu profeta, mas, de vez em quando, ouvimos os judeus falando e o Senhor respondendo. Deus fala da Babilônia e para ela; também fala ao exército invasor e aos exilados de Judá. Essa declaração contém três ações: Deus declara guerra contra a Babilônia (Jr 50:1-28), convoca os exércitos (Jr 50:29 – 51:26) e anuncia a vitória (vv. 27-58).

A profecia de Jeremias sobre a Babilônia possui tanto um cumprimento imediato quanto remoto. Os medos e os persas tomaram a Babilônia em 539 a.C. (ver Dn 5), mas não destruíram a cidade. Ciro publicou um decreto autorizando o povo judeu a regressar a sua terra (Ed 1:1-4), o que foi feito em três estágios: em 538 a.C. (Ed 1 – 6), em 458 a.C. (Ed 7 – 10) e em 444 a.C. (Livro de Neemias). Foi Alexandre, o Grande, quem finalmente destruiu a Babilônia em 330 a.C., deixando em seu lugar apenas um montão de ruínas. No entanto, uma vez que a Babilônia simboliza o sistema mundial contrário a Deus, o cumprimento final dessa profecia encontra-se registrado em Apocalipse 17 – 18. Lembre-se de que, quando os profetas falavam e escreviam sobre o futuro, geralmente olhavam para “dois horizontes”, um próximo e outro distante.

1. DEUS DECLARA GUERRA CONTRA A BABILÔNIA (JR 50:1-28)

“Anunciei entre as nações” é a ordem. “Arvorai estandarte.” Deus declara guerra contra

a Babilônia e anuncia que o grande deus Bel (também chamada de Merodáque) estava prestes a sofrer uma derrota vergonhosa.

Deus declara guerra tanto à Babilônia quanto a seus deuses. A palavra traduzida por "ídolos" significa "blocos de madeira", e o termo traduzido por "imagens" significa "pelotas de estrume". O Senhor não tinha muita consideração pelos deuses deles! Os invasores viriam do Norte, assim como Nabucodonosor havia chegado do Norte para conquistar Judá (Jr 1:11-15).

Deus fala aos judeus e sobre eles (vv. 4-10). O Senhor os via como ovelhas perdidas sem pastor, um rebanho agredido tanto por seus líderes quanto por seus captores. Apesar de a aplicação imediata ser ao retorno dos exilados da Babilônia, a referência final inclui o ajuntamento de judeus nos últimos dias. Deus advertiu o povo que fugisse da Babilônia para não ser envolvido no juízo iminente (Is 48:20; Ap 18:4). O Senhor colocaria os medos e os persas contra a Babilônia e lhes daria vitória total.

Deus fala à Babilônia (vv. 11-13). Descobrimos aqui o motivo pelo qual Deus está destruindo o grande império. Em primeiro lugar, os babilônios estavam satisfeitos por ter devastado e subjugado Judá. Por certo, a Babilônia havia sido o instrumento de Deus para disciplinar seu povo, mas foram longe demais e se alegraram excessivamente com o que havia feito. Tinham se comportado como alegres bezerros na relva! Qualquer nação que amaldiçoar os judeus será amaldiçoada por Deus (Gn 12:1-3). Deus lidaria com eles da mesma forma como haviam tratado Judá (Jr 51:24, 35, 49).

Deus fala ao exército invasor (vv. 14-16). Assim como a Babilônia havia sido um instrumento nas mãos de Deus para disciplinar Judá, os invasores (Ciro com os medos e persas e, depois, Alexandre com seu exército grego) seriam as armas de Deus para derrotar a Babilônia. Deus falou aos exércitos invasores e ordenou-lhes que preparassem suas armas e que soltassem seu brado de vitória, pois ganhariam a batalha. Não se tratava de uma guerra comum, mas sim da "vingança do SENHOR" (v. 15).

Deus fala sobre os judeus (vv. 17-20).

Jeremias voltou a usar a imagem do rebanho disperso. A Assíria havia devastado Israel (o reino do Norte), e a Babilônia havia destruído Judá (o reino do Sul), mas Deus castigaria os babilônios assim como havia feito com os assírios (a Assíria foi derrotada por uma coalizão medo-babilônica em 609 a.C.). Deus levaria seu povo de volta à terra à qual pertencia, onde o rebanho poderia pastar em paz e segurança. Em seguida, o profeta olhou para os últimos dias quando Deus iria apagar os pecados de seu povo e estabelecer uma nova aliança com os judeus. Vemos, mais uma vez, os "dois horizontes" da profecia.

Deus fala aos invasores (vv. 21-27). O Senhor comandou a invasão, e suas ordens deveriam ser cumpridas ao pé da letra. A Babilônia, o "martelo" ("cetro"; Is 10:5), foi despedaçada. Caiu na armadilha de Deus e não pôde escapar às armas do Senhor. Os jovens babilônios seriam mortos como gado, pois o dia do juízo havia chegado.

O remanescente judeu fala (v. 28). Ouvimos os exilados que fugiram da cidade e que chegaram a Judá relatando a queda da Babilônia. O maior pecado dos babilônios havia sido a destruição do templo e, por essa transgressão, foram castigados com a destruição total de sua cidade.

2. DEUS REÚNE EXÉRCITOS CONTRA A BABILÔNIA (JR 50:29 – 51:26)

A primeira ordem havia sido "anunciar entre as nações", mas aqui foi "convocai contra Babilônia a multidão dos que manejam o arco" (Jr 50:29). Deus ordenou aos exércitos dos medos e persas (e depois aos gregos) que atirassem para matar e que não deixassem ninguém escapar.

Deus fala à Babilônia (50:31 – 51:4). O Senhor disse aos babilônios que estava contra eles por causa de seu orgulho (Jr 50:31-32) e da maneira como haviam feito os judeus sofrerem desnecessariamente (v. 33). Os exilados não poderiam libertar a si mesmos, mas seu Redentor Forte o faria! A oração "pleiteará a causa deles" (v. 34) refere-se a um processo no tribunal. Jeová era o

Advogado de defesa, o Juiz e o Júri e declarou os babilônios culpados.

Em seguida, o Senhor disse à Babilônia o que esperar do dia do juízo que lhes sobreviria. A primeira imagem é a de uma espada atravessando o país e cortando seu povo (vv. 35-38). A espada de Deus atacaria até mesmo as águas, fazendo-as secar (v. 38). Isso aconteceria “Porque a terra é de imagens e esculturas” (v. 38), e Deus desejava mostrar que os ídolos não eram coisa alguma. Como na destruição de Sodoma e Gomorra, nada seria poupadão. A Babilônia se transformaria num abrigo de pássaros e de animais, e a cidade nunca mais seria restaurada.

O Senhor voltou a atenção dos babilônios para o grande exército que havia chamado do Norte – um exército cruel e sem misericórdia, cuja marcha soava como o bramar do mar (v. 42). Esse relato paralisou o rei da Babilônia. Feito um leão faminto procurando por sua presa (ver Jr 49:19-21), Ciro (e depois Alexandre) atacaria a Babilônia e ninguém poderia resistir. Os servos escolhidos por Deus sempre serão bem-sucedidos. O juízo do Senhor contra a Babilônia seria como o peneirar de grãos: “A Grande Babilônia”, juntamente com seus ídolos, seria levada embora pelo vento como refugo.

Deus fala aos judeus (vv. 5-10). Deus garantiu a seu povo que não os havia abandonado (“enviuvaram”) e ordenou-lhes, pela segunda vez (Jr 50:8), que saíssem da Babilônia ao surgir a oportunidade. Quando Ciro abriu as portas para que fossem para casa, cerca de 50 mil judeus voltaram para Judá e restauraram Jerusalém e o templo. A Babilônia havia sido como um “cálice de vinho” (ver Jr 25:15) nas mãos de Deus, fazendo com que as nações agissem feito bêbados (Ap 18:3), mas o copo seria esmigalhado, e seu poder, quebrado. A oração: “Lamentai por ela” (Jr 51:8) cumpre-se em Apocalipse 18:9ss. Qualquer um que tivesse colocado suas esperanças na Babilônia ficaria completamente decepcionado. O mesmo acontece nos dias de hoje, quando alguém coloca suas esperanças neste mundo. “O mundo passa” (1 Jo 2:17).

A quem se refere o sujeito oculto “nós” em Jeremias 51:9 – aos judeus ou aos aliados dos babilônios que fugiram? Uma vez que o sujeito do versículo 10 é o povo judeu, é mais provável que os exilados estejam falando no versículo 9, pois Jeremias os havia instruído a ser bênção enquanto estivessem vivendo na Babilônia (Jr 29:4-14). Sem dúvida, muitos judeus buscaram ao Senhor, confessaram seus pecados e confiaram na promessa de libertação. Alguns deles certamente prepararam seus filhos e filhas para voltar à terra. Conheciam a verdade sobre o Deus Jeová e a compartilharam com seus captores, mas os babilônios preferiram escarnecer dos judeus em vez de ouvi-los falar de sua religião (Sl 137).

Deus fala à Babilônia (vv. 11-23). O Senhor alertou os babilônios a que pegassem suas armas, erguessem suas bandeiras e colocassem seus vigias a postos, pois a invasão estava prestes a começar. “Chegou o teu fim, a medida da tua avareza” (Jr 51:13). Os babilônios vinham tecendo sua tapeçaria luxuosa de poder e de riqueza, mas Deus a faria em pedaços e daria cabo de seus planos (v. 13).³

Os soldados inimigos atacariam os babilônios como gafanhotos e deixariam evidente a absoluta inutilidade de seus deuses. Jeremias revelou a insensatez de fazer ídolos e de adorá-los (vv. 15-19) e exaltou a grandeza do verdadeiro Deus vivo (ver Jr 10:12-16; Is 40:12-26).

Deus fala a seu general (vv. 20-24).⁴ Assim como a Assíria foi o “cetro” de Deus (Is 10:5-19), seu comandante escolhido (Ciro e depois Alexandre) seria seu “martelo” para despedaçar o poder da Babilônia. O verbo “despedaçar” é usado nove vezes nessa passagem. Pagariam à Babilônia com a mesma moeda que Nabucodonosor havia usado contra outros. Ao longo da história, vemos uma lei de compensação na obra de Deus, e o Senhor faz cumprir essa lei.

Deus fala à Babilônia (vv. 25, 26). A cidade da Babilônia ficava numa planície, mas aos olhos das nações era como uma enorme montanha destruidora que se erguera no

horizonte da história. Porém, quando Deus acabasse de julgar a Babilônia, a cidade não passaria de um vulcão extinto ("monte em chamas", Jr 51:25). Ninguém escavaría os escombros em busca de pedras para reconstruí-la, pois a cidade ficaria deserta e desolada para sempre.

3. DEUS ANUNCIA A VITÓRIA SOBRE A BABELÔNIA (JR 51:27-58)

Ao longo de toda essa profecia, Deus anuncia com freqüência a queda da Babilônia, mas, ao que parece, o encerramento dessa seção volta-se para a vitória absoluta de Deus sobre o inimigo.

Deus descreve a vitória (vv. 27-33). Os exércitos de Deus estavam preparados, os comandantes estavam prontos, e a batalha começou; mas o exército babilônio viu-se paralisado! Escoraram-se nas paredes, exaustos e sem coragem de lutar. A cidade ficou em chamas, e as barras das portas se romperam. Não havia mais como evitar que o inimigo entrasse na cidade e fizesse o mesmo que os babilônios haviam feito com Jerusalém.⁵

Os babilônios tinham um serviço postal eficiente e podiam entregar, com grande rapidez, mensagens às várias partes de seu vasto império. Jeremias descreveu os messageiros se encontrando e trocando mensagens para o rei: "os vaus estão ocupados!", "as defesas estão queimadas", "os homens de guerra estão amedrontados", "a cidade foi tomada de todos os lados" (ver vv. 31, 32). Era chegada a hora da ceifa de Deus, e a Babilônia estava no chão da eira.⁶

Deus fala aos judeus (vv. 34-50). Primeiro, os judeus lembraram o Senhor daquilo que Nabucodonosor havia feito (vv. 34, 35). Como um monstro marinho, tomara Judá como uma vasilha de comida, devorando o alimento, vomitando tudo e depois quebrando-a! Ele os havia mastigado e cuspi do fora! Os judeus queriam que o Senhor fizesse com que os babilônios pagassem por todo o sofrimento que haviam causado a eles.

A resposta de Deus foi animadora: como um advogado, aceitaria a causa de seu povo

e os vingaria (v. 36). O Senhor apresentou uma descrição vívida do que aconteceria com a Babilônia: as ruínas da cidade se tornariam habitação de pássaros e de animais, um cemitério perpétuo para o povo morto na invasão, um açougue onde as pessoas morreriam como gado, ovelhas e bodes.

O exército inimigo cobriria a Babilônia como o mar cobre a terra (Jr 51:42), mas quando a maré baixasse, revelaria um deserto. O "monstro" babilônio podia ter engolido o povo de Deus, mas o Senhor o forçaria a regurgitá-los (v. 44), e o novo rei (Ciro) permitiria que voltassem para casa. A declaração: "o muro da Babilônia caiu" (v. 44) realizou-se literalmente na invasão de Alexandre, mas "o muro veio abaixo" quando Ciro decretou que os exilados poderiam voltar para Judá e reconstruir seu templo.

Pela terceira vez, Deus ordenou a seu povo que saísse da Babilônia (v. 45; ver Jr 50:8; 51:6) e que se apressasse (Jr 51:50; ver Gn 19:16). Também lhes disse para não temerem os rumores que ouviriam sobre o que estava prestes a acontecer. Não precisariam temer os ídolos inúteis da Babilônia, que nada fariam para detê-los. O céu e a Terra entoariam cânticos de louvor quando a Babilônia caísse (Jr 51:48; Ap 18:20ss).

Os judeus falam e Deus responde (vv. 51-58). Os exilados sentiam-se envergonhados diante do mundo por causa do que os babilônios haviam feito com o templo e com Jerusalém. Se o Senhor não foi forte o bastante para proteger sua própria casa, como poderia derrotar a Babilônia? Se deixassem a Babilônia, voltariam para uma terra em ruínas e cheia de vergonha. Durante os anos do cativeiro, aqueles que haviam obedecido às instruções de Jeremias (Jr 29:4-14) provavelmente desfrutaram uma vida razoavelmente confortável. Assim, estariam trocando sua segurança por uma vida de perigo e de escassez.⁷

No entanto, Deus deixou bem claro que não haveria futuro na Babilônia, uma vez que determinara a destruição da cidade, pois "O SENHOR [é] Deus que dá a paga" (Jr 51:56). Se ficassem na Babilônia, sofreriam

o mesmo destino da cidade. Mas, se obedecessem ao Senhor e voltassem, teriam um recomeço sob as bênçãos de Deus.

É uma questão de andar pela fé e não pelas aparências, confiando na Palavra de Deus e não em nossas próprias avaliações. Os exilados viram as altas muralhas e os

enormes portas da cidade e concluíram que bastavam para repelir qualquer inimigo, mas estavam errados. Aquelas muralhas e portas seriam “abrasadas pelo fogo” quando os invasores chegassem (v. 58).

“Caiu, caiu a grande Babilônia” (Ap 14:8), e continua caída!

1. Compilado por HESTER, Dennis J. *The Vance Havner Quotebook*. Grand Rapids: Baker Book House, 1986, p. 124.
2. Alguns estudiosos hebreus relacionam o nome de Ninrode com a palavra *marad*, que significa “rebelar”. Sem dúvida, a construção da Torre de Babel foi um ato de rebelião contra o Senhor. Ninrode caçou e conquistou outros povos como um caçador faz com sua presa.
3. O rei Zedequias usou uma imagem semelhante (Is 38:12). Nossa vida é como uma tecelagem que, um dia, irá acabar, e Deus a cortará do tear.
4. Alguns comentaristas vêem o martelo como a Babilônia, porém Jeremias 51:24 parece se referir a algo ou a alguém que não é Babilônia, pois do contrário, nessa passagem, Jeremias teria usado “vós” em vez de “eles”.
5. Lembre-se de que isso não aconteceu quando Ciro tomou a Babilônia, pois seu exército entrou na cidade antes mesmo que os babilônios se dessem conta. Ele havia desviado as águas do Eufrates e entrado por baixo dos portões. Foi o exército de Alexandre, o Grande, que destruiu a Babilônia em 330 a.C.
6. Antes de os lavradores debulharem os grãos, pisavam-nos na terra para se certificarem de que era firme. É possível que esta seja a imagem desse versículo: Deus estava pisoteando a nação e preparando-se para colhê-la como trigo no campo.
7. Os judeus quiseram voltar para o Egito em várias ocasiões, pois apesar de serem escravos naquela terra, lá havia comida em abundância e segurança. É trágico quando as pessoas sacrificam a realização em troca de conforto.

POSLÚDIO

A derrota não acaba com o homem – mas a desistência sim. Um homem não está acabado quando é derrotado. Está acabado quando desiste.

(Richard M. Nixon)

Jeremias morreu em idade avançada, quando provavelmente ainda se encontrava no Egito. O local de seu sepultamento, assim como o de Moisés, é um mistério. Há muito que o corajoso profeta é apenas pó, mas as palavras que escreveu continuam conosco, pois a Palavra de Deus é eterna.

Jeremias escreveu um livro longo e difícil, e não foi possível tratar de tudo o que esse livro contém. No entanto, não podemos deixar de extrair de sua vida e ministério algumas lições claras e importantes que se aplicam a todo o povo de Deus no presente.

1. *Em tempos difíceis, precisamos ouvir a Palavra de Deus e lhe obedecer.* É evidente que podemos olhar para trás, analisar os fatos do passado com muito mais clareza e concluir que os líderes de Judá cometaram um erro absurdo quando se recusaram a ouvir o que Jeremias estava lhes dizendo. Em decorrência de seus pecados, Judá havia se metido em apuros e chamado sobre si o juízo, e pensaram ser possível negociar alguma saída, mas isso não funcionou. O que precisavam era ter fé na Palavra de Deus e obedecer à vontade dele. Se tivessem confessado seus pecados, voltado para Deus e se submetido a Nabucodonosor, teriam salvado sua vida, seu templo e sua cidade.

2. *Os verdadeiros profetas de Deus geralmente (se não sempre) são perseguidos.* Os líderes civis e religiosos de Judá preferiram

as mensagens agradáveis dos falsos profetas às palavras enérgicas do servo de Deus, pois o coração humano quer sossegar, não se arrepender. Quer paz, mas sem ter de tratar da causa fundamental da inquietação: a incredulidade.

Os judeus resistiram aos mensageiros de Deus e desafiaram a autoridade desses homens desde os tempos de Moisés até os dias dos apóstolos. É difícil citar um profeta ou apóstolo que não tenha sofrido perseguição. Se Jeremias aparecesse hoje nas Nações Unidas ou em algum parlamento ou senado e falasse como fez com os líderes de Judá, provavelmente seria expulso. No entanto, é perigoso ser um “profeta popular”, que não tem nenhum inimigo e que agrada todo mundo. “Os profetas estão quase extintos no mundo religioso de hoje”, disse Vance Havner. “A igreja moderna é uma organização ‘sem fins proféticos’.”¹

3. *O verdadeiro patriotismo não é cego para o pecado.* Nas palavras de Charles Jefferson:

Ele [Jeremias] amou seu país tão apaixonadamente que estava disposto a morrer como traidor. Amou tão intensamente sua pátria que não quis deixá-la, mesmo depois que Jerusalém estava em ruínas.²

Imagine um patriota como Jeremias ser chamado de traidor! E, no entanto, muitos líderes corajosos que ousaram desmascarar as mentiras e conamar a nação ao arrependimento têm sido julgados como traidores e insultados publicamente.

Um verdadeiro patriota cristão não é cego para os pecados do país, antes busca lidar com esses pecados de modo compassivo e realista. Tanto Jesus quanto Jeremias foram verdadeiros patriotas quando deram um diagnóstico honesto dos males da sociedade e ofereceram a solução correta. Não curaram as feridas do povo com menosprezo dizendo: “paz, paz”. Ambos reconheceram que o maior problema de uma nação não é o desemprego, a inflação ou a falta de segurança pública, mas sim o pecado. A nação

que não leva isso em conta gasta tempo e recursos tentando resolver questões que são apenas sintomas de algo mais profundo: o pecado.

4. Por vezes, os servos de Deus têm fases de dúvida e de fraqueza. Jeremias era fraco diante de Deus, mas ousado diante dos homens. Não tinha medo de dizer a Deus como se sentia e ouviu quando o Senhor lhe disse o que tinha de fazer. Apesar de, em certa ocasião, ter chegado muito perto de renunciar a seu ofício, perseverou e continuou servindo ao Senhor.

Jeremias foi o profeta do coração. Não se contentou em transmitir mensagens que apenas lidavam com questões superficiais; queria penetrar no íntimo e ver corações sendo transformados. Declarou ao povo com ousadia que viria o dia em que não se lembrariam mais da arca da aliança nem dariam pela falta dela. Na verdade, viria o dia em que fariam parte de uma nova aliança escrita em seu coração e não mais em pedaços de pedra. Era uma religião radical, mas ainda assim constituiu uma mensagem da parte de Deus.

Qualquer servo de Deus que tenta alcançar e mudar corações é um forte candidato a se tornar um sofredor e a conviver com o sentimento de fracasso. No entanto, Deus conhece nosso coração e nos sustenta.

5. O mais importante não é o sucesso, mas sim a fidelidade. Pelos padrões humanos atuais de ministério, Jeremias foi um fracasso total. Pregou às mesmas pessoas por mais de quarenta anos e, mesmo assim, apenas uns poucos creram nele e obedeceram à sua mensagem. Teve poucos amigos que ficaram a seu lado e que o encorajaram. A nação que tentou salvar da ruína havia abandonado seu Deus e mergulhado de cabeça numa calamidade. Hoje em dia, seu currículo não impressionaria o departamento pessoal da maior parte das missões e nem a maioria das igrejas à procura de um pastor.

Jeremias pode ter pensado que falhou completamente, porém Deus o viu como um servo fiel e, na verdade, é só isso o que conta. "O que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel"

(1 Co 4:2). O profeta poderia ter desistido, mas não o fez. Como V. Raymond Edman costumava dizer: "É sempre cedo demais para desistir".

6. A maior recompensa do ministério é tornar-se semelhante a Jesus Cristo. Quando Jesus perguntou a seus discípulos quem o povo pensava que ele era, disseram: "Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias ou algum dos profetas" (Mt 16:14). Que elogio seria se alguém lhe dissesse: "você se parece com Jesus Cristo!"

As semelhanças entre Jesus e Jeremias são interessantes. A abordagem que usavam ao ensinar e pregar era parecida: faziam "sermões práticos" e empregavam uma grande variedade de metáforas com elementos do cotidiano e da natureza. Os dois condenaram a religião comercial e superficial praticada no templo. Ambos foram acusados de traidores do povo e ambos sofreram fisicamente, foram presos, espancados e confinados. Ambos choraram por Jerusalém. Os dois foram rejeitados por seus familiares. Ambos sabiam o que era ser mal interpretado, sentir-se sozinho e ser rejeitado. Ambos enfatizaram a necessidade de haver fé no coração e rejeitaram os "acessórios" religiosos exteriores e inúteis.

Seria possível citar mais exemplos, mas a verdade é clara: Jeremias tornou-se semelhante a Jesus Cristo porque partilhou da "comunhão dos seus sofrimentos" (Fp 3:10). Na fornalha da vida, Jeremias foi dos forjados para "serem conformes à imagem de seu Filho [de Deus]" (Rm 8:29). É possível que Jeremias não tivesse consciência de que isso estava acontecendo com ele e, talvez, tivesse até negado caso alguém lhe dissesse, mas, de qualquer modo, a transformação estava em andamento.

7. Deus é Rei, e as nações do mundo estão sob seu controle soberano. Não há nada que possa surpreender o Senhor. Algum dia, as nações que o desafiam e que desobedecem à sua Palavra sofrerão por isso. Pessoas que dizem conhecê-lo mas que se recusam a lhe obedecer também sofrerão. Na verdade, quanto maior a luz, maior a responsabilidade. Nenhuma nação foi tão abençoada

por Deus quanto Israel, porém tais bênçãos trouxeram a disciplina, pois pecaram consciente e deliberadamente.

É uma responsabilidade séria alguém se dizer conhecedor de Deus e declarar que cumpre sua vontade. Não basta uma nação imprimir “Deus seja louvado” em suas cédulas, ter uma porção de feriados religiosos e uma população que, em sua maioria, afirma ser cristã. É a retidão – e

não a religião – que exalta uma nação. Eis o que agrada ao Senhor: que “práticas a justiça [...] ames a misericórdia [...] e andes humildemente com o teu Deus” (Mq 6:8).

O mesmo Senhor que capacitou Jeremias pode nos capacitar. O mesmo mundo que se opôs a Jeremias irá se opor a nós. É tempo de o povo de Deus ser determinado.

1. Compilado por HESTER, Dennis J. *The Vance Havner Quotebook*. Grand Rapids: Baker, 1986, p. 179.

2. JEFFERSON, Charles E. *Cardinal Ideas of Jeremiah*. Nova York: Macmillan, 1928, p. 192.

LAMENTAÇÕES

ESBOÇO

Tema-chave: Às vezes, o sofrimento vem da mão disciplinadora de Deus.

Versículos-chave: Lamentações 2:17; 3:22-25

I. A VERGONHA DE JUDÁ – 1:1-22

II. A DESTRUÇÃO DA CIDADE – 2:1-22

III. A ANGÚSTIA DO PROFETA – 3:1-66

IV. A DISCIPLINA DO SENHOR – 4:1-22

V. A DECLARAÇÃO DO REMANESCENTE JUDEU – 5:1-22

Nome. O título do livro em hebraico é a primeira palavra do texto – 'ekah –, cuja tradução é “como!” (ver 2:1 e 4:1). O título na Bíblia em português vem da Vulgata em latim, *lamentia*, “canto fúnebre”. O livro é constituído de cinco lamentos escritos por Jeremias depois que os babilônios destruíram Jerusalém em 587-586 a.C. Lamentações encontra-se na terceira parte da Bíblia hebraica, o *Megilloth* (pergaminhos), que também inclui Cantares de Salomão, Rute, Ester

e Eclesiastes. Na Bíblia em português, vem depois do Livro de Jeremias.

Autor. A tradição atribui o livro a Jeremias, o “profeta chorão”. Ao longo de seus quarenta anos de ministério, Jeremias procurou persuadir os líderes de Judá a voltarem para Deus, a fim de evitar o juízo que viria sobre toda a nação, mas eles insistiram em romper a aliança com Deus. Quando a Babilônia invadiu Judá e Jeremias suplicou aos líderes que se entregassem para que o povo, a cidade e o templo fossem poupadados, os judeus o prenderam como traidor. No entanto, as palavras do profeta mostraram-se verdadeiras, e o exército babilônio tomou a cidade e destruiu-a juntamente com o templo.

Uma evidência de que Jeremias escreveu o livro é a presença de frases semelhantes tanto em Lamentações quanto nas profecias de Jeremias. Dentre elas: “meus olhos se desfazem em águas” (1:16; 2:18; 3:48; Jr 9:1,18; 13:17; 14:17); “objeto de escárnio” (3:14; Jr 20:7); “de toda parte terrores” (2:22; Jr 6:25; 20:4, 10; 46:5; 49:5, 29); e “destruição” e “calamidade” (2:11, 13; 3:47, 48; Jr 4:6, 20; 6:1, 14; 8:11, 21). Lamentações tem as características de um texto escrito por uma testemunha ocular, e, sem dúvida, Jeremias pode ser qualificado como tal.

LAMENTAÇÕES

O tema fundamental desses cinco lamentos é a tragédia da destruição de Jerusalém, um juízo enviado por Deus, pois seu povo havia se rebelado contra ele e rejeitado suas advertências (2 Cr 36:11-21). Esse acontecimento histórico é tão importante que se encontra registrado em quatro passagens do Antigo Testamento: 2 Reis 25; 2 Crônicas 36:11-21 e Jeremias 39 e 52. Nabucodonosor e o exército babilônio invadiram Judá pela primeira vez em 605 a.C., para castigar o rei Jeoacquim que havia rompido sua aliança e se revoltado contra a Babilônia. Naquela ocasião, Daniel e seus três amigos, bem como muitos outros judeus, foram deportados para a Babilônia. O exército de Nabucodonosor voltou a Jerusalém em março de 597 a.C., quando os babilônios saquearam a cidade e deportaram mais gente. O cerco de Jerusalém, propriamente dito, começou em 15 de janeiro de 588 a.C.; em 18 de julho de 586 a.C., os babilônios penetraram os muros da cidade e, no dia 14 de agosto, a cidade foi incendiada.¹ Todos os anos, nessa data, os judeus lembram-se do acontecimento e lêem o Livro de Lamentações em voz alta em suas sinagogas.

Ao escrever este livro, Jeremias expressou sua tristeza pela destruição da cidade santa e do templo majestoso do Senhor. Para ele, era como se quarenta anos de ministério fiel tivessem sido desperdiçados, pois o povo não deu ouvidos a suas mensagens. Usando uma infinidade de símiles e de metáforas, Jeremias descreveu a situação terrível do povo e orou ao Senhor pedindo socorro e livramento. Ao mesmo tempo, questionou o Senhor sobre o que havia acontecido,

tendo plena consciência de que aquela calamidade era decorrente dos pecados do povo (Lm 1:5, 8; 5:7, 16). Havia transgredido as estipulações da aliança, sabendo muito bem quais seriam as consequências (Lv 26; Dt 28 – 30; ver 2 Rs 17:13-15; 2 Cr 36:15, 16). Jeremias os havia advertido de que, se Judá persistisse em sua rebeldia, Deus enviaria os babilônios (Jr 1:13-16; 4:5-9; 5:15; 6:22-26; 10:22; 50:41-43), e Isaías havia pregado a mesma mensagem (Is 13 – 14; 43:14ss; 47:1ss).

Fazia sentido um homem de Deus sensível como Jeremias levantar perguntas teológicas ao olhar para as ruínas da cidade santa. Onde estava Deus? Havia deixado de amar seu povo, sua casa e a cidade de Jerusalém? Enquanto Jeremias se debatia com suas dúvidas, os judeus exilados na Babilônia expressavam sentimentos semelhantes (Sl 137). Contudo, o povo de Judá confiara em três falsas esperanças: a dinastia de Davi, o templo sagrado e a ajuda do Egito. Deus havia feito uma aliança com Davi, prometendo que sua linhagem jamais teria fim e que um de seus descendentes se assentaria para sempre em seu trono (2 Sm 7). O povo judeu entendeu, com isso, que nada poderia acontecer ao trono de Davi (Lm 4:20; 5:16). A promessa dessa aliança cumpriu-se, por fim, em Jesus Cristo (Lc 1:30-33, 67-75; At 2:29-36). A casa (família) de Davi nunca se extinguiu, pois José, marido de Maria, era descendente de Davi (Lc 1:26, 27).

A segunda falsa esperança de Judá era que o SENHOR não permitiria que nada acontecesse a seu santo templo. “Não confieis em palavras falsas, dizendo: Templo do SENHOR, templo do SENHOR, templo do SENHOR é este” (Jr 7:4). A mensagem toda que Jeremias pregou no templo concentrava-se nessa falsa esperança de Judá, e o profeta repetiu parte desse discurso em Jeremias 26:1-11.

Quanto à terceira falsa esperança – a intervenção do Egito –, não passava de uma ilusão (ver Lm 4:17; 5:6 e também Is 31, Jr 37:5-7 e Ez 29:16). Abraão buscou refúgio no Egito e meteu-se em apuros (Gn 12), e durante sua jornada pelo deserto, Israel havia repetidamente desejado voltar para lá

(Êx 14:11; 16:1-3; 17:3; Nm 14:1-5). Mas sempre que Israel punha sua fé no Egito, essa nação mostrava-se um bordão de cana esmagada.

Devemos ter sempre em mente que a disciplina de Deus é uma expressão de seu amor (Hb 12:1-3), um instrumento que ele usa para conduzir seus filhos à maturidade. Um juiz castiga um criminoso a fim de preservar a lei, mas um pai disciplina um filho a fim de construir seu caráter e de assegurá-lo de seu amor.

A ALIANÇA

Judá esperava que o Senhor protegesse a dinastia real e honrasse a aliança feita com Davi, mas não queria que honrasse a aliança que havia feito com a nação antes de Israel entrar na terra prometida (Lv 26; Dt 28 – 30). O direito de Israel sobre a terra foi adquirido por meio da aliança com Abraão (Gn 12:1-3; 13:14-18), mas a posse e o usufruto dependiam de sua obediência à aliança em Levítico e Deuteronômio 28 – 30. O Senhor deixou muito claro que a obediência de Israel à aliança seria a garantia de proteção contra os inimigos, de bênçãos abundantes como fruto de seu trabalho e de alegria e paz do Senhor. Contudo, se Israel desobedecesse, o povo sofreria seguidos juízos até que, um dia, o Senhor os tiraria da terra e os levaria a um país estrangeiro. Ao estudar Lamentações, veremos exatamente os julgamentos preditos em Levítico 16 e Deuteronômio 28 – 30. O Senhor é sempre fiel a sua aliança, quer para abençoar os obedientes quer para disciplinar os desobedientes. Sua Palavra nunca falha.

OS LAMENTOS

Com exceção do capítulo 5, esses lamentos são acrósticos em que versículos sucessivos seguem a ordem do alfabeto hebraico,² como também é o caso do Salmo 119. O alfabeto hebraico tem vinte e duas letras, e os vinte e dois versículos dos capítulos 1, 2 e 4 seguem esse esquema alfabético. No capítulo 3, com sessenta e seis versículos, são dedicadas três linhas a cada letra. Apesar de o capítulo 5 ter vinte e dois versículos,

não é um acróstico. Talvez Jeremias tenha usado o esquema de acróstico como forma de facilitar a memorização dos lamentos. No texto hebraico, o versículo central de Lamentações é 3:1 e certamente expressa o tema do livro. Lamentações 3:22-39 é o cerne espiritual do livro e registra um dos maiores testemunhos de fé encontrados nas Escrituras. O conhecido hino “Tu és fiel, Senhor”, de Thomas O. Chisholm, é baseado no versículo 23. A queda de Jerusalém, a destruição do templo e o cativeiro do povo foram crises insuportáveis para os judeus, que tinham todo o direito de expressar sua tristeza. Contudo, ao mesmo tempo, Jeremias conclamou o povo a entristecer-se por seus pecados, a confessá-los e a voltar-se para o Senhor (Lm 3:37-51; cap. 5). Observe que os capítulos 1, 2 e 3 terminam com orações e que o capítulo 5 inteiro é uma oração.

JEREMIAS E JESUS

Quando Jesus perguntou a seus discípulos quem o povo dizia que ele era, uma das respostas foi “Jeremias” (Mt 16:13, 14). Os mistérios tanto de Jeremias quanto de Jesus foram rejeitados pelo povo e ambos choraram pela cidade de Jerusalém, pois sabiam que a destruição estava próxima. Ambos foram odiados sem motivo (Lm 3:52; Jo 15:25; Sl 69:4) e foram ridicularizados pelos líderes judeus (Lm 3:14; Sl 69:12). Jeremias foi rejeitado pela família (Jr 11:18-23) assim como Jesus (Jo 7:1-8). Tanto Jeremias quanto Jesus enfatizaram a “religião de coração” e não apenas o ritual; ambos ensinaram por meio de ilustrações e usaram objetos e atividades comuns para instruir o povo. Os líderes judeus rejeitaram a mensagem de Jeremias e a de Jesus; o profeta acabou sendo levado ao Egito, enquanto Jesus acabou pregado a uma cruz romana. Cada um em sua época, ambos foram considerados fracassados, mas a história provou que ambos estavam certos.

1. A DESGRAÇA DE JUDÁ (Lm 1:1-22)

A terrível situação da cidade (vv. 1-11). O povo de Judá orgulhava-se da cidade de Jerusalém, pois era sua capital e o lugar onde

ficava o santo templo (Sl 48, 84, 87, 122, 125, 137). No passado, os jebuseus controlaram o monte Sião, mas Davi e Joabe tomaram-no deles (2 Sm 5:6-10; 1 Cr 11:4-9). Apesar de ser chamada de “cidade de Davi” (1 Rs 8:1; 2 Cr 5:2), o Senhor é que foi entronizado em Sião (Sl 9:11; Is 8:18). Aquele era o “monte do SENHOR” (Is 2:3). Por esse motivo, os judeus acreditavam que sua cidade era invencível, especialmente pelo fato de abrigar o templo do Senhor. Porém, Deus preferia que sua cidade e seu templo fossem destruídos por pagãos a ver seu nome enlameado pela vida perversa de seu povo.

O retrato apresentado é o de uma bela princesa violentada, desgraçada e abandonada para lamentar sua triste condição. A cidade é chamada de “filha de Sião” (Lm 1:6; 2:1, 4, 8, 10, 13, 18), “filha de Judá” (Lm 1:15; 2:2) e “filha de Jerusalém” (Lm 2:13, 15).³ No passado, havia cuidado de uma grande família, mas agora era apenas uma viúva solitária com a qual ninguém parecia se importar (Êx 22:22-24; Dt 24:19-21; Is 1:17). Será que Deus havia se esquecido de proteger as viúvas (Dt 10:18)? Ela estava “desolada” (Lm 1: 4; “assolada”, v. 13), o mesmo termo usado para descrever Tamar depois de ter sido estuprada (2 Sm 13:20). No passado, havia sido uma princesa que recebia tributos de outras nações, mas agora se tornara uma nação vassala, forçada a entregar todos os seus tesouros (“suas mais estimadas coisas”; Lm 1:7, 10, 11).

Em vez de confiar no Senhor, Judá havia confiado em muitos “amantes” e “amigos” – as nações pagãs aliadas a ela –, mas estes a haviam abandonado, e ela se achava desamparada. Judá não apenas se voltara para outras nações em busca de socorro como também chegou a adorar a seus deuses (Jr 2:36, 37; 27:1-11; 37:5-10). A nação se “casara” com Jeová no monte Sinai, de modo que o Senhor considerava seus atos equivalentes a adultério. Havia rejeitado o Senhor, seus aliados a abandonaram e, portanto, não lhe restava consolo algum (Lm 1:2, 9, 16, 17, 21). O Senhor havia separado Israel para si, e seu povo não era “reputado entre as nações” (Nm 23:9), mas fora levado para o

cativeiro, tendo de habitar com os babilônios. Deus dera aos judeus descanso em sua própria terra (Êx 33:14; Dt 3:20; Js 1:13-15; 21:44), mas eles não teriam descanso na Babilônia (Dt 28:65). Ano após ano, os peregrinos se encaminhavam para a cidade, a fim de celebrar as grandes festas (Lv 23), mas agora as estradas estavam vazias, e não havia o que celebrar. Os sacerdotes não tinham templo, o povo não tinha alegria, e as virgens choravam, pois não havia mais homens para se casar com elas.

O povo de Judá não deveria ter se surpreendido com o que tinha acontecido à nação e à cidade, pois tanto Isaías quanto Jeremias haviam anunciado a invasão iminente do exército babilônio. Nas estipulações da aliança (Dt 28 – 30), Moisés advertira que Deus iria discipliná-los se desobedecessem. Enquanto fora fiel, Israel tinha sido a “cabeça”, a principal nação, mas então a Babilônia se tornaria a “cabeça” e Israel seria a “cauda” (Lm 1:5; Dt 28:44). O exército israelita seria derrotado (Dt 28:25), e o povo iria para o exílio (Dt 28:32). Por que Deus disciplinou Judá? Por causa da “multidão das suas prevaricações” (Lm 1:5; ver vv. 8, 9, 18-20). Há dois fatos que se destacam nesse livro: a nação havia pecado e merecia ser disciplinada, e Deus seria aquele que a disciplinaria (Lm 1:12-15, 17; 2:1-8, 17; 3:1, 37, 38, 43-45; 4:11).

Quando o inimigo penetrou os muros, os líderes fugiram como gazelas assustadas, mas foram pegos e condenados (Jr 38:14-28; 39:1-7). Se o rei Zedequias tivesse dado ouvidos a Jeremias, o povo, a cidade e o templo teriam sido salvos, mas o rei confiou em seus aliados em vez de confiar no Senhor (2 Cr 26:2). Jerusalém tornou-se imunda (Lm 1:8) e, como uma meretriz, foi vergonhosamente exposta (Lm 1:17; Jr 13:20-27). O povo continuou pecando e não pensou que seus pecados levariam à disciplina e à destruição (Dt 32:28, 29). “O salário do pecado é a morte” (Rm 6:23). O inimigo entrou nos átrios do templo (Dt 23:3) e levou os tesouros sagrados de Israel, e o povo teve de usar suas riquezas para comprar as coisas mais essenciais à sobrevivência.

A súplica da cidade por socorro e compaixão (vv. 12-19). Observe a repetição do termo “o Senhor” nessa passagem. O Senhor afligiu Jerusalém (v. 12-14a); o Senhor entregou Jerusalém nas mãos do inimigo (v. 14b); o Senhor pisou o povo sob os pés do inimigo (v. 15); o Senhor ordenou o ataque do inimigo (v. 17) e “Justo é o SENHOR” (v. 18). O profeta sabia que Deus estava no controle da história e que o exército babilônio estava a serviço do Senhor. O inimigo não mostrou misericórdia alguma quando a ira do Senhor foi derramada durante a invasão (Lm 1:12; 2:1, 3, 6, 21; 3:43; 4, 11). A ira de Deus é uma ira santa, dirigida contra o pecado. De acordo com a lei de Moisés, se a filha de um sacerdote fosse culpada de imoralidade, seria queimada até a morte (Lv 21:9). Israel era um reino de sacerdotes (Êx 19:6), mas havia traído o Senhor e se unido a ídolos.

Juntamente com a figura do fogo, Jeremias usou outras ilustrações para descrever a situação terrível do povo. Foram pegos numa rede como animais (Lm 1:13; Ez 12:13) e abandonados desfalecidos e desolados. O povo que havia sido liberto da escravidão pelo Senhor estava sob o jugo das nações estrangeiras pagãs (Lm 1:14). Tanto Jeremias (Jr 27 – 28) quanto Moisés (Dt 28:48) haviam advertido o povo sobre os jugos. O pecado sempre promete liberdade, mas traz escravidão. O povo foi esmagado e pisado como uvas num lagar (Lm 1:15; ver Ap 14:17-20). A nação estava bebendo o cálice do juízo, conforme Jeremias havia advertido (Jr 25:15ss). Sua alegria havia se transformado em pranto (Lm 1:16; 2:11; 3:48), mas ninguém se ofereceu para consolá-la nem para enxugar suas lágrimas. Jeremias havia chorado copiosamente pelos pecados de seu povo (Jr 9:1, 18, 13:17; 14:17), mas não deram ouvidos à Palavra de Deus.

Mais uma vez, os aflitos clamaram para um transeunte qualquer pedindo compaixão e socorro (Lm 1:18), mas não havia quem pudesse salvá-los. Os governantes de Judá haviam buscado a ajuda de seus aliados gentios, especialmente do Egito e da Assíria, mas seus amigos e amantes falharam e não

cumpriram suas promessas. Isaías havia lhes dito para não confiar no Egito (Is 31), e Jeremias repetira a mesma mensagem (Jr 2:18, 36). Como é triste quando o povo de Deus procura a ajuda do mundo em vez de buscar ao Senhor!

Os soldados babilônios não tiveram misericórdia dos líderes religiosos, como os sacerdotes, nem dos mais idosos, como os anciões (Lm 1:19; 2:10; 4:16; 5:12, 14). Os sacerdotes eram sustentados pelas ofertas do povo, mas já não era possível haver ofertas, e os anciões eram cuidados pelos mais jovens, que foram mortos ou deportados para a Babilônia. Tudo isso era cumprimento das advertências da aliança (Dt 28:32, 50). A comida tornou-se tão escassa que as mães mataram e comeram os próprios filhos!

A oração da cidade (vv. 20-22). Cada um dos três primeiros capítulos termina com uma oração (Lm 1:20-22; 2:20-22; 3:50-66), e o capítulo 5 inteiro é uma oração. Os aflitos haviam clamado ao Senhor: “vê, SENHOR, a minha aflição” (Lm 1:9) e aos transeuntes: “Considerai e vede se há dor igual à minha” (Lm 1:12) e em seguida oraram: “Olha, SENHOR, porque estou angustiada” (Lm 1:20). Sentiram grande tormento no corpo, mas ainda maior foi o tormento do coração, pois haviam pecado. Se deixassem a cidade, seriam mortos pela espada, mas se ficassem na cidade, morreriam de fome (ver Ez 7, especialmente v. 15). Os aliados de Judá (“amigos”, “amantes”) não apenas se recusaram a ajudá-la, como também se regozijaram quando o reino de Judá e a cidade de Jerusalém foram tomados pelos babilônios (ver Sl 35:15; Jr 48:27; 50:11).

A oração dos judeus ao Senhor era: “[traze] tu o dia que apregoaste” por meio dos profetas, o dia em que a Babilônia seria derrotada (Is 13 – 14; Jr 50 – 51). No entanto, é possível que essa oração também incluísse a promessa de Deus de que, depois de setenta anos, os judeus seriam libertos do cativeiro e poderiam regressar para reconstruir Jerusalém e o templo (Jr 25:1-14; ver Dn 9:20-27). Ao encontrar-se em dificuldades, os judeus se voltavam para a Palavra de Deus. Foi uma pena não terem dado ouvidos a ela

muito mais cedo e evitado tantos problemas! “Faze-lhes como fizeste a mim!” não é exatamente uma oração cristã, mas representa os sentimentos verdadeiros do povo (Sl 137:7-9).

2. A DESTRUÇÃO DA CIDADE (Lm 2:1-22)

O fato de o Deus de Israel permitir aos gentios, especialmente babilônios, entrarem em Jerusalém e destruírem a cidade era algo inconcebível para os judeus (ver Hc 1). Ao ignorar a aliança e depender da presença do templo e de seus objetos sagrados, especialmente da arca, os líderes e a maioria do povo haviam substituído a fé viva pela superstição morta. No entanto, não era a primeira vez que Jerusalém sofria uma invasão. Como advertência a seu povo corrompido, o Senhor havia permitido que outros inimigos invadissem a cidade e que a saqueassem: o Egito (1 Rs 14:25, 26 e 2 Rs 23:31-35), Israel, o reino do Norte (2 Rs 14:13, 14 e 2 Cr 25:22-24) e os filisteus e árabes (2 Cr 21:16, 17). Se Israel tivesse ouvido os profetas e voltado para o Senhor, teria sido poupadão da humilhação e sofrimento da destruição e deportação.

A nuvem de ira (vv. 1-9). No capítulo anterior, encontramos a palavra “furor” (Lm 1:12) apenas uma vez, mas neste capítulo a palavra “consolar” aparece somente uma vez (Lm 2:13), enquanto “ira” é usada cinco vezes (v. 1 [duas vezes], 6, 21, 22) e “furor” três vezes (vv. 2, 3, 4). No passado, a nação havia seguido uma nuvem de glória no deserto (Êx 13:21), e a glória de Deus encherá o tabernáculo (Êx 40:34) e o templo (1 Rs 8:11); mas Deus mandou uma nuvem também com sua ira. Não só enviou uma nuvem de tempestade de juízo, mas também precipitou Sião à terra como uma estrela cadente; o Senhor derribou fortalezas e muros e arrasou a nação e seus líderes (Lm 2:1-2). A expressão “Estrado de seus pés” não se refere apenas a Sião em si (Sl 99:5, 9), mas também ao templo (Sl 132:7) e à arca da aliança, o trono de Deus que se encontrava no Santo dos Santos (1 Cr 28:2).

Deus também colocou uma nuvem entre si e seu povo para que as orações dos

judeus não chegassem até ele (Lm 3:44). O Senhor havia dito a Jeremias para não orar pelo povo, pois era tão perverso que estava fora do alcance da intercessão do profeta (Jr 7:16, 11:14; 14:11). Na verdade, nem adiantava que orassem por si mesmos (Jr 11:11). Deus havia envergonhado (“rejeitou”; v. 7) seu povo e seus líderes de tal modo que era impossível ocultar a desonra de Judá. Todas as nações podiam ver o que o Senhor havia feito com seu povo e com a cidade.

No versículo 3, “toda a força” representa tudo em que Judá confiava: seu rei, seus líderes, sua cidade murada e até mesmo sua religião. A “destra” de Deus representa seu grande poder (Êx 15:6, 12; Sl 17:7; 44:3; 74:11), mas esse poder havia sido retirado. Em vez de usar sua destra para derrotar o inimigo, Deus usou-a para disciplinar seu povo (Lm 2:4). Apesar de as nações agressoras terem tomado para si todo o crédito (v. 16), era Deus quem estava “devorando” seu povo com um terrível juízo (vv. 2, 5).

Jeremias descreveu a destruição das construções, especialmente dos palácios, das fortalezas e do próprio templo (v. 5). Os babilônios trataram o templo como se fosse uma horta e não o lugar onde o Senhor habitava, mas os judeus não haviam agido de forma muito diferente. Profanaram o santuário com seu pecado e hipocrisia (Is 1), e foi isso o que levou o templo à destruição. O altar e outros objetos não estavam mais lá, os sacerdotes não se encontravam ali e ninguém mais poderia guardar os dias santos. As paredes internas da cidade e suas portas também haviam sido destruídas. Quando os judeus construíram o templo, usaram prumo para certificar-se de que estavam seguindo com precisão o projeto que receberam de Deus, mas agora o Senhor estava usando um prumo para ser igualmente preciso na destruição do templo e da cidade (Is 28:17 e Am 7:7, 8).

A síntese no versículo 9 declara que os judeus haviam perdido tudo o que lhes era precioso: as portas e os muros, os líderes, a lei e os profetas. Deus não lhes deu visões para lhes mostrar o que fazer. O Senhor havia sido bondoso demais com eles

concedendo inúmeras bênçãos (Rm 9:1-5)! No entanto, tomaram essas bençãos por certo e as perderam.

O povo aflito (vv. 10-17). Tanto os idosos (anciões) quanto as jovens (virgens), homens e mulheres, sentiram juntos o sofrimento. Em vez de assentar-se à porta com honradez e de conduzir os negócios da cidade, os anciões se assentavam no chão como se pranteassem, humilhados demais para dizer qualquer coisa. As virgens (Lm 1:4) andavam de um lado para o outro em desconsolo, os olhos fitando o chão, sabendo que jamais se casariam nem teriam filhos. Ao ver o sofrimento das crianças nas ruas, Jeremias foi consumido de agonia e chorou copiosamente (ver Lm 4:3, 6 e 10). Se o povo de Deus tivesse obedecido à aliança, não teria havido invasão alguma, e o povo teria desfrutado abundância de comida e de bebida (Dt 28:1-14; Lv 26:1-13). Contudo, a fome era tão grande que mães chegaram a matar os filhos para comê-los (Lm 4:10; Dt 28:56, 57).

O sofrimento era tão intenso que o profeta viu-se sem ter o que dizer e sem comparações para usar (Lm 2:13). Não podia consolar seu povo e nem a si mesmo. Deus teria lançado os pecados dos judeus nas profundezas do mar (Mq 7:19), mas em vez disso, a ferida deles era profunda como o mar e incurável. O que havia causado tamanho calamidade e tragédia? Os líderes espirituais haviam pregado ao povo uma mensagem falsa, e o povo havia acreditado (Lm 2:14; 4:13). Durante quarenta anos, Jeremias havia se oposto abertamente aos falsos profetas que proclamavam: “Paz, paz, quando não há paz” (Jr 6:14; 8:11). Pregavam uma mensagem aceitável, que o povo queria ouvir (Jr 5:12; 14:13-16; 27:8, 9; 28:1-17), enquanto Jeremias proclamava a verdadeira mensagem do Senhor e era rejeitado e perseguido. Jeremias comparou os falsos profetas com o charlatão (Jr 6:14; 8:11), o vento inócuo (5:13), a palha (23:28), os pastores que apascentam a si mesmos (23:1-4) e com as pessoas contaminadas que espalham uma infecção mortal (23:15).

Os falsos profetas se recusaram a expor o pecado do povo e a chamar a nação ao

arrependimento. O profeta Ezequiel, que se encontrava com os cativos na Babilônia, comparou-os àqueles que caiavam as paredes em vez de expor suas fraquezas para repará-las (Ez 13:10-16; 22:28). Contudo, até mesmo nos dias de hoje, há líderes religiosos como esses falsos profetas, pessoas que, em lugar de agradar a Deus, querem ser bem aceitas pelo grande público. Em vez de tirar sua mensagem da Palavra de Deus, inventam as próprias mensagens e levam o povo a se desviar. Jesus os descreveu como homens “disfarçados em ovelhas, mas [que] por dentro são lobos roubadores” (Mt 7:15), e Paulo usou uma linguagem parecida (At 20:28-31).

Uma das feridas mais profundas foi causada pela zombaria dos gentios que passavam pela cidade devastada (Lm 2:16, 17). Os judeus orgulhavam-se de Jerusalém chamando-a de “perfeição da formosura” (Lm 2:15; Sl 48:2; 50:2; Ez 16:14), mas agora não passava de um monte de escombros. Os gentios demonstravam seu ódio contra os judeus. “Este é o dia que esperávamos”, gritavam jubilosos, esquecendo-se de que Deus havia prometido amaldiçoar todos aqueles que amaldiçoassem seu povo (Gn 12:1-3). Tudo o que os judeus piedosos podiam dizer em resposta era: “Fez o SENHOR o que intentou; cumpriu a ameaça que pronunciou desde os dias da antiguidade” (Lm 2:17). O povo conhecia as estipulações da aliança e as havia transgredido. Estava pagando o preço de ter feito as coisas a seu modo e rejeitado os mensageiros do Senhor.

O apelo por socorro (vv. 18-22). Contudo, o povo de Deus não vive de explicações, mas sim de promessas. Sabia que era culpado por transgredir a aliança, de modo que tudo o que restava fazer era voltar-se para o Senhor e clamar a ele. A promessa de perdão e de restauração também fazia parte da aliança de Deus (Lv 26:27-29; Dt 28:53-57; 30:1-10); setenta anos depois, Deus traria o povo de volta a sua terra (Jr 25:1-14; Dn 9:1ss). Enquanto isso, tudo o que podiam fazer era clamar pela misericórdia do Senhor, cuja Palavra haviam rejeitado.

Ver as crianças sofrendo partia o coração deles, pois com freqüência demasiada são elas que mais sofrem com os pecados dos pais. Os sacerdotes e profetas pecaram e muitos deles foram mortos, mas as crianças eram inocentes e não mereciam castigo algum. O povo estava sofrendo no dia da ira de Deus, pois havia pecado no dia da graça de Deus. O Senhor levantou vários terrores contra Jerusalém, como se os estivesse convidando para um banquete. O banquete era uma figura de julgamento (ver Jr 51:39; Ez 39:17-20; Ap 19:17-21). O povo morria de fome, mas os terrores de Deus se banqueteavam do povo.

Os ouvidos de Deus estão abertos ao clamor de seu povo, mas ele não responderá até que sua mão tenha terminado de aplicar a disciplina prometida (Hb 12). “O Senhor julgará o seu povo. Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10:30-31).

3. A AFLIÇÃO DO PROFETA (Lm 3:1-66)⁴

Depois de descrever, nos primeiros dois lamentos, a situação da cidade e do povo, neste capítulo central o profeta descreve sua própria dor e aflição. As referências a Deus e ao profeta destacam-se nestes sessenta e seis versículos que constituem o núcleo do livro. Lamentações 3:1 é o versículo central do livro, e os versículos 21-39 representam o “cerne teológico” do capítulo e do livro. De 1:1 a 3:18, Jeremias descreveu a “desesperança”, mas nos versículos 19-39 concentra-se em falar na esperança que temos em Deus, qualquer que seja a situação em que nos encontramos. Jeremias fala de si mesmo, mas, ao fazê-lo, também reflete os sentimentos e a fé do remanescente piedoso dos judeus que ouviram a Palavra de Deus e que procuraram lhe obedecer.

A dor do profeta (vv. 1-18). A Babilônia foi a vara da ira de Deus sobre a nação de Judá (Is 14:3-8), mas os sofrimentos do povo e a destruição da cidade e do templo foi o que mais trouxe dor à vida de Jeremias. Esse acontecimento trágico não teriam ocorrido se as pessoas tivessem atentado para o profeta e obedecido a Deus. Jeremias proclamara fielmente a mensagem de Deus

durante quarenta anos e, no entanto, a nação havia feito ouvidos moucos. É de se admirar que Jeremias sofresse?

A vara da disciplina já era dolorosa o suficiente, mas as trevas tornavam-na ainda pior (Lm 3:2). Nas Escrituras, a escuridão é usada com freqüência como uma imagem de derrota e de desespero (Sl 107:10, 14; Is 9:2), pois sentar-se em trevas é como habitar entre os mortos (Lm 3:6). A mão de Deus estava contra ele (Sl 32:4; 82:5); como resultado de todo esse sofrimento, Jeremias parecia muito velho (Lm 3:4; ver Jó 16:8, 9). O profeta sentia-se confinado, cercado por muros e acorrentado (Lm 3:5-7).⁵ Pior ainda, quando olhava para o alto e orava, Jeremias sentia que Deus havia fechado a porta para ele (Lm 3:8; ver v. 44). Deus era como um urso e um leão, e Jeremias sentia-se despedaçado e perdido (Lm 3:10, 11). O leão era um símbolo da Babilônia (Jr 4:7; 5:6). Deus era como um inimigo, e suas flechas estavam apontadas para seu servo (Lm 3:12, 13; ver Jó 6:4; 7:20).

Uma vez que as palavras de Jeremias haviam se cumprido, seria de se pensar que o povo o respeitaria e lhe daria ouvidos, mas não foi o que aconteceu. Os judeus ridicularizaram-no e entoaram cânticos de escárnio sobre ele (Lm 3:14; ver v. 63 e Jeremias 20:7-18). Mais uma vez, Jeremias assemelhou-se ao Senhor Jesus, que também foi escarnecido pelo povo (Sl 69:12). Era de se esperar que os gentios zombassem dos judeus (Lm 1:21; 2:15), mas não que os judeus zombassem de seu próprio profeta. Jeremias comparou essa situação a provar as ervas amargas da festa de Páscoa ou a beber absinto (Lm 3:15, 19; ver Jó 16:13; 20:25; Sl 69:21). A mirra misturada com vinho era usada como anestesia para amortecer a dor, mas aquilo que Jeremias bebia só fazia piorar sua aflição. A amargura e o quebrantamento andavam juntos, pois ele se sentia como um homem com a boca cheia de dentes quebrados e de pedregulhos! Muitos pranteadores colocavam cinzas sobre a cabeça, mas ele estava completamente coberto de cinzas (Lm 3:16).

Uma palavra bem familiar ao povo judeu era *shalom*, que significa “paz, prosperidade,

saúde e bem-estar". No entanto, o profeta não experimentou *shalom* algum, pois a paz e a prosperidade estavam longe de seu povo (v. 17). No versículo 18, ele registra a profundidade de seu desespero quando clama: "já pereceu a minha glória, como também a minha esperança no SENHOR!" A glória da cidade havia desaparecido, e, junto com ela, a esperança no coração do servo sofredor de Deus. Contudo, esse clamor de desespero é o ponto crítico do lamento de Jeremias, pois, a partir de então, concentra-se no Senhor e não em si mesmo, e declara que pode ter esperança (Lm 3:21).⁶

As promessas do Senhor (vv. 19-39).

Jeremias deixou de olhar para sua própria miséria para lembrar-se da misericórdia de Deus. Continuou sentindo dor e sofrimento, mas também lembrou-se da fidelidade do Senhor, e isso lhe deu esperança (vv. 19-21). Henry L. Mencken, editor de um jornal norte-americano, em sua visão pessimista, chamou a esperança de "crença patológica na ocorrência do impossível", mas nenhum verdadeiro filho de Deus poderia aceitar tal definição. A. W. Tozer disse bem quando chamou a esperança de "alquimia divina que transforma o metal ignóbil da adversidade em ouro" (ver 1 Pe 1:6-8). A consciência da misericórdia de Deus, de sua compaixão e fidelidade fizeram a esperança nascer na alma de Jeremias, e sua reflexão sobre as dificuldades tornou-se uma confissão de fé. Pelo fato de nos amar, o Senhor nos disciplina (Hb 12:5-11), mas não nos consome; ele castiga, mas não destrói.

A incredulidade nos leva a ver Deus por meio das circunstâncias e, assim, traz consigo o desespero. A fé, porém, permite que vejamos nossas circunstâncias por meio da realidade de Deus, e isso traz consigo a esperança. Certa vez, um ouvinte de nosso programa de rádio enviou um texto que me serviu de encorajamento em mais de uma ocasião:

Olhe para si mesmo e ficará deprímidio.
Olhe para as circunstâncias e ficará angustiado.
Olhe para o Senhor e será abençoado!

Se o Senhor Deus é nossa "herança" (Sl 73:26), nosso "quinhão" (Sl 142:5), então somos fortalecidos por aquilo que não pode ser consumido nem destruído. Deus é nossa fonte eterna de força, esperança e bênção (Sl 46:1). Nossas circunstâncias mudam, bem como nossos sentimentos sobre elas, mas Deus é sempre bom, amoroso e misericordioso, e nosso Senhor nunca muda. "Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre" (Hb 13:8). Edificar a vida sobre aquilo que está sempre mudando é dar lugar à inquietação e às decepções, mas construir sobre o que é imutável e eterno é ter paz e confiança.

Ao contemplar o caráter de Deus, Jeremias percebeu que a melhor coisa que ele e seu povo poderiam fazer era esperar, paciente e silenciosamente, enquanto o Senhor trabalhava e realizava sua vontade a seu tempo (Lm 3:25-28). Não importa o modo como nos sentimos ou o que vemos, Deus é cheio de graça, é grande em sua fidelidade e é bom. Contudo, não basta apenas sentar e esperar; devemos também buscar ao Senhor e nos achegar a ele (Lm 3:25, 40). Quanto às crianças e aos jovens que sofriam, até eles poderiam aprender com aquela experiência e tornar-se homens e mulheres fortes (Lm 3:27). Jeremias já estava, então, idoso, mas foi por haver sofrido na mocidade que sabia o que dizia (Jr 1:8, 17-19; 15:10, 15-17). Suas experiências de oposição e de provação na juventude preparam-no para seu ministério.

O segredo da vitória durante tempos de dificuldade é simplesmente se submeter ao Senhor e aceitar o que "Deus pôs sobre [nós]" (Lm 3:28). "É o SENHOR; faça o que bem lhe aprouver" (1 Sm 3:18). Devemos nos prostrar com o rosto em terra diante do Senhor e nos sujeitar a ele sem murmurar, sabendo que, a seu tempo, ele nos livrará. Naquele momento de dor e de perplexidade, Jeremias apropriou-se de algumas certezas maravilhosas que podem nos animar hoje:

- O Senhor não rejeita seu povo nem se esquece dele (3:31).
- Mesmo em meio à dor, sabemos que ele nos ama (3:32).

- Deus não tem prazer em disciplinar seu povo e sente nossa dor (3:33).
- Deus vê a forma como as pessoas nos tratam (3:34-36).
- Deus está assentado no trono e tem o controle de tudo (3:37, 38).
- Se ele nos disciplina por nossos pecados, não devemos nos queixar, pois mesmo sua disciplina é prova de seu amor (3:39).

Ao escrever esta parte de nosso estudo, olho de vez em quando para uma figura na estante perto de minha mesa. É uma reprodução da pintura de Rembrandt chamada *Jeremias Lamentando a Destruição de Jerusalém*, de 1630. O quadro mostra um velho triste sentado sobre uma pedra, com uma cópia das Escrituras à sua esquerda e, atrás dele, à sua direita, uma cena de pessoas fugindo de uma cidade em chamas. Se eu não fosse cristão, essa pintura me deixaria desanimado, mas vejo nela as verdades que Jeremias compartilhou em Lamentações 3:19-39. Assim como o profeta, devemos viver um dia de cada vez e, a cada manhã, nos reabastecer da misericórdia de Deus. Não importa o que o inimigo nos diz, devemos nos lembrar de que: "Bom é o SENHOR" e de que o momento em que se encontra mais próximo de nós é quando nos disciplina.

A contrição de Judá (vv. 40-51). A expressão: "seus próprios pecados", no versículo 39, refere-se à necessidade de arrependimento pessoal e nacional. Jeremias sabia que a queda de Jerusalém era um ato de disciplina da parte da Jeová (Lm 1:8, 9, 12-15; 2:1-8; 4:6, 22) e que o propósito dessa disciplina era levar a nação à submissão e à confissão de seus pecados. Isso significava sondar seu coração, admitir suas transgressões e buscar o perdão do Senhor. A aliança prometia purificação e restauração (Dt 30), a mesma promessa encontrada na oração de Salomão na consagração do templo (2 Cr 6:36-42; 7:11-14). Deus nos disciplina para que possa nos purificar quando lhe dizemos que estamos arrependidos.

Em Esdras 9, Neemias 9 e Daniel 9, encontramos orações de confissão em nome

do povo de Israel. Também podemos ver orações semelhantes nos Salmos. A oração de Jeremias revelou um homem com um coração quebrantado que não conseguia parar de chorar sobre os pecados do povo (ver Lm 1:16; 2:11, 18, 19). Apesar de Judá não passar de "escombros e refugo" aos olhos dos gentios, o profeta sabia que os judeus ainda eram o povo escolhido de Deus, ligado a ele pela mesma aliança que transgrediram. Haviam abandonado o Senhor, mas, mesmo ao castigá-los com severidade, Deus não os deixaria. Fora longâmimo com o povo, mas os judeus se recusaram a dar ouvidos a suas advertências (2 Cr 36:11ss).

O chamado de Deus para seu povo é igualmente válido para os dias de hoje. Será que estamos ouvindo?

Os perseguidores do profeta (vv. 52-66).

Estes versículos resumem muito daquilo que encontramos nas profecias de Jeremias: sua perseguição e confinamento numa cisterna (Jr 37 – 38), os insultos e outras injúrias verbais e as intrigas para matá-lo (Jr 11:18-23, 26-28). Se o povo tivesse dado ouvidos ao servo de Deus, sua nação, cidade e templo teriam sido salvos e sua vida teria sido poupana. Jeremias encontrou amparo e salvação no Senhor, clamando a ele em seu momento de aflição. A mensagem de esperança de Deus para ele foi: "não temas" (Jr 1:8). Deus viu as injustiças cometidas contra seu servo e ouviu as mentiras sobre ele. Mas não importa o que as pessoas digam sobre nós ou façam conosco, o Senhor está do nosso lado, mesmo nos momentos de disciplina. Não abandonou seu servo, o profeta, e não irá nos abandonar.

Não nos surpreendemos de que Jeremias tenha pedido para Deus tratar de seus perseguidores da mesma forma como o estavam tratando. O profeta era servo e porta-voz do Senhor, e quem se opunha a ele rejeitava a Palavra de Deus. Não se pode rejeitar a Palavra e escapar do consequente juízo. Davi fez o mesmo tipo de oração quando passou por perseguições (Sl 28:1-4). Como cristãos, devemos orar por nossos perseguidores e lhes fazer o bem em nome de Jesus (Mt 5:10-12, 43-48). Nossa Senhor deu o maior

exemplo na forma como tratou seus inimigos (1 Pe 2:21-24), pois ele orou: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23:34).

4. A DISCIPLINA DO SENHOR (Lm 4:1-22)

Neste capítulo, Jeremias juntou várias imagens vívidas para descrever o que o povo sofreu no cerco e na queda de Jerusalém. Essas calamidades haviam sido anunciadas nas estipulações da aliança (Dt 28 – 30), de modo que os judeus não deveriam ter se admirado quando estas lhes sobrevieram.

Ouro e jóias (vv. 1, 2, 7, 8). O ouro e as jóias simbolizam os judeus, preciosos aos olhos do Senhor. As tribos de Israel eram representadas por pedras preciosas engastadas em ouro no peitoral do sumo sacerdote e também sobre seus ombros (Êx 28:6-30; 39:1-21; ver também Zc 9:16, 17 e Ml 3:6). Contudo, por causa de seu pecado, o povo de Deus havia sido depreciado e perdeu sua beleza. O inimigo tratou os filhos e as filhas preciosos de Deus como cacos de potes de barro que não serviam para outra coisa senão para ser jogados no lixo. Ninguém jamais se tornou melhor, mais atraente ou mais valioso por ter pecado.

Animais e aves (vv. 3-5, 10). Os mamíferos alimentam seus filhotes até que eles consigam cuidar de si mesmos, mas as mães de Jerusalém foram cruéis com seus filhos, pois não tinham como dar-lhes de comer. Na verdade, ocorreu justamente o contrário, pois as mães alimentaram-se deles (Lm 4:10; 2:20; ver Lv 26:29; Dt 28:53-57; Jr 19:9). Os avestruzes eram conhecidos por botar seus ovos no deserto e depois abandoná-los (Jó 39:13-18), como as mães judias estavam abandonando seus bebês. Os ricos, outrora acostumados a comer iguarias, tinham de revirar os morites de lixo para encontrar algum alimento. Aqueles que eram o povo especial de Deus estavam vivendo como animais, pois haviam dado as costas para seu Criador e Deus (Rm 1:18ss).

Inimigos (vv. 6, 9). Durante séculos, a nação de Israel havia sido objeto do amor e da graça de Deus. Ele os havia livrado do Egito, conduzido à Terra Prometida, dado

vitória sobre os inimigos e suprido generosamente todas as suas necessidades. Agora, porém, estava derramando sua ira sobre eles e sobre sua terra. O cerco foi longo e penoso, e teria sido melhor que o Senhor tivesse destruído a cidade de uma só vez, como fez com Sodoma e Gomorra (Gn 19). Os pecados de Judá eram maiores do que aqueles das cidades na planície, pois haviam visto a glória de Deus, recebido a santa lei do Senhor e feito alianças com ele. Os privilégios sempre trazem consigo responsabilidades, mas a nação se recusou a obedecer ao Senhor e foi castigada por sua rebeldia. Para o povo, teria sido melhor morrer na batalha do que definhar lentamente de fome.

Fogo (vv. 11, 12). O fogo é usado com freqüência nas Escrituras como um retrato da ira de Deus; “ardeu a sua ira [do Senhor]” (Êx 4:14; 15:7; 32:10-12; etc.) é uma imagem comum. O Senhor deixou claro no monte Sinai que era “fogo consumidor” (Dt 4:24; 5:1-5, 23-27; Hb 12:29) e não iria tolerar pecados deliberados. Os babilônios incendiaram a cidade e puseram fogo em seus muros, portas e construções, inclusive nos palácios e no templo (2 Cr 36:19). Jeremias havia advertido o povo de que o furor do Senhor sairia como fogo e arderia (Jr 4:4; 7:20; 21:12; 32:26-29; 34:1-3) e de que sua cidade seria queimada pelo exército babilônio, mas eles se recusaram a ouvir. Deus “ardeu contra Jacó como labareda de fogo que tudo consome em redor” (Lm 2:3). As outras nações e seus governantes ficaram estarrecidos diante da destruição da “cidade invencível”.

Sangue (vv. 13-16). Os judeus tinham grande respeito pelo sangue de homens e de animais. Não lhes era permitido comer o sangue com a carne (Lv 17), e o derramamento de sangue inocente contaminava a terra e deveria ser vingado (Nm 35:30-34). Os judeus tomavam muito cuidado para não ser contaminados pelos mortos, mas os pecados dos falsos profetas e dos sacerdotes desobedientes haviam profanado a terra e seu povo, e Jeremias criticara em público e com freqüência essas transgressões (Jr 5:31; 6:13-15; 14:14-18; 23:9ss). O profeta

entristeceu-se especialmente com o fato de os líderes ignorarem a lei de Deus, realizarem juízos “arranjados” e derramarem sangue inocente (Jr 2:34, 35; 7:6; 19:4; 22:1-5, 17). Alguns dos governantes perversos estavam até dispostos a derramar o sangue inocente do próprio Jeremias (Jr 26)!

Por ter rejeitado a luz da lei de Deus, o povo estava contaminado e não conseguia enxergar a verdade. Os judeus vagavam como cegos pelas ruas e gritavam como leprosos: “imundo, imundo!” (ver Lv 13:45, 46). Não apenas iriam andar sem rumo pela cidade, como também se tornariam errantes pelo mundo todo, sem ter um lugar para chamar de lar (Dt 28:65, 66).

O povo pecador tornou-se disperso, mas o Senhor prometeu ajuntá-los novamente na terra (Dt 30:1-10; Is 11:11, 12; Jr 23:3-8).

Vigias (vv. 17-19). Uma vez que não desejavam confiar no socorro do Senhor, os líderes fizeram alianças com outras nações para garantir sua ajuda na luta contra os babilônios, mas seus aliados os abandonaram. “Os que a amavam [Judá] e os seus amigos” mostraram-se infieis (Lm 1:2; Jr 2:15-17, 36, 37; 37:7; Is 30:1-7). Os falsos profetas garantiram ao povo que o socorro estava a caminho, mas os vigias nos muros procuraram em vão. De fato, o exército do Faraó Hofra ajudou o rei Ezequias, e o cerco foi interrompido temporariamente, mas Nabucodonosor derrotou Hofra e mandou-o de volta para o Egito (ver Jr 37 e Ez 30:20-26). A breve interrupção do cerco trouxe alívio bem-vindo, mas quando os babilônios voltaram para Jerusalém, as coisas ficaram piores do que antes. Quer andassem pelas ruas, quer fugissem para o deserto ou para as montanhas, era impossível escapar dos invasores. A expressão “mais ligeiros do que as aves do céu” é uma citação da aliança (Dt 28:49-52; ver Jr 4:13 e 48:40). O povo clamou: “Aproxima-se o nosso fim [...] [é] chegado o nosso fim”. O profeta Ezequiel pregou uma mensagem sobre o mesmo tema na Babilônia (Ez 7).

Fôlego e sombras (v. 20). Os falsos profetas garantiram ao povo que o Senhor jamais romperia sua aliança com Davi, de

modo que sempre haveria um de seus descendentes no trono (2 Sm 7). De acordo com a interpretação deles, isso significava que o trono e a nação permaneceriam para sempre – mas estavam errados. O rei Zedequias, filho do piedoso rei Josias, foi o último rei da linhagem de Davi até a vinda de Jesus Cristo (Lc 1:30-33, 68-79). Zedequias foi insensato, rebelou-se contra Nabucodonosor e depois tentou fugir, mas foi pego, julgado e levado para a Babilônia, onde morreu (2 Rs 24 – 25; Jr 34, 37 – 39). Os judeus consideravam o rei como seu fôlego de vida, a rocha sob cuja sombra podiam se esconder; mas ele lhes faltou em ambos os casos. Em função de sua incredulidade e rebeldia, Zedequias trouxe morte e não vida e mostrou que não podia oferecer proteção alguma.

O cálice (vv. 21, 22). Os edomitas eram vizinhos de Judá, descendentes de Esaú, irmão de Jacó, o patriarca das doze tribos de Israel. Jacó e Esaú lutaram um contra o outro desde o nascimento (Gn 25:19-34; 27), e os edomitas perpetuaram essa discórdia entre as famílias. Regozijaram-se com a destruição de Jerusalém, incentivaram os babilônios e é possível até que os tenham ajudado na conquista (Sl 83:1-8; 137:7; Ez 25:12-14; Ob). Os judeus haviam bebido do cálice amargo da ira de Deus, mas um dia esse cálice seria passado para Edom e chegaria a hora de seu juízo (Jr 25:15ss; 49:7-22; Ez 35).

5. A DECLARAÇÃO DO REMANESCENTE JUDEU (LM 5:1-22)

Este capítulo tem vinte e dois versículos, mas não é um acróstico. Trata-se de uma oração, e os pronomes encontram-se no plural, pois o profeta orou por si mesmo e pelo remanescente aflito que havia sobrevivido à invasão. Pediu ao Senhor: “lembra-te [...] considera [...] olha” (v. 1). Isso significa que o profeta e o povo queriam que o Senhor operasse em favor deles e que os livrasse de sua situação dolorosa e humilhante. Jeremias sabia que o cativeiro na Babilônia duraria setenta anos (Jr 25:1-14; Daniel 9:1ss), mas ainda assim pediu ao Senhor que tivesse misericórdia daqueles que haviam sido deixados na terra

e dos que haviam sido levados para o exílio na Babilônia.

Deus havia dado aos judeus sua terra ("herança"), sua lei, a cidade de Jerusalém e o templo. Haviam desobedecido à lei e profanado a terra, a cidade e o templo por causa de seus pecados. Assim, perderam todas essas coisas, exatamente como Deus havia advertido em sua aliança. Pessoas foram mortas e famílias foram destruídas (Lm 5:3); a economia foi arruinada (Lm 5:4, 9; ver Dt 29:11) e sua liberdade lhes foi tomada (Lm 5:5, 6, 8).

Não parecia justo Deus castigar os filhos pelos pecados dos pais (Lm 5:7; Ex 20:5 e 34:7; Nm 14:18; ver Jr 31:29 e Ez 18:2). Contudo, antes de terminar a oração, o povo confessa: "pecamos" (Lm 5:16). Por certo, os antepassados daquela geração aflita haviam, de fato, pecado contra o Senhor, mas suas transgressões contribuíram para conduzir a geração seguinte ao pecado. Deus lança sua ira sobre os pais e sobre seus filhos quando os filhos comportam-se como os pais!

Lebraram-se de que o pão era escasso (Lm 5:9) e de que a fome causou terrível definhamento, enfermidade e feiúra (Lm 5:10; Dt 28:48). Suas esposas e filhas foram violentadas pelos soldados (Lm 5:11; Dt 28:30), de modo que mesmo tendo sobrevivido, eram inaceitáveis como esposas. Os líderes de Judá foram tratados com desrespeito (Lm 5:12), e os jovens e crianças foram forçados a realizar o trabalho dos adultos (Lm 5:13). Não havia mais alegria alguma na cidade (Lm 5:14, 15). Jerusalém, a cidade que era "coroa", havia caído (Lm 16; ver 2:15), e o rei que usava a coroa estava no exílio (Lm 4:20).

O que causou todo esse sofrimento, perda e dor? O exército babilônio? O furor de Deus? Não, o pecado do povo! Vemos aqui os efeitos cegantes (Lm 5:17 e ver 4:14), escravizantes (5:5 e 8) e extenuantes do pecado (Lm 5:13). A cidade do grande Rei agora havia se transformado em lar de animais (Lm 5:18).

Contudo, o livro não termina com essa recitação das perdas trágicas do povo. Encerra

com uma confissão maravilhosa de fé e com uma confissão humilde do pecado. Ainda que o trono de Judá tivesse sido desgraçado e destruído, pela fé Jeremias e o remanescente viram o Deus vivo e imutável em seu trono nos céus, e isso os encheu de coragem (Lm 5:19; Sl 102:12). Sem dúvida, se sentiam abandonados e esquecidos (Lm 5:20; ver 2:9; 3:37-39), mas sabiam que Deus voltaria para eles se voltasse para ele (ver Lv 26:40-45 e Dt 30:1-10). Seu clamor final foi: "Converte-nos a ti, SENHOR, e seremos convertidos; renova os nossos dias...". Sem a presença e o poder de Deus na vida deles, jamais poderiam ser renovados; e não desejavam voltar aos velhos caminhos que lhes causaram tanto sofrimento. Para uma oração semelhante, ver Jeremias 14:19-22.

O versículo final parece bastante pessimista depois de uma oração tão sincera pedindo redenção e renovação. Quando os judeus lêm Lamentações publicamente nas sinagogas para lembrar a queda de Jerusalém, repetem o versículo 21 para que a leitura não termine em tom negativo. No entanto, o versículo continua lá e nos lembra do alto preço do pecado. Deus se agrada de seu povo e deseja abençoá-lo, porém, se pecarmos, ele nos disciplinará (1 Jo 1:9) e nos dará um recomeço. "Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10:31).

LIÇÕES DE VIDA

O Livro de Lamentações apresenta com muita clareza algumas lições importantes que o povo de Deus deve aprender e lembrar sempre:

1. O privilégio traz consigo responsabilidade, e ser responsável significa prestar contas.
2. Deus é longânimo, mas chega um momento em que ele deve disciplinar seu povo.
3. Quando não damos o devido valor às bênçãos concedidas pelo Senhor, ele toma essas bênçãos de nós. Desfrutar as dádivas e se esquecer do Doador é idolatria.
4. Deus é sempre fiel às estipulações de sua aliança, quer para nos abençoar quando

obedecemos, quer para nos disciplinar quando desobedecemos.

5. Quando os pais pecam, os filhos também sofrem.

6. Quando os líderes espirituais se recusam a ouvir e a obedecer à Palavra de Deus, conduzem seus seguidores ao pecado e ao julgamento.

7. É possível declarar a Palavra de Deus fielmente e nunca ver o Senhor mudar o coração dos pecadores. Jeremias foi fiel

durante quarenta anos e, ainda assim, a nação tornou-se cada vez mais perversa.

8. Jeremias era um homem de coração quebrantado que sofreu muito. No entanto, foi recompensado ao ser identificado com Jesus (Mt 16:13, 14). Seu ministério pode não ter sido “bem-sucedido” de acordo com nossos parâmetros, mas seu caráter tornou-se cada vez mais semelhante ao de Cristo, “conformes à imagem de seu Filho” (Rm 8:29).

1. Antes disso, Jerusalém havia sido invadida e saqueada pelo Egito em 926 a.C. (1 Rs 14:25, 26); pelo reino do Norte, Israel, em 790 a.C. (2 Rs 14:13, 14); pelo Egito novamente em 609 a.C. (2 Rs 23:31-35); pelos árabes e filisteus durante o reinado de Jeorão, de 849-841 a.C. (2 Cr 21:16, 17) e, mais uma vez, pelo reino de Israel por volta de 784 a.C. (2 Cr 25:22-24).
2. Nos capítulos 2, 3 e 4, a décima sexta e décima sétima letras (*ayin* e *pe*) aparecem invertidas, mas essa ordem já foi encontrada em outros exemplos de manuscritos hebraicos, de modo que não era desconhecida. Ver 2:16, 17; 3:46-51; e 4:16, 17.
3. Para nós, é um mistério que Jeremias pudesse chamar a cidade apóstata de “virgem” em 1:15 e 2:13. Uma filha virgem era uma parte muito valiosa da família e era considerada em alta estima, e os judeus haviam se contaminado fazendo aliança com nações estrangeiras e adorando a deuses pagãos. Tal é a graça de Deus! Apesar de ter disciplinado seu povo, o Senhor nunca os abandonou. Um dia, a nação será restaurada a seu marido, o Senhor (Jr 3; Os 2:14 – 3:5).
4. Lembre-se de que, no capítulo 3, Jeremias alterou o acróstico e colocou três versículos para cada letra do alfabeto. Como também fez em 2:16, 17, inverteu a ordem das letras *ayin* e *pe* em 3:46-51.
5. Os babilônios, na realidade, foram bastante gentis com Jeremias. Eles o acorrentaram com os prisioneiros por engano, mas depois o libertaram e permitiram que ficasse em Judá (Jr 40:1-6).
6. Ele chama Deus de “O SENHOR” pela primeira vez nesse capítulo, no versículo 18. Esse é Jeová, o Deus que fez a aliança e que é fiel à sua Palavra e ao seu povo.

EZEQUIEL

ESBOÇO

Tema-chave: Demonstrando reverência pelo nome e a glória de Deus.

Versículo-chave: “Para que saibais que eu sou o SENHOR” (Ez 6:7). (A declaração “eu sou o SENHOR” aparece pelo menos sessenta e cinco vezes no Livro de Ezequiel.)

I. O CHAMADO DO PROFETA – 1 – 3

1. Vendo a glória de Deus – 1
2. Ouvindo a Palavra de Deus – 2
3. Tornando-se atalaia de Deus – 3

II. A QUEDA DE JERUSALÉM – 4 – 24

1. A previsão do juízo – 4 – 7
2. A partida da glória de Deus – 8 – 11
3. Os líderes ímpios – 12 – 17
4. A defesa da justiça de Deus – 18 – 21
5. O fim da cidade – 22 – 24

III. AS NAÇÕES SÃO JULGADAS – 25 – 32

1. Amom – 25:1-7
2. Moabe – 25:8-11
3. Edom – 25:12-14
4. Filistia – 25:15-17
5. Tiro – 26:1 – 28:19
6. Sidom – 28:20-24
7. Egito – 29 – 32

IV. O FUTURO GLORIOSO DE ISRAEL – 33 – 48

1. A cidade de Jerusalém é restaurada – 33, 34
2. A terra de Israel é renovada – 35 – 36
3. A nação de Israel é ressuscitada e reunida – 37 – 39
4. O templo e o sacerdócio são restabelecidos – 40 – 48

CONTEÚDO

- | | |
|---|-----|
| 1. De sacerdote a profeta
(Ez 1 – 3)..... | 201 |
| 2. A morte de uma grande cidade
(Ez 4 – 7)..... | 210 |
| 3. A glória partiu
(Ez 8 – 11)..... | 219 |
| 4. A verdade sobre a falsidade
(Ez 12 – 14)..... | 227 |
| 5. Retratos do fracasso
(Ez 15 – 17)..... | 234 |
| 6. Deus é justo!
(Ez 18 – 21)..... | 242 |
| 7. Veja a cidade ímpia!
(Ez 22 – 24)..... | 253 |
| 8. Deus julga as nações
(Ez 25 – 28)..... | 262 |
| 9. O Egito cairá!
(Ez 29 – 32)..... | 270 |
| Interlúdio..... | 276 |
| 10. Advertências e promessas do atalaia (Ez 33 – 35)..... | 277 |
| 11. Da restauração à reunião
(Ez 36 – 37)..... | 283 |
| 12. Deus protege a nação
(Ez 38 – 39)..... | 290 |
| 13. A glória no templo
(Ez 40 – 48)..... | 295 |

DE SACERDOTE A PROFETA

EZEQUIEL 1 – 3

Assim como Jeremias (1:2), Zacarias (1:1) e João Batista (Lc 1:5ss), Ezequiel (“Deus fortalece”) foi chamado por Deus do sacerdócio para servir como profeta. Como porta-voz de Deus para os exilados judeus na terra da Babilônia, ele os repreenderia por seus pecados e exporia a idolatria deles, mas também lhes revelaria a glória futura que o Senhor havia lhes preparado. Ezequiel tinha trinta anos quando foi chamado (Ez 1:1), a idade em que um sacerdote normalmente começava o ministério (Nm 4:1-3, 23).

Teria sido muito mais fácil para Ezequiel ter permanecido no sacerdócio, pois os sacerdotes eram tidos em alta consideração pelos judeus, e um sacerdote podia ler a lei e aprender tudo o que precisava saber para realizar seu trabalho. Os profetas normalmente eram desprezados e perseguidos. Recebiam suas mensagens e ordens do Senhor de acordo com o que a ocasião exigia e nunca sabiam, ao certo, o que aconteceria depois. Era arriscado ser profeta. A maioria das pessoas não gosta de ouvir sobre seus pecados, preferindo escutar mensagens de ânimo e não de declarações de juízo.

Jeremias estava ministrando em Jerusalém havia quatro anos quando Ezequiel nasceu, em 622 a.C., mas enquanto crescia, certamente prestou atenção ao que Jeremias pregava.² É bem provável que Ezequiel e Daniel se conhecessem antes do cativeiro, apesar de não haver qualquer evidência de que tenham se encontrado na Babilônia. O ministério profético de Ezequiel foi essencial na Babilônia, pois não faltavam falsos profetas dando ao povo judeu esperanças infundadas de uma pronta

libertação (normalmente pelo Egito) e de uma volta triunfal a sua terra (Jr 5:30, 31; 27:1-11; 28:1-17). É possível que a visita do rei Zedequias à Babilônia (Jr 51:59-61) e a chegada da carta de Jeremias para os exilados (Jr 29) sejam dois acontecimentos que ocorreram no ano em que Ezequiel recebeu seu chamado. A carta de Jeremias dizia aos judeus que ficariam setenta anos na Babilônia e que, portanto, deviam assentar-se lá, criar suas famílias e orar por seus captores. Contudo, Jeremias também anunciou que, a seu tempo, a Babilônia cairia, uma mensagem que os cativos estavam mais do que ansiosos para ouvir.

A tarefa mais difícil de um profeta é mudar a mentalidade do povo. Isso significa arrancar as ervas daninhas da falsa teologia e plantar a boa semente da Palavra de Deus. Também significa derrubar as estruturas ideológicas frágeis construídas pelos falsos profetas e edificar construções duradouras sobre os sólidos fundamentos da verdade (Ez 1:10; 2 Co 10:3-6). A fim de prepará-lo para esse difícil ministério, o Senhor levou Ezequiel a participar de três experiências profundas.

1. CONTEMPLAR A GLÓRIA DO SENHOR (Ez 1)

O reino de Judá havia sofrido grandemente nas mãos dos conquistadores babilônios, e muitos judeus se perguntavam se Jeová ainda era o Deus de Abraão, Isaque e Jacó (ver Sl 74). Os judeus não eram o povo escolhido de Deus? Jeová não havia derrotado seus inimigos e lhes dado a terra prometida? Jerusalém não era sua cidade santa, e ele não habitava em seu santo templo? No entanto, o povo escolhido encontrava-se exilado numa terra pagã, sua terra prometida havia sido devastada, Jerusalém estava nas mãos do inimigo e o templo havia sido saqueado de seus preciosos tesouros. Eram tempos sombrios para os judeus, e a primeira coisa que Ezequiel precisava compreender era que, por mais desalentadoras que fossem as circunstâncias, Deus ainda estava no trono cumprindo seus propósitos divinos no mundo. A visão de Ezequiel é cheia de mistérios inexplicáveis, mas uma mensagem é

transmitida com clareza e poder: Jeová é o Senhor soberano de Israel e de todas as nações da Terra.

A tempestade (vv. 3, 4). O rio ou canal de Quebar era um afluente do rio Eufrates, ao sul da cidade de Babilônia, onde os exilados judeus reuniam-se para orar (ver At 16:13). Ezequiel menciona o rio em Ezequiel 1:1; 3:23; 10:15, 20, 22; e 43:3. Ao que parece, Ezequiel estava lá intercedendo juntamente com outros cativos quando o Senhor o chamou para seu novo ministério. Isaías adorava no templo quando Deus o chamou (Is 6), e Paulo e Barnabé participavam de um culto em Antioquia quando receberam seu chamado (At 13:1-3). Era um dia como outro qualquer quando Ezequiel foi à reunião de oração, mas o Senhor o transformou num ponto crítico da vida de seu servo. Quando andamos no caminho do serviço, nunca sabemos que diferença um dia fará.

A palavra do Senhor veio a Ezequiel na forma de uma visão, e o Senhor colocou sua mão sobre ele, separando-o para seu serviço. A oração “veio a mim a palavra do SENHOR” é usada 46 vezes e refere-se à autoridade de sua mensagem; as palavras “a mão do SENHOR” também podem ser encontradas em Ezequiel 3:14, 22; 8:1; 33:22; 37:1 e 40:1. A palavra do Senhor traz instrução, e a mão do Senhor traz capacitação (ver Ef 1:15-23). Nas Escrituras, muitas vezes a tempestade é uma figura do juízo divino (Pv 1:27; Is 66:15; Jr 4:13; 23:19; Na 1:3). O vento tempestuoso que Ezequiel viu vinha do Norte, indicando a invasão de Judá pelo exército babilônio e a destruição da terra, da cidade de Jerusalém e do templo (Jr 4:6; 6:1). Durante quarenta anos, em sua graça, Deus havia conduzido Israel por meio de uma coluna de nuvem e de fogo, mas agora uma grande nuvem de fogo trazia disciplina para seu povo desobediente. O profeta Jeremias teve uma visão parecida no começo de seu ministério (Jr 1:13-16).

Ezequiel viu luzes radiantes ao redor da nuvem e um fogo que se revolvia, como metal derretido, dentro da nuvem. Essas duas figuras lembram a santidade de Deus, pois “nossa Deus é fogo consumidor” (Êx 19:16,

18; Dt 4:24; Hb 12:29). Ao descrever essa visão, Ezequiel emprega o termo “como” pelo menos dez vezes, indicando que as figuras de sua visão eram símbolos de realidades que Deus desejava lhe revelar. Ao longo da Bíblia, o Senhor usa coisas conhecidas para ilustrar verdades espirituais indescritíveis, além do vocabulário humano.

O querubim (vv. 5-14). Em 10:15 e 20, Ezequiel identificou os seres viventes como querubins, seres celestiais mencionados pela primeira vez em Gênesis 3:24. As cortinas do tabernáculo eram bordadas com figuras de querubins (Êx 26:1), e havia dois na cobertura de ouro da arca, o propiciatório (Êx 25:18-22). Esses seres ocuparam posição de destaque no templo de Salomão (1 Rs 6:23-29; 2 Cr 3:10-13) e nas visões de João no Livro de Apocalipse (Ap 4:6-9; 5:6-14; 6:1-11; 14:3; 15:7; 19:4). Tinham corpo de ser humano, pernas retas como de boi, quatro rostos e quatro asas, com mãos humanas sob as asas. Suas asas eram dispostas de maneira tal que as criaturas não precisavam se virar: podiam voar em linha reta e mudar de direção rapidamente. Suas asas se tocavam, de modo que cada criatura encontrava-se no canto de um quadrado formado pelas asas.

É especialmente interessante observar os quatro rostos: de homem, de leão, de boi e de águia (Ez 1:10). O homem é a criatura mais elevada de Deus. O leão é a mais poderosa das feras indomadas da selva, enquanto o boi é o mais forte dos animais domésticos do campo. A águia é a mais notável das aves, usada até como figura de Deus (Dt 32:11, 12). Além disso, existe uma relação entre a aliança que Deus fez com Noé depois do dilúvio (Gn 9:8-17). Deus prometeu não destruir o mundo novamente com um dilúvio e fez essa promessa a Noé (um homem) e a seus descendentes, às aves (a águia), aos animais domésticos (o boi) e aos animais selvagens (o leão). A presença dos querubins diante do trono de Deus é a garantia de que o Senhor se lembra de suas promessas e cuida de suas criaturas. Serve, também, para nos lembrar de que toda a criação é usada pelo Senhor, a fim de abençoar

ou de disciplinar seu povo. Nessa visão, as criaturas são parte do juízo de Deus contra seu povo ímpio.

A vida dessas criaturas vinha do “espírito” (ou Espírito)³ dentro da nuvem (Ez 1:12, 20) e permitia que se movessem como raios; de fato, em seus movimentos, pareciam relâmpagos. Da primeira vez que Ezequiel viu essas criaturas, comparou-as com fogo a revolver-se e com metal brilhante (v. 4). Contudo, ao observá-las mais de perto, comparou-as com bronze polido (v. 7), carvão em brasa, tochas e relâmpagos (vv. 13, 14). Assim como o apóstolo João, descrevendo a beleza da cidade santa (Ap 21 – 22), o profeta ficou sem palavras e teve de pintar um retrato!

As rodas (vv. 15-21). Havia quatro rodas (v. 16), cada uma delas com outra roda que a cortava e cada uma associada a um dos querubins. As rodas cortadas permitiam que as criaturas e a nuvem se movessem em qualquer direção instantaneamente sem ter de virar, deslocando-se como um relâmpago. Essas rodas tinham a aparência de berilo, uma pedra semipreciosa de cor amarela ou esverdeada; eram tão altas que pareciam ir da Terra até o céu, e suas bordas eram assustadoras e cheias de olhos. O espírito dos seres viventes estava nas rodas, de modo que os seres viventes se moviam na mesma direção das rodas. Sem dúvida, foi uma visão assustadora, com rodas enormes, seres viventes, fogo que se revolvia e olhos nas bordas das rodas. Que figura impressionante da providência de Deus, sempre ativa, complexamente estruturada, nunca errada e jamais atrasada!

O firmamento (vv. 22-25). Esse espaço assustador parecia um cristal brilhante e encontrava-se sobre a cabeça dos querubins. Podemos ver o quadro todo: uma carruagem celestial com quatro rodas, movendo-se rapidamente de um lugar para o outro de acordo com o que o Senhor ordenava. Nesse movimento, o barulho das asas dos querubins era como o rugido de muitas águas se encontrando, “como a voz do Onipotente” e como o som de um exército poderoso (Ez 3:13; 10:5; Sl 46:3; Ap 1:15; 14:2; 19:6). As rodas simbolizam a onipresença de Deus,

enquanto os olhos em suas bordas sugerem a onisciência de Deus, que vê e sabe de tudo. Ezequiel estava contemplando uma representação da providência de Deus ao operar em seu mundo. Ainda falta um item.

O trono (vv. 26-28). As rodas retratam a onipresença e onisciência de Deus, e o trono representa sua autoridade onipotente. O trono era azul como safira, com lampejos de fogo vindos de dentro dele (santidade; ver Ap 15:2) e com um arco-íris a seu redor (a graça da aliança). Noé viu o arco-íris depois da tempestade (Gn 9:13-16), o apóstolo João o viu antes da tempestade (Ap 4:3), mas Ezequiel o viu sobre a tempestade e controlando-a. Em sua ira, o Senhor se lembra da misericórdia (Hc 3:2). Ezequiel percebeu que estava contemplando a glória do Senhor (Ez 1:28) e prostrou-se com o rosto em terra em grande temor (Ez 3:23; Dn 8:17; 10:9, 15, 17; Ap 1:17). É possível que o “homem” que viu sobre o trono fosse uma aparição pré-encarnada de nosso Senhor Jesus Cristo (ver Ez 8:2 e 40:3).

A glória do Senhor é um dos temas-chave em Ezequiel (3:12, 23; 8:4; 9:3; 10:4, 18, 19; 11:22, 23; 39:21; 43:2, 4, 5; 44:4). Posteriormente, o profeta veria a glória de Deus deixar o templo e pairar sobre o monte das Oliveiras; também a veria voltar para o templo do reino. Por causa dos pecados de Israel, a glória deixou o santuário, mas Deus prometeu que, um dia, a cidade de Jerusalém e o templo serão abençoados com a gloriosa presença do Senhor. A cidade será chamada de “Jeová Shamá” – “O SENHOR Está Ali” (Ez 48:35).

Agora, podemos começar a compreender a mensagem transmitida por Deus a seu profeta. Apesar de seu povo estar no exílio e de sua nação estar prestes a ser destruída, Deus ainda se encontrava no trono e no controle de todas as coisas. Em sua maravilhosa providência, ele interfere nos assuntos das nações e realiza seus designios ocultos. Os judeus não foram vítimas de uma agressão da Babilônia. Foi Deus quem permitiu que os babilônios conquistassem seu povo para discipliná-lo por sua rebeldia. Contudo, Deus também faria com que os medos e os persas

conquistassem a Babilônia, e Ciro, rei da Pérsia, permitiria que os judeus voltassem para sua terra. “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!” (Rm 11:33)

Qualquer que fosse a mensagem que Deus lhe desse para pregar ou a oposição que o povo apresentasse, Ezequiel seria encorajado e fortalecido, pois sabia que havia visto o trono poderoso de Deus em meio à provação de fogo. Havia visto a glória de Deus.

2. ACEITAR O DEVER DO SENHOR (Ez 2:1 – 3:3)

Em seguida, o profeta receberia sua comissão oficial como profeta do Senhor, e Deus lhe disse que uma tarefa muito difícil encontrava-se diante de Ezequiel. Seja criar uma família, lecionar numa classe de escola dominical, pastorear uma igreja ou evangelizar num país distante, temos de aceitar as pessoas como são antes de conduzi-las àquilo que Deus quer que sejam. Deus deu a Ezequiel quatro ordens importantes.

Põe-te em pé e ouve (2:1, 2). Como resultado de ter contemplado a visão, Ezequiel prostrou-se com o rosto em terra, completamente sobrepujado pela glória do Senhor e pela maravilha de sua obra providencial no mundo. Quem além do Senhor poderia ter um trono como uma carruagem e mover-se com a velocidade que desejassem? Quem além do Senhor poderia deslocar-se no meio de um vento tempestuoso e flamejante para cumprir seus propósitos magníficos?

Ezequiel é chamado de “filho do homem” 93 vezes em seu livro, título que o Senhor também conferiu a Daniel (Dn 8:17). “Filho do homem” também é um título messiânico (Ez 7:13) que o Senhor Jesus usou para si mesmo pelo menos 80 vezes durante seu ministério aqui na Terra. Contudo, no caso de Daniel e de Ezequiel, o título “filho do homem” enfatizava o caráter humano e mortal. Ezequiel estava prostrado com o rosto em terra quando Deus lhe falou, lembrando a seu servo e também a nós

as origens humildes do ser humano, o pó da terra (Gn 1:26; 3:19). “Pois ele conhece a nossa estrutura e sabe que somos pó” (Sl 103:14). Deus se lembra, mas por vezes nós nos esquecemos.

Há um tempo de prostrar-se em terra em adoração e há um tempo de levantar-se e de receber ordens (Js 7:6ss). A ordem da Palavra e o poder do Espírito capacitaram Ezequiel a se colocar em pé, e o Espírito entrou nele e o fortaleceu. Em várias ocasiões, ele seria levantado pelo Espírito (Ez 2:2; 3:14; 8:3; 11:1, 24; 37:1; 43:5), e este lhe daria poder especial para realizar suas tarefas (Ez 3:24; 11:5). O importante era que Ezequiel se colocasse diante do Senhor em obediência e que ouvisse sua Palavra.

Vai e fala (vv. 3-5). Os profetas não eram especialistas em predizer o futuro, apesar de isso ser parte de seu ministério. Antes de tudo, eram *proclamadores* que anunciam a Palavra de Deus ao povo. Às vezes, tinham uma mensagem de juízo normalmente seguida de uma mensagem de esperança e de perdão. Os judeus precisavam ouvir a mensagem de Ezequiel, pois eram rebeldes, arrogantes e de coração endurecido.⁴ Pelo menos 12 vezes neste livro, os judeus são descritos como “rebeldes”. Haviam se revoltado contra o Senhor e foram obstinados em sua recusa de submeter-se à vontade dele. Sua rejeição das estipulações da aliança os havia levado à derrota e à captura pelo exército babilônio. Mesmo no cativeiro, alimentavam falsas esperanças de que o Egito iria salvá-los ou de que o Senhor realizaria um grande milagre.

O povo judeu era tão rebelde que Deus os chamou de “casa rebelde” e usou o termo hebraico *goy*, normalmente reservado para os gentios! Israel era o povo escolhido de Deus, uma nação especial e, no entanto, estava se comportando como gentios que não tinham todas as bênçãos e privilégios que Deus lhes havia concedido. Não eram palavras animadoras para o jovem profeta, mas ele precisava saber de antemão que seu trabalho seria difícil. Deus deu uma mensagem parecida a Isaías quando o chamou (Is 6:8-13). Contudo, quer o povo ouvisse e

obedecesse, quer fizesse ouvidos moucos, Ezequiel devia ser fiel em sua tarefa (1 Co 4:2).

Não temas (vv. 6, 7). Três vezes no versículo 6, o Senhor admoesta o profeta a não ter medo do povo e repete essas palavras mais uma vez (Ez 3:9). Havia dado um aviso semelhante a Jeremias (Jr 1:8), e Jesus deu a mesma advertência a seus discípulos (Mt 10:26, 28, 31). “Quem, pois, és tu, para que temas o homem, que é mortal, ou o filho do homem, que não passa de erva?” (Is 51:12). Ezequiel devia proclamar a Palavra de Deus com ousadia, qualquer que fosse a reação de seus ouvintes. Seu próprio povo poderia ser como sarças e espinhos⁵, e até como escorpiões, mas isso não devia deter o servo de Deus.

Recebe a Palavra dentro de ti (2:8 – 3:3). Por ser um sacerdote, Ezequiel sabia que as Escrituras hebraicas retratavam a Palavra de Deus como um alimento a ser recebido pelo coração e digerido interiormente. Jó escondeu no seu íntimo a Palavra de Deus (Jó 23:12), e Moisés exortou o povo de Israel a viver da Palavra de Deus bem como do pão (maná) que o Senhor supria diariamente (Dt 8:3; ver Mt 4:4). O profeta Jeremias “comeu” a Palavra de Deus (Jr 15:16), assim como o apóstolo João (Ap 10:8-10). Os profetas de Deus devem falar de coração ou suas mensagens não serão autênticas.

A mão estendida entregou a Ezequiel o rolo que não continha boas notícias, pois dos dois lados “estavam escritas lamentações, suspiros e ais” (Ez 2:10). Talvez contivesse a mensagem registrada nos capítulos 4 a 32, os juízos de Deus sobre Jerusalém e sobre as nações gentias (ver a sugestão de esboço do livro). Deus ordenou ao profeta que comesse o rolo, cujo sabor era doce como mel (Sl 19:10; 119:103), embora mais tarde o profeta tenha sentido amargor (Ez 3:14), como aconteceu também com o apóstolo João (Ap 10:8-11). É uma grande honra ser porta-voz do Senhor, mas devemos ser capazes de lidar tanto com o doce quanto com o amargo.

Se Ezequiel tivesse ouvido a descrição da dureza de seu povo antes da visão da

glória de Deus, é possível que tivesse sentido mais dificuldade em aceitar seu chamado. Contudo, tendo visto o trono glorioso do Senhor soberano, Ezequiel sabia que contava com toda a ajuda de que precisava para obedecer a Deus. Em seu árduo ministério com os israelitas, Moisés recebeu novo ânimo ao encontrar-se com Deus no alto da montanha e ver uma demonstração da glória divina, e o profeta Isaías viu a glória de Cristo no templo antes de iniciar seu ministério (Is 6; Jo 12:37-41). O profeta Habacuque foi levantado do vale do desespero para o alto do monte da vitória ao contemplar a glória de Deus na história de Israel (Hc 3). Antes de Estêvão dar a vida por amor a Jesus Cristo, ele viu a glória do Filho de Deus no céu (At 7:55-60). A única motivação que nunca falha é fazer todas as coisas para a glória de Deus.

3. DECLARAR A PALAVRA DO SENHOR (Ez 3:4-27)

O que o povo mais precisava era ouvir a Palavra do Senhor. Mesmo antes de Judá cair, Jeremias os havia advertido a não dar atenção aos falsos profetas, mas nem os líderes nem o povo obedeceram (Jr 5:30, 31; 6:14; 7:8; 8:10). Deus havia falado em alto e bom tom por meio da derrota vergonhosa e do cativeiro de Judá, mas os judeus continuavam apegando-se a palavras enganosas de falsos profetas na Babilônia (Jr 29:15-32). O coração humano prefere ouvir mentiras confortantes a ouvir verdades que convençam do pecado e que purificam. Ezequiel proclamou a Palavra de Deus como mensageiro (Ez 3:4-9), sofredor (vv. 10-15), atalaia (vv. 16-21) e sinal (vv. 22-27).

O mensageiro (vv. 4-9). Encontramos três elementos envolvidos na tarefa do mensageiro: falar, receber (compreender) a mensagem e obedecer. A comissão de Deus foi “Vai [...] e dize-lhe as minhas palavras” (v. 4). Ezequiel era o mensageiro, seu público era o povo de Judá, e a mensagem a ser transmitida, a Palavra de Deus. O profeta não tinha permissão de enviar um mensageiro substituto e também não podia alternar a mensagem nem transmiti-la a outro público.

Um dos termos do Novo Testamento para pregar é *kerusso*, que significa “proclamar como arauto”. Na Antiguidade, os governantes enviavam arautos reais para transmitir suas mensagens ao povo, e era dever dos arautos transmiti-las exatamente como as haviam recebido. Se Ezequiel desejava ser um arauto fiel, era necessário que cada parte da comissão de Deus fosse obedecida nos mínimos detalhes.

O segundo elemento é *receber* (vv. 5-7). Receber a Palavra de Deus significa compreendê-la e guardá-la no coração e na mente (Mt 13:19). Uma vez que Ezequiel era um profeta escolhido de Deus, aquilo que ele dizia era importante, e o povo tinha a obrigação de receber suas palavras. Ele estava falando a linguagem deles, de modo que não tinham como inventar desculpas e dizer: “Não estamos entendendo o que você está dizendo”. Ele comprehendia a linguagem do povo e vice-versa. Se Deus tivesse enviado Ezequiel a uma nação onde precisasse usar um intérprete, esse outro povo teria ouvido sua mensagem e a teria recebido. Contudo, seu próprio povo fez ouvidos moucos para ele. Jesus usou uma abordagem semelhante em Mateus 11:21-24, quando condenou as cidades de Israel por rejeitá-lo. Se ele tivesse feito aqueles mesmos milagres em cidades pagãs, elas teriam se arrepentido e se voltado para o Senhor.

O terceiro elemento é *obedecer* (Ez 3:7-9). Deus não envia mensageiros para seu povo a fim de entretê-los ou de dar-lhes bons conselhos. Ele espera que obedeçamos àquilo que ordena. Infelizmente, os judeus tinham um histórico triste de desobediência à lei do Senhor e de rebelião contra a vontade de Deus. Foi o que fizeram durante quarenta anos no deserto (Dt 9:7) bem como ao longo de mais de oitocentos anos em sua própria terra (2 Cr 36:11-21). Nenhuma outra nação foi abençoada por Deus como Israel, pois os israelitas possuíam a santa lei do Senhor, as alianças, uma terra rica, o templo e os profetas para lhes dar advertências e promessas sempre que precisavam delas (Rm 9:1-5). Assim como o povo de Israel, muitas pessoas hoje em dia ouvem a Palavras

mas não procuram entendê-la ou, se entendem, recusam-se a lhe obedecer.

Deus garantiu a seu profeta que ele lhe daria tudo o que fosse necessário para resistir à oposição e desobediência do povo. Em Ezequiel 3:8, encontramos um jogo de palavras que significa “Deus é forte” ou “Deus fortalece”. Também significa “Deus endurece”. Se o povo endurecesse o coração e a fronte, Deus endureceria seu servo e o manteria fiel a sua missão. Ele fez uma promessa semelhante a Jeremias (Jr 1:17).

O sofredor (vv. 10-15). Ezequiel estava à beira do rio Quebar quando teve a visão e ouviu a Palavra de Deus (Ez 1:3), mas recebeu a ordem de juntar-se aos outros exilados num lugar chamado Tel-Abibe. Esse local não foi identificado, mas não era o mesmo lugar da moderna Tel-Aviv. Havia diversas vilas à beira do rio (Ed 2:59; 8:17), e alguns dos cativos judeus se assentaram ali, próximos aos babilônios. O Espírito de Deus levantou o profeta (Ez 3:12, 14)⁶ e levou-o para o lugar onde os cativos estavam reunidos, provavelmente orando. Essa experiência extraordinária se repetiria em outras ocasiões (Ez 8:3; 43:5), e Ezequiel sem dúvida se lembraria de que o profeta Elias havia sido transportado por Deus de um lugar para outro (2 Rs 2:11, 16; ver 1 Rs 18:12; e At 8:39). O profeta havia recebido a Palavra de Deus e deve-ria levá-la ao povo de Deus.

Quando o Espírito começou a mover-se, Ezequiel ouviu diversos sons atrás dele: o tataral das asas dos querubins, o barulho das rodas e “uma voz de grande estrondo”, como um terremoto. Ele sabia que a glória do trono de Deus estava se movendo e que o Senhor cumpria seus propósitos. A oração: “Bendita seja a glória do SENHOR” (Ez 3:12) também pode ser traduzida por: “a glória do SENHOR levantou-se de seu lugar”, tratando-se, portanto, de uma descrição e não de uma declaração. Como veremos nos capítulos 8 - 11, o movimento da glória de Deus é um tema-chave do livro.

O Senhor levou seu servo a Tel-Abibe para que se sentasse no meio dos cativos e sentisse sua decepção e pesar. O Salmo 137 revela tanto o estado deplorável do povo

quanto seu ódio contra os babilônios. Os judeus deveriam se arrepender e buscar a face de Deus. Em vez disso, porém, lamentavam o que havia acontecido e pediam a Deus que, um dia, pudessem se vingar e derrotar seus captores babilônios que haviam zombado deles. Ao encontrar-se ali no meio do povo, sobrepujado por aquilo que o Senhor havia lhe dito e pelo que havia feito por ele, Ezequiel se deu conta da seriedade de seu chamado e da grande responsabilidade que Deus havia colocado sobre seus ombros. É bom o servo de Deus estar no meio de seu povo, chorar com os que choram e alegrar-se com os que se alegram, pois pode ministrar-lhes melhor quando conhece seu coração e sente sua dor.⁷ Não basta simplesmente proclamar a mensagem de Deus, também devemos procurar ter o coração afetuoso de Deus.

O atalaia (vv. 16-21). Os atalaia nos muros eram importantes para a segurança da cidade, e essa figura aparece com freqüência nas Escrituras (Is 21:11, 12; 56:10; 62:6; Jr 6:17; Sl 127:1; 130:6; Hb 13:17). A ênfase aqui é sobre o juízo, enquanto em Ezequiel 33 é sobre a esperança, mas a mensagem é a mesma: o profeta deve ser fiel em advertir o povo sobre o juízo, e o povo deve dar ouvidos às advertências e deixar seu pecado. Em termos espirituais, o “muro” que protegia Israel era seu relacionamento de aliança com o Senhor. Se eles obedecessem às estipulações da aliança declaradas por Moisés, Deus cuidaria de seu povo, os protegeria e os abençoaria, mas se desobedecessem, Deus os disciplinaria. Contudo, quer estivesse disciplinando quer abençoando, Deus sempre seria fiel a sua aliança. (Ver Lv 26 e Dt 28.)

Ezequiel é o profeta da responsabilidade humana. Alguns dos cativos estavam culpando a Deus por sua triste sônia, enquanto outros culpavam seus antepassados. Ezequiel deixou claro que, diante de Deus, todo indivíduo é responsável e deve prestar contas (ver Ez 18). Ele apresentou quatro situações. A primeira é a *do povo morrendo porque o atalaia foi infiel e não os alertou* (Ez 3:18). Suas mãos estariam manchadas de sangue

e ele seria responsabilizado (ver v. 20; 18:13; 33:4-8). A figura de sangue nas mãos (ou sobre a cabeça) remonta a Gênesis 9:5 e aparece na lei de Moisés (Lv 20; ver também Js 2:19; 2 Sm 1:16 e 3:29; e Is 1:15 e 59:3). Jesus usou essa figura em Mateus 23:35 e Lucas 11:50-51 (ver também At 5:28; 18:6 e 20:26). A segunda situação é óbvia.

A segunda situação retrata o atalaia *sendo fiel em advertir os perversos, mas estes se recusam a ouvi-lo* (Ez 3:19). Esse foi o problema que Ezequiel enfrentou ao pregar para os judeus cativos e de coração endurecido na Babilônia. Jesus chorou por Jerusalém, pois o povo não se achegou a ele (Mt 23:37-39). A terceira situação descreve *os justos morrendo porque deixaram de obedecer à aliança e não foram advertidos pelo atalaia* (Ez 3:20). O profeta-atalaia não deveria apenas advertir os pecadores a deixar seu pecado, mas também advertir os que estavam obedecendo à aliança (os “justos”) a que não deixassem de fazê-lo e desobedecessem a Deus. Toda sua obediência anterior de nada valeria, se eles se rebelassem deliberadamente contra Deus. Porém, seu sangue estaria nas mãos do atalaia, se ele não os advertisse. Ao colocar uma barreira no caminho, o Senhor procura evitar que o justo peque; contudo, isso não serve de desculpa para o atalaia deixar de vigiar e de advertir.

A última situação é aquela em que os justos *ouvem as advertências do atalaia e não são julgados* (v. 21). Era algo muito sério o povo judeu tratar com descaso a aliança selada no Sinai (Êx 19 – 20). Se o profeta-atalaia visse fiéis prestes a quebrar a aliança, deveria alertá-los de que seriam julgados. Algumas vezes, pessoas piedosas pensam que sua obediência lhes dá o direito de fazer o que bem entendem, mas essa idéia não passa de uma grande mentira. Deus dá muitos privilégios a seu povo, mas jamais lhes concede o privilégio de pecar.

Esses quatro exemplos foram dados ao povo judeu sob a antiga aliança e estão relacionados à obediência à lei e ao perigo de morte física. A justificação da lei era exterior, mas a justificação que temos pela fé

em Jesus Cristo é interior. Não devemos confundi-las (Rm 9:30 - 10:13). A justificação pela fé é um dom de Deus àqueles que crêem em Jesus Cristo, e sua situação diante de Deus não depende de suas boas obras (Rm 3 - 4). No entanto, nossa comunhão com o Pai depende de um coração obediente (2 Co 6:14 - 7:1) e ele disciplinará aqueles dentre seus filhos que se opuserem deliberadamente à vontade dele (Hb 12:1-11). Se continuarem resistindo à vontade de Deus, pode tirar-lhes a vida (Hb 12:9). "Há pecado que é para a morte" (1 Jo 5:16-17). A responsabilidade pessoal é essencial tanto para o atalaia quanto para o povo de Deus. Se os judeus sob a antiga aliança eram responsáveis por seus atos, quanto mais os cristãos dos dias de hoje que têm a Bíblia completa, o Espírito habitando dentro deles e a revelação de Deus por meio de Jesus Cristo? (Ver Hb 12:12-28.)

O sinal (vv. 22-27). Ezequiel não apenas proclamou a Palavra de Deus ao povo, mas também viveu diante deles de modo a verem a mensagem do Senhor retratada à vista deles. Deus disse ao profeta: "porque por sinal te pus à casa de Israel" (12:6; ver 4:4; 14:8; 24:24, 27). Vemos o profeta realizando doze "sermões práticos" para transmitir a verdade de Deus ao povo que estava ficando cada vez mais surdo para a voz do Senhor.⁸ O Faraó não ouviu a Palavra de Deus, de modo que o Senhor lhe falou por uma série de milagres e de pragas. O profeta Jeremias também tentou ensinar o povo com "sermões práticos", como enterrar um cinto novo (Jr 13), recusar-se a tomar uma esposa para si (Jr 16) e quebrar os vasos de barro (Jr 19).

É bem provável que haja uma pausa entre Ezequiel 3:21 e 22. Ezequiel foi até o povo e transmitiu-lhe a advertência de Deus, mas eles não deram ouvidos. Deus disse ao profeta para deixar o grupo à beira do rio e ir para a planície, a fim de receber outras instruções. O que fazer quando as pessoas tapam os ouvidos para a Palavra de Deus? Deus certamente poderia tê-los julgado por sua perversidade, mas em sua graça, deu-lhes mais oportunidades de ouvir sua Palavra

de salvação. Jesus usou a mesma abordagem quando começou a ensinar por parábolas. Envolveu a verdade em figuras interessantes buscando, dessa forma, alcançar o povo (Mt 13:10-17). Os indiferentes ouviriam e não fariam caso de suas palavras, mas os interessados meditariam sobre a parábola e aprenderiam a verdade de Deus.

É possível que a Palavra de Deus não tivesse penetrado no coração do povo, mas a glória de Deus e seu Espírito ainda estavam com seu servo. Se o povo não havia atendido o ministério público de Ezequiel, talvez ele conseguisse alcançá-los em sua própria casa. Os anciões do povo poderiam ir até lá a fim de ouvir suas mensagens (Ez 8:1; 14:1; 20:1) e, então, compartilhá-las com o povo. O profeta enclausurou-se em sua casa, saindo apenas de vez em quando por algum motivo especial (Ez 5:2; 12:3) e só falando quando tinha uma mensagem do Senhor. Quando chegou a notícia da destruição de Jerusalém, o Senhor retirou a ordem para que ele se mantivesse calado, e ele pôde voltar a falar (Ez 24:25-27; 33:21, 22). Havia sete anos desde que Ezequiel tinha recebido a ordem de manter-se em silêncio (de 593 a 586 a.C.).

O silêncio de Ezequiel era um sinal para os judeus de que a Palavra de Deus não deveria ser menosprezada nem tida como algo trivial feito as conversas do cotidiano. Quando Deus fala, é melhor ouvir e obedecer! "Quem ouvir ouça" (Ez 3:27) – essa é uma frase conhecida e importante das Escrituras, pois indica que temos a responsabilidade de atentar para a Palavra de Deus, de dar valor ao que ela diz, de meditar sobre ela e de lhe obedecer. Pelo menos cinco vezes no Livro de Deuteronômio, Moisés diz: "Ouve, [pois] ó Israel!" ao repetir a lei e lembrar o povo do grande privilégio que Israel teve de ouvir a voz do próprio Deus no Sinai (Dt 4:1-13). Pelo menos oito vezes nos Evangelhos Jesus diz: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça", ou palavras semelhantes (Mt 11:15; 13:9, 43; Mc 4:9, 23; 7:16; Lc 8:8; 14:35).

E quanto a "pôr cordas" ou "ligar" o profeta (Ez 3:25)? Trata-se, provavelmente, de uma figura de linguagem, pois não há

qualquer evidência de que Ezequiel tenha sido literalmente amarrado ou forçado a ficar em casa. Como vimos, ele saiu de casa (Ez 5:2; 12:3), e ninguém o impediu de fazê-lo. O povo “põe cordas” em Ezequiel no sentido de que os pecados dos judeus tornaram necessário que ele ficasse em casa em silêncio até que Deus lhe desse uma mensagem. A atitude do povo não era de oposição militante, mas sim de indiferença passiva. Desse modo, foi necessário que Ezequiel usasse de “sermões práticos” para chamar a atenção deles.

As palavras “Eu sou o SENHOR” são repetidas 65 vezes neste livro, pois a incumbência de Ezequiel era lembrar o povo de quem estava no controle. Um nome de Deus usado quase exclusivamente neste livro é “Jeová Adonai – o SENHOR Soberano”. A. W. Tozer estava certo quando escreveu: “Sendo Deus quem ele é e sendo nós quem somos, a única relação concebível entre nós é de absoluto senhorio da parte dele e de completa submissão da nossa”.⁹

Somos um povo rebelde ou servos obedientes como Ezequiel?

1. Números 8:24 afirma que os sacerdotes começavam a servir aos vinte e cinco anos de idade, mas durante os primeiros cinco anos, preparavam-se para os vinte anos seguintes de ministério (dos trinta aos cinqüenta). De acordo com nosso calendário, Ezequiel foi chamado em 31 de julho de 539 a.C. Havia passado seus primeiros cinco anos como exilado na Babilônia e estava pronto para servir.
2. Alguns estudiosos vêem paralelos significativos entre Ezequiel e Jeremias: Ezequiel 2:8, 9 – Jeremias 1:9; Ezequiel 3:3 – Jeremias 15:16; Ezequiel 3:8 – Jeremias 1:8, 17; 15:20; Ezequiel 3:14 – Jeremias 6:11; 15:17; Ezequiel 3:17 – Jeremias 6:17; Ezequiel 4:3 – Jeremias 15:12; Ezequiel 5:6 – Jeremias 2:10-13; Ezequiel 5:11 – Jeremias 13:14; Ezequiel 7:26 – Jeremias 4:20. Há inúmeros paralelos entre o Livro de Ezequiel e o código sacerdotal no Pentateuco, bem como o Livro de Apocalipse.
3. A palavra hebraica *ruah* significa espírito, Espírito ou vento, e, em seu livro, Ezequiel a emprega com esses três sentidos.
4. O tema da rebeldia de Israel e da dureza do coração do povo pode ser encontrado com freqüência no Livro de Ezequiel: 2:3-7; 3:26, 27; 5:6; 12:2, 3, 9, 25; 17:12, 15; 20:8, 13, 21; 21:24; 24:3; 44:6.
5. O Senhor usou essa figura para descrever o povo pagão que ficou na terra de Canaã (Nm 33:55). Uma vez mais, Deus classificou seu povo rebelde com os gentios pagãos.
6. Essa experiência foi uma visão ou será que Deus, de fato, transportou Ezequiel até Tel-Abibe? Os estudiosos não apresentam um consenso quanto à sua interpretação. Parece claro, pela leitura do texto, que se trata de uma movimentação literal e não apenas de uma visão. O fato de o profeta assentear-se entre os exilados durante sete dias sugere um movimento físico (ver Ez 8:1; 11:1, 24; 43:5).
7. Fica indicado, aqui, que Ezequiel permaneceu em silêncio durante aqueles sete dias. De acordo com a lei levítica, levava sete dias para um sacerdote ser ordenado e empossado em seu ministério (Lv 8:35). O sacerdote Ezequiel passou sete dias sendo ordenado como profeta.
8. Os “sermões práticos” simbólicos encontram-se em 3:22-26; 4:1-3, 4-8, 9-11, 12-14; 5:1-3; 12:1-16, 17-20; 21:6, 7, 18-24, 15-24; 37:15-28.
9. TOZER, A. W. *The Pursuit of God*. Tyndale House, p. 102.

A MORTE DE UMA GRANDE CIDADE

EZEQUIEL 4 – 7

Quando os filhos de Asafe quiseram descrever a cidade de Jerusalém, escreveram: "Seu santo monte, belo e sobranceiro, é a alegria de toda a terra; o monte Sião, para os lados do Norte, a cidade do grande Rei" (Sl 48:2). De acordo com o Talmude babilônio: "Das dez porções de beleza que desceram à terra, Jerusalém tomou nove para si" (*Kidushin* 49b) e "Aquele que não viu Jerusalém em seu esplendor, nunca viu uma bela cidade" (*Succah* 51b). Ao falar da Jerusalém moderna, Samuel Heilman escreveu: "É um lugar onde o povo vive de verdade; é um lugar que vive no povo".¹ Nas palavras de um dos exilados judeus na Babilônia: "Se eu de ti me esquecer, ó Jerusalém, que se resseque a minha mão direita. Apegue-se-me a língua ao paladar, se me não lembrar de ti, se não preferir eu Jerusalém à minha maior alegria" (Sl 137:5, 6). Quando famílias judias ao redor do mundo celebram a Páscoa, concluem a refeição dizendo: "Ano que vem, em Jerusalém!"

Os exilados não ficaram felizes com as três mensagens do Senhor que Ezequiel lhes transmitiu, pois anunciam a destruição de Jerusalém e a devastação da terra prometida. Era ruim o suficiente os judeus verem-se exilados numa terra pagã, mas alguém lhes dizer que não teriam uma cidade para a qual voltar era mais do que podiam suportar. Não é de se admirar terem preferido as mensagens animadoras dos falsos profetas.

1. AS MENSAGENS DE SINAL: O CERCO DE JERUSALÉM (EZ 4 – 5)

A maioria dos judeus havia ficado tão calejada que não conseguia mais ouvir a Palavra

de Deus, de modo que o Senhor ordenou a Ezequiel que usasse uma abordagem diferente. *O profeta ficava em casa a maior parte do tempo e não participava das conversas diárias do povo. Permanecia em silêncio, a não ser que tivesse uma mensagem do Senhor.* Isso fez com que as pessoas quisessem ouvi-lo. Além disso, o profeta "pregou" suas mensagens silenciosamente mediante "sermões práticos" que suscitaram o interesse do povo. Desse modo, constituiu um sinal visível para um povo "espiritualmente surdo" (Ez 4:3; 12:6, 11; 24:24). A notícia de que Ezequiel, de vez em quando, fazia coisas estranhas espalhou-se, e logo ele se tornou uma curiosidade e uma celebridade no meio dos exilados. As pessoas ficavam perto de sua casa esperando para ver o que ele faria em seguida (Ez 4:12). Esses dois capítulos registram quatro "sermões práticos" que transmitiram notícias surpreendentes ao povo judeu na Babilônia.

O cerco de Jerusalém (4:1-3). O "tijolo" mencionado neste trecho provavelmente era de argila não cozida ou um tablete de argila macia, ambos comuns na Babilônia. Nele, Ezequiel fez um esboço da cidade de Jerusalém, de modo que fosse facilmente reconhecida pelo povo. Então, colocou o tijolo no chão e começou a "brincar de soldadinhos" fazendo uma dramatização do cerco de Jerusalém. Usando barro e vários objetos, fez fortificações ao redor da cidade para que ninguém pudesse entrar nem sair. Construiu uma rampa a fim de facilitar a escalada dos muros e providenciou aríetes para derubar as portas e as muralhas. Obviamente, era o que aconteceria a Jerusalém em 588 a.C., quando o exército babilônio começasse o cerco à cidade

Imagine como os espectadores ficaram estarrecidos quando o rosto de Ezequiel fechou-se numa expressão severa e resoluta e ele colocou uma assadeira de ferro entre seu rosto e a cidade sitiada. A assadeira era um utensílio que os sacerdotes usavam no templo para preparar algumas das ofertas (Lv 2:5; 6:21; 7:9). Simbolizava o muro entre Deus e o povo ímpio de Judá, de modo que o Senhor não era mais capaz de olhar para eles

com prazer e bênçãos. O sacerdote Ezequiel não podia proferir-lhes a bênção sacerdotal de Números 6:24-26, pois o rosto de Deus não estava resplandecendo sobre eles com suas bênçãos. Deus estava contra eles (Ez 5:8; Is 59:1-3) e permitiria que os babilônios pagãos destruíssem a cidade e o templo. Anos depois, Jeremias escreveria: “De nuvens te encobriste para que não passe a nossa oração” (Lm 3:44; ver também Ez 3:8, 9).

Durante todas essas atividades, Ezequiel não disse uma palavra sequer, mas sem dúvida os espectadores entenderam a mensagem. Pode acontecer de pessoas se rebelarem contra Deus durante tanto tempo que tudo o que Deus tem a fazer é deixar que colham as consequências de seus próprios pecados. Os judeus estavam pecando consciente e deliberadamente. Conheciam as estipulações da aliança e sabiam que Deus havia enviado uma série de profetas para repreendê-los por sua idolatria (2 Cr 36:11-21), e, no entanto, continuaram a desobedecer à vontade do Senhor. Agora era tarde demais. “Efraim está entregue aos ídolos; é deixá-lo” (Os 4:17).

O julgamento de Judá (vv. 4-8). Em determinadas horas a cada dia (v. 10), Ezequiel deveria deitar-se no chão voltado para a maquete que havia construído do cerco de Jerusalém. Deveria ser atado com cordas (v. 8), seu braço seria descoberto e ele se alimentaria da dieta escassa descrita nos versículos 9 a17. Deveria deitar-se de seu lado esquerdo durante 390 dias e depois de seu lado direito durante 40 dias. Esse gesto simbólico dizia aos exilados judeus que o Senhor estava permitindo que a cidade santa fosse desolada e arruinada: a nação havia pecado, e suas transgressões os haviam alcançado. É claro que Ezequiel não poderia “levar as iniqüidades”¹² deles no sentido de expiá-las, pois isso é algo que somente o Filho de Deus é capaz de fazer (1 Pe 2:24). No entanto, “levar as iniqüidades” do povo diante de Deus era um dos ministérios do sacerdócio, e Ezequiel era sacerdote (Êx 28:36-38; Nm 18:1). O gesto de atar o profeta e de descobrir seu braço representava

o futuro aprisionamento dos cativos e Deus descobrindo seu braço para julgar.

O Senhor explicou a Ezequiel que cada dia representava um ano na história de pecado do povo judeu e, de alguma forma, o profeta comunicou esse fato ao povo que o observava a cada dia. Mas por que o Senhor escolheu os números 390 e 40? Tendo em vista que um dia equivalia a um ano de rebelião dos judeus, o Senhor sem dúvida estava se referindo aos pecados passados de seu povo e não às desobediências futuras. Os quarenta anos provavelmente representavam a rebelião de Israel durante a jornada do Egito até a terra prometida, mas qual é o ponto de partida para os 390 anos? O ministério de Ezequiel concentrou-se principalmente em Jerusalém, na profanação do templo pela idolatria e na partida da glória de Deus. É bem provável que o período de 390 anos comece com o Roboão, o filho de Salomão que subiu ao trono em 930 a.C. (1 Rs 14:21ss). Ao somar os anos de reinado dos monarcas de Judá desde Roboão até Zedequias, conforme registrado em 1 Reis e 2 Reis, tem-se um total de 394 anos. Uma vez que durante três anos de seu reinado Roboão andou com Deus (2 Cr 11:16, 17), temos um número muito próximo dos 390 anos da dramatização de Ezequiel.¹³

Não importa como fazemos as contas desse sinal, a mensagem é clara: Deus havia sido longâmido para com o povo ímpio de Judá, advertindo-os e disciplinando-os, mas eles não permaneceram fiéis ao Senhor. Alguns reis foram muito piedosos e procuraram conduzir o povo de volta a Deus, mas assim que eles morriam, o povo voltava à idolatria. Por fim, chegou o momento em que seus pecados os alcançaram, e a paciência de Deus se esgotou. Deus preferia ver sua terra devastada, a cidade de Jerusalém arruinada e seu povo morto ou exilado a deixar que dessem tamanho falso testemunho às nações gentias. O juízo começa com o povo de Deus e não com os pagãos incrédulos (1 Pe 4:17-19), e cabe aos cristãos e às congregações de hoje caminhar no temor do Senhor.

A fome na cidade (vv. 9-17). Nos dois primeiros “sermões práticos”, Ezequiel mostrou ao povo judeu o cerco de Jerusalém e seu motivo, e, nas duas dramatizações seguintes, demonstrou o horror desse cerco, a começar pela fome. O Senhor ordenou que o profeta misturasse grãos (trigo e cevada) com favas e lentilhas e os moesse para fazer uma farinha, usando-a para assar pães. Essa combinação produziria o tipo mais pobre de pão e, portanto, representaria a escassez de alimento durante o cerco de Jerusalém. As pessoas comeriam quase qualquer coisa, inclusive umas às outras (Dt 28:49-57). Deus os havia advertido desse julgamento em sua aliança, de modo que não havia motivo para ficarem espantados.

Às vezes, os judeus faziam o fogo para cozinhávam usando esterco de vaca misturado com palha, o que não era proibido pela lei de Moisés. Contudo, o uso de excrementos humanos era um sinal de terrível pobreza e necessidade. É claro que nenhum sacerdote iria contaminar a si mesmo e sua comida usando excrementos humanos no fogo para cozinhávam seus alimentos (Dt 14:3; 23:12-14), portanto o Senhor permitiu que Ezequiel usasse esterco de vaca. Seu protesto nos faz lembrar de Pedro em Atos 10:14. A cada dia, o profeta comeria cerca de duzentos e cinqüenta gramas de pão e beberia cerca de dois terços de litro de água, lembrando os espectadores de que o povo dentro dos muros de Jerusalém estaria morrendo de fome e de sede, mas que não haveria qualquer alívio (ver Lm 1:11, 19; 2:11-12, 19). Em sua aliança, o Senhor advertira o povo sobre esse julgamento, mas os judeus não deram ouvidos (Lv 26:26). Ezequiel teve o cuidado de obedecer às leis alimentares, mas os judeus dispersos entre as nações gentias seriam obrigados a comer pão impuro ou morrer de fome.

Deus deu a seu povo escolhido uma terra que manava leite e mel e prometeu abençoar suas plantações, seus rebanhos e suas famílias, se obedecessem à sua aliança. Pôrém, eles não deram o devido valor às suas bênçãos, afastaram-se do Senhor e adoraram ídolos, de modo que o Senhor amaldiçoou

susas bênçãos (Ml 2:2). A terra que manava leite e mel e a cidade rica de Jerusalém tornaram-se lugares de escassez e de fome, a ponto de pais comerem os próprios filhos para sobreviver durante o cerco (Ez 5:10; Dt 29:22-28).

O destino do povo (5:1-17). O profeta Isaías comparou a invasão do inimigo com a raspagem da cabeça e da barba de um homem (Is 7:20), de modo que Ezequiel usou essa figura em seu quarto “sermão prático”. A raspagem podia ser parte de um ritual de purificação (Nm 6:5; 8:7), mas os judeus deveriam ter cuidado com a maneira como cortavam o cabelo e a barba (Lv 19:27; Dt 14:1), especialmente os sacerdotes (Lv 21:5, 6). Quando Ezequiel, um sacerdote, raspou em público a cabeça e a barba, o povo deve ter ficado estarrecido. Contudo, foi necessário usar medidas extremas a fim de chamar a atenção deles para que pudessem compreender a mensagem. A raspagem da cabeça e da barba constituía um sinal de humilhação e de grande tristeza e pranto, e era assim que o Senhor se sentia sobre a destruição iminente de Jerusalém e do santo templo. Ao usar uma espada e não uma navalha, Ezequiel tornou a mensagem ainda mais dramática: um exército se aproximava, e suas espadas “raspariam” o povo da terra.

O Senhor havia ordenado ao profeta que pesasse o cabelo com cuidado e que o dividisse em três partes. Uma parte ele queimou no “tijolo do cerco” para simbolizar o povo que morreu de fome e de pestilência em Jerusalém. A segunda parte foi cortada em pedacinhos com a espada, simbolizando aqueles que foram mortos pelos soldados babilônios. A terceira parte foi lançada ao vento, retratando os judeus dispersos entre os gentios e os exilados levados para a Babilônia. No entanto, antes de Ezequiel lançar o cabelo ao vento, tomou uma pequena porção dele e escondeu-a na aba de sua veste, um símbolo do cuidado especial de Deus com um remanescente do povo que voltaria à terra. Em sua aliança, o Senhor prometeu poupar um remanescente (Lv 26:36-39), pois Israel ainda tinha um trabalho a realizar no mundo. No entanto, Ezequiel 5:4

indica que qualquer um que fosse poupadão não deveria ter por certa sua segurança, pois era possível que mais fogo viesse do juízo de Deus sobre Jerusalém. Essa profecia cumpriu-se nos dias seguintes ao cerco da cidade, quando judeus inocentes foram mortos por criminosos (Jr 40 – 44).

Em Ezequiel 5:5, 6, o Senhor explicou por que permitiria que seu povo escolhido sofresse e morresse de modo tão vergonhoso nas mãos dos babilônios. No que se referia a seus propósitos eternos, Jerusalém era sua cidade e o centro das nações (Ez 38:12).⁴ “A salvação vem dos judeus” (Jo 4:22). Israel era um povo privilegiado, mas os privilégios implicam responsabilidade e prestação de contas. O dia do juízo tinha chegado e não havia como escapar. Israel foi chamada para ser luz para os gentios, para conduzi-los ao verdadeiro Deus vivo (Is 42:6; 49:6), mas, em vez disso, seguiram os caminhos perversos dos gentios e tornaram-se pecadores maiores que seus vizinhos.

O Senhor tirou algumas conclusões ou aplicações reveladoras desse fato (Ez 5:7-11). Deus castigaria Israel abertamente, à vista das ações cujas práticas perversas os judeus seguiram.⁵ Isso não apenas serviria de disciplina para Israel, como também seria uma advertência para os gentios de que o Deus de Israel é um Deus de justiça. Apesar de anteriormente ter favorecido seu povo, Deus se voltaria contra os judeus,⁶ o que nos faz lembrar da assadeira de ferro que Ezequiel colocou entre seu rosto e a cidade de Jerusalém (Ez 4:3). Os líderes haviam profanado o templo com seus ídolos, um tema sobre o qual ainda ouviremos mais nas profecias de Ezequiel. O Senhor respondeu removendo seu favor e recusando-se a ter piedade de seu povo em seu momento de maior angústia. A frase: “e não te pouparei” em 5:11 pode ser traduzida por: “eu mesmo te rasparei”, o que nos leva de volta ao quarto “sermão prático” de Ezequiel.

Nos versículos 12 –17, o Senhor explica novamente a atrocidade do juízo que viria sobre o povo que fosse deixado na cidade e na terra. A peste e a fome levariam um terço deles; outro terço seria morto pelo exército

babilônio, e o remanescente seria disperso. As frases: “se cumprirá a minha ira”⁷ e “satisfarei neles o meu furor” mostram o que Deus estava fazendo com seu povo ímpio. “Nosso Deus é um fogo consumidor” (Dt 4:24; Hb 12:29).⁸ Sem dúvida alguma, esses grandes juízos viriam, pois o próprio Senhor assim havia dito (Ez 5:13). A terra toda seria devastada, e o povo pereceria de fome e da pestilência que muitas vezes a acompanha bem como de massacre por soldados inimigos e animais selvagens. Contudo, por piores que fossem esses juízos, talvez o mais trágico era que Israel deixaria de ser motivo de glória para o Deus Jeová (v. 14) e se tornaria opróbrio entre as nações (Dt 28:37; Jr 18:15-17; 48:27; 2 Cr 7:19-22).

Jesus Cristo advertiu a igreja de Éfeso de que perderia sua luz caso se recusasse a se arrepender e a obedecer às instruções do Senhor (Ap 2:6). Como é triste quando uma igreja local desobedece à Palavra de Deus abertamente e começa a agir como os incrédulos do mundo! O que resta a uma igreja depois que ela perde seu testemunho do Senhor?

Ao longo da história do Antigo Testamento, a presença de um “remanescente fiel” em Israel foi importante para o cumprimento do plano de Deus. A nação inteira aceitou a aliança de Deus no monte Sinai (Êx 20:18-21), mas a maioria desobedeceu ao Senhor e morreu no deserto. Nos anos que se seguiram à chegada do povo à Terra Prometida, o povo entrou num lento declínio espiritual, e foi o remanescente que orou, obedeceu à Palavra de Deus e permaneceu fiel ao Senhor. É esse remanescente que terá um papel importante no futuro de Israel (Is 1:9; 10:20-23; 11:11, 16; 37:31; Jl 2:32; Mq 2:12; 5:7; Sf 2:4-7; Zc 8:1-8; Ml 3:16; Rm 9:27; 11:5). De acordo com as cartas às sete igrejas da Ásia Menor, há um remanescente fiel na Igreja de hoje (Ap 2:24; 3:4-6; observe as palavras do Senhor para os “vencedores”).

2. A PRIMEIRA MENSAGEM FALADA: O JUÍZO DA TERRA (Ez 6:1-14)

Deus havia ordenado que Ezequiel permanecesse em silêncio exceto nas ocasiões em

que o Senhor abrisse a boca de seu profeta e lhe ordenasse pregar determinada mensagem. Nestes dois capítulos, há duas mensagens de juízo do Senhor. A primeira explica que a idolatria do povo contaminou a terra e profanou o templo, e a segunda descreve a terrível catástrofe que sobreviria com o exército babilônio. Ezequiel, o vigia, estava advertindo o povo de que uma invasão estava vindo, pois Deus havia visto seus pecados e estava prestes a castigar seu povo.

O juízo de Deus dos lugares altos (vv. 1-7).⁹ A terra pertencia ao Senhor; ele permitia que os judeus a usassem desde que não a contaminassem com seus pecados (Lv 25:23; 18:25, 27, 28). Se o povo judeu obedecesse à sua lei, Deus iria abençoá-los em sua terra (Lv 26:1-13). Contudo, se deixassem de guardar as estipulações de sua aliança, o Senhor iria castigá-los retendo sua bênção da terra que havia lhes dado e seriam “vomitados” da terra (Lv 18:24-30; 26:14ss; Dt 28:38-42, 49-52). Isso explica por que Ezequiel “virou o rosto”¹⁰ para os montes, os outeiros, os ribeiros e os vales da terra: tudo isso havia sido contaminado pela idolatria de Israel. Claro que não era o terreno físico que havia pecado, mas o povo judeu que profanara a terra santa ao erguer “altares [santuários a ídolos] [...] debaixo de cada árvore frondosa” (Ez 6:13; ver Dt 12:2; 1 Rs 14:23; Jr 2:20; 3:6, 13).

Os profetas judeus desprezavam a idolatria e falavam com desdém dos ídolos aos quais o povo dava tanto valor. Os profetas chamaram os ídolos de “abominações” (Is 66:3; 1 Cr 16:26; 2 Cr 15:8) e de “vaidade” (Jr 14:14), mas no texto original Ezequiel é ainda mais derrisório e chama-os de “pedaços de estrume”.¹¹ O povo tratava seus falsos deuses como se fossem o que havia de mais exaltado na Terra, mas Deus os via como o que era mais desrespeitável e imundo: estrume.

O exército babilônio entraria na terra e destruiria os santuários, altares e ídolos. Porém, mais do que isso, os soldados destruiriam os adoradores e deixariam os cadáveres em decomposição como “sacrifícios” para os ídolos caídos. “Trarei a espada sobre

vós” (Ez 6:3)¹² “para que saibais que eu sou o SENHOR” (Ez 6:7). O inimigo espalharia os cadáveres ao redor dos altares como pedaços de lenha e de carne impura. Em sua aliança com Israel, Deus advertiu seu povo sobre o que aconteceria se eles o deixassem e adorassem a falsos deuses. Ao longo da história de Israel, reis piedosos destruíam esses lugares abomináveis, e reis perversos os reconstruíam (2 Rs 18:3, 4; 21:1-6; 23:8, 9).

A graça de Deus para com o remanescente judeu (vv. 8-10). Dentro do contexto desse massacre de proporções nacionais, Ezequiel lembra o povo da graça de Deus em poupar um remanescente, fato que havia ilustrado ao colocar um pouco do cabelo raspado na aba de sua veste (Ez 5:1-3). Ezequiel volta a falar do remanescente em 7:16; 11:16-21; 12:15, 16; 14:22, 23; e 16:60-63. Essas pessoas fiéis que seriam poupaduras faziam parte da promessa da aliança (Lv 26:40-46). Foi esse diminuto grupo restante que voltou para a terra, reconstruiu o templo, restaurou a adoração ao Senhor e, por fim, tornou possível a vinda do Messias (Lc 1 – 2).

A adoração a ídolos não só era abominação e participação na imundície, como também era adultério (Ez 6:9).¹³ A nação havia se casado com Jeová no Sinai, portanto a adoração a outros deuses era um ato de adultério (Is 54:5; Jr 2:1-8; 3:14; 31:32; Os 2:16). Vemos aqui o coração de Deus partido por causa da infidelidade de seu povo: “fui entristecido por seus corações adúlteros” (Ez 6:9, NVI). O zelo de Deus para com Israel, sua esposa adúltera, é mencionado com freqüência nas profecias de Ezequiel (Ez 8:3, 5; 16:38, 42; 23:25; 36:5; 38:19).

O amor puro de Deus por sua esposa, Israel, é um dos principais temas do profeta Oséias, cuja esposa tornou-se prostituta e precisou ser comprada por seu marido amorofo. Esse foi um “sermão prático” (e dos caros) que repreendeu o povo por sua infidelidade para com Deus, mas o profeta garantiu-lhes que o Senhor os perdoaria caso se arrependessem e voltassem. Ezequiel anunciou que os judeus dispersos entre as

nações gentias se dariam conta de seus pecados, se lembrariam de seu Deus, teriam nojo de si mesmos e voltariam para o Senhor. Esse remanescente se tornaria o futuro de Israel como nação. Em meio ao julgamento, Deus se lembraria da sua misericórdia (Hc 3:2).

As armas divinas de destruição (vv. 11-14). Ao lamentar as abominações que seu povo havia cometido, o profeta usou uma combinação de oratória e de gestos (bater palmas, bater os pés). Em 21:14 e 17, esses gestos representavam a resposta de Deus à invasão e ataque dos babilônios. Pelo contexto, quando Ezequiel bateu palmas, simbolizou os soldados marchando e as espadas chocando-se umas contra as outras, enquanto o furor de Deus se “cumpria” em seu povo desobediente.¹⁴ Não era algo de que o Senhor se agradava de fazer, pois ele não tem prazer algum com a morte dos perversos (Ez 18:23; 33:11). O Senhor usou três armas contra seu povo: as espadas dos babilônios, a fome na cidade e a peste que normalmente acompanha a fome (ver Ez 5:1, 2).

Mais uma vez, Ezequiel descreve judeus infiéis sendo massacrados em seus santuários idólatras e cadáveres empilhados ao redor dos altares como lenha (Ez 6:13; ver vv. 3-5). Quando Deus “[estende] a mão sobre eles” (v. 14), significa que está enviando seu julgamento (Ez 14:9, 13; 16:27; 25:7, 13, 16). “Ribla” era uma cidade da Síria, e Deus prometeu devastar a terra “desde o deserto até Ribla”, ou seja, do extremo sul ao extremo norte. É como dizer de “Dã a Berseba” para falar de norte a sul.

Em pelo menos sessenta ocasiões, Ezequiel escreve: “saberão [sabereis, saibais] que eu sou o SENHOR” (Ez 6:14). Seja na bênção, seja na disciplina, o propósito do Senhor é revelar-se a nós com seu amor e graça. Se o povo judeu conhecesse, de fato, o caráter e os caminhos de seu Deus, jamais teria se rebelado contra ele. “Quem dera que eles tivessem tal coração, que me temessem e guardassem em todo o tempo todos os meus mandamentos, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos, para sempre!” (Dt 5:29).

3. A SEGUNDA MENSAGEM FALADA: A DEVASTAÇÃO DA TERRA (Ez 7:1-27)

A nação de Israel foi abençoada com um Senhor bondoso para adorar e amar, uma terra fértil para desfrutar e uma lei santa para obedecer. Seu amor pelo Senhor e sua obediência à lei determinariam quantas bênçãos poderia confiar a seu povo na terra. Essas eram as estipulações da aliança, e o povo judeu as conhecia bem. A primeira geração a entrar na terra obedeceu à aliança de Deus, como também o fez a geração seguinte; a terceira geração provocou o Senhor, quebrou seus “votos matrimoniais” e prostituiu-se com ídolos (Jz 2:10-13). O povo desobedeceu à lei, desafiou o Senhor e contaminou a terra, e o Senhor não aceitaria esse tipo de conduta. Primeiro, castigou-os na sua terra ao permitir que sete nações inimigas ocupassem a terra e oprimissem o povo, conforme vemos registrado no Livro de Juízes. Contudo, cada vez que Deus livrava Israel de seus opressores, os israelitas acabavam voltando para a idolatria, de modo que, finalmente, o Senhor os *tirou da terra*, alguns pela morte e outros pelo exílio na Babilônia. É uma história trágica, mas ela nos lembra de que o Senhor leva a sério sua aliança e nossa obediência.

O anúncio da catástrofe (vv. 1-9). Na segunda mensagem falada, as expressões-chave são “a terra”, “eis que vem” e “fim”. Nessa mensagem, a terra assume a forma de uma pessoa, e Ezequiel lhe anuncia a catástrofe iminente. O juízo era certo, pois o profeta anunciou várias vezes nos versículos 1-12: “Agora vem”, “Agora, em breve”, “Eis o dia”, “Vem o tempo” e “É chegado o dia”. Ezequiel era um atalaia fiel e advertiu o povo de que o exército babilônio estava vindo do Norte para invadir a terra, roubá-la e destruí-la. A Babilônia era a arma de Deus por meio da qual ele lançaria seu furor e julgaria o comportamento abominável de Judá em retribuição por sua desobediência. Em disciplinas anteriores, o Senhor havia mostrado misericórdia e pouparado seu povo, mas esse juízo seria diferente. Os judeus haviam contaminado com seus pecados a terra que pertencia a Deus, e a única forma

de purificá-la era castigar o povo por suas transgressões.

Nos versículos 7 e 10, a expressão “é chegado o dia” é uma tradução do termo hebraico que significa “trançar”, como quem trança uma guirlanda de flores para a cabeça, e é traduzido por “diadema” em Isaías 28:5. De que modo os tradutores derivam “é chegado o dia” dessa palavra? Provavelmente, trata-se de uma referência a um círculo. Cada manhã dá início a um novo ciclo, que se completa e começa de novo, como a figura do diadema, e esse ciclo havia trazido o dia dos judeus. “Trançaram” seu próprio diadema vergonhoso de pecado, quando poderiam ter usado a coroa de glória do Senhor.¹⁵

O retrato da calamidade (vv. 10-21). Sempre um mestre na arte de usar uma linguagem vívida para ajudar o povo a visualizar a verdade, Ezequiel “pintou” com suas palavras quatro retratos para suscitar o interesse deles e, possivelmente, alcançar seu coração. A primeira figura, que vem da natureza, é a da vara que floresceu (vv. 10, 11). Deus havia sido longâmido, enquanto seu povo tinha desobedecido à sua lei e desafiado seus profetas, mas os pecados haviam “amadurecido”, e a nação teria de colher o que semeou. Em seu orgulho, os judeus cultivaram uma falsa segurança de que o Senhor jamais permitiria que o povo fosse exilado ou que seu templo fosse destruído, mas seu pecado tinha “sazonado”, e as duas coisas estavam prestes a acontecer. Isaías usou uma figura semelhante para descrever a invasão assíria da terra (Is 10:5), com a diferença de que ele viu os invasores como a “vara” na mão de Deus. Se essa é a figura que Ezequiel tinha em mente, então a vara é Nabucodinosor, e “florescer” significa que havia chegado a hora de Deus castigar seu povo. A violência na terra havia se desenvolvido e se tornado uma vara de perversidade, e os pecados dos judeus os achariam.

A segunda figura vem da esfera comercial (Ez 7:12, 13), tendo como contexto o ano do jubileu (Lv 25). Cada sétimo ano era separado como ano sabático, durante o qual a terra não era cultivada e todas as dívidas

eram canceladas (vv. 1-7; Dt 15:1-6). Depois de sete desses anos sabáticos, o quinquagésimo ano era separado como ano de jubileu, quando a terra ficava sem cultivo, as dívidas eram canceladas, os servos eram libertos e as propriedades voltavam a seus primeiros donos. O preço de um lote de terra era determinado pelo número de anos até o ano do jubileu e pela quantidade de safras que poderiam ser colhidas durante esse tempo. Se um homem pobre vendia sua terra ou a si mesmo como servo, sabia que a terra seria devolvida a sua família no ano do jubileu e que ele seria liberto.

Diante da iminência da invasão babilônica, o preço da terra certamente cairia, e os ricos ampliariam ainda mais suas propriedades, mas não havia garantia alguma de que manteriam aquilo que comprassem. Além disso, o vendedor não tinha como estar certo de que receberia suas terras de volta no ano do jubileu. Jeremias havia dito aos judeus que ficariam setenta anos na Babilônia (Jr 29:10), de modo que passariam seus anos sabáticos e o próximo ano de jubileu no cativeiro – isso se estivessem vivos. A visão do juízo iminente “não [voltaria] atrás” (Ez 7:13); antes, todo o sistema econômico seria desestruturado. Se os judeus tivessem obedecido à lei de Deus, os escravos teriam sido libertos, e o direito de propriedade sobre a terra teria sido protegido. Mas agora os judeus que sobrevivessem seriam escravizados, e sua terra lhes seria tomada. O povo não havia obedecido às leis sobre os sábados para a terra, de modo que o Senhor tomou-lhes a terra até que esses sábados se cumprissem (2 Cr 36:14-21). Sempre acabamos perdendo aquilo que retemos para nós mesmos em nosso egoísmo, mas aquilo que damos ao Senhor conservamos para sempre.

A terceira figura é a do atalaia (Ez 7:14, 15). Deus havia feito de Ezequiel um atalaia (Ez 3:17-21), e sua responsabilidade era avisar o povo de que o perigo estava próximo. Se um exército inimigo se aproximava, os atalaiaços no alto do muro soavam suas trombetas e convocavam os soldados para assumir seus postos e proteger a cidade. Porém, de nada

adiantava os atalaias de Jerusalém soarem suas trombetas, pois não havia um exército judeu disponível, e qualquer resistência seria em vão. Se os soldados saíssem da cidade e fossem para os campos, seriam mortos pela espada do exército babilônio, e se os guerreiros ficassem dentro da cidade, morreriam de fome e de pestilência. Por que arriscar a vida por uma causa perdida como essa?

Na quarta figura, Ezequiel compara os fugitivos a *pombos* gemendo (Ez 7:16-18), assustados e sozinhos nas montanhas. Seria desse grupo que o Senhor formaria seu remanescente, de modo que essas pessoas eram muito importantes para ele. Em vez de se regozijarem com sua fuga, estariam pranteando por seus pecados (Is 59:11), vestindo panos de saco e raspando a cabeça como sinal de tristeza e de arrependimento, um cumprimento da profecia de Ezequiel em Ezequiel 6:9, 10. Estariam fracos e assustados demais para fugir do inimigo, e tudo o que poderiam fazer seria entregar-se à misericórdia do Senhor.

A quinta e última figura é de pessoas jogando fora seus bens (Ez 7:19-21). Durante os últimos anos de Judá, os ricos estavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres, uma vez que os ricos roubavam dos pobres sem sofrer qualquer interferência da justiça. Os profetas esbravejaram contra esse mal, porém os líderes não deram ouvidos. Os refugiados não puderam levar consigo seus bens ao fugir de Jerusalém, de modo que trataram seus ricos pertences como lixo que seria deixado nas ruas. Não se pode comer dinheiro, e de que vale o dinheiro quando não há comida para ser comprada na cidade? Além disso, não havia lugar algum para comprar suprimentos, uma vez que o povo tinha fugido para as montanhas. Seu ouro e sua prata eram apenas excesso de bagagem que lhes seria um atraso, e seus ídolos mostraram-se ainda mais inúteis. Em tempos de crise, aprendemos rapidamente o que é importante e valioso na vida. A cobiça por riqueza os havia tentado a pecar, e seus pecados haviam trazido o juízo. Os soldados babilônios levaram as riquezas dos judeus como

despojo juntamente com seus ídolos caros; esse foi o pagamento de Deus para a Babilônia por seus serviços ao disciplinar Judá.

Os transtornos da catástrofe (vv. 22-27).

Em primeiro lugar, não receberiam ajuda alguma dos líderes religiosos, nem dos profetas nem dos sacerdotes (v. 26), e o santo templo seria profanado e destruído. Os judeus haviam dependido do templo para salvá-los, pois certamente Deus não permitiria que sua bela morada fosse devastada por soldados pagãos (Jr 7:1-5). Contudo, o templo havia se tornado um covil de saltadores (Jr 7:11), e o Senhor não se agradava mais dos sacrifícios que o povo lhe oferecia (Is 1:11-20). Deus permitiria que os pagãos contaminassem sua preciosa morada. Os sacerdotes não tinham palavras de encorajamento da Palavra de Deus para oferecer ao povo, pois este havia rompido a aliança e estava fora do alcance das bênçãos. Os falsos profetas não tinham visões, pois haviam rejeitado a verdade.

Não apenas haveria caos religioso, mas o sistema político também se desintegraria (Ez 7:27). Aos olhos de Ezequiel, o rei era Jeoaquim (Ez 1:2) e o príncipe era Zedequias. Apesar de Zedequias ser o último rei de Judá, o profeta não reconhecia seu reinado e considerava-o apenas um príncipe (Ez 12:10, 12). A liderança de Judá entrou em colapso quando os reis se recusaram a ouvir a mensagem do Senhor transmitida por Jeremias, admoestando-os a entregar-se à Babilônia e, assim, salvar a cidade e o templo. Sempre que os líderes judeus fiavam-se na política em vez de depender da Palavra profética, tornavam-se cada vez mais descendentes e confusos (Is 8:20). Judá procurou fazer alianças com o Egito e tentou negociar uma saída pacífica (Ez 7:25), mas o Senhor havia determinado que seu povo devia ser disciplinado, e nenhum poder político prevaleceria sobre a vontade soberana de Deus.

"O SENHOR frustra os desígnios das nações e anula os intentos dos povos. O conselho do SENHOR dura para sempre; os desígnios do seu coração, por todas as gerações" (Sl 33:10, 11).

1. HEILMAN, Samuel. *A Walker in Jerusalem*. Summit Books, 1986, p. 15.
2. A expressão “levar sobre si as iniqüidades” pode significar sofrer em decorrência dos próprios pecados (Lv 17:15; 16) ou tomar sobre si os pecados de outros (Lv 10:17; 16:22). Uma vez que o sumo sacerdote representava o povo diante de Deus e que os sacerdotes ofereciam sacrifícios pelos pecados, de forma simbólica estavam levando os pecados do povo sobre si. Sem esse ministério, não poderia haver perdão.
3. A questão da duração dos reinados dos monarcas judeus é um tanto obscura, de modo que não devemos pensar em termos de números absolutos. Pais e filhos às vezes eram co-regentes, e pelo menos dois reis de Judá reinaram apenas durante três meses cada um.
4. No que se referia às rotas comerciais, num certo sentido a terra e a cidade ocupavam uma localização central. A terra era uma “ponte” sobre a qual as nações pisavam ao atacar-se umas às outras, e os judeus sofriam as consequências.
5. Em Ezequiel 25 e 26, Deus prometeu castigar os amonitas e o povo de Tiro, pois haviam zombado da terrível situação dos judeus e se aproveitado deles. Sem dúvida, o povo judeu foi envergonhado diante das mesmas pessoas cujos pecados imitaram e cometiam e, assim, trouxeram juízo sobre si.
6. As palavras “por isso sou contra vós” (v. 8) ou equivalentes são repetidas com freqüência no Livro de Ezequiel: 13:8, 20; 21:3; 26:3; 28:22; 29:3, 10; 30:22; 34:10; 35:3; 36:9; 38:3; 39:1.
7. Ver Ezequiel 6:12; 7:8, 12, 14, 19; 9:8; 13:13, 15; 14:19; 16:38, 42; 20:8, 13, 21, 33, 34; 21:17, 31; 22:20-24, 31; 24:8, 13, 14, 17; 30:15; 36:6, 18,19. Ezequiel tem muito o que dizer sobre a ira de Deus.
8. Essa é outra expressão encontrada com freqüência em Ezequiel: 17:21; 21:17, 32; 23:34; 24:14; 26:5, 14; 28:10; 30:12; 34:24; 39:5. Ezequiel falava com a autoridade do Senhor.
9. Bem no início da história de Israel, antes de a adoração ser centralizada no tabernáculo em Jerusalém, os “lugares altos” às vezes eram usados para adorar ao Senhor (1 Sm 9:11-25; 10:5; 1 Rs 3:4). Posteriormente, passaram a ser usados para adorar tanto ao Senhor como a falsos deuses e, por fim, foram inteiramente dedicados a ídolos. O Senhor ordenou que todos os lugares altos e ídolos fossem destruídos quando Israel entrasse em Canaã (Dt 12).
10. A ideia de “voltar o rosto” ou “colocar-se contra” também pode ser encontrada em Ezequiel 13:17; 20:46; 21:2, 7; 25:2; 28:21; 29:2; 35:2; 38:2.
11. Alguns estudiosos traduzem essa palavra (*gillulim*) por “toras” ou “blocos de madeira”. Não importava como o povo decorava seus ídolos, esses falsos deuses não passavam de “pedaços de madeira”. Contudo, o termo também pode significar “pedaços de estrume”.
12. A palavra “espada” é usada noventa vezes no Livro de Ezequiel.
13. Ezequiel voltará a tratar do tema do adultério nos capítulos 16 e 23.
14. Em Ezequiel 25:6, essas mesmas ações foram a reação exultante de Amom à destruição da terra de Israel, mas o Senhor certamente não se alegraria em ver seu povo sofrendo e sua terra devastada.
15. Alguns intérpretes vêem aqui a figura de uma corda “entretecida” em volta dos prisioneiros ao serem levados para a Babilônia.

A GLÓRIA PARTIU

EZEQUIEL 8 – 11

As nações gentias tinham seus templos, sacerdotes, leis religiosas e sacrifícios, mas somente a nação de Israel tinha a glória do verdadeiro Deus vivo habitando no meio de seu povo (Rm 9:4). Quando Moisés consagrhou o tabernáculo, a glória de Deus mudou-se para lá (Êx 40:34, 35), mas os pecados do povo fizeram com que a glória partisse (1 Sm 4:19-22). Quando Salomão consagrhou o templo, a glória de Deus voltou a encher o santuário (1 Rs 8:11); porém, séculos mais tarde, o profeta Ezequiel viu essa glória deixar o templo – e depois voltar! Sem a presença da glória do Senhor, o povo de Deus é apenas mais um povo religioso cumprindo rituais. “Se a tua presença não vai comigo”, disse Moisés ao Senhor, “não nos faças subir deste lugar” (Êx 33:15). O povo de Deus é identificado pela presença do Senhor.

Nestes capítulos, encontra-se registrada uma visão extraordinária que Deus deu a Ezequiel e que o profeta compartilhou com os anciãos do povo judeu (Ez 11:25). Não foi uma mensagem fácil de pregar, pois tratava de três grandes tragédias na vida dos judeus como nação: o templo foi profanado (Ez 8:1-18), o povo foi condenado (Ez 9:1 – 10:22) e os líderes foram enganados (Ez 11:1-25).

1. O TEMPLO É PROFANADO (Ez 8:1-18)

Contemplar uma visão dramática e ouvir a voz de Deus não é uma experiência que faz parte do cotidiano dos profetas de Deus. De acordo com os registros, haviam se passado quatorze meses desde o chamado de Ezequiel e de sua primeira visão. Durante

esse tempo, ele e sua esposa viveram normalmente, seguindo as instruções de Jeremias (Jr 29:4-9). Uma vez que os exilados na Babilônia não tinham reis nem príncipes judeus para liderar o povo, escolheram anciãos como seus líderes e, de tempos em tempos, alguns deles visitavam Ezequiel (ver Ez 14:1; 20:1; 33:30-33). No capítulo 8, Ezequiel teve duas experiências intensas que o levaram a proclamar uma mensagem triste: Deus lançaria sua fúria sobre seu povo e o julgaria sem misericórdia.

A glória de Deus foi revelada (vv. 1, 2). Os servos de Deus devem concentrar-se na glória de Deus acima de todas as coisas. Foi a visão da glória de Deus que deu ânimo a Moisés quando ele sentiu o peso de liderar o povo (Êx 33:18-23), e Ezequiel precisava desse mesmo tipo de encorajamento. O profeta viu um ser glorioso e o mesmo “tronos-carruagem” que havia contemplado na primeira visão (Ez 1). É bem provável que esse ser atemorizante fosse Jesus Cristo numa aparição pré-encarnada e, sem dúvida, “a glória de Deus” em Ezequiel 8:4 foi a visão espetacular de rodas, querubins, firmamento e trono que acompanharam seu chamado profético. Os servos de Deus podem pensar que sua maior necessidade é ter novas visões e ouvir novas vozes, mas o Senhor nem sempre trabalha dessa forma. Antes, com freqüência, supre nossas necessidades ao renovar nosso primeiro chamado. O Senhor lembrou seu servo de que ainda estava no trono e de que seu cuidado providencial pelo profeta e pelo povo não havia cessado em momento algum. O que mais Ezequiel precisava saber?

A idolatria do povo foi desmascarada (vv. 3-16). Ezequiel foi levantado da Babilônia e levado para o templo em Jerusalém! Não foi transportado fisicamente; permaneceu em sua casa e viu o que estava se passando no templo (ver 11:1, 24; 37:1; 43:5). A primeira coisa que viu no templo foi um ídolo! Ele é chamado de “figura dos ciúmes”, pois a idolatria provoca os ciúmes do Senhor por seu povo (Dt 32:21). Ao longo do processo de deterioração espiritual de Judá, os líderes religiosos incorporaram ao templo rituais de

adoração a outros deuses juntamente com a adoração a Jeová. Os estágios de sua idolatria são claros. Primeiramente, os judeus ficaram curiosos com as religiões de seus vizinhos e, então, resolveram investigá-las. Seus elementos mais abjetos atraíram seus apetites carnais, e não demorou para que o povo de Israel começasse a participar secretamente de cultos pagãos. Daí, foi apenas um pequeno passo para que passassem a adorar a ídolos abertamente e para que transferissem essa falsa adoração para dentro do templo, como se Jeová fosse apenas um dentre muitos deuses (Dt 7:1-11). Uma vez que o Senhor e Israel estavam “casados” num relacionamento de aliança, a “prostituição religiosa” de Israel suscitou o zelo do Senhor, assim como um marido teria ciúmes de sua esposa se um “amante” invadisse seu casamento (Êx 20:5; Dt 32:16).

O rei Ezequias havia removido a idolatria da terra (2 Rs 18:1-5), mas o rei Manassés não apenas restituíu os cultos idólatras como também fez pior. Colocou um ídolo no templo do Senhor (2 Rs 21:1-7), e seu filho e sucessor, Amom, deu continuidade às práticas perversas do pai. No entanto, o rei Josias purificou a terra da idolatria e queimou esse ídolo, moendo-o até transformá-lo em pó (2 Rs 23:4-20). Mas o tal ídolo foi substituído por outro! O mais impressionante é que a glória de Deus estava presente no mesmo templo, porém Deus estava prestes a removê-la do santuário, e Ezequiel testemunharia esse momento. Sem a presença de Deus, o templo era apenas mais uma construção. Foram os pecados blasfemos que expulsaram a glória de Deus de sua santa morada, e Ezequiel logo veria quão perversos os líderes eram de fato.

Em seguida, o Senhor conduziu-o para um lugar nô templo onde havia um buraco na parede que dava para uma câmara secreta. Quando Ezequiel entrou na sala, viu setenta anciãos do povo (Êx 24:9, 10; Nm 11:16ss) queimando incenso diante de vários ídolos, cujas figuras encontravam-se pintadas nas paredes, sendo que cada homem adorava a seu próprio ídolo (ver Ez 12). Sua concupiscência por falsos deuses era tal que

estavam adorando até a répteis! (Ver Dt 4:14-19; Rm 1:18-25.) Ezequiel reconheceu Jazanias, um dos principais líderes de Jerusalém (não se trata do mesmo Jazanias de Ez 11:1). É possível que seu pai, Safã, fosse o mesmo homem que encontrou o Livro da Lei no tempo do rei Josias e que serviu ao Senhor tão fielmente (2 Cr 34). Se é o caso, esse Safã tinha outros três filhos: Aicão, que protegeu Jeremias, evitando que o profeta fosse morto (Jr 26:24); Gemarias, que suplicou ao rei que não destruísse o rolo de Jeremias (Jr 36:12ss), e Elasa, que entregou o rolo de Jeremias aos judeus na Babilônia (Jr 29:1-3). Nabucodonosor nomeou Gedalias, neto de Safã, para ser governador de Judá depois que Jerusalém foi destruída (Jr 39:14). Diante dessa herança piedosa, é difícil crer que Jazanias tenha se transformado num idólatra.

Deus sabia o que estava dentro do coração desses homens e como justificavam seus pecados: “O SENHOR não nos vê, o SENHOR abandonou a terra” (Ez 8:12). Porém, o Senhor não é como os ídolos mortos que eles adoravam e que “têm olhos mas não vêem” (Sl 115:5), e o povo havia abandonado o Senhor muito antes de o Senhor abandoná-los (2 Cr 24:20; Jr 1:16; 2:13, 17; 7:29; 15:6). Infelizmente, essa falsa ideologia dos anciãos chegou até o povo, que usou as atitudes dos líderes como desculpa para seus pecados (Ez 9:9).

No entanto, havia ainda mais pecados para Ezequiel ver no templo. Dessa vez, viu mulheres assentadas à porta do santuário participando abertamente de um ritual pagão ao deus Tamuz (Ez 8:13, 14). Apesar de não haver consenso entre os estudiosos, normalmente Tamuz é identificado como um deus da fertilidade que os egípcios chamaravam de Osíris, e os gregos, de Adônis. De acordo com sua mitologia, Tamuz, depois de morto por um javali, foi para o inferno, e essa tragédia era o que trazia o inverno todos os anos. Porém sua esposa, Ishtar (Astarte), o salvava e trazia de volta a primavera e o renascimento da natureza. Isso não passava de superstição. As mulheres judias haviam abandonado a verdade de Deus em

troca de mentiras e fiaram-se em deuses que não existiam. Os rituais associados à adoração de Talmuz eram indescritivelmente abjetos, como era o caso da maioria dos rituais de fertilidade.

A quarta figura que Ezequiel viu foi a que mais entristeceu seu coração. Havia vinte e cinco homens à porta do templo, entre o pórtico (entrada) e o altar de bronze, curvando-se em público para o Sol (vv. 15, 16). Uma vez que se encontravam numa área próxima ao altar dos sacrifícios, à qual somente os sacerdotes tinham acesso, é bem possível que tais homens fossem sacerdotes, apesar de, em Ezequiel 9:7, serem chamados de anciãos. A fim de adorarem ao Sol, precisavam voltar-se para o leste e, com isso, davam as costas para o templo de Deus e para o Deus do templo. A idolatria dos setenta anciãos havia permanecido oculta dentro do templo, mas a desses homens era pública! A lei dos judeus não permitia a adoração de corpos celestes (Êx 20:1-6; Dt 17:3), mas ainda assim aqueles homens adoravam a criação em vez do Criador (Rm 1:25) e faziam-no abertamente na área do templo.

A idolatria era um pecado contumaz do povo judeu. Abraão pertencia a uma família idólatra antes de Deus chamá-lo (Js 24:2), e os judeus aprenderam muita coisa sobre o culto a ídolos durante sua estadia temporária no Egito (Ez 20:7; Js 24:14). Quando tomaram a Terra Prometida, não destruíram os deuses e santuários dos habitantes e Canaã, e sua idolatria tornou-se uma armadilha para eles (Jz 2:10-15). Apesar de os cristãos de hoje normalmente não se curvarem diante de ídolos grotescos como aqueles citados na Bíblia, ainda assim devemos ficar alertas para a idolatria, pois um ídolo é qualquer coisa que recebe nossa devoção, controla nossa vontade e toma o lugar do verdadeiro Deus vivo. A Igreja de hoje precisa dar ouvidos à admoestaçāo: “Filhinhos, guardai-vos dos ídolos” (1 Jo 5:21).

O anúncio do juízo divino (vv. 17, 18). Ezequiel havia visto apenas uma parte das evidências de que o povo de Israel se entregara à idolatria. Tinha visto um ídolo no templo, profanando a casa do Senhor, e ainda

assim adorado por pessoas que também afirmavam adorar ao Senhor, como se Jeová fosse mais um Deus dentre muitos e não o Senhor dos senhores. Então, viu os líderes adorando a falsos deuses secretamente no templo. Depois disso, tudo se tornou público: as mulheres chorando por Tamuz e os sacerdotes/anciões curvando-se para o Sol. Aos olhos de Deus, essas coisas eram abomináveis e detestáveis e provocavam sua ira. Exceto por um remanescente fiel, o povo judeu não temia mais ao Senhor nem se preocupava em lhe agradar.

A frase estranha “chegar o ramo ao seu nariz” não tem qualquer paralelo nas Escrituras e pode descrever parte de um ritual idólatra. Alguns vêm nisso um gesto de insulto semelhante a “empinar o nariz” para alguém ou alguma coisa, enquanto outros acreditam que a expressão deve ser traduzida por “um fedor em meu nariz”. Seja qual for seu significado, Deus considerava o gesto repulsivo. Anunciou que a idolatria do povo era a causa da violência na terra. Pelo fato de os líderes desprezarem as leis de Deus, não se importavam se os tribunais eram justos com todos ou se favoreciam os ricos. Quando as pessoas perdem o temor do Senhor, fazem como bem entendem sem se preocupar com as consequências.

O Senhor havia apresentado as evidências e anunciado o veredicto e, então, declarou a sentença: obedeceria à sua aliança e castigaria seu povo com severidade por causa dos muitos pecados dele. A sentença era “tratarei com furor; os meus olhos não pouparão”, e não haveria misericórdia. A nação culpada podia implorar por misericórdia, mas ele não os ouviria;¹ não teria como apelar para um tribunal superior. Deus havia lhes dado oportunidades seguidas de deixar o pecado, mas se recusaram a ouvir; agora era a vez de Deus de não dar ouvido ao povo.

2. O POVO É CONDENADO (Ez 9:1 – 10:22)

Esse é o cerne da mensagem de Ezequiel e deve ter partido o coração dele ter de pregar essas palavras. Leia o Livro de Lamentações

e veja como o Senhor “derramou seu furor” sobre o seu povo. Jeremias foi testemunha ocular da destruição de Jerusalém, e aquilo que Ezequiel previu, Jeremias viu se cumprir.

O remanescente é poupadão (9:1-4). Em sua visão, Ezequiel ainda estava no templo em Jerusalém quando ouviu o Senhor chamar seis “homens” para preparar o caminho para o massacre. É provável que fossem anjos incumbidos da cidade de Jerusalém. Daniel descobriu que havia anjos encarregados de nações (Dn 10:12-21), de modo que não é estranho que Jerusalém tivesse seis anjos da guarda. Esses anjos foram escolhidos para executar o juízo de Deus na cidade. Mas, junto aos seis anjos, havia uma sétima pessoa carregando os instrumentos de um escriba (“escrevedor”) e vestido de linho como se fosse um sacerdote. Tomando por base suas vestimentas (Dn 10:5; Ap 1:13), alguns estudiosos identificam esse homem com o Senhor Jesus Cristo, que veio para preservar seu remanescente fiel, mas se trata apenas de uma conjectura. Em seu cinto, o escriba usava um estojo de couro ou de metal com cerca de vinte e cinco centímetros de comprimento e três e meio de largura, no qual havia penas e tinta. Nas cidades antigas, o escriba registrava os cidadãos e identificava os estrangeiros. Esses sete anjos reuniram-se perto do altar do holocausto, lugar onde o fogo santo do julgamento de Deus consumia os sacrifícios.² O fogo declarava a santidade de Deus, mas os sacrifícios de sangue no altar declaravam a graça de Deus.

Nesse ponto, a glória *shekinah*³ que havia se assentado no “trono-carroagem” (Ez 8:2, 4) moveu-se do trono para a entrada do templo, preparando-se para deixá-lo. É interessante que a glória de Deus seja associada ao juízo de uma cidade profanada, mas é por causa de sua glória que Deus julga o pecado.⁴ Também é por causa de sua glória que Deus, em sua graça, salva aqueles que depositam nele sua fé (Ef 1:6, 12, 14). O povo judeu, que possuía a glória de Deus habitando em seu meio, não procurou glorificá-lo obedecendo à sua vontade, de modo que Deus foi glorificado ao castigá-lo por seu pecado.

Ordenou-se ao anjo-escriba que percorresse a cidade e colocasse um sinal no povo, que se lamentava e se entristecia com os pecados da cidade. Mesmo nos dias mais sombrios, Deus sempre teve um remanescente fiel, obediente a ele, que confiou nele para livrá-lo, e Ezequiel fazia parte desse grupo (Ez 6:11; 21:6; ver Sl 12:5; 119:53; 136; Is 66:2; Jr 13:17; Am 6:6; Ml 3:16). O ato de colocar um sinal nas pessoas também fará parte do fim dos tempos (Ap 7:3; 9:4; 13:16, 17; 20:4). Os cristãos de hoje têm o “sinal” do Espírito de Deus (Ef 1:13-14) e devem ser marcados por uma vida de santidade que glorifique a Cristo.

Os rebeldes são julgados (9:5 – 10:7). Os outros seis anjos deveriam seguir o escriba e matar todos aqueles nos quais ele não colocasse o sinal; ninguém deveria ser poupadão, independentemente de sexo ou de idade. A palavra usada para “sinal”, no texto hebraico, é a última letra do alfabeto hebraico (*taw* ou *tau*), naquela época escrita como uma cruz (X). Os anjos providenciam para que os planos de Deus se cumpram em indivíduos e nações, mas realizam suas tarefas de modo invisível e imperceptível para as pessoas cuja vida afetam. Aquele era o ano de 592 a.C. (Ez 8:1), e a cidade de Jerusalém só seria tomada em 586 a.C. Alguns dos habitantes já teriam morrido pela fome e pela pestilência, mas quando o exército babilônio penetrasse os muros, muitos mais seriam mortos pela espada (Ez 5:8-13).

A ordem “começai pelo meu santuário” parece um tanto estranha, mas foi a idolatria no templo que suscitou a ira do Senhor. Com freqüência, encontramos nas Escrituras Deus enviando seu juízo não porque os incrédulos pecaram, mas porque seu próprio povo desobedeceu à sua lei! Em duas ocasiões, Abraão trouxe juízo sobre gentios inocentes ao mentir a respeito de sua esposa (Gn 12:10-20; 20:1-18). Arão, o sumo sacerdote, liderou o povo de Israel num culto idólatra e três mil pessoas foram mortas (Ex 32:1-6, 26-29). Davi cometeu adultério com Bate-Seba e mandou matar o marido dela – Urias –, e seus pecados trouxeram anos de sofrimento à sua família e à nação. Uma tripulação de

marinheiros gentios quase morreu afogada por causa da desobediência de Jonas, um profeta de Deus. O povo de Deus deve ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5:13-16). Se houvesse mais sal no mundo, também haveria menos decomposição, e mais luz significaria menos trevas. Nossas boas obras glorificam ao Senhor, mas nossos pecados trazem sua disciplina. Pedro advertiu os cristãos do primeiro século de que “a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada” (1 Pe 4:17), uma advertência à qual devemos dar ouvidos nos dias de hoje, em que a vinda de nosso Senhor se aproxima.

Para um judeu, um cadáver era algo imundo, de modo que os cadáveres no templo profanariam a casa de Deus. Aquelas pessoas haviam profanado a casa de Deus com sua vida de perversidade e iriam contaminá-la ainda mais com sua morte terrível. Os idólatras acabariam mortos como seus ídolos (Sl 115:8). Quando o profeta Ezequiel viu essa cena, prostrou-se com o rosto em terra para interceder pelo remanescente que Deus havia prometido proteger. Essa atitude é a marca de um verdadeiro pastor (ver Ez 4:14; 11:13). Abraão intercedeu por Ló em Sodoma (Gn 18:16ss) e Moisés intercedeu pelo irmão, Arão, e pelos judeus idólatras (Êx 32:11ss). Os profetas pediram a Deus que pouasse o povo de Israel, e Jesus orou pelas pessoas ignorantes que o crucificaram (Lc 23:34). Deus informou Ezequiel de que a terra estava contaminada com sangue inocente, a cidade estava cheia de injustiça e havia chegado a hora de o povo colher aquilo que havia semeado.

Em resposta à preocupação de Ezequiel e à sua oração, o Senhor lhe revelou sua glória novamente, assim como a revelara a Moisés quando consagrou o tabernáculo e a Salomão quando consagrou o templo. A nuvem de glória deixou o trono-carruagem e pairou sobre a entrada do templo. O Senhor ordenou que o anjo-escriba passasse por entre as rodas e tomasse brasas do fogo que se encontrava ali e que as espalhasse sobre a cidade de Jerusalém. A cidade não apenas seria assolada pela fome, peste e espada, mas também seria incendiada pelo

exército babilônio. Não se tratava de um fogo de purificação, como aquele no caso de Isaías (Is 6:5-7), mas sim de um fogo de condenação (2 Rs 25:8, 9).

A glória é revelada (10:8-22). Ezequiel descreve a visão da glória de Deus que ele havia contemplado no dia de sua ordenação (vv. 15, 20-22). Um dos novos elementos é o fato de as criaturas viventes serem “cheias de olhos”, como eram as rodas, sugerindo assim a onisciência de Deus (ver 1:18). A obra providencial de Deus neste mundo não é despropositada nem aleatória. Tudo é feito “segundo o propósito daquele que fez todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1:11). Outro novo elemento é a identificação das rodas com “rodas girantes” (Ez 10:13).

Um problema apresentado por essa nova descrição está relacionado à forma como os rostos dos querubins são descritos no versículo 14. Em Ezequiel 1:10, cada querubim tinha o rosto de um homem, de um leão, de um boi e de uma águia, enquanto em 10:14, ao que parece, o rosto do boi é substituído pelo rosto “de querubim”. A suposta contradição é apenas aparente. Do ponto de vista de Ezequiel, ele via um rosto diferente de cada um dos querubins. “O querubim” deve ter sido aquele que deu as brasas para o anjo-escriba. Assim, podemos fazer a seguinte paráfrase: “O primeiro rosto que vi foi do querubim e era o rosto de um boi, uma vez que o rosto que vi nos outros era de um homem, de um leão e de uma águia”. Cada rosto era, de fato, o rosto de um querubim, uma vez que cada ser vivente era um querubim.

A glória de Deus partiu da entrada do templo e pairou sobre o trono-carruagem que se encontrava do lado direito da casa (v. 3), como se o Senhor estivesse chamando sua glória de volta para o trono. Ao mesmo tempo, o trono-carruagem elevou-se e ficou diante da porta oriental do templo. No mesmo lugar em que Ezequiel veria os líderes judeus adorando o Sol e onde o Senhor julgaria um deles.

Ezequiel estava aprendendo que a parte mais importante da vida de sua nação era

magnificar a glória de Deus. A presença de Deus no santuário era um grande privilégio para o povo de Deus, mas também era uma grande responsabilidade. A glória de Deus não pode habitar com os pecados do povo, de modo que foi necessário que a glória de Deus partisse e que o santuário e o povo fossem julgados.

3. OS LÍDERES SÃO ENGANADOS (Ez 11:1-25)

Ao ler as profecias de Jeremias, descobre-se que os líderes civis e religiosos de Judá, bem como os governantes de Jerusalém, não estavam interessados em fazer a vontade de Deus. Quando um dos reis consultou Jeremias, ele o fez em segredo, pois temia a reação de seus conselheiros (Jr 37:17). Durante os últimos anos de Judá, o povo foi governado por homens fracos que promoveram a idolatria e não chamaram o povo ao arrependimento e à oração (2 Cr 7:14). Ao usar um jugo em público, Jeremias deixou claro que a única forma de poupar a cidade e o templo era que os líderes judeus se entregassem aos babilônios (Jr 27). Em vez disso, os líderes de Judá fizeram um acordo com o Egito em segredo, pedindo que os egípcios os salvassem da Babilônia, mas eles não puderam fazer nada. Deus havia decretado a queda de Judá e estava usando Nabucodonosor como seu servo para realizar sua vontade (Jr 25:9; 27:6; 43:10).

A cidade como uma panela (vv. 1-13). Ezequiel ainda estava tendo sua visão de Jerusalém e do templo, e o Senhor mostrou-lhe vinte e cinco homens adorando o Sol, à porta oriental do templo (ver Ez 8:15-18). Dentre eles, encontravam-se Jazanias e Pelatias, dois líderes do povo (não se trata do Jazanias de Ez 8:11). Esses homens deram ao rei e a outros líderes de Jerusalém conselhos perversos, que não vinham do Senhor. Como podiam ser conselheiros sábios quando eram idólatras que adoravam o Sol? Ao mesmo tempo, tramavam o mal para que pudessem beneficiar-se do ataque babilônio sobre a cidade. Em toda crise, sempre há os “oportunistas” que buscam ajuda

para si mesmos em vez de ajudar a seu país, os quais normalmente se escondem por trás da máscara do patriotismo.

Esses líderes não apenas eram idólatras e conselheiros perversos, mas também cultivavam uma filosofia que lhes dava uma falsa segurança em meio a sua situação de perigo. “Não está próximo o tempo de construir casas”, disseram. “Esta cidade é a panela, e nós, a carne” (Ez 11:3). Jeremias havia dito aos exilados para construir casas na Babilônia, assentar-se e criar suas famílias, pois viviam lá durante setenta anos (Jr 29:4ss). Contudo, era tolice o povo de Jerusalém construir casas, já que o Senhor havia determinado que o exército babilônio destruiria a cidade e mataria a maior parte de seus habitantes. Esses líderes estavam seguros de que sua permanência em Jerusalém era tão certa quanto um pedaço de carne numa panela. De acordo com a insinuação dessa metáfora, o povo de Jerusalém era como pedaços de carne seleta, enquanto os exilados na Babilônia eram apenas restos. É claro que, na realidade, era justamente o contrário! Se os líderes de Jerusalém tivessem dado ouvidos à mensagem de Jeremias sobre o cesto de figos, teriam visto a inversão de sua filosofia. Os figos bons eram os exilados, enquanto os figos ruins eram o povo de Jerusalém (Jr 24:1-7). Deus preservaria um remanescente do meio dos exilados, mas os idólatras de Jerusalém seriam mortos.

O Senhor ordenou que Ezequiel profetizasse contra os líderes perversos e que mostrasse como eles não eram a carne, mas sim os açougueiros! Havia exterminado pessoas inocentes em Jerusalém e roubado seus bens, e mesmo que os líderes não fossem mortos em Jerusalém, ainda assim não escapariam do juízo. Poderiam fugir, mas os babilônios iriam alcançá-los nos limites da cidade, sentenciá-los e matá-los, e foi exatamente isso o que aconteceu (2 Rs 25:18-21; Jr 39:1-7; 52:1-11, 24-27). Então, os oficiais judeus descobririam, tarde demais, que somente Jeová é o Senhor do céu e da Terra.

Em sua visão, Ezequiel pregou essa mensagem, e Pelatias caiu morto! O Senhor deu

aos adoradores do Sol provas claras de que seus maus pensamentos e intentos só poderiam acabar em tragédia. Mais uma vez, Ezequiel revelou seu coração de pastor ao prostrar-se em terra diante do Senhor e orar pelo povo. Como em Ezequiel 9:8, orou pedindo ao Senhor que pouasse um remanescente do povo, a fim de que houvesse algum futuro para Israel.

Jeová, o santuário de seu povo (vv. 14-21). Essa é a palavra de encorajamento de Deus para seu servo, afirmindo que iria cumprir sua promessa e poupar um remanescente de seu povo. O povo em Jerusalém estava certo de que Deus iria livrá-lo e devolver-lhe sua terra, pois os exilados haviam deixado a terra e estavam longe de Jerusalém e do templo. Na Antiguidade, as pessoas acreditavam que cada nação tinha seus próprios deuses, e, ao sair de seu país, deixavam os deuses para trás.⁵ É claro que Jeová havia se revelado a Abraão como aquele “que possui o céu e a terra” (Gn 14:22), de modo que os líderes judeus não deveriam ter uma visão tão limitada de Deus. É bem provável que suas palavras tenham sido apenas uma desculpa para confiscar terras pertencentes a exilados.

Contudo, o Senhor deixou claro que não havia abandonado os judeus na Babilônia, pois as declarações usando “hei de”, em Ezequiel 11:16-20, confirmam as promessas de Deus para os exilados. Em primeiro lugar, referindo-se ao cativeiro, Deus disse que lhes serviria de “santuário, por um pouco de tempo”. “Senhor, tu tens sido o nosso refúgio, de geração em geração” (Sl 90:1). Os judeus autoconfiantes de Jerusalém acreditavam estar seguros desde que tivessem o templo, mas o verdadeiro templo estava com os exilados na Babilônia! Muito antes de haver um tabernáculo ou um templo, os patriarcas encontravam seu refúgio e força em Deus, seu santuário e habitação. Onde quer que Abraão armasse sua tenda, ele também construía um altar para o Senhor, pois sabia que Deus estava com ele (Gn 12:8; 13:1-4, 18). No Novo Testamento, isso equivale à experiência de permanecer em Cristo (Jo 15:1-10).

Sua segunda promessa é: “Hei de ajuntá-los” (Ez 11:17). Um dia, um remanescente de judeus voltaria para a terra e reconstruiria o templo. Não importava onde os judeus estivessem dispersos, o Senhor os encontraria e os levaria para casa. Essa promessa vai muito além da restauração depois do cativeiro, pois o Senhor prometeu que, no fim dos tempos, ajuntaria seu povo em sua terra Ezequiel 28:25, 26; 34:11-16; 36:24-38; 37:11-28; Is 11:11-16; Jr 24:4-7). Sua terceira promessa é: “Ihes darei a terra de Israel” (Ez 11:17). Uma vez que Deus já havia dado essa terra a Abraão e a seus descendentes (Gn 12:7; 13:14-17; 15:7), ninguém mais poderia apropriar-se dela com sucesso. Quando os exilados voltassem para sua terra, estariam curados da idolatria e removeriam todo o culto pagão.

A promessa em Ezequiel 11:19-21 vai além da volta dos exilados judeus depois do cativeiro na Babilônia, pois as Escrituras não registram qualquer evidência de que tenha havido um reavivamento espiritual desse tipo no período pós-exílio. Na verdade, o relato apresentado em Esdras, Neemias, Ageu e Malaquias indica justamente o contrário. As promessas referem-se ao fim dos tempos, quando o povo de Deus será reunido em sua terra, se arrependerá dos seus pecados e crerá no seu Messias (Zc 12 - 14), recebendo-o de braços abertos como seu Rei. Passarão por uma regeneração espiritual, um novo nascimento, mas aqueles que não creerem serão julgados (Ez 11:21). Mais adiante em seu livro, Ezequiel descreve com maiores detalhes as bênçãos gloriosas que Deus preparou para os judeus como nação (Ez 33 - 48). Jeremias também havia proclamado uma “nova aliança” para o povo de Israel (Jr 31:33; 32:38, 39), que não seria escrita em pedras, mas sim gravada no coração e na mente dos homens, e os cristãos de hoje participam dessa aliança (2 Co 3; Hb 9 - 10).

A partida da glória (vv. 22-25). O trono-carruagem havia ficado na entrada do portão oriental do templo, tendo sobre si a glória de Deus (Ez 10:18, 19). Então, a glória de Deus partiu e repousou sobre o monte das Oliveiras, a leste de Jerusalém. Ezequiel

poderia ter escrito “Icabode” sobre o portão oriental, pois, de fato: “Foi-se a glória de Israel” (1 Sm 4:19-22). Contudo, Ezequiel viu a glória voltar, dessa vez para o novo templo que se erguerá no reinado de Cristo (Ez 43:1-5).

Depois que o templo foi destruído em 586 a.C., a glória de Deus desapareceu da Terra e só voltou com o nascimento de Jesus em Belém (Lc 2:9, 32; Jo 1:14). Homens perversos crucificaram o Senhor da glória (1 Co 2:8), mas ele ressuscitou e voltou para o céu, na cidade de Betânia, que fica na encosta leste do monte das Oliveiras (Lc 24:50, 51; At 1:9-12). Um dia, Jesus voltará ao monte das Oliveiras (Zc 14:4) para livrar seu povo e estabelecer seu reino. A glória voltará!

Quando a visão terminou, Ezequiel achou-se novamente em sua casa na Babilônia e contou aos anciãos e a outros exilados o que o Senhor havia lhe mostrado. Sem dúvida, alguns deles creram e oraram pedindo paz para Jerusalém, enquanto outros preferiram dar ouvidos às palavras mortalmente acalentadoras dos falsos profetas. Contudo, quatro anos depois (Ez 24:1), Ezequiel receberia a mensagem de que o cerco de Jerusalém havia começado. A cidade foi sitiada em 15 de janeiro de 588 a.C. Três anos depois (8 de janeiro de 585 a.C.), um fugitivo chegaria à Babilônia com a notícia de que a cidade havia caído (Ez 32:21).

A Palavra de Deus nunca falha.

-
1. É interessante que o nome Jazanias, no versículo 11, significa “o Senhor ouve”.
 2. Esses anjos nos lembram os “anjos das trombetas” em Apocalipse 8 – 9.
 3. A palavra *shekinah* vem do termo hebraico que significa “habitar”. A glória de Deus tinha habitado no Santo dos Santos no templo, mas havia se retirado de lá.
 4. Antes de trazer o grande dia de sua ira, Deus mostrou a João o Santo dos Santos no céu e a arca da aliança (Ap 11:15-19). Um dos motivos pelos quais o mundo resiste à idéia de juízo divino é o fato de separarem a glória de Deus da santidade de Deus. Deus estava “entronizado” no propiciatório (1 Sm 4:4; 2 Sm 6:2; Sl 80:1; 99:1). Seu trono é santo.
 5. Naamã levou uma carga de terra de Israel para a Síria para que pudesse continuar perto do Senhor (2 Rs 5:17), e Davi queixou-se de que Saul o havia expulsado de sua própria terra e, portanto, de seu Senhor (1 Sm 26:17-20).

A VERDADE SOBRE A FALSIDADE

EZEQUIEL 12 – 14

Em sua obra *Notes on the State of Virginia*, Thomas Jefferson escreveu: “Somente o que é falso precisa do apoio do governo. A verdade pode andar com as próprias pernas”.¹ Durante a tomada de Jerusalém pelos babilônios (606-586 a.C.), a falsidade tinha o apoio do governo e dos líderes religiosos, e a maioria dos exilados judeus concordava com eles.

“Jamais nos entregaremos ao exército babilônio!” era o clamor do povo judeu em Jerusalém. “O Senhor jamais permitirá que os gentios destruam sua cidade santa ou profanem seu templo sagrado!”

Jeremias era uma voz dissidente em Jerusalém, como também o era Ezequiel na Babilônia. Tanto em seus “sermões práticos” quanto em suas pregações, Ezequiel adverteu o povo de que estavam confiando numa ilusão. Não importava o que os oficiais, os falsos profetas e o povo dissessem, a cidade e a nação estavam condenadas. Nestes capítulos, Ezequiel mostra os enganos que levaram a nação à ruína.

1. FALSA SEGURANÇA (Ez 12:1-28)

Quando o Senhor chamou Ezequiel, advertiu-o de que estaria ministrando a um povo rebelde (Ez 2:3-8), espiritualmente cego e surdo (Ez 12:2). A fim de compreender a verdade de Deus, devemos ser obedientes à vontade de Deus (Jo 7:17; Sl 25:8-10), mas os judeus estavam muito longe de ser obedientes. Anos antes, Isaías havia falado a pessoas espiritualmente cegas e surdas (Is 6:9, 10), e era a esse tipo de gente que Jeremias estava pregando em Jerusalém (Jr 5:21). Quando nosso Senhor estava aqui na terra,

havia muitos cegos e surdos espirituais (Mt 13:13, 14), como também havia entre aqueles para os quais Paulo pregou (At 28:26-28). A fim de chamar a atenção dos exilados e de estimular seu interesse, Ezequiel realizou dois “sermões práticos” e, depois de cada um, transmitiu uma mensagem do Senhor.

Os líderes não poderão escapar (vv. 1-16). O Senhor instruiu Ezequiel a fazer o papel de um fugitivo escapando de uma cidade sitiada. Parte dessa atividade ocorreu durante o dia e parte durante o crepúsculo diante dos exilados judeus curiosos, porém perplexos, que observavam o profeta. Primeiramente, Ezequiel preparou uma mochila (“bagagem”) com as coisas essenciais para uma viagem, levou-a para fora e escondeu-a num lugar afastado de sua casa. Em seguida, voltou para casa e, naquela noite, cavou um túnel por uma de suas paredes, provavelmente de fora para dentro, a fim de que as pessoas pudessem vê-lo trabalhar. As casas eram construídas com tijolos secos ao sol, de modo que não era difícil fazer um buraco numa parede. Depois disso, ele pegou de volta a mochila, entrou em casa e saiu pelo buraco com o rosto coberto. Aquelas que o observavam queriam saber o que ele estava fazendo.

Preparar uma mochila e deixá-la a certa distância da casa transmitia a mensagem de que os líderes de Jerusalém estavam planejando fugir para não ser mortos. Fazer o buraco na parede de fora para dentro retratava o ataque do exército babilônio sobre os muros de Jerusalém. Naquela noite, quando Ezequiel saiu de casa pelo buraco levando sua mochila nas costas, retratou os líderes tentando fugir da cidade em segredo para se salvar. A história nos diz que o rei Zedekias, seus oficiais e seu exército escaparam de Jerusalém exatamente desse modo, mas foram perseguidos pelos babilônios e capturados (2 Rs 25:1-7; Jr 52:4-11). Os babilônios mataram os filhos do rei e seus oficiais diante dele² e, depois, vazaram os olhos do rei e levaram-no como prisioneiro para a Babilônia, onde ele morreu.

Na manhã seguinte, na pregação depois do “sermão prático”,³ Ezequiel predisse esses

acontecimentos. Também anunciou que, mesmo sendo levado para a Babilônia, Zedequias não veria essa terra estrangeira (Ez 12:13; Jr 52:11). Isso aconteceu porque os babilônios vazaram os olhos dele e Zedequias ficou cego! Porém, não foi o exército babilônio que capturou o rei de Judá e seus oficiais, mas sim a “rede” de Deus que os prendeu. Nabucodonosor e o exército babilônio não foram vitoriosos por causa de suas próprias aptidões; antes, foram instrumentos de Deus para derrotar o povo de Judá e Jerusalém (Jr 27:1-22). Jeremias havia admoestado Zedequias a entregar-se aos babilônios (Jr 38:14ss), mas o rei não teve fé para confiar na Palavra de Deus e obedecer. Se ele tivesse se humilhado e se entregado, o povo, a cidade, o templo e a vida do povo teriam sido poupadados.

Não apenas os oficiais seriam mortos e seu rei humilhado, mas também as pessoas em Jerusalém que tivessem sobrevivido ao cerco seriam dispersas em meio a outras nações, e algumas delas seriam levadas para a Babilônia (Ez 12:14-16). Mais uma vez, tudo isso seria obra de Deus – “quando eu os dispersar” – e não uma recompensa, como se esses judeus sobreviventes fossem mais santos. Muito pelo contrário: o Senhor permitiu que os sobreviventes fossem à Babilônia como testemunhas de que seus atos perversos mereciam o castigo que Deus havia enviado à nação. Essa questão aparece novamente em Ezequiel 14:22, 23.

O povo viverá aterrorizado (vv. 17-28). É possível que o segundo “sermão prático” do profeta tenha ocorrido no dia seguinte, na hora de sua refeição. Talvez alguns dos judeus estivessem em casa com ele ou, o que é mais provável, que ele tenha feito sua refeição ao ar livre, dando continuidade à representação dos fugitivos. Ele comeu seu pão e bebeu sua água – uma refeição frugal – com estremecimento e ansiedade. Com isso, Ezequiel estava ilustrando a situação trágica do povo de Jerusalém durante o cerco babilônio. Teriam pouquíssimo alimento e o comeriam tremendo de medo, sabendo que aquela podia muito bem ser sua última refeição. Essa terrível situação seria

um cumprimento da promessa do Senhor em Ezequiel 4:16, 17. Ansiedade, preocupação, medo e consternação se apossariam do povo, à medida que a queda da cidade se tornasse mais iminente.

O tema da mensagem de Ezequiel (12:21-28) era a certeza e a proximidade do juízo de Deus sobre Jerusalém e a terra de Judá. As pessoas citavam um provérbio criado, talvez, pelos falsos profetas para humilhar Ezequiel: “Prolongue-se o tempo, e não se cumpra a profecia” (v. 22). Em outras palavras: “Ezequiel nos fala de suas visões, mas não acontece coisa alguma. Para que se preocupar? Suas profecias não dão em nada!” Os judeus haviam dito algo semelhante a Isaías (Is 5:19), e há quem diga a mesma coisa hoje em dia sobre a volta de Jesus Cristo (2 Pe 3). As pessoas podem até dizer se vai chover, mas não são capazes de discernir os “sinais dos tempos” (Mt 16:3).

O Senhor deu a seu servo um novo provérbio para compartilhar com os exilados: “Os dias estão próximos e o cumprimento de toda profecia” (Ez 12:23). Pelo fato de as profecias de Ezequiel não terem se cumprido imediatamente, o povo estava prestando mais atenção aos falsos profetas do que na verdadeira Palavra de Deus. As visões dos falsos profetas eram erradas e enganosas e só proclamavam as palavras tranqüilizadoras e animadoras que o povo desejava ouvir (Jr 28 – 29). O Senhor deixou claro que não haveria mais “adiamentos” e que sua Palavra se cumpriria. Disse a Jeremias: “Velo sobre a minha palavra para a cumprir” (Jr 1:12), e a Isaías falou que sua Palavra sempre cumpria o propósito para o qual era enviada (Is 55:8-11). A Palavra de Deus tem seu tempo determinado e nunca falha (Hc 2:3).

Uma parte dos exilados dizia que as palavras de Ezequiel jamais se cumpririam, mas outro grupo dizia: “Sem dúvida se cumprão, mas não em nosso tempo. Não temos que nos preocupar com o que acontecerá, pois tudo isso sobrevirá daqui a muito tempo” (paráfrase de Ezequiel 12:27). Sua interpretação era equivocada, bem como sua atitude egoísta. Mesmo que o Senhor, de fato, adiasse seus juízos, como o povo judeu

poderia estar satisfeito no presente sabendo que uma geração futura seria extermindada e que a cidade santa e o templo seriam destruídos? Eram como o rei Ezequias, quando Isaías repreendeu-o por seu orgulho e advertiu-o de que a Babilônia conquistaria Judá: "Haverá paz e segurança em meus dias" (Is 39:8).

O Senhor deixou claro que as palavras de Ezequiel se cumpririam muito em breve: "A palavra que falei se cumprirá" (Ez 12:28). Seis anos depois, o exército babilônio penetrou os muros de Jerusalém, e as predições de Ezequiel se cumpriram. Como é triste quando o povo de Deus ignora ou rejeita deliberadamente sua Palavra, que nunca falha, e deposita sua fé em palavras vazias porém acalentadoras de falsos líderes religiosos! Isso me lembra de uma história da Segunda Guerra Mundial. Um grupo de soldados perguntou a seu novo capelão se ele acreditava no inferno, e ele riu e respondeu que não. Os homens disseram: "Bem, se o inferno não existe, então não precisamos de você, mas se existe, você está nos conduzindo pelo caminho errado, o que é ainda pior!"

Nada substitui a Palavra de Deus.

2. FALSAS PROFECIAS (Ez 13:1-23)

Ezequiel havia respondido às idéias levianas e egoístas dos exilados e do povo em Jerusalém, mas em seguida atacou a origem de seu otimismo cego: as mensagens dos falsos profetas. Em Jerusalém, Jeremias precisou confrontar um grupo parecido de homens que diziam ter uma palavra do Senhor. Apesar de os falsos profetas afirmarem que falavam em nome do Senhor, como faziam Jeremias e Ezequiel, suas mensagens não vinham de Deus. Ezequiel falou contra falsos profetas (vv. 1-16) e contra falsas profetisas (vv. 17, 23), que na verdade usavam práticas de ocultismo proibidas ao povo de Deus (Dt 18:9-14).

Os profetas mentirosos (vv. 1-16). Quatro vezes neste parágrafo Deus declara que as visões e adivinhações dos profetas são mentiras. Deus não os havia chamado (Jr 23:21, 22) e não lhes deu suas mensagens,

ainda que afirmassem ser profetas dele. Falavam de acordo com sua própria imaginação, e sua "inspiração" era induzida por eles mesmos. Ezequiel comparou-os a raposas, que viviam como carniceiras no meio dos escombros desertos da terra. Preocupavam-se apenas consigo mesmos, não faziam nada para melhorar a situação e viviam à custa do medo do povo. Em tempos de crise, sempre há oportunistas religiosos vitimando o povo ignorante e fraco que procura segurança e consolo fáceis.

Ezequiel também comparou os falsos profetas com trabalhadores que não conseguiram construir algo duradouro. A "parede" espiritual que havia protegido os judeus durante séculos havia caído e se transformado em ruínas, e profetas como Ezequiel e Jeremias tentavam reconstruí-la e fortalecê-la proclamando a Palavra e chamando o povo de volta a Deus. Mas os falsos profetas ignoravam a Palavra de Deus e, no lugar dela, colocavam suas próprias mentiras ("cal").⁴ Eram como trabalhadores que caíavam uma parede fraca para dar a aparência de que era forte, pois prometiam paz quando Deus havia prometido destruição (Ez 13:10, 16; Jr 6:14; 7:8; 8:11). Assim como viria a tempestade e a chuva, o granizo e o vento derubariam o muro, e a ira de Deus destruiria Jerusalém, os falsos profetas e suas mensagens enganosas. Um verdadeiro profeta diz às pessoas aquilo que precisam ouvir, mas um falso profeta lhes diz o que querem ouvir (2 Tm 4:1-5). Um verdadeiro servo de Deus constrói cuidadosamente sobre alicerces sólidos e mantém as paredes bem conservadas, mas um mercenário constrói com descuido e cobre suas obras com cal para melhorar sua aparência.

Deus explicou como ele julgaria os falsos profetas (Ez 13:9). Primeiro, seriam desmascarados como imitações para que perdessem sua boa reputação no meio do povo. Perderiam sua posição de proeminência nos concílios de Judá. Deus trataria deles como judeus que haviam perdido sua cidadania (Ed 2:59, 62) e, portanto, foram privados do privilégio de voltar para sua terra. Ao que parece, os falsos profetas de Jerusalém seriam

mortos pelo inimigo, e os da Babilônia seriam deixados lá para morrer. Para o povo, os profetas enganadores davam falsas esperanças, mas para os profetas enganadores, Deus não dava esperança alguma.

Ser chamado por Deus para transmitir sua Palavra ao povo é algo muito sério. Assumir uma função de ministério sem ter sido chamado nem recebido dons para isso é arrogância, e inventar mensagens sem receber-las do Senhor é impertinência. Os falsos profetas do tempo de Ezequiel eram culpados dessas duas transgressões. A popularidade não serve de parâmetro para a verdade. A história mostra que aqueles que falaram a verdade com freqüência foram rejeitados pela maioria, perseguidos e até mortos. Jesus usou a mesma figura de uma tempestade para advertir sobre os falsos profetas (Mt 7:15-27). É fácil as pessoas dizerem: "Senhor, Senhor", mas não é fácil andar pelo caminho estreito e confrontar a multidão que está indo em direção contrária.

As feiticeiras mentiroosas (vv. 17-23). O dom da profecia não é dado exclusivamente para os homens, pois as Escrituras falam de várias profetisas: Miriã (Êx 15:20), Débora (Jz 4:4, 5), a esposa de Isaías (Is 8:3), Hulda (2 Rs 22:14) e as filhas de Filipe, o evangelista (At 21:8, 9). Ao que parece, Noadia (Ne 6:14) havia se declarado profetisa, mas não era uma verdadeira serva de Deus.

As mulheres judias que Ezequiel estava denunciando eram mais como feiticeiras que se diziam profetisas. Praticavam artes de magia que, provavelmente, haviam aprendido na Babilônia e que eram todas proibidas para os judeus (Dt 18:9-14). Confeccionavam amuletos mágicos que as pessoas podiam usar em várias partes do corpo e, assim, espantar o mal. Também liam a sorte e incitavam o povo a pagar por seus serviços. Assim como os falsos profetas, estavam usando aquela situação de crise para benefício próprio e se aproveitando dos medos do povo. Um executivo cristão de Chicago me contou que, durante a Grande Depressão, homens de negócios preocupados visitavam com freqüência uma cartomante, que vendia seus serviços num restaurante sofisticado.

Essas mulheres não ajudavam as pessoas, mas sim as caçavam e apanhavam como aves, a fim de pegar seu dinheiro. Contavam mentiras para o povo, não condenavam seus pecados e impediam-no de confiar no verdadeiro Deus vivo e de depender somente da Palavra dele. Em vez de condenar o mal e recompensar o bem, acabavam com o bem e recompensavam o mal! Por meio de suas adivinhações, davam falsas esperanças aos perversos e condenavam os justos, dispostas a fazê-lo por um punhado de cedada e por pedaços de pão!⁵ Contudo, seu fim estava por vir. Deus as despojaria de seus amuletos e talismãs e levaria os judeus de volta para a terra, deixando essas mulheres perversas para trás, para morrer em terra estrangeira.

3. FALSA PIEDADE (Ez 14:1-11)

Ezequiel passava todo o tempo em casa, exceto quando Deus ordenava que saísse (Ez 3:24), e não tinha permissão de falar a menos que fosse para proclamar uma mensagem do Senhor. Os anciãos do povo exilado foram visitá-lo para ver o que ele estava fazendo e para ouvir o que tinha a dizer sobre a situação deles (Ez 8:1; 20:1). O profeta lhes deu duas mensagens do Senhor.

Desmascarou seus pecados ocultos (vv. 1-5). Deus disse a seu servo que esses anciãos eram como alguns dos líderes espirituais com os quais Ezequiel havia se separado na visão do templo (capítulo 8). Exteriormente serviam ao Senhor, mas em segredo adoravam a ídolos. Em seu coração, em vez de haver amor a Deus e à sua Palavra, havia ídolos. Ainda assim, assentavam-se piedosamente diante do profeta de Deus e fingiam ser espirituais, mas para eles ouvir Ezequiel falar era mais como desfrutar um entretenimento religioso do que receber esclarecimento espiritual (Ez 33:31). Eram como as pessoas do tempo de Isaías que se achegavam a Deus com palavras, mas não com o coração (Is 29:13). Jesus disse que os fariseus de seu tempo eram culpados do mesmo pecado (Mt 15:8, 9), como também o são alguns cristãos professos de hoje. A idolatria do coração coloca uma pedra de tropeço

diante dos pés (Ez 14:7; 7:19; 18:30; 44:12 e leva a uma queda trágica.

É bem provável que os cristãos de hoje não venerem figuras, mas qualquer coisa que tome o lugar de Deus em nossas afeições e obediência certamente é um ídolo. Pode ser a riqueza, como no caso de Acã (Js 7), de Ananias e Safira (At 5) e do homem chamado de “jovem rico” (Mt 19:16-26). O ídolo de Jonas era o patriotismo egoísta, que o fez dar as costas para os gentios que precisavam ouvir sua mensagem. O ídolo de Pilatos era a aprovação do povo e sua posição no império romano (Mc 15:15; Jo 19:12-16). Aquilo que temos em nosso coração afeta o que vemos e a maneira como vivemos. Se Cristo é o Senhor de nosso coração (1 Pe 3:15), então não haverá lugar para ídolos.

Amar e aceitar o que é falso nos impede de conhecer e amar o que é verdadeiro (2 Ts 2:10) e faz com que nos afastemos do Senhor (Ez 13:5). Ao adorar falsos deuses, Israel abandonou o Senhor com o qual havia se “casado” no Sinai (Jr 2:1-14), e era preciso que voltasse para ele. Assim como os cristãos da igreja de Éfeso, os judeus “abandonaram o primeiro amor” (Ap 2:4). Deus disse a Ezequiel que o povo judeu o havia desertado para seguir a ídolos e que ele iria discipliná-los a fim de reconquistar seu coração.

Ele os chamou ao arrependimento (vv. 6-11). O arrependimento é uma mudança de mentalidade; significa deixar o pecado e voltar-se para o Senhor. Os exilados judeus precisavam mudar de idéia sobre os ídolos e a adoração a falsos deuses e, então, voltar-se para o único Senhor que é digno de adoração. Deus julgaria cada pecador individualmente e trataria com cada um deles pessoalmente (v. 7); alguns deles seriam usados como exemplo para advertir outros exilados (v. 8).

Uma leitura irrefletida do versículo 9 pode dar a impressão de que o Senhor era culpado por seu povo estar adorando a ídolos, mas não é esse o caso. Todos os judeus conheciam os dez mandamentos e compreendiam que fazer e adorar ídolos era pecado (Ex 20:1-6). Mesmo que alguém muito

próximo a eles os incitasse a praticar a idolatria, não deveriam ceder (Dt 13). Deus permitia essas tentações para provar o povo e para certificar-se de que eram fiéis a ele. É claro que Deus sabe o que há dentro do coração humano, mas nós não sabemos o que se esconde dentro de nosso próprio coração, e essas provas nos ajudam a permanecer humildes diante de Deus e a caminhar no temor do Senhor. Uma ilustração dessa verdade pode ser encontrada em 1 Reis 22. Deus permitiu que um espírito mentiroso trabalhasse na mente dos falsos profetas para convencer Acabe a sair para a batalha. Micaías, o verdadeiro profeta, disse à assembleia o que iria acontecer, mas eles rejeitaram a verdade e creram nas mentiras. Deus poupar o rei de Judá, mas tirou a vida do perverso rei Acabe.

Quando as pessoas não recebem “o amor da verdade para serem [salvas]”, é possível que Deus “lhes [mande] a operação do erro, para darem crédito à mentira” (2 Ts 2:10, 11). É a condição do coração da pessoa que determina qual será sua resposta à prova do Senhor, pois Deus trata com as pessoas de acordo com o coração de cada uma (Sl 18:26, 27). A atitude do mundo perdido de hoje é a de que não existem absolutos e, portanto, não pode haver uma “verdade”. Satanás, o mentiroso e o enganador, cegou a mente das pessoas a fim de que creiam em mentiras e rejeitem a verdade de Deus. Devemos fazer todo o possível para compartilhar a verdade da Palavra com um mundo cego e surdo, confiando que o Espírito Santo abrirá seus olhos e ouvidos e que as salvará por sua graça.

4. FALSA ESPERANÇA (Ez 14:12-23)

Nessa mensagem específica, o Senhor descreveu, mais uma vez, os quatro júizos que enviria sobre o povo de Judá e de Jerusalém e enfatizou um fato absolutamente essencial: não haveria saída. Talvez alguns judeus se lembrassem de como seu pai, Abraão, havia intercedido por Sodoma e Gomorra e de como o Senhor havia prometido poupar a cidade, se encontrasse dez homens justos (Gn 18:16-33). Deus havia dito a Jeremias

que parasse de orar pelo povo, pois não havia mais esperança para eles (Jr 7:16; 11:14; 14:11) ; então, diz a Ezequiel que nem a presença de três homens justos reverenciados pelos judeus salvaria a cidade de Jerusalém.

A descrição dos juízos (vv. 12-21). O primeiro juízo era a *fome* (vv. 12-14). Deus iria interromper o sustento de pão e acabaria com a vida de homens e animais. Tanto Jeremias quanto Ezequiel mencionam esse juízo (Jr 14; Ez 5:12, 16, 17; 6:11, 12; 7:15; 12:16), que ocorreu exatamente como foi prometido. Contudo, em sua aliança Deus advertira que mandaria fome, se o povo desobedecesse à sua Palavra (Dt 28:15-20, 38-40, 50-57). “Mas certamente há homens justos que bastem em Jerusalém para demover a ira de Deus”, argumentaram os líderes; Deus, porém, calou esses líderes. Se Noé, Daniel e Jó estivessem na cidade, sua retidão livraria apenas sua própria vida, mas não poderia salvar a cidade.

Por que Deus escolheu esses três homens? Um dos motivos foi o fato de todos eles serem identificados nas Escrituras do Antigo Testamento como homens justos (Gn 6:9; Jó 1:1, 8; 2:3; Dn 6:4, 5, 22). Todos eles foram provados e mostraram-se fiéis: Noé pelo dilúvio, Daniel, na cova dos leões, e Jó pelas provações dolorosas de Satanás. Foram todos homens de fé. Por sua fé, Noé ajudou a salvar sua família e a criação animal; Daniel, por sua fé, salvou sua própria vida e a vida de seus três amigos (Dn 2:24); pela fé, Jó salvou seus três amigos do juízo de Deus (Jó 42:7, 8). No entanto, a fé e a justiça desses três homens não poderiam ser imputadas a outros. A família de Noé teve de confiar em Deus e entrar na arca; os amigos de Daniel tiveram de orar e crer em Deus; e os amigos de Jó tiveram de se arrepender e de oferecer os devidos sacrifícios. Não existe “fé emprestada”.

A responsabilidade de cada um diante de Deus é assunto-chave no Livro de Ezequiel e será tratado no capítulo 18. Deus não castiga as pessoas pelos pecados de outros, assim como Deus também não aceita a justiça de outros para compensar pelos

atos perversos dos pecadores. Esse princípio é deixado bem claro tanto na lei de Moisés quanto na aliança que Deus fez com Israel. A única vez que Deus abandonou esse princípio foi quando Jesus Cristo morreu na cruz, pois sofreu pelos pecados do mundo todo. Quando cremos em Jesus como nosso Salvador e Senhor, recebemos a dádiva de sua justificação, e Deus nos aceita em função de seu Filho (Rm 3:21 - 4:25; 2 Co 5:19-21).

O segundo juízo era de *bestas-feras assolando a terra* (Ez 14:15, 16). Esse juízo também é mencionado na aliança: “Porque enviarei para o meio de vós as feras do campo, as quais vos desfilharão, e acabarão com o vosso gado, e vos reduzirão a poucos; e os vossos caminhos se tornarão desertos” (Lv 26:22). O Senhor deu vitória a Israel na terra prometida durante cerca de sete anos, mas a “operação limpeza” levou um pouco mais de tempo. Deus fez os israelitas vencerem os habitantes da terra “aos poucos” para que a terra não voltasse a seu estado natural sendo tomada por animais selvagens (Dt 7:22). Contudo, numa terra desenvolvida, com muita gente, muitas vilas e cidades, ainda assim os animais tomariam conta segundo as ordens do Senhor! Infelizmente, quem sofreria mais seriam as crianças inocentes. Ainda que aqueles três homens justos estivessem morando na terra, não poderiam livrar ninguém a não ser eles mesmos.

O terceiro juízo era a *espada* (Ez 14:17, 18), que significava guerra. A palavra “espada” é usada noventa vezes no Livro de Ezequiel. O exército da Babilônia varreria a terra sem misericórdia (Hc 1:5-11). Os babilônios cercariam Jerusalém e sitiariam a cidade até que acabasse a comida e que as fortificações cedessem. A presença de Noé, Daniel e Jó não teria salvo a cidade.

O juízo final era a *peste* (Ez 14:19, 20), que normalmente acompanha a fome e a guerra (Ap 6:3-8). Pessoas morrendo e cadáveres em decomposição não fazem de uma cidade sitiada um lugar saudável para se viver. Mais uma vez, Deus advertiu sobre como nem os três homens justos poderiam socorrer o povo. A repetição dessa verdade

quatro vezes sem dúvida deixou a mensagem clara para os anciãos, mas os judeus tinham a tendência de colocar todas as esperanças sobre a justiça de seus “grandes homens”. Tanto João Batista quanto Jesus advertiram os fariseus e saduceus que não podiam agradar a Deus só porque Abraão era seu pai (Mt 3:7-9; Jo 8:33-47) ou Moisés, seu líder (Jo 9:28).

Os juízos de Deus são justificados (vv. 21-23). A ausência de até mesmo três pessoas retas em Jerusalém tornaria os juízos de Deus sobre a cidade ainda piores, e quão terrível seria quando os quatro juízos convergissem! Sem dúvida, os falsos profetas e alguns dos outros cativos contestariam o Senhor e argumentariam que estava sendo

severo demais com Judá e Jerusalém. Contudo, em sua graça, Deus permitiria que alguns do povo escapassesem e fossem levados cativos para a Babilônia (Ez 12:16). Quando os exilados que haviam chegado antes na Babilônia vissem a perversidade dessas pessoas, então teriam de concordar que o Senhor é justo em seus julgamentos (Jr 22:8, 9). O coração desses sobreviventes devia ser incuravelmente pecaminoso, a ponto de testemunharem o cerco, verem milhares de pessoas morrer, serem poupadados e, ainda assim, não se arrependerem nem voltarem para o Senhor. Sem dúvida, seus olhos estavam cegos, seus ouvidos permaneciam surdos, e eram um povo obstinado e rebelde.

1. KOCH, Adrienne e PEDEN, William (Edits.). *The Life and Selected Writings of Thomas Jefferson*. The Modern Library, 1993, p. 255.
2. Quando o profeta cobriu seu rosto, sugeriu com isso a grande humilhação que Deus havia causado ao rei. Se o rei tivesse obedecido à mensagem de Deus transmitida por Jeremias, ele, sua família e seus oficiais teriam sido poupadados. O gesto de cobrir o rosto também sugere a futura cegueira do rei.
3. Quando usamos dramatizações para transmitir a verdade de Deus às pessoas, ainda precisamos da Palavra de Deus para tornar a mensagem clara e peremptória. Os espiritualmente cegos e surdos serão atraídos pela dramatização e pantomima, mas nem todos interpretarão corretamente aquilo que virem. Ezequiel pregou uma mensagem depois de seus “sermões práticos”, pois é a Palavra de Deus que convence e que traz a fé (Rm 10:17).
4. Ezequiel usa essa figura novamente em 22:28.
5. Alguns estudiosos acreditam que as feiticeiras usavam a cevada e o pão em seus encantamentos para ver o futuro, o que é bem possível. De fato, essa porção de alimento parece um pagamento muito pequeno por seus serviços.

RETRATOS DO FRACASSO

EZEQUIEL 15 – 17

O profeta Ezequiel permanecia sempre em silêncio, exceto quando recebia a Palavra do Senhor e Deus permitia que ele falasse (Ez 3:25-27). As três mensagens registradas nestes capítulos foram dadas aos anciãos assentados diante do profeta, na casa dele, e que davam a impressão de estar interessados em ouvir a Palavra de Deus, mas em seu interior eram idólatras (Ez 14:1-3). O Senhor sabia que nem os anciãos nem o povo levavam a sério as mensagens de Ezequiel, pois o consideravam apenas um “artista religioso”, cujas palavras não passavam de “canções de amor” (Ez 33:30-33). Sempre que o povo de Deus se afasta da sua Palavra e se contenta com substitutos, está fadado a fracassar.

Pelo fato de as pessoas que o ouviam serem espiritualmente cegas e surdas, Ezequiel precisava prender a atenção delas, suscitar seu interesse e motivá-las a pensar sobre a verdade de Deus. Ezequiel fez isso por meio de seus “sermões práticos” e também de pregações cheias de linguagem vívida e forte e de figuras que estimulavam a curiosidade de seus ouvintes. Nessas três mensagens, Ezequiel falou de uma videira, de uma esposa infiel e de três ramos de uma árvore, e cada uma dessas figuras transmitia a verdade de Deus aos que queriam verdadeiramente entender. Essas figuras e parábolas não apenas descreviam o pecado do povo, mas também declaravam o terrível juízo contra os judeus. Ezequiel falou a seu povo usando a linguagem mais expressiva das Escrituras, mas suas pregações caíram em ouvidos moucos.

Devemos observar ainda outro fato: essas três “parábolas” foram respostas às queixas

do povo de que Deus os havia rejeitado e de que estava quebrando sua própria aliança. Falsos profetas, tanto em Jerusalém quanto na Babilônia, tornavam o povo confiante demais ao dizer que o Senhor jamais permitiria que Jerusalém e o templo caíssem nas mãos imundas dos gentios (Jr 29:20-32). Afinal, eram a videira especial de Jeová, plantada por ele em sua Terra Prometida. A nação era casada com Jeová numa aliança divina, e ele jamais se divorciaria dela. Mais do que isso, porém, o Senhor não havia prometido a Davi uma dinastia que não teria fim (2 Sm 7)? A dinastia de Davi era como um cedro robusto que jamais seria derrubado pelos gentios. Ezequiel usou exatamente essas três figuras para ensinar à nação que o Senhor estava julgando seu povo justamente pelo fato de ter esse relacionamento especial com eles! O privilégio traz consigo a responsabilidade, e esta exige e prestação de contas.

1. A VIDEIRA INÚTIL (Ez 15:1-8)

A figura da videira pode ser encontrada com freqüência nas Escrituras. Jesus comparou a si mesmo com uma videira e seus discípulos com os ramos, pois dependemos inteiramente dele para ter vida e para dar fruto (Jo 15). Sem ele não podemos fazer coisa alguma. Apocalipse 14:17-20 fala da “videira da terra”, um símbolo da sociedade gentia corrupta no fim dos tempos, madura para o juízo no lagar da ira de Deus. Contudo, a figura da videira também é aplicada em várias ocasiões ao povo de Israel (Sl 80; Is 5:1-7; Jr 2:21; Mt 21:28-46; Lc 20:9-19). Na verdade, Ezequiel usaria a figura da videira em sua parábola sobre os brotos (Ez 17:6-8).

Ao estudar as referências relacionadas acima, descobrimos que Israel era uma videira humilde quando Deus a plantou em sua terra prometida, mas com a bênção do Senhor cresceu e prosperou. Durante o reinado de Davi e no início do reinado de Salomão, a videira era perfumada e frutífera, um testemunho para as nações gentias das bênçãos de Deus sobre Israel. Contudo, Salomão trouxe a idolatria para o meio do povo, o reino se dividiu e os judeus começaram a produzir “uvas bravas” (Is 5:2) em lugar de frutos para

a glória de Deus. Reis subseqüentes, tanto de Israel quanto de Judá, adoraram a ídolos e participaram das práticas pecaminosas das nações vizinhas. Deus permitiu que gentios invadissem a terra e que, por fim, destruíssem Jerusalém e o templo (Sl 80:12, 13). A videira santa foi contaminada e devastada.

A contribuição de Ezequiel para a “história da videira” é mostrar que ela é absolutamente imprestável se não produzir frutos. Se uma árvore torna-se inútil, pode-se pelo menos cortá-la e fazer algo com a madeira; mas o que fazer com a madeira de uma vinha? Não dá nem para fazer uma estaca para sustentar uma tenda ou para pendurar algo nela... Serve apenas para uma coisa: queimar no fogo. Se a madeira era inútil antes de ser atirada ao fogo, é ainda mais imprestável depois de chamuscada.

Ezequiel testemunhou a primeira experiência de sua nação com o fogo em 605 a.C., quando Nabucodonosor levou os tesouros do templo para a Babilônia juntamente com alguns dos jovens mais excelentes do povo, inclusive Daniel. Em 597 a.C., houve uma segunda deportação de exilados, em que Ezequiel foi levado, de modo que o fogo estava ficando mais quente. O cerco de Jerusalém começou em 588 a.C., e o fogo ardeu com mais intensidade até que, em 586 a.C., os babilônios destruíram Jerusalém e o templo e levaram milhares de judeus cativos para a Babilônia. A vinha estava queimada nas duas extremidades e no meio também! Os habitantes da cidade, sem dúvida, saíram do “fogo” da invasão e do ataque para entrar no fogo literal da destruição. “[Os babilônios] queimaram a casa de Deus e derribaram os muros de Jerusalém; todos os seus palácios queimaram, destruindo também todos os seus preciosos objetos” (2 Cr 36:19).

Nós, os ramos em Jesus Cristo, a videira verdadeira, devemos aprender esta lição. Se deixarmos de permanecer em Cristo, perderemos nosso poder espiritual, secaremos e deixaremos de dar frutos para a glória de Deus. O ramo que não dá frutos é lançado fora e acaba sendo queimado (Jo 15:6). Não acredito que essa queima signifique condenação ao lago de fogo, pois nenhum

verdadeiro cristão pode ser condenado por pecados pelos quais Jesus morreu (Jo 6:37; 10:27-29; Rm 8:1).¹ Essa figura do ramo queimado mostra uma vida imprestável, sem qualquer serventia para Deus. John Wesley, fundador da igreja metodista, orou: “Senhor, ajuda-me para que minha vida não seja inútil”.

2. A ESPOSA INFIEL (Ez 16:1-63)

A linguagem deste capítulo é uma das mais fortes usadas nas Escrituras. A mensagem é dirigida à cidade de Jerusalém, mas se refere à nação como um todo. O capítulo faz um esboço da história espiritual dos judeus desde o “nascimento” (o chamado de Deus para Abraão) até o “casamento” (aliança de Deus com o povo), “prostituição espiritual” do povo (idolatria)² e suas tristes consequências. O Senhor leva sua “esposa” ao tribunal e dá testemunho de sua infidelidade. Ao mesmo tempo, o Senhor responde às queixas do povo de que não cumpriu suas promessas quando permitiu que os babilônios invadissem a terra. Sem dúvida, Deus manteve sua aliança, mas foi o povo de Israel que quebrou seus votos de matrimônio e que partiu o coração de seu Senhor chamando sobre si a disciplina dele (Ez 6:9). Contudo, ao ler este capítulo, não devemos ver apenas o contexto sombrio da perversidade dos judeus, mas também a luz brilhante do amor e da graça de Deus. “Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5:20).

O grande amor por Israel (vv. 1-14). Nesta passagem, Israel é retratado como uma criança indesejada – desprotegida, abandonada e deixada para morrer, mas em seguida é resgatada pelo Senhor e torna-se sua esposa. Muitos judeus eram extremamente orgulhosos de sua herança e chamavam os gentios de “cães”, mas o Senhor os lembrou de que eram descendentes dos amorreus e heteus (ver Gn 10:15, 16; Dt 20:17) e de que sua grande cidade de Jerusalém, no passado, havia sido habitada pelos jebuseus. Foi só no tempo de Davi que Jerusalém passou a pertencer aos judeus e tornou-se a capital de sua nação (Js 10:5; 2 Sm 5:6-10).

Além disso, seu reverenciado antepassado, Abraão, era um idólatra que Deus, em sua graça, havia chamado (Js 24:2, 3)! E lá se foi seu orgulho nacional.

Os pais da criança recém-nascida nem sequer deram-lhe o cuidado humano que todo bebê merece. Não lhe cortaram o cordão umbilical, não a lavaram, não esfregaram sua pele com sal,³ nem a envolveram em faixas para protegê-la e manter braços e pernas retos. Sem qualquer piedade ou compaixão, lançaram-na no campo aberto, exposta à intempéria. O Senhor passou por lá, viu a criança desamparada, apiedou-se dela e salvou-a. Pelo poder de sua Palavra, deu-lhe vida num ato da mais pura graça. “O Deus da glória apareceu a Abraão” (At 7:2), não porque Abraão tivesse conquistado ou merecido isso, mas por causa de seu grande amor e graça.

A criança cresceu e tornou-se uma jovem pronta para casar. A frase “te engrandeceste”, em Ezequiel 16:7, significa “alcançaste a plena maturidade”. Contudo, que pretendente iria querer uma mulher que havia sido abandonada pelos pais? A essa altura, Israel era escrava na terra do Egito, de modo que o Senhor teria de remi-la. Ele a desejava para si e, portanto, “passou por ela” (ver vv. 6, 8) novamente e tomou-a para ser sua noiva. Quando um pretendente estendia seu manto sobre uma moça em idade de casar, isso significava que estavam noivos (Rt 3:9). O Senhor libertou-a da escravidão e, no Sinai, fez com ela uma “aliança de casamento” (ver Dt 32:1-14).

Mais uma vez, o Senhor lavou-a e vestiu-a com trajes caros e belos, dignos de uma rainha. Durante o reinado de Davi e no começo de reinado de Salomão, de fato Jerusalém era uma cidade majestosa, e Israel, um reino próspero. Enquanto Israel, a esposa de Jeová, obedeceu à sua Palavra e guardou sua aliança, ele a abençoou abundantemente conforme havia prometido. Deu-lhe filhos saudáveis, rebanhos férteis, colheitas fartas e proteção de enfermidades, de calamidades e de invasões. O Senhor não deixou de cumprir uma palavra sequer da aliança, e a reputação de Israel espalhou-se

por toda a parte. Durante o reinado de Salomão, governantes estrangeiros viajavam para Israel a fim de ouvi-lo (1 Rs 10:1-10, 24, 25).

O grande pecado de Israel (vv. 15-34).

Quando Israel tornou-se próspera e famosa, esqueceu-se do Senhor, que havia lhe dado tão grande riqueza, e começou a usar as dádivas generosas de Deus para adorar a ídolos (Os 2:8, 13, 14; Dt 6:10-12; 8:10-20). Como as nações pagãs ignorantes a seu redor, adorou a criação em vez do Criador (Rm 1:21-25) e abandonou seu “marido” trocando-o por falsos deuses. Não foi simplesmente um caso de adultério. Israel tornou-se prostituta profissional, mas, ao contrário de outras prostitutas, procurava seus amantes e pagava-lhes para que pecassem com ela! Na confecção e adoração de ídolos, usou exatamente os mesmos tesouros e bônus que Deus, em sua generosidade, havia lhe dado – suas jóias e roupas, sua comida e até mesmo seus filhos (Ez 16:20, 21)¹⁴. A idolatria de Israel era um pecado contumaz que só foi curado quando a nação passou setenta anos no exílio na Babilônia.

No entanto, a nação cometeu outro tipo de idolatria quando confiou em nações estrangeiras para protegê-la e defendê-la em vez de confiar no Senhor Jeová, seu “marido” (vv. 23-34).⁵ Não apenas tomou emprestado os deuses de outros povos e abandonou o verdadeiro Deus, como também contratou exércitos de outras nações em vez de crer que Deus cuidaria dela. O rei Salomão fez tratados com outros países ao casar-se com as filhas de seus governantes, e isso o levou à idolatria (1 Rs 11). Os judeus eram especialmente tentados a voltar-se para o Egito em busca de ajuda em lugar de confessar seus pecados e de buscar ao Senhor (2 Cr 7:14). Os líderes judeus usaram todos os meios possíveis para receber a garantia de que seriam protegidos pelo Egito e, enquanto isso, agiam como uma prostituta qualquer (Ez 16:23-26). Também foram atrás dos filisteus, assírios e até mesmo dos babilônios! Mas nenhuma dessas alianças foi bem-sucedida, e o reino do Norte (Israel) foi levado cativo pelos assírios em 722 a.C.,

enquanto o reino do Sul (Judá) foi conquistado pelos babilônios.

O orgulho e a ingratidão de Israel preparam o caminho para sua idolatria. A nação esqueceu-se da bondade do Senhor e preocupou-se mais com as dádivas do que com o Doador. Moisés havia advertido sobre esses pecados (Dt 6:10-15), mas eles não deram ouvidos. Os cristãos de hoje que vivem para o mundo e dependem do mundo estão cometendo “adultério” de maneira semelhante (Tg 4:4-6). O Senhor deseja e merece nossa total dedicação (2 Co 11:1-4; Ap 2:4).

A grande disciplina de Israel (vv. 35-42). O Senhor foi muito paciente com seu povo e advertiu os judeus de que seus pecados causariam sua destruição, mas eles insistiram em rejeitar sua Palavra, em perseguir seus profetas e em praticar pecados abomináveis com seus vizinhos. Muitos judeus encontravam-se na Babilônia, e aqueles que haviam sido deixados para trás em Judá haviam sido mortos pelos babilônios ou estavam numa situação desesperadora, sitiados em Jerusalém e esperando o fim do cerco. Contudo, os judeus não deveriam ter se queixado para o Senhor dizendo que ele não estava sendo justo com seu povo. Conheciam as estipulações de sua aliança (Dt 28 - 29) e já haviam sido advertidos, diversas vezes, de que os juízos estavam a caminho (Dt 32:22-43; 2 Cr 36:14-21).

Seus castigos são descritos como os de uma prostituta, adúltera e idólatra, pois eram justamente esses os seus pecados. De acordo com a lei, as prostitutas deveriam ser queimadas (Lv 21:9; ver Gn 38:24), as adúlteras, apedrejadas (Lv 20:10) e os idólatras, mortos pela espada, e seus bens deviam ser queimados (Dt 13:12-18). Deus usou o exército babilônio para infligir esses mesmos juízos sobre o povo de Judá (Ez 16:40, 41). Muitos judeus foram mortos pela espada, e a cidade de Jerusalém e o templo foram saqueados e queimados.

Ezequiel apresenta uma descrição vívida do julgamento de Judá, a prostituta. Primeiramente, o Senhor anunciaría seus crimes (vv. 35, 36). Ela foi “[exagerada] na lascívia” pela adoração a ídolos⁶ e expôs sua nudez

nessa adoração. Desobedeceu à lei de Deus, confeccionou seus próprios ídolos e até sacrificou seus filhos a eles. Então, o Senhor anunciou a sentença (vv. 37-42). Convocaria os amantes (as nações pagãs) para serem seus executores, e eles se reuniriam ao redor dela e veriam sua nudez! Ela seria exposta publicamente como adúltera e meretriz. O exército inimigo despojaria a cidade de Jerusalém como uma meretriz condenada é desnudada e, em seguida, destruiria a cidade (Dt 22:23, 24). Como adúlteros e adúlteras, os judeus seriam apedrejados; como idólatras, seriam mortos pela espada; como prostitutas, seriam queimados no fogo. Conheciam todas essas leis e suas penalidades, no entanto, desafiam o Senhor flagrantemente e persistiram em suas abominações.

Tendo descrito os pecados do povo, o Senhor defendeu sua sentença (Ez 16:43-52). Ele não apenas sabia o que haviam feito, mas via dentro do coração deles o que os tinha levado a fazê-lo. Em resposta às queixas de seu povo, o Senhor provou que mereciam exatamente o que havia acontecido com eles. O juízo de Deus não foi impulsivo; havia esperado por muito tempo, e os judeus se recusaram a arrepender-se.

Em primeiro lugar, a nação havia esquecido o que o Senhor havia feito por eles (v. 43), e esse era justamente o pecado sobre o qual Moisés os havia advertido (Dt 6:10ss). Deus lembrou da dedicação que haviam demonstrado no início de seu compromisso, como uma jovem esposa que ama o marido (Jr 2:2), mas não se lembraram de tudo o que o Senhor havia feito por eles. Quando esquecemos de ser gratos a Deus, corremos o risco de assumir o crédito por nossas bênçãos e de deixar de dar ao Senhor a glória que lhe é devida.

Em segundo lugar, eles não entendiam a enormidade de seus pecados (Ez 16:44-52). O povo judeu era excelente em citar provérbios e antigos ditados, apesar de esses dizeres expressivos normalmente não serem profundos o suficiente para suprir suas necessidades. “Tal mãe, tal filha” é o equivalente feminino do ditado “Tal pai, tal filho” ou, então, “farinha do mesmo saco”. Em

outras palavras, os filhos herdam a natureza de seus pais, por isso não deve causar espanto que repitam seus pecados. A nação de Israel veio dos amoreus e heteus – povos adoradores de ídolos. A imoralidade e a idolatria eram um mal de família, pois as “irmãs” Samaria (o reino do Norte) e Sodoma⁷ eram conhecidas por sua impiedade.

Contudo, uma vez que os judeus possuíam a revelação da lei de Deus e desfrutavam as bênçãos da bondade de Deus, seus pecados eram muito mais hediondos do que aqueles de suas “irmãs”. Se Deus havia julgado Sodoma e Gomorra ao enviar enxofre ardente sobre elas e se havia permitido que o reino do Norte fosse capturado pelos assírios, certamente teria de julgar o povo de Judá e de Jerusalém, caso não se arredessem. Porém, Judá e seus líderes não levaram a sério esses juízos. Numa paráfrase do versículo 47: “Vocês não apenas seguiram os caminhos deles e imitaram suas abominações, mas também foram além e pecaram ainda mais do que eles!”.⁸

Deus cita os pecados de Sodoma (vv. 48-50). Os sodomitas eram orgulhosos e arrogantes, glutões, preguiçosos, indiferentes com os pobres e necessitados e culpados de atos detestáveis, uma provável referência à homossexualidade (Gn 19). Eram pecados abomináveis em atitudes e atos, de comissão e omissão, no entanto, o povo de Jerusalém e de Judá era ainda mais culpado que o de Sodoma! Ao ler os escritos de outros profetas, especialmente de Isaías, Jeremias e Amós, vemos que citam os pecados do povo de Judá e advertem de que os juízos divinos estavam a caminho. As pessoas em Judá eram duas vezes mais pecadoras que as de Samaria, e, em termos comparativos, o povo de Judá fazia os cidadãos de Samaria e de Sodoma parecerem justos! Que acusação terrível contra o povo escolhido de Deus!

Mas seria a Igreja de hoje menos culpada? Membros de igreja cometem os mesmos pecados sobre os quais lemos nos jornais, porém nem todos viram manchete. Congregações sofrem divisões por causa de cristãos professos envolvidos em processos judiciais, divórcios, imoralidade, brigas de

família, negócios fraudulentos, escândalos financeiros e uma porção de outras atividades típicas do mundo. É de se admirar que os pecadores perdidos prestem pouca atenção a nosso ministério público ou a nosso testemunho pessoal?

Israel passará por uma grande restauração (vv. 53-63). Os cativos na Babilônia seriam restaurados, voltariam para a terra e reconstruiriam o templo. A bondade de Deus em permitir que isso acontecesse faria com que se envergonhassem e se arrependessem (Rm 2:4). Ao ler as orações de Esdras (Ed 9), Daniel (Dn 9) e dos levitas que trabalharam com Neemias (Ne 9), vemos que ainda havia um remanescente piedoso, que buscava humildemente a face do Senhor e confessou seus pecados.

No entanto, é bem provável que essa restauração esteja reservada para o fim dos tempos, quando Israel verá seu Messias, pranteará por seus pecados e entrará no reino de Cristo (Zc 12:9 – 13:1). Não há qualquer registro histórico de uma restauração para Sodoma e as cidades da planície, nem para o reino de Samaria, conquistado pelos assírios em 722 a.C. Ezequiel escreve sobre uma “aliança eterna” (Ez 16:60), o que indica que sua profecia se cumprirá no fim dos tempos (ver Jr 31:31-34; Is 59:21; 61:8). Mais adiante no livro (Ez 37:15-28), Ezequiel prediz a reunião de Israel (o reino do Norte) e de Judá (o reino do Sul) na monarquia do Messias. O Senhor deixa claro que essa restauração e reunião não ocorrerá em função da aliança feita no Sinai, mas sim inteiramente por sua graça. O povo judeu quebrou essa aliança e sofreu por sua desobediência, mas ninguém pode ser salvo por guardar a lei (Gl 2:16, 21; Rm 4:5). É somente por meio da redenção oferecida em Cristo Jesus que os pecadores podem ser perdoados e recebidos na família de Deus (Ef 2:8-10; Rm 3:24).

Virá o momento em que Israel, o povo de Deus, se lembrará de seus pecados e reconhecerá a bondade de Deus e sua graça para com eles. Os judeus se calarão, envergonhados, diante da condenação de seus pecados (Ez 16:63; Rm 3:19) e, então, serão salvos. Como um Deus santo é capaz

de perdoar as transgressões de rebeldes, sejam eles judeus ou gentios? Isso é possível pela expiação que realizou na cruz, quando deu seu Filho como sacrifício pelos pecados do mundo. “O Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo” (1 Jo 4:14), e isso incluía Israel. Cristo não morreu apenas pela Igreja (Ef 5:25) e pelos pecados do mundo (Jo 3:16), mas também por seu povo Israel (Is 53:8). Um dia, essa nova aliança lhes trará a purificação e o perdão que somente o sangue de Cristo pode dar.

3. AS DUAS ÁGUIAS E OS TRÊS RAMOS (Ez 17:1-24)

Depois das figuras de uma videira e de um casamento, Ezequiel passou a falar de uma grande árvore, duas águias e três ramos. Essa mensagem é chamada de “parábola” ou “enigma”, o que significa que se trata de uma história com um significado mais profundo, uma alegoria na qual os diversos objetos apresentados referem-se a pessoas e a suas ações. O povo judeu gostava de discutir ditados sábios dos antigos e estava sempre procurando descobrir significados mais profundos (Sl 78:1-3). Ezequiel esperava que essa alegoria despertasse seus ouvintes morosos e lhes desse algo para pensar. Talvez a verdade tocasse o coração deles e mudasse sua perspectiva sobre o que Deus estava fazendo.

A alegoria fala de três reis (“ramos”), pois o cedro representa a dinastia real de Davi.⁹ A dinastia de Davi era extremamente importante, pois Deus havia prometido que por meio dela enveria um Salvador para seu povo e para o mundo (2 Sm 7:16; Lc 1:32, 33, 69). Era essencial que um descendente da casa de Davi se assentasse no trono para que as bênçãos da aliança de Deus pudessem repousar sobre a terra. Naquela época, Judá era um reino vassalo da Babilônia, e o rei Nabucodonosor era seu governante. Ele é a primeira “grande águia” (Ez 17:3). A segunda águia (v. 7) é o rei do Egito, provavelmente o Faraó Hofra, que ajudou Judá em sua primeira luta contra os babilônios (v. 17). A águia é usada como símbolo de um governante forte que invade uma terra (Jr 48:40;

49:22). Consideremos agora os três reis representados pelos três ramos.

O rei Joaquim (vv. 3, 4, 11, 12). Quando o rei Nabucodonosor atacou Judá em 597 a.C., depois o rei Joaquim e levou-o para a Babilônia juntamente com sua família e seus assessores. Também tomou os tesouros do templo e deportou dez mil oficiais, artesãos e soldados (2 Rs 24:8-17). Isso cumpriu a profecia que Isaías havia dado ao rei Ezequias depois que o rei mostrara suas riquezas aos visitantes babilônios (Is 39; 2 Rs 20:17). Joaquim era o ramo mais alto da árvore genealógica de Davi e foi “plantado” na Babilônia depois de reinar apenas três meses e dez dias (2 Cr 36:9). Ele é o rei que Jeremias chamava de “Conias” (Jr 22:24, 28; 37:1) e o Jeconias da genealogia que Mateus apresenta de Jesus (Mt 1:11, 12). Em Ezequiel 19:5-9, Joaquim é comparado a um leão que seria pego e levado para a Babilônia. Durante os três meses em que ocupou o trono, em vez de conduzir o povo de volta à fé em Deus, Joaquim fez o que era mau perante o Senhor e morreu na Babilônia.

O rei Zedequias (vv. 5-10, 13-21). Tendo deposto Joaquim, Nabucodonosor escolheu o tio de Joaquim, Matanias, como novo rei e chamou-o de Zedequias. Ele era o filho caçula do piedoso rei Josias, e Nabucodonosor “plantou-o” em Judá, onde ele “cresceu” durante onze anos. Contudo, em vez de produzir uma árvore, o rei Zedequias produziu uma humilde videira. Foi Zedequias quem pediu a Jeremias que orasse por ele e pelo povo, quem escondeu o profeta e cuidou dele (Jr 37 – 38).

Nabucodonosor usou de bondade para com Zedequias, e o rei fez um juramento de lhe obedecer e servir. Se tivesse sido fiel a esse tratado, Zedequias teria salvo a cidade e o templo. Contudo, escolheu romper a aliança e pedir socorro ao Egito. A segunda águia representa o Faraó, que tentou salvar o rei de Judá, mas falhou. Como resultado dessa decisão insensata de Zedequias, a videira foi arrancada e secou, e esse foi o fim do reino de Judá. Nabucodonosor não iria tolerar a traição do judeu que procurou o Egito para ser seu aliado, de modo que

capturou Zedequias, matou os filhos dele diante de seus olhos, cegou-o e levou-o cativo para a Babilônia, onde ele morreu (Ez 17:16; 2 Rs 24:17 – 25:7).

Contudo, Ezequiel deixou claro que Zedequias não havia transgredido apenas a aliança com Nabucodonosor, mas também a aliança com Deus, e foi o Senhor quem o castigou por intermédio de Nabucodonosor. Zedequias havia feito seu juramento em nome do Senhor (2 Cr 36:11-14), portanto era sua obrigação cumprí-lo. Ao pedir a ajuda do Egito, Zedequias desconsiderou as advertências de Jeremias (Jr 38) e também de Isaías, que havia pregado a mesma mensagem quase um século antes (Is 31:1; 36:9). Foi o Senhor quem apanhou o rei e seus oficiais em sua rede e entregou-os aos babilônios (2 Rs 25:1-10; Jr 52:1-11).

Messias, o Rei (vv. 22-24). Zedequias havia reinado durante onze anos e foi o vigésimo e último rei de Judá. Sua deposição e morte na Babilônia pareciam marcar o fim da linhagem davídica e, portanto, o fracasso da aliança de Deus com o rei Davi, mas não foi isso o que aconteceu. O profeta Oséias predisse que os filhos de Israel ficariam “sem rei, sem príncipe” (Os 3:4), mas que a linhagem messiânica não morreria. Depois que a Babilônia foi conquistada pelos medos e persas, Ciro permitiu que os judeus voltassem a sua terra, e um dos líderes daqueles que regressaram foi Zorobabel, tataraneto do rei Josias (1 Cr 3:17-19) e antepassado do Senhor Jesus Cristo (Mt 1:11-16; Lc 3:27). Mais uma vez, um remanescente piedoso permaneceu fiel ao Senhor, e o Messias prometido nasceu. O nome “Zorobabel” significa “renovo da Babilônia”, mas ele ajudou a tornar possível o nascimento do “renovo de Davi”, Jesus Cristo, o Salvador do mundo.

Joaquim havia sido um ramo cortado do alto do cedro e levado para a Babilônia, mas seus descendentes foram rejeitados (Jr 22:28-30), enquanto Zedequias foi o ramo plantado em Judá; mas esses dois homens não agradaram ao Senhor nem fizeram a vontade dele. Havia alguma esperança para o

povo de Deus? Sim, o Senhor havia prometido tomar um rebento, “a ponta de um cedro” (Ez 17:22), e plantá-lo na terra de Israel, onde cresceria e se tornaria um grande reino. Esse rebento é o Messias, Jesus Cristo, que veio do tronco de Jessé, e um dia estabelecerá seu reino glorioso na Terra (Is 11:1-10; Jr 23:5, 6; 33:15-17; Zc 6:12, 13). O “monte alto” sobre o qual Ezequiel escreveu provavelmente é o monte Sião, onde o Messias reinará sobre seu povo. O “renovo mais tenro” crescerá e se transformará numa árvore forte e servirá de refúgio (ver Dn 4:17, 32-37).

Contudo, a fim de que esse “renovo” seja plantado, crie raízes e cresça, será preciso remover as outras árvores (“reinos”). Algumas delas serão cortadas e outras simplesmente secarão. Hoje, os reinos dos homens parecem grandes e poderosos, e o reino do Senhor, pequeno e frágil, mas quando Jesus voltar à Terra para reinar, tudo será diferente. Por isso, jamais devemos temer ou desanimar ao olhar para o que está acontecendo no cenário mundial. Jesus veio como uma “raiz de uma terra seca” (Is 53:1, 2), um rebento insignificante da árvore genealógica de Davi, mas um dia seu reino encherá toda a Terra. Nunca pare de orar pedindo: “Venha a nós o teu reino”, pois essa oração será respondida. O cumprimento das promessas do reino que Deus fez a Davi (2 Sm 7) contra-se em Jesus Cristo (Lc 1:26-55, 67-80), e ele não falhará.

Era um dia sombrio para os judeus, mas é nos dias mais escuros que as promessas do Senhor brilham com maior intensidade. O povo de Deus, nos dias de hoje, precisa dar ouvidos a essa Palavra profética, uma luz brilhando em nosso mundo cheio de trevas (2 Pe 1:19). Assim como Jesus cumpriu a profecia e veio da primeira vez para morrer pelos pecados do mundo, também virá pela segunda vez e governará sobre seu reino de justiça.

O tenro “renovo” de Davi será o poderoso soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores!

1. As parábolas e alegorias têm como principal finalidade esclarecer uma verdade principal, e é perigoso construir uma teologia sobre um conjunto de figuras que têm a finalidade apenas de ilustrar a teologia. A verdade central de João 15 é a necessidade que o cristão tem de permanecer em Cristo pela oração, meditação na Palavra, adoração e obediência. Nossa união com Cristo nunca muda, pois o Espírito Santo habita em nós para sempre (Jo 14:16); o que muda é nossa comunhão com o Senhor.
2. A palavra hebraica para “prostituição profissional” (zana) é usada vinte vezes neste capítulo. Deus considerava Israel sua esposa, e a idolatria do povo foi equivalente a adultério e a prostituição (Os 2; Jr 2:20-25; 3:1-13).
3. Acreditava-se que o sal possuía propriedades anti-sépticas e que também ajudaria a fortalecer a pele.
4. Para referências ao sacrifício de crianças a ídolos, ver 2 Reis 21:6; 23:10; Jeremias 7:31; 19:5. A lei de Moisés proibia tal perversidade (Lv 18:21; 20:2; Dt 12:31; 18:10).
5. Ver Isaías 20:5, 6; 30:1-5; 31:1; Oséias 7:11; 12:1.
6. O verbo hebraico descreve as mudanças no órgão genital da mulher quando ela fica sexualmente excitada.
7. Sodoma e Gomorra são citadas com freqüência nas Escrituras como exemplos do julgamento de Deus contra o pecado. (Ver Gn 18:16 – 19:29; Dt 29:23; 32:32; Is 1:9, 10; 3:9; 13:19; Jr 23:14; Lm 4:6; Am 4:11; Sf 2:9; Mt 10:15; 11:24; Mc 6:11; Lc 10:12; 2 Pe 2:6; Jd 7.)
8. A palavra “filhas” (vv. 46, 48, 49, 55) refere-se a cidades menores ao redor de uma cidade maior, ou seja, “cidades-filhas”.
9. Nas Escrituras, uma árvore pode representar um governante, um reino ou uma dinastia (Jz 9:8-15; Is 10:33; Ez 31:1-18; Dn 4; Zc 11:2).

DEUS É JUSTO!

EZEQUIEL 18 -21

A responsabilidade é um dos principais temas destes quatro capítulos. Os exilados judeus na Babilônia culpavam seus antepassados pelos terríveis juízos que lhes sobrevieram, de modo que Ezequiel explicou que Deus julga as pessoas individualmente por seus próprios pecados e não pelos pecados de outrem (cap. 18). Em seguida, ressaltou que os líderes judeus eram responsáveis pelas decisões insensatas que haviam tomado (cap. 19), e a própria nação tinha um longo histórico de irresponsabilidade (cap. 20). Por fim, o profeta lembrou seus ouvintes de que o Senhor Jeová também tinha a responsabilidade de ser fiel a si mesmo e à sua aliança com os judeus, e era por isso que eles os havia disciplinado (cap. 21). Ao tratar da questão da responsabilidade pessoal e nacional, Ezequiel conseguiu responder às queixas freqüentes do povo de que o Senhor estava sendo injusto com eles.

A responsabilidade e a prestação de contas são temas fundamentais em nossos dias. A irresponsabilidade está por toda a parte, e poucas pessoas estão dispostas a assumir a culpa quando as coisas dão errado e a admitir suas falhas. Em sua obra *Devil's Dictionary*, o cínico Ambrose Bierce definiu responsabilidade como "um fardo móvel transferido com facilidade para os ombros de Deus, do Destino, da Sorte ou do próximo". Depois que nossos primeiros antepassados pecaram, Adão culpou Eva, e Eva culpou a serpente; ainda assim, Deus responsabilizou Adão e Eva por sua desobediência e castigou-os de acordo. Os judeus do tempo de Ezequiel estavam certos de que o Senhor iria livrá-los e poupar Jerusalém, pois eram o

povo escolhido de Deus, mas se esqueceram de que os privilégios sempre trazem consigo responsabilidades. Possuíam a lei mais importante já outorgada a uma nação, mas desobedeceram a seus preceitos. O Senhor deu-lhes uma terra maravilhosa para ser seu lar, mas eles a contaminaram com sua idolatria. Transgrediram as estipulações da aliança divina e depois ficaram estarcidos quando o Senhor obedeceu à aliança e os disciplinou.

1. RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL (Ez 18:1-32)

Ao ler este capítulo, encontramos o profeta respondendo a declarações equivocadas que os exilados estavam fazendo sobre Deus e sobre sua situação difícil (vv. 2, 19, 25, 29). Deus sabia o que seu povo estava dizendo, e seu profeta também. Ignorando a Palavra inspirada de Deus, o povo estava se apoiando num provérbio popular: "Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram". Em outras palavras: "Nossos pais pecaram, e nós, os filhos, estamos sendo castigados por isso". Sua filosofia era uma espécie de fatalismo irresponsável. "Não importa o que fizermos", argumentavam, "ainda teremos de sofrer por causa dos atos da geração passada". O profeta Jeremias citou o mesmo provérbio conhecido e pregou a mesma verdade que Ezequiel: Deus nos trata como indivíduos e castiga cada um de nós com justiça por aquilo que fazemos (Jr 31:29, 30). Ele é um Deus justo, reto e imparcial (Dt 10:17; 32:4). Se ele retém seu julgamento, é apenas em função da longanimidade de sua graça e misericórdia.

De onde os ouvintes de Ezequiel tiraram a idéia de que Deus castigava os filhos pelos pecados dos pais? Essa filosofia teve duas origens: (1) uma interpretação incorreta daquilo que Deus disse em sua lei, quando afirmou que visitava o pecado dos pais nos filhos (Êx 20:5; 34:6, 7; Nm 14:18; Dt 7:9, 10); e (2) a concepção dos judeus sobre a unidade nacional. De acordo com a lei de Moisés, animais inocentes poderiam sofrer e morrer no lugar de pecadores culpados, mas em lugar algum foi ensinado que pessoas

inocentes deveriam ser castigadas pelos pecados cometidos por pessoas culpadas. Na verdade, Moisés ensinou justamente o contrário: “Os pais não serão mortos em lugar dos filhos, nem os filhos, em lugar dos pais; cada qual será morto pelo seu pecado” (Dt 24:16).¹ A advertência em Êxodo 20:5 e 34:6, 7 deixa implícito que o Senhor castiga os filhos se cometerem os mesmos pecados que os pais. Além disso, o Senhor também prometeu abençoar os filhos que seguissem exemplos de piedade e obedecessem ao Senhor (Êx 20:6; Dt 7:9, 10), de modo que deu promessas de bênçãos bem como advertências de disciplina.

Quanto à solidariedade nacional, os judeus consideravam-se o único povo que descendia de Abraão. Uma vez que cada tribo era descendente de um dos filhos de Jacó, Israel tinha tanto solidariedade nacional quanto familiar. Se um único israelita desobedecesse ao Senhor, era como se todo o Israel tivesse pecado, como no caso de Acá (Js 7:1, 11; ver também Js 22, especialmente os vv. 18-20). Sabendo desse fato, o povo judeu concluiu que a invasão babilônica e o exílio do povo eram consequências dos pecados da geração anterior.

Ezequiel respondeu às objeções do povo e explicou a verdade sobre o juízo de Deus e sobre sua justiça ao falar-lhes de situações hipotéticas, usando-as para tirar algumas conclusões.

Não deviam culpar seus antepassados (vv. 5-9). O profeta refuta o provérbio ao imaginar uma situação envolvendo três homens de uma família, pessoas com as quais os ouvintes certamente podiam se identificar. O profeta começou com *um pai justo* (vv. 5-9), um judeu hipotético que guardava a lei de Deus e, portanto, não morreria por causa do pecado (vv. 4, 9). A morte é mencionada com freqüência neste capítulo (vv. 4, 13, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 26, 28, 32) e refere-se à morte física, não necessariamente ao castigo eterno, embora qualquer judeu que não tivesse fé salvadora no Senhor não fosse aceito por ele. Quer sob a antiga aliança, quer sob a nova, antes ou depois da cruz, o caminho para a salvação é o mesmo:

a fé no Senhor demonstrada por uma nova vida de obediência (Hb 11:6; Hc 2:4; ver Rm 4).

Ao descrever esse homem, Ezequiel citou oito ofensas bem como oito virtudes. Os pecados evitados por esse homem são: participar de banquetes para ídolos nos “altos” e adorar ídolos em sua própria terra, cometer adultério, tornar-se imundo (Ez 18:6), explorar outros e roubá-los (v. 7), emprestar dinheiro com juros e exigir lucros (v. 8). As oito virtudes são: devolver ao devedor o que este havia penhorado, alimentar os famintos e vestir os nus (v. 7), viver em retidão e promover a justiça (v. 8), viver de acordo com os estatutos de Deus e obedecer a seus preceitos e viver com integridade (v. 9). Essas ofensas e virtudes são mencionadas na lei de Moisés,² mas o homem agia dessa forma porque amava a Deus e tinha “um coração novo e espírito novo” (v. 31). Colocava Deus em primeiro lugar em sua vida, tratava as pessoas com bondade e misericórdia e usava sua riqueza material para honrar a Deus e servir a outros. Como evidência de sua fé em Jeová, obedecia aos dois grandes mandamentos da lei: amar ao Senhor e amar ao próximo (Mt 22:34-40).

O homem justo possuía um filho ímpio (vv. 10-13) sobre o qual Ezequiel não tinha nada de bom a dizer. O profeta apresentou uma relação de dez transgressões à lei de Deus, sendo três delas crimes capitais: homicídio (vv. 10, 14), idolatria (vv. 11, 12) e adultério (v. 11). O filho perverso explorava os pobres e cobrava juros de seus devedores. Nunca devolvia o penhor de seus devedores (Êx 22:26; Dt 24:12, 13) e fazia todo o possível para ter lucro, mesmo que isso significasse fazer mal às pessoas e desrespeitar às leis de Deus. O veredito é claro: “certamente morrerá”.

O terceiro personagem dessa história era um neto justo (vv. 14-18). Como é estranho que o homem justo dos versículos 5 a 9 tenha criado um filho ímpio que, por sua vez, tinha um filho piedoso! O neto seguiu o exemplo de retidão do avô e não o exemplo de perversidade do pai. O rei Ezequias era um pai piedoso cujo filho, Manassés, era

perverso apesar de ter se arrependido quando mais velho. Amom, o filho de Manassés, era perverso, mas foi pai do piedoso rei Josias! (Ver Mt 1:10, 11.) Os caminhos do Senhor são, por vezes, estranhos: "Onde abundou o pecado, superabundou a graça" (Rm 5:20).

São citadas doze características piedosas do terceiro homem. As quatro que lhe faltam são pureza ritual (Ez 18:6), ter uma vida justa, promover a justiça (vv. 12, 13) e agir com integridade (v. 9). Isso não significa que o homem era, de fato, culpado desses pecados, pois a primeira lista não menciona todas as leis possíveis do código mosaico. O importante é que o terceiro homem, o neto, resistiu à má influência em seu lar e obedeceu ao Senhor, apesar do péssimo exemplo do pai. O Senhor não matou o neto por causa dos pecados de seu pai e nem o poupar em função da justiça de seu avô, mas sim tratou dele com justiça, tomando por base sua própria fé e retidão.

Deviam assumir a culpa (vv. 19-24). Nesta parte da mensagem, Ezequiel respondeu às perguntas feitas por seus ouvintes no versículo 19 da mesma forma como havia apresentado respostas no versículo 2. Descreveu um homem perverso que se arrependeu, deixou o pecado e viveu (vv. 19-23); em seguida, descreveu um homem justo que voltou a pecar e morreu (v. 24). A lição desses dois exemplos é óbvia e respondeu às perguntas do povo: as pessoas determinam seu próprio caráter e destino por meio das decisões que tomam. Nem os exilados na Babilônia nem os cidadãos de Jerusalém eram prisioneiros e vítimas de algum tipo de determinismo cósmico que os forçasse a agir da forma como faziam. Sua própria incredulidade (rejeitaram a mensagem de Jeremias) e desobediência (adoraram a ídolos pagãos e profanaram o templo) colocaram o exército babilônio às portas da cidade, e o fato de Zedequias ter quebrado a aliança com Nabucodonosor fez com que o exército voltasse para destruir Jerusalém.

Ezequiel estava dando aos judeus uma mensagem de esperança! Se eles se arrepentessem de todo o coração e voltassem para

o Senhor, Deus agiria em favor deles conforme havia prometido (1 Rs 8:46-53; Jr 29:10-14). Contudo, se persistissem em seu pecado, o Senhor continuaria a tratá-los como filhos rebeldes. Deus não se compraz com a morte dos perversos (Ez 18:23, 32; ver 1 Tm 2:4; 2 Pe 3:9), mas não tem a responsabilidade de invadir a mente e o coração de tais pessoas e de forçá-las a lhe obedecer.

Em Ezequiel 18:24, o profeta não está tratando daquilo que os teólogos chamam de "certeza do cristão", pois o que está em questão é a vida ou a morte física, de acordo com aquilo que Deus declarou na aliança (Dt 30:15-20; Jr 21:8). O homem justo que adotasse um modo de vida pecaminoso³ em desobediência à lei de Deus sofreria as consequências dessa decisão. Não era possível os judeus "acumularem pontos" com Deus e, depois, perderem alguns deles quando pecassem. As pessoas têm a idéia de que Deus mede nossas boas obras e as compara com nossos pecados e, então, trata conosco de acordo com o saldo. Contudo, desde Adão até nossos dias, as pessoas são salvas somente pela fé naquilo que Deus lhes revelou, e sua fé é demonstrada numa vida constantemente piedosa.

Não deviam culpar o Senhor (vv. 25-32). Pela terceira vez, Ezequiel citou as palavras dos exilados queixosos: "O caminho do Senhor não é direito" (v. 25; ver vv. 2, 19). Aqui, o termo "direito" significa "justo". Estavam dizendo que o Senhor não estava "seguindo as regras do jogo" com seu povo. Porém, Ezequiel mostrou que o povo é que não estava sendo justo com Deus! Quando obedeciam ao Senhor, queriam que cumprisse as estipulações da aliança que prometiam bênçãos, mas quando desobedeciam, não queriam que cumprisse as estipulações da aliança que prometiam disciplina. Desejavam que Deus agisse de maneira contrária a sua própria Palavra e natureza santa.

"Deus é luz" (1 Jo 1:5), o que significa que Deus é santo e justo, que "Deus é amor" (1 Jo 4:8, 16) e que seu amor é santo. As Escrituras não dizem, em parte alguma, que somos salvos de nossos pecados pelo amor de Deus, pois a salvação nos é concedida

pela graça de Deus (Ef 2:8-10), e a graça é o amor que paga um preço. Em seu grande amor e graça, Deus entrou em aliança com Israel estipulando como único requisito que o povo adorasse e servisse somente a ele de todo o coração. Quando os pecadores se arrependeram e buscavam ao Senhor, em sua graça, ele os perdoava; mas quando as pessoas pecavam deliberadamente contra ele, em sua santidade, o Senhor as castigava, depois de tê-las suportado em sua longanimidade. Nada mais justo! Na realidade, se a justiça divina se baseasse no merecimento humano, Deus entregaria o mundo todo ao inferno!

A conclusão dessa mensagem foi um convite do Senhor para que o povo se arrependesse (mudasse de idéia), deixasse seus pecados, se despojasse de suas transgressões como se fossem vestes imundas e buscasse um novo coração e um novo espírito. Deus prometeu ao povo um novo coração, se buscasse ao Senhor pela fé (Ez 11:19; ver 36:26). Esse era um dos temas-chave da carta que Jeremias enviou aos cativos na Babilônia (Jr 29:10-14), mas ninguém levou essas palavras a sério. Deus deixou claro que não tinha prazer algum na morte dos perversos (Ez 18:23, 32), mas se os perversos se deleitavam com seus caminhos pecaminosos e não se arrependeram, o Senhor não podia fazer outra coisa senão obedecer à sua própria aliança e castigá-los. Ezequiel desenvolve esse tema com mais detalhes no capítulo 21.

2. RESPONSABILIDADE DA LIDERANÇA (Ez 19:1-14)

Ezequiel havia deixado claro que, como indivíduos, os judeus eram responsáveis por seus pecados, mas também era verdade que seus líderes os haviam feito se desviar do caminho, pois haviam se rebelado contra o Senhor. Jeremias havia dito aos reis de Judá para se entregarem a Nabucodonosor, pois ele era o servo escolhido de Deus para disciplinar seu povo, mas eles haviam se recusado a obedecer. Zedequias, o último rei de Judá, havia assinado um tratado com Nabucodonosor, mas depois o havia quebrado e buscado a ajuda do Egito. Foi esse seu

ato impensado que levou Nabucodonosor a enviar seu exército para Jerusalém e destruir a cidade e o templo.

Lendo a história secular ou sacra, logo se descobre que as pessoas tornam-se como seus líderes. O mesmo povo que aplaudiu Salomão quando construiu o templo apoiou Jeroboão quando mandou confeccionar os bezerros de ouro e instituiu uma nova religião. Uma das tarefas mais difíceis dos líderes cristãos de hoje é manter a igreja fiel à Palavra de Deus para que o povo não siga qualquer celebridade religiosa que surge com idéias contrárias às Escrituras. Ao que parece, ser popular e "bem-sucedido" é mais importante hoje em dia do que ser fiel.

Ao discutir os pecados dos líderes, Ezequiel usou duas figuras conhecidas – o leão (vv. 1-9) e a videira (vv. 10-14) – e expressou sua mensagem na forma de um cântico fúnebre para "os príncipes de Israel". A dinastia majestosa de Davi havia chegado ao fim, mas os homens que seguravam o cetro não eram nada parecidos com Davi. Ezequiel nem os chamou de "reis", mas se referiu a eles como "príncipes" (v. 1; ver 7:27; 12:10, 12). Em vez de lamentar a extinção desses príncipes, o "cântico fúnebre", na verdade, ridicularizava esses governantes de Israel. Contudo, mais adiante (Ez 21:27), Ezequiel anunciaría a vinda do Messias, o Filho de Davi, que seria um rei honrado.

Israel é como uma leoa (vv. 1-9). A leoa representa Israel ou, pelo menos, a tribo real de Judá (Gn 49:9; Nm 23:23; 24:9; 1 Rs 10:18-20; Mq 5:8). O primeiro "filhote" foi Jeoacaz, que reinou sobre Judá apenas três meses (Ez 19:2-4; 2 Rs 23:31-35) e também era conhecido como "Salum" (Jr 22:10-12). O Faraó Neco levou-o cativo para o Egito, onde ele morreu. O segundo "filhote" real foi Joaquim, que reinou três meses e dez dias (Ez 19:5-9; 2 Rs 24:8-16; 2 Cr 36:9, 10). Ezequiel o descreveu dizendo que o rei andou entre os leões (os príncipes e as nações) e rugiu (Ez 19:6, 7). Nabucodonosor levou-o para a Babilônia com outros dez mil cativos e com os tesouros do templo, e lá ele morreu. Joaquim não deu ouvidos à pregação de Jeremias, e o profeta não teve nada

de bom a dizer sobre ele (Jr 22:18, 19). Nessa pequena parábola, o Senhor deixou claro que esses dois reis de Judá consideravam-se grandes líderes, mas ignoravam a Palavra de Deus, e ele os derrubou depois de seus breves reinados.

Israel é como uma videira (vv. 10-14).

Trata-se de uma figura bastante conhecida nas Escrituras (Gn 49:9-12;⁴ Is 5; Sl 80:8-13; Jr 2:21) e nas profecias de Ezequiel (Ez 15; 17:1-10). A videira frutífera produziu muitos reis que se rebelaram contra Deus e foi castigada ao ser transplantada para a Babilônia, de “junto às águas” para o “deserto” (Jr 31:27, 28). Zedequias, o último rei de Judá, quebrou seu tratado com a Babilônia, rebelou-se contra Nabucodonosor e perdeu o cetro e o trono (2 Rs 24:17 – 25:7). A dinastia de Davi chegou ao fim com Zedequias, e seu último rei também morreu no cativeiro na Babilônia (Jr 52:11).

Se os judeus tivessem obedecido ao Senhor, sua nação teria se tornado e permanecido um leão poderoso e uma videira frutífera que teria trazido glória para o nome do Senhor. Israel teria sido “luz para as nações” (Is 42:6; 49:6), e muitos teriam crido no Deus vivo e verdadeiro. Os judeus não obedeceram às estipulações da aliança, mas o Senhor sim, e foi por isso que ele os disciplinou e dispersou. O povo escolhido de Deus não tinha templo, sacerdócio, sacrifício nem rei (Os 3:4, 5). Jesus Cristo, o Messias de Israel, veio como leão da tribo de Judá (Ap 5:5) e videira verdadeira (Jo 15:1), “luz para revelação aos gentios” (Lc 2:32) e herdeiro legítimo do trono de Davi (Lc 1:68, 69), e foi rejeitado por seu próprio povo. Um dia, os judeus o verão e o receberão, e as promessas da aliança que Deus, em sua graça, fez com Davi se cumprirão inteiramente (2 Sm 7) quando Jesus for soberano em seu reino (Ez 34:23, 24; 37:24, 25; Mt 1:1).

3. RESPONSABILIDADE NACIONAL (Ez 20:1-44)

Ezequiel pregou essa mensagem em 14 de agosto de 591 a.C. para alguns dos anciões judeus que foram à casa dele “consultar ao SENHOR”. Contudo, o profeta sabia que o

coração deles não estava em ordem com Deus e que não tinham direito algum de pedir a orientação do Senhor (vv. 30-32; ver 14:1-3; 33:30-33).⁵ A marca da pessoa que busca a orientação de Deus e espera recebê-la é uma disposição de se submeter e de obedecer. A resposta de Ezequiel ao pedido dos anciões foi fazer uma recapitação da história nacional de Israel e ressaltar a repetida rebelião do povo e a graça longâmina do Senhor.

O editor e escritor norte-americano, Norman Cousins, escreveu num editorial do jornal *Saturday Review* (15 de abril de 1978): “A história é um enorme sistema de aviso antecipado”. Mas um pensador anônimo disse: “A única coisa que aprendemos com a história é que não aprendemos com a história”; ou, nas palavras do Dr. Laurence J. Peter: “A história nos ensina os erros que vamos cometer”.⁶ Os historiadores, profetas e salmistas judeus foram honestos o suficiente para declarar os pecados de sua nação e escrever sobre eles para as gerações futuras! Fizeram isso para que elas não cometessesem os mesmos erros. Infelizmente, porém, o povo de Deus ainda não começou a aprender as lições, quanto menos a lhes obedecer.

A Bíblia ensina que Deus está cumprindo seu plano para as nações (At 14:14-18; 17:22-31; Dn 5:21; 7:27) e que seu povo, Israel, é o centro desse plano. As outras nações são mencionadas nas Escrituras geralmente por se relacionarem de algum modo com Israel – a única nação com a qual Deus entrou em aliança. Deus deu a lei a seu povo no Sinai depois que Israel deixou o Egito (Êx 19 – 24) e antes de entrar na Terra Prometida. Reafirmou essa lei aos israelitas e deu-lhes as estipulações da aliança, às quais deveriam obedecer a fim ‘de possuir e de desfrutar a terra’ (Dt 5 – 8; 27 – 30). Foi pelo fato de transgredir a essas estipulações da aliança que Israel sofreu tanto.

Antes de recapitular a história de Israel e as lições que podemos aprender com ela, devemos tratar de uma questão importante de interpretação. No capítulo 18, Ezequiel ensinou que os filhos não eram castigados pelos pecados dos pais, mas neste capítulo

ele parece dizer que os pecados passados de israelitas como nação (cuidadosamente registrados) foram a causa do fracasso dos judeus e da invasão babilônica. "Julgá-los-ias tu, ó filho do homem, julgá-los-ias? Faze-lhes saber as abominações de seus pais" (Ez 20:4). Essa declaração do Senhor sugere que Deus estava julgando os judeus por aquilo que seus pais haviam feito.

No entanto, não era isso o que o Senhor estava dizendo a Ezequiel. Ao recapitular a história de seu povo, Deus estava julgando aquela geração, *pois era culpada dos mesmos pecados de seus antepassados: incredulidade e rebelião*. Jeremias disse que sua geração de judeus era *ainda pior que seus pais* (Jr 16:12)! Nesse resumo histórico, Deus provou que havia sido coerente ao tratar com os judeus. Os exilados haviam se queixado de que Deus não havia tratado seu povo com justiça (Ez 18:2, 19, 25, 29), mas sua história nacional provava que Deus não apenas era justo com eles, mas também misericordioso e longâmimo. O Senhor não estava castigando os judeus do tempo de Ezequiel pelos pecados que seus pais haviam cometido séculos antes, mas sim porque os contemporâneos de Ezequiel haviam cometido exatamente os mesmos pecados! Foi por isso que Deus fez essa recapitulação da história de Israel.

Israel no Egito (vv. 5-8). Deus "escolheu" a nação de Israel quando chamou Abraão para deixar Ur dos caldeus e ir para a terra de Canaã (Gn 12), mas naquele tempo a nação ainda nem existia. Deus formou a nação no Egito. Quando a família de Jacó entrou na terra do Egito, era constituída de sessenta e seis pessoas. A família de José já se encontrava lá, num total de setenta pessoas (Gn 46). Quando os hebreus deixaram o Egito no êxodo, só os homens em idade de lutar eram mais de seiscientos mil (Nm 1:46), de modo que é possível que houvesse mais de dois milhões de pessoas. No Egito, Deus se revelou aos israelitas por meio do ministério de Moisés e de Arão, bem como dos terríveis julgamentos contra aquela terra. O Senhor deixou claro que os deuses das nações gentias eram apenas mitos e não

tinham poder algum para fazer o bem ou o mal. Deus os lembrou de como ele havia julgado os falsos deuses no Egito e provado que eram desprezíveis e imprestáveis (ver Ex 12:12; Nm 33:4).

No entanto, enquanto estavam no Egito, os hebreus começaram a adorar em segredo os deuses dos egípcios. Afinal, se os egípcios eram senhores dos hebreus, então os deuses do Egito deveriam ser mais fortes do que o Deus de Israel! Os hebreus se contaminaram com os deuses do Egito e entrinsecaram o coração de Jeová. Quando o Senhor abriu caminho para que seu povo saísse do Egito, alguns hebreus levaram consigo seus deuses egípcios! Deus havia feito um juramento ("levantando a mão")⁷ afirmando ser o Deus de Israel (v. 5), e ele os libertaria e lhes daria a terra prometida (v. 6). O Deus verdadeiro os libertou, mas eles levaram falsos deuses consigo! A nação rebelou-se contra o Senhor depois que ele demonstrou sua graça e poder ao livrá-los!

O êxodo de Israel do Egito (vv. 9, 10).

O Senhor tinha motivos de sobra para deramar sua ira sobre Israel, mas por amor a seu nome, resgatou seu povo. Em muitas ocasiões, Deus operou em favor de Israel, não porque eles merecessem, mas por causa da glória de seu próprio nome (vv. 14, 22, 44; ver Is 48:9; 66:5), assim como salvou a Igreja de hoje "para o louvor da sua glória" (Ef 1:6, 12, 14). O relato do êxodo precedeu os hebreus enquanto marchavam para a Terra Prometida (Is 2:10) e, de fato, trouxe glória para o nome de Deus.

Israel no Sinai (vv. 11, 12). Israel demorou-se cerca de dois anos no Sinai, onde Deus revelou sua glória e deu-lhes suas leis. Enquanto o povo estava lá, Moisés conduziu a construção do tabernáculo e de sua mobília. Mas mesmo depois de ter visto a glória de Deus e ouvido sua voz, Israel se rebelou contra ele ao confeccionar e adorar um bezerro de ouro (Êx 32). Deus lhes deu o sábado (o sétimo dia da semana) como um sinal para lembrá-los de que pertenciam a ele. Ao separar aquele dia de cada semana para honrar o Senhor, Israel poderia testemunhar para outros povos de que era

uma nação especial. No entanto, Israel insistiu em profanar o sábado e em tratá-lo como um dia qualquer (Ex 32:13, 16, 20).

A lei que Deus deu a Israel no Sinai era constituída de estatutos e de ordenanças que governavam todas as áreas da vida: suas responsabilidade cívicas, a conservação dos tribunais e juízes, a punição de transgressores e as responsabilidades do povo e de seus sacerdotes em sua vida religiosa nacional. Contudo, pelo fato de Israel ser uma teocracia e de Deus ser seu Rei, toda a lei tinha implicações religiosas. Transgredir uma lei era pecar contra o Senhor, e o povo fez isso em várias ocasiões.

Aqueles que obedecessem à lei de Deus “viveriam” (Ez 19:11, 13, 21), um verbo importante que estudamos no capítulo 18 (vv. 9, 17, 19, 21, 28). O termo refere-se à vida física, a não estar sujeito à pena capital em função de uma desobediência deliberada dos estatutos de Deus. Contudo, para os judeus que amavam ao Senhor, confiavam nele e lhe obedeciam, o termo também incluía a vida espiritual dada a todos aqueles que crêem. Romanos 10:5 e Gálatas 3:12 deixam claro que ninguém é salvo simplesmente ao obedecer à lei, mas aqueles que crêem no Senhor provam sua fé por meio da obediência. As pessoas religiosas, como os fariseus, têm a “justificação da lei”, mas aqueles que confiam em Cristo têm a “justificação pela fé” que lhes permite fazer a vontade de Deus (Fp 3:1-16; Rm 10). A justificação é sempre pela fé (Hb 11:6, 7), e essa fé sempre redunda em boas obras e em obediência.

Israel no deserto (vv. 13-26). Depois de deixar o Sinai, os judeus marcharam para Cades-Barnéia, onde o Senhor lhes disse para entrar em Canaã e tomar posse de sua herança prometida (Nm 13 - 14). O Senhor já havia percorrido a terra (Ez 20:6), mas o povo insistiu em mandar um representante de cada tribo para explorá-la. Sondaram a terra durante quarenta dias, e todos os homens concordaram que ela era exatamente como Deus a havia descrito. Contudo, dez dos espías disseram que Deus não era poderoso o suficiente para permitir que Israel

a conquistasse! Isso trouxe o juízo de Deus, determinando que a nação vagaria quarenta anos pelo deserto e que todos com vinte anos ou mais morreriam durante aquele tempo (Nm 14). Era de se esperar que, àquela altura, os israelitas tivessem aprendido a lição, mas mesmo durante o tempo em que andaram pelo deserto, rebelaram-se contra Deus, e ele teve de castigá-los. Mais uma vez, foi por amor ao nome dele que o Senhor não destruiu seu povo e começou uma nova nação, tendo Moisés como patriarca (vv. 11-21). No final dos quarenta anos, Moisés preparou a nova geração para entrar na Terra Prometida ao recapitular a lei e a aliança, conforme encontramos registrado no Livro de Deuteronômio.

Israel na Terra Prometida (vv. 27-30). Josué conduziu o povo para Canaã e liderou-o na derrota dos inimigos e na posse da terra. Antes de morrer, coordenou a divisão da terra entre as tribos e encorajou os hebreus a se apropriar de sua herança. Moisés havia ordenado que o povo eliminasse completamente a religião pagã dos habitantes da terra (Ex 34:11-17; Dt 7) e os advertiu de que, se não obedecessem, seus filhos se tornariam idólatras e perderiam a Terra Prometida. É claro que foi exatamente isso o que aconteceu. O povo de Deus cobiçou os ídolos da terra e participou dos rituais imundos de adoração nos lugares altos (Ez 19:28, 29; ver Dt 18:9-14; Lv 18:26-30).⁸ Em vez de ganharem os cananeus para o verdadeiro Deus vivo, os judeus começaram a viver como seus inimigos e a adorar seus deuses! Chegaram até a oferecer seus filhos como sacrifício aos deuses pagãos (Ez 19:26, 31), algo expressamente proibido pela lei de Moisés (2 Rs 21:6; 2 Cr 28:3; Lv 18:21; Dt 12:31; 18:10). As crianças são um presente de Deus, e essa dádiva preciosa não deve ser usada para sacrifícios pagãos!

Israel no exílio na Babilônia (vv. 31, 32). Essa é a aplicação prática da mensagem para o povo da geração de Ezequiel: estavam vivendo exatamente como seus pais! “Até o dia de hoje”, pecavam contra o Senhor! Ignorando o privilégio de ser o povo especial de Deus (Nm 23:9), seus pais quiseram ser

exatamente como as nações pagãs em sua adoração e liderança (1 Sm 8:5), e Deus deixou que conseguissem aquilo que queriam e os castigou. A filosofia dos exilados era: "Quando na Babilônia, faça como os babilônios", mas o povo já era idólatra muito antes de ir para o exílio.

O reino futuro de Israel (vv. 33-44).

Ezequiel havia deixado bem claro para os anciões o motivo pelo qual não tinham o direito de pedir a orientação de Deus, mas esse não foi o fim de sua mensagem. Em sua graça, Deus deu uma palavra de esperança a seu povo, apesar de certamente não a merecerem. Ezequiel descreveu um futuro "êxodo" do povo judeu das nações do mundo, uma volta para a terra que Deus havia jurado lhes dar. Chegou até a usar a mesma frase descritiva que Moisés empregou ao falar sobre o êxodo – "com mão poderosa, com braço estendido" (vv. 33, 34; Dt 4:34; 5:15; 7:19; 11:2). As declarações do Senhor sobre o que faria no futuro revelam tanto sua misericórdia quanto seu poder.

A oração: "Tirar-vos-ei dentre os povos" (Ez 20:34) deixa implícito mais do que uma libertação dos exilados da Babilônia. Refere-se a um futuro ajuntamento de Israel dentre as nações do mundo para as quais o povo havia sido disperso (Dt 30:1-8). Deus prometeu tirá-los do cativeiro, mas também disse: "Levar-vos-ei ao deserto" (Ez 20:35, 36), o lugar onde ele trataria dos pecados dos judeus e os purificaria de sua rebeldia (Ez 36:24-25; Os 2:14, 15). Sua promessa seguinte foi: "vos sujeitarei à disciplina da aliança" (Ez 20:37), indicando que Israel seria restaurado à sua relação de aliança com o Senhor e experimentaria as bênçãos da nova aliança (Ez 18:31; 36:26, 27). "Separarei dentre vós os rebeldes" (Ez 20:38), disse o Senhor, que não permitiria que entrassem na terra de Israel nem que desfrutassem as bênçãos do reino messiânico.

Quanto aos verdadeiros cristãos que receberem o Messias, Deus afirmou: "Ali me agradarei deles" (Ez 20:40). O Senhor estabelecerá uma nação santificada que o adorará em santidade (v. 41). Como resultado dessa nova aliança e nova experiência espiritual

no coração deles, o povo conhecerá seu Deus (v. 42) e também a si mesmo, e se detestará pelos terríveis pecados que cometeu (v. 43). Deixarão de culpar seus pais! Conhecerão a graça de Deus, pois todas as bênçãos que derrama sobre seu povo serão por amor ao nome dele e não por algum mérito humano (v. 44).

As experiências descritas nos versículos 33 a 44 não podem ser aplicadas ao retorno dos exilados à terra de Judá em 538 a.C. Não se tratou de um êxodo de vários países e também não resultou numa gloriosa restauração nacional dos judeus. Devemos aplicar esse parágrafo ao tempo futuro descrito por Ezequiel nos capítulos 33 a 48, quando Cristo voltará e o reino prometido será estabelecido.

4. A RESPONSABILIDADE DIVINA (Ez 20:45 – 21:32)

Nas Escrituras hebraicas, o capítulo 21 começa em 20:45, o que na verdade consiste numa organização melhor do texto, pois Ezequiel 20:45-49 apresenta o juízo vindouro sobre Judá e Jerusalém.⁹ Ezequiel havia explicado a responsabilidade individual do povo e de seus líderes e a responsabilidade nacional dos judeus. Agora se concentra no fato de que Deus tem a responsabilidade de castigar seu povo quando se rebela contra ele. O Senhor deve ser fiel a seu caráter e a sua aliança.

Deus identifica o alvo (20:45-49). Neste livro, Deus ordenou, em várias ocasiões, que seu servo "[volvesse] a face" contra algo ou alguém (v. 46; 13:17; 21:2; 25:2; 28:21; 29:2; 35:2; 38:2). Essa era uma forma de indicar qual seria o "alvo" de seu juízo e, nesse caso, trata-se de Judá e de Jerusalém (Ez 21:1, 2). O profeta assumiu uma postura de julgamento severo ao anunciar que o juízo ameaçado estava preste a sobrevir contra "o Sul" (o Neguebe), e Judá e Jerusalém ficavam no território ao sul da Babilônia. Usando a figura de um incêndio florestal, descreveu a invasão dos babilônios e a destruição de Judá. Ao estudar o capítulo 21, vê-se que o fogo representa as espadas mortais dos soldados e que o "Sul" representa Judá e Jerusalém.

De acordo com Ezequiel 20:1, essa mensagem foi transmitida no ano de 591 a.C., ou seja, cinco anos antes de os babilônios incendiarem a cidade santa e o templo. Durante o tempo em que Israel vagou pelo deserto, Deus não castigou seu povo com severidade por sua rebelião, pois queria honrar seu nome diante dos gentios (Ez 20:14, 22, 44). Porém, nos dias de Ezequiel, honraria seu nome ao queimar a cidade e o templo e enviar o povo para o exílio.

Deus desembainha a espada (21:1-7). A palavra “espada” é usada dezesseis vezes nesse capítulo para representar a invasão e ataque do exército da Babilônia. Deus tem três alvos em vista: a terra de Judá, a cidade de Jerusalém e o Lugar Santo do templo. Infelizmente, alguns dos justos sofreriam juntamente com os perversos, mas é isso o que acontece com freqüência em tempos de guerra. Observe que Deus declarou: “minha espada”, pois ele havia convocado o exército babilônio para castigar seu povo perverso. Se seu próprio povo se recusava a lhe obedecer, pelo menos as nações pagãs se sujeitariam a sua vontade!

Nesse ponto, Deus ordenou que Ezequiel realizasse outro “sermão prático” ao gemer como um homem sentindo grande dor e tristeza. Quando o povo perguntasse por que ele estava gemendo, o profeta devia dizer-lhes: “Por causa das novas”, referindo-se à notícia da queda de Jerusalém. Essa notícia só chegou em 8 de janeiro de 585 a.C. (Ez 33:21, 22), cinco meses depois que a cidade havia sido queimada, o que ocorreu em 14 de agosto de 586 a.C., contudo o Senhor disse a Ezequiel que a notícia estava a caminho. Os exilados alimentavam falsas esperanças de que o Senhor pouparia a cidade e o templo, mas tudo o que o Senhor havia profetizado se cumpriu.

Deus afia sua espada (vv. 8-17). Nesse segundo “sermão prático”, Ezequiel não apenas gritou e gemeu (v. 12), mas também deu pancadas na coxa e bateu palmas (vv. 14, 17). Apesar de o texto não afirmar isso, é possível que também estivesse empunhando uma espada ao falar. O Senhor estava preparando o exército babilônio a fim de

torná-lo eficaz e competente para realizar seus planos. Desprezando o rei de Judá (v. 13), a espada da Babilônia transformaria o cetro de Judá num reles pedaço de pau (v. 10)! Os soldados invasores seriam tão eficientes que um espadachim faria o trabalho de três (v. 14), e os judeus não teriam para onde fugir (v. 16). Até o Senhor aplaudiria os soldados enquanto executassem o juízo que ele havia ordenado (v. 17). Talvez alguns dos judeus se lembressem de um “sermão prático” anterior em que Ezequiel também havia usado uma espada (Ez 5:1-4).

Deus dirige o exército (vv. 18-27). As nações pagãs daquele tempo usavam várias formas de adivinhação para discernir a vontade dos deuses, e Ezequiel retratou o exército babilônio numa encruzilhada no caminho, tentando determinar para qual lado deveria ir. Seria melhor ir para Rabá, a capital de Amom, e atacar os amonitas ou para Jerusalém e atacar os judeus? Quando o Senhor disse a Ezequiel para “[propor] dois caminhos”, é bem provável que o profeta tenha desenhado no chão um mapa das estradas na forma de Y invertido e colocado um “marco” no solo onde ficava a junção (lembra-se do desenho de Israel que Ezequiel fez num tijolo de barro [Ez 4:1-8]?) Era a vontade de Deus que o exército atacasse Jerusalém, de modo que ele prevaleceu sobre os encantadores e adivinhos e certificou-se de que decidissem ir para Jerusalém. Isso não significa que o sistema de adivinhação deles era preciso ou mesmo correto, mas sim que o Senhor usou-o para cumprir seus propósitos.¹⁰

Nabucodonosor decidiu atacar Jerusalém, de modo que escolheu seus capitães e fez os planos necessários. O povo de Jerusalém esperava que ele fosse atacar os amonitas, e quando chegou a notícia de que Jerusalém seria o seu alvo, esperavam que os adivinhadores dissessem que haviam se enganado. Contudo, Deus estava no controle e não tinha havido erro algum. O rei Zedequias havia jurado lealdade a Nabucodonosor e quebrou sua aliança (Ez 21:23; 2 Rs 24:20), e Nabucodonosor não aceitaria tal rebelião da parte de um ínfimo Estado

vassalo. Os pecados de Zedequias finalmente o haviam alcançado (Ez 21:24).

Ezequiel fez uma pausa para transmitir uma mensagem especial a Zedequias, o qual ele se recusava a chamar de rei, referindo-se a ele, em vez disso, como príncipe. Ele o chama de profano e perverso, um homem que cometeu iniquidades e que sofreria as consequências disso. Perderia sua coroa e seu trono. Era chegado o dia em que Deus iria virar tudo de cabeça para baixo. Aquelas que eram exaltadas e soberbos seriam humilhados. O termo traduzido por "ruína" é *awwa*, e podemos ouvir Ezequiel lamentando "Awua - awwa - awwa!"

Contudo, mais uma vez, o Senhor acrescentou uma breve palavra de esperança: um dia, o Messias viria, o verdadeiro Filho de Davi e Rei de Israel, e tomaria para si a coroa de Davi e reinaria sobre seu povo (v. 27). A oração "a quem ela pertence de direito" nos remete a Gênesis 49:8-12, uma promessa messiânica que vimos em Ezequiel 19 quando estudamos as figuras da leoa e da videira.

Deus completa seu trabalho (vv. 28-32).

E quanto aos amonitas? Quando o Senhor dirigiu o exército babilônio para Jerusalém, isso quis dizer que ele não julgaria os amonitas por seus pecados contra ele e o povo judeu? Eles se regozijaram com a devastação causada pela Babilônia na terra de Judá e com o incêndio de Jerusalém e do templo (ver Ez 25). Assim como Judá e outras nações, Amom havia se juntado à aliança contra a Babilônia (Jr 27:1ss), de modo que Amom precisava ser castigada. Seus próprios falsos profetas e adivinhadores lhes dariam a esperança infundada de que haviam sido poupadados (Ez 21:29), mas Deus ainda não havia dito para Nabucodonosor colocar sua espada de volta na bainha (v. 30). A mensagem encerrou com outro fogo (ver Ez

20:47, 48), mas dessa vez se tratava de uma fornalha em que era fundido o minério. Deus sopraria na fornalha, tornando-a ainda mais quente e, então, derramaria o metal derretido sobre seus inimigos. Os amonitas seriam combustível para o fogo, e a nação desapareceria da face da Terra.

Ao concluir o estudo dos capítulos 18 a 21, temos uma nova percepção da tragédia que é a rebelião contra o Senhor. Israel possuía um histórico de rebeldia, mas as outras nações não eram nem um pouco melhores. Contudo, os judeus estavam pecando à luz da Palavra de Deus e de seu cuidado providencial para com seu povo. Se algum povo tinha a obrigação de obedecer e de servir ao Senhor, esse povo era Israel, pois o Senhor os havia abençoado abundantemente. Em vez de se tornar uma nação santa para a glória de Deus, havia se tornado como todas as outras nações e deixado de ser a luz de Deus para os gentios.

E, no entanto, encontramos o tema da esperança de Israel entretecido nessa série de mensagens. O profeta lembrou-lhes de que Deus havia prometido reuni-los dentre as nações gentias e dar-lhes seu Rei e seu reino. Em termos históricos, o fraco rei Zedequias foi o último governante da dinastia de Davi, mas não em termos proféticos, pois Jesus Cristo, o Filho de Davi (Mt 1:1), um dia virá e reinará do trono de Davi. Ezequiel discute esse tema em mais detalhes antes de concluir seu livro.

Na "Pergunta 18" de sua obra *Notes on the State of Virginia*, [Anotações sobre o Estado da Virgínia], Thomas Jefferson escreveu: "Decerto estremeço por meu país quando reflito que Deus é justo".¹¹ Ezequiel havia defendido a justiça de Deus e exaltado a misericórdia e a graça do Senhor. O que mais podia fazer?

1. A culpa e a condenação pelo pecado do pai ou da mãe não podiam ser passadas adiante para os filhos, contudo as consequências do pecado dos pais podiam trazer sofrimento para a família. Nos tempos do Antigo Testamento, os judeus muitas vezes viviam com toda a sua parentela. Com isso, as gerações mais jovens eram influenciadas tanto pelos exemplos negativos quanto positivos de seus parentes. Também havia a possibilidade de tendências hereditárias serem transmitidas bem como males sociais. Contudo, ao mesmo tempo, os ensinamentos e orações de parentes piedosos podiam trazer bênçãos para seus descendentes nos anos vindouros. Nem Jeremias nem Ezequiel negaram que pessoas inocentes estavam sofrendo em

decorrência dos pecados de líderes judeus ímpios (Lm 5:7). Contudo, se opuseram ao fato de o povo estar usando o provérbio como desculpa para seus próprios pecados, afirmando que sua geração não era culpada de desobediência.

2. A idolatria e o adultério eram ofensas capitais (Dt 13; 22:22; Lv 18:20; 20:10). As ofensas relacionadas a bens materiais (roubo, exploração, usura, etc.) normalmente eram punidas com a restituição de uma quantia igual acrescida de uma multa.
3. O caso descrito no versículo 24 não é de um homem justo que comete uma transgressão, mas sim de um homem justo que adotou um estilo de vida pecaminoso e desobedeceu repetidamente à lei de Deus. Sem dúvida, ele poderia ter se arrependido e voltado para Deus, como fez o rei Manassés (2 Cr 33:11-19); mas o homem descrito por Ezequiel persistiu em seus pecados. É possível ter um comportamento exterior que aparente ser reto e, ainda assim, não ter uma fé salvadora no Senhor.
4. É interessante que as figuras do leão e da videira sejam encontradas em Gênesis 49:8-12.
5. O rei Zedequias tentou essa mesma abordagem com Jeremias, mas ela não funcionou (Jr 37).
6. Peter's Quotations: Ideas for Our Time [Citações de Pedro: pensamentos para nosso tempo], p. 244. Trata-se de uma versão do famoso ditado de George Santayana: "Aqueles que não se lembram do passado estão condenados a repeti-lo".
7. A expressão "levantando a mão" significa fazer um juramento solene e aparece três vezes, enquanto o verbo "jurar" é usado pelo menos seis vezes neste capítulo. Deus jurou que era o Deus deles (v. 5), que os livraria e que lhes daria sua terra (v. 6). Em Cades-Barnéia, jurou que a geração mais velha não entraria na terra (v. 15), e no versículo 23, jurou que os dispersaria, se eles lhe desobedecessem (v. 23). Jurou dar-lhes a terra de Israel (v. 28) e jurou levá-los de volta para a terra depois de sua dispersão (v. 42).
8. No original, o termo hebraico usado para "Lugar Alto"(v. 29) é "Bama". Na pergunta "Que alto é este, aonde vós ides?", em hebraico a palavra "ides" é *ba* e "que" é *ma*.
9. Observe a repetição de "Veio a mim a palavra do SENHOR" em Ezequiel 20:45 e 21:1, 8 e 18. Essa oração introduz uma nova seção da mensagem para o povo.
10. Vários tipos de adivinhação são mencionados no versículo 21: sacudir flechas, como quem tira palitinhos, consultar pequenas figuras de deuses ("ídolos do lar"), examinar as entranhas de um animal sacrificado. Talvez o versículo 22 seja a descrição do ato de lançar a sorte.
11. KOCH, Adrienne e PEDEN, William (Edits.). *The Life and Selected Writings of Thomas Jefferson*. The Modern Library, 1993, p. 258.

VEJA A CIDADE IMPIA!

EZEQUIEL 22 – 24

Se você observar o esboço que sugerimos para o Livro de Ezequiel, verá que estes três capítulos completam a seção sobre “a queda de Jerusalém”. Ezequiel concentra-se em quatro acontecimentos decisivos: o fim da cidade (cap. 22), o fim do reino (cap. 23), o fim de uma ilusão (24:1-14) e o fim de um casamento (vv. 15-27). O capítulo 24 registra duas declarações comoventes do Senhor: o início do cerco de Jerusalém (vv. 1, 2) e a morte da esposa do profeta (vv. 15-17). As inúmeras mensagens de Ezequiel para os exilados judeus espiritualmente cegos chegam a seu ponto culminante com um tom grave.

1. O FIM DA CIDADE (EZ 22:1-31)

“Davi tomou a fortaleza de Sião” (2 Sm 5:7) e fez de Jerusalém sua capital. Não apenas o trono real encontrava-se lá, mas também o altar sagrado, pois foi em Sião que Deus colocou seu santuário. “Pois o SENHOR escolheu a Sião, preferiu-a por sua morada” (Sl 132:13). Os judeus se orgulhavam do monte Sião (Sl 48) e afirmavam que o Senhor amava Sião mais do que qualquer outro lugar (Sl 87). Mas a cidade de Jerusalém e o templo seriam invadidos por “gentios imundos” enviados pelo Senhor! Que motivo havia para o Senhor destruir sua própria cidade amada e seu templo? Seu povo havia pecado e quebrado a aliança de modo irreparável. Ezequiel descreveu o verdadeiro caráter da “cidade formosa” e citou alguns dos pecados que o povo de Jerusalém estava cometendo enquanto ele falava. Ezequiel havia tornado públicos os pecados passados do povo, mas nessa passagem leva Jerusalém

ao tribunal e informa da condição atual da cidade.

Um povo contaminado (vv. 1-12). A palavra “sangue” é repetida quatro vezes neste parágrafo, e o termo “sanguinária” é usado uma vez, sendo que se referem à morte e à contaminação. O profeta citou dois pecados atrozes: o derramamento de sangue inocente (injustiça) e a adoração a deuses estrangeiros (ver Ez 7:23; 9:9). Os oficiais de Jerusalém estavam aceitando suborno e condenando pessoas inocentes à morte para que outros pudessem tomar posse das propriedades delas (Am 5:11-17; ver 1 Rs 21). Esses juízes não tinham respeito algum por Deus nem pelo ser humano feito à figura de Deus e, no entanto, supunha-se que fossem homens honestos que sustentavam a lei do Senhor (Êx 18:21-26; Dt 16:18-20). O sistema judiciário de Jerusalém era tão perverso que até as nações gentias ficaram sabendo de sua corrupção (Ez 22:4, 5) e difamaram o nome do Senhor. Jerusalém era uma cidade “infamada, cheia de inquietação” (v. 5).¹ Contudo, a hora de seu juízo estava se aproximando a passos largos. Deus já havia declarado a sentença, mas ainda não tinha começado a aplicar a pena. Os príncipes haviam abusado de seu poder, mas Deus iria dar mostra do poder dele.

A idolatria, a injustiça e o abuso de poder estão por toda a parte em nosso mundo de hoje, e Deus, em sua misericórdia, está retendo seu julgamento para dar aos pecadores a oportunidade de se arrependerem e de serem salvos. A verdade divina e os direitos humanos estão sendo ignorados, mas “Virá [...] o Dia do Senhor” (2 Pe 3:10), e os pecadores serão julgados com justiça pelo Senhor que tudo sabe.

Ezequiel citou alguns dos pecados que o povo estava cometendo e começou com o abuso de pessoas – pais, forasteiros e estrangeiros, órfãos e viúvas (Ez 22:7). O povo de Israel havia recebido a ordem de obedecer a pai e mãe (Êx 20:12) e o mesmo vale para os cristãos de hoje (Ef 6:1-3). Deus chegou a associar uma promessa especial a esse mandamento: “para que se prolonguem os teus dias na terra que o SENHOR, teu Deus, te

dá”, e naquele momento os judeus estavam prestes a ser exilados num lugar distante de sua terra. A lei também tinha especial consideração pelas viúvas, órfãos e estrangeiros (Êx 22:21-24; 23:9-11; Lv 19:33, 34; Jr 5:28), e esse mandamento continha uma advertência. Se essas pessoas necessitadas sofressem abusos, as esposas judias se tornariam viúvas e suas crianças seriam órfãs. A desobediência é um assunto extremamente sério! A igreja de hoje tem uma responsabilidade ministerial para com os estrangeiros (Mt 25:35, 43, Tg 2:1-13), órfãos e viúvas (Tg 1:27; 1 Tm 5).

Depois de tratar da desumanidade de Jerusalém, Deus condenou sua idolatria (Ez 22:8). Eles profanaram o templo com seus ídolos (Ez 8:5ss) adorando a Deus com hipocrisia, sem ter as mãos puras e o coração obediente (Is 1:10ss). Jeremias lhes disse que haviam transformado a casa do Senhor em “covil de salteadores” (Jr 7:11), um lugar onde os ladrões se escondem depois de terem transgredido a lei. Os judeus também profanaram o sábado ao tratá-lo como um dia qualquer. O sábado era o sinal especial entre Deus e Israel, povo especial do Senhor (Ez 20:12,13, 20; Êx 31:13-17), e violar essa lei era desafiar a autoridade do Senhor e negar o chamado de Israel e seu ministério no mundo.

Mas como o povo poderia persistir nesses pecados e não ser julgado pelos tribunais? Isso acontecia porque os tribunais eram dirigidos por homens perversos que não tinham desejo algum de absolver os inocentes e em punir os culpados. Os ricos eram muitas vezes libertos, enquanto os pobres eram explorados. As pessoas aceitavam suborno para difamar pessoas inocentes (Ez 22:9, 12), esquecendo-se de que a lei proibia a difamação e o falso testemunho (Êx 20:16; 23:1-3, 6-8; Dt 16:19; 27:25). De acordo com a lei, se alguém era acusado de crime capital, pelo menos duas pessoas tinham de testemunhar, e essas testemunhas deviam ser as primeiras a apedrejar o condenado (Nm 35:30, 31; Dt 17:6, 7; 19:15).

Em meus anos de experiência pastoral, tenho visto igrejas locais destruídas pela

difamação e pelo falso testemunho, apesar do ensinamento claro do Novo Testamento sobre a integridade ao testemunhar (1 Tm 5:19; Mt 18:16; 2 Co 13:1). É algo muito sério pensar que os mentirosos, bem como os homicidas, terão lugar no lago de fogo e não entrarão na cidade celestial (Ap 21:8, 27).

Em Ezequiel 22:9b-11, Deus concentrou-se na imoralidade do povo judeu, a começar por sua participação na “adoração” indescritivelmente imunda nos santuários pagãos. O mais triste era que esses homens idólatras levavam sua imoralidade consigo para casa! Filhos tinham relações com a própria mãe ou madrasta, pais com as noras, e irmãos com irmãs ou meias-irmãs (ver Lv 18:6ss; 20:10ss). Homens cometiam adultério com a mulher do próximo ou com mulheres menstruadas (Ez 18:6; Lv 18:19; 20:18).

Como é fácil para nós hoje em dia julgar o povo de Deus da Antiguidade, mas e quanto ao povo de Deus da atualidade? Os pecados sexuais nas igrejas e nos lares que se dizem cristãos destruíram igrejas e famílias e, em nossos dias, muitas igrejas fazem vista grossa a essas transgressões. A pornografia – impressa, em vídeo ou na Internet – é comum hoje em dia e está se tornando cada vez mais ousada na televisão. Casos de pessoas solteiras morando juntas, num “período de experiência” antes de casar; “casamentos gays” e até “troca de parceiros” têm aparecido nas igrejas, e quando pastores fiéis tentam tratar desses pecados, acabam ouvindo que não devem se intrometer nos assuntos particulares delas. Os transgressores simplesmente saem de uma igreja e começam a freqüentar outra, onde podem viver como bem entendem. Como disse Ruth Bell Graham: “Se Deus não julgar a América, terá de pedir perdão a Sodoma e Gomorra”.

“O amor ao dinheiro é a raiz de todos os males” (1 Tm 6:10), de modo que não nos surpreende ver que os negociantes de Jerusalém estivessem cobrando juros exorbitantes sobre empréstimos e praticando a extorsão em vez de dedicar-se aos negócios lícitos (Ez 22:12). Os judeus podiam cobrar juros de estrangeiros, mas não de gente de seu

próprio povo (Êx 22:25-27; Lv 19:13; 25:35-38; Dt 23:19, 20), e deviam ser justos em todas as suas transações comerciais. O lema do mundo: "Negócios são negócios", não deve, em momento algum, substituir o mandamento de Deus: "Dai e ser-vos-á dado" (Lc 6:38).

Por que o povo escolhido de Deus estava vivendo em tamanha perversidade? Porque haviam se esquecido do Senhor (Ez 22:12), um pecado sobre o qual Moisés os havia advertido (Dt 4:9, 23; 6:10-12; 32:18). Foram admoestados a lembrar-se de sua escravidão no Egito e da graça de Deus ao remi-los (Dt 5:15; 15:15; 16:12; 24:18) e também a lembrar-se de que o Senhor era seu Deus (Dt 8:18). O povo que se esquece de Deus torna-se, aos poucos, sua própria divindade e começa a desobedecer à Palavra de Deus, maltratando outras pessoas e deixando de valorizar devidamente as dádivas recebidas do Senhor. Em Jerusalém, o profeta Jeremias estava acusando o povo desse mesmo pecado (Jr 3:21).

Um povo condenado (vv. 13-22). Em sua ira contra os pecados do povo, Deus faz pesar sua mão (Ez 6:11; 21:14, 17)² e anuncia que o dia do acerto de contas se aproxima. Apesar das advertências de Deus, o povo de Jerusalém havia decidido persistir em seus pecados, mas será que teriam a determinação e a coragem de suportar o dia do julgamento de Deus? O primeiro ato de juízo divino seria a dispersão (Ez 22:13-16); o povo seria exilado na Babilônia e no meio das nações vizinhas (vv. 15, 16), algo que, em parte, já havia acontecido. O povo deveria saber que tal juízo estava a caminho, pois Deus havia prometido esse tipo de julgamento em sua aliança (Lv 26:27-39; Dt 28:64-68). Se o povo de Deus desejava adorar aos deuses dos gentios, então por que não viver com os gentios e aprender com eles? Deus humilharia os judeus diante dos olhos dos gentios e, por meio dessa experiência, traria seu povo de volta para si.

O segundo juízo seria o fogo (Ez 22:17-22), a destruição de sua amada cidade e do templo. O profeta retratou uma fornalha de fundição com diferentes metais dentro dela

e a escória sendo removida. Essa escória representava o povo de Jerusalém, que se achava muito superior por não ter ido ao exílio. A figura da fornalha é comum nas Escrituras. O sofrimento de Israel na fornalha do Egito foi uma experiência que ajudou a formar a nação e a prepará-la para o Êxodo (Dt 4:20; 1 Rs 8:31; Jr 11:4). Mas agora, a fornalha de Deus era Jerusalém, e o fogo seria o juízo divino pelos pecados do povo (Is 1:21-26; 31:9; Jr 6:27-30). Duas palavras-chave nesta passagem são "fundir" e "ajuntar". O povo havia se ajuntado em Jerusalém em busca de segurança, mas foi o Senhor quem os ajuntou para fundi-los em sua fornalha ao derramar sobre eles a sua fúria. A mesma figura é discutida em Ezequiel 24:1-14.

Um povo degradado (vv. 23-27). Ezequiel apontou um dedo acusador para os príncipes (vv. 25, 27),³ os sacerdotes (v. 26) e o povo da terra (v. 29), e cada segmento da sociedade é considerado culpado. Os príncipes estavam agindo como animais, como leões e lobos, famintos por suas presas. O pecado sempre degrada as pessoas e as transforma em animais (Sl 32:9; Pv 7:21-23; 2 Pe 2:18-22) ou as faz ainda piores do que animais! Esses homens abusavam de seu poder e destruíam pessoas inocentes só para obter mais riquezas. Criavam viúvas pobres ao matar seus maridos inocentes e tomar seus bens.

Seria de se esperar que os sacerdotes preservassem a lei e protestassem contra os atos perversos dos governantes, mas, em vez disso, eles transgrediam a lei de Deus (Jr 32:32; Lm 4:13). Esses homens haviam recebido o chamado sagrado para explicar a lei de Deus (Ml 2:6-8), a fim de que o povo pudesse viver em santidade e distinguir entre as coisas santas e as comuns (Ez 44:23; Lv 10:10; 11:47; 20:25). Contudo, em lugar de ensinar a lei, os sacerdotes a transgrediam e faziam vista grossa quando outros também desobedeciam aos preceitos do Senhor. Não era uma situação muito diferente daquela de Eli e de seus filhos no tempo do jovem Samuel (1 Sm 2:12ss).

O povo da terra (Ez 22:29) consistia dos cidadãos proeminentes, proprietários de

terras (Ez 12:19), com freqüência oficiais do exército que entravam em conluio com os príncipes e sacerdotes. Oprimiam os pobres quando, na verdade, deviam socorrê-los, e aproveitavam-se dos estrangeiros em vez de recebê-los bem e de ajudá-los. Mas, no dia em que viesse o juízo, perderiam tudo o que haviam obtido por meio de sua violência e abuso de poder.

Um povo dissimulado (v. 28). Juntamente com os sacerdotes, os falsos profetas apoiavam o regime político perverso e encorajavam as pessoas comuns com suas mentiras. Em vez de desmascarar o pecado, eles o encobriam com cal (ver Ez 13:10-16; Jr 6:14; 8:11; 23:16-22)! Proclamavam que Deus jamais permitiria que sua cidade santa e o templo fossem arrasados pelos pagãos, mas era exatamente isso o que o Senhor planejava fazer. Os falsos profetas criavam mentiras nas quais o povo acreditava de bom grado.

Um povo decepcionante (vv. 30, 31). Deus procurou no meio de seu povo uma pessoa em posição de autoridade que se colocasse na brecha e que não permitisse que o inimigo penetrasse os muros e invadisse a cidade, mas não encontrou ninguém. É claro que o profeta Jeremias estava em Jerusalém, mas era um homem sem qualquer autoridade, que havia sido rejeitado pelos políticos, sacerdotes e falsos profetas. O próprio Jeremias percorrerá a cidade à procura de um homem piedoso (Jr 5:1-6), mas sua busca havia sido em vão. O profeta Isaías também não teve sucesso nessa empreitada (Is 51:18; 59:16). O Senhor prometeu poupar Sodoma e Gomorra se encontrasse dez homens justos na cidade (Gn 18:23-33), e teria pougado Jerusalém por um único justo.

O Senhor continua procurando homens e mulheres que defendam a lei moral de Deus, que se coloquem na brecha do muro e confrontem o inimigo com a ajuda de Deus. Ao ler sobre a história, encontramos homens e mulheres justos que tiveram a coragem de resistir aos males comuns de sua época e ousaram mostrar as rachaduras nos muros e consertá-las. O Senhor está buscando

intercessores (Is 59:1-4, 16) que clamem a ele por misericórdia e pela volta da santidade. Sem dúvida, o Senhor deve sentir-se decepcionado por seu povo ter tempo para tudo, menos para a oração intercessora.

2. O FIM DO REINO (Ez 23:1-49)

Este capítulo é bastante parecido com o capítulo 16, no sentido de que retrata a história de Israel como nação e sua apostasia do Senhor. Nos dois capítulos, a figura usada é de prostituição, a nação quebrando seus “votos matrimoniais” e, como uma meretriz, voltando-se para outros em busca de ajuda.⁴ Contudo, no capítulo 16 o pecado é a idolatria, a confiança depositada nos falsos deuses dos pagãos, enquanto no capítulo 23 o pecado é a confiança em outras nações, esperando receber delas a proteção necessária. Neste capítulo, encontra-se tanto Israel (o reino do Norte) quanto Judá (o reino do Sul) agindo como meretrizes e procurando a ajuda da Assíria, da Babilônia e do Egito em vez de confiar que o Deus Jeová iria guiá-los e protegê-los.

Durante o reinado de Roboão, filho de Salomão, a nação dividiu-se em dois reinos, Israel e Judá. O reino do Norte, Israel (Samaria), abandonou quase imediatamente a verdadeira fé e passou a adorar ídolos, posteriormente estabelecendo seu próprio templo e sacerdócio; enquanto isso, o reino do Sul, Judá, procurou permanecer fiel à lei de Moisés. As coisas se deterioraram a tal ponto em Samaria que, em 722 a.C., Deus permitiu que os assírios os conquistassem e dessem cabo desse reino. Judá teve alguns reis piedosos que procuraram agradar ao Senhor, mas aos poucos a nação se desintegrhou e foi tomada pelos babilônios (606 - 586 a.C.).

Oolá representa Israel, cuja capital era Samaria, enquanto sua irmã Oolibá representa Judá, cuja capital era Jerusalém. Oolá significa “a tenda dela”, enquanto Oolibá quer dizer “minha tenda está nela”. A maioria dos judeus associava o termo “tenda” automaticamente com o tabernáculo onde Deus habitava com seu povo. Israel, o reino do Norte, tinha seu próprio santuário

e sacerdócio em Samaria, bem como ídolos e santuários por toda a terra, mas aquela era “a tenda dela” e não “a tenda do Senhor”. Contudo, a lei mosaica ainda era preservada em Judá, mesmo que nem sempre fosse obedecida e os sacerdotes levíticos ainda servissem no templo que Salomão havia construído de acordo com as instruções e autoridade de Deus. Ao olhar para Jerusalém, mesmo com todos os pecados daquela cidade, o Senhor ainda podia dizer “minha tenda está nela”. A glória havia deixado o templo (Ez 9:3; 11:22, 23), mas o templo ainda era conhecido como o lugar onde Deus habitava.

Tendo em vista o contexto acima, podemos examinar essa parábola e ver como ela se aplicava aos judeus no tempo de Ezequiel, bem como sua aplicação para o povo de Deus em nossos dias. A principal mensagem que o Senhor desejava que Ezequiel transmitisse para o povo judeu era que ele estava sendo perfeitamente justo ao castigar o reino de Judá por causa da forma como os judeus haviam se comportado com relação a Deus. O Senhor fez três declarações: primeiro, em sua arrogância, Judá ignorou a advertência de Deus quando julgou Samaria (Ez 23:5-13); em segundo lugar, Judá foi além dos pecados de Samaria (vv. 14-21); portanto, em terceiro lugar, o Senhor tinha todo o direito de julgar Judá (vv. 22-35).

O povo de Judá ignorou a advertência de Deus (vv. 5-13). Tanto Israel quanto Judá estavam situados geograficamente de modo que as tensões entre as nações e impérios maiores (Egito, Assíria, Babilônia) afetavam os dois reinos drasticamente. Israel e Judá eram, com frequência, “pontes” sobre as quais essas nações marchavam com seus exércitos, e era impossível os judeus não tomarem partido. Nos dias em que a nação ainda estava unida, o rei Davi havia confiado no Senhor para ajudá-lo e para livrar seu povo, mas a política do rei Salomão era fazer tratados para garantir a paz. Assim, ele se casou com várias princesas pagãs, a fim de que os pais delas não atacassem o povo de Israel.

Samaria não tinha fé alguma no Deus vivo, de modo que buscou a ajuda dos assírios.

O retrato apresentado é o de uma prostituta à procura de um amante para cuidar dela, e a linguagem é bastante clara. Samaria não só recebeu de braços abertos os soldados assírios, mas também seus ídolos, e a religião do reino do Norte tornou-se uma estranha mistura de lei mosaica com idolatria assíria (2 Rs 17:6-15). Assim, de modo a castigar os israelitas, o Senhor usou os assírios – os “amantes” de Israel – para conquistar e dar fim ao reino do Norte. As dez tribos que constituíam esse reino foram misturadas com outras nações conquistadas, e as terras tornaram-se parte do império assírio.

Os líderes de Judá sabiam o que havia ocorrido com o reino vizinho e o motivo desses acontecimentos, mas não aprenderam a lição. Judá também fez alianças com a Assíria e “apaixonou-se” pelos soldados bonitos e por seus uniformes vistosos (Ez 23:11-13). Em vez de buscar ao Senhor para protegê-los, os judeus pediram ajuda a seus vizinhos poderosos, mas estes mostraram não passar de bordões de cana esmagada. A Assíria invadiu Judá durante o reinado de Ezequias, arrasou a terra e foi impedida de chegar a Jerusalém, sendo exterminada pelo Anjo do SENHOR (Is 36 – 37; 2 Rs 18 – 19). Essa foi a advertência de Deus a Ezequias: não permitir que o povo seguisse o exemplo corrupto de Samaria.

O povo de Judá pecou ainda mais que o de Samaria (vv. 14-21). O castigo de Deus sobre Samaria e o livramento miraculoso de Judá deveriam ter colocado o povo judeu de joelhos em gratidão e consagração, mas não foi o que aconteceu. Ezequias começou a envolver-se com os babilônios (Is 39), uma nação que se tornava cada vez mais poderosa. Assim como haviam admirado os exércitos assírios (2 Rs 16:1-9), os governantes de Judá começaram a admirar o poder da Babilônia. O rei Jeoacquim pediu à Babilônia que o ajudasse a derrotar o Egito (Ez 23:25 – 24:7), o que só serviu para tornar Judá um Estado vassalo da Babilônia. O reino de Judá entregou-se cada vez mais à idolatria durante uma sucessão de reis fracos, sendo que alguns ocuparam o trono por apenas três meses. Na verdade, Judá era

mais corrompida do que a irmã, Samaria (Ez 23:11)!

O povo de Judá sofrerá sob a ira do Senhor (vv. 22-35). A lógica é óbvia: se Deus castigou Samaria por seus pecados e se Judá pecou ainda mais do que Samaria, então Judá também deveria ser castigada. Nessa parte da mensagem, Ezequiel transmitiu quatro oráculos do Senhor. Primeiro, Deus traria os babilônios para castigar Judá assim como havia trazido os assírios para castigar Samaria (vv. 22-27). Ezequiel descreveu em detalhes os oficiais do exército e o equipamento que estariam carregando. Usando a figura do castigo dado a uma prostituta, o profeta descreveu como os invasores despojariam a nação, exporiam sua impudicácia e mutilariam seu corpo – um retrato nada agradável.

O segundo oráculo (vv. 28-31) repete os fatos do primeiro e lembra o povo de que esse juízo era perfeitamente justo. Houve um tempo em que Judá buscou a amizade da Babilônia, mas agora odiava os babilônios. No entanto, Deus permitiria que o povo que os judeus odiavam devastasse sua terra e destruísse Jerusalém e o templo. O terceiro oráculo (vv. 32-34) usa a figura de um copo ou cálice, conhecida nas Escrituras como forma de expressar a experiência de sofrimento (Is 51:17, 22; Jr 25:15-29; 49:12; Lm 4:21; Hc 2:16; Jo 18:11; Ap 14:10). O copo que Deus lhes daria seria grande, fundo e cheio da ira do Senhor, e eles teriam de beber dele.

O último oráculo (Ez 23:35) apresentava o motivo pelo qual Deus estava julgando seu povo: porque havia se esquecido dele (Ez 22:12) dando-lhe as costas –, ou seja, o haviam rejeitado e abandonado, excluindo-o de seus pensamentos e de sua vida.

“Não há temor de Deus diante dos seus olhos” (Rm 3:18). A “esposa” de Deus havia se tornado uma meretriz e abandonado seu Marido. Jeremias usou uma figura semelhante (Jr 2:1-8) e ficou estarrecido com o fato de uma nação trocar de deuses (vv. 9-11). De acordo com o profeta, Judá havia rejeitado o manancial de água viva e ficado com cisternas rotas que não podiam reter a água (v. 13).

As duas irmãs acusadas foram apresentadas para o tribunal e seus crimes foram explicados. Restava ainda que o juiz recapitulasse o caso e descrevesse a sentença, aquilo que Ezequiel fez em 23:36-49. Samaria e Judá não tinham qualquer defesa e não podiam levar seu caso a um tribunal superior. O veredito de Deus era verdadeiro e definitivo. Ezequiel incluiu Samaria nesse resumo final dos fatos para que Judá não tivesse como dizer que o julgamento de Deus contra o reino do Norte havia sido injusto. Todas as evidências tinham sido apresentadas e só podia haver um veredito: culpadas.

Quais eram seus pecados? Idolatria, injustiça, incredulidade (depender da ajuda de nações pagãs) seguida de hipocrisia explícita. Adoravam a ídolos, matavam pessoas inocentes e, depois, marchavam piamente para o templo a fim de adorar a Jeová! Prostituíam-se com as nações pagãs quando, se confiassem no Senhor, poderiam ter cuidado delas e as livrado. Em sua idolatria, chegavam a sacrificar os próprios filhos, meninos e meninas que, na verdade, pertenciam a Deus (“que me geraram”, v. 37).

Judá deveria ter permanecido um povo separado, declarando sua fé em Jeová, mas seus líderes participaram de uma conferência internacional contra a Babilônia e aliamaram-se aos inimigos do Senhor (v. 40; Jr 27). O profeta descreveu como, nessa reunião, os líderes judeus comportaram-se feito meretrizes preparando-se para atender a um cliente, mas comparou a reunião a uma briga de bêbados,⁵ eram um grupo de “gente que folgava” e que não queria encarar o fato de que a Babilônia venceria.

Do ponto de vista de Deus, Judá não passava de uma prostituta envelhecida chamando “amantes”, e seu pecado era algo que o coração do Senhor não podia aceitar. Assim como Samaria havia pecado ao favorecer a Assíria, Judá também estava agindo como uma meretriz ao buscar a ajuda de nações pagãs em vez de confiar no Senhor. Sendo esse o caso, Judá seria tratado igual e até pior que uma adultera. A lei de Moisés determinava que as adulteradas fossem

apedrejadas (Lv 20:10; Dt 20:20), que as prostitutas fossem queimadas (Gn 38:24; Lv 21:9) e que os homicidas fossem mortos, provavelmente por apedrejamento (Êx 21:12-14; Lv 24:17). Judá seria castigado por adultério, por prostituição e por derramar sangue inocente (Ez 23:47).⁶ Seus pecados o encontrariam.

3. O FIM DE UMA ILUSÃO (Ez 24:1-14)

Este capítulo encerra a seção do livro que se concentra na destruição de Jerusalém (caps. 4 – 24) e é dividido em duas partes: uma parábola sobre uma panela (Ez 24:1-14) e um “sermão prático” envolvendo a morte súbita da esposa do profeta (vv. 15-27). Depois disso, Ezequiel trata do juízo de Deus sobre as nações gentias (caps. 25 – 32) e de suas gloriosas promessas para o povo de Israel (caps. 33 – 48).

A mensagem de Deus veio a Ezequiel em 15 de janeiro de 588 a.C., data que marcou o início do cerco de Jerusalém. Essa data é tão importante que é mencionada em 2 Reis 25:1-3, Jeremias 39:1-3 e 52:4-6. Durante seus anos de exílio, os judeus observaram quatro festas anuais para lembrar-se dos acontecimentos dolorosos da destruição de Jerusalém (Zc 7; 8:18-23). Marcaram quando o cerco teve início (décimo mês), quando os babilônios abriram as brechas nos muros (quarto mês), quando o templo foi queimado (quinto mês) e quando Gedalias, o governador, foi assassinado (sétimo mês; Jr 41:1-2).

Deus chamou Judá de “casa rebelde” não apenas por ter desobedecido à sua lei e transgredido sua aliança, mas também porque Zedequias rompeu seu tratado com a Babilônia e causou aborrecimentos a Nabucodonosor. A figura da panela nos remete a Ezequiel 11:1-13, em que os líderes judeus se vangloriaram de que os judeus que ainda restavam em Jerusalém eram os “melhores pedaços de carne”, enquanto os judeus na Babilônia eram os restos! É claro que Deus desmentiu essa idéia e deixou claro que os exilados na Babilônia formariam um remanescente com o qual ele poderia reconstruir a nação e o templo. Jeremias havia escrito

para os exilados instruindo-os a assentar-se na terra estrangeira — e a criar suas famílias ali, a fim de que o remanescente pudesse dar continuidade ao ministério para o qual o Senhor havia escolhido Israel. Deus advertiu os líderes judeus em Jerusalém de que não eram a “carne”, mas sim os açougueiros! Eram culpados de derramar sangue inocente, e Deus iria julgá-los por seus pecados. Se não fossem “cozidos” no caldeirão de Jerusalém, acabariam mortos pelas espadas dos soldados babilônios. Mesmo que fugissem da cidade, seriam pegos e mortos.

Na parábola sobre a panela, Ezequiel usou a figura e o vocabulário dos líderes de Jerusalém. Sem dúvida, Deus colocaria “os bons pedaços” de carne em sua panela (Jerusalém) e ferveria a carne e os ossos (o cerco babilônio). Não cozeria a carne, mas sim a consumiria (Ez 10)! Em seguida, iançaria fora todos os restos queimados e *queimaria* até a panela! Jerusalém era uma cidade perversa, incrustada de sujeira e de ferrugem. Havia derramado sangue inocente e nem sequer teve a decência de cobrir esse sangue (Gn 4:10; Lv 17:13; Dt 12:16, 24; 15:23). Os homicidas deixavam provas à vista de todos e não se preocupavam com as consequências! Contudo, Deus vingaria as vítimas inocentes e exporia o sangue de seus assassinos à vista de todos.

Os líderes de Jerusalém estavam certos do livramento, pois contavam com uma mentira: “Nosso Deus jamais permitirá que seu povo escolhido seja morto, que sua cidade santa e seu templo sejam destruídos”. Não passava de uma ilusão, e Ezequiel acabou com ela. Era justamente *pelo fato* de os judeus serem seu povo escolhido que Deus os estava punindo, e *pelo fato* de Jerusalém ser sua cidade santa que ele não permitiria que ela continuasse chafurdando em imundície. A única forma de purificar a cidade seria queimá-la e fazer dela uma pira fúnerária (Ez 24:9, 10). Deus julgou o povo na cidade (os “bons pedaços de carne”) e, depois, queimou a panela também!

Tanto Jeremias quanto Ezequiel tiveram de lidar com a falsa segurança do povo, baseada numa interpretação equivocada da

teologia. Jeremias advertiu Judá: "Não confieis em palavras falsas, dizendo: Templo do SENHOR, templo do SENHOR, templo do SENHOR é este" (Jr 7:4). A presença do templo em Jerusalém não era garantia de que a cidade seria salva, especialmente tendo em vista que aquilo que estava acontecendo no templo era contrário à vontade de Deus. Qualquer teologia que facilita o pecado e que minimiza a importância do castigo divino não é uma teologia bíblica. O juízo de Deus começa com seu próprio povo (2 Pe 4:17), e Hebreus 10:30 nos adverte de que "O Senhor julgará o seu povo".

Nosso mundo de hoje vive perdido em ilusões e mitos, pois, como os judeus do tempo de Ezequiel, não aceita a autoridade da Palavra de Deus. As pessoas ainda acreditam que as coisas podem ser resolvidas pela força, que o dinheiro é a medida e o valor do sucesso e que o objetivo da vida é se divertir e fazer o que bem desejarmos. Acham que é possível acreditar no que quiserem a respeito de Deus, de si mesmos e dos outros e que tudo acabará bem, pois nada acontecerá. Um dia, porém, Deus mostrará a estupidez dessas ilusões, e nosso mundo descobrirá, tarde demais, que aquilo em que cremos e a maneira como nos comportamos têm consequências.

4. O FIM DE UM CASAMENTO (Ez 24:15-27)

É interessante estudar aquilo que é dito nas Escrituras sobre as esposas dos profetas. Abraão era um profeta (Gn 20:7) que mentiu duas vezes sobre sua mulher e entrou em apuros. Moisés foi criticado pela esposa que escolheu (Nm 12:1), e a esposa de Isaías era profetisa (Is 8:3). Ela lhe deu pelo menos dois filhos, cujos nomes foram sinais para o povo de Judá. O profeta Jeremias não teve permissão de tomar uma esposa para si (Jr 16:1-4), e isso serviu de sinal para os judeus indicando que o juízo estava próximo e que as pessoas desejariam não ter se casado nem ter trazido filhos ao mundo. A esposa de Oséias tornou-se prostituta, e ele teve de comprá-la de um mercado de escravos (Os 1 – 3). Que grande provação deve ter sido para ele!

No entanto, Ezequiel pagou um preço mais alto do que todos esses profetas. A fim de transmitir sua mensagem, Ezequiel teve de ver sua esposa morrer subitamente e não teve permissão de demonstrar sua tristeza mais profunda! Deus lhe disse que ela morreria de repente e que o profeta não deveria fazer o que era costume dos judeus em ocasiões de grande sofrimento. Ele recebeu permissão de gemer em silêncio, mas não de chorar nem de fazer qualquer tipo de lamentação típica de seu povo.

O profeta transmitiu sua mensagem matutina para os anciãos, à tarde sua esposa faleceu e na manhã do dia seguinte ele a enterrou. Quando os judeus foram consolá-lo, ficaram estarrecidos ao ver que ele não estava chorando alto nem demonstrando sua tristeza da forma habitual. Ezequiel também não devia comer dos alimentos que as pessoas trariam para ajudá-lo em seu momento de angústia. Mais uma vez, o povo pediu que ele explicasse o que aquilo significava (Ez 12:9; 21:7), e o Senhor deu-lhe a mensagem e abriu-lhe a boca para que pudesse falar.

A esposa do profeta era a alegria da vida dele e a delícia de seus olhos (Ez 24:16), mas o Senhor a tomou dele. O templo de Jerusalém era a alegria do povo judeu, pois nenhuma nação possuía um santuário como aquele, mas o Senhor tomaria o templo deles. No dia 14 de agosto de 586 a.C., os babilônios incendiaram o templo em Jerusalém. A Bíblia não diz nada sobre os filhos de Ezequiel e não sabemos se ele os tinha, mas Deus anunciou que, juntamente com a destruição do templo, os parentes dos exilados que ainda viviam em Jerusalém perderiam a vida. Mais uma vez, Ezequiel serviu de sinal para os exilados daquilo que o Senhor estava fazendo, e esse foi seu "sermão prático" mais doloroso e o que lhe custou mais caro. A fim de pregar uma mensagem, Ezequiel precisou perder a esposa. Contudo, Ezequiel ordenou que os exilados judeus pranteassem sobre a perda do templo exatamente como ele havia pranteado a morte da esposa, sem lamentar em voz alta e sem chorar copiosamente, sem qualquer mudança nas roupas

ou nos hábitos alimentares. A morte da esposa querida do profeta era um ato de Deus, como também o era a destruição do templo. A mulher que havia morrido era inocente de pecados graves, mas o templo havia se transformado em um covil de salteadores. Deus avisou Ezequiel com apenas um dia de antecedência de que ele ficaria viúvo, mas vinha falando aos pecadores de Judá havia muitos anos sem que eles lhe dessem ouvidos. A destruição do templo e da cidade não deveria surpreender ninguém.

Mas como o povo soube que o profeta estava dizendo a verdade? Não tinham serviços de notícia em tempo real como hoje, de modo que essa história toda podia ser apenas uma forma de Ezequiel lidar com a morte da esposa. Contudo, Deus disse que chegaria à Babilônia um mensageiro com a notícia da queda da cidade e da destruição do templo, o que ocorreu cinco meses

depois, no dia 8 de janeiro de 585 a.C. (Ez 33:21, 22).

No dia seguinte, Deus abriu a boca do profeta e removeu a disciplina que havia imposto sobre seu servo no começo do ministério dele (Ez 3:25-27). Daquele momento em diante, o profeta estava livre para falar sempre que se sentisse conduzido pelo Senhor a fazê-lo e, ao mesmo tempo, o enfoque de seu ministério foi alterado. Ele havia desmascarado os pecados de Judá e anunciado seu juízo. A partir de então, anunciaria os planos de Deus para as nações gentias, inclusive para os vitoriosos babilônios, e ministraria esperança aos exilados judeus, compartilhando com eles as visões do reino vindouro.

Ezequiel havia sido um servo fiel de Deus a ponto de sacrificar a esposa amada para proclamar a Palavra de Deus. Que exemplo de dedicação!

1. Para uma descrição clara do que acontece com a sociedade quando seus oficiais transgridem a lei e não são punidos, ver Isaías 59.
2. É claro que Deus é espírito e, literalmente, não tem mãos, mas a Bíblia usa termos humanos para explicar verdades espirituais.
3. O versículo 25 refere-se à aristocracia da cidade, àqueles que eram investidos de autoridade.
4. Encontramos uma figura semelhante em Jeremias 3.
5. No versículo 42, o termo “bêbados” também pode ser traduzido por “sabeus”, tribos nômades do deserto convidadas para a conferência.
6. Quem são os “homens justos” que sentenciam Judá (v. 45)? É provável que se trate das pessoas reunidas na conferência, uma vez que o termo remete ao versículo 40. Mas como homens de nações pagãs poderiam ser chamados de “justos”? Talvez Ezequiel estivesse usando de ironia santa e dizendo: “Esses gentios pagãos são mais justos do que Judá, que conhece o verdadeiro Deus vivo, mas não confia nele!”. É claro que os profetas também julgaram Judá, e eles eram homens justos.

DEUS JULGA AS NAÇÕES

EZEQUIEL 25 - 28

As nações gentias ao redor do reino de Judá ficaram satisfeitas com a destruição de Jerusalém. Durante os dias de grandeza de sua nação, os judeus haviam sido um povo separado, uma atitude irritante para as nações vizinhas. O fato de os judeus dizerem que adoravam o único e verdadeiro Deus vivo significava que seus vizinhos adoravam somente deuses mortos. Tanto Saul quanto Davi havia se encontrado com muitas dessas nações nos campos de batalha, e os gentios se lembravam dessas derrotas humilhantes e ressentiam-se delas. Contudo, à medida que o reino de Judá se afastou do Senhor, o povo judeu adotou os deuses e as práticas dos gentios, o que, para seus vizinhos, não passava de hipocrisia. Afinal, se Jeová é o verdadeiro Deus vivo, por que os judeus precisariam de outros deuses? E por que os reis de Judá buscariam aliados humanos para proteger seu reino se Jeová podia cuidar deles? Nada agradou mais os gentios do que poder rir dos judeus no dia de sua humilhação e afirmar que os deuses babilônios eram mais poderosos do que o Deus que Judá adorava.

As nações não se deram conta de que a destruição de Jerusalém não era apenas um castigo para os judeus; também era uma advertência para os gentios. "Se o justo é punido na terra, quanto mais o perverso e o pecador!" (Pv 11:31). Pois, se Deus mostra sua ira contra seu próprio povo, "qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus?" (1 Pe 4:17). Há uma grande diferença entre um pai amoroso disciplinando seu filho e um juiz castigando um criminoso. Israel conhecia a Palavra de Deus e,

portanto, pecou de modo acintoso, mas os gentios possuíam o testemunho claro da natureza (Rm 1:18-32; Sl 19) e também da consciência (Rm 2:11-16), portanto eram indesculpáveis. Porém, Deus também julgava os gentios pela maneira como haviam tratado seu povo, pois essa era a promessa da aliança que ele havia feito com Abraão (Gn 12:1-3).¹

É interessante que Ezequiel não tenha apresentado uma mensagem de juízo contra os babilônios; Deus usou Isaías (Is 13:1 – 14:23; 21:1-9) e especialmente Jeremias (Jr 31; 40; 50 – 51) para isso. Deus disse a Ezequiel para voltar o rosto contra as nações (Ez 25:2; ver 6:2; 13:17; 20:46; 21:2, 7) e declarar que o juízo estava a caminho.

1. JULGAMENTOS CONTRA AS NAÇÕES APARENTADAS DE ISRAEL (EZ 25:1-14)

Os amonitas, moabitas e edomitas eram todos parentes de sangue dos judeus. Os amonitas e moabitas eram aparentados de Israel por parte de Ló, sobrinho de Abraão. Amom e Moabe foram os dois filhos nascidos da união incestuosa de Ló com suas duas filhas (Gn 19:29-38). Edom é outro nome dado ao irmão gêmeo de Jacó, Esaú (Ez 25:30; Edom significa "ruivo, vermelho"), e Jacó foi o pai das doze tribos de Israel. Era de se esperar que essas nações consangüíneas se apoiassem mutuamente, mas os três povos cultivavam, de longa data, verdadeiro ódio contra Israel e perpetuavam essa rivalidade.

Observe nessas mensagens de juízo que Deus apresenta as razões para julgar ("visto que" – Ez 25:3, 6, 8, 12, 15; 26:2) e uma descrição dos juízos ("eis que" – Ez 25:4, 7, 9, 13, 16; 26:3).

Amom (vv. 1-7). Quando Israel marchava rumo à Terra Prometida, derrotando uma nação após a outra, Deus ordenou que não atacassem os amonitas, pois havia lhes dado a terra onde habitavam (Dt 2:19). Era um povo feroz (Jr 40:14; 41:5-7), e tanto Saul quanto Davi haviam derrotado os amonitas no campo de batalha (1 Sm 11; 1 Cr 19 – 20). Amom uniu-se a Moabe para atacar Judá, mas a coligação foi completamente arrasada (2 Cr 20). Os amonitas se regozijaram

com a destruição de Jerusalém e do templo (Ez 25:3, 6), e quando Neemias voltou para Jerusalém a fim de reconstruir os muros, os amonitas juntaram-se a Sambalá em oposição a ele (Ne 2:10-19).

O Senhor anunciou que entregaria Amom nas mãos dos “filhos do Oriente” (Ez 25:4), ou seja, do exército babilônio. Em sua marcha, Nabucodonosor havia parado numa encruzilhada no caminho, sendo que uma das estradas levava a Jerusalém e a outra a Rabá, a capital de Amom (Ez 21:18-24). Lá o rei buscou a ajuda de seus adivinhadores, e Deus providenciou para que ele marchasse para Jerusalém. Os amonitas haviam suspirado de alívio e se alegrado quando viram Jerusalém em ruínas e o templo profanado, mas ainda chegaria a vez deles. Deus destruiria Amom, e a nação desapareceria da face da Terra para sempre.

Moabe (vv. 8-11).² Foi Balaque, rei de Moabe, quem contratou Balaão para amaldiçoar Israel, enquanto o povo encontrava-se acampado nas campinas de Moabe (Nm 22 - 24), e foi Balaão quem instruiu os moabitas sobre como seduzir Israel de modo a pecar contra Deus (Nm 25:1-9; 31:16). O pecado de Moabe foi a difamação de Israel, uma recusa em ver os judeus como povo especial de Deus. Para os moabitas, a queda de Jerusalém provou que os judeus eram como outro povo qualquer. “Se vocês são uma nação tão especial”, disseram os moabitas, “então como é possível terem sofrido uma derrota tão humilhante?” Até mesmo Balaão admitiu que Israel era um povo especial, separado de todas as outras nações (Nm 23:8-10).

Os moabitas eram um povo muito orgulhoso, pois consideravam sua nação invencível (Is 16:6). Moabe ficava no alto das montanhas, tendo o mar Morto a oeste e o deserto a leste. Deus lhes disse que traria invasores do Noroeste, sua fronteira (“flanco”) “inacessível” (Ez 25:9), ainda que aquela região fosse constituída só de penhascos – e foi exatamente o que aconteceu. Os assírios invadiram e destruíram Moabe, e hoje ela não é mais contada entre as nações.

Edom (vv. 12-14). O ódio de Edom contra os judeus começou quando Esaú, em sua

insensatez, vendeu seu direito de primogenitura a Jacó e quando a mãe deles conspirou para garantir a bênção patriarcal a seu filho favorito, Jacó (Gn 25:29-34; 27).³ O principal motivo da ida de Jacó a Hará para morar com o tio foi para escapar da raiva e dos planos homicidas de seu irmão. Os descendentes de Esaú tornaram-se príncipes poderosos (Gn 36), mas os filhos de Jacó fundaram as doze tribos de Israel, povo que Deus escolheu para realizar seus grandes propósitos aqui na Terra.

O profeta Obadias escreveu que Deus destruiria Edom por causa da forma como eles trataram os judeus (Ob 10-14). Quando Jerusalém estava sendo atacada, os edomitas encorajaram os babilônios (Sl 137:7) e não deram socorro algum aos refugiados judeus que tentavam escapar. Em vez disso, os edomitas ajudaram os babilônios a capturar os fugitivos e regozijaram-se com a terrível calamidade que sobreveio aos judeus. Saquearam a cidade junto com os babilônio e roubaram de seus próprios parentes. Os pecados contra a humanidade são pecados contra Deus, pois os seres humanos são feitos à figura de Deus. Então, chegou o dia em que Edom sentiu o peso da mão julgadora de Deus (Lm 4:21, 22).

A mensagem de Deus para Edom nos lembra de que as brigas dentro das famílias têm alto preço e, com freqüência, causam dor e tragédias. Os edomitas perpetuaram seu ódio contra os judeus de geração em geração “[Edom] baniu toda a misericórdia; e a sua ira não cessou de despedaçar, e reteve a sua indignação para sempre” (Am 1:11). “Que nenhum homem o leve a se rebaixar a ponto de odiá-lo”, disse Booker T. Washington; e Jesus disse: “Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5:44). O ódio de Edom e seu desejo de vingança acabaram causando sua ruína (Ob 1-14). Ezequiel ainda fala mais sobre Edom no capítulo 35.

2. JUÍZO CONTRA AS NAÇÕES VIZINHAS (Ez 25:15 - 26:21)

Depois de tratar dos pecados das nações parentadas de Israel, Ezequielolveu sua

face contra a Filístia (Ez 25:15-17) e a Fenícia, especialmente contra as cidades fenícias de Tiro (Ez 26:1 – 28:19) e de Sidom (28:20-24). Mais uma vez, os temas orgulho, ódio e vingança assumem o primeiro plano, pecados esses que ainda motivam as nações de hoje. É fácil a arrogância disfarçar-se em patriotismo, o ódio aparecer como zelo nacionalista, e a vingança ter ares de justiça.

Filístia (25:15-17). Depois que os israelitas entraram na terra de Canaã e a ocuparam, os vizinhos filisteus tornaram-se seus ferrenhos inimigos.⁴ Dos juízes, tanto Sangar (Jz 3:31) quanto Sansão (Jz 13 – 16) atacaram os filisteus; depois, Samuel e Saul condenaram com eles. Foi Davi quem finalmente os derrotou, e permaneceram subjugados até o reinado de Salomão (2 Sm 5:17-25; 21:15-22; 23:9-17). Quando a nação de Israel se dividiu, os filisteus declararam sua independência, tornaram-se comerciantes bem-sucedidos e negociantes juntamente com os fenícios.

Os filisteus cultivavam um ódio nacional contra os judeus e se aproveitavam de todas as oportunidades para atormentá-los e atacá-los. Ezequiel não foi o único profeta a proclamar o juízo de Deus contra a Filístia (ver Jr 47; Am 1:6-8; Sf 2:4-7). Os filisteus aliaram-se ao Egito numa tentativa de resistir a Nabucodonosor, mas a Babilônia era poderosa demais para eles, e foram derrotados e deportados como as outras nações conquistadas (Jr 25:15-32; 47).

Tiro (26:1-21). Ezequiel dedicou quatro mensagens aos pecados e ao destino da capital da Fenícia (vv. 1-21; 27:1-36; 28:1-10, 11-19). Durante o reinado de Davi e também no reinado de Salomão, os dois monarcas mantiveram uma relação amigável com Hirão, rei de Tiro (2 Sm 5:11; 1 Rs 5:1ss), e Jezabel, esposa do rei Acabe, era filha de Etbaal, um rei posterior de Tiro (1 Rs 16:31). A mensagem deste capítulo é constituída de quatro partes, cada uma começando com uma declaração sobre a Palavra de Deus (Ez 26:1-6, 7-14, 15-18 e 19-21).

O anúncio da destruição (vv. 1-6). A figura usada aqui é de uma tempestade que produz grandes ondas destruidoras (vv. 3, 19).

Parte da cidade de Tiro ficava na costa do Mediterrâneo e parte numa ilha a menos de um quilômetro da costa, de modo que a figura da tempestade usada por Ezequiel é apropriada. Deus estava irado com Tiro por ter-se alegrado com a destruição de Jerusalém e considerado esse acontecimento uma oportunidade de tornar-se ainda mais próspera. Mas o Senhor anunciou que as nações viriam como ondas do mar e destruiriam Tiro completamente. O nome "Tiro" quer dizer "rocha, penha", de modo que a expressão "penha descalvada" (vv. 4, 14) é significativa. De fato, Tiro tornou-se uma rocha descalvada e um lugar onde os pescadores secavam suas redes.

Tiro conseguiu sobreviver à conquista assíria, mas quando a Babilônia subiu ao poder, Nabucodonosor sitiou a cidade costeira durante quinze anos (586-571 a.C.) e subjugou-a, mas não conseguiu conquistar a cidade insular. Em 322 a.C., Alexandre, o Grande, sitiou Tiro durante sete meses, construiu uma passagem até a ilha e conseguiu tomar a cidade.

O desfecho da destruição (vv. 7-14). Ezequiel apresenta uma descrição do cerco babilônio da parte de Tiro que ficava na costa do Mediterrâneo. O cerco de Nabucodonosor começou em 587 a.C., depois do cerco a Jerusalém, e apesar de a cidade costeira ser extraordinariamente fortificada, o rei conseguiu perseverar e conquistá-la. Os babilônios jogaram toda a madeira e as pedras no mar e tomaram para si os espólios. Deus não considerou isso um "pagamento adequado" para Nabucodonosor e ainda deu-lhe o Egito como bônus (Ez 29:18-20).

O lamento sobre a destruição (vv. 15-18). Uma vez que Tiro era o centro de todo o comércio na costa do Mediterrâneo e negociava com todos os países, sua queda teve efeito devastador sobre a economia. Não foi apenas uma pequena agitação no mercado, mas sim uma grande onda de impacto! Seus sócios comerciais, chamados de "príncipes" (v. 16) e de "reis" (Ez 27:35), haviam perdido tudo e não lhes restava outra coisa a fazer senão lastimar a grande tragédia que lhes sobreviera. Em Ezequiel 26:17, 18 temos um

breve lamento sobre a queda da cidade. Lembre-se de que, na antiguidade, às vezes os profetas usavam lamentos fúnebres de forma satírica para zombar dos inimigos de Deus. Vemos exemplos disso nos capítulos 27 e 32.

O povo ao longo da costa estremeceu de pensar no que aconteceria com a economia uma vez que a grande rede mercantil havia sido destruída. Nossa mundo de hoje é unido por uma série de redes eletrônicas que podem transmitir informações, dinheiro e pedidos de mercadorias com uma velocidade tal que é quase impossível de se registrar. Imagine o que aconteceria no mundo se todas essas conexões comerciais deixassem de funcionar na cidade de Nova York. Isso nos lembra de que, no fim dos tempos, quando o anticristo tiver organizado sua grande rede mundial chamada de "Babilônia", o Senhor a destruirá completamente e deixará os negociantes desolados e arrasados (Ap 18).

Destrução eterna (vv. 19-21). O profeta nos dá uma percepção mais profunda da extensão total da destruição de Tiro ao descrever as vítimas descendo à "cova" (v. 20). A palavra hebraica *bor* significa "um poço, um buraco, uma cisterna", mas também refere-se a uma cova usada para sepultamento (Sl 28:1; 88:4, 6), termo por vezes equivalente a *sheol*, o reino dos espíritos que partiram. O orgulho de Tiro e sua atitude perversa contra o povo judeu tiveram consequências trágicas. "Farei de ti um grande espanto" (Ez 26:21) na realidade significa: "Eu lhe causarei grande terror". Observe as declarações que o Senhor faz sobre suas ações com relação à cidade de Tiro: ele a tornaria desolada, a cobriria de água, a faria descer até a cova, traria terror e a removeria da face da Terra. Por outro lado, Deus prometeu a Israel – inimiga de Tiro – glória futura e bênçãos!

3. LAMENTO SOBRE A DESTRUÇÃO DE TIRO (Ez 27:1-36)

Por vezes, os profetas do Antigo Testamento usavam "cânticos fúnebres" de modo satírico para ridicularizar seus inimigos, e encontramos um pouco desse espírito no lamento

sobre a queda de Tiro. Nem o profeta e nem os judeus se entristeceram profundamente com a destruição de Tiro, mas esse acontecimento deu a Ezequiel a oportunidade de expressar verdades espirituais por meio desse cântico. Uma vez que Tiro era uma cidade de costa, o capítulo compara a cidade e seu comércio a um belo navio que acaba afundando e traz grande tristeza tanto para negociantes como para seus clientes. Trata-se, aqui, de uma metáfora bastante ampla, não muito diferente de nossa "máquina estatal". Uma nação ou uma cidade não são, de fato, uma embarcação, mas há muitos pontos de comparação que podem nos ajudar a entender melhor tal nação ou cidade. Os termos "mercadores" e "mercadorias" aparecem perto de vinte vezes neste capítulo, pois Tiro: era uma cidade mercantil. A metáfora da embarcação incluiu tudo o que fazia parte da cidade de Tiro: seus negociantes e clientes, seus negócios e toda a rede comercial que havia desenvolvido no mundo Mediterrâneo.

Construindo a embarcação (vv. 1-7). Não se tratava apenas de uma embarcação funcional que levava riquezas para a cidade, mas também de uma embarcação formosa, que as nações admiravam (vv. 3, 11; ver Ez 28:12). Tiro orgulhava-se de sua beleza e de seu sucesso, mas não dava louvores ao Senhor por sua bondade. Os melhores materiais foram usados para a construção da embarcação, a começar pelos conveses e o casco de cipreste do monte Hermom ("Senir") e cedros do Líbano para os mastros. Fizeram remos de carvalho de Basã e bancos engastados em pinho de Chipre ("dos quiteus"). Uma grande embarcação fenícia com uma tripulação de duzentos homens deveria ter cerca de cinqüenta remadores. O Egito providenciou o linho bordado para a vela e o estandarte, e das ilhas de Elísá veio o tecido para fazer os belos toldos dos conveses.

Certa vez, ouvi um pregador sincero, porém mal informado, dizer na televisão que os Estados Unidos deveriam parar de negociar com países que possuem convicções políticas equivocadas e que desrespeitam os

direitos humanos. Apesar de a motivação ser correta, sua compreensão era limitada. Obviamente não podia me ouvir, mas ainda assim disse em voz alta: "Se fizéssemos isso, você não teria microfone nem câmera de TV!". Alguém me disse que um simples aparelho de telefone é feito com materiais e peças de pelo menos vinte países diferentes! A "embarcação nacional" de Tiro nos lembra de que o mundo está ficando cada vez menor e de que as nações que discordam entre si ainda dependem umas das outras para suprir suas necessidades. O termo "Internet" é uma abreviação de *international network* ou "rede internacional", o sistema eletrônico invisível que liga milhões de computadores e a mente e coração de seus usuários.

Tripulando a embarcação (vv. 8-11). Ao descrever a tripulação da embarcação, na verdade Ezequiel estava citando algumas das nações que contribuíram para o grande sucesso de Tiro. Os remadores eram de Sidom e Arvade, outras duas cidades fenícias. Mas os sábios navegadores, aqueles que dirigiam as operações, vinham de Tiro. Anciões de Gebal, outra cidade costeira, viajavam junto para calafetar as fendas e fazer a manutenção da embarcação.

A figura muda rapidamente da embarcação para a própria cidade (vv. 10, 11). Tiro possuía um exército pago, soldados mercenários da Pérsia, Lídia (Ásia Menor), Líbia (norte da África), Arvade (Fenícia), Cilícia e Gamade. Esses mercenários vendiam seus serviços para proteger a cidade e seus negócios marítimos. Não parece que os soldados esperavam enfrentar qualquer perigo, pois penduravam seus capacetes e escudos na parede como decoração para embelezar ainda mais a cidade. Tiro era uma cidade solidamente fortificada, tanto que Nabucodonosor precisou de treze anos para penetrar suas defesas.

Não devemos ir longe demais com a metáfora, mas é significativo que Ezequiel tenha incluído o exército e a marinha como partes necessárias dos empreendimentos comerciais de Tiro. Sem dúvida, uma defesa nacional é tão importante para que os

negócios sejam bem-sucedidos quanto o é para a segurança dos cidadãos, e, por vezes, os "interesses nacionais" e os "negócios" se mesclam. Os "grandes negócios" sempre são beneficiados por políticas externas que abrem novos mercados para eles e que os protegem.

Navegando a embarcação (vv. 12-25).

A bela e impressionante embarcação do Estado foi feita para as águas e não para o estaleiro, por isso Ezequiel descreveu de que modo a cidade de Tiro realizava seu comércio ao longo da costa do Mediterrâneo. A palavra "mercadores" é usada nove vezes neste capítulo e significa "negociantes, comerciantes". As nações citadas nesta passagem compravam mercadorias de Tiro e vendiam produtos para a cidade fenícia. Eram parcerias comerciais que beneficiavam todas as partes envolvidas. De Társis, que provavelmente ficava na Espanha, vinham a prata, o ferro, o estanho e o chumbo, e da Grécia e Turquia (Tubal) vinham escravos⁵ e utensílios de bronze. Também da Turquia vinham ginetes, cavalos para carruagens e mulas. Havia ainda os produtos de luxo, como marfim e ébano de Rodes (Dedã), turquesa, coral, rubis e tecidos finos da Síria.

Tiro negociava com os judeus e comprava deles vários alimentos. Também comprava vinho e lã da Síria, bem como cordeiros, carneiros e bodes da Arábia. Além disso, trazia da Arábia especiarias exóticas, ouro e pedras preciosas. Outras nações supriam cascas de árvores, como a cássia e o cálamo, e produtos manufaturados, como tecidos, objetos de ferro trabalhado e tapetes. O povo de Tiro pegava matérias-primas e manufaturava diversos produtos úteis e os vendia para seus mercadores e clientes. Além de trocas, muitas dessas negociações envolviam dinheiro e créditos, de modo que havia muitas oportunidades de lucro para agiotas e corretores. Graças à rede comercial de Tiro, produziam-se artigos básicos e de luxo e gerava-se trabalho e renda para as nações do mundo antigo.

Afundando a embarcação (vv. 26-36). A admiração transforma-se em desolação. "Os teus remeiros te conduziram sobre grandes

água; o vento oriental te quebrou no coração dos mares" (v. 26). Chega a tempestade prometida em Ezequiel 26:3 e 19, e a grande embarcação é despedaçada nas águas revoltas. O "vento oriental" refere-se à invasão do exército babilônio (Ez 17:10; 19:12). A carga valiosa, a bela embarcação e toda a tripulação competente perdem-se no meio do mar.

Mas isso não é tudo: os comerciantes de Tiro, bem como seus corretores e clientes, sentem a repercussão desse naufrágio. Ficam à beira do mar lamentando o fim do vasto sistema mercantil que lhes dava empregos, renda e segurança. Alguns mercadores "assobiam" quando ouvem a notícia (Ez 27:36), provavelmente uma reação de choque à tragédia. Contudo, a palavra também pode significar "sibilhar com desprezo e escárnio", sugerindo que alguns dos líderes da rede mercantil se alegraram com a queda de Tiro. Cooperavam com o sistema, pois era necessário, mas talvez, depois desses acontecimentos, tivessem a oportunidade de construir sua própria rede comercial e ter lucros mais elevados. Essa grande lamentação é uma demonstração antecipada daquilo que o mundo todo fará quando o sistema de Satanás, a "grande Babilônia", desmoronar antes de o Senhor estabelecer seu reino (Ap 18:17-19).

Não importa quão eficiente, rica e bela seja a "embarcação" de uma nação, quando o Senhor decide afundá-la, nada pode deter sua mão. Quando a rainha Vitória celebrou seu "Jubileu de Diamante", em 1897, Rudyard Kipling publicou seu poema *Recessional* [Hino de encerramento], que advertia de modo discreto uma grande nação um tanto inebriada com seu vasto império. Imaginamos, ao ler a terceira estrofe, se as pessoas lembraram a descrição que Ezequiel fez da "embarcação" nacional:

Nossa marinha em portos distantes desaparece,
Em dunas e promontórios o fogo esmorece.
Vede que nosso esplendor de outrora,
Juntou-se ao de Nínive e Tiro!

Juiz das nações, poupa-nos, te pedimos
E que não nos esqueçamos, que não nos
esqueçamos!

4 O JULGAMENTO DO GOVERNANTE DE TIRO (Ez 28:1-19)

Ao que parece, esses versículos são dirigidos a duas pessoas: o príncipe de Tiro (vv. 1-10) e o rei de Tiro (vv. 11-19). O primeiro discurso é uma declaração de juízo divino, enquanto o segundo é mais um lamento. Essas duas pessoas eram culpadas de grande orgulho por causa de sabedoria e de riqueza, e ambas abusaram de seus privilégios ofendendo ao Senhor. Na verdade, o príncipe de Tiro chegou a dizer que era um deus! Contudo, invasores estrangeiros destruiriam esse príncipe (vv. 7-10), enquanto o próprio Deus destruiria o rei de Tiro (vv. 16-19). O príncipe é chamado de "homem" (v. 2), mas o rei é chamado de "querubim [...] ungido" (v. 14). Mais de um estudioso já identificou o príncipe de Tiro como o governante da cidade quando esta foi invadida por Nabucodonosor, considerando, porém, o rei de Tiro como Satanás, o inimigo de Deus e do povo judeu, que impeliu o príncipe e usou-o para cumprir seus propósitos perversos.⁶

O julgamento do príncipe de Tiro (vv. 1-10). O que está em questão aqui é o orgulho, um pecado odiado por Deus (Pv 6:16, 17). Esse governante orgulhava-se de sua sabedoria e riqueza (Ez 28:3-5), e por causa de seu orgulho, exaltava-se como um deus. Porém, Deus mostraria que aquele governante não passava de um homem, pois o príncipe de Tiro morreria como qualquer outro ser humano. Ao ler as Escrituras, encontramos ocasiões em que Deus julgou soberanos arrogantes, como o Faraó, que os egípcios consideravam um deus (Êx 5:2), Nabucodonosor (Dn 4) e Herodes Agripa (At 12). Os líderes mundiais que ignoram o Senhor e agem como se fossem deuses serão todos desmascarados e julgados.

O julgamento do rei de Tiro (vv. 11-19). A declaração anterior foi uma das orações do tipo "visto que [...] eis que" (vv. 6, 7) usadas por Ezequiel também nos capítulos 25 e

26, mas nesse parágrafo trata-se apenas de uma declaração da intenção de Deus de julgar o rei de Tiro e de destruí-lo. Ao ler esses versículos, tem-se a impressão de que esse "rei" é muito mais do que um governante humano e que pode ser uma descrição de Satanás. 1 Crônicas 21 e Daniel 9 deixam claro que Satanás deseja controlar as nações e seus líderes, e Mateus 4:8-10 afirma que ele delegou autoridade para dispor das nações.

O uso do termo "querubim" (Ez 28:4, 16) sugere que estamos tratando aqui de um ser angelical, como também o fato de ele ter estado no "monte santo de Deus" (v. 14). Essa descrição se parece muito com aquela de Isaías 14:12ss. Satanás começou como um anjo obediente, mas rebelou-se contra Deus e liderou uma revolta para depor o Senhor de seu trono. O texto descreve sua grande beleza e cita o nome de nove pedras preciosas que faziam parte dessa beleza. Todas essas jóias também podem ser encontradas no peitoral do sumo sacerdote (Êx 28:17-20). Isso sugere que "no Éden, jardim de Deus" e "no monte santo de Deus", essa pessoa tinha funções sacerdotais especiais a serem realizadas para o Senhor. Os engastes dessas jóias eram do mais puro ouro. Seu orgulho e suas ambições egoístas levaram-no a pecar, e o Senhor julgou-o ao lançá-lo fora do monte de Deus. Apesar de a descrição original referir-se ao governante de Tiro, sem dúvida aplica-se ao deus desta era, Satanás, o inimigo do Senhor.

Recebendo motivação e força do diabo, o príncipe de Tiro envolveu-se não apenas com o comércio, mas também com a violência (Ez 28:16), pois considerava-se um deus (v. 2). Sua forma de conduzir os negócios era desonesta, uma vez que o versículo 18 fala de "injustiça no teu comércio". Satanás gabava-se dizendo: "Serei semelhante ao Altíssimo" (Is 14:14), e sua promessa para Eva foi: "como Deus sereis" (Gn 3:5). O príncipe de Tiro aceitou a oferta de Satanás, e isso o levou à ruína, assim como levou à queda de Satanás. No entanto, durante seu governo, o príncipe de Tiro foi usado por Satanás para profanar e destruir. As nações

ficaram estarrecidas com o julgamento do príncipe de Tiro e de sua cidade, mas não faziam idéia de que o diabo estava por trás do sucesso da cidade e de que Jeová estava por trás de sua destruição. Isso nos lembra do ministério dos apóstolos em Lucas 10:1-24. Deus usou os apóstolos para curar enfermos, expulsar demônios e proclamar a mensagem do reino; contudo, nas vitórias deles, Jesus viu a queda de Satanás (Lc 10:18, 19).

5. PROMESSAS A ISRAEL (Ez 28:20-26)

Depois de transmitir uma mensagem de juízo, Ezequiel por vezes apresentava inesperadamente uma mensagem de esperança vinda de Deus e dirigida a seu povo sofredor. Mesmo que o Senhor estivesse disciplinando seu povo ao destruir Jerusalém e o templo, ainda era seu Deus e demonstrava uma preocupação amorosa pelos judeus. "Porém, onde abundou o pecado, superabundou a graça" (Rm 5:20).

O julgamento de Sidom (vv. 20-24).

Sidom era uma cidade rival situada cerca de trinta quilômetros ao norte de Tiro. Normalmente, as duas cidades são citadas juntas (Is 23:1-4; Jr 47:4; Jl 3:4), porém nesse caso Sidom recebe o juízo do SENHOR isoladamente.⁷ O povo de Sidom desprezava os judeus e causava-lhes problemas com freqüência, mas essa oposição estava com os dias contados. "Saberão que eu sou o SENHOR Deus" (Ez 28:24). Ezequiel fez a declaração surpreendente de que Deus seria glorificado na destruição da cidade (v. 22; ver 39:12, 13). Como o Senhor poderia ser glorificado em meio a tamanha carnificina? Isso seria possível por sua demonstração de santidade ao rejeitar os falsos deuses e ao castigar o pecado. As espadas dos soldados babilônios matariam muitas pessoas, e aquelas que escapassem morreriam da peste que geralmente acompanha a carnificina dos tempos de guerra.

A congregação de Israel (vv. 25, 26). Um dos principais temas desse livro é o livramento dos exilados judeus da Babilônia e a futura reunião e congregação de Israel como nação.⁸ Depois de setenta anos de exílio e

da conquista da Babilônia pela Pérsia, Deus levou Ciro a permitir que os judeus voltassem para sua terra e reconstruíssem o templo (2 Cr 36:22, 23; Ed 1). Porém, a volta de cerca de cinqüenta mil pessoas (Ed 2:64, 65) em 538-537 a.C. não cumpriu totalmente as promessas de Ezequiel, pois elas se aplicam também ao fim dos tempos. Por certo, os judeus que voltaram à terra com Zorobabel não “[habitaram] nella seguros” (Ez 28:26), pois tiveram os mais diversos problemas com os povos da região. Além disso, Ezequiel fala da congregação “dentre os povos” (plural) e não apenas de um povo, como era o caso dos babilônios, dos quais os judeus foram cativos.

Num tempo futuro, Deus chamará seu povo escolhido e o congregará em sua própria

terra, julgará, purificará e estabelecerá seu reino glorioso (Zc 10:8-12; 12:9 – 13:1; Mt 24:31). Deus deu a terra da Palestina a Abraão (Gn 13:14-18; 15:7-17) e renovou a promessa a Jacó (Gn 28:10-15; 35:12; Sl 105:8-11). Os judeus possuíam a terra, pois a haviam recebido de Deus, mas só desfrutaram essa posse quando obedeceram às estipulações da aliança com Deus. Durante o exílio na Babilônia, ficaram fora da terra, pois haviam se rebelado contra o Senhor.

Ezequiel fala mais sobre o futuro de Israel nos capítulos 37 – 48, mas essa breve promessa deve ter trazido ânimo ao coração do remanescente fiel no meio dos exilados, assim como a promessa infalível da volta de Cristo encoraja seu povo em nossos dias.

1. Em Amós 1:3 – 2:3, o profeta julgou as nações gentias tomando por base sua desumanidade e a crueldade com que tratou seus inimigos; mas quando Amós chegou ao juízo do povo judeu, ele o fez com base na lei de Deus e em sua relação de aliança com o Senhor (Am 2:4, 10; 3:1). Ver Romanos 2:11-16.
2. Ver Isaías 15 – 16; Jeremias 48 e Amós 2:1-3. A terra de Moabe também é chamada de “Seir” (Gn 32:3; 36:20, 21).
3. Deus já havia dito a Isaque e a Rebeca que tanto a bênção quanto o direito de primogenitura deviam ser dados a Jacó (Gn 25:23), e o Senhor teria realizado esse plano sem as conspirações de Jacó e de sua mãe. Tanto Jacó quanto Rebeca sofreram as consequências daquilo que fizeram, mas Deus prevaleceu sobre a incredulidade deles e cumpriu seus propósitos (Rm 9:10-16). Quando Jacó e Esaú finalmente se reencontraram, a maneira como Jacó tratou o irmão ficou aquém da honestidade e do amor (Gn 32 – 33). Ele tentou apaziguar (subornar?) Esaú com presentes, se recusou a viajar com ele e mentiu quando disse que o seguiria. Em vez disso, tomou outro rumo! Os dois encontraram-se novamente no enterro de Isaque (Gn 35:28, 29).
4. O nome “Palestina” vem de Filistia.
5. Amós repreendeu Tiro por vender escravos a outras nações (Am 1:9, 10).
6. Isaías 14:12-23 é uma declaração do castigo de Deus ao rei da Babilônia, mas certamente há uma forte sugestão de que a passagem envolve Satanás, o deus desta era, que por meio de suas forças demoníacas está trabalhando nos líderes mundiais e por meio deles (Dn 10).
7. Para outras acusações proféticas contra Sidom, ver Isaías 23; Jeremias 25:22; 47:4. Durante o ministério de Cristo, ele visitou a região de Sidom (Mt 11:21-22; Mc 7:24-31), e o povo de Sidom foi ao encontro dele (Mc 3:8).
8. Ver Ezequiel 11:17; 20:34, 41, 42; 29:13; 34:13; 36:24; 37:21; 38:8; 39:27.

O EGITO CAIRÁ!

EZEQUIEL 29 – 32

O Egito é a sétima nação do “ciclo de juízos” de Ezequiel e recebe mais atenção do que qualquer outra nação à qual o profeta se dirigiu. Séculos antes, o Egito havia feito o povo hebreu sofrer terrivelmente sob o jugo da escravidão, e mesmo depois da divisão do reino de Israel e Judá, os egípcios mostraram-se um espinho na carne dos judeus e aliados nada confiáveis. Porém, em se tratando da tendência de buscar a ajuda do Egito sempre que se viam diante de uma possível crise, os judeus eram como seu patriarca Abraão (Gn 12:10-20) e seus antepassados (Êx 14:10-12; 16:1-3; Nm 11:4-9, 18; 14:1-5). Quanto mais distante ficava o passado de escravidão do povo de Israel, mais os judeus idealizavam suas experiências naquela terra e se esqueciam da servidão e da labuta. É claro que o rei Salomão casou-se com uma princesa egípcia e fez muitos negócios com o Egito, mas depois que o rei morreu, essa relação começou a se desintegrar. “Ai dos que descem ao Egito em busca de socorro”, advertiu Isaías durante uma crise internacional (Is 31:1; ver Is 30:1, 2), e ele daria a mesma advertência ao povo de Deus nos dias de hoje. Os cristãos que buscam a ajuda do mundo em vez de confiar no Senhor cometem o mesmo pecado que os judeus cometem com freqüência.

Esses quatro capítulos são constituídos de sete mensagens (ou oráculos) que Deus deu a Ezequiel para que transmitisse aos egípcios e aos exilados judeus. A oração “veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo” ou declarações semelhantes marcam cada uma das mensagens. Seis das sete mensa-

gens têm data (a terceira não; 30:1-19), de modo que podemos colocá-las dentro da cronologia do livro. Cada uma das mensagens apresenta um retrato – ou metáfora – do juízo iminente do Egito.

1. O MONSTRO É ABATIDO (Ez 29:1-16)

A primeira mensagem foi dada no dia 7 de janeiro de 587 a.C., cerca de sete meses antes da destruição de Jerusalém. O profeta volveu sua face contra o Faraó Hofra, que reinou sobre o Egito de 589 a 570 a.C. (ver Jr 44:30). A passagem retratava um monstro marinho sendo abatido.¹

Os pecados do Faraó (vv. 1-7). O Senhor comparou Hofra com um monstro que habitava nas águas do rio e afirmava que o rio lhe pertencia. O rio Nilo era tão essencial para a vida do Egito que era tratado como um deus, contudo Hofra afirmava que ele havia feito o rio e que este lhe pertencia. Nesse oráculo, o Faraó é comparado a um crocodilo feroz guardando as águas da terra – o Nilo e todos os seus canais – e atacando qualquer um que ousasse desafiá-lo. Seu maior pecado foi o orgulho (vv. 1-5) ao tomar para si o crédito por aquilo que o Senhor havia feito. Qualquer que fosse a grandeza do Egito, era uma dádiva de Deus em sua graça e não uma realização do Faraó e de seu povo.

No entanto, o Senhor não se impressionava com o crocodilo nem o temia! Prometeu apanhá-lo, colocar anzóis no queixo dele e arrastá-lo juntamente com os peixes apedados a ele (o povo do Egito) para o campo aberto e para as aves de rapina. Os faraós egípcios preparavam com grande zelo o local de seu jazigo, mas Hofra seria sepultado como um animal indesejado. Que sepultamento humilhante para um homem que dizia ser um deus!

O segundo pecado de Hofra foi sua deslealdade para com Israel (vv. 6, 7). O Egito era como um bordão de cana esmagada no qual não se podia confiar. Os judeus jamais deveriam ter buscado a ajuda do Egito, mas quando o fizeram, os egípcios deveriam ao menos ter mantido sua palavra. Os egípcios eram conhecidos por fazer promessas e não

cumpri-las (2 Rs 18:20, 21; Is 36:6). Foi o Egito que incentivou Judá a quebrar o acordo com a Babilônia, e essa decisão insensata do rei Zedequias foi o que instigou o ataque babilônio contra Jerusalém. Enquanto Nabucodonosor estava atacando Jerusalém, os judeus negociaram com o Egito a fim de que mandassem seu exército para livrar Judá, e, por um breve período, os babilônios deixaram Jerusalém de lado para enfrentar os egípcios. Contudo, o plano não funcionou. O povo em Jerusalém alegrou-se com o fim do cerco, mas Deus os advertiu de que o exército voltaria a Jerusalém para terminar o que havia começado (ver Jr 34:21, 22; 37:8).

A invasão de Nabucodonosor (vv. 8-12). Trata-se de uma profecia da ida do exército babilônio para o Egito, onde cumpriria a Palavra de Deus, destruindo homens e animais e devastando a terra (Jr 43:8-13; 46). O povo seria morto ou disperso, e a terra ficaria “deserta, em completa desolação” (Ez 29:10). A frase do versículo 10 “desde Migdol até Sevene, até às fronteiras da Etiópia” é o equivalente egípcio da expressão “de Dã a Berseba” em Israel e significa toda a terra, de alto a baixo. Nabucodonosor arrasaria a terra, e a desolação duraria quarenta anos (vv. 11-13). Ele atacou o Egito em 568-567 a.C. e cumpriu essa profecia.

A misericórdia divina (vv. 13-16). Depois de quarenta anos, o Senhor iria (1) reunir os egípcios dispersos em sua terra e permitir que restabelecessem seu reino, mas (2) seu reino não voltaria a ter o poder e a glória do passado. Seria um “reino humilde”. Os judeus aprenderiam que não se podia confiar no Egito e não depositariam mais suas esperanças nesse reino (comparar Ez 28:24 e 29:16). Observe que a declaração “e saberão que eu sou o SENHOR” é repetida três vezes nesta mensagem (vv. 6, 9 e 16). Essa declaração é uma das afirmações-chave do Livro de Ezequiel e é usada 65 vezes. O Senhor revela seus atributos por meio de seus juízos tanto quanto o faz por meio de suas bênçãos, e, por vezes, seus juízos conseguem prender nossa atenção mais rapidamente.

2. O PAGAMENTO É EFETUADO (Ez 29:17-21)

O segundo oráculo foi transmitido em 26 de abril de 571 a.C., a data mais recente mencionada no Livro de Ezequiel. Contudo, o profeta o inclui aqui pois está relacionado ao Egito. Uma vez que Nabucodonosor era um servo do Senhor (Jr 25:9; 27:6 e 43:19), merecia receber seu pagamento, mas os espólios de guerra da conquista de Tiro não eram suficientes nem para começar a compensá-lo pelo tempo e trabalho que seu exército havia dedicado ao cerco (“grande serviço” em Ez 29:18 pode ser traduzido também por “árdua campanha”). Os babilônios passaram treze anos construindo baluartes e atacando Tiro, mas não puderam evitar que a cidade usasse sua grande marinha para transportar seus tesouros a outros lugares. O Egito chegou a ajudar o povo de Tiro a resistir ao ataque e a transferir as riquezas da cidade para outros locais.

Deus decidiu que o Egito deveria suprir as riquezas para o exército babilônio que havia ficado calvo e ferido durante o cerco. Deus é soberano sobre as nações e pode cumprir seus propósitos sem destruir a liberdade e a responsabilidade delas para com ele. Em 568 a.C., Nabucodonosor invadiu o Egito, varrendo o país e deixando-o arrasado (ver vv. 8-12). Assim, o Senhor castigou tanto Tiro quanto o Egito e recompensou a Babilônia.

Mas qual é a relação de tudo isso com Israel, o povo de Deus? O profeta acrescentou uma palavra de promessa para os judeus (v. 21), assegurando-os de que viria o tempo em que eles seriam restaurados, quando o Senhor lhes daria forças (“farei brotar o poder”) para seus novos desafios. Depois que os medos e persas conquistaram a Babilônia (Dn 5), Ciro publicou um edital permitindo que os judeus voltassem à sua terra e reconstruissem o templo (Ed 1). Não importa o que as outras nações façam, Deus providencia para que seu povo mantenha seu testemunho e realize suas incumbências aqui na Terra.

A declaração sobre abrir a boca de Ezequiel não se refere a sua mudez forçada

(Ez 3:26; 24:27), pois esta já havia sido removida quando chegou à Babilônia a notícia de que Jerusalém tinha sido tomada (Ez 33:21, 22). Isso foi em 8 de janeiro de 585 a.C., porém a profecia de Ezequiel 29:17-21 foi dada em 26 de abril de 571 a.C., ou seja, catorze anos depois. A promessa de Ezequiel no versículo 21 indica que, quando sua profecia se cumprisse e o remanescente voltasse para a terra, respeitariam as palavras de Ezequiel, e estas lhes seriam proveitosas. Os judeus na Babilônia não levavam a sério o ministério de Ezequiel (Ez 33:30-33), mas chegaría o dia em quem Deus provaria que seu servo estava certo. “E te darei que fales livremente no meio deles” (Ez 29:21).

Ezequiel volta a falar do “crocodilo” em 32:1-16.

3. A TEMPESTADE É ANUNCIADA (Ez 30:1-19)

Este terceiro oráculo não tem data, mas é bem provável que tenha sido dado na mesma época da mensagem anterior. Retrata o juízo do Egito como uma grande tempestade que abala até os fundamentos da Terra.

A tempestade se aproxima (vv. 1-5). “O Dia do SENHOR” (v. 3) é uma expressão bíblica que descreve qualquer período de juízo divino, como o julgamento do Egito. Refere-se particularmente à tribulação no fim dos tempos, quando o Senhor castigará as nações (Is 65:17-19; Jl 1 – 3; Sf 1 – 2; Ap 6 – 19) antes de voltar à Terra e estabelecer seu reino. Quer esse julgamento seja local, como no caso do Egito, quer global, como nos últimos tempos, ele é obra do Senhor, e ninguém pode impedi-lo nem controlá-lo. Será “dia nublado; será o tempo dos gentios” (Ez 30:3). No fim dos tempos, todas as nações passarão por esse período de fúria, mas, nos dias de Ezequiel, o juízo seria sobre o Egito e seus aliados. Incluiria a Etiópia (vv. 5 e 9), Pute (uma nação da África), Lude (Lídia), as nações árabes, Cube (Líbia) e “os outros aliados” (v. 5), provavelmente judeus trabalhando para o exército egípcio como mercenários (ver Ez 27:10).

O Egito seria devastado (vv. 6-9). Quando a espada babilônica invadisse a terra, não

só o Egito cairia, mas também levaria consigo todos os seus aliados. Aquelas regiões já desoladas ficariam ainda piores depois que a terra fosse devastada. Deus aniquilaria os aliados do Egito e acenderia um fogo para destruir aquela terra. O povo da Etiópia pensaria estar seguro, de modo que o Senhor enviaría mensageiros para alertá-los, mas seria tarde demais.

A Babilônia realizaria a obra de Deus (vv. 10-12). Quando o Senhor castigou o Egito no tempo da escravidão de Israel, ele o fez pessoalmente, mas, nesse caso, Nabucodonosor seria seu servo escolhido para castigar os egípcios orgulhosos. Seu exército seria implacável (Ez 28:7, “terríveis estrangeiros”; ver Ez 31:12 e 32:12), enchendo a terra de cadáveres (“trespassados”). Contudo, o juízo de Deus também afetaria os rios, fazendo-os secar, o que numa terra tão árida era uma grande tragédia.

Nada escaparia à ira de Deus (vv. 13-19). Ezequiel nos disse o que aconteceria e como aconteceria, e agora ele revela a vasta abrangência da ira de Deus. Observe como o Senhor descreveu seu julgamento no Baixo Egito (Mênfis; v. 13) e também no Alto Egito (Patros; v. 14). Em vez de ser uma terra cheia de orgulho, o Egito seria uma terra cheia de medo. “Zoã” é a cidade de Ramesés, “Nô” é Tebas e “Sim” é Pelúsio. Os verbos usados deixam claro que o Senhor permitiria uma devastação total: destruir, fazer desolado, derramar o furor, exterminar, atear fogo, escurecer o dia. Os israelitas foram conduzidos para fora do Egito por uma coluna brillante de nuvem e de fogo (Êx 13:21), mas os egípcios que os escravizaram ficarão sob uma nuvem escura. Como resultado do juízo de Deus, o poder e o orgulho do Egito seriam destruídos, e a nação jamais voltaria a ocupar sua posição elevada. Os rapazes seriam mortos e as moças seriam levadas como escravas, de modo que a geração futura seria entregue nas mãos do inimigo.

Ao que parece, as nações nunca se lembram de que Deus considera com seriedade aquilo que acontece a seu povo, Israel. O juízo arrasador que Deus enviou sobre o

Egito antes do êxodo deveria ter ensinado uma lição duradoura aos egípcios, mas tudo indica que eles a esqueceram. Ao opor-se aos propósitos de Deus para Israel, o Egito chamou sobre si o juízo de Deus, pois o Senhor sempre cumpre suas promessas da aliança.

4. OS OSSOS SÃO QUEBRADOS (Ez 30:20-26)

Este oráculo foi transmitido em 29 de abril de 587 a.C. e refere-se a Deus aniquilando o poderio militar do Egito. O “braço” é um símbolo de poder, mas Deus quebraria os dois braços do Faraó e deixaria o Egito impotente. Ninguém colocaria talas e nem faixas sobre as feridas para ajudá-las a sarar.

A primeira “fratura” ocorreu em Carquemis, em 605 a.C., quando Nabucodonosor derrotou o Faraó Neco (2 Rs 24:7; Jr 46:2). Também em Carquemis foi morto o piedoso rei Josias. A segunda “fratura” ocorreu quando o Faraó Hofra tentou ajudar Judá durante o ataque de Nabucodonosor a Jerusalém (Jr 37:5ss). Com os dois braços “quebrados”, o Egito não seria capaz de brandir uma espada, o que determinaria o fim da batalha. O Faraó Hofra também era chamado de “Braço-Forte”, mas esse título não seria mais cabível.

Ao mesmo tempo que o Senhor permitia que os babilônios quebrassem os braços do Egito, também fortalecia os braços dos babilônios! Chegou a colocar sua espada na mão de Nabucodonosor! Os egípcios que não fossem mortos seriam dispersos, e sua terra ficaria desolada. A frase “saberão que eu sou o SENHOR” é repetida duas vezes (Ez 30:25, 26). Durante a estadia de Israel no Egito, o Faraó não reconheceu o Senhor, mas agora a nação aprenderia que o Senhor Deus dos hebreus era, de fato, o único e verdadeiro Deus vivo.

5. A ÁRVORE É DERRUBADA (Ez 31:1-18)

Essa mensagem foi transmitida em 21 de junho de 587 a.C. e traz a figura de uma grande árvore que é derrubada. Nas Escrituras, a árvore é usada, por vezes, para retratar uma nação ou império (cap. 17; Dn 4).

O argumento apresentado pelo profeta é simples. O Egito se vangloriava de sua grandeza e, no entanto, não era tão poderoso quanto a Assíria, e esta foi conquistada pela Babilônia. Conclusão: se a Babilônia pôde conquistar a Assíria, logo poderia conquistar também o Egito.

A grandeza da Assíria (vv. 1-9). O Egito se orgulhava de sua grandeza, de modo que o profeta pediu ao Faraó que citasse uma nação comparada ao Egito. “A quem és semelhante na tua grandeza?” (Ez 31:2), perguntou Ezequiel, e, em seguida, respondeu: “Somente a Assíria!”. Os egípcios concordariam e ficariam contentes com tão alta consideração por seu país.

Os cedros do Líbano eram muito conhecidos por sua qualidade e altura. A Assíria era como um desses cedros, extremamente alta e frondosa. Era alimentada por muitas águas, que simbolizam as nações sob o controle assírio e que contribuíam para seu enriquecimento (essas nações também são retratadas como aves e animais que encontravam segurança sob a árvore). O Senhor permitiu que a Assíria se tornasse tão poderosa porque tinha uma incumbência para ela. O reino do Norte, Israel, havia se rebelado contra o Senhor, de modo que ele usou os assírios para discipliná-lo e para conquistar sua terra (722 a.C.). Nos dias do rei Ezequias, o Senhor usou os assírios para disciplinar o reino de Judá, mas não permitiu que tomassem Jerusalém (Is 37; 2 Rs 19; 2 Cr 32). Deus é soberano sobre as nações e pode usar até mesmo povos pagãos para cumprir seus propósitos.

Nenhum outro reino poderia ser comparado com a Assíria. Num ímpeto de exagero poético, Ezequiel afirmou que até os cedros e outras árvores do jardim do Éden tornavam-se insignificantes perto da Assíria. Mas era o Senhor quem havia tornado a Assíria formosa e poderosa (v. 9), e, no entanto, os assírios não demonstraram reconhecimento nem gratidão por esse fato.

A ruína da Assíria (vv. 10-14). Como vimos anteriormente, o orgulho é detestável a Deus e é julgado por ele com severidade. O Senhor julgou o orgulho de Judá e de

Samaria (cap. 16), de Amom, Moabe e Edom (cap. 25) e especialmente de Tiro (Ez 23:3; caps. 26 – 28) bem como da Assíria, e, posteriormente, ele julgaria ainda o Egito. A lógica desse julgamento era: que esperança pode haver para um reino menor como Egito? Deus chamaria a “mais poderosa das nações” (v. 11) para humilhar a Assíria – obviamente, a nação do rei Nabucodonosor (Ez 30:11).

A árvore era muito alta e imponente, mas podia ser cortada e abandonada na terra para se decompor. As nações menores abandonariam a Assíria e buscariam ajuda em outro lugar. Das maiores alturas, a Assíria terminaria nas maiores profundezas (*sheol*). De uma posição de grande força, o reino cairia em total fragilidade, e da posição de sustentadora da vida de outros, acabaria sofrendo a morte e a decomposição. Em outros tempos, a Assíria havia sido admirada e louvada, mas viria a ser motivo de zombaria. Deus precisava ensinar uma lição à Assíria (v. 14): aqueles que se exaltam acabarão sendo humilhados, uma lição que nações de todo o mundo precisam aprender nos dias de hoje (Pv 29:23; Is 2:12; Ml 4:1; Mt 23:11, 12; 1 Pe 5:5-7).

O sepultamento da Assíria (vv. 15-18). Assim como Tiro, no capítulo 28, e como a Babilônia, em Isaías 14, a Assíria foi derrubada e levada às profundezas do abismo juntamente com todos os outros governantes e nações que se rebelaram contra Deus. Quando a Assíria caiu, as nações sentiram a repercussão disso, mas o consolo do rei da Assíria era saber que não se distinguia dos governantes que o haviam precedido. Estavam todos no mesmo barco. No versículo 18, o profeta dirigiu-se ao governante do Egito: “A quem, pois, és semelhante em glória e em grandeza entre as árvores do Éden? Todavia, descerás com as árvores do Éden às profundezas da terra” (Ez 31:18).

Os egípcios seguiam com cuidado a prática da circuncisão, mas seu governante acabaria no *sheol* junto com os mortos de nações que não adotavam essa prática. Que humilhação (ver Ez 28:10)! Ele considerava a si mesmo e a seu reino tão poderosos quanto

a Assíria, de modo que Deus o humilhou ao colocá-lo junto com os assírios no mundo dos mortos.

6. O MONSTRO CAI NA ARMADILHA (Ez 32:1-16)

Este oráculo foi transmitido em 5 de março de 585 a.C., dois meses depois que os exilados na Babilônia receberam a notícia da queda de Jerusalém (Ez 33:21, 22). O tema do “crocodilo” foi usado em Ezequiel 29:1-16, mas o profeta volta a empregá-lo para apresentar mais algumas verdades espirituais.

O monstro é capturado (vv. 1-10). Trata-se de um “lamento oficial” pelo rei do Egito, que se considerava um poderoso leão, mas aos olhos de Deus não passava de um crocodilo. O Faraó debateu-se na água e fez uma grande cena, mas tudo o que conseguiu com sua desobediência ao Senhor foi turvar as águas com lama e criar problemas.

No capítulo 29, Deus capturou o “crocodilo” egípcio com anzóis, mas agora o Egito havia se enfraquecido tanto que podia ser pego com uma rede (ver Ez 12:13; 17:20; 19:8). Deus arrastaria o crocodilo para um campo aberto e o deixaria lá para morrer. Os urubus comeriam sua carcaça, o que nos faz lembrar das palavras de Ezequiel 29:3-5. No entanto, o profeta acrescenta mais duas figuras: a terra encharcada de sangue e os céus cobertos de escuridão (vv. 6-8). Essas figuras são lembranças da primeira e da nona pragas antes do êxodo de Israel do Egito – a água transformada em sangue e os três dias de trevas (Ex 7:20-24; 10:21-29). De acordo com Apocalipse 8:8, 9, um juízo semelhante sobrevirá durante a grande tribulação.

A descrição dos sinais nos céus nos leva a pensar no futuro dia do Senhor descrito em Joel 3, Amós 5:18-20 e Mateus 24. Alguém disse bem que acontecimentos passados podem ser sombras de eventos futuros, justamente o que ocorreria com a queda do Egito. Foi um ensaio geral para o julgamento dos últimos dias. Mais uma vez, Ezequiel explicou que assim como a queda dos assírios teve repercussão sobre outras nações (Ez 30:16; ver Ez 27:35 e 28:19), a queda do Egito também causaria espanto nos povos

(Ez 32:9, 10). Mas será que aprenderiam com essa experiência e se voltariam para o Senhor? Não, continuariam pecando e se rebelando contra a verdade de Deus.

O monstro é castigado (vv. 11-16). Aqui o profeta repete a profecia de que a espada da Babilônia deixaria o Egito desolado e que todo o orgulho e pompa do Egito desvaneceriam. Até mesmo a fauna da terra seria destruída, como aconteceu durante as pragas no tempo de Moisés. Sem pessoas e animais disponíveis para lavrar a terra e tirar a água, os córregos e canais não ficariam enlameados e correriam “como azeite”, sem coisa alguma para impedir seu fluxo. Trata-se de um contraste com o comportamento do Faraó descrito no versículo 2. Normalmente, a figura de azeite correndo é um retrato de paz e de prosperidade resultantes das bênçãos de Deus, mas, nesse caso, refere-se à paz decorrente do juízo de Deus. Não haveria seres humanos nem animais para turbar, enlamear e poluir as águas. No entanto, essa figura também nos faz lembrar de que a derrota do Egito ajudaria a trazer paz às outras nações.

7. O CADÁVER É SEPULTADO (Ez 32:17-32)

Esse é o sétimo oráculo, e uma vez que não há nenhuma outra data registrada, supomos que foi dado duas semanas depois da mensagem anterior – 17 de março de 585 a.C. Esse discurso segue o mesmo estilo daquele em Ezequiel 31:15-18 e descreve o povo do Egito descendo às profundezas da terra, o mundo dos mortos. Ezequiel recebeu

instruções de lamentar em alta voz pela multidão que seria morta pelas espadas dos babilônios.

O retrato é sombrio, quase macabro, quando as outras nações dão as boas-vindas ao Faraó e a seus exércitos e escarneçem deles ao chegar ao inferno. Podemos parafrasear suas palavras dizendo: “Então, vocês se consideravam tão formosos e fortes? Olhem agora! Orgulhavam-se de ser um povo circuncidado, mas agora estão junto conosco na morte e decomposição – estão na cova! Sua cama é um sepulcro”.

Ezequiel citou o nome de algumas nações, tanto pequenas quanto grandes, que receberam o Faraó e seu povo no *sheol*: a Assíria (v. 22); o Elão (v. 24), uma região do Irã; Meseque e Tubal (v. 26), provavelmente situados na Ásia Menor; e Edom e os sidônios, vizinhos de Israel (vv. 29, 30). Assim como o rei da Assíria antes dele (Ez 31:16), o Faraó veria todos esses príncipes e gente do povo e seria consolado por saber que não era o único que havia sido derrotado e exterminado.

A morte é um grande nivelador e, como nos lembra John Donne, quando o sino fúnebre dobra, “ele dobra por ti”. Na terra dos mortos, não há “reis e cidadãos comuns”, e não se pode entrar nessa terra em paz e com segurança sem fé em Jesus Cristo. “Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Co 15:55-57).

1. Muitos povos da antiguidade possuíam mitos sobre grandes monstros marinhos que lutavam entre si para assumir o controle da criação e, por vezes, a figura de monstros como esses aparece nas Escrituras (Jó 9:13; Sl 74:13, 14; Is 27:1). Um dos nomes do Egito nas Escrituras é “Raabe”, e o Egito é retratado como um monstro marinho (Sl 87:4; 89:10; Is 51:9, 10). É claro que os escritores bíblicos não aprovam a mitologia antiga, mas a usam de forma ilustrativa.

INTERLÚDIO

Os capítulos 36 a 48 de Ezequiel concentram-se na esperança de Israel baseada nas promessas feitas por Deus a seu povo escolhido. No capítulo 33, Deus lembra seu profeta de que ele foi encarregado de ser um atalaia, cuja tarefa é proteger e informar o povo ao manter os olhos abertos para o que está acontecendo e os ouvidos alertas para o que Deus está dizendo.

Nos capítulos anteriores, o Senhor revelou seus juízos sobre seu próprio povo e sobre as nações vizinhas. Ezequiel disse aos exilados na Babilônia que a cidade de Jerusalém seria capturada pelos babilônios, que a terra seria devastada e que o templo seria destruído. Contudo, nessa seção que encerra o livro, teve o privilégio de proclamar um futuro promissor para o povo de Deus. A cidade santa e a Terra Prometida seriam restauradas (caps. 33 – 36), o reino dividido seria unido e protegido (caps. 37 – 39), e haveria um novo templo no qual a glória do Senhor habitaria (caps. 40 – 48). O profeta havia visto a glória partir do templo profanado (Ez 11:23) e, depois, viu-a voltar para o

templo (Ez 43:4, 5; 44:4). O reino prometido pelos profetas seria estabelecido, e o Messias, o Filho de Davi, reinaria em Jerusalém.

Alguns estudiosos preferem interpretar Ezequiel 33 a 48 de modo idealista ou simbólico, aplicando essas descrições “espiritualmente” à Igreja de hoje e não literalmente ao povo de Israel no futuro. Contudo, se até aqui interpretamos as palavras proféticas de Ezequiel literalmente, que direito temos de mudar nossa abordagem e começar a interpretá-las simbolicamente? Como disse o Dr. David Cooper: “Quando o significado claro das Escrituras faz sentido, então não precisamos de nenhuma outra acepção”. Devemos encarar o fato de que as duas abordagens – a simbólica e a literal – apresentam problemas para o intérprete, mas considerar as profecias de Ezequiel exatamente como as encontramos parece apresentar menos problemas. Além disso, considerar a realização literal dessas profecias está mais de acordo com o propósito que Deus visava cumprir com elas: o encorajamento do povo de Israel. É difícil citar uma nação que tenha sofrido tanto quanto Israel, e privar o povo escolhido de Deus de sua esperança é tornar seu sofrimento sem sentido.

Em nossa abordagem, partiremos do pressuposto de que essas profecias terão um cumprimento literal e de que, um dia, Israel verá seu Messias e participará do reino glorioso prometido por Ezequiel e pelos outros profetas. Ao mesmo tempo, procuramos aplicar as lições espirituais fundamentais desse capítulo, verdades relevantes para o povo de Deus na Igreja de hoje.

ADVERTÊNCIAS E PROMESSAS DO ATALAIA

EZEQUIEL 33 – 35

Diz-se, com muita propriedade, que o mais importante em relação aos profetas não é sua visão do passado ou do futuro, mas sim sua visão interior. A visão profética do passado é importante porque nos ajuda a tratar desse passado e a entender melhor o que Deus fez e quais foram seus motivos. A visão do futuro nos ajuda a evitar problemas e a ter esperança. Porém, a visão interior nos ajuda a ter uma compreensão mais profunda de nós mesmos e daqueles ao nosso redor, bem como daquilo que devemos fazer para nos aperfeiçoar como homens e mulheres que fazem a vontade de Deus. Nesses capítulos, Ezequiel usa esses três dons ao expor o pecado, analisar a história e apresentar promessas para o futuro. Ele trata dos pecados do povo judeu (cap. 33), dos pecados de seus líderes (cap. 34) e dos pecados da terra vizinha de Edom (cap. 35).

1. OS PECADOS DOS JUDEUS COMO NAÇÃO (Ez 33:1-33)

Este capítulo remete a algumas das mensagens anteriores de Ezequiel e reúne verdades importantes para a forma como os judeus viam o Senhor, sua situação e aquilo que Deus queria que fizessem. Encontramos aqui referências a Ezequiel 3:15-27; aos capítulos 5 e 6; 11:14-21; 18:1-32; 20:1-8 e 24:25-27. É como se o Senhor tivesse conduzido seu servo para combinar essas verdades espirituais básicas em uma única mensagem para que ninguém pudesse dizer: “Eu não ouvi o que o Senhor nos disse!”

Ezequiel voltou a luz da Palavra de Deus para a nação como um todo (Ez 33:1-20), para o povo que ficou em Judá e Jerusalém

(vv. 23-29) e para os exilados na Babilônia (vv. 21, 22, 30-33) e revelou o que havia dentro do coração e da vida deles.

A nação toda (vv. 1-20). Todo judeu que, em alguma ocasião, já havia vivido numa cidade murada sabia a que Ezequiel se referia quando falou do atalaia sobre o muro, pois esses vigias eram importantes para a defesa da cidade. Os atalaia fiéis mantinham seus olhos voltados para o horizonte e soavam o alarme quando viam o inimigo se aproximando. Se os atalaia se mostravam alertas e fiéis e se o povo fosse obediente, vidas eram salvas; se os atalaia eram descuidados ou se o povo se mostrava indiferente, a cidade era capturada e gente morria.

Deus chamou Ezequiel para ser seu atalaia (Ez 3:19-21), e era tarefa do profeta ouvir a Palavra de advertência de Deus e proclama-la ao povo. O atalaia fiel tinha as mãos limpas, mas o infiel tinha as mãos manchadas com o sangue das vítimas, pois não as havia advertido. Isaías comparou os vigias infieis a homens cegos, cães que não ladram e pessoas que não conseguem ficar acordadas (Is 56:10). Ezequiel foi um atalaia fiel que transmitiu a mensagem de Deus aos judeus na Babilônia bem como àqueles que estavam em Judá, e essa mensagem era: “Converti-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos!”. O verbo “converter” aparece oito vezes neste capítulo e significa “arrepender-se”. As palavras bíblicas traduzidas por “converter” e “arrepender” significam simplesmente uma mudança de mentalidade, mas essa mudança também implica uma mudança de vida. Se um ladrão estivesse verdadeiramente arrependido, restituiria aquilo que havia roubado. Os mentirosos confessariam sua falsidade e pediriam perdão, e os bêbados deixariam de abusar da bebida.

A discussão em Ezequiel 33:10-20 lembra o que foi tratado em Ezequiel 18:1-32, em que o profeta explicou a responsabilidade humana diante de Deus. Os judeus haviam culpado as gerações mais velhas por aquilo que havia acontecido à nação, mas Ezequiel deixou claro que Deus não castigou os filhos pelos pecados de seus pais. Cada pessoa deveria prestar contas de seus

pecados e não podia colocar a culpa em outros. Contudo, Ezequiel 33:10 indica que alguns judeus estavam sentindo a culpa de seus pecados como um fardo pesado sobre seus ombros e que, dia após dia, estavam “desfalecendo”. Contudo, esse sentimento de remorso ficava aquém do verdadeiro arrependimento.

Devemos fazer a devida distinção entre pesar, remorso e verdadeiro arrependimento. O pesar é uma função da mente; sempre que nos lembramos daquilo que fizemos nos perguntamos: “Por que eu fiz isso?”. O remorso envolve tanto o coração quanto a mente, e sentimos desgosto e dor, mas não mudamos nosso comportamento. Já o verdadeiro arrependimento envolve a mente, o coração e a vontade. Mudamos nossa maneira de pensar sobre nossos pecados e concordamos com aquilo que Deus diz sobre eles; sentimos aversão de nós mesmos por aquilo que fizemos e tomamos a decisão de deixar o pecado e voltar para o Senhor em busca de sua misericórdia.

Quando Pedro se lembrou de seu pecado de ter negado a Cristo, arrependeu-se e buscou o perdão; quando Judas se lembrou de seu pecado de ter traído a Cristo, sentiu apenas remorso e se enforcou. “Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz peso; mas a tristeza do mundo produz morte” (2 Co 7:10). Se o pecador deixar o pecado e *achegar-se* ao Senhor, então será perdoado. Paulo pregava sua mensagem: “testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo” (At 20:21), e essa mensagem ainda vale para nossos dias.

Como haviam feito anteriormente (Ez 18:21-29), os judeus discutiram com Ezequiel, afirmaram que Deus não estava sendo justo com eles e que os caminhos do Senhor não eram retos. Essa resposta, em si, provou que não haviam se arrependido de verdade, pois pecadores arrependidos não discutem com a Palavra de Deus. Os judeus diziam: “Deus não está usando pesos padronizados em sua balança! Ela está adulterada!”

Mas essa acusação contra o Senhor era falsa. Como Ezequiel já lhes havia dito (vv. 21-29), não eram os caminhos de Deus que não eram retos, mas sim os caminhos do povo! A responsabilidade deles não era provar que Deus estava errado, mas sim admitir que eles estavam errados!

O povo da terra (vv. 23-29). Os babilônios haviam deixado para trás alguns pobres a fim de que cuidassem dos campos e das ruínas (Jr 52:16), enquanto o resto dos sobreviventes do cerco haviam sido levados para a Babilônia. O Senhor ouviu o que essas pessoas diziam: “Temos direito a essa terra, pois o Senhor nos poupou para que vivêssemos aqui”. Afinal, quando havia só Abraão,¹ Deus lhe deu a terra; mas os sobreviventes eram muitos e viviam na terra há muito tempo. O próprio fato de terem sobrevivido provava que eram especiais para o Senhor. Podiam tomar a terra para si, pois seus antigos donos estavam mortos ou exilados.

Tinham se esquecido de que Jeremias já havia esclarecido qual grupo era o povo escolhido de Deus – os exilados na Babilônia ou os sobreviventes em Judá. Conforme encontramos registrado em Jeremias 24, Deus mostrou ao profeta dois cestos, um cheio de figos muito bons e outro cheio de figos muito ruins. Os figos muito bons representavam os exilados na Babilônia, o remanescente que Deus usaria para reconstruir o templo e restaurar a nação. Os figos muito ruins eram o rei Zedequias e os líderes de Jerusalém que desobedeceram ao Senhor ao quebrar o tratado com a Babilônia. É óbvio que o remanescente em Judá não era considerado “especial” nem “escolhido” pelo Senhor.²

Abraão era um homem justo, mas o povo que havia ficado em Judá estava vivendo em oposição à vontade de Deus! Em Ezequiel 33:25, 26, o profeta relacionou alguns dos pecados que estavam cometendo: comendo carne com sangue (Dt 12:16, 23; Lv 17:10); adorando a ídolos (Êx 20:4-6); cometendo homicídio (v. 13); confiando na violência (“vos estribais sobre a vossa espada”) e fazendo coisas abomináveis como cometer adultério (v. 14). Em vez de herdar

a terra e de enriquecer, essas pessoas seriam mortas à espada, pelas feras do campo ou pelas pestes que, com freqüência, acompanham as guerras (Ez 33:27; ver Ez 5:12; 7:15; 12:16; 14:12-21). Em vez de a terra tornar-se sua posse, ficaria desolada e desfrutaria seu descanso sabático (Lv 26:32-35, 43; 2 Cr 36:21).

Os exilados na Babilônia (vv. 21, 22, 30-33). O exército babilônio incendiou Jerusalém em 14 de agosto de 586 a.C. e cerca de cinco meses depois – 8 de janeiro de 585 a.C. – um fugitivo chegou à Babilônia para anunciar o triste fato de que Jerusalém e o templo haviam sido destruídos. Isso confirmava as profecias de Ezequiel e provava que, de fato, ele era um profeta de Deus (Dt 18:20-22). Na noite antes de receber essa notícia, a mão do Senhor havia estado sobre Ezequiel, de modo que ele sabia que algo especial estava prestes a ser revelado. Ao ouvir essa notícia, a boca de Ezequiel se abriu, de modo que ele podia falar, mesmo quando não estava transmitindo uma mensagem de Deus (Ez 3:26, 27). Já estava livre para conversar com as pessoas e para ter um ministério “pastoral” no meio delas além das suas pregações proféticas. Durante cerca de sete anos e meio, Ezequiel havia vivido sob essa restrição, mas agora estava livre para falar. Sem dúvida, os exilados observaram essa mudança e ficariam curiosos para ver o que aconteceria com o profeta.

Mas Ezequiel sabia que o povo que ia até sua casa para ouvi-lo falar não dava o devido valor a seu ministério nem obedecia às palavras que ouvia dele. Quando se encontravam com os conhecidos, os exilados saíam ao sol quente e conversavam sobre o ministério do profeta (v. 30). Até mesmo convidavam outros para ir com eles ouvir o pregador! Mas a Palavra de Deus não era algo sério para eles. Não estavam preocupados com a verdade de Deus nem com sua responsabilidade pessoal. Só queriam informações atualizadas para que pudessem ganhar dinheiro! Ouviam o pregador de Deus, mas se recusavam a obedecer ao que o Senhor lhes ordenava (Tg 1:22-25; Sl 78:36, 37; 1 Jo 3:18). Viam Ezequiel como

um daqueles artistas que entoavam canções de amor.

Essa informação poderia ter desanimado o profeta, mas o Senhor acrescentou uma mensagem de fé e de esperança: chegaria o dia em que o cumprimento da Palavra profética de Deus convenceria o povo desinteressado de que um verdadeiro profeta havia estado no meio deles. Isso significaria um privilégio pessoal (ouvir a Palavra), responsabilidade pessoal (obedecer à Palavra) e prestação de contas pessoal (ser julgados pela Palavra que haviam ouvido; Jo 12:48).

Os cristãos de hoje têm fácil acesso à Palavra de Deus não apenas em reuniões públicas, mas também na literatura, na Internet, no rádio e na televisão, bem como em fitas de áudio e de vídeo e em CDs, e teremos de prestar contas de muita coisa quando virmos o Senhor. O mais importante diante do trono do julgamento de Cristo não será quanto da Bíblia estudamos e aprendemos, mas sim quanto amamos e obedecemos.

2. OS PECADOS DOS LÍDERES (EZ 34:1-31)

Ezequiel já havia desmascarado os pecados dos líderes judeus (cap. 22), mas voltou a esse tema por ser relevante para o futuro de Israel. Ao mesmo tempo que essa mensagem aplicava-se à situação em que Israel encontrava-se naquele momento, também referia-se a um tempo futuro, quando o Senhor reunirá seu povo disperso e o trará de volta à sua terra. Essa mensagem certamente deu esperança aos exilados, quando perceberam que o Senhor não os havia abandonado, mas cuidaria deles como um pastor cuida de suas ovelhas.

Ao falar de “ovelhas minhas”, o Senhor estava se referindo à nação de Israel (Ez 34:31). “Somos o seu povo e rebanho do seu pastoreio” (Sl 100:3; ver Sl 77:20; 78:52; 80:1). Moisés considerava Israel um rebanho (Nm 27:17; ver 1 Rs 22:17), e essa também era a visão de Jeremias (Jr 13:17) e de Zacarias (Zc 10:3). Jesus falou das “ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 10:6; 15:24). Pelo fato de Jesus dizer “eu sou a porta das ovelhas” e “eu sou o bom pastor” (Jo 10:7,

11), a figura de rebanho também passou a ser usada com referência à Igreja (At 20:28, 29; 1 Pe 5:2, 3), por isso as igrejas até hoje têm seus “pastores”.

A exploração e o abuso das ovelhas (vv. 1-10). Reis e oficiais do governo eram chamados de “pastores” (2 Sm 7:7, 8; Sl 78:70, 71; Is 56:10, 11; 63:11; Jr 23:9-11; 25:18, 19). Era responsabilidade deles cuidar do povo, protegê-lo e providenciar para que suas necessidades fossem supridas. Contudo, os líderes egoístas do reino de Judá haviam explorado o povo e abusado dele, pois pensavam somente em si mesmos. Ordenhavam as ovelhas e comiam o coalho, tosquavam-nas e faziam vestes de lã e abatiam-nas para saborear a carne, mas não cuidavam das ovelhas nem supriam suas necessidades. Sempre que os líderes tomam do povo sem dar-lhe nada em troca, trata-se de um ato de exploração. Os verdadeiros líderes, porém, não exploram seu povo, mas se sacrificam por ele. Jesus, o Pastor, deu o exemplo ao entregar a vida por seu rebanho (Jo 10:10).

Os líderes não apenas exploravam as ovelhas como também abusavam delas ao negligenciar suas necessidades. Ovelhas precisam de cuidado constante, mas os líderes não administravam os assuntos nacionais visando o bem do povo e sim o benefício próprio. Na verdade, não davam qualquer atenção ao rebanho. Se os pecados de comissão dos líderes eram terríveis, seus pecados de omissão eram ainda piores. Não ministravam às ovelhas enfermas e feridas nem buscavam as perdidas e dispersas. Governavam apenas pela força e pela crueldade. Ezequiel os acusou três vezes de permitir que as ovelhas se dispersassem, sendo que um rebanho espalhado e sem pastor torna-se vulnerável e pode ser facilmente atacado por animais selvagens (Jr 50:6). Por causa das decisões egoísticas e imprudentes dos líderes, a nação se desintegrou e o rebanho foi disperso.

O resgate do rebanho (vv. 11-22). Havia alguma esperança para o povo disperso de Deus? Sim, pois o Senhor viria para livrar seu rebanho de seus opressores e para reunir suas ovelhas junto a si. No tempo de

Ezequiel, o Senhor trouxe o povo de volta da Babilônia, mas sem dúvida esse retrato é muito mais amplo, pois o Senhor falou de “países” (v. 13). Ezequiel promete que, no fim dos tempos, o Senhor ajuntará as ovelhas de seu rebanho “de todos os lugares para onde foram espalhadas” (v. 12) e as trará de volta para a sua própria terra, onde ele será seu Pastor (Mt 24:31).

É difícil aplicar essa profecia ao regresso do remanescente depois do exílio na Babilônia e ainda mais difícil “espiritualizá-la” e aplicá-la à igreja de hoje. O profeta refere-se a uma congregação literal do povo de Israel, assunto mencionado com freqüência no Livro de Ezequiel (Ez 11:17; 20:34, 41, 42; 28:25; 36:24; 37:21-25; 38:8). Essa promessa de congregação faz parte da aliança de Deus com os judeus (Dt 30:1-10), e o Senhor sempre cumpre suas promessas (ver também Is 11:11, 12; Jr 23:3-8 e Mq 2:12; 4:6-8). Depois de reunir seu povo, ele providenciará para que nenhuma ovelha “gorda e forte”, que atacava as mais fracas, empurre as outras com seus chifres, turve a água da qual bebem nem pisoteie seus pastos. A ovelha “gorda e forte”, em Ezequiel 34:16, refere-se aos líderes que se aproveitavam do povo. Não devemos interpretar os “carneiros e bodes”, no versículo 17, com o mesmo sentido da figura que o Novo Testamento apresenta de “cabritos e ovelhas”, conforme encontramos em Mateus 25:31-46, pois nos tempos bíblicos era comum os pastores terem tanto ovelhas quanto bodes nos rebanhos.

A proteção do rebanho (vv. 23-31). Sem dúvida se trata, aqui, de uma profecia sobre acontecimentos referentes a um futuro menos imediato, pois o remanescente que retornou não teve um governante ilustre para cuidar dele nem houve “chuvas de bênçãos” sobre a terra. A situação econômica no começo foi difícil, as colheitas foram minguadas, e o povo da terra opôs-se à presença dos judeus. Contudo, quando Israel se reunir em sua terra no fim dos tempos, o Messias será seu soberano e seu Rei-Pastor. O “príncipe” (v. 24) não será o rei Davi, ressurreto e entronizado, mas sim o Senhor Jesus Cristo,

o qual Israel receberá e em quem creará ao vê-lo (Zc 12:9 – 13:1; ver Jr 23:5; 30:8-10; Os 3:5). Ezequiel fala do “meu servo Davi” em 37:24, 25; 45:22; 46:4, e essas referências apontam para o Messias.

A agricultura em Israel dependia das chuvas recebidas do Senhor no tempo certo (“as primeiras e as últimas chuvas”), e ele havia prometido mandá-las fielmente se o povo honrasse sua aliança (Lv 26:1-5; Dt 28:9-14). Contudo, se lhe desobedecessem, ele transformaria o céu em bronze e a terra em ferro (Dt 11:13-17; 28:23, 24). Se o povo se arpendesse e buscasse o perdão de Deus, então ele enviaria a chuva e sararia a terra (Dt 30; 2 Cr 7:12-14).

O Senhor também prometeu que o povo estaria seguro na terra e não seria oprimido pelos povos a seu redor. Exceto no período dos reinados de Davi e de Salomão, a nação de Israel tem sido atacada, conquistada e assolada por nações sucessivas, mas isso cessará quando o Messias estiver assentado no trono. A terra seria governada por uma “aliança de paz” (Ez 34:25; ver 37:26), provavelmente uma referência à nova aliança prometida por Jeremias em Jeremias 31:31, 34. A lei de Deus estaria escrita no coração do povo, que conheceria o Senhor e obedeceria à sua vontade.

Nem a dor da escassez nem a vergonha da derrota tirarão do povo judeu as bênçãos que Deus planejou para eles. No passado, os pecados dos judeus obrigaram o Senhor a volver sua face contra eles, mas, no reino futuro, Deus resplandecerá sobre eles e habitará com eles. Ezequiel havia visto a glória de Deus deixar o templo (Ez 11:22, 23), mas também veria a glória de Deus voltando (Ez 43:1-5). O nome da cidade santa se tornaria Jeová Shamá, “O SENHOR Está Ali” (Ez 48:35).

3. OS PECADOS DE EDOM (Ez 35:1-15)

O Senhor já havia pronunciado o juízo sobre Edom por meio de Isaías (Is 34; 63:1-6), Jeremias (Jr 49:7-22) e Ezequiel (Ez 25:12-14), mas volta a fazê-lo acrescentando alguns detalhes. Monte Seir é outro nome para Edom, a nação fundada por Esaú, o irmão gêmeo de Jacó. “Edom” significa “vermelho,

ruivo” e era o apelido de Esaú (Gn 25:30). Esaú era um homem profano que não tinha qualquer desejo espiritual e que, de bom grado, vendeu seu direito de primogenitura ao irmão, Jacó. Esaú contendia com o irmão desde o ventre materno (vv. 21-26) e o odiava, pois o Senhor o havia escolhido para receber as bênçãos da aliança. Esse ódio foi passado adiante de geração em geração, e os edomitas mantiveram aquilo que Deus chamou de “inimizade perpétua” (v. 5; Ez 25:15; Am 1:11, 12; Ob). Esse ódio, sem dúvida, era parecido com algumas das “guerras étnicas” que vemos no mundo hoje em dia.

Mais uma vez, o Senhor lembrou os edomitas de seu grande pecado contra seus irmãos quando ajudaram os babilônios a atacar os judeus durante o cerco de Jerusalém. Aquilo que seu fundador, Esaú, jurou fazer no tempo dele, seus descendentes realizaram depois, quando mataram seus próprios parentes consangüíneos (Gn 47:41). Em Ezequiel 35:6, a palavra “sangue” deve ser entendida como “matança”. Os edomitas perseguiram os judeus para matá-los, de modo que seriam perseguidos pela matança. Os edomitas levaram adiante um ódio perpétuo contra Israel, e, portanto, a terra de Edom sofreria desolação perpétua. Edom deixaria de existir.

Era um julgamento justo, e o profeta apresentou os motivos pelos quais a destruição era um ato de justiça. Dentre outras coisas, os descendentes de Esaú eram gananciosos e desejavam tomar para si Judá e Samaria, as nações conquistadas, ignorando completamente a vontade de Deus. O Senhor havia dado a terra de Canaã a Abraão e a seus descendentes, e isso significava Jacó e não Esaú. Durante a marcha de Israel para Canaã, os israelitas haviam sido advertidos a não se envolverem com os edomitas, pois Deus havia dado a terra em que habitavam e não teriam herança alguma em Canaã (Dt 2:1-7). Porém, os edomitas queriam mudar os planos de Deus e anular a aliança do Senhor, tomando a terra para si. Quando os babilônios invadiram Judá em 606 a.C., o Senhor estava cumprindo seus propósitos (Ez 35:10) e viu o que os edomitas fizeram.

O Senhor também viu a ira deles (v. 11) e prometeu retribuir adequadamente, pois as nações, assim como os indivíduos, colhem aquilo que semeiam. Deus ouviu as palavras blasfemas dos edomitas contra seus irmãos judeus, como se regozijaram ao ver que a terra de Israel estava sendo destruída e saqueada pelos invasores babilônios. No entanto, não estavam blasfemando contra homens, mas sim contra Deus, e vangloriavam-se em seu orgulho como se pudessesem

escapar do julgamento. Em sua arrogância, Edom regozijou-se com a queda de Israel. Um dia, porém, a Terra toda se regozijaria com a queda de Edom!

A promessa de Deus para os judeus era a de que um dia não seriam mais rapina de outras nações (Ez 34:28), e este capítulo explica por que: Deus iria tratar com os inimigos deles e removê-los da face da Terra. “Desolado serás, ó monte Seir e todo o Edom” (Ez 35:15).

-
1. Talvez os judeus tivessem em mente Isaías 51:2. Na verdade, Abraão não herdou a terra em vida (At 7:5). Sua única propriedade foi o túmulo onde sepultou a esposa (Gn 23) e onde ele próprio foi sepultado (Gn 25:7-10).
 2. Em vez de seguirem o exemplo de fé dado por Abraão, por vezes os judeus usavam sua relação com o patriarca como desculpa para desobedecer ao Senhor. Pelo fato de serem “filhos de Abraão”, os líderes religiosos recusaram-se a se submeter ao batismo de João e discutiram com Jesus usando a mesma alegação (Jo 8:33ss).

DA RESTAURAÇÃO À REUNIÃO

EZEQUIEL 36 – 37

Não temos mais esperanças!” Era isso o que os exilados judeus estavam dizendo enquanto se consumiam de desgosto na Babilônia (Ez 37:11; 33:10), e, do ponto de vista humano, essa declaração era verdadeira. Contudo, se tivessem dado ouvidos a seus profetas, teriam mantido as esperanças no Senhor e olhado para o futuro com grande expectativa. Jeremias lhes havia escrito que ficariam na Babilônia por setenta anos e que os planos de Deus para eles eram de paz e não de mal (Jr 29:10). Ezequiel havia lhes dado as promessas de Deus de que reuniria seu povo e o levaria de volta para sua terra (Ez 11:17; 20:34, 41, 42; 28:25). Diz um provérbio latino que: “Onde há vida, há esperança”, mas o inverso também é verdade: onde há esperança, encontramos motivo para viver. Nas palavras do teólogo suíço Emil Brunner: “A esperança está para o sentido da vida como o oxigênio está para os pulmões”.

Em suas mensagens anteriores, Ezequiel olhou para trás e reprovou o povo por seus pecados. Agora, ele olha para frente e encoraja o povo ao dizer-lhe o que o Senhor fará por Israel no futuro. Essas promessas vão além do fim do cativeiro na Babilônia e prevêem o fim dos tempos. O povo judeu será reunido em sua própria terra, que será purificada e restaurada, e a nação terá um novo templo e a presença da glória do Senhor. O futuro de Israel pode ser resumido em quatro palavras: restauração, regeneração, ressurreição e reunião.

1. RESTAURAÇÃO: A TERRA É SARADA (Ez 36:1-15)

Deus deu a terra de Israel aos judeus como parte da aliança que fez com Abraão (Gn

12:1-3; 13:14-18; 15:7-21). Isso determinava o direito de propriedade da terra, mas sua posse e usufruto dependiam da fé e da obediência do povo (Lv 26). A vida cristã é parecida. Entramos na família de Deus ao crer em Jesus Cristo (Jo 3:16; Ef 2:8, 9), mas desfrutamos a família de Deus ao crer nas promessas do Senhor e fazer sua vontade (2 Co 6:18 - 7:1). Os filhos desobedientes precisam ser disciplinados (Hb 12), e, com freqüência, Deus teve de disciplinar o povo de Israel por causa de sua rebeldia e desobediência.

Ezequiel havia voltado seu rosto contra o monte Seir, que representava a terra de Edom (Ez 35), mas nesta passagem estava se dirigindo aos “montes de Israel”, que representavam a terra de Israel. Os babilônios haviam devastado e saqueado a terra prometida, e as nações vizinhas (especialmente Edom) tentaram se apossar da terra (Ez 36:10). Em vez de socorrer os judeus, os vizinhos os ridicularizaram e chegaram a ajudar os babilônios a saquear a cidade de Jerusalém. Isso porque cultivavam um ódio de longa data contra os judeus e um desejo de se apossar da terra de Israel. “Bem feito!, e também: Os eternos lugares altos são nossa herança” (v. 2).

Mas o Senhor sabia o que os inimigos estavam dizendo e fazendo e resolveu que as decisões deles teriam consequências graves. Por isso encontramos o termo “portanto” cinco vezes nessa seção (v. 3-7). Primeiramente, o fogo do amor zeloso de Deus arderia contra os inimigos de Israel por causa da forma como haviam tratado seu povo e sua terra (vv. 4-6; Lv 25:23). O Senhor jurou (Ez 36:7) que as nações receberiam a retribuição pelo tratamento que haviam dispensado aos judeus. Havia ridicularizado o povo de Deus e escarnecido dele, de modo que eles próprios seriam envergonhados.

Ezequiel descreveu o dia futuro em que a terra seria sarada e voltaria a ter rebanhos abundantes e colheitas fartas (vv. 8, 9). Isso fazia parte da aliança de Deus com Israel (Lv 26:3-5). A terra não apenas seria fértil, mas também seria segura e protegida (Ez 36:10-12). A combinação dos fatores guerra, peste e animais selvagens havia dizimado a

população de judeus (Ez 6:1-8; 7:15; 12:16), mas Deus havia prometido que seriam numerosos como o pó da terra e as estrelas do céu (Gn 13:16; 15:5). Se a nação cumprisse os propósitos de Deus na terra, o povo se multiplicaria.

Deus acusou os montes de Israel de privar os judeus de seus filhos (Ez 36:12-14). Essa pode ser uma referência ao fato de que os santuários pagãos situavam-se nos lugares altos e de que ali alguns judeus ofereceram os próprios filhos a deuses pagãos. Contudo, isso teria fim, pois o exílio na Babilônia havia curado os judeus de sua idolatria, e, no reino futuro, somente o verdadeiro Deus vivo seria adorado. Em Ezequiel 40 - 48, o profeta fala mais sobre a terra restaurada de Israel, quando o Messias estiver reinando no trono de Davi em Jerusalém.

Desde a fundação do Estado de Israel, em 1948, o povo judeu já fez grande progresso em retomar suas terras. Há um bocado de reflorestamento e irrigação, e os lugares desertos estão sendo transformados. Por mais maravilhoso que isso seja, não é nada comparado ao que o Senhor fará quando seu povo vier de todas as partes do mundo e se reunir em sua terra. "O deserto e a terra se alegrarão; o ermo exultará e florescerá como o narciso. Florescerá abundantemente, jubilará de alegria e exultará; deu-se-lhes a glória do Líbano, o esplendor do Carmelo e de Sarom; eles verão a glória do SENHOR, o esplendor do nosso Deus" (Is 35:1, 2).

2. REGENERAÇÃO: O POVO É PURIFICADO (Ez 36:16-38)

O povo judeu esqueceu que a terra pertencia ao Senhor, uma vez que ele disse: "porque a terra é minha" (Lv 25:23). Na verdade, o mundo todo pertence ao Senhor (Ex 19:5; Sl 24:1), e não temos o direito de abusar dos recursos naturais que ele compartilha conosco.

A acusação de Deus contra seu povo (vv. 16-23). Israel era culpado de dois grandes pecados, sendo o primeiro deles a contaminação da terra de Deus (vv. 16-19). Muito antes de os babilônios varrerem o reino de Judá, os pecados dos líderes e do povo haviam

contaminado a chamada "terra santa". Quando os judeus desobedeceram à lei de Deus e se comportaram como as nações pagãs a seu redor, profanaram a terra e romperam a aliança (Lv 18:26-30). Não apenas adoraram ídolos e sacrificaram seus filhos como também derramaram sangue inocente ao acusar falsamente os pobres e necessitados nos tribunais, conduzindo-os à morte. Cada ato de desobediência contaminava a terra ainda mais, até que o Senhor se angustiou tanto com sua rebelião que fez com que a terra os vomitasse, enviando-os para a Babilônia. Em nosso mundo contemporâneo, perguntamo-nos quanto a terra já foi contaminada pelo extermínio de bebês sem culpa alguma, pelo homicídio de pessoas inocentes, inclusive de crianças nas escolas, e pelo descaso geral tanto para com a lei dos homens como para com a lei de Deus.

O segundo pecado deles foi profanar o nome do Senhor diante dos gentios (Ez 36:20-23). Já era terrível terem contaminado a terra que o Senhor havia permitido que desfrutassem, mas além disso profanaram o santo nome de Deus em vez de ser testemunhas piedosas nas terras gentias para onde o Senhor os enviou (vv. 20-23). Haviam imitado os pagãos por tanto tempo que se sentiam em casa no meio deles e adotavam cada vez mais seus costumes. Durante o exílio, houve um remanescente piedoso que permaneceu fiel ao Senhor, mas de modo geral a tendência dos judeus era esquecer sua vocação como povo de Deus. Esse parágrafo diz cinco vezes que os judeus profanaram o nome de Deus diante de pagãos aos quais haviam sido enviados para ser luz (Is 42:6; 49:6). Apesar da desobediência dos judeus, o Senhor lhes deu uma grande oportunidade de apresentar os gentios ao verdadeiro Deus vivo!

Os judeus estavam longe de seu templo, que àquela altura havia sido destruído; também estavam destituídos daquilo que era necessário para sua adoração, mas o Senhor ainda estava com eles e podia ver o que se passava em seu coração. Os judeus haviam blasfemado contra o nome de Deus ao profanar o santuário (Ez 5:11; 22:26), mas

o Senhor havia prometido: “Ihes servirei de santuário, por um pouco de tempo” (Ez 11:16). Haviam profanado os sábados (Ez 22:8; 23:38), mas sabiam que dia era na Babilônia e ainda podiam procurar obedecer a Deus. Ainda tinham a lei e os profetas e podiam meditar na Palavra e louvar ao Senhor. Em vez de santificar o nome de Deus no meio dos pagãos, eles o profanaram por não se separar e não ser testemunhas piedosas. E a igreja de hoje, é muito diferente? Vivemos comprometidos com o Senhor a ponto de o mundo notar e querer saber o que temos a dizer?

O Senhor promete mudar o povo somente porque deseja santificar e glorificar seu nome (Ez 36:22). Nos últimos dias, quando o Senhor reunir os judeus de volta a sua terra, tudo o que fizer por eles será por sua graça e não porque merecem. Deus não lhes deu a terra em função da justiça deles (Dt 9:6) e não lhes restaurará a terra em função de algo bom que tenham feito. Em sua graça, Deus nos dá aquilo que não merecemos, e, em sua misericórdia, ele deixa de nos dar aquilo que merecemos! Tudo o que temos em Cristo vem da graça de Deus (Ef 1:7; 2:8-10) e nos foi dado para a glória de Deus (Ef 1:6, 11, 14).

A transformação que Deus realizará em seu povo (vv. 24-38). Nos últimos dias, quando Deus levar seu povo escolhido de volta à Terra Prometida (v. 24), ele os transformará espiritualmente, pois afinal somente um povo transformado pode desfrutar uma terra transformada. A experiência espiritual descrita nessa passagem ilustra o que acontece com todo pecador que crê em Jesus Cristo.

Primeiramente, Deus os purificará de seus pecados, o que é ilustrado com a “asperção” (vv. 25, 29; 37:23). De acordo com a lei mosaica, todo israelita contaminado precisava ser purificado antes de voltar ao acampamento e às bêncas da comunidade da aliança. Isso era feito banhando-se em água corrente ou sendo aspergido com água preparada para esse fim (Lv 14:1-9; Nm 19; 8:5-7; Hb 10:22). É claro que, de modo algum, a água pode mudar o coração, mas se trata

de uma figura do perdão gratuito que temos pela fé. Deus perdoa os pecadores que crêem por causa da morte de Jesus na cruz (Ef 1:7). Quando os cristãos confessam seus pecados ao Senhor, são purificados em função do sangue de Cristo (1 Jo 1:9).

Em segundo lugar, Deus Ihes dará um novo coração (v. 26). Ezequiel havia falado sobre uma mudança interior (Ez 11:18-20; 18:31), o tipo de mudança que o Senhor almejava que Israel experimentasse antes de entrar na Terra Prometida. “Quem dera que eles tivessem tal coração, que me temessem e guardassem em todo o tempo todos os meus mandamentos” (Dt 5:29). O profeta Jeremias falou da mesma promessa dada por Ezequiel: “Dar-lhes-ei coração para que me conheçam que eu sou o SENHOR; eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus” (Jr 24:7). Jeremias falou da nova aliança que Deus faria com os judeus, uma aliança que não seria escrita em pedra, mas gravada no coração e na mente do povo (Jr 31:31-33; 32:29; ver Is 59:21; Hb 8:8-13). Um “coração de pedra” é um coração que não recebe a Palavra de Deus e que não cultiva o crescimento espiritual (Ez 2:4; 3:7).

Em terceiro lugar, Deus colocará o Espírito Santo dentro deles (v. 27). Esse é o Espírito que realiza os milagres divinos no coração daqueles que crêem na salvação concedida pelo Senhor. Ele nos dá um novo coração e um novo espírito, bem como um novo desejo de amar ao Senhor e de lhe obedecer. O Espírito Santo é dado como água refrescante sobre o solo seco e produz os “frutos do Espírito” em nossa vida (Is 44:3; Gl 5:22, 23). O testemunho do Espírito no coração é prova de que a pessoa pertence à família de Deus (Rm 8:9, 14-17; Ef 1:13, 14). Pelo fato de termos o Espírito de Deus dentro de nós, somos co-participantes da natureza divina (2 Pe 1:1-4) e, portanto, desejamos obedecer à vontade de Deus. É a natureza que determina a conduta. Cães comportam-se como cães porque têm a natureza canina, e o povo de Deus comporta-se como quem pertence a Deus porque tem a natureza divina (1 Jo 3:9). Ezequiel tratará desse dom do Espírito mais adiante, em Ezequiel 37:14 e 39:29.

Em quarto lugar, o Senhor os tomará novamente para si como seu povo (v. 28). Será como uma renovação da aliança, pois eles viverão na terra, o Senhor será seu Deus, e eles serão o povo dele. Será uma conciliação permanente, pois não voltarão a se rebelar contra o Senhor nem a desobedecer à sua vontade.

Em quinto lugar, o Senhor fará a terra florescer (vv. 29, 30, 33-35). De acordo com a aliança que Deus fez com Israel antes de o povo entrar em Canaã, ele concordou em abençoá-los e em suprir suas necessidades, se eles lhe obedecessem (Lv 26:1-13; Dt 28:1-14). Ao ler essas promessas, ficamos admirados das coisas de que os judeus abriram mão quando deixaram de servir a Deus e passaram a servir a ídolos. Contudo, quando Israel entrar no reino prometido, Deus os abençoará e fará com que a terra fique como o jardim do Éden (Ez 36:35). A terra dará suas colheitas, e o povo será enriquecido pelas bênçãos do Senhor. As cidades serão reconstruídas e as ruínas serão removidas. Será uma terra nova e maravilhosa para o povo renovado de Deus. A beleza e a fertilidade da terra serão um testemunho às nações (v. 36).

Em sexto lugar, o povo sentirá aversão a seus pecados (vv. 31, 32). Quando algumas pessoas se lembram de seus pecados, deleitam-se com eles nas profundezas imundas de sua imaginação. Isso mostra que não os julgaram nem se arrependiam deles. Quando os verdadeiros filhos de Deus se lembram de sua desobediência no passado, envergonham-se e enojam-se com aquilo que fizeram ao Senhor, a si mesmos e a outros. "Vós que amais o SENHOR, detestai o mal" (Sl 97:10). "Detestai o mal, apegando-vos ao bem" (Rm 12:9). Uma das evidências da presença do Espírito dentro da pessoa é uma sensibilidade cada vez maior ao pecado e um desejo intenso de afastar-se dele.

A sétima bênção será a comunhão com o Senhor (v. 37). No tempo de Ezequiel, o povo não podia consultar o Senhor nem orar e ser ouvido porque havia pecado em seu coração (Ez 14:1-5; 20:1-3, 30, 31). Deus chegou a dizer ao profeta Jeremias para não

orar pelo povo (Jr 7:16; 11:14; 14:11). Contudo, dentro da nova aliança, o povo teria comunhão com o Senhor e poderia orar a ele.

A oitava bênção é a multiplicação da população (vv. 37, 38). Como no capítulo 34, Deus retrata seu povo como um rebanho de ovelhas, e todo pastor quer ver seu rebanho aumentar. A população de judeus havia sido extremamente reduzida durante a invasão babilônica, mas Deus abençoaria seu povo e faria com que fossem férteis e se multiplicassem (ver vv. 12, 13). Essa passagem apresenta o retrato de homens indo a Jerusalém para a festa anual da Páscoa, levando consigo animais para os sacrifícios. O números de animais em Jerusalém aumentava de modo expressivo nessas ocasiões, e era a assim que o povo judeu cresceria em seu reino.

Por fim, como resultado de todas essas bênçãos, o Senhor será glorificado. Israel não glorificou a Deus em sua terra nem no templo, assim como também não o glorificaram nos países nos quais foram dispersos. Mas virá o dia em que Deus será glorificado por seu povo, e a glória do Senhor voltará à terra.

Todo cristão nascido de novo vê aqui um paralelo com sua própria experiência de fé em Cristo. O Senhor nos lavou (1 Co 6:9-11), nos deu um novo coração e colocou seu Espírito Santo dentro de nós e, por causa disso, devemos ter ódio santo do pecado. Temos o privilégio da comunhão com Deus e podemos orar por nossas necessidades; também temos dentro de nós o desejo de fazer a vontade de Deus. O Senhor quer tornar nossas vidas abundantemente produtivas para que glorifiquemos seu nome. Deus fez de nós co-participantes de sua nova aliança (Hb 8; 10), de modo que nossa união com ele em Cristo é eterna e inalterável. Aleluia, que Salvador maravilhoso!¹²

3. RESSURREIÇÃO: A NAÇÃO RENASCE (Ez 37:1-14)

Ezequiel havia transmitido ao povo a promessa do Senhor de restaurar a terra e de regenerar seu povo. Mas e quanto à nação, em si, uma nação dividida (Israel e Judá), sem rei nem templo? O remanescente voltaria

para a terra devastada e reconstruiria o templo e a cidade, mas nenhuma das bênçãos prometidas por Ezequiel se cumpriria naquele tempo. Isso porque o profeta Ezequiel estava olhando pelo túnel do tempo e vendo o fim das eras, quando Jesus, o Messias, voltará e tomará seu povo para si. Ezequiel disse ao povo que, um dia, a nação que estava morta tornaria a viver e a nação dividida seria reunida.³

O ossos secos (vv. 1-3). No começo do ministério de Ezequiel, o Espírito o transportou até junto ao rio para que se assentasse no meio dos cativos desanimados (Ez 3:14ss). Mais tarde, através de visões, o Espírito levou-o até Jerusalém (Ez 8:3ss), para a porta do templo, e então de volta à Babilônia (Ez 11:1, 24). Nessa passagem, o Espírito conduziu-o até um vale cheio de ossos branqueados ao sol e espalhados pelo chão, esqueletos de cadáveres há muito decompostos e devorados pelas aves e animais carniceiros. Eram ossos de pessoas que haviam sido aniquiladas (Ez 37:9), possivelmente de soldados do exército judeu (v. 10).

Era humilhante o corpo de um judeu não ser lavado, envolto em faixas e sepultado com dignidade numa cova ou túmulo. Esses corpos haviam sido deixados no campo de batalha para que a carne se tornasse alimento para os urubus e para que os ossos fossem branqueados ao sol. Na aliança que o Senhor havia feito com Israel, havia lhes advertido que seus pecados os conduziriam a tais situações vergonhosas. “O SENHOR te fará cair diante dos teus inimigos [...]. O teu cadáver servirá de pasto a todas as aves dos céus e aos animais da terra; e ninguém haverá que os espante” (Dt 28:25, 26). Jeremias estava pregando a mesma mensagem em Jerusalém: “[Eu, o Senhor,] entregá-los-ei nas mãos de seus inimigos e nas mãos dos que procuram a sua morte, e os cadáveres deles servirão de pasto às aves dos céus e aos animais da terra” (Jr 34:20).

O Senhor disse a Ezequiel para andar no meio dos ossos a fim de ter uma idéia de sua grande quantidade e de como estavam secos. Como sacerdote, Ezequiel não devia jamais ser contaminado pelos mortos, mas

se tratava de uma visão e, portanto, não era imunda. O profeta devia estar se perguntando o motivo de Deus lhe dar tal visão, mas a pergunta do Senhor lhe serviu de resposta: “Poderão reviver estes ossos?” Do ponto de vista humano, a resposta era negativa, mas do ponto de vista divino, nada é impossível. É Deus quem “vivifica os mortos e chama à existência as coisas que não existem” (Rm 4:17). A réplica de Ezequiel não questionou o poder de Deus, mas apenas expressou a convicção do profeta de que Deus sabe o que faz e de que é poderoso para fazê-lo.

O exército morto (vv. 4-8). Ezequiel havia profetizado para os montes (Ez 6:2; 36:1) e para as florestas (Ez 20:47), e aqui recebe a ordem de profetizar para ossos mortos. A Palavra de Deus “é viva, e eficaz” (Hb 4:12); ela não apenas tem vida, mas também dá vida (1 Pe 1:23). “As palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida” (Jo 6:63). A palavra de ordem de Deus em Ezequiel 37:4 é seguida de sua palavra de promessa nos versículos 5 e 6. Ezequiel creu na promessa e obedeceu à ordem. Então, os esqueletos recobriram-se de carne e de pele, de modo que parecia haver um exército adormecido no fundo do vale. Só faltava uma coisa aos corpos: vida.

O exército vivo (vv. 9-14). Deus ordenou que Ezequiel profetizasse ao vento e instruiu-o sobre o que devia dizer. Na língua hebraica, a palavra *ruah* pode significar vento, fôlego, espírito ou Espírito. Jesus usou essa multiplicidade de significados ao falar a Nicodemos sobre o vento que sopra e o novo nascimento pelo Espírito (Jo 3:5-8). Também encontramos aqui uma referência à criação de Adão em Gênesis 2. Em sua criação, Adão não tinha vida até que recebeu o fôlego de Deus (Gn 2:7). Quando Ezequiel proferiu a Palavra viva de Deus, o fôlego (“espírito”) de Deus entrou nos corpos, e eles adquiriram vida e colocaram-se em pé.

Então, o Senhor explicou o significado da visão. Os ossos secos representavam a nação toda, tanto Israel quanto Judá, uma nação dividida e morta, como ossos secos num campo de batalha. A situação de Israel

parecia impossível, “mas para Deus tudo é possível” (Mt 19:26). Virá o dia em que a Palavra viva de ordem divina chamará seu povo das “covas”, as nações nas quais foi disperso pelo mundo afora (Ez 37:21; Jr 31:8; Mt 24:31). Os filhos de Israel se reunirão, mas a nação não terá vida espiritual até que veja seu Messias, creia nele e receba o dom do Espírito Santo vivificador (Ez 39:29; Zc 12:9 – 13:1). A nação nascerá – e renascerá – “num só dia” (Is 66:7-9).⁴

Sem dúvida, essa visão tem uma aplicação espiritual para qualquer indivíduo ou ministério que precise de nova vida de Deus. Com freqüência excessiva, o povo de Deus é como aquele exército efetivo que parece ter vida, mas está morto. De que maneira ocorre a vivificação? Por meio do Espírito Santo usando a proclamação fiel da Palavra de Deus. Como disse Charles Spurgeon: “As igrejas decrépitas podem certamente ser reavivadas pela pregação da Palavra, acompanhada do sopro celeste vindo dos quatro ventos”.⁵ De tempos em tempos, em resposta às orações de seu povo, aprouve ao Senhor enviar um novo “sopro de vida” a sua Igreja e a seus servos, e é por essa bênção que devemos pedir em oração no dia de hoje.

4. REUNIÃO (Ez 37:15-28)

A nação de Israel foi um povo unido até depois da morte de Salomão. As políticas insensatas e arrogantes de seu filho dividiram o reino em 931 a.C., sendo que dez tribos formaram o reino de Israel, ao norte (também chamado de Efraim ou Samaria), e as tribos de Judá e Benjamim constituíram o reino de Judá, ao sul. O reino do Norte não demorou a entregar-se à idolatria e à apostasia, e em 722 a.C. foi tomado pelos assírios, mas Judá teve alguns reis piedosos e manteve a linhagem de Davi e o ministério no templo. Contudo, perto do fim da história política de Israel, a nação foi governada por alguns reis extremamente perversos e voltou a cair em idolatria e incredulidade. Por fim, o Senhor trouxe o exército da Babilônia para disciplinar seu povo. Hoje em dia, existe um Estado político de Israel, mas a maioria

do povo judeu encontra-se dispersa entre as nações.

Este é o último “sermão prático” de Ezequiel. O profeta pegou dois pedaços de madeira, cada um representando uma das divisões dos judeus como nação. Num deles Ezequiel escreveu “Para Judá” e no outro, “Para José”. Como um artista diante de seu público, o profeta anunciou que os pedaços de madeira se tornariam um só em suas mãos – e foi o que aconteceu! O povo viu o que ele fez, mas não entendeu o que ele queria dizer com aquilo. Ezequiel explicou que o Senhor reuniria o povo num só lugar, sua própria terra – Israel. Deus faria deles uma só nação, obediente a um rei e (mais importante de tudo) adoradora de um só Deus. Não haveria mais ídolos nem desobediência à lei do Senhor.

Mas o que manteria o povo unido? Em primeiro lugar, o Senhor os purificaria e renovaria sua vida espiritual para que não tivessem mais ambição de competir entre si. Antigas invejas e inimizades deixariam de existir (Is 11:13) e, juntos, Israel e Judá se humilhariam e buscariam o Senhor (Jr 50:4; Os 11:1). Outro fato é que seu rei seria o Messias e ele iria pastoreá-los com amor e graça. Seria “seu príncipe eternamente” (Ez 37:25) e serviria como Príncipe da Paz (Is 9:6).

Em terceiro lugar, o Senhor organizaria e abençoaria a terra de tal modo que a nação seria uma só (Ez 37:25). O capítulo 45 explica isso em mais detalhes. A nação seria governada por uma “aliança de paz” (Ez 37:26; 34:22-25), que é a “nova aliança” sobre a qual Jeremias escreveu em Jeremias 31:31-34. Contudo, o cerne da unidade nacional será o novo templo (Ez 37:26-28), onde habitará a glória de Deus. No tempo em que estavam no deserto, os israelitas contavam com o tabernáculo para unir o acampamento de Israel, sendo que a cada tribo foi designado um lugar específico para armar suas tendas. O templo em Jerusalém também era uma fonte de unidade, pois três vezes por ano os homens tinham de ir a Jerusalém celebrar as festas, e o povo só podia oferecer sacrifícios no templo.

Nos capítulos 40 a 48, Ezequiel entra em detalhes ao descrever o futuro templo e seus ministérios. Deus o chamou de “meu tabernáculo” (Ez 37:27), pois a palavra hebraica significa “um lugar de habitação”.⁶ A presença de Deus com seu povo santificará a terra, o templo e a nação, conforme ele prometeu em sua aliança (Lv 26:11-12). As nações da Terra virão adorar ao Senhor com o povo de Israel (Is 2:1-5), e a Terra “se encherá do conhecimento da glória do SENHOR, como as águas cobrem o mar” (Hc 2:14).

Quer sejam os Filhos de Israel ou os santos da Igreja, Deus quer que seu povo seja unido. “Oh! Como é bom e agradável verem unidos os irmãos!” (Sl 133:1). Paulo

instou os cristãos de Corinto a cultivar a união na igreja (1 Co 1:10) e exortou os cristãos efésios: “[esforçai-vos] diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Ef 4:3). Algumas vezes, é preciso oração, sacrifício e paciência para manter a unidade do povo de Deus, mas é importante que o façamos. Jesus orou pedindo que seu povo fosse um e que tornasse manifesta para os perdidos do mundo a união entre Cristo e sua Igreja e entre os cristãos da igreja local (Jo 17:20-23). Uma igreja dividida não é forte e nem serve para dar testemunho da graça e glória de Deus. Como povo de Deus em nossos dias, precisamos do vento fresco do Espírito para nos dar nova vida de Deus e novo amor uns pelos outros.

1. “Contaminado” significa “cerimonialmente contaminado” pelo contato com alguém ou algo imundo. Ver Levítico 11 a 15.
2. O paralelo entre a experiência espiritual presente do cristão e a experiência espiritual futura dos judeus como nação não deve nos levar a concluir que essas promessas do Antigo Testamento aplicam-se à igreja. Seja para um judeu do Antigo Testamento, para um cristão do Novo Testamento ou para um futuro cidadão judeu do reino messiânico, a regeneração é sempre a mesma. Trata-se de uma obra do Espírito em resposta à fé salvadora e é um milagre de Deus.
3. Há um paralelo interessante entre Ezequiel 37 e Efésios 2, pois esses dois capítulos tratam da ressurreição e da reconciliação. Paulo fala de pecadores mortos que são ressuscitados (Ef 2:1-10) e de judeus salvos e gentios reconciliados em um só corpo, a Igreja (vv. 11-22). Fica evidente, porém, que o enfoque de Ezequiel é sobre a relação de Deus com a nação de Israel e não sobre a salvação de cristãos como indivíduos.
4. É um equívoco interpretar essa visão como um anúncio da volta do remanescente da Babilônia ou mesmo como o surgimento de uma nação israelita. O Estado de Israel da atualidade é como um exército efetivo, porém sem vida, e não houve um grande retorno dos judeus para a Terra Santa. O cumprimento dessa visão ainda está por vir.
5. *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, v. 10, p. 426.
6. O termo hebraico *shakan* significa “habitar”, daí temos a expressão “glória *shekinah*”, a glória de Deus habitando em seu santuário.

DEUS PROTEGE A NAÇÃO

EZEQUIEL 38 – 39

Muitos estudiosos da Bíblia consideram esta seção de Ezequiel uma das passagens proféticas mais difíceis das Escrituras e não apresentam um consenso quanto a suas interpretações. Alguns identificam essa invasão com a batalha do Armagedom descrita em Apocalipse 16:13-16 e 19:11-21, mas os contrastes entre esses dois acontecimentos são óbvios demais.¹ Outros vêem Ezequiel 38 e 39 como uma descrição de uma “batalha ideal” que dava aos judeus no exílio a certeza de que Deus tinha poder para proteger seu povo. Ainda que certamente haja tal segurança, essa abordagem não explica os muitos detalhes registrados nestes dois capítulos. Abordaremos estes capítulos partindo do pressuposto de que descrevem acontecimentos reais.

A referência a “Gogue e Magogue”, em Apocalipse 20:7-9, levou alguns estudiosos a situar essa invasão depois do milênio, mas essa interpretação também tem seus problemas. O exército descrito no versículo 8 virá dos quatro cantos da Terra, enquanto o exército de Gogue será constituído de homens de seis nações, e sua invasão virá do Norte. Além disso, se fogo do céu consumiu o exército mencionado no versículo 8, então que necessidade haveria de passar sete meses enterrando os corpos e sete anos (até a eternidade?) queimando as armas? É provável que as palavras “Gogue e Magogue” sejam usadas para relacionar os dois acontecimentos proféticos sem, no entanto, igualá-los. Tanto Ezequiel quanto João descrevem ataques contra Jerusalém e contra os judeus, e em ambos os casos o Senhor livra seu povo miraculosamente.

Um possível cenário. Antes de estudar Ezequiel 38 a 39, devemos recapitular a “situação profética” anterior a essa invasão da Terra Santa. O próximo evento crítico no cronograma profético de Deus é o arrebatamento da Igreja, acontecimento que ocorrerá a qualquer instante (1 Ts 4:13-18). Jesus Cristo virá nos ares e chamará seu povo para estar com ele no céu. Segundo Daniel 9:24-27,² a nação de Israel fará um acordo com o líder de uma coalizão européia de dez nações para proteger os judeus durante sete anos, a fim de que possam reconstruir seu templo em Jerusalém. Não sabemos exatamente quanto tempo haverá entre o arrebatamento da Igreja e a assinatura dessa aliança. É a oficialização dessa aliança que desencadeia o período de sete anos de tribulação descrito em Mateus 24:1-28 e Apocalipse 6 – 19.

Depois de três anos e meio, esse líder europeu surgirá como o anticristo (a Besta). Ele romperá a aliança com Israel, colocará sua própria figura no templo judeu e tentará forçar o mundo a adorá-lo e lhe obedecer (Dn 9:27; 2 Ts 2:1-12; Mt 24:15; Ap 13). Nos últimos três anos e meio do período de tribulação, o mundo experimentará a “ira de Deus”, e o período culminará com a volta de Cristo à Terra para derrotar Satanás e a Besta e estabelecer seu reino. É nessa ocasião que ocorrerá a batalha do Armagedom.

Se essa é a seqüência correta dos acontecimentos proféticos, então, durante a primeira metade do período de tribulação, Israel estará em sua terra protegido pelo líder político mais forte do mundo. Será um tempo de paz e de segurança, no qual as outras nações não ameaçarão os judeus (Ez 38:8, 11, 14). Uma vez que não sabemos quanto tempo se passará entre o arrebatamento da Igreja e a assinatura dessa aliança, é possível que os judeus e esse poderoso líder europeu completem as negociações logo depois de os santos terem sido levados da Terra. Não temos certeza de quanto tempo levará para Israel reconstruir o templo, mas ele estará completo no meio desse período de sete anos. É nesse momento que o poderoso líder europeu romperá a aliança, se

revelará como o homem da iniqüidade e colocará sua própria imagem no templo.

Talvez seja mais fácil compreender a invasão descrita nos capítulos 38 e 39 tendo em mente esse possível cenário.

1. ANTES DA INVASÃO (Ez 38:1-13)

O líder desse exército chama-se Gogue, governante de “Magogue”, que significa “terra de Gogue”. Esse lugar situava-se entre os mares Negro e Cáspio. O título “príncipe de Rôs” refere-se a um lugar ainda não identificado. Contudo, se a tradução “príncipe de Rôs” está correta, então esse homem governará sobre Rôs, Meseque e Tubal. Esses dois últimos lugares situam-se na região leste da Ásia Menor, juntamente com Gômer e Togarma.³ Os aliados do príncipe Gogue serão a Pérsia (Irã), Cuxe (a antiga Etiópia), Pute, Gômer e Togarma, ambos próximos ao mar Negro.

Uma vez que todas essas nações, com exceção de Pute, da Etiópia e da Pérsia, ficam ao norte de Israel, é tentador identificar Rôs com a Rússia e, portanto, Meseque com Moscou e Tubal com Tobolsk, ambas cidades russas. Contudo, teríamos dificuldades de defender essa idéia em termos lingüísticos. Isso não elimina a participação da atual Rússia, uma vez que esta se encontra ao norte (vv. 6, 15; Ez 39:2), mas também não a torna obrigatória.

O profeta encoraja seus ouvintes (e leitores) ao contar-lhes o fim da história antes mesmo de começá-la: Deus derrotará o imenso exército de coalizão e salvará seu povo, Israel, em sua terra (Ez 38:3, 4a). Essa invasão só ocorrerá “depois de muitos dias [...] no fim dos anos” (v. 8), num tempo em que Israel estiver desfrutando paz e segurança sob a proteção do líder político que assinou a aliança. O príncipe Gogue e seus aliados vão encarar Israel como um alvo fácil, por não levar em consideração a proteção do Deus de Jacó.

Isso levanta uma pergunta desconcertante: por que Gogue e seus aliados atacariam Israel sabendo que uma poderosa aliança de dez nações européias prometeu proteger os judeus indefesos? O propósito manifesto,

nos versículos 12 e 13, é tomar a riqueza da terra de Israel, propósito comprehensível para outras nações. Mas, se nosso possível cenário está correto, talvez essas nações também queiram impedir a construção do templo judeu. As nações citadas são identificadas com o Islã e iriam querer proteger o “Domo da Rocha”, monumento muçulmano venerado⁴ que se encontra no lugar do templo há séculos.⁵

Seja qual for o raciocínio do príncipe Gogue, fica claro que é o Senhor que traz esse exército (vv. 4, 16, 17). O príncipe Gogue acredita ser o autor de todo o plano (vv. 10, 11), mas é Deus quem está no controle. A coalizão do Norte entra na terra de Israel confiando na vitória, mas está caindo numa armadilha.

2. DURANTE A INVASÃO (Ez 38:14 – 39:8)

Em várias ocasiões, Israel sofreu o ataque de inimigos do Norte, inclusive a Assíria, a Babilônia e os heteus. O príncipe Gogue e suas hordas arremetem do Norte “como nuvem, para cobrir a terra”, totalmente ignorantes de que o Deus de Israel já intenou sua destruição. As decisões feitas nos conselhos de guerra de Magogue estão de acordo com a vontade do Senhor, que planejou essa invasão para cumprir seus propósitos.⁶ De modo algum Deus viola a liberdade deles de pensar e de decidir, mas prevalece sobre as decisões de Gogue de acordo com seus propósitos, exatamente como fez com a Babilônia (Ez 21:18-24). “A sorte se lança no regaço, mas do SENHOR procede toda decisão” (Pv 16:33). “Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do SENHOR; este, segundo o seu querer, o inclina” (Pv 21:1).

O que se passará na mente do líder da coalizão européia quando essa guerra não declarada começar? Sem dúvida, um homem tão inteligente quanto ele saberia que essas nações estavam se mobilizando.⁷ Uma vez que acabou de entrar numa aliança de sete anos com Israel, deve agir para protegê-los, mas também pretenderá usar a crise da melhor maneira possível para promover seus próprios interesses. Afinal, concordou em

proteger Israel para que, um dia, pudesse usar o templo deles para seus propósitos perversos. Talvez empregue Gogue e seus aliados para apressar o dia em que ele se tornará o ditador do mundo.

Contudo, antes que o líder europeu tenha tempo de agir, Deus intervirá com sua ira zelosa e exterminará as forças invasoras! Primeiramente, ele causa um terremoto sentido no mundo todo (Ez 38:19, 20). Esse terremoto não parece se encaixar com nenhum dos descritos no Livro de Apocalipse (Ap 6:12; 8:5; 11:13, 19; 16:18), mas em alguns lugares da Terra os estragos serão terríveis. O tremor da terra de Israel causará pânico no exército invasor, e os homens começarão a matar uns aos outros. Então, Deus enviará chuva, granizo, fogo e enxofre do céu bem como uma praga sobre o exército, o que dará cabo da invasão, deixando para trás tantos cadáveres que levará sete meses para enterrar todos eles (Ez 39:12).

A descrição da derrota, no capítulo 38, concentra-se no exército, mas em Ezequiel 39:1-8, o enfoque é sobre o príncipe Gogue, de Magogue, líder do exército. O versículo 2 mostra como é Deus quem traz o príncipe Gogue para a terra e permite que ele tente atacar o povo de Israel. “Far-te-éi que te volvas e te conduzirei, far-te-éi subir dos lados do Norte e te trarei aos montes de Israel” (Ez 39:2).

Deus não apenas conduz o príncipe, mas também o desarma, de modo que ele se vê impotente diante de seu inimigo (v. 3). Em vez de matarem os judeus, os soldados de Gogue é que são mortos e tornam-se alimento para os abutres e as feras do campo. Contudo, Deus não pára por aí em seu juízo contra os exércitos invasores de Israel. Também manda um juízo de fogo sobre a terra de Magogue (v. 6)!

No versículo 23, o Senhor apresenta três motivos para conduzir Gogue e seus exércitos a Israel e depois derrotá-los de maneira tão dramática. Primeiramente, essa vitória revelará a grandeza do Senhor quando ele demonstrar seu poder diante das nações (v. 23). Não há evidência alguma de que as

forças israelitas confrontarão, em algum momento, o exército invasor. O Senhor intervém com armas que nenhum general na Terra poderia usar – chuva, granizo, fogo e enxofre do céu! Na realidade, o exército invasor fica descontrolado e derrota a si mesmo! Essa vitória também revelará sua *santidade* ao julgar os pecados do líder de Magogue e tratar de sua inimizade contra os judeus. A riqueza da terra santa pertence ao Senhor, e ele a compartilha com seu povo, Israel, sendo que as outras nações não têm direito algum de explorá-la.⁸ Em terceiro lugar, a vitória tornará Jeová *conhecido* às nações gentias, e o mundo verá que o Deus de Israel é o único e verdadeiro Deus vivo.

No entanto, talvez a razão mais importante seja apresentada em Ezequiel 39:7: para que *Israel reconheça a santidade de Deus e seja convencida de seus próprios pecados*. Durante o tempo em que ficaram dispersos entre as outras nações, os judeus profanaram o nome do Senhor (Ez 36:19-23). Deus os reuniu em sua terra, mas ainda não são um povo convertido, pois, se fossem, confessariam a santidade e a grandeza de Deus. Só abominarão seus pecados, depositarão sua fé em Cristo e se tornarão um povo regenerado quando virem o Messias (Ez 37:25-38). Contudo, essa grande vitória será o início de sua experiência espiritual com o Senhor. Tanto Israel quanto as nações saberão que Jeová é o Santo de Israel. Será que, no difícil período de tribulação, o povo judeu se lembrará da grande vitória de Deus sobre os invasores? Ela estimulará sua fé? Algum dos gentios se lembrarão e se voltarão para Deus?

Somos tentados a especular sobre a reação do líder europeu a esses acontecimentos extraordinários. Assim que ele garante proteger Israel, uma coalizão de nações invade a Palestina, e não há nada que ele possa fazer. Talvez ele diga que as “forças da natureza” estão sob seu controle! Pelo menos, os judeus conseguiram construir seu templo sem a interferência das nações vizinhas. O Senhor dá ao anticristo aquilo que ele quer, mas no fim tudo isso se combina e causa a destruição do líder mundial.

3. DEPOIS DA INVASÃO (EZ 39:9-29)

A destruição súbita desse grande exército deixou para traz uma profusão de cadáveres, bem como uma grande quantidade de equipamento militar. O texto não diz quanto estrago a tempestade enviada por Deus causou, mas fica claro que a terra precisava ser limpa.

A limpeza da terra (vv. 9-16). O povo das cidades de Israel ajunta e queima as armas e suprimentos deixados pelo exército de Gogue. O equipamento militar antigo descrito nessa passagem inclui escudos, paveses (escudos pequenos), arcos, flechas, bastões e lanças. Não são as armas de um exército moderno, mas Ezequiel usou uma linguagem que o povo poderia compreender.⁹ Se tivesse escrito sobre aviões a jato e mísseis, não teria sido um bom comunicador. Os equipamentos abandonados serão tantos que o povo os utilizará como combustível durante sete anos.

Mas, supondo que se tratem de armas de madeira, vão durar tanto tempo? É possível que tantas pessoas aqueçam seus lares, fábricas e lugares de trabalho durante sete anos queimando arcos, flechas, bastões, lanças e escudos? E o povo de Israel, no futuro, usará lareiras e fogões a lenha para aquecer suas casas e edifícios? Os soldados mortos não teriam tornado a maior parte dessas armas cerimonialmente imundas? A queima de todo esse equipamento significa, simplesmente, que os judeus não o guardaram para seu próprio uso e que o destruíram para que ninguém mais usasse essas armas. Gogue e seu exército foram saquear e despojar Israel, mas no fim foi Israel que os saqueou e despojou!

No entanto, a terra também precisa ser purificada de todos os cadáveres. O fato de os judeus mostrarem respeito para com seus inimigos e de darem aos mortos um sepultamento decente é um testemunho de sua bondade. É evidente que esses cadáveres expostos profanam a terra, de modo que será necessário removê-los o mais rápido possível, mas ainda assim, são precisos sete meses para terminar esse trabalho. Mesmo depois disso, uma equipe especial de trabalhadores

continuará procurando cadáveres ou ossos que tenham passado despercebidos. É provável que a cidade de Hamona (que significa “Forças”, numa referência às “forças” de soldados mortos) seja estabelecida como centro de controle dessa operação de limpeza. A nação de Israel celebrará esse dia de grande livramento e talvez até o transforme numa celebração anual para a glória de Deus (v. 13).

Onde fica o cemitério dessa imensa horda de soldados mortos? Os túmulos ficam em Israel, num local por onde passam viajantes (v. 11). Na verdade, há tantos cadáveres que a operação de sepultamento pára o trânsito. Alguns estudiosos acreditam que esse local de sepultamento será a leste do mar Morto, numa região conhecida como “Vale dos Viajantes”. Seu novo nome será “Vale das Forças de Gogue”.

O convite para o banquete (vv. 17-20).

Nem todos os corpos podem ser sepultados imediatamente, de modo que aves a animais carniceiros deliciam-se com um banquete a convite do Senhor (os ossos deixados para trás são sepultados; ver v. 15). Esse convite para um banquete é uma figura que aparece na Bíblia com freqüência para retratar o juízo de Deus e sua vitória sobre seus inimigos. Isaías usa essa ilustração para a vitória de Deus sobre Edom (Is 34:6), Jeremias, para a vitória de Deus sobre o Egito (Jr 46:10) e Sofonias, para Deus tratando com Judá (Sf 1:7, 8). Um convite semelhante é feito depois da batalha do Armagedom (Ap 19:17-21). A derrota de Gogue e de seus aliados é tão humilhante que o Senhor refere-se a seus oficiais como carneiros, cordeiros, bodes e novilhos! Entraram em Israel com arrogância, como soldados orgulhosos, mas são sepultados como animais abatidos. Assim é a grandeza efêmera do homem.

A compaixão do Senhor (vv. 21-29).

Deus destruiu o exército invasor não apenas para proteger seu povo, mas também para demonstrar sua glória diante dos gentios. O milagre também serviu de lembrança aos judeus que tinham voltado havia pouco para sua terra (vv. 27, 28) de que somente Jeová é o Senhor. O fato de os judeus reconstruírem

seu templo é evidência de sua fé no antigo sistema religioso, o que não é a mesma coisa que ter fé no Messias, Jesus Cristo. Essa experiência de livramento os faz lembrar das muitas vezes em que seus antepassados foram miraculosamente libertos pelo Senhor, conforme registrado nas Escrituras.

Contudo, a vitória sobre Gogue e suas hordas é um testemunho às nações gentias a respeito de Israel (vv. 23, 24). Ela lhes diz que os judeus são, de fato, o povo de Deus disciplinado pelo Senhor no passado, mas que está destinado a ser seu reino. Um dia, essa nação rebelde será purificada e perdoadas, e o Senhor derramará seu Espírito sobre seu povo. Isso acontecerá quando virem

seu Messias, se arrependerem de seus pecados e crerem nele para receber a salvação.

As nações gentias e o povo de Israel passam por grande sofrimento durante os sete anos de tribulação. Contudo, o Senhor, em sua misericórdia, marca cento e quarenta e quatro mil judeus para formar o núcleo de seu reino prometido e também salva uma grande multidão de gentios para participar desse reino com eles (Ap 7). O último templo construído por Israel é profanado pelo anticristo e, por fim, é destruído. Porém, Deus promete a seu povo uma nova terra e um novo templo, os quais Ezequiel descreve para nós nos capítulos de encerramento de seu livro.

-
1. Ezequiel descreve uma coalizão de seis nações invadindo do Norte (Ez 38:6, 15; 39:2), enquanto a batalha do Armagedom envolve todas as nações dos quatro cantos da Terra (Ap 20:8). Antes de Gogue e de suas hordas poderem fazer alguma coisa, o Senhor atacará com peste, granizo e enxofre, e os soldados lutarão uns contra os outros (Ez 39:17-23), enquanto o exército do Armagedom é destruído pelo Senhor em sua vinda (Ap 19:11-21). Leva sete meses para sepultar os cadáveres da invasão de Gogue (Ez 39:12), mas o exército do Armagedom é aniquilado (Ap 20:9). Gogue lidera os exércitos que invadem Israel a fim de tomar suas riquezas (Ez 38:7, 12), mas o exército do Armagedom é liderado pela Besta (Ap 19:19). O exército de Gogue não tem oportunidade de fazer qualquer estrago, mas o exército do Armagedom causa danos antes de o Senhor descer para conquistá-lo (Zc 14:1-9).
 2. Para uma interpretação das profecias de Daniel, ver minha obra *Be Resolute* (Chariot Victor).
 3. Esses nomes não são simbólicos; pertencem a pessoas reais que fundaram nações com seus nomes. Ver Gênesis 10:1-7; 1 Crônicas 1:5-7; Ezequiel 27:13-24; 32:26.
 4. Apesar de ser chamado com freqüência de “Mesquita de Omar”, em termos técnicos esse edifício não é uma mesquita, mas sim um monumento.
 5. Mesmo que arqueólogos descubram que o templo judeu ficava em outro lugar, é bem provável que as nações islâmicas prefiram que o templo não seja reconstruído em Jerusalém.
 6. Qual dos profetas além de Ezequiel predisse a invasão da terra por essas nações (v. 17)? Talvez não se trate de uma referência a profecias específicas, mas sim ao fato de que Deus sempre prometeu castigar as nações que atacassem Israel. Essa garantia da aliança com Abraão (Gn 12:1-3) é demonstrada com freqüência nas Escrituras.
 7. Ezequiel descreveu a invasão usando uma linguagem que o povo do mundo antigo pudesse entender. Se tivesse empregado termos militares modernos, não comunicaria mensagem alguma.
 8. O texto não diz que riqueza é essa, mas a riqueza mineral do mar Morto é imensa. Contudo, ver Joel 2:1-8. Ao mesmo tempo, a declaração do príncipe de Magogue de seu interesse nas riquezas de Israel pode ser uma mentira. É possível que, na verdade, ele quisesse o controle da terra para seus aliados muçulmanos, ou talvez desejasse evitar que o líder europeu assumisse todo o poder.
 9. Alguns autores sugerem que um desarmamento mundial faria com que Gogue e seu exército precisasse usar armas antigas e montar cavalos. Mas armas antigas e cavalaria não servem para ataques surpresa em um mundo equipado com satélites, Internet, radares e repórteres de televisão!

13

A GLÓRIA NO TEMPLO

EZEQUIEL 40 – 48

Ezequiel descreveu a volta do povo judeu a sua terra, a purificação de Israel e a restauração da produtividade e da segurança da terra. Contudo, para que o quadro esteja completo, deve garantir-lhes que seu amado templo e seus ministérios serão restaurados, pois a presença da glória de Deus no templo era o que separava Israel de todas as outras nações (Rm 9:4). Nos nove últimos capítulos de seu livro, Ezequiel descreve, em detalhes, o novo templo e seu ministério, as novas fronteiras das tribos na terra e a volta da glória de Deus a Israel.

1. A INTERPRETAÇÃO DO NOVO TEMPLO

Durante séculos, eruditos dedicados ao estudo da Bíblia, tanto judeus quanto cristãos, têm encontrado dificuldades para interpretar a visão descrita nesses capítulos e ainda estão longe de um consenso satisfatório. Esses estudos deram origem a pelo menos quatro perspectivas, sendo que todas elas têm seus pontos fortes e fracos.

Ezequiel descreveu a “adoração ideal” para o povo de Deus. Rejeitando a idéia de que um templo literal será construído em Israel, esse ponto de vista espiritualiza a visão que Deus deu a Ezequiel e procura aplicá-la à Igreja de hoje. O templo representa a presença gloriosa de Deus no meio de seu povo, e as portas referem-se ao livre acesso que o povo tem ao Senhor. O rio que sai do templo retrata o fluxo das bênçãos de Deus da Igreja para o mundo, aprofundando-se cada vez mais e transformando o deserto num jardim. Os argumentos em favor dessa idéia concentram-se na obra acaba de Cristo e no fim da antiga aliança.

Em função da morte e ressurreição de Cristo e de seu atual ministério como Sumo Sacerdote, não precisamos mais de templos terrenos, sacerdotes e sacrifícios. A nova aliança da graça tomou o lugar da antiga aliança da lei, e voltar à antiga aliança é rejeitar as mensagens de Gálatas e de Hebreus. Essa interpretação é apresentada especialmente por aqueles que fazem parte da escola amilenista e que também espiritualizam as profecias do Antigo Testamento para Israel. Crêem que não há futuro para Israel como nação, inclusive para o estabelecimento de um reino aqui na Terra.¹

No entanto, essa abordagem apresenta alguns problemas, sendo que um dos mais importantes é a presença de tantos detalhes nesses capítulos. Se o Senhor queria que Ezequiel simplesmente descrevesse a “adoração espiritual ideal” para a igreja de hoje, não seria necessário dar as medidas das paredes, átrios e construções. O uso que o profeta faz de figuras relacionadas ao templo não é problema para nós, pois Ezequiel era um sacerdote, e o povo judeu entendia essa linguagem, mas qual o motivo de tantos detalhes? Devemos ignorá-los ou procurar compreendê-los e aplicá-los? Nesse último caso, qual é seu significado para a adoração espiritual de hoje? Além disso, por que Ezequiel deixa de fora tantos elementos importantes dos padrões de adoração do Antigo Testamento? O templo de Ezequiel não tem arca, nem altar de ouro do incenso, nem candelabro, nem mesa para o pão e tampouco véu ou sumo sacerdote. Inclui apenas três dos cinco sacrifícios levíticos e duas das sete festas anuais dos judeus e, no entanto, nenhuma dessas omissões é explicada. (Comentarei mais sobre essa questão da antiga aliança posteriormente neste capítulo.)

Quando começamos a espiritualizar as Escrituras, cada intérprete faz aquilo que é certo a seus próprios olhos, e os resultados são confusos. Não podemos negar que o templo é usado como figura tanto da Igreja universal (Ef 2:19-22) como da igreja local (1 Co 3:9ss), mas a semelhança de figuras não prova que aquilo que a Bíblia diz sobre o templo judaico deve ser diretamente

aplicado à Igreja. A idéia de que um rio fluindo do santuário retrata as bênçãos do evangelho (ou da Igreja) para todo o mundo é um pouco difícil de ser aceita à luz da história da Igreja. Em vez do rio puro de bênçãos fluindo da Igreja para o mundo, ao que parece, é o rio poluído de pecado que está fluindo do mundo para a Igreja!

Contudo, a abordagem “espiritual” enfatiza um ponto importante. O povo judeu havia profanado seu templo, a glória de Deus havia partido e Israel precisava voltar à adoração santa abandonando sua rotina de atividades religiosas vazias. Na verdade, essa é uma lição que a Igreja de hoje precisa resgatar. Muito daquilo que é chamado de adoração, na verdade, não passa de uma demonstração de atividade religiosa humana que não traz glória ao Senhor.

Ezequiel apresentou o projeto para o templo a ser reconstruído depois do cativeiro. Se esse é o caso, então o remanescente judeu não sabia disso quando voltou para sua terra, pois construíram o segundo templo de acordo com o projeto apresentado por Moisés em Éxodo. Os anciões do grupo choraram não porque o segundo templo não era como aquele da visão de Ezequiel, mas por ser tão diferente do templo majestoso construído por Salomão (Ed 30:10-13). Talvez a visão de um novo templo tenha incentivado o remanescente judeu em seu trabalho tão difícil, mas não foi a razão pela qual Deus deu a Ezequiel essa gloriosa visão. O remanescente judeu tinha consigo o sumo sacerdote Josué, mas Ezequiel não diz nada sobre um sumo sacerdote, e em parte alguma encontramos registrado que a glória do Senhor encheu o segundo templo. A interpretação do “segundo templo” não trata o texto bíblico de maneira honesta.

A visão de Ezequiel adiantou a visão de João em Apocalipse 21. Sem dúvida, há algumas semelhanças. Os dois homens foram levados para montes altos (Ez 40:2) e os dois viram a cidade gloriosa de Deus. Nas duas visões, há um homem medindo a cidade (vv. 15-17), e as duas descrevem um rio vivificador (Ap 22:1). Tanto Ezequiel quanto João enfatizaram a exclusão de qualquer

contaminação na cidade (Ap 21:27). Contudo, a visão de João não diz nada sobre adoração e, na realidade, ele afirma claramente que não haverá templo algum na cidade que descreveu (Ap 21:22). O templo de Ezequiel é quadrado e feito de materiais comuns (há uma abundância de pedras em Israel), enquanto a cidade de João parece ser um cubo (Ap 21:16) e é feita de pedras e de metais preciosos. A cidade celestial será constituída de cristãos do mundo todo (Ap 21:24-27), enquanto o templo de Ezequiel é enfaticamente judeu, inclusive com a oferta de sacrifícios levíticos.² Ainda que isso não exclua os gentios crentes, define uma adoração de caráter judaico. Não parece que Deus tivesse em mente a visão de João quando mostrou o templo a Ezequiel.

Ezequiel descreveu um templo a ser usado no reino milenar de Cristo. Essa interpretação aceita as Escrituras exatamente como elas se mostram, sem tentar espiritualizá-las. Ezequiel descreveu o projeto de um templo literal que será o centro da adoração durante o reino de Cristo, uma adoração baseada na ordem levítica da lei mosaica. De acordo com Ezequiel 43:6-12, o Senhor deu todos os detalhes a fim de concentrar a atenção dos judeus na santidade de Deus e, desse modo, conduzi-los ao arrependimento. O Senhor desejava que tratassem o templo dele com respeito e não como outra construção qualquer da vizinhança. Desejava, especialmente, que abandonassem sua idolatria.

Até o presente, Israel já teve quatro santuários diferentes: o tabernáculo de Moisés, o templo de Salomão, o segundo templo depois do cativeiro e o templo de Herodes no tempo de Jesus. A glória de Deus deixou o tabernáculo (1 Sm 4:19-22), que posteriormente foi substituído pelo templo de Salomão. Antes de o templo ser destruído pelos babilônios, Ezequiel viu a glória de Deus partindo de lá (Ez 9:3; 10:4; 11:22, 23). Não há evidência alguma de que a glória de Deus tenha habitado no segundo templo nem no templo de Herodes. O Filho de Deus ministrou no templo de Herodes e, nesse sentido, trouxe de volta a glória (Jo 1:14; Ag 2:7). Contudo, Jesus abandonou o templo

de maneira semelhante àquela com que a glória de Deus deixou o templo de Salomão: dirigindo-se ao monte das Oliveiras (Ez 11:22, 23; Mt 23:38; 24:3). Quando, em sua volta, Jesus trouxer a glória para o templo do milênio, virá do monte das Oliveiras (Ez 43:1-5; At 1:9-12; Zc 14:4). Os judeus não têm mais templo desde que o de Herodes foi destruído pelos romanos no ano 70 d.C.

Há dois templos no futuro de Israel: o da tribulação, tomado pelo anticristo (Dn 9:24, 26, 27; Mt 24:15; 2 Ts 2:1-4; Ap 11:1; 15:5), e o do milênio, que Ezequiel descreve nestes capítulos. Porém, Ezequiel não é o único profeta a dizer que haverá um templo sagrado durante a era do reino. Encontramos o templo do reino e sua adoração em Isaías 2:1-5; 60:7, 13; Jeremias 33:18; Joel 3:18; Miquéias 4:2; Ageu 2:7-9 e Zacarias 6:12-15; 14:16, 20, 21. Ezequiel 37:24-28 registra a promessa de Deus para seu povo de que colocaria seu santuário no meio deles. “O meu tabernáculo estará com eles; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (Ez 37:27).

Deus deu o projeto do tabernáculo a Moisés, um profeta (Ex 25:8, 9, 40), e o projeto do templo de Salomão para Davi, um rei (2 Cr 28:11-19). Aqui, revela o projeto para o glorioso templo do reino milenar a Ezequiel, sacerdote e profeta. Esse projeto teve influência direta sobre o povo para o qual Ezequiel estava ministrando, judeus desanimados que, no cerco babilônio, haviam perdido sua terra, sua cidade santa, seu templo e seus entes queridos. Nos capítulos de encerramento de sua profecia, Ezequiel garantiu-lhes que Deus cumpriria suas promessas da aliança e que, um dia, voltaria a habitar com seu povo escolhido.

Ao estudar esses capítulos difíceis, descobriremos outros motivos pelos quais a interpretação literal dessa visão traz a melhor compreensão e aplicação da Palavra que Deus deu a Ezequiel.

2. O PROJETO DO NOVO TEMPLO (Ez 40:1 – 46:24)

Ezequiel recebeu de Deus a visão registrada nos capítulos 40 – 48 no dia 28 de abril

de 573 a.C., o primeiro dia da Páscoa. Os judeus já haviam passado vinte e cinco anos no cativeiro babilônio, e a Páscoa só lhes servia de lembrança do livramento da escravidão no Egito. A Páscoa também era o começo do ano religioso de Israel (Ex 12:2), e o Senhor escolheu esse dia importante para falar a seu servo sobre a glória da qual Israel seria parte quando o Messias estabelecesse seu reino.

Numa visão, Ezequiel visitou a terra de Israel, mas ao contrário de suas “visitas” anteriores, não viu pessoas iníquas, uma terra devastada nem um templo profanado. Desse vez, viu uma nova terra e um novo templo glorioso. Assim como Moisés recebeu os planos para o tabernáculo enquanto estava num monte, Ezequiel também recebeu o projeto para o templo numa montanha. Moisés não teve permissão de entrar na Terra Prometida, mas ele a viu do alto de um monte (Dt 34:1-4) e, do alto da montanha, Ezequiel viu a terra e a nova divisão das tribos.

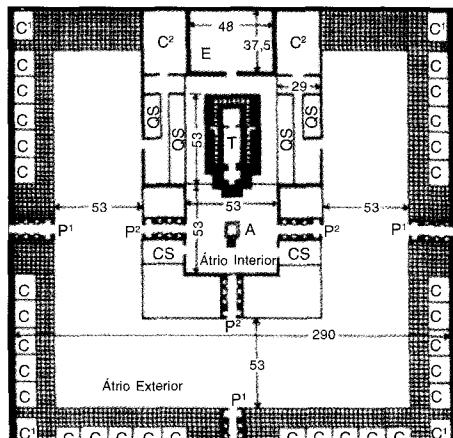
É pouco provável que o templo fosse em algum outro lugar que não o monte Sião, mas críticos da interpretação literal dessa visão ressaltam que Sião não é, na verdade, um “monte muito alto”. Contudo, podem ter deixado de levar em consideração as mudanças geográficas que ocorrerão quando o Senhor voltar para libertar seu povo e estabelecer seu reino (Zc 14:4, 10). Deus prometeu que os judeus iriam adorá-lo e servi-lo num monte alto (Ez 20:40) e que o Messias reinaria em um monte alto (Ez 17:22, 23) e cumpriria suas promessas. Tanto Isaías quanto Miquéias falam desse monte alto (Is 2:1, 2; Mq 4:1). Sião não será elevado apenas fisicamente, mas também se tornará o centro da adoração ao Senhor para toda a Terra.

Na visão de Ezequiel, havia um homem da cor de bronze – o que sugere tratar-se de um ser angelical – do lado de fora do portão oriental do templo. Tinha na mão um cordel de linho e uma cana (vara), sendo que os dois eram usados para tirar medidas: a linha para medidas maiores (Ez 47:3) e a vara para medidas menores. É provável que a vara tivesse quase quatro metros de comprimento

(Ez 40:5).³ Medir uma propriedade era um ato que simbolizava tomar posse dela. Nos anos em que o remanescente judeu estava tentando reconstruir o templo, o profeta Zacarias viu um homem medindo o templo, um sinal de que um dia o templo e a cidade seriam restaurados (Zc 2). Deus ordenou ao apóstolo João que medisse o templo de Jerusalém antes que fosse arrasado pelos gentios (Ap 11). Isso era evidência de que, independentemente do que acontecesse, Jerusalém e o templo pertenciam ao Senhor e, um dia, seriam restaurados e santificados.

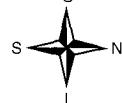
O homem percorreu o templo com Ezequiel, começando com a porta oriental e voltando para esse mesmo lugar depois da visita. Contudo, antes que subissem os sete degraus que passavam pela porta oriental e que levavam para o pátio externo, o guia deu a Ezequiel algumas recomendações solenes (Ez 40:4). O profeta deveria prestar muita atenção no que visse e ouvisse, pois teria de transmitir tudo isso aos exilados na Babilônia. É claro que, por meio de seu livro, ele comunicaria a várias gerações o que o Senhor havia lhe mostrado durante sua visita ao templo. Isso significa que os fatos registrados nestes capítulos contêm verdades que os judeus do tempo de Ezequiel precisavam saber e nas quais deviam crer. Hoje, essas verdades são importantes tanto para judeus quanto para gentios, a fim de podermos compreender os planos de Deus para o futuro. Se a única intenção de Deus fosse impressionar Ezequiel com uma “adoração espiritual”, o anjo lhe teria dito.

O átrio exterior (40:5-27). Cada lado da área santa media cerca de 290 metros, incluindo um muro com três metros de altura e três metros de espessura (v. 5). A área do templo, em si, ficava do lado oeste desse recinto cercado, a 53 metros dos muros, e a parte posterior chegava até a extremidade da área santa. Atrás do templo havia duas cozinhas para preparar as refeições sacrificiais, além de um terceiro prédio cujo propósito não é esclarecido. Em cada canto formado pelos muros havia uma cozinha. No centro dos muros leste, norte e sul havia uma porta, e dos dois lados de cada uma dessas



O TEMPLO DO MILÊNIO

(Dimensões em metros)



- A Altar (43:13-17)
- E Edifício (função não explícita (41:12))
- P¹ Portões externos (40:6-17, 20-27)
- P² Portões internos (40:28-37)
- C¹ Cozinhas para sacrifícios do povo (46:21-24)
- C² Cozinhas para os sacerdotes (46:19, 20)
- QS Quartos dos sacerdotes (42:1-14)
- C 30 câmaras do átrio exterior (40:17)
- CS Câmaras para a ministração dos sacerdotes (40:44-47)
- T Templo propriamente dito (40:48-41:11, 13, 14, 16-26)

três portas, construídas diretamente no muro, havia cinco câmaras especiais para os adoradores, num total de trinta câmaras usadas para fazer as refeições relacionadas aos sacrifícios. Ao atravessar qualquer um desses três portões externos, passava-se por seis nichos, onde ficavam os guardas do templo, sendo que cada nicho tinha cerca de 9 metros quadrados e era decorado com figuras de palmeiras.

A área total do átrio exterior era de cerca de quarenta e nove mil metros quadrados, mas não possuía um átrio para os gentios com seu importantíssimo muro de separação (Ef 2:14),⁴ assim como também não tinha um átrio para as mulheres. No templo do milênio, se cumpriria o desejo de nosso Senhor de que sua casa fosse uma casa de oração para homens e mulheres de todas as nações

(Mc 11:17; Is 56:7; Jr 7:11). O tamanho do átrio exterior e a acessibilidade de tantas câmaras sugerem que essa área era um lugar para comumhão, onde as pessoas podiam se encontrar e desfrutar juntas as refeições sacrificiais.

O átrio interior (40:28-47; 43:13-17). Atravessando o átrio exterior em linha reta a partir de qualquer uma das portas do muro externo, chegava-se a uma das portas que conduziam ao átrio interior. Oito degraus levavam ao outro lado da porta (Ez 40:31), passando os nichos para os guardas e entrando no átrio interior. Os muros onde ficavam essas portas interiores continham câmaras para os sacerdotes e para a preparação de sacrifícios. O átrio interior tinha 53 metros de lado, e o altar do sacrifício ocupava o centro do átrio (Ez 43:13-17).

O altar de bronze do tabernáculo do Antigo Testamento era uma “caixa” de madeira de acácia revestida de bronze. Tinha 2,5 metros de cada lado e 1,5 metro de altura. A cerca de 75 centímetros do topo ficava uma grelha de metal, onde eram colocados os sacrifícios, e um fogo queimava constantemente ali. O altar no templo de Salomão tinha 10 metros de cada lado e 5 metros de altura e escadarias de acesso em cada lado (2 Cr 4:1; 1 Rs 8:64).⁵ O altar no templo do milênio tem cerca de 7 metros de altura com uma escadaria do lado Leste. É disposto em diferentes níveis, sendo que a base tem cerca de 10 metros de lado; o segundo nível, 9 metros de lado; o terceiro nível, 8 metros; e o último (a “lareira” do altar), 7 metros de lado.

O santuário (40:48 – 43:12). Assim como o átrio interior onde fica o altar, a área contendo o santuário tinha 53 metros de lado. O pórtico que leva ao santuário era bem trabalhado, com pilares de cada lado da porta. Isso nos faz lembrar os dois grandes pilares no tempo de Salomão que ficavam antes da entrada do Lugar Santo (1 Rs 7:15-22). O guia angelical mostrou a Ezequiel as várias câmaras adjacentes ao átrio interior e o templo em si, sendo todas elas separadas para o serviço dos sacerdotes (Ez 41:5 – 42:20).

O texto não diz nada sobre um véu entre o Lugar Santo e o Santo dos Santos, mas uma vez que o Messias estaria presente com seu povo, o véu não seria necessário. Também não se faz menção da arca da aliança ou do propiciatório sobre o qual se aspergia sangue no Dia da Expiação. O texto fala de um altar de madeira ou mesa que provavelmente ficava na entrada do Santo dos Santos (Ez 41:21, 22). Feito completamente de madeira, esse altar tinha cerca de 2 metros de altura e 1,20 metro de cada lado. Não podia ser usado para queimar coisa alguma, de modo que talvez servisse para apresentar o pão que costumava ficar na mesa do tabernáculo e do templo.

Não há nenhuma menção de um altar de ouro do incenso nem de um candelabro com sete hastes no templo do milênio. O altar do incenso simbolizava as orações do povo de Deus subindo ao Senhor (Sl 141:2; Ap 8:3), mas uma vez que o Senhor estaria presente com eles, não haveria necessidade de oração simbólica. Quanto ao candelabro, que simbolizava a luz da verdade de Deus brilhando através de Israel como nação no templo do Senhor, a glória *shekinah* estaria presente.

Ezequiel havia visto a glória deixar o templo, mas a viu retornar (Ez 43:1-12). Seu guia levou-o de volta à porta oriental no átrio exterior, e quando o profeta olhou para fora, viu a glória aproximando-se vindo do Oriente. Junto com a visão da glória, chegava o som da voz do Senhor: “como o ruído [rugido] de muitas águas” (v. 2; ver Ez 1:24; Ap 1:15; 14:2; 19:6). A terra toda de Israel iluminou-se com o brilho da glória de Deus, e Ezequiel prostrou-se com o rosto em terra, como fez quando viu o trono de glória no início de seu ministério (Ez 1:28; 3:23; 9:8; 11:13). Então, o templo encheu-se com a glória de Deus, e o Espírito transportou Ezequiel de volta para o átrio interior. Quando Moisés consagrou o tabernáculo (Êx 40) e Salomão consagrou o templo (2 Cr 5:11-14), a glória do Senhor passou a habitar no meio deles, significando que o Senhor aceitava a adoração do povo e aprovava seu trabalho.

Tanto no tabernáculo quanto no templo, a glória de Deus foi “entronizada” no propiciatório no Santo dos Santos (Êx 25:22; Sl 80:1; 99:1), mas no templo do milênio não havia arca e nem propiciatório. Contudo, esse templo ainda era o trono de Deus (Ez 43:6, 7), e o Messias reinaria tanto como Rei quanto como Sacerdote (Zc 6:9-13). Hoje, Jesus Cristo está entronizado no céu, como nosso “sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque” (Hb 6:20; Sl 110:1). Foi o sacerdote-rei Melquisedeque quem se encontrou com Abraão depois da batalha contra os reis e que o abençoou com pão e vinho (Gn 14:17-24), e o significado espiritual desse acontecimento é explicado em Hebreus 7. Ao longo da história judaica, profetas, sacerdotes e reis eram todos ungidos para seus cargos, mas cada cargo era mantido separado. Sacerdotes como Jeremias, Ezequiel e João Batista foram chamados para ser profetas, mas nenhum sacerdote ousaria tomar o trono. O único rei que tentou servir como sacerdote foi ferido de lepra (2 Cr 26:16-23).

A presença da glória de Deus e do trono de Deus santificaria o templo de tal modo que o povo se aproximaria do santuário com temor e não o trataria como uma construção qualquer e nem repetiria seu pecado hediondo de profanar o templo com ídolos. Deus falou ao profeta e disse-lhe que contasse aos judeus aquilo que havia visto e ouvido, para que compreendessem a mensagem e tivessem o desejo de obedecer ao Senhor. Encontramos uma admoestação parecida em Ezequiel 44:4-8, quando Ezequiel encontra-se na porta norte. Essa passagem nos lembra de que o povo que freqüenta os “lugares santos” deve ser um “povo santo”. O remanescente judeu que voltasse para sua terra a fim de reconstruir o templo precisaria levar essa mensagem a sério, como também nós devemos fazer nos dias de hoje.

O altar e os sacrifícios (43:13-27; 45:13 – 46:24). Já falamos do altar e agora devemos tratar da questão desconcertante dos sacrifícios. O Senhor instruiu os sacerdotes sobre como o altar deveria ser consagrado

por uma série de sacrifícios durante a semana de consagração (Ez 43:18-27). Na consagração do tabernáculo (Êx 40:29) e do templo de Salomão (2 Cr 7:1-10), foram oferecidos sacrifícios, e o sangue foi aplicado ao altar.

Ao discutir sobre o templo do milênio, uma pergunta feita com freqüência é: “Uma vez que Jesus morreu pelos pecados do mundo, cumpriu a lei e trouxe a nova aliança, por que os judeus cristãos vão querer voltar à antiga aliança? Que necessidade há de voltar aos sacrifícios animais quando Jesus realizou o sacrifício perfeito de uma vez por todas?” Esse é um dos principais argumentos usados contra a compreensão literal de Ezequiel 40 a 48. Os sacrifícios mencionados nessa seção de Ezequiel são: holocausto (Ez 40:38, 39, 42; 43:18, 24, 27; 44:11; 45:15, 17, 23, 25; 46:2, 4, 12, 13, 15); oferta pela culpa (Ez 40:39; 42:13; 44:29; 46:20); oferta pelo pecado (Ez 40:39; 42:13; 43:19, 21, 22, 25; 44:27, 29; 45:17, 19, 22, 23, 25; 46:20); oferta pacífica (Ez 43:27; 45:15, 17; 46:2, 12); oferta de manjares (Ez 42:13; 44:29; 45:15, 17, 24, 25; 46:5, 7, 11, 14, 15, 20) e libação (Ez 45:17).⁶ Para as prescrições mosaicas relativas a esses sacrifícios e ofertas ver Levítico 1 a 7.

O holocausto refere-se à consagração total ao Senhor: “tudo isso sobre o altar” (Lv 1:9; Rm 12:1, 2). As ofertas pelo pecado (Lv 4; 6:21-30) e pela culpa (Lv 5; 7:1-10) tratam das transgressões do pecador contra Deus e o povo. A oferta pelo pecado era levada por aqueles que pecavam por ignorância, pois não havia sacrifícios para pecados atrevidos e deliberados (Nm 15:30-36; Sl 51:1, 11, 16, 17). A oferta pela culpa referia-se a uma oferta em que se devia fazer algum tipo de restituição. O ofertante deveria restaurar o valor da propriedade acrescido de uma multa de cerca de 20% desse valor. O pecado custa caro – e o perdão de Deus também!

A oferta pacífica (Lv 3; 7:11-38) era uma expressão de louvor e de ação de graças ou, ainda, sinal de que o adorador havia cumprido votos especiais feitos ao Senhor. Parte da carne do sacrifício era dada ao

adorador, que podia cozinhar e desfrutar um banquete com sua família e amigos. Com a exceção de casamentos e de outras ocasiões muito especiais, era raro os judeus abaterem animais só para preparar uma refeição. A carne era um luxo ocasional. Assim, a oferta pacífica era uma oportunidade de adorar ao Senhor e de ter comunhão com seu povo. A oferta de manjares era constituída de feixes de cereais, grãos assados, flor da farinha ou vários tipos de bolos assados. Era o reconhecimento de que Deus é a fonte de todo o alimento que sustenta a vida (1 Cr 29:10-14). A libação era uma porção de vinho derramada juntamente com outros sacrifícios. Simbolizava a vida derramada inteiramente para o Senhor (Fp 2:17).

Todas essas ofertas apontavam, de algum modo, para Cristo e para seu sacrifício de si mesmo por nossos pecados (Hb 10:1-18). Deus perdoava os pecados dos adoradores se estes levavam o sacrifício pela fé e se criam no Senhor, pois o sangue de animais não pode remover a culpa dos pecados humanos (v. 4). O perdão de Deus era declarado (Lv 4:20, 26, 31, 35; 5:10, 13, 16, 18; 6:7), mas somente porque a obra de Jesus Cristo era retratada pelo sacrifício. Os fiéis do Antigo Testamento não eram perdoados porque os animais morriam, mas porque depositavam sua fé no Senhor (Hb 11; Sl 51:16, 17; Hc 2:4). Assim, o uso de sacrifícios animais no templo do milênio não minimiza nem anula a obra acabada de Cristo, como também não o fazia antes de Jesus ter morrido. Ao que parece, os sacrifícios são oferecidos com um sentido memorial e como expressões de amor e de devoção ao Senhor (Is 56:5-7; 60:7). Eles também reunirão o povo para comunhão e deleite para a glória do Senhor.

O templo do milênio será um lugar de aprendizado tanto para os judeus quanto para os gentios (Is 2:1-3), e sem dúvida nele os adoradores estudarão as leis do Antigo Testamento e aprenderão mais sobre Jesus. Também estudarão o Novo Testamento e aprenderão o significado mais profundo dos sacrifícios e festas. A única “Bíblia” que a Igreja primitiva possuía era o Antigo Testamento, e os cristãos conseguiam levar pecadores a

crecer em Cristo sem usar João 3:16 ou todas as passagens conhecidas do Livro de Romanos. Das sete festas que os judeus celebravam (Lv 23), ao que parece, somente a Páscoa (Ez 45:21-24) e a Festa dos Tabernáculos (v. 25; Zc 14:16-19) serão observadas na era do reino. A Páscoa refere-se ao Cordeiro de Deus e à libertação do povo de Israel da escravidão no Egito, e a Festa dos Tabernáculos era uma comemoração alegre da colheita que antecipava a vinda do reino e que lembrava os judeus dos anos em que vagaram pelo deserto.⁷ Ezequiel 44:24 indica que o sábado semanal também será observado.

A Ceia do Senhor será celebrada na era do reino? As palavras de Jesus depois de haver instituído a Ceia parecem indicar que sim. “E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai” (Mt 26:29; ver Mc 14:25; Lc 22:18). Se os santos da Igreja podem se lembrar de Cristo ao repartir o pão e beber do cálice, então por que os judeus cristãos não podem se lembrar dele ao levar sacrifícios? O ato memorial da Ceia também não faz expiação dos pecados.

Os sacerdotes (40:44-49; 42:1-14; 43:19-27; 44:9-31). O desejo de Deus era que a nação toda de Israel fosse um “reino de sacerdotes” (Ex 19:6), mas isso nunca se concretizou de fato. Os cristãos de hoje fazem parte de um “sacerdócio santo” e de um “sacerdócio real” (1 Pe 2:5, 9) por meio de Jesus Cristo, o Sumo Sacerdote. No templo do milênio, os sacerdotes e levitas ministrarião ao povo e ao Senhor. Haverá cantores (Ez 40:44) para entoar “um sacrifício de louvor” bem como sacerdotes para oferecer os sacrifícios trazidos pelo povo. Não se faz menção de um sumo sacerdote, pois Jesus Cristo, o Sacerdote-Rei, está no trono e reina no templo.

Vemos três vezes no texto que os descendentes de Zadoque serão os sacerdotes (Ez 40:46; 43:19; 44:15). Zadoque era parente de Arão por parte de Eleazar, terceiro filho de Arão (1 Cr 6:1-8, 50-53), e serviu durante o reinado de Davi juntamente com Abiatar (2 Sm 8:17; 1 Cr 15:11). No entanto,

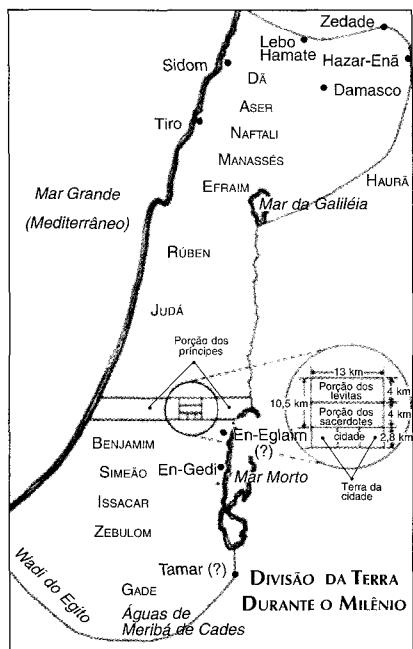
Abiatar desertou de Davi e juntou-se ao grupo que defendia Adonias como sucessor de Davi ao trono (1 Rs 1), e isso custou a Abiatar e seus descendentes o sacerdócio (1 Rs 2:26, 27). Esse ato cumpriu a profecia dada sobre o sumo sacerdote Eli e seus filhos perversos (1 Sm 2:27-36). O nome Zadoque significa “justo”, e em seu livro o profeta Ezequiel enfatiza a separação e a santidade.

Como vimos anteriormente, o templo terá câmaras especiais para os sacerdotes (Ez 40:44-46; 42:1-14). Algumas delas serão residências, enquanto outras serão usadas para o ministério diário, como trocar de roupas, preparar os sacrifícios e cozinhar a carne para as refeições (ver os vv. 13, 14). Na consagração do templo, os sacerdotes oferecerão sacrifícios (Ez 43:18-27), como fizeram os sacerdotes na consagração do tabernáculo e do templo de Salomão (Nm 7:2; 2 Cr 7:1-11).

O Senhor é muito específico quanto ao uso do santuário (Ez 44:5-9). Ele adverte os futuros sacerdotes de que devem ensinar o povo a distinguir entre o que é puro e o que é imundo (v. 23; ver Ez 22:26) e a não permitir que pessoas de fora profanem o templo. Muitas das prescrições mosaicas para os sacerdotes encontram-se resumidas em Ezequiel 44:10-31. Os levitas serão disciplinados por não terem representado o que era santo e reto nos anos de cativeiro. Terão permissão de imolar os sacrifícios e assistir os adoradores, mas não terão privilégios sacerdotais.⁸ Os sacerdotes poderão oferecer os sacrifícios e chegar-se à mesa (Ez 44:16), o que pode significar o altar ou a mesa diante do Santo dos Santos (Ez 41:22).

O Senhor também é específico quanto à conduta dos sacerdotes (Ez 44:17-31). Ele lhes diz o que devem vestir (vv. 17-19), como devem se arrumar (v. 20), que não devem beber vinho enquanto estão ministrando (v. 21), com quem não podem se casar (v. 22) e como devem, em todo tempo, mostrar e ensinar a diferença entre o que é puro e o que é imundo (v. 23), mesmo por ocasião da morte de um parente (vv. 25-27).⁹ Servirão como juízes e providenciarão para que a lei seja honrada e obedecida (v. 24). Como

os sacerdotes do Antigo Testamento, os sacerdotes do reino não terão uma herança da terra, mas o Senhor será sua herança e poderão viver das ofertas do templo (vv. 28-31; ver Nm 18:20; Dt 18:1, 2; Js 13:33).



3. A LOGÍSTICA DO NOVO TEMPLO (Ez 45:1 – 48:35)

Os capítulos de encerramento da profecia de Ezequiel explicam como a terra de Israel será dividida durante a era do reino, sendo uma parte designada para o Senhor, outra para o príncipe e uma área para cada uma das doze tribos. A primeira divisão da Terra Prometida foi feita depois da conquista de Canaã, quando Josué, o sumo sacerdote Eleazar e os chefes das doze tribos lançaram sortes diante do Senhor para determinar as linhas de demarcação (Nm 26:52-56; 34:16-29; Js 13 – 22). Em seu reinado, o rei Salomão dividiu a terra em doze “distritos reais” e exigiu que cada distrito oferecesse provisões para o rei e sua casa por um mês (1 Rs 4:7-19), mas não foi feita nenhuma mudança nas linhas de demarcação. Contudo,

esse plano não foi bem aceito pelo povo (1 Rs 12:1-19).¹⁰

A parte do Senhor (45:1-6; 48:8, 9). Dentro as áreas designadas a Benjamim e Judá, haverá uma parte reservada para o Senhor e para o príncipe. A parte do Senhor terá cerca de 13 quilômetros de lado, o que equivale a cerca de 170 quilômetros quadrados. Essa área será dividida horizontalmente em três partes, cada uma delas com 13 quilômetros de extensão. A parte superior, com pouco mais de 4 quilômetros de largura, será a área sagrada para o templo e para os sacerdotes. Os sacerdotes não poderão ter propriedades, mas terão permissão de viver próximo ao santuário (Ez 44:28). Assim como para os sacerdotes do Antigo Testamento, o Senhor será a porção de sua herança (Nm 18:20; Dt 10:9; Js 13:14, 33). A parte central será do mesmo tamanho da superior e pertencerá aos levitas. Na antiga distribuição, os levitas podiam ter propriedades, mas estas ficavam espalhadas por todo Israel para que pudessem ministrar ao povo (Js 21). Gênesis 49:5-7 e 34:25-31 sugerem que essa dispersão também foi uma forma de disciplina.

A parte inferior, com 2,8 quilômetros de largura, será designada para “a cidade” e para a terra disponível a seu redor. A cidade é mencionada pela primeira vez em Ezequiel 40:2; provavelmente é Jerusalém com um novo nome – “Jeová Shammah – O SENHOR Está Ali” (Ez 48:35). A área designada para a cidade pertencerá a toda a casa de Israel (Ez 45:6) e será o centro da faixa inferior de terra. As terras de “uso civil” de cada lado dessa área ficarão à disposição de todo o povo de Israel (Ez 48:15) e também serão usadas para a agricultura de subsistência dos moradores da cidade. O texto parece sugerir que “trabalhadores” das tribos lavrarão essa terra a fim de que os “trabalhadores” da cidade possam cuidar dos assuntos públicos e receber os visitantes que vão adorar no templo.

A parte do príncipe (45:7 – 46:18; 44:1-3; 48:21, 22). Sem maiores explicações, Ezequiel apresenta “o príncipe” em 44:1-3 e fala dele pelo menos catorze vezes no

restante do livro. Não deve ser confundido com “Davi...[o] príncipe” (Ez 34:24; 37:24, 25), que alguns consideram ser o Messias, herdeiro do trono de Davi (Lc 1:30-32); tampouco deve ser confundido com o Messias. O príncipe será um homem casado e terá filhos que herdarão sua terra (Ez 46:16-18), localizada nos dois lados da área sagrada central. O príncipe não é identificado em parte alguma como membro da família real, sacerdote ou levita, nem sequer sabemos de que tribo ele virá. Ao que parece, será um governante civil, um vice-regente sob a autoridade do Messias e, no entanto, a maior parte de suas funções será religiosa.

Ele oferecerá sacrifícios por si mesmo (Ez 44:3; 45:22)¹¹ – algo que o Messias não teria de fazer – e receberá ofertas do povo para serem usadas na adoração ao Senhor (Ez 45:13-16). O príncipe proverá sacrifícios para ocasiões especiais (vv. 17-25), inclusive na consagração do santuário, nos sábados, na Páscoa, na Festa dos Tabernáculos e na da Lua Nova. Aos sábados e na Lua Nova, apresentará suas ofertas antes de o povo ter permissão para adorar (Ez 46:1-8). Durante a semana, o portão oriental do átrio interior ficará fechado, mas será aberto para o príncipe no sábado, na Lua Nova e sempre que ele desejar oferecer um holocausto voluntário ou uma oferta pacífica (v. 12). Ele terá permissão de chegar até o portão oriental, mas não até o altar no átrio interior. Poderá apresentar seus sacrifícios e assistir aos sacerdotes preparando-os, e, quando forem oferecidos, se prostrará diante do Senhor (v. 2). Depois do sacrifício, deixará o santuário pelo mesmo caminho que entrou. Quando o povo entrar para adorar nos dias especiais de festas, deverá sair pela porta oposta àquele pela qual entrou (v. 9). O príncipe não se isolará do povo em dias de festa, mas será parte da multidão (v. 10). O príncipe deverá providenciar para que os holocaustos diários sejam apresentados no altar, assim como eram no tabernáculo e no templo (Ex 29:42; Nm 28:6).

O ano de jubileu será celebrado durante a era do milênio (48:16-18). O ano do jubileu era o quinquagésimo ano, e nele a

terra não era cultivada, os escravos eram libertos e as propriedades eram devolvidas a seus donos originais (ver Lv 25). Durante os mil anos do reinado de Cristo, haverá vinte celebrações dessas. Ezequiel ressalta que, durante a era do reino, o príncipe não irá oprimir o povo nem confiscar suas terras como fizeram os governante nos últimos dias do reino de Judá. O povo de Israel não obedeceu à lei com referência ao ano sabático e ao ano do jubileu, de modo que o Senhor precisou enviar o povo para o exílio a fim de que sua terra pudesse desfrutar o descanso de que precisava (2 Cr 36:14-21; Lv 26:14ss; Jr 25:9-12; 27:6-8; 29:10).

O rio da vida (47:1-12). Depois de ver as cozinhas no templo (Ez 46:19-24), o profeta reparou num pouco de água que saía do Santo dos Santos e que passava pelo lado sul do altar. O guia conduziu o profeta para a porta norte (a porta oriental estava fechada) e ao redor do templo até a porta oriental, onde viu a água saindo de debaixo do templo no lado sul da porta (ver Sl 36:8; 46:4). O guia mediou a profundidade da água quatro vezes, e o rio tornou-se tão profundo que não era possível nadar nele. Ezequiel descobriu que o rio corria para o mar Morto, onde dava nova vida àquela área abandonada. A água do templo tornaria saudável o mar Morto bem como os rios, fazendo multiplicar as criaturas aquáticas por onde passasse. As árvores nas margens do rio provieriam alimento todos os meses, e as folhas seriam usadas para fins medicinais. A vida vem do templo de Deus e não de um palácio ou de um edifício do governo!

Jerusalém é a única cidade importante da antiguidade que não fica à beira de um rio, e, no Oriente, um suprimento confiável de água é essencial para a vida e para a defesa do povo. Na era do reino, Jerusalém terá um rio como nenhuma outra nação já teve. Mas se trata de um rio literal ou simplesmente de um símbolo sagrado do poder vivificador do Senhor? Talvez seja ambos. Joel 3:18 e Zacarias 13:1 e 14:8, 9 falam desse rio como algo literal, de modo que ele tanto ilustra quanto realiza a obra

vivificadora de Deus. Jesus considerou esse rio como um símbolo do Espírito Santo (Jo 7:37-39), e o apóstolo João viu uma cena semelhante na cidade celestial de Deus (Ap 22:1, 2). No jardim do Éden, o rio tinha um papel importante (Gn 2:10-14).

As partes para as tribos (47:13 – 48:7; 23-29). No reino do milênio, os limites de demarcação das tribos também serão completamente distintos da divisão que existia antes de Israel ser dominada pela Assíria e Judá pela Babilônia. As delimitações da terra (Ez 47:13-23) serão semelhantes àquilo que Moisés descreveu em Números 34, mas a porção de cada tribo será uma faixa reta atravessando a terra. Do norte para o sul, as tribos serão Dã, Aser, Naftali, Manassés, Efraim, Rúben e Judá. Depois, virá a terra designada para o Senhor, para a cidade e para o príncipe e, em seguida, as tribos de Benjamim, Simeão, Issacar, Zebulom e Gade. Ao que parece, todas as tribos terão acesso ao mar Mediterrâneo, exceto Zebulom e Gade. Judá, a tribo real (Gn 49:10), ficará contígua à área do templo a partir do qual Jesus reinará. As tribos dos descendentes dos filhos que Jacó teve com Zilpa e Bila, servas de suas esposas – Dã, Aser, Naftali e Gade –, ficarão nas extremidades Norte e Sul. O texto não diz quanta terra cada tribo receberá, mas apenas qual será a localização de cada uma. Haverá paz entre as tribos ao se submeterem ao reino de seu Messias, Jesus Cristo.

A parte para a cidade (48:30-35). Ela será uma “Jerusalém do reino”, uma nova cidade para uma nova nação e uma nova era. As portas de Jerusalém sempre foram significativas (Ne 3; Sl 48; 87:2; 122:2), mas essa Jerusalém terá doze portas, cada uma com o nome de um dos doze filhos de Jacó. No lugar de “Efraim” e “Manassés” (duas portas), haverá apenas uma porta chamada “José”; Levi também terá uma porta. Qualquer gentio que estiver indo à cidade para aprender sobre o Senhor terá de entrar por uma dessas portas e será lembrado de que “a salvação vem dos judeus” (Jo 4:22). A cidade terá cerca de 2,5 quilômetros de lado. É claro que essas portas nos lembram

daquelas da cidade celestial descritas por João em Apocalipse 22:10-13, 21.

Contudo, o mais importante na nova cidade será a presença do Senhor no meio do seu povo unido (Ez 35:10). Seu novo nome será Jeová Shamá – “O SENHOR Está Ali”. Esse é um dos sete nomes compostos de Jeová encontrados no Antigo Testamento: Jeová Jiré – “O SENHOR Proverá” (Gn 22:13, 14); Jeová Rafá – “O SENHOR Que Te Sara” (Êx 15:26); Jeová Shalom – “O SENHOR É Paz” (Jz 6:24); Jeová Tsidkenu – “O SENHOR, Justiça Nossa” (Jr 23:6); Jeová Shamá – “O SENHOR Está Ali” (Ez 48:35); Jeová Nissi – “O SENHOR É Minha Bandeira” (Êx 17:8-15) e Jeová Ra’ah – “O SENHOR É o Meu Pastor” (Sl 23:1).

4. O SIGNIFICADO DO NOVO TEMPLO

Ao examinar as informações que Ezequiel registrou para nós, devemos ter o cuidado de não perder as mensagens essenciais em meio a esses detalhes importantes. Em certo sentido, as mensagens do livro todo estão envoltas nos capítulos 40 a 48. As lições espirituais são tão significativas para nós nos dias de hoje quanto eram para Israel no tempo de Ezequiel e serão para o povo judeu no tempo do Messias.

Separação do pecado. Além de ser profeta, Ezequiel também era sacerdote, e era responsabilidade dos sacerdotes ensinar ao povo a diferença entre o santo e o profano, o limpo e o imundo (Lv 10:10, 11; Ez 44:23). Israel foi levado pelo pecado, pois deixou de tomar essas decisões e tornou-se como as nações pagãs a seu redor. O templo em Jerusalém, com seus átrios especiais e câmaras sagradas, lembrava o povo de que Deus fez distinção entre santo e profano. Aqueles “que ao mal chamam bem e ao bem, mal; que fazem da escuridão luz e da luz, escuridade” (Is 5:20) transgridem o princípio fundamental da vida de santidade (ver Ez 40:5; 42:14-20; 43:7).

Adoração. O templo era um lugar de adoração, mas o coração do adorador era muito mais importante do que suas ofertas. O povo de Judá, o reino do Sul, havia profanado o templo sagrado de Deus e ousado

adorar Jeová juntamente com os ídolos das nações vizinhas! O povo de Deus não decide como vai adorar ao Senhor, mas simplesmente obedece àquilo que ele lhes ordenou em sua Palavra.

Cumprimento. Um dos propósitos do reino milenar é que Deus possa cumprir suas promessas aos judeus, promessas que não pôde cumprir antes devido à rebeldia e incredulidade de seu povo. Em sua graça e misericórdia, Deus deu a Israel uma terra maravilhosa, uma lei perfeita e um Senhor glorioso. Eles contaminaram a terra com seus crimes terríveis; desobedeceram à lei ao adotar práticas pagãs e tentaram o Senhor ao resistir a seus chamados para que se arrependessem. Contudo, na era do reino, Israel confiará no Senhor, obedecerá à sua Palavra, adorará em seu templo da forma como deve e agradará ao Senhor, que governará do trono de Davi.

No entanto, há um cumprimento ainda mais pleno das promessas, pois a era do reino envolverá todas as eras anteriores com a revelação própria de Deus e de seus propósitos. A terra será como o jardim do Éden (Ez 36:35), completada por um rio e por árvores da vida. As promessas feitas a Abraão se cumprirão, e seus descendentes possuirão e desfrutarão sua terra. A lei de Moisés será obedecida de coração, e o Senhor será adorado e glorificado. O Messias, rejeitado por Israel em sua primeira vinda, será recebido, honrado e reinará sobre ele (Ez 43:6, 7). Deus cumprirá todas as promessas sobre o reino que se encontram nas páginas escritas pelos profetas!¹²

A glória e o nome de Deus. Se há uma coisa que o Livro de Ezequiel nos ensina é que devemos honrar o nome de Deus e exaltar sua glória. A glória de Deus partiu de Israel, pois o povo profanou o templo. A glória de Deus voltou ao novo templo, pois era um lugar santo onde Deus podia habitar. Declarações como “saberão [saibais, sabereis] que eu sou o SENHOR” podem ser encontradas sessenta e cinco vezes no Livro de Ezequiel. Apesar de a glória de Deus não habitar nos templos de nossas igrejas, Deus pode ser glorificado ou desonrado

por aquilo que fazemos nesses templos que dedicamos a ele. Como seu povo, devemos ser reverentes e honrar o nome dele.

O governo soberano de Deus. A primeira visão que Deus deu a Ezequiel foi de seu trono glorioso, movendo-se rapidamente de um lado para o outro, de modo que seus seres angelicais pudessem cumprir

seus propósitos no mundo. Hoje, a Igreja de Jesus Cristo encontra-se no mundo não apenas para orar “seja feita a tua vontade, assim na terra como nos céus”, mas também para ajudar a realizar essa vontade no poder do Espírito Santo. Deus ainda está assentado no trono, e Jesus Cristo ainda tem “toda autoridade [...] no céu e na terra” (Mt 28:18). Que mais podemos querer?

1. Para uma excelente apresentação dessa idéia, ver Patrick Fairbairn. *Commentary on Ezekiel*. Kregel, 1989, pp. 439-58.
2. Sem dúvida, os gentios poderão adorar no templo (Is 2:1-5).
3. Um côvado equivalia a 66 centímetros. Se a vara media seis côvados, então seu comprimento era de quase 4 metros. Ao seguir Ezequiel em sua visita do templo junto com o guia, não apresentarei a conversão de todas as medidas para o sistema métrico a menos que o número seja importante para o significado do texto.
4. No templo de Herodes, havia uma inscrição nesse muro de separação que dizia: “Nenhum estrangeiro transporá esta barreira que cerca o santuário e seu recinto. Aquele que for pego fazendo tal coisa terá sobre si mesmo a culpa de sua própria morte resultante desse ato”. Isso explica por que os judeus quiseram matar Paulo quando o viram no templo, uma vez que pensaram que ele havia trazido gentios imundos para dentro dos átrios sagrados (At 21:26ss).
5. A proibição de aproximar-se do altar pelas escadas aplicava-se a altares de pedra ou de terra (Ex 20:24-26) erguidos em outros lugares fora do tabernáculo ou do templo.
6. Ver Levítico 1 – 7. Para um esclarecimento sobre esses capítulos, ver minha obra *Be Holy* - Chariot Victor, 1994.
7. Na transfiguração, Pedro ofereceu-se para construir algumas tendas para Jesus, Moisés e Elias com uma motivação correta, mas na hora errada (Mt 16:27 – 17:8). Quando Jesus vier em glória, o povo celebrará a Festa dos Tabernáculos e morará em tendas.
8. Nós nos perguntamos se disciplinar os descendentes pelos pecados dos antepassados não é uma contradição daquilo que Ezequiel ensinou nos capítulos 18 e 33:12-20 – que os filhos não são castigados pelos pecados dos pais. No entanto, Ezequiel está se referindo à apostasia conjunta dos levitas e não a seus pecados individuais.
9. A população do reino milenar incluirá algumas pessoas que já terão o corpo glorificado: os santos ressurretos do Antigo Testamento (Dn 12:2, 13), os cristãos do Novo Testamento (1 Ts 4:13-18; 1 Jo 3:1-3) e os mártires da tribulação (Ap 20:4). No entanto, os cristãos judeus e gentios que tiverem sobrevivido à tribulação ainda possuirão um corpo mortal. As pessoas terão vida longa, mas haverá mortes (Is 65:20). Crianças nascerão e serão pecadoras carentes da salvação. Seria de se pensar que as condições miraculosamente ideais do reino serviriam de motivação para que todos cressem no Senhor, mas no final do milênio, Satanás conseguirá juntar um grande exército para se opor ao Senhor (Ap 20:7-10). Durante os mil anos, muitas pessoas fingirão ser obedientes ao Senhor sem crer nele. Contudo, será que podemos estar certos de que todos aqueles que fazem parte de uma igreja são, necessariamente, nascidos de novo (Mt 7:21-29)?
10. O texto deixa claro que o Senhor dividiu a terra de acordo com sua própria vontade. Os lugares que marcam as fronteiras já aparecem identificados, apesar de não sabermos ao certo onde ficam situadas algumas dessas cidades.
11. Essa porta oriental não deve ser confundida com aquela que existe em Jerusalém hoje em dia. A porta oriental do templo ficará fechada para o público, pois foi por ela que entrou a glória de Deus (Ez 43:1-5).
12. Nas promessas aos “perseverantes” nas cartas do Senhor para as sete igrejas (Ap 2 – 3), encontramos uma progressão semelhante àquela dos períodos do Antigo Testamento, começando com a árvore da vida no jardim (Ap 2:7) e terminando com Cristo reinando em seu trono (Ap 3:21).

DANIEL

ESBOÇO

Tema-chave: Deus é Senhor da história

Versículos-chave: Daniel 4:34, 35

I. DANIEL, O PRISIONEIRO – 1:1-21)

II. DANIEL, O INTÉRPRETE – 2:1 – 6:28

1. A interpretação do sonho sobre a figura – 2
2. A figura de ouro (Daniel ausente) – 3
3. A interpretação do sonho sobre a árvore – 4
4. A interpretação da escrita na parede – 5
5. Daniel na cova dos leões – 6

III. DANIEL, O VIDENTE – 7:1 – 12:13

1. A visão das quatro bestas – 7
2. A visão do carneiro e do bode – 8
3. As setenta semanas determinadas para Israel – 9
4. A visão do futuro de Israel e do fim – 10 – 12

O Livro de Daniel apresenta seis reinos: Babilônia – a cabeça de ouro (Dn 2:36-38) e o leão alado (Dn 7:4); Média-Pérsia – braços e peito de prata (Dn 2:32, 39) e o urso (Dn 7:5); Grécia – os quadris de bronze (Dn 2:32, 39) e o leopardo (Dn 7:6); Roma – as pernas de ferro (Dn 2:33, 40) e “o animal terrível” (Dn 7:7); o reino do anticristo – os dez artelhos de barro (Dn 2:41-43) e o

chifre pequeno (Dn 7:8); e o reino de Cristo – a pedra que esmiúça e enche a Terra (Dn 2:34, 35, 44, 45) e o Ancião de Dias (Dn 7:9-14).

CONTEÚDO

Prefácio

1.	Deus governa e prevalece (Dn 1).....	308
2.	O Deus dos sonhos e dos destinos (Dn 2).....	315
3.	A fé e a provação de fogo (Dn 3).....	322
4.	Aprendendo da maneira difícil (Dn 4).....	329
5.	Contado, pesado e rejeitado (Dn 5).....	336
6.	Lorotas, leis e leões (Dn 6).....	342
7.	“Venha o teu reino” (Dn 7).....	349
8.	Animais, anjos e o fim dos tempos (Dn 8).....	355
9.	O calendário profético (Dn 9).....	360
10.	Uma experiência extraordinária (Dn 10).....	368
	Interlúdio.....	373
11.	Uma profecia extraordinária – Parte I (Dn 11:1-35).....	374
12.	Uma profecia extraordinária – Parte II (Dn 11:36 – 12:13).....	379
13.	Um homem decidido e mui amado por Deus (Uma revisão de Daniel)....	385

DEUS GOVERNA E PREVALECE

DANIEL 1

De maio a setembro de 1787, a Assembléia Constitucional Norte-americana reuniu-se na Filadélfia para desenvolver um sistema de governo para a nova nação. Em 28 de junho, haviam feito tão pouco progresso que Benjamin Franklin pôs-se de pé e dirigiu-se ao presidente da assembléia, George Washington. Dentre outras coisas, disse: “Meu senhor, já vivi muito tempo, e quanto mais tempo vivo, mais provas convincentes encontro desta verdade: que Deus governa os assuntos humanos”.¹ Em seguida, propôs que convidassem alguns clérigos locais para irem à assembléia e conduzi-los em oração, a fim de pedir a direção divina. Sua proposta teria sido aceita, mas o orçamento da assembléia não era suficiente para pagar os capelões visitantes.

Apesar de não ser um cristão evangélico declarado, Franklin cria em um Deus que era o Arquiteto e o Governante do universo, uma convicção que está de acordo com o testemunho das Escrituras. Abraão chamou Deus de “Juiz de toda a terra” (Gn 18:25), e o rei Ezequias orou: “tu somente és o Deus de todos os reinos da terra” (2 Rs 19:15). No tempo de Daniel, o rei Nabucodonosor aprendeu, do jeito difícil, que: “o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer” (Dn 4:32). O primeiro capítulo do Livro de Daniel² dá provas mais do que suficientes da mão soberana de Deus tanto nos assuntos de Estado quanto na vida de indivíduos.

1. DEUS DEU A VITÓRIA A NABUCODONOSOR (Dn 1:1, 2)³

Durante décadas, os profetas haviam avisado os governantes de Judá que sua idolatria,

imoralidade e injustiça contra os pobres e necessitados levaria a nação à ruína. Os profetas viram aproximar-se o dia em que Deus traria o exército babilônio para destruir Jerusalém e o templo e para levar o povo cativo à Babilônia. O profeta Isaías havia proclamado essa mensagem um século antes da queda de Jerusalém (Is 13; 21 e 39), e seu contemporâneo Miquéias havia dividido com ele esse fardo (Mq 4:10). O profeta Habacuque não conseguia entender como Jeová poderia usar os ímpios babilônios para disciplinar seu próprio povo (Hc 1), e Jeremias viveu para ver o cumprimento dessas profecias e daquelas que ele mesmo havia proclamado (Jr 20; 25; 27). Deus preferia que seu povo vivesse em cativeiro vergonhoso numa terra pagã a viver como pagãos na terra santa envergonhando seu nome.

A queda de Jerusalém pareceu ser o triunfo dos deuses pagãos sobre o Deus verdadeiro de Israel. Nabucodonosor pôs fogo no templo, levou os objetos sagrados e colocou-os no templo de seu próprio deus na Babilônia. Mais tarde, Belsazar usou alguns desses utensílios sagrados para louvar seus próprios deuses, num banquete pagão, e foi julgado por Deus (Dn 5). À primeira vista, a queda de Jerusalém parecia representar a vitória dos ídolos, mas, na verdade, foi uma vitória do Senhor! Ele manteve sua aliança com Israel e cumpriu suas promessas. De fato, o mesmo Deus que suscitou os babilônios para derrotar Judá, mais tarde fortaleceu os persas para conquistar a Babilônia. O Senhor também ordenou a um governante pagão que publicasse um decreto permitindo aos judeus voltar a sua terra e reconstruir o templo. Como o líder missionário A. T. Pierson costumava dizer: “A história humana é a história de Deus”.

Deus havia feito uma aliança com o povo de Israel, prometendo que iria cuidar dele e abençoá-lo, caso obedecesse a seus estatutos, mas se desobedecesse, iria dispersá-lo no meio dos gentios (Lv 26; Dt 27 – 30). O Senhor desejava que Israel fosse “luz para os gentios” (Is 42:6) e que revelasse a glória do verdadeiro Deus vivo. Em vez disso, porém, os judeus tornaram-se como os gentios

e adoraram a seus falsos deuses. Os reis e líderes iníquos dos judeus, os falsos profetas e os sacerdotes infiéis foram a causa da corrupção moral e, por fim, da destruição nacional (Lm 4:13; Jr 23:9-16; 2 Cr 6:14-21). Como é estranho que o próprio povo de Deus não lhe tenha obedecido, mas que Nabucodonosor e o exército pagão babilônio tenham sido obedientes ao Senhor!

Nosso Deus é tão sábio e poderoso que pode permitir que homens e mulheres façam suas próprias escolhas e, ainda assim, cumpram seus propósitos neste mundo. Mesmo quando não damos a Deus permissão para ter o governo da situação, ainda assim ele prevalece, e, no fim, sempre é feita sua vontade, e seu nome é glorificado. Adoramos e servimos um Deus soberano, que nunca é pego de surpresa. Não importa quais sejam nossas circunstâncias, podemos sempre dizer confiantes: “Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso” (Ap 19:6).

2. DEUS FAVORECEU DANIEL E SEUS AMIGOS (DN 1:3-16)

Era política do rei treinar as melhores pessoas das nações conquistadas para servir em seu governo. Ele podia se beneficiar do conhecimento delas sobre seu povo e também usar suas aptidões para fortalecer sua própria administração. Houve várias deportações de judeus para a Babilônia tanto antes quanto depois da queda de Jerusalém e, ao que parece, Daniel e seus três amigos foram levados em 605 a.C., quando tinham provavelmente 15 ou 16 anos de idade. O profeta Ezequiel foi mandado para a Babilônia em 597 a.C., e em 586 a.C. o templo foi destruído.

Um remanescente dedicado (vv. 3, 4a). Mesmo uma leitura superficial do Antigo Testamento revela que grande parte do povo de Deus não seguiu o Senhor em todo o tempo nem guardou seus mandamentos. Foi sempre o “remanescente fiel” dos judeus que passou pelas provações e julgamentos, preservando a aliança divina e começando outra vez. O profeta Isaías chamou um de seus filhos de “Sear-Jasube”, que significa “Um-Resto-Volverá” (Is 7:3). O mesmo princípio

aplica-se à igreja de hoje, pois nem todos os que afirmam crer em Jesus Cristo são, verdadeiramente, filhos de Deus (Mt 7:21-23). Em suas mensagens para as sete igrejas da Ásia Menor, nosso Senhor sempre reservou uma palavra especial para os “perseverantes”, o remanescente fiel de cada congregação que procurou obedecer a Deus (Ap 2:7, 11, 17, 24-28; 3:4, 5, 12, 21). Daniel e seus três amigos foram parte de um remanescente judeu fiel na Babilônia, colocado lá pelo Senhor para cumprir seus propósitos.

Esses jovens se destacavam em todos os aspectos e eram “os melhores e mais brilhantes”, preparados por Deus para um ministério estratégico longe de seu lar. Eram de boa aparência, saudáveis, inteligentes e talentosos.⁴ Pertenciam à tribo de Judá (Dn 1:6) e eram de linhagem real (v. 3).⁵ Eram, em todos os sentidos, a nata dos judeus. Pelo fato de Aspenaz ser o “chefe dos eunucos”, alguns concluem que os quatro rapazes judeus também foram feitos eunucos, mas é bem provável que essa seja uma conclusão equivocada. A princípio, o termo “eunuco” (no hebraico, *saris*) referia-se a um servo que havia sido castrado para poder servir no harém real. Contudo, com o tempo, o título passou a ser usado para qualquer oficial importante da corte. O termo é empregado para Potifar e ele era casado (Gn 37:36). A lei judaica proibia a castração (Dt 23:1), de modo que é difícil crer que esses quatro hebreus fiéis que resistiram em todos os outros aspectos aos costumes babilônios tivessem se submetido a isso.

Uma prova difícil (vv. 4b-7). Era uma honra ser treinado como oficial do palácio do rei, mas também era uma prova, pois esses quatro rapazes judeus dedicados teriam de se adaptar aos costumes e ao modo de pensar dos babilônios. O propósito desse “curso” era transformar judeus em babilônios, e isso significava não apenas uma nova terra, mas também novos nomes, novos costumes, novas idéias e uma nova língua. Durante três anos, seus mestres babilônios tentariam fazer uma “lavagem cerebral” nos quatro jovens e ensiná-los a pensar e a viver como babilônios.

O nome Daniel significa “Deus é meu juiz”, mas foi mudado para Belsazar ou “Bel protege a vida dele”. Hananias quer dizer “o Senhor mostra graça”, mas seu novo nome, Sadraque, significa “o comando de Aku” (o deus-lua). Misael quer dizer “Quem é como Deus?”, e seu novo nome, Mesaque, significa “Quem é como Aku?”. Azarias significa “O Senhor é meu auxílio”, mas Abede-nego quer dizer “servo de Nebo (Nego)”. O nome do verdadeiro Deus vivo foi substituído pelos nomes dos falsos deuses da Babilônia, mas o que mais se poderia esperar de incrédulos?

Aprender uma nova língua e até receber outro nome não criou muitos problemas, mas praticar costumes contrários à lei de Moisés foi uma grande complicação. Os babilônios eram excelentes construtores, matemáticos e estrategistas militares, mas sua religião era repleta de superstições e de mitos. Assim como os alunos cristãos nas escolas seculares de hoje com freqüência precisam estudar questões que entram em contradição com sua fé, Daniel e seus amigos tiveram de se tornar mestres na história e nas ciências babilônicas. Na verdade, na prova final, saíram-se melhor que todos os outros aprendizes (v. 20) e, mais tarde, Deus lhes deu a oportunidade de mostrar que a fé dos judeus era superior à fé de seus senhores. Contudo, quando seu treinamento exigiu que desobedecessem à santa lei, precisaram impor limites.

Sem dúvida, a comida do rei era a melhor da terra, então por que esses quatro aprendizes hebreus iriam recusá-la? Ela os contaminaria e os tornaria ceremonialmente imundos diante de seu Deus (v. 8). Era importante para os judeus que comessem apenas animais aprovados por Deus e preparados de modo que o sangue fosse escoado da carne, pois comer sangue era estritamente proibido (Lv 11; 17:10-16). Porém, mais do que isso, a comida do rei era oferecida primeiro a ídolos, e nenhum judeu comeria alimentos contaminados pela idolatria. A Igreja primitiva teve de lidar com esse mesmo problema.

Uma prova de discernimento (vv. 8-16). Como é possível o povo de Deus resistir às pressões que o “esmagam” para que

se conforme com o mundo? De acordo com Romanos 12:1, 2, os “conformados” são aqueles cuja vida é controlada pelas pressões exteriores, enquanto os “transformadores” são aqueles cuja vida é controlada pelo poder interior. Daniel e seus três amigos eram transformadores: em vez de sofrer mudanças, eles as realizavam! Deus usou-os para transformar a mente de governantes poderosos e para trazer grande glória ao nome dele numa terra pagã.

O primeiro passo na resolução do problema e no exercício de ser transformadores foi entregar-se inteiramente ao Senhor. O coração de Daniel – todo o seu ser – pertencia a Deus, como também o de seus amigos (Dt 1:8; Rm 12:1, 2). “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida” (Pv 4:23). Um coração que ama ao Senhor não tem dificuldade em fazer as escolhas certas e em confiar em Deus para suportar as consequências. Alguém disse bem que fé não é crer apesar das evidências – isso é superstição –, mas sim obedecer apesar das consequências. Quando tiveram de escolher entre a Palavra de Deus e a comida do rei, ficaram com a Palavra de Deus (Sl 119:103; Dt 8:3).

O segundo passo foi usar de bondade para com aqueles em posição de autoridade. Os quatro rapazes observaram que Aspenaz era especialmente amistoso e gentil para com eles e reconheceram nisso a mão do Senhor (José teve uma experiência parecida quando estava na prisão; ver Gn 39 – 40). “Sendo o caminho dos homens agradável ao SENHOR, este reconcilia com eles os seus inimigos” (Pv 16:7). Em vez de esperarem que um oficial gentio pagão desobedesse à lei de Moisés e se metesse em apuros com o rei, Daniel e seus amigos usaram uma abordagem sábia e pediram para fazer uma experiência de dez dias.

Ao longo das Escrituras, encontramos pessoas corajosas que tiveram de desafiar as autoridades a fim de agradar a Deus e, em todos esses casos, usaram de sabedoria e de gentileza. “Se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens” (Rm 12:18).

Além de Daniel e seus amigos, temos o exemplo das parteiras hebreias (Êx 1), dos apóstolos (At 4) e mesmo do próprio Jesus (1 Pe 2:13-25). Todos tiveram de resistir à lei a fim de obedecer ao Senhor, e Deus permitiu que fossem bem-sucedidos. Foram corteses e procuraram não colocar outros em situações difíceis. Mostraram um espírito manso e pacífico. Viram o desafio como uma oportunidade de fazer prova de Deus e de glorificar seu nome.

Os quatro aprendizes judeus não ameaçaram ninguém, não fizeram um protesto e nem tentaram pôr fogo em algum prédio. Simplesmente se destacaram em seus estudos, agiram como homens honrados e pediram ao cozinheiro-chefe que fizesse uma experiência durante dez dias dando-lhes apenas legumes para comer e água para beber⁶. Os cristãos não têm direito algum de pedir a outros – especialmente aos incrédulos – que corram riscos que eles próprios não estão dispostos a assumir. Sem saber que estava sendo dirigido pelo Senhor, o cozinheiro-chefe mostrou-se disposto a aceitar a sugestão dos rapazes, e o resto ficou ao encargo de Deus. Passados dez dias, os rapazes judeus estavam fisicamente mais saudáveis e com uma aparência melhor do que a de todos os outros aprendizes. Temos aqui uma ilustração clara da promessa de Mateus 6:33 e do princípio apresentado em Colossenses 4:5; 1 Tessalonicenses 4:12 e 1 Pedro 3:15.

Quando se trata de resolver os problemas da vida, devemos pedir a Deus que nos dê coragem para encarar as dificuldades com humildade, honestidade e sabedoria para compreendê-las, forças para obedecer ao Senhor e fé para confiar que ele fará o resto. Nossa motivação deve ser a glória de Deus e não o desejo de encontrar uma saída. A pergunta importante não é: “Como posso sair dessa situação?”, mas sim: “O que posso aprender com essa situação?” O Senhor usou essa provação em particular para preparar Daniel e seus amigos para as provações públicas que teriam de enfrentar nos anos vindouros. O melhor dessa experiência não foi o fato de não terem precisado transigir com os pagãos – por mais maravilhoso

que fosse não ter de condescender –, mas sim o fato de haverem desenvolvido seu caráter. Não é de se admirar que Deus chamou Daniel de “mui amado” (Dn 9:23; 10:11, 19), pois ele era muito parecido com seu Filho Amado.

3. DEUS DEU COMPETÊNCIA E SUCESSO A DANIEL E A SEUS AMIGOS (Dn 1:17-20)

Para sobreviver, é preciso ser treinado, e para viver, é preciso ser educado. Porém, a fim de ter um ministério para Deus, é preciso ter os dons divinos e a ajuda do Senhor. O treinamento e a educação são extremamente importantes, mas não substituem a capacitação e a sabedoria que só Deus pode dar.

A bênção especial de Deus (v. 17). Esses quatro rapazes hebreus tiveram de estudar e de se aplicar, mas Deus lhes deu aptidão para aprender o conteúdo, discernimento para compreendê-lo e sabedoria para colocá-lo em prática e relacioná-lo com a verdade de Deus. Como aprendizes, tudo o que precisamos fazer é pedir a Deus sabedoria (Tg 1:5) e, depois, nos esforçar para dar o melhor de nós. “A fé sem obras é morta” (Tg 2:26), e o estudo fiel não pode substituir a oração fervorosa, porém ambos são necessários.

O que esses jovens estudaram? Sem dúvida, foram ensinados sobre a religião da Babilônia, bem como sobre o sistema de astrologia que constituía a base da religião e da ciência dos babilônios. Os conselheiros oficiais do rei precisavam ser capazes de interpretar sonhos e diferentes agouros, pois tanto a compreensão do presente quanto o conhecimento do futuro eram importantes para o sucesso do rei. Os jovens receberam aquilo que chamaríamos de “educação secular”, repleta das superstições daquela época.

O povo de Deus deve aprender “a sabedoria deste mundo” ainda que tenha a Palavra inspirada e infalível de Deus para instruí-los? Alguns cristãos sinceros acreditam que a “educação secular” é pecaminosa, enquanto outros, igualmente sinceros, crêem que o povo de Deus deve compreender a mentalidade do mundo, mas não ser controlado por ela. Tertuliano (160-220 d.C.),

grande patriarca da Igreja, é um exemplo do primeiro grupo, pois perguntou: “O que, de fato, Atenas tem a ver com Jerusalém? Que concórdia há entre a Academia e a Igreja?”.⁷ Também escreveu: “Existe, portanto, alguma semelhança entre o cristão e o filósofo? Entre o homem cujo objetivo é a fama e o homem cujo objetivo é a vida?”⁸

Moisés, por outro lado, “foi educado em toda a ciência dos egípcios” (At 7:22), e o apóstolo Paulo leu os autores clássicos e até citou-os em suas cartas. Em 1 Coríntios 15:33 citou o poeta grego Menander; em Atos 17:27 e 28 citou Epiménides, Aratus e Cleantes, e em Tito 1:12 citou Epiménides. Em 2 Timóteo 4:13, pediu a Timóteo que levasse para ele seus livros e pergamínhos. É provável que fossem cópias de algumas das Escrituras do Antigo Testamento e possivelmente alguns dos autores clássicos. A questão é que Paulo conhecia os clássicos e procurou usar seu conhecimento para alcançar as pessoas com a verdade da Palavra de Deus. “Cuidado com o ambiente moral dos clássicos”, escreveu Robert Murray M’Cheyne a um amigo. “É verdade que devemos conhecê-los, mas apenas como um químico lida com substâncias venenosas – para descobrir suas qualidades e não para infetar o sangue com elas.”⁹

Ao compreender a mentalidade dos babilônios, especialmente dos magos, dos encantadores, dos feiticeiros e dos caldeus (Dn 2:2), Daniel e seus amigos tornaram-se mais aptos a mostrar a superioridade da sabedoria de Deus. O Senhor deu a Daniel o dom especial de interpretar visões e sonhos. Na primeira metade do livro, Daniel interpretou as visões e sonhos de outros, mas na segunda parte, ele próprio recebeu visões do Senhor.

A avaliação do rei (vv. 18-20). Não sabemos quantos aprendizes completaram seus estudos, mas é interessante que o próprio Nabucodonosor reservou um tempo para avaliá-los. Uma vez que os recém-formados iriam tornar-se seus conselheiros pessoais, o rei desejava certificar-se de que eram os melhores. Ao acrescentar novos membros excepcionalmente inteligentes a sua equipe,

o rei teria a garantia de estar recebendo o melhor conselho disponível. Ele conhecia os conselheiros mais velhos, e é possível que não estivesse muito satisfeito com eles (ver Dn 2:5-13). Será que suspeitava de alguma intriga palaciana? Como veremos depois, o acréscimo e a promoção desses quatro jovens judeus gerou inveja e ressentimento no meio dos conselheiros, e eles tentaram livrarse de Daniel (cap. 6). Como homens mais velhos, ressentiram-se de sua juventude; como babilônios, ressentiram-se de sua raça; como servos experientes, invejaram sua grande competência e conhecimento.

Os “magos” eram homens que lidavam com as ciências ocultas, enquanto os “encantadores” usavam encantamentos para cumprir seus propósitos. Os “feiticeiros” especializavam-se em evocar o sobrenatural com palavras de feitiços; os “astrólogos” estudavam os movimentos dos astros e sua influência sobre os acontecimentos; os “adivinhadores” procuravam ver o futuro por meio de vários métodos. Claro que todas essas práticas eram proibidas pela lei de Moisés (Dt 18:9-13). Daniel e seus amigos precisavam trabalhar com esses homens e, no entanto, mantiveram-se puros e deram testemunho convincente do Senhor.

Em Daniel 1:20, a oração “o rei lhes fez perguntas” indica que o rei “examinou e comparou” os aprendizes. Ele não apenas os interrogou, mas também comparou-os entre si e, desse modo, ficou com os melhores. Não há motivo algum para os estudantes cristãos não estarem entre os melhores alunos das universidades, recebendo as mais elevadas distinções para a glória de Deus. Na opinião de Tertuliano, “Jerusalém” não devia ter qualquer relação com “Atenas”, mas se os cristãos de “Jerusalém” não testemunharem aos incrédulos de “Atenas”, como esses pecadores perdidos ouvirão falar de Jesus Cristo? Ir a “todo o mundo” inclui ir aos campi sem Cristo e deixar brilhar nossa luz.

4. DEUS DEU A DANIEL VIDA E MINISTÉRIO LONGOS (Dn 1:21)

O primeiro ano do reinado de Ciro corresponde a 539 a.C., mas Daniel ainda estava

vivo em 537 a.C., o terceiro ano de Ciro (Dn 10:1). Se Daniel tinha 15 anos de idade em 605 a.C., quando foi levado para a Babilônia, então estaria com 83 anos quando recebeu as revelações registradas nos capítulos 10 a 12. Ao ler as profecias de Jeremias (Jr 25:11; 29:10), Daniel compreendeu o plano de Deus para a volta dos judeus a sua terra, a fim de reconstruir o templo e a cidade (Dn 9:1, 2), e viveu o suficiente para ver essa profecia se cumprir! Ninguém sabe quanto tempo mais ele viveu depois disso, e também não importa. Durante sua longa vida, Daniel teve oportunidade de testemunhar para Nabucodonosor, Belsazar, Dario e Ciro e ainda para muitos oficiais da corte que mudavam com freqüência. Foi um servo fiel e poderia dizer como o Senhor Jesus: "Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer" (Jo 17:4).

Porém, nem todo servo fiel de Deus recebe a bênção de uma vida longa. É provável que Estêvão não passasse de um rapaz quando foi martirizado (At 7), e Paulo estava na casa dos sessenta quando foi morto em Roma. O piedoso pregador escocês Robert Murray M'Cheyne estava a dois meses de completar 30 anos quando faleceu e, no entanto, ainda somos enriquecidos por seu ministério. William Whiting Borden (conhecido como "Borden de Yale") tinha apenas 25 anos quando morreu no Egito, e David Brainerd, missionário entre os índios norte-americanos, estava com apenas 29 anos quando o Senhor o chamou. "Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio" (Sl 90:12). Contamos nossos anos e não nossos dias, mas ainda assim todos têm de viver um dia de cada vez; não sabemos quando o Sol nascerá para nosso último dia.

A fim de realizar seus planos para seu povo, o Senhor trabalha de maneira providencial e coloca alguns de seus servos em lugar de honra com responsabilidades especiais. Quando quis proteger a família de Jacó e o futuro de Israel como nação, o Senhor enviou José para o Egito e fez dele o vice-governante da terra. Deus colocou Ester

e Mordecai na Pérsia, onde desmascararam uma intriga contra os hebreus e salvaram o povo de Israel do extermínio. Neemias era o copeiro do rei de Susã e conseguiu obter a ajuda desse monarca para restaurar os muros de Jerusalém. Fico imaginando se os homens que ocupavam altos cargos políticos e que ajudaram Paulo eram verdadeiros crentes em Jesus Cristo·(At 19:30, 31; Rm 16:23). Mesmo que não fossem, Deus os colocou onde estavam e capacitou-os para que cumprissem a vontade dele.

Os acontecimentos registrados neste capítulo devem servir de grande encorajamento para nós quando passamos por testes e provações e ficamos desanimados, pois mesmo quando não damos a Deus permissão para ter o governo da situação, ainda assim ele prevalece. Deus continua em seu trono e jamais nos deixará nem nos abandonará.

O inimigo destruiu a cidade santa e o templo sagrado e levou o povo de Deus cativo? Não tema, pois há um remanescente piedoso que adora e que serve o Deus verdadeiro. O inimigo tenta contaminar esse remanescente piedoso? Não tema, pois o Senhor trabalhará em favor dos seus e os guardará separados para si. Precisamos de cristãos piedosos em posições de autoridade? Não tema, pois o Senhor providenciará para que sejam preparados e nomeados. Ele guardará seus servos com vida e alertas até que tenham completado sua obra. Você se encontra num cargo de responsabilidade e se pergunta quanto tempo mais poderá suportar? Não tema, pois o mesmo Deus que o chamou e que o preparou pode fazê-lo prosseguir até que tenha completado a tarefa que ele lhe confiou. "Fiel é o que vos chama, o qual também o fará" (1 Ts 5:24).

Todo cristão é um conformado ou um transformador. Ou estamos sendo espremidos para caber nos moldes do mundo ou estamos transformando as coisas no mundo em que Deus nos colocou. Nem sempre a vida dos transformadores é fácil, mas sem dúvida é empolgante, e é motivo de grande alegria o fato de Deus estar usando você para influenciar a outros.

1. BOWEN, Catherine Drinker. *Miracle at Philadelphia*. Boston: Little, Brown and Co., 1966, pp. 125-7.
2. Pressupõe-se que Daniel escreveu o livro que leva seu nome por Daniel 8:1; 9:2, 20; 10:2. O fato de ele ser uma pessoa real e histórica é declarado não apenas em seu próprio livro, mas também em Ezequiel 14:14, 20; e 28:3 e por Jesus em Mateus 24:15 e Marcos 13:14.
3. Os babilônios consideravam o primeiro ano de reinado de seus monarcas como o "ano de ascensão" e o ano seguinte como seu primeiro ano, enquanto os judeus começavam a contar a partir do momento em que o rei começava a reinar. Por isso Jeremias 25:1 refere-se a esse ano importante como o "ano quarto de Jeaquim" usando o sistema judeu de cálculo.
4. Esse fato não deve desanímar aqueles de nós que talvez não tenham dons tão especiais quanto esses. Deus prepara e usa pessoas de todos os tipos, mas no caso dos quatro homens hebreus, a excelência era um requisito que precisavam preencher. Use os dons que Deus lhe deu e não se compare com outros. Cada um de nós é singular.
5. Isaías havia prometido que os descendentes do rei se tornariam eunucos na Babilônia (Is 39:7).
6. O fato de Deus ter usado uma dieta vegetariana para contribuir para o sucesso desses quatro rapazes não significa que todos nós teremos o mesmo sucesso se seguirmos esse exemplo. A Bíblia deixa claro que nenhum alimento é proibido aos cristãos (Cl 2:16; Rm 14:17; Mc 7:1-23; 1 Tm 4:1-5). A história nos incentiva a seguir seu exemplo de fé e não sua dieta.
7. Tertuliano. *On Prescription Against Heretics. The Ante-Nicene Fathers*. Eerdmans. v. 3, p. 246.
8. Op. cit., p. 51.
9. BONAR, Andrew. *Memoir and Remains of Robert Murray M'Cheyne*. Banner of Truth Trust, p. 29.

O DEUS DOS SONHOS E DOS DESTINOS

DANIEL 2

Ao passarmos do capítulo 1 para o capítulo 2, o ambiente no palácio real muda radicalmente. O capítulo 1 encerra com reconhecimento e segurança, mas o capítulo 2 começa com rejeição e perigo. Pelo fato de terem poder e autoridade quase ilimitados, os déspotas do Oriente eram notoriamente temperamentais e imprevisíveis, e nessa passagem Nabucodonosor revela esse lado de seu caráter (ver também Dn 3:19). Contudo, o herói e personagem principal do capítulo 2 não é o rei Nabucodonosor, mas sim o Senhor Deus, que “revela o profundo e o escondido” (v. 22). Ao ler este capítulo, você verá o Deus de Israel no controle absoluto de toda a situação, cumprindo seus propósitos, mesmo por meio de incrédulos gentios supersticiosos. Observe os atos divinos que protegeram seus servos e que glorificaram o nome do Senhor.

1. DEUS AFLIGE UM REI (Dn 2:1)

Nabucodonosor estava em seu segundo ano de reinado descobrindo os fardos do governo bem como as consequências de suas decisões. Algumas de suas apreensões lhe causavam noites mal dormidas (Ec 5:12), e sua mente encontrava-se inquieta com as preocupações sobre o futuro do reino (Dn 2:29). Quanto tempo duraria o grande domínio da Babilônia? Quanto tempo viveria seu rei? Shakespeare tinha razão: “Inquieta em seu travesseiro é a cabeça que leva a coroa”.

O Senhor deu a Nabucodonosor um sonho muito vívido que ele não foi capaz de compreender, e isso o deixou angustiado. O fato de o Senhor Todo-Poderoso comunicar-se com um rei pagão gentio é prova da

graça de Deus. A oração “teve este um sonho” pode indicar que tal sonho foi repetitivo. O Senhor havia dado dois sonhos ao Faraó (Gn 41) – outro governante gentio –, e José precisou interpretá-los. Da mesma forma, deu um sonho aos magos que foram adorar Jesus (Mt 2:12) e que também eram gentios. Quando Deus queria transmitir uma mensagem aos gentios, normalmente envia-lhes um profeta judeu (Am 3:7) – Jonas a Nínive, por exemplo, ou Amós às nações vizinhas (Am 1 – 2). Contudo, nesse caso, o Senhor comunicou-se diretamente com um monarca incrédulo e gentio. Em sua sabedoria, o Senhor planejou usar seu fiel servo Daniel para descrever e interpretar o sonho e, desse modo, o nome de Deus seria glorificado, e Daniel e seus amigos seriam honrados e recompensados.

Deus ainda usa sonhos para comunicar sua vontade? Sem dúvida pode fazê-lo, se assim o desejar, mas essa não é sua abordagem habitual. Hoje em dia, Deus orienta seus filhos por meio do Espírito Santo, à medida que oram, buscam ao Senhor, meditam em sua Palavra e procuram o conselho de seus líderes espirituais. O perigo é que nossos sonhos não venham do Senhor. O inconsciente humano é capaz de produzir sonhos, e Jeremias 23:25-32 indica que forças demoníacas podem trazer sonhos que são mentiras de Satanás, não verdades de Deus. É arriscado aceitar sonhos como mensagens do Senhor.

2. DEUS ENVERGONHA OS “SÁBIOS” (Dn 2:2-13)¹

O rei fez aquilo que qualquer governante da antiguidade faria: convocou seus conselheiros para ajudá-lo a entender o significado desse sonhos que haviam interrompido seu sono e tirado sua paz. Contudo, não se tratava de uma reunião de rotina, pois o rei não apenas ordenou que interpretassem o sonho, mas também que lhe revelassem o que havia sonhado! Se não fizessem as duas coisas, poderia executá-los sem misericórdia e transformar as casas deles em latrinas públicas e depósitos de lixo (“monstros”). É evidente que se tratava de um

desafio novo para eles e sabiam que não podiam vencê-lo.

Vemo-nos aqui diante de uma pergunta para a qual estudiosos da Bíblia não apresentam consenso em suas respostas: O rei Nabucodonosor esqueceu-se de seu sonho ou estava usando essa abordagem para testar seus conselheiros e ver se eram autênticos? Acredito na segunda possibilidade, mas vamos considerar os dois lados da questão.

Ele esqueceu o sonho. Acho difícil acreditar que um sonho tão nítido pudesse escapar da memória de um grande líder como Nabucodonosor, especialmente se foi um sonho repetitivo. É claro que nos esquecemos da maioria de nossos sonhos, mas, nesse caso, o Senhor estava procurando comunicar sua verdade ao rei. Certamente, o mesmo Deus que havia dado o sonho poderia providenciar para que o rei se lembrasse dele. Afinal, o sonho era tão inquietante que fazia o monarca perder o sono pensando em seu significado. Além do mais, se o rei, de fato, havia esquecido o sonho, como poderia verificar que os conselheiros haviam dado a resposta correta?

O rei estava testando seus conselheiros. Creio que Nabucodonosor lembrou-se do sonho, refletiu sobre ele e percebeu que continha uma mensagem significativa sobre ele e seu reino. Seu coração deve ter se enchido de temor e de espanto ao contemplar a gigantesca figura de metal sendo esmieuçada por uma pedra misteriosa, que se transformava numa montanha. A interpretação desse sonho era importante demais para ser tratada como assunto de rotina. O rei queria estar certo de que seus “sábios” eram capazes de lhe dar o significado correto, pois o sonho envolvia seu futuro. Não queria ouvir “palavras mentirosas e perversas” (v. 9) que inventassem só para agradar o rei. Queria a verdade.

Talvez tivesse se lembrado da diferença entre os conselheiros que herdara do pai e os quatro jovens judeus que se destacaram em seus estudos (Dn 1:19, 20). O rei havia testemunhado que esses quatro rapazes eram dez vezes melhores que seus conselheiros e que possuíam uma sabedoria muito

maior do que qualquer coisa que seus “sábios” já haviam mostrado. Talvez tivesse concluído que seus sábios tivessem conspirado para enganá-lo e que as interpretações e explicações deles não tinham valor algum. Se, de fato, possuíam a habilidade de interpretar sonhos, então certamente também tinham a capacidade de dizer-lhe com o que havia sonhado! Era um teste de aptidão e de veracidade.

Qualquer que seja a abordagem correta, uma coisa é certa: os conselheiros foram extremamente humilhados, pois não puderam dizer a Nabucodonosor qual havia sido seu sonho. Aquela era uma grande oportunidade de receberem riquezas, prestígio e uma promoção, e o fato de tentarem ganhar tempo indicava que não eram capazes de vencer o desafio. Toda essa situação preparou o terreno para Daniel exaltar o verdadeiro Deus vivo de Israel, o único que podia prever o futuro (Is 41:21-23). Ao lançar esse desafio impossível, o rei estava inconscientemente seguindo o plano de Deus e abrindo caminho para Daniel fazer aquilo que os conselheiros não tinham conseguido. Os sábios tentaram usar a lisonja e a lógica para se defender, mas seus discursos só deixaram Nabucodonosor ainda mais irado, até que, finalmente, ele publicou um edital para que todos os “sábios” da cidade da Babilônia fossem executados.

Ao longo da história bíblica, encontramos ocasiões em que Deus traz à luz a insensatez do mundo e a falsidade de Satanás. Moisés e Arão derrotaram os magos do Faraó e os deuses do Egito (Êx 7 – 12). No monte Carmelo, Elias desmascarou a falsidade do culto a Baal (1 Rs 18). Jeremias confrontou os falsos profetas (Jr 28), Paulo desmascarou a falsidade do feiticeiro Barjesus (At 13:1-12). Mas foi Jesus quem, com sua vida, seus ensinamentos e sua morte sacrificial, declarou que para Deus a sabedoria deste mundo é “loucura” (1 Co 1:18ss), e isso inclui todos os mitos e falsas religiões. A declaração dos conselheiros, em Daniel 2:10, acabou de uma vez por todas com as mais variadas formas de astrologia e de profecia humana! Com sua própria

boca, os sábios condenaram aquilo que praticavam!

3. DEUS REVELA O SEGREDO (Dn 2:14-23)

O edicto do rei deveria ser obedecido, de modo que Arioque, chefe da guarda do rei e principal executor, pôs-se a reunir todos os “sábios do rei” para matá-los. Satanás havia perdido uma batalha, mas tentaria arrancar disso uma vitória ao providenciar para que Daniel e seus três amigos fossem mortos. O maligno estava disposto a sacrificar todos os seus falsos profetas na cidade da Babilônia para destruir quatro servos fiéis de Deus. Os servos de Satanás são dispensáveis para ele, mas o Senhor cuida de seu povo.

Um adiamento extraordinário (vv. 14-16). Quando Arioque foi buscar Daniel e seus amigos, os moços ficaram estarrecidos com o edicto do rei. Como “recém-formados” dentre os conselheiros reais, não haviam sido convidados à sessão especial que tratou do sonho do rei. Daniel falou a Arioque “avisada e prudentemente”, da mesma forma como havia falado com Aspenaz e com o cozinheiro-chefe (Dn 1:9-14; ver Cl 4:5, 6), e o executor explicou como o assunto era sério. Ao fazer isso e demorar para obedecer, Arioque estava arriscando a própria vida, mas os oficiais do palácio haviam tomado conhecimento de que os quatro homens judeus eram dignos de confiança. Suas palavras e atos afáveis durante os três anos de treinamento estavam contribuindo para salvar a vida deles.

Arioque permitiu que Daniel falasse com Nabucodonosor, e é possível que o rei tenha ficado surpreso em vê-lo. Ao que parece, havia se acalmado e estava disposto a fazer algumas concessões. Afinal, Daniel não estivera na primeira reunião e merecia uma oportunidade de obedecer às ordens do rei. Sem dúvida, Nabucodonosor se lembrava dos quatro hebreus que haviam sido aprendizes excepcionais e que eram superiores aos homens que agora corriam perigo de vida. Por que matar seus quatro melhores conselheiros só por causa da incompetência dos outros? Pela fé, Daniel prometeu

mostrar ao rei o sonho e sua interpretação, pois sabia que o Senhor responderia à sua oração.

Uma oração de fé (vv. 17-19). Ao longo deste livro, Daniel e seus amigos são apresentados como homens de fé e de oração (Dn 6; 9). Estavam longe de casa, mas, pela fé, podiam continuar a olhar para Jerusalém e para o templo e apropriar-se da promessa de 1 Reis 8:44, 45. O Deus do céu² ouviria as orações de seus servos e lhes responderia para sua glória. O termo hebraico *raz* é usado oito vezes nesse capítulo e significa “mistério”, *mysterion* em grego, a qual aparece vinte e oito vezes no Novo Testamento. Significa “uma verdade oculta revelada apenas aos iniciados”. Deus havia ocultado uma verdade profética no sonho e capacitou seu servo para que conhecesse tanto o sonho quanto sua interpretação e para que compreendesse os planos de Deus para o futuro. “Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo” (Tg 5:16).

Louvor repleto de júbilo (vv. 20-23). A primeira reação de Daniel foi bendizer ao Senhor por ouvir suas súplicas e lhes responder. Ele e seus amigos haviam pedido sabedoria, e Deus havia lhes dado (Tg 1:5); sua mão poderosa deteve o processo de execução e deu aos quatro homens tempo para orar. Os “sábios” pagãos nem suspeitavam que estavam sendo salvos pela presença dos hebreus na Babilônia.³ O Deus do céu também é o Deus da história, pois pode determinar e mudar o tempo destinado aos governantes e às nações – justamente o que preocupava Nabucodonosor. Para o rei, o sonho não passava de “trevas”, mas como a nuvem de glória que se colocou entre Israel e o exército egípcio (Êx 14:19, 20), para Daniel ele era luz. Daniel incluiu seus três amigos em seu cântico de louvor (Dn 2:23), pois haviam dividido com ele o fardo da oração. Mais tarde, compartilharia com os três as honras que receberia, e eles serviriam com Daniel nos cargos mais elevados da cidade da Babilônia.

Hoje em dia, quando o povo de Deus enfrenta uma crise, precisa seguir o exemplo de Daniel e de seus amigos e levar o assunto

ao Senhor em oração. Ter fé é viver sem tramar, e a fé glorifica a Deus. Daniel e seus amigos não podiam receber o crédito por aquilo que aconteceu, pois veio das mãos de Deus. “Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás” (Sl 50:15). Nas palavras de A. W. Tozer: “A fé pode tudo aquilo que Deus pode, e a oração pode tudo aquilo que a fé pode, se essa oração for feita pela fé. Um convite à oração é, portanto, um convite à onipotência, pois a oração toma o Deus Onipotente e o traz para dentro de nossas circunstâncias”.⁴

4. DEUS MOSTRA SUA SABEDORIA E PODER (DN 2:24-45)

Mais uma vez, vemos a sabedoria e o tato de Daniel ao procurar Arioque imediatamente e pedir-lhe que não executasse os “sábios”, pois Deus havia lhe revelado tanto o sonho quanto a interpretação. Daniel não ouviu o sermão da montanha, mas sabia como tratar seus inimigos e estava disposto a salvar os conselheiros. Uma vez que Arioque era o responsável pelas execuções, pôde deter o processo e salvar a vida de todos os conselheiros do rei na cidade da Babilônia. Daniel deu a Arioque o privilégio de levá-lo à presença do rei e dividiu com ele parte do crédito. A declaração de Arioque: “Achei um dentre os filhos dos captivos de Judá” (v. 25) não é exatamente verdadeira, pois foi Daniel quem encontrou Arioque. No entanto, Daniel não era o tipo de pessoa que se preocupava com quem recebia o crédito, desde que o nome de Deus fosse glorificado.

Em resposta à pergunta do rei, Daniel mais que depressa deu toda a glória ao Deus do céu, o que nos faz lembrar de José quando interpretou os sonhos do Faraó (Gn 41:16). Nabucodonosor deve ter ficado estarrecido quando Daniel lhe disse que o rei vinha se preocupando com o futuro de seu reino antes de ter esse sonho. O sonho era a resposta de Deus a essas preocupações, pois Deus revelou a futura seqüência de reinos gentios e como a história gentia chegaria a seu ápice com o aparecimento de um reino eterno.

A expressão “nos últimos dias” (ou outras semelhantes) aparece com freqüência nas Escrituras, começando com Gênesis 49:1 e terminando com 2 Pedro 3:3. Nossa Senhor trouxe “os últimos dias” com sua morte, ressurreição e ascensão ao céu (Hb 1:2; 1 Pe 1:20), de modo que vivenciamos agora um tempo no qual Deus está concluindo tudo. Deus tem planos para os “dias vindouros” de Israel (Gn 49:1; Dt 31:29; Dn 2:28), os quais chegarão a seu ápice quando o Messias voltar à Terra e for recebido por seu povo (Os 3:5; Mq 4:1; Jl 2:28, 29). Os “últimos dias” para a Igreja incluem tempos de perigo (2 Tm 3:1), a apostasia de muitos e a multiplicação de escarnecedores e de opositores da verdade (2 Pe 3:1ss), sendo que esse tempo terminará quando Cristo levar sua Igreja para o céu (1 Ts 4:13-18).

A figura que Nabucodonosor contemplou em seu sonho retratava aquilo que Jesus chamou de “tempos dos gentios” (Lc 21:24), período que começou em 605 a.C., quando Jerusalém foi tomada por Nabucodonosor e pelo exército da Babilônia. Esse período terminará quando Cristo voltar para estabelecer seu reino (Lc 21:25-28).⁵ Durante os “tempos dos gentios”, haverá quatro reinos sucessivos, culminando com um quinto reino que destruirá os outros quatro e dominará a Terra. Esse é o reino do Senhor Jesus Cristo, Rei dos reis e Senhor dos senhores.

O sonho (vv. 31-35). Primeiramente, Daniel disse ao rei o que ele havia visto no sonho e, depois, explicou seu significado. Vira a imagem de um homem, uma grande estátua, “imensa e de extraordinário esplendor” (v. 31), feita de cinco materiais diferentes: ouro, prata, bronze, ferro e barro. Subitamente, apareceu uma pedra que despedaçou os pés da estátua, de modo que ela foi completamente esmiuçada e tornou-se como palha sendo levada pelo vento. Então, a pedra tornou-se uma grande montanha que encheu toda a Terra. Ao ouvir essa descrição tão precisa, o rei soube que Daniel estava dizendo a verdade e que podia confiar nas palavras dele. Somente o Deus no céu que havia enviado o sonho

poderia ter ajudado seu servo a conhecer e interpretar esse sonho.

O significado do sonho (36-45)⁶. A grande estátua representava quatro reinos gentios:

- A cabeça de ouro: Nabucodonosor e o reino da Babilônia (vv. 37, 38). Durou de 636 a.C. a 539 a.C. Jeremias chamou a Babilônia de "copo de ouro na mão do SENHOR" (Jr 51:7).
- O peito e os braços de prata: o reino medo-persa (539 a.C.-330 a.C.). Dario, o medo, conquistou a Babilônia (Dn 5:30, 31).
- O ventre e os quadris de bronze: o reino da Grécia (330 a.C.-63 a.C.). Alexandre, o Grande, estabeleceu aquele que provavelmente foi o maior império da Antiguidade. Morreu em 323 a.C.
- As pernas de ferro e os pés de ferro e de barro: o império romano (63 a.C.-475 d.C.). O ferro representa força, mas o barro representa fragilidade. Roma era forte em sua lei, organização e poderio militar, mas o império era constituído de tantos povos diferentes que isso o enfraqueceu. "Misturar-se-ão mediante casamento, mas não se ligarão um ao outro" (Dn 2:43).
- A destruição da figura: a vinda de Jesus Cristo, a Pedra, para julgar seus inimigos e estabelecer seu reino universal.

Por mais simples que pareça ser essa explicação, ela apresenta algumas mensagens importantes e profundas. Primeiro, revela que Deus está no controle da história. Ele sabe o futuro, pois planeja o futuro. Isso não significa que Deus deva ser culpado pelas perversidades de líderes e de nações, mas sim que pode prevalecer sobre sua perversidade e cumprir seus propósitos divinos. O Deus do céu deu a Nabucodonosor seu trono e permitiu que ele derrotasse seus inimigos e expandisse seu império (vv. 37, 38; Jr 27). Contudo, o Deus que deu autoridade ao rei também poderia tomá-la dele, e foi exatamente o que fez (Jr 51 - 52). O rei não sabia quanto tempo seu império iria durar, mas

sabia que um dia teria fim. Na verdade, a Babilônia foi conquistada por um reino que Daniel chamou de "inferior" (Dn 2:39).

Em segundo lugar, o sonho revela que os empreendimentos humanos entram em declínio com o passar do tempo. A imagem enorme e imponente não apenas era diferente em termos de valor da cabeça para os pés – de ouro para barro – como também em termos de força, terminando com pés feitos de ferro misturado com barro. Na verdade, o maior peso da estátua concentrava-se na parte superior, pois o peso atômico do ouro é dez vezes maior que o do barro, e o peso atômico da prata é cinco vezes maior que o do barro. Era após era, as nações e reinos parecem fortes e duráveis, mas sempre perigam tombar e se despedaçar. A figura que Nabucodonosor viu deslumbrou-o com o brilho do ouro, da prata e do bronze, mas estava apoiada em pés de ferro e de barro.

Ao analisar a história, vemos num primeiro nível progresso e melhorias, mas, se nos aprofundarmos mais, encontraremos deterioração e declínio. Thoreau disse que os Estados Unidos são "meios melhorados para fins inalterados", e o mesmo pode ser dito de qualquer nação em desenvolvimento. Podemos contatar pessoas facilmente em qualquer parte do mundo, mas temos algo de importante a dizer? Podemos viajar de pressa de um lugar para outro, mas o progresso é lento em termos de soluções para guerras, violência, fome e liberdade. Ao mesmo tempo que somos gratos pelas coisas que tornam confortável a vida moderna – boas casas, carros e aviões, remédios eficazes, aparelhos eletrônicos –, temos de admitir que cada uma dessas coisas traz consigo problemas novos a serem resolvidos. É fácil sobreviver, mas é difícil viver.

A terceira verdade é que será difícil manter qualquer integração no fim dos tempos. Os pés da imagem eram feitos de ferro e de barro. O ferro é resistente e durável, mas o barro é frágil e quebradiço. O ferro na imagem dá aparência de força e de permanência, porém o barro indica justamente o contrário. Na verdade, o barro subtrai do ferro sua

capacidade de dar liga, pois todas as partes em que o ferro se encontra com o barro são pontos fracos. A sociedade de hoje se mantém unida por tratados que podem ser quebrados, promessas que podem ser ignoradas, tradições que podem ser esquecidas, organizações que podem ser dispersas e empreendimentos visando lucro que podem dar errado – tudo isso é ferro misturado com barro!

Na melhor das hipóteses, o homem é barro, pois Deus o fez do pó da terra. Apesar de tanto o homem quanto a mulher serem feitos à imagem de Deus, o pecado tirou de nós o domínio que Deus havia nos dado (Gn 1:26). Temos capacidade tanto de criar quanto de destruir e parecemos mais propensos a acabar uns aos outros e com o mundo que Deus, em sua graça, nos concedeu. O coração de todo problema é o problema do coração humano: a rebeldia contra Deus.

A estátua transmite ainda outra verdade: Jesus Cristo voltará, destruirá seus inimigos e estabelecerá seu reino. A pedra é uma figura freqüente de Deus nas Escrituras e refere-se especialmente ao Messias, Jesus, o Filho de Deus (Sl 118:22; Is 8:14; 28:16; Mt 21:44; At 4:11; 1 Co 10:4; 1 Pe 2:4-8). A expressão “sem auxílio de mãos” é usada nas Escrituras para dizer “sem o poder humano” e refere-se a algo que somente Deus pode fazer (Cl 2:11; Hb 9:11, 24). Ao que parece, de certa forma o império romano continuará existindo até o fim dos tempos e atingirá seu ápice com o governo de dez reis (Dn 2:44; 7:24-27; Ap 17:3, 12-18). O mundo será liberto do mal não por um processo, mas por uma crise – a volta prometida de Jesus Cristo. Aquilo que restou dos quatro reinos gentios, que passou de um reino para outro, será destruído e transformado em palha. Então, Cristo estabelecerá seu reino, que encherá toda a Terra.

Quando refletimos sobre essas verdades, nossa resposta deve ser de alegre certeza, sabendo que o Senhor tem todas as coisas sob controle e que, um dia, reinará aqui no mundo. Embora o povo de Deus deva fazer

todo o possível para aliviar o sofrimento e transformar este mundo num lugar mais seguro e feliz, nossa esperança não se encontra em leis, alianças políticas ou campanhas em favor da moralidade. Nossa esperança está no Senhor. O coração das pessoas precisa ser transformado pela graça de Deus, e isso significa que o povo de Deus deve testemunhar até os confins da Terra. O único reino que permanecerá para sempre é o reino de Cristo (Dn 2:44), e os únicos cidadãos desse reino serão aqueles que creram nele e que nasceram de novo pelo Espírito de Deus (Jo 3:1-18).

O que teria tudo isso significado para o rei Nabucodonosor, enquanto ouvia, assentado em seu trono, um rapaz judeu explicar os mistérios de Deus? Em primeiro lugar, a mensagem da estátua deve tê-lo humilhado. As conquistas de nações e de reinos não foram realizadas por Nabucodonosor; foi Deus quem lhe permitiu fazê-lo e quem lhe deu seu império. Nas palavras de Daniel: “Tu, ó rei, rei de reis, a quem o Deus do céu conferiu o reino, o poder, a força e a glória” (Dn 2:37). Infelizmente, o grande rei esqueceu essa lição e, posteriormente, declarou: “Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com o meu grandioso poder e para glória da minha majestade?” (Dn 4:30). Deus teve de humilhar o rei e de fazê-lo viver como um animal até que aprendesse que Deus age de acordo com sua vontade (v. 35) e somente ele merece glória.

Ao dar aquele sonho e permitir que Daniel o conhecesse e explicasse, Deus demonstrou sua sabedoria e seu poder. Deus tem sabedoria para planejar as eras e poder para executar seu plano. O rei Nabucodonosor reinou de 605 a.C. a 562 a.C., mas Jesus Cristo reinará para todo o sempre, e seu reino não terá fim.

3. DEUS HONRA SEUS SERVOS (Dn 2:46-49)

Sendo um incrédulo pagão, Nabucodonosor ficou tão atônito com o que Daniel fez que o tratou como se fosse um deus! O centurião romano Cornélio tratou Pedro da mesma

forma (At 10:25, 26), e Paulo e Barnabé foram considerados deuses pelo povo de Lístra (At 14:8-18). Como judeu devoto, Daniel deve ter detestado essa adulção, mas sabia que era inútil protestar contra as ordens do rei. No entanto, ao prestar homenagem a Daniel, o rei, na verdade, estava reconhecendo que o Deus dos hebreus era maior do que todos os outros deuses. Nabucodonosor ainda não havia chegado a crer no único e verdadeiro Deus vivo, mas esse foi o primeiro passo.

Aquilo que o rei fez e disse também foi uma declaração a todos na corte de que Daniel era superior aos conselheiros babilônios que não conseguiram descrever o sonho, muito menos explicá-lo. E, no entanto,

aquilo que Daniel e seus amigos fizeram salvou a vida desses homens!

O rei cumpriu sua promessa e promoveu Daniel com grandes honrarias, assim como o Faraó havia promovido e honrado José no Egito (Gn 41:39-43). Nomeou-o governante sobre a província da Babilônia e, a pedido de Daniel, designou seus três amigos assisti-lo. Eles receberam diferentes cargos na província, enquanto Daniel permaneceu na corte assentado à porta do rei, um lugar de grande autoridade (Dn 2:49). Aquilo que começou como uma possível tragédia – o massacre de quatro homens piedosos – transformou-se em enorme triunfo, e o Deus de Daniel foi grandemente glorificado.

1. De Daniel 2:4 a 7:28 o livro é escrito em aramaico – a língua da Babilônia – e não em hebraico. Essas profecias tratam principalmente do futuro dos reinos gentios, de modo que o uso do aramaico é mais apropriado. Sem dúvida, os escritos de Daniel circularam no meio dos gentios bem como dos judeus.
2. Esse nome para Deus é usado seis vezes em Daniel: 2:18, 19, 28, 37, 44; 5:23. É pronunciado pela primeira vez nas Escrituras por Abraão (Gn 24:3, 7) e é encontrado com freqüência em Esdras e em Neemias. Parece ser o nome de Deus usado por seu povo durante os anos de exílio e de dispersão. Deus, no céu, não se limita apenas a agir em Israel; pode trabalhar até mesmo na poderosa Babilônia!
3. Pelo fato de Ló estar na cidade deles, o povo de Zoar escapou do juízo que destruiu as cidades da planície (Gn 19:18-25), e pelo fato de Paulo estar no navio, Deus salvou todos os passageiros do afogamento (At 27:21-26, 30-32, 42-44). O mundo opõe-se ao povo de Deus sem saber das bênçãos que recebe por causa dele.
4. TOZER, A. W. *The Set of the Sail*. Christian Publications, p. 33.
5. O “tempo dos gentios” não deve ser confundido com “a plenitude dos gentios” (Rm 12:25), que será alcançada quando Deus tiver reunido na Igreja todos aqueles que serão salvos na presente era. Esse período começou em Pentecostes e chegará a seu auge no arrebatamento da Igreja. Nesse tempo, Deus estará chamando dentre os gentios um povo para seu nome (At 15:14). A Igreja é constituída de judeus e de gentios cristãos, mas é predominantemente uma Igreja gentia.
6. Observe o pronome “nós” implícito no versículo 36 (“diremos”). Daniel inclui seus três amigos na interpretação do sonho.

3

A FÉ E A PROVAÇÃO DE FOGO

DANIEL 3

O diabo nos tenta a fim de destruir nossa fé, mas Deus nos prova a fim de desenvolver nossa fé, pois uma fé que não pode ser provada não é digna de confiança. A fé que não é verdadeira sucumbe nos tempos de provação, mas a fé autêntica lança raízes mais profundas, cresce e glorifica a Deus. Isso explica por que Deus permitiu que três homens hebreus fossem provados e lançados numa fornalha de fogo. O apóstolo Pedro devia conhecer bem o Livro de Daniel, pois usou a metáfora do ouro “apurado por fogo” quando advertiu seus leitores sobre as perseguições iminentes que a Igreja sofreria (1 Pe 1:7; 4:12).¹

A experiência desses três homens nos ajuda a examinar nossa própria fé e a determinar se temos uma fé autêntica, que pode ser provada, e a glorificar a Deus.

1. A FÉ VERDADEIRA ENCARA O DESAFIO (Dn 3:1-12)

Não sabemos quanto tempo se passou entre a noite em que Nabucodonosor sonhou com a imagem feita de metais (Dn 2) e o dia em que ordenou que o povo se prostrasse diante da figura de ouro que havia mandado fazer. Alguns estudiosos acreditam que os acontecimentos descritos em Daniel 3 podem ter ocorrido vinte anos depois da promoção de Daniel e de seus amigos, perto da época em que Jerusalém foi finalmente destruída (586 a.C.).

O coração do rei (vv. 1-3). Quando Daniel explicou o significado dos metais sucessivos na grande estátua, identificou Nabucodonosor com a cabeça de ouro (Dn 2:38); talvez, em parte, tenha sido isso o que

motivou o rei a fazer uma imagem de ouro. Não se contentou em ser simplesmente uma cabeça de ouro; ele e seu reino seriam simbolizados por uma estátua feita inteiramente desse metal! Por certo, o orgulho fazia parte dessa idéia. Daniel havia deixado claro que nenhum império permaneceria, inclusive o do grande Nabucodonosor. Sem dúvida, todas as conquistas que realizou encheram o coração do rei de soberba, mas juntamente com elas havia o medo e a preocupação consigo mesmo e com seu vasto império. Ele queria certificar-se de que seu povo era leal a ele e de que não haveria rebeliões.

Não havia ouro suficiente em todo o império para fazer uma estátua maciça com trinta metros de altura e três metros de largura, de modo que a imagem provavelmente foi confeccionada em madeira e recoberta de ouro (Is 40:19; 41:7; Jr 10:3-9). Ainda assim, devia ser impressionante ver essa imagem dourada erguida na planície de Dura, um campo que ficava talvez a uns vinte quilômetros da cidade da Babilônia. (“Dura” significa simplesmente “um lugar murado”, e havia vários locais com esse nome na antiga Babilônia). Nessa região, também foi feita uma fornalha onde as pessoas seriam lançadas, caso se recusassem a curvar-se diante da imagem e a reconhecer a soberania do rei Nabucodonosor. O plano de Nabucodonosor era unificar o reino por meio da religião e do medo. As opções eram prostrar-se diante da imagem e adorá-la ou ser lançado na fornalha e morrer queimado.

O rei enviou mensageiros a todas as províncias de seu império ordenando que os oficiais se reunissem para a consagração da grande estátua de ouro. São mencionados os nomes de oito oficiais específicos (Dn 3:2, 3) que representariam o povo de suas províncias. Os sátrapas (príncipes?) eram os principais administradores das províncias, enquanto os governadores eram, provavelmente, seus assistentes (ou talvez comandantes militares). Os prefeitos governavam sobre distritos menores, e os juízes eram seus conselheiros. A função dos tesoureiros era semelhante à dos tesoureiros de hoje, e os

conselheiros eram peritos na lei. Os oficiais eram juízes e magistrados locais e cuidavam dos variados assuntos do governo das províncias. Todos os níveis hierárquicos possuíam representantes, e esperava-se que todos estivessem presentes.

Contudo, tratava-se de algo mais que uma assembléia política; era um culto religioso com música e tudo, sendo exigido um compromisso total da parte dos adoradores.² Observe que o verbo “adorar” é usado pelo menos dez vezes neste capítulo. Nabucodônoso foi sábio ao usar música instrumental, pois esta poderia estimular as emoções do povo, tornando-o mais manipulável e conquistando sua submissão e obediência. Ao longo da história, a música e os cânticos desempenharam um papel importante para fortalecer o nacionalismo, motivando conquistas militares e inspirando o povo a agir. A música tem o poder de apossear-se de tal modo das emoções e dos pensamentos humanos que, de seres livres, as pessoas podem ser transformadas em marionetes. William Congreve, poeta inglês, escreveu que “a música tem um encantamento capaz de acalmar uma fera selvagem”, mas também tem o poder de libertar o que há de selvagem dentro da fera. A música pode ser usada como um instrumento maravilhoso do Senhor ou como uma arma destrutiva de Satanás.

O coração do povo (vv. 4-7). O arauto não pediu que se fizesse uma votação. Simplesmente avisou o povo: aquilo que estava prestes a acontecer era uma questão de vida ou morte. Ao som da música, eles se prostrariam diante da imagem ou então morreriam. A multidão supersticiosa estava acostumada a adorar muitos deuses e deusas, de modo que era uma ordem fácil de obedecer, especialmente considerando-se as consequências. A diferença entre um verdadeiro cristão e um incrédulo não é a presença de fé, pois todos vivem pela fé em alguma coisa. A diferença é o objeto dessa fé. A multidão cria no arauto e no rei e, portanto, obedeceu. Os três homens hebreus criam no mandamento de Deus, de modo que desobedeceram. A multidão tinha uma fé ingênua, mas os judeus tinham uma fé segura.

“A fé é uma das forças pelas quais o homem vive”, disse o filósofo e psicólogo William James com toda razão. As pessoas agem pela fé quando entram num elevador, pedem comida num restaurante ou declaram seus votos matrimoniais. O cristão vive pela fé no Deus vivo e naquilo que ele revelou em sua Palavra. A grande multidão de babilônios, de exilados e de representantes das províncias simplesmente acatou o edicto do rei e fez o que o resto do povo estava fazendo.

— Afinal — argumentavam —, todo mundo tem de viver!

Havia milhares de exilados judeus na Babilônia representados por Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Se eles se prostrassem para o ídolo, todos os judeus estariam envolvidos!

A assembléia de “adoradores” nos ajuda a compreender melhor a difícil situação de quem não conhece a Jesus no mundo de hoje. Estes seguem a multidão sem questionar e constroem sua vida sobre aquilo que é fácil e fútil. Preocupados apenas com a sobrevivência, fazem quase qualquer coisa para escapar do perigo e da morte, a ponto de vender-se como escravos de homens e dos mitos vazios que promovem. Essa é a filosofia do diabo: “Pele por pele, e tudo quanto o homem tem dará pela sua vida” (Jó 2:4).

Exatamente o oposto da visão de mundo dos cristãos que crêem em João 12:24-26.

O coração dos três judeus (vv. 8-12). No entanto, naquela imensa multidão, três homens permaneceram em pé, mesmo quando todo o resto prostrou-se com o rosto em terra. Sua fé estava no verdadeiro Deus vivo e na Palavra que ele havia dado a seu povo. Conhecendo a história do povo judeu, tinham certeza de que o Senhor estava no controle e de que não havia nada a temer. O profeta Isaías havia escrito: “Mas agora, assim diz o SENHOR, que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu. Quando passares pelas águas, eu terei contigo; quando, pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo,

não te queimarás, nem a chama arderá em ti" (Is 43:1, 2). Ter fé significa obedecer a Deus apesar dos sentimentos dentro de nós, das circunstâncias a nosso redor ou das consequências diante de nós.

É difícil reconstruir os detalhes dos acontecimentos, mas tudo indica que o rei Nabucodonosor e seus conselheiros ("caldeus") não estavam juntos enquanto assistiam à cerimônia e o rei não havia exigido que se juntassem ao povo em sua adoração. É possível que tivessem declarado sua lealdade em particular por considerarem um insulto juntar-se "à ralé". Uma vez que os três homens hebreus tinham cargos nas províncias (Dn 2:49), deviam estar presentes, mas não sabemos exatamente onde.³ Ao que parece, Nabucodonosor não tinha como observá-los, mas os caldeus podiam ver o que eles faziam e, sem dúvida, esses homens perver-sos vigiavam e esperavam uma oportunidade de acusar os três estrangeiros que haviam sido promovidos a líderes dos babilônios. Não sabemos se esse grupo de conselheiros era o mesmo que havia sido envergonhado quando Daniel interpretou o sonho do rei, mas se esse é o caso, esqueceram-se rapidamente de que os "estrangeiros" haviam salvo a vida deles.

A verdadeira fé não teme as ameaças, não se impressiona com as multidões nem se abala com cerimônias supersticiosas. A verdadeira fé obedece ao Senhor e confia que ele cuidará das consequências. Esses três homens judeus conheciam a lei de Deus: "Não terás outros deuses diante de mim [...]. Não as adorarás, nem lhes darás culto" (Êx 20:3, 5). Uma vez que o Senhor falou sobre um assunto, isso está resolvido e não há espaço para discussão nem necessidade de transigência. Prostrar-se diante de uma imagem, ainda que uma só vez, quaisquer que fossem as desculpas que pudessem dar, teria acabado com seu testemunho e rompido sua comunhão com Deus. O tempo do verbo grego, em Mateus 4:9, indica que Satanás pediu a Jesus que o adorasse apenas uma vez, e o Salvador se recusou. Sadraque, Meseaque e Abede-Nego não se prostraram diante da imagem de ouro nenhuma vez,

pois isso os levaria a servir os falsos deuses de Nabucodonosor para o resto da vida.

2. A FÉ VERDADEIRA CONFESSA O SENHOR (Dn 3:13-18)

Novamente, vemos o rei num ataque de rai-va (v. 13; ver v. 19 e 2:12). Ele havia conquistado muitas cidades e nações, mas não conseguia dominar a si mesmo. "Melhor é o longânimo do que o herói da guerra, e o que domina o seu espírito, do que o que toma uma cidade" (Pv 16:32). Os três oficiais hebreus, porém, mostravam-se calmos e respeitosos. "Estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor" (1 Pe 3:15, 16).

O rei devia ter um respeito especial por esses homens e pelo trabalho que realizavam no império, pois lhes deu mais uma chance de obedecer a suas ordens. Talvez tivesse se esquecido de que havia chamado o Deus deles de "Deus dos deuses, e o Senhor dos reis" (Dn 2:47), pois perguntou com arrogância: "E quem é o deus que vos poderá livrar das minhas mãos?" (Dn 3:15; ver Êx 5:2). Na verdade, o rei estava afirmando que ele próprio era um deus! Em pouco tempo, seria humilhado e teria de confessar que o Deus dos hebreus é "Deus, o Altíssimo" e que ninguém deve blasfemar contra o nome dele.

Os três homens poderiam ter transigido com o rei e defendido sua desobediência com argumentos como: "Todos estão fazendo isso", ou "É uma das obrigações de nosso cargo", ou ainda "Dobraremos nossos joelhos, mas não o nosso coração". Poderiam ter dito:

— Podemos ser mais úteis para nosso povo como oficiais a serviço do rei do que como cinzas na fornalha do rei.

Contudo, a verdadeira fé não procura brechas para escapar; simplesmente obedece a Deus e sabe que ele fará aquilo que for melhor. A fé baseia-se em ordens e em promessas, não em argumentos e explicações.

Tempos de adversidade normalmente são tempos de oportunidade, especialmente

quando o povo de Deus está sendo perseguido por sua fé. “Porque vos entregarão aos tribunais e às sinagogas; sereis açoitados, e vos farão comparecer à presença de governadores e reis, por minha causa, para lhes servir de testemunho” (Mc 13:9). Os três judeus corajosos não estavam preocupados consigo mesmos nem estavam com medo da fúria do rei. Sua única preocupação era obedecer ao Senhor e dar um testemunho fiel a todos que os estavam vendo e ouvindo. Sua atitude foi respeitosa, suas palavras foram poucas e escolhidas com cuidado.

“Quanto a isto não necessitamos de te responder” (Dn 3:16) significa: “Não precisamos nos defender nem defender nosso Deus, pois nosso Deus cuidará da sua própria defesa e da nossa.”

Não estavam nem um pouco preocupados! É um tanto arrogante o povo de Deus achar que deve defender o Senhor, uma vez que ele é perfeitamente capaz de defender a si mesmo e de tomar conta de seu povo. Nossa tarefa é obedecer a Deus e confiar nele, e ele fará o resto. “Eis que Deus é a minha salvação; confiarei e não temerei, porque o SENHOR Deus é a minha força e o meu cântico; ele se tornou a minha salvação” (Is 12:2).

Sadraque, Meseaque e Abede-Nego eram homens de fé, mas não eram presunçosos. Se tivessem afirmado que Deus iria livrá-los, teriam sido pretensiosos, pois não sabiam o que Deus estava planejando para a situação deles. Antes, afirmaram que o Deus deles era capaz de livrá-los, mas que, ainda que não o fizesse, não se prostrariam diante da figura de ouro do rei. Existe algo chamado “fé comercial” que diz: “Obedeceremos a Deus se ele nos recompensar por isso”. Trata-se, mais uma vez, da filosofia de adoração do diabo: “Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares” (Mt 4:9; Jó 1:9-12). Em meu ministério pastoral, já ouvi pessoas fazerem promessas a Deus para tentar “persuadi-lo” a curá-las ou para mudar sua situação. Desde os primeiros dias na Babilônia, Daniel e seus amigos decidiram que seriam diferentes, e o Senhor os capacitou a permanecerem firmes nessa decisão.

Hebreus 11 apresenta uma relação de nomes e feitos de grandes homens e mulheres da fé que inclui esses três homens judeus (Hb 11:34), mas no versículo 36 o escritor diz: “outros, por sua vez” e, em seguida, cita pessoas que parecem ter fracassado apesar de sua fé (vv. 36-40). O termo grego significa “outros de um tipo diferente”, ou seja, outros que tiveram fé, mas não viram Deus realizar os milagres que fez por aqueles que são citados nos trinta e cinco versículos iniciais. Deus sempre recompensa a fé, mas nem sempre interfere e faz milagres específicos. Nem todos os que oram serão curados, mas Deus sempre dá forças para suportar a dor e graça para enfrentar a morte sem medo. Os três homens hebreus criam que Deus podia livrá-los, mas confiavam nele, mesmo que não o fizesse. É assim que a fé deve funcionar em nossa vida (ver Habacuque 3:17-19).

3. A FÉ VERDADEIRA DESCONCERTA O INIMIGO (Dn 3:19-25)

Mais uma vez, o rei se enfureceu – homens arrogantes não gostam de ser desobedecidos – e ordenou que os três judeus fiéis fossem lançados na fornalha de fogo. Havia recusado sua oferta generosa e teriam de sofrer as consequências. Antes o rei havia sido amigável com eles e se preocupado em salvá-los, mas agora estava decidido a destruí-los. Finalmente, os conselheiros da corte teriam sua vingança contra esses exilados judeus que haviam se instalado em seu território e sido promovidos a cargos que pertenciam aos caldeus.

A fornalha era usada na fundição de minério. Tinha uma abertura grande na parte de cima pela qual se colocava a lenha ou o minério no fogo e uma porta na parte de baixo por onde o minério era removido. Uma abertura na parede permitia que os fundidores acompanhassem o processo e, por meio de buracos na parede, era possível usar folhas para fazer o fogo arder com maior intensidade. A fornalha era grande o suficiente para que pelo menos quatro pessoas andassem dentro dela. Foi nessa fornalha que Nabucodonosor lançou os três judeus fiéis,

totalmente vestidos e amarrados. A morte parecia certa para aqueles homens que haviam se recusado a obedecer ao rei.

A ira do rei deve ter abalado seu raciocínio, pois a melhor maneira de castigar os homens não seria aumentar a temperatura do fogo, mas sim diminuí-la. Um fogo mais quente os consumiria instantaneamente, enquanto uma temperatura mais baixa faria com que sofresssem dor intensa antes de morrer. Mas isso não fez diferença alguma, pois os três não foram sequer afetados pelo fogo! Quando o rei olhou dentro da fornalha, viu que estavam vivos e não mortos, soltos e não atados e que havia mais uma pessoa lá com eles! O rei pensou que fosse um anjo parecido com um “filho dos deuses” (vv. 25, 28), mas a quarta pessoa na fornalha era Jesus Cristo em uma de suas aparições pré-encarnadas no Antigo Testamento (Is 43:2; Sl 91:9-12). Andavam de um lado para o outro como se estivessem num palácio e não numa fornalha! As cordas com as quais os três homens tinham sido atados eram a única coisa que havia sido afetada pelo fogo. O Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego era, de fato, capaz de livrá-los!

Os três homens haviam se recusado a obedecer às ordens do rei e a prostrar-se diante da figura, mas quando o rei ordenou que saíssem da fornalha, obedeceram sem demora. Eram milagres vivos e queriam que todos soubessem o que seu grande Deus era capaz de fazer. Não apenas o corpo de cada homem estava intocado, como também seus cabelos não haviam sido chamuscados e suas roupas nem tinham cheiro de fumaça. Os outros oficiais presentes à cerimônia de consagração presenciaram essa maravilha (Dn 3:27) e, sem dúvida, relataram-na a outros quando voltaram para suas províncias. Era uma história e tanto! Os oficiais não ousaram dizer coisa alguma naquele momento a fim de não ofender o rei. Mas Nabucodonosor falou (v. 28)! Declarou: (1) o poder do Deus de Israel; (2) a eficácia da fé nele; e (3) a devoção extraordinária dos três homens judeus que sujeitaram seu corpo ao Deus verdadeiro e não ao falso deus do rei (Rm 12:1, 2). Por um ato de fé, os três judeus

deram testemunho do verdadeiro Deus vivo a todo o império babilônio!

4. A FÉ VERDADEIRA CONFIRMA AS PROMESSAS (Dn 3:26-30)

Por que o Senhor incluiu essa história nas Escrituras do Antigo Testamento? Pelo mesmo motivo que incluiu histórias sobre as “experiências de fé” de Abraão, de Moisés, de Josué, de Davi e dos profetas: para encorajar o povo de Deus em sua batalha contra o mundo, a carne e o diabo. “Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança” (Rm 15:4).

Encorajamento no tempo de Daniel. O povo judeu não podia encontrar-se em pior situação do que aquela em que esteve durante os setenta anos de cativeiro na Babilônia. Sua terra havia sido devastada, o templo e a cidade de Jerusalém jaziam em ruínas, e o povo estava disperso entre os gentios ou no cativeiro da Babilônia. Tudo parecia perdido. Os profetas previam o dia em que os judeus voltariam para sua terra e reconstruiriam a cidade e o templo, mas, antes, teriam de suportar a vergonha e o sofrimento do cativeiro.

A experiência de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego deve ter sido um grande estímulo para os judeus fiéis e pode ter convencido de seu pecado os judeus que transigiam com o inimigo. Esses três homens transmitiram uma mensagem poderosa a seu povo: o Deus Jeová ainda está assentado no trono. Ele não nos abandonou e, um dia, cumprirá as promessas que fez a seu povo. Prometeu que estaria com eles na fornalha da aflição, se confiassem nele e fizessem sua vontade. Mais tarde, quando o remanescente voltou para sua terra, o relato da fornalha de fogo deve ter ajudado a sustentá-los durante aqueles anos de dificuldade e de demora.

Encorajamento em nosso tempo. A vida pode ser relativamente segura e confortável onde você e eu vivemos, mas, em muitas partes do mundo, o povo de Deus está pagando um alto preço para manter-se firme

em seu testemunho e continuar separado do mundo. Dia após dia, ouvem o arauto gritando: "Prostrai-vos diante da figura de ouro como todos estão fazendo!" Em sua primeira epístola, Pedro advertiu a igreja de que a provação de fogo era iminente e, sem dúvida, eles se lembraram do que havia acontecido aos três homens hebreus no tempo de Nabucodonosor. Diz-se que houve mais mártires cristãos no século vinte do que em todos os séculos anteriores. Nem todos os cristãos escaparam da morte na fornalha, mas todos foram poupadados de abrir mão de seu testemunho de Cristo e de procurar a saída mais fácil. "Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida" (Ap 2:10).

Ao nos aproximarmos do fim dos tempos, a fornalha da oposição será aquecida para arder com intensidade sete vezes maior, e a pressão para se conformar ao mundo ficará cada vez mais forte. Será preciso um bocado de graça, oração, coragem e fé ao povo de Deus para que permaneça firme por Cristo, enquanto outros se prostram diante dos deuses deste mundo. O Livro de Daniel é uma grande fonte de estímulo, pois nos lembra de que Deus se preocupa com seu povo e honra seus filhos, quando são fiéis a ele. "Porque aos que me honram, honrarei" (1 Sm 2:30).

Encorajamento para o futuro. Os acontecimentos de Daniel 3 lembram as profecias no Livro de Apocalipse, especialmente nos capítulos 13 e 14. Um dia, surgirá um líder mundial semelhante a Nabucodonosor

("a besta"), que mandará construir uma imagem de si⁴ e obrigará as pessoas do mundo inteiro a adorá-la. Quem obedecer receberá uma marca especial na testa ou na mão, a qual será sua garantia de sobrevivência e de permissão para negociar. Aqueles que se recusarem a obedecer serão perseguidos, e muitos serão mortos (Ap 13:4, 7, 12, 15). Mas o Senhor marcará para si 144 mil judeus que a besta não poderá tocar, e eles passarão pela tribulação e governarão no reino do Messias.

Ao avançar em nossos estudos, veremos que o Livro de Daniel é de especial relevância para o "tempo do fim" (Dn 12:4) e que suas profecias trarão esclarecimento e encorajamento para os cristãos vivenciando os difíceis últimos dias (Mt 24:15). Não importa quão tirânicos tornem-se os governantes do mundo ou quanto alimentem o fogo, Deus estará com seu povo na fornalha e, no final, derrotará seus inimigos e estabelecerá seu reino.

Quando pelo fogo
teu caminho passar,
minha graça que basta
te sustentará.
A chama que arde
não te ferirá,
pois meu intento seguro
é tua escória queimar,
e mais puro
teu ouro tornar.

(Autor desconhecido)

1. A fornalha é uma metáfora para o sofrimento de Israel no Egito (Dt 4:20; 1 Rs 8:51; Jr 11:4); para o juízo eterno no inferno (Mt 13:42, 50; Ap 9:2); para o juízo santo do Senhor (Gn 19:28; Sl 21:9; Is 31:9; Ml 4:1; Ap 1:15); e para os tempos de provação do povo de Deus (Jó 23:10; Sl 66:10; Pv 17:3; Is 48:10; Jr 6:27-30; 9:7; Ml 3:3).
2. São citados seis instrumentos diferentes, dois deles de cordas e o resto de sopro, mas a oração "e toda a sorte de música" (vv. 5 e 7) indicam que havia muitos outros instrumentos musicais e, possivelmente, também acompanhamento vocal. Os instrumentos de sopro eram a trombeta e a gaita de foles, e os de cordas eram o pífaro, a harpa, a cítara e o saltério.
3. Isto levanta a pergunta: "Onde estava Daniel?". Ele era encarregado da província onde estava sendo realizada a cerimônia e seria de se esperar que o rei considerasse a presença dele indispensável. Alguns sugerem que Daniel estava enfermo e que não pôde comparecer, sendo, portanto, dispensado pelo rei. Outros acreditam que havia sido enviado pelo rei numa missão especial e estava viajando. A terceira sugestão é a de que Daniel, sendo o governante da província, estava "nos bastidores", certificando-se de que tudo estava em ordem. Contudo, Daniel certamente não iria querer coordenar a organização de uma cerimônia idólatra como essa. Uma vez que os caldeus conseguiram ver os três homens judeus

recusando-se a prostrar-se em adoração, é provável que estivessem em pé e olhando ao redor. Isso pode significar que o rei não exigiu que seus conselheiros se prostrassem, pois partiu do pressuposto de que eram leais a ele. Assim, se Daniel não estava presente, não estava cometendo um crime nem se rebelando contra seu rei.

4. O “número” desse governante mundial, a besta, é 666 (Ap 13:18), e a imagem de Nabucodonosor tinha 66 côvados de altura e 6 de largura. Também são citados 6 instrumentos musicais (Dn 3:5, 7, 10).

APRENDENDO DA MANEIRA DIFÍCIL

DANIEL 4

O capítulo 4 de Daniel é de caráter singular na Bíblia, pois consiste de um documento oficial autobiográfico preparado pelo rei da Babilônia e distribuído por todo o vasto império.¹ Sem dúvida, é algo fora do comum Nabucodonosor admitir abertamente seu orgulho, sua insanidade temporária e seu comportamento bestial e, depois, dar glórias ao Deus de Israel por sua recuperação. O rei aprendeu uma lição importante da maneira difícil, como acontece com muitas pessoas hoje em dia: “A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda” (Pv 16:18).

Esse drama extraordinário tem cinco “atos”.

1. AGITAÇÃO: O SONHO DO REI (Dn 4:4-18)²

Alguns estudiosos acreditam que podem ter se passado de vinte a trinta anos entre o episódio da fornalha de fogo descrito no capítulo 3 e os acontecimentos descritos neste capítulo. Nabucodonosor estava desfrutando uma época de paz e segurança. Depois de derrotar todos os seus inimigos e de completar várias construções impressionantes, pôde finalmente repousar em casa e deleitar-se com o que havia realizado. Nabucodonosor considerava-se o construtor da “grande Babilônia” e o arquiteto de sua paz e prosperidade, mas logo descobriria que todas essas coisas tinham sido permitidas pela vontade de Deus, o Altíssimo.

Mais uma vez, em sua graça, Deus usou um sonho para transmitir uma mensagem importante a Nabucodonosor. Em seu primeiro sonho (Dn 2), o rei viu uma enorme

estátua de metal, da qual ele era a cabeça de ouro, mas, nesse sonho, viu uma enorme árvore viçosa³ que alimentava e dava abrigo a uma porção de animais e aves. Ele ouviu um anjo ordenar que a árvore fosse derrubada, seus galhos e folhas, cortados, seus frutos, espalhados e seu tronco (“cepa”), atado com correntes de ferro e de bronze. Então, o anjo anunciou que alguém viveria como um animal por “sete tempos” e, depois, seria restaurado. Após o primeiro sonho – aquele da grande estátua –, o rei Nabucodonosor havia ficado perturbado (Dn 2:3), mas depois desse segundo sonho, ficou aterrorizado (Dn 4:5). Convocou os sábios do reino e pediu que interpretassem seu sonho, mas eles se mostraram confusos, de modo que o rei chamou Daniel. Depois da experiência com o primeiro sonho, na qual os sábios haviam fracassado redondamente, seria de se esperar que Nabucodonosor ignorasse seus conselheiros e chamassem Daniel imediatamente. Contudo, pelo registro desses dois sonhos, a impressão que temos é a de que Daniel era mantido separado desses sábios, mesmo que fosse o “chefe dos magos” (v. 9). O Senhor deseja nos lembrar que a sabedoria deste mundo é fútil e que somente ele pode dar o verdadeiro conhecimento sobre o futuro.

Nabucodonosor havia mudado o nome de Daniel para Beltesazar, que significa “Bel protege a vida dele” (vv. 8, 9, 19; ver Dn 1:7). Bel (Marduque) era um dos deuses prediletos do rei. O fato de Nabucodonosor usar tanto o nome hebraico quanto o novo nome nesse documento indica que ele havia se afeiçoado a Daniel ao longo dos anos e que não o tratava como um simples exilado. O rei reconheceu que Daniel tinha dentro de si “o espírito dos deuses santos” e que possuía sabedoria e discernimento admiráveis.⁴

Nabucodonosor descreveu seu sonho a Daniel: o tamanho descomunal da árvore (chegava até ao céu e era vista até aos confins da terra; v. 11), as palavras aterradoras do anjo, a transformação de um homem numa besta e a declaração do anjo de que tudo isso estava se passando por decreto do Deus Altíssimo. O sonho foi mandado

para ensinar uma lição importante: "o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens; e o dá a quem quer e até ao mais humilde dos homens constitui sobre eles" (v. 17). Deus viu a soberba no coração de Nabucodonosor e estava preparado para tratar dela. O rei podia publicar seus decretos (Dn 2:13, 15; 3:10, 29; 6:7-10, 12, 13, 15, 26), mas eram os decretos do trono do céu que governavam a Terra (Dn 4:17, 24; 9:24-27). "Nos céus, estabeleceu o SENHOR o seu trono, e o seu reino domina sobre tudo" (Sl 103:19).

2. INTERPRETAÇÃO: PERIGO PARA O REI (Dn 4:19-26)

Daniel ficou atônito e perturbado ao ouvir a descrição do sonho, e o rei percebeu a perplexidade no rosto de seu conselheiro.⁵ Os pensamentos de Daniel se conturbaram, pois viu o que estava à espera do próspero governante. Com todo tato, Daniel preparou o rei para as más notícias dizendo que seu desejo era que o sonho se referisse aos inimigos do rei e não ao próprio rei (ver 2 Sm 18:32.) Nossa impressão é a de que Daniel tinha preocupação pessoal com o rei e que, enquanto haviam trabalhado juntos tratando dos assuntos da Babilônia, havia procurado apresentá-lo ao verdadeiro Deus vivo.

Anos antes, Daniel anunciara a Nabucodonosor: "tu és a cabeça de ouro" (Dn 2:38), e nessa passagem declara: "[a árvore] és tu, ó rei" (Dn 4:22). A árvore é usada com freqüência, nas Escrituras, como símbolo de autoridade política, como reis, nações e impérios (Ez 17; 31; Os 14; Zc 11:1, 2; Lc 23:31). Com a ajuda do Altíssimo e por seu decreto, Nabucodonosor havia construído um vasto império que abrigava muitas nações e povos. Ele governava um reino grande e forte, cujo domínio chegava "até à extremidade da terra" (Dn 4:22).

No entanto, o rei estava assumindo o crédito por essas realizações e corria grande perigo, pois seu coração estava se tornando orgulhoso. O rei havia descoberto com o primeiro sonho que o Deus Altíssimo governava o reino dos homens e não havia trono na Terra que estivesse em segurança.

Um dia, o reino babilônio chegaria ao fim, e Deus levantaria outro reino para tomar seu lugar. No episódio da fornalha de fogo, Nabucodonosor havia sido testemunha do milagre da preservação dos três homens hebreus e havia decretado que ninguém poderia falar contra seu grande Deus (Dn 3:29). Porém, Nabucodonosor estava preso a se encontrar com esse Deus Altíssimo e a receber a disciplina severa de sua mão.

O corte e a poda da árvore simbolizavam a desgraça de Nabucodonosor e sua remoção do trono, mas o fato de a cepa ser deixada era uma promessa de que, um dia, ele voltaria a reinar.⁶ O ato de amarrar a cepa pode sugerir que Deus havia colocado nele sua marca e que o protegeria até que tivesse cumprido seus propósitos para ele. Por sete anos ("sete tempos"), o rei viveria como uma besta, comendo grama e sentindo as intempéries em seu corpo. Anos depois, Daniel diria a Belsazar, neto de Nabucodonosor, que seu avô havia vivido com os julgamentos selvagens (Dn 5:21).⁷

A maior lição que Deus desejava ensinar ao rei – e que nós devemos aprender – é que somente Deus é soberano e não permitirá que mortais usurpem seu trono nem tomem para si o crédito pelas obras dele. Não passamos de criaturas, e Deus é o Criador; não passamos de súditos, mas ele é o Rei dos reis. Quando homens e mulheres se recusam a submeter-se a Deus como criaturas feitas à imagem dele, correm o sério risco de descer ao nível dos animais. É digno de nota o fato de Deus usar animais, quando quis descrever os grandes impérios da história (Dn 7), e de o último grande ditador mundial ser chamado de "a besta" (Ap 11:7; 13:1ss; 14:9, 11; etc.).

Homens e mulheres são feitos à imagem de Deus, mas quando deixam Deus de fora de sua vida e resistem à sua vontade, podem ser rebaixados ao nível de animais. "Não sejais como o cavalo ou a mula" (Sl 32:9), advertiu o rei Davi, que se comportou como ambos. Como um cavalo impulsivo, entregou-se ao pecado de adultério com Bate-Seba, e como uma mula obstinada, demorou para confessar esse pecado e

arrepender-se (2 Sm 11 – 12). Quando o Senhor deteve Saulo de Tarso na estrada de Damasco, ele comparou o piedoso rabbi a um boi teimoso quando lhe disse: “Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões” (At 9:5, ARC).

3. EXORTAÇÃO: A DECISÃO DO REI (Dn 4:27)

Daniel concluiu sua explicação da profecia com uma exortação à obediência e instou o rei a deixar seus pecados e a humilhar-se diante do Senhor (v. 27). Ao contrário de alguns pregadores, Daniel não separou a verdade da responsabilidade. Há um “portanto” em sua mensagem. Já participei de muitas conferências proféticas e ouvi muitas interpretações e muitas especulações, mas nem sempre ouvi aplicações práticas e pessoais. Alguns preletores falaram muito sobre o que Deus faria no futuro, mas pouco sobre o que ele esperava que seu povo fizesse no presente. Uma compreensão do plano de Deus coloca sobre o ouvinte a responsabilidade de fazer a vontade de Deus. Se ouvimos e entendemos a Palavra mas não lhe obedecemos, enganamos a nós mesmos de modo a pensar que crescemos, quando, na verdade, regredimos (Tg 1:22-27).

“Podemos falar com loquacidade sobre nosso Senhor e sobre o tribunal de Cristo”, disse William Culbertson, ex-presidente do Instituto Bíblico Moody. “Não se crê, de fato, na verdade da doutrina da volta do Senhor Jesus Cristo até que ela tenha impacto sobre quem somos e influencie nosso modo de viver, conforme a Bíblia determina”.⁸ A admoestação de Pedro em 2 Pedro 3:11-18 explica como os cristãos se comportam quando crêem verdadeiramente que o Senhor voltará.

No antigo Oriente, um monarca exercia autoridade suprema e era senhor da vida e da morte. Daniel sabia que o rei possuía um temperamento violento (Dn 2:12; 3:19) e que estava tomando um caminho perigoso ao confrontar o rei com seus pecados. No entanto, o profeta fiel deve proclamar a Palavra e deixar que o Senhor cuide das consequências. Moisés teve essa experiência na

corte do Faraó e Natâ na corte de Davi quando disse: “Tu és o homem” (2 Sm 12:7). Elias confrontou com ousadia o perverso rei Aca-be e a rainha Jezabel (1 Rs 18:17ss), Isaías repreendeu Ezequias (Is 39) e João Batista disse ao rei Herodes para romper seu relacionamento pecaminoso com Herodíadas (Mc 6:14-29). Os pregadores que fazem suas mensagens sob medida para agradar as pessoas jamais desfrutarão as bênçãos de Deus.

Ao contrário dos governantes judeus que deveriam ser acessíveis a seu povo e lhe servir como pastores, os reis do Oriente viviam em esplêndido isolamento e ouviam apenas as boas notícias. Uma vez que era um alto oficial da terra, Daniel sabia que Nabucodonosor não havia se preocupado com os pobres nem fora misericordioso com os necessitados. Daniel também sabia quantas vezes na lei de Moisés o Senhor se chamava de protetor e defensor dos fracos, dos estrangeiros e dos oprimidos. Talvez Nabucodonosor tivesse explorado o povo em seus grandiosos projetos de construção, investindo recursos que deveriam ter sido usados para ajudar os pobres para satisfazer seus apetites egoístas como rei orgulhoso. “O rei que julga os pobres com eqüidade firmará o seu trono para sempre” (Pv 29:14), mas Nabucodonosor estava prestes a perder seu trono.

Daniel o estava chamando ao arrependimento. Seu desejo era que o rei mudasse de idéia, reconhecesse seus pecados, os deixasse e depositasse sua fé no verdadeiro Deus vivo, o Deus Altíssimo dos hebreus. Nabucodonosor tinha conhecimento suficiente sobre o Deus de Daniel para saber que ele estava dizendo a verdade, mas não tomou nenhuma atitude.⁹ Deixou passar uma oportunidade favorável de recomeçar e de submeter-se à vontade do Deus Altíssimo. Nabucodonosor tomou a decisão errada.

4. HUMILHAÇÃO: A DISCIPLINA DO REI (Dn 4:28-33)

“Todas estas coisas sobrevieram ao rei Nabucodonosor” (v. 28), pois a Palavra de Deus nunca deixa de cumprir seus propósitos.¹⁰ Em sua graça, Deus concedeu ao rei

um ano inteiro para dar ouvidos à sua advertência e para arrepender-se de seus pecados, mas o rei se recusou a sujeitar-se. Seu coração havia sido dominado de modo tal pela soberba que ele não se rendeu ao Deus Altíssimo. "Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal" (Ec 8:11). No tempo de Noé, Deus esperou pacientemente e deu aos habitantes da Terra cento e vinte anos para deixar seus pecados, mas eles se recusaram (1 Pe 3:20; Gn 6:3). Deu à cidade de Jerusalém quase quarenta anos de graça depois que os líderes religiosos crucificaram seu Messias e, então, os romanos invadiram a cidade e destruíram o templo. Imagine como Deus está sendo longânimo com este mundo perverso no qual vivemos (2 Pe 3:9)!

É provável que Nabucodonosor estivesse andando sobre o telhado plano de seu palácio, contemplando a grande cidade, quando proferiu as palavras fatídicas registradas em Daniel 4:30.¹¹ Uma coisa é certa: o rei estava andando em soberba (v. 37), e o orgulho é um dos pecados que Deus abomina (Pv 6:16ss). "Em vindo a soberba, sobrevém a desonra, mas com os humildes está a sabedoria" (Pv 11:2). "Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes" (Tg 4:6; Pv 3:34; 1 Pe 5:5). Foi o orgulho que transformou o anjo Lúcifer no diabo (Is 14:12-15) e foi o orgulho que causou a ruína do rei Uzias (2 Cr 26:16-21).

Uma voz grave do céu interrompeu as meditações egoístas do rei e anunciou que o adiamento de seu castigo havia terminado e que o julgamento estava prestes a lhe sobrevir. Nunca sabemos quando a voz de Deus irá nos falar ou quando sua mão irá tocar nossa vida. Seja o chamado de Moisés em Mídiá (Êx 3), a convocação de Gideão para liderar o exército (Jz 6), a oportunidade de Davi matar um gigante (1 Sm 17), o chamado de quatro pescadores para deixar tudo e seguir a Cristo (Mt 4:18-22) ou a advertência de que a vida chegou ao fim (Lc 12:16-21), Deus tem todo o direito de nos interromper e de falar conosco. Aquilo que o rei descobriu mediante a interpretação de

Daniel para seu sonho era uma mensagem enviada diretamente do céu! "Pois o homem não sabe a sua hora" (Ec 9:12).

Deus é longânimo com os pecadores, mas quando chega o momento de agir, ele o faz sem demora. As palavras ainda estavam nos lábios de Nabucodonosor quando tudo começou a mudar. Seu coração tornou-se como o de um animal (Dn 4:16), e ele foi expulso do palácio para viver junto com os bichos. Uma vez que o coração do rei era bestial, Deus permitiu que sua natureza animalesca fosse revelada. É bem provável que Daniel e os outros conselheiros tenham administrado os assuntos do reino durante os sete anos de disciplina do rei, de modo que, quando ele voltou ao trono, encontrou tudo em ordem. Esse fato, em si, foi prova convincente para Nabucodonosor da graça de Deus e da fidelidade de Daniel. O registro não diz quanto o povo do reino ficou sabendo sobre esse juízo do rei. Alguns estudiosos sugerem que os oficiais da corte mantiveram o rei dentro dos jardins do palácio e longe das vistas dos súditos, mas Daniel 5:21 afirma que ele foi expulso dentre os homens para viver com os jumentos selvagens. Por sete anos, sua mente, seu coração e até seu corpo tornaram-se animalescos.¹²

Deus poderia ter destruído tanto o rei quanto seu reino, mas ainda tinha propósitos a cumprir para seu povo e seu profeta Daniel. Além do mais, Deus queria que o rei contasse a todo o império o que o Altíssimo havia feito por ele, de modo que o nome do Senhor fosse glorificado entre as nações. Era privilégio e responsabilidade de Israel ser luz para os gentios (Is 42:6; 49:6), mas eles fracassaram vergonhosamente e entregaram-se a práticas das trevas das nações pagãs. Assim, Deus usou um rei pagão para glorificar o seu nome!

5. RESTAURAÇÃO: O LIVRAMENTO DO REI (Dn 4:34-37, 1-3)

A narrativa em primeira pessoa é retomada no versículo 34, pois, conforme Deus havia prometido, ao final de sete anos, Nabucodonosor foi libertado de sua aflição e restaurado à sanidade e à vida humana normal. Esse

processo começou quando o rei elevou os olhos para Deus, o que sugere tanto fé quanto submissão. “A ti, que habitas nos céus, elevo os olhos!” (Sl 123:1). “Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra” (Is 45:22). Alguns estudiosos acreditam que Nabucodonosor experimentou uma conversão espiritual, e esta pode ser comprovada pelo testemunho dele nesses versículos. Não fazemos idéia do que o rei aprendeu sobre o Deus de Israel ao ouvir as palavras de Daniel ao longo de todos aqueles anos, mas a semente estava produzindo frutos.

A primeira coisa que o rei fez foi louvar ao Senhor (vv. 34, 35). Que compêndio mais sucinto de teologia bíblica e expressão empolgante de louvor é essa passagem! A teologia e a doxologia devem andar juntas (Rm 11:33-36), pois a experiência espiritual que não tem base na verdade não passa de superstição. O Deus dos hebreus é o Deus Altíssimo. O reino de Nabucodonosor era limitado, mas o reino de Deus inclui tudo o que há nos céus e na Terra. Um dia, a Babilônia cairia e daria lugar a outros impérios, mas o reino de Deus permanecerá para sempre. Nada pode destruir seu reino ou frustrar seus propósitos.

Sete anos antes, o rei considerava-se um grande homem com um grande reino, mas sua perspectiva havia mudado. “Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada” (Dn 4:35a) – e isso incluía o rei! Talvez Daniel tenha citado Isaías para o rei: “Eis que as nações são consideradas por ele como um pingo que cai de um balde e como um grão de pó na balança [...]. Ele é o que está assentado sobre a redondeza da terra, cujos moradores são como gafanhotos” (Is 40:15, 22)

Nabucodonosor reconheceu a soberania de Deus (Dn 4:35b) – a lição mais importante que o Senhor desejava que ele aprendesse por meio de sua experiência difícil (vv. 17, 25, 32). É uma pena que essa maravilhosa doutrina bíblica tenha sido tão difamada e mal interpretada por estudantes amadores da Bíblia, pois uma verdadeira compreensão da soberania de Deus dá ao cristão segurança, força, conforto e o tipo

de entrega que produz fé e liberdade. A Bíblia ensina tanto a soberania divina quanto a responsabilidade humana, e quando se aceitam ambas, não há contradição nem conflito. Ninguém é mais livre do que o cristão que se entrega à vontade soberana de Deus. Ignorar a soberania de Deus significa exaltar a responsabilidade humana e fazer do homem seu próprio salvador, mas negar a responsabilidade humana é o mesmo que transformar o homem num robô que não precisa prestar contas. A Bíblia preserva o belo equilíbrio que exalta Deus e permite que seu povo viva alegre e vitorioso, quaisquer que sejam as circunstâncias (At 4:23-31; Rm 8:31-39).

Pelo fato de Deus ser soberano, é capaz de fazer o que bem entender, e ninguém pode impedir-lo nem exigir que ele dê satisfação de nada (Rm 9:14-23). O coração do homem pecador rebela-se diante da simples idéia de um Deus soberano, pois o coração humano deseja ser “livre” de todo o controle externo (Sl 2:1-6). Os pecadores acreditam que são “livres” e, na verdade, nem se dão conta de quanto são escravos de sua natureza decaída e das forças de Satanás e do mundo. Charles Spurgeon tinha uma teologia bastante equilibrada; ele disse:

A maioria dos homens opõe-se a isso [à soberania de Deus]. Mas prestem atenção, pois aquilo de que vocês se queixam sobre Deus é exatamente o que vocês amam em si mesmos.

Todo homem gosta de sentir que tem o direito de fazer consigo mesmo aquilo que bem entende. Todos nós gostamos de ser soberanos. Ah! que eu tenha um espírito que sempre se curve diante da soberania de Deus!¹³

O Deus Altíssimo é tão sábio e poderoso que pode determinar que suas criaturas tenham liberdade de tomar suas próprias decisões e de desobedecer a sua vontade revelada e, ainda assim, é capaz de cumprir seus propósitos divinos na Terra. “O livre-arbítrio do homem vem da soberania de Deus”, disse A. W. Tozer, que era calvinista

professo. "Um Deus menos que soberano não poderia outorgar às suas criaturas a liberdade moral. Teria medo de fazê-lo!"¹⁴

Submeter-se à soberania de Deus não rebaixou Nabucodonosor como ser humano; antes, esse compromisso transformou-o, de modo que deixou de viver como um animal e passou a viver como homem!

Por fim, Nabucodonosor testemunhou alegremente a todos os povos sobre a graça maravilhosa de Deus (Dn 4:1-3). Nesse preâmbulo do relato oficial de sua experiência, o rei exaltou as grandes maravilhas de Deus e seu reino eterno e anunciou que Deus havia realizado sinais e feitos extraordinários em seu favor. Quão diferente da reação do Faraó aquilo que o Senhor fez no Egito! Em vez de obedecer à Palavra de Deus que lhe foi dada por intermédio de Moisés, perguntou com arrogância: "Quem é o SENHOR para que lhe ouça eu a voz e deixe ir a Israel? Não conheço o SENHOR, nem tampouco deixarei ir a Israel" (Êx 5:2). Como resultado de sua rebeldia, seu país foi devastado, milhares de pessoas morreram, e Israel ainda ficou livre de seu domínio! Mesmo quando não damos a Deus permissão para ter o governo da situação, ainda assim ele prevalece e realiza seus propósitos divinos para sua glória.

Qual foi o resultado dessa experiência de "conversão"? Deus não apenas restaurou o juízo do rei e removeu a disposição animalesca de sua mente e coração, como

também, em sua graça, restaurou a honra e o esplendor do rei e devolveu-lhe seu trono! Nas palavras de Nabucodonosor: "e a mim se me ajuntou extraordinária grandeza" (Dn 4:36), ou seja, ele se tornou ainda mais poderoso do que antes. Onde abundou o pecado, superabundou a graça (Rm 5:20). Em vez de vangloriar-se de suas próprias realizações, Nabucodonosor disse: "Agora, pois, eu, Nabucodonosor, louvo, exaltei e glorifiquei ao Rei do céu" (Dn 4:37).

O rei encerrou sua declaração oficial com uma palavra de advertência baseada nas lições que o Senhor havia lhe ensinado: "[Deus] pode humilhar aos que andam na soberba." (v. 37). O mundo de hoje não considera o orgulho um pecado perverso e perigoso. Antes, pratica a bajulação e o exagero e exalta as palavras e as obras de "pessoas de sucesso" de nosso tempo. Algumas delas não têm qualquer caráter moral, mas desde que sejam realizadoras, conseguem a atenção mundial da mídia. Um dia, o Senhor virá em juízo, e sua promessa é esta: "Castigarei o mundo por causa da sua maldade e os perversos, por causa da sua iniqüidade; farei cessar a arrogância dos atrevidos e abaterei a soberba dos violentos" (Is 13:11).

A última palavra é de nosso Senhor: "Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado" (Mt 23:12).

1. Os versículos 28 a 33 foram escritos por outra pessoa, mas Nabucodonosor retoma a narrativa no versículo 34. É possível que o próprio Daniel tenha escrito os versículos 28 a 33 e que tenha inserido esse trecho no documento oficial do rei. Lucas seguiu uma abordagem parecida em Atos 23:25-30. Nem o rei babilônio e nem o oficial romano foram inspirados pelo Espírito enquanto escreviam, mas Daniel e Lucas foram dirigidos pelo Espírito ao inserir esses escritos naquilo que conhecemos como Sagradas Escrituras.
2. Uma vez que os versículos 1 a 3 foram escritos depois da recuperação do rei, serão estudados junto com os versículos 34 a 37.
3. O termo hebraico traduzido por "feliz", no versículo 4, significa "verdejante como uma árvore" ou "próspero" (ver Jó 15:32; Sl 92:14; Os 14:5).
4. O termo traduzido por "deuses santos", nos versículos 9 e 18, é *Elohim* no original e pode ser traduzido por "Deus". Contudo, não é provável que Nabucodonosor tivesse em mente o verdadeiro Deus de Israel.
5. A oração "atônito por algum tempo" aparece em algumas traduções como "atônito por uma hora", mas o texto pode significar "por um momento, por um breve tempo". É difícil crer que o rei esperaria tanto tempo para um de seus oficiais responder ou que o diálogo registrado no versículo 19 tenha sido tão demorado.
6. Em Isaías 10:33 – 11:5, uma figura semelhante é usada com referência ao Messias. Deus permitiu que a "árvore" de Israel fosse cortada por seus inimigos, mas da cepa um dia viria o Messias.

7. Em Daniel 5, Belsazar é chamado de filho de Nabucodonosor (vv. 18-22), mas é bem provável que fosse seu neto, por parte da mãe que era filha de Nabucodonosor. Nas Escrituras, as palavras “filho” e “pai” algumas vezes são usadas num sentido geral e significam “parente, descendente”.
8. CULBERTSON, William. *The Faith Once Delivered*. Moody Press, 1972, pp. 54, 55.
9. Será que Deus sabia que o rei não se arrependeria naquele dia? Claro que sim, pois sabe de todas as coisas. Isso significa que a oferta de Deus não foi sincera? Não, pois nem Daniel nem o rei sabiam o que poderia acontecer quando Daniel instou o rei a se arrepender. Se o rei tivesse se arrependido, o Senhor teria suspendido seu juízo sobre ele. A situação é semelhante àquela de Jonas e Nínive.
10. É evidente que alguma outra pessoa escreveu os versículos 28 a 33, uma vez que o uso da primeira pessoa, “eu”, é substituído pelo da terceira pessoa, “o rei”. É provável que Daniel tenha acrescentado essa parte ao relato oficial.
11. As palavras “grande Babilônia” aparecem novamente em Apocalipse 17 e 18, mas, depois que Deus a julgou, não restou nada de grande na cidade! Ver também Jeremias 50 – 51.
12. Apesar de muito daquilo que foi escrito sobre lobisomens ser baseado na mitologia, a ciência médica tem registro de uma estranha doença mental chamada licantropia, em que as pessoas acometidas desse mal acreditam ser animais e começam a se parecer e a agir como eles. O que aconteceu com Nabucodonosor foi um juízo direto do Senhor, que começou de repente e terminou exatamente na época prevista por Daniel. O mesmo não aconteceria caso se tratasse de uma enfermidade natural.
13. SPURGEON, Charles H. *The New Park Street Pulpit*. Puritan Publications, 1981, v. 4, p. 82.
14. TOZER, A. W. *Mais Perto de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2000, 5^a ed., p. 131.

CONTADO, PESADO E REJEITADO

DANIEL 5

Muita gente que sabe pouco ou não tem conhecimento algum sobre os babilônios, o banquete de Belsazar ou as profecias de Daniel já ouviu falar da mão que escreveu na parede anunciando o juízo iminente. Belsazar, suas esposas, concubinas e mil convidados ilustres estavam banqueteando e bebendo enquanto o exército dos medos e persas esperava às portas da cidade, pronto para invadir. A cidade da Babilônia orgulhava-se de ser invencível e de ter comida armazenada suficiente para alimentar sua população por vinte anos! O Senhor, porém, disse que havia chegado a hora da Babilônia. “O SENHOR frustra os desígnios das nações e anula os intentos dos povos. O conselho do SENHOR dura para sempre; os desígnios do seu coração, por todas as gerações” (Sl 33:10, 11).

Veremos as pessoas que participaram desse drama e de que modo estavam relacionadas ao plano de Deus.

1. BELSAZAR DESAFIOU O JULGAMENTO (Dn 5:1-4)

O grande rei Nabucodonosor faleceu em 562 a.C. e foi sucedido por seu filho, Evil-Merodaque, que reinou por dois anos. Seu cunhado, Neriglissar, assassinou-o em 560 a.C., usurpou o trono e reinou por quatro anos. Então, um governante fraco e manipulável (Labasi-Marduque) ocupou o trono por dois meses, e, por fim, Nabonido tornou-se rei e governou de 556 a.C. a 539 a.C. Os historiadores acreditam que Nabonido casou-se com uma filha de Nabucodonosor e foi o pai de Belsazar. Nabonido governava o império babilônio, mas seu filho, Belsazar,

era seu vice-regente e governava a cidade da Babilônia.¹

Deleite (v. 1). Um dos grandes prazeres dos despotas do Oriente era oferecer grandes banquetes e ostentar sua riqueza e esplendor (ver Et 1). De acordo com arqueólogos, a cidade da Babilônia possuía salões adequados para reuniões desse tamanho e até maiores. Esse banquete era um microcosmo do sistema do mundo e concentrava-se em satisfazer “a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida” (1 Jo 2:16). “Que comeremos? Que beberemos?” (Mt 6:25-34), são as perguntas que a maioria das pessoas quer ver respondidas ao longo da vida, estando dispostas a seguir qualquer um que lhes proporcione prazer e que satisfaça seus apetites. Por que se preocupar com o inimigo quando se tem segurança e comida em abundância?

Descaso (v. 1). Belsazar sabia que o exército dos medos e persas estava acampado fora da cidade, mas mostrou total descaso para com o perigo que o inimigo representava. Afinal, a cidade era cercada por um conjunto complexo de muros, alguns com quase 30 metros de altura e numerosas torres de defesa. Por acaso, algum exército era capaz de passar pelas portas fortificadas de bronze? Será que o rio Eufrates, que cortava a cidade de norte a sul, não provia água suficiente para todo o povo e não havia comida armazenada que chegasse? Se já houve um homem orgulhoso de suas realizações e absolutamente seguro de si, esse homem foi Belsazar. Contudo, era uma segurança falsa, não muito diferente daquela que o povo de nosso mundo terá quando Deus declarar guerra. “Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição” (1 Ts 5:3).

Belsazar havia desconsiderado a informação que Deus havia dado a seu avô, Nabucodonosor, em seu famoso sonho (Dn 2). Já estava determinado que a cabeça de ouro (Babilônia) seria substituída pelo peito e braços de prata (o império medo-persa). Daniel havia recebido confirmação dessa verdade na visão que descreveu em Daniel 7, quando viu o leão babilônio ser derrotado pelo

urso medo-persa (vv. 1-5). Isso foi no primeiro ano de Belsazar (v. 1), que, em sua arrogante falsa segurança, desafiava a vontade de Deus. “Pois diz lá no seu íntimo: Jamais serei abalado; de geração em geração, nenhum mal me sobrevirá” (Sl 10:6).

Desrespeito (vv. 2-4). Será que o rei estava bêbado quando ordenou que os servos trouxessem os utensílios consagrados que os babilônios haviam tirado do templo em Jerusalém? (ver Dn 1:2; 2 Cr 36:9, 10). Seu avô,² Nabucodonosor, havia decretado que todos os povos deveriam respeitar o Deus dos judeus (Dn 3:29), e ele próprio havia louvado ao Senhor por sua soberania e grandeza (Dn 4:34-37). Porém, com o passar dos anos, as palavras do grande rei caíram no esquecimento, e seu neto Belsazar tratou o Deus de Israel com desrespeito arrogante. Os homens e mulheres presentes no banquete usaram desavergonhadamente esses utensílios valiosos e consagrados como se fossem copos comuns e, enquanto bebiam, louvaram os falsos deuses da Babilônia! Afinal, se os deuses da Babilônia haviam derrotado o Deus dos hebreus, por que temer? O comportamento de Belsazar e de seus convidados não poderia ter sido mais blasfemo. Contudo, há um limite para as pessoas desafarem a vontade de Deus e blasfemar contra seu nome, e chega um momento em que a mão do Senhor entra em ação.

2. O SENHOR DECLAROU O JUÍZO (Dn 5:5-9)

“Porventura, não sabes tu que desde todos os tempos, desde que o homem foi posto sobre a terra, o júbilo dos perversos é breve, e a alegria dos ímpios, momentânea? Ainda que a sua presunção remonte aos céus, e a sua cabeça atinja as nuvens, como o seu próprio esterco, apodrecerá para sempre” (Jó 20:4-7). As palavras de Zofar não se aplicavam a Jó, mas certamente podem ser usadas para Belsazar e servem para qualquer um, nos dias de hoje, que desafie a vontade de Deus.

A parede (v. 5). Sem qualquer aviso, os dedos da mão de uma pessoa apareceram numa parte da parede caiada, iluminada por um candeeiro, formando uma visão assusta-

dora. Aos poucos, os ruídos da festa foram cessando até que o salão ficou em absoluto silêncio, enquanto o rei e seus convidados fitavam, atônitos, as palavras sendo escritas na parede. Tanto o hebraico quanto o aramaico são lidos da direita para a esquerda, e o leitor é que deve colocar as vogais. Contudo, o texto não nos diz se as palavras foram escritas numa só linha:

N	S	R	H	P	L	K	T	N	M
N	M								

ou num quadrado, para ser lido de cima para baixo:

P	T	N	M
R	K	N	N
S	L	'	' ³

Quer a escrita tenha seguido uma dessas formas, quer outra diferente, foi um milagre do Deus de Israel que jamais poderia ser realizado pelos ídolos da Babilônia. “Suas mãos não apalpam” (Sl 115:7). Foi o dedo de Deus que derrotou os egípcios quando o Faraó se recusou a deixar o povo ir (Êx 8:19) e o dedo de Deus escreveu a lei santa para Israel nas tábuas de pedra (Êx 31:18). Jesus disse que expulsava demônios “pelo dedo de Deus” (Lc 11:20), numa referência ao poder do Espírito (Mt 12:28). O dedo de Deus estava escrevendo para os líderes babilônios uma advertência de que, em breve, a mão de Deus executaria o juízo.

O rei (vv. 6, 7). Nem sua posição elevada nem sua arrogante segurança impediram o semblante de Belsazar de empalidecer, seu coração de encher-se de terror e seus joelhos de tremer. Deve ter sido humilhante para o monarca perder o controle dessa forma diante de tantas pessoas importantes. Deus havia transformado o salão de banquete num tribunal, e o rei estava prestes a ser declarado culpado. Se não era capaz de controlar os dedos que se moviam, o rei podia pelo menos tentar compreender a mensagem, de modo que chamou seus sábios e ordenou que explicassem o significado da mensagem na parede, oferecendo honrarias reais

e presentes àquele que explicasse o escrito. Vestiria um manto de púrpura, usaria uma corrente de ouro – dois símbolos de autoridade – e seria o terceiro no reino depois de Nabonido e de Belsazar.

Os sábios (vv. 8, 9). A história se repetiu (Dn 2:10-13; 4:4-7) quando os conselheiros confessaram-se incapazes de interpretar a mensagem na parede. Ainda que tivessem conseguido ler as palavras, não possuíam a chave para decifrar seu significado. *Mene* podia ser “mina”, uma unidade monetária ou “contado”. *Tekel* podia significar “sículo” (outra unidade monetária) ou a palavra “pesado”; e *peres* (o plural de *parsin*) podia ser “meio sículo”, “meia mina” ou a palavra “dividido”. Podia também ser uma referência à Pérsia!

A ignorância dos sábios assustou ainda mais o rei; aturdidos e confusos, seus nobres não foram capazes de oferecer-lhe qualquer ajuda. Havia chegado um momento em que a autoridade política, a riqueza, o poder e a sabedoria humana não podiam fazer nada para resolver o problema. Mais uma vez, o Senhor tornou evidente a ignorância do mundo e a futilidade do poder humano para descobrir e explicar a mente e a vontade de Deus.

3. A RAINHA-MÃE DESPREZOU O JULGAMENTO (Dn 5:10-12)

O restante do palácio ficou sabendo o que havia acontecido no salão de festas, e quando a notícia chegou à rainha mãe, ela imediatamente foi procurar o filho para aconselhá-lo e encorajá-lo. Suas primeiras palavras foram: “Não te turbem os teus pensamentos, nem se mude o teu semblante” (v. 10). A situação não é tão ruim quanto parece! Ela estava otimista e certa de que, uma vez que a escrita fosse interpretada corretamente, tudo ficaria bem. O humorista norte-americano Kim Hubbard certa vez definiu um otimista como “uma pessoa que acredita que aquilo que está para acontecer será adiado”.

Sua atitude não era condizente com a gravidade da situação, mas sua sugestão foi boa: chamar Daniel, o principal conselheiro

do rei. Suas palavras revelam outra característica do rei Belsazar: a ignorância. Parece incrível que ele não conhecesse Daniel, um dos mais altos oficiais da Babilônia e, certamente, o mais sábio dos conselheiros do império. Belsazar tinha ouvido falar dos sonhos de seu avô e das interpretações de Daniel (v. 22), mas é comum os líderes mais jovens se preocuparem tanto consigo mesmos e com o presente que se esquecem de colocar-se a par do passado. O jovem rei Roboão teria evitado um bocado de problemas se tivesse dado ouvido aos anciãos de Israel (1 Rs 12).

A descrição que a rainha-mãe faz de Daniel certamente mostra o que Deus pode fazer na vida de pessoas consagradas e por intermédio delas. Daniel tinha “luz e inteligência” em todas as situações e podia explicar mistérios, resolver enigmas e solucionar problemas complicados. Suas interpretações mostravam-se sempre corretas, e suas profecias sempre se cumpriam. Ao longo de meus muitos anos de ministério, conheci poucos homens e mulheres com o dom de “compreender os tempos” e de determinar o que o Senhor desejava que fizéssemos. E, no entanto, todo cristão pode apropriar-se da promessa de Tiago 1:5 e buscar o Senhor quando se vê diante de qualquer problema desconcertante.

4. DANIEL DESCRIEVEU O JULGAMENTO (Dn 5:13-29)

Se estava com 16 anos quando foi levado para a Babilônia, em 605 a.C., e se a Babilônia foi conquistada pelos medo-persas em 539 a.C., então Daniel tinha 82 anos de idade quando Belsazar ordenou que fosse ao salão de festas; talvez já estivesse aposentado há muito tempo do serviço do rei. Contudo, os verdadeiros servos de Deus jamais abandonam seu ministério, e mesmo quando se aposentam, estão à disposição para responder ao chamado de Deus “quer seja oportuno, quer não” (2 Tm 4:2).

A oferta do rei (vv. 13-17). Era embarracoso, mas o rei só conhecia Daniel de nome e por sua reputação, mas não pessoalmente. E, no entanto, Daniel havia “tratado dos

negócios do rei" no terceiro ano de seu reinado (Dn 8:1, 27), ou seja, em 554 a.C. Que tristeza o governante de uma cidade poderosa como a Babilônia ignorar um dos maiores homens da história e procurá-lo apenas nas últimas horas de sua vida, quando já era tarde demais! Será que a rainha-mãe havia falado a seu filho sobre esse exilado judeu extraordinário e ele não havia dado ouvidos? O que ocupava tanto o rei a ponto de ele não ter tempo de sentar-se aos pés do profeta de Deus e de aprender com ele as coisas verdadeiramente importantes da vida? Nas palavras do editor de jornal H. L Mencken: "Quanto mais velho fico, menos confio na conhecida doutrina de que a idade traz consigo a sabedoria". Contudo, Daniel possuía muito mais do que apenas a sabedoria humana resultante da experiência; ele possuía o tipo de conhecimento sobrenatural e de sabedoria que só podem vir de Deus. Quanta coisa Belsazar poderia ter aprendido com ele!

A situação não era nenhuma novidade para Daniel: uma revelação de Deus, um governante temeroso e frustrado, conselheiros incompetentes e o servo de Deus para socorrê-los. Daniel deu pouca atenção ao discurso lisonjeiro do rei e não tinha muito uso para sua oferta generosa. Mesmo que fosse mais jovem, Daniel não teria se interessado por riqueza pessoal ou poder político. "Não [ser] avarento" é um dos requisitos para um servo de Deus (1 Tm 3:3; ver 1 Pe 5:2). Além de Daniel, servos como Moisés (Nm 16:15), Samuel (1 Sm 12:3) e Paulo (At 20:33) exemplificam essa atitude abnegada. Simplesmente não podiam ser comprados.

O profeta repreendeu o rei (Dn 5:18-24) de maneira respeitosa, mas não teve medo de dizer-lhe a verdade. Mesmo que não respeitemos a maneira de viver de alguém, devemos respeitar o cargo que ocupa, "porque não há autoridade que não proceda de Deus" (Rm 13:1). Desde o começo de sua vida na Babilônia (Dn 1), Daniel e seus amigos haviam usado sempre de humildade e de tato ao tratar com as autoridades, e por causa disso foram abençoados por Deus. "Linguagem sadia e irrepreensível" (Tt 2:8)

é um elemento essencial para o servo de Deus obediente.

O rei não conhecia Daniel pessoalmente, mas sem dúvida o profeta sabia da vida pessoal do rei! Sabia que era orgulhoso e que já conhecia a história de seu avô, mas ainda assim Daniel recapitulou-a. "Aqueles que não se lembram do passado estão condenados a repeti-lo", escreveu o filósofo George Santayana, e Belsazar se encaixava nesse perfil. A lição que Nabucodonosor aprendeu e que seu neto, Belsazar, ouviu mas ignorou foi que "o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e a quem quer constitui sobre ele" (Dn 5:21). Somente o Deus de Israel é o verdadeiro Deus vivo e governa com soberania sobre todos os assuntos deste mundo, inclusive os do grande império da Babilônia!

Nabucodonosor demonstrou seu orgulho ao vangloriar-se de suas conquistas e tomar para si o crédito por aquilo que Deus o havia ajudado a realizar (Dn 4:29, 30), mas seu neto mostrou seu orgulho ao profanar os utensílios sagrados do templo do Deus Altíssimo e ao tratar o Senhor com desrespeito. Ao usar os utensílios do Deus verdadeiro para louvar os ídolos da Babilônia, o rei cometeu os pecados de blasfêmia e de idolatria; ao desconsiderar o que sabia sobre a história da realeza babilônica, demonstrou sua ignorância. Belsazar agiu como se estivesse no controle e como se sua vida fosse durar ainda muitos anos mais e, no entanto, seu próprio fôlego era controlado pela mão de Deus (Dn 5:23). "Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos" (At 17:28). "Louco, esta noite te pedirão a tua alma" (Lc 12:20).

Assim como o rei Belsazar e seus convidados, muitas pessoas em nosso mundo de hoje não dão atenção às lições do passado, mostram-se ignorantes com respeito à interpretação do presente e totalmente despreparadas para as consequências do futuro.

A advertência do Senhor (vv. 25-29). Qualquer um que soubesse aramaico era capaz de ler as palavras escritas na parede, mas Daniel pôde interpretar seu significado e aplicar a revelação de Deus ao povo no salão de festas, especialmente ao rei. Daniel

não interpretou as palavras como unidades monetárias (mina, siclo ou meio siclo), mas como uma advertência para o rei. A palavra *mina* significava “contado”, e sua repetição indicava que Deus havia determinado e declarado o fim do reino e que este viria em breve (Gn 41:32). Os dias da Babilônia estavam contados! Além disso, o termo *tekel* indicava que o próprio rei havia sido pesado por Deus e achado em falta, de modo que os dias do rei estavam contados. Quem traria o fim do reino e do rei da Babilônia? A resposta estava na terceira palavra, *peres*, que tinha um significado duplo: “dividido” e “Pérsia”. A Babilônia seria dividida entre os medos e os persas, cujos exércitos estariam às portas da cidade naquela noite.

Há ocasiões em que Deus dá advertências a fim de conduzir os pecadores ao arrependimento, como quando enviou Jonas a Nínive (Jn 3), mas também há situações em que seus avisos são finais e o juízo divino já foi determinado. Quando Deus alertou Nabucodonosor sobre seu orgulho e seu descaso com os pobres, deu ao rei um ano para se arrepender e buscar o perdão de Deus (Dn 4:28-33). O rei se recusou a humilhar-se e foi julgado. Mas quando Daniel confrontou Belsazar, não ofereceu saída alguma.

Ainda que Daniel não quisesse as recompensas, o rei cumpriu sua promessa: vestiu-o com o manto de púrpura e colocou a corrente de ouro em seu pescoço, declarando-o terceiro no governo do reino. Daniel não protestou, pois sabia que a cidade seria tomada naquela mesma noite e que os conquistadores não iriam querer saber quem estava no poder.

5. DARIO DESFERIU O JULGAMENTO (Dn 5:30, 31)

A oração “naquela mesma noite” (v. 30) tem um tom agourento. “O homem que muitas vezes repreendido endurece a cerviz será quebrantado de repente sem que haja cura” (Pv 29:1). Belsazar foi morto naquela mesma noite, e a cabeça de ouro foi substituída pelos braços e peito de prata. De acordo com os historiadores, isso ocorreu em 12 de outubro de 539 a.C.

A conquista da Babilônia foi planejada por Ciro, rei da Pérsia (Dn 1:21; 6:28; 10:1; ver 2 Cr 36:22, 23; Ed 3 – 5, *passim*), servo escolhido de Deus para essa tarefa (Is 44:28; 45:1-4). Então, quem era “Dario, o medo”, mencionado em Daniel (Dn 5:31, 6:1, 9, 25, 28 e 9:1)? Muitos estudiosos acreditam que Dario era Gubarum, um oficial importante do exército nomeado por Ciro para governar a província da Babilônia. Dario, o medo, não deve ser confundido com Dario I, que reinou de 522 a.C. a 486 a.C. e incentivou o remanescente judeu a restaurar o templo (Ed 1; 5 – 6).⁴

Por causa dos muros altos, das torres de guarda e das portas de bronze fortificadas, o povo da cidade da Babilônia achou que estava protegido do inimigo, mas o exército medo-persa encontrou uma forma de entrar na cidade. O rio Eufrates cortava a Babilônia de norte a sul e, ao desviar o curso desse rio, o exército conseguiu passar por baixo das portas e entrar na cidade. A conquista da Babilônia e sua destruição final haviam sido preeditas por Isaías (Is 13 – 14; 21; 47) e Jeremias (Jr 50 – 51). A Babilônia havia sido o instrumento escolhido por Deus para disciplinar seu povo, Israel, mas o exército babilônio havia se excedido e maltratado os judeus (Jr 50:33, 34). A conquista da Babilônia também era o castigo de Deus por aquilo que haviam feito com seu templo (Jr 50:28; 51:11).

As profecias se cumpriram, e a antiga Babilônia deixou de existir, mas a “grande Babilônia” ainda se encontra em nosso meio (Ap 17:5, 7; 18:2, 10). Ao longo das Escrituras, a Babilônia (a cidade rebelde) é contrastada com Jerusalém (a cidade santa). A Babilônia foi fundada por Ninrode, um homem rebelde contra o Senhor (Gn 10:8-10). Ela é vista nas Escrituras como a grande cidade deste mundo, enquanto Jerusalém simboliza a cidade eterna de Deus. Apocalipse 18 e 19 descrevem a ascensão e queda da “grande Babilônia” no fim dos tempos, o sistema satânico que seduzirá os povos do mundo e que os levará a rejeitar a mensagem de Deus e a viver em função dos prazeres pecaminosos desta vida. Se você comparar

Jeremias 50 a 51 com Apocalipse 18, verá muitas semelhanças entre a Babilônia da história antiga e a Babilônia da profecia. O futuro sistema babilônico do mundo ajudará o anticristo, o homem a iniqüidade, a subir ao poder, mas seu reino será destruído por Jesus Cristo quando ele voltar para reinar (Ap 19:11-21).

Anos atrás, o Dr. Harry Rimmer publicou um livro sobre profecias chamado *Straight Ahead Lies Yesterday* [O dia de ontem está logo adiante], um título que poderia muito bem ser dado ao Livro de Daniel. O mundo sempre teve suas grandes cidades, impérios poderosos e ditadores influentes, mas o Deus Altíssimo ainda reina no céu e na Terra e cumpre seus propósitos. Nenhuma nação, líder ou cidadão pode resistir por muito tempo ao Deus Altíssimo e vencer a batalha.

No jubileu de diamante da rainha Vitória, em 1897, o poeta e escritor Rudyard

Kipling escreveu um poema chamado *Recessional* [Hino de encerramento]. Não foi recebido com grande aplauso e aprovação, pois advertia a nação (e o império) celebrante de que Deus estava no controle e de que o orgulho, mais cedo ou mais tarde, conduz à derrota. Uma estrofe diz:

Os gritos se calam e o tumulto esmorece
Capitães e reis se vão –
Da Antiguidade, teu Sacrifício permanece,
Um humilde e quebrantado coração.
Senhor Deus dos Exércitos, sê conosco
ainda,
E que não nos esqueçamos, que não nos
esqueçamos!

Belsazar esqueceu a Palavra de Deus e as lições da história e perdeu o reino e a vida. Não vamos cometer esses mesmos erros em nosso tempo!

1. Passaram-se pelo menos vinte e três anos entre Daniel 4 e 5; o que está relatado em Daniel 7 e 8 ocorreu durante esses anos, no primeiro e no terceiro ano do reinado de Belsazar (Dn 7:1; 8:1). Pelo sonho do rei, no capítulo 2, e a visão do capítulo 7, Daniel sabia que ocorreria uma sucessão de impérios e que os medos e persas conquistariam a cidade.
2. A palavra “pai”, nos versículos 1, 11, 13, 18 e 22, significa simplesmente “parente” e, nesse caso, avô.
3. Os apóstrofos representam a letra *aleph*, a primeira letra do alfabeto hebraico e que é “muda”. O U de UPHARSIN representa o caractere usado para “também”.
4. Alguns estudiosos acreditam que “Dario” era o título do governante persa, como “Faraó” para os reis egípcios. Isso significa que “Dario, o medo”, pode ter sido o próprio Ciro.

LOROTAS, LEIS E LEÕES

DANIEL 6

Dario, o medo, não deve ser confundido com Dario I, que governou a Pérsia de 522 a.C. a 486 a.C., em cujo governo o templo foi restaurado pelo remanescente judeu em Jerusalém. Dario, o medo, provavelmente era o nome (ou o título) do homem que o rei Ciro designou para governar sobre a cidade da Babilônia (Dn 9:1) até que ele próprio assumisse o comando ou, então, do próprio Ciro ao assumir o reino.¹ O rei Ciro governou o império persa de 539 a.C. a 530 a.C. e foi sucedido por Cambises (530-522 a.C.).

Como acontece, muitas vezes, depois de uma conquista, o novo governante deseja reorganizar a administração do reino conquistado de modo a estabelecer sua autoridade e a fazer com que as coisas se encaixem em seus objetivos de liderança. Contudo, quando Dario começou a reorganizar a Babilônia, trouxe à tona um conflito entre seus oficiais e Daniel, administrador veterano que, àquela altura, estava na casa dos 80 anos de idade. Hoje em dia, onde quer que se encontrem cristãos dedicados vivendo e trabalhando com incrédulos, seja em famílias, igrejas ou governos, serão vistas em ação forças como aquelas descritas nesse capítulo.

1. HONESTIDADE VERSUS CORRUPÇÃO (Dn 6:1-4)

Dario deve ter suspeitado que os oficiais que havia herdado do pai não estavam fazendo seu trabalho fielmente, mas sim roubando as riquezas dele – e suas suspeitas estavam corretas. Era impossível Dario ter controle sobre tudo em seu império, pois isso teria implicado supervisionar todos os trabalhadores,

examinar todas as contas e verificar todas as tarefas designadas. O rei dependia de seus oficiais para garantir que o trabalho estava sendo bem feito, e isso significava nomear oficiais nos quais pudesse confiar. Dario era um homem com grande experiência de vida e sabia que o governo babilônio dava oportunidades de sobra para a corrupção (ver Ec 5:8, 9).

A primeira coisa que o líder sábio faz é coletar informações, e logo Dario ficou sabendo sobre Daniel e sua reputação de honestidade e de sabedoria, aquilo que a Bíblia chama de “um espírito excelente” (Dn 6:3). É provável que, a essa altura, Daniel estivesse parcialmente aposentado, mas o rei o nomeou um dos três administradores sobre todo o reino. Esses três homens deviam cuidar dos negócios dos cento e vinte líderes que governavam sobre as províncias² e reportar-se diretamente ao rei. Daniel mostrou-se um funcionário tão excelente que Dario resolveu fazer dele seu maior administrador sobre todo o reino.

Os outros líderes ficaram exasperados quando souberam desse plano e tentaram, sem sucesso, encontrar alguma falha no trabalho de Daniel. Tinham vários motivos para opor-se a Daniel, inclusive a mais pura inveja, mas sua principal preocupação era financeira. Sabiam que com Daniel no comando não teriam oportunidade de usar seus cargos em benefício próprio e perderiam aquilo que ganhavam pela corrupção. Também é provável que os homens mais jovens se ressentissem com um governante mais velho – que, aliás, era um exilado judeu – dizendo-lhes o que deveriam fazer e supervisionando seu trabalho. Tratava-se de mais um caso de antisemitismo, um pecado terrível encontrado nas Escrituras desde os dias do Faraó até o fim dos tempos (Ap 12). Ao que parece, esses oficiais não sabiam da aliança entre Deus e Abraão, que prometia abençoar quem abençoasse os judeus e amaldiçoar quem os amaldiçoasse (Gn 12:1-3). Quando esses homens começaram a atacar Daniel, estavam atraindo sobre si o juízo de Deus.

Nem sempre acontece de um funcionário honesto ser promovido enquanto seus

inimigos são julgados. José e Daniel foram promovidos por governantes pagãos, mas tenho um amigo que foi demitido por trabalhar com excessiva dedicação! Ao que parece, sua integridade cristã e seu trabalho diligente destacavam a indolência dos outros funcionários, de modo que seu supervisor achou um motivo para demiti-lo. Contudo, é melhor manter a integridade e o testemunho do que sacrificá-los só para manter o emprego. Se colocarmos o Senhor em primeiro lugar, ele cuidará de nós, mesmo que não sejamos promovidos (Mt 6:33). Muitos cristãos fiéis já foram deixados de lado na hora das promoções e dos aumentos de salário só porque alguém num cargo superior não gostava deles, mas, um dia, a recompensa desses trabalhadores virá da mão do Senhor.

2. Fé VERSUS INTRIGAS (Dn 6:5-11)

Sem dúvida, é algo digno de louvor ter um caráter tão impecável a ponto de não poder ser acusado de mal algum, só restando a possibilidade de ser incriminado por sua fé. Seria impossível os oficiais conspiradores tentarem Daniel a fazer algo ilegal, mas podiam procurar transformar suas práticas religiosas numa contravenção. Daniel não escondia o fato de que orava em sua casa três vezes ao dia com as janelas abertas na direção de Jerusalém (v. 10), e seus inimigos sabiam disso. Se o rei tornasse ilegal a oração a outros deuses, era garantido que Daniel acabaria na cova dos leões!

A resposta do rei (vv. 5-9). O rei Dario deve ter ficado impressionado quando cento e vinte e dois oficiais se reuniram em sua sala do trono para ter uma audiência com ele. É claro que, mesmo sendo o principal administrador, Daniel não estava lá, uma vez que os líderes haviam tomado a precaução de não incluí-lo. Contudo, inseriram-no ardilosamente em seu discurso, pois afirmaram que todos os oficiais haviam concordado com o plano apresentado a Dario. Na realidade, incluíram todos os oficiais do império – “os prefeitos e sátrapas, conselheiros e governadores” (v. 7) –, a fim de dar ao rei a impressão de que estavam unidos para

apoíá-lo, desejosos de engrandecê-lo e a seu cargo. Os homens que tramaram a conspiração provavelmente não haviam consultado todos os oficiais de escalão inferior dentro do império, mas é bem provável que não discordariam do plano. Qualquer coisa que agradasse o rei só serviria para fortalecer a posição deles. Os administradores foram astutos em sua tramá e na forma como a apresentaram. Sabiam que Dario desejava unificar o reino o mais rápido possível e transformar os babilônios derrotados em persas leais. Que melhor maneira haveria de voltar toda a atenção para o grande rei do que torná-lo não apenas líder supremo, mas também o único deus por um mês inteiro? Para enfatizar a importância dessa lei, os oficiais solicitaram uma última sentença: qualquer um que não obedecesse, seria jogado numa cova de leões. É claro que sua adulação tocóu o orgulho do rei, e ele, mais que depressa, concordou com eles, ordenou que a lei fosse escrita e assinou-a. Uma vez assinada, a lei não podia ser mudada nem anulada (vv. 8, 12, 15; Et 1:19).

Há provas de sobra de que Dario amava e estimava Daniel, mas, em sua precipitação, o rei havia colocado seu amigo em perigo. Alguém disse bem que a adulação é uma forma de manipulação e não de comunicação, e em seu orgulho Dario sucumbiu à adulação de homens perversos. “Pois não têm eles sinceridade nos seus lábios; o seu íntimo é todo crimes; a sua garganta é sepulcro aberto, e com a língua lisonjeiam” (Sl 5:9).

A reação de Daniel (vv. 10, 11). Os oficiais conspiradores não perderam tempo para proclamar o decreto do rei. Daniel provavelmente orava “à tarde, pela manhã e ao meio-dia” (Sl 55:17),³ e seus inimigos queriam usar a primeira oportunidade que tivessem para prendê-lo. Quanto mais cedo Daniel estivesse fora do caminho deles, mais depressa poderiam começar a administrar o país para seu próprio benefício. Quando Daniel orava voltado para a cidade santa e o templo, apropriava-se da promessa que Salomão havia declarado quando consagrhou o templo (1 Rs 8:28-30, 38, 39, 46-51). Jonas afirmou essa mesma promessa quando

estava na barriga do grande peixe (Jn 2:4). Os judeus exilados não tinham mais templo nem sacerdócio, mas Deus ainda estava no trono e ouviria seus pedidos de socorro.

Durante o primeiro ano do reinado de Dario, Daniel soube pelo Livro de Jeremias que o cativeiro judeu terminaria depois de setenta anos e transformou essa grande promessa numa oração (Dn 9:1ss). Daniel intercedeu por seu povo, pedindo a Deus que cumprisse sua promessa e que os libertasse. Assim como a trama contra os judeus registrada no Livro de Ester, a trama contra Daniel, o intercessor, era um ataque sobre toda a nação judia.

Se Daniel não tivesse sido um homem de fé e coragem, teria transigido e encontrado desculpas para não continuar com sua vida de oração fiel. Poderia ter fechado as janelas e orado silenciosamente três vezes ao dia, ou poderia ter deixado a cidade para orar em algum outro lugar. No entanto, isso teria sido incredulidade e covardia, e o Senhor teria retido sua bênção. Um homem como Daniel temia somente ao Senhor; e quando se teme ao Senhor, não há mais nada a temer. "Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens" (At 5:29). Alguns dos líderes vigiaram o profeta, ouviram-no orar e foram relatar o fato ao rei.

A parte mais importante da vida do cristão é aquela que só Deus vê, nossa vida particular diária de meditação e oração. Nas palavras do teólogo P. T. Forsythe: "Você ora para onde seu rosto está voltado: para Jerusalém ou para a Babilônia". A maior parte do mundo começa o dia voltada para o próprio mundo, esperando conseguir alguma coisa dele, mas o cristão olha para o Senhor e para suas promessas e entra em cada novo dia pela fé. A perspectiva determina os resultados, e quando olhamos para o Senhor em busca de orientação e de ajuda a cada dia, sabemos que o que acontecer estará nas mãos dele e não temos nada a temer. "A verdadeira fé é a fraqueza do homem apoiando-se na força de Deus", disse D. L. Moody, e podemos acrescentar que é a fraqueza do homem transformada na força de Deus (Hb 11:34).

3. O PODER DE DEUS VERSUS A AUTORIDADE DO HOMEM (Dn 6:12-23)

Durante muitos anos, Daniel orou três vezes ao dia dando graças e fazendo súplicas (vv. 10, 11), exatamente o mesmo padrão que Paulo nos instruiu a seguir (Fp 4:6, 7). Não é de se admirar que Daniel tivesse tanta paz e coragem! Ernest Wadsworth, defensor da oração eficaz, disse: "Ore pedindo uma fé que não encolherá quando for lavada nas águas da aflição". Daniel tinha esse tipo de fé. Havia caminhado com o Senhor por mais de oitenta anos e sabia que seu Deus não iria abandoná-lo. Afinal, o Senhor não salvara sua vida, dando-lhe sabedoria quando precisou interpretar o sonho do rei, e não havia livrado seus três amigos da fornalha de fogo? Daniel tinha uma cópia da profecia de Jeremias (Dn 9:2), de modo que deve ter lido: "Eis que eu sou o SENHOR, o Deus de todos os viventes; acaso, haveria coisa demasiadamente maravilhosa para mim?" (Jr 32:27). Sem dúvida, ele respondeu dizendo: "coisa alguma te é demasiadamente maravilhosa" (Jr 32:17). Um cristão que sabe ajoelhar-se em oração não tem problema algum em ficar em pé pela força do Senhor.

A acusação contra Daniel (vv. 12, 13).

Os homens que haviam espionado foram mais que depressa informar o rei Dario de que seu oficial predileto havia desobedecido à lei e desrespeitado o rei. É impressionante como as pessoas podem trabalhar juntas rapidamente para fazer o mal, mas têm dificuldade em juntar-se para fazer qualquer coisa boa. "São os seus pés velozes para derramar sangue" (Rm 3:15). Não demonstraram qualquer respeito para com Daniel, que ocupava um cargo mais elevado que o deles, e trataram-no com desprezo chamando-o de um "dos exilados de Judá" (Dn 6:13). Esses homens orgulhosos não tinham idéia de que Deus estava com seu povo exilado e de que, nas vinte e quatro horas seguintes, defenderia seu servo.

Mantendo-se firmes naquilo que é certo e fazendo o que o Senhor ordenou, filhos de Deus de todas as eras foram acusados

falsamente, perseguidos com crueldade e mortos injustamente. "Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos" (2 Tm 3:12). O pregador puritano Henry Smith disse: "Deus testa com provações, o diabo com tentações, e o mundo com perseguições". Richard Baxter, outro puritano, afirmou que o povo de Deus deve preocupar-se mais em ser digno da perseguição do que em livrar-se dela, pois merecer a perseguição é evidência da fidelidade deles ao Senhor.

A aflição do rei (vv. 14-18). O rei ficou aflito principalmente pelo fato de Daniel ser seu amigo e seu braço direito no governo do império e não quis assinar sua ordem de execução. No entanto, Dario também ficou aflito por causa da forma como havia agido. Havia se deixado levar por seu orgulho, crido nas mentiras dos líderes e assinado a lei. Se Dario tivesse esperado para consultar Daniel, teria descoberto toda a conspiração, mas talvez o Senhor tenha permitido que os acontecimentos se desenrolassem daquela forma para que os inimigos de Daniel pudessem ser desmascarados e julgados. Deus "faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade" (Ef 1:11) e sabe o que está fazendo.

O rei deixou claro que queria salvar Daniel da execução, mas todos os seus esforços foram em vão. A situação é semelhante àquela descrita no Livro de Ester: uma vez assinada a lei, não havia nada que pudesse mudá-la. Já que Dario era considerado um "deus" e que as pessoas estavam orando para ele, como seria possível que ele cometesse erros? E como um "deus" poderia deixar de punir alguém que desobedecesse uma de suas leis? Além do mais, as leis dos medos e persas não podiam ser anuladas nem mudadas. Aquele dia todo, Dario deixou de lado outros assuntos do reino e tentou libertar Daniel, mas suas tentativas falharam. Os inimigos de Daniel estavam por perto para lembrar o rei de que ele deveria cumprir a lei, quer desejasse fazê-lo quer não. No final do dia, Dario teve de chamar Daniel e ordenar que ele fosse colocado na cova dos leões.

A cova dos leões era um grande buraco com uma parede divisória móvel, que podia ser puxada para cima, permitindo que os leões passassem de um lado para o outro. O tratador punha comida do lado vazio e, depois, levantava a divisória para que os leões fossem até ali e se alimentassem. Baxava a divisória rapidamente e ia limpar o lado seguro da cova. Os animais não eram alimentados com freqüência nem em grande quantidade, a fim de que o apetite deles estivesse preparado para o caso de haver uma execução. Viver sempre à beira da fome não contribuía nem um pouco para amansá-los!

Antes de Daniel ser descido à cova e de ser erguida a divisória, o rei fez uma oração para que o Deus de Daniel o livrasse, pois Daniel servia o Senhor fielmente todo tempo (Dn 6:16; ver v. 20 e 3:17). Em seguida, ordenou que a cova fosse coberta e a pedra selada, de acordo com o que a lei ordenava. Ninguém ousaria romper o selo oficial do rei, de modo que, quando a cova fosse aberta, todos teriam de confessar que Deus havia realizado um grande milagre. Isso nos lembra da pedra na entrada do sepulcro de Jesus selada pelas autoridades; ainda assim, Cristo apareceu vivo!

O rei teve uma noite insone, não muito diferente da que Xerxes teve na história de Ester (Et 6:1ss). Os reis do Oriente tinham acesso a todo tipo de entretenimento para ajudá-los a relaxar e adormecer, mas Dario recusou essas diversões. Passou a noite em claro e até jejuou! Ficou imaginando se o Senhor iria livrar o velho profeta judeu da cova dos leões.

A vitória do Senhor (vv. 19-23). Dario levantou-se ao raiar do dia e foi depressa à cova dos leões. Mesmo antes de chegar lá e de ordenar que os selos fossem rompidos e a pedra removida, chamou por Daniel com a voz cheia de angústia. Confessou com suas palavras que o Deus de Daniel era o Deus vivo e não um ídolo morto e que tinha o poder de livrar seu servo fiel. A fé de Daniel dava-lhe paz e segurança, mas a fé do rei era fraca e vacilante: "Dar-se-ia o caso que o teu Deus, a quem tu continuamente serves, tenha podido livrар-te dos leões?"⁴ Quando

Dario ouviu a voz de Daniel dizendo: “Ó rei, vive eternamente!”, soube que seu amigo e oficial fiel havia sido liberto (Hb 11:33).

Daniel nunca tardava em dar glória a Deus (Dn 6:22; ver 2:27, 28; 4:25; 5:21-23). Com uma só palavra, o Senhor poderia ter fechado a boca dos leões. Em vez disso, porém, escolheu enviar um anjo para realizar essa tarefa. O anjo não apenas controlou as feras famintas, mas também fez companhia para Daniel, da mesma forma como o Senhor havia andado com os três judeus que Nabucodonosor jogou na fornalha de fogo (Dn 3:24, 25). O Livro de Daniel revela muita coisa sobre o trabalho dos anjos aqui no mundo, não apenas em seu ministério ao povo de Deus, mas também em sua influência sobre as nações (Dn 10:10-13, 20, 21). Quando pensamos num anjo livrando Daniel, o que nos vem à mente são promessas como os Salmos 34:7 e 91:11, e nos lembramos dos anjos que ministraram a Jesus (Mc 1:13; Lc 22:43). Não sabemos quando os anjos estão conosco (Hb 13:2), mas sabemos que estão presentes para nos servir e que foram enviados por Deus para nos assistir (Hb 1:14). Quando Daniel foi removido da cova dos leões, não tinha ferimento algum, assim como os três homens judeus não tinham qualquer marca de que sequer haviam estado na fornalha de fogo (Dn 3:27).

O Senhor livrou Daniel por causa de sua fé (Dn 6:23) e de sua inocência quanto a qualquer crime diante do rei e de qualquer pecado diante do Senhor (v. 22). Isso significa que a lei de Dario sobre a oração foi rejeitada no céu e que Daniel estava certo em desacatá-la. Ao sugerir tal lei, os oficiais conspiradores desobedeceram ao verdadeiro Deus vivo (Êx 20:1-6) e roubaram dele a glória que lhe era devida. Deus salvou Daniel porque isso trouxe grande glória a seu nome e também porque ainda tinha mais trabalho para seu servo. Até que todo seu trabalho tenha se completado, os servos de Deus são imortais.

Contudo, é importante ressaltar que nem todo servo fiel do Senhor é liberto das provações e da morte de alguma forma miraculosa. Hebreus 11:1-35 cita os nomes de

alguns grandes homens e mulheres de fé e descreve suas realizações, mas os versículos 36 a 40 descrevem “outros” que também tiveram grande fé e, no entanto, foram perseguidos e martirizados. Esses “outros” anônimos tinham tanta fé quanto as pessoas do primeiro grupo, mas não receberam um livreamento especial. Tiago, o irmão de João foi martirizado, mas Pedro foi libertado da prisão (At 12); no entanto, os dois foram servos fiéis do Senhor. Não é sábio tirar conclusões precipitadas a partir das consequências, pois corremos o risco de fazer avaliações incorretas (At 14:8-20 e 28:1-6).⁵

4. A GLÓRIA DE DEUS VERSUS A DESONRA DO HOMEM (Dn 6:24-28)

A noite de confinamento de Daniel na cova dos leões terminou com uma manhã de glória e de livreamento, com o próprio rei libertando seu governante. Imagine a empolgação na cidade quando se espalhou a notícia de que Daniel havia passado a noite na cova dos leões e saído ileso. Deus poderia ter evitado que Daniel tivesse sido lançado à cova, mas, ao permitir que isso acontecesse e ao tirá-lo do perigo sem um arranhão, o Senhor foi grandemente honrado.

Os traidores foram julgados (v. 24). Os monarcas do Oriente possuíam poder absoluto sobre seus súditos (Dn 5:19), e ninguém ousava questionar suas decisões, muito menos tentar mudá-las. Dario não jogou todos os cento e vinte e dois oficiais e seus familiares na cova dos leões, mas executou somente aqueles que haviam acusado Daniel e as respectivas famílias dos acusadores (Dn 6:11-13). “O justo é libertado da angústia, e o perverso a recebe em seu lugar” (Pv 11:8). A única exceção a essa lei ocorreu quando Jesus Cristo, o Justo, tomou o lugar dos pecadores ao morrer por eles na cruz (1 Pe 3:18).

Existe uma lei de retribuição que diz: “Quem abre uma cova nela cairá; e a pedra rolará sobre quem a revolve” (Pv 26:27). O Faraó, por exemplo, ordenou a morte dos bebês hebreus do sexo masculino em todo o Egito, e, na Páscoa, todos os primogênitos egípcios morreram. Ordenou que os bebês

judeus recém-nascidos fossem afogados no rio Nilo, e todo o exército do Faraó afogou-se no mar Vermelho (Êx 14 – 15). Hamã tentou destruir a nação de Israel e acabou sendo executado na força que ele mesmo havia feito para Mordecai (Et 7:9, 10; 9:25). Ainda que os pecadores não sejam julgados nesta vida, serão depois que morrerem (Hb 9:27), e o julgamento será justo.

Parece-nos cruel que as famílias tivessem sido executadas juntamente com os conspiradores, mas se tratava de uma lei oficial da Pérsia, e os conspiradores sabiam disso. A lei de Israel proibia que se castigasse os filhos pelos pecados dos pais (Dt 24:16; Ez 18:20), mas os déspotas orientais tinham outro ponto de vista. Não queriam que qualquer membro sobrevivente da família do traidor conspirasse para matar o rei que havia ordenado a execução do pai. Era muito mais fácil enterrar cadáveres do que ficar vigiando possíveis assassinos e, além do mais, o exemplo servia para assustar possíveis agitadores. Outro fator importante é a aliança de Deus com Abraão. O Senhor prometeu que todos aqueles que abençoassem o povo de Israel seriam abençoados, mas que aqueles que os amaldiçoassem seriam amaldiçoados (Gn 12:1-3).⁶ Ao permitir que as famílias fossem mortas, Deus estava apenas sendo fiel à sua Palavra.

O Senhor foi glorificado (vv. 25-27). No entanto, Dario fez mais do que executar os criminosos. Também publicou um decreto para todo o império ordenando que seus súditos mostrassem temor e reverência para com o Deus de Daniel, o Deus dos exilados hebreus (vv. 25-27). O primeiro decreto de Dario, nesse capítulo, declarava que ele era um deus (vv. 7-9), mas seu segundo decreto declarava que o Deus dos hebreus era o verdadeiro Deus vivo! Com isso, Dario fez como o rei Nabucodonosor e deu testemunho público do poder e da glória do verdadeiro Deus vivo (Dn 2:47; 3:28, 29; 4:1-3, 34-37). Deus poderia ter evitado que Daniel fosse lançado na cova, mas ao salvá-lo dos leões, Deus recebeu glória ainda maior.

Os judeus haviam sido humilhados pela destruição de Jerusalém e do templo, pois

sua derrota havia dado a impressão de que os falsos deuses da Babilônia eram mais fortes do que o Deus verdadeiro de Israel. A idolatria do povo judeu, especialmente de seus reis e sacerdotes, havia causado a ruína de Judá, e o Senhor usara uma nação idólatra para derrotá-los. Jeová não havia sido honrado por seu próprio povo, mas estava recebendo louvores de governantes pagãos, cujos decretos eram publicados por todo o mundo gentio. Esses decretos eram um testemunho aos gentios de que havia apenas um Deus verdadeiro, o Deus dos judeus. Contudo, os decretos também eram uma lembrança aos judeus de que Jeová era o verdadeiro Deus vivo. Os exilados judeus estavam cercados de ídolos e eram sempre tentados a adorar os deuses dos conquistadores. Que paradoxo os judeus, que deveriam dar testemunho aos gentios do verdadeiro Deus vivo, receberem o testemunho dos gentios!

A teologia expressa no decreto de Dario é tão verdadeira quanto qualquer coisa escrita por Moisés, Davi ou Paulo. Jeová é o Deus vivo e eterno, cujo reino jamais será destruído (v. 26; ver Dt 5:26; Js 3:10; Sl 42:2; Jeremias 10:10; Sl 145:13; Ap 11:15). Ele é o Deus que salva seu povo, que o livra do perigo e da morte e que realiza sinais e maravilhas (Dn 6:27; ver 3:28, 29; 4:3; Dt 6:22; Ne 9:10; Sl 74:9; 105:26-36; 135:9; Jr 32:20, 21).

O servo de Deus prosperou (v. 28). Uma vez que Dario, o medo, é uma figura um tanto obscura da história antiga, não sabemos ao certo quanto tempo ele governou a Babilônia e exatamente quando Ciro assumiu o trono pessoalmente. Foi sugerido que Dario estava com 62 anos quando começou a governar a Babilônia (Dn 5:31), sendo possível que tivesse falecido poucos anos depois e, então, Ciro teria subido ao trono. Independentemente do que tenha ocorrido, Daniel foi respeitado por Dario e Ciro e continuou a testemunhar do Senhor. Ele viveu para ver Ciro publicar o edicto que permitiu aos judeus voltar para sua terra e reconstruir o templo (2 Cr 36:22, 23; Ed 1:1-4) e pode ter sido usado por Deus para que essa

promessa de Jeremias se cumprisse (Dn 9:1, 2; Jr 25:11, 12). Sem dúvida, suas orações por seu povo tiveram papel importante na atitude positiva de Ciro para com os judeus.

Juntamente com o relato do livramento dos três homens da fornalha de fogo (Dn 3), a notícia do livramento de Daniel da cova dos leões deve ter servido de grande estímulo para os judeus no exílio. Sabiam da profecia de Jeremias e imaginavam se Deus iria, de fato, livrá-los. Mas, se podia livrar três homens de uma fornalha de fogo e Daniel da cova dos leões, certamente podia livrar

os exilados da Babilônia e levá-los de volta a sua própria terra.

No entanto, Daniel tem uma mensagem para o povo de Deus nos dias de hoje, para os que estão sendo atacados pelo inimigo e sofrendo por viver em retidão e dedicação ao Senhor. Quer enfrentemos a fornalha de fogo (1 Pe 1:6-8; 4:12-19) ou o leão que ruge (1 Pe 5:8-10), estamos sob os cuidados do Senhor, e ele cumprirá seus propósitos divinos para sua glória. “Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós” (1 Pe 5:7).

1. Daniel 6:28 pode ser traduzido por: “mesmo no reino de Ciro, o persa”, o que faria de Dario e de Ciro a mesma pessoa. Contudo, a maioria dos tradutores e estudiosos do Antigo Testamento evita essa abordagem e considera Dario e Ciro duas pessoas diferentes.
2. Ester 1:1 e 8:9 declaram que havia cento e vinte e sete províncias no reino persa durante o reinado de Xerxes (486 a.C.—465 a.C.). Sem dúvida, as fronteiras políticas mudavam de tempos em tempos.
3. No tempo de Jesus, judeus devotos oravam na terceira hora (9 da manhã), na nona hora (3 da tarde, a hora do sacrifício no templo) e quando o Sol se punha.
4. Essa pergunta nos traz à memória a declaração de fé dos três amigos de Daniel: “se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos” (Dn 3:17).
5. O Senhor operou de modo que o rei Dario obedecesse à sua própria lei e, ainda assim, Daniel fosse liberto da morte. Isso nos lembra de que Deus agiu de maneira semelhante em seu grande plano de salvação. “Porque o salário do pecado é a morte” (Rm 6:23), de modo que Jesus Cristo morreu pelos pecados do mundo e pagou a dívida que nós não podemos pagar. Contudo, ressuscitou dentre os mortos para perdoar todos que o receberem pela fé. Deus obedeceu à sua própria lei e, portanto, é “justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rm 3:26).
6. A intervenção de Daniel ao interpretar o sonho de Nabucodonosor salvou a vida dos sábios (Dn 2:24), e talvez ele tivesse salvado esses homens e suas famílias também, mas essa decisão não estava nas mãos dele.

“VENHA O TEU REINO”

DANIEL 7

O rei Nabonido era monarca sobre todo o império persa, mas nomeou seu filho, Belsazar, governante da Babilônia; o primeiro ano de seu reinado foi, provavelmente, 553 a.C. Isso significa que os acontecimentos descritos nos capítulos 7 e 8 antecederam aqueles descritos nos capítulos 5 e 6 e que Daniel tinha quase 70 anos de idade quando esses fatos ocorreram. Talvez Daniel tenha organizado seu livro dessa forma para que os registros de suas interpretações dos sonhos e visões de outros viessem antes das visões que Deus lhe deu (Dn 7:1, 2; 8:1; 9:20-27; 10:1ss). Exceto pelo sonho de Nabucodonosor com a grande figura explicado no capítulo 2, as outras visões em Daniel 2 – 6 não têm aplicação tão ampla quanto as visões concedidas a Daniel. A visão explicada no capítulo 7 é paralela à visão que Deus deu a Nabucodonosor no capítulo 2.

Nesta visão, Daniel aprendeu a respeito de seis diferentes reinos, dos quais, quatro são reinos deste mundo, um é o de Satanás, e o último é o reino do Messias.

1. OS REINOS DESTE MUNDO (Dn 7:1-7, 15-23)

Deus comunicou-se com Daniel enquanto este dormia ao dar-lhe visões perturbadoras em um sonho (vv. 1, 2, 15). Durante essa visão, Daniel também participou dos acontecimentos, pois pôde aproximar-se do anjo e pedir uma interpretação (v. 16). Daniel não explica como era possível estar dormindo em sua cama e, ainda assim, poder falar com um anjo em pé diante do trono do Senhor. Talvez, como Paulo, não soubesse se estava

dentro ou fora de seu corpo (ver Dn 8:2; 2 Co 12:1-3).

O mar agitado é uma figura bíblica freqüente usada para as nações do mundo (Is 17:12, 13; 57:20; 60:5; Ez 26:3; Ap 13:1; 17:15). Assim como o mar por vezes fica tempestuoso, também as nações do mundo às vezes se vêem em tumulto e até mesmo em guerra; assim como as ondas e correntes do mar são imprevisíveis, também o curso da história mundial está além da capacidade humana de traçar um rumo ou de fazer previsões. Historiadores como Oswald Spengler e Arnold Toynbee procuraram sem sucesso encontrar um padrão para a história mundial. Do ponto de vista humano, as nação determinam seus próprios destinos, mas os ventos invisíveis de Deus sopram sobre a superfície da água para realizar a vontade dele a seu tempo. Se há uma mensagem enfatizada no Livro de Daniel, é que “o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens” (Dn 4:32).

O anjo disse a Daniel que as quatro bestas representavam quatro reinos (v. 17), a mesma seqüência de impérios que Nabucodonosor havia visto em seu sonho (cap. 2). Contudo, o rei vira uma estátua enorme e impressionante, feita de metais valiosos, enquanto Daniel viu feras perigosas que devoravam povos e nações sem qualquer piedade. Aos olhos humanos, as nações do mundo são como a estátua enorme de Nabucodonosor, impressionantes e imponentes, mas, do ponto de vista de Deus, as nações são apenas animais ferozes que atacam e devoram uns aos outros.

O leão com asas de águia (v. 4) representava o império da Babilônia, que na estátua de Nabucodonosor era a cabeça de ouro (Dn 2:37, 38). Nas Escrituras, a Babilônia é identificada tanto com o leão quanto com a águia (Jr 4:7, 13; 48:40; 49:19-22; 50:17; Ez 17:3, 12; ver também Hc 1:6-8). A descrição do leão sendo erguido para ficar em pé como um homem e, depois, recebendo um coração humano nos lembra de como Deus humilhou o rei Nabucodonosor e fez com que vivesse sete anos como um animal (Dn 4:16, 28-34). Deus disse a Daniel que o império babilônio cairia.

O urso com três costelas na boca (v. 5) simbolizava o império dos medos e persas, que derrotaram a Babilônia (Dn 5) e é paralelo aos braços e peito de prata na grande figura (Dn 2:39). O urso se levantou de um de seus lados, pois os persas eram mais fortes que os medos. Na visão posterior do carneiro com dois chifres (Dn 8), o chifre mais alto representava os persas (vv. 3, 20). Os intérpretes não apresentam um consenso sobre o significado das três costelas que o urso levava na boca. A melhor explicação é que representavam a Lídia, o Egito e a Babilônia, nações que os medos e persas haviam conquistado. De fato, os exércitos do império medo-persa “devoraram muita carne” ao marchar pelos campos de batalha.

O leopardo com quatro asas (v. 6) representava Alexandre, o Grande, e a conquista rápida de seu exército, resultando na expansão extraordinária do reino da Grécia. Esse quarto animal é identificado com o número quatro: quatro cabeças e quatro chifres (ver Dn 8:8, 21, 22). A morte precoce de Alexandre, em 323 a.C., deixou-o sem sucessor, e seu reino foi dividido em quatro partes, que foram entregues a seus líderes. A Palestina e o Egito foram dados a Ptolomeu I; a Síria foi governada por Seleuco I; a Ásia Menor e Trácia foram entregues a Lísímaco; e a Macedônia e a Grécia foram governadas por Antípater e Cassandro.

O animal “terrível e espantoso” (v. 7) representava o império romano, forte e durável como o ferro e determinado como uma fera em seu ataque. Os exércitos romanos varreram o mundo antigo derrotando uma nação depois da outra, e o império chegou a estender-se do oceano Atlântico até o mar Cáspio, a leste, e do norte da África até os rios Reno e Danúbio, ao norte. O Egito, a Palestina e a Síria ficaram todos sob domínio romano.

Esse animal corresponde às pernas de ferro da figura de Nabucodonosor (Dn 2:40-43), mas os dez artelhos (dez reis, vv. 43, 44) são representados por dez chifres (Dn 7:7, 24). Com freqüência, o chifre é um símbolo de um governante ou da autoridade do rei (1 Sm 2:10; Sl 132:17). Mais adiante

neste estudo, comentaremos em maiores detalhes o “chifre pequeno” em Daniel 7:8.

No grande movimento da história antiga, um império substituiu outro, levando ao estabelecimento do império romano. As duas visões (caps. 2 e 7) deixam claro que Deus conhece o futuro e controla a ascensão e queda das nações e dos governantes. Naquela época, Daniel vivia no império babilônio, mas sabia que a Babilônia seria tomada pelos medos e persas, que a Grécia conquistaria a Média e a Pérsia e que Roma acabaria conquistando tudo. A profecia é a história escrita de antemão.

2. O REINO DE SATANÁS (Dn 7:8, 11, 12, 21-26)

Os quatro reinos representados pelos quatro animais já vieram e já passaram. Contudo, o versículo 12 indica que cada reino continua a existir, de alguma forma, dentro do reino sucessor que o “devorou”. Daniel, porém, contemplou em sua visão algo que não foi revelado a Nabucodonosor: o último reino humano na Terra seria terrível, diferente de todos os reinos anteriores, chegando a ponto de declarar guerra contra Deus! Trata-se do reino do anticristo, descrito em Apocalipse 13 a 19, um reino perverso que será destruído quando Jesus Cristo voltar à Terra. Na visão de Nabucodonosor, o juízo foi retratado como “uma pedra [...] cortada sem o auxílio de mãos” que rolou montanha abaixo e destruiu a figura (Dn 2:34, 35, 44, 45).

Os dez chifres (vv. 7, 8, 24; Ap 13:1; 17:3, 7, 12, 16). Eles representam dez reis ou reinos que existirão nos últimos tempos. Daniel escreveu numa linguagem que o povo de sua época poderia entender, uma vez que nosso conceito de nação seria incompreensível para os antigos. No tempo de Daniel, os países eram governados por reis, mas os “reinos” referidos nessa passagem serão nações como nós as conhecemos hoje. Alguns estudiosos de profecias acreditam que, nos últimos dias, surgirão os “Estados Unidos da Europa”, e acontecimentos recentes – como a organização da União européia e o uso do Euro como moeda – parecem apontar nessa direção. Contudo, há mais de dez

nações na União Européia, de modo que não devemos tirar conclusões precipitadas.¹ Dessa confederação de dez nações que, de algum modo, é uma extensão do império romano, virá o anticristo; o último reino do mundo será organizado, agindo de modo ativamente contrário a Deus e a seu povo.

O “pequeno chifre” (vv. 8, 11, 24-26).

Este representa o último governante do mundo, o homem chamado de anticristo. O prefixo grego *anti* pode significar “contra” e também “em vez de”. O último governante do mundo será tanto uma imitação de Cristo como um inimigo de Cristo. João descreveu a aparência desse “homem da iniqüidade” (2 Ts 2:3) em Apocalipse 13:1-10.² De acordo com Daniel, o anticristo deve vencer o poder de outros três governantes para conseguir fazer o que deseja e o que Satanás planejou para ele (Dn 7:24). A menção de seus olhos sugere que ele possuirá conhecimento extraordinário e aptidão para planejar suas investidas. Também será um homem apto no uso das palavras e que saberá promover a si mesmo de modo que as pessoas o sigam (vv. 11, 25; Ap 13:5, 6). Além disso, blasfemará contra Deus e, por fim, convencerá o mundo incrédulo de que ele é um deus (2 Ts 2:1-12). Ele se tornará governante do mundo e controlará não apenas a economia e a religião, mas também tentará mudar as condições de vida e a lei.

De acordo com Daniel 7:25 e com Apocalipse 13:5, seu governo despótico durará três anos e meio, período significativo nas Escrituras. É chamado de “um tempo, dois tempos e metade de um tempo” (Dn 7:25; Ap 12:14), “quarenta e dois meses” (Ap 11:2; 13:5) e “mil duzentos e sessenta dias” (11:3; 12:6). Esse período é metade de sete anos, outra extensão de tempo importante nas profecias. Veremos em Daniel 9:24-27 que o anticristo fará uma aliança com a nação de Israel por sete anos, mas, no meio desse prazo, romperá essa aliança e começará a perseguir o povo de Deus.

Ao que parece, o cenário será o seguinte: o anticristo irá liderar uma das dez nações confederadas da Europa. Dominará as outras e, com a ajuda de Satanás, se tornará

um ditador mundial. A princípio, se mostrará amigável com os judeus e assinará uma aliança de sete anos para protegê-los (v. 27).³ A assinatura dessa aliança é o sinal do início dos sete últimos anos das setenta semanas de Daniel delineadas nos versículos 24 a 27. Esse tempo é conhecido, de modo geral, como “a tribulação” e é descrito em Mateus 24:1-14, Marcos 13:1-13 e Apocalipse 6 a 19.

Depois de três anos e meio, o anticristo romperá a aliança e colocará sua própria figura no templo judeu em Jerusalém, forçando o mundo a adorá-lo e ao diabo, que lhe dá forças. Usando a linguagem de Daniel, Jesus o chamou de “a abominação desoladora” (Dn 11:31; Mt 24:15; Mc 13:14; 2 Ts 2:1-4). Esse é um sinal da última metade da tribulação, um período conhecido como a “cólera de Deus” (Ap 14:10, 19; 15:1, 7; ver Mt 24:15-28; Mc 13:14-23). Esse tempo chegará ao ápice com a volta de Jesus Cristo à Terra e a derrota do anticristo e de seu exército (Mt 24:29-44; Mc 13:24-27; Ap 19:11-21). Então, Jesus Cristo estabelecerá seu reino na Terra (Dn 7:13, 14, 26, 27; Ap 20:1-6).⁴

Daniel não entra em todos os detalhes que João descreve no Livro de Apocalipse, mas garante que o reino de Satanás e seu falso Cristo serão derrotados e destruídos por Jesus Cristo (Dn 7:22, 26; ver 2 Ts 1:7 - 2:10).

A guerra contra os santos (vv. 21-23, 25).

Os “santos” são mencionados nos versículos 18, 21, 22, 25 e 27 e o termo refere-se ao povo de Deus vivendo na Terra durante a tribulação. O apóstolo João deixa claro que haverá judeus e gentios cristãos na Terra durante os sete anos de tribulação (Ap 7). Se a Igreja for arrebatada antes da tribulação, então se trata de judeus e gentios que aceitarão a Cristo depois da partida da Igreja. Se a Igreja passar por uma ou ambas as partes da tribulação, então seus membros serão os “santos” mencionados por Daniel. Em qualquer caso, alguns deles morrerão por sua fé (Ap 14:9-13).

Três dos textos descrevem os santos como vitoriosos sobre seus inimigos (Dn 7:18, 22, 27), enquanto dois deles informam que o Senhor permitirá que sejam derrotados

diante de seus inimigos (vv. 21, 25). Os santos “recebem o reino”, eles “possuíram” o reino (v. 22) e a eles “serão dados” o reino, o domínio e a majestade dos reinos (v. 27). Tudo isso é obra do Deus Altíssimo. Ele permitirá que o anticristo suba ao poder e governe o mundo e permitirá até que guerreie contra os santos e que conquiste, temporariamente, a vitória (v. 21). A oração “magoará os santos” (v. 25) descreve a opressão contínua imposta pelo anticristo sobre o povo de Deus e suas palavras blasfemas contra o Senhor e seu povo.

João escreveu o Livro de Apocalipse numa época em que Roma perseguia a Igreja e tentava forçar os cristãos a adorar o imperador. Confessar que “Jesus Cristo é o Senhor” podia significar prisão e até morte. Tanto o Livro de Daniel como o Livro de Apocalipse serviram de estímulo e de força para a Igreja primitiva, da mesma forma como trazem ânimo aos cristãos sofredores de hoje.

3. O REINO DE CRISTO (Dn 7:9-14, 27, 28)

Daniel havia visto a ascensão e queda de cinco reinos: dos babilônios, dos medos e persas, da Grécia, de Roma e do reino de Satanás liderado pelo anticristo. Contudo, o reino mais importante de todos é aquele que Cristo estabelecerá na Terra para a glória de Deus, o reino pelo qual os cristãos anseiam cada vez que oram “venha o teu reino” (Mt 6:10). Podem-se ver dois aspectos do reino nas Escrituras: “o reino de Deus”, que é o reino espiritual de Cristo sobre todos os que lhe pertencem (Jo 3:1-8; Cl 1:13), e o reino glorioso na Terra, preparado para o povo de Deus (Mt 16:28; 25:34; 26:29; Lc 22:29).⁵

O trono celestial do pai (vv. 9-12). Esse acontecimento ocorre antes de o reino do anticristo ser destruído e, provavelmente, é paralelo a Apocalipse 4 a 5, em que João descreve a sala do trono de Deus. “Ancião de Dias” (Dn 7:9, 13, 22) é um nome dado a Deus para enfatizar seu caráter eterno. Ele é o Deus que existe desde a eternidade, que planejou todas as coisas e que está colocando seu plano em ação. A descrição de Deus não deve ser entendida literalmente,

pois Deus não tem corpo, não veste roupas nem possui cabelos brancos. Esses elementos são simbólicos de sua natureza e caráter: ele é eterno, santo e soberano. Em Apocalipse 1:12-20, essas mesmas características são aplicadas a Jesus Cristo, provando, assim, que ele é o eterno Filho de Deus.

A visão do trono de Deus é paralela a Ezequiel 1:15-21, 26, 27. O fogo refere-se à santidade e juízo do Senhor, e as rodas simbolizam sua obra providencial. “Porque o SENHOR, teu Deus, é fogo que consome” (Dt 4:24; Hb 12:29; ver Sl 97:1-4). Ele é louvado por uma multidão de santos e de anjos (Dt 33:2; Ap 5:11) enquanto os livros são abertos e o Senhor faz os preparativos para julgar o mal na Terra. Não importa o que Satanás ou o anticristo façam na Terra, Deus ainda está no trono e julga.

O trono terreno do Filho de Deus (vv. 13, 14, 27). “Filho do Homem” é um título conhecido para nosso Senhor Jesus Cristo. É usado mais de oitenta vezes nos Evangelhos, muitas vezes pelo próprio Jesus (ver também Ap 1:13 e 14:14). A expressão “as nuvens do céu” nos lembra de sua promessa de voltar em glória e de reinar sobre a Terra (Mt 24:30; 25:31; 26:64; Mc 13:26 e 14:62; Ap 1:7).

O Filho do Homem é apresentado diante do trono do Pai e recebe domínio sobre todas as nações, o qual jamais terá fim. Trata-se do prelúdio à pedra sendo cortada da montanha, descendo para destruir os reinos do mundo (Dn 2:34, 35, 44, 45), e de um paralelo com Apocalipse 5:1-7. O Pai prometeu ao Filho: “Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão” (Sl 2:8). Ao contrário dos quatro reinos anteriores e do reino do anticristo, o reino de Jesus Cristo jamais poderá ser removido nem destruído. Esse é o reino verdadeiro, no qual Deus estava pensando quando disse a Davi que seu trono jamais chegaria ao fim (2 Sm 7:13, 16). Ele compartilhará esse reino com seu povo (Dn 7:27), que reinará com o Senhor (Ap 5:10; 11:15; 20:4).

A promessa pactual que Deus fez com Davi (2 Sm 7) um dia se cumprirá em Jesus

Cristo. A promessa de Deus de que os descendentes de Davi teriam um trono e um reino para sempre (2 Sm 7:12, 13) certamente não se cumpriu com Salomão e com nenhum de seus sucessores, mas se cumprirá em Jesus Cristo (Lc 1:30-33, 68-79).⁶

Em Apocalipse 20:1-8, o texto diz seis vezes que o reino durará mil anos, daí ser chamado de reino do milênio, em latim "mil anos". Nesse tempo, o Senhor cumprirá várias promessas do reino feitas nas Escrituras do Antigo Testamento. A natureza será liberta da escravidão do pecado e da corrupção (Is 35; Rm 8:18-25) e haverá paz no mundo (Is 2:1-5; 9:1-7).

Nessa visão dramática, Daniel vira uma extensa porção da história, começando com o reino da Babilônia e encerrando com o reino milenar de Cristo na Terra. Para Daniel e seu povo no exílio, deve ter sido uma grande fonte de consolo e de forças saber que, um dia, as profecias se cumpririam, e seu Messias reinaria no trono de Davi. A Igreja de Jesus Cristo nos dias de hoje espera pela volta do Salvador, quando será arrebatada para encontrar-se com ele nos ares (1 Ts 4:13-18). Voltaremos com ele para a Terra, reinaremos com ele e lhe serviremos. "Amém! Vem, Senhor Jesus!" (Ap 22:20)

Qual foi a reação de Daniel a essa importante revelação? Ficou profundamente perturbado, e seu rosto empalideceu (Dn 7:28), mas o profeta não disse a ninguém o que o Senhor havia lhe mostrado. Veremos, em capítulos mais adiante, que depois de receber uma visão do Senhor, com freqüência Daniel ficava doente e não conseguia trabalhar. Trata-se de algo muito diferente do que acontece com alguns "estudiosos das profecias" de hoje, o quais, quando acreditam ter descoberto uma verdade importante, vão ao rádio ou à televisão e contam a todos aquilo que acham que sabem. É perigoso estudar as profecias apenas para satisfazer a curiosidade ou para dar às pessoas a impressão de que somos "grandes estudiosos da Bíblia". Se a verdade divina não tocar nosso coração, então nosso estudo bíblico será um mero exercício intelectual para alimentar nosso ego.

De acordo com A. W. Tozer: "A Bíblia não aprova essa curiosidade da sociedade moderna, que brinca com as Escrituras e busca apenas impressionar públicos crédulos e ingênuos com o 'espantoso' conhecimento profético do irmão que está pregando ou ensinando!"⁷

Devo responder a essas palavras com um mais sincero "Amém!".

1. Durante os anos entre as duas guerras mundiais, alguns estudiosos proféticos colocaram-se em maus lençóis quando disseram que Mussolini era o anticristo e começaram a fazer as contas das nações que estavam se aliando à Itália. Ao longo dos séculos, o principal candidato a anticristo tem sido o papa, e cada vez que um novo papa é eleito, os viciados em profecias tentam fazer o nome dele encaixar-se com o número 666 (Ap 13:18). Um homem calculou que Napoleão Bonaparte era o anticristo, mas para isso era preciso escrever o nome dele em árabe e deixar de fora duas letras! Malabarismos numéricos de todo o tipo já foram usados para identificar o "pequeno chifre", mas nenhum deles é convincente.
2. Em primeiro lugar, 1 João 2:18-23 afirma que "muitos anticristos" já estavam no mundo no início do primeiro século, no tempo do apóstolo João. Eram os falsos mestres que negavam a divindade de Jesus Cristo e sua identidade como Filho eterno de Deus. Esses hereges não eram ensinados pelo Espírito Santo, mas sim pelo espírito do anticristo, que tem sua origem em Satanás (1 Jo 4:1-4). Satanás é um falsificador, e seus agentes, que se apresentaram como verdadeiros mestres cristãos, invadiram a Igreja do primeiro século e tentaram mudar a doutrina apostólica (2 Pe 2; Jd).
3. É possível que essa aliança garanta proteção a Israel, a fim de que a nação possa reconstruir seu templo em Jerusalém e restaurar seu culto. Sem dúvida, o anticristo pretende usar o templo para que o mundo o adore.
4. Na interpretação dispensacional pré-milenista das Escrituras proféticas tradicional, que apresentei aqui em termos gerais, a Igreja será "arrebatada" e levada para o céu antes da última semana da profecia de Daniel (1 Ts 4:13 – 5:11). As Escrituras não revelam quanto tempo se passará entre o arrebatamento da Igreja e a assinatura da aliança. Contudo, existem alguns de convicção dispensacionalista que acreditam que a Igreja será arrebatada no meio da tribulação (Ap 11:3-19) ou bem em seu final – levada ao encontro de Cristo nos ares, voltando depois com ele em glória (Ap 19:11-21). As três escolas

acreditam que, em sua volta gloriosa, Cristo estabelecerá um reino literal aqui na Terra, cumprindo, assim, as profecias do Antigo Testamento.

5. Não parece haver qualquer distinção entre “o reino de Deus” e “o reino dos céus”. Os judeus tinham medo de usar o nome de Deus, tornando-se culpados de blasfêmia, de modo que usavam o termo “céus” no lugar de “Deus”. Uma vez que estava escrevendo especialmente para judeus, Mateus prefere usar, em geral, a expressão “o reino dos céus”, enquanto outros escritores preferem “o reino de Deus”.
6. Aqueles que acreditam que Cristo voltará antes do milênio são chamados de “pré-milenistas”. Aqueles que crêem que o ser humano estabelecerá o reino na Terra por meio da pregação do evangelho e que só depois disso Cristo virá são “pós-milenistas”. Os “amilenistas” são aqueles que não crêem que haverá um reino judeu literal na Terra, mas que as profecias do Antigo Testamento dadas aos judeus devem ser aplicadas de modo espiritual à Igreja.
7. TOZER, A. W. *I Call It Heresy*. Christian Publications, 1974, pp. 144, 5.

ANIMAIS, ANJOS E O FIM DOS TEMPOS

DANIEL 8

Do capítulo 8 até o final do Livro de Daniel, o texto é escrito em hebraico, pois a principal ênfase desses capítulos é sobre o plano de Deus para a nação de Israel no fim dos tempos. De Daniel 2:4 – 7:28, o livro é escrito em aramaico, pois a ênfase desses capítulos é sobre os reinos gentios na história e nas profecias. Deus escolheu a nação de Israel para ser o veículo de sua revelação e de sua redenção para o mundo. Foi por meio do povo judeu que vieram o conhecimento do único e verdadeiro Deus vivo, as Escrituras e, acima de tudo, o Salvador Jesus Cristo. “Porque a salvação vem dos judeus” (Jo 4:22). Neste capítulo, cinco pessoas atuam no grande palco da profecia e da história.

1. DANIEL, O PROFETA (Dn 8:1, 2, 15-19, 26, 27)

O terceiro ano do rei Belsazar foi 551 a.C., de modo que Daniel teve essa visão antes do banquete fatídico descrito no capítulo 5. Isso explica por que o império babilônio é mencionado – em doze anos a Babilônia seria tomada por Ciro, que daria início ao governo dos medos e persas. Com relação à grande estátua de Nabucodonosor (Dn 2), a era da cabeça de ouro chegaria ao fim e teria início a era dos braços e peito de prata. O leão com asas de águia seria derrotado pelo urso com as costelas na boca (Dn 7:4, 5).

Daniel recebe a visão (vv. 1, 2). Susã era uma cidade localizada pouco mais de trezentos quilômetros a sudeste da Babilônia e, naquela época, não era muito importante para os babilônios. Contudo, acabou

se tornando a capital do império persa (Ne 1:1; Ed 1:2). Supõe-se que o rio Ulai (Dn 8:2, 16) era um canal que atravessava a cidade.

É improvável que Daniel tivesse saído da Babilônia e viajado até Susã para receber a visão.¹ O mais possível é que Deus o tenha transportado para Susã como levou Ezequiel para Jerusalém (Ez 8; 40) e o apóstolo João para o deserto (Ap 17:3) e para o alto monte (Ap 21:10). Uma vez que Daniel estava prestes a descrever a vitória dos medos e persas sobre os babilônios, Deus colocou-o na futura capital do império persa.

Daniel pergunta o significado da visão (vv. 5-19). No início do livro, Daniel foi capaz de interpretar e de explicar os sonhos e visões de outros, mas aqui teve de perguntar ao anjo qual era o significado do bode derrotando o carneiro e do pequeno chifre tornando-se um reino poderoso. A voz que deu a ordem a Gabriel pode muito bem ter sido a voz do Senhor. Gabriel significa “homem de Deus” e foi ele quem explicou a Daniel a visão dada no capítulo 8, bem como a visão das setenta semanas (Dn 9:21, 22). Séculos depois, Gabriel seria enviado a Zacarias, para anunciar o nascimento de João Batista (Lc 1:11-20), e a Maria, a fim de contar-lhe que ela daria à luz o Messias (vv. 26-38). O único outro anjo cujo nome é citado nas Escrituras é Miguel (“quem é como Deus?”), que tem a incumbência especial de cuidar do povo de Israel (Dn 10:13, 21; 12:1; Jd 9; Ap 12:7).

Quando Gabriel aproximou-se de Daniel, o profeta encheu-se de temor, desmaiou e caiu em sono profundo. (Ver Dn 10:9, 15, 17 e Ap 1:17.) Gabriel chamou-o de “filho do homem”, um título messiânico (Dn 7:13); mas aqui foi empregado para enfatizar a fraqueza e humanidade do profeta. O toque de Gabriel despertou o profeta (Dn 10:10, 11, 16, 18) e o anjo explicou-lhe que a visão dizia respeito aos últimos dias da história dos judeus. “O último tempo da ira” (v. 19) refere-se ao desprazer de Deus com seu povo e aos tempos de sofrimento intenso pelos quais Israel passará antes de vir o fim e de ser estabelecido o reino prometido.

2. CIRO, O REI DA PÉRSIA (Dn 8:3, 4, 20)

Ciro foi o homem que conquistou a Babilônia. Séculos antes de Ciro entrar em cena, o profeta Isaías chamou-o de “pastor” de Deus² (Is 41:2, 25; 44:28 – 45:4). Ciro foi o escolhido de Deus para derrotar os babilônios e permitir que os judeus voltassem a sua terra. Assim como a Babilônia foi identificada com o leão e a águia, a Pérsia foi identificada com o carneiro. Os dois chifres simbolizam os medos e os persas, sendo os persas mais altos (fortes) do que os medos.

De fato, Ciro e seus exércitos deram “marradas para o Ocidente, e para o Norte, e para o Sul” e derrotaram seus inimigos, tomando a Líbia, o Egito e toda a Ásia Menor e chegando até a Índia, criando o maior império do Oriente antigo até Alexandre, o Grande. Uma vez que suas conquistas foram consolidadas, Ciro atacou a Babilônia e tomou-a em 539 a.C. O rei usou de bondade para com aqueles que fez cativos e permitiu aos judeus que voltassem a sua terra, reconstruísem o templo e restaurassem a nação (Is 44:28; 2 Cr 36:22, 23; Ed 1:1-3; 6:2-5). Também permitiu que levassem consigo os utensílios sagrados que Nabucodonosor havia tirado do templo (Ed 1:5-11).

As figuras relacionadas a Ciro são fascinantes. Sua descrição em Isaías 41:2-4 indica que ele foi chamado para cumprir os propósitos justos de Deus ao libertar Israel do jugo babilônio e permitir que o povo voltasse para sua terra. Nosso Senhor soberano pode usar até um rei pagão para realizar seus planos! Isaías 41:25 retrata sua conquista vitoriosa como um homem andando sobre lodo ou barro, pois esses materiais maleáveis não puderam resistir-lhe. O profeta Isaías também chamou Ciro de ungido do Senhor (Is 45:1), diante do qual o Senhor iria e abriria caminho. Até mesmo as grandes portas da Babilônia não poderiam resistir a sua marcha vitoriosa!

Por que Deus chamou Ciro? “Por amor do meu servo Jacó e de Israel, meu escolhido” (v. 4). Não importa quão brutalmente as nações gentias tratem o povo de Israel, Deus as emprega para cumprir seus propósitos. Não importa quanto as nações gentias se

opõem ao povo escolhido de Deus, o plano dele para Israel se realizará.

3. ALEXANDRE, O GRANDE, DA GRÉCIA (Dn 8:5-8, 21, 22)

Na imagem de Nabucodonosor, a Grécia era retratada como o ventre e os quadris de bronze (Dn 2:32, 39), e na visão de Daniel, descrita no capítulo 7, era o leopardo muito rápido com quatro cabeças. Nessa visão de Daniel, a Grécia é um bode furioso correndo com tanta rapidez que seus cascos nem tocam o chão! O grande chifre que saía da cabeça do animal era Alexandre, o Grande, que liderou o exército grego em vitórias consecutivas e estendeu o império para muito além das fronteiras que Ciro havia alcançado com o exército persa. Mas o chifre foi quebrado, pois Alexandre morreu na Babilônia em junho de 323 a.C., aos 33 anos de idade, e seu vasto império foi dividido entre quatro de seus líderes, simbolizados pelos quatro chifres que surgiram (ver Dn 7:4-7; 11:4).

No entanto, as conquistas extraordinárias de Alexandre foram mais do que troféus de batalha, pois cumpriram os propósitos de Deus na Terra e ajudaram a preparar o mundo para a vinda de Cristo. Em primeiro lugar, Alexandre deu cabo da influência oriental que ameaçava tomar o mundo ocidental. Ao mesmo tempo, “sacudiu o mundo antigo até seus alicerces” e “compeliu-o a renovar sua forma de pensar”.³ Ao propagar a cultura e a língua gregas, ajudou a unir os povos, e o grego comum (coinê) acabou tornando-se a língua do Novo Testamento. Apesar de seu império ter sido dividido em quatro partes depois de sua morte, Alexandre uniu as nações para que pudessem interagir. Sua política de bondade para com os povos conquistados apresentou ao mundo um exemplo efetivo de fraternidade. O comandante grego literalmente “casou o Oriente com o Ocidente”, quando nove mil de seus soldados (alguns historiadores dizem dez mil) casaram-se com mulheres orientais numa única cerimônia em massa.

Aquilo que Alexandre e os gregos começaram, os romanos completaram, ajudando

a preparar o mundo antigo para a vinda de Cristo. Roma é representada pelas pernas de ferro (Dn 2:33, 40) e pelo animal “terrível, espantoso e sobremodo forte” (Dn 7:7). As cidades e pontes romanas permitiam ao povo viajar e trocar idéias; as leis romanas mantinham as nações sob controle; as legiões romanas garantiam o cumprimento da lei com punho de ferro; e a paz romana (*pax romana*) dava ao povo a oportunidade de ter mais segurança do que havia experimentado anteriormente. Tudo isso contribuiu para a proclamação da mensagem cristã em todo o império romano e, por vezes, como no caso de Paulo, foi Roma quem pagou a conta das viagens dos missionários!

4. ANTÍOCO IV EPÍFANES (Dn 8:9-14)

Como vimos anteriormente, depois da morte de Alexandre, o Grande (“um chifre notável”; v. 5), seu império foi dividido em quatro partes controladas por quatro de seus oficiais (v. 8). De um desses chifres aparece um “pequeno chifre”, que se tornaria um grande líder. Trata-se de Antíoco Epífanes, governante da Síria de 175 a.C. a 163 a.C., conhecido como um dos tiranos mais cruéis da história.

Antíoco autodenominou-se “Epífanes”, que significa “ilustre, manifestação”, pois afirmava ser uma revelação (epifania) dos deuses. Chegou a ordenar que a palavra *theos* (deus) fosse escrita em moedas feitas com seu rosto, sendo que suas feições na moeda se pareciam mais com os deus grego Zeus. Tinha o desejo ardente de transformar os judeus em bons gregos. Uma de suas primeiras medidas foi expulsar o sumo sacerdote Onias, um judeu zeloso, e colocar em seu lugar Jasom, defensor dos gregos. Contudo, Jasom foi substituído por Menelau que, na verdade, comprou sua posição de sacerdote. Crendo num rumor de que o rei estava morto, Jasom atacou Jerusalém, mas logo descobriu que o rei estava bem vivo. O monarca, furioso, atacou Jerusalém e saqueou o templo. No ano de 168 a.C., enviou vinte mil homens, sob o comando de Apolônio, para arrasar Jerusalém. O exército entrou na cidade num sábado, matou a maioria dos homens e levou as mulheres e crianças como

escravas. Os homens que restaram fugiram para juntar-se ao exército do líder judeu, Judas Macabeu.

No entanto, o rei ainda não se deu por satisfeito e publicou um edicto declarando que haveria uma única religião em seu reino, e que esta não seria a religião dos judeus. Proibiu os judeus de guardar o sábado, de praticar a circuncisão e de obedecer às leis alimentares levíticas e chegou ao ápice de sua campanha em 14 de dezembro de 168 a.C., quando substituiu o altar judeu por outro a Zeus, sacrificando um porco sobre o novo altar! Qualquer judeu que fosse encontrado com uma cópia da lei de Moisés seria morto. Jerusalém acabou sendo liberta pelas investidas corajosas de Judas Macabeu e de seus seguidores, e em 14 de dezembro de 165 a.C., o templo foi purificado, e o altar do holocausto e o culto dos judeus foram restaurados. Esse evento é comemorado pelos judeus na “Festa das Luzes” ou Hanuká (ver Jo 10:22). Antíoco enlouqueceu enquanto estava na Pérsia, onde morreu no ano de 163 a.C.

Saber desses fatos sobre Antíoco ajuda-nos a entender melhor o texto da profecia de Daniel. Antíoco teve um começo modesto, mas aos poucos foi acumulando poder por meio de engrandecimento próprio e do tratamento impiedoso que dispensou ao povo judeu. Atacou-os em sua “terra gloriosa [bela]”, impediu suas práticas religiosas e chegou a declarar-se um deus. No versículo 10, os judeus são descritos como o “exército dos céus” (isto é, “povo piedoso”) e como “estrelas” (Gn 15:5; 22:17). Quando Antíoco interrompeu os sacrifícios diários no templo e estabeleceu em seu lugar o culto pagão, seu ato foi chamado de “abominação da desolação” (“transgressão assoladora”; Dn 8:13). Esse conceito pode ser encontrado em Daniel 9:27; 11:31 e 12:11 e é usado por Jesus em Mateus 24:15 e Marcos 13:14. Aquilo que Antíoco fez prenunciou o que o anticristo fará quando colocar sua figura no templo e ordenar ao mundo que o adore (2 Ts 2; Ap 13). Daniel 8:13 e 11:31 referem-se a Antíoco, e as outras referência são ao anticristo, do qual Antíoco é uma representação.

Os dois anjos (Dn 8:13, 14; “santos”) falaram sobre essa questão, e por meio de sua conversa Daniel tomou conhecimento do cronograma profético. Entre a profanação do templo e sua purificação e restauração se passariam 2.300 dias. O texto hebraico diz “2.300 tardes e manhã”, mas isso significa 2.300 dias ou 1.150 dias, ou seja, a metade de 2.300. E que data ou acontecimento indica o início da contagem? Alguns estudiosos optam pelos 2.300 dias, isto é, cerca de seis anos, usando um ano de 360 dias. Outros preferem os 1.150 dias, o que equivale a pouco mais de três anos.

Qual é o ponto de partida da contagem? Os defensores do período de seis anos começam com o ano 171 a.C., quando Antíoco depôs o verdadeiro sumo sacerdote. Subtraindo-se seis anos, tem-se o ano de 165 a.C., quando Judas Macabeu derrotou o inimigo e consagrhou o templo novamente. Os defensores do período de três anos, porém, começam com o estabelecimento do altar pagão no templo em 25 de kislev de 168 a.C., tendo como resultado da subtração o ano de 165 a.C. As duas abordagens preenchem os requisitos da profecia.

Antes de finalizar este estudo do Livro de Daniel, veremos Antíoco Epífanes novamente.

5. O ANTICRISTO (Dn 8:23-27)

O anjo despertou Daniel de seu sono profundo e disse-lhe que havia mais verdades proféticas relacionadas ao “tempo da ira” (v. 19) e ao “tempo do fim” (vv. 17, 19, 23), que é o tempo da tribulação. Os profetas do Antigo Testamento chamavam esse período de “tribulação de Jacó” e de “Dia do SENHOR”, quando a ira de Deus será derramada sobre um mundo perverso (Jr 30:7; Is 2:11, 12; 13:6, 9; Jl 2:1ss; Sf 1). Em outras palavras, aquilo de que Daniel tomou conhecimento em Daniel 8:23-27 está relacionado ao fim dos tempos, quando o anticristo irá se opor ao Senhor e ao povo de Deus.

O “rei de feroz catadura” é o anticristo e não Antíoco Epífanes, mas se você comparar os versículos 23 a 27 com os versículos 9 a 14, verá que as características e a carreira de Antíoco são paralelas às do anticristo.

- Os dois têm um início modesto, mas crescem em poder e influência.
- Os dois blasfemam contra Deus com lábios que proferem grandes coisas.
- Os dois perseguem o povo judeu.
- Os dois afirmam ser deuses e colocam figuras no templo.
- Os dois impõem sobre o povo sua própria religião.
- Os dois sofrem a oposição de um remanescente fiel que conhece a Deus.
- Os dois recebem seu poder de Satanás e são grandes enganadores.
- Os dois parecem extremamente bem-sucedidos.
- Por fim, os dois são derrotados pela vinda de um redentor (Judas Macabeu e Jesus Cristo).

Existem muitos outros paralelos que você encontrará ao estudar as Escrituras relevantes sobre esse assunto.

O “Príncipe dos príncipes” (v. 25) é Jesus Cristo, que também é “o Deus dos deuses” (Dn 11:36) e o “Rei dos reis” (Ap 19:16). O anticristo opõe-se a Jesus Cristo e procura tomar o seu lugar, mas no final Jesus Cristo derrota o anticristo, enviando-o juntamente com seu falso profeta e Satanás para o lago de fogo (Ap 20:1-3).

Como resultado dessa experiência de receber a visão e de ter comunhão com os anjos, Daniel foi acometido por uma enfermidade. Uma das causas de seu colapso físico e emocional foi o fato de não conseguir compreender como essa visão do “rei de feroz catadura”, prefigurada pelo “pequeno chifre”, se encaixava no plano profético para Israel. Ele sabia que o “pequeno chifre” apareceria nos últimos dias, mas o que aconteceria entre o tempo do profeta e o fim dos tempos? Por meio da profecia de Jeremias, soube que seu povo seria libertado do cativeiro e teria permissão de voltar para sua terra e de reconstruir seu templo, mas Daniel não sabia nada sobre o “mistério” de Deus com relação à Igreja (Ef 3:1-13) nem sobre o “misterio” da cegueira e do endurecimento parcial de Israel (Rm 11:25-36). E quem era o “rei de feroz catadura” que atacaria o povo

judeu? Daniel sentiu o fardo do sofrimento pelo qual seu povo passaria e viu as terríveis consequências da destruição da verdade (Dn 8:12; Is 59:14, 15).

Daniel é um bom exemplo a ser seguido pelos estudiosos das profecias. Ele pediu ao Senhor uma explicação (Dn 8:15) e permitiu que o instruísse. Contudo, sua investigação sobre os planos proféticos de Deus não foi uma questão de satisfazer sua curiosidade nem de tentar parecer mais erudito diante dos outros. Estava preocupado com seu povo e com o trabalho que deviam realizar na Terra. Identificou-se a tal ponto com aquilo que descobriu que chegou a adoecer! Grande número de "estudiosos

das profecias" deixa de esperar diante de Deus por instrução e discernimento e não sente qualquer peso quando descobre a verdade de Deus sobre o futuro. Antes, tentam mostrar seu "conhecimento" e impressionar as pessoas com aquilo que acham que sabem. Trata-se apenas do exercício de uma atividade acadêmica; o conhecimento atém-se ao nível intelectual, mas nunca muda o coração.

Quando se recuperou de sua fraqueza e enfermidade, o profeta voltou a trabalhar para o rei e não disse a ninguém o que lhe havia sido revelado. Contudo, Deus ainda tinha mais verdades a ensinar, e o profeta estava pronto a recebê-las.

1. Alguns estudiosos sugerem que Daniel estava em Susã numa missão diplomática quando recebeu essa visão, mas Daniel 5:13 indica que Belzazar não conhecia Daniel e, portanto, não é provável que o tivesse enviado a algum lugar.
2. No Antigo Testamento, o título "pastor" era usado para reis e oficiais do rei. No Novo Testamento refere-se aos líderes espirituais da Igreja. A palavra "pastor" vem do latim e refere-se àquele que cuida das ovelhas.
3. ANGUS, S. *The Environment of Early Christianity*. Londres: Duckworth and Co., 1914, p. 8. Nessa discussão, tomei emprestadas várias idéias proveitosas dessa obra excelente.

O CALENDÁRIO PROFÉTICO

DANIEL 9

Em uma entrevista coletiva no Cairo, dia 1º de fevereiro de 1943, Sir Winston Churchill disse: “Evito sempre profetizar com antecedência, pois é muito melhor profetizar depois que o fato já ocorreu”.

No meio do povo judeu, esse tipo de atividade “profética” poderia resultar na morte do suposto “profeta” (Dt 18:20-22). A adoração a falsos deuses havia levado Israel ao declínio espiritual e, por fim, a seu colapso como nação. O povo não havia obedecido ao que os profetas haviam ordenado, de modo que os judeus foram exilados na Babilônia. Lá, aprenderam a levar a palavra profética muito a sério, pois essa era sua única esperança. A Igreja de hoje precisa dar ouvidos à palavra de profecia, pois esta é a luz da certeza em um mundo de trevas e de incerteza (2 Pe 1:19-21).

Observe três estágios da experiência de Daniel com a mensagem profética sobre seu povo e a cidade de Jerusalém.

1. DISCERNIMENTO: DESCOBRINDO O PLANO DE DEUS (Dn 9:1, 2)

O primeiro ano do reinado de Dario foi 539 a.C., ano da queda da Babilônia nas mãos dos medos e persas.¹ Essa grande vitória não foi surpresa alguma para Daniel, pois Deus já havia lhe dito que o império dos medos e persas conquistaria a Babilônia. No sonho significativo de Nabucodonosor com a grande estátua, a cabeça de ouro seria substituída pelos braços e peito de prata (cap. 2), e visões posteriores revelaram que o urso conquistaria o leão (cap. 7). Tudo, bem antes do tempo de Daniel, tanto Isaías quanto Jeremias haviam predition a

queda da Babilônia, de modo que não é de se admirar que Daniel tivesse começado a estudar novamente os escritos do profeta Jeremias.

A Palavra de Deus. Uma das coisas maravilhosas sobre a Palavra inspirada de Deus é sua constante novidade; não importa quantas vezes nós a lemos, sempre há algo novo para aprender ou algo conhecido para ver sob outra perspectiva. Se naquele tempo os escritos de Jeremias estivessem organizados da mesma forma que nossa Bíblia moderna, Daniel teria lido Jeremias 24 e recebido a garantia de que o Senhor cuidaria de seu povo, qualquer que fosse o governante no trono. Através de Jeremias 25:1-14, Daniel ficaria sabendo qual havia sido o motivo do exílio e quanto tempo duraria (setenta anos), e isso seria corroborado por Jeremias 29:10-14. O exílio dos judeus na Babilônia não era um acidente, mas sim uma determinação de Deus, e o povo não seria libertado enquanto não chegasse o tempo ordenado pelo Senhor.

Daniel considerava os escritos de Jeremias a Palavra do Senhor. O rei Jeaquim havia tentado queimar as profecias de Jeremias, mas o Senhor as preservara, pois eram palavras do próprio Deus (Jr 36). “Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão” (Mt 24:35). “Seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente” (Is 40:8). “Quanto às tuas prescrições, há muito sei que as estabeleceste para sempre” (Sl 119:152). Ao longo dos séculos, as pessoas ignoraram, negaram, atacaram e procuraram destruir as Sagradas Escrituras, mas a Palavra de Deus ainda está aqui! Deus protegeu de maneira especial os escritos de Jeremias, pois desejava que Daniel tivesse consigo uma cópia para levar à Babilônia.

“Toda a Escritura é inspirada por Deus” (2 Tm 3:16), tanto o Antigo Testamento quanto o Novo, e as Sagradas Escrituras são a única fonte confiável da verdade sobre Deus, o homem, o pecado, a salvação e os acontecimentos futuros que fazem parte do grande plano de Deus. Nestes dias em que idéias, acontecimentos e situação mudam

com tanta rapidez, a Palavra imutável de Deus é nossa luz confiável e alicerce inabalável.

O Deus da Palavra. Essa é a primeira vez que Jeová – o nome de Deus na aliança – é usado no Livro de Daniel e aparece somente neste capítulo (vv. 2, 3, 10, 13, 14, 20). Devemos nos lembrar, porém, de que, naquele tempo, Deus estava chamando a nação de Israel de “Lo-Ruhama – Desfavorecida” e de “Lo-Ami – Não-Meu-Povo” (Os 1), pois Israel havia quebrado sua aliança sagrada. Quando se está fora da aliança, não se pode usar com sinceridade o nome pac-tual de Deus nem se pode esperar receber as bênçãos da aliança.

Contudo, Daniel achegou-se a Deus suplicando por misericórdia e perdão por si mesmo e por seu povo, e é esse tipo de oração que o Senhor Jeová deseja ouvir. Na verdade, a promessa de perdão de Deus foi escrita na própria aliança. “Mas, se confessarem a sua iniqüidade e a iniqüidade de seus pais, na infidelidade que cometaram contra mim, como também confessarem que andaram contrariamente para comigo [...] então, me lembrei da minha aliança com Jacó, e também da minha aliança com Isa-que, e também da minha aliança com Abraão, e da terra me lembrei” (Lv 26:40-42). Sem dúvida, ao estudar as Escrituras e orar, Daniel tinha em sua mente e coração tanto a sagrada aliança (Lv 26; Dt 27 – 28) quanto a oração de Salomão na consagração do templo (1 Rs 8:33-36).

O plano de Deus para seu povo. Deus revelou a Jeremias que o povo de Israel seria levado à Babilônia e seria exilado nessa terra durante setenta anos (Jr 25:11, 12; 29:10). Deus havia ordenado a seu povo que desse um “descanso sabático” à terra a cada sete anos e um “ano do jubileu” a cada cinqüenta anos (Lv 25). Tanto o quadragésimo nono quanto o quinquagésimo ano seriam “anos sabáticos”, quando o povo não poderia semear a terra nem cultivar seus pomares. Teriam de confiar que Deus faria o alimento crescer para suprir suas necessidades. Essa lei não era boa apenas para a terra, ajudando a restaurar sua fertilidade, mas também para a vida espiritual do povo.

Contudo, foi só no cativeiro na Babilônia que a terra desfrutou seu descanso sabático (2 Cr 36:20, 21).

A partir de que data começamos a contar os setenta anos e quando terminou oficialmente o cativeiro? Para responder a essas perguntas importantes, devemos ressaltar as principais datas daquele período da história judaica. A Babilônia começou a atacar o rei-no de Judá em 606 a.C., e Jerusalém e o templo foram destruídos em 586 a.C. Os pri-meiros cativos judeus foram levados para a Babilônia em 605 a.C., sendo que Daniel e seus amigos encontravam-se nesse primeiro grupo. Em 538 a.C., Ciro publicou um de-creto permitindo que os judeus voltassem para sua terra e reconstruissem o templo (Ed 1:1-4), e em 537a.C., cerca de cinqüenta mil judeus regressaram a Jerusalém sob a lide-rança de Zorobabel e do sumo sacerdote Josué (Ed 1 – 2).

Se determinarmos que o cativeiro ini-ciou oficialmente em 606-605 a.C. com o ataque de Jerusalém e a deportação dos primeiros cativos, então setenta anos de-pois corresponderia a 537-536 a.C., quan-do os primeiros exilados retornaram à terra e foram lançados os alicerces do templo. Em outras palavras, os primeiros cativos saíram de Judá em 605 a.C., e os exilados libertados voltaram para a terra em 537-536 a.C., totalizando um período de aproxima-damente setenta anos. Contudo, alguns es-tudiosos acreditam que o ponto de partida deveria ser a destruição de Jerusalém e do templo (586 a.C.), sendo que o cativeiro não teria terminado oficialmente até que o segundo templo estivesse pronto e tivesse sido consagrado (515 a.C.), outro período de aproximadamente setenta anos. Uma vez que ambas as interpretações fazem sentido, não deve ser necessário discutir a questão.

Precisamos estar cientes de três fatos im-portantes. Em primeiro lugar, ao enviar seu povo para o cativeiro, o Senhor estava cum-prindo suas promessas da aliança, pois os havia advertido de que seriam castigados se persistissem em lhe desobedecer (Lv 26). Ao que parece, os anos de cativeiro do povo

judeu na Babilônia ajudaram a curá-los de seu pecado detestável de idolatria.

Em segundo lugar, o cativeiro trouxe bênçãos para a terra, pois ela havia sido mal usada pelos lavradores, que não lhe deram seu descanso sabático. A terra pertencia ao Senhor (Lv 25:23; ver Dt 11:12), e ele não permitiria que seu povo a profanasse com o pecado e a idolatria e a destruísse por não lhe dar o devido descanso. Cada ano sabático que os judeus deixaram de guardar foi um ano que acrescentaram a seu próprio cativeiro na Babilônia.

Em terceiro lugar, quando Daniel descobriu a respeito dos setenta anos, o período de cativeiro estava prestes a terminar! Se Daniel foi levado ao cativeiro em 605 a.C. e descobriu a profecia de Jeremias em 539 a.C. então havia estado na Babilônia sessenta e seis ou sessenta e sete anos. No ano seguinte (538 a.C.), Ciro publicaria seu decreto permitindo que os judeus voltassem a sua terra. É provável que, nessa época, o profeta estivesse com cerca de 81 anos de idade. Ele próprio não seria capaz de voltar à terra, mas alegrou-se com aqueles que poderiam fazê-lo.

2. INTERCESSÃO: ORANDO PELA MISERICÓRDIA DE DEUS (Dn 9:3-19)

Daniel é um excelente exemplo de equilíbrio na vida espiritual, pois se dedicava tanto à Palavra de Deus quanto à oração (At 6:4). Alguns cristãos envolvem-se tanto com os estudos proféticos que têm pouca preocupação com as implicações práticas da vontade de Deus. Só querem satisfazer sua curiosidade e, então, compartilhar presunçosamente suas descobertas com outros. Quando Daniel tomou conhecimento da verdade de Deus, essa experiência conduziu-o à humildade e levou-o a adorar e a orar.

Preparação para orar (v. 3). Não é preciso ler muita coisa do Livro de Daniel para descobrir que ele era um homem de oração. Daniel e seus três amigos buscaram o Senhor quando Nabucodonosor ameaçou matar todos os mágicos e conselheiros (Dn 2:16-23). Daniel tinha o costume de orar ao Senhor três vezes ao dia (6:10, 11), prática

que manteve mesmo quando era contra a lei orar a qualquer outro a não ser o rei. Quando Deus mostrou a Daniel visões sobre acontecimentos futuros, o profeta não se deu por satisfeito até que tivesse pedido uma explicação (Dn 7:15ss; 8:15ss). A oração era uma parte essencial da vida de Daniel.

O profeta preparou-se para orar, pois sabia que sua oração afetaria o futuro do povo judeu e a vida dos judeus cativos na Babilônia. Seria sua incumbência sagrada confessar os pecados de sua nação pedindo que Deus perdoasse e recebesse de volta seu povo. Daniel humilhou-se vestindo panos de saco e cobrindo-se de cinzas, jejou e voltou sua mente e seu coração para o Senhor. O preparo para a oração e a adoração é tão importante quanto a oração em si, pois se o coração não está em ordem diante do Senhor, nossas orações não passam de palavras piedosas. Daniel estava dentro das condições para que suas orações fossem respondidas, conforme estipulado em Levítico 26:40-45 e 2 Crônicas 7:14.

Adoração ao Senhor (v. 4). Com freqüência, entramos apressadamente na presença de Deus e começamos a pedir sem parar antes para adorá-lo. Daniel preparava-se para orar, como faziam Esdras (Ed 9:3-5) e os levitas (Ne 9:5, 6). É importante nos concentrarmos no caráter de Deus e não nos preocuparmos excessivamente conosco mesmos e com nossos fardos. A “invocação” da oração de Daniel é um modelo elementar da teologia bíblica. Suas palavras descrevem um Deus grande e fiel que cumpre suas promessas, um Deus que ama seu povo e que lhe dá sua Palavra para que lhe obedeqam, de modo que possa abençoá-lo. É um Deus misericordioso (Dn 9:18), que perdoa os pecados de seu povo quando este se achaega a ele em contrição e em confissão.² Também foi assim que Neemias orou quando buscou a vontade de Deus sobre a reconstrução dos muros de Jerusalém (Ne 1:5ss).

Uma coisa é orar ao Senhor, outra bem diferente é ser um intercessor que o adora. Quando vemos a grandeza e a glória de Deus, isso nos ajuda a colocar nossos fardos no devido lugar. Ao exercitar mesmo

que apenas um pouco de fé em um grande Deus, podemos mover a mão de Deus para realizar maravilhas que glorificarão o nome dele. O Dr. Robert A. Cook costumava dizer: "Se você é capaz de explicar o que está acontecendo em seu ministério, é porque não foi Deus quem operou".

Confissão de pecados (vv. 5-15). Em diversas ocasiões da história de Israel, a intercessão de uma pessoa livrou a nação do juízo. Em duas ocasiões, Deus estava prestes a exterminar todo o povo judeu, mas a intercessão de Moisés deteve sua mão (Êx 32:7-14; Nm 14:10-25). Deus respondeu à oração de Elias e enviou a chuva tão necessária (1 Rs 18), e ouviu a oração de Josafá e deu a Israel a vitória sobre o grande exército invasor dos moabitas e amonitas (2 Cr 20). O rei Ezequias clamou ao Senhor quando o exército assírio cercou Jerusalém, e o Senhor enviou seu anjo para matar 185 mil soldados inimigos (Is 37; 2 Rs 19). "Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo" (Tg 5:16). Deus não precisa esperar que a nação inteira se arrependa e clame por misericórdia. Ele começará a trabalhar quando ouvir as orações de fé vindas de um intercessor fiel.

Apesar de as orações de Daniel certamente serem pessoais, ele se identificou de tal forma com o povo de Israel que sua oração envolveu as questões de sua nação como um todo. O pronome usado é "nós" e não "eles" ou "eu". O profeta confessou que ele e seu povo haviam pecado grandemente contra o Senhor e transgredido as estipulações da aliança que, em sua graça, Deus havia feito com eles. De acordo com Daniel 9:5, 6, os judeus haviam pecado, se rebelado, abandonado as leis de Deus, desobedecido a seus mandamentos, feito o que era mau e se recusado a ouvir os mensageiros que Deus havia lhes enviado. "O SENHOR, Deus de seus pais, começando de madrugada, falou-lhes por intermédio dos seus mensageiros, porque se compadecera do seu povo e da sua própria morada. Eles, porém, zombavam dos mensageiros, desprezavam as palavras de Deus e mofavam dos seus profetas, até que subiu a ira do SENHOR

contra o seu povo, e não houve remédio algum" (2 Cr 36:15, 16). Deus havia sido longâmico com seu povo, da aliança, mas havia chegado a hora de ele agir.

Quais foram as consequências dessa rebelião nacional? Os judeus tornaram-se um povo iníquo, coberto de vergonha ("corar de vergonha" Dn 9:8) e disperso. Sua terra foi arrasada pelos soldados inimigos, a grande cidade de Jerusalém foi destruída, e o templo foi profanado, saqueado e incendiado. Não é de se admirar que os judeus estivessem envergonhados! Contudo, seus próprios pecados é que haviam trazido sobre eles essas calamidades, pois seus reis, príncipes e sacerdotes haviam desobedecido às leis de Deus e se recusado a dar ouvidos aos profetas de Deus.

Tanto os líderes quanto o povo conheciam as estipulações da aliança de Deus, mas ainda assim as transgrediram deliberadamente. Os judeus foram infiéis à aliança de Deus, mas o Senhor foi fiel em cumprir sua Palavra. Se a nação tivesse obedecido, Deus teria sido fiel abençoando-a (Sl 81:11-16); mas, pelo fato de terem se rebelado, ele foi fiel em discipliná-los. "Ele confirmou a sua palavra, que falou contra nós e contra os nossos juízes que nos julgavam, e fez vir sobre nós grande mal" (Dn 9:12). Daniel não inventou desculpas para a nação nem disse que o Deus da aliança era exigente demais. Israel desfrutara grandes bênçãos quando tinha obedecido à lei, então por que reclamar ao passar por grande sofrimento por ter transgredido a lei?

No entanto, algo ainda pior do que os pecados havia trazido o castigo divino sobre o povo. Era a recusa dos judeus em confessar seus pecados e em arrepender-se deles depois de terem sido levados para o cativeiro! Passaram seu tempo orando por juízos contra a Babilônia (Sl 137) em vez de buscarem a face de Deus e de pedirem seu perdão. A vontade de Deus para Israel no cativeiro encontra-se delineada em Jeremias 29, mas os judeus não seguiram essas palavras todo tempo. A abordagem de Daniel foi bíblica: "pois justo é o SENHOR, nosso Deus, em todas as suas obras que faz" (Dn

9:14). Por que ele livraria seu povo do Egito só para, então, permitir que sucumbisse na Babilônia? Daniel sabia que Deus tinha propósitos a ser cumpridos por Israel e, assim, lembrou o Senhor de suas misericórdias passadas (v. 15).

Súplica por misericórdia para com Israel (vv. 16-19). Em sua graça, Deus nos dá aquilo que não merecemos, e em sua misericórdia, deixa de nos dar aquilo que merecemos. Daniel pediu ao Senhor que desviasse sua ira de Jerusalém e do santo templo. Admitiu que os pecados de Israel (inclusive os do próprio profeta) eram a causa daquela grande tragédia, mas que Deus havia prometido perdoar, se seu povo se arrependesse e confessasse seus pecados. “Porque não lançamos as nossas súplicas perante a tua face fiados em nossas justiças, mas em tuas muitas misericórdias” (v. 18). Mais do que isso, porém, o desejo de Daniel era a restauração de Israel para que o nome de Deus pudesse ser glorificado. Afinal, os judeus eram o povo escolhido de Deus, e Jerusalém era o lugar de seu santo templo. Quanto mais tempo o povo e a terra ficasse sob a ira de Deus, menos glória o nome do Senhor receberia. “[...] porque a tua cidade e o teu povo são chamados pelo teu nome” (v. 19).³

Deus respondeu à oração de Daniel. No ano seguinte, Ciro publicou um decreto permitindo aos judeus retornar a sua terra, levar consigo os tesouros do templo, reconstruir o templo e restaurar o culto ao Senhor. Que ministério impressionante Daniel teve na Babilônia! Foi conselheiro de quatro reis, intercessor do povo de Israel, testemunha fiel do verdadeiro Deus vivo e autor de um dos livros proféticos fundamentais do Antigo Testamento.

Aquela altura, Daniel sabia dos planos imediatos de Deus para a nação de Israel, mas e quanto ao futuro distante? Já havia sido informado, nas visões concedidas pelo Senhor, de que o povo de Deus teria diante de si dias difíceis, com um reino que pareceria aniquilar tudo o que era bom e promover todo tipo de mal. O povo de Deus conseguiria sobreviver? O Messias prometido

viria, por fim? O reino de Deus seria estabelecido na Terra?

Daniel estava prestes a receber as respostas para essas perguntas.

3. INSTRUÇÃO: DESCOBRINDO O CRONOGRAMA DE DEUS (Dn 9:20-27)

Não sabemos quando Daniel começou a orar, mas ainda estava orando na hora em que era oferecido o holocausto da tarde, por volta das quinze horas. Ele vivia na Babilônia, mas ainda media seus horários de acordo com as práticas religiosas judaicas! Seu corpo estava na Babilônia, mas sua mente e coração estavam em Jerusalém. Se o templo ainda estivesse em pé e os sacerdotes ainda estivessem ministrando, aquela seria a “hora nona” quando o cordeiro era oferecido como holocausto (Êx 29:38-41; At 3:1; 10:30). Era um dos três momentos do dia que Daniel separava para orar ao Senhor (Dn 6:10; Sl 55:17). Era a mesma hora do dia que Esdras, o escriba, orava ao Senhor pedindo perdão pelos pecados do remanescente judeu que havia voltado à terra (Ed 9:5). Essas orações são consideradas por Deus como um sacrifício espiritual a ele (Sl 141:1, 2).

Enquanto Daniel estava orando, o anjo Gabriel veio rapidamente até ele, interrompeu sua oração, tocou-o e lhe falou. Daniel havia se encontrado com Gabriel anteriormente, depois de ter a visão do carneiro e do bode, e Gabriel havia lhe explicado o significado dessa visão (Dn 8:15ss). Dessa vez, o anjo havia aparecido para explicar a Daniel o que Deus havia planejado para o futuro de Jerusalém, do templo e do povo judeu. A oração “veio rapidamente, voando” (v. 21) deu origem à ideia de que os anjos têm asas e voam de um lugar para outro, mas flechas, projéteis e mísseis também voam rapidamente e não têm asas. Anjos são espíritos e, portanto, não têm corpo (Sl 104:4; Hb 1:7). Quando aparecem a pessoas, assumem temporariamente uma forma humana. As criaturas angelicais vistas por Isaías (Is 6:2) e Ezequiel (Ez 1:6, 8, 11) tinham asas, mas eram seres especiais, realizando ministérios específicos. Essa passagem de Daniel não menciona asas.

As setenta “semanas” (v. 24). O termo “semanas” significa “setes”, de modo que Gabriel estava se referindo a setenta períodos de sete anos, ou seja, 490 anos. Não se esqueça de que esses anos estão relacionados especificamente ao povo de Daniel – os judeus – e à sua cidade santa, Jerusalém. Em sua oração, as maiores preocupações de Daniel eram que seu povo fosse perdoado de seus pecados contra o Senhor, que a cidade fosse reconstruída e que o templo fosse restaurado (v. 16), e essas são as questões das quais Gabriel irá tratar. Aplicar essa profecia importante a qualquer outro povo ou lugar é uma deturpação de seu significado pretendido.

Gabriel explicou que, durante aqueles quatrocentos e noventa anos, o Senhor cumpriria seis propósitos específicos com relação a seu povo. Os três primeiros eram relacionados ao pecado, e os três últimos, à justiça. O Senhor “[faria] cessar a transgressão” e “[daria] fim aos pecados” de Israel como nação. Essa era uma das principais ênfases da oração de Daniel. Israel era uma nação dispersa e sofredora, pois havia pecado grandemente. De que maneira Deus daria fim às transgressões de Israel? Ao “expiar a iniqüidade”, ou seja, oferecer um sacrifício que expiaría pelo pecado do povo. Chegamos, então, à cruz de Jesus Cristo, o Messias de Israel.

Quando Jesus morreu na cruz, ele o fez pelos pecados do mundo todo (1 Jo 2:2; Jo 1:29), e, portanto, podemos proclamar as boas novas do evangelho aos pecadores de toda a parte. No entanto, ele também morreu pela Igreja (Ef 5:25) e pelo povo de Israel. “Por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido” (Is 53:8). Jesus morreu pelos pecadores de toda a tribo e nação (Ap 5:9; 7:9), mas de modo especial, morreu por seu próprio povo, a nação judaica (Jo 11:44-52).

Os três últimos propósitos divinos concentram-se na justiça e no reino futuro do Messias. Quando Jesus voltar, estabelecerá seu reino de justiça (Jr 23:5, 6; 31:31-34) e reinará com justiça (Is 4:2-6). Naquele dia, as profecias sobre o reino glorioso de Israel se cumprirão e não haverá mais necessidade

de profetas nem de visões. A oração “para ungir o Santo dos Santos” refere-se à santificação do futuro templo descrito em Ezequiel 40 a 48.

Esses seis propósitos revelam as respostas à oração de Daniel! No final, os pecados de Israel serão perdoados (Zc 12:10 – 13:1), a cidade de Jerusalém será reconstruída e o templo e seu ministério serão restaurados, tudo por causa da morte expiatória de Jesus Cristo na cruz. Todos esses cumprimentos maravilhosos se darão durante os 490 anos que Gabriel passou a explicar. O anjo dividiu os setenta setes – 490 anos – em três períodos significativos: 49 anos, 434 anos e 7 anos.⁴

Primeiro período – 49 anos (v. 25). Nesse período, os judeus reconstruirão a cidade de Jerusalém em meio a grandes dificuldades. A questão-chave, aqui, é a data do decreto. Não se trata do decreto de Ciro em 538 a.C. permitindo que os judeus voltassem para sua terra e reconstruissem o templo (Ed 1; Is 44:28), pois a ênfase desse decreto é sobre a cidade de Jerusalém. Enquanto alguns estudiosos optam pelo decreto de Artaxerxes em 457 a.C., pelo qual Esdras foi enviado a Jerusalém (Ed 7:12-26), esse decreto também enfatiza o templo e seu ministério. É provável que o decreto de Daniel 9:25 seja o documento publicado por Artaxerxes em 445 a.C. autorizando Neemias a ir a Jerusalém para reconstruir os muros e restaurar as portas da cidade (Ne 2:5-8).

Segundo período – 483 anos (v. 26). De acordo com Gabriel, esses 483 anos vão desde a publicação do decreto até a vinda do “Ungido, [o] Príncipe” ($7 \times 7 = 49$; $7 \times 62 = 434$; total = 483). Ao contar 483 anos solares a partir de 445 a.C., chega-se ao ano 29/30 d.C., o tempo do ministério de Cristo na Terra.⁵ Contudo, esse Ungido, o Cristo, não terá permissão de reinar, pois seu povo clamou: “Não temos rei, senão César!” (Jo 19:15). “Não queremos que este reine sobre nós” (Lc 19:14). O Messias “será morto [...] e já não estará”. Essa expressão refere-se a sua rejeição pelos judeus (Jo 1:11; Lc 13:33-35) e a sua crucificação como criminoso, tendo sido entregue às autoridades

romanas por seu próprio povo e por um de seus discípulos. No entanto, ele morreu pelos pecados do mundo, inclusive a nação dos judeus.

Sabemos que Jesus ressuscitou dos mortos e voltou para o céu. Enviou o Espírito Santo para conferir poder a seu povo, a fim de que este desse testemunho ao mundo todo (At 1:8), começando em Jerusalém (Lc 24:46-53). Porém, a mesma nação que permitiu que João Batista fosse morto e que pediu a crucificação de Jesus também perseguiu a igreja e matou Estêvão (At 7). No ano 70 d.C., cumpriu-se a profecia de Daniel 9:26, quando os exércitos romanos destruíram Jerusalém e o templo, e o povo judeu foi disperso. Os romanos são “o povo de um príncipe que há de vir” e esse príncipe é o futuro anticristo que Daniel descreveu como o “pequeno chifre” e o rei blasfemo (Dn 7:8, 24, 25; 8:23-27), o que nos leva ao terceiro período.

Terceiro período – 7 anos (v. 27). O nome “ele” se refere ao “príncipe que há de vir” (v. 26), ou seja, o anticristo.⁶ Encontramos, agora, nos 7 últimos anos do calendário profético dado por Gabriel a Daniel, o período que conhecemos como “tribulação” ou “Dia do SENHOR”. Apesar de sempre haver existido guerras e desolação no mundo (Mt 24:3-24), o fim dessa era trará um tempo de terrível sofrimento que chegará ao ápice com a volta de Jesus Cristo (Ap 6 - 19; Mt 24:15-35).

O acontecimento que desencadeia esse último período de 7 anos é a assinatura de uma aliança entre o anticristo e Israel. Nessa ocasião, o anticristo será uma figura-chave na política européia – um dos dez artelhos da estátua em Daniel 2 e o “pequeno chifre” que surge dos dez chifres em Daniel 7:8, 24ss – e terá a autoridade e capacidade de dar um fim ao “conflito do Oriente Médio”. Garantirá aos judeus que os protegerá de seus inimigos, provavelmente para que possam construir o templo e restaurar os sacrifícios. Os líderes judeus, espiritualmente cegos, ignorantes de suas próprias Escrituras, entrarão de bom grado nessa aliança. “Eu vim em nome de meu Pai, e não me

recebeis”, disse Jesus aos líderes judeus do seu tempo, porém “se outro vier em seu próprio nome, certamente, o recebereis” (Jo 5:43). Depois de três anos e meio, o anticristo romperá a aliança, tomará o templo e colocará nele sua própria figura, forçando o mundo todo a adorá-lo (2 Ts 2; Ap 13). Essa é “a abominação desoladora” (Dn 11:31; 12:11) sobre a qual Jesus falou e que marca exatamente o meio do período de tribulação (Mt 24:15; Mc 13:14). O “homem da iniqüidade”, “o filho da perdição” (2 Ts 2:3), que até então havia enganado o mundo fazendo o papel de político sagaz, revelar-se-á um instrumento de Satanás e um ditador cruel. Cristo o derrotará quando voltar para estabelecer seu reino (Ap 19:11-21).

A estranha lacuna. O texto não nos diz se Daniel entendeu tudo o que ouviu, mas a mensagem de Gabriel assegurou-o de que a nação de Israel seria devolvida a sua terra, que a cidade de Jerusalém e o templo seriam reconstruídos e que o Senhor providenciaria para que a nação fosse purificada. Contudo, Gabriel não disse a Daniel o que aconteceria entre a sexagésima nona e a septuagésima “semanas”. Entre Daniel 9:26, 27 existe uma estranha lacuna. Por quê?

Essa profecia diz respeito aos judeus, ao templo judeu e à cidade de Jerusalém (v. 24). No entanto, o período entre a sexagésima nona e septuagésima semanas refere-se à Igreja, o corpo de Cristo, e um mistério que Deus havia mantido oculto no tempo do Antigo Testamento e que só revelou no tempo de Cristo e dos apóstolos (Ef 3:1-13).⁷ Daniel não foi informado de que a rejeição e morte do Messias traria algo novo, um corpo espiritual que incluiria judeus e gentios e no qual todas as diferenças seriam irrelevantes (Ef 2:11-22; Gl 3:22-29). Um dos motivos pelos quais os legalistas judeus opunham-se a Paulo era o fato de ele colocar judeus e gentios no mesmo nível dentro da Igreja, sendo que os tradicionalistas desejavam manter a “superioridade” dos judeus conforme revelado na lei e nas profecias sobre o reino.

Parte da profecia de Daniel 9:24-27 já se cumpriu, e o resto se cumprirá no fim dos tempos. Vivemos hoje na era da Igreja,

quando Israel encontra-se parcialmente cego e temporariamente colocado de lado (Rm 9 – 11). Como Paulo, devemos ter uma preocupação sincera pelos judeus, orar por eles e procurar compartilhar com eles o evangelho. Os cristãos gentios têm uma dívida de gratidão para com o povo de Israel (Rm

15:24-27), pois nos deram a conhecer o verdadeiro Deus vivo, as Escrituras inspiradas e o Salvador Jesus Cristo.

Ainda havia mais coisas que o Senhor desejava revelar a Daniel sobre o futuro de seu povo, e estudaremos essas profecias nos capítulos adiante.

1. O Assuero (Xerxes) do versículo 1 não é o mesmo rei do Livro de Ester.
2. Observe o uso dos termos “grande” e “muitas”: um “grande Deus” (v. 4), um “grande mal” (v. 12) que Israel havia trazido sobre si e as “muitas” misericórdias de Deus (v. 18). Essas três frases resumem a oração.
3. Observe como Daniel usa com freqüência os pronomes “teu” e “tua” ao referir-se ao Senhor: “tuas justiças [...] tua cidade [...] teu santo monte [...] teu povo”. A oração enfatiza o caráter de Deus e não o sofrimento do povo. Trata-se do tipo de oração centrado em Deus.
4. O calendário judeu é baseado numa série de setes. O sétimo dia é o sábado e o sétimo ano é o ano sabático (Êx 23:11-13). O quinquagésimo ano ($7 \times 7 + 1$) é o ano do jubileu (Lv 25). A Festa de Pentecostes é sete semanas depois das Primícias (Lv 23:15-22), e, durante o sétimo mês do ano, os judeus celebravam a Festa das Trombetas, o Dia da Exiação e a Festa dos Tabernáculos.
5. Ao partir-se do ano de 457 a.C., usando o calendário lunar (360 dias), chega-se a um resultado semelhante.
6. Dizer que o “Ungido, o Príncipe” (v. 25) e “um príncipe que há de vir” (v. 26) são a mesma pessoa é confundir as palavras de Daniel. Aqueles que defendem uma interpretação amilenista da profecia usam essa abordagem e aplicam os versículos 24 a 27 à vida e ministério de Cristo aqui na Terra. Contudo, seu ministério na Terra durou três anos, não sete, e a única aliança que ele estabeleceu foi a nova aliança em seu sangue, uma aliança que ele não rompeu. Apesar de a morte de Cristo na cruz pôr fim ao sistema do Antigo Testamento no plano de Deus, os judeus continuaram oferecendo sacrifícios durante quase quarenta anos. Jesus não levou qualquer “abominação desoladora” para o templo. Antes, procurou purificá-lo de sua profanação. É preciso mudar muito o texto para colocá-lo no tempo passado.
7. Não é incomum, nas profecias do Antigo Testamento, o escritor deslocar seu ponto de vista para o fim dos tempos sem qualquer aviso. Em Isaías 9:6, depois da palavra “deu”, ele vai do nascimento do Messias para seu reino. Isaías 61:2 desloca-se subitamente do ministério da graça de Jesus para o “dia da vingança” (ver Lc 4:18-20). Zacarias 9:9 prediz a entrada de Jesus em Jerusalém, mas o versículo 10 desloca-se para a vitória final de Cristo e de seu reino de paz.

UMA EXPERIÊNCIA EXTRAORDINÁRIA

DANIEL 10

O terceiro ano do governo de Ciro corresponde a 536 a.C., a data mais recente apresentada no Livro de Daniel. Essa declaração não contradiz Daniel 1:21, que nos informa quanto tempo Daniel permaneceu na corte do rei. Como vimos, Daniel viveu tempo suficiente para ver a profecia de Jeremias se cumprir e o primeiro grupo de judeus exilados voltar para a terra e começar a reconstruir o templo. Se o profeta estava com 15 anos quando foi levado para a Babilônia, então nessa época estava com oitenta e quatro ou oitenta e cinco anos.

O fato de Daniel 10:1 referir-se a Daniel na terceira pessoa sugere que a declaração que inicia esse capítulo pode ser um “título oficial de identificação” para os três últimos capítulos de seu livro. No versículo 2 e ao longo de todo o capítulo, Daniel fala na primeira pessoa. Além disso, usa seu nome babilônio, “Beltessazar”, indicando que essa declaração introdutória provavelmente é um “cabeçalho” oficial empregado em documentos. A visão que Deus lhe mostrou era verdadeira, e Daniel compreendeu sua mensagem e estava ciente de que ela se cumpriria muitos anos depois. A oração “envolvia grande conflito” (v. 1) também pode ser traduzida por “o tempo determinado era longo”. Daniel ficaria sabendo que seu povo passaria por grande sofrimento nos anos vindouros, mas que o Senhor cuidaria dele e, por fim, estabeleceria seu reino prometido.

1. UM PROFETA PREOCUPADO (Dn 10:1-3)

Daniel havia jejuado, orado e se ungido com óleo durante três semanas, enquanto buscava o Senhor. Um dos motivos para isso

era, provavelmente, sua preocupação com os quase cinqüenta mil judeus que haviam saído da Babilônia um ano antes e viajado para sua terra natal a fim reconstruir o templo. Uma vez que Daniel tinha acesso a relatórios oficiais, sem dúvida ficou sabendo que o remanescente havia chegado em segurança em Jerusalém e que todos os tesouros do tabernáculo estavam intactos. Também deve ter ouvido que os homens haviam lançado os alicerces do templo, mas que o trabalho havia sofrido oposição e, por fim, parado (Ed 4). Sabia que seu povo estava sofrendo privações na cidade arruinada de Jerusalém e perguntou-se se Deus iria deixar de cumprir as promessas que havia feito a Jeremias (Jr 25:11, 12; 29:10-14).

É possível que Daniel não tivesse compreendido que a profecia dos setenta anos tinha uma aplicação dupla, primeiro para o povo e depois para o templo. Os primeiros judeus foram deportados para a Babilônia em 605 a.C., e os primeiros cativos voltaram em 536 a.C., setenta anos depois. O templo foi destruído pelo exército babilônio em 586 a.C., e o segundo templo foi completado e consagrado em 515 a.C., outro período de setenta anos. Daniel estava aflito para que a casa do Senhor fosse reconstruída o quanto antes, mas não percebeu que Deus estava realizando seus planos com perfeição. As obras foram interrompidas em 536 a.C., continuaram em 520 a.C. e foram completadas em 515 a.C. Esse adiamento de dezesseis anos manteve tudo dentro do cronograma. Ao servir a Deus nos dias de hoje, esse é um bom lembrete de que nosso tempo está nas mãos dele (Sl 31:15) e de que o Senhor nunca se atrasa em realizar sua vontade.

Contudo, havia ainda outro motivo para Daniel jejuar e orar: desejava entender melhor as visões e profecias que já havia recebido e ansiava por mais revelações do Senhor sobre o futuro de Israel. Daniel era um homem idoso e, antes de falecer, desejava deixar uma mensagem profética que encorajasse e fortalecesse seu povo. Sem dúvida, as profecias de Daniel foram um livro precioso para o povo de Israel nos séculos seguintes. Sabiam que passariam por grandes

provações e perseguições e, no entanto, também sabiam que o Senhor seria fiel e que um dia entrariam no reino prometido.

Quando, um dia, nos reunirmos no céu, descobriremos que aquilo que aconteceu ao povo de Deus na Terra dependeu um bocado das orações de pessoas com um peso no coração como Daniel. “Pois quem se compadeceria de ti, ó Jerusalém? Ou quem se entristeceria por ti? Ou quem se desviaria a perguntar pelo teu bem-estar?” (Jr 15:5). Neemias intercedeu pela situação difícil de Jerusalém, e ele próprio acabou sendo uma resposta a suas orações (Ne 1 - 2)! Jeremias chorou por Jerusalém e por seu povo e desejou que tivesse conseguido chorar mais (Jeremias 9:1, 2; 8:21; 10:19; 23:9). Jesus também chorou sobre a cidade (Mt 23:37-39), e o apóstolo Paulo estava disposto a ser condenado para que seu povo pudesse ser salvo (Rm 9:1-3; 10:1). “Torrentes de água nascem dos meus olhos, porque os homens não guardam a tua lei” (Sl 119:136).

Deus colocou um peso no coração de Daniel, e pelo fato de o profeta ter jejuado e orado é que estamos estudando suas profecias hoje. Que o Senhor nos ajude a deixar algum legado na jornada desta vida, de modo que aqueles que vierem depois de nós sejam encorajados e ajudados!

2. UMA VISÃO ASSUSTADORA (Dn 10:4-9, 14)

Três dias depois do fim de seu jejum, Daniel teve uma visão assustadora quando estava à beira do rio Tigre. O texto não explica por que Daniel estava lá, mas aquele foi o lugar onde Deus se encontrou com ele e revelou o futuro de Israel na maior profecia dada pelo Senhor a seu servo.

Era o primeiro mês do calendário judaico, quando o povo celebrava a Páscoa, a Festa dos Pães Asmos e a Festa das Primícias (Lv 23:1-14). Daniel não podia comemorar essas ocasiões especiais na Babilônia, mas certamente seu coração estava meditando sobre elas. A Páscoa lembrava a libertação de Israel da escravidão do Egito, e agora os judeus estavam recebendo permissão de deixar a Babilônia para voltar a sua própria

terra. Durante a semana de Páscoa, os judeus deviam remover absolutamente todo fermento de suas casas, um retrato do pecado sendo removido da vida deles (Mt 16:6-12; Mc 8:15; Lc 12:1; 1 Co 5:6-8; Gl 5:9). Apesar de ter vivido durante oito décadas numa terra pagã, Daniel manteve seu coração e sua vida puros diante de Deus. Orava para que o remanescente que habitava em Jerusalém fosse um povo santo para o Senhor, a fim de que fossem abençoados em seu trabalho.

De repente, sem qualquer aviso, Daniel teve uma visão assustadora: um homem com vestes de linho, com os ombros cingidos de ouro, com um corpo semelhante a berilo, com rosto como relâmpago e olhos como tochas de fogo, braços e pés que brilhavam como bronze polido e uma voz que soava como o estrondo de uma multidão. O texto não revela o que o homem disse, mas a combinação de sua aparência com suas palavras foi aterradora. Os homens que estavam com Daniel não viram a aparição, mas sentiram o terror de uma presença poderosa e se esconderam.¹ Daniel ficou sozinho e sem forças, ouvindo as palavras do homem, mas sem ser capaz de responder. Tudo o que podia fazer era ficar parado contemplando fixamente a visão magnífica. Então, o profeta pros-trou-se e caiu por terra num sono profundo.

Quem era aquele homem? Um anjo enviado para assegurar Daniel de que as hostes celestiais de Deus cuidariam do povo judeu e providenciariam para que a vontade de Deus se realizasse?² Seria Gabriel, que já havia visitado Daniel? Ou seria uma aparição pré-encarnada de Jesus Cristo, o Filho de Deus? Estudosos das Escrituras defendem, com excelentes argumentos, cada uma dessas três idéias, de modo que é improvável podermos ser dogmáticos. Se considerarmos esse homem glorioso como o mesmo ser que tocou Daniel e que falou com ele (Dn 10:10-15), então teremos de optar por Gabriel ou por algum outro anjo, pois é impossível que Jesus precisasse da ajuda de Miguel para derrotar um anjo perverso (v. 13). Contudo, ao que parece, o ser que tocou Daniel e que falou com ele não

foi o homem glorioso que lhe apareceu na visão, e a maioria dos estudiosos acredita que foi Gabriel.

A descrição do homem glorioso assemelha-se à descrição do Cristo glorificado que encontramos em Apocalipse 1:12-16 – e a reação de João foi a mesma que a de Daniel! Daniel já havia visto o Filho de Deus no trono de Deus no céu (Dn 7:9-14), mas esse homem estava muito perto do profeta. Creio que essa foi uma visão do glorioso Filho de Deus e que o anjo que falou com Daniel foi Gabriel. Mas por que o Filho de Deus apareceria a Daniel nessa ocasião?

No relato bíblico da história da salvação, vemos com freqüência o Senhor Jesus Cristo aparecendo a seus servos em momentos especiais, a fim de transmitir uma mensagem ou de prepará-los para um ministério específico. Normalmente, a aparição era compatível com as circunstâncias de seu chamado. Para Abraão, o peregrino, Jesus apareceu como um viajante (Gn 18), mas para Jacó, o intriguista, veio como um lutador (Gn 32). Antes de Josué atacar Jericó, Jesus se manifestou como capitão dos exércitos do Senhor (Js 5:13-15), e para Isaías revelou-se como o Rei assentado no trono (Is 6; Jo 12:37-41). Contudo, para os dois exilados judeus – Daniel na Babilônia e João em Patmos –, Jesus apareceu como o Sacerdote-Rei glorificado. Depois de ver o Filho de Deus, os dois homens receberam visões de acontecimentos futuros envolvendo o povo de Deus, acontecimentos que seriam difíceis de aceitar e de compreender.

No começo do ministério profético de Daniel, ele interpretou o significado da estátua assustadora que o rei Nabucodonosor havia visto em seu sonho (Dn 2) e, no fim de seu ministério, Daniel viu uma figura ainda mais magnífica – o glorioso Rei dos reis e Senhor dos senhores! Quando sabemos que Jesus está a nosso lado lutando por nós, podemos aceitar qualquer circunstância e realizar qualquer tarefa que ele nos der.

Além do significado profético, em certo sentido, a experiência de Daniel à beira do rio Tigre oferece uma lição a todos os líderes cristãos. Há um preço a se pagar para

ver aquilo que Deus quer que vejamos e para ouvir o que ele está nos dizendo. Daniel não teve essa visão logo no começo de seu ministério, mas sim no final de uma vida longa e fiel. “Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus” (Mt 5:8). Líderes espirituais, com freqüência, vêem aquilo que outros não conseguem enxergar e ouvem aquilo que outros deixam de ouvir. Devem manter-se firmes quando os outros fogem e receber a mensagem de Deus, mesmo que esta os faça sentir-se fracos e sem ação. Ao ver a grandeza e a glória de Deus, Daniel foi preparado para registrar e para aceitar a mensagem profética trazida pelos anjos.

O anjo havia aparecido para dar a Daniel uma revelação especial sobre o povo judeu e o que lhes aconteceria nos últimos dias (Dn 10:14). Ao estudarmos essa profecia complexa, devemos nos concentrar em Israel e não na Igreja, mesmo que toda Escritura seja sempre proveitosa. Alguns elementos dessa profecia já se cumpriram, mas a maior parte se cumprirá no “fim dos tempos”, isto é, durante a septuagésima semana do “calendário profético” apresentado em 9:24-27.

3. UMA GUERRA INVISÍVEL (Dn 10:10-21)

Nossa impressão é que o homem glorioso vestido de linho saiu de cena, e um dos anjos, talvez Gabriel, tocou Daniel. O velho profeta estava prostrado com o rosto em terra, mas o ministério do anjo permitiu que ele ficasse sobre os joelhos e que se apoiasse nas palmas das mãos. Em seguida, o anjo lhe falou e deu-lhe forças para se levantar. Isso nos lembra de que os anjos ministraram a nosso Senhor depois de sua tentação (Mt 4:11; Mc 1:13) e no jardim enquanto ele orava (Lc 22:41-43). Essa foi a terceira vez que Daniel foi tocado por um anjo (Dn 8:18; 9:21; veja também 10:16, 18, 19).

Foi a segunda vez que o profeta foi chamado de “mui amado” (Dn 9:23, e também 10:19). Lembramos que nosso Senhor Jesus Cristo foi chamado dessa forma pelo Pai (Mt 3:17 e 17:5; Mc 1:11; 9:7 e 12:6; Lc 3:22 e 20:13; comparar também Is 42:1-4 com Mt 12:15-21). Pelo fato de nós, seus filhos, estarmos “em Cristo”, somos aceitos “no Amado”

(Ef 1:6), e o Pai nos ama como ele ama seu Filho (Jo 17:23, 26). Não basta saber que Deus nos ama, devemos também viver em comunhão com ele para que “[guardemo-nos] no amor de Deus” (Jd 21; Jo 14:19-24).

A conversa de Daniel com o anjo nos revela que há uma importante “guerra invisível” acontecendo nas regiões celestiais entre as forças do mal e as forças de Deus. Daniel estava orando havia três semanas, pedindo para compreender às visões que já havia tido, mas a resposta a essa oração demorou a vir. Por que o Senhor não responderia imediatamente às súplicas de seu profeta amado? Pois o “príncipe do reino da Pérsia” – um anjo perverso – havia atacado o anjo que levava a resposta, provavelmente Gabriel. Esse anjo perverso havia sido incumbido de providenciar para que o rei da Pérsia fizesse aquilo que Satanás desejava. Miguel, o arcanjo encarregado de ministrar a Israel (Dn 12:1; Ap 12:7; Jd 9), havia ajudado Gabriel e, juntos, venceram a batalha.

Pessoas bem-intencionadas podem fazer pouco da idéia de forças demoníacas e de anjos bons e maus e podem ridicularizar Satanás, mas o fato é que se trata de uma teologia bíblica. Quando Lúcifer rebelou-se contra Deus e foi julgado, alguns anjos caíram com ele; tornaram-se anjos perversos demoníacos, que se opõem a Cristo e que obedecem a Satanás (Is 14:12-15; Ap 12:7-12; Mt 25:41). De acordo com Efésios 6:10-18, Satanás tem um exército altamente organizado de espíritos malignos que obedecem a todas as suas ordens. Por meio de seu sacrifício na cruz, Cristo derrotou Satanás e seu exército (Ef 1:20-23; Cl 2:15; Jo 12:31; Ap 12:11), e podemos nos apropiar dessa vitória pela fé. A responsabilidade do cristão é vestir toda a armadura da fé e usar a Palavra de Deus e a oração confiante para opor-se ao maligno e para derrotá-lo.

Ao que parece, há anjos perversos específicos incumbidos das diversas nações; alguns estudiosos de angelologia chamam esses seres de “espíritos territoriais”. Por isso, Paulo disse aos cristãos de Éfeso que a batalha do cristão não é contra sangue e carne, mas contra as forças demoníacas nas regiões

celestiais que resistem aos anjos que sempre fazem a vontade de Deus. Os problemas que o remanescente judeu estava enfrentando em Jerusalém naquela época não estavam sendo causados pelos oficiais locais, mas pelos poderes perversos de Satanás usando esses oficiais. Os cristãos jamais devem adorar a anjos (Cl 2:18, 19; Ap 19:10; 22:8, 9) nem orar a eles, pois nossa adoração e oração pertencem somente a Deus. Contudo, quando oramos, Deus coordena os exércitos do céu para lutar a nosso favor, mesmo que não façamos idéia das batalhas que estão sendo travadas nessa guerra invisível (ver 2 Rs 6:17).

O profeta Daniel percebeu a enorme importância dos planos de Deus para Israel, voltou a desfalecer e não pôde falar. Havia participado de um conflito espiritual cósmico sem que soubesse, e o Senhor havia usado um de seus maiores anjos para responder a suas orações! Sem dúvida, isso tira a oração do nível de um exercício espiritual monótono e mostra como ela é uma de nossas armas espirituais mais poderosas e importantes. A falta de oração é o motivo pelo qual muitas igrejas e cristãos como indivíduos encontram-se tão fracos e derrotados. O falecido Peter Deyneka, missionário entre os povos eslavos, lembrava com freqüência: “Muita oração, muito poder; nenhuma oração, nenhum poder!” Jesus ensinou a seus discípulos que as forças demoníacas não podiam ser derrotadas, a não ser pela oração e pelo jejum, exatamente aquilo que Daniel havia feito durante três semanas (Mt 17:14-21).

Nosso Senhor Jesus Cristo levou a sério a realidade de Satanás e de suas forças demoníacas, e devemos fazer o mesmo. Isso não significa que devemos culpar os demônios por qualquer dor de cabeça ou interrupção, mas sim que devemos respeitar o poder de Satanás (“como leão que ruge”, 1 Pe 5:8) e sua sutileza (“como a serpente”, 2 Co 11:3). Uma das principais armadilhas de Satanás é levar as pessoas a crer que ele não existe ou que, se existe, não merece qualquer atenção.

Mais uma vez, o anjo restaurou as forças de Daniel para que ouvisse as palavras

proféticas do mensageiro e que as registrasse para nossa instrução. Duas vezes o anjo lhe disse: "Não temas" (Dn 10:12, 19). Também disse: "Paz seja contigo! Sê forte, sê forte" (v. 19). Daniel precisava de forças para ser capaz de ouvir e compreender a longa mensagem que o anjo havia lhe trazido.

Por fim, o anjo deixou claro que a batalha ainda não havia terminado. Assim que terminasse de instruir Daniel, Gabriel voltaria para ajudar Miguel a lutar contra o príncipe da Pérsia e o príncipe da Grécia, dois anjos perversos satânicos que estavam resistindo aos planos de Deus para essas nações. O governante da Pérsia havia demonstrado grande bondade e misericórdia para com os judeus ao permitir que voltassem para casa,

e Satanás era contra essa decisão. Deus também tinha planos para a Grécia (Dn 11:2-4), e Satanás queria interferir neles. Uma das razões pelas quais Deus ordena que seu povo ore por aqueles que ocupam cargos de autoridade é que a vontade de Deus e não de Satanás se cumpra na vida desses líderes (1 Tm 2:1-3). Mais de uma nação viu seu destino ser mudado pelas orações fervorosas do povo de Deus.

"Porque as armas da nossa milícia não são carnais, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo" (2 Co 10:4, 5).

1. Isso nos faz lembrar dos homens que estavam com Paulo de Tarso quando ele teve a visão de Cristo. Puderam ouvir a voz do Senhor, mas somente Paulo contemplou a visão gloriosa (At 9:1-7; 22:9).
2. Para uma descrição de outro anjo glorioso, ver Apocalipse 10.

INTERLÚDIO

A profecia apresentada nos capítulos 11 e 12 é longa e complexa. Os trinta e cinco primeiros versículos de Daniel 11 eram profecias para o tempo de Daniel, mas hoje fazem parte da História. Tratam de personagens históricos importantes, porém, em sua maioria esquecidos, com nomes difíceis e relações complicadas. Podemos fazer o seguinte esboço destes capítulos:

1. Profecias que já se cumpriram

(11:1-35)

- a. Sobre a Pérsia – 11:1, 2
- b. Sobre a Grécia – 11:3, 4
- c. Sobre o Egito e a Síria – 11:5-20
- d. Sobre Antíoco Epífanes e a Síria – 11:21-35

2. Profecias que ainda não se cumpriram

(11:36 – 12:3)

- a. Sobre a tribulação e o anticristo – 11:36 – 12:1
- b. Sobre o reino prometido – 12:2, 3
- c. Instruções finais a Daniel – 12:4-13

Estas profecias apresentam detalhes de profecias anteriores que o Senhor havia dado a Daniel e foram resposta às orações de Daniel pedindo maior compreensão dos planos de Deus para Israel. Concentram-se em Israel no fim dos tempos.

UMA PROFECIA EXTRAORDINÁRIA – PARTE I

DANIEL 11:1-35

Uma profecia bíblica cumprida é uma das provas da inspiração da Bíblia, pois só um Deus onisciente pode prever acontecimentos futuros com precisão e orientar seus servos a registrá-los por escrito. “Ele revela o profundo e o escondido; conhece o que está em trevas, e com ele mora a luz” (Dn 2:22). Não é de se surpreender, portanto, que críticos radicais tenham atacado o Livro de Daniel, especialmente esses capítulos, pois afirmam que ninguém poderia escrever de antemão tantos detalhes precisos sobre tantas pessoas e acontecimentos. Sua “conclusão científica” é de que o Livro de Daniel é uma fraude; foi escrito séculos depois desses acontecimentos e, portanto, não tem nada de profético. Esses críticos não podem negar a historicidade dos acontecimentos, pois os registros encontram-se nos anais da história antiga, à disposição de todos os que queiram lê-los e não podem ser desmentidos. Assim, a fim de sustentar suas “teorias científicas”, devem negar a realidade da profecia.¹ Nós, que acreditamos num Deus poderoso, não temos problema algum em aceitar “a palavra profética” (2 Pe 1:19-21).

Em primeiro lugar, consideraremos os versículos que eram profecias no tempo de Daniel, mas que agora fazem parte da História antiga. Ao fazê-lo, procuraremos extraír algumas lições espirituais práticas para nos ajudar em nossa caminhada cristã nos dias de hoje.

1. PROFECIAS SOBRE A PÉRSIA (Dn 11:1, 2)

É bem provável que o versículo 1 devesse estar no final do capítulo anterior, pois trata do conflito entre os santos anjos e os anjos

de Satanás. Os governantes da Pérsia não faziam idéia de que Satanás estava procurando controlar sua mente e levá-los a tomar decisões que prejudicariam o povo de Deus. Tirham muito mais consideração pelo povo judeu do que os governantes babilônios, o que contrariava as intenções de Satanás. O maligno odeia os judeus e é o pai do anti-semitismo onde quer que este se encontre (Ap 12). Contudo, Miguel e Gabriel venceram aquela batalha, e Dario e Ciro mostraram compaixão pelos exilados judeus. Aliás, foi Ciro quem publicou o importante edicto que permitiu aos exilados judeus voltar para sua terra e reconstruir o templo (Ed 1:1-4).

Os quatro reis que governariam no futuro seriam Cambises (529 – 522 a.C.), Pseudo-Smerdis (522 – 521 a.C.), Dario I Histapes (521 – 486 a.C.) e Xerxes (496 – 465 a.C.), o Assuero do Livro de Ester.

Cambises era o filho e sucessor de Ciro, o Grande, e talvez o Assuero citado em Esdras 4:6. Sua maior ambição era invadir o Egito e readquirir o território que Nabucodonosor havia conquistado e depois perdido. Cambises criou um pretexto para a guerra dizendo que havia pedido a mão de uma das princesas egípcias em casamento, mas que havia sido rejeitado pelo pai dela. De fato, ele conquistou o Egito, mas quando tentou tomar a Etiópia e Cartago, sofreu uma derrota terrível e teve de recuar. Reinou sobre o Egito com mão de ferro e deu inúmeras provas de ser louco. Casou-se com duas de suas irmãs, matou Smerdis, seu irmão e herdeiro e, então, matou a irmã que protestou contra o assassinato de Smerdis. Um dos principais sacerdotes persas tramou uma rebelião e tomou o trono, assumindo o nome do príncipe morto (os historiadores o chamam de Pseudo-Smerdis). Cambises morreu enquanto marchava de volta para casa para depor o novo rei que, por sua vez, governou por cerca de um ano.

No entanto, o mais importante e mais próspero dos quatro reis foi Xerxes I, o Assuero do Livro de Ester. Reinou sobre um império que ia da Etiópia à Índia, e seu grande desejo era conquistar a Grécia. Em 480 a.C.,

tentou invadir a Grécia, mas sua grande esquadra foi derrotada em Salamis e Samos, e seu exército, em Platéia. Tudo isso ocorreu no período entre os capítulos 1 e 2 do Livro de Ester. O rei voltou para casa amargurado e zangado e procurou curar seu orgulho ferido desfrutando seu harém. Foi nessa ocasião que Ester entrou em cena. Xerxes foi assassinado em agosto de 465 a.C.

2. AS PROFECIAS SOBRE A GRÉCIA (Dn 11:3, 4)

Pelas visões anteriores, Daniel já sabia a sequência dos grandes impérios.

A estátua (cap. 2)	Visão (cap. 7)	Visão (cap. 8)
Babilônia – cabeça de ouro	leão	—
Média-Pérsia – braços e peito de prata	urso	carneiro
Grécia – ventre e quadris de bronze	leopardo	bode
Roma – pernas de ferro, pés de barro	animal terrível	—

O rei poderoso de Daniel 11:3 é, obviamente, Alexandre, o Grande, que estava decidido a castigar os persas por causa da invasão de Xerxes. Já falamos de Alexandre e sabemos de seu exército enorme e de sua conquista-relâmpago das nações. De fato, ele fazia o que bem entendia, e ninguém podia colocar-se em seu caminho. Alexandre derrotou os persas em 332 a.C., morreu em 323 a.C., e seu reino foi dividido entre seus quatro generais.

Mais uma vez, as conquistas de Alexandre, o Grande, foram parte do plano soberano de Deus. A difusão da língua e da cultura grega ajudou, posteriormente, a propagar o evangelho e o Novo Testamento grego.

O objetivo de Alexandre não era apenas conquistar território, mas agregar os povos a um “império unido”. Seus soldados casaram-se com mulheres das nações conquistadas, e o império promoveu a miscigenação de todos os povos. Séculos depois, essa mistura racial também ajudou a difundir o evangelho.

3. OS REIS DO NORTE E DO SUL (Dn 11:5-20)

Essas nações são o Egito (Sul) e a Síria (Norte), e seus governantes mudavam com frequência. A pequena nação de Israel ficava entre essas duas potências e era afetada por seus conflitos. Essas pessoas e acontecimentos talvez não sejam objeto de seu interesse, mas as profecias apresentadas por Daniel correspondem ao registro histórico e, desse modo, provam que a Palavra de Deus é confiável. A linhagem ptolomaica deu ao Egito seus governantes, e a linhagem selêucida, os governantes do Norte (Síria). Os parágrafos a seguir são simples declarações sumárias, mas ao lê-los à luz dos versículos mencionados, você verá como as profecias de Daniel se cumpriram.

Versículo 5 – Ptolomeu I Soter e Seleuco I Nicator.

Seleuco era o mais forte dos dois e reinou sobre um grande império, mas sua aliança com Ptolomeu permitiu que se aposasse do trono da Síria.

Versículo 6 – Ptolomeu II Filadelfo e Antíoco II Teo.

Como se fazia com freqüência no tempo das monarquias, os governantes usaram casamentos como meio de formar alianças políticas fortes, prática também adotada por Salomão (1 Rs 3:1; 11:1ss). No entanto, Ptolomeu exigiu que Antíoco se divorciasse de sua esposa, Laodice, e que se casasse com a filha dele, Berenice. Ptolomeu morreu dois anos depois, de modo que Antíoco tomou de volta sua esposa anterior que, depois, assassinou-o e a Berenice. Foi um casamento em que ninguém viveu feliz para sempre. “Ela, porém, não conservará a força do seu braço, e ele não permanecerá” (Dn 11:6).

Versículos 7-9 – Ptolomeu III Euergetes e Seleuco II Calínico. O novo rei do Egito era irmão de Berenice e estava decidido a

defender a honra da irmã e a vingar sua morte. Atacou a potência do Norte, foi vitorioso e juntou muita riqueza. Os reis ignoraram-se durante alguns anos até que, em 240 a.C., Seleuco atacou o Egito, foi derrotado e teve de voltar para casa humilhado. Morreu ao cair de um cavalo e foi sucedido por seu filho, Seleuco III, que, quatro anos depois, foi assassinado por Antíoco III, o Grande, que reinou de 223 a 187 a.C.

Versículos 10-19 – Ptolomeu IV Filopater e Antíoco III, o Grande.² Os filhos de Seleuco II foram Seleuco III, um general bem-sucedido, mas que morreu em combate, e Antíoco III, o Grande, que deu continuidade à campanha militar da Síria com grande habilidade. Reconquistou o território que havia sido perdido para o Egito, mas em 217 a.C. o exército egípcio derrotou os sírios. Essa derrota não deteve Antíoco, pois ele levou seu exército para o Leste e chegou até a Índia.

Em 201 a.C., Antíoco reuniu outro grande exército, uniu forças com Filipe V da Macedônia e rumou para o Egito (vv. 13-16), onde obteve uma grande vitória sobre Ptolomeu V Epífanés. Em desobediência à lei de Deus, mas cumprindo as profecias (visão), alguns judeus na Palestina juntaram-se a Antíoco na esperança de libertar-se do controle egípcio. Contudo, sua revolta foi subjugada (v. 14). Antíoco não apenas conquistou o Egito e Sidom (v. 15), mas também a “terra gloriosa” da Palestina (v. 16).

Mais uma vez, entra em cena um casamento. Antíoco ofereceu negociar com os líderes egípcios e dar sua filha Cleópatra I³ em casamento a Ptolomeu V que, na época, tinha 7 anos de idade! Esperava que a filha enfraquecesse o governo egípcio de dentro para fora e usasse sua posição para ajudá-lo a dominar a nação. No entanto, Cleópatra foi fiel ao marido, de modo que a estratégia do casamento não funcionou.

Antíoco decidiu atacar a Grécia, mas foi derrotado em Termópilas (191 a.C.) e Magnésia (189 a.C.). O “príncipe” do versículo 18 era o cônsul e general romano Lúcio Cornélio Cipião Asiático, que liderou as tropas romanas e gregas na vitória sobre Antíoco.

Num encontro anterior, Antíoco havia insultado o general romano, mas os romanos deram a última palavra. O líder sírio morreu em 187 a.C. e foi sucedido por seu filho, Seleuco IV Filopater, que oprimiu o povo judeu aumentando os impostos a fim de conseguir pagar tributos a Roma. Logo depois de mandar seu tesoureiro, Heliondro, saquear o templo judeu, Seleuco Filopater morreu subitamente (provavelmente envenenado), cumprindo assim o versículo 20. Isso abriu caminho para que o perverso Antíoco Epífanés tomasse o trono.

Ao recapitular a história das relações entre o Egito e a Síria e dos relacionamentos familiares entre os selêucidas, não se pode deixar de ver como a natureza humana não mudou ao longo desses milhares de anos. O mundo antigo teve sua cota de intrigas, falsidade política, violência, ganância e guerra. A cobiça por poder e riqueza levou homens e mulheres a violar os direitos humanos e a transgredir leis divinas, fazendo tudo o que fosse preciso para conseguir o que desejavam. Massacraram milhares de pessoas inocentes, saquearam os desamparados e assassinaram seus próprios parentes só para usar uma coroa ou para ocupar um trono.

Apesar de não ser responsável pelo mal que homens e mulheres fizeram em nome do governo e da religião, Deus ainda é o Senhor da história e continua a realizar seus planos para a humanidade. Estudar os atos perversos de governantes passados poderia nos tornar céticos, mas devemos nos lembrar de que, um dia, “a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR, como as águas cobrem o mar” (Hc 2:14).

3. PROFECIAS SOBRE ANTÍOCO EPÍFANES E A SÍRIA (Dn 11:21-35)

Já falamos desse homem perverso (Dn 8:9-14) que, em seu caráter e atividades, é um retrato do futuro anticristo. Autodenominou-se Epífanés, que significa “o glorioso”, mas Gabriel o chama de “homem vil, ao qual não tinham dado a dignidade real”. Antíoco não era o herdeiro do trono, mas o conquistou ilicitamente. O verdadeiro sucessor era

Demétrio Soter, que era jovem demais, de modo que Antíoco afirmou ser seu protetor legal e tomou o trono para si.

Teve grande sucesso em suas campanhas militares e sabia combinar estratégias ardilosas com força bruta. Em sua primeira campanha contra o Egito (Dn 11:25-28), venceu a batalha, mesmo não conseguindo tomar todo o território egípcio. Negociou com os líderes egípcios sem que, em momento algum, tivesse a intenção de cumprir sua parte nos acordos. Apesar da falsidade de ambas as partes, o Senhor ainda estava no controle e dentro de seu cronograma. Deus tem seus tempos determinados e está sempre em dia com seus planos.

Ao regressar para a Síria em 170 a.C., Antíoco voltou sua atenção para Israel e a riqueza do templo (v. 28). Saqueou e profanou o templo, aboliu os sacrifícios diários, matou muitos judeus e deixou soldados em Israel para manter o controle. Dois anos depois (168 a.C.), invadiu o Egito novamente, mas dessa vez os romanos (v. 30, “navios de Quitim”) o confrontaram e ordenaram que parasse. Obedeceu de má vontade e descontou sua raiva no povo de Israel, com a ajuda de traidores judeus que abriram mão de sua própria aliança e apoiaram o rei sírio. Antíoco prometeu-lhes recompensas generosas por sua ajuda.

No dia 14 de dezembro de 168 a.C., o rei sírio profanou o templo erguendo dentro dele um altar a Zeus e oferecendo como sacrifício um porco. Gabriel chama esse ato de “abominação desoladora” (v. 31). O futuro anticristo colocará sua figura dentro do templo judeu quando romper sua aliança com os judeus na metade do período de sete anos de tribulação, a septuagésima semana de Daniel (Dn 9:27; 11:31; 12:11; Mt 24:15; Mc 13:14). Antíoco estava fazendo todo o possível não apenas para exterminar o povo judeu, mas também para erradicar sua religião da face da Terra. Prometeu recompensar os judeus que obedecessem a suas ordens, e houve aqueles que abriram mão da santa aliança para segui-lo. Foi um

tempo de provação e de depuração para o povo judeu, quando tinham de decidir entre obedecer ao Deus de seus pais e possivelmente ser mortos ou submeter-se aos líderes pagãos e viver como traidores de sua fé (Dn 11:34, 35).

De acordo com os versículos 33 a 35, houve um pequeno grupo de judeus fiéis que se opuseram à impiedade de Antíoco e que confiaram que Deus permitiria que resistissem. Um sacerdote judeu chamado Matatias, juntamente com seus cinco filhos, reuniu um exército e conseguiu lutar contra os invasores. Seu filho, Judas, que recebeu o apelido de Macabeu (“o martelador”) foi um dos heróis dessa revolução. Muitos judeus deram a vida por sua cidade e, por fim, saíram vitoriosos. No dia 14 de dezembro de 165 a.C., o templo foi purificado e o altar foi consagrado (ver Dn 8:9-14, 23-25). Os judeus comemoraram essa ocasião na Festa das Luzes (*Hanuká*). Seu inimigo, Antíoco Epífanés, morreu na Pérsia em 163 a.C. Foi considerado louco, e, não sem motivo, o povo chamava-o de “Antíoco Epímanes – Antíoco o desvairado”.

Gabriel encerra essa seção lembrando Daniel de que aquilo que havia lhe relatado tinha implicações para Israel “até ao tempo do fim” (Dn 11:35). Apesar de ter se referido a líderes que surgiram depois da queda da Pérsia, Daniel pôde ver nesses acontecimentos algumas das coisas que aconteceriam aos judeus no fim dos tempos. Isso se aplicava especialmente a Antíoco Epífanés, que era um retrato claro do anticristo. Daniel sabia que seu povo passaria por grande sofrimento por causa de sua fé, que alguns apostariam da fé e se juntariam ao inimigo e que haveria outro grupo que confiaria no Senhor e que “se [tornaria] forte e ativo” (v. 32). Não importa quão difíceis sejam os tempos, Deus sempre tem um remanescente fiel e manterá sua aliança com seu povo até o fim.

Tendo mencionado o “tempo do fim”, Gabriel falou, em seguida, do futuro anticristo e do terrível tempo da tribulação de Jacó (Dn 11:36 – 12:1).

1. Não parece muito “científico” os estudiosos partirem do pressuposto de que suas teorias são verdadeiras e de que o Livro de Daniel é falso. Um verdadeiro cientista considera todos os fatos com imparcialidade e procura evitar os preconceitos. Jesus chamou Daniel de “profeta” (Mt 24:15; Mc 13:14), mesmo que em nenhuma parte de seu livro Daniel receba essa designação.
2. Não se trata do infame Antíoco Epifanes que vimos em Daniel 8 e que voltará a aparecer em Daniel 11:21-35.
3. Essa não é a Cleópatra cercada de *glamour* pelos filmes de Hollywood, que viveu de 69 a 30 a.C., que foi amante de Júlio César e, depois, de Marco Antônio. Posteriormente, matou seu próprio irmão (que também era seu marido) e tomou o trono, o qual dividiu com seu filho, Cesarión. Ao descobrir que Otaviano planejava exibi-la numa “celebração de vitória” em Roma, ela se suicidou.

UMA PROFECIA EXTRAORDINÁRIA – PARTE II

DANIEL 11:36 – 12:13

Em Daniel 11:36, a profecia desloca-se de Antíoco Epifânio para o homem que ele prefigurou, o anticristo, último ditador do mundo.¹ Chegamos ao “tempo do fim” (v. 35; ver Dn 12:4), para o qual é predita a ocorrência dos seguintes acontecimentos:

- A ascensão do anticristo ao poder (11:36-39)
- A tribulação (12:1)
- Guerra e invasões (11:40-43)
- A batalha do Armagedom (11:44, 45a)
- A volta de Cristo para derrotar o anticristo (11:45b)
- A ressurreição dos mortos (12:2)
- O reino glorioso (12:3)²

1. O TEMPO DE TRIBULAÇÃO (DN 11:36 – 12:1)

Tanto o Antigo Testamento quanto o Novo Testamento ensinam que, um dia, virá sobre o mundo um tempo de grande tribulação, e nossa interpretação das setenta semanas de Daniel (Dn 9:24-27) situa esse período na última “semana” de sua profecia. O acontecimento que desencadeia o começo desses sete anos finais é a assinatura de uma aliança entre Israel e o poderoso líder de uma confederação de dez países europeus (ver Dn 7:7-28). Ao que parece, a aliança é feita para que o líder garanta proteção, a fim de que os judeus possam reconstruir seu templo em Jerusalém. O período de tribulação terminará com a vinda de Cristo e com o confinamento do anticristo e de Satanás no lago de fogo (Ap 19:11-21).

A ascensão do anticristo ao poder (11:36-39). Esse governante perverso não

surge de repente demonstrando seu verdadeiro caráter e dominando o mundo. Começa sua ascensão ao poder como parte de uma coalizão de dez nações européias. É o “pequeno chifre” que surge dos dez chifres (Dn 7:24ss). Começa como um homem de paz que “resolve” o conflito árabe/israelense e mostra-se um excelente político.³ Aos poucos, seus desígnios perversos são revelados e, no meio do período de sete anos, rompe a aliança, assume o controle do mundo e declara-se um deus (Dn 9:27; 2 Ts 2; Ap 13).

Gabriel descreve esse governante perverso (rei) como uma pessoa determinada, um orador fascinante que se exalta em sua arrogância. Será bem-sucedido até o fim da tribulação, quando Jesus Cristo voltará para estabelecer seu reino.⁴ “Mas [o anticristo] chegará ao seu fim, e não haverá quem o socorra” (Dn 11:45). Uma vez que o versículo 37 usa a expressão “deuses de seus pais”, isso significa que esse governante mundial deve ser judeu? Alguns acreditam numa resposta afirmativa a essa pergunta, argumentando que a nação de Israel não assinaria uma aliança com um gentio, mas as Escrituras não apóiam essa idéia. Ao longo dos séculos, o povo judeu tem negociado com freqüência com líderes políticos que não são judeus. A oração “deuses de seus pais” (ou “Senhor, Deus de nossos pais”) refere-se, de fato, ao Deus de Israel (Dt 26:7; 1 Cr 12:17; 2 Cr 20:6; Ed 7:27; At 3:13; 5:30; 22:14), mas pode não ser esse o significado em Daniel 11:37, uma vez que sua tradução alternativa e que aparece na Bíblia é “deuses de seus pais”.⁵ O anticristo será um ateu e rejeitará todas as religiões, exceto aquela que ele estabelecerá quando se declarar um “deus”.

Alguns sugerem que essa falta de respeito ao “desejo de mulheres” indica que ele será homossexual. Contudo, é bem provável que a expressão “desejo de mulheres” esteja relacionada a Ageu 2:7 (ARC), sendo um título do Messias, pois era desejo das mulheres dar à luz o Messias. O anticristo não apenas rejeitará as religiões em geral, como também irá opor-se particularmente

ao judaísmo, de modo mais específico, a sua esperança no Messias, que voltará e que os livrará de seus inimigos. O deus do anticristo é o deus do poder e da força militar. Quando a população mundial adorar ao homem de iniquidade, na verdade estará adorando a Satanás, aquele que dará poder ao anticristo. Assim como Antíoco, séculos antes dele, o anticristo recompensará aqueles que adorarem ao deus criado por ele.

A tribulação (12:1). A expressão “nesse tempo” refere-se ao “tempo do fim”, o período que o anjo está descrevendo nessa parte da profecia. Chegamos ao meio da tribulação, quando o anticristo rompe sua aliança com Israel, toma o templo e declara-se ditador do mundo e deus. Essa é a “abominação desoladora” sobre a qual Daniel escreveu em Daniel 9:27; 11:31; 12:11 e à qual Jesus referiu-se em seu discurso no monte das Oliveiras (Mt 24:15; Mc 13:14). A segunda metade (três anos e meio) da septuagésima semana de Daniel trará um tempo de terrível sofrimento. “Porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais” (Mt 24:21; ver Apocalipse 13 – 19).

Um dos elementos desse tempo terrível será a guerra do anticristo (de Satanás) contra o povo judeu (Ap 12), mas Miguel, o anjo incumbido de cuidar dos judeus (Dn 10:13, 21; Ap 12:7), os socorrerá. O povo eleito de Deus será preservado (Mt 24:22). Isso incluirá os 144 mil selados pelo Senhor (Ap 7:1-8). Deus manterá sua aliança com Abraão e providenciará para que o remanescente judeu entre em seu reino prometido.

Invasão militar (11:40-43). Quando o anticristo entrar na terra de Israel e colocar sua figura dentro do templo judeu, declarando-se governante e deus do mundo inteiro, nem todos obedecerão à sua vontade. Os reis do Norte e do Sul farão oposição a ele e conduzirão seus exércitos à Palestina. Em profecias anteriores de Daniel, o rei do Sul representa o Egito e o rei do Norte representa a Síria. No entanto, é possível que essas designações não se apliquem às nações no fim dos tempos. Alguns estudiosos

relacionam essa invasão às batalhas descritas em Ezequiel 38 – 39 e vêm uma confederação do Norte liderada pela Rússia e uma confederação do Sul liderada pelo Egito e seus aliados.⁶ O anticristo vencerá seus inimigos e, como resultado, obterá grande riqueza.

Armagedom (11:44, 45). Ao longo dos três anos e meio finais do período de tribulação, as nações se submeterão ao anticristo, mas haverá crescente dissensão e oposição, ainda que o poder do anticristo venha de Satanás. Os rumores do versículo 44 referem-se ao exército cada vez maior do Oriente que confrontará as forças do anticristo na planície de Esdrelom para combater a “batalha do Armagedom” (Ap 9:13-21; 16:12-16; Jl 3:1, 2, 12-14; Zc 14:1-3). A palavra “Armagedom” significa “montanha de Megido”, e essa batalha ocorrerá no fim do período da tribulação.

A volta de Cristo. Quando o imenso exército do Oriente posicionar-se para atacar as forças do anticristo, aparecerá no céu o sinal da volta do Filho do Homem (Mt 24:29, 30), e os exércitos de oposição se unirão para combater Jesus Cristo. Porém, o Senhor descerá do céu com seus exércitos, derrotará as forças inimigas e levará cativos Satanás, o anticristo e o falso profeta e os lançará no lago de fogo (Ap 19:11-21; ver também Zc 12:1-9; 14:1-3). “Mas [o anticristo] chegará ao seu fim, e não haverá quem o socorra” (Dn 11:45).

Daniel não revela esse fato, mas o profeta Zacarias promete que a nação de Israel verá seu Messias quando ele vier do céu, o reconhecerá, se arrependerá de seus pecados, crerá nele e será purificada (Zc 12:10 – 13:1). Jesus ficará sobre o monte das Oliveiras (Zc 14:4; At 1:11, 12), “O SENHOR será Rei sobre toda a terra” (Zc 14:9) e estabelecerá seu reino glorioso por mil anos (Ap 20:1-7).

2. O REINO (Dn 12:2, 3)

Em Apocalipse 20:1-7, encontramos seis vezes as palavras “mil anos”. Usamos o termo “milênio” (do latim, *mille annum*) para nos referir ao período durante o qual Cristo reinará sobre a Terra. Os cristãos que crêem

que as profecias do Antigo Testamento sobre um reino na Terra se cumprirão literalmente são chamados de “milenistas”; aqueles que rejeitam essa idéia são chamados de “antimilenistas ou amilenistas”. Normalmente, espiritualizam as profecias do Antigo Testamento sobre o reino judeu e aplicam-nas à Igreja de hoje. Sem dúvida, as profecias do reino no Antigo Testamento têm aplicações espirituais para a Igreja de nossos dias, mas a interpretação fundamental parece ser a de que haverá um reino literal na Terra, tendo Jesus Cristo como Rei e seu povo reinando com ele (ver Is 2:1-5; 4:1-6; 11:1-9; 12:1-6; 30:18-26; 35:1-10).

O Pai prometeu um reino ao Filho (Sl 2; Lc 1:30-33) e cumprirá sua promessa. Um dia, Jesus entregará esse reino prometido ao Pai (1 Co 15:24). Sabendo da promessa do Pai, Satanás tentou Jesus ao oferecer-lhe todos os reinos do mundo em troca de sua adoração (Mt 4:8-10), e Jesus recusou. Jesus afirmou a promessa do reino a seus discípulos (Lc 22:29, 30) e, quando lhe perguntaram quando ela se cumpriria (At 1:6-8), disse-lhes apenas para não especular sobre o tempo, mas para se ocupar em realizar o trabalho do qual ele os havia incumbido. Contudo, não negou o fato de que, um dia, haverá um reino. Paulo usou a volta de Cristo e o estabelecimento do reino futuro para motivar Timóteo em seu ministério (2 Tm 4:1ss), e essa promessa também deve servir de motivação para nossa vida.

Ressurreição (v. 2). A doutrina da ressurreição do corpo humano fica implícita no Antigo Testamento, mas não é apresentada com a clareza encontrada no Novo Testamento. Quando Abraão subiu ao monte Moriah para oferecer Isaque, creu que Deus podia ressuscitar seu filho dentre os mortos (Gn 22; Hb 11:19). Jó esperava ver Deus, uma vez que estivesse em seu corpo ressurreto (Jó 19:25-27), o que também era a esperança dos escritores de Salmos (17:15; 49:15; 71:20). Os profetas criam na ressurreição futura (Is 25:7; Os 13:14). Jesus “trouxe à luz a vida e a imortalidade” (2 Tm 1:10) e ensinou claramente sobre sua própria ressurreição bem como sobre o significado da

ressurreição para seus seguidores (Jo 5:19-30; 11:17-44). 1 Coríntios 15 é a principal passagem bíblica sobre a ressurreição.

Não se trata de uma “reconstrução”; o Senhor não reconstitui um corpo transformado em pó (Gn 3:19), pois esse pó tornou-se parte de outros corpos, tendo em vista que as pessoas se alimentam de comidas cultivadas no solo. O corpo ressurreto é novo e glorioso. A relação entre o corpo que é sepultado e o corpo que é ressuscitado é a relação entre uma semente e a planta madura (1 Co 15:35-53). Há continuidade (a planta vem da semente), mas não identidade (a planta não é idêntica à semente). Sepultar um corpo é como plantar uma semente, sendo a ressurreição sua colheita.

Quando Jesus Cristo voltar nos ares para chamar sua Igreja, os mortos em Cristo serão ressuscitados primeiro e depois os cristãos vivos serão arrebatados para estar com o Senhor (1 Ts 4:13-18). Quando Jesus voltar à Terra no final da tribulação, trará seu povo com ele para participar de sua vitória e glória. Naquela ocasião, os santos do Antigo Testamento e os mártires da tribulação serão ressuscitados para entrar no reino. Contudo, aqueles que morreram sem crer em Cristo só serão ressuscitados depois da era do reino (Ap 20:4-6, 11-15). De acordo com Daniel, alguns despertarão para desfrutar a vida gloriosa com Deus e alguns despertarão (mil anos depois) para entrar no lugar de vergonha, desprezo e julgamento eternos.⁷ O inferno é chamado de “a segunda morte” (Ap 20:14). Se você nasceu apenas uma vez, pode morrer duas vezes, mas se você nasceu duas vezes – nasceu de novo pela fé em Cristo –, só pode morrer uma vez.

Recompensa (v. 3). A maneira como vivemos e servimos irá determinar as recompensas que o Senhor nos dará no tribunal de Cristo (Rm 14:9-12; 2 Co 5:6-10). No céu, todos os cálices transbordarão, mas alguns cálices serão maiores que outros. Participaremos da glória de Cristo, e aqueles que procuraram ganhar outros para Cristo brilharão como estrelas nos céus. Encontramos aqui uma aplicação especial para os que testemunharam fielmente durante a tribulação,

quando custará caro identificar-se com Cristo e com seu povo (Mt 24:14; Ap 7:9-17).

Cristo enfatizou o fato de que a fidelidade a ele no presente levará a uma recompensa e um ministério no reino futuro (Mt 13:43; 19:27, 28; 25:14-30; Lc 19:12-27; Ap 2:26, 27; 5:9, 10). Durante seu reino na Terra, compartilharemos o trabalho que ele tem para nós, de acordo com o modo como vivemos para ele e o servimos aqui na Terra. Os cristãos que sofreram em seu serviço por Cristo serão mais do que recompensados ao participar de sua glória (Rm 8:18; 2 Co 4:7-18).

3. INSTRUÇÕES FINAIS PARA DANIEL (Dn 12:4-13)

O servo do Senhor não precisa preocupar-se com o que deve fazer em seguida, pois o Senhor sempre lhe dá uma palavra de encorajamento e de instrução no momento certo. Durante toda sua longa vida, Daniel orou fielmente, estudou as Escrituras, procurou servir a Deus, e o Senhor sempre o conduziu, protegeu e usou para sua glória. Se podemos estudar as profecias de Daniel em nosso tempo, é porque Daniel foi fiel no tempo dele.

O livro (v. 4). Na antiguidade, as transações oficiais eram ratificadas com dois documentos: um selado e guardado num lugar seguro e outro à disposição das partes envolvidas (Jr 32:1-12). Deus considerou o Livro de Daniel o “documento” que garantia que o Senhor seria fiel em cumprir as promessas feitas ao povo de Israel. Fechar e selar o livro não significava escondê-lo, pois a mensagem de Deus foi dada a seu povo a fim de que pudesse saber o que aconteceria no futuro. O livro deveria ser guardado, protegido e compartilhado com o povo judeu. Contudo, o livro foi “selado” no sentido de que o significado pleno daílo que Daniel escreveu só seria entendido de todo “no tempo do fim” (ver Mt 24:15). Nem mesmo Daniel comprehendeu inteiramente aquilo que viu, ouviu e escreveu (Dn 12:8)!

Quando o apóstolo João completou o Livro de Apocalipse, Deus disse que ele deveria manter o livro selado, pois o tempo

estava próximo (Ap 22:10). Precisamos do Livro de Daniel para compreender melhor o Livro de Apocalipse. Pelo menos setenta e uma passagens de Daniel são citadas ou aludidas em dezesseis livros do Novo Testamento, a maioria delas no Livro de Apocalipse. Hebreus 11:33 faz referência ao texto todo de Daniel 6.

“Muitos o esquadriñharão, e o saber se multiplicará” não é uma referência ao avanço do ensino. Trata-se do estudo da Palavra de Deus nos últimos dias, especialmente o estudo das profecias. Amós 8:11, 12 nos adverte de que virá um dia em que haverá grande anseio pela Palavra, e o povo correrá de um lado para o outro em busca da verdade, mas não a encontrará. Contudo, a promessa de Deus a Daniel é de que, nos últimos dias, seu povo crescerá no conhecimento das Escrituras proféticas ao dedicar-se à Palavra de Deus. Alguns interpretam “esquadriñar” como correr os olhos pelas páginas das Escrituras.

Os tempos (v. 5-7). Dois anjos entraram em cena, sendo que cada um colocou-se de um lado do rio Tigre. O homem vestido de linho é uma referência ao ser glorioso que Daniel viu no início (Dn 10:5, 6), provavelmente Jesus Cristo. Quando um dos anjos perguntou: “Quando se cumprirão estas maravilhas?”, o Senhor respondeu: “depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo” (ver Dn 7:25), ou seja, três anos e meio. A última metade do período de tribulação é descrita de várias formas: tempo, tempos e metade de um tempo (Dn 12:7; Ap 12:14); por quarenta e dois meses (Ap 11:2; 13:5) e por mil duzentos e sessenta dias (Ap 11:3). Uma vez que for assinado o tratado entre o anticristo e Israel, outro tempo começará a correr rumo à marca dos sete anos, e uma vez que o anticristo estabelecer-se como deus no templo, terá início a última metade da septuagésima semana de Daniel. Não há qualquer dúvida quanto a isso, pois o Senhor Jesus falou sob juramento, erguendo ambas as mãos aos céus.

A chave para o cronograma de Deus é a série de propósitos que ele cumpre para seu “povo santo”, a nação de Israel. Ao longo

de todo o Livro de Daniel, a ênfase é sobre a nação de Israel, e o único motivo pelo qual outras nações são mencionadas é sua relação com os judeus. Ao mesmo tempo que o período da tribulação é um tempo de castigo para as nações gentias pela forma como pecaram contra os judeus (Jl 3:2-8), também é um tempo de peneirar e de purificar Israel, preparando os judeus para a volta de seu Messias (Am 9:9-12).

O fim (vv. 8-13). “Quanto tempo levárá?” e “Como terminará?” são perguntas que fazemos quando as coisas estão difíceis e o futuro é incerto. “Qual o propósito de tudo isso?” Daniel fez aquilo que todos nós devemos fazer: pediu humildemente ao Senhor a sabedoria de que precisava. Mas pode ser que o Senhor não nos diga (Dt 29:29)! Ele sabe de quanta informação precisamos e quanto podemos suportar (Jo 16:12). Ele prometeu que todas essas coisas ficariam mais claras para aqueles que estivessem vivendo nos últimos tempos, o que serve de encorajamento para que estudemos em oração as Escrituras proféticas.

Contudo, o Senhor revelou que, no final dos tempos, as pessoas da Terra passarão por provações, e essas provações tornarão os cristãos mais puros e sábios; mas os perversos aumentarão em perversidade. “Mas os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados” (2 Tm 3:13; ver Ap 22:11). Os incrédulos serão ignorantes da verdade, mas os cristãos terão seus olhos abertos para as verdades

da Palavra de Deus. A Palavra de profecia é nossa luz em meio à escuridão (2 Pe 1:19).

A relevância dos 1.290 dias e dos 1.335 dias não é esclarecida, mas há uma bênção relacionada ao segundo número. O ponto de partida é o meio da tribulação, quando a abominação desoladora for colocada no templo. Uma vez que há 1.260 dias (três anos e meio) até o fim da tribulação, o número 1.290 inclui trinta dias depois da volta de Cristo, e 1.335 representa setenta e cinco dias depois do fim da tribulação. O texto não diz qual é a importância desses dias ou como serão usados para abençoar o povo de Deus. Sem dúvida, há atividades que o Senhor deve dirigir e tarefas a cumprir, sendo que todas elas levam tempo. Talvez a maior tarefa de todas seja reunir seu povo disperso em meio às nações do mundo (Ez 20:33-38; Is 1:24 – 2:5; 4:2-6; 11:1-16), purificá-lo e prepará-lo para entrar no reino prometido.

Apesar de Deus ter ensinado muitas coisas a Daniel e de ter lhe revelado muitos mistérios, não cabia ao profeta tomar conhecimento de tudo antes de morrer. Ao aproximar-se o fim de sua vida, era suficiente saber que havia sido fiel ao Senhor e que, um dia, descansaria de seus trabalhos (Ap 14:13). Um dia, Daniel ressuscitará dentre os mortos e receberá a recompensa que o Senhor reservou para ele (Mt 25:21). “Quando acordar, eu me satisfarei com a tua semelhança” (Sl 17:15; ver 1 Jo 3:1-3; Rm 8:29).

1. Alguns comentaristas tentam encaixar Antíoco nessa seção, mas é preciso um bocado de esforço para isso. Opondo-se a tudo o que seja relacionado à religião e ao povo judeu, o anticristo irá muito além de qualquer coisa que Antíoco tenha tentado ou realizado. Antíoco não era contra a religião de um modo geral, somente contra o judaísmo. Procurou fazer dos deuses gregos seus objetos de adoração e colocou uma estátua de Zeus dentro do templo judeu. O anticristo se dirá um deus e colocará sua própria figura no templo.
2. Esse esboço segue a posição aceita, de modo geral, como pré-milenista, uma posição que parece concordar com o texto.
3. Muitos estudiosos acreditam que Apocalipse 6:1, 2 descreve o anticristo no início de sua ascensão ao poder. Tem arco mas não tem flechas; recebe sua coroa de outros e sai para a conquista. Uma vez que ele é uma “imitação de Cristo”, não surpreende que use uma coroa e que monte num cavalo branco (Ap 19:11ss). No entanto, Jesus empunha a espada da Palavra de Deus, e sua coroa lhe pertence.
4. A posição histórica pré-milenista ensina que a Igreja passará pela tribulação, será chamada quando Jesus voltar e depois virá à Terra com ele para governar em seu reino. Contudo, existem aqueles que afirmam que a Igreja será arrebatada antes da tribulação (1 Ts 4:13-18) e, portanto, escapará dessas dificuldades previstas.

5. O termo hebraico *elohim* pode significar Deus ou deuses. O uso de *um* ou de outro na tradução é determinado pelo contexto.
6. O fato de Daniel usar palavras como carros, cavaleiros e navios não sugere que nos últimos dias as nações voltarão a usar métodos antigos de guerra. Ele empregou palavras que tinham significado para os leitores de sua época, mas ao ler esse texto nos dias de hoje, devemos interpretá-las em termos modernos. O mesmo princípio aplica-se aos nomes geográficos do texto, como Moabe, Edom e Amom. O profeta está identificando territórios ocupados por povos antigos. Um argumento em favor de afirmar que essa é a mesma batalha descrita em Ezequiel 38 – 39 é o fato de ela ocorrer num momento em que Israel está em paz por causa da proteção do homem de iniquidade (Ez 38:11). Observe também que as duas invasões são como uma tempestade ou vendaval (Ez 38:9; Dn 11:40).
7. É o corpo e não a alma que dorme e que será “despertado” na ressurreição. A Bíblia não ensina em parte alguma o “repouso da alma”. A morte ocorre quando o espírito deixa o corpo (Tg 2:26; Lc 23:46). O espírito do cristão vai imediatamente para junto do Senhor (2 Co 5:1-8; Fp 1:20-24); o espírito do incrédulo vai para *um lugar de castigo, onde fica à espera do juízo final* (Lc 16:19-31). No último juízo, a morte entregará o corpo dos incrédulos, e o hades (“além”) entregará o espírito (Ap 20:13).

UM HOMEM DECIDIDO E MUI AMADO POR DEUS

UMA REVISÃO DE DANIEL

É importante estudar as profecias escritas por Daniel, mas também é importante compreender como Daniel viveu. O conhecimento do futuro revelado por Deus e a obediência ao que Deus ordena no presente devem andar juntos. “E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro” (1 Jo 3:3). “Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade” (2 Pe 3:11).

Tanto Daniel quanto José foram chamados por Deus para servir em lugares difíceis, no centro da autoridade em impérios pagãos. Os dois foram arrancados cruelmente de seus lares e entregues a senhores estrangeiros. Os dois passaram por períodos de provação e ambos mantiveram uma conduta e um caráter piedosos e tornaram-se líderes nacionais respeitados. Acima de tudo, ambos puderam ministrar ao povo de Deus e ajudar a preservar e a encorajar a nação de Israel em tempos difíceis. As palavras que Daniel escreveu deram coragem aos judeus nos séculos que seguiram sua libertação do cativeiro e serão um estímulo para eles no fim dos tempos, quando voltarem a ser terrivelmente perseguidos por seus inimigos.

É interessante observar que o Livro de Daniel e a carta de Paulo aos efésios têm muita coisa em comum. Efésios nos instrui sobre as batalhas espirituais nos lugares celestes (Ef 6:10-18), e Daniel participou de tais batalhas (Dn 10:10-21). Paulo faz duas orações em Efésios, a primeira pedindo esclarecimento (Ef 1:15-23) e a segunda pedindo capacitação (Ef 3:14-21). Daniel e seus amigos também oraram dessa forma, a fim de

que pudessem compreender o plano de Deus e receber o poder necessário para servir ao Senhor e permanecer fiéis até o fim.

A epístola de Paulo aos efésios enfatiza a postura espiritual dos cristãos: estamos assentados com Cristo (Ef 2:5, 6), andamos com ele (Ef 4:1, 17; 5:1, 2, 8, 15), ficamos firmes nele (Ef 6:11, 13, 14) e dobramos nossos joelhos para ele (Ef 3:14). Daniel foi um homem que dobrou os joelhos para o Senhor, andou com ele e manteve-se firme contra Satanás. Recebeu uma posição de autoridade na Babilônia, mas isso não foi nada comparado à autoridade que Deus lhe deu procedente do trono do céu. Daniel era um peregrino e estrangeiro na Babilônia, pois seu lar era em Israel e nós somos peregrinos e estrangeiros neste mundo, pois nossa cidadania encontra-se no céu (Fp 3:20, 21). Assim como Daniel e José, vivemos numa cultura estrangeira, com pessoas cuja maneira de pensar e de agir e cujos objetivos são completamente diferentes e opostos àqueles do povo de Deus. E, no entanto, Daniel e José mantiveram-se puros e ajudaram a transformar as pessoas e as circunstâncias, de modo que nós também podemos nos tornar transformadores em nosso mundo de hoje.

A chave para a vida e o ministério bem-sucedidos de Daniel encontra-se em Daniel 1:8 – “Resolveu Daniel, firmemente, não contaminar-se”. Ele era um homem decidido. Não se intimidava com pessoas poderosas nem se assustava com circunstâncias difíceis. Assim como Martinho Lutero na Dieta de Worms, o profeta disse: “Eis-me aqui. Não há mais o que eu possa fazer. Que Deus me ajude. Amém”.

Mas qual era a fonte da coragem e de firmeza de coração desse homem? Para a resposta a essa pergunta importante, façamos uma recapitulação da vida de Daniel.

1. ELE CRIA NUM DEUS SOBERANO

“O Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens” (Dn 4:25, 32; 5:21) – essa é uma das verdades fundamentais ensinadas no Livro de Daniel. Os ditadores e políticos suíços podiam achar que estavam no

controle, mas Daniel sabia da verdade. Como judeu devoto, sabia que existia apenas um Deus verdadeiro – o Senhor Jeová – e que ele governava todas as coisas com sabedoria e poder. Os babilônios mudaram o endereço de Daniel, bem como seu nome e sua educação, e tentaram mudar seus padrões, mas não conseguiram mudar sua teologia! Deus foi soberano quando permitiu que a Babilônia conquistasse Judá e foi soberano ao enviar Daniel e seus amigos à Babilônia. Em todos os aspectos da vida e do serviço de Daniel, ele dependia inteiramente do Deus do céu, que é soberano sobre todas as coisas.

Algumas pessoas relacionam soberania com escravidão, quando na verdade entregar-se à vontade soberana de Deus é o primeiro passo para a libertação. “E andarei com largueza, pois me empenho pelos teus preceitos” (Sl 119:45). Podemos nos entregar a ele com total confiança, pois ele é nosso Pai, nos ama demais para nos fazer mal e é sábio demais para errar.

A soberania divina também não deve ser confundida com fatalismo: “O que será, será”. O fatalismo é a crença numa força impersonal que cumpre seus propósitos cegos, porém inevitáveis, neste mundo, quer sejam as forças econômicas do materialismo ou do comunismo, quer seja a “sobrevivência do mais apto” segundo a evolução darwiniana. As perguntas que isso levanta são: “O que estabeleceu essa força? O que a mantém? Se ela é inevitável, por que podemos resistí-la ou escolher não aceitá-la?” O cristão crê num Deus pessoal, um Deus de amor cujos planos para nós são o que há de melhor (Jr 29:11). “O SENHOR é o meu pastor; nada me faltará” (Sl 23:1).

2. ELE POSSUÍA UMA VIDA DE ORAÇÃO DISCIPLINADA

O povo judeu era acostumado a orar às nove da manhã, ao meio-dia e às três da tarde – a terceira, a sexta e a nona hora do dia –, e Daniel levou essa disciplina consigo para a Babilônia. Aqueles que separam horários específicos para orar têm maior probabilidade de obedecer à ordem: “Orai sem cessar”

(1 Ts 5:17), pois os momentos especiais de oração nos ajudam a santificar o dia todo e a manter contato com Deus.

Quando Daniel e seus amigos precisaram saber qual havia sido o sonho de Nabucodonosor e compreender seu significado, entregaram-se à oração, e quando o Senhor lhes deu uma resposta, oraram ainda mais e agradeceram (Dn 2:14-23). Quando a vida de Daniel estava em perigo, ele foi para casa, orou, e o Senhor o livrou dos leões (Dn 6:10). Em várias ocasiões, Daniel pediu a Deus ou a seu mensageiro que lhe desse sabedoria para compreender as visões vindas do Senhor. Daniel dependia da oração.

Na igreja de hoje, parece que muita gente lembra-se de orar somente quando todo o resto dá errado. Sua tradução do Salmo 46:1 é: “Deus é nosso último refúgio quando nossa força se foi e não temos mais para onde ir”. Que triste! A. W. Tozer costumava dizer: “A fé pode tudo aquilo que Deus pode, e a oração pode tudo aquilo que a fé pode, se essa oração for feita pela fé”.¹ Daniel não orava apenas sozinho, mas também com seus amigos, pois sabia do valor de dois ou três cristãos reunidos para clamar ao Senhor. “Prefiro saber orar a ser um grande pregador”, dizia o evangelista D. L. Moody. “Jesus Cristo nunca ensinou seus discípulos a pregar, só os ensinou a orar.”

3. ELE ESTUDAVA A PALAVRA DE DEUS E CRIA NELA

Quando Daniel e seus amigos deixaram Jerusalém e foram para a Babilônia, levaram consigo alguns dos rolos contendo as Escrituras do Antigo Testamento. Sabemos que Daniel estudou as profecias de Jeremias (Dn 9:2) e podemos supor que esses homens tementes a Deus também conheciam outras partes da Palavra.

A oração e a Palavra de Deus andam juntas (At 6:4). Alguém perguntou a um ancião piedoso: “O que é mais importante para minha vida cristã, orar ou estudar a Palavra?”, e o ancião respondeu: “Qual das asas do pássaro é mais importante para ele voar, a da direita ou a da esquerda?”. Ao ler a Palavra de Deus e estudá-la, devemos orar

pedindo sabedoria para compreendê-la e poder para lhe obedecer. Também devemos transformar a Palavra em oração. Ao orar, devemos nos lembrar daquilo que aprendemos das Escrituras, pois a Palavra aumenta a nossa fé (Rm 10:17) e nos ajuda a orar de acordo com a vontade de Deus (Jo 15:7).

Daniel não estudava a Palavra de Deus para impressionar as pessoas; ele a estudaava para determinar qual era a vontade de Deus e lhe obedecer. Quando Deus o instruiu sobre os setenta anos de cativeiro, Daniel começou imediatamente a orar para que Deus perdoasse seu povo e cumprisse suas promessas, e foi o que Deus fez. Quando você conhece a Palavra de Deus e anda em comunhão com o Deus da Palavra, tem um coração decidido e é capaz de suportar os ataques do diabo.

4. ELE POSSUÍA DISCERNIMENTO SOBRE A GUERRA ESPIRITUAL

Daniel 10 é um capítulo-chave para os guerreiros de oração, pessoas que batalham em oração (Cl 4:12) e que procuram, sob o poder de Deus, derrubar as fortalezas do inimigo que impedem que a verdade de Deus chegue à mente dos incrédulos (2 Co 10:1-6). Quando estava pastoreando a igreja Moody em Chicago, encontrava-me regularmente com três amigos do ministério e juntos nos dedicávamos a batalhar em oração. Pela fé, procurávamos atacar as fortalezas de Satanás e abrir caminho para que a Palavra de Deus mudasse a vida das pessoas em dificuldades. Deus nos deu muitas vitórias maravilhosas, de maneiras que jamais poderíamos ter imaginado.

Quando, pela fé, vestimos toda a armadura de Deus e dependemos do poder de Deus, ele nos dá a capacidade de “ficar firmes” e de “permanecer inabaláveis” (Ef 6:10-14). Não somos apenas alvos corajosos – somos combatentes vigorosos! Defendemos o território que Deus nos deu e avançamos para conquistar novos espaços.

Reconheço que o conceito de guerra espiritual tem sido abusado por alguns e ridicularizado por outros, mas isso não deve nos impedir de imitar os grandes santos,

como Daniel e Paulo, que invadiram o território de Satanás e permaneceram firmes quando foram ameaçados. As palavras de Isaac Waats expressam perfeitamente essa verdade:

Não há inimigos a enfrentar?
Não há correnteza contra a qual nadar?
Não há um amigo para agraciar este mundo odioso,
ajudando-me a caminhar com nosso Deus amoroso?
Devo lutar, se quero vencer;
minha coragem ó vem, Senhor, faz crescer;
Irei labutar e a dor suportar,
sustentado por tua Palavra sem par.

5. ELE BUSCAVA SOMENTE A GLÓRIA DE DEUS

“Há um Deus no céu, o qual revela os mistérios” (Dn 2:28), disse Daniel ao poderoso monarca, dando toda a glória ao Senhor, e, mais tarde, o próprio Nabucodonosor viu-se glorificando a Deus (v. 47; Dn 4:34, 35). Quando o rei recompensou Daniel por seu serviço, Daniel pediu que inclísse seus três amigos, pois haviam sido parte importante das orações que haviam revelado a resposta. Quando Belsazar tentou cobrir Daniel de elogios e influenciá-lo com seus presentes, o profeta colocou tudo de lado e, cheio de coragem, interpretou as más notícias para o rei (Dn 5:13-17).

Ao longo de sua vida, Daniel foi um homem poderoso no reino, mas usou seus dons, aptidões e oportunidades para honrar a Deus e ministrar a outros. Alguém disse bem que a verdadeira humildade não é pensar em si mesmo como sendo inferior, mas sim nem sequer pensar em si mesmo! Jesus veio como servo (Fp 2), e é seu exemplo que devemos seguir. Vejo muitas propagandas de congressos sobre liderança para cristãos hoje em dia; talvez precisemos organizar alguns congressos sobre “servidão”, pois um verdadeiro líder é sempre um servo humilde. Foi o caso de José, Moisés, Josué, Davi e Neemias, bem como de nosso Senhor e de seus apóstolos. Será que temos algo a acrescentar aos ensinamentos desses servos?

6. ELE ESTAVA CIENTE QUE TINHA UM TRABALHO A FAZER

Assim como José no Egito, Daniel não se queixou de sua sorte, mas tentou, com a ajuda de Deus, usar suas circunstâncias da melhor maneira possível. Sabia que o Senhor soberano no qual confiava tinha um plano específico para a vida dele e procurou cumprí-lo. Não buscou as promoções que obteve, mas as recebeu de Deus. Fez bem seu trabalho, foi um servo fiel e confiável, e nem seus inimigos conseguiram encontrar nele algum motivo de crítica (Dn 6:1-5). Se alguém mereceu a aprovação divina de Jesus expressa em Mateus 25:21, foi Daniel.

Ele foi funcionário do governo e, ao mesmo tempo, profeta do Senhor. Deus o colocou num alto cargo a fim de poder usá-lo para servir ao Senhor e a seu povo. Não há registro disso, mas deve ter havido muitas ocasiões em que Daniel representou os cativos judeus diante do rei e ajudou a tornar a vida deles menos atribulada. Pode ser que tenha influenciado a decisão de Ciro de permitir que os judeus voltassem para casa. Precisamos de cristãos consagrados em posições de autoridade, de homens e mulheres que sejam exemplos de piedade e instrumentos de justiça.

7. ELE ERA DIPLOMÁTICO E ATENCIOSO

Algumas pessoas acreditam que a única maneira de mudar alguma coisa no mundo político é explodir prédios, paralisar o trânsito ou atacar aqueles que consideram ser os maus elementos. Daniel exerceu uma influência considerável no governo de quatro reis e, no entanto, nunca usou de força, de acusações ou de ameaças. “É necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e sim deve ser brando para com todos” (2 Tm 2:24).

Quando Daniel e seus amigos quiseram comer alimentos puros e não dedicados a ídolos, não fizeram greve de fome nem argumentaram com aqueles que estavam no controle. Daniel sabia que qualquer problema que criasse implicaria o oficial para o qual haviam sido designados e o colocaria em apuros, de modo que usou de uma

abordagem diferente. Com toda diplomacia, perguntou se poderia fazer uma experiência de dez dias, sabendo que o Senhor lhes daria sucesso. Conquistou o respeito e a confiança do oficial encarregado, e por todo o palácio correu a notícia de que os quatro rapazes judeus que estavam sendo treinados não eram encrenqueiros.

Sem dúvida Daniel não concordava com a teologia nem com o modo de vida dos governantes, mas ainda assim respeitava o cargo dessas pessoas (ver o ensinamento de Paulo sobre esse assunto em Rm 13). Dirigia-se a elas e falava delas com respeito e cultivava uma “linguagem sadia e irrepreensível” (Tt 2:8). Com frequência excessiva, os cristãos adotam uma atitude de superioridade e deixam de mostrar o devido respeito para com os oficiais dos quais discordam, prejudicando assim a causa de Cristo.

8. ELE POSSUÍA DISCERNIMENTO SOBRE A HISTÓRIA HUMANA

Os estudiosos tentaram juntar as peças do quebra-cabeça que chamamos de “história”, mas até suas tentativas mais impecáveis não foram bem-sucedidas. Assim como a lista telefônica, os registros históricos possuem grande número de personagens, mas nenhuma trama. É impossível interpretar a história corretamente sem ter conhecimento das Escrituras. A nação de Israel encontra-se no centro da história. Isso porque Israel é o meio que Deus escolheu para trazer a salvação ao mundo, “porque a salvação vem dos judeus” (Jo 4:22). No cerne da história de Israel está a aliança de Deus com Abraão (Gn 12:1-3), bem como sua aliança com os hebreus no Sinai (Ex 20 – 24) e nas campinas de Moabe (Dt 27 – 30). Se os israelitas obedecessem, Deus iria abençoá-los e fazer deles uma bênção para os gentios. Se desobedecessem, Deus iria discipliná-los, usando para isso as nações gentias.

As visões serviram para ensinar a Daniel que as nações do mundo possuíam um caráter animalesco, feito leões, leopardos, carneiros e bodes. O orgulho de Nabucodonosor transformou-o num animal (Dn 4), e é esse mesmo orgulho que faz dos líderes ferias que

devoram umas às outras. Por um lado, nosso mundo está melhorando, e somos gratos por todos os avanços nas áreas de medicina, comunicação, transportes, segurança e conforto. Por outro lado, as nações do mundo tornam-se cada vez mais desprezíveis, como Deus revelou na visão da grande estátua (Dn 2). Passam do ouro para a prata, da prata para o bronze, do bronze para o ferro e do ferro para o barro! Não se trata apenas de um decréscimo de valor, mas também de força. Ao chegar nos pés e artelhos da estátua, não resta outra coisa senão barro para mantê-la unida!

Daniel não tinha ilusões sobre o futuro. Sabia qual era a natureza do coração humano e sabia o que Deus havia planejado fazer. Não é de se admirar que seu coração fosse decidido e que nada pudesse abalá-lo nem demovê-lo! Podia dizer como Paulo na tempestade: “Portanto, senhores, tende bom ânimo! Pois eu confio em Deus que sucederá do modo por que me foi dito” (At 27:25).

9. ELE FEZ JUS AO SEU NOME

Daniel significa “Deus é meu juiz”. Daniel levou sua vida diante dos olhos do Senhor, que tudo vê, e fez aquilo que era agradável ao Senhor. Não se preocupou com o que o rei pensava dele ou de suas interpretações, simplesmente transmitiu a mensagem de

Deus e deixou os resultados ao encargo do Senhor. Que diferença fazia o fato de os outros conselheiros o desprezarem e de tentarem matá-lo? Sua vida e reputação estavam nas mãos do Senhor, e a vontade de Deus é sempre o ideal. É de se admirar que Deus amasse tanto Daniel?

D. L. Moody pregava sobre Daniel com freqüência. Eis um trecho de uma de suas mensagens:

Daniel valorizava mais seus princípios do que a honra terrena e a admiração dos homens. Seus valores eram definidos. Fazia o que era certo no presente e deixava que o futuro tomasse conta de si mesmo. Essa firmeza de propósito, na força de Deus, foi o segredo de seu sucesso.²

Um dos colegas de Moody, o músico Philip P. Bliss, expressou esse fato numa canção que não é muito conhecida hoje em dia, mas cuja mensagem certamente é necessária. O refrão diz:

Ouse ser como Daniel!
Propósitos firmes sempre ter!
Ouse ser fiel!
Para que todos possam saber!

Seja decidido!

1. TOZER, A. W. *The Set of the Sail*. Christian Publications, p. 33.

2. MOODY, D. L. *Bible Characters*. Fleming H. Revell, 1888, p. 9.

O SÉIAS

ESBOÇO

Tema-chave: A devoção ao Senhor é como a fidelidade no casamento. A idolatria é como o adultério.

Versículo-chave: Oséias 2:20

I. DESCRIÇÃO DA INFIDELIDADE DE ISRAEL – 1 – 3

1. Deus é bondoso – 1:1 – 2:1
2. Deus é santo – 2:2-13
3. Deus é amor – 2:14 – 3:5

II. DENÚNCIA DOS PECADOS DE ISRAEL – 4 – 7

1. Ignorância – 4:1-11
2. Idolatria – 4:12 – 5:15
3. Insinceridade – 6:1 – 7:16

III. DETERMINAÇÃO DO JULGAMENTO DE ISRAEL – 8 – 10

1. A invasão assíria – 8
2. A dispersão de Israel – 9
3. A colheita do que semearam – 10

IV. DECLARAÇÃO DA RESTAURAÇÃO DE ISRAEL – 11 – 14

1. As misericórdias de Deus no passado – 11
2. As disciplinas de Deus no presente – 12 – 13
3. As promessas de Deus para o futuro – 14

CONTEÚDO

1. Você se casou com quem?
(Os 1 – 3)..... 391
2. O que farei com você?
(Os 4 – 10)..... 397
3. Amor tão admirável
(Os 11 – 14)..... 405

VOCÊ SE CASOU COM QUEM?

OSÉIAS 1 – 3

Os profetas às vezes fazem coisas estranhas. Por três anos, Isaías perturbou as pessoas andando pelas ruas vestido como um prisioneiro de guerra. Durante vários meses, Jeremias carregou um jugo sobre os ombros. O profeta Ezequiel comportou-se como um menino “brincando de guerra” e, em certa ocasião, usou um corte de cabelo como ilustração teológica. Depois da morte súbita de sua esposa, Ezequiel transformou sua experiência dolorosa num sermão.¹ Por que esses homens fizeram tais esquisitices?

Essas “coisas esquisitas”, na verdade, foram gestos de misericórdia. O povo de Deus havia se tornado surdo para a voz do Senhor e não se importava mais com sua aliança. O Senhor chamou seus servos a fazer coisas incomuns – “sermões práticos” – na esperança de que o povo despertasse e ouvisse o que Deus tinha a dizer. Só então poderiam ser poupadados da disciplina e do julgamento divinos.

No entanto, nenhum profeta pregou um “sermão prático” mais doloroso que Oséias. Ele foi instruído a casar-se com uma prostituta chamada Gômer que lhe deu três filhos, sendo que o profeta nem sequer tinha certeza de que era o pai das duas últimas crianças. Então, Gômer abandonou-o para juntar-se com outro homem, e coube a Oséias a responsabilidade humilhante de comprar de volta sua própria esposa.

O que vem a ser tudo isso? Trata-se de um retrato muito claro daquilo que o povo de Israel havia feito com seu Deus, prostituindo-se com ídolos e cometendo “adultério espiritual”. Uma vez que o povo de Deus, nos dias de hoje, se vê diante da mesma

tentação (Tg 4:4), devemos considerar aquilo que Oséias escreveu a seu povo. Cada uma das pessoas desse drama – Oséias, Gômer e os filhos – nos ensina uma lição espiritual importante sobre o Deus a quem Israel estava desobedecendo e entristecendo.

1. OS FILHOS: DEUS É CHEIO DE GRAÇA (Os 1:1 – 2:1)

A época (1:1). Oséias cita o nome de quatro reis de Judá e de apenas um rei de Israel, Jeroboão II. Os reis de Judá, obviamente, pertenciam à dinastia de Davi, única dinastia aceita pelo Senhor (1 Rs 11:36; 15:4). Os reis de Israel foram um bando perverso que seguiu os pecados do primeiro rei de Israel, Jeroboão I, que se recusou a arrepender-se e a voltar-se para Deus (2 Rs 13:6).

Depois da morte de Jeroboão II, seu filho, Zacarias, foi rei por apenas seis meses e foi assassinado por seu sucessor, Salum, que por sua vez também foi morto depois de reinar somente um mês. Menaém reinou dez anos; seu filho, Pecaías, governou durante dois anos antes de ser assassinado por Peca, que conseguiu manter-se no trono por vinte anos. Foi morto por Oséias, que reinou dez anos, sendo o último rei de Israel. Durante seu reinado perverso, a nação foi conquistada pela Assíria, os judeus misturaram-se com os estrangeiros que os assírios levaram para a terra, e a raça mestiça resultante ficou conhecida como samaritanos.

Que época para se servir ao Senhor! O homicídio, a idolatria e a imoralidade corriam soltos pela terra, e ninguém parecia interessado em ouvir a Palavra de Deus! Para completar, Deus ordenou que seu profeta se casasse e constituísse uma família!

O casamento (1:2). Deparamo-nos aqui com um ponto um tanto controverso, pois não há consenso entre os estudiosos da Bíblia quanto ao tipo de mulher com o qual Oséias se casou. Pode ter se casado com uma mulher casta que depois se tornou prostituta ou com uma prostituta que lhe deu três filhos.²

No Antigo Testamento, a prostituição era símbolo da idolatria e da infidelidade para com Deus (Jr 2 – 3; Ez 16; 23). Uma vez que

os judeus mostraram-se idólatras desde o princípio (Js 24:2, 3, 14), é provável que Gômer já fosse uma prostituta quando se casou com Oséias, pois isso simbolizaria melhor a relação de Israel com o Senhor. Deus chamou Israel quando ele se encontrava na idolatria, “casou-se” com ela no monte Sinai quando o povo aceitou sua aliança (Êx 19 – 21); mais tarde se entristeceu por ela abandoná-lo e trocá-lo pelos falsos deuses da terra de Canaã. Assim como Gômer, Israel começou como idólatra, “casou-se” com Jeová e acabou voltando à idolatria.

Se Oséias tivesse se casado com uma mulher casta que mais tarde se tornou infiel, a expressão “mulher de prostituições” em Oséias 1:2 deveria significar, então, “uma mulher com tendência ao meretrício que viria a prostituir-se posteriormente”, o que parece uma interpretação forçada desse versículo.³ Mas seria possível Deus pedir a seu servo fiel que se casasse com uma mulher impura? Por que não? Poderíamos muito bem perguntar: “Deus tinha o direito de permitir que a mulher de Ezequiel morresse?”. Ainda que se casar com uma prostituta não fosse a coisa mais prudente a fazer, esse tipo de casamento só era proibido a sacerdotes (Lv 21:7). Salmom casou-se com Raabe, a prostituta que se tornou bisavó do rei Davi e antepassada de Jesus Cristo (Mt 1:4, 5).

Os nomes (1:3-9). Assim como os dois filhos de Isaías (Is 7:3 e 8:3) e muitas outras pessoas na Bíblia, os três filhos de Gômer receberam nomes significativos escolhidos pelo Senhor.

O primeiro filho, um menino, foi chamado Jezreel (Os 1:4, 5), que significa “Deus semeia” ou “Deus dispersa”. Jezreel era uma cidade da tribo de Issacar, próxima ao monte Gilboa, associada ao juízo severo que Jeú executou sobre a família de Acabe (2 Rs 9 – 10; e ver 1 Rs 21:21-24 e 2 Rs 9:6-10). Jeú foi tão zeloso em purificar a terra dos descendentes perversos de Acabe que matou muito mais gente do que o Senhor havia ordenado, inclusive o rei Acazias, de Judá, e quarenta e dois de seus parentes (2 Rs 9:27 – 10:14).

Por meio do nascimento do filho de Oséias, Deus anunciou que se vingaria do sangue inocente derramado por Jeú e que daria um fim à dinastia de Jeú em Israel. Isso se cumpriu em 752 a.C., quando Zacarias – tataraneto de Jeú e o último de sua dinastia a reinar – foi assassinado (ver 2 Rs 10:30). Deus também anunciou que o reino todo de Israel chegaria ao fim com a derrota de seu exército, o que ocorreu em 724 a.C.

A segunda criança era uma filha chamada Lo-Ruama, que significa “Desfavorecida” ou “Não-amada” (Os 1:6, 7). Deus havia amado seu povo e provado esse amor de várias maneiras, mas retiraria a demonstração desse amor e deixaria de ser misericordioso. A expressão do amor de Deus certamente é incondicional, mas só desfrutamos esse amor de acordo com nossa fé e obediência (ver Dt 7:6-12 e 2 Co 6:14 – 7:1). Deus permitiria que os assírios tomassem o reino do Norte, mas protegeria o reino do Sul, Judá (Is 36 – 37; 2 Rs 19).

Lo-Ami foi o terceiro filho e seu nome significa “Não-Meu-Povo” (Os 1:8, 9). Deus não apenas removeria sua misericórdia de seu povo, mas também renunciaria à aliança que havia feito com ele. Seria como um homem divorciando-se de sua esposa e dando as costas a ela ou como um pai rejeitando o próprio filho (ver Êx 4:22 e Os 11:1).

Os novos nomes (1:10 – 2:1). Aqui entra em cena a graça de Deus, pois um dia Deus mudará esses nomes.⁴ “Não-Meu-Povo” se tornará “Meu Povo”, “Desfavorecida” passará a ser “Favor”. Esses novos nomes refletem uma nova relação entre Deus e a nação, pois todos serão “filhos do Deus vivo”.⁵ Judá e Israel se unirão como uma só nação e se submeterão ao governante de Deus, reparando uma divisão que durou séculos.

Em vez de ser um lugar de matança e de julgamento, “Jezreel” será um lugar de semeadura, em que Deus semeará seu povo com júbilo e em sua própria terra e os fará prosperar. Hoje em dia, os judeus estão dispersos pelo mundo gentio (Zc 10:9), mas um dia o Senhor os plantará em sua própria

terra e restaurará sua glória. Como Deus prometeu a Abraão, Israel será como areia na praia (Gn 22:17).

Quando se realizarão essas promessas da graça de Deus para os judeus? Quando reconhecerem seu Messias em sua volta, crerem nele e forem purificados (Zc 12:10–13:1). Então entrarão em seu reino, e as promessas dos profetas se cumprirão (Is 11–12; 32; 35; Jr 30 – 31; Ez 37; Am 9:11–15).

Os três filhos nos ensinam sobre a graça de Deus. Consideremos agora a lição que podemos aprender de Gômer.

2. GÔMER: DEUS É SANTO (Os 2:2-13)

Oséias se distingue como o profeta do amor, mas ao contrário de alguns mestres de hoje, não minimiza a santidade de Deus. A Bíblia diz que “Deus é amor” (1 Jo 4:8, 16), mas também nos lembra de que “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” (1 Jo 1:5). O amor de Deus é um amor santo e não um sentimento piegas que mima o pecador e que é conivente com o pecado.

O profeta concentra-se em três pecados específicos: a idolatria (adultério espiritual), a ingratidão e a hipocrisia.

Idolatria (vv. 2-5a). Deus fala aos filhos e lhes diz para repreender sua mãe por sua infidelidade. Israel era culpado de adorar a deuses de nações pagãs a seu redor, especialmente o deus cananeu da chuva, Baal. Sempre que havia uma seca ou fome, em vez de se voltarem para o Senhor, os israelitas buscavam a ajuda de Baal (ver 1 Rs 18 – 19). A adoração pagã envolvia ritos sensuais de fertilidade, e para isso havia prostitutas cultuais de ambos os性os. A idolatria era sinônimo de prostituição tanto no sentido literal quanto no simbólico.⁶

Uma vez que o povo estava agindo como uma prostituta, Deus iria tratá-lo como tal e envergonhá-lo publicamente. Não iria mais considerar a nação como sua esposa, pois ela havia rompido sua aliança matrimonial solene e tido relações com ídolos. De acordo com a lei de Moisés, o adultério era um pecado capital, punível com a morte, mas Deus anunciou que iria disciplinar Israel, porém não destruí-lo.⁷

A infidelidade ao Senhor é um pecado grave, assim como a infidelidade dentro do casamento. Um homem que diz ser 90% fiel não tem fidelidade alguma para com a esposa. Assim como Israel foi tentado a abandonar Deus e a buscar os ídolos, a Igreja é tentada pela mentalidade do mundo que odeia Deus e que não quer nada com ele.

Devemos ter cuidado para não amar o mundo (1 Jo 2:15-17), para não ser amigos do mundo (Tg 4:4), para não ser maculados pelo mundo (Tg 1:27) e para não nos conformar com o mundo (Rm 12:2). Cada cristão e cada igreja local devem permanecer fiéis a Jesus Cristo, o Noivo, até que ele volte para buscar sua noiva para as bodas celestes (2 Co 11:1-4; Ef 5:22-33; Ap 19:6-9).

Ingratidão (vv. 5b-9). Em vez de agradecer ao verdadeiro Deus suas bênçãos de comida, água e roupas, a nação agradecia aos falsos deuses essas dádivas e servia a ídolos. Quanta ingratidão! Deus provia a chuva para a terra (Dt 11:8-17), mas os israelitas davam crédito a Baal, o deus da chuva. Devemos agradecer a Deus e reconhecer sua bondade pelo fato de ele nos dar capacidade de adquirir riqueza (Dt 8:17, 18) e de desfrutar as bênçãos da vida (1 Tm 6:17). Que grande perversidade é tomar as dádivas de Deus e usá-las para adorar falsos deuses!

Deus tinha todo o direito de abandonar seu povo, mas, em vez disso, escolheu discipliná-lo. A nação correria atrás de falsos deuses, mas Jeová colocaria barreiras em seu caminho e confundiria seus planos para que tropeçassem. Tomaria deles as dádivas e deixaria o povo tão despojado quanto um bebê recém-nascido e tão estéril quanto um deserto.

É impressionante o número de vezes nas Escrituras que o povo de Deus é admoestado a ser grato. Observei pelo menos quinze passagens em que somos ordenados a “dar graças ao Senhor”, e o Salmo 100:4 e Colossenses 3:15 nos exortam à gratidão. Tanto Jesus quanto Paulo serviram de exemplo ao dar graças ao Senhor por suas bênçãos. Um dos primeiros passos para a rebelião contra Deus é recusar-se a dar graças por suas misericórdias (Rm 1:21). Deus não permitirá

que desfrutemos suas dâdivas e, ao mesmo tempo, ignoremos o Doador, pois essa é a essência da idolatria.

Hipocrisia (vv. 10-13). O povo ainda gostava de celebrar os dias santos judaicos, mas em seu coração dava glória a Baal e a outros falsos deuses. Infelizmente, seus irmãos e irmãs de Jerusalém estavam cometendo o mesmo pecado no templo (Is 1). Como é fácil freqüentar os cultos e praticar os rituais de adoração a Deus quando nosso coração, na verdade, está longe do Senhor (Mt 15:7-9).

No entanto, a verdade acabaria aparecendo, pois Deus iria julgar seu povo e tornar evidente sua hipocrisia. Tiraria deles suas bênçãos e os entregaria a seus pecados, pois um dos grandes julgamentos de Deus sobre qualquer povo é deixar que consigam aquilo que querem. Deus é santo e não permite que seu povo desfrute o pecado por muito tempo nem que viva de substitutos. Na Bíblia, encontramos oito vezes a admoestação: “Sereis santos, pois eu sou santo”, e Deus fala sério.

3. OSÉIAS: DEUS É AMOR (Os 2:14 – 3:5)

Os três filhos nos instruíram sobre a graça de Deus, e Gômer nos ensinou sobre a santidade de Deus. Oséias nos fala do amor de Deus.

“Oséias foi um dos homens mais amorosos de todos os tempos”, escreveu Kyle M. Yates. “Seu amor era tão intenso que nem os comportamentos mais vis podiam arrefecê-lo [...]” Gômer partiu o coração dele, mas possibilitou que o profeta desse ao mundo um retrato do coração do Deus amoroso.⁸

A promessa do amor de Deus (2:14-23). As várias declarações usando o tempo futuro nesses versículos (“eu a atrairei [...] levarei [...] falarei [...]”) nos garantem que Deus tem um futuro maravilhoso planejado para o povo judeu. Vejamos suas promessas.

Ele começa com “Eu a atrairei” (v. 14). Deus não tenta forçar seu povo a amá-lo. Antes, ele o atrai como um homem amoroso faz com sua amada, pedindo sua mão

em casamento. Por certo, Deus falou a seu povo com ternura por meio de sua Palavra e das muitas bênçãos que lhe concedeu em sua terra. Assim como ele o conduziu pelo deserto e “casou-se” com ele no Sinai, Deus encontrará sua amada no deserto nos últimos dias e a conduzirá para sua terra em seu reino glorioso.

A promessa seguinte é “E lhe darei” (v. 15), uma garantia do Senhor de que voltarão para a terra e terão sua propriedade restituída. Mais uma vez, o Senhor muda o significado de um nome, dessa vez, do “vale de Acor”. Para Israel, o vale de Acor (“dificuldade”) foi o lugar onde Acã roubou do Senhor e trouxe a derrota vergonhosa sobre o exército de Israel, mas aquele fato seria apagado de sua memória. O vale se tornaria a “porta da esperança” pela qual Israel entraria em uma nova vida. Essa experiência produziria cânticos, como quando Israel fugiu do Egito e viu seus inimigos derrotados diante de seus olhos (Êx 14 – 15). “Sarom servirá de campo de pasto de ovelhas, e o vale de Acor, de lugar de repouso de gado, para o meu povo que me buscar” (Is 65:10). Essa é uma versão do Antigo Testamento para Romanos 8:28, pois somente o Senhor pode tomar a derrota e a vergonha e transformá-las em vitória e glória.

A terceira promessa de Deus é “Da sua boca tirarei” (Os 2:16, 17). Deus declara o fim da idolatria no meio do seu povo. Teriam um novo vocabulário e nunca mais falariam dos “baalins”. O termo “Ishi”, no original, significa “Meu marido”, e “Meu Baal” quer dizer “Meu mestre”. Ambos os termos eram usados pelas esposas israelitas quando se dirigiam ao marido, mas, no reino futuro, todo judeu chamará Deus de “meu marido”, pois o relacionamento matrimonial divino será restaurado. Israel não se prostituirá mais com ídolos, mas amará e servirá o verdadeiro Deus vivo.

A quarta promessa de Deus é “Despolar-te-ei comigo” (vv. 18-20). O resultado de Deus atrair Israel será que ela se entregará a ele e entrará num relacionamento de aliança que jamais terá fim. Essa nova aliança incluirá uma criação restaurada (ver

Gn 9:1-10; Rm 8:18-22) e paz entre as nações. Dentre os “presentes de casamento” haverá bênçãos como a retidão, a justiça, o amor, a compaixão e a fidelidade – tudo o que havia faltado a Israel durante os anos de separação de seu Marido, o Deus Jeová.

A quinta promessa é “eu serei obsequioso” (Os 2:21, 22). Esses dois versículos descrevem um diálogo cósmico extraordinário, no qual o Senhor fala aos céus e à Terra e eles respondem e se comunicam trazendo bênçãos ao povo de Deus. Os céus mandam chuvas, a terra produz seus frutos, e o Senhor envia suas ricas bênçãos. Trata-se de um retrato de um universo restaurado, em que o pecado e a morte não reinam mais (Rm 5:12-21).

A promessa final desse texto é “Semearei” (Os 2:23). A palavra “Jezreel” significa “Deus semeia”. A imagem apresentada é de Deus semeando seu povo na terra da mesma forma como um lavrador lança sementes. Ele lhes diz: “Tu és meu povo!”, e o povo responde: “Tu és meu Deus!”, o que nos remete aos nomes dos filhos que Deus, em sua graça, havia mudado.

O retrato do amor de Deus (3:1-5). Trata-se de outro “sermão prático”, no qual Oséias toma de volta para si sua esposa desafeta e a leva para casa consigo. Gômer havia abandonado Oséias e estava vivendo com um amante, outra imagem da forma como Israel havia tratado o Senhor. Oséias teve de comprá-la de volta por quinze peças de prata (metade do preço de um escravo; Ex 21:32) e cerca de trezentos litros de cevada (“um ômer e meio”). Não era um preço exorbitante, pois ela havia se depreciado com seus pecados. É preciso lembrar que Deus comprou todos nós pelo preço extraordinário do sangue de seu único Filho (1 Pe 1:18, 19).

Oséias 3:3 indica que Oséias não teve relações íntimas com Gômer logo em seguida, mas esperou para ver se ela lhe seria fiel. É possível que também quisesse certificar-se de que ela não estava grávida de um filho de outro homem. Mas até isso tem uma mensagem espiritual: apesar de já ter sido comprado pelo Messias (Jo 11:47-52; Is

53:8), o Israel de hoje ainda não voltou para o Senhor.

Hoje, Israel não tem um rei, pois rejeitou seu Rei e, portanto, não tem um reino. “Não queremos que este reine sobre nós” (Lc 19:14). “Não temos rei, senão César!” (Jo 19:15). Não tem um príncipe, pois não há dinastia alguma reinando sobre Israel. Todos os registros foram destruídos quando os romanos tomaram Jerusalém no ano 70 d.C. e ninguém pode provar a que tribo pertence.

Os israelitas não têm sacrifícios, pois não há templo, nem altar nem sacerdócio. Não têm coluna (imagem) nem ídolos do lar (terafins), pois a idolatria foi removida de sua cultura durante o cativeiro na Babilônia. (Como no caso dos gentios, é possível que tenham outros tipos de ídolo em seu coração!) Falta-lhes a estola sacerdotal (Ex 28:1-14), pois não têm sumo sacerdote. O único Sumo Sacerdote reconhecido por Deus é o seu Filho, que intercede no céu.

Contudo, há um “depois”! Israel não ficará “sem” para sempre, pois verá seu Messias, se arrependerá de seus pecados e dirá: “Tu és meu Deus!”. Entrará numa relação abençoado na qual o Senhor diz: “Tu és meu povo!”. Isso ocorrerá “nos últimos dias”, quando o Rei messiânico assentar-se no trono de Davi e julgar com justiça (Mt 19:28; Lc 1:32, 33).

Os verbos-chave da profecia de Oséias são “voltar”, “tornar” e “converter-se”. Quando Israel se arrepender e tornar ao Senhor, então o Senhor tornará a abençoar Israel (Os 2:7, 8). Deus tornou a seu lugar e deixou Israel sozinho (Os 5:15), até que, angustiado, ele o busque (Os 6:1).

Esta é a mensagem de Oséias: “Volta, ó Israel, para o SENHOR [...]. Tende convosco palavras de arrependimento e convertei-vos ao SENHOR; dizei-lhe: Perdoa toda iniqüidade, aceita o que é bom e, em vez de novilhos, os sacrifícios dos nossos lábios” (Os 14:1, 2).

Essa oração é apropriada para qualquer pecador, judeu ou gentio. Em resumo:

Deus é cheio de graça, e seja qual for o “nome” que recebermos ao nascer, ele pode

mudá-lo e nos dar um recomeço. Até mesmo o “vale da dificuldade” pode transformar-se numa “porta de esperança”.

Deus é santo e deve tratar do pecado. A essência da idolatria é desfrutar as dádivas, mas não honrar o Doador. Viver para o

mundo é partir o coração de Deus e come-
ter “adultério espiritual”.

Deus é amor e promete perdoar e res-
taurar todos os que se arrependem e que
voltarem para ele. Promete, ainda, abençoar
todos os que confiarem nele.

1. Ver Isaías 20; Jeremias 27 – 28; Ezequiel 4:1-8; 5:1ss; 12:1-16; 24:15ss.
2. Ao estudar os comentários, descobre-se que são defendidas várias idéias: (1) Gômer era uma mulher casta que mais tarde se tornou prostituta e teve três filhos com Oséias; (2) Gômer era uma mulher casta que se tornou prostituta e teve um filho com Oséias, mas também deu à luz uma filha e outro filho, dos quais Oséias não era o pai; (3) Gômer era prostituta desde o princípio e teve três filhos com Oséias; (4) Gômer era uma prostituta desde o princípio e teve um filho com Oséias e dois filhos com outro homem; (5) Gômer era uma prostituta com três filhos, mas Oséias divorciou-se dela e casou-se com outra mulher, que era adúltera (Os 3:1). É fácil perder de vista a mensagem principal que Deus deseja transmitir: ele amava seu povo e queria que correspondessem a esse amor. Ao adorar a ídolos, estavam fazendo o que era mau, assim como uma mulher que é infiel ao marido. Não estavam apenas pecando contra a lei de Deus, mas também contra o amor de Deus. Quanto à legitimidade dos filhos, o fato de Oséias 1:6 e 8 dizer que Gômer deu-lhe uma filha e um filho não significa que ele era o pai dessas crianças. Parece natural pressupor, pelo contexto, que Oséias fosse o pai. Ver Gênesis 30:17-24 para uma declaração semelhante.
3. Outra tradução possível é: “Vai e casa-te com uma moça que é prostituta”.
4. Nas Escrituras, uma mudança de nome com freqüência é evidência da graça de Deus operando na vida das pessoas. Abrão tornou-se Abraão, e Sarai foi chamada de Sara (Gn 17). Simão tornou-se Pedro (Jo 1:42), e Saulo de Tarso veio a ser Paulo (*Paulus* = pequeno).
5. Paulo cita Oséias 1:10 e 2:23, em Romanos 9:25, 26, para provar que a salvação dos gentios sempre foi parte do plano de Deus. Ele usa o nome “Não-Meu-Povo” para os gentios, como fez em Efésios 2:11-22. Na Igreja primitiva, alguns cristãos mais legalistas acreditavam que os gentios precisavam antes se tornar judeus para poder ser cristãos (At 10 – 11; 15), mas Paulo defendeu o evangelho da graça de Deus e provou que tanto judeus quanto gentios eram salvos pela graça por meio da fé em Jesus Cristo.
6. A palavra hebraica que se refere a prostitutas e a prostituição é usada vinte e duas vezes nas profecias de Oséias (Os 1:2; 2:2, 4; 3:3; 4:10-15, 18; 5:3, 4; 6:10; 9:1). Termos associados a adultério são usados seis vezes (Os 2:2; 3:1; 4:2, 13, 14; 7:4). Deus considerava seu relacionamento de aliança com Israel um casamento, e via a idolatria como infidelidade conjugal.
7. A lei de Moisés afirmava que uma mulher divorciada não podia voltar para o marido anterior e casar-se novamente (Dt 24:1-4). Deus “divorciou-se” da infiel nação de Israel no sentido de que não partilhou mais sua intimidade e suas misericórdias com ela (Is 50:1; Jr 3:1-5). Um dia, ele a tomará de volta para si, restaurará o relacionamento rompido e sarará sua terra (Is 54:4-8; 62:4).
8. YATES, Kyle M. *Preaching From the Prophets*. Nova York: Harper and Brothers, 1942, p. 53.

O QUE FAREI COM VOCÊ?

OSÉIAS 4 – 10

“Decerto estremeço por meu país quando reflito que Deus é justo.” Thomas Jefferson escreveu essas palavras sobre os Estados Unidos da América e, ao avaliar o reino de Israel, o profeta Oséias teria concordado com ele. Pela experiência amarga com sua esposa, Oséias sabia que o pecado não apenas parte o coração de Deus, mas também ofende a santidade de Deus, pois “justiça e direito são o fundamento do [seu] trono” (Sl 89:14).

Deus queria perdoar os pecados de seu povo e restaurar a comunhão dos israelitas com ele, mas não estavam prontos. Não apenas não se arpendiam, como também nem sequer admitiam que haviam pecado! Assim, Deus realizou um julgamento, colocando-os no banco dos réus. É um princípio espiritual básico que, enquanto as pessoas não sentirem a culpa da condenação, não podem desfrutar a glória da conversão.

1. DEUS REÚNE O TRIBUNAL (OS 4:1 – 5:15)

Assim como Oséias havia contendido com sua esposa, Deus estava em litígio com sua esposa desafeta. No entanto, não se tratava de uma contenda pessoal, mas sim oficial: “O SENHOR tem uma contenda com os habitantes da terra” (Os 4:1). A imagem de Deus levando homens e nações a julgamento em seu tribunal aparece com frequência nas Escrituras (ver Is 1:13; Jr 2:9, 29; 25:31; Mq 6:2; Rm 3:19). “Exalta-te, ó juiz da terra; dá o pago aos soberbos” (Sl 94:2).

O Juiz leu as acusações formais contra os réus diante deles.

A nação como um todo (4:1b-3). A base para o julgamento era a santa lei de Deus, a aliança que Deus havia feito com Israel no monte Sinai. “Tudo o que o SENHOR falou faremos” (Êx 19:8), mas essa promessa não demorou a ser quebrada. Assim como Gômer não levou a sério seus votos matrimoniais e foi viver com outro homem, também Israel renegou suas promessas a Deus e voltou-se para ídolos pagãos. Não havia fidelidade (verdade) alguma na terra, nenhum amor leal ao Senhor.

Quando as pessoas rejeitam a aliança de Deus, começam a explorar umas às outras, pois os dez mandamentos tratam de nosso relacionamento com nosso próximo bem como com Deus. Se amamos ao Senhor, então amaremos a nosso próximo (Mt 22:34-40; Rm 13:8-10). No entanto, não havia misericórdia na terra, nenhum amor ao próximo, nenhuma compaixão pelos pobres e necessitados. As pessoas eram desleais a Deus e cruéis umas com as outras.

O pecado fundamental era a ignorância; não havia conhecimento de Deus na terra. “O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento” (Os 4:6).¹ Isso significa muito mais do que ser informado sobre Deus; refere-se ao conhecimento pessoal do Senhor. A palavra hebraica descreve a relação mais íntima do marido com a mulher (Gn 4:1; 19:8). Conhecer a Deus é ter um relacionamento pessoal com ele pela fé em Jesus Cristo (Jo 17:3).

O Juiz apontou para os dez mandamentos (Êx 20:1-17) e lembrou o povo de como haviam transgredido sua lei ao pronunciar maldições, contar mentiras, matar, roubar e cometer adultério. Em decorrência disso, haviam trazido sofrimento sobre si, sobre a terra e até sobre os animais. A promessa da aliança de Deus era que ele abençoaria a terra, se o povo lhe obedecesse, mas que castigaria a terra, se desobedecesse (Lv 26; Dt 27 – 28).

A terra pertencia ao Senhor (Lv 25:23), e os pecados do povo a contaminaram (Lv 18:25-28; 26:32, 33). Deus por vezes envia calamidades naturais, como secas, fome e as devastações da guerra, para disciplinar

seu povo. Quer seja para abençoar ou julgar, Deus sempre cumpre as promessas da aliança.²

Os sacerdotes (4:4-14). Quando Jeroboão I estabeleceu seu próprio sistema religioso em Israel, muitos dos verdadeiros sacerdotes fugiram para Judá, de modo que o rei ordenou sacerdotes que ele mesmo escolheu (2 Cr 11:13-15). É claro que esses arremedos de sacerdote não conheciam o Senhor e nem sua lei. Seu principal interesse era ter um emprego fácil que lhes desse comida, roupas e prazer – especialmente oportunidades de ficar com as prostitutas dos santuários. “Não culpem o povo por aquilo que está acontecendo”, disse Oséias aos sacerdotes corruptos, “pois estão apenas seguindo seu mau exemplo”.

Quando obedecemos à Palavra de Deus, andamos na luz e não tropeçamos (Pv 3:21-26; 4:14-19), mas quando rejeitamos sua Palavra, andamos na escuridão e não conseguimos encontrar o caminho (Is 8:20). Líderes espirituais profanos e ignorantes geram um povo profano e ignorante, o que, por sua vez, traz destruição à terra. A expressão “a tua mãe”, em Oséias 4:5, refere-se à nação de Israel (Os 2:2, 5). A igreja segue a liderança espiritual; a moralidade segue a igreja e a nação segue a moralidade. Os filhos de Deus são luz e sal para a sociedade (Mt 5:13-16); quando são corruptos, a sociedade torna-se corrupta.

Deus rejeitou a religião fabricada³ de Jeroboão e advertiu os sacerdotes de que seu emprego fácil logo terminaria em tragédia. Em vez de buscarem a vontade de Deus, consultavam a ídolos.⁴ Quanto mais o povo pecava, mais comida havia para os sacerdotes. Quanto mais santuários o povo construía, mais os sacerdotes podiam entregar-se aos prazerés dos ritos de fertilidade. Porém, esses rituais não levariam a nada, pois Deus faria a população e a produção diminuírem ao invés de aumentarem. Além disso, as próprias filhas e noras dos sacerdotes se tornariam prostitutas cultuais e cometariam adultério!⁵ Seus pecados trariam juízo sobre suas famílias e sobre sua terra.

Os espectadores no tribunal (4:15-19). O profeta volta-se, então, para o reino do Sul, Judá, que estava acompanhando de perto os acontecimentos em Israel. A advertência de Oséias é clara: não se envolvam com as coisas de Israel, pois o fim do reino do Norte é certo! “Efraim está entregue aos ídolos; é deixá-lo” (v. 17). O povo de Judá deveria adorar em Jerusalém e não em santuários nos montes de Israel ou nos santuários especiais em Gilgal⁶ e Betel (Oséias chama Betel de Bete-Áven, que significa “casa do mal ou do engano”). Betel quer dizer “casa de Deus”). Israel era como uma vaca rebelde e não como um cordeiro, e o vendaval do juízo de Deus varreria embora o reino.

Sacerdotes, governantes e o povo (5:1-7). Trata-se de um resumo final das evidências que o Juiz aplicou a todos os acusados. Condenou os líderes por enredarem pessoas inocentes e explorá-las. Não havia justiça na terra. Estavam afundando cada vez mais em pecado e não tinham o poder de se arrepender e de voltar para Deus, pois seus pecados os paralisavam.

A causa disso era sua falta de conhecimento do Senhor (Os 5:4; 6:3) e sua arrogância, que só os fazia tropeçar e cair (Os 5:5; Pv 16:18). Mesmo que chegassem até o Senhor com rebanhos inteiros para sacrificar, Deus não iria ao encontro deles, pois havia se afastado de seu povo. Rejeitou seus filhos ilegítimos,⁷ e suas festas mensais logo se tornariam funerais.

A declaração da sentença (5:8-15). Só havia um veredito possível: culpados! Estava chegando o dia do juízo, quando as cidades de Israel seriam conquistadas pelo exército invasor dos assírios e os cidadãos seriam levados para o cativeiro. “Efraim tornar-se-á assolação no dia do castigo” (Os 5:9).⁸ A decomposição interior de Israel era como a destruição oculta e lenta causada pela traça (v. 12), mas a vinda dos assírios era como o ataque súbito e evidente de um leão (v. 14). Os dois eram inevitáveis e ambos trariam ruína.

Israel e Judá eram nações fracas e doentes (Is 1:5, 6; Jr 30:12, 13), mas em vez de se

voltarem para o Senhor em busca da cura, as duas pediram socorro ao rei da Assíria (Os 5:13).⁹ Precisavam de oração e de verdadeiro arrependimento, mas em vez disso, confiavam na política e em tratados inúteis. Ao Senhor só restava afastar-se e esperar que o buscassem em verdade e humildade.

2. DEUS REJEITA A APELAÇÃO (Os 6:1 – 7:16)

É comum o acusado num julgamento expressar pesar e remorso por seus atos e pedir outra chance. Foi exatamente o que Israel fez, mas Deus já esperava esse subterfúgio hipócrita e desmascarou não apenas sua falsidade, mas também a maneira pecaminosa como trataram o Senhor.

O falso arrependimento de Israel (6:1-3). Ao ler essas palavras, tem-se a impressão de que a nação está sinceramente arrependida e buscando ao Senhor, mas ao ver o que Deus diz, percebe-se como a “confissão” do povo era, na verdade, superficial. “Todavia, não voltam para o SENHOR, seu Deus, nem o buscam em tudo isto” (Os 7:10). “Eu os remiria, mas eles falam mentiras contra mim” (v. 13). “Eles voltam, mas não para o Altíssimo” (v. 16). O que havia de errado com a “confissão” do povo?

Para começar, os judeus estavam preocupados em ser curados e não purificados. Viram a nação em dificuldades e queriam que Deus “consertasse” as coisas, mas não se chegaram a ele com o coração quebrantado e disposto a renunciar às próprias vontades. Queriam felicidade e não santidade, uma mudança das circunstâncias e não do caráter. Muitas vezes, em meu próprio ministério, deparei-me com pessoas que tratavam Deus como um salva-vidas celestial, que devia salvá-las do perigo, mas não as livrar de seus pecados. Derramavam lágrimas de remorso por seu sofrimento, mas não de arrependimento por seus pecados.

Além do mais, o povo de Israel acreditava que o tratamento funcionaria rapidamente: “Depois de dois dias, nos revigorará; ao terceiro dia, nos levantarão, e viveremos diante dele” (Os 6:2). Que otimismo mais cego! Pareciam-se com os falsos profetas no tempo

de Jeremias, que ofereciam à nação soluções superficiais, mas nunca chegavam ao cerne do problema (Jr 6:14; 8:11-16). Era como colocar protetor solar num tumor canceroso em vez de fazer uma cirurgia radical. Esperar uma solução rápida é um dos sinais do coração que não está verdadeiramente arrependido e que não quer pagar o preço pela purificação profunda (Sl 51:6, 7).

Encontramos ainda uma terceira prova de sua superficialidade: consideravam o perdão e a restauração algo “mecânico”, garantido, não uma questão de relacionamento, que envolvia colocar as coisas em ordem com Deus. Parafraseando Oséias 6:3: “Se nós o buscarmos, suas bênçãos certamente virão, como vem o alvorecer a cada manhã e as chuvas na primavera e no inverno”. Trata-se de uma doutrina “automática”, como comprar refrigerante de uma máquina: coloca-se o dinheiro, aperta-se um botão e o refrigerante aparece. A vida cristã é um relacionamento com Deus, e os relacionamentos não se baseiam em procedimentos automáticos.

Ainda outra prova de sua superficialidade é o fato de dependerem de palavras religiosas e não de atos de justiça. Quando nos arrependermos com sinceridade, nossas palavras vêm de um coração quebrantado e têm um preço. Oséias considerou as palavras como sacrifícios espirituais (Os 14:2), e não devemos sacrificar a Deus algo sem valor (2 Sm 24:24). Dependendo da honestidade e da humildade do coração, as palavras podem revelar ou esconder.¹⁰ Devemos dar ouvidos à advertência de Eclesiastes 5:1, 2.

A verdadeira situação de Israel (6:4 – 7:16). Numa série de símiles e metáforas vívidas, Oséias revela o verdadeira caráter do povo de Deus.

Seu amor é como uma nuvem da manhã e como o orvalho (Os 6:4-11). Logo cedo, o orvalho parece jóias brilhantes, mas assim que o sol se levanta, o orvalho desaparece. A devoção de Israel ao Senhor era temporária e bela, porém não duradoura. Para dar alguma substância a sua fé, Deus enviou-lhes seus profetas com sua Palavra, que é como espada penetrante (Ef 6:17) e

como luz (Os 6:5), mas o povo fez ouvidos moucos.

Deus não quer que nosso relacionamento com ele seja constituído de palavras e de rituais vazios, de corações que se enchem de entusiasmo num dia e no dia seguinte estão frios. "Pois misericórdia quero, e não sacrifício, e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos" (6:6). Um ritual superficial jamais pode substituir o amor sincero e a obediência fiel (1 Sm 15:22, 23; Am 5:21-24; Mq 6:6-8; Mt 9:13; 12:7).

"Mas eles transgrediram a aliança, como Adão" (Os 6:7).¹¹ Deus prometeu a Adão suas bênçãos se ele obedecesse a suas ordens, mas Adão deliberadamente destruiu a raça humana e afundou-a no pecado e na morte (Rm 5:12-21; 1 Co 15:21, 22). Deus prometeu a Israel as bênçãos da Terra Prometida se obedecesse (Dt 28), mas os israelitas quebraram a aliança e sofreram as consequências. Tanto para Israel quanto para Judá, Deus havia determinado um tempo de ceifa, e eles colheriam aquilo que haviam semeado (Gl 6:7, 8).

Sua lascívia era como um forno superaquecido (Os 7:1-7). É provável que a última declaração em Oséias 6:11 deva ser ligada a 7:1, de modo que fique: "Mudaria a sorte do meu povo e sararia a Israel". O que impedia Deus de ajudar seu povo aflito? As pessoas queriam que ele agisse dentro de seus termos, não de acordo com as condições da santa aliança. Achavam que podiam escapar incólumes de seus muitos pecados, mas Deus via tudo e se lembrava deles (v. 2 em contraste com Hb 10:16, 17).

Sua paixão pelo pecado era como fogo num forno: se o fogo é abafado à noite, está pronto para arder pela manhã. O forno estava tão quente que o padeiro podia passar a noite sem atiçar o fogo e, ainda assim, estava pronto para assar o pão pela manhã. O "combustível" desse fogo era o vinho, pois o álcool e o pecado com freqüência andam juntos.

Oséias descreve uma festa num palácio durante a qual o rei e seus oficiais se embriagam, dando aos inimigos do rei a oportunidade de depô-lo e até de matá-lo. Lembre-se

de que Israel teve cinco reis em treze anos e, em vinte anos, quatro reis foram assassinados. De Jeroboão I, o primeiro rei de Israel, até Oséias, o último rei, nove dinastias diferentes passaram pelo trono de Israel! A situação política era confusa e corrupta, pois os líderes estavam longe do Senhor.

O terceiro símile é o de um pão parcialmente assado (Os 7:8). O povo nômade do Oriente assava seu pão em pedras quentes. Se a massa não era virada, um lado do pão ficava queimado e o outro cru. Em vez de permanecer separado das nações, Israel misturou-se com elas e tornou-se como elas. Pelo fato de haver transigido em sua posição política, a nação foi "queimada" pela Assíria de um lado e deixada crua de outro.

Nosso relacionamento com o Senhor deve ser completo e não apenas parcial, como um pão assado só de um lado. A obra da graça divina deve permear todo nosso ser, de modo que nossa mente, coração e forças sejam dedicados a ele. A transigência com o mundo leva a uma conduta desequilibrada e a um caráter imaturo.

Ainda no tema da transigência, Oséias retrata Israel como um homem cujos cabelos estão ficando grisalhos sem que ele saiba (vv. 9, 10). Ao misturar-se com as nações e ignorar ao Senhor, em seu interior Israel estava perdendo as forças, como alguém que envelhece e que enfraquece, mas que, em seu orgulho, recusa-se a admiti-lo. Essa é a tragédia das perdas que passam despercebidas e que, silenciosamente, conduzem ao colapso final. Sansão cometeu esse erro (Jz 16:20), bem como a igreja de Laodicéia (Ap 3:17). Israel estava vendo suas estratégias políticas fracassarem, mas ainda assim os líderes se recusavam a voltar-se para o Senhor. "A soberba de Israel" (Os 7:10; ver 5:5) refere-se à glória nacional de Israel, que havia se desgastado profundamente desde os tempos de Davi e de Salomão. Políticos egoístas e sacerdotes corruptos haviam levado a nação à ruína.

Em seus programas políticos, os israelitas eram como uma pomba perdida (Os 7:11, 12). Primeiro pediram ajuda ao Egito, depois à Assíria, sendo que essas duas nações

mostraram ser aliadas desleais (Os 5:13; 8:8-10; 12:1). Se os líderes tivessem dado ouvidos aos profetas, teriam ficado sabendo que, um dia, a Assíria invadiria a terra (Os 9:3; 10:5, 6; Is 7:18 – 8:10). Deus avisou Israel de que esse costume de “voar de um lado para outro” chegaria ao fim quando Deus os pegasse em sua rede e os entregasse ao rei da Assíria. Deus controla as nações, mas seu povo não quis lhe obedecer.

De acordo com a aliança que Deus havia feito com seu povo, não deviam fazer com outras nações alianças políticas que os levassem a transigir em sua obediência ao Senhor. “Eis que é povo que habita só e não será reputado entre as nações” (Nm 23:9). “Ser-me-eis santos, porque eu, o SENHOR, sou santo e separai-vos dos povos, para serdes meus” (Lv 20:26). Salomão usou várias esposas para formar aliança com outras nações, e esse foi o começo do declínio nacional (1 Rs 11:1ss).

A primeira imagem é a de um arco que não funciona (Os 7:13-16), pois Deus não podia depender da fidelidade de Israel (essa imagem também é usada em Sl 78:57). Deus havia chamado Israel e treinado seu povo para que pudesse “acertar o alvo”. Mas pelo fato de ter-se desviado do Senhor, se rebelado contra ele, mentido (ao fingir arrependimento) e se recusado a buscá-lo, não podiam vencer a batalha.

Ao rever essas imagens, podemos fazer um balanço de nossa própria devoção ao Senhor. Quão duradoura, profunda e forte é nossa dedicação? Quão séria e confiável é?

3. DEUS DECLARA A SENTENÇA (Os 8:1 – 10:15)

Pela segunda vez, Oséias pede que se toque a trombeta (Os 8:1; 5:8). De acordo com Números 10, os israelitas usavam as trombetas para anunciar ocasiões especiais, soar alarmes, reunir o povo para assembleias e anunciar guerras. Esse toque da trombeta era de alarme, pois o inimigo estava a caminho, e Deus dava a seu povo a oportunidade de se arrepender. Mais uma vez, Oséias usou uma série de imagens conhecidas para

mostrar ao povo o que Deus faria com eles por causa de seus pecados.

A águia (8:1-6). “A casa do SENHOR” refere-se à nação de Israel, pois Deus habitava no meio do povo (Os 9:15; Ex 15:17; Nm 12:7). A águia da Assíria estava prestes a fazer um vôo rasante e a destruir a casa do Senhor, pois a nação havia se entregado à idolatria, e os líderes não buscaram a vontade de Deus para suas decisões. Proclamaram e depuseram reis para satisfazer seus próprios desejos e criaram deuses (especialmente os dois bezerros de ouro em Belê e Dã) que não podiam ajudá-los.¹²

Semeando e colhendo (8:7). O conceito de semear e de colher é usado com freqüência nas Escrituras com relação à conduta (Jó 4:8; Pv 22:8; Jr 12:13; Gl 6:7, 8), e Oséias lança mão dele duas vezes (Os 8:7; 10:12, 13). Em sua idolatria e alianças políticas, os israelitas tentavam lançar sementes que produzissem uma boa colheita, mas apenas semeavam vento – vaidade, coisa alguma – e ceifariam tormentas. Nada poderia impedir a força do exército assírio. A colheita seria mais poderosa que a semente!

A imagem de semear e de colher continua no retrato de uma colheita de trigo arruinada. Os governantes de Israel acharam que sua adoração a Baal e suas alianças com estrangeiros produziriam uma boa colheita de paz e de prosperidade, mas quando chegou o tempo da colheita, não havia nada para ceifar. E mesmo onde apareceram espigas, o inimigo ceifou os grãos sem deixar nada para Israel. Com a imagem do vento, Oséias estava dizendo: “Vocês ceifarão muito mais do que semearam, e será uma colheita destruidora!” Com a imagem dos grãos ele diz: “Vocês não ceifarão coisa alguma, e seus inimigos serão beneficiados por todas as promessas que vocês fizeram.”

Vasos de barro sem valor (8:8). Não havia grãos para Israel se alimentar, mas ele próprio seria “devorado” pelos assírios. Israel era um vaso inútil, “coisa de que ninguém se agrada”. Sua transigência o havia depreciado a ponto de Israel não ter valor algum na comunidade internacional. Ningém o

temia, ninguém o procurava, ninguém o queria.

Um jumento estúpido (8:9a). Israel queria fazer parte das alianças que se formavam para lutar contra a Assíria, mas na verdade estava completamente só. Era como um animal estulto perdido no deserto. Israel havia abandonado o Senhor e havia sido abandonado por seus aliados, de modo que estava entregue à própria sorte para enfrentar um futuro terrível.

Uma prostituta (8:9b, 10). Ao negociar com as nações gentias em busca de proteção, Efraim (Israel) agia como uma prostituta vendendo-se por dinheiro. Os reis de Israel pagavam tributos para o rei da Assíria e também mandavam presentes para o Egito (Os 12:1). Em vez de ser fiel ao Marido, o Deus Jeová, Israel prostituiu-se com as nações gentias e perdeu tudo. Deus prometeu juntar todo o povo para o julgamento e deixá-lo definhar sob a mão opressora do rei da Assíria.

Servidão ao Egito (8:11 – 9:9). Oséias menciona o Egito treze vezes em seu livro, e essas referências podem ser divididas em três categorias distintas: passado – êxodo de Israel do Egito (Os 2:15; 11:1; 12:9, 13; 13:4); presente – as alianças pecaminosas de Israel com o Egito (Os 7:11, 16, 12:1) e futuro – o Egito como um símbolo de sua servidão iminente à Assíria (Os 8:13; 9:3, 6; 11:5, 11). Nessa seção, o profeta anuncia três vezes: “eles voltarão para o Egito” (Os 8:13; 9:3, 6), mas Oséias 11:5 deixa claro que o “Egito” é um símbolo da servidão à Assíria: “Não voltarão para a terra do Egito, mas o assírio será seu rei”.

O profeta apresenta um contraste entre o êxodo da escravidão egípcia no passado com um “êxodo” iminente para a servidão à Assíria, o novo “Egito”. Quando os hebreus deixaram o Egito, ainda não haviam recebido a lei nem tampouco tinham o tabernáculo e seu sistema de sacrifícios. Contudo, no tempo de Oséias, o povo de Deus havia ouvido a lei por séculos, e o templo encontrava-se no meio deles desde o tempo de Salomão. No entanto, ignoraram a lei, e o sacerdócio tornou-se corrupto. Vemos a

ironia em Oséias 8:11: “Embora Efraim tenha construído muitos altares para ofertas pelo pecado, eles se tornaram altares para o pecado” (nvi).

Em lugar de confiar que o Senhor iria protegê-lo da Assíria, Israel fortificou suas cidades e buscou a ajuda de nações estrangeiras, o que, do ponto de vista espiritual, foi como prostituição. (Na época das colheitas, as prostitutas freqüentavam as eiras, onde os homens dormiam para guardar os grãos.) A colheita era um tempo de grande alegria (Is 9:3), mas não haveria alegria alguma em Israel. E quando o povo acabasse numa terra estrangeira, tudo lhe seria imundo, mas que diferença faria, uma vez que também seria um povo imundo?

Agricultura (9:10 – 10:10). Deus recapitula a história de sua relação com os judeus. Era impossível encontrar uvas no deserto, mas se isso acontecesse, seria uma grande alegria. Foi assim que Deus se sentiu quando chamou Israel. Os primeiros frutos da figueira são particularmente bons, e Israel era especial para o Senhor. Contudo, essa experiência feliz não durou muito tempo, pois o rei Balaque deu a Israel a oportunidade de provar pela primeira vez o culto a Baal, e, juntamente com seus vizinhos, a nação entregou-se aos prazeres da idolatria e da imoralidade (Nm 25).

Deus plantou seu povo numa terra especial, mas eles contaminaram essa terra com seus ídolos (Os 9:13). Quanto mais prósperos se tornaram, mais se afastaram do Senhor. Era necessário, então, que sofressem uma colheita amarga por seus pecados, consequências que os afetariam e a seus filhos.¹³ A nação estava arruinada, sem raízes nem frutos. Era uma “vide luxuriante” (Os 10:1), mas se tornou improdutiva.¹⁴ Essas imagens do meio agrícola nos lembram de que colhemos aquilo que semeamos.

Há uma imagem interessante desse meio em Oséias 10:4, “por isso, brota o juízo como erva venenosa nos sulcos dos campos”. As pessoas não podiam confiar umas nas outras, e poucas cumpriram suas promessas. Assim, tinham de entrar na justiça umas contra as outras para conseguir o que lhes

era devido. A multiplicação das leis e dos processos judiciais é uma prova de que a integridade e a credibilidade estão desaparecendo da sociedade.

A última imagem do meio agrícola encontra-se no versículo 8: os santuários idólatras se transformarão em ervas daninhas (“espinheiros e abrolhos”), e o povo suplicará ao Senhor que os destrua rapidamente (v. 8; ver Lc 23:30 e Ap 6:16).

Duas vezes nessa passagem Oséias menciona os “dias de Gibeá” (Os 9:9; 10:9). Trata-se de uma referência aos pecados terríveis dos homens de Gibeá e à guerra trágica que se seguiu (Jz 19 - 21). Os homens de Gibeá entregaram-se a atos abomináveis de lascívia e mataram uma mulher num episódio de estupro múltiplo. A cidade não castigou os transgressores, de modo que a nação toda atacou Benjamim e quase destruiu a tribo. No tempo de Oséias, as dez tribos que constituíam Israel estavam praticando essas abominações, mas Deus iria julgá-las, e ceifariam aquilo que haviam semeado.¹⁵

O capítulo encerra (Os 10:11-15) com uma comparação de Israel com uma novilha

que gosta de trilhar sobre os grãos, pois pode trabalhar e comer ao mesmo tempo. Um dia, ela é colocada no mesmo jugo que outra besta e é obrigada a fazer o difícil trabalho de arar a terra. Os “dias verdes da mocidade” de Israel haviam chegado ao fim, e a nação sentiria o jugo assírio.

No versículo 12, o profeta faz mais um apelo para que a nação se arrependa e busque o Senhor. “Campo de pousio” é a terra que fica sem cultivar e que se tornar dura e cheia de ervas daninhas. Esse apelo se parece com a pregação de João Batista: “Arrependei-vos! [...] Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento” (Mt 3:1-12). O arado da condenação deve antes quebrar o solo duro dos corações para que a semente da Palavra seja plantada e a chuva da graça seja enviada do céu.

A nação não se arrependeu, e veio o juízo. Em 722 a.C., o exército assírio invadiu a terra, e as dez tribos, como nação, desapareceram das páginas da história.¹⁶

“A justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos” (Pv 14:34). “Feliz a nação cujo Deus é o SENHOR” (Sl 33:12).

1. Ver Oséias 2:8, 20; 5:4; 8:2; 11:3; 13:4, 5.
2. Compare Oséias 4:3 com Gênesis 9:8-11 e Apocalipse 4:7-11 e você verá que Deus leva a sério sua aliança e sua criação. Um dia, julgará todos aqueles que destroem a Terra (Ap 11:18). O fundamento da ecologia não é a política e nem o conforto, mas sim a santa lei de Deus. Somos mordomos da criação de Deus.
3. Jesus disse à mulher samaritana perto do poço de Jacó: “Vós adorais o que não conhecéis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus” (Jo 4:22). Com isso, declarou a futilidade da religião samaritana e de qualquer outro sistema humano de adoração.
4. Um “pedaço de madeira” (Os 4:12) pode ser uma referência a um ídolo ou à prática pagã chamada rabdomancia. (A palavra grega *rhabdos* significa “uma vara.) O sacerdote traçava um círculo no chão e dividia-o em partes, sendo que a cada parte era atribuído um significado. Segurava-se uma vara acima do centro e, então, deixava-se que caísse, e o lugar onde repousasse revelaria o futuro.
5. Oséias 4:14 é uma declaração inequívoca de que Deus espera pureza sexual e fidelidade conjugal tanto do homem quanto da mulher. Em Israel, era comum os homens escaparem das consequências de seus pecados性uais, enquanto as mulheres eram castigadas. Ver Gênesis 38 e João 8 para exemplos trágicos de uma moralidade unilateral. Onde estava o homem que participou do ato de adultério com a mulher? Ele não deveria ser castigado? Ver Levítico 20:10 e Deuteronômio 22:22.
6. No passado, Gilgal havia sido um lugar onde a Palavra de Deus era ensinada (2 Rs 2:1; 4:38). É espantosa a rapidez com que as instituições religiosas podem deixar seu ancoradouro e vagar para longe da fé!
7. Isso pode significar literalmente filhos ilegítimos devido à promiscuidade sexual ou filhos que não faziam parte da aliança por causa dos pecados de seus pais durante os ritos de fertilidade pagãos. Os pecados dos pais têm consequências trágicas para a vida dos filhos.
8. Até Judá será incluída nessa disciplina (Os 5:10). Os assírios devastaram Judá, mas não conseguiram tomar Jerusalém, pois Deus livrou o rei e seu povo de modo miraculoso. Ver Isaías 36 - 37. De acordo com Oséias, o pecado de Judá era tomar

território que não lhe pertencia, como as pessoas que moviam os marcos de delimitação para aumentar suas propriedades (Dt 19:14; Is 5:8; Mq 2:2).

9. O “rei principal” em Oséias 5:13 pode ser traduzido como “rei Jarebe” (ARC). No hebraico, esse nome significa “contender, lutar”, e é possível que fosse um apelido para o rei da Assíria. Israel e Judá voltaram-se para o rei da Assíria em busca de ajuda, e tudo o que conseguiram foi começar uma briga!
10. Isso fica claro em 1 João 1, em que a expressão “se dissermos” é repetida três vezes. Ver também as “mentiras religiosas” do rei Saul em 1 Samuel 15:10-35.
11. Uma vez que a palavra hebraica traduzida por “Adão” significa “terra vermelha”, foi sugerido que o versículo 7 pode ser traduzido: “Mas eles transgrediram a aliança, como se fosse terra”. Adão também representa a humanidade em geral, de modo que podemos traduzir: “Transgrediram a aliança como simples seres humanos”.
12. Dr. Leon Wood traduz Oséias 8:5 como “O teu bezerro iede!” *The Expositor’s Bible Commentary*. Frank E. Gaebelein (Edit. geral). Grand Rapids: Zondervan, 1985, v. 7, p. 201. J. B. Phillips não é assim tão ríspido em sua tradução: “Samaria, rejeito teu bezerro com repugnância!” *Four Prophets: A Translation Into Modern English*. Nova York: Macmillan, 1963, p. 41.
13. Quando os adultos pecam, as crianças sofrem. “Efraim levará seus filhos ao matador” (Os 9:13). Ao falar no versículo 14, Oséias pede a Deus que guarde as mulheres de ter filhos para que estes não sejam mortos. Com isso, está suplicando por misericórdia para com os inocentes. Ver as palavras de nosso Senhor em Lucas 23:29.
14. A videira é um símbolo de Israel como nação e pode ser encontrada em Deuteronômio 32:32; Salmos 80:8-11; Isaías 5:1-7; e Jeremias 2:21. Também é um retrato de Cristo e sua Igreja (Jo 15) e do mundo gentio pronto para o julgamento nos últimos dias (Ap 14:17-20).
15. As referências à história passada de Israel – Baal Peor (Os 9:10) e Gibeá (Os 9:9; 10:9) – mostram que “a única coisa que aprendemos com a história é que não aprendemos nada com a história”. Esses dois acontecimentos trouxeram o julgamento de Deus sobre a nação e, no entanto, as gerações posteriores fizeram vista grossa para esse fato. Os pecados dos pais são repetidos por seus filhos e netos.
16. Qualquer grupo que se chame de “tribo perdida de Israel” é suspeito, pois somente Deus sabe onde estão todas as tribos. Ver Atos 26:7; Tiago 1:1 e Apocalipse 7:1-8.

3

AMOR TÃO ADMIRÁVEL

OSÉIAS 11 – 14

Como poderia Gômer, a esposa infiel de Oséias, duvidar do amor de seu marido? Ele não havia demonstrado seu amor ao procurá-la, suplicar para que voltasse para casa e pagar para libertá-la?

Como poderia Israel questionar o amor de Deus e recusar-se a correspondê-lo? Afinal, a nação não apenas havia transgredido a lei de Deus, como também havia partido o coração do Senhor. Nos capítulos de encerramento deste livro, Oséias lembrou o povo da compaixão de Deus por eles e o fez ao apresentar três provas irrefutáveis desse amor.

1. AS MISERICÓRDIAS DE DEUS NO PASSADO (OS 11:1-12)

No Livro de Deuteronômio, Moisés usa o verbo “lembrai” pelo menos quatorze vezes. Deuteronômio é o discurso de despedida de Moisés para a nova geração de israelitas que se preparava para entrar na Terra Prometida. Mas por que Moisés pediria a esses jovens que olhassem para trás quando estavam prestes a avançar? Porque uma compreensão correta da conduta de Deus no passado é a melhor maneira de garantir o sucesso no futuro. O filósofo George Santayana expressou essa verdade de modo sucinto: “Aqueles que não se lembram do passado estão condenados a repeti-lo”.¹

O amor de Deus demonstrado no êxodo (vv. 1, 2). Deus enviou José adiante para o Egito a fim de preparar o caminho para Jacó e para seus filhos. O que os irmãos de José fizeram com ele foi com a intenção de causar-lhe mal, porém Deus usou isso para o bem (Gn 50:20). Por causa de José, o povo

de Israel foi sustentado durante uma grande fome e pôde multiplicar-se nos anos seguintes. A partir desse começo humilde, Deus formou uma grande nação; Moisés conduziu essa nação para fora do Egito com grande poder e vitória (Êx 12 – 15).

Oséias retrata o Deus do êxodo como um pai carinhoso que libertou seu filho da escravidão. A ênfase da passagem não é sobre Israel, a esposa infiel, mas sim sobre Israel, o filho ingrato. (Para exemplos de Deus como “Pai” e Israel como “filho”, ver Êx 4:22, 23; Is 1:2-4 e Dt 32:5.) Depois de tudo o que Deus fez por seu filho, ele se recusou a corresponder ao amor do Pai e a obedecer à vontade dele.

O amor de Deus demonstrado no deserto (vv. 3, 4). O Pai amoroso não apenas libertou o filho da escravidão, mas também o ensinou a andar e cuidou dele com carinho durante a jornada pelo deserto. Quando uma criança tropeça e se machuca, a mãe e o pai estão lá para fazer os curativos e para encorajá-la, e foi isso o que Deus fez por seu povo. Ele o ensinou, curou e conduziu. Teve o cuidado de dirigí-lo como um pai faz com seu filho e não um dono com seu animal. Atou-se a ele por laços de amor e não com freios e cabrestos (Sl 32:8, 9) ou com um jugo cruel.

Leia Oséias 11:1-4 novamente, mas em vez de se concentrar no que Deus fez por Israel, veja como os israelitas trataram a Deus. Como filhos mimados, rebelaram-se contra o Pai e voltaram-se para ídolos. Deus lhes falou por meio de seus profetas, mas quanto mais Deus chamava Israel, mais ele se afastava! Estavam felizes em desfrutar suas dádivas, mas não queriam obedecer ao Doador. Procurou conduzi-los com laços de amor, mas disseram: “Rompamos os seus laços e sacudamos de nós as suas algemas” (Sl 2:3).

Ao longo da história, quer dos judeus quer dos gentios, a natureza humana sempre foi a mesma, e todos nós estamos propensos a fazer como Israel: desfrutar as bênçãos de Deus, mas não dar a ele o devido valor. “Porque o meu povo é inclinado a desviarse de mim” (Os 11:7). “Ai desta nação pecaminosa, povo carregado de iniqüidade, raça

de malignos, filhos corruptores" (Is 1:4). Deus os libertou e conduziu para sua herança, mas uma geração depois da morte de Josué, a nação tornou-se idólatra e abandonou o Senhor (Jz 2:7ss).

O amor de Deus demonstrado por sua longanimidade (vv. 5-7). Em mais de uma ocasião, Deus poderia ter destruído a nação e começado outra vez (Êx 32:10), mas escolheu ser longânimo. Quando a jornada começou a ficar difícil, os hebreus quiseram voltar para o Egito. Murmuraram quando deveriam estar orando e dando graças pelas misericórdias de Deus.

Já vimos que algumas menções ao Egito no Livro de Oséias são referências à "nova escravidão" na Assíria (Os 11:5). Israel recusou-se a arrepender-se, de modo que a nação teve de ir para o cativeiro. Estavam fazendo planos sem consultar a Deus, e, portanto, suas defesas desmoronariam diante do inimigo. A única vez que clamaram a Deus foi quando se viram em dificuldade, e Deus, em sua graça, ajudou-os. Mas haviam chegado ao fim da linha.

O amor de Deus demonstrado em sua fidelidade às suas promessas (vv. 8, 9). Que revelação do coração compassivo de Deus encontramos em Oséias 11:8! De acordo com a lei de Moisés, um filho rebelde devia ser entregue às autoridades da cidade e apedrejado até a morte (Dt 21:18-21), mas como Deus poderia fazer isso com seu filho amado, Israel? (Séculos depois, seu Filho Único e inocente sofreria pelos pecados do mundo todo.) Deus destruiu as cidades da planície por causa de seus pecados (Gn 18:16 – 19:29), e aquelas pessoas não haviam tido os mesmos privilégios que Israel de aprender sobre Deus. Que direito Israel tinha de esperar que Deus o pouasse, especialmente tendo em vista que estava pecando consciente e deliberadamente?

O que levou Deus a poupar Israel da destruição total? Não foi apenas sua profunda compaixão, mas também a fidelidade à sua aliança. "Porque eu sou Deus e não homem" (Os 11:9). "Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido,

não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá?" (Nm 23:19).

A aliança de Deus com Abraão (Gn 12:1-3) é incondicional e imutável; portanto a nação de Israel foi preservada. No entanto, sua aliança com Israel no Sinai incluía algumas condições, e se o povo não as cumprisse, Deus seria obrigado a retirar suas bênçãos. A posse da terra e de suas bênçãos fazia parte da aliança com Abraão, mas o usufruto da terra e as bênçãos referentes a esse uso têm como base a aliança mosaica. Deus foi fiel às duas alianças: preservou a nação, mas disciplinou o povo por seus pecados.

Deus demonstrou seu amor na esperança da futura restauração (vv. 10-12). Nas Escrituras, é comum encontrar uma declaração de juízo seguida imediatamente de uma promessa de esperança, como é o caso nessa passagem. Oséias olhou adiante para o fim dos tempos, quando Israel será reunido dentre todas as nações, levado para sua própria terra, purificado de seus pecados e estabelecido em seu reino. No passado, Deus rugiu como um leão quando julgou a nação (Os 5:14; 13:7), mas no futuro, seu "rugido" chamará o povo para voltar a sua terra. Como pássaros libertos de suas gaiolas, o povo de Israel voará rapidamente para sua própria terra, e Deus os fará "habitar em suas próprias casas" (Os 11:11).

Enquanto isso, Deus é longânimo com seu povo, como o é com todos os pecadores (2 Pe 3:9), mesmo quando mentem para ele e quando se rebelam contra ele (Os 11:12). O que Jesus disse ao povo de Jerusalém em seu tempo, Deus estava dizendo por intermédio de Oséias ao povo daqueles dias: "Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!" (Mt 23:37).

As misericórdias de Deus, no passado, certamente provaram seu amor, mas Oséias ofereceu mais uma prova de que Deus amava seu povo.

2. AS DISCIPLINAS DE DEUS NO PRESENTE (Os 12:1 – 13:16)

"Porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe" (Hb 12:6;

Pv 3:11, 12). A disciplina não é como um juiz que castiga um criminoso a fim de manter a lei, mas sim como um pai amoroso que corrige seu filho a fim de aperfeiçoar o caráter da criança e de fazê-la crescer em perseverança.² O castigo está relacionado à lei, o que não deixa de ser importante, mas a disciplina está relacionada ao amor, que também é essencial.

A necessidade de disciplina (12:1). O povo judeu estava vivendo da vaidade – do “vento” – e não estava recebendo alimento algum. Aqui os termos “apascentar” e “alimentar” são sinônimos, mas quem já ouviu falar de ovelhas famintas ignorando pastos verdejantes e comendo vento? A idéia, em si, é ridícula, mas era assim que o povo de Deus vivia.

Israel estava cometendo dois pecados: primeiro, adorava a ídolos que na verdade não eram coisa alguma – menos que nada – e dava as costas ao Deus verdadeiro para viver à custa de substitutos vazios. Alimentava-se de vento. Em segundo lugar, dependia da proteção do Egito e da Assíria, de acordo com os tratados que haviam feito com essas nações, em vez de confiar em Deus. Isso também era vazio e como perseguir o vento, e Deus iria disciplinar Israel e trazê-lo de volta para si e para sua Palavra.

O exemplo de disciplina (12:2-6, 12). Abraão é o pai dos judeus (Mt 3:9), mas foi Jacó quem constituiu as doze tribos de Israel (Gn 46:8-27).³ Oséias referiu-se à nação como “Jacó”, pois Jacó é uma ilustração da disciplina amorosa de Deus. O profeta citou vários acontecimentos importantes da vida de Jacó.

Ainda no ventre da mãe, Jacó já lutava com o irmão, Esaú (Gn 25:20-23), e, ao nascer, Jacó tentou agarrar o calcanhar do irmão quando estava saindo do ventre da mãe (vv. 24-26). O nome “Jacó” significa “ele agarra o calcanhar”, outra forma de dizer: “ele é um enganador, um malandro”.⁴ Ao longo da maior parte de sua vida, Jacó lutou consigo mesmo, com outros e com o Senhor, e só passou a andar verdadeiramente pela fé quando se rendeu a Deus em Jaboque. Deus teve de discipliná-lo a fim de fazer com que se entregasse.

Em obediência à ordem de Deus, Jacó saiu de Siquém e rumou para Betel (Gn 35), pois em Betel havia se encontrado com Deus pela primeira vez muitos anos antes (Gn 28:10-22). Lá Deus havia se revelado e dado a Jacó promessas, a ele e a seus descendentes; lá Jacó havia jurado solememente ao Senhor. Na verdade, o regresso a Betel foi um recomeço espiritual para a família toda, pois Jacó ordenou que abandonassem seus ídolos estrangeiros e adorassem somente a Jeová. Faz bem a uma família passar por esse tipo de consagração. Alexander Whyte estava certo quando disse que a vida cristã vitoriosa é uma série de recomeços.

No entanto, a experiência em Betel também inclui certo sofrimento, pois foi nessa jornada que Raquel, a esposa querida de Jacó, faleceu ao dar à luz Benjamim (Gn 35:16-22). Ela o chamou de Benoni, que significa “filho da minha tristeza”, mas, pela fé, Jacó deu-lhe um novo nome: Benjamim, “filho da minha destra”.⁵

O título divino: “O SENHOR, o Deus dos Exércitos” (Os 12:5) nos lembra a experiência de Jacó em Maanaim, quando estava prestes a encontrar-se com o irmão, Esaú (Gn 32). Maanaim significa “dois acampamentos”, pois Jacó viu um exército de anjos guardando seu acampamento. Jacó estava com medo de Esaú e tentou apaziguar o irmão enviando presentes em vez de confiar que o Senhor iria livrá-lo. Afinal, Deus não havia prometido que cuidaria de Jacó e que o levaria em segurança até Betel? Foi lá que o anjo de Deus lutou com Jacó e o “quebrantou”.

As experiências de Jacó para conseguir uma esposa e para criar uma família são exemplos da disciplina amorosa de Deus (Gn 29 – 30). A fim de conseguir a bênção da primogenitura, Jacó havia tramado e mentido para o pai, Isaque, porém mais tarde Jacó seria vítima das intrigas e mentiras de Labão para casá-lo com suas duas filhas numa só semana! A tentativa de agradar duas esposas, sendo que amava apenas uma delas, e de criar uma família grande colocou muitos fardos sobre Jacó, mas ele perseverou; Deus o abençou e fez dele um homem rico. Durante aqueles anos difíceis, Jacó sofreu

muito (Gn 31:36-42), mas o Senhor estava realizando seus propósitos.

Os motivos da disciplina (12:7 – 13:6). Em seguida, Oséias relaciona alguns dos pecados que o povo havia cometido. O profeta já havia tratado de alguns deles anteriormente, de modo que não é necessário discuti-los em detalhes.

Ele começa com a desonestade nos negócios (Os 12:7), a defraudação de outros para ganhar mais dinheiro. A prosperidade do povo levou ao orgulho (v. 8), àquela auto-suficiência que diz: “Não precisamos de Deus” (ver Ap 3:17). No entanto, o Senhor advertiu que iria humilhá-los. Em vez de desfrutarem suas casas, viveriam em tendas, como fizeram durante a jornada pelo deserto. Quando os assírios tivessem acabado de arrasar Israel, o povo ficaria grato até pelas tendas nas quais moravam por uma semana durante a Festa dos Tabernáculos.

Os profetas que Deus enviou haviam transmitido suas advertências, mas o povo não havia dado ouvidos (Os 12:10). Afastaram-se da Palavra do Deus vivo e praticaram a idolatria (vv. 11-14). Provocaram Deus à ira e, ao derramar sangue inocente, suscitaram ainda mais a fúria do Senhor (para a perversidade de Gileade, ver Os 6:8, 9).

Oséias ressaltou a atitude arrogante da tribo de Efraim (Os 13:1-3). O nome “Efraim” aparece trinta e seis vezes na profecia de Oséias. Algumas vezes, esse nome é usado para designar todo o reino do Norte, mas aqui o profeta está se dirigindo especificamente à tribo de Efraim. Efraim e Manassés eram os dois filhos de José, os quais Jacó adotou e inverteu a ordem de nascimento (Gn 48). Manassés era o primogênito, mas Jacó deu essa honra a Efraim.

O povo de Efraim considerava-se uma tribo importante, digna de ser ouvida e obedecida. Afinal, Josué era de Efraim (Nm 13:8), bem como o rei do Norte, Jeroboão I (1 Rs 11:26). O tabernáculo (“tenda do Testemunho”) foi colocado em Siló, que ficava em Efraim (Js 18:1). Com sua arrogância, a tribo de Efraim causou problemas tanto para Gideão (Jz 7:24, 25; 8:1-3) como para Jefté (Jz 12:1-6). Depois da morte do rei Saul, os

efraimitas se recusaram a submeter-se ao governo de Davi. (2 Sm 2:8-11). Na realidade, cultivavam um forte preconceito contra a tribo de Judá, que era a tribo dos reis (2 Sm 19:40-43). Quando o reino do Norte foi estabelecido, os efraimitas eram tão poderosos que o reino era chamado pelo nome de sua tribo.

No entanto, Efraim trocou Jeová por Baal, o que os levou à morte espiritual. Participaram de bom grado da religião postica de Jeroboão sacrificando para os bezerros de ouro – oferecendo até sacrifícios humanos – e beijando os bezerros em adoração. Mas os ídolos não são coisa alguma, e aqueles que os adoraram tornam-se como eles – nada (Sl 115:8). Oséias comparou o povo com os “nadas” que conheciam: o orvalho da manhã que evapora com o sol; a palha que o vento leva embora; a fumaça que desaparece pela janela e não pode mais ser vista.

Outro pecado que Oséias condenou foi a ingratidão do povo (Os 13:4-6). Era sempre a mesma história: os judeus se alegravam com aquilo que Deus havia feito por seus antepassados – o êxodo, a provisão e direção de Deus no deserto e a riqueza abundante na Terra Prometida –, mas não mostravam apreciação sincera. Em suas provações, buscavam a ajuda de Deus, mas em sua prosperidade, tornavam-se orgulhosos, deixavam o Senhor e adoravam a ídolos. Moisés os havia advertido sobre esse pecado, mas ainda assim eles o cometiam (Dt 8:10-20).

O nome “Efraim” significa “fértil, frutuoso”, e era, de fato, uma tribo fértil. Por meio de Jacó, Deus havia prometido bênçãos abundantes para José e seus filhos (Gn 48; 49:22-26), e essa promessa se cumpriu. Infelizmente, o povo não usou para a glória de Deus as bênçãos que recebeu dele.

Os tipos de disciplina (13:7-16). Mais uma vez, Oséias usa uma série de símiles e de metáforas para descrever as provações que Deus estava enviando sobre seu povo desobediente. Como um animal feroz, iria atacá-los de repente (vv. 7, 8; ver Os 5:14), uma referência à invasão do exército assírio.

Os governantes de Israel haviam sido fracos, temporários e ineficientes (Os 13:9-11; ver 8:4). Era chegada a hora de Israel não ter mais rei algum (Os 3:4), uma situação que persistiria por vários séculos.

A mulher em trabalho de parto é uma imagem usada com freqüência nas Escrituras para retratar dores e sofrimento extremos (Os 13:13; Is 13:8; Jr 4:31; Mt 24:8), mas Oséias acrescenta outro aspecto a essa ilustração. Visualiza uma mulher tão fraca que não consegue dar à luz e um bebê estulto demais para sair do ventre! Todo aquele trabalho por nada.

A invasão assíria seria como um vento seco e quente do deserto, que queimaria o povo e secaria suas águas. Todos os tesouros de Israel seriam saqueados, e as crianças – seu maior tesouro – seriam mortas sem qualquer misericórdia. Isso porque a nação se recusava a tornar ao Senhor.

Paulo cita Oséias 13:14 em 1 Coríntios 15:55 para enfatizar a vitória de Jesus Cristo sobre a morte e o sepulcro por causa de sua ressurreição, mas as palavras de Oséias, nesse contexto, têm um sentido diferente.⁶

A declaração seguinte – “Meus olhos não vêm em mim arrependimento algum” – apóia nossa interpretação de que Oséias 13:14 refere-se a um juízo e não a uma vitória sobre o inimigo. Isso não sugere que Deus deixou de amar seu povo, pois o amor de Deus por seu povo é o principal tema do Livro de Oséias. Antes, havia chegado a hora de Deus disciplinar a nação, pois os israelitas haviam rejeitado todas as manifestações de seu amor.

Deus revelou seu amor por Israel mediante suas misericórdias no passado e suas disciplinas no presente. Oséias encerra seu livro com a terceira prova do amor de Deus.

3. AS PROMESSAS DE DEUS PARA O FUTURO (Os 14:1-9)

Ainda que seu povo dê as costas a ele, Deus não os abandona; ainda que os discipline, ele é fiel a sua aliança e a suas promessas. “Se somos infiéis, ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo” (2 Tm 2:13).

Deus insta seu povo a voltar para ele e a abandonar o pecado que estava causando a ruína de Israel (Os 14:1). Já havia lhe dito para arar seu coração endurecido, para buscar ao Senhor (Os 10:12) e para voltar-se para Deus e pedir misericórdia (Os 12:6), mas agora lhe fala como a crianças pequenas e diz exatamente o que fazer. O Senhor dá a seu povo promessas para encorajá-lo a arrepender-se.

Ele nos receberá (vv. 2, 3). Deus tinha motivos de sobra para rejeitar seu povo iníquo, mas escolheu oferecer-lhes seu perdão. Em vez de sacrifícios, deveriam oferecer palavras sinceras de arrependimento e pedir que Deus, em sua graça, o perdoasse. “Pois não te comprazes em sacrifícios; do contrário, eu te daria; e não te agradas de holocaustos. Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus” (Sl 51:16, 17).

Ele nos restaurará (v. 4). Deus restaura o pecador penitente, devolvendo-lhe sua saúde espiritual e curando sua apostasia (Jr 14:7). Quando uma pessoa cai enferma, normalmente isso é resultado de um processo que vinha se desenvolvendo no corpo há semanas ou meses. Primeiro uma infecção penetra no organismo e começa a crescer. A pessoa sente cansaço e perda de apetite e, então, fica prostrada. Quando um pecado entra no íntimo do coração e não é tratado, age como uma infecção insidiosa: cresce silenciosamente; causa perda de apetite espiritual; gera cansaço e fraqueza e, então, vem a prostração.

Quando Pedro negou seu Senhor três vezes, por exemplo, esse pecado não apareceu do nada; resultou de uma deterioração espiritual gradativa. A negação começou com o orgulho de Pedro, quando disse ao Senhor que jamais o abandonaria e que até morreria por ele. O estágio seguinte foi o sono de Pedro, quando deveria estar orando, e depois sua luta, quando deveria ter guardado a espada. Pedro deveria ter saído de lá (“Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho ficarão dispersas” [Mt 26:31; Zc 13:7]), mas, em vez disso, seguiu o povo para ver

o que aconteceria e caiu na armadilha da tentação.

Quando confessamos nossos pecados ao Senhor, ele nos perdoa e purifica nosso organismo dos “micróbios do pecado” (1 Jo 1:9), mas como acontece com a enfermidade física, com freqüência é necessário que haja um período de recuperação para readquirirmos nossas forças e apetite pelo alimento espiritual. “Eu de mim mesmo os amarei” descreve esse período, quando voltamos a ter comunhão com o Senhor e a desfrutar sua presença. Vemos o sorriso em seu rosto, pois sua ira se foi.

Ele nos vivificará (vv. 5-8). Oséias retrata a restauração e o surgimento de nova vida

num campo seco sobre o qual caiu o orvalho refrescante.⁷ No verão e no começo do outono na Terra Santa, o orvalho é denso e muito apreciado (Sl 133:3; Is 18:4). Esse é o significado de “vivificar”, de dar vida nova. A rica vegetação aparece onde o lavrador só via feijura e vazio. O solo sem cultivo torna-se um jardim frutífero!

O versículo de encerramento nos apresenta apenas duas alternativas: rebelar-se contra o Senhor e continuar a tropeçar ou voltar para o Senhor e andar seguramente em seus caminhos. A primeira escolha é insensata, e a segunda é sábia.

“Te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida” (Dt 30:19).

1. O profeta Oséias conhecia bem a história do povo judeu. Sabia não apenas o que havia ocorrido, mas o motivo dos acontecimentos e a relação dos eventos passados com o presente e o futuro de seu povo. Fez referência ao êxodo (Os 2:15; 11:11; 12:9, 13; 13:4), aos acontecimentos relacionados a Jeú e a Jezreel (1:4, 11; 2:22), a Acã e o vale de Acor (2:15), à perversidade de Gibeá (9:9; 10:9), aos pecados de Israel em Baal-Peor (9:10), à destruição das cidades da planície (11:8) e a fatos da vida de Jacó (Os 12:3, 4, 12).
2. Hebreus 12:11-17 é a passagem clássica das Escrituras sobre a disciplina. A palavra grega *paiideia* significa “educar uma criança”, pois o propósito da disciplina é a maturidade. Às vezes, Deus nos disciplina para corrigir nossa desobediência, mas também pode nos disciplinar quando somos obedientes, a fim de nos preparar para servi-lo melhor. Davi é um exemplo da disciplina para correção (2 Sm 12; Sl 32; 51), enquanto José é um exemplo da disciplina para aperfeiçoamento (Gn 39 – 42; Sl 105:16-22). Observe que o contexto de Hebreus 12 é o meio atlético – correr a carreira (Hb 12:1-3). A fim de se sobressair, os atletas devem sentir a dor da disciplina (dieta, exercícios, competições). Ninguém jamais dominou um esporte só de ouvir uma palestra ou de assistir a um vídeo, por mais úteis que sejam esses instrumentos. Em algum ponto, o nadador deve mergulhar na água, o lutador deve entrar no ringue e o corredor deve assumir sua posição na pista. Semelhantemente, os filhos de Deus devem sentir a dor da disciplina – para correção e aperfeiçoamento –, se desejam amadurecer e tornar-se semelhantes a Jesus Cristo.
3. Depois de lutar com ele em Jaboque, o novo nome que Deus deu a Jacó foi “Israel” (Gn 32:24-32), mas os estudiosos não apresentam um consenso quanto a seu significado. O sentido geralmente aceito é “príncipe com Deus”, isto é, “uma pessoa controlada por Deus”. Outros sugerem “Ele persiste com Deus”, o que certamente se encaixa no relato, pois Jacó lutou com o anjo do Senhor e não quis se render. Apesar de Jacó ter cometido alguns erros e, por vezes, ter confiado demais em sua própria engenhosidade, sem dúvida persistiu com Deus e buscou a ajuda do Senhor, e Deus o usou para constituir a nação de Israel. Algumas pessoas julgam Jacó com excessiva severidade, esquecendo-se de que os fiéis daquele tempo não tinham as vantagens que temos hoje. Deus permitiu ser chamado de “Deus de Jacó”, o que é um dos mais excelentes elogios para um grande homem.
4. De acordo com Jeremias 17:9, todos nós temos um coração semelhante ao de Jacó: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?”. A palavra hebraica traduzida por “enganoso” é o radical do nome “Jacó”. Significa “agarrar pelo calcanhar, suplantar”. A palavra “suplantar”, por sua vez, vem do latim *supplantare*, que significa “pôr debaixo dos pés, derrubar”. Jacó derrubou seu irmão e tomou o lugar dele tanto no direito da primogenitura quanto na respectiva bênção (Gn 27:36). Claro que Deus havia dado essas duas coisas a Jacó antes do nascimento dele (Gn 25:23), mas em vez de confiar no Senhor, Jacó usou seus próprios recursos para conseguir o que desejava. Ter fé é viver sem tramar.
5. Esses dois nomes sugerem dois aspectos da vida e do ministério de Cristo, um Homem de Dores, e o Filho ressurreto e exaltado à destra do Pai.

6. Quando os escritores do Novo Testamento citaram declarações do Antigo Testamento, o Espírito Santo que os estava dirigindo teve a liberdade de adaptar as passagens que lhe aprouveram, uma vez que o Espírito é o autor das Escrituras. Certamente Deus conhece sua Palavra muito melhor do que nós! Oséias 11:1, por exemplo, refere-se ao êxodo de Israel do Egito, mas Mateus usou essa passagem para indicar a saída de Cristo do Egito quando era criança (Mt 2:11-15).
7. As imagens bíblicas devem ser estudadas com cuidado e identificadas com precisão, pois a mesma imagem pode ser usada *com diferentes significados em diferentes contextos*. O orvalho é um desses casos. Em Oséias 6:4, representa a devoção religiosa efêmera dos hipócritas, enquanto em Oséias 13:3, simboliza a transitoriedade do povo que pensa estar seguro. Tanto Jesus quanto Satanás são representados pelo leão (Ap 5:5; 1 Pe 5:8).

JOEL

ESBOÇO

Tema-chave: “O Dia do SENHOR”¹ (Jl 1:15; 2:1, 11, 31; 3:14)

Versículos-chave: Joel 2:12, 13

I. O DIA IMEDIATO DO SENHOR – 1:1-20

1. Ouví! (anciões, cidadãos) – 1:2-4
2. Despertai! (ébrios) – 1:5-7
3. Pranteai! (lavradores) – 1:8-12
4. Convocai um jejum! (sacerdotes) – 1:13-20

II. O DIA IMINENTE¹ DO SENHOR – 2:1 – 27

1. O exército invasor, como gafanhotos – 2:1-11
2. O chamado ao arrependimento – 2:12-17
3. A promessa de restauração – 2:18-27

III. O DIA FINAL DO SENHOR – 2:28 – 3:21

1. Antes daquele dia – o Espírito será derramado – 2:28-32
2. Durante aquele dia – o juízo será derramado – 3:1-16
3. Depois daquele dia – as bênçãos serão derramadas – 3:17-21

CONTEÚDO

- | | |
|---|-----|
| 1. Assistindo ao Dia do SENHOR (Jl 1:1 – 2:27)..... | 414 |
| 2. Esperando o Dia do SENHOR (Jl 2:28 – 3:21)..... | 419 |

JOEL EM SUA ÉPOCA

Cada profeta usou uma abordagem singular para transmitir sua própria mensagem especial. A mensagem de Oséias foi uma aplicação das tristes provações de seu lar, enfatizando o amor zeloso de Deus, mas a mensagem de Joel foi a interpretação de uma calamidade nacional – uma praga de gafanhotos e uma seca – e enfatizou o reino glorioso de Deus.

Joel foi, possivelmente, o primeiro profeta a escrever suas mensagens. É provável que tenha ministrado em Judá durante o reinado de Joás (835-796 a.C.). O registro do rei Joás encontra-se em 2 Reis 11 – 12 e 2 Crônicas 22 – 24. Joás subiu ao trono aos dezessete anos de idade, tendo como mentor o sacerdote Joiada. Talvez por isso Joel não faça qualquer comentário sobre o rei, uma vez que este ainda era um aprendiz.

O principal tema de Joel é o “Dia do SENHOR” e a necessidade de o povo de Deus estar preparado. A expressão “Dia do SENHOR” é usada nas Escrituras para referir-se a diferentes períodos em que Deus enviou juízo sobre seu povo,² mas a maior ênfase é sobre o futuro “Dia do SENHOR”, quando as nações serão julgadas e Cristo voltará para estabelecer seu reino glorioso.

Joel faz referência a três acontecimentos importantes, sendo que chama cada um deles de “Dia do SENHOR”. Ele considera a praga de gafanhotos como um Dia imediato do SENHOR (Jl 1:1-20), a invasão de Judá pela Assíria como um Dia iminente do

SENHOR (Jl 2:1-27), e o julgamento definitivo do mundo como o Dia final do SENHOR (Jl 2:28 – 3:21). No primeiro caso, os gafanhotos são um exército metafórico; no segundo,

os gafanhotos simbolizam um exército real, e no terceiro, os gafanhotos não aparecem, mas os exércitos são extremamente reais e perigosos.

1. O Dia “iminente” do SENHOR refere-se à futura invasão de Judá pelos assírios, quando a terra seria devastada e Jerusalém seria cercada por exércitos (ver Is 36 – 37; 2 Rs 18 – 19; e 2 Cr 32). Isso ocorreu durante o reinado de Ezequias (715 – 686 a.C.). Jerusalém foi miraculosamente liberta dos assírios pelo Anjo do SENHOR, que matou 185 mil assírios em uma só noite. No entanto, nem todos os estudiosos do Antigo Testamento vêem uma distinção entre o dia “presente” e o Dia “iminente” do SENHOR e acreditam que o dia “iminente” seja uma extensão do dia “presente”. Seja qual for o esboço que fizermos do Livro de Joel, a mensagem é a mesma: cada calamidade nacional nos lembra de que o “Dia do SENHOR” está chegando e de que devemos estar preparados.
2. O termo “Dia do SENHOR” é usado para descrever a queda de Israel em 722 a.C. (Am 5), a queda de Judá em 586 a.C. (Ez 13:5) e a batalha de Carquemis em 605 a.C. (Jr 46:10). Cada uma dessas calamidades locais foi precursora do juízo mundial prometido pelos profetas e também pelo Senhor (Mt 24; Mc 13).

1

ASSISTINDO AO DIA DO SENHOR

JOEL 1:1 – 2:27

Se houvesse jornais no tempo de Joel, é possível que tivessem trazido a seguinte manchete:

**GAFANHOTOS INVADEM A TERRA!
NAÇÃO ENFRENTA GRAVE CRISE
ECONÔMICA
FIM DA SECA AINDA PARECE ESTAR
LONGE**

Um pregador ou professor perspicaz consegue a atenção do seu público ao referir-se a algo que seja do interesse de todos. Nesse caso, o povo de Judá estava falando sobre a crise econômica, de modo que o Senhor orientou Joel para que usasse esse acontecimento como pano de fundo para suas mensagens. O povo não tinha consciência, mas estava assistindo ao desenrolar do Dia do SENHOR diante de seus olhos, e o profeta Joel explicou o que se passava.

O nome “Joel” significa “o SENHOR é Deus”. Assim como todos os outros profetas, Joel recebeu a incumbência de chamar o povo de volta à adoração do Deus verdadeiro; e foi o que fez ao declarar a “Palavra do SENHOR” (Jl 1:1; ver Jr 1:2; Ez 1:3; e os primeiros versículos de Oséias, Miquéias, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias). Era trabalho dos sacerdotes ensinar a lei ao povo e era responsabilidade dos profetas chamar o povo de volta para o Senhor quando se afastavam da lei de Deus. Os profetas também interpretavam acontecimentos históricos à luz da Palavra de Deus para ajudar o povo a compreender a vontade do Senhor para sua vida. Eram “proclamadores” bem como “prenunciadores”.

Joel desejava que o povo de Judá compreendesse o que Deus estava lhes dizendo por meio da praga e da seca. Em nosso tempo, as nações do mundo estão passando por secas e fome severas, epidemias assustadoras, terremotos inesperados, enchentes devastadoras e outras “catástrofes naturais”, sendo que tudo isso tem afetado profundamente a economia global e, no entanto, poucas pessoas se perguntam: “O que Deus está nos dizendo?” Joel escreveu seu livro para que o povo soubesse o que Deus estava lhes dizendo por meio desses acontecimentos críticos.

Como se vê pelo esboço sugerido para o Livro de Joel, o profeta anunciou o “Dia do SENHOR” e aplicou-o a três acontecimentos: a praga de gafanhotos, a futura invasão da Assíria e o julgamento distante que o Senhor enviria sobre todo o mundo. Neste capítulo, desejamos nos concentrar nas duas primeiras aplicações do “Dia do SENHOR”.

1. O DIA IMEDIATO DO SENHOR (JL 1:1-20)

Em meio a uma crise, ouvem-se vozes de todos os tipos interpretando aquilo que está acontecendo e dizendo a todos o que fazer. Os otimistas dizem:

— Coragem! Essa crise vai passar.

Os pessimistas se lamentam:

— As coisas vão só piorar e não há saída! Estamos acabados!

Os alarmistas vêm o inimigo atrás de cada árvore, e os escarnecedores duvidam de todas as notícias e dão de ombros dizendo:

— Que diferença faz?

Joel, porém, era um realista que encarava a vida do ponto de vista da Palavra do Senhor. Dirigiu-se a cinco grupos de cidadãos e deu-lhes quatro admoestações do Senhor.

**Aos anciões e cidadãos em geral:
“Ouvir!” (vv. 2-4).** O profeta dirigiu-se primeiro aos homens idosos¹ provavelmente por dois motivos: tinham ampla experiência e podiam confirmar o que ele estava dizendo e, além disso, eram cidadãos respeitados na terra. Com seu apoio, Joel não era apenas uma voz clamando no deserto. Os anciões

concordaram com o profeta que a nação estava diante de uma tragédia de proporções monumentais como nunca se tinha visto. Era algo que as pessoas contariam a seus filhos e netos anos mais tarde.

Joel usou quatro palavras diferentes para descrever a praga (v. 4; ver Jl 2:25) e foi sugerido que representam quatro estágios do ciclo de vida dos gafanhotos. Contudo, é provável que as palavras dêem a idéia de nuvens sucessivas de gafanhotos invadindo a Terra, cada uma delas destruindo o que a outra havia deixado para trás. Uma nuvem de gafanhotos pode devastar a vegetação do campo de maneira incrivelmente rápida e completa e não há nada que possa detê-la (Êx 10:1-20).

Aos ébrios: "Despertai e chorai!" (vv. 5-7). Exceto pela menção que faz à insinceridade de alguns adoradores (Jl 2:12, 13), a embriaguez é o único pecado que Joel cita em seu livro. No entanto, tratava-se de um pecado grave que os profetas condenaram em várias ocasiões (Os 7:5; Am 4:1). Talvez os ébrios representem todas as pessoas descuidadas da Terra, cujos únicos interesses eram os prazeres pecaminosos.

Essas pessoas tinham bons motivos para chorar, pois não havia vinho nem haveria mais até o final da estação seguinte, se houvesse outra estação. Devido aos gafanhotos e à seca, "a vide se secou" (Jl 1:10, 12). Lembre-se de que o pão e o vinho eram os alimentos básicos da dieta dos judeus, de modo que até as pessoas que não se embriagavam foram afetadas pela perda.

Joel comparou os gafanhotos a uma nação invasora e a leões famintos com dentes afiados (v. 6; ver Jl 2:2, 11). Atacaram as videiras e as figueiras, duas coisas essenciais à vida dos judeus. No Oriente, ter sua própria videira e suas próprias figueiras era sinal de sucesso e de contentamento (Jl 2:22; Is 36:16; Am 4:9; Sl 105:33). Observe como o profeta usa o pronome possessivo "minha" para falar da terra e de sua vegetação, pois tudo pertencia ao Senhor, e era direito dele fazer o que bem entendesse.

Aos lavradores: "Desesperai-vos e lamentai!" (vv. 8-12). Joel citou algumas das

plantações destruídas: os grãos (trigo e cevada), o vinho novo, o azeite e os frutos das romãzeiras, palmeiras e macieiras. A cada estação, os gafanhotos comiam tudo o que era produzido, e a seca impedia que se produzisse outra safra. Nos versículos 18 a 20, Joel inclui os rebanhos e seus pastos. Tudo o que os lavradores podiam fazer para expressar sua tristeza era lamentar como uma moça cujo noivo havia morrido. A situação parecia desesperadora.

Aos sacerdotes: "Convocai um jejum!" (vv. 13-20). Não apenas o povo, mas também o templo estava necessitado. Ninguém poderia levar os devidos sacrifícios, pois não havia farinha, vinho ou animais para isso. Joel clamou os sacerdotes a lamentar e a orar, inclusive aqueles que trabalhavam "nas horas da noite" (Sl 134:1).²

Havia apenas um jejum obrigatório para os judeus observado no Dia da Exiação (Lv 16:29, 31). No entanto, os líderes religiosos podiam convocar um jejum sempre que o povo se visse diante de uma emergência e precisasse se humilhar e buscar a Deus (Jz 20:26; 2 Cr 20:3; Ed 8:21; Ne 9:1-3; Jr 36:9). Essa situação, sem dúvida, era uma emergência. "Cingi-vos" (Jl 1:13) significa "vesti-vos de panos de saco!" (ver Jr 4:8 e 6:26). Era hora de o povo humilhar-se e orar (2 Cr 7:14).

Joel 1:15-18 apresenta o lamento do povo, e os versículos 19 e 20, a oração do profeta ao interceder pela nação. O lamento é uma descrição vívida da triste condição da terra, das plantações e dos rebanhos, pois o "Dia do Senhor" havia chegado em Judá. Em termos imediatos, a referência é à praga de gafanhotos e à seca, porém mais adiante Joel usa essa expressão para descrever o terrível "Dia do Senhor" quando as nações serão julgadas. Deus é o Senhor da criação, e sem sua bênção a natureza não pode produzir o necessário para sustentar a vida (Sl 65; 104:10-18, 21; 145:15). Não devemos dizer levianamente "o pão nosso de cada dia nos dá hoje" quando oramos, "pois ele mesmo [Deus] é quem a todos dá vida" (At 17:25, 28).

"Como geme o gado!" (Jl 1:18). Isso nos lembra de que "toda a criação, a um só

tempo, gême e suporta angústias" por causa da sujeição do mundo ao pecado (Rm 8:18-22; Gn 3:17-19). A criação anseia pelo dia em que o Criador voltará à Terra para libertá-la dos grilhões do pecado e, então: "o deserto e a terra se alegrarão; o ermo exultará e florescerá como o narciso" (Is 35:1).

Não bastava o povo humilhar-se e lamentar; também era preciso que orasse. Era isso o que Deus requeria em sua aliança com seu povo (2 Cr 6:26, 27; 7:12-15; ver Dt 28:23, 24). Joel não pediu nada a Deus, simplesmente contou ao Senhor que a terra estava sofrendo, bem como os animais e o povo, sabendo que Deus faria o que era certo. "O fogo" (Jl 1:20) é uma referência à seca que deixou a terra com a aparência de que havia sido queimada.

Com freqüência excessiva, vivemos dia a dia sem dar o devido valor a nossas bênçãos, até Deus permitir que ocorra uma calamidade natural e nos lembrar de nossa dependência total dele. Quando a água é rationada e a comida é escassa e quando os preços para os produtos de primeira necessidade ficam cada vez mais altos, então descobrimos a pobreza de nossa civilização artificial e de nossa sociedade descartável. De repente, as necessidades tornam-se luxos, e os luxos transformam-se em fardos.

Deus não precisou mandar grandes batalhões a Judá para levar a nação a ajoelhar-se. Tudo o que precisou foi enviar nuvens de pequenos insetos que cumpriram sua missão. Às vezes, ele usa vírus ou bactérias, seres tão minúsculos que só podem ser vistos ao microscópio. Ele é o "Senhor dos Exércitos", o Senhor das hostes celestiais e terrenas. Ele é "o Todo-Poderoso" (v. 15), e ninguém pode deter sua mão poderosa.³

2. O DIA IMINENTE DO SENHOR (Jl 2:1-27)

Uma vez que havia conseguido a atenção de seu público, Joel disse ao povo para deixar de olhar para os gafanhotos a seu redor e começar a ver o cumprimento do que a praga dos gafanhotos simbolizava: a invasão por um exército feroz vindo do Norte (v. 20).

A menos que Joel tivesse em mente outro ataque sobre o qual nada sabemos, é bem provável que estivesse se referindo à invasão assíria, durante o reinado de Ezequias, em 701 a.C. (Is 36 - 37). Deus permitiu que os assírios assolassem a terra, mas livrou Jerusalém miraculosamente do cativeiro.⁴ O profeta deu ao povo três instruções oportunas.

"Tocai a trombeta!" (vv. 1-11). Era uma guerra de verdade, de modo que Joel ordenou que os atalaia tocassem as trombetas e que alertassem o povo. Os judeus usavam as trombetas para convocar assembleias, anunciar acontecimentos especiais, marcar festas religiosas e advertir o povo de que havia sido declarada uma guerra (Nm 10; Jr 4:5; 6:1; Os 5:8). Nesse caso, tocaram as trombetas para anunciar uma guerra e convocar um jejum (Jl 2:15). Suas armas contra o invasor inimigo seriam o arrependimento e a oração; o Senhor lutaria por eles.

Duas vezes, nessa passagem, Joel nos diz que a invasão é "o Dia do SENHOR" (vv. 1, 11), o que significa um período bastante específico planejado e dirigido por Deus. "O SENHOR levanta a voz diante do seu exército" (v. 11). Foi Deus quem enviou os gafanhotos sobre a terra e seria Deus quem daria permissão aos assírios para invadir a terra (Is 7:17-25; 8:7). Permitiria que devastassem Judá como os gafanhotos haviam feito, com a diferença de que os assírios maltratariam e matariam as pessoas. "Ai da Assíria, cetro da minha ira! A vara em sua mão é o instrumento do meu furor. Envio-a contra uma nação ímpia e contra o povo da minha indignação lhe dou ordens, para que dele roube a presa, e lhe tome o despojo, e o ponha para ser pisado aos pés, como a lama das ruas" (Is 10:5, 6).

Em seu relato vívido do exército invasor, Joel os vê chegando em grandes hordas, "como a alva por sobre os montes" (Jl 2:2). Mais uma vez, ele usa os gafanhotos para descrever os soldados. Assim como os gafanhotos haviam destruído tudo o que viam pela frente e que era comestível, também o exército viria "como fogo devorador" e devastaria as cidades e campos (Is 36:10;

37:11-13, 18). Os gafanhotos pareciam cavalos em miniatura, mas os assírios viriam com cavalos de verdade e conquistariam a terra.⁵

O profeta deixa claro que o Senhor irá comandar essa invasão: é seu exército cumprindo sua Palavra (Jl 2:11). Deus pode usar até nações pagãs para realizar seus planos aqui na Terra (Is 10:5-7; Jr 25:9). Os transtornos cósmicos assustadores descritos em Joel 2:10 são a forma de o profeta anunciar que Deus está no controle, pois esses são os sinais que acompanham o “Dia do SENHOR” (Jl 3:15; ver Sf 1:14).

“Rasgai o vosso coração!” (vv. 12-17).

Mais uma vez, Joel convocou uma assembleia solene, na qual o povo de Deus se arrependeria de seus pecados e buscaria o socorro do Senhor. A nação não sabia quando essa invasão iria ocorrer, de modo que era importante voltar-se para o Senhor imediatamente. Contudo, deviam fazê-lo com sinceridade. É fácil participar de uma cerimônia religiosa, rasgar as vestes e lamentar-se, mas é algo bem diferente confessar humildemente seus pecados e apresentar-se diante do Senhor com um coração arrependido (Mt 15:8, 9). “Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus” (Sl 51:17).

A única coisa que serve de estímulo para que nos arrependamos e voltemos para o Senhor é o caráter de Deus. Saber que ele é, de fato, “misericordioso, e compassivo, e tardio em irar-se, e grande em benignidade” (Jl 2:13) deve nos motivar a buscá-lo. Essa descrição dos atributos de Deus remete ao encontro de Moisés com o Senhor no monte Sinai, quando Moisés intercedeu pela nação pecadora de Israel (Êx 34:6, 7). Encontramos essas palavras repetidas em Números 14:18 (outra cena de Moisés intercedendo pelo povo); Neemias 9:17; Salmos 86:15; 103:8 e 145:8; e Jonas 4:2. Um Deus tão cheio de graça “se voltará, e se arrependerá” (Jl 2:14).⁶ Observe como Joel se preocupava que o povo voltasse a ter ofertas para levar ao Senhor e não só alimento sobre a mesa.

No entanto, primeiro o povo deveria reunir-se e depois voltar-se para o Senhor (vv. 15-17). Isso incluía idosos e crianças, bebês que ainda mamavam no peito, sacerdotes e até recém-casados, que não deveriam ser perturbados em seu primeiro ano de casamento, nem mesmo para ir à guerra (Dt 24:5). O profeta deu-lhes uma oração para usar (Jl 2:17) que apresentava dois motivos pelos quais Deus devia livrá-los: (1) os privilégios de Israel dentro da aliança, como herança de Deus; e (2) a glória do nome de Deus diante das outras nações. Moisés usou esses mesmos argumentos quando suplicou pelo povo (Êx 32:11-13; 33:12-23).

Sem dúvida, os judeus eram o tesouro peculiar e herança de Deus (Êx 15:17; 19:5, 6; Sl 94:5; Jr 2:7; 12:7-9). Foi a Israel que ele deu suas leis, suas aliança, o templo e o sacerdócio, uma terra especial e a promessa de que iriam abençoar o mundo todo (Gn 12:1-3; Rm 9:1-5). Foi de Israel que veio a Palavra de Deus em sua forma escrita e a dádiva do Salvador (Jo 4:22).

Israel foi chamado para dar testemunho a outras nações de que seu Deus era o único Deus verdadeiro. De que modo o Senhor poderia ser glorificado se seu povo fosse destruído e os pagãos pudessem perguntar com prazer: “Onde está o seu Deus?” (ver Sl 79:10 e 115:2; ver também Mq 7:10). Era preciso que a nação escolhesse entre o reavivamento (colocar tudo em ordem com Deus) ou a repreensão (tomar de Deus a glória que lhe era devida).

“Crede nas promessas de Deus!” (vv. 18-27). Joel olha agora além da invasão, vendo um tempo em que Deus sararia sua terra e restauraria as bênçãos ao seu povo. Expulsaria o exército invasor da terra como soprou os gafanhotos para as profundezas do mar Morto e do mar Mediterrâneo (mares do Leste e do Oeste). Em uma noite, Deus matou 185 mil soldados assírios e o rei Senaqueribe voltou para casa derrotado (Is 37:36-38). Os cadáveres devem ter criado um mau cheiro e tanto antes de ser enterrados.

Alguns estudiosos acreditam que o Salmo 126 surgiu desse acontecimento, pois descreve um lirramento repentino e

surpreendente que deixou a nação estarrecida (o regresso de Judá da Babilônia não foi nem repentino e nem surpreendente). As palavras: “Com efeito, grandes coisas fez o SENHOR por nós; por isso, estamos alegres” (v. 3) são repetidas em Joel 2:21: “regozijate e alegra-te, porque o SENHOR faz grandes coisas”. Tanto Joel 2:23-27 quanto o Salmo 126:5, 6 descrevem a restauração da terra devastada e a volta das colheitas, cumprindo o que Isaías havia prometido ao rei Ezequias (Is 37:30).

Sem a chuva temporâ (março – abril) e a chuva serôdia (outubro – novembro), a terra não podia produzir as safras, e uma das formas de Deus disciplinar seu povo era reter a chuva (Dt 11:13-17). No entanto, o Senhor prometeu dar safras tão abundantes que a colheita seria mais do que compensadora por tudo o que o povo havia perdido durante a praga de gafanhotos e a seca. “Restituir-vos-ei os anos que foram consumidos pelo gafanhoto migrador” (Jl 2:25): essa é uma promessa para todos os que voltam para o Senhor com o coração sincero e quebrantado.

“É impossível devolver o tempo que passou”, disse Charles Spurgeon, “mas há uma forma estranha e maravilhosa que Deus tem de lhe devolver as bênçãos desperdiçadas, os frutos não amadurecidos de anos sobre os quais você se lamentou [...] É uma pena que esses anos tenham sido devorados pelos gafanhotos de sua insensatez e negligéncia, mas se isso aconteceu, não perca a esperança a respeito deles”.⁷

E por que Deus fará isso por seu povo indigno? Para que louvem seu nome e nunca mais sejam envergonhados diante dos pagãos.

“Sabereis que estou no meio de Israel e que eu sou o SENHOR, vosso Deus, e não há outro; e o meu povo jamais será envergonhado” (v. 27).⁸

Nossas terras de hoje precisam de cura como nunca antes. Estão contaminadas pelo derramamento de sangue inocente e pela exploração tanto de recursos quanto de pessoas. Podemos nos apropriar da promessa de Deus em 2 Crônicas 7:14, pois somos “seu povo”.

1. É possível que esses homens idosos fossem, na verdade, os anciões oficiais de Israel.
2. As palavras “vosso Deus” são usadas oito vezes no Livro de Joel (1:13, 14; 2:13, 14, 23, 26, 27; 3:17).
3. “Todo-Poderoso” é uma tradução da palavra hebraica *shaddai*, relacionada ao termo hebraico para “seio”. Ele é o Deus Todo-Suficiente e Abundante, que tudo pode. Esse nome é usado quarenta e sete vezes no Antigo Testamento, sendo trinta e uma delas no Livro de Jó, em que a grandeza de Deus é um dos principais temas. O nome “Todo-Poderoso” é usado nove vezes no Livro de Apocalipse.
4. Por que Joel deveria chamar o povo a arrepender-se para evitar uma invasão que ocorreria um século depois? Não sabiam quando seria essa invasão, e seu quebrantamento diante do Senhor foi uma forma de adiá-la. Olhamos para trás e vemos que Isaías 36 – 37 cumpriu o que Joel escreveu, mas o povo de Judá estava olhando adiante, para um futuro desconhecido. É sempre certo arrepender-se e submeter-se à vontade de Deus. Essa é a melhor maneira de garantir um bom futuro.
5. O uso repetido de “como” em Joel 2:4-7 indica que Joel está usando um símile e não descrevendo um exército de verdade. Os gafanhotos se pareciam com um exército e agiam como tal, e os invasores assírios seriam como esses insetos: numerosos, impiedosos, destruidores e invencíveis. Ao chegar a Joel 2:8-11, lemos sobre soldados de verdade numa batalha real, uma vez que gafanhotos não “arremetem contra lanças” (v. 8).
6. Diz-se que Deus se “arrepende” quando, do ponto de vista humano, ele muda sua atitude e afasta sua ira. O termo “apiedar-se” pode ser mais apropriado.
7. SPURGEON, Charles H. *Metropolitan Tabernacle Pulpit*. Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, v. 35, p. 217.
8. Pode haver uma indicação, aqui, de que algumas pessoas do povo estavam envolvidas com a idolatria e precisavam deixar as coisas vãs do paganismo e adorar somente ao Senhor (Êx 20:1-6).

ESPERANDO O DIA DO SENHOR

JOEL 2:28 – 3:21

A mensagem de Joel para Judá (e para nós) aproxima-se de sua conclusão. O profeta descreve o dia imediato do Senhor, a terrível praga de gafanhotos. Isso o levou a uma descrição do dia iminente do Senhor, a invasão impendente do exército do Norte. Tudo o que lhe resta descrever ainda é o dia final do Senhor, quando Deus julgará todas as nações da Terra. “Porque o Dia do SENHOR está prestes a vir sobre todas as nações” (Ob 15).

Joel descreve uma seqüência de acontecimentos relacionados a esse “grande e terrível Dia do SENHOR” (Jl 2:31), o que acontecerá antes, durante e depois desse dia.

1. ANTES DO DIA DO SENHOR: O ESPÍRITO SERÁ DERRAMADO (JL 2:28-32)

Nas Escrituras hebraicas, esses cinco versículos constituem o capítulo 3 da profecia de Joel, e o capítulo 4 das Escrituras hebraicas é o capítulo 3 da nossa Bíblia. É evidente que os estudiosos judeus que organizaram as Escrituras do Antigo Testamento acreditavam que esse parágrafo era importante o suficiente para constituir um capítulo separado. Contudo, agora que temos uma Bíblia completa, essa passagem importante deve ser estudada tanto no contexto judaico quanto no contexto da Igreja do Novo Testamento.

O contexto judaico. A palavra “depois”, em Joel 2:28, refere-se aos acontecimentos descritos em Joel 2:18-27, quando o Senhor sara a nação depois da invasão assíria. Contudo, não significa logo em seguida, pois se passaram muitos séculos antes de o Espírito ser derramado. Quando Pedro citou esse

versículo em seu sermão no Dia de Pentecostes, o Espírito Santo o dirigi a interpretar o “depois” como “nos últimos dias” (At 2:17).

“Os últimos dias” começaram com o ministério de Cristo na Terra (Hb 1:2) e se encerrão com o “Dia do SENHOR”, período de julgamento mundial conhecido também como “grande tribulação” (Mt 24:21, 29) e “tempo de angústia para Jacó” (Jr 30:7). Muitos estudiosos das profecias acreditam que esse período especial é descrito em detalhes em Apocalipse 6 – 19, culminando com a volta de Cristo à Terra para livrar Israel e estabelecer seu reino (Is 2:2-5; Zc 12 – 14; Ap 19:11 – 20:6)¹.

Joel prometeu que, antes do início do “Dia do SENHOR”, haverá um derramamento extraordinário do Espírito Santo acompanhado de sinais nos céus e na Terra. Na era do Antigo Testamento, o Espírito Santo foi dado apenas a determinadas pessoas com tarefas específicas a cumprir, como Moisés e os profetas (Nm 11:17), os juízes (Jz 3:10; 6:34; 11:29) e grandes homens como Davi (1 Sm 16:13). No entanto, a promessa de Deus por intermédio de Joel afirmava que o Espírito viria sobre “toda a carne”, o que inclui homens e mulheres, jovens e idosos, judeus e gentios. “E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo” (Jl 2:32; ver At 2:39).

O contexto da Igreja. Em Atos 2, Pedro não disse que a profecia de Joel estava se cumprindo. Afirmou que o mesmo Espírito Santo sobre o qual Joel havia escrito (At 2:5-12) havia vindo e estava dando poder aos cristãos para louvar a Deus em várias línguas, compreendidas pelos judeus que se encontravam reunidos em Jerusalém, vindos de diversas partes do império romano (At 2:5-12). Em sua profecia, Joel prometeu “prodígios no céu e na terra: sangue, fogo e colunas de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue” (Jl 2:30, 31), mas não há registro algum de que qualquer uma dessas coisas tenha acontecido em Pentecostes. O milagre que fascinou o povo foi o milagre das línguas, mas não houve sinais extraordinários da natureza.²

Além disso, a promessa de Joel incluía um público muito mais amplo do que aquele para o qual Pedro se dirigiu em Pentecostes. O público de Pedro era constituído de homens (At 2:22, 29) judeus ou de prosélitos gentios (v. 11). Os gentios só receberam a bênção do Espírito a partir da conversão de Cornélio, de sua família e de seus amigos (At 10 – 11). Pedro usou a profecia de Joel para declarar que o Espírito prometido que havia vindo era o motivo de os cristãos, homens e mulheres (At 1:14), estarem louvando a Deus de modo tão enlevado. Pedro respondia, então, às acusações de que os cristãos estavam embriagados (At 2:13-16) apoiando sua defesa num texto das Escrituras.³

Quando chegarem a Israel, os “últimos dias” (ou “últimos tempos”) serão tanto de tribulação quanto de exaltação (Is 2:1-5; Mq 4:1-5), um tempo de tribulação seguido de um tempo de triunfo e glória. No que se refere à Igreja, os “últimos dias” serão um tempo de perigo, com a oposição satânica do mundo e a apostasia dentro da Igreja (1 Tm 4:1-5; 2 Tm 3:1-8; 2 Pe 3:1-9; 1 Jo 2:18-23; Jd 18, 19). Muitos cristãos acreditam que nesses “últimos dias” o Senhor enviará uma grande manifestação do seu Espírito, e muitos pecadores se voltarão para o Salvador antes da chegada do terrível “Dia do SENHOR”.

Sem dúvida, a Igreja de hoje precisa ser novamente cheia do Espírito de Deus. Sem o ministério do Espírito, os cristãos não podem testemunhar com eficácia (At 1:8), compreender as Escrituras (Jo 16:13), glorificar a Cristo (v. 14), orar de acordo com a vontade de Deus (Rm 8:26, 27) nem desenvolver um caráter cristão (Gl 5:22, 23). Precisamos orar pedindo um reavivamento, uma operação mais profunda do Espírito em seu povo, levando à confissão de pecados, ao arrependimento, ao perdão e à união.

2. DURANTE O DIA DO SENHOR: O JUÍZO SERÁ DERRAMADO (Jl 3:1-16)

A oração “mudarei a sorte” (Jl 3:1) significa “reverter a situação”, “restaurar a sorte”. Em função dos juízos que virão durante o “Dia

do SENHOR”, a situação de Israel no mundo será drasticamente alterada, e Deus tratará das nações do mundo com justiça pela maneira como trataram seu povo, Israel. Joel faz três declarações importantes.

“Nações, preparem-se para o julgamento!” (vv. 1-8). Essa grande batalha ocorrerá no vale de Josafá (vv. 2, 12), um local que não é mencionado em nenhuma outra parte das Escrituras. No versículo 14, é chamado de “vale da Decisão”, uma referência à decisão (decreto) de Deus de castigar as nações.⁴ Uma vez que o nome “Josafá” significa “o Senhor julga”, o nome “vale de Josafá” pode muito bem ser simbólico, mas alguns estudiosos acreditam que se refere à planície de Esrael, onde será travada a “batalha do Armagedom” (Ap 16:16).

Joel relaciona alguns dos pecados que os gentios cometem contra os judeus: dispersá-los entre as nações, tratá-los como mercadorias sem valor pelas quais as pessoas lançavam sortes, saquear a terra de sua riqueza e levar o que pertencia ao Senhor, usando tais coisas para seus próprios deuses. Sem dúvida, muitas das experiências trágicas pelas quais o povo judeu passou foram disciplina de Deus, pois haviam transgredido sua aliança, mas as nações gentias foram além da disciplina e exploraram o povo de Deus. Nas palavras de Jeremias sobre os babilônios, “vos alegrais e exultais, ó saqueadores da minha herança, saltais como bezerros na relva e rinchais como cavalos fogoosos” (Jr 50:11).

É interessante observar que Deus refere-se aos judeus como “meu povo” e à terra como “minha terra”. A riqueza é “a minha prata e o meu ouro”. Deus não havia abandonado os judeus, apesar de não terem obedecido à aliança nem procurado agradar ao Senhor. Mesmo quando os judeus rejeitaram o Messias, Deus foi misericordioso para com eles. Ele os preservou como nação e um dia os socorrerá e derrotará seus inimigos.

“Nações, preparem-se para a guerra!” (vv. 9-15). Essa passagem descreve o acontecimento que normalmente é chamado de “batalha do Armagedom”, quando os exércitos das nações se unirão contra o Senhor e

seu Cristo (Sl 2:1-3) e se ajuntarão para destruir Jerusalém (Jl 3:16; Zc 12 – 14). Joel compara a batalha com a colheita de grãos e uvas, quando Deus derrotará os inimigos com tanta facilidade quanto um lavrador maneja uma foice ou apanha uvas e as prensa para fazer vinho (Jl 3:13). Encontramos uma imagem parecida em Apocalipse 14:14-20, quando Deus ceifa a “seara da terra” e “os cachos da videira da terra” e esmaga os exércitos como cachos de uvas.

Essa batalha será acompanhada de sinais assustadores do Senhor (Jl 3:15; ver 2:10, 30, 31), os quais Jesus mencionou em seu discurso profético no monte das Oliveiras (Mt 24:29-31; Mc 13:19-27; Lc 21:25-28). Jesus ensinou que esses sinais prepararão o caminho para sua vinda à Terra, para que derrote os inimigos de Israel, purifique seu povo e estabeleça seu reino (Zc 12 – 14; Ap 19:11ss).

Joel 3:10 ordena as nações a se armar para a batalha, até mesmo a ponto de transformar instrumentos agrícolas em armas, mas Isaías 2:4 e Miquéias 4:3 descrevem uma cena diferente: “estas converterão as suas espadas em relhas de arados e suas lanças, em podadeiras” (Is 2:4). Contudo, Isaías e Miquéias estão descrevendo o reino futuro, quando o povo não terá mais guerras, enquanto Joel está descrevendo a batalha depois da qual inicia esse reino de paz.

“Nações, preparem-se para a derrota” (v. 16). O nome “Armagedom” aparece apenas em Apocalipse 16:16, referindo-se à planície de Esdraelom, onde foram travadas muitas batalhas importantes no Antigo Testamento. Apocalipse 16:13-16 informa que, por meio de seus poderes demoníacos, Satanás juntará os exércitos das nações para lutar contra Deus em Jerusalém. Contudo, sua invasão não será bem-sucedida, pois Jesus voltará com poder e exterminará o inimigo, transformando a “batalha” toda num grande banquete de carne para as aves e animais de rapina da Terra (Ap 19:17-19).

Como um leão feroz, Deus “rugirá de Sião” e conquistará o inimigo (ver Am 1:2; Os 11:10, 11). Quando o Cordeiro tornar-se um Leão, as nações deverão tremer (Ap

5:5). As nações perdidas da Terra perceberão quando ele declarar seu julgamento, mas para seu próprio povo, o Senhor será um refúgio e uma fortaleza. “Vai, pois, povo meu, entra nos teus quartos e fecha as tuas portas sobre ti; esconde-te só por um momento, até que passe a ira. Pois eis que o SENHOR sai do seu lugar, para castigar a iniqüidade dos moradores da terra; a terra descobrirá o sangue que embebeu e já não encobrirá aqueles que foram mortos” (Is 26:20, 21).⁵

Há um provérbio judaico que diz: “Nenhum infortúnio evita um judeu”. Não há povo que tenha sofrido tanto nas mãos de outros homens como os judeus. O Faraó tentou afogar o povo de Israel, mas, em vez disso, seu próprio exército foi afogado por Deus (Êx 14 – 15). Balaão tentou amaldiçoar os hebreus, mas Deus transformou sua maldição numa bênção (Nm 22:25; Dt 23:5; Ne 13:2). Os assírios e babilônios capturaram os judeus e levaram-nos para o exílio, mas esses dois reinos poderosos não existem mais, enquanto os judeus ainda estão em nosso meio. Hamã tentou exterminar os judeus, mas ele e seus filhos acabaram enforcados (Livro de Ester). Nabucodonosor colocou três judeus numa fornalha de fogo, mas descobriu que Deus estava com eles e os livrou (Dn 3).

Um amigo meu, o falecido Dr. Jacob Gartenhaus, grande missionário no meio de seu povo, costumava dizer: “Nós, judeus, somos à prova d’água e à prova de fogo; Deus nos abençou de tal modo que ninguém pode nos amaldiçoar, e estaremos aqui muito depois de nossos inimigos perecido”. Deus sabe o que as nações fizeram aos judeus e, um dia, acertará as contas com elas. Enquanto isso, os cristãos devem orar pedindo a paz de Jerusalém (Sl 122:6) e testemunhar com amor, por meio de palavras e de gestos, que Jesus é, de fato, seu Messias e Senhor.

3. DEPOIS DO DIA DO SENHOR: BÊNÇÃO SERÁ DERRAMADA (JL 3:17-21)

Nada será igual quando o Rei voltar e iniciar seu reinado! Joel promete uma cidade santa,

uma terra restaurada, um povo purificado e um Rei glorioso.

Uma cidade santa (v. 17). Quando Salomão consagrou o templo, a glória do Senhor desceu e encheu aquele lugar (1 Rs 8:10, 11; 2 Cr 5:11-14). O monte Sião, onde Jerusalém foi construída e onde ficava o templo, era um lugar muito especial para os judeus, pois era lá que Deus havia escolhido habitar (Sl 48; 87; 132:13). Quando os babilônios destruíram o templo, os judeus oraram pelo dia em que o templo seria restaurado e a glória de Deus voltaria: “Porque Deus salvará Sião e edificará as cidades de Judá, e ali habitarão e hão de possuí-la” (Sl 69:35).

Hoje em dia, o povo judeu não tem um templo no monte Sião; em vez disso, há uma mesquita em seu lugar. Contudo, Deus promete restaurar Sião e habitar lá em toda sua glória: “Porque o SENHOR tem piedade de Sião; terá piedade de todos os lugares assolados dela, e fará o seu deserto como o Éden, e sua solidão, como o jardim do SENHOR; regozijo e alegria se acharão nela, ações de graças e som de música” (Is 51:3). Os profetas previram o dia em que “deles [os resgatados do SENHOR] fugirão a dor e o gemido” (Is 51:11) e Deus tornará a habitar no meio de seu povo (ver Is 12; 33:20-24; 35; 52; Jr 31; Mq 4; Zc 1).

Jerusalém é chamada de “Cidade Santa” e “santa cidade” pelo menos oito vezes nas Escrituras (Ne 11:1, 18; Is 48:2 e 52:1; Dn 9:24; Mt 4:5 e 27:53; Ap 11:2), e nós a conhecemos por esse nome hoje em dia. Como todas as outras cidades deste mundo, Jerusalém é habitada por pecadores que cometem transgressões. No entanto, virá o dia em que Jerusalém será purificada (Zc 13:1) e se tornará, verdadeiramente, uma cidade santa, consagrada ao Senhor (Is 4:1-6).

Uma terra restaurada (vv. 18, 19). Ao longo dos séculos, a terra de Israel já foi devastada por guerras, fome, secas e invasões de insetos destruidores como os gafanhotos sobre os quais Joel escreveu no primeiro capítulo de seu livro. No entanto, virá o dia em que a terra será como o jardim do Éden com sua beleza e fertilidade. “Fará o seu

deserto como o Éden, e a sua solidão, como o jardim do SENHOR” (Is 51:3).

No primeiro capítulo da profecia de Joel, o povo estava se lamentando, pois não tinha comida, o que não acontecerá mais quando Deus restaurar seu povo e sua terra. Não será apenas uma “terra que mana leite e mel”, mas também terá vinho e água em abundância. A terra de Israel sempre dependeu da água das chuvas temporâneas e serôdias, mas Deus lhes dará fontes e um rio para regar a terra.

Jerusalém é a única cidade do mundo antigo que não foi construída nas proximidades de um grande rio. Roma tem o rio Tíber, Nínive ficava perto do rio Tigre, a Babilônia no Eufrates e as grandes cidades do Egito foram construídas perto do rio Nilo. No reino, porém, Jerusalém terá um rio que virá do templo de Deus. “Naquele dia, também sucederá que correrão de Jerusalém águas vivas, metade delas para o mar oriental [o mar Morto], e a outra metade, até ao mar ocidental [o Mediterrâneo]; no verão e no inverno, sucederá isto” (Zc 14:8). Encontramos esse rio e suas bênçãos especiais em Ezequiel 47.

Em contraste com a terra de Israel, as terras de seus inimigos – Egito e Edom – serão desoladas como castigo pela maneira como trataram o povo judeu. Isso significa que o Egito e Edom dependerão de Israel para suprir suas necessidades mais básicas, como alimento e água.

Um povo purificado (vv. 20, 21a). De que adiantará ter uma terra restaurada se ela for habitada por um povo iníquo? O povo de Deus deve ser purificado antes de poder entrar no reino prometido. Deus promete purificar seu povo de seus pecados, perdoá-los e restaurá-los para si. “Naquele dia, haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, para remover o pecado e a impureza” (Zc 13:1).

O profeta Ezequiel descreve essa purificação: “Tomar-vos-ei de entre as nações, e vos congregarei de todos os países, e vos trarei para a vossa terra. Então, aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados;

de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardais os meus juízos e os observeis” (Ez 36:24-27).

De acordo com a lei do Antigo Testamento, os judeus podiam purificar aquilo que havia sido contaminado usando água, fogo ou sangue. Em sua ordenação, os sacerdotes eram lavados com água e aspergidos com sangue (Lv 8 - 9); também os leprosos curados eram lavados com água e aspergidos com sangue (Lv 14). Os sacerdotes deviam lavar as mãos e os pés e manter-se ceremonialmente limpos ao servirem no tabernáculo (Êx 30:17-21). Se qualquer coisa fosse contaminada, deveria ser purificada com a “água purificadora” (Nm 19). Zacarias usou essa verdade do Antigo Testamento para ensinar sobre a purificação interior permanente que seria realizada quando o povo visse seu Messias e cresse nele (Zc 12:10). Passariam por um novo nascimento e seriam uma nova nação para o Senhor.

Um Rei glorioso (v. 21b). Que maneira maravilhosa de encerrar um livro: “O SENHOR habitará em Sião”! O profeta Ezequiel viu a glória de Deus partir do templo que estava prestes a ser destruído (Ez 8:4; 9:3; 10:4, 18; 11:23) e depois viu a glória voltar para o novo templo na nação restaurada (Ez 43:1-5). Viu uma nova Jerusalém que receberia um novo nome: “Jeová Shamá – O SENHOR Está Ali” (Ez 48:30-35).

A profecia de Joel começa com uma tragédia - a invasão dos gafanhotos -, mas termina em triunfo, o reinado do Rei dos reis e Senhor dos senhores. Jesus disse a seus discípulos: “Em verdade vos digo que vós, os que me seguiastes, quando, na regeneração [no reino vindouro], o Filho do Homem se assentará no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar [governar] as doze tribos de Israel” (Mt 19:28).

Que nunca deixemos de nos maravilhar com seu glorioso reino!

“O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos” (Ap 11:15).

“Venha o teu reino” (Mt 6:10).

“Amém! Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22:20).

1. Observe que as palavras “mil anos” são usadas seis vezes em Apocalipse 20:1-7. O termo em latim para “mil anos”, *millenium*, é usado para descrever o reino que Jesus Cristo estabelecerá na Terra em cumprimento às profecias feitas a Israel no Antigo Testamento. No entanto, alguns estudiosos preferem “espiritualizar” essas promessas e aplicá-las à Igreja de hoje. Aqueles que adotam esse ponto de vista são chamados de “amilenistas”, ou “sem milênio”. Os pré-milenistas são cristãos que acreditam que Jesus voltará antes de o reino ser estabelecido, pois como pode haver um reino sem Rei? Durante uma época, a interpretação pós-milenista foi amplamente aceita: a Igreja “transformaria o mundo” e “traria o reino” e, então, Jesus voltaria para reinar. As guerras e atrocidades destes últimos séculos e a propagação da apostasia na Igreja praticamente eliminaram essa visão otimista.
2. Alguns dizem que o escurecimento do Sol do meio-dia até as três da tarde (Mt 27:45) e o terremoto localizado (vv. 51-54) cumpririam a promessa de Joel, mas não é isso que Mateus diz. Invariavelmente, quando acontece algo que cumpre as Escrituras, Mateus chama nossa atenção para o fato (Mt 26:24, 56; 27:9, 35). Pelo menos doze vezes em seu Evangelho, Mateus usa o verbo “cumprir” para indicar uma profecia messiânica do Antigo Testamento, mas não se refere a Joel 2:28-32.
3. Nas Escrituras, é possível encontrar, em certos casos, cumprimentos “immediatos” e “distantes” das promessas de Deus. O cumprimento “imediato” é parcial, enquanto o “distante” é completo. Em 2 Samuel 7, Deus prometeu construir uma casa para Davi. O cumprimento imediato foi a dinastia de Davi que reinou até que Judá fosse exilado na Babilônia. O cumprimento distante encontra-se em Jesus Cristo, o Filho de Davi, cujo reino jamais terá fim (Lc 1:32, 33).
4. Transformar o “vale da Decisão” num lugar onde os pecadores perdidos decidem seguir a Cristo é distorcer as Escrituras. É Deus quem toma a decisão ali, e sua decisão (decreto) é julgar e não salvar. As nações tiveram sua oportunidade, mas então será tarde demais.
5. Os pré-tribulacionistas acreditam que a Igreja será levada para o céu (arrebatada) antes de o Dia do SENHOR vir sobre o mundo (1 Ts 1:10; 5:9, 10). Esse acontecimento é descrito em 1 Tessalonicenses 4:13-18. Os santos voltarão para a Terra

com Jesus, quando este retornar em glória para derrotar seus inimigos e estabelecer seu reino (Ap 19:11ss; 2 Ts 2). Os estudiosos das profecias divergem no que se refere aos detalhes dessa situação no fim dos tempos, mas concordam que o mundo se tornará hostil para com o Senhor, que o povo de Deus sofrerá perseguições, e que o Senhor voltará para conquistar seus inimigos e resgatar seu povo. É isso o que estamos pedindo quando dizemos: "Venha o teu reino".

AMÓS

ESBOÇO

Tema-chave: Um chamado à justiça, um aviso de julgamento

Versículo-chave: Amós 5:24

I. OLHE AO REDOR E RECONHEÇA O JULGAMENTO DE DEUS – 1 – 2

O julgamento de oito nações

1. A condenação de seis nações gentias – 1:1 – 2:3
2. A condenação de Judá – 2:4-5
3. A condenação de Israel – 2:6-16

II. OLHE PARA DENTRO DE SI E RECONHEÇA A CORRUPÇÃO – 3 – 6

Três sermões para o povo de Israel

1. Primeira mensagem: O julgamento de Israel é certo – 3:1-15
2. Segunda mensagem: Os pecados de Israel são revelados – 4:1-13
3. Terceira mensagem: O julgamento de Israel é lamentado – 5:1 – 6:14

III. OLHE PARA FREnte E VEJA O FIM QUE SE APROXIMA – 7 – 9

1. Cinco visões de julgamento – 7:1 – 9:10

- (1) Os gafanhotos – 7:13
- (2) O fogo – 7:4-6

- (3) O prumo – 7:7-9

Interlúdio histórico: Amós em Betel – 7:10-17

- (4) O cesto de frutos de verão – 8:1-14
(5) O templo arruinado – 9:1-10

2. Uma visão do reino glorioso – 9:11-15

CONTEÚDO

1. Ruge o leão! (Am 1:1 – 2:16)..... 427
2. Ouçam o que Deus diz (Am 3:1-15)..... 433
3. Pecados de boa reputação (Am 4:1-13)..... 438
4. Como evitar a tempestade (Am 5:1-17)..... 443
5. “Ai dos pecadores!” (Am 5:18 – 6:14)..... 449
6. Pare – Olhe – Escute! (Am 7:1 – 9:15)..... 454

AMÓS EM SUA ÉPOCA

Amós (“aquele que carrega o fardo”) era um boiêiro e cultivava sítômoros (Am 1:1; 7:14), quando o Senhor o chamou para ser profeta. Vivia na vila de Tecoa, a dezoito quilômetros de Jerusalém, no tempo do reinado de Uzias, em Judá (790-740 a.C.), e de Jeroboão II no reino do Norte, Israel (793-753 a.C.). Amós era um “leigo”, um humilde de lavrador e pastor que não era membro oficial da religião judaica nem da instituição política.

Nessa época, tanto Judá quanto Israel desfrutavam de prosperidade e de segurança. O luxo era ostentado por toda a parte (Am 3:10-15; 5:1-6), e a “religião” era amplamente difundida. Israel reunia-se no santuário real em Betel (Am 4:4, 5) e Judá comemorava

suas festas com grande entusiasmo (Am 5:21, 22), mas os pecados das duas nações estavam corroendo o caráter moral e religioso do povo. Ganhar dinheiro era mais

importante do que adorar a Deus (Am 8:5); os ricos exploravam os pobres, o sistema judiciário era corrupto e a injustiça era cada vez maior (Am 5:11-15, 24; 8:4-6).

RUGE O LEÃO!

AMÓS 1:1 – 2:16

Se o profeta Amós viesse para nosso mundo de hoje, é provável que se sentisse em casa, pois viveu numa época parecida com a nossa quando a sociedade estava passando por transformações radicais. Tanto Israel quanto Judá estavam em paz com seus vizinho, o que significava que suas riquezas e energias podiam ser usadas para desenvolver a nação em vez de combater os inimigos. Os dois reinos eram prósperos, suas cidades estavam se expandindo rapidamente, e uma nova classe de comerciantes ricos desenvolvia-se na sociedade. Os dois reinos estavam passando de sociedade agrícola para sociedade comercial e experimentavam os benefícios e problemas decorrentes dessa transformação.

No entanto, apesar de seu sucesso material, nem tudo ia bem para o povo escollhido de Deus. Vivenciavam aquilo que o poeta inglês, Oliver Goldsmith, escreveu em 1770:

De mal a pior vai a terra,
e a males maiores se expõe
Quando a riqueza acumula,
e seus homens se decompõem...¹

Não faltavam males às terras daqueles dias, tanto às nações gentias quanto aos reinos de Israel e de Judá, e Amós não tinha medo de citá-los. Começou seu livro com uma denúncia formal dos pecados de seis nações gentias, e, sem dúvida, o povo de Israel e Judá aprovou suas palavras. Não havia nada que deixasse os judeus mais contentes do que ver o Senhor julgar as nações a seu redor. Mas as coisas mudaram de figura

quando Amós denunciou Judá e Israel, e a popularidade do profeta começou a cair.

1. JULGAMENTO SOBRE AS NAÇÕES GENTIAS (AM 1:2 – 2:3)²

Deus queria chamar a atenção das nações, mas as pessoas não estavam ouvindo. Era de se imaginar que, ao ouvir um leão rugir ou um trovão ribombar, saberiam que o perigo estava próximo. Deus estava falando de Jerusalém, pois o julgamento sempre começa na casa do Senhor (1 Pe 4:17). Havia enviado a seca sobre a terra, de modo que até mesmo o alto do monte Carmelo estava ficando ressequido, mas não foi suficiente para levar o povo ao arrependimento. Então, Deus chamou um simples lavrador para pregar a seu povo e para adverti-lo. “Rugiu o leão, quem não temerá? Falou o SENHOR Deus, quem não profetizará?” (Am 3:8).

Em oito ocasiões, Amós usou a expressão idiomática judaica “por três transgressões [...] e por quatro”, que significa “um número indefinido de vezes que acabou chegando ao fim”. Deus é longâmido com os pecadores (2 Pe 3:9), mas ele vê o que fazem e, por fim, sua paciência se esgota. Provocar a paciência de Deus é tentar ao Senhor, e quando tentamos ao Senhor, chamamos sobre nós seu julgamento.

Síria (1:3-5). Damasco era a capital da Síria, um dos constantes inimigos dos judeus. Amós denunciou os sírios por seu tratamento desumano dos israelitas que viviam em Gileade, a leste do rio Jordão. “Trilharam” o povo cruelmente, como se não passassem de feixes de grãos. Deus havia chamado os sírios para castigar Israel (2Rs 10:32, 33; 13:1-9), mas eles haviam ido longe demais.

O homem que começava suas orações dizendo: “Senhor, sem dúvida tu viste os jornais hoje cedo...” estava enunciando uma grande verdade de forma um tanto desajeitada: Deus vê como as nações tratam uma às outras e age de acordo. Benjamin Franklin estava certo quando disse na Assembléia Constitucional: “Meu senhor, já vivi muito tempo e, quanto mais tempo vivo, mais provas convincentes encontro desta verdade: Deus governa os assuntos dos homens”.³

A expressão “meterei fogo” (Am 1:4, 7, 10, 12, 14; 2:2, 5) significa “mandarei julgamento sobre”, pois o fogo representa a santidade e o julgamento de Deus (Dt 4:11, 24, 36; Hb 12:29). De fato, o Senhor julgou a Síria: a dinastia do rei Hazael chegou ao fim; seu filho, Ben-Hadade, foi derrotado; Damasco perdeu seu poder (os negócios eram realizados à porta da cidade, daí a menção a quebrar o “ferrolho”; Am 1:5); e Bete-Éden (a casa do Éden, deleite, paraíso) se transformaria em ruínas. O rei Josias derrotou Ben-Hadade três vezes (2Rs 13:25), mas foram os assírios que, por fim, subjugaram a Síria e levaram seu povo para o cativeiro.

Filístia (1:6-8). Gaza, Asdode, Asquelom, Gate e Ecrom eram cinco importantes cidades filistéias (Js 13:3), e Amós condenou todas elas por comerciarem seres humanos.⁴ Atacavam vilarejos judeus e capturavam pessoas e as vendiam como escravos. Para piorar ainda mais, os filisteus vendiam esses escravos para os edomitas, inimigos de longa data de Israel. Uma vez que Edom era descendente de Esaú, irmão de Jacó, tratava-se de um caso de irmão escravizando irmão (Deus reservou palavras de julgamento para Edom em Amós 1:11, 12).

Ao longo da história do antigo Israel, a escravidão sempre foi uma prática comum, mas a lei de Moisés regulamentava claramente como os escravos deviam ser tratados. A lei que permitia a escravidão, ao mesmo tempo, protegia os escravos. Contudo, uma coisa era colocar um prisioneiro de guerra para trabalhar, outra bem diferente era seqüestrar pessoas inocentes para vendê-las como gado. Nem Jesus nem os apóstolos condenaram a escravidão abertamente, mas deixaram claro que todas as pessoas eram pecadoras amadas por Deus e que todos os salvos são um só corpo e iguais em Cristo (Gl 3:26-29). Levou séculos para que a luz do evangelho dissipasse as trevas e tornasse ilegal a escravidão, e ainda assim existem lugares do mundo em que o povo é abusado e explorado.

O julgamento de Deus sobre a Filístia veio no tempo do rei Uzias (2Rs 18:7, 8), dos invasores assírios sob o comando do rei

Sargom e dos babilônios sob o comando de Nabucodonosor. Os próprios escravocratas foram levados para o exílio e transformados em escravos.

Tiro (1:9, 10). Amós deslocou-se de Damasco, a nordeste, para as cidades filistéias a sudoeste, e agora se voltava diretamente para o norte, para a Fenícia e para Tiro, sua mais importante cidade.

Nos reinados de Davi e de Salomão, Israel tinha um relacionamento cordial com o povo de Tiro (1Rs 5:1ss). Amós chamou essa relação de “aliança de irmãos”, sugerindo que a “aliança” era mais do que um tratado e que envolvia também uma parceria amigável mais profunda do que os acordos políticos. Mesmo que povos de diferentes nações discordem quanto a práticas religiosas ou a estruturas políticas, ainda assim podem tratar-se com dignidade e respeito.

No entanto, Tiro havia cometido os mesmos pecados que as cidades filistéias ao vender cativos judeus para os edomitas como escravos (Am 1:6-8). Quando o profeta Ezequiel declamou seu canto fúnebre celebrando a queda de Tiro, mencionou esse terrível pecado (Ez 27:13). Contudo, o pecado de Tiro era pior do que o da Filístia, pois Tiro estava transgredindo um pacto de longa data baseado na amizade e no respeito pela humanidade. Tiro estava vendendo seus amigos como escravos!

O julgamento veio em 332 a.C., quando Alexandre, o Grande, eliminou Tiro da face da Terra e transformou a cidade num lugar para secar redes (Ez 26:5, 14). “Ainda que as moendas de Deus trabalhem devagar, moem muito fino”.⁵ Quando Rudyard Kipling publicou seu poema *Recessional* [Hino de encerramento] durante o jubileu de diamante da rainha Vitória, em 1897, usou o povo de Tiro como advertência para qualquer um que se rebelle contra a vontade de Deus e que maltrate homens e mulheres feitos à imagem do Criador.

Nossa marinha em portos distantes
desaparece,
Em dunas e promontórios seu fogo
esmorece.

Vede que nosso esplendor de outrora
Juntou-se ao de Nínive e Tiro!

Edom (1:11, 12). Os edomitas alimentavam um rancor de longa data contra os judeus, perpetuando a antiga rivalidade entre Jacó e Esaú, que começou antes do nascimento dos irmãos gêmeos (Gn 25:21-26). Em sua vontade soberana, Deus havia escolhido o irmão mais novo, Jacó, para receber a bênção da primogenitura e da aliança com Abraão (Ml 1:2, 3; Rm 9:6-13). Esaú desprezou sua herança espiritual e de bom grado vendeu sua primogenitura a Jacó (Gn 25:29-34; Hb 12:14-17); mas pelo fato de Jacó tê-lo enganado e tomado dele a bênção patriarcal (Gn 27), Esaú jurou matar o irmão. Posteriormente, tiveram uma reconciliação superficial, mas a inimizade continuou (Gn 33:1-17). No que se refere ao registro bíblico, encontraram-se pela última vez num funeral, quando sepultaram o pai, mas não enterraram sua amargura (Gn 35:27-29).

Os edomitas não permitiram que seus primos israelitas passassem por suas terras durante a marcha de Israel para Canaã (Nm 20:14-21). O rei Saul subjugou o exército edomite (1 Sm 14:47), e Davi os conquistou (2 Sm 8:14), mas no tempo do rei Jeorão, Edom revoltou-se contra Judá e conseguiu sua liberdade (2Rs 8:16-22).

Amós condenou os edomitas por seu ódio persistente contra os judeus: “e a sua ira não cessou de despedaçar, e reteve a sua indignação para sempre” (Am 1:11). Não sabemos quando os edomitas ajudaram os inimigos a perseguir os judeus com a espada. Pode ter sido durante uma das muitas vezes que os inimigos invadiram a terra. Na ocasião em que os babilônios atacaram e capturaram Jerusalém, os edomitas ajudaram o inimigo e deram vazão a toda a sua ira (Ob 10-14; ver Sl 137:7). Seria de se esperar que um irmão ajudasse o outro em tempos de necessidade, mas o povo edomite “baniu toda a misericórdia” (Am 1:11), agindo como animais e não como seres humanos. A oração “a sua ira não cessou de despedaçar” (v. 11) usa um verbo que descreve um

animal feroz despedaçando sua presa (Sl 7:2; Gn 37:33).

Temâ e Bozra eram duas cidades fortificadas que não existem mais hoje em dia. Os edomitas viviam “nas fendas das rochas” e faziam seu “ninho entre as estrelas” (Ob 3, 4), orgulhando-se de suas fortalezas impenetráveis, mas o Senhor destruiu sua nação de modo tão completo que hoje não resta coisa alguma além de ruínas. Quando os romanos atacaram Jerusalém no ano 70 d.C., destruíram o que ainda havia do povo edomite (idumeu), e Edom desapareceu para sempre.

Amom (1:13-15). Os amonitas e moabitas (Am 2:1-3) eram os descendentes de Ló pela sua união incestuosa com suas filhas (Gn 19:30-38). Eram um povo impiedoso, inimigo declarado dos judeus (Dt 23:3-6; 1 Sm 11:2; Ne 2:10-19; Jr 40:14; 41:5-7). A fim de expandir seu território, invadiram Gileade e, não se dando por satisfeitos em atacar os homens que estavam defendendo suas próprias terras, os amonitas mataram mulheres e bebês não nascidos (ver 2Rs 8:12; 15:16). Para os amonitas, a terra era mais importante do que as pessoas, inclusive mulheres indefesas e crianças inocentes. Tal brutalidade pode nos deixar estarrecidos, mas por acaso as “guerras modernas” são muito mais humanas?

Amós anunciou que uma tempestade de juízo viria sobre o povo de Amom e que sua capital, a cidade de Rabá, seria destruída. Isso ocorreu quando os assírios varreram a terra em 734 a.C. Além de Amós, Ezequiel também predisse a destruição da terra dos amonitas (Ez 25:1-7). O deus mais importante de Edom era Moloque (Malcã, Milcom), que significa “aquele que reina, rei”. Amós 1:15 poderia ser traduzido por: “Moloque irá para o exílio”, mostrando assim como o deus deles era incapaz de salvá-los.

Moabe (2:1-3). A hostilidade entre Moabe e Israel começou cedo, quando os moabitas recusaram-se a dar passagem para os israelitas em sua principal estrada (Dt 23:3, 4; Jz 11:17). O rei de Moabe também contratou Balaão para amaldiçoar Israel (Nm 22 – 24), e, depois, as mulheres moabitas

seduziram os homens de Israel para que cometessem atos de imoralidade e de idolatria (Nm 25). No tempo dos juízes, Israel foi subjugado pelos moabitas durante dezoito anos (Jz 3:12-30).

Qual era o pecado de Moabe? Desrespeito pelos mortos e pela realeza. Não sabemos de qual rei eram os restos mortais que sujeitaram à humilhação, mas esse gesto desonrou a memória do rei e afrontou o povo de Edom. Como os norte-americanos se sentiriam se alguém desenterrasse o corpo de John F. Kennedy e o profanasse? Ou o que o povo da Grã-Bretanha diria se o corpo de uma pessoa famosa da Abadia de Westminster fosse publicamente ultrajado?

A maioria das sociedades de hoje mostra respeito pelos mortos, mas os povos orientais da antiguidade protegiam seus mortos ainda mais. Envoltos em superstições pagãs, enterravam os corpos com cuidado para garantir que o espírito continuaria a existir no além. Parentes dos falecidos com freqüência inscreviam maldições assustadoras nas sepulturas advertindo outros a não abri-las.⁶

Amós declarou que o rei de Moabe e seus oficiais eram todos culpados e seriam destruídos juntamente com suas cidades.⁷ Moabe foi tomado pelos assírios, e a terra acabou tornando-se morada de diversas tribos nômades. A nação de Moabe deixou de existir (para outras profecias sobre o fim de Moabe, ver Is 15 – 16; Jr 48; Ez 25:8-11; Sf 2:8-11).

Antes de ver as mensagens de Deus para Judá e Israel, devemos parar e refletir sobre as mensagens que acabamos de estudar, transmitidas a seis nações gentias. Deus esperava que esses gentios dessem ouvidos a um profeta judeu e que atentassem para o que ele estava dizendo! Apesar de não estarem sob a lei de Moisés, essas nações eram responsáveis diante de Deus por aquilo que faziam, e responsabilidade implica prestação de contas. Deus vê o que as nações fazem e as julga adequadamente. Os noticiários internacionais diários podem dar a impressão de que líderes perversos e grupos subversivos violentos estão escapando incólumes

das conseqüências de seus crimes, mas Deus ainda está assentado no trono e castigará os malfeiteiros em seu devido tempo. É Deus quem controla a ascensão e queda das nações (At 17:24-28) e seus julgamentos são sempre justos.

2. JULGAMENTO (AM 2:4, 5)

Em suas seis mensagens, Amós havia anunciado o julgamento das nações ao redor de Israel e de Judá, começando pela Síria, no Norte, e terminando com as nações da Transjordânia: Amom, Moabe e Edom (é bem provável que, no final de sua Bíblia, você encontre um mapa do reino dividido). Quando seus compatriotas judeus ouviram as acusações formais contra os gentios, sem dúvida aplaudiram e quiseram ouvir mais. Porém, quando Amós voltou sua atenção para Israel e Judá (sua própria terra), mudaram completamente de atitude. Só a idéia de um profeta judeu classificar o povo escollhido de Deus junto com os “cães” gentios já era um insulto!

— Sabemos que não somos perfeitos — devem ter argumentado os judeus —, mas pelo menos adoramos o verdadeiro Deus vivo!

Sem dúvida, o templo estava repleto de gente levando seus sacrifícios, mas Judá era uma nação que se havia entregado à idolatria. “As suas próprias mentiras [ídolos] os enganaram, e após elas andaram seus pais” (Am 2:4). Vagavam de um lado para o outro como animais perdidos e como homens embriagados. Os gentios haviam pecado contra a consciência e as leis da fraternidade e da humanidade, mas os judeus haviam desprezado e rejeitado as leis de Deus, dadas a eles por Moisés. Seu pecado era grave, pois grandes privilégios trazem consigo grande responsabilidade (Rm 2:17 – 3:9).

Em várias ocasiões, Deus havia castigado seu povo em sua terra, ao permitir que diversas nações os subjugassem, mas estavam prestes a castigá-los fora de sua terra. O exército babilônio destruiria Jerusalém e levaria milhares de cativos para a Babilônia, onde viveriam no meio de idolatria repulsiva durante setenta anos. Contudo, ao

contrário das seis nações gentias que Amós havia condenado, Judá não seria destruída, mas sim dispersa. Em sua misericórdia, Deus permitiria que um remanescente judeu voltasse para estabelecer a nação e reconstruir o templo.

— Não sei por que o senhor prega sobre os pecados dos cristãos — disse um membro da igreja para o pastor. — Afinal, os pecados dos cristãos são diferentes dos pecados dos incrédulos.

— Com certeza — respondeu o pastor —, são piores!

3. JULGAMENTO SOBRE O REINO DE ISRAEL (Am 2:6-16)

Tanto Israel quanto Judá estavam gozando paz e prosperidade, e o juízo divino nem passava pela cabeça do povo. Lembre-se de que a teologia judaica equiparava prosperidade às bênçãos de Deus,³ e enquanto estivessem desfrutando uma “boa vida”, tinham certeza de que Deus estava contente com eles. Sabiam o que a lei dizia sobre seus pecados, mas escolheram ignorar as advertências.

Amós mostra-lhes, em primeiro lugar, seu presente corrompido e cita três pecados flagrantes. Para começar, o povo do reino do Norte era culpado de *injustiça* (Am 2:6, 7). Com o apoio de juízes corruptos, os ricos estavam levando aos tribunais os pobres que não conseguiam pagar suas contas e forçando-os a tornar-se servos e escravos. Mesmo que não pudesse pagar por um par de sapatos, os pobres não eram nem perdoados nem socorridos. Como veremos mais adiante em nosso estudo, o profeta Amós disse um bocado de coisas sobre cuidar dos pobres (ver Am 4:1; 5:11; 8:6; e também Dt 15:7-11; Ex 23:6-9; Pv 14:31; 17:15).

Seu segundo pecado grave era a *imoralidade* (Am 2:7b), havendo pais e filhos que visitavam as mesmas prostitutas! É possível que fossem “prostitutas cultuais”, parte de rituais de adoração a ídolos. Assim, havia dois pecados em questão: imoralidade e idolatria. É possível, ainda, que essa moça fosse uma serva da casa ou uma prostituta comum. Seria de se pensar que o pai desejaria ser

um exemplo mais digno para seu filho ao obedecer à lei de Moisés (Êx 22:16; Dt 22:28, 29; 23:17, 18). Talvez se trate, aqui, de um caso de incesto que, é claro, era estritamente proibido pela lei de Moisés (Lv 18:7, 8, 15; 20:11, 12). Qualquer que fosse o ato de desobediência, constituía uma forma de rebelião contra Deus e profanava seu santo nome.

O terceiro pecado era a *idolatria pública* (Am 2:8). Homens ricos tomavam roupas de seus devedores como garantia, mas não as devolviam no fim do dia como determinava a lei (Ex 22:26, 27; Dt 24:10-13, 17). Em vez disso, esses pecadores abastados visitavam altares pagãos, onde se embebedavam com vinho comprado com as multas que aplicavam sobre os pobres. Então, em seu estupor embriagado, deitavam-se perto do altar sobre essas roupas de outras pessoas e, assim, contaminavam as roupas e desobedeciam à lei. Os oficiais estavam enriquecendo por meio da exploração do povo e usando seus lucros ilícitos para pecar.

Depois de descrever seu presente corrompido, Amós lembrou-os de seu *passado glorioso* (Am 2:9-12). Deus havia conduzido seu povo para fora do Egito (v. 10a), cuidado deles no deserto (v. 10b) e destruído outras nações para que os israelitas pudessem tomar posse de sua herança em Canaã (vv. 9, 10c). O Senhor lhes deu sua Palavra por intermédio dos profetas (v. 11a) e levantou pessoas consagradas como os nazireus (Nm 6) para serem exemplos de devoção a Deus. Que passado glorioso eles possuíam! Mas em vez de se tornarem humildes em função dessas bênçãos, rebelaram-se contra o Senhor, rejeitando as mensagens dos profetas e forçando os nazireus a quebrar seus santos votos. O povo de Israel não queria nem a Palavra de Deus nem os exemplos de vida santificada.

Amós encerrou sua mensagem com o anúncio de seu *futuro terrível* (Am 2:13-16). Israel seria aniquilada por seus próprios pecados, assim como um carro cheio esmaga qualquer coisa sobre a qual ele passa. O julgamento estava a caminho e ninguém poderia escapar. Os ágeis não conseguiriam

fugir; os fortes não conseguiram se defender; os armados se veriam desprotegidos e nem mesmo os cavaleiros poderiam escapar. Os soldados mais valentes fugiriam, deixando para trás seu equipamento e roupa para poderem correr com mais rapidez. A Assíria invadiria Israel (720 a.C.) e a nação deixaria de existir.

Amós olhou a seu redor com uma visão dotada de discernimento profético, vendo e anunciando o que Deus faria a seis nações gentias e aos reinos de Judá e de Israel. Rui-giu o leão! Em seguida, o profeta volta-se para dentro do reino, desmascarando a corrupção no coração do povo judeu ao explicar quatro chamados divinos.

Contudo, antes de examinarmos esses chamados, devemos parar e nos perguntar se, verdadeiramente, tememos a Deus e procuramos fazer sua vontade. Só porque desfrutamos certa paz e prosperidade, isso não significa que Deus está contente conosco. A bondade de Deus deve, sim, nos levar ao arrependimento, como fez com o filho pródigo (Lc 15:17; Rm 2:4).

“A mim pertence a vingança; eu retribuirei. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo. Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10:30, 31).

Contudo, ainda podemos nos apoiar das promessas de 2 Crônicas 7:14 e de 1 João 1:9 e experimentar o perdão do Senhor.

1. “The Deserted Village”, de Oliver Goldsmith, linhas 51 e 52.
2. Com que direito Amós poderia anunciar juízos contra nações gentias que jamais haviam recebido a lei de Deus? Poderia fazê-lo tomando por base as leis naturais e a consciência (Rm 1:18 – 2:16). Quando os seres humanos pecam cruelmente uns contra os outros, pecam contra Deus, pois os seres humanos são feitos à imagem de Deus. Quando Amós denunciou os judeus, apelou também para a lei de Deus (Am 2:4).
3. Ver BOWEN, Catherine Drinker. *Miracle at Philadelphia*. Boston: Little, Brown, 1966, p.126. Apesar de não haver evidência alguma de que Franklin era um cristão evangélico, sem dúvida era um homem temente a Deus.
4. Amós não menciona Gate, pois naquela época a cidade já havia perdido sua proeminência e sido sujeita à autoridade de Judá (2 Cr 26:6; ver também Sf 2:4, 5; Zc 9:56).
5. Apesar de essa declaração ser anônima, normalmente é atribuída ao escritor alemão Friedrich von Logau, cujos escritos foram traduzidos para o inglês por Henry Wadsworth Longfellow. Von Logau encontrou essas palavras numa citação de um livro do filósofo grego do século dois, Sextus Empíricus.
6. Shakespeare pediu que se colasse a seguinte inscrição em sua lápide:
Amigo, pelo amor de Jesus, refreia-te
De cavar o pó que aqui se encontra.
Abençoado seja o homem que a estas pedras poupar
E amaldiçoado seja aquele que meus ossos mover.
7. O nome “Queriote” (Am 2:2) pode ser traduzido como “suas cidades”, mas é bem provável que seja o nome de uma cidade moabita, possivelmente a capital dessa nação. Queriote de Moabe é citada em Jeremias 48:24 e 41. Também havia uma cidade com esse nome em Judá (Js 15:25), e é possível que Judas Iscariotes (*ish Kerioth* = “homem de Queriote”) fosse de lá.
8. Na aliança mosaica, Deus prometeu abençoar seu povo se eles obedecessem à sua lei, mas remover sua bênção se desobedecessem (Dt 27 – 29). Contudo, o povo se esqueceu de que, muitas vezes, Deus os abençoava apesar de seus pecados, para ser fiel a suas promessas a Abraão e a Davi. Em seu amor e longanimidade, Deus enviou-lhes mensageiros para chamá-los de volta à obediência, mas eles se recusaram a ouvir. “Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal” (Ec 8:11).

OUÇAM O QUE DEUS DIZ

AMÓS 3:1-15

Agora que Amós conseguiu a atenção do povo, prossegue transmitindo três mensagens, sendo que cada uma delas começa com: "Ouvi esta palavra" (Am 3:1; 4:1; 5:1). Ao usar essa expressão, Amós lembrou o povo de que não estavam só ouvindo um homem fazendo um grande discurso; ouviam um profeta declarando a Palavra viva de Deus.

Sem dúvida, é um grande privilégio que Deus fale conosco, mas também é uma grande responsabilidade. Se não abrirmos nosso coração para ouvir sua Palavra e obedecer a ele, corremos o grande risco de endurecer o coração e atrair sobre nós a ira de Deus. "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração" (Hb 3:7, 8; ver Sl 95:7-11).

A primeira mensagem (Am 3:1-15) foi de explicação, e nela Amós esclareceu quatro chamados divinos e anunciou que o julgamento de Israel era certo. Sua segunda mensagem (Am 4:1-13) concentrou-se numa acusação pela qual o profeta denunciou os pecados de Israel. A última mensagem (Am 5:1 – 6:14) foi de lamentação, pois o profeta sentia a angústia do fim certo de sua nação.

Na primeira mensagem, Amós explicou o significado de quatro chamados divinos.

1. DEUS CHAMOU ISRAEL (Am 3:1, 2)

Essa mensagem foi transmitida a "toda a família", ou seja, tanto a Israel quanto a Judá, pois os dois reinos eram culpados de desobedecer à santa lei de Deus. Amós os lembrou de seu chamado divino como povo de Deus, um chamado que tendiam a desprezar e a esquecer.

Que tipo de chamado Deus deu à nação dos judeus? Em primeiro lugar, era um *chamado pela graça*, pois o Senhor os escolheu dentre as nações como recipientes especiais de suas dádivas abundantes. "Porque tu és povo santo ao SENHOR, teu Deus; o SENHOR, teu Deus, te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra. Não vos teve o SENHOR afeição, nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo, pois éreis o menor de todos os povos, mas porque o SENHOR vos amava e, para guardar o juramento que fizera a vossos pais [...]" (Dt 7:6-8; ver Ex 19:1-5).

O princípio da eleição pela graça também se aplica à Igreja. Jesus disse: "Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós" (Jo 15:16), e Paulo lembrou aos cristãos de Corinto: "ninguém se vanglorie na presença de Deus" (1 Co 1:26, 29). Deus nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo (Ef 1:4) e o fez somente por sua mais pura graça.

O chamado de Deus também era um *chamado efetivo* (Am 3:1b), pois o Senhor havia demonstrado seu grande poder ao livrar Israel da escravidão do Egito. O sangue do cordeiro pascal protegeu os hebreus da morte e foram conduzidos pelo mar Vermelho a fim de se separarem para sempre do Egito. Os cristãos de hoje foram salvos pelo sangue precioso de Cristo (1 Pe 1:18, 19; 2.24) e separados do mundo por sua poderosa ressurreição (Ef 1:19-23).

Em terceiro lugar, era um *chamado exclusivo* (Am 3:2a). "De todas as famílias da terra, somente a vós outros vos escolhi." O termo "escolher", que também pode ser traduzido como "conhecer", indica um relacionamento íntimo, como aquele de marido e mulher (Gn 4:1). "Conhecer" é "escolher" (ver Gn 18:19; Jr 1:5; 2.2, 3), termo que Paulo aplica aos cristãos (Rm 8:29). Pelo fato de pertencer exclusivamente ao Senhor, Deus fez por Israel coisas que não fez por nenhuma outra nação (Rm 9:4, 5).

Por fim, era uma *chamado que incluía responsabilidade* (Am 3:2b). Pelo fato de Deus tê-los escolhido, chamado e lhe abençoado,

o povo de Israel e de Judá tinha a responsabilidade de amar a Deus e de lhe obedecer. Se não o fizessem, Deus trataria de discipliná-los em amor e de procurar conduzi-los de volta para si.

A doutrina da eleição divina não é uma desculpa para pecar. Antes, sua intenção é nos motivar a ter uma vida de santidade. A graça de Deus deve nos levar à humildade, e seu amor deve nos maravilhar (1 Jo 3:1, 2) a ponto de nosso coração não querer outra coisa senão adorá-lo e servi-lo. O privilégio sempre traz consigo a responsabilidade (Ef 1:3-5; Jo 15:16; 1 Pe 2:4, 5, 9). “Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido” (Lc 12:48).

Como povo escolhido de Deus, devemos viver de modo digno de nosso chamado (Ef 4:1) e não seguir as práticas do mundo que não é salvo (Ef 4:17). Isso significa viver em amor (Ef 5:2), em sabedoria (Ef 5:15) e no Espírito (Ef 5:18). Ficar aquém disso é viver abaixo de nossa vocação mais elevada e dos privilégios que temos como filhos de Deus.

2. DEUS CHAMOU AMÓS (AM 3:3-8)

A essa altura, é provável que o povo estivesse dizendo: “Quem é esse camponês para pregar para nós e declarar-se profeta de Deus? Que tipo de autoridade ele tem?” Amós ousou até pregar sem convite no santuário do rei em Betel, onde o sacerdote do rei Jeroboão mandou Amós para casa, para pregar em Judá (Am 7:10-16).

Sem dúvida, quando D. L. Moody começou a pregar, teve quem dissesse: “O que esse vendedor de sapatos inculto tem a nos dizer?” E quando Billy Sunday começou a realizar campanhas evangélicas, é provável que a turma religiosa e sofisticada tenha perguntado: “O que esse ex-jogador de beisebol tem a nos ensinar?” Mas Deus usou Moody e Sunday, não apesar de suas origens humildes, mas por causa delas, pois agrada ao Senhor deixar de lado os “sábios e instruídos” e compartilhar seu poder com os “pequeninos” (Lc 10:21).

Amós respondeu à sua zombaria com uma argumentação baseada em causa e efeito. Se duas pessoas querem andar juntas,

devem determinar uma hora e um lugar para se encontrar (Am 3:3). Se o leão ruge, é porque pegou sua presa (v. 4). Se uma armadilha se fecha, é porque pegou o pássaro (v. 5), e se o povo de uma cidade fica apavorado, é porque a trombeta soou (v. 6). Eram fatos óbvios da vida facilmente reconhecíveis por qualquer pessoa que raciocine.

A conclusão perspicaz: se um lavrador inculto está pregando a Palavra de Deus, significa que Deus o chamou. Não era uma vocação que Amós teria escolhido para si; ela foi escolhida para ele pelo Senhor. De acordo com Amós: “Eu não sou profeta, nem discípulo de profeta, mas boieiro e colhedor de sicômorus. Mas o SENHOR me tirou de após o gado e o SENHOR me disse: Vai e profetiza ao meu povo de Israel” (Am 7:14, 15).

Quando um profeta proclama a Palavra de Deus, é porque Deus está prestes a fazer alguma coisa importante e deseja alertar seu povo (Am 3:7). Faça uma recapitulação das imagens usadas por Amós nos versículos 3 a 6 e você verá que tipo de trabalho Amós foi chamado por Deus para realizar. Pelo fato de estar falando com Deus, conhecia os segredos de Deus. “A intimidade do SENHOR é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança” (Sl 25:14). O leão estava rugindo. “Rugiu o leão, quem não temerá? Falou o SENHOR Deus, quem não profetizará?” (Am 3:8). Deus estava prestes a fechar a armadilha: Israel seria exterminado pelos assírios, e Judá iria para o exílio na Babilônia. Amós estava tocando a trombeta e preparando o povo para o juízo vindouro.¹

O profeta deixou bem claro que não foi por um acidente de escolha vocacional que ele se tornou mensageiro de Deus, pois o Senhor o havia chamado. Também não era um acidente diplomático internacional que Israel e Judá estivessem prestes a ser julgados, pois haviam pecado contra Deus. Todo efeito tem uma causa. O que levou Amós a pregar a Palavra de Deus? O chamado de Deus em sua vida.

A história da Bíblia e a história da Igreja revelam que Deus pode usar e, de fato, usa pessoas de vários tipos para ministrar a seu povo. Ele usou um homem instruído como

Moisés e um pastor humilde como Davi, um sacerdote como Jeremias e simples pescadores como Pedro, Tiago e João. Tanto Charles Finney quanto C. I. Scofield estudaram para ser advogados, enquanto John Bunyan consertava panelas e D. Martyn Lloyd-Jones era médico. Acrescente a esses os nomes de mulheres dedicadas que Deus usou grandemente: Catherine Booth, a “mãe” do Exército da Salvação; Amy Carmichael, que cuidou de crianças vítimas de abuso; Lina Sandell, Fany Crosby e Avis B. Christiansen, compositoras de belíssimos hinos e cânticos evangélicos; veja como Deus chama, prepara e usa todos aqueles que se entregam a ele e que permitem que ele realize sua vontade.

Amós é um estímulo a todos os cristãos que se sentem inadequados para a obra do Senhor. Era um leigo e não um aluno formado de uma escola profética. Aprendeu as verdades espirituais ao ter comunhão com Deus enquanto cuidava de seus rebanhos e pomares. Sem dúvida, era um autodidata, mas também foi treinado por Deus e mostrou-se disposto a compartilhar com outros o que Deus lhe havia dito. Robert Murray M’Cheyne escreveu: “Deus abençoa muito mais a semelhança com Jesus do que os grandes talentos”. Com isso, não estamos menosprezando a importância do talento e da educação, mas sim lembrando que nenhum dos dois é um substituto ao fato de ouvir o chamado de Deus e de andar em comunhão com ele. Jesus disse: “Porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15:5).

3. DEUS CONVOCA TESTEMUNHAS (Am 3:9, 10)

Em sua época, o profeta Isaías chamou o céu e a Terra para testemunhar contra Judá (Is 1:2; ver Dt 30:19; 31:28), e Amós convocou as nações gentias para testemunhar contra o reino do Norte, Israel, cuja capital era Samaria. O pecado de Israel era tão grande que assustava até as nações pagãs, pois, afinal de contas, Israel estava pecando consciente e deliberadamente (1 Co 5:1).

É triste e vergonhoso quando o mundo incrédulo flagra cristãos professos em seus

pecados. Foi o que aconteceu com Abraão em duas ocasiões, quando ele mentiu a reis pagãos sobre sua esposa Sara (Gn 12:10-20; 20:1ss). Sansão foi humilhado diante dos filisteus (Jz 16), e Davi foi envergonhado diante do rei de Gate (1 Sm 21:10-15). O adultério de Davi com Bate-Seba deu “motivo a que blasfemassem os inimigos do SENHOR” (2 Sm 12:14). No final da década de 1980, os escândalos dos ministérios evangélicos na mídia causaram grande humilhação à igreja. Sempre que um servo proeminente de Deus cai em pecado, os noticiários parecem ter prazer em contar a história.

Amós convocou os filisteus (“Asdode”, Am 1:8) e os egípcios a testemunhar o que estava acontecendo em Samaria (v. 9). Os líderes de Israel não estavam interessados em obedecer à lei de Deus e em ajudar os menos favorecidos. Antes, roubavam os pobres, ansiosa e injustamente, e acumulavam o máximo de riqueza possível. Construíam residências caríssimas, enchiam-nas de móveis e de objetos de decoração e viviam em meio ao luxo, enquanto os pobres da terra sofriam (Am 3:15; 4:1; 5:11; 6:4-6).

A lei de Moisés deixava claro que a nação deveria cuidar dos órfãos e da viúvas bem como dos pobres e estrangeiros da terra (ver Ex 22:25-27; 23:11; Lv 19:9-15; 25:6; Dt 14:28, 29; 15:12, 13; 16:11-14). Amós não foi o único profeta hebreu a acusar os ricos de explorar os pobres e de ignorar os necessitados, pois encontramos mensagens parecidas em Isaías (Is 1:23; 10:1, 2), Ezequiel (Ez 34), Miquéias (Mq 2:1, 2) e Malaquias (Ml 3:5).

Que acusação terrível: “Porque Israel não sabe fazer o que é reto” (Am 3:10). Estavam tão presos a sua cobiça e idolatria que lhes era impossível fazer a coisa certa. Como muitas pessoas dos dias de hoje, estavam viciados em riquezas. Não se preocupavam se os outros não tinham as coisas mais básicas para sobreviver, desde que eles próprios desfrutassem de luxos. Não é de se admirar que houvesse inquietação na terra, pois a posse de bens nunca serviu para satisfazer as necessidades do coração. De acordo com

um provérbio chinês: "Fingir satisfazer seus desejos com bens é como usar palha para apagar um fogo".

Mais triste ainda que sua ganância era sua arrogância. Viviam em fortalezas para manter a si mesmos e suas posses em segurança. Como o agricultor de uma das parábolas de Jesus (Lc 12:12-21), pensavam estar sãos e salvos, mas descobriram que sua riqueza não podia deter a morte. A atitude da igreja de Laodicéia pode ser encontrada em quase todas as igrejas de hoje: "Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma" (Ap 3:17).

4. DEUS CONVOCA UM JULGAMENTO (Am 3:11-15)

Amós anunciou que o reino de Israel seria subjugado por um inimigo e que a grande cidade de Samaria seria saqueada. Isso ocorreu em 722 a.C., quando os assírios invadiram Israel. Os israelitas haviam explorado uns aos outros, mas seriam despojados por uma nação pagã e gentia. Colhemos aquilo que semeamos.

Para ilustrar o que aconteceria a Israel, Amós lançou mão de suas experiências como pastor. De acordo com Exodo 22:10-13, se um leão tomasse um carneiro e o despedaçasse, o pastor devia trazer o que havia sobrado para provar que a ovelha estava, de fato, morta (ver Gn 31:39). Tratava-se de uma garantia para o dono do rebanho de que o pastor não estava roubando ovelhas e mentindo para seu empregador. Quando a Assíria terminasse de arrasar Israel, só restaria um pequenos remanescente do povo. O leão estava prestes a rugir (Am 1:2; 3:8).

De acordo com 2 Reis 17:5ss, os assírios mataram alguns israelitas, levaram outros para o cativeiro e, então, trouxeram para a terra cativos de outras nações, criando, assim, um povo com diferentes origens religiosas. Os sobreviventes das dez tribos do reino do Norte casaram-se com gentios e geraram o povo que conhecemos como "samaritanos". Os judeus "puros" rejeitavam essa nova "raça mestiça" (Jo 4:9), de modo que os samaritanos estabeleceram seu

próprio templo e sacerdócio, bem como sua própria religião, e tudo isso foi rejeitado pelo Senhor (Jo 4:19-24).

Amós deixou claro que a invasão dos assírios era obra da mão de Deus, pois o Senhor estava castigando Israel por seus pecados (Am 3:14). O motivo dessa disciplina era o luxo egoísta e a idolatria imprudente do povo. Aqueles que descansavam em suas camas de marfim nas mansões sumptuosas seriam despojados e levados como prisioneiros de guerra. Os ricos que tinham casas de verão e de inverno ficariam sem casa alguma.

Quando o reino judeu foi dividido depois da morte de Salomão (1Rs 12), o rei Jeroboão I de Israel não quis que seu povo adorasse em Jerusalém, para que não fosse até Judá e nunca mais voltasse a Israel. Assim, estabeleceu santuários com bezerros de ouro em Dã e Betel, fundou seu próprio sacerdócio e incentivou as pessoas a adorar em Israel. Contrários à lei de Moisés, os reis também permitiram que o povo visitasse os santuários locais, onde era mais conveniente adorar ao deus que quisessem.

Amós anunciou que o Senhor destruiria o santuário do rei em Betel (Am 7:13); o sistema religioso postizo de Israel seria arrasado. Ninguém poderia agarrar-se aos chifres do altar e pedir proteção (1Rs 1:50-53), pois esses chifres seriam cortados.

Durante dois séculos, em sua longanimidade, Deus havia tolerado o povo do reino do Norte, enquanto se dedicavam a sua religião rival idólatra, mas isso estava prestes a terminar. Em vez de se voltar para Deus, porém, o remanescente na terra criaria outro sistema religioso postizo que também seria rejeitado pelo Senhor. Só no tempo de Cristo (Jo 4) e da igreja apostólica (At 8) é que a antiga divisão entre Judá e Israel (Samaria) seria reparada.

Assim como Israel na antiguidade, as nações de hoje se medem por sua riqueza, e o produto interno bruto é o indicador de segurança e sucesso. Os ricos ficam mais ricos, os pobres ficam mais pobres, enquanto as pessoas adoram o bezerro de ouro do dinheiro e, em sua ganância, exploram umas

às outras. Contudo, não demora para que Deus elimine os ídolos que adoram e os luxos desnecessários que controlam sua vida. Ele ouve o clamor dos pobres e, a seu

tempo, julga os culpados (ver Sl 10:14; 69:33; 82:3).

Mas isso não é tudo, pois Amós ainda tem mais duas mensagens a transmitir.

-
1. Observe que, em Números 10, as trombetas eram usadas para alertar o povo do perigo e, em especial, de uma invasão iminente.

PECADOS DE BOA REPUTAÇÃO

AMÓS 4:1-13

Um pastor amigo meu e eu fomos ouvir um pregador conhecido que estava visitando os Estados Unidos. Sua mensagem foi poderosa, e ele falou dos pecados que acreditava estarem destruindo nossa nação.

No carro, quando voltávamos para casa depois da reunião, meu amigo disse:

— Bom, devo admitir que ele pregou uma mensagem e tanto, e ela falou ao meu coração. Mas não gosto quando visitantes de outros países apontam para os pecados dos norte-americanos. É bem provável que em seu país eles tenham tantos pecados quanto nós.

Discordo. Afinal, Deus tem o direito de usar o servo que quiser para transmitir sua mensagem onde desejar. Contudo, estou certo de que o povo do reino de Israel deve ter se sentido como esse pastor amigo meu ao ouvir Amós, um cidadão de Judá, condenar os pecados que estavam destruindo Israel. Não é de se admirar que o sacerdote Amazias mandasse o profeta voltar para Judá (Am 7:12, 13)!

Em sua segunda mensagem, o profeta Amós falou de três pecados específicos que entristeciam o Senhor e arruinavam o reino de Israel: o luxo (Am 4:1-3), a hipocrisia (vv. 4, 5) e a obstinação (vv. 6-13). Os valores do povo eram errados, seu “reavivamento” religioso era uma farsa e haviam se recusado a ouvir as advertências que Deus havia lhes dado.

1. LUXO (AM 4:1-3)

“A maioria dos luxos e muitos dos chamados confortos que temos na vida não apenas são dispensáveis como também constituem, de

fato, empecilhos para a grandeza da humanidade.” Foi o que escreveu Henry David Thoreau, em seu livro clássico *Walden*, e seu amigo Ralph Waldo Emerson anotou no próprio diário: “Nossos maiores gastos visam a conformidade. É por frivolidades que todos nós nos endividamos”. Vamos procurar responder a algumas questões relacionadas ao luxo.

O que é luxo? O termo “luxo” vem de uma palavra em latim que significa “excessivo”. Referia-se, originalmente, a plantas que cresciam em abundância (“vegetação luxuriante”), mas passou a ser usado para falar de pessoas com abundância de dinheiro, de tempo e de conforto usados para satisfação própria e que vivem em constante lazer despropositado. Sempre que se oferece um “serviço de luxo”, trata-se do mesmo conceito: serviço acima e além daquilo que, de fato, você precisa.

Não é pecado ser rico ou ter uma vida confortável, se essa é a vontade de Deus para você. Abraão e Davi eram homens ricos e, no entanto, usaram o que tinham para a glória de Deus. Aos olhos das pessoas do Terceiro Mundo, a maioria dos cidadãos do primeiro mundo, inclusive os pobres, são extremamente abastados. Aquilo que países desenvolvidos consideram necessidade é um luxo para outras nações, coisas como aquecimento controlado por termostato e condicionadores de ar, geladeiras, automóveis, assistência médica adequada e telefone bem como eletricidade e combustível em abundância.

Viver luxuosamente não é tanto uma questão de abundância de bens, mas sim de quanto permitimos que esses bens nos controlem. É usar aquilo que temos para nosso próprio prazer e ignorar as necessidades de outros. Significa ser irresponsável na maneira como empregamos nossa riqueza, desperdiçando-a com distrações fúteis em vez de usá-la para o bem de outros e para a glória de Deus. Uma placa numa loja de roupas de grife dizia: “Se você precisa perguntar o preço de nossos trajes, então não pode pagar por eles”. Aqueles que levam uma vida de luxo não se preocupam em perguntar o

preço. Não se importam com o quanto gastam, desde que consigam aquilo que desejam.

Quem estava cometendo esse pecado?

"Ouvi esta palavra, vacas de Basã"¹ (v. 1). Amós dirigiu-se às esposas dos líderes abastados da terra, pessoas que haviam enriquecido roubando de outros sem qualquer piedade. Essas "mulheres da sociedade" passavam o dia todo ociosas, bebendo vinho e dizendo aos maridos o que fazer. Hoje em dia, qualquer pregador que chamassem as mulheres de sua congregação de "vacas" precisaria mais que depressa procurar outra igreja.

Por que Amós, um camponês, usou essa imagem? Não era pelo fato de as mulheres serem obesas e se parecem com vacas, mas porque, com seus pecados, estavam engordando para o abate. Tanto elas quanto seus maridos viviam em meio ao luxo, enquanto os pobres da terra sofriam, pois esses mesmos homens os exploravam, tomando deles seu dinheiro e suas terras.

O que seria delas? O que os criadores fazem quando o gado está gordo? Levam-no para o abate no matadouro. Amós descreveu o que aconteceria quando os assírios invadissem Israel, como iriam capturar essas mulheres e tratá-las feito gado. Era costume dos assírios colocar ganchos no nariz ou no lábio inferior dos prisioneiros, amarrá-los a cordas e puxá-los como animais, quer para o cativeiro, quer para a morte. Era isso que o inimigo faria com as matronas ricas às quais Amós estava se dirigindo em sua mensagem.²

Contudo, observe que seus descendentes também seriam incluídos nesse julgamento (v. 2).³ Sem dúvida, essa mulheres ricas queriam "o melhor" para seus filhos, mas com suas prioridades egoísticas e seu exemplo pecaminoso estavam dando aos filhos o que havia de pior. Seus descendentes tinham tudo menos o conhecimento do Senhor, de modo que também seriam levados como animais para o matadouro. A geração mais jovem e rica de Israel tinha tudo o que dinheiro podia comprar, mas lhe faltava aquilo que não podia ser comprado, as coisas do Senhor que tornam a vida digna de ser vivida.

Durante um banquete em Dearborn, no Estado do Michigan, sentei-me ao lado de um senhor rico e muito conhecido no meio empresarial. Ao longo de nossa conversa, descobri que eu tinha algumas informações sobre um pregador falecido que ele admirava muito e ofereci-me para enviar esse material para ele. Quando pedi seu endereço, fiquei esperando que me desse um cartão de visita chique, impresso em alto relevo. Em vez disso, ele me entregou uma etiqueta de remetente rasgada de um envelope! Alguém me contou que ele e a esposa eram muito simples, apesar de toda sua riqueza. Não é de se admirar que pudessem fazer doações tão generosas para ministérios cristãos e instituições assistenciais.

Nas palavras do industrial e magnata Andrew Carnegie: "A riqueza em excesso é um fideicomisso sagrado, e aquele que se encontra de posse dela tem a obrigação de administrá-la durante a vida para o bem da comunidade". Nas palavras de Paulo: "Exorta aos ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento; que pratiquem o bem, sejam ricos de boas obras, generosos em dar e prontos a repartir; que acumulem para si mesmos tesouros, sólido fundamento para o futuro, a fim de se apoderarem da verdadeira vida" (1 Tm 6:17-19). Paulo também citou Jesus, que disse: "Mais bem-aventurado é dar que receber" (At 20:35).

2. HIPOCRISIA (AM 4:4, 5)

O profeta usou de "ironia santa"⁴ quando proferiu essas palavras, pois mais tarde instruiu o povo a fazer exatamente o contrário (Am 5:5). É como se, hoje em dia, um pastor dissesse a sua congregação:

— Tudo bem, vão em frente, freqüentem os cultos, mas só estarão pecando ainda mais. Participem de退iros espirituais, mas vão apenas aumentar suas transgressões. Seu coração não é sincero no que se refere a conhecer a Deus e a fazer a vontade dele. É tudo fingimento e modismo.

Betel era um lugar muito especial para o povo judeu por causa de sua relação com Abraão (Gn 12:8; 13:3) e com Jacó (Gn 28:10-22; 35:1-7). A arca da aliança ficou algum tempo em Betel (Jz 20:18-28), mas na época de Amós, aquele era o “santuário do rei”, onde Amazias, o sacerdote, servia (Am 7:10ss). Gilgal também era importante para Israel, pois era lá que Josué e o povo haviam acampado assim que entraram na terra prometida (Js 4:19, 20; 5:2-9). Também em Gilgal, Saul foi coroado rei de Israel (1 Sm 11:15). Infelizmente, esses dois lugares haviam se transformado em santuários onde o povo adorava deuses pagãos, enquanto afirmava adorar ao Senhor.

As aparências indicavam que Israel passava por um reavivamento espiritual. Multidões se dirigiam aos “lugares sagrados” (Am 5:5), levando sacrifícios e dízimos (Am 4:4; 5:21, 22)⁵ e até entoando cânticos de louvor ao Senhor (v. 23; 6:5; 8:3, 10). Ofereciam sacrifícios com mais freqüência do que era requerido pela lei, como se quisessem provar como eram espirituais. Contudo, suas ofertas e cânticos não impressionavam o Senhor, pois ele via o que estava dentro do coração do povo, e o pecado do coração deles tornava seus sacrifícios inadmissíveis.

Para começar, seus sacrifícios eram impuros, como oferecer lêvedo no altar, o que era proibido por Deus (Lv 2:11; 6:17). Deus não quer sacrifícios de touros e de bodes, quer a obediência de nosso coração (1 Sm 15:22, 23; ver Sl 50:8, 9; 51:16, 17; Is 1:11-17; Os 6:6; Mq 6:6-8; Mc 12:28-34). Se o coração não está em ordem diante de Deus, então o sacrifício não tem qualquer significado (Gn 4:1-7).

Além disso, orgulhavam-se daquilo que estavam fazendo e certificavam-se de que todos ficassem sabendo como eram generosos com o Senhor. Vangloriavam-se de suas ofertas voluntárias e gabavam-se de seus sacrifícios. Não era o Senhor quem recebia a glória (ver Mt 6:1-4)! Eram como as pessoas de hoje que fazem de tudo para que sua generosidade seja reconhecida de púlpito e no boletim da igreja. Caso isso não aconteça, param de contribuir.

O povo de Israel amava os cultos religiosos, mas não amava o Deus a quem dizia adorar. Naquele tempo, era moda fazer uma peregrinação a Betel ou a Gilgal, e ninguém queria ficar para trás. Não havia confissão de pecados nem quebrantamento perante o Senhor, só a participação em um evento religioso que levava os participantes a se sentirem bem. O sistema todo era corrupto; o povo estava pecando enquanto pensava servir ao Senhor.

A aplicação para a Igreja de hoje fica clara. É muito fácil participar de um grande grupo religioso, cheios de entusiasmos para cantar, colocar dinheiro nas sacolas de ofertas e, ainda assim, não mudar nada em nosso coração. A prova da experiência espiritual não é: “Isso me faz sentir bem?” ou: “A igreja estava cheia e o culto foi agradável?” A verdadeira prova é: “Estou aprendendo mais de Deus e me tornando mais semelhante a Cristo?”

O povo do tempo de Amós não voltava para casa decidido a ajudar os pobres, a dar de comer aos famintos e a cuidar das viúvas e dos órfãos. Voltava com o mesmo coração endurecido com que havia saído de casa, pois sua “adoração” não passava de um ritual vazio (Is 1:11-17). Qualquer “reavivimento” religioso que não muda as prioridades dos cristãos nem ajuda a resolver os problemas da sociedade não é, de fato, “reavivimento”.

É interessante que Amós tenha mencionado a música, pois essa é uma parte importante do culto na igreja. Contudo, aquilo que para os judeus era uma bela música, para Deus não passava de barulho (“estrépito”; Am 5:23). Hoje em dia, as pessoas pagam uma fortuna por ingressos para “shows de música gospel” e, no entanto, não freqüentam estudos bíblicos nem encontros de edificação gratuitos em sua própria igreja. A música cristã da atualidade é um grande negócio, mas me pergunto quanto dessa música glorifica, de fato, ao Senhor. Aquilo que consideramos música pode não passar de barulho para o Senhor.

Quer seja evangelismo, educação, trabalho social ou missões, tudo o que a igreja

realiza para o Senhor vem da adoração. Se o manancial da adoração foi poluído, o ministério inteiro da igreja será contaminado. Como os judeus do tempo de Amós, estamos apenas indo a Betel e pecando! Assim, cabe ao povo de Deus examinar seu coração e certificar-se de que suas motivações são corretas e de que aquilo que fazem em cultos públicos glorifica ao Senhor.

Amós tratou de dois dos três pecados que o Senhor ordenou que ele condenasse: luxo e hipocrisia. Em seguida, tratou do terceiro pecado, que é a obstinação. O povo de Deus era rebelde e teimoso e recusava-se a obedecer ao Senhor.

3. OBSTINAÇÃO (AM 4:6-13)

Nesta passagem, Amós diz ao povo cinco vezes: "contudo, não vos convertestes a mim" (Am 4:6, 8, 9, 10, 11). O povo de Israel havia sentido as disciplinas de Deus, mas ainda assim não tinha se submetido à vontade dele e continuava praticando aquela religião hipócrita! "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus" (Mt 7:21).

A aliança de Deus com os judeus afirmava explicitamente que ele iria abençoá-los, se obedecessem à sua lei, e que iria discipliná-los, se desobedecessem (Dt 27 – 29). Deus colocou diante deles a vida e a morte, abençoando e amaldiçoando, e instou-os a escolher a vida (Dt 30:19, 20). Infelizmente, desprezaram seu amor, rejeitaram suas advertências e escolheram a morte.

Fome (v. 6). A expressão "dentes limpos" significa, simplesmente, que o povo não tinha o que comer, de modo que nem sequer sujava os dentes. A aliança de Deus prometia colheitas abundantes, se o povo obedecesse ao Senhor, e fome, se desobedecesse (Lv 26:27-31; Dt 28:1-11). Quando os lavradores não conseguem produzir as safras, há escassez de comida, os preços dos alimentos sobem, e o povo sofre e morre. Seria de se pensar que uma situação dessas levaria o povo a confessar seus pecados e a voltar para Deus, mas não foi o que Israel fez.

Seca (vv. 7, 8). Em vez de enviar uma seca geral sobre todo o reino, Deus reteve a chuva em diferentes lugares periodicamente, de modo a provar que ele estava no controle. Essa demonstração impressionante do poder soberano de Deus deveria ter lembrado os judeus daquilo que a aliança dizia sobre as chuvas prometidas (Lv 26:18-20; Dt 11:16, 17; 28:23, 24), mas o povo não deu atenção.

Destrução das colheitas (v. 9). Mesmo quando Deus permitiu que cultivassem frutas e vegetais, não ficaram agradecidos. Assim, ele destruiu as colheitas com crestamento, ferrugem e gafanhotos. Mais uma vez, Deus estava sendo fiel às advertências de sua aliança (Dt 28:38-42), de modo que a nação não deveria ter ficado surpresa.

Enfermidade (v. 10a). Uma das promessas de Deus era que seu povo não sofreria das terríveis doenças que haviam visto no Egito, se fossem fiéis em obedecer à sua lei (Êx 15:26); mas caso se rebelassem contra ele, sofreriam de todas as enfermidades do Egito (Lv 26:23-26; Dt 28:21, 22, 27-29, 35, 59-62). Como fez com as outras disciplinas, Deus cumpriu sua palavra.

Derrota na guerra (v. 10b). "O SENHOR fará que sejam derrotados na tua presença os inimigos que se levantarem contra ti; por um caminho, sairão contra ti, mas, por sete caminhos, fugirão da tua presença" (Dt 28:7; ver Lv 26:6-8). Que maravilhosa promessa para uma nação pequena cercada de enormes impérios! No entanto, essa promessa se cumpriria somente se o povo fosse fiel ao Senhor. Caso desobedecesse, seria humilhado e derrotado pelos inimigos (Lv 26:32-39; Dt 28:49-58). Sua derrota seria tão terrível que os corpos nos acampamentos não receberiam um enterro decente, mas seriam deixados lá para se decompor. Deus cumpriu sua promessa: os assírios conquistaram Israel e os babilônios levaram Judá para o cativeiro.

Catástrofe (v. 11). Não sabemos, ao certo, a que calamidade o profeta se refere. Talvez seja a um terremoto (Am 1:1) ou a uma invasão militar devastadora (2Rs 10:32, 33; 13:7). Qualquer que fosse a catástrofe,

deveria ser algo terrível, uma vez que o profeta a compara com Sodoma e Gomorra (Gn 19:24, 25; ver Dt 29:23; Is 1:9; 13:19). A imagem de um pedaço de lenha sendo tirado do fogo sugere que o Senhor interveio e salvou-os no último instante (Zc 3:2). Haviam sido queimados, porém não consumidos. Se esse foi o caso, então a ingratidão e a dureza do coração do povo eram ainda mais perversas.

Julgamento final (vv. 12, 13). O reino de Israel havia passado por fome, secas, pragas, guerras e catástrofes devastadoras, enquanto Deus tentava falar com seu povo e conduzi-lo ao arrependimento. Não importava a disciplina que o Senhor enviasse, o povo se recusava a voltar para ele. O que mais Deus poderia fazer? Tratar com eles pessoalmente! “Prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus” (v. 12) – essas palavras não eram um chamado ao arrependimento, mas um anúncio de que era tarde demais para se arrependerem. O próprio

SENHOR dos Exércitos viria com as hordas assírias e levaria o povo como gado sendo conduzido para o matadouro (v. 2). “Em todas as vinhas haverá pranto, porque passarei pelo meio de ti, diz o SENHOR” (Am 5:17).

Amós encerrou sua mensagem com uma doxologia de adoração ao Senhor (Am 4:13; ver 5:8, 9; 9:5, 6). Quando um servo de Deus louva ao Senhor diante das calamidades iminentes, isso mostra que ele é uma pessoa de grande fé (ver Hc 3:16-19). Nessa doxologia, o profeta nos lembra de que nosso Deus é o Criador que pode fazer qualquer coisa, inclusive criar a Terra a partir do nada. Pode transformar a aurora em trevas; pode pisar sobre montanhas, e ninguém é capaz de detê-lo. Também é o Deus onisciente que sabe o que pensamos, de modo que não há nada que possamos esconder dele (Sl 139:1-6). Ele é o SENHOR dos Exércitos, o Deus das hostes dos céus e da Terra!

Mas será que hoje o povo de Deus está mais preparado?

1. Basã era uma região fértil a leste do mar da Galiléia, na tribo de Manassés, conhecida por seus rebanhos de excelente qualidade (Dt 32:14; Sl 22:12; Ez 39:18).
2. Em seu excelente comentário sobre Amós, Jeffrey Niehaus traduz a frase: “vos lançarei para Hermom”, no versículo 3, como “vós abrirei mão do domínio” (Thomas E. McComiskey [Edits.]. *An Exegetical and Expository Commentary: The Minor Prophets*. Grand Rapids, Mich: Baker Book House, 1992, v. 1, p. 391). Essas mulheres, acostumadas a dar ordens, se veriam recebendo ordens!
3. A expressão “as vossas restantes” pode ser traduzida por “as últimas de vós”, significando “nenhuma de vós escapará”. Contudo, essa mesma palavra pode significar “descendentes”, como é o caso em 1 Reis 21:21, Salmos 109:13 e Daniel 11:4.
4. A palavra “ironia” vem do termo grego *eironēia*, que significa “falar enganosamente, com dissimulação”. Aquilo que você diz deve ser interpretado exatamente da maneira oposta (para outros exemplos nas Escrituras, ver Jz 10:4 e Ez 28:3).
5. Juntamente com os dízimos anuais, os judeus deveriam dar um dízimo especial a cada três anos (Dt 14:28; 26:12). Ao que parece, Amós estava usando novamente de “ironia santa” dizendo que deveriam levar o dízimo especial a cada três anos, mas eram tão espirituais que o estavam dando a cada três dias!

COMO EVITAR A TEMPESTADE

AMÓS 5:1-17

A terceira mensagem do profeta (Am 5:1 – 6:14) era um lamento, um cântico fúnebre sobre a morte de Israel como nação (Israel é mencionado quatro vezes em 5:1-4). “Em todas as praças haverá pranto” (v. 16), declara Amós, e não só pranto em uma ou duas casas onde tenha morrido alguém. Uma vez que a tristeza do povo seria tão grande a ponto de não haver pranteadores profissionais suficientes para expressá-la, as pessoas chamariam lavradores e trabalhadores das vinhas para ajudá-las (vv. 16, 17).

Contudo, no meio desse lamento, Amós entretece três súplicas ao povo, instando-o a voltar para Deus.

1. “OUVI A PALAVRA DE DEUS!” (AM 5:1-3)

Essa é terceira vez que Amós pede ao povo que dê ouvidos à Palavra de Deus (Am 3:1; 4:1). A maneira como tratamos a Palavra é como tratamos Deus, e a maneira como tratamos os mensageiros do Senhor é como tratamos o próprio Senhor (Jo 15:18-21). “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho [...]. Tende cuidado, não recuseis ao que fala” (Hb 1:1, 2; 12:25).

Os ouvintes devem ter se perguntado por que Amós estava pranteando com um canto fúnebre se ninguém da sua família ou dentre seus conhecidos havia morrido. Ficaram perplexos com o fato de ele estar tão profundamente entristecido com a morte de sua nação, quando esta parecia tão próspera e religiosa. No entanto, a prosperidade e o “reavivamento” eram apenas cosméticos

para fazer a terra doente e moribunda parecer mais saudável. Amós verificou os sinais vitais e viu que haviam quase desaparecido. As apresentações musicais cheias de entusiasmo se tornariam funerais (Am 5:23; 8:3, 10) e seus santuários virariam ruínas, pois os assírios estavam destinados a destruir o reino de Israel.

Amós comparou a nação com uma filha virgem na flor da idade, atacada e morta no campo de batalha, seu corpo abandonado à decomposição.¹ Não havia mais esperança alguma, e ninguém poderia ajudá-la a se levantar. A história registra o cumprimento das palavras de Amós. Depois da invasão assíria, o reino de Israel deixou de existir e nunca mais foi restaurado. Parte do povo foi levada para o exílio, parte foi morta, e o resto foi deixado para misturar-se com os gentios levados a Israel para reassentir a terra. O resultado foi uma raça mestiça – os samaritanos –, nem judia nem gentia.

Israel possuía um exército forte, mas ele seria derrotado, e a população seria dizimada, exatamente como o Senhor havia advertido em sua aliança (Lv 26:7, 8; Dt 28:25; 32:28-30). Não pode haver vitória quando o Senhor o abandonou à sua própria sorte, porque você o deixou. As nações de hoje dependem de suas riquezas, de seus exércitos e de sua sabedoria política, quando, na verdade, precisam depender do Senhor. “Feliz a nação cujo Deus é o SENHOR” (Sl 33:12).

É evidente que os acontecimento que sucederam ao reino do Norte, Israel, não foram o fim das promessas de Deus aos judeus nem de seus propósitos para eles no mundo. Grupos que afirmam ser “as dez tribos perdidas de Israel” são suspeitos, pois as Escrituras não dizem, em parte alguma, que as dez tribos “se perderam”. O Novo Testamento indica que Deus sabe onde se encontram as doze tribos de Israel (Mt 19:28; Lc 22:30; At 26:7; Tg 1:1; Ap 7:4; 21:12), e os profetas falam de um tempo de reunião e glória (Ez 37:19-28; 33:23, 29; Jr 3:18; 23:5, 6; Os 1:11).

O primeiro passo para um reavivamento e uma volta ao Senhor é ouvir o que o Senhor tem a dizer para nós mediante sua

Palavra. "Porventura, não tornarás a vivificar-nos, para que em ti se regozije o teu povo? Mostra-nos, SENHOR, a tua misericórdia e concede-nos a tua salvação. Escutarei o que Deus, o SENHOR, disser, pois falará de paz ao seu povo e aos seus santos; e que jamais caiam em insensatez" (Sl 85:6-8).

2. "BUSCAI AO SENHOR!" (AM 5:4, 6)

Essa frase pode ser encontrada mais de trinta vezes nas Escrituras. Aplica-se a Israel na antiguidade e ao povo de Deus nos dias de hoje. Mesmo que a nação de Israel (ou a Igreja) como um todo não responda à mensagem e não volte para o Senhor, um remanescente pode regressar e receber a ajuda e as bênçãos do Senhor. Deus estava disposto a salvar a cidade perversa de Sodoma se encontrasse nela dez justos (Gn 18:32), e no tempo de Jeremias o Senhor teria se alegrado em encontrar um justo em Jerusalém! Deus pode operar por meio de muitos ou de poucos (1 Sm 14:6); não devemos jamais desprezar os "humildes começos" (Zc 4:10).

O que significa "buscar ao SENHOR"?

O profeta Isaías respondeu a essa pergunta: "Buscai o SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto. Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao SENHOR, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar" (Is 55:6, 7).

Buscar ao Senhor significa, antes de tudo, mudar nossa mentalidade e abandonar os pensamentos fúteis que conduzem nossa vida inconstante. Os filhos desobedientes de Deus não têm pensamentos corretos sobre Deus, o pecado e a vida. Acreditam que Deus estará sempre à disposição deles, mas se esquecem de que os pecadores colhem aquilo que semeiam. Andar segundo o "conselho dos ímpios" (Sl 1:1) sem dúvida é insensatez, pois nos leva a uma vida triste e improdutiva.

Quando voltamos para o Senhor, também mudamos de rumo: damos uma "volta de 180 graus" e começamos a nos mover na direção certa. Isso significa abandonar o

pecado e buscar a misericórdia e o perdão do Senhor. Até que tenhamos consciência de quão abomináveis são nossos pecados, jamais nos arrependermos e clamaremos por misericórdia. Buscar ao Senhor não significa, simplesmente, correr para Deus pedindo ajuda quando nos vemos em dificuldade por causa de nossos pecados, ainda que Deus nos receba, se formos sinceros. Quer dizer odiar e desprezar o pecado em nossa vida, deixá-lo para trás e buscar a comunhão com Deus e a purificação. "Coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus" (Sl 51:17).

Por que devemos buscar ao SENHOR? O profeta apresenta três motivos, sendo que o primeiro deles é que tenhamos vida (Am 5:4). O caminho da desobediência é o caminho das trevas e da morte. "Buscai-me e vivei" (v. 4) – esse é o convite e a admoestação de Deus. O Senhor disciplina seus filhos em amor, a fim de que se arrependam e se voltem para ele, mas se não mudarmos nossos caminhos, ele não pode nos tirar a vida. "Além disso, tínhamos os nossos pais segundo a carne, que nos corrigiam, e os respeitávamos; não havemos de estar em muito maior submissão ao Pai espiritual e, então, viveremos?" (Hb 12:9). Essa passagem indica que, se não nos sujeitarmos, podemos morrer, pois "há pecado para morte" (1 Jo 5:16).

O segundo motivo pelo qual devemos buscar a Deus é o fato de não haver outra forma de experimentar bônus espirituais (Am 5:5). As multidões estavam indo para os santuários e voltando para casa ainda mais afastadas de Deus do que quando haviam partido. Emerson estava certo ao dizer que uma mudança de localização geográfica jamais supera uma falha de caráter.

Ao longo de meus anos de ministério, tive o privilégio de falar em muitos centros de eventos conhecidos nos Estados Unidos, no Canadá e em outros países. Em alguns desses congressos, encontrei pessoas que acreditavam que sua presença física perto de um determinado lago, tenda, tabernáculo ou montanha mudaria o coração delas. Dependiam do "ambiente" do congresso e de

suas memória sobre o evento, mas normalmente voltavam para casa decepcionadas. Isso porque não buscaram a Deus.

Lembro-me de que, em um desses congressos, quando uma senhora estava se preparando para voltar para casa, perguntou ao pessoal da recepção do acampamento se poderia comprar um pacote do sabonete usado nos quartos. Quando quiseram saber o motivo do seu pedido, ela explicou que o sabonete era bem mais cremoso e fazia mais espuma do que aquele que ela usava em casa. O diretor do acampamento deu-lhe um pacote do sabonete, mas não teve coragem de explicar para ela que o segredo era a qualidade da água, não a fórmula do sabonete.

Deus não oferece franquias de suas bênçãos como uma empresa que distribui seus produtos a comerciantes locais. Não se pode ir a Betel, a Gilgal (ver Am 4:4) ou a Berseba² e voltar com uma bênção dentro da mala. A menos que nos encontremos pessoalmente com o Senhor, que tratemos de nossa vida espiritual interior e que busquemos sua face, nosso coração jamais será transformado.

Os “lugares santos” seriam todos destruídos. O povo de Gilgal iria para o cativeiro (Am 5:27) e o santuário seria abandonado, enquanto Betel, a “casa de Deus”, se tornaria “Bete-Áven”, a “casa do nada” (ver Os 4:15; 5:8; 10:5), e seria consumida pelo fogo (Am 5:6). Mesmo que os peregrinos viajassem até Judá para visitar Berseba, não haveria garantia alguma de bênção. Um dia, Judá seria tomada pelos babilônios.

O terceiro motivo para buscar a Deus era o julgamento vindouro (Am 5:6). A expressão “como um fogo que a consuma” nos lembra das repetidas advertências de Deus nos capítulos 1 e 2, “meterei fogo” (Am 1:4, 7, 10, 12, 14; 2:2, 5). “Porque o nosso Deus é fogo consumidor” (Hb 12:29; ver Dt 4:24). Se os gentios, que nunca tiveram a lei de Deus escrita, sofreram punição de fogo pelos seus pecados, quanto mais seriam punidos os judeus que possíam a santa lei de Deus!

“O Senhor julgará o seu povo” (Hb 10:30; ver Dt 32:35, 36; Sl 135:14).

O medo do julgamento pode não ser o motivo mais nobre para se obedecer a Deus, mas é aceito pelo Senhor. Animais e crianças entendem o sistema de recompensas e de castigos, mas esperamos que as crianças acabem amadurecendo e desenvolvendo motivações mais nobres para obedecer do que receber um doce ou escapar de uma surra. Israel, o povo de Deus, jamais chegou a esse nível mais elevado de obediência, o tipo de obediência que vem de um coração que ama a Deus (Dt 4:37; 6:4-6; 7:6-13; 10:12; 11:1; 30:6, 16, 20).

Para Israel, arrepender-se e voltar-se para Deus era a coisa mais sensata a fazer. Isso lhes daria vida e verdadeira espiritualidade e também os salvaria do iminente julgamento. Esses também são bons motivos para o povo de Deus se arrepender nos dias de hoje.

3. “BUSCAI O BEM!” (AM 5:7-15)

“Buscar ao SENHOR” pode parecer difícil e distante para algumas pessoas, uma experiência intangível que não conseguem compreender. Assim, Amós deu uma aplicação prática cotidiana a esse desafio. Falou sobre a justiça, a retidão e a importância de dizer a verdade. Citou os pecados que o povo precisava deixar: aceitar suborno, cobrar aluguéis exorbitantes dos pobres, viver em meio ao luxo enquanto os pobres morriam de fome e sustentar um sistema legal corrupto. O verdadeiro arrependimento começa ao dar-se o devido nome aos pecados e tratar de cada um deles.

Devemos observar que os versículos 8 e 9 são uma inserção na mensagem do profeta, mas, ainda assim, um parêntese importante, pois lembravam o povo da grandeza de seu Deus. Jeová é o Deus que criou os céus e a Terra, que controla as estações e o movimento diário de nosso planeta e que é Senhor sobre os céus, a terra e o mar. Os gentios pagãos adoravam os corpos celestes, mas os judeus tinham o privilégio de adorar o Deus que havia criado os céus e a Terra (Jn 1:9).

No entanto, esse Deus da criação também é um Deus de julgamento! “É ele que faz vir súbita destruição sobre o forte e ruína

contra a fortaleza" (Am 5:9). J. B. Phillips apresentou a seguinte tradução, muito vívida, para o versículo 9: "É ele quem lança a ruína no rosto dos fortes e faz chover a destruição sobre as fortalezas".³ Diante da santidade de Deus e das estipulações de sua santa aliança, o povo de Israel deveria estar prostrado com o rosto em terra, suplicando por misericórdia. Em vez disso, estavam complacentemente confortáveis em seu luxo e em seus pecados. Amós citou apenas alguns desses pecados.

Promover a injustiça (v. 7). Deus estabeleceu o governo humano por causa da pecaminosidade do coração humano. Sem a autoridade do governo na sociedade, tudo se desintegraria, os fortes escravizariam os fracos e os ricos explorariam os pobres. A justiça deve ser "como as águas [...] como ribeiro perene" (Am 5:24), que purifica e refrigera a sociedade, mas os líderes de Israel haviam transformado esse rio revigorante em veneno amargo (ver Am 6:12).

A retidão e a justiça devem ser os pilares que sustentam a sociedade, mas esses governantes egoístas haviam deitado por terra tais pilares. Uma das evidências de que os pilares da justiça estão estremecendo e prestes a cair é o aumento no número de processos legais. "Falam palavras vãs, jurando falsamente, fazendo aliança; por isso, brota o juízo como erva venenosa nos sulcos dos campos" (Os 10:4). Israel estava sofrendo com as ervas venenosas e a água envenenada (Am 5:7), e o Senhor estava descontente.

Em vez de correr para reuniões religiosas, o povo deveria ter ficado em casa e providenciado para que seus líderes não envenenasse os rios da justiça nem derrubasse os pilares da retidão. Os cristãos são o sal da terra, e o sal evita a deterioração. São a luz do mundo, e, se houvesse mais luz, haveria menos trevas (Mt 5:13-16). A igreja não deve ousar abandonar os problemas da sociedade – problemas estes que podem ser resolvidos pela aplicação do evangelho e da verdade da Palavra de Deus.

Rejeitar a repreensão (vv. 10, 13). A porta da cidade era o lugar onde os anciãos se

encontravam e onde eram realizados os negócios da cidade (Rt 4). Quando os líderes desonestos tentavam impor suas mentiras sobre o povo e manipular os tribunais e eram repreendidos por alguém, voltavam-se contra essa pessoa e tentavam fazê-las calar-se. A situação chegou a ponto de os justos não dizerem mais palavra alguma por saber que sua interferência de nada adiantava (Am 5:13). Os líderes com integridade ouvem com prazer os conselhos e até mesmo as repreensões, mas os líderes que pendem para o mal procuram destruir aqueles que ficam em seu caminho. "Não repreendas o escarnecedor, para que te não aborreça; repreende o sábio, e ele te amará" (Pv 9:8; ver 1Rs 22:5ss para uma ilustração desse princípio).

Há muitos anos, especialistas legais norte-americanos têm pedido uma reforma no sistema judiciário (outros países provavelmente têm os mesmos problemas ou alguns ainda piores). Há um excesso de casos pendentes, e muitos julgamentos se desenrolam a passo de tartaruga, passando por uma sequência aparentemente interminável de apelos e de adiamentos e, como resultado, na verdade, faz-se pouca justiça. Isaías deparou-se com uma situação parecida em sua época. "Pelo que o direito se retirou, e a justiça se pôs de longe; porque a verdade anda tropeçando pelas praças, e a retidão não pode entrar. [...] O SENHOR viu isso e desaprovou o não haver justiça" (Is 59:14, 15). Um congestionamento!

Oprimir os pobres (vv. 11, 12). O profeta Amós foi o defensor dos pobres e oprimidos (Am 2:6, 7; 4:1; 8:6) em seu clamor por justiça na terra.⁴ Retratou os ricos pisoteando os pobres na lama ao apropriar-se de suas colheitas como pagamento pelos altos aluguéis que cobravam. Os ricos estavam literalmente tirando a comida da boca de seus inquilinos e dos filhos deles. E se esses inquilinos apelavam para os juízes locais em busca de justiça, os ricos proprietários de terras compravam os juízes.

Afinal, o que os abastados faziam com toda a sua riqueza desonesta? Usavam-na para construir mansões para si mesmos e

para plantar vinhedos luxuriantes. Queriam passar o dia ociosamente em suas casas enormes, bebendo vinho, mas o Senhor tinha outros planos para eles. Anunciou que nem viveriam nas mansões nem beberiam seu vinho, pois os assírios destruiriam todas as suas casas e vinhedos. Assim como os ricos egoístas do tempo dos apóstolos, esses poderosos proprietários estava engordando seu coração para o dia da matança (Tg 5:1-6).

Deus sabia o que esses exploradores ricos estavam fazendo, assim como sabe o que os pecadores de hoje fazem, e apesar de parecer não se preocupar, julgaria os perversos em seu devido tempo. Deus havia advertido em sua aliança com o povo de Israel: "Edificarás casa, porém não morarás nela; plantarás vinha, porém não a desfrutarás" (Dt 28:30). Deus sempre cumpre suas promessas, quer seja para abençoar quando obedecemos, quer para nos disciplinar quando nos rebelamos.

Autoconfiança arrogante (vv. 14, 15). O povo estava se vangloriando e dizendo: "O Senhor Deus está conosco!". Afinal, a nação não estava desfrutando prosperidade? Certamente era um sinal da bênção de Deus. E o povo não estava envolvido nas atividades religiosas, levando seus sacrifícios e ofertas aos santuários? E o rei não tinha um sacerdote especial e um santuário real em Betel (Am 7:10-17), onde consultava Amazias sobre os assuntos do reino?

Sem dúvida, essas coisas eram verdade, mas não podiam ser usadas como prova das bênçãos de Deus. Era apenas um verniz fino de hipocrisia religiosa sobre os cadáveres em decomposição de Israel. A única prova de que Deus está conosco é nós o amarmos e fazermos a vontade dele. Não importa quantas pessoas participam das reuniões religiosas, se o resultado não for obediência a Deus e cuidado com o próximo, essas reuniões serão um fiasco.

Como podemos dizer que amamos o bem se não detestarmos o mal? Declaramos que amamos o SENHOR, mas Deus ordena: "Vós que amais o SENHOR, detestai o mal" (Sl 97:10). Gostamos de estudar a Bíblia, mas o salmista diz: "Por meio dos teus preceitos, consigo entendimento; por isso, detesto todo caminho de falsidade" (Sl 119:104). Buscar o bem significa rejeitar o mal e não ter vergonha de posicionar-se contra o que é errado.

Resta alguma esperança para uma sociedade perversa como essa? Sim, desde que a graça de Deus esteja operando. "Talvez o SENHOR, o Deus dos Exércitos, se compadeça do restante de José" (Am 5:15). A tragédia estava a caminho de Israel, mas quem poderia dizer o que Deus faria se ao menos um remanescente piedoso se voltasse para ele e buscasse sua misericórdia?

"Busquei entre eles um homem que tivesse o muro e se colocasse na brecha perante mim, a favor desta terra, para que eu não a destruísse; mas a ninguém achei" (Ez 22:30). Deus ainda está procurando pessoas para tapar a brecha, intercessores que supliquem para que Deus mande um reavivamento e renove sua Igreja. Pois é somente quando o Espírito de Deus tem permissão de operar no meio do seu povo que a torrente de perversidade pode ser detida e a retidão e a justiça florescem na terra. Os santos querem que Deus julgue os perversos, mas "a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada" (1 Pe 4:17).

Se apenas um remanescente se arrepender e voltar-se para Deus, então há esperança de que ele mandará o reavivamento do qual precisamos tanto.

"Ouvi a Palavra de Deus!" Estamos ouvindo?

"Buscai ao Senhor!" Estamos orando?

"Buscai o bem!" Detestamos o mal?

Não há outro caminho.

1. "A virgem, filha de Sião" ou "A virgem de Israel" são expressões comuns no Antigo Testamento (2Rs 19:21; Is 37:22; Jr 18:13; 31:4, 21; Lm 2:13) e também se aplicam a outras nações, como o Egito (Jr 46:11) e a Babilônia (Is 47:1). A referência é a uma filha ainda não casada, sob a proteção do pai. Pelo fato de Israel ter dado as costas a seu Pai celestial, meteu-se em dificuldades e foi violada e morta em sua própria terra. Paulo usou uma figura semelhante ao escrever sobre a igreja local (2 Co 11:1-3).

2. Os judeus associavam Berseba com a aparição de Deus a Abraão (Gn 21:31-33), Isaque (Gn 26:23-25) e Jacó (Gn 46:1-5).
3. PHILLIPS, J. B. *Four Prophets: A Translation into Modern English*. Nova York: The Macmillan Col., 1963, p. 14.
4. O termo hebraico *mishpat* pode ser traduzido por “justiça” ou “julgamento”. O radical de *mishpat* é *shapat*, que significa “governar”. O objetivo do governo é a justiça para todos. O profeta Isaías também rogou por justiça na terra.

"AI DOS PECADORES!"

AMÓS 5:18 – 6:14

Amós continua lamentando o fim iminente de Israel como nação. Nesta seção, ele profere "ais" sobre quatro tipos de pessoa no reino: os ignorantes (Am 5:18-27), os indiferentes (Am 6:1, 2), os que se entregam aos prazeres (Am 6:3-7) e os despidorados (Am 6:8-14). As circunstâncias são diferentes, mas temos essas mesmas pessoas na Igreja de hoje. Você as reconhece?

1. "AI DOS IGNORANTES!" (AM 5:18-27)

O "Dia do SENHOR" é um tempo durante o qual Deus julga seus inimigos e estabelece seu reino na Terra. É a resposta à nossa oração "Venha o teu Reino" e encontra-se descrito em Apocalipse 6 – 20 e em várias passagens nos livros dos profetas.

O povo ao qual Amós estava se dirigindo via o "Dia do SENHOR" como um tempo de grande livramento para os judeus e de terrível castigo para os gentios (Jl 2:28-32), mas os profetas possuíam uma visão clara desse acontecimento extremamente significativo. Tinham consciência de que o "Dia do SENHOR" também seria um tempo de provação e de purificação para Israel (ver Is 2:10-21; 13:6-13; Jr 46:10; Jl 3:9-17; Sf 2:1, 2), quando o povo de Deus passaria por uma grande tribulação antes de entrar no reino de Deus.

Amós olhou para o futuro e apresentou três descrições do "Dia do SENHOR". Primeiro, seria um dia de desespero e de pranto (Am 5:18a): "Ai de vós que desejais o Dia do SENHOR!" A teologia correta pode dar esperança, mas uma teologia distorcida leva a falsas esperanças. Uma vez que esses hipócritas estavam certos de que Deus pouparia Israel, mas condenaria seus inimigos, ansiavam

pela vinda do Dia do SENHOR. Eram como alguns editores de antigas edições da Bíblia que já vi: se o capítulo era sobre julgamento, davam o título "O julgamento de Deus sobre os judeus", mas se o capítulo era sobre bênção, o título era "As bênçãos de Deus para a Igreja". Se a moeda der cara, nós ganhamos, se der coroa, vocês perdem!

Em segundo lugar, seria um dia de trevas (vv. 18b, 20). Deus havia avisado que estava prestes a passar no meio deles (v. 17), mas não como havia feito no Egito. Dessa vez, estava vindo para julgar seu próprio povo e, assim como houve trevas durante três dias antes da primeira Páscoa (Êx 12:12), o "Dia do SENHOR" também traria escuridão. Além disso, aquilo que Israel passou nas mãos dos assírios foi uma pequena amostra do que acontecerá no fim dos tempos, quando o mundo todo verá o "Dia do SENHOR".

Em terceiro lugar, seria um dia de destruição (Am 5:19). Seria impossível escapar da ira de Deus, pois não haveria onde se esconder! Quem corresse de um leão iria deparar-se com um urso; quem corresse para casa seria picado por uma cobra. O equivalente moderno seria: "Sair da frigideira para cair no fogo!" Lembre-se de que os julgamentos de Deus são extremamente completos e precisos.

Esses israelitas estavam esperando ansiosamente o "Dia do SENHOR" sem se dar conta do que esse dia traria para eles. Eram como alguns cristãos de hoje que querem que Jesus volte para que possam escapar de situações dolorosas e não porque "amam a sua vinda" (2 Tm 4:8). Esquecem que a volta de Cristo também significa julgamento e não apenas bênçãos. "Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo. E assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens e somos cabalmente conhecidos por Deus; e espero que também a vossa consciência nos reconheça" (2 Co 5:10, 11).

Na parte seguinte de sua mensagem, Amós olhou a seu redor (Am 5:21-24) e apontou os pecados do povo que faziam com

que estivessem completamente despreparados para o Dia do SENHOR. Começou com a adoração hipócrita (vv. 21, 22), algo que já foi mencionado anteriormente (Am 4:4, 5). Guardavam os dias especiais do calendário judaico, reuniam-se em santas assembleias, ofereciam sacrifícios, levavam suas ofertas e entoavam cânticos de adoração. Suas reuniões pareciam tão lindas e santas e, no entanto, Deus não apenas se recusava a aceitar sua adoração, como também a desprezava e detestava (ver Is 1:10-20)!

A segunda acusação do profeta foi contra a falta de preocupação com os outros (Am 5:24). Esse é um versículo-chave no Livro de Amós, pois revela como Deus se preocupa que seu povo seja reto em seu caráter e justo em sua conduta. Já observamos a ênfase da mensagem de Amós sobre a justiça e vimos como os líderes da terra haviam transformado o rio cristalino da justiça em veneno (Am 5:7; ver 6:12). Não importa o número de “atividades religiosas” de que participarmos; se não amarmos nossos irmãos e nosso próximo, não poderemos verdadeiramente adorar e servir ao Senhor.

Por fim, Amós olhou para trás (Am 5:25-27) e lembrou-lhes seu relacionamento com Jeová depois que ele os havia livrado do Egito. Deus pediu do povo de Israel fé, obediência e amor, mas no monte Sinai, logo depois de prometerem solenemente servir a Deus, os israelitas adoraram um bezerro de ouro (ver Ex 32)! Além disso, seus antepassados pecaram oferecendo sacrifícios a falsos deuses, enquanto Jeová conduzia a nação pelo deserto! (Estêvão cita esse episódio em At 7:42, 43).¹

Depois que os israelitas se assentaram na Terra Prometida, duas gerações de líderes os guiaram pelos caminhos do Senhor. Mas, na terceira geração, o povo já havia se voltado para os ídolos das nações a seu redor (Jz 2:10-15). Deus os disciplinou ao permitir que essas nações escravizassem Israel em sua própria terra. Contudo, de acordo com a mensagem de Amós para o povo, teriam de deixar a terra e ir para o exílio, onde quer que os assírios os enviassem. Seria o fim do reino do Norte (2Rs 17:6ss).

“Onde a ignorância é a maior felicidade”, escreveu Thomas Gray, “é tolice ser sábio”. No entanto, o poeta estava se referindo à inocência ingênua da infância, a não destruir as alegrias das crianças ao falar-lhes dos fardos da idade adulta. Na vida cristã, porém, a ignorância da verdade de Deus nos deixa em trevas (Is 8:20); de modo que devemos compreender sua “palavra de profecia” que brilha como uma luz na escuridão deste mundo (2 Pe 1:19).

2. “AI DOS INDIFERENTES!” (AM 6:1, 2)

Esse “ai” era tanto para Judá (“Sião”) quanto para Israel (“Samaria”), pois os dois reinos eram insensíveis à Palavra de Deus e ao julgamento que pairava sobre eles. Chamavam-se de “a principal das nações” (v. 1) e gozavam uma falsa confiança que, por vários motivos, era injustificada.

A primeira causa de sua presunção era sua localização geográfica. Situada no alto do monte Sião, Jerusalém era considerada invencível (Sl 78:68, 69; 132:13-18), e Samaria também tinha uma posição aparentemente segura. No entanto, quando Deus decidiu tratar com essas cidades, não houve nada que pudesse deter o inimigo.

Quanto à sua prosperidade, governo e poder militar, Amós já havia mostrado como era insensato confiar neles, pois o cerne de cada nação encontrava-se profundamente corrompido. Os homens ilustres do governo de Israel eram da opinião de que a nação era segura e protegida, e o povo acreditava neles, assim como hoje em dia as pessoas acreditam nos “especialistas” políticos e nas pesquisas de opinião. A falsa confiança que se baseia no conselho de especialistas, em estatísticas e em recursos materiais e que ignora a dimensão espiritual da vida certamente conduz a derrota vergonhosa.

Amós mencionou regiões da Síria e da Filistia que já haviam sido tomadas pelo exército assírio e, então, fez duas perguntas: “Vocês são melhores do que eles? Seu território é maior que o deles?” Se o inimigo já havia destruído lugares maiores e mais fortes do que Samaria e Israel, que esperança

poderia haver para o povo judeu, especialmente quando estavam vivendo como os gentios e desobedecendo ao Senhor? Deus não olha para o talento de líderes nacionais, para o tamanho do exército de uma nação e nem para a prosperidade de sua economia. Deus olha para o coração, e o coração dos dois reinos judeus estava longe do Senhor.

A presunção é um pecado traiçoeiro, pois se baseia em mentiras, é motivada pelo orgulho e leva a confiar em alguma outra coisa além de Deus (Sf 1:12). Assim como o povo da igreja de Laodicéia, o presunçoso considera-se “rico e abastado” (Ap 3:17) e pensa que não precisa de nada. Na verdade, porém, perdeu tudo o que é importante na vida espiritual. Quando Deus vê seu povo tornando-se presunçoso e pretensioso, por vezes, envia tribulações a fim de despertá-lo.

3. “AI DOS QUE SE ENTREGAM AOS PRAZERES!” (Am 6:3-7)

“É impossível isso acontecer aqui!” era o lema dos líderes presunçosos. “Se há um dia de juízo a caminho, então certamente ainda vai demorar a vir.”

Sempre que alguém falava da possibilidade de uma catástrofe nacional, os líderes riam da idéia e faziam pouco disso. A perspectiva de Deus, porém, era outra. O Senhor disse: “Todos os pecadores do meu povo morrerão à espada, os quais dizem: O mal não nos alcançará, nem nos encontrará” (Am 9:10). Com sua indiferença, essas pessoas apressaram o dia do juízo.

Amós descreveu seu modo de vida hedonista, sem espaço para as disciplinas da vida espiritual. Viviam em função do prazer e não para a glória de Deus. O povo, em geral, normalmente dormia em esteiras no chão, mas os ricos desfrutavam o luxo de dormir em camas de marfim e em sofás sumptuosos. Também usavam o marfim para decorar suas mansões (Am 3:15). Escavações realizadas naquela região levaram à descoberta dos “marfins de Samaria”, fragmentos de belos entalhes de marfim usados para enfeitar a mobília e as casas.

Os ricos também esbaldavam-se em festas elegantes, comendo carneiro e vitela,

bebendo vinho em abundância, ouvindo boa música e usando perfumes caros. Os pobres que eles exploravam não podiam se dar o luxo de matar cordeiros e novilhos, tendo de se contentar com uma rara refeição de carneiro ou de carne de boi, possivelmente oferecidos num sacrifício. Serviam só copos de vinho e não taças e, como “cosmético”, usavam apenas o azeite de oliva.²

É claro que não há nada de errado em desfrutar de boa comida ou música, desde que as coisas do Senhor ocupem o primeiro lugar no coração. Davi criava e fazia instrumentos musicais, mas os usava para louvar ao Senhor. Abraão pôde preparar um banquete requintado para seus convidados (Gn 18:1-8), e o Senhor não o repreendeu por isso. No entanto, o pecado no tempo de Amós era que esses luxos desviavam a atenção das pessoas dos problemas reais de sua nação e “não [se afligiam] com a ruína de José [Samaria]” (Am 6:6).

Quando as nações dedicam-se exclusivamente a buscar o prazer, é um sinal de que o fim está próximo. Belsazar e seus líderes estavam no meio de um banquete sumptuoso, quando a cidade da Babilônia foi tomada pelos medos e persas (Dn 7). Os cidadãos de Roma regalavam-se com o “pão e circo” gratuitos, enquanto o império se deteriorava moral e politicamente até que, por fim, caiu nas mãos dos inimigos. Um dos sinais do fim dos tempos é o fato de muitos se tornarem “mais amigos dos prazeres que amigos de Deus” (2 Tm 3:4). “Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que o vosso coração fique sobrecarregado com as consequências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço” (Lc 21:34).

Hoje em dia, é difícil encontrar pessoas que sentem o peso dos pecados das nações e da Igreja. Há gente demais como os líderes de Samaria ou como os membros da igreja de Laodicéia fechando seus olhos para a realidade e vivendo numa ilusão baseada numa falsa teologia. Quantos cristãos podem dizer honestamente: “De mim se apoderou a indignação, por causa dos pecadores que

abandonaram a tua lei" (Sl 119:53). Ou ainda: "Torrentes de água nascem dos meus olhos, porque os homens não guardam a tua lei" (Sl 119:136)? Muitos cristãos estão rindo quando deveriam estar chorando (Tg 4:8-10) e tolerando o pecado quando deveriam estar se opondo a ele (1 Co 5:2).

O Dr. Vance Havner contou de um jantar que teve num lugar com iluminação muito fraca. A princípio, mal conseguia ler o menu, mas depois de um tempo, percebeu que podia ver relativamente bem e disse a seus amigos: "Não é estranho como é fácil acostumar-se com a escuridão?"

Esse é um dos problemas da igreja hoje em dia: nós nos acostumamos com a escuridão, e nossa luz não brilha o suficiente.

Uma vez que esses abastados exploradores dos pobres consideravam-se os mais notáveis na terra, Deus declarou que seriam os primeiros a ir para o cativeiro (Am 6:7); pois a responsabilidade deles era maior. Sem dúvida, o rei Jeroboão e seu sacerdote, Amazias, o líder político e o líder religioso de Israel, estavam entre os primeiros julgados (Am 7:10-17), mas seus seguidores hedonistas também acabaram tendo de trocar seus sofás por grilhões e seu vinho e comidas caras pelas escassas porções dos prisioneiros.

4. "AI DOS DESPUDORADOS!" (AM 6:8-14)

"Abomino a soberba de Jacó e odeio os seus castelos; e abandonarei a cidade e tudo o que nela há" (v. 8). O Senhor não apenas proferiu essas palavras, como também jurou por seu nome que as cumpriria, fazendo desta uma declaração extremamente solene. A expressão "soberba de Jacó" aparece em Salmos 47:4 como "glória de Jacó" e significa a "terra prometida".³ Deus detestava a própria terra de Israel, a terra que ele havia dado ao seu povo como herança.

Jesus disse: "pois aquilo que é elevado entre homens é abominação diante de Deus" (Lc 16:15). O povo orgulhava-se de suas fortalezas, de suas mansões e de seu estilo de vida luxuoso, coisas que Deus abominava e que, um dia, iria destruir. Isso nos lembra da destruição do poderoso sistema

babilônio do mundo descrita em Apocalipse 17 e 18. As pessoas que vivem sem Deus, cujo deus é, na verdade, o prazer pessoal, um dia ouvirão o Senhor dizer: "Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?" (Lc 12:20).

Essas pessoas despudoradas, que rejetearam as advertências de Deus, um dia enfrentariam três julgamentos.

Morte (vv. 9, 10). Amós descreveu uma situação hipotética para enfatizar os terrores que sobreviriam quando os assírios invadissem Samaria. Dez homens, talvez o remanescente de uma centena de soldados (Am 5:3), estariam escondidos numa casa, mas a peste os encontraria e morreriam. Se um parente fosse queimar os cadáveres (o procedimento mais seguro durante a guerra, quando as doenças se espalhavam com facilidade), qualquer um que ainda estivesse na casa guardando os corpos diria que não restava mais ninguém para ser morto pela peste. Porém, essa cremação dos corpos não seria uma ocasião "religiosa", pois o povo teria medo até de mencionar o nome do Senhor, para que ele não se irasse e enviasse ainda mais julgamentos.

Destruição (vv. 11-13). O orgulho sempre antecede a destruição (Pv 16:18). As casas de verão e de inverno que os ricos desfrutavam e das quais se orgulhavam, um dia não passariam de cinzas e de escombros. Os babilônios incendiariam até o belo templo de Judá. Isso aconteceria porque o Senhor assim havia ordenado, e suas ordens são sempre obedecidas.

A argumentação do profeta baseada na ordem natural (v. 12). Os cavalos sabem que não devem galopar sobre pedras escorregadias, onde podem escorregar e cair. Os lavradores também sabem que não se tenta arar as rochas ou o mar,⁴ pois o arado não faz coisa alguma com pedras ou água (lembre-se de que Amós era um lavrador). O simples bom-senso nos mostra que isso são fatos. Então, por que o povo de Deus corrompia seu sistema judiciário? O comportamento deles não fazia sentido algum!

Seu orgulho assumiu o primeiro plano outra vez quando contaram vantagem de

suas vitórias militares em Lo-Debar e em Carnaim. Não sabemos, ao certo, quando Israel tomou essas duas cidades, e isso não importa. O importante é que se orgulhavam de suas realizações e que estavam confiantes de que ninguém poderia derrotá-los. Lo-Debar significa “nada”, e era isso o que Deus pensava da vitória deles! Vangloriavam-se de que haviam conquistado a vitória por suas próprias forças, e sua falsa segurança seria a causa de sua destruição.

Desonra e derrota (v. 14). Uma coisa é uma nação relembrar as vitórias do passado e dar glória a Deus, mas assumir todo o crédito pela vitória é o mesmo que pedir futuras derrotas. Não há outra garantia da ajuda e da bênção de Deus senão depender humildemente dele.

A invasão assíria de Israel não seria resultado de acidentes nem de incidentes da política internacional. Deus conduziria o exército à terra e daria à Assíria a oportunidade de disciplinar seu povo. “Eis que trago

sobre ti uma nação de longe, ó casa de Israel, diz o SENHOR” (Jr 5:15).

Hamate fica na região Norte de Israel, e o ribeiro de Arabá na região Sul. Assim, “de Hamate até o ribeiro de Arabá” significa que a Assíria destruiria a terra toda. Quando Amós proferiu essas palavras, a Assíria era uma nação relativamente fraca. Jeroboão conseguiu mantê-la afastada, bem como o Egito e a Síria. Contudo, isso mudaria, e a Assíria se tornaria um império mundial ameaçador. Afinal, é Deus quem controla as nações e que lhes dá suas terras (At 17:26).

O profeta Amós havia concluído a pregação de suas três mensagens para o reino arrogante e presunçoso de Israel. Sondou o coração dos israelitas e mostrou a corrupção que havia neles. Na seqüência, o Senhor dá a seu servo seis visões – cinco de julgamento e uma do glorioso reino que será estabelecido no Dia do SENHOR. Amós encerra seu livro com o registro dessas seis visões.

1. Amós 5:26 é um versículo difícil de traduzir e interpretar. Refere-se à nação do passado, ao reino de Israel no tempo de Amós ou a ambos? Ezequiel 20:5-9 deixa claro que Israel aprendeu a idolatria no Egito e que ignorou o fato de as pragas que Deus enviou serem um julgamento contra esses falsos deuses (Ex 12:12). Ezequiel 20:10-17 nos diz que o povo de Israel também praticou a idolatria no deserto. O argumento de Amós é que o povo não aprendeu com as experiências do passado, problema que existe também na igreja de hoje. De acordo com G. W. Hegel: “A experiência e a história nos ensinam que as nações e os governos nunca aprenderam com a história e nem agiram de acordo com qualquer lição que tivessem tirado do passado”.
2. “O mais excelente óleo” é uma expressão paralela a Êxodo 30:23, em que é apresentada a fórmula para o óleo sagrado da unção. Talvez os israelitas indiferentes estivessem reproduzindo o óleo sagrado para uso próprio. Se esse era o caso, então se tratava de um pecado ainda maior – o uso das coisas sagradas de Deus para o prazer pessoal.
3. Essa expressão é usada em Amós 8:7 para referir-se ao próprio Deus, mas esse não pode ser seu significado nesse caso. Apesar de se entregarem com freqüência à idolatria, os judeus orgulhavam-se por seu Deus ser o verdadeiro Deus vivo. Também se vangloriavam do templo em Jerusalém (Ez 24:21). É possível que tivessem orgulho de Deus, mas Deus certamente não se orgulhava deles!
4. O versículo 12 também pode ser traduzido por “lavrar o mar com bois”, sendo que, para isso, é necessário modificar ligeiramente o texto original hebraico.

PARE – OLHE – ESCUTE!

AMÓS 7:1 – 9:15

A profecia de Amós encerra com o registro de cinco visões específicas do julgamento dadas por Deus a seu servo: os gafanhotos (Am 7:1-3), o fogo (vv. 4-6), o prumo (vv. 7-9), o cesto de frutos (Am 8:1-14) e o templo destruído (Am 9:1-10). No entanto, o profeta conclui sua mensagem com um tom positivo ao descrever o futuro reino glorioso que Deus prometeu a seu povo (vv. 11-15).

Essas visões giram em torno de três experiências do profeta, nas quais Amós entra em conflito com Deus e com os homens (cap. 7), declara que o julgamento está a caminho (cap. 8) e afirma que Deus está realizando seu plano perfeito (cap. 9).

1. OS CONFLITOS DO PROFETA (AM 7:1-17)

A vida de um profeta não era fácil. Por um lado, deveria ficar perto do Senhor, a fim de ouvir suas palavras e de poder transmiti-las ao povo. Por outro lado, também precisava ficar perto do povo para o qual estava ministrando, e nem sempre essas pessoas queriam aceitar seu ministério. Não é de se admirar que alguns profetas quisessem desistir, inclusive Moisés e Jeremias. Amós passou por dois conflitos: um com Deus e outro com as autoridades, especialmente o rei e seu sacerdote. Ao ler o Livro de Atos, vê-se que os apóstolos também entraram em conflito com a instituição religiosa e com o governo.

O conflito com o Senhor (vv. 1-9). Amós era um verdadeiro patriota que amava a Deus e a sua nação e que se entristeceu por ter de dizer a Israel e a Judá que o julgamento estava a caminho. Sem dúvida, houve

ocasiões em que desejou estar de volta em Tecoa, cuidando dos sicômorus e das ovelhas. Porém, o Senhor Soberano (o nome “SENHOR Deus” é usado onze vezes nestes três capítulos) estava no controle da história, e Amós sabia que a vontade de Deus era o ideal. O profeta teve três visões de julgamento e respondeu ao que viu.

Primeiro, Amós teve uma visão de gafanhotos (vv. 1-3) preparados para atacar a segunda colheita no final do verão, depois que o rei já havia tomado para si sua parte (1Rs 4:7). Essa era a última chance que os lavradores tinham de fazer sua colheita, e essa safra seria destruída. O calor do verão estava chegando e não haveria mais como plantar outra safra. Amós poderia identificar-se com esses lavradores, pois ele próprio era um homem da terra.

O mais estranho era que Deus havia preparado esses insetos e lhes dito o que fazer! Parecia que o Senhor havia se voltado contra seu próprio povo e planejava limpar seus campos de qualquer alimento. O coração de Amós afligiu-se por seu povo; o profeta orou para que o Senhor suspendesse o julgamento, e Deus atendeu. Amós fazia parte de um grupo seleto de intercessores que incluía Abraão (Gn 18), Moisés (Ex 32; Nm 14), Samuel (1 Sm 12), Elias (1Rs 18) e Paulo (Rm 9:1-3; 10:1, 2).

O profeta argumentou que a nação era tão pequena que jamais sobreviveria à praga de gafanhotos. Não suplicou por qualquer uma das promessas divinas da aliança, pois sabia que o povo havia rompido a aliança com Deus e que merecia a praga (Dt 28:38-42). No entanto, Deus ouviu a súplica do profeta e teve compaixão (Jl 2:12-14).¹

A segunda visão foi de um fogo devorador (Am 7:4-6) que secou a água e consumiu a terra. Trata-se da imagem de uma grande seca, calamidade que Amós havia mencionado anteriormente (Am 4:7, 8). O julgamento de Deus comoveu o profeta a tal ponto que ele clamou ao Senhor e implorou para que o fizesse cessar e, mais uma vez, Deus teve compaixão.

A terceira visão foi a de um prumo (Am 7:7-9), instrumento usado para verificar se

um muro estava reto e dentro do esquadro. Um homem ficava no alto do muro e soltava uma linha com um peso na ponta. Ao comparar a linha com a parede, os trabalhadores podiam dizer se o muro estava aprumado.

O prumo de Deus é sua lei, e ele mede as pessoas para ver quanto estão alinhadas com sua Palavra e para verificar se seu caráter e conduta são retos. "Farei do juízo a régua e da justiça, o prumo" (Is 28:17). Infelizmente, no tempo de Amós, o Senhor viu que Israel estava "desaprumada" e, portanto, precisava ser destruída. Isso incluía os "altos" e santuários de Israel em que adoravam em desobediência à lei de Deus, pois o único lugar para o qual os judeus deveriam levar seus sacrifícios era o templo em Jerusalém (Lv 17:1-7).

A expressão "jamais passarei por ele" significa "não mais o pouparei" e, certamente, é uma declaração funesta. A nação havia ido longe demais, e não havia esperança. Por esse motivo, Amós não intercedeu pela terra como havia feito duas vezes anteriormente. Assim como Jeremias, não orou por seu povo (Jr 7:16; 11:14; 14:11).

O conflito com as autoridades (vv. 10-17). O principal santuário de Israel ficava em Betel e era o lugar de adoração do rei. Deus havia dito a Amós que o santuário seria destruído e que o rei Jeroboão II seria morto. Essa não era uma mensagem fácil de proclamar, pois Amós estava atacando tanto o governo quanto a religião de Israel. No entanto, o profeta fiel foi a Betel e pregou a Palavra. Esse acontecimento envolveu quatro mensagens diferentes.

A primeira mensagem foi o relato de Amazias ao rei (vv. 10, 11). Uma vez que o rei havia nomeado Amazias, o sacerdote tinha a obrigação de lhe dar um relatório daquilo que o pregador camponês estava dizendo ao povo. O rei não se deu ao trabalho de ir pessoalmente ouvir Amós, mas teria feito bem em atentar e obedecer. Jeroboão estava numa situação confortável, satisfeita consigo mesmo, e não iria deixar um lavrador estrangeiro dizer-lhe o que fazer.

A segunda mensagem foi de Amazias para Amós (vv. 12, 13). É evidente que

Jeroboão II não queria ouvir que seu santuário e seus altares seriam destruídos, que ele iria morrer e que os assírios iriam exilar seu povo. Uma mensagem tão pessimista precisava ser calada. Assim, o rei ordenou que o sacerdote mandasse Amós de volta para casa, que era o lugar dele.

As palavras de Amazias a Amós revelam as atitudes perversas do coração do sacerdote. Ele chamou Amós de "vidente", o que, no caso dele, significava um "sonhador". Afirmando que não havia verdade alguma na mensagem de Amós, que tudo não passava de fruto da imaginação dele. O sacerdote insinuou que Amós era um covarde, que fugiria caso fosse confrontado pelo rei. Deu a entender que Amós estava interessado apenas em ganhar seu pão. Por fim, Amazias mandou Amós embora e ordenou que não voltasse, pois o santuário do rei era para a elite, e ele era um profeta. Foi um discurso cheio de rancor que deve ter ferido profundamente o profeta.

É comum encontrar conflitos entre sacerdotes e profetas no Antigo Testamento. (É claro que Amazias era um falso sacerdote e não um verdadeiro servo de Deus.) Na verdade, a terra precisava tanto de profetas quanto de sacerdotes, pois os sacerdotes preservavam as antigas tradições religiosas, enquanto os profetas aplicavam a Palavra à situação presente e chamavam as pessoas de volta para Deus. Havia falsos profetas que ensinavam mentiras e às vezes trabalhavam em conjunto com os sacerdotes para manter as coisas como estavam bem como havia verdadeiros profetas que precisavam opor-se tanto a sacerdotes quanto a falsos profetas. Israel tinha falsos sacerdotes sem qualquer relação legítima com o sacerdócio levítico (ver Is 1:12-15; Jr 7:1-11; Ez 34:1ss; Os 4:4-9).

Em seguida, ouvimos a mensagem do profeta para o sacerdote (Am 7:14-16). Primeiro, Amós revelou que tipo de homem era ao não se deixar intimidar e nem fugir. Como Neemias, ele podia dizer: "homem como eu fugiria?" (Ne 6:11). Fugir seria o mesmo que concordar com todas as acusações e insinuações do falso sacerdote. Então, Amós disse a Amazias quem era: um profeta

chamado por Deus. Em sua terra natal de Judá, não trabalhava como profeta, mas sim cuidando de bois e de sicômorus. Ele não havia se declarado profeta e nem era um “discípulo de profeta”, ou seja, aluno de uma das escolas proféticas (1Rs 2:35; 2Rs 2:3, 5, 7, 15). Deus o havia chamado, e ele havia obedecido.

Então, Amós proclamou a Palavra do Senhor a Amazias e informou-o do julgamento que Deus enviria sobre ele e sua família. Amazias perderia todas as suas propriedades, seria exilado e morreria longe de sua terra natal. Seus filhos seriam mortos por soldados assírios. Sua esposa ficaria desamparada e se tornaria prostituta. A nação de Israel iria para o exílio e deixaria de existir. Seria muito diferente da vida a que estava habituado como principal líder religioso do rei em Betel!

Amazias possuía um cargo elevado, riqueza, autoridade e boa reputação, porém Amós possuía a Palavra do Senhor. Amazias servia ao rei de Israel e dependia dele para seu sustento, porém Amós servia ao Rei dos reis e não temia o que os homens pudessem lhe fazer. Em várias ocasiões ao longo da história da Igreja, Deus chamou instrumentos humildes como Amós para proclamar sua Palavra, e é melhor estarmos preparados para ouvir e obedecer. O que conta não é a aprovação da “instituição religiosa”, mas sim o chamado e a bênção do Senhor.

2. AS PROCLAMAÇÕES DO PROFETA (AM 8:1-14)

Depois de seu encontro doloroso com Amazias, Amós recebeu mais mensagens do Senhor, pois é característico do Mestre encorajar seus servos depois que passam por momentos difíceis (ver At 18:9-11; 27:21-26; 2 Tm 4:16).

O fim está próximo (vv. 1-3). Deus costumava usar objetos comuns para ensinar verdades importantes, coisas como vasos de barro (Jr 18 – 19), uma semente (Lc 8:11), fermento (Mt 16:6, 11) e, no caso deste texto, um cesto de frutos maduros. Assim como os frutos estavam prontos para ser comidos, a nação de Israel estava pronta para ser

jugada. A palavra hebraica traduzida por “verão” ou “maduras”, nvi, no versículo 1 (qayis), é semelhante àquela traduzida como “fim”, no versículo 2 (qes). Era o fim da colheita para os lavradores e seria o fim de Israel quando chegasse a ceifa do julgamento (ver Jr 1:11, 12 para uma lição parecida). “Passou a sega, findou o verão, e nós não estamos salvos” (Jr 8:20).

Chega um momento em que a longanimitade de Deus se esgota (Is 55:6, 7) e é decretado o julgamento. Os cânticos do templo² se tornariam canções fúnebres com choro e lamentos, e por toda a parte haveria corpos que não receberiam um enterro decente. Seria uma colheita amarga para Israel, quando a nação ceifasse aquilo que havia semeado. As pessoas ficariam tão transtornadas que não seriam capazes de discutir a tragédia. O silêncio reinaria sobre a terra.

Por que o fim está próximo (vv. 4-6).

O motivo era simples: Israel havia transgredido a lei de Deus e deixado de viver de acordo com sua aliança. A primeira tábua da lei referia-se ao relacionamento do povo com Deus, e a segunda, aos relacionamentos uns com os outros, e Israel havia se rebelado contra todas essas leis. Não amavam a Deus e não amavam a seu próximo (Mt 22:36-40).

Oprimiam os pobres e necessitados e roubavam deles o pouco que possuíam (Am 8:4), uma condenação que Amós já havia apresentado contra o povo diversas vezes (Am 2:6, 7; 4:1; 5:11, 12). Quando negociavam, os comerciantes usavam medidas adulteradas para que pudessem roubar seus fregueses. A lei exigia que usassem pesos e medidas precisos (Lv 19:35, 36; Dt 25:13-16), mas eles só se preocupavam em ganhar o máximo de dinheiro que pudessem.

Além da sua má-fé, havia ainda a profanação do sábado e dos dias santos. Não gostavam desses dias, pois a adoração a Deus interrompia seus negócios! Seria de se esperar que os comerciantes gentios não respeitassem os dias santos (Ne 13:15-22), mas certamente não os negociantes judeus. Os pobres não conseguiam pagar pelas coisas mais básicas para sua sobrevivência e

tinham de vender-se como escravos, a fim de poder sustentar a família, e os comerciantes mandavam prendê-los pelas menores transgressões, até mesmo por não pagar um par de sapatos.

Esses comerciantes perversos não apenas adulteravam seus pesos e medidas e aumentavam os preços, como desvalorizavam seus produtos misturando os restos do chão da eira com os grãos. O comprador não levava para casa o grão puro, mas também palha. "Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males" (1 Tm 6:10).

Como virá o fim (vv. 7-14). O profeta usou quatro retratos para descrever o terror do julgamento vindouro. O primeiro foi de um terremoto (v. 8), com a terra se erguendo como subiam as águas no rio Nilo (o Nilo subia cerca de oito metros durante sua cheia anual). Até a terra estremeceria por causa dos pecados do povo. Amós refere-se a um terremoto numa passagem anterior (Am 1:1), mas não estamos certos se esse foi um cumprimento dessa profecia.

Deus também os afligiria com trevas (Am 8:9), talvez uma referência a um eclipse (um fenômeno desse tipo ocorreu em 763 a.C.). O Dia do SENHOR será um dia de trevas (Is 13:9, 10; Jl 2:30, 31).

O terceiro retrato é o de um funeral (Am 8:10), sendo que todas as festas alegres se transformariam em choro e lamento. Em vez de se vestirem com elegância para ir a banquetes e a apresentações musicais, os israelitas se vestiriam de panos de saco e pranteariam. Os pais entravam em luto profundo quando o filho único morria, pois significava o fim do nome e da linhagem da família. No entanto, o julgamento de Deus implicaria o fim de uma nação.

E, por último, o julgamento seria como uma fome (vv. 11-14), não apenas de modo literal, por falta de alimento, mas também de sustento espiritual. "Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus" (Mt 4:4; ver Dt 8:3). Em tempos de crise, as pessoas voltam-se para o Senhor em busca de uma palavra de orientação, mas o Senhor se calaria para Israel. "Já não vemos os nossos símbolos; já

não há profeta; nem, entre nós, quem saiba até quando" (Sl 74:9).

Como é triste quando há muita "religião", mas nenhuma Palavra do Senhor! Isso significa que não há luz alguma nas trevas, alimento para a alma, orientação para tomar decisões e nem proteção das mentiras do inimigo. O povo iria cambalear de um lado para o outro como bêbados, sempre na esperança de encontrar comida e bebida para seu corpo e sustento espiritual para sua alma.

3. AS DECLARAÇÕES DO PROFETA (AM 9:1-15)

No último capítulo do livro, o profeta Amós transmite quatro declarações vindas do coração do Senhor, sendo que três delas tratam de julgamento e a quarta de misericórdia.

"Ferirei!" (v. 1). O Senhor apareceu a Amós numa visão, em pé ao lado de um altar, anunciando que os adoradores seriam mortos, pois o edifício seria destruído e desabaria sobre eles. Provavelmente não se tratava do templo em Jerusalém, pois Amós foi enviado para o reino do Norte, Israel, e os babilônios destruíram o templo de Jerusalém ao incendiá-lo (Jr 52:12, 13). É possível que esse lugar fosse o santuário do rei em Betel, apesar de não sabermos que tipo de construção era tal santuário. A advertência de Deus em Amós 3:13-15 parece paralela a essa visão, descrevendo o que o exército assírio faria quando entrasse na terra.

O altar era um lugar de sacrifício e de expiação, mas Deus se recusava a aceitar seus sacrifícios e a perdoar seus pecados (Am 5:21-23). A religião postiça dos israelitas, conduzida por sacerdotes ilegítimos, era uma abominação para o Senhor, e ele iria destruí-la.

"Buscarei!" (vv. 2-4). Qualquer adorador idólatra que tentasse escapar seria perseguido e morto. Ainda que fosse até ao mais profundo abismo (*sheol*), o reino dos mortos, Deus o buscara, e se conseguisse chegar aos céus, ainda assim não estaria protegido. Não poderia se esconder do Senhor nem na mais alta montanha nem nas profundezas do mar (ver Sl 139:7-12). Mesmo que fosse levado cativo para uma terra estrangeira,

Deus iria encontrá-lo e julgá-lo. Seus olhos o buscariam para julgá-lo e não para abençoá-lo (Sl 33:18; 34:15; Ap 6:12-17).

“Destruirei!” (vv. 5-10). Em seu livro, Amós chama Deus oito vezes de “Deus dos Exércitos” e uma vez de “SENHOR dos Exércitos”, ou seja, Senhor dos exércitos dos céus e da Terra. A. W. Tozer afirmou corretamente que: “A essência da idolatria é alimentar pensamentos sobre Deus que não são dignos dele”.³ O povo de Israel criou seus deuses a sua própria imagem, e tão pouca foi sua consideração por Jeová que os israelitas acharam que ele aprovaria seus caminhos pecaminosos.

Amós lembrou-os da grandeza do Deus a quem pensavam estar adorando. Ele é o Deus da criação que, com um toque, pode derreter a Terra, fazer com que o solo se eleve ou desça como a cheia do rio Nilo. Ele controla os céus, a terra e o mar, e ninguém pode deter sua mão.

Jeová é o Deus da história, que mostrou seu grande poder livrando os hebreus da escravidão do Egito (v. 7). Tomou-os para si a fim de que fossem seu povo. E, no entanto, os israelitas voltaram-se contra ele e seguiram seus próprios caminhos. Assim, Deus teria de tratar os judeus (seu povo especial) como tratava os gentios! O êxodo do Egito seria visto como uma simples migração de um povo, pois Israel abriu mão de suas distinções nacionais quando deixou de adorar ao Deus verdadeiro.

Mas ele é sempre o Deus de misericórdia (vv. 8-10), fiel a sua aliança com Abraão e com seus descendentes, e não destruiria

a nação. Os povos seriam peneirados e os pecadores, castigados, porém nenhum de seus verdadeiros adoradores se perderia. Deus sempre cuida do remanescente de cristãos para que possam fazer a vontade dele aqui na Terra. Os pecadores seguros de si, que não esperavam ser castigados, seriam os que morreriam pela espada (v. 10).

“Restaurarei!” (vv. 11-15). Num contraste com a destruição da falsa casa de adoração de Israel, Deus levantaria o “tabernáculo” de Davi, garantindo, desse modo, um futuro favorável para o povo de Israel e de Judá. Como uma cabana de paredes bambas, a dinastia de Davi estava prestes a desabar. Desde o cativeiro na Babilônia até o presente, Israel não teve mais reis da linhagem de Davi governando sobre sua nação, e, ainda que a nação de Israel tenha sido restaurada, não tem rei, sacerdote, templo nem sacrifício.

Porém, um dia, o Senhor irá restaurar, recuperar e reconstruir a dinastia de Davi e estabelecer o reino prometido. Quando Jesus Cristo voltar, a brecha entre Israel e Judá será reparada, e haverá somente uma nação sob um só rei. Deus abençoará a terra e o povo, e os judeus viverão em paz e segurança.⁴ Será um tempo de paz e de prosperidade para a glória do Senhor.

Amós termina sua profecia com a promessa maravilhosa de que Israel será plantado, protegido e jamais voltará a ser arrancado de sua terra, “diz o SENHOR, teu Deus”. Teu Deus! Que grande estímulo para os judeus saber que, apesar de sua incredulidade, seu Deus lhes será fiel e cumprirá suas promessas da aliança.

1. É comum a Bíblia usar conceitos humanos para descrever ações e emoções divinas, como Deus reposando (Gn 2:2), se entristecendo (Gn 6:6), batendo palmas (Ez 21:17), rindo (Sl 2:4) e escrevendo (Êx 31:18). Quando Deus “tem compaixão” ou “arrepende-se”, isso não significa que errou e que precisou mudar de idéia. Antes, significa que mantém suas intenções, mas muda sua forma de agir. Uma boa ilustração pode ser encontrado em Jeremias 18:1-17.
2. É claro que o templo ficava em Jerusalém, mas Amós está se referindo aos lugares de adoração em Israel, como o santuário do rei. Uma vez que a palavra traduzida por “templo” também pode significar “palácio” (2Rs 20:18), é possível que o profeta esteja falando dos banquetes do rei.
3. TOZER, A. W. *The Knowledge of the Holy*. Nova York: Harper and Brothers, 1961, p. 11.
4. Tiago citou Amós 9:11 durante a assembleia em Jerusalém, quando os líderes discutiram a questão do lugar dos gentios na Igreja (At 15). A pergunta era: “Um gentio deve se tornar judeu antes de poder ser cristão?” Contudo, observe que Tiago não disse que Amós 9:11 cumpriu-se com o ingresso dos gentios na Igreja, mas que os profetas (plural) concordavam com

a participação dos gentios na Igreja (At 15:13-18). Afinal, se os gentios cristãos um dia seriam parte do reino messiânico (a dinastia restaurada de Davi), então por que não poderiam ser parte da Igreja no presente? Por que deveriam ser forçados a tornar-se prosélitos a fim de virem a ser cristãos? No entanto, alguns interpretam Amós 9:11 e as palavras de Tiago como uma afirmação de que a Igreja é o “tabernáculo de Davi”, de modo que as profecias do Antigo Testamento sobre o reino cumpriram-se na Igreja. É difícil entender, porém, em que a Igreja é semelhante ao reino de Davi “nos dias da antigüidade”, assim como também é difícil aplicar à Igreja as referências a Edom (Am 9:12) e à fertilidade da terra (vv. 13-15).

OBADIAS

ESBOÇO

Tema-chave: As nações e indivíduos colhem o que semeiam

Versículo-chave: Obadias 15

I. A MENSAGEM DE DEUS PARA OS VIZINHOS DE EDOM – 1

II. A MENSAGEM DE DEUS PARA EDOM – 2-16

1. Declaração do julgamento divino – 2-9
 - (1) O orgulho de Edom é arrasado – 2-4
 - (2) A riqueza de Edom é saqueada – 5, 6
 - (3) As alianças de Edom são rompidas – 7
 - (4) A sabedoria de Edom é destruída – 8
 - (5) O exército de Edom é derrotado – 9
2. Defesa do julgamento divino – 10-16
 - (1) Violência contra os judeus – 10, 11
 - (2) Alegria com a desgraça dos judeus – 12
 - (3) Assistência ao inimigo – 13, 14
 - (4) Desconsideração para com a ira de Deus – 15, 16

III. A MENSAGEM DE DEUS AO POVO JUDEU – 17-21

1. Deus os livrará – 17, 18
2. Deus derrotará seus inimigos – 19, 20
3. Deus estabelecerá seu reino – 21

OBADIAS EM SUA ÉPOCA

Sabemos pouco sobre o profeta Obadias além do fato de que ele escreveu as profecias que levam seu nome (o livro mais curto do Antigo Testamento) e de que seu nome significa “aquele que adora a Deus”. Há pelo

menos outros doze homens nas Escrituras com esse mesmo nome, sendo quatro deles relacionados ao ministério no templo (1 Cr 9:16; 2 Cr 34:12; Ne 10:5; 12:25).

Os estudiosos não apresentam um consenso quanto à época em que ocorreram os acontecimentos descritos em Obadias 10-14. A idéia tradicional é que Obadias estava se referindo à invasão babilônica de Judá e à destruição do templo em Jerusalém no ano de 586 a.C. De acordo com o salmista, os edomitas encorajaram os babilônios quando o exército de Nabucodonosor destruiu a cidade (Sl 137:7), mas não há evidência alguma de que os edomitas tenham, de fato, entrado em Jerusalém naquela ocasião nem tentado impedir os judeus de fugir.

Alguns estudiosos do Antigo Testamento acreditam que a referência de Obadias é a uma invasão anterior de Jerusalém pelos filisteus e árabes, durante a qual Edom ajudou os invasores e libertou-se do controle de Judá (2 Cr 21:8-10, 16, 17). Isso ocorreu durante o governo do fraco rei Jorão (853-841 a.C.), que se casou com a filha do rei Acabe e conduziu Judá ao pecado. Deus permitiu que a terra fosse invadida e que Jerusalém fosse saqueada como um castigo pela desobediência do rei.

Os temas desenvolvidos por Obadias são: (1) o mal causado pelos longos conflitos familiares; (2) a certeza de que as pessoas mais cedo ou mais tarde sofrem pela forma como trataram os outros; e (3) a certeza de que os inimigos de Israel seriam derrotados e de que o reino seria estabelecido na terra.

UMA HISTÓRIA DE DOIS IRMÃOS

OBADIAS 1-21

De todos os conflitos humanos, os mais dolorosos e difíceis de resolver são aqueles entre parentes. Mas se os conflitos familiares são tristes, os conflitos nacionais são ainda piores. Quase todos os países já passaram por uma guerra civil, em que irmãos mataram irmãos a fim de perpetuar uma longa desavença que ninguém entende completamente nem deseja resolver. A história mostra que as raízes dessas discórdias são amargas, longas e profundas, e que toda a tentativa de arrancá-las e de destruí-las costuma fracassar.

Esaú e Jacó eram irmãos gêmeos que competiam entre si desde antes de nascer (Gn 25:19-26). Infelizmente, seus pais tinham opiniões diferentes sobre os meninos, sendo que Isaque favorecia Esaú e Rebeca protegia Jacó. Deus havia escolhido Jacó, o filho mais jovem, para receber as bênçãos associadas à aliança com Abraão (Rm 9:10-12), mas, em vez de confiar em Deus, Jacó e Rebeca resolveram conseguir a bênção por meio de uma intriga (Gn 27).

Quando Esaú soube que seu irmão astuto havia roubado a bênção, resolveu matá-lo assim que seu pai morresse, o que levou Jacó a sair de casa para encontrar uma esposa entre a parentela de sua mãe (Gn 27:41-46). Anos depois, os dois irmãos tiveram uma breve reconciliação (Gn 32) e, como filhos dedicados, ambos foram ao sepultamento de Isaque (Gn 35:27-29), mas a inimizade nunca desapareceu. Esaú fundou a nação de Edom (Gn 25:30; 35:1, 8; 36:1ss), e seus descendentes levaram adiante o conflito familiar que Esaú havia começado muitos anos antes.¹

A lei de Moisés ordenava que o povo de Israel tratasse os edomitas como irmãos: “Não aborrecerás o edomita, pois é teu irmão” (Dt 23:7). Apesar disso, os edomitas “[guardavam] inimizade perpétua” (Ez 35:5) e usavam todas as oportunidades que tinham de demonstrá-la.

Neste livro curto, o profeta Obadias transmitiu três mensagens do Senhor.

1. A MENSAGEM DE DEUS PARA OS VIZINHOS DE EDOM (OB 1)

Assim como Isaías (Is 1:1), Miquéias (Mq 1:1), Naum (Na 1:1) e Habacuque (Hc 1:1), o profeta Obadias recebeu sua mensagem do Senhor por meio de uma visão. “Certaamente, o SENHOR Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas” (Am 3:7). Obadias escreveu a visão para que pudesse compartilhá-la com outros e, um dia, tornar-se parte das Escrituras.

O Senhor permitiu que Obadias soubesse o que estava acontecendo entre as nações aliadas de Edom e inimigas de Judá. Graças à cobertura internacional da mídia nos dias de hoje e à transmissão de informações em tempo real, não há muito que possa acontecer nas esferas políticas e diplomáticas sem que o mundo fique sabendo. Contudo, no tempo de Obadias, em que não havia jornais nem entrevistas coletivas, as viagens de líderes nacionais e suas discussões políticas eram secretas.

Deus disse a seu servo que um embassador de uma nação aliada de Edom estava visitando outras nações para convencer seus líderes a unir forças e a atacar Edom. Na verdade, o Senhor é que havia ordenado essa mudança política, e aquilo que parecia ser apenas mais uma visita diplomática, na verdade era a execução do juízo de Deus contra Edom. Esse foi o começo do cumprimento da profecia de Obadias 7: “Todos os teus aliados te levaram para fora dos teus limites”.

Diz-se que John Wesley comentou que lia o jornal “para ver como Deus estava governando seu mundo”, o que sem dúvida é bíblico. Deus governa sobre os reinos e

nações (2 Cr 20:6; Dn 5:21), e como A. T. Pierson costumava dizer: "A história humana é a história de Deus". Isso não significa que Deus seja culpado pelas decisões insensatas ou perversas dos governantes, mas sim que ele está assentado no trono, realizando sua vontade perfeita.

De acordo com o conhecido historiador inglês Herbert Butterfield: "Talvez a história seja algo que deixaria de acontecer se Deus prendesse a respiração ou, se pudéssemos assim dizer, se Deus a deixasse de lado para pensar em alguma outra coisa". O Deus que sabe quantas estrelas há e a todas conhece pelo nome (Sl 147:4) e que vê quando o menor dos passarinhos morre (Mt 10:29) está atento para os planos e empreendimentos das nações e cumpre seus propósitos divinos na história humana.

Saber que o Senhor reina sobre todas as coisas deve ser motivo de encorajamento para o povo de Deus, ao olhar para os acontecimentos mundiais e nos entristecer com a deterioração das pessoas e das nações. A soberania de Deus não é uma desculpa para os cristãos serem indiferentes em relação ao mal que existe no mundo, como também não é um estímulo para cochilar despreocupadamente sem tomar qualquer atitude. Os caminhos de Deus são ocultos e misteriosos, e, por vezes, nos perguntamos por que ele permite que certas coisas aconteçam. Ainda assim, devemos orar: "Faça-se a tua vontade" (Mt 6:10) e estar prontos a obedecer quando ele nos disser o que fazer.

2. A MENSAGEM DE DEUS PARA EDOM (Ob 2-16)

Essa mensagem é constituída de duas partes. Em primeiro lugar, o profeta declarou que Deus iria julgar Edom e tomar dele qualquer coisa que fosse motivo de orgulho para a nação e que lhes servisse de segurança (vv. 2-9). Em segundo lugar, Obadias explicou por que Deus estava julgando Edom e citou quatro manifestações dos pecados dos edomitas contra os judeus e contra o Senhor (vv. 10-16).

Declaração do julgamento divino (vv. 2-9)². Que tipo de julgamento Deus prometeu

enviar sobre a nação de Edom? Ele disse que *deitaria por terra seu orgulho* (vv. 2-4). Edom era uma nação altiva, que se considerava invencível e invulnerável, pois ficava "nas fendas das rochas" (v. 3), uma região de montanhas escarpadas, com grandes penhascos e vales estreitos de podiam dissuadir um invasor de atacar. Assim como as águias, os edomitas viviam nas rochas e olhavam do alto com desdém para as nações a seu redor. Os edomitas consideravam-se um grande povo, mas Deus disse que os faria um povo pequeno entre as nações. "A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda" (Pv 16:18).

O profeta também disse que a riqueza de *Edom seria saqueada* (vv 5, 6). Localizada dentro de várias rotas comerciais importantes, Edom poderia acumular riquezas vindas de outras nações e, de suas montanhas, poderia tirar o cobre e outros minerais. Em função de seu isolamento, os edomitas não precisavam se preocupar em fazer tratados com as nações maiores nem em financiar guerras que custavam caro. Contudo, sua riqueza deixaria de existir. Ao contrário dos ladrões comuns, os saqueadores levariam tudo o que pudessem encontrar e, ao contrário dos apanhadores de uvas, não deixariam nada para trás que pudesse ser apanhado por outros. Seria o fim de Edom e da riqueza que ostentava.

Em terceiro lugar, o Senhor agiria de modo que as *alianças com Edom fossem rompidas* (v. 7). Apesar de protegidos pelas grandes altitudes, os edomitas eram espertos o suficiente para saber que precisavam de amigos que os ajudassem a resistir aos grandes impérios que ameaçavam com freqüência as nações menores do Leste. Edom também iria querer aliados para ajudá-lo em suas constantes lutas contra Israel (ver Sl 83:5-8). Porém, Deus transformaria esses amigos em inimigos, e aqueles que haviam comido com eles e feito alianças de paz com eles romperiam esses pactos. Enquanto fingiam ser amigos, seus aliados se transformariam em traidores, preparariam uma armadilha e pegariam os edomitas de surpresa.

Hoje em dia, as nações que se gabam de suas aliança políticas e de seus enormes exércitos deveriam atentar para o que aconteceu com Edom muito tempo atrás, pois aquela nação altiva já não existe mais. Por volta do ano 300 a.C., os árabes nabateus expulsaram os edomitas e ocuparam a cidade estratégica de Petra, a “cidade rosada”, entalhada nas rochas. Os romanos tomaram Petra em 105 d.C., mas o declínio do número de caravanas que passavam por lá acabou levando a nação à extinção.

Deus também advertiu que a sabedoria de Edom seria destruída (v. 8). Os povos do Oriente, inclusive os edomitas, eram conhecidos por sua sabedoria (1 Rs 4:30). Uma vez que estavam localizados nas grandes rotas comerciais, os líderes de Edom tinham acesso a notícias e a idéias de muitas nações. Elifaz, um dos amigos de Jó, era de Temã, que ficava em Edom (Jó 2:11; ver Jr 49:7). Sem sabedoria, os líderes de Edom não poderiam tomar as decisões certas, e o resultado seria uma confusão.

Por fim, Obadias anunciou que o exército de Edom seria derrotado (v. 9). Sem sabedoria, os líderes militares não seriam capazes de comandar suas tropas, e seus homens fortes seriam derrotados. É possível que isso tenha acontecido quando os babilônios tomaram Jerusalém ou quando os árabes invadiram Edom e tomaram suas cidades, empurrando os edomitas para a região Oeste. Os gregos e romanos chamavam os edomitas de idumeus (Mc 3:8), sendo que desse povo veio Herodes, o Grande.

Tendo anunciado o que Deus faria a Edom, Obadias prosseguiu defendendo o julgamento de Deus sobre a nação (vv. 10-16). Os edomitas eram culpados de pelo menos quatro pecados abomináveis, sendo que o primeiro deles era usar de violência contra seus irmãos, o povo de Israel (vv. 10, 11). Quando Esaú, seu fundador, descobriu que havia sido privado da bênção de seu pai, resolveu matar seu irmão, Jacó (Gn 27:41), e essa atitude perniciosa foi passada adiante para seus descendentes. Se alguém tivesse lhes perguntado: “Sois tutores de vosso

irmão?” teriam respondido: “Não! Somos assassinos dele!”

Em vez de socorrer os irmãos em seu momento de dificuldade, os edomitas “passaram de largo” (ver Lc 10:30-32) e assistiram, enquanto os soldados inimigos lançavam sortes sobre os espólios, inclusive os cativos judeus que se tornariam escravos. Os edomitas agiram como inimigos e não como irmãos de sangue dos judeus.

As palavras de Salomão são apropriadas: “Livre os que estão sendo levados para a morte e salva os que cambaleiam indo para serem mortos. Se disseres: Não o soubemos, não o perceberá aquele que pesa os corações? Não o saberá aquele que atenta para a tua alma? E não pagará ele ao homem segundo as suas obras?” (Pv 24:11, 12). Como também o são as palavras do profeta Amós: “Assim diz o SENHOR: Por três transgressões de Edom e por quatro, não sustarei o castigo, porque perseguiu o seu irmão à espada e baniu toda a misericórdia; e a sua ira não cessou de despedaçar, e reteve a sua indignação para sempre” (Am 1:11).

Os edomitas não apenas ignoraram a dificuldade dos judeus, como também alegraram-se com o que o inimigo estava fazendo (v. 12; ver Ez 35:15; 36:5). Para os judeus, aquele foi um dia de destruição e de angústia, mas para os edomitas, foi um dia de prazer e regozijo. Em seu orgulho, Edom olhou com desdém para os judeus e exultou-se com a perversidade por seu infortúnio. Mais uma vez, Salomão nos aconselha: “Quando cair o teu inimigo, não te alegres, e não se regozije o teu coração quando ele tropeçar; para que o SENHOR não veja isso, e lhe desgrade, e desvie dele a sua ira” (Pv 24:17, 18). Deus não poupará os judeus, mas, em seu devido tempo, também julgará Edom.

O terceiro grande pecado de Edom foi ajudar o inimigo a atacar os judeus (vv. 13, 14). Já foi terrível não terem feito coisa alguma por seus irmãos e ficado só observando e se regozijando com a calamidade deles, mas quando ajudaram o inimigo, os edomitas foram longe demais em sua “briga de família”. Os edomitas entraram na cidade e participaram da divisão dos espólios e, desse

modo, roubaram a riqueza de seus irmãos (posteriormente, a riqueza de Edom seria tomada). Os edomitas também ficaram nas encruzilhadas, prontos para pegar qualquer um que tentasse escapar; e entregaram os fugitivos ao inimigo para que fossem presos ou mortos.

A pergunta do profeta Jeú ao rei Josafá aplica-se a essa situação: “Devias tu ajudar ao perverso e amar aqueles que aborrecem o SENHOR?” (2 Cr 19:2). Como povo de Deus, devemos amar nossos inimigos e orar por eles (Mt 5:44-48), mas certamente não devemos ajudar os pecadores em sua oposição e perseguição aos cristãos. Isso seria como tornar-se um traidor no exército do Senhor.

O quarto pecado de Edom foi *não levar a sério a ira iminente de Deus* (vv. 15, 16). “Porque o Dia do SENHOR está prestes a vir sobre todas as nações” (v. 15), e isso incluía Edom, mas os edomitas eram orgulhosos e não se importavam com o que o Senhor poderia fazer com eles. O “Dia do SENHOR” é uma expressão que descreve a ocasião em que Deus derramará sua ira sobre o mundo perverso e, então, estabelecerá seu reino, cumprindo, assim, as promessas que havia feito a Israel.³ Contudo, essa expressão também é usada para descrever as calamidades enviadas por Deus para castigar as pessoas em qualquer ocasião, sendo que esses julgamentos foram uma antecipação do futuro “Dia do SENHOR”, que incluirá o mundo todo.

“Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas” (Mt 7:12). Chamamos essa declaração de “Regra de Ouro”, que mostra a abordagem positiva dos relacionamentos pessoais. No entanto, Obadias 15 apresenta o lado negativo: “como tu fizeste, assim se fará contigo; o teu malfeito tornará sobre a tua cabeça”. Ou, nas palavras de Paulo: “Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifarão” (Gl 6:7).

Edom havia bebido alegremente comemorando a queda de Jerusalém, mas um dia todas as nações beberão do cálice da ira

que Deus lhes dará – um cálice que não há como recusar (ver Is 51:17, 21-23; Jr 25:15-33). Não importa quão desalentador o presente possa parecer ao povo do Senhor, há um Deus justo no céu que retribui aos pecadores conforme seus pecados: aquilo que fizeram aos outros, isso lhes será feito. Visto que o Faraó ordenou o afogamento de todos os bebês hebreus do sexo masculino, Deus afogou o exército egípcio (Êx 1; 14:26-31). Os homens que mentiram sobre Daniel para que fosse lançado aos leões foram, eles próprios, atirados às feras (Dn 6). Os incrédulos da terra que derramaram o sangue dos servos de Deus, um dia beberão água transformada em sangue (Ap 16:5, 6). “O justo é libertado da angústia, e o perverso a recebe em seu lugar” (Pv 11:8). De fato, os julgamentos de Deus são verdadeiros e justos (Ap 16:7).

3. A MENSAGEM DE DEUS PARA O Povo JUDEU (OB 17-21)

Uma vez que havia transmitido a profecia sobre Edom, Obadias voltou-se para seu próprio povo e anunciou três promessas divinas.

Deus os livrará (vv. 17, 18). Deus livrou seu povo do cativeiro na Babilônia e os livrará novamente nos últimos dias, quando estabelecerá seu reino. O monte Sião será consagrado ao Senhor, e toda profanação será removida. “Jacó” é uma referência ao reino do sul, e “José”, ao reino do norte. Eles serão unidos como uma só nação e entrão juntos no reino do Messias, de posse da herança que lhes foi prometida. Pela passagem paralela em Isaías 11:10-16, tem-se a impressão de que Moabe e Edom seriam restituídas como nações no fim dos tempos, mas os judeus as queimarão como restolho (ver Êx 15:7; Is 10:17 e Mt 3:12 para mais paralelos).

Deus derrotará seus inimigos (vv. 19, 20). Israel voltaria a tomar posse da terra que havia sido habitada pelos edomitas (Neguebe), pelos filisteus (Sarepta) e pelos samaritanos (Efraim). Os judeus têm lutado pela posse de sua herança há séculos, mas sempre depararam-se com a oposição de outras potências. Os judeus “possuirão suas

herdades” sem a ajuda de qualquer outra nação, mas somente com o auxílio do Senhor seu Deus. Israel voltou para sua terra na incredulidade, e a nação foi oficialmente fundada em 1948. Contudo, um dia verão seu Messias e crerão nele, e a nação “nascerá num só dia” (ver Is 66:8; Zc 12:10 – 13:1; 14:1-9).

Deus estabelecerá seu reino (v. 21). O Senhor reinará do monte Sião, onde ficará seu templo, “e para ele afluirão todos os povos” (Is 2:2). É interessante observar que o Rei Messias terá “salvadores” que o assistirão em seu governo sobre as nações. Esse fato deve ser estudado com relação às promessas de nosso Senhor a seus apóstolos (Mt 19:27-30) e àqueles que são fiéis a ele no presente (Mt 24:42-51; 25:14-30; Lc 19:11-27). Jesus ensina que ser fiel a ele no dia de hoje significa reinar com ele no futuro.

Todos os filhos de Deus aguardam com ansiedade o dia em que o reino deste mundo se tornará o reino de nosso Senhor, e ele reinará “pelos séculos dos séculos” (Ap 11:15). Então, todo joelho se dobrará e toda língua confessará que ele é Senhor de tudo.

Enquanto isso, o povo de Deus deve fazer todo o possível para propagar o evangelho aos bilhões de pessoas na Terra que jamais tiveram a oportunidade de ouvir o nome de Jesus ou de aprender como crer nele e como receber a salvação. Quando o grande e terrível Dia do SENHOR chegar, as nações do mundo serão julgadas pela forma como trataram umas às outras e como trataram Israel. Até esse dia chegar, a Igreja de Deus deve continuar orando: “Venha o teu reino” e procurar obedecer à sua ordem de levar o evangelho a todo o mundo.

1. Edom e os edomitas aparecem mais de cem vezes no Antigo Testamento. São mencionados nas profecias de Isaías (Is 34), Jeremias (Jr 49; Lm 4:21, 22), Ezequiel (Ez 25:12-14; 35:1-15), Daniel (Dn 11:41), Joel (Jl 3:19), Amós (Am 1:6-11; 2:1; 9:12) e Malaquias (Ml 1:4), bem como em Obadias. Foram conquistados pelo rei Saul (1 Sm 14:47) e também por Davi (2 Sm 8:13-14; 1 Rs 11:14-16), mas Edom foi um espinho na carne de Israel durante séculos. Consulte um mapa das terras bíblicas para ver a localização de Edom.
2. Compare Obadias 1 a 6 com Jeremias 46:7-22. Os profetas citavam uns aos outros com freqüência.
3. O profeta Joel falou muito sobre o Dia do SENHOR. Veja minha obra *Be Amazed* para uma interpretação das profecias de Joel.

JONAS

ESBOÇO

Tema-chave: Obedecer a Deus traz bênçãos para nossa vida e para a de outros, por nosso intermédio. A desobediência, ao contrário, traz disciplina.

Versículo-chave: Jonas 2:9

I. A PACIÊNCIA DE DEUS COM JONAS – 1:1-17

1. A desobediência de Jonas – 1:1-3
2. A indiferença de Jonas – 1:4-10
3. A impenitência de Jonas – 1:11-17

II. A MISERICÓRDIA DE DEUS PARA COM JONAS – 2:1-10

1. Ele ouve a oração de Jonas – 2:1, 2
2. Ele o disciplina – 2:3
3. Ele honra sua fé – 2:4-7
4. Ele aceita sua confissão – 2:8, 9
5. Ele restaura seu ministério – 2:10

III. O PODER DE DEUS POR INTERMÉDIO DE JONAS – 3:1-10

1. O Senhor da graça – 3:1, 2
2. O servo obediente – 3:3, 4
3. O povo arrependido – 3:5-9
4. O julgamento adiado – 3:10

IV. O MINISTÉRIO DE DEUS A JONAS – 4:1-11

1. Deus o ouve – 4:1-4
2. Deus o consola – 4:5-8
3. Deus o ensina – 4:9-11

CONTEÚDO

1. A paciência e o perdão
(Jn 1 – 2)..... 468
2. A pregação e o profeta amuado
(Jn 3 – 4)..... 475

JONAS EM SUA ÉPOCA

Aqueles que consideram o Livro de Jonas uma alegoria ou parábola devem observar que 2 Reis 14:25 identifica Jonas como uma pessoa real, um profeta judeu de Gate-Hefer, Zebulom, que ministrou no reino do Norte, Israel, durante o reinado de Jeroboão II (793-753 a.C.). Também devem observar que Jesus considerou Jonas um personagem histórico e que apontou para ele como um tipo de sua própria morte, sepultamento e ressurreição (Mt 12:42; Lc 11:32).

O reinado de Jeroboão II foi um tempo de grande prosperidade para Israel. A nação retomou territórios que havia perdido e expandiu tanto suas fronteiras quanto sua influência. Mas foi um tempo de declínio moral e espiritual, à medida que a nação afastou-se rapidamente de Deus e entregou-se à idolatria. Oséias e Amós, dois contemporâneos de Jonas, denunciaram corajosamente a perversidade dos governantes, dos sacerdotes e do povo. É interessante observar que Oséias e Amós também demonstraram a preocupação de Deus com outras nações, um dos principais temas de Jonas.

Ao mesmo tempo que teve um ministério em Nínive, uma importante cidade da Assíria, Jonas também ministrou a Israel por meio de seu pequeno livro. Descobriu a

compaixão de Deus por outros fora de Israel, até mesmo por seus inimigos. Deus chamou seu povo para ser uma bênção para os gentios (Gn 12:1-3), mas, assim como Jonas, os judeus se recusaram a obedecer. Também como Jonas, foram disciplinados, pois mais

tarde a Assíria conquistaria Israel, e a Babilônia levaria Judá ao cativeiro. O Livro de Jonas exalta a soberania de Deus bem como sua misericórdia e amor. Jeová é o “Deus da segunda chance”, até mesmo para os profetas rebeldes.

A PACIÊNCIA E O PERDÃO

JONAS 1 – 2

A maioria das pessoas conhece tão bem a história de Jonas que não há mais nada nessa narração que as surpreenda, inclusive o fato de, no original, ela começar com a palavra “e”.¹ Se eu começasse um dos meus livros com “e”, o editor provavelmente ficaria imaginando se alguma coisa estava faltando, inclusive minha capacidade de escrever.

Jonas é um dos catorze livros do Antigo Testamento que, no original, começam com a palavra “e”. Esses livros nos lembram da “história contínua” da graça e misericórdia de Deus. Apesar de a Bíblia ser constituída de sessenta e seis livros, ela nos conta uma história única, e Deus nos comunica essa mensagem, mesmo que nem sempre prestemos muita atenção. Como ele é longâmido para conosco!

Do que trata o Livro de Jonas? Bem, não é simplesmente sobre um grande peixe (menionado apenas quatro vezes) ou sobre uma grande cidade (menionada oito vezes), nem mesmo sobre um profeta desobediente (menionado dezoito vezes). É sobre Deus! Deus é mencionado trinta e seis vezes nestes quatro capítulos curtos, e, se fosse retirado do livro, a história não faria sentido algum. O Livro de Jonas é sobre a vontade de Deus e como reagimos a ela. Também é sobre o amor de Deus e sobre como o compartilhamos com outros.

Nestes dois primeiros capítulos, Jonas passa por três experiências.

1. REBELDIA (JN 1:1-17)

Jonas devia ser um homem bem conhecido em Israel, pois aquilo que havia predito sobre a nação reconquistar território do inimigo

se cumprira (2 Rs 14:25). Foram dias de paz e de prosperidade para Israel, mas aqueles eram dias de outono, pouco antes do terrível inverno do juízo.

Jonas, o profeta, desobedece ao chamado de Deus (vv. 1-3). Jonas meteu-se em dificuldades, pois suas atitudes foram erradas. Em primeiro lugar, teve uma atitude errada com relação à vontade de Deus. Obedecer à vontade de Deus é tão importante para um servo de Deus quanto o é para as pessoas às quais seu servo está ministrando. É ao obedecer à vontade de Deus que encontramos alimento espiritual (Jo 4:34), esclarecimento (Jo 7:17) e capacitação (Hb 13:21). Para Jesus, a vontade de Deus foi o alimento que o saciou; para Jonas, foi remédio com o qual se engasgou.

A atitude incorreta de Jonas com relação à vontade de Deus teve origem num sentimento de que o Senhor estava lhe pedindo para fazer algo impossível. Deus ordenou que o profeta fosse até a Assíria – uma nação inimiga de Israel – e desse à cidade de Nínive a oportunidade de se arrepender, sendo que Jonas preferia muito mais ver a cidade destruída. Os assírios eram um povo cruel, que havia maltratado Israel em várias ocasiões, e o patriotismo mesquinho de Jonas tinha precedência sobre sua teologia.² Jonas esqueceu que a vontade de Deus é a expressão do amor de Deus (Sl 33:11) e que Deus o chamou para ir a Nínive, pois amava tanto Jonas quanto Nínive.

Jonas também teve uma atitude incorreta em relação à Palavra de Deus. Quando a Palavra do Senhor veio a ele, achou que podia “pegar ou largar”. Contudo, quando a Palavra de Deus nos ordena alguma coisa, devemos ouvir e obedecer. A desobediência não é uma opção. “Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?” (Lc 6:46).

Jonas se esqueceu de que é um grande privilégio ser profeta, ouvir a Palavra de Deus e conhecer a vontade de Deus. Por isso, abriu mão de seu ofício de profeta e fugiu para a direção oposta a Nínive.³ Jonas sabia que não podia fugir da presença de Deus (Sl 139:7-12), mas achou que podia pedir

demissão. Esqueceu-se de que “os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” (Rm 11:29). Em algum momento de seu ministério, Moisés, Elias e Jeremias tiveram vontade de desistir, mas Deus não permitiu que o fizessem. Jonas precisava de Nínive tanto quanto Nínive precisava de Jonas. É ao fazer a vontade de Deus que crescemos na graça e que nos tornamos mais semelhantes a Cristo.

Jonas teve uma atitude errada em relação às circunstâncias. Pensou que estavam cooperando com ele, quando, na verdade, estavam contra ele. Fugiu para Jope⁴ e encontrou o navio certo esperando por ele! Tinha dinheiro suficiente para pagar sua passagem para uma longa viagem e conseguiu até descer ao porão do navio e dormir tão profundamente que nem foi acordado pela tempestade. É possível estar fora da vontade de Deus e, ainda assim, ver circunstâncias que parecem estar cooperando conosco. Você pode se rebelar contra Deus e, ao mesmo tempo, ter uma falsa sensação de segurança, o que inclui uma boa noite de sono. Em sua providência, Deus estava preparando Jonas para uma grande queda.

Por fim, Jonas teve uma atitude incorreta em relação aos gentios. Em vez de desejar ajudá-los a encontrar o verdadeiro Deus vivo, queria abandoná-los à sua escuridão e morte espiritual. Não apenas odiava os pecados deles – os assírios eram inimigos impiedosos –, mas também odiava os pecadores que cometiam tais pecados. Era melhor que Nínive fosse destruída do que os assírios sobrevivessem e atacarem Israel.

Jonas, o judeu, torna-se maldição ao invés de bênção (vv. 4-10). Deus chamou os judeus para serem bênção a todas as nações da Terra (Gn 12:1-3), mas sempre que os judeus não estavam dentro da vontade de Deus, geravam dificuldades em vez de bênçãos.⁵ Abraão, por duas vezes, trouxe problemas às pessoas porque mentiu (Gn 12:10-20; 20:1-18). Acã causou problemas ao exército de Israel, pois roubou a Deus (Js 7); Jonas trouxe problemas para um navio cheio de marinheiros pagãos, pois fugiu.

Pense em tudo o que Jonas perdeu por não ser uma bênção para outros.

Em primeiro lugar, deixou de ouvir a voz de Deus (Jn 1:4). Não lemos que “veio a palavra do Senhor a Jonas”, mas sim que uma grande tempestade caiu sobre as águas. Deus não estava mais falando com Jonas por meio de sua Palavra, mas sim através de suas obras: o mar, o vento, a chuva, o trovão e até o grande peixe. Tudo na natureza obedeceu a Deus, exceto seu servo! Deus falou a Jonas por meio dos marinheiros pagãos (vv. 6, 8, 10), que não conheciam Jeová. É triste quando um servo de Deus é repreendido por incrédulos.

Jonas também perdeu sua energia espiritual (v. 5b). Foi dormir durante uma tempestade, completamente despreocupado com a segurança de outros. Os marinheiros estavam jogando utensílios e cargas do navio para fora, e Jonas estava prestes a perder tudo, mas ainda assim dormia. “Um pouco para dormir, um pouco para tosquenejar, um pouco para encruzar os braços em repouso, assim sobrevirá a tua pobreza como um ladrão, e a tua necessidade, como um homem armado” (Pv 24:33).

Perdeu seu poder de oração (Jn 1:5a, 6). Os marinheiros pagãos estavam clamando a seus deuses por ajuda, enquanto Jonas dormia durante a reunião de oração deles, sendo que era o único homem a bordo que conhecia o Deus verdadeiro e podia orar a ele. É claro que, antes de tudo, Jonas teria de confessar seus pecados e de tomar a decisão de obedecer a Deus, algo que não estava disposto a fazer. “Se eu no coração contemplara a vaidade, o Senhor não me teria ouvido” (Sl 66:18).⁶ Se, de fato, Jonas orou, sua oração não foi respondida. Perder o poder da oração é um dos primeiros sinais de que estamos afastados do Senhor e de que precisamos colocar nossa vida em ordem diante dele.

É triste dizer isso, mas Jonas perdeu seu testemunho (Jn 1:7-10). Sem dúvida, não estava fazendo jus a seu nome,⁷ pois “Jonas” significa “pomba”, e a pomba é um símbolo da paz. O nome do pai de Jonas era Amitai, que quer dizer “fiel, verdadeiro”, algo que

Jonas não era. Já vimos que ele não estava vivendo à altura de sua vocação como judeu, uma vez que causou problemas a todos em vez de ser uma bênção. Também não estava vivendo à altura de seu chamado como profeta, pois não tinha mensagem alguma de Deus para eles. Quando a sorte caiu sobre Jonas, indicando que ele era o culpado, não pôde mais esquivar-se de uma decisão.

Jonas já havia dito à tripulação que estava fugindo de Deus, mas lhes disse, então, que era profeta de Deus, o Deus que havia criado os céus, a terra e o mar. Essa declaração assustou ainda mais os marinheiros. O Deus que havia criado o mar estava castigando seu servo, e esse era o motivo de estarem correndo perigo!

Jonas, o rebelde, sofre por seus pecados (vv. 11-17). Charles Spurgeon disse que Deus nunca permite que seus filhos sejam bem-sucedidos em pecar, e Jonas é prova dessa verdade. “Porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe” (Hb 12:6).

Não devemos cometer o erro de chamar Jonas de mártir, pois o título seria impreciso. Mártires morrem pela glória de Deus, mas Jonas se ofereceu para morrer porque, em seu egoísmo, preferia a morte a fazer a vontade de Deus!⁸ Ele não deve ser classificado com gente como Moisés (Êx 32:30-35), Ester (Et 4:13-17) e Paulo (Rm 9:1-3), dispostos a dar a vida a Deus a fim de salvar a outros. Jonas deve ser louvado por dizer a verdade, mas não por tomar a vida em suas próprias mãos. Deveria ter entregado sua vida ao Senhor e deixado que desse as ordens. Se tivesse se ajoelhado e confessado a Deus seus pecados, talvez Jonas pudesse ter visto a tempestade cessar e a porta abrir para uma grande oportunidade de testemunhar àqueles que estavam no navio.

O fato de os marinheiros terem, a princípio, rejeitado a oferta de Jonas e trabalhado com afincô ainda maior para salvar o navio é significativo. Fizeram mais por Jonas do que Jonas estava disposto a fazer por eles. Quando viram que era uma causa perdida, pediram perdão ao Deus de Jonas

por lançarem-no ao mar tempestuoso. Às vezes, pessoas que não são salvas envergonham os cristãos com sua honestidade, compaixão e sacrifício.

Contudo, esses marinheiros pagões tinham um conhecimento básico de teologia: sabiam da existência do Deus de Jonas, de seu julgamento do pecado, da culpa que tinham diante de Deus e da soberania do Senhor sobre a criação. Confessaram esse conhecimento dizendo: “porque tu, SENHOR, fizeste como te aprouve” (Jn 1:14). Contudo, não há qualquer indicação de que abandonaram seus antigos deuses; simplesmente acrescentaram Jeová à sua “coleção de divindades”. Entregaram-se à misericórdia de Deus e, então, lançaram Jonas ao mar agitado, e Deus fez a tempestade parar.

Quando a tempestade cessou, os homens temeram a Deus ainda mais e fizeram votos ao Senhor. Para nós, é um mistério saber como eles conseguiram oferecer sacrifícios a Deus no navio, especialmente tendo em vista que haviam lançado fora sua carga. Contudo, não sabemos qual foi o sacrifício nem como ele foi oferecido. Talvez o versículo 16 signifique que ofereceram o animal a Jeová e fizeram o voto de sacrificá-lo uma vez que estivessem seguros em terra.

O pregador inglês do século dezessete, Jeremy Taylor, disse: “Deus ameaça fazer coisas terríveis se não estivermos contentes”. Ele se referia, obviamente, a estar contentes com a vontade de Deus para nossa vida. Isso porque se rebelar contra a vontade de Deus, como fez Jonas, é pedir para sentir a mão disciplinadora do Senhor. É por isso que o catecismo de Westminster diz: “O fim principal do homem é glorificar a Deus, e gozá-lo para sempre”. Glorificamos a Deus ao gozar sua vontade e lhe obedecer de coração (Ef 6:6), e foi nisso que Jonas falhou.

Assim como o salmista, Jonas podia dizer: “O SENHOR me castigou severamente, mas não me entregou à morte” (Sl 118:18). Deus preparou um grande peixe para engolir Jonas e proteger sua vida durante três dias e três noites.⁹ Estudaremos o significado desse fato mais adiante.

2. ARREPENDIMENTO (JN 2:1-9)

De uma experiência de rebelião e disciplina, Jonas passa a uma experiência de arrependimento e de consagração; Deus, em sua graça, dá-lhe um recomeço. Sem dúvida, Jonas esperava morrer nas águas do mar,¹⁰ porém, quando accordou dentro de um peixe, percebeu que Deus, por sua graça, o havia poupado. Semelhantemente ao que ocorreu com o filho pródigo, com o qual Jonas se parece muito em sua rebelião (Lc 15:11-24), foi a bondade de Deus que o levou ao arrependimento (Rm 2:4). Observe os estágios da experiência espiritual de Jonas descritas em sua oração.

Ele orou pedindo a ajuda de Deus (vv. 1, 2). “Então, Jonas, do ventre do peixe, orou ao SENHOR” (Jn 2:1). Esse versículo sugere que foi no final de três dias e três noites que Jonas voltou-se para o Senhor em busca de ajuda, mas é provável que não devamos levar o termo “Então” longe demais. O texto hebraico diz simplesmente: “E Jonas orou”. Sem dúvida, Jonas orou ao descer às profundezas do mar, certo de que iria se afogar. Esse seria o normal para qualquer pessoa, e é o que os versículos 5 e 7 nos mostram.

Sua oração nasceu da aflição e não da afeição. Ele clamou a Deus porque estava em perigo, não por se agradar do Senhor. Mas foi melhor que tivesse sido obrigado a orar do que se não tivesse orado. É de se duvidar se existe algum cristão que sempre ora com motivações puras e santas, pois nossos desejos e a direção de Deus por vezes são conflitantes.

Apesar do fato de ter orado, Jonas ainda não estava contente com a vontade de Deus. No capítulo 1, sentia medo da vontade de Deus e rebelou-se contra ela, mas então desejou a vontade de Deus simplesmente porque era a única saída para sua situação de perigo. Assim como um número grande demais de pessoas hoje em dia, Jonas considerava a vontade de Deus algo para que se voltar numa emergência, não um parâmetro para a vida diária.

Jonas estava passando por aquilo que os marinheiros haviam enfrentado durante a tempestade: sentiu que estava perecendo

(Jn 1:6, 14). É bom para o povo de Deus, especialmente para os pregadores, lembrar-se de como é estar perdido e sem esperança. É muito fácil nosso coração tornar-se endurado para com os pecadores e perdermos nossa compaixão pelos perdidos. Ao lançar Jonas nas profundezas do mar, Deus o estava lembrando da situação do povo de Nínive em seu estado pecaminoso: encontravam-se desamparados e desesperados.

Deus ouviu Jonas clamando por socorro. A oração é um dos milagres constantes da vida cristã. E pensar que nosso Deus é tão grande que pode ouvir as súplicas de milhões de pessoas ao mesmo tempo e tratar de cada uma delas pessoalmente! Um pai ou mãe com mais de um filho sabe que é impossível atender todas as necessidades deles o tempo todo, mas Deus é capaz de prover para todos os seus filhos, não importa onde estejam ou quais sejam suas necessidades. “Aquele que aprendeu a orar”, disse William Law, “aprendeu o maior segredo de uma vida de santidade e de felicidade”.

Ele aceitou a disciplina de Deus (v. 3). Não foram os marinheiros que lançaram Jonas no mar tempestuoso, foi Deus. “Pois me lançaste no profundo, no coração dos mares [...], todas as tuas ondas e as tuas vagas passaram por cima de mim” (v. 3). Ao dizer essas palavras, Jonas estava reconhecendo a disciplina merecida de Deus em sua vida.

A forma como reagimos à disciplina determina quanto seremos beneficiados por ela. De acordo com Hebreus 12:5-11, temos várias opções: podemos desprezar a disciplina de Deus e lutar contra ela (Hb 12:5); podemos desanimar e desfalecer (v. 5); podemos resistir à disciplina e tornar necessária uma correção ainda maior, até mesmo a morte (v. 9)¹¹ ou podemos nos submeter ao Pai e amadurecer na fé e no amor (v. 7). A disciplina é para o cristão aquilo que o exercício e o treinamento são para o atleta (v. 11); ela nos permite correr a carreira com resistência e alcançar o objetivo determinado (vv. 1, 2).

O fato de Deus ter disciplinado seu servo é prova de que Jonas era verdadeiramente

um filho de Deus, pois Deus só corrige seus filhos. "Mas, se estais sem correção, de que todos se têm tornado participantes, logo, sois bastardos e não filhos" (v. 8). E o Pai nos disciplina em amor para que "depois" possamos gozar o "fruto pacífico [...] fruto de justiça" (v. 11).

Ele confiou nas promessas de Deus (vv. 4-7). Jonas estava se movendo apenas numa direção – para baixo. Na verdade, havia tomado esse rumo desde o momento em que se rebelara contra o plano de Deus para sua vida. Havia "descido a Jope" e "havia descido ao porão e se deitado" (Jn 1:3, 5). Então, desceu "até aos fundamentos dos montes" (Jn 2:6) e, a uma certa altura, o peixe o encontrou, e ele desceu ao ventre do peixe (Jn 1:17). Quando se dá as costas para Deus, a única direção a seguir é para baixo.

O que salvou Jonas? Sua fé na promessa de Deus. Que promessa? A promessa que fala de olhar para o "santo templo" de Deus (Jn 2:4, 7). Quando o rei Salomão consagrhou o templo em Jerusalém, pediu a Deus por seu favor especial (1 Rs 8:38-40):

Toda oração e súplica que qualquer homem ou todo o teu povo de Israel fizer, conhecendo cada um a chaga do seu coração e estendendo as mãos para o rumo desta casa, ouve tu nos céus, lugar da tua habitação, perdoa, age e dá a cada um segundo todos os seus caminhos, já que lhe conheces o coração, porque tu, só tu, és conhecedor do coração de todos os filhos dos homens; para que te temam todos os dias que viverem na terra que deste a nossos pais.

Jonas apropriou-se dessa promessa. Pela fé, voltou os olhos para o templo de Deus (a única forma de olhar para cima!) e pediu ao Senhor que o livrasse. Deus cumpriu sua promessa e respondeu à sua súplica. A oração "eu me lembrei do SENHOR" (Jn 2:7) significa "agi tomando por base seu compromisso comigo". Jonas conhecia as promessas que Deus havia feito na aliança e apropriou-se delas.

Ele cedeu à vontade de Deus (vv. 8, 9).

Em seguida, Jonas admitiu que havia ídolos em sua vida que roubaram dele a bênção de Deus. Um ídolo é qualquer coisa que tira de Deus a afeição e a obediência que pertencem a ele por direito. Um desses ídolos era o profundo patriotismo de Jonas. O profeta estava tão preocupado com a segurança e a prosperidade de sua própria nação que se recusou a ser o mensageiro de Deus para os inimigos, os assírios. Veremos no capítulo 4 que Jonas também estava protegendo a própria reputação (Jn 4:2), pois se Deus pouasse Nínive, Jonas seria considerado um falso profeta, cujas palavras de advertência não haviam se cumprido. Para alguém famoso por suas profecias (2 Rs 14:25), isso seria desolador.

Jonas encerra sua oração fazendo alguns votos solenes ao Senhor, votos que tinha a intenção sincera de cumprir. Como o salmista, Jonas disse: "Entrarei na tua casa com holocaustos; pagar-te-ei os meus votos, que proferiram os meus lábios, e que, no dia da angústia, prometeu a minha boca" (Sl 66:13, 14). O profeta prometeu adorar a Deus no templo com sacrifícios e cânticos de ação de graças. Ele não nos diz quais foram as outras promessas que fez ao Senhor, mas certamente uma delas foi: "Irei a Nínive e proclamarei tua mensagem, se tu me deres outra chance".

Jonas não podia salvar-se, e não havia ninguém na Terra que pudesse salvá-lo, mas o Senhor podia, pois "ao SENHOR pertence a salvação!" (Jn 2:9b). Essa citação dos Salmos 3:8 e 37:39 é a declaração central do livro. Também é o tema central da Bíblia. Jonas foi sábio ao memorizar a Palavra de Deus, pois a capacidade de citar trechos das Escrituras, especialmente do Livro de Salmos, deu-lhe luz na escuridão e esperança numa situação aparentemente desesperadora.

3. REDENÇÃO (JN 2:10)

"E este [o peixe] vomitou a Jonas na terra." Que maneira mais infame de um profeta de renome chegar em terra! No capítulo 1, os marinheiros trataram Jonas como se fosse uma carga perigosa que devia ser jogada

fora, e neste capítulo ele é tratado como uma substância estranha a ser expelida pelo corpo do peixe. Quando Jonas deixou de ser um profeta obediente, ele se deprecou, de modo que a culpa foi dele mesmo. Podemos estar certos de que se encontrava devidamente humilhado quando voltou a pisar em terra firme.

O milagre. Poucos milagres nas Escrituras já sofreram tantos ataques quanto este, e estudiosos cristãos reuniram diversas evidências para provar que isso poderia ter acontecido. Uma vez que a Bíblia não nos diz que tipo de peixe engoliu Jonas, não precisamos medir tubarões ou baleias nem investigar a história em busca de casos semelhantes. O peixe foi preparado por Deus (“Deparou o SENHOR um grande peixe”; Jn 1:17), destinado por Deus para aquela ocasião e, portanto, adequado para sua incumbência. Jesus não questionou a historicidade desse milagre, então por que devemos fazê-lo?

O sinal (Mt 12:39; 16:4; Lc 11:29). O “sinal de Jonas” é visto na experiência de Jesus de “morte”, sepultamento e ressurreição no terceiro dia, e foi o único sinal que ele deu à nação de Israel. Em Pentecostes, Pedro pregou sobre a ressurreição (At 2:22-26) como também fez Paulo quando pregou

aos judeus de outras nações (At 13:26, 27). Na verdade, a ênfase do Livro de Atos é sobre a ressurreição de Jesus Cristo, pois os apóstolos foram testemunhas da ressurreição: “A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas” (At 2:32; 3:15; 5:32; 10:39).

Alguns estudiosos se preocupam com a expressão “três dias e três noites”, especialmente tendo em vista que as Escrituras e a tradição indicam que Jesus foi crucificado numa sexta-feira. A fim de proteger a integridade das Escrituras, alguns sugeriram como dia da crucificação quinta-feira ou até mesmo quarta-feira. Contudo, para os judeus, uma parte de um dia era considerada um dia todo, e não precisamos interpretar “três dias e três noites” como setenta e duas horas, sem tirar nem pôr um segundo. Quanto a isso, também não podemos provar que Jonas ficou no ventre do peixe exatamente setenta e duas horas. O importante é que, séculos depois desse acontecimento, Jonas tornou-se um “sinal” para o povo judeu e voltou os olhos do povo para Jesus Cristo.

Jonas estava livre para obedecer ao Senhor e para levar a mensagem de Deus a Nínive, mas ainda precisava aprender algumas lições.

1. Algumas traduções ignoram a palavra “e” e começam o Livro de Jonas com “Veio...”
2. A cidade natal de Jonas, Gate-Hefer, ficava na fronteira de Zebulom, uma das tribos mais ao norte e, portanto, extremamente vulnerável aos ataques de invasores. Talvez Jonas tivesse visto do que os assírios eram capazes.
3. Társis provavelmente ficava na Espanha, a mais de mil e quinhentos quilômetros de Jope. Jonas deveria viajar para Nínive que ficava a leste. Os judeus não eram um povo do mar, mas Jonas pôs de lado seus preconceitos e medos e tentou escapar da vontade de Deus.
4. Foi em Jope que Pedro recebeu seu chamado divino de levar a mensagem do evangelho aos gentios (At 10). Apesar de ter inicialmente protestado, ao contrário de Jonas, Pedro obedeceu ao chamado de Deus e abriu a porta da fé para os gentios. Que grande privilégio!
5. Uma exceção é a queda dos judeus que trouxe a salvação dos gentios (Rm 11:11ss). Israel estava fora da vontade de Deus quando rejeitou a Cristo e opôs-se ao evangelho, mas isso abriu a porta da salvação para os gentios.
6. A palavra traduzida por “contemplar” significa “olhar com conhecimento e aprovação”. Não é apenas saber que pecamos, mas se apegar a esse pecado, aprová-lo e protegê-lo (ver 1 Jo 1:5-10).
7. Ao que parece, os marinheiros deram um apelido a Jonas: “por causa de quem nos sobreveio este mal” (Jn 1:8). Uma vez que a sorte havia caído sobre Jonas, a tripulação não precisava lhe perguntar quem era o culpado. Sabiam que era ele e, por isso, lhe deram esse apelido envergonhoso.
8. O fato de Jonas desejar morrer depois que Nínive foi salva (Jn 4:8, 9) indica que seu coração ainda estava amargurado e endurecido com referência à vontade de Deus. Um servo que se entrega diz: “Faça-se a tua vontade e não a minha”.
9. Em nossas versões, Jonas 1:17 corresponde a Jonas 2:1 do texto hebraico.

10. Alguns intérpretes acreditam que, na verdade, Jonas morreu e foi ressurreto, baseando essa interpretação em declarações de sua oração como “do ventre do abismo [sheol – o reino dos mortos], gritei, e tu me ouviste a voz” (Jn 2:2) e “fizeste subir da sepultura a minha vida” (Jn 2:6). No entanto, a oração de Jonas é composta de citações de pelo menos quinze salmos diferentes, e apesar de alguns desses salmos descreverem situações muito próximas da morte, nenhum se refere ao milagre da ressurreição. A referência a sheol, no versículo 2, vem do Salmo 30:3 (ver também Sl 16:10 e 18:4-6) e a citação “da sepultura” vem do Salmo 49:15, dois salmos escritos por Davi. Se esses dois salmos descrevem a ressurreição de Jonas, então também devem ser descrições da ressurreição de Davi, mas não temos qualquer evidência de que Davi tenha morrido e sido ressurreto dentre os mortos. Antes, esses salmos descrevem experiência assustadoras em que Deus livrou seu servo das portas da morte. Ao que parece, é isso que Jonas está descrevendo quando cita essas passagens em sua oração. Além do mais, se Jonas tivesse morrido e sido ressurreto, não poderia ser um tipo exato de Cristo (Mt 12:39; 16:4; Lc 11:29), pois um tipo retrata seu antítipo, mas não o reproduz, pois o antítipo é sempre maior. É arriscado construir uma interpretação com base na linguagem poética das Escrituras, quando não temos uma interpretação clara do Novo Testamento sobre a qual nos apoiamos.
11. “E há pecado não para morte” (1 Jo 5:17). “O Senhor julgará o seu povo. Horrible coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10:30, 31). Os cristãos de hoje que brincam com o pecado e fazem pouco da disciplina amorosa de Deus estão procurando problemas. É melhor morrer do que resistir à vontade de Deus e trazer desonra sobre o nome de Cristo.

A PREGAÇÃO E O PROFETA AMUADO

JONAS 3 – 4

Normalmente, em aulas de estudo do Antigo Testamento aparece a pergunta: “O grande peixe ficou mais aliviado de livrar-se de Jonas ou Jonas de sair do grande peixe?”. Talvez a sensação de alívio tenha sido mútua. De qualquer modo, esperamos que Jonas tenha dado graças a Deus pela criatura que ele proveu para salvá-lo da morte certa.

Nestes dois capítulos, somos confrontados com três coisas extraordinárias, às quais devemos sempre dar o devido valor:

1. UMA COMISSÃO IMERECIDA (JN 3:1, 2)
 Será que alguém viu Jonas ser vomitado pelo grande peixe na praia? Se isso aconteceu, a história deve ter se espalhado rapidamente e, talvez, até chegado antes dele em Nínive, o que pode ajudar a explicar a forma como foi recebido pela cidade. Será que Jonas havia sido branqueado pelos sucos gástricos do peixe? Sua aparência era tão estranha que ninguém podia duvidar de quem ele era e do que havia acontecido com ele? Uma vez que Jonas foi um “sinal” para o povo de Nínive (Mt 12:38-41), talvez isso incluísse sua aparência.

Na verdade, o que o povo viu ou pensou não é importante. O que importa é o que Deus pensou e o que faria em seguida com seu profeta arrependido. De acordo com Charles Spurgeon: “A vida de Jonas não poderia ser escrita sem Deus. Se você tirar Deus da história do profeta, não resta nada para escrever”.¹

Deus encontrou-se com Jonas. Não sabemos onde o grande peixe depositou Jonas, mas sabemos que onde quer que

Jonas estivesse, o Senhor estava lá. Lembre-se de que Deus se preocupa mais com seus obreiros do que com suas obras, pois se forem obreiros corretos, as obras serão corretas. Em momento algum Deus desertou de Jonas durante o período de rebeldia do profeta. Foi Deus quem controlou a tempestade, preparou o grande peixe e resgatou Jonas das profundezas. A promessa do Senhor é: “De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei.” (Hb 13:5; ver Js 1:5). “Quando passares pelas águas, eu serei contigo” (Is 43:2).

Deus falou com Jonas. Depois da forma como Jonas havia se recusado obstinadamente a obedecer à voz de Deus, é um milagre que o Senhor tenha falado com ele. Jonas havia dado as costas para Deus, de modo que o Senhor tinha sido forçado a falar com ele pelo trovão e pela chuva do mar tempestuoso. Contudo, uma vez que Jonas havia confessado seus pecados e voltado para o Senhor, Deus podia voltar a falar com ele por meio de sua Palavra. Uma das formas de testar nosso relacionamento com Deus é perguntar: “O Senhor fala comigo quando leio e medito sobre sua Palavra?” Se não ouvimos a voz de Deus falando a nosso coração, talvez tenhamos assuntos pendentes que precisamos resolver com ele.

Deus comissionou Jonas. Nas palavras de George H. Morrison: “A vida cristã vitoriosa é uma série de recomeços”. Quando caímos, o inimigo quer que acreditemos que nosso ministério chegou ao fim e que não há mais esperança de recuperação, mas nosso Deus é o Deus das segundas chances. “Veio a palavra do SENHOR, segunda vez, a Jonas” (Jn 3:1). “Ó inimiga minha, não te alegres a meu respeito; ainda que eu tenha caído, levantar-me-ei; se morar nas trevas, o SENHOR será a minha luz” (Mq 7:8).

Não é preciso ler muito da Bíblia para descobrir que Deus perdoa seus servos e os restaura ao ministério. Abraão fugiu para o Egito, onde mentiu sobre a esposa, mas Deus lhe deu outra chance (Gn 12:10 – 13:4). Moisés matou um homem (provavelmente em defesa pessoal) e fugiu do Egito, mas Deus o chamou para ser o líder de seu povo.

Pedro negou o Senhor três vezes, mas Jesus o perdoou e disse: "Segue-me" (Jo 21:19).

Por mais animadores que sejam esses exemplos, não devem jamais ser usados como desculpa para pecar. A pessoa que diz: "Vou pecar, pois sei que Deus me perdoará" não faz idéia da atrocidade do pecado nem da santidade de Deus. "Contigo, porém, está o perdão, para que te temam" (Sl 130:4). Em sua graça, Deus perdoa os pecados, mas em sua justiça, ele determina que colheremos aquilo que semeamos e que a colheita pode custar muito caro. Jonas pagou um alto preço por sua rebeldia contra o Senhor.

Deus desafiou Jonas. Nínive é chamada de "grande cidade" quatro vezes no Livro de Jonas (1:2; 3:2, 3; 4:11)² e, de acordo com os arqueólogos, o adjetivo é apropriado. Era uma cidade grande em história, tendo sido fundada por Ninrode (Gn 10:8-10),³ bisneto de Noé. Também era grande em tamanho. O perímetro da cidade e de seus subúrbios era de cerca de noventa e cinco quilômetros e, pela declaração do Senhor em Jonas 4:11, podemos concluir que tinha cerca de seiscentos mil habitantes. Um dos muros da cidade tinha uma circunferência de mais de dez quilômetros, com mil e quinhentas torres.

Nínive era grande em esplendor e em influência, sendo uma das principais cidades do poderoso império assírio. Havia sido construída à beira do rio Tigre, e o rio Ciser passava por ela (fato que se mostrará importante ao estudarmos o Livro de Naum). Seus comerciantes viajavam pelo império trazendo muitas riquezas para a cidade, e o exército da Assíria era temido em toda a parte.

Nínive também era grande em pecado, pois os assírios eram conhecidos por todos os vizinhos por sua violência e por sua残酷 com os inimigos. Empalavam vivas suas vítimas em estacas pontiagudas, deixando-as assar até a morte no calor do deserto. Decapitavam pessoas aos milhares e empilhavam seus crânios perto das portas da cidade e até esfolavam pessoas vivas. Não respeitavam sexo nem idade e seguiam

a política de matar bebês e crianças pequenas para não terem de cuidar delas (Na 3:10).

Foi ao povo perverso dessa grande cidade que Deus mandou seu servo, Jonas, garantindo que lhe daria uma mensagem para proclamar. Depois de fazer os preparativos necessários, Jonas levaria pelo menos um mês para viajar de sua própria terra até a cidade de Nínive e, durante essa viagem, o profeta teve bastante tempo de meditar no que o Senhor lhe havia ensinado.

A vontade de Deus jamais nos conduz a um lugar em que a graça de Deus não possa nos guardar e em que seu poder não possa nos usar. "Quem, porém, é suficiente para estas coisas? [...] em Cristo é que falamos na presença de Deus" (2 Co 2:16 e 3:5).

2. UM DESPERTAR INCOMPARÁVEL (JN 3:3-10)

Do ponto de vista humano, essa idéia toda parece ridícula. Como seria possível um homem, dizendo ser profeta de Deus, confrontar milhares de pessoas com essa estranha mensagem, especialmente com palavras de julgamento? Como seria possível um judeu que adorava ao Deus verdadeiro levar esses gentios idólatras a crer naquilo que tinha a dizer? Tanto quanto ele sabia, Jonas podia acabar sendo empalado ou esfolado vivo! Contudo, em obediência ao Senhor, o profeta foi a Nínive.

A mensagem de Jonas para Nínive (vv. 3, 4). A oração "de três dias para percorrê-la" significa que levava três dias para passar pela cidade e por seus subúrbios ou três dias para circundá-los. De acordo com Gênesis 10:11, 12, a "grande Nínive" incluía quatro cidades: Nínive, Reobote-Ir, Calá e Resém. Qualquer que seja a interpretação desses "três dias", uma coisa fica clara: Nínive não era um lugar insignificante.

Tendo percorrido a cidade por um dia, Jonas começou a declarar sua mensagem: "Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida". Ao longo de todas as Escrituras, o número quarenta parece ser identificado com provas ou julgamentos. No tempo de Noé, choveu quarenta dias e quarenta noites (Gn 7:4, 12, 17). Os espías judeus exploraram

Canaã durante quarenta dias (Nm 14:34) e a nação de Israel foi provada no deserto quarenta anos (Dt 2:7). O gigante Golias insultou o exército de Israel durante quarenta dias (1 Sm 17:16) e o Senhor deu ao povo de Nínive quarenta dias para se arrepender e deixar sua perversidade.

Nesse ponto, devemos confessar que gostaríamos de saber mais sobre o ministério de Jonas ao povo de Nínive. Essa foi a única mensagem que ele proclamou? Sem dúvida gastou tempo falando ao povo sobre o verdadeiro Deus vivo, pois a Bíblia nos diz que “os ninivitas creram em Deus” (Jn 3:5). Era preciso que soubessem alguma coisa sobre o Deus de Israel a fim de crer nele (ver At 17:22ss). Jonas mostrou-lhes a insensatez de sua idolatria? O profeta relatou sua história pessoal para expor como Deus era poderoso e soberano? Não temos como saber. O importante é que Jonas obedeceu a Deus, foi a Nínive e proclamou a mensagem que Deus havia lhe dado. O resto foi obra do Senhor.

A mensagem de Nínive para Deus (vv. 5-9). No texto hebraico, há apenas cinco palavras na mensagem de Jonas e, no entanto, Deus usou essas cinco palavras para instigar toda a população, desde o rei em seu trono até o mais humilde lavrador no campo. Deus deu ao povo quarenta dias de graça, mas não precisaram de todo esse tempo. Temos a impressão de que, desde a primeira vez que viram Jonas e ouviram sua advertência, prestaram atenção à sua proclamação. A mensagem espalhou-se rapidamente por toda a região, e o povo humilhou-se, jejuando e vestindo panos de saco.

Quando a mensagem chegou ao rei, ele também se vestiu de pano de saco e assentou-se sobre cinzas. Além disso, oficializou o jejum por meio de um edital e ordenou que o povo se humilhasse, clamando a Deus e deixando seus caminhos perversos. Até os animais foram incluídos nas atividades, sendo cobertos de panos de saco e não sendo levados para pastar nem para beber água. O povo devia clamar “fortemente” a Deus, pois se tratava de uma questão de vida ou morte.

Quando Jonas estava passando por teríveis dificuldades, lembrou-se da promessa referente ao templo do rei Salomão (Jn 2:4, 7; 1 Rs 8:38, 39; 2 Cr 6:36-39), olhando para o templo e clamando por socorro. A oração do templo de Salomão incluía uma promessa para o povo fora de Israel, o que compreendia também os ninivitas. “Também ao estrangeiro que não for do teu povo de Israel [...], e orar, voltado para esta casa, ouve tu dos céus, do lugar da tua habitação, e faze tudo o que o estrangeiro te pedir, a fim de que todos os povos da terra conheçam o teu nome” (2 Cr 6:32, 33). Sem dúvida, Jonas conhecia essa promessa, e talvez tenha sido a base de todo aquele despertar.

Como os marinheiros durante a tempestade, os ninivitas não queriam perecer (Jn 3:9; 1:6, 14). Esse é o motivo do testemunho: “para que todo o que nele crê não perreça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16). Sua oração e jejum e o fato de se humilharem diante de Deus foi uma mensagem que o povo de Nínive enviou ao céu, ainda que aquelas pessoas não tivessem certeza de que seriam salvas. Esperavam que a grande compaixão de Deus o levasse a mudar seu plano e a poupar a cidade. Como sabiam que o Deus dos hebreus era um Deus misericordioso e compassivo? Certamente Jonas lhes havia dito, pois essa era uma doutrina na qual ele próprio cria (Jn 4:2).

A mensagem de Deus (v. 10). Em algum momento, Deus falou com Jonas e disse-lhe que havia aceito o arrependimento do povo e que não destruiria a cidade. A oração “Deus se arrependeu” pode ser melhor traduzida por “Deus se compadeceu”, ou seja, mudou seu curso de ação. Do ponto de vista humano, pareceu arrependimento, mas do ponto de vida divino, foi simplesmente a resposta de Deus à mudança do coração humano. Deus é absolutamente coerente consigo mesmo e só dá a impressão de mudar de idéia. A Bíblia usa analogias humanas para revelar o caráter divino de Deus (Jr 18:1-10).

Quão profunda foi a experiência espiritual do povo de Nínive? Se o arrependimento e a fé são condições fundamentais para a

salvação (At 20:21), então temos motivo para crer que aceitaram a Deus, pois o povo de Nínive arrependeu-se e teve fé em Deus (Jn 3:5). O fato de Jesus usar os ninivitas para envergonhar os judeus incrédulos de seu tempo é mais uma prova de que a resposta do povo ao ministério de Jonas foi sincera (Mt 12:38-41).

3. UM SERVO INFELIZ (JN 4:1-11)

Se este livro terminasse no último versículo do capítulo 3, a história teria retratado Jonas como o maior dos profetas. Afinal, pregar uma mensagem que motivou milhares de pessoas a se arrepender e a voltar para Deus é uma grande realização. Porém, o Senhor não olha para as coisas exteriores, mas sim para o coração (1 Sm 16:7) e considera as motivações (1 Co 4:5). Por isso, o capítulo 4 foi incluído no Livro de Jonas: ele revela “os pensamentos e intenções” do coração de Jonas e traz à luz seus pecados.

No capítulo 1, Jonas é como o filho pródigo, insistindo em fazer as coisas a seu modo (Lc 15:11-32); enquanto no capítulo 4, é como o irmão mais velho do filho pródigo – crítico, egoísta, taciturno, irado e infeliz com o que estava acontecendo. Não basta os servos de Deus simplesmente fazerm a vontade do Mestre; devem “[fazer], de coração, a vontade de Deus” (Ef 6:6). O coração de todo o problema é o problema no coração, e era lá que se encontravam os problemas de Jonas. “Com isso, desgostou-se Jonas extremamente e ficou irado” (Jn 4:1).

O mais impressionante é que Deus tratou com seu servo emburrado e procurou restaurar-lhe a alegria e a comunhão.

Deus ouviu Jonas (vv. 1-4). Foi a segunda vez que Jonas ourou neste relato, mas sua segunda oração foi muito diferente da primeira, tanto em conteúdo quanto em intenção. Ele fez a melhor das orações no pior dos lugares – o ventre do peixe – e fez a pior das orações no melhor dos lugares – em Nínive, onde Deus estava operando. Sua primeira oração foi fruto de um coração quebrantado, mas sua segunda oração veio de um coração cheio de raiva. Em sua primeira

oração, pediu a Deus que o salvasse, mas em sua segunda oração, pediu que Deus lhe tirasse a vida! Mais uma vez, Jonas preferia morrer a não ter o que queria.

Essa oração petulante revela o motivo secreto de Jonas ter tentado fugir logo no início. Bom teólogo que era, Jonas conhecia os atributos de Deus e sabia que Jeová era “Deus clemente, e misericordioso, e tardio em irar-se, e grande em benignidade, e que [se arrepende] do mal” (Jn 4:2). Assim, Jonas estava certo de que, se anunciasse o julgamento aos ninivitas e eles se arrepencessem, Deus os perdoaria e não mandaria seu julgamento, logo Jonas seria considerado um falso profeta! Lembre-se de que a mensagem de Jonas simplesmente anunciaava o julgamento iminente sem oferecer condições para a salvação.

Jonas estava preocupado com sua reputação, não apenas diante do povo de Nínive, mas também dos judeus em sua terra natal. Seus amigos judeus iriam querer a destruição de todos os assírios e não só do povo de Nínive. Quando ficasse sabendo que Jonas havia sido um instrumento para salvar Nínive da ira de Deus, iriam considerá-lo um traidor da política externa oficial dos judeus. Jonas cultivava um patriotismo tacanho que considerava a Assíria apenas um inimigo perigoso a ser destruído e não um grupo de pecadores arrependidos a ser conduzido ao Senhor.

Quando a reputação é mais importante do que o caráter e quando agradar a nós mesmos e a nossos amigos é mais importante do que agradar a Deus, então corremos o risco de nos tornar como Jonas e de dedicar nossa vida a defender preconceitos e não a cumprir nossas responsabilidades espirituais.⁴ Sem dúvida, Jonas possuía uma teologia correta, mas ela estava só em sua mente e não em seu coração, e o profeta viu-se tão perturbado que desejou morrer!¹⁵ A resposta terna de Deus foi pedir a Jonas que sondasse seu coração e que visse o verdadeiro motivo de estar tão zangado.

Deus consolou Jonas (vv. 5-8). Pela segunda vez no livro, Jonas abandonou o lugar de seu ministério, deixou a cidade e

sentou-se num lugar a leste de Nínive para poder ver o que aconteceria. Como o irmão mais velho da parábola, ele não se juntou aos outros para desfrutar o banquete (Lc 15:28). Poderia ter ensinado tanta coisa ao povo de Nínive sobre o Deus verdadeiro de Israel, mas preferiu fazer as coisas a seu modo. Como é triste quando os servos de Deus são uma fonte de bênção para outros, mas eles próprios deixam de ser abençoados!

Deus sabia que Jonas estava extremamente desconfortável em seu abrigo, de modo que, num gesto de bondade, fez crescer uma planta cujas grandes folhas protegeriam Jonas do sol. Jonas se alegrou com a planta, mas na manhã seguinte, quando Deus preparou um verme para comê-la, Jonas ficou infeliz. A combinação do sol escaldante com o vento seco do deserto aumentou ainda mais seu desejo de morrer. Como havia feito nas profundezas do mar, Deus estava lembrando Jonas como era estar perdido: desamparado, desesperado e infeliz. Jonas estava experimentando um pouco do inferno, enquanto se encontrava assentado ali observando a cidade.

Um teste simples de caráter é perguntar: "O que me faz feliz? O que me deixa com raiva? O que me faz desistir?" Jonas era um "homem de ânimo dobre, inconsistente em todos os seus caminhos" (Tg 1:8). Num instante estava pregando a Palavra de Deus, mas no momento seguinte estava desobedecendo e abandonando seu posto de serviço. Enquanto se encontrava dentro do grande peixe, orou para ser liberto, mas depois pediu ao Senhor que o matasse. Chamou a cidade ao arrependimento, mas ele próprio não se arrependeu! Estava mais preocupado em ter conforto físico do que em ganhar os perdidos para o Senhor. Os ninivitas, a planta, o verme e o vento obedeceram a Deus, mas Jonas ainda se recusava a obedecer, e era o que mais tinha a ganhar.

Deus instruiu Jonas (vv. 9-11). Deus ainda estava falando com Jonas, e este ainda estava ouvindo e respondendo, mesmo que não desse as respostas certas. A ira injustificada alimenta o ego e produz o veneno

do egoísmo no coração. Jonas não havia aceitado a vontade de Deus. No capítulo 1, entendeu intelectualmente qual era a vontade de Deus, mas se recusou a lhe obedecer e rumou para a direção oposta. No capítulo 2, clamou por socorro, Deus o salvou e ele se entregou novamente ao Senhor. No capítulo 3, submeteu sua vontade ao Senhor e foi a Nínive pregar, mas seu coração ainda não havia se sujeitado ao Senhor. Jonas fez a vontade de Deus, mas não de coração.

Ainda havia uma lição para Jonas aprender, talvez a mais importante de todas. No capítulo 1, aprendeu a lição da providência e da paciência de Deus e que não se pode fugir do Senhor. No capítulo 2, aprendeu a lição do perdão de Deus, o qual perdoa todos os que se achegam a ele. No capítulo 3, aprendeu a lição do poder de Deus ao ver uma cidade inteira humilhar-se perante o Senhor. Faltava-lhe aprender a lição da piedade de Deus, que Deus tem compaixão dos pecadores perdidos, como os ninivitas, e que seus servos também devem ter compaixão.⁶ Parece incrível, mas Jonas conduziu uma cidade inteira à fé no Senhor e, no entanto, não amava o povo para o qual estava pregando!

Os que não eram capazes de "discernir entre a mão direita e a mão esquerda" (Jn 4:11) eram crianças pequenas (Dt 1:39), e se havia cento e vinte mil crianças em Nínive e seus subúrbios, isso indicava uma população considerável. Deus certamente tem uma preocupação especial com as crianças (Mc 10:13-16), mas tanto as crianças quanto os adultos assírios precisavam conhecer ao Senhor. Jonas teve compaixão da planta que morreu, mas não teve compaixão do povo que morreria e que permaneceria eternamente separado de Deus.

Jeremias e Jesus olharam para cidade de Jerusalém e choraram por ela (Jr 9:1; 10; 23:9; Lc 19:41), e Paulo contemplou a cidade de Atenas e "o seu espírito se [revoltou]" (At 17:16), mas Jonas olhou para Nínive e encheu-se de ira. Era preciso que aprendesse a ter piedade como Deus e um coração que se compadecesse das almas perdidas.

4. UMA PERGUNTA NÃO RESPONDIDA (JN 4:11)

Jonas e Naum são os únicos livros da Bíblia que terminam com uma pergunta e ambos estão relacionados à cidade de Nínive. Naum termina com uma pergunta acerca do castigo de Deus sobre Nínive (Na 3:19), enquanto Jonas encerra com uma pergunta acerca da piedade de Deus para com Nínive.

Trata-se de uma forma estranha de terminar um livro tão dramático quanto o de Jonas. Deus dá a primeira palavra (Jn 1:1, 2) e a última palavra (Jn 4:11), e é assim que deve ser, mas o relato não nos diz como Jonas respondeu à última pergunta de Deus. É como o final do famoso conto de Frank Stockton, *The Lady or the Tiger?* [A dama ou o tigre?]. Quando o belo rapaz abriu a porta, o que saiu: a formosa princesa ou o tigre devorador?

Esperamos sinceramente que Jonas tenha aquietado ao pedido amoroso de Deus e seguido o exemplo dos ninivitas ao arrepende e buscar a face de Deus. O famoso pregador escocês, Alexander Whyte, acreditava que o coração de Jonas foi, de fato, transformado. Escreveu: "Mas Jonas voltou a si naquele período de cerca de vinte e cinco dias que separavam a porta oriental de Nínive da casa de seu pai em Gate-Hefer".⁷ Nas palavras de Spurgeon: "Esperemos que, pelo resto de sua vida, ele tenha vivido de modo a regozijar-se com a misericórdia benévola de Deus".⁸ Afinal, a misericórdia de Deus não havia poupad o próprio Jonas?

Deus estava disposto a poupar Nínive, mas a fim de fazê-lo, não pôde poupar seu próprio Filho. Alguém precisava morrer por seus pecados ou eles mesmos morreriam em seus pecados. "Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?" (Rm 8:32). Jesus usou o ministério de Jonas em Nínive para mostrar aos judeus como eram culpados de rejeitar seu testemunho. "Ninivitas se levantarão, no Juízo, com esta geração e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui está quem é maior do que Jonas" (Mt 12:41).

De que maneira Jesus é maior do que Jonas? Sem dúvida, Jesus é maior do que Jonas em sua pessoa, pois apesar de ambos serem judeus e profetas, Jesus é o Filho de Deus. Ele é maior em sua mensagem, pois Jonas pregou uma mensagem de julgamento, enquanto Jesus pregou uma mensagem de graça e de salvação (Jo 3:16, 17). Jonas quase morreu por causa de seus próprios pecados, mas Jesus morreu voluntariamente pelos pecados do mundo (1 Jo 2:2).

O ministério de Jonas concentrou-se em uma só cidade, mas Jesus é "o Salvador do mundo" (Jo 4:42; 1 Jo 4:14). Jonas não obedeceu de coração, mas Jesus sempre fez tudo aquilo que agradava ao Pai (Jo 8:29). Jonas não amou o povo que foi enviado para salvar, mas Jesus teve compaixão dos pecadores e provou seu amor ao morrer por eles na cruz (Rm 5:6-8). Na cruz, fora da cidade, Jesus pediu que Deus perdoasse seus alvos (Lc 23:34), mas Jonas esperou fora da cidade para ver se Deus mataria aqueles que o profeta não havia perdoado.

Jesus é maior do que Jonas e, por isso, devemos dar ainda mais atenção ao que ele nos diz. Os que o rejeitam enfrentarão maior julgamento, pois quanto maior o conhecimento, maior a responsabilidade.

Contudo, o mais importante não é como Jonas respondeu à pergunta de Deus, mas sim como você e eu estamos respondendo a essa pergunta nos dias de hoje. Concordamos com Deus que as pessoas sem Cristo estão perdidas? Como Deus, temos compaixão pelos perdidos? De que maneira demonstramos isso? Nós nos preocupamos com os que vivem em nossas grandes cidades, onde há tanto pecado e tão pouco testemunho? Oramos para que o evangelho alcance as pessoas de todas as partes do mundo e estamos contribuindo para isso? Nós nos regozijamos quando os pecadores se arrependem e crêem no Salvador?

Todas essas questões e outras mais estão envolvidas naquilo que Deus perguntou a Jonas.

Não podemos responder por ele, mas podemos responder por nós mesmos.

Vamos dar a Deus a resposta certa.

1. SPURGEON, Charles H. *Metropolitan Tabernacle Pulpit*, v. 42, p. 73.
2. “Grande” é uma das palavras-chave do Livro de Jonas. Além de uma “grande cidade”, no original o livro fala de um grande vento (“vento forte”; Jonas 1:4); uma “grande tempestade (v. 12); “grande temor” (v. 10; “temeram em extremo”, v. 16); grande peixe (v. 17); os “grandes” do rei, provavelmente homens da nobreza (3:5, 7) e do grande desgosto e grande alegria de Jonas (4:1-6).
3. Alguns acreditam que Nínive foi fundada em 4500 a.C.
4. A Igreja primitiva enfrentou esse problema quando Pedro levou o evangelho aos gentios (At 10 – 11; 15). De acordo com a teologia judaica, os gentios deveriam tornar-se judeus (prosélitos) antes de vir a ser cristãos, mas Cornélio, sua família e amigos foram salvos simplesmente ao crer em Jesus Cristo. Quando Pedro disse: “todo aquele que nele-crê recebe remissão de pecados” (At 10:43), o povo que estava presente creu na promessa, confiou em Cristo e o Espírito Santo desceu sobre eles. Pedro nem chegou a terminar seu sermão (At 10:43-48). Mais tarde, os judeus legalistas na igreja de Jerusalém argumentaram que os gentios não podiam ser salvos sem obedecer à lei de Moisés, e Paulo teve de contestá-los a fim de proteger a verdade do evangelho (At 15; Gl 1). Jonas teria tomado o partido dos legalistas.
5. Tanto Moisés (Nm 1) quanto Elias (1 Rs 19) ficaram tão desanimados que fizeram o mesmo pedido. Perdemos a perspectiva quando nos concentramos em nós mesmos e deixamos de olhar para o Senhor pela fé (Hb 12:1, 2).
6. A oração em Jonas 4:11 “e também muitos animais” nos lembra da preocupação de Deus com os animais. Deus preserva tanto homens quanto animais (Sl 36:6), e os animais dependem de Deus para sua provisão (Sl 104:10-30). Deus fez uma aliança com a criação (Gn 9:1-17), e já na lei de Moisés o Senhor demonstra preocupação com sua criação (Dt 22:6, 7; Lv 22:26-28). Uma compreensão de Deus é a base para a verdadeira ecologia.
7. WHITE, Alexander. *Bible Characters from the Old and New Testament*. Grand Rapids: Kregel Publications, 1990, p. 387.
8. SPURGEON, Charles H., op. cit., p. 84.

MIQUÉIAS

ESBOÇO

Tema-chave: Deus julga o pecado e requer justiça

Versículo-chave: Miquéias 6:8 – Miquéias transmitiu três mensagens (observe o termo “Ouvi” em 1:2; 3:1 e 6:1)

I. UMA MENSAGEM DE ADVERTÊNCIA: O JULGAMENTO ESTÁ VINDO – 1:1 – 2:13

1. O juiz aparece – 1:1-5
2. As nações são julgadas – 1:6-16
 - (1) Julgamento sobre Samaria – 1:6-9
 - (2) Julgamento sobre Judá – 1:10-16
3. Motivos para o julgamento iminente – 2:1-11
 - (1) A cobiça – 2:1-5
 - (2) Os falsos profetas – 2:6-11
4. Esperança para o remanescente – 2:12, 13

II. UMA MENSAGEM DE PROMESSA: UM SALVADOR VIRÁ – 3:1 – 5:15

1. Os pecados dos líderes – 3:1-12
2. O futuro de sua nação – 4:1-13
3. A vinda do Messias – 5:1-5
4. A derrota do inimigo – 5:6-15

III. UMA MENSAGEM DE DESAFIO: CONFIEM NO SENHOR AGORA – 6:1 – 7:20

1. Apesar da acusação – 6:1-8
2. Apesar da sentença – 6:9 – 7:6

3. Por causa das misericórdias do Senhor – 7:7-20

CONTEÚDO

1. O julgamento está vindo! (Mq 1 – 2)..... 484
2. Um rei está vindo! (Mq 3 – 5)..... 489
3. “Venha o teu reino” (Mq 6 – 7)..... 495

MIQUÉIAS EM SUA ÉPOCA

No original hebraico, o nome Miquéias é uma forma abreviada de “Micaías”, que significa “Quem é como Jeová?” (ver Mq 7:18). O profeta era da vila de Moresete, próximo a Gate, cerca de quarenta quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Profetizou durante a segunda metade do oitavo século a.C., nos reinados de Jotão (750-735 a.C.), Acaz (735-715 a.C.) e Ezequias (715-686 a.C.). Foi contemporâneo de Isaías (Is 1:1), em Judá, e de Amós e Oséias (Os 1:1), em Israel.

Durante o reinado de Jotão, a Assíria tornou-se uma nação forte. Quando Acaz subiu ao trono, tanto a Síria quanto Israel tentaram pressioná-lo a juntar-se a eles em sua rebelião contra a Assíria (Is 7). De acordo com Jeremias 26:18, foi o ministério de Miquéias que incentivou a grande reforma em Judá sob a liderança do rei Ezequias (2 Rs 18 – 20).

A sociedade de Judá estava passando rapidamente de rural para urbana. Contrariando a lei de Moisés, ricos investidores

compravam pequenas propriedades das famílias e criavam latifúndios, causando assim graves problemas para os pobres. Uma vez que pertencia a uma comunidade rural, Miquéias defendeu os pobres oprimidos e repreendeu os ricos opressores por seu egoísmo. Amós transmitiu uma mensagem semelhante.

Miquéias viu a chegada do julgamento de Israel nas mãos da Assíria (722 a.C.) bem como a queda de Jerusalém e Judá para os babilônios (606-596 a.C.). Procurou chamar os judeus de volta à adoração fiel a Jeová e à obediência sincera à sua aliança. Defendeu a justiça social e a preocupação com os desamparados, mas o povo não se arrependeu.

O JULGAMENTO ESTÁ VINDO!

MIQUÉIAS 1 – 2

O rei Davi contava com muitos homens hábeis em seu exército, mas é possível que os mais valiosos fossem os homens de Issacar, “conhecedores da época, para saberem o que Israel devia fazer” (1 Cr 12:32). Pelo fato de compreenderem a sua época, os homens de Issacar abandonaram a casa desafortunada de Saul e uniram forças com Davi, rei escolhido por Deus. Viram para onde a mão de Deus estava se movendo e seguiram obedientemente essa direção.

Miquéias de Moresete era um homem que possuía o mesmo tipo de discernimento, pois Deus lhe deu uma compreensão mais profunda das mudanças que estavam ocorrendo no cenário nacional e internacional. Miquéias recebeu três mensagens do Senhor para transmitir ao povo, na esperança de que deixassem sua idolatria e de que voltassem à fé sincera no Senhor (ver as três mensagens no esboço sugerido para o Livro de Miquéias).

A primeira mensagem (Mq 1:1 – 2:13) era uma advertência de que o julgamento divino estava a caminho tanto para Judá quanto para Israel (Samaria). Essa mensagem cumpriu-se em 722 a.C., quando a Assíria derrotou Israel, e em 606-586 a.C., quando os babilônios invadiram Judá, destruíram Jerusalém e o templo e levaram o povo cativo para a Babilônia. Quando o servo de Deus fala, vale a pena ouvir!

1. DECLARAÇÃO: A IRA DE DEUS ESTÁ VINDO (MQ 1:1-5)

Quando o profeta Amós estava prestes a acusar Israel e Judá, começou condenando

as nações gentias a seu redor (Am 1 – 2), mas o profeta Miquéias não usou essa abordagem. Sem qualquer introdução formal, foi direto à mensagem e deu a advertência.

O tribunal é convocado (v. 2). O retrato dos versículos 2 a 5 é de um tribunal, sendo Deus o Juiz e Samaria e Judá as acusadas. Miquéias dirige-se a todas as pessoas da Terra, pois Deus é o Senhor de toda a Terra (Mq 4:2, 3), e todas as nações devem prestar contas a ele. Em seu santo templo, onde sua lei ficava na arca da aliança, Deus era tanto Juiz quanto Testemunha. Um Deus santo deve agir com retidão e julgar o pecado.

O juiz chega (vv. 3, 4). Hoje em dia, quando o juiz sai do seu gabinete e entra na sala do tribunal, todos na sala se levantam – uma demonstração do respeito que temos pelo juiz e pela lei que ele representa. Mas juiz algum jamais entrou na sala do tribunal da maneira descrita por Miquéias! A oração “eis que o SENHOR sai do seu lugar” significa “sair para a batalha”. Deus abre a sessão e declara guerra!

Um juiz vai ao tribunal para certificar-se de que se fará justiça e não pode tomar partido. Contudo, quando Deus chega para julgar as nações, já está de posse de todas as evidências necessárias e não precisa chamar testemunha alguma. Deus está irado com seu povo por causa dos pecados deles. Por isso, sua vinda faz a Terra se partir e os montes se derreterem, de modo que a rocha flui como cera quente ou como uma cachoeira.¹

O juiz cita os acusados (v. 5). Deus aponta um dedo acusador para seu próprio povo – Israel e Judá – representado pelas capitais Samaria e Jerusalém. Depois de ver o que a Assíria havia feito com Israel em 722 a.C., os líderes de Judá deveriam ter se arrependido e voltado para o Senhor, mas não o fizeram. De fato, no reinado de Ezequias, os assírios chegaram a saquear Judá e teriam tomado Jerusalém, se o Senhor não tivesse intervindo miraculosamente (Is 36 – 37).

Tanto Judá quanto Israel eram culpados de idolatria, que na verdade é uma forma de rebelião contra o Senhor. Quando houve a divisão em duas nações depois da morte

de Salomão, o reino do Norte instituiu seu próprio sistema religioso para competir com a adoração de acordo com a lei mosaica no templo de Jerusalém. Contudo, o povo de Judá havia começado a adorar em segredo os falsos deuses de Canaã, e mesmo quando estavam nos átrios do templo e quando ofereciam seus sacrifícios, seu coração não era fiel a Jeová (Is 1). Para Deus, o templo havia se tornado mais um dos “altos” nos montes ao redor de Jerusalém, onde os judeus adoravam secretamente a ídolos e ofereciam-lhes sacrifícios.

2. LAMENTAÇÕES: AS CIDADES SERÃO ARRUINADAS (Mq 1:6-16)

O profeta respondeu à mensagem de Deus agindo como um homem aflito num funeral (versículo 8; 2 Sm 15:30). Miquéias estava verdadeiramente se sentindo angustiado com o que aconteceria a seu povo se não desse ouvidos à Palavra de Deus e não deixasse seu pecado.

A destruição de Samaria (vv. 6-9). A capital do reino do Norte situava-se num monte que dava para um vale fértil. O profeta Isaías chamou a cidade de “soberba coroa” com “gloriosa formosura” (Is 28:1) e predisse que o julgamento de Deus destruiria a cidade (vv. 2-4). Os assírios transformariam a bela cidade num monte de entulho, e seus ídolos não seriam capazes de protegê-la do inimigo.

Deus destruiu a cidade de Samaria e a nação de Israel, pois o povo rebelou-se contra sua Palavra, e destruiu o templo samaritano, uma vez que abrigava uma religião falsa que não passava de prostituição religiosa (ao longo de todo o Antigo Testamento, a idolatria é comparada à prostituição). Contudo, Deus destruiu o templo de Jerusalém, pois os líderes haviam transformado a verdadeira religião numa falsa adoração a Jeová e a deuses de nações vizinhas. Jeová é um Deus zeloso que não divide sua adoração ou glória com ninguém (Êx 20:5; 34:14; Dt 4:24; 5:9; 6:15). A aliança que Deus fez com seu povo no Sinai foi como um contrato de casamento, e romper essa aliança era como cometer adultério ou envolver-se em prostituição.²

A destruição da cidade de Samaria teve início em 722 a.C. sob Sargom II, rei da Assíria, que ordenou que muitos cidadãos fossem levados para o cativeiro ou mortos. Então, trouxe pessoas de diversas nações conquistadas para a terra, e judeus casaram-se com gentios, resultando numa raça mesótiça desprezada pelos judeus. Até mesmo no tempo de Jesus, os judeus evitavam os samaritanos (Jo 4:1-9).

A destruição de Judá (vv. 9-16). Samaria era nociva, e sua infecção havia afetado Judá. O profeta pranteou sobre a terra como alguém choraria sobre um paciente internado com uma doença incurável (v. 9). Isaías usou uma imagem parecida para descrever a terrível situação de Judá (Is 1:5, 6) e Jeremias chorou porque os líderes espirituais de seu tempo não tratavam da enfermidade do pecado do povo com firmeza (Jr 6:14; 7:8; 8:11).

Miquéias descreve a destruição da Região Sul de Judá (Sefelá) pelos invasores assírios em 701 a.C. (Mq 1:10-16; ver 2 Rs 18:7ss).³ Eles devastaram a terra e tomaram quarenta e seis cidades, mas não conseguiram tomar Jerusalém, pois Deus a protegeu. Miquéias usou uma série de jogos de palavras baseados nos nomes das cidades semelhantes a palavras conhecidas em hebraico. “Gate”, por exemplo, é semelhante à palavra hebraica para “anunciar”. Assim, o profeta escreveu: “não o anuncieis em Gate”. Bete-Leafra quer dizer “casa de pó”, de modo que ele escreveu: “revolvei-vos no pó”. Os habitantes de Safir (“agradável, bela”) não teriam uma aparência agradável nem bela quando fossem levados nus como prisioneiros de guerra.

A lista de chamada das cidades prossegue. Os cidadãos de Zaanã (“sair”) não poderiam sair por causa do perigo. Bete-Ezel significa “casa de extração”, de modo que extrairia deles seu refúgio. O nome Marote está relacionado a “mara/mirra” e significa “amargura”, e a cidade sofreria amargas calamidades (“desceu do SENHOR o mal”). Uma vez que o nome Laquis soa como a palavra hebraica para “parelha de corcéis”, ele os advertiu para atrelar os cavalos aos carros para tentar escapar.⁴

Miquéias chegou a sua própria cidade, Moresete, palavra que soa como o termo hebraico para “noiva”, sendo que as noivas recebiam presentes de despedida. Em outras palavras, a cidade não pertenceria mais a Judá, mas “sairia de casa” e passaria a ser dos invasores. Uma vez que Aczibe quer dizer “engano”, a relação é óbvia, e o nome Maressa soa como a palavra usada para “conquistador”: a cidade seria conquistada pelo inimigo.

O mais triste dessa invasão era o fato de que poderia ter sido evitada. Se o povo de Israel e de Judá tivesse se voltado para o Senhor em arrependimento e fé, Deus teria lhes dado a vitória. Em vez disso, creram em falsos profetas, apegaram-se aos seus ídolos e pecaram até ser derrotados. Infelizmente, até as criancinhas sofreram e foram para o exílio (Mq 1:16), tudo por causa do pecado de seus pais.

3. ACUSAÇÃO: OS PECADOS DO POVO (MQ 2:1-11)

Como o Senhor Jeová podia permitir que tanto sofrimento e vergonha sobreviessem a seu povo da aliança? Não eram seu tesouro peculiar? A terra não era seu presente de amor para eles? Justamente por isso ele os estava castigando! “De todas as famílias da terra, somente a vós outros vos escolhi; portanto, eu vos punirei por todas as vossas iniqüidades” (Am 3:2). O privilégio traz consigo responsabilidade, e a responsabilidade implica prestação de contas. O profeta os responsabilizou por dois pecados específicos: cobiça (Mq 2:1-5) e dar ouvidos a falsos profetas (v. 6-11).

Cobiça (vv. 1-5). A lei de Moisés ordenava que a terra permanecesse com as famílias e dentro das tribos. Na verdade, a terra pertencia ao Senhor (Lv 25:2, 23, 38), e ele a havia “arrendado” para o povo em troca da obediência a sua lei. Se eles lhe desobedeciam, profanavam a terra e chamavam sobre si o julgamento divino (Lv 18:24-30; Nm 35:33, 34). Se qualquer um vendesse uma propriedade da família, a transação era válida somente até o próximo ano do jubileu, quando todas as terras eram devolvidas

a seus proprietários originais (Lv 25:13-17). Esse sistema impedia os ricos de oprimir os pobres e ajudava a estabilizar a economia.

Contudo, os ricos opressores do tempo de Miquéias tinham como objetivo adquirir grandes propriedades nas quais poderiam escravizar os pobres e, assim, obter lucros elevados com baixos investimentos. Tamanha era sua determinação na busca pela riqueza que, à noite, em seu leito, faziam planos sem qualquer escrúpulo e, depois, levantavam-se na manhã seguinte para colocá-los em prática. Em função de sua riqueza e de sua autoridade na terra, esses homens controlavam os tribunais e os conselhos na porta da cidade e, assim, conseguiam o que queriam.

Para esses homens orgulhosos, pouco importava estarem tomando propriedades rurais ilegalmente e despejando as famílias de seus lares sem qualquer piedade. Praticavam a versão do mundo para a regra de ouro: “Faz as regras quem tem o ouro”. Esqueciam-se de que a o Senhor era o proprietário das terras, o Senhor fazia as leis e o Senhor tinha compaixão dos pobres e oprimidos (Êx 23:11; Lv 25:25; Sl 82:3; Pv 21:13; Jr 22:16). Contudo, mesmo que esses ladrões não tivessem qualquer temor do Senhor, deveriam ao menos ter mostrado preocupação para com os outros seres humanos, tratando-os como pessoas feitas à imagem de Deus.

O nome desse pecado é “materialismo” e é cometido por pessoas gananciosas e obcecadas em obter cada vez mais riqueza e “coisas”. No entanto, os ricos opressores não são os únicos a cometer esse pecado. Os pais roubam aos filhos o tempo e a companhia que deveriam lhes dedicar ao trabalhar em vários empregos a fim de ganhar mais dinheiro para pagar por mais “divertimento”. As pessoas roubam os dízimos e ofertas que pertencem a Deus por direito para desfrutar “a boa vida” (ver Ml 3:7-12). Esquecem de Mateus 6:33 e colocam tudo antes do reino de Deus.

No entanto, os pecadores gananciosos ao qual Miquéias estava se dirigindo acabariam colhendo aquilo que semeavam, e, um dia, viria a terrível ceifa de seus pecados

(Mq 2:3-5). Sua autoconfiança arrogante lhes seria tomada, sua autoridade desapareceria, seus cúmplices desonestos se voltariam contra eles e suas grandes propriedades seriam tomadas de suas mãos. Veriam tudo o que haviam vivido e pecado para adquirir sendo tomado pelo inimigo e totalmente devastado. Muitos deles iriam para o exílio e morreriam longe da terra que haviam cobiçado e roubado de pessoas inocentes.

Falsos profetas (vv. 6-11). Assim como os falsos profetas atacaram Jeremias (Jr 5:31) e Amós (Am 7:10-17) por pregar a verdade de Deus, também combateram Miquéias por proclamar fielmente a mensagem do Senhor. Esses homens adotavam uma teologia superficial que não tinha lugar nem para o pecado nem para o arrependimento. “Somos o povo especial de Deus”, argumentavam, “e ele jamais permitiria que esses juízes ocorressem em sua terra”. Desde que o povo participasse das atividades religiosas, manteria afastada a ira de Deus, mesmo que não estivessem adorando de coração. Os judeus eram filhos de Abraão, e Deus jamais quebraria a promessa que havia feito a Abraão. Tais eram suas falsas premissas.

O que esses falsos líderes religiosos se esqueciam era de que a aliança de Deus incluía preceitos bem como promessas, obrigações bem como bênçãos. Seguir simplesmente os rituais religiosos não é a mesma coisa que adorar a Deus “em espírito e em verdade” (Jo 4:23). Qualquer um pode juntar-se ao resto do povo e participar de um movimento religioso que esteja na moda. Contudo, é preciso devoção, oração, obediência e submissão para adorar a Deus “com reverência e santo temor” (Hb 12:28). A “religião da moda” quase sempre é uma religião falsa, pois o caminho para a vida é estreito e solitário (Mt 7:13-20), e aqueles que o percorrem são invariavelmente perseguidos (2 Tm 3:12).

Em Miquéias 2:7b-13, é Deus quem fala em defesa de seu servo fiel. O fato de esses líderes religiosos rejeitarem a mensagem de Miquéias não significava que ela estivesse errada, mas sim que os ouvintes estavam errados. A maneira como reagimos à Palavra

de Deus mostra como está nosso relacionamento com o Senhor. “Quem é de Deus ouve as palavras de Deus; por isso, não me dais ouvidos, porque não sois de Deus” (Jo 8:47).

Esses falsos profetas estavam enganando e roubando o povo ao dar-lhes a falsa certeza de que tudo estava bem na terra. Deus retratou seus atos pecaminosos descrevendo dois homens despreocupados: um rico andando confiantemente pela rua e um soldado vitorioso voltando para casa com os espólios da batalha, e os dois foram roubados! Por causa dos líderes ricos e perversos, a mãe confiante e sua família se vêem arrancadas de seu lar e despojadas de sua terra.

A princípio, Deus deu a terra de Canaã ao povo de Israel para ser seu “descanso” das provações de sua jornada pelo deserto (Dt 12:9, 10; Js 22:4; 23:1). Depois que tivessem conquistado a terra e tomado posse de suas heranças de acordo com cada tribo, os israelitas deveriam ter desfrutado descanso e bênção na terra, mas em vez disso, voltaram-se para os ídolos das nações vizinhas e rebelaram-se contra Deus. O Senhor os castigou em sua terra ao trazer várias nações para roubá-los e escravizá-los (ver o Livro de Juízes). No entanto, a nação não aprendeu com sua história, e o povo repetiu os mesmos pecados de seus pais, pensando, porém, que escaparia das mesmas consequências. Uma vez que haviam profanado a terra de Deus, ele os tirou de lá.

Miquéias instou o povo a sair da terra, pois apesar das promessas dos falsos profetas, não encontraria nela descanso algum. Aqueles homens pregavam qualquer mensagem que o povo quisesse ouvir, desde que recebessem sua bebida forte! Os falsos profetas estavam usando a religião para ganhar dinheiro e para desfrutar prazeres e não tinham preocupação alguma com o futuro de sua nação.

4. CONSOLO: ESPERANÇA PARA O FUTURO (MQ 2:12, 13)

O profeta fiel deve desmascarar o pecado e anunciar o julgamento, mas deve também

oferecer consolo e esperança para aqueles que recebem sua mensagem e voltam-se para Deus. Consolo sem arrependimento não passa de falsa esperança, é o mesmo que dizer: “Paz, paz!” quando não há paz. Mas a condenação dos pecados sem esperança cria o desespero, como realizar uma cirurgia sem tratar para que haja cura.

Aqui, o Senhor parece estar falando à nação como um todo (“te ajuntarei todo, ó Jacó [...] Israel”), e sua promessa parece estender-se para o fim dos tempos, quando Israel e Judá estarão unidos sob o governo de seu Rei Messias. Miquéias descreve uma procissão triunfante pela terra, tendo à frente o Rei Messias e Senhor conduzindo seu povo, assim como os havia conduzido para fora do Egito (v. 13).

Contudo, até aquele dia glorioso, Deus tratará com o “remanescente” de seu povo. A doutrina do “remanescente” é de grande importância nos livros proféticos e há muitas referências a ela.⁵ Apesar de Israel como nação rebelar-se contra Deus, sempre haveria um remanescente fiel que buscaria fazer a vontade do Senhor, e Deus operaria em função desse remanescente (o mesmo se aplica à igreja professa). A esperança de Israel como nação encontra-se no remanescente.

Um remanescente voltou para Judá depois do cativeiro na Babilônia, porém jamais se tornou uma grande nação como aquela prometida pelos profetas. Isso ocorrerá quando o Senhor voltar, tomar para si sua nação escolhida e estabelecer seu reino. O Messias é descrito no versículo 13 como “o que abre caminho”, ou seja, o que abre as portas que confinam os judeus em várias nações para que possa levá-los a sua terra. Sem dúvida, Deus fez isso quando os exilados deixaram a Babilônia, mas essa promessa refere-se aos últimos dias, quando o Messias virá para vencer seu inimigo e remir seu povo escolhido.

A primeira mensagem de Miquéias suscitou a oposição dos falsos profetas, mas não mudou o coração do povo. Assim, ele transmitiu a segunda mensagem, anunciando que “o Salvador está vindo”.

Nos dias de hoje, precisamos lidar com nossos pecados de cobiça, de egoísmo e de disposição para crer em “mentiras religiosas”. Devemos abandonar a “religião fácil” que alimenta nosso orgulho e que facilita nosso pecado. “Porque o nosso Deus é fogo consumidor” (Hb 12:29) e “o Senhor julgará o seu povo” (Hb 10:30). Lembre-se de que o julgamento começa com a família de Deus (1 Pe 4:17).

1. Para outros retratos de Deus vindo como um guerreiro, ver Éxodo 15, Salmos 18, Isaías 63 e Habacuque 3.
2. O profeta Oséias usou a imagem do adultério para descrever o pecado de sua nação ao adorar ídolos. A própria esposa de Oséias cometeu adultério e prostituição, e ele teve de comprá-la de volta de um mercado de escravos! Para uma interpretação do Livro de Oséias, ver meu livro *Be Amazed* (Victor Books).
3. Várias dessas cidades ficavam num raio de quinze quilômetros da cidade natal de Miquéias, Moresete-Gate, e, num dia claro, podiam ser facilmente avistadas de lá. Eram vizinhos de Miquéias, e ele deveria dizer-lhes que estavam condenados à destruição!
4. O texto não explica de que modo Laquis foi “o princípio do pecado para a filha de Sião”. Laquis era a cidade-estado mais importante e influente em Sefelá, e os assírios tinham grande orgulho de sua conquista. Era uma cidade extremamente fortificada, e a confiança do povo de Laquis e de Judá estava em seu poder militar e não no Senhor. Esse orgulho e confiança em si mesmo foi o começo do pecado de Judá. Os líderes dependiam das cidades fortificadas mais afastadas para deter os invasores, mas essas cidades foram tomadas pelos inimigos.
5. Ver Isaías 1:9; 7:3; 10:20-22; 11:11, 16; Jeremias 6:9; 23:3; 31:7; 40:11; Ezequiel 11:13; 14:22; Sofonias 2:4-9; Ageu 1:12, 14; e Zacarias 8:1-8. Miquéias escreve sobre o remanescente em 2:12; 4:7; 5:3; 5:7-8 e 7:18. Paulo usa a doutrina do remanescente para provar que Deus não abandonou o povo judeu do presente (Rm 9; ver também 11:1-6).

UM REI ESTÁ VINDO!

MIQUÉIAS 3 – 5

A segunda mensagem de Miquéias encontra-se no centro do livro e concentra-se no futuro de Israel. Em primeiro lugar, Miquéias repreendeu os líderes de Israel por sua conduta pecaminosa, que seria julgada por Deus (Mq 3:1-12), e delineou os acontecimentos que trariam o reino prometido (Mq 4:1 – 5:15). Saber que Deus tinha um futuro tão glorioso planejado para sua nação deveria ter motivado os líderes a deixar o pecado e a obedecer ao Senhor. “E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro” (1 Jo 3:3).

1. REPREENSÃO: OS PECADOS DOS LÍDERES (MQ 3:1-12)

Como nas outras duas mensagens de Miquéias, esta segunda proclamação começa com um chamado para que o povo ouvisse o que o Senhor diria por intermédio de seu servo (Mq 1:2; 6:1). É como se Miquéias tivesse gritado: “Ouvi! Deus está falando! É importante!” A declaração nos lembra da repetida admoestação do Senhor: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!” ou da advertência em Hebreus 12:25: “Tende cuidado, não recuseis ao que fala”.

É perigoso fazer ouvidos moucos para a voz de Deus quando ele fala por meio de sua Palavra. “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração” (Hb 3:7, 8). Toda a criação responde à voz de Deus e obedece com prazer à sua vontade, com exceção do homem feito à imagem de Deus! E, no entanto, o Pai nos diz amrosamente: “Agora, pois, filho, dá-me ouvidos e sê atento às palavras da minha boca” (Pv 7:24).

Miquéias começou sua mensagem repreendendo as autoridades civis (Mq 3:1-4), homens que não apenas permitiam que os ricos explorassem os pobres, como também eles próprios o faziam! Os líderes deveriam amar o bem e detestar o mal, mas esses homens estavam fazendo justamente o contrário, por isso o profeta lhes disse: “Aborreceis o bem e amais o mal” (Mq 3:2). Os líderes ideais são descritos como “homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza” (Êx 18:21). Amós, um contemporâneo de Miquéias escreveu, “Buscai o bem e não o mal, para que vivais [...]. Aborreci o mal, e amai o bem, e establecei na porta o juízo” (Am 5:14, 15; ver Pv 8:13). A porta da cidade era o lugar onde os anciãos se encontravam para resolver disputas e para tomar decisões oficiais (Rt 4:1ss). Se não havia justiça nas cidades, não poderia haver justiça na terra.

A descrição dos atos desses governantes nos lembra mais feras vorazes do que seres humanos. Em vez de serem profetas fiéis que protegiam o rebanho (Mq 2:12; 7:14), atacavam as ovelhas, esfolavam-nas vivas, abatiam-nas, cortavam-nas e usavam-nas para preparar um cozido para si mesmos! Contudo, chegaria o dia em que esses lobos vestidos de pastores clamariam pela misericórdia de Deus, mas não lhes seria concedida misericórdia alguma. “Nesse dia, a minha ira se acenderá contra ele; desamparalo-ei e dele esconderei o rosto, para que seja devorado” (Dt 31:17).

Em seguida, Miquéias pôs-se a repreender os falsos profetas (Mq 3:5-8), cujas mentiras cooperavam para que os oficiais corruptos continuassem seus atos de perversidade. “Coisa espantosa e horrenda se anda fazendo na terra: os profetas profetizam falsamente, e os sacerdotes dominam de mãos dadas com eles; e é o que deseja o meu povo” (Jr 5:30, 31). Quando Deus é deixado de fora do governo humano, é fácil os oficiais usarem sua autoridade egoisticamente para explorar o povo.

Desde que lhes desse alguma coisa para comer e beber (Mq 2:11), os falsos profetas proclamariam qualquer coisa que o povo

quisesse ouvir. Assim como os falsos profetas do tempo de Jeremias, anunciam a paz quando a nação estava a um passo da guerra e da destruição (Jr 6:13, 14; 8:10, 11). Contudo, chegaria o dia em que esses homens que afirmavam ver a luz seriam envoltos em trevas, e todos saberiam que não passavam de impostores. Clamariam ao Senhor, mas ele não responderia.

O verdadeiro profeta de Deus é descrito em Miquéias 3:8: é cheio do Espírito, proclama fielmente a mensagem de Deus e não tem medo daquilo que as pessoas podem lhe dizer ou fazer. Miquéias dirigiu-se devidamente ao povo e falou dos pecados deles, advertindo-os de que o juízo estava vindo, enquanto os falsos profetas acariciavam os ouvidos do povo e diziam o que queriam ouvir.

Poucos homens são mais deploráveis do que aqueles que dizem ter um chamado do Senhor e, no entanto, pregam de modo a agradar aos outros. Sua primeira regra é: "Não tumultue" e sua segunda regra é: "Dê ao povo o que eles querem". Contudo, o verdadeiro servo do Senhor declara a mensagem de Deus, quer as pessoas gostem dela quer não. Seu desejo é ser um pacificador, mas, por vezes, precisa ser um agitador. Não é de se admirar que Jeremias clamasse: "Ai de mim, minha mãe! Pois me deste à luz homem de rixa e homem de contendas para toda a terra!" (Jr 15:10).

Miquéias também se dirigiu aos líderes da terra (Mq 3:9-12) – os governantes, sacerdotes e profetas – e acusou-os de vários pecados: cometer injustiças, distorcer a verdade, matar gente inocente, aceitar suborno e, enquanto realizavam esses atos de perversidade, dizer que estavam servindo ao Senhor!

– Dependemos do Senhor –, diziam – Não está o Senhor no meio de nós? Nenhum mal nos sobrevirá. – Era a mais vil das hipocrisias.

Sua ignorância do caráter do Senhor e das estipulações de sua aliança lhes enchia de falsa confiança. "Tendo em vista que somos judeus", pensavam eles, "povo escolhido de Deus e co-participantes de sua aliança,

o Senhor não permitirá que mal algum nos aconteça. Mesmo que pequemos, Deus jamais nos entregará nas mãos do inimigo". Seu raciocínio não era muito diferente daquele das pessoas de hoje que: "No tocante a Deus, professam conhecê-lo; entretanto, o negam por suas obras" (Tt 1:16).

Qualquer teologia que facilite nosso pecado não é uma teologia bíblica. Se os governantes, profetas e sacerdotes tivessem lido e meditado sobre Levítico 26 e Deuteronômio 28 a 30, teriam descoberto que o Deus da aliança é um Deus santo que não tolera o pecado arrogante. Também teriam visto que as bênçãos da aliança dependiam da obediência deles às condições da aliança e que Deus castiga seu povo quando desobedece.

Qual seria o resultado do descaso dos líderes para com a lei de Deus? A cidade santa e o templo seriam destruídos, e milhares de judeus seriam exilados na Babilônia (Mq 4:10). Deus preferia destruir sua cidade e seu belo templo a permitir que o povo profanasse sua propriedade com seus pecados. A destruição de Jerusalém, em 606-586 a.C., é uma lembrança de que, quando Deus diz: "Sereis santos, porque eu sou santo",¹ ele fala sério!

"Foi por causa dos pecados dos seus profetas, das maldades dos seus sacerdotes" (Lm 4:13) que a nação foi derrotada e a cidade e o templo foram destruídos. Por isso, o profeta começou sua mensagem repreendendo os líderes espirituais da terra e não os incrédulos. Se Miquéias estivesse ministrando em nosso meio nos dias de hoje, é provável que tivesse visitado os escritórios das denominações, os congressos de pastores, os institutos bíblicos e seminários para advertir os líderes cristãos de que o privilégio traz consigo responsabilidade, e a responsabilidade implica prestação de contas.

2. ESPERANÇA: AS PROMESSAS DO SENHOR (MQ 4:1 – 5:5A)²

Miquéias passou da destruição de Jerusalém (606-586 a.C.) para os "últimos dias" quando haveria uma nova Jerusalém e um templo reconstruído no centro do reino de retidão

do Messias. O período conhecido como “últimos dias” começou no ministério de Cristo (Hb 1:1, 2) e chegará a seu ápice quando ele voltar para estabelecer seu reino na Terra. O Senhor deu a seu povo quatro promessas maravilhosas.

Um reino (vv. 1-8).³ Quando Miquéias proclamou sua mensagem, a situação dos dois pequenos reinos judeus era desesperadora. A Assíria estava prestes a atacar Israel e para dar um fim à nação, e, depois disso, o exército assírio arrasaria Judá e chegaria perto de tomar Jerusalém. Quando a situação ao redor é sombria, olhe para o alto. Assim, o profeta encorajou o povo a olhar para o futuro, para aquilo que Deus havia prometido a seu povo escolhido.

Deus prometeu que a nação seria unida e que o povo voltaria a sua terra. Jerusalém se tornaria a cidade mais importante do mundo, o templo seria reconstruído e a verdadeira adoração a Jeová seria restaurada⁴ (ver Ez 40 - 48). Em vez de as nações gentias lutarem contra os judeus, elas iriam a Jerusalém para adorar a Deus e para ouvir sua Palavra. Haveria paz entre as nações, pois elas obedeceriam à verdade de Deus, se submeteriam ao governo do Messias e destruiriam seus instrumentos de guerra.⁵

Toda família judia desejava ter aquilo que Miquéias descreve em 4:4: uma casa agradável com um jardim fértil numa terra pacífica (ver 1 Rs 4:25; Is 36:16). Porém, mais importante ainda do que a paz e a estabilidade econômica, haveria a bênção de conhecer o Senhor e de lhe obedecer (Mq 4:5). Esse versículo não se refere ao futuro, pois durante a era do reino todas as nações adorarão Jeová. Tratava-se de uma declaração de fé da parte dos verdadeiros crentes, o remanescente da terra: “Porque todos os povos andam, cada um em nome do seu deus; mas, quanto a nós, andaremos em o nome do SENHOR, nosso Deus, para todo o sempre”.

Apesar de o remanescente de judeus ser pequeno, fraco e imperfeito (“os que coxeiam”), Deus os ajuntará de todas as nações e fará deles um exército poderoso (vv. 6, 7a). O Messias reinará sobre eles, e Jerusalém se tornará a gloriosa capital de seu

reino. Jerusalém havia sido a capital do reino de Davi, o rei-pastor que cuidou do rebanho (Sl 78:67-72), mas depois da morte de Josias, nenhum de seus quatro sucessores havia sido um homem piedoso. O Messias, o Filho de Davi, um dia reinará em Jerusalém e cuidará de seu rebanho como o fiel Rei-Pastor.

Um livreamento (vv. 9, 10). A cidade de Jerusalém é chamada de “filha de Sião” (as cidades normalmente recebem atributos femininos), um apelido carinhoso que dava ao povo a certeza do cuidado amoroso de Deus, independentemente do que viesse a ocorrer. Mas a cidade estava sentindo dores como as de uma mulher em trabalho de parto, pois o inimigo havia chegado e estava capturando o povo e levando-o para a Babilônia. Porém, o exílio não era o fim, pois Deus iria remir um remanescente e levá-lo de volta à terra.

Se os líderes tivessem dado ouvidos ao profeta Jeremias e se entregado pacificamente aos babilônios, teriam salvado a cidade e o templo, mas resistiram à vontade de Deus, e sua cidade e o templo foram destruídos. No entanto, Jeremias profetizou que o exílio duraria apenas setenta anos e, então, o remanescente poderia voltar e reconstruir a cidade e o templo.

Uma conquista (vv. 11-13). Mais uma vez, o profeta olhou ao longo dos séculos até o fim dos tempos e viu o povo sendo atacado por muitas nações gentias, todas elas contando vantagem sobre Israel, pois estavam certas de que podiam derrotar os judeus (ver Zc 12:1-9; 14:1-11). As nações terão certeza da vitória, pois não conhecerão as Escrituras e não saberão dos planos de Deus para o seu povo (Jr 29:11).

Israel parecerá fraco e indefeso, mas o Senhor transformará seus soldados em instrumentos afiados de debulha para “ceifar” as nações (Ap 14:14-20). Deus lhes dará “chifres” (um símbolo de poder) e “unhas” (ou cascos) para que tenham tanto potência quando velocidade ao atacar seus inimigos. Essa grande batalha normalmente é chamada de “Batalha do Armagedom”, apesar de essa designação não se encontrar

nas Escrituras (Ap 16:16; 19:17-21). Quando a batalha terminar, o exército judeu vitorioso dedicará todos os espólios ao serviço do Senhor.

Um Rei (vv. 1-5a). Em seguida, Miquéias olha adiante para o cerco babilônio a Jerusalém. Há tantos soldados acampados ao redor da cidade que Miquéias a chama de “filha de tropas”. Quando o rei Zedequias e seus oficiais viram que tudo estava perdido, tentaram fugir, mas foram alcançados e capturados pelos babilônios (2 Rs 25:1-7). É evidente que humilharam o rei ferindo seu rosto com uma vara.⁶ Depois, mataram seus filhos, cegaram o rei, amarraram-no e levaram-no para a Babilônia.

O fato de Miquéias 5:2 ser um contraste ao versículo 1 (“E tu, Belém-Efrata”; ver nvi: “Mas, tu, Belém-Efrata”) é mais uma prova de que o versículo 1 não está falando de Jesus, pois os versículos 2 a 5 sem dúvida se referem ao Messias. Deus escolheu a “pequena vila de Belém” como lugar onde nasceria o Rei dos judeus. Foi essa profecia que os sacerdotes relataram aos magos que foram a Jerusalém à procura do Rei (Mt 2:1-12).

Belém (“casa do pão”) tem uma história interessante. Raquel, a esposa predileta de Jacó, morreu perto de Belém ao dar à luz Benjamim e foi sepultada em seus arredores (Gn 35:16-20). Mateus cita esse fato quando relata a morte de crianças inocentes por ordem de Herodes (Mt 2:16-18; ver Jr 31:15). Em sua dor, Raquel chamou seu filho de Benoni, que significa “filho da minha tristeza”, mas Jacó deu outro nome ao menino: Benjamim, “filho da minha destra”. Esses dois nomes nos lembram do sofrimento e da glória de Cristo, a cruz e o trono à destra do Pai.

Rute e Noemi mudaram-se para Belém, e lá Boaz se apaixonou por Rute e casou-se com ela. Rute é antepassada do Messias (Mt 1:5). É claro que Davi foi o filho mais ilustre de Belém, e seria pela família de Davi que nasceria o Messias prometido (2 Sm 7; Mt 1:1; Lc 1:26, 27; Rm 1:3). Os judeus sabiam que seu Messias viria de Belém (Jo 7:42).

Em sua profecia, Miquéias revela vários fatos importantes sobre o Messias. Em primeiro lugar, ele é o Deus eterno, “cujas origens

são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade” (v. 2). Jesus saiu da eternidade e entrou na história humana, enviado pelo Pai para morrer pelos pecados do mundo (1 Jo 4:14). Porém, foi também verdadeiramente um homem, pois nasceu como uma criança. Vemos aqui o milagre da encarnação (Jo 1:14).

Seria de se esperar que o Filho de Deus viesse de uma grande cidade, como Atenas ou Jerusalém, mas ele escolheu nascer numa humilde estrebaria em Belém. Contudo, viria o tempo em que seria glorificado em seu trono no céu e, um dia, voltará para ser o Rei de seu povo.

No entanto, antes de se colocar como Pastor e de apascentar seu rebanho, seu próprio povo deve rejeitá-lo. Entre a cruz e a era do reino, o Senhor abrirá mão de sua nação até que Jesus volte e Israel “nasça” em seu reino (ver Is 66:8). Esse rei governará até os confins da Terra e trará paz a todas as nações. Nos dias de hoje, é claro que Cristo dá paz a todos aqueles que se achem a ele pela fé (Mt 11:28-30; Rm 5:1).

Miquéias apresentou um quadro animador para o povo, mas, ao que parece, os judeus não compreenderam seu significado, pois, caso tivessem entendido, teriam voltado para o Senhor em gratidão e arrependimento. Sempre que um profeta predizia o futuro, fazia-o a fim de despertar o povo para suas responsabilidades no presente. A profecia bíblica não é uma diversão para os curiosos; é um encorajamento para aqueles que a levam a sério.

3. VITÓRIA: A PURIFICAÇÃO DE ISRAEL (MQ 5:5b-15)

Ao continuar olhando para essa cena distante, Miquéias anunciou que os futuros inimigos de Israel seriam derrotados (vv. 5b-6), que o remanescente judeu seria abençoado (vv. 7-9) e que a nação seria purificada de seus pecados (vv. 10-15).

O inimigo é derrotado (vv. 5b, 6). A “Assíria” do versículo 5 não é o exército assírio do tempo de Miquéias, pois os judeus daquela época de forma alguma venceram os assírios e reinaram sobre a terra.

Israel foi completamente derrotado pela Assíria, e a terra foi devastada. Essa “Assíria” é outro nome para o “inimigo” e, nesse caso, refere-se aos inimigos de Israel nos últimos dias, quando todas as outras nações se unirão contra os judeus (Zc 10:10, 11; 12:9; 14:1-3).

A expressão “sete pastores e oito príncipes” é uma forma de dizer “muitos pastores e muitos príncipes”, semelhante à expressão usada repetidamente por Amós, “por trêς transgressões [...] e por quatro” (Am 1:3, 6, 9, etc.). Quando o inimigo atacar nos últimos dias, Deus levantará líderes, como levantou os juízes e também heróis como Davi. No entanto, Miquéias deixa claro que Deus é o Libertador que capacitará Israel para derrotar os inimigos e reinar sobre suas terras. O sujeito oculto na segunda parte de Miquéias 5:6 é “o que há de reinar” do versículo 2.

O remanescente é abençoado (vv. 7-9).

Apesar de ser pequeno em número, o remanescente judeu dos últimos dias receberá grande ajuda do Senhor ao enfrentar os inimigos. Miquéias usou dois símiles para ilustrar essa bênção: o orvalho refrescante do céu e a força conquistadora do leão. Deus permitirá que seu povo realize grandes conquistas, como leões, e então trará abundância ao mundo, como o orvalho que regava as plantações de Israel (Sl 133:3). Israel será triunfante sobre seus inimigos pelo poder do Senhor.

A nação é purificada (vv. 10-15). No tempo de Miquéias, tanto Israel quanto Judá eram culpados de pecados que transgrediam a lei de Deus e que entristeciam o coração do Senhor. Repetidamente, haviam enviado

mensageiros ao povo para condenar seus pecados e avisar sobre o julgamento iminente, mas o povo não deu ouvidos (2 Cr 36:14-21). Nos últimos dias, Israel voltará a sua terra, ainda na incredulidade, e cometerá os mesmos pecados. Porém, Deus purificará a terra e preparará seu povo para uma nova vida no reino. Verão seu Messias, crerão nele e serão salvos (Zc 12:10 – 13:1).

Deus destruirá todas as suas defesas militares, as coisas nas quais haviam se fiado em vez de confiar no Senhor. Dará fim à relação deles com os poderes demoníacos e eliminará da terra toda a idolatria (Zc 13:2). O desejo de Israel será agradar a Deus e obedecer à sua lei, não imitar as nações contra as quais Deus “tomará vingança”.

Deus não lançou fora seu povo (Rm 11:1), pois nos dias de hoje há na Igreja um remanescente judeu que crê no Senhor. Um dia, Deus ajuntará a nação incrédula de Israel, a levará de volta a sua terra, fará com que passe por aflições e, então, se revelará aos judeus e dará à luz uma nova nação. Os profetas viram esse dia e procuraram transmitir sua mensagem ao povo de sua época, mas as pessoas não deram ouvidos.

Os cristãos de hoje esperam pelo dia em que Jesus virá a fim de levar seu povo para junto de si (1 Ts 4:13-18) e, assim, estabelecer seu reino de retidão. Pedro nos garante: “Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor”, e, diante desse fato, diz: “deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade” (2 Pe 3:10, 11). A esperança no futuro deve redundar em santidade no presente.

Estamos prontos para a volta do Senhor?

1. Essa declaração aparece oito vezes na Bíblia (Lv 11:44, 45; 19:2; 20:7, 26; 21:8, 15; 1 Pe 1:15, 16).
2. A divisão tradicional dos versículos em Miquéias 5:4, 5 não é muito feliz. A oração “Este será a nossa paz” faz parte do final do versículo 4 e não do começo do versículo 5. Trata-se de uma referência a Jesus Cristo, o Messias.
3. Isaías pintou esse mesmo quadro (Is 2:1-4). Alguns interpretam essas passagens com um sentido espiritual, como uma descrição da Igreja de hoje, mas prefiro considerá-la como profecias específicas para Israel. As condições do mundo descritas por Isaías e Miquéias ainda não se manifestaram, especialmente a eliminação da guerra, do anti-semitismo e da rivalidade religiosa entre as nações.
4. A “exaltação de Jerusalém” (ver v. 1) significa, apenas, que a cidade será honrada e engrandecida pelo Senhor ou haverá, de fato, mudanças na topografia da terra? Ao que parece, trata-se de alterações físicas. Zacarias 14:4, 5 indica que ocorrerão transformações na topografia quando Cristo voltar.

5. Veja o contraste com Joel 3:10, em que a representação é descrita com um retrato oposto.
6. Não é prudente transformar Miquéias 5:1 numa profecia do que aconteceu com Jesus durante seu julgamento, apesar de ele ter sido esbofeteado no rosto, espancado com uma vara e açoitado (Mt 27:30; Mc 15:19; Jo 19:3). O contexto de Miquéias 5:1, sem sombra de dúvida, é o cerco de Jerusalém e não o julgamento de Jesus.

“VENHA O TEU REINO”

MIQUÉIAS 6 – 7

O profeta havia transmitido duas das três mensagens: uma mensagem de advertência (Mq 1 – 2) e uma de promessa (Mq 3 – 5). Sua terceira mensagem foi um desafio para que os judeus confiassem no Senhor e obedecessem à sua vontade, pois somente então a nação poderia escapar do terrível castigo e cumprir os propósitos de Deus neste mundo.

Ao ler a história do Antigo Testamento e as profecias, deve-se ter sempre em mente como era importante que Israel fosse obediente ao Senhor. Deus havia criado a nação para que trouxesse bênçãos ao mundo todo (Gn 12:1-3), pois seria por meio de Israel que viria o Salvador. “Porque a salvação vem dos judeus” (Jo 4:22). Quando os judeus começaram a adotar as práticas das nações pagãs a seu redor, foram contaminados por elas, tornando-se menos aptos a realizar a obra para a qual haviam sido chamados por Deus. Foi pelo fato de ter desprezado sua santa vocação que a nação precisou ser disciplinada com tanta severidade.

A primeira mensagem de Miquéias foi apresentada como uma cena que se desenrola num tribunal, e essa forma se repete em sua terceira mensagem. O Juiz declarou a acusação (Mq 6:1-8), pronunciou a sentença (Mq 6:9 – 7:7) e, em sua graça, prometeu misericórdia (Mq 7:7-20)! Miquéias usou esses três fatores – culpa, castigo e misericórdia – como argumentos para suplicar ao povo que se arpendesse e que voltasse para o Senhor.

Sua mensagem final é: “Confiai no Senhor não apesar dessas coisas, mas *por causa delas!*”, mensagem que precisamos ouvir também nos dias de hoje.

1. PELA GRANDE CULPA, CONFAI NO SENHOR (Mq 6:1-8)

Os pecados do povo estavam ocultos sob o verniz das atividades religiosas – cultos rotineiros que não vinham do coração. O profeta Isaías, contemporâneo de Miquéias, disse ao povo que a nação estava doente dos pés à cabeça (Is 1:5, 6), mas não o admitia, e que sua “adoração” não passava de pôr os pés nos átrios do templo (Is 1:12). Eram como o paciente que pediu ao médico para retocar suas radiografias, a fim de que não precisasse passar por uma cirurgia! Essa fraude não o curou, mas sim o levou a ficar ainda mais doente.

Nessa cena de um tribunal, o Senhor *chamou as testemunhas* (Mq 6:1, 2) e disse ao povo para estar preparado para defender sua causa. O Senhor abriu a sessão contando seu lado da controvérsia, enfatizando o modo bondoso como havia tratado a nação desde o princípio. Ele os havia remido da escravidão no Egito, havia lhes dado um líder que os conduziu pelo deserto com o auxílio do Senhor e os havia levado a sua herança prometida. E, ao longo dessa jornada, o Senhor havia suportado a incredulidade, a desobediência e as constantes murmurações de seu povo (Sl 106).

Em três ocasiões, Balaque, o rei de Moabe, ordenou que Balaão amaldiçoasse Israel, mas Deus transformou a maldição em bênção (Nm 22 – 24; Dt 23:5; Ne 13:2). Os israelitas nem faziam idéia da batalha espiritual em andamento e, ainda assim, Deus protegeu seu povo. Como os hebreus retríbuíram? Fizeram amizade com os moabitas, participaram de seus rituais religiosos ídolátricos e cometiveram adultério com as mulheres de Moabe (ver Nm 25)! Aquilo que Balaão não conseguiu fazer com suas maldições, os próprios judeus fizeram com seus desejos pecaminosos.

A expressão “de Sitim até Gilgal” (Mq 6:5) lembrou o povo de quando Israel atravessou o rio Jordão e entrou na Terra Prometida (Js 3 – 4). O mesmo Deus que abriu e fechou o mar Vermelho também abriu e fechou o rio Jordão para que seu povo pudesse se apropriar de sua herança. O Senhor

fez por eles aquilo que não podiam fazer por si mesmos, mas eles não se lembraram disso.

É bom que o povo de Deus aprenda com o passado e que se lembre com gratidão de tudo o que Deus fez por eles. O verbo “lembra” aparece pelo menos quatorze vezes no Livro de Deuteronômio, e os judeus foram instruídos, com frequência, a ensinar seus filhos sobre os feitos poderosos do Senhor (Êx 10:2; 13:8, 14; Dt 6:20ss; Js 22:24; Sl 78:1-8).

Apesar de não vivermos no passado, devemos aprender com ele, pois, do contrário, cometemos os mesmos erros. O filósofo George Santayana escreveu: “Aqueles que não conseguem se lembrar do passado estão condenados a repeti-lo”. Pelo fato de Israel haver se esquecido das misericórdias de Deus (Sl 106:7), acabou ignorando os mandamentos de Deus. O resultado foi um coração endurecido que se rebelou deliberadamente contra a vontade de Deus. O Senhor tinha todo o direito de lhes perguntar: “O que lhes fiz para me tratarem assim?”

Então, o povo respondeu a Deus (vv. 6, 7). Em vez de confessar seus pecados ou de permanecer calados, pois sua boca havia sido fechada pelo sentimento de culpa (Rm 3:19), perguntaram o que podiam fazer para livrar-se de seus pecados. Esse pedido mostra como, de fato, sua vida espiritual era superficial e como ignoravam a enormidade dos pecados que cometiam e o alto preço do perdão. Eram como o jovem rico, que não se via verdadeiramente como um pecador condenado diante de Deus (Mc 10:17-27), e não como o povo em Pentecostes, que sentiu o coração aflito e perguntou: “Que faremos, irmãos?” (At 2:37).

Temos a impressão de que esses questionadores estavam interessados em regatear com Deus e em “pagar para não ser importunados”, pois davam lances cada vez maiores: “Devemos levar alguns bezerros como holocausto? Se isso não for suficiente, talvez pudéssemos oferecer mil sacrifícios, como fez Salomão (1 Rs 3:4; 8:63). Será que rios de azeite lhe agradariam? E que tal o maior sacrifício: nossos próprios filhos oferecidos

no altar, como fez Abraão com Isaque?” Mas Deus não negocia com pecadores, e nenhum dos sacrifícios que oferecessem poderia tê-los purificado de seus pecados.

“Fazer penitência” sem, de fato, se arrepender e confiar na misericórdia de Deus só faz multiplicar o pecado e amortecer a consciência. Pensando ser bons o suficiente para agradar a Deus, os judeus perguntaram: “Que faremos para realizar as obras de Deus?” “A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado” (Jo 6:28, 29). A verdadeira fé salvadora vem de um coração quebrantado pelo arrependimento, que sabe que não há quantidade de boas obras capaz de expiar o pecado (At 20:21; 26:20; Ef 2:8, 9).

O profeta falou ao povo (v. 8) e disse-lhe exatamente o que o Senhor desejava que cada um deles fizesse. Tratava-se de uma questão pessoal que cada pecador deveria considerar como indivíduo. Sua resposta enfatizou a conduta ética e moral e não as cerimônias religiosas.¹ É claro que não podemos praticar a justiça, a menos que tenhamos sido justificados pela fé e que estejamos em ordem com Deus (Sl 32:1, 2; Rm 4:1-8). Como poderemos amar a misericórdia se não experimentarmos pessoalmente a misericórdia de Deus? (Ef 2:4; Tt 3:5). Se desejarmos andar humildemente com nosso Deus, precisamos antes nos prostrar humildemente diante dele, confessar nossos pecados e nos apropriar de suas promessas de perdão (Lc 14:11; Tg 4:10).

A parábola que Jesus contou sobre o fariseu e o publicano no templo (Lc 18:9-14) ilustra esses três pontos. O publicano foi justificado pela fé e não por realizar boas obras como aquelas das quais o fariseu se vangloriava. Uma vez que o publicano dependia da misericórdia de Deus para salvá-lo, humilhou-se diante do Senhor. O fariseu, por outro lado, informou a Deus (e a quem mais estivesse ouvindo no templo) como ele era bom e, portanto, quanto merecia a vida eterna.

Transformar Miquéias 6:8 num texto sobre a salvação é distorcer o que o profeta estava dizendo sobre o povo desobediente

da aliança de Deus. Nenhum de nós é capaz de fazer aquilo que Deus ordena sem que antes nos acheguemos ao Senhor como pecadores quebrantados que carecem da salvação. Por mais elevado que seja o padrão moral de vida que levam, os incrédulos que acreditam praticar a justiça, amando a misericórdia e caminhando com Deus em humildade, estão apenas enganando a si mesmos. “Não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou” (Tt 3:5).

As pessoas para as quais Miquéias ministrava simplesmente não comprehenderam o cerne de suas mensagens. O simples fato de serem tão culpadas diante de Deus deveria tê-las motivado a abandonar sua religiosidade superficial, humilhar-se e buscar a misericórdia do Senhor.

As únicas pessoas que Deus pode salvar são os perdidos; as únicas pessoas que Deus pode perdoar são os culpados. Se nos virmos como Deus nos vê, poderemos pela fé nos tornar aquilo que ele quer que sejamos.

2. PELO JULGAMENTO IMINENTE, CONFIAI NO SENHOR (Mq 6:9 – 7:7)

Pela segunda vez nesta passagem, Miquéias clama ao povo: “Ouvi” (vv. 1, 9). Como as multidões que Jesus ensinou, esses judeus tinham ouvidos para ouvir suas palavras, mas não conseguiam escutar a verdade de Deus nelas contida (Mt 13:9, 43). Faltava-lhes discernimento espiritual.

Deus fala do pecado e de suas consequências (6:9-16). O Senhor pediu ao povo de Jerusalém que temesse seu nome e que desse ouvidos ao que tinha a dizer, pois sem o temor do Senhor, não pode haver nem conhecimento nem sabedoria (Pv 1:7).² Deus condenou especificamente os comerciantes das cidades por suas práticas fraudulentas (Mq 6:10-12). Usavam pesos e medidas adulterados, de modo que os compradores não recebiam tudo aquilo pelo que haviam pago (ver Lv 19:35, 36; Dt 25:13-16).

Por que esse pecado entristecia tanto o Senhor? Porque, ao fazer tais coisas ilícitas, esses negociantes abusavam dos pobres e

necessitados da terra, pessoas com as quais Deus se preocupa de modo especial (Am 8:4-10). O sistema econômico da lei mosaica garantia o cuidado dos pobres e necessitados, mas os comerciantes ricos do tempo de Miquéias haviam abandonado esse sistema. Roubavam dos pobres tanto a justiça quanto os elementos mais essenciais para sua sobrevivência, um pecado que Deus não podia ignorar. E mais: além de fazer seus próprios pesos e medidas e de subornar os tribunais, os ricos eram explicitamente violentos (Mq 6:12; e também 2:2; 3:1-3). Usavam de força para despejar as pessoas de suas casas e terras e as deixavam desamparadas, sem lar ou sem qualquer fonte de renda. Quando os pobres tentavam se proteger indo à justiça, os comerciantes ricos mentiam sobre a situação e convenciam os oficiais de que suas ações eram certas.

Contudo, Deus determinou que as pessoas colham aquilo que plantam, seja o bem, seja o mal (Os 8:7; Gl 6:7, 8). Assim, os ricos opressores da terra deveriam ser julgados. Deus advertiu sobre dois tipos de julgamento (Mq 6:13-16). O primeiro (Mq 6:13-15) já estava em andamento, ocorrendo de modo lento e oculto, porém completo. “Assim, também passarei eu a ferir-te e te deixarei desolada por causa dos teus pecados” (v. 13). Esse julgamento era o colapso de seu sistema econômico, inclusive de suas colheitas (terrás roubadas), de seus investimentos (dinheiro roubado) e até do usufruto de tudo o que haviam acumulado. As coisas que os comerciantes desonestos haviam juntado para seu próprio prazer desapareceriam, e aquilo que tentassem desfrutar não lhes traria prazer algum (ver as advertências de Deus na aliança, em Dt 28:15ss).

O segundo julgamento (Mq 6:16) seria repentino e claro: a destruição total de Israel pela Babilônia. É impressionante Miquéias indicar a Babilônia como a agressora (Mq 4:10), pois naquela época os babilônios ainda não eram uma grande potência no cenário internacional. Todos temiam a Assíria e, de fato, os assírios acabaram com o reino do norte em 722 a.C. e causaram grandes estragos em Judá em 701 a.C. Contudo,

quando o Babilônia tivesse acabado de passar por Judá e Jerusalém, a nação estaria devastada, e o povo, envergonhado. Os pecados dos judeus os encontrariam.

O Senhor tentou usar o julgamento do reino do Norte para despertar e advertir o povo de Judá, o reino do Sul, mas os judeus não deram ouvidos. Defendiam-se, dizendo: “É impossível isso acontecer conosco. O templo está aqui!” No entanto, não estavam obedecendo à lei de Deus nem honrado a casa do SENHOR. Antes, seguiam os caminhos perversos dos dois reis de Israel, Onri e Aca-be, sendo que ambos fizeram “o que era mau perante o SENHOR; [fizeram] pior do que todos quantos foram antes dele[s]” (1 Rs 16:25; ver 16:30). Deveriam ter seguido os caminhos piedosos do rei Davi, pois foi por amor a Davi que Deus reteve seu julgamento por tanto tempo (1 Rs 11:13, 32, 34, 36; 15:4).

O profeta fala de sua tristeza (7:1-7). Os profetas não apenas proclamavam a mensagem de Deus com seus lábios, como também sentiam o peso do povo em seu coração. Jeremias chorou sobre os pecados de Judá em seu tempo e desejou ser capaz de chorar ainda mais (Jr 9:1ss), e Miquéias se lamentou, pois não havia restado pessoas piedosas na terra. Procurar uma pessoa piedosa era tão inútil quanto procurar frutos de verão depois de terminada a colheita.³

Miquéias comparou os oficiais perversos a caçadores que teciam redes engenhosas e nelas prendiam os desamparados. Esses oficiais e juízes eram hábeis na arte de tecer suas redes (deturpar a lei para que pudessem roubar dos incautos), mas não tinham a mesma aptidão para obedecer às leis de Deus. Eram como espinheiros que feriam o povo, quando deveriam ser como pastores cuidadosos, que ajudavam o povo.

“O dia anunciado por tuas sentinelas” (Mq 7:4) é uma referência ao dia do julgamento, quando as sentinelas nos muros veriam o inimigo se aproximando e avisariam o povo. Os profetas de Deus foram suas sentinelas (“atalaias”; Ez 3:18-21), advertindo a nação constantemente, mas os líderes não deram ouvidos. Preferiram as mentiras no

lugar da verdade, e isso lhes trouxe “confusão” (Mq 7:4).

Essa confusão atingiu todos os níveis da sociedade. Miquéias não se afligiu apenas com a corrupção dos oficiais, mas também com a infidelidade do povo em geral (Mq 7:5, 6). Não se podia confiar em ninguém! Quando a verdade deixa de ser o parâmetro para a sociedade, tudo começa a se desintegrar, pois a fidelidade à própria palavra é o que une a sociedade. A situação havia chegado a um ponto em que vizinhos e amigos não confiavam mais uns nos outros. A família, unidade fundamental da sociedade judaica, encontrava-se em acelerado processo de desintegração (Jesus chegou a citar Mq 7:6 em Mt 10:36).

Diante das condições lastimáveis da terra e do juízo iminente, não teria sido mais sábio o povo abandonar seus pecados e confiar no Senhor? Não teria sido mais prudente apropriar-se de 2 Crônicas 7:14 e buscar a face de Deus para que pudesse sarar a terra? Contudo, os pecadores não fazem o que é sábio, pois seus olhos estão cegos enquanto andam de um lado para outro na escuridão (Jo 3:19-21).

3. PELAS GRANDES MISERICÓRDIAS DE DEUS, CONFAI NO SENHOR (MQ 7:7-20)

O profeta chegou a um ponto crítico em que desviou o olhar dos pecados do povo e meditou sobre a fidelidade do Senhor. “Eu, porém, olharei para o SENHOR e esperarei no Deus da minha salvação; o meu Deus me ouvirá” (Mq 7:7). Ele iria vigiar, orar e depositar sua confiança somente no Senhor. Esse versículo é a “ponte” que liga a seção sobre pecado e julgamento a esta seção de encerramento sobre a esperança.

Nesta parte final da terceira mensagem de Miquéias, devemos distinguir diversas vozes: a nação (vv. 8-10), o profeta (vv. 11-13), o Senhor (vv. 14, 15) e, mais uma vez, o profeta (vv. 16-20). Também devemos entender que Miquéias olhava através dos séculos com uma visão profética, chegando até o dia em que Israel passaria por grandes tribulações vindouras, como “ensaios gerais”, por assim dizer. Contudo, o futuro

traria grande vitória para o povo de Deus e não derrota, quando o Senhor cumprisse suas promessas e estabelecesse seu reino.

A voz de Israel (vv. 8-10). Talvez o profeta estivesse falando em nome do remanescente ao expressar sua fé e coragem. O inimigo exultou com a derrota dos judeus e perguntou com menosprezo: “Onde está o SENHOR, teu Deus?” (Mq 7:10; ver Sl 42:3, 10; 79:10; 115:2).⁴ Mas o povo creu em Deus e confiou que, ainda que estivessem em trevas, veriam a luz, e ainda que tivessem sido derrotados, um dia conquistariam seus inimigos e os pisariam como a lama das ruas.

Tendo em vista que esses acontecimentos não ocorreram depois das invasões dos assírios e babilônios, devem ser atribuídas a um tempo futuro. De acordo com Jesus, os judeus passarão por grandes tribulações e serão alvo de todas as nações gentias no fim dos tempos (Mt 24:15-31). No final, porém, Cristo voltará e dará grande vitória a seu povo.

A voz do profeta (vv. 11-14). Miquéias fala à cidade de Jerusalém e lhe assegura que, apesar de ter sido atacada e destruída, um dia seria reconstruída. Os profetas falam com entusiasmo sobre a nova cidade e o novo templo de Israel (Is 2:1-5; Ez 40 – 48). Além disso, as fronteiras nacionais seriam expandidas de modo a incluir mais território do que antes.

Dante dessa magnífica promessa, o profeta elevou seu coração a Deus em oração (Mq 7:14), pedindo que o Senhor fosse o Pastor fiel de Israel e que cuidasse de seu povo (ver Mq 5:4; Is 40:11; Sl 80:1). Miquéias ansiava pela volta dos “bons tempos” do passado, quando a terra era fértil e tranquila, e o povo era como ovelhas obedientes que seguiam seu Pastor.

A voz do Senhor (v. 15). Deus respondeu a seu servo fiel e assegurou-lhe que estava, de fato, guardando seu rebanho e cuidando dele, como havia feito quando tinham deixado a terra do Egito. A imagem do “êxodo” é usada às vezes nas Escrituras para indicar o “êxodo” dos judeus, no fim dos tempos, das nações do mundo para sua própria terra (Is 11:15 – 12:6; 35:8-10; 43:14-

20; 51:9-11). Deus fará grandes maravilhas por seu povo nessa ocasião de sua história, quando as nações se unirem contra ele.

A voz do profeta (vv. 16-20). As outras nações do mundo ficaram sabendo da partida de Israel do Egito e de como Deus havia aberto o mar e temeram (Êx 15:14-16; Js 2:8-11). No entanto, as maravilhas que Deus fará por Israel nos últimos dias serão motivos de espanto ainda maior para as outras nações. Os gentios verão o poder de Deus, se envergonharão e ficarão paralisados.

Contudo, o acontecimento mais importante não será a vitória de Israel sobre seus inimigos, mas a vitória de Deus sobre Israel. O profeta estava certo do caráter imutável de Deus. “Quem, ó Deus, é semelhante a ti[?]” (Mq 7:18), uma pergunta que nos faz lembrar o significado do nome de Miquéias: “Quem é como Jeová?”. Ele é o Deus que perdoa os pecados e as transgressões e que se compraz em mostrar misericórdia. Ele manifesta compaixão por seu povo e trata dos pecados deles com determinação. Alguns estudiosos vêem, no versículo 19, uma ilustração do êxodo de Israel: o exército egípcio foi sepultado nas profundezas do mar Vermelho e terminou na lama.

Miquéias sabia que Deus não podia voltar atrás em suas promessas nem nos pactos de sua aliança com seu povo. O povo nem sempre foi fiel a Jeová, mas ele sempre foi fiel a seu povo (2 Tm 2:12, 13). Aquilo que prometeu a Abraão, pai de sua nação, cumprirá em seus muitos descendentes. Miquéias poderia ter feito suas as palavras do cântico:

Quão firme é o alicerce, ó santos do Senhor,
Lançado para vossa fé, em sua Palavra
de esplendor.

Quando Jesus Cristo veio ao mundo, Deus cumpriu algumas das promessas que havia feito aos judeus (Lc 1:72, 73), e cumprirá o restante: “Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele o sim” (2 Co 1:20).

São poucas as passagens das Escrituras que contêm tanta “teologia instilada” quanto

Miquéias 7:18-20. Nelas, vemos um reflexo do que Deus disse a Moisés no Sinai (Êx 34:5-7). Quanto mais conhecemos o caráter de Deus, mais podemos confiar nele para o futuro. Quanto mais conhecemos as promessas e alianças de Deus, mais paz teremos em nosso coração quando as coisas se desintegram ao nosso redor. Quando Miquéias escreveu essa confissão de fé, parecia não haver esperança alguma para o

futuro e, no entanto, para o profeta havia esperança, pois ele conhecia a Deus e confiava inteiramente nele.

Não importa quão escuro seja o dia, a luz das promessas de Deus continua a brilhar. Não importa quão confusas e assustadoras sejam as circunstâncias, o caráter de Deus é o mesmo.

Você tem motivos de sobra para confiar nele!

1. No entanto, Miquéias 6:8 não deve ser entendido equívocadamente como uma condenação do sistema sacrificial mosaico. Era correto os judeus levarem seus sacrifícios a Deus quando seu coração havia sido quebrantado pelo arrependimento e confissão dos pecados. Deus quer obediência e não sacrifícios (1 Sm 15:22). O sacrifício mais importante é aquele que vem de um coração quebrantado e contrito (Sl 51:16). Ver também Isaías 1:11-15 e Oséias 6:6. Adoração que não resulta em uma vida perdida não é adoração em absoluto.
2. A oração: “Ouvi, ó tribos, aquele que a cita” também pode ser traduzida por: “Atentai para a vara”. O que ou quem é “aquele que a cita” ou “a vara”? Trata-se de uma referência ao castigo que Deus enviou às nações ou à nação que trouxe o castigo? Ou, ainda, refere-se ao próprio Senhor? De acordo com Isaías 10:5, Deus chama a Assíria de “cetro [vara] da minha ira”. Na obra *The Minor Prophets: An Exegetical and Expository Commentary*, o Dr. Bruce Waltke sugere outra tradução: “Atentai, ó tribos e assembléia da cidade” (Grand Rapids, MI: Baker Book House, v. 2, p. 736). Quando os oficiais encontravam-se nas assembléias para tratar de negócios, cada líder tribal possuía seu cetro ou vara oficial que simbolizava sua autoridade (ver Nm 17). Deus dirige-se não apenas à cidade de Jerusalém em geral, mas também especificamente aos líderes reunidos para decidir o que fazer.
3. Devemos cuidar para não desenvolver um “complexo de Elías” e pensar que somos as únicas pessoas piedosas que restam (1 Rs 19:10). Davi sentiu-se assim (Sl 12:1), e também Isaías (Is 57:1). Porém, no caso de Miquéias, o remanescente justo era tão pequeno que parecia insignificante.
4. Sem dúvida, Miquéias 7:8-10 expressa os sentimentos e esperanças dos exilados tanto de Israel quanto de Judá. A Assíria e a Babilônia acabaram derrotadas e saíram de cena, mas não foram os judeus que as conquistaram. O retorno dos judeus do exílio na Babilônia foi um retrato em escala muito pequena do grande ajuntamento que ocorrerá nos últimos dias (Is 11:11-16; Mt 24:31).

NAUM

ESBOÇO

Tema-chave: A vingança de Deus contra seus inimigos

Versículos-chave: Naum 1:2, 7

I. DEUS É ZELOSO: NÍNIVE CAIRÁ – 1:1-15

1. Deus declara sua ira – 1:1-8
2. Deus fala a Nínive – 1:9-11, 14
3. Deus anima Judá – 1:12, 13, 15

II. DEUS É JUIZ: COMO NÍNIVE CAIRÁ – 2:1-13

1. Os invasores surgem e avançam – 2:1-4
2. A cidade é capturada – 2:5-10
3. Os conquistadores escarnecem de seus cativos – 2:11-13

III. DEUS É JUSTO: POR QUE NÍNIVE CAIRÁ – 3:1-19

1. Sua matança impiedosa – 3:1-3
2. Sua idolatria – 3:4-7
3. Seu orgulho e autoconfiança – 3:8-19

CONTEÚDO

1. A cidade não existe mais..... 502

NAUM EM SUA ÉPOCA

Sabe-se pouco sobre Naum, exceto pelo fato de que era da cidade de Elcos (cuja localização não temos como determinar com certeza) e que foi um profeta de Deus

que anunciou a queda de Nínive, a capital do império assírio. Menciona a captura da cidade egípcia de Tebas, que ocorreu em 663 a.C., e prediz a queda de Nínive, que aconteceu em 612 a.C., de modo que essas datas o situam em Judá, durante os reinos de Manassés (695-642 a.C.) e de Josias (640-609 a.C.). Assim, seus contemporâneos devem ter sido Jeremias, Sofonias e Habacuque.

Seu nome significa “consolo” ou “compaixão” e sua mensagem sobre o extermínio da Assíria certamente consolou o povo de Judá, que havia sofrido nas mãos da Assíria. Os assírios haviam tomado o reino do Norte, Israel, em 722 a.C., dispersando o povo; mais tarde, tentaram tomar Judá, no tempo de Ezequiel (701 a.C.), mas foram derrotados pelo Anjo do SENHOR (Is 37). A Assíria estava sempre pairando sobre o pequenino reino de Judá, e ver esse povo impiedoso fora do caminho seria uma grande melhora para a situação de Judá.

Jonas havia anunciado o fim de Nínive um século antes, mas Deus havia retido seu julgamento, pois os ninivitas tinham se arrependido. Sem dúvida, o Senhor foi longânimo ao poupar a cidade por tanto tempo, especialmente tendo em vista que os assírios voltaram a seus caminhos maus. A mensagem de Naum é dirigida especificamente aos assírios, mas o profeta também teve o cuidado de encorajar o povo de Judá.

A CIDADE NÃO EXISTE MAIS

NAUM 1 – 3

A rainha Vitória estava comemorando sessenta anos no trono da Inglaterra quando Rudyard Kipling publicou seu poema *Recessional* [Hino de encerramento]. Nem todos na Grã-Bretanha gostaram do poema, pois ele contestava o orgulho nacional numa época em que o império estava em seu auge. *Recessional* era uma advertência de que outros impérios haviam desaparecido do palco da história e de que os ingleses poderiam seguir o mesmo caminho. Deus ainda era o Juiz das nações. Nas palavras de Kipling:

Nossa marinha em portos distantes desaparece,
Em dunas e promontórios seu fogo esmorece.
Vede que nosso esplendor de outrora
Juntou-se ao de Nínive e Tiro!
Juiz das nações, poupaí-nos, te pedimos
E que não nos esqueçamos, que não nos
esqueçamos!

O profeta Naum teria aplaudido esse poema, especialmente a referência de Kipling a Nínive, pois foi Naum quem escreveu o livro do Antigo Testamento que descreve com nitidez a destruição de Nínive, acontecimento que marcou o início do fim para o império assírio.¹ Naum deixou claro que Deus, de fato, é o Juiz das nações e que “a soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda” (Pv 16:18). No século VII antes de Cristo, a simples menção de Nínive enchia o coração das pessoas de temor, mas hoje Nínive é citada principalmente por estudiosos da Bíblia, arqueólogos e pessoas que se

interessam pela história da antiguidade. *Sic transit gloria!*

1. DEUS É ZELOSO: NÍNIVE CAIRÁ (NA 1:1-15)

O profeta caracteriza sua mensagem inspirada tanto como uma “sentença” quanto como uma “visão”, algo que ele experimentou e viu. A palavra “sentença” é usada com freqüência para descrever mensagens proféticas que anunciam julgamento. Isaías usou a palavra dez vezes em suas profecias ao escrever sobre a “sentença contra a Babilônia”, a “sentença contra Moabe”² (Is 13:1) e assim por diante. Essas sentenças resultavam de visões que Deus dava aos seus profetas sobre acontecimentos terríveis ordenados contra as nações. Não era fácil para os profetas ver o que o futuro reservava e sentiam o peso de sua mensagem. Nínive só é mencionada pelo nome em Naum 2:8, mas sua destruição é o tema do livro.

Deus fala de si mesmo (vv. 2-8). Há três palavras importantes nesse parágrafo que devem ser compreendidas, pois todas estão relacionadas ao caráter de Deus: zelo, vingança e ira.

O zelo é pecaminoso quando se manifesta como ciúme, que implica desconfiança, inquietação e insegurança. No entanto, também é uma virtude, se entendido como dar valor àquilo que temos e que desejamos proteger. Quando marido e mulher são fiéis um ao outro, zelam um pelo outro e fazem tudo para manter a exclusividade desse relacionamento.

Uma vez que foi Deus quem criou todas as coisas e que tudo lhe pertence, ele não tem ciúmes de ninguém, mas tendo em vista que é o único Deus verdadeiro, zela por sua glória, por seu nome e pela adoração e honra que são devidas somente a ele. No segundo mandamento, Deus proibiu a adoração a ídolos e apoiou essa proibição com um motivo: “porque eu sou o SENHOR, teu Deus, Deus zeloso” (Êx 20:5).

Quando estudamos o Livro de Oséias, vimos que o Senhor estava “casado” com Israel, dentro de um relacionamento de aliança, e qualquer violação da aliança incitava

seu amor zeloso. Ele não divide seu povo com falsos ídolos, assim como um marido não divide a esposa com o vizinho. “Porque não adorarás outro deus; pois o nome do Senhor é Zeloso; sim, Deus zeloso é ele” (Êx 34:14). “Porque o SENHOR, teu Deus, é fogo que consome, é Deus zeloso” (Dt 4:24; ver também 6:15; 32:16, 21; 1 Rs 14:22). Nínive era uma cidade entregue à iniqüidade, especialmente à idolatria e à crueldade, e o amor zeloso de Deus ardia contra seu orgulho e obstinação em transgredir sua lei.

As Escrituras normalmente apresentam a vingança como pecado. Tanto Jesus quanto Paulo advertiram sobre isso (Mt 5:38-48; Rm 12:17-21). Porém, um Deus santo e justo não pode ver as pessoas desprezando sua lei sem tomar uma providência. “A mim me pertence a vingança, a retribuição [...], tomarei vingança contra os meus adversários e retribuirei aos que me odeiam” (Dt 32:35, 41). O povo de Deus orava pedindo que o Senhor o vingasse quando outras nações o atacavam. “Ó SENHOR, Deus das vinganças, ó Deus das vinganças, resplandece” (Sl 94:1). Quando Deus se vinga julgando um povo, ele o faz porque é um Deus justo para com sua santa lei.

A ira de Deus não é como a ira humana, que pode manifestar-se de maneira egoísta e descontrolada. Trata-se de uma ira santa, uma indignação justa contra tudo o que desafia sua autoridade e desobedece à sua lei. O povo de Deus deve ter uma ira santa contra o pecado (Ef 4:26), pois, como disse Henry Ward Beecher: “Uma pessoa que não sabe irar-se não sabe ser bondosa”. É claro que ele estava se referindo à ira justa que se opõe ao mal. Se somos capazes de ficar parados de braços cruzados enquanto pessoas inocentes e desamparadas são maltratadas e exploradas, então há algo de errado conosco. “A ira é um dos tendões da alma”, escreveu Thomas Fuller. “Aquele que não a possui tem a mente mutilada.”

Em Naum 1:2, o profeta escreveu que Deus estava “cheio de ira”, e, no versículo 6, descreveu a “indignação” de Deus como algo tão feroz e poderoso que “se derrama como fogo” e pode demolir rochas. No entanto, o

versículo 3 nos garante que a ira de Deus não é um ataque de furor nem um acesso de raiva, pois o Senhor é “tardio em irar-se” (ver Jn 4:2; Êx 34:6; Nm 14:18).

Deus é tão poderoso que, se sua ira não fosse santa e se ele não fosse “tardio em irar-se”, poderia facilmente destruir tudo. Ele controla as forças da natureza (Na 1:3); abriu o mar Vermelho para o povo de Israel atravessar e pode reter a chuva e fazer as regiões mais férteis da terra definharem (v. 4).² No Sinai, fez o monte estremecer (Êx 19:18) e, quando lhe apraz, pode fazer as pessoas tremerem (Hb 12:18-21).

O Deus que Naum nos apresenta é um Deus zeloso, irado com o pecado (Na 1:2), mas também é um Deus bom que se preocupa com seu povo (v. 7). Naum nos convida (como diz Paulo) a “[considerar], pois, a bondade e a severidade de Deus” (Rm 11:22). “Deus é amor” (1 Jo 4:8, 16), mas também é luz (1 Jo 1:5), e seu amor é santo. Ele é um refúgio para aqueles que nele confiam, mas também é uma “inundação transbordante” para os que são seus inimigos.

Deus fala a Nínive (vv. 9-11, 14). Ele informa os líderes da Assíria que sabe de suas intrigas (vv. 9, 11) e fará com que seus planos sejam frustrados. Quando as nações orgulhosas conspiraram contra Deus, ele zomba delas e transforma seus ardilos em confusão (Sl 2:1-4). Os assírios haviam conspirado contra Judá nos dias do rei Ezequias, e Deus atrapalhou seus planos (Is 36 – 37), mas o Senhor não permitiria que esse tipo de intriga ocorresse outra vez. Em vez de marchar em triunfo, seus líderes seriam como bêbados emaranhados em espinheiros e como palha consumida pelo fogo (Na 1:10).

O conspirador (“aquele que maquina o mal”) mencionado no versículo 11 é o rei da Assíria, e Deus se dirige a ele no versículo 14 fazendo três declarações: (1) sua dinastia chegará ao fim, pois ele não terá descendentes; (2) o auxílio de seus deuses e deusas chegará ao fim, pois eles serão destruídos; e (3) sua vida chegará ao fim, pois Deus preparará seu sepulcro. Que mensagem severa para um homem que estava certo de que seus planos seriam bem-sucedidos! Por que

Deus faria todas essas coisas? A resposta é clara: o rei era “um conselheiro vil”.

Deus fala a Judá (vv. 12, 13, 15). Apesar de o exército assírio ser maior do que o exército de Judá e de a Assíria ter mais aliados para ajudá-la a lutar, isso não significava que a vitória assíria era garantida, pois Deus estava lutando em favor de Judá. Por certo, o Senhor havia usado a Assíria para disciplinar Judá no passado, mas isso não aconteceria novamente.³ Dessa vez, Deus quebraria o jugo e removeria os grilhões que a Assíria havia colocado em Judá, e ela não voltaria a atacá-los.

Na antiguidade, as notícias eram levadas por mensageiros, e os vigias nos muros esquadriňhavam o horizonte na esperança de que mensageiros trariam boas notícias. Nesse caso, de fato era uma boa notícia: o mensageiro anunciaría que Nínive havia caído e que o exército assírio havia sido derrotado e desbaratado (v. 15).⁴ Judá poderia viver em paz e desfrutar suas festas anuais e festivais religiosos de costume.

Encontramos essa mesma declaração em Isaías 52:7, em que o mensageiro anunciou a derrota da Babilônia, e o apóstolo Paulo citou esse versículo em Romanos 10:15, aplicando-o à proclamação do evangelho aos pecadores perdidos. Normalmente não pensamos nos pés como sendo formosos, mas certamente o são quando permitem que um mensageiro leve as boas novas de que Deus derrotou nossos inimigos. Para Judá, significava que a Assíria estava completamente destruída e que jamais voltaria a invadir sua terra. Para nós, que cremos em Cristo, significa que ele derrotou completamente o pecado, a morte e Satanás e que agora estamos livres para desfrutar as bênçãos da salvação.

2. DEUS É JUIZ: COMO NÍNIVE CAIRÁ (Na 2:1-13)

Em 612 a.C., os medos e os babilônios uniram-se para atacar Nínive, e o Senhor usou-os para julgar a cidade perversa. Este capítulo é uma descrição vívida do que ocorreu segundo a visão que Deus deu a Naum.

Os invasores surgem e avançam (vv. 1-4). Os guardas nos muros da cidade viram o

exército avançando, e os oficiais bradaram ordens e palavras de encorajamento a seus soldados. Quase podemos ouvir os comandos ásperos: “Guarda a fortaleza, vigia o caminho, fortalece os lombos, reúne todas as tuas forças!” (v. 1). Acima de todo o barulho, escuta-se a voz do Senhor falando a Israel e a Judá e assegurando que serão restaurados e reunidos (v. 2).⁵

O exército invasor era tremendo em número de homens, couraças, armas e carros (vv. 3, 4). Seus escudos já estavam vermelhos de sangue. Os carros eram como chamas ao correr de um lado para outro pelas ruas da cidade, e os soldados não encontraram dificuldade de matar o povo indefeso.

A cidade é capturada (vv. 5-10). “Os nobres”, no versículo 5, incluem o rei da Assíria, que havia conspirado contra o Senhor e seu povo (Na 1:9). Ele reuniu seus melhores oficiais e lhes ordenou que protegessem os muros, mas era tarde demais. Em vez de marcharem como heróis, cambalearam como bêbados. Os líderes estavam certos de que sua fortaleza era impenetrável, mas suas defesas foram a causa de sua destruição.

Os invasores represaram o rio Coser, que cortava a cidade, e depois soltaram a água de modo que destruísse parte do muro e algumas construções. Depois disso, foi fácil para os medos e babilônios entrarem na cidade e assumirem o controle. No entanto, não podiam assumir o crédito por sua vitória, pois era Deus quem havia decretado que a cidade fosse destruída e que seus habitantes fossem mortos ou levados cativos (Na 2:7). Os invasores não passaram de instrumentos de Deus para executar sua vontade.

Primeiramente, os soldados enfileiraram os prisioneiros para levá-los a suas próprias terras, onde se tornariam escravos. Naum comparou o êxodo à água escoando de um açude. Então, os soldados começaram a saquear a cidade, incrivelmente rica, enquanto o povo assistia em desalento. “O coração se derrete, os joelhos tremem, em todos os lombos há angústia, e o rosto de todos eles empalidece” (Na 2:10). Nínive estava sendo tratada como havia tratado os outros: seus pecados a haviam encontrado.

Os conquistadores escarnecem de seus cativos (vv. 11-13). A última palavra foi do profeta falando em nome de Deus. Enquanto os cativos assírios – líderes e cidadãos comuns – eram levados embora e os captores carregavam os tesouros da cidade, Naum zombou dos ninivitas comparando sua terrível situação no presente com sua glória no passado.

A imagem do leão era usada com freqüência pelos assírios em sua arte e arquitetura. Ao visitar uma sala assíria de qualquer museu, verá enormes estátuas de leões. Mais do que isso, porém, os assírios agiam como leões ao espreitar sua presa e devorar completamente seus prisioneiros. “Onde está, agora, o covil dos leões?”, perguntou Naum enquanto a cidade era destruída. “Onde estão todas as suas presas, os tesouros tomados de outros sem qualquer piedade?” Os leões normalmente carregam para seu covil alimento suficiente para si mesmos e para seus filhotes, mas os assírios acumularam riquezas desmedidas, muito mais do que precisavam e à custa de vidas humanas.

Não é de se admirar que Deus anunciou: “Eis que eu estou contra ti” (v. 13). Mais de um século antes, o Senhor havia enviado Jonas para advertir o povo de Nínive, e quando a cidade se arrependeu, retirou seu julgamento. Contudo, o tempo dos ninivitas havia se esgotado e era chegado o fim. A Assíria seria deixada sem armas, sem líderes e sem vitórias a serem anunciadas por seus mensageiros. Em vez disso, os inimigos da Assíria ouviriam a voz dos mensageiros anunciando paz, pois a Assíria havia sido derrotada (Na 1:15).

3. DEUS É JUSTO: POR QUE NÍNIVE CAIRÁ (NA 3:1-19)

“Não fará justiça o Juiz de toda a terra?” (Gn 18:25). Deus é longâmido, mas chega um momento em que faz pesar sua mão de julgamento. “Repreendes as nações, destróis o ímpio e para todo o sempre lhes apagais o nome” (Sl 9:5). Naum apresenta três motivos pelos quais Nínive merece ser julgada.

Sua matança impiedosa (vv. 1-3). Os assírios eram diplomatas sagazes que mentiam para outras nações; depois quebravam suas promessas e destruíam esses povos. Matavam

gente sem consideração por idade ou sexo e empilhavam os corpos como se fossem entulho, a fim de servir de advertência para qualquer um que se opusesse a eles. O derramamento de sangue inocente é um pecado grave que Deus vê, lembra e julga (Dt 19:11-13; 2 Rs 21:16; 24:4; Sl 106:38; Pv 6:16, 17; Is 59:7). Ditadores perversos que autorizam a matança cruel de vítimas inocentes um dia responderão a Deus por seus crimes contra ele e contra a humanidade.

Sua idolatria (vv. 4-7). Nas Escrituras, a idolatria é associada, com freqüência, à prostituição, e quando consideramos que a principal divindade de Nínive era Ishtar, deusa da paixão sexual, da fertilidade e da guerra, podemos entender por que Naum usou essa metáfora. Em decorrência de sua cegueira espiritual, os assírios foram seduzidos por essa deusa perversa e estavam sob o controle da lascívia, da ganância e da violência. As pessoas tornam-se semelhantes ao deus que adoram (Sl 115:8), pois aquilo em que cremos determina a forma como nos comportamos. A Assíria espalhou essa influência maligna para outras nações e escravizou-as com sua feitiçaria (ver a descrição do sistema religioso corrupto no fim dos tempos de acordo com Ap 17).

Na antiguidade, era comum envergonhar as prostitutas exibindo-as publicamente, e foi isso o que Deus prometeu fazer com Nínive. O Senhor iria expor a nudez da Assíria diante de todas as nações, e esse seria o fim de sua influência perversa. A cidade magnífica e rica se tornaria um monte de ruínas.

Seu orgulho e autoconfiança (vv. 8-19).

Neste parágrafo de encerramento, Naum usa várias imagens para mostrar aos assírios suas fraquezas e para garantir-lhes que seriam finalmente derrotados.

O profeta começa com um fato histórico: a derrota da cidade egípcia de Tebas ou Nô-Amom pelos assírios em 663 a.C. (vv. 8-11). Se você visitar Carnaque e Luxor no Alto Egito, verá o lugar onde ficava a antiga Tebas. Essa capital do Alto Egito era segura e protegida de qualquer invasor e, no entanto, foi derrotada pelos assírios. Como Nínive, Tebas ficava perto de águas que deveriam lhe servir

de defesa, mas ainda assim a cidade foi tomada. Tebas possuía muitos aliados, mas estes não puderam protegê-la.

O que a Assíria fez com o povo de Tebas seria, agora, feito com eles: suas crianças seriam despedaçadas, os líderes se tornariam escravos e o povo seria exilado. Pela argumentação de Naum, se isso aconteceu a Tebas, por que não poderia acontecer a Nínive? Seu orgulho e autoconfiança seriam totalmente destruídos quando os medos e babilônios capturassem a cidade. Nínive beberia do cálice da ira de Deus até embriagar-se (v. 11; ver Sl 75:8; Is 51:17; Jr 25:14ss).

Na verdade, a conquista seria tão fácil que pareceria com figos maduros caíndo na boca de uma pessoa (Na 3:12). Isso porque os ferozes soldados assírios perderiam suas forças e ficariam como mulheres: fracos, assustados e incapazes de enfrentar o inimigo (vv. 13, 14).⁶ Não conseguiram trancar as portas da cidade nem impedir o inimigo de incendiá-las; também não seriam capazes de consertar os muros nem de carregar água para apagar o fogo.

A imagem seguinte é a de um inseto (vv. 15-17). Os soldados invasores arrasariam a terra e a cidade como uma praga de gafanhotos ou de locustas que não deixaria nada para trás. Os comerciantes babilônios também

eram como gafanhotos ao juntar todos os tesouros que encontravam. Os líderes assírios, porém, eram como locustas que dormem no muro num dia frio, mas quando sai o sol, sentem o calor e voam indo embora. O rei e seu conselho eram confiantes demais, como locustas dormindo no muro, mas quando ocorreu a invasão, fugiram para um lugar seguro!

A Assíria podia ser comparada a um rebanho disperso, cujos pastores dormiam (v. 18), ou como um corpo ferido para o qual não havia cura (v. 19a). Não tinham aliados para salvá-los, pois todas as outras nações se alegrariam quando soubessem que o império assírio havia sido exterminado (v. 19b).

Assim como o Livro de Jonas, o Livro de Naum termina com uma pergunta: "porque sobre quem não passou continuamente a tua maldade?" (v. 19) Naum enfatiza a mesma verdade declarada pelo profeta Amós: Deus castiga nações cruéis que seguem políticas desumanas e práticas brutais (Am 1 – 2). Quer seja a prática de genocídio, a exploração dos pobres, o apoio à escravidão ou a omissão em suprir as necessidades mais básicas, Deus conhece os pecados de líderes nacionais e, a seu tempo, os julga.

Se questionar esse fato, vá procurar Nínive.

1. Nínive foi destruída pelos medos e babilônios em 612 a.C., mas o império não caiu logo em seguida. Remanescentes do exército e da liderança política lutaram até serem conquistados em 609 a.C., na batalha de Harã. Porém, quando Nínive caiu, os sinos se dobraram pelo fim do império.
2. O Líbano ao norte, Carmelo a leste e Basã a oeste eram conhecidos por sua fertilidade. Ver Isaías 2:13; 33:9 e 35:2.
3. Isaías 10:5-18 explica que a Assíria foi o instrumento de Deus ("cetro da minha ira") para disciplinar Judá por sua idolatria, mas os assírios haviam se excedido e sido impiedosos demais. Em seu orgulho, o rei da Assíria havia se vangloriado de suas vitórias passadas, de modo que o Senhor anunciou que iria humilhá-lo. Foi o que Deus fez quando seu anjo destruiu 185 mil soldados assírios em uma noite (Is 37:36-38; ver 10:16).
4. Naum 1:15, em nossa versão da Bíblia, corresponde a Naum 2:1 no texto hebraico. Que contraste entre o anúncio de paz em 1:15 e a declaração de guerra em 2:1!
5. O nome "Jacó" provavelmente é uma referência a Judá, o reino do Sul, e Israel refere-se ao reino do Norte, disperso pela Assíria em 722-721 a.C. Tendo em vista que essa promessa ainda não se realizou, seu cumprimento aguarda a volta de Cristo, quando ele estabelecerá seu reino e restaurará o esplendor de Israel.
6. Essa figura não tem a intenção de rebaixar as mulheres, civis ou militares, em qualquer sentido, nem de sugerir que lhes falta força ou coragem. Os exemplos bíblicos de Raabe, Débora, Jael, Rute e Ester provam que as Escrituras podem exaltar a coragem e o serviço de mulheres dedicadas. No entanto, devemos nos lembrar de que o mundo antigo possuía uma sociedade masculina; as mulheres eram mantidas sob proteção, e certamente não se esperava que participassem de batalhas. Expressões semelhantes a "fracos como mulheres" eram comuns e foram usadas tanto por Isaías (Is 19:16) como por Jeremias (Jr 50:37; 51:30).

HABACUQUE

ESBOÇO

Tema-chave: O justo viverá pela fé

Versículo-chave: Habacuque 2:4

I. O PROFETA QUESTIONA-SE E SE PREOCUPA – 1:1-17

1. Deus é indiferente – 1:2-4

Deus responde: Estou trabalhando 1:5-11

2. Deus é incoerente – 1:12-17

II. O PROFETA VIGIA E ESPERA – 2:1-20

1. Escreva a visão de Deus – 2:1-3

2. Confie na Palavra de Deus – 2:4, 5

"O justo viverá pela fé" – 2:4

3. Proclame o julgamento de Deus – 2:6-20

(1) Ai dos egoístas – 2:6-8

(2) Ai dos gananciosos – 2:9-11

(3) Ai dos exploradores – 2:12-14

"A glória do Senhor encherá a terra" – 2:14

(4) Ai dos bêbados – 2:15-17

(5) Ai dos idólatras – 2:18-20

"Deus ainda está assentado em seu trono"

– 2:20

III. O PROFETA ADORA E TESTEMUNHA – 3:1-19

1. Ele ora a Deus – 3:1, 2

2. Ele medita sobre os caminhos de Deus – 3:3-15

3. Ele louva a Deus – 3:16-19

CONTEÚDO

1. O profeta se preocupa
(Hc 1)..... 509

2. O profeta vigia e espera
(Hc 2)..... 513
3. O profeta adora
(Hc 3)..... 519

HABACUQUE EM SUA ÉPOCA

Habacuque foi contemporâneo de Naum, de Sofonias e de Jeremias durante os reinos de Josias (640-609 a.C.) e de Jeoacim (609-598 a.C.). A Assíria havia saído de cena, e a Babilônia ("os caldeus") estava no poder. Nabucodonosor havia derrotado o Egito em 605 a.C. e estava prestes a atacar Judá. Jeremias havia anunciado que a Babilônia invadiria Judá, destruiria Jerusalém e o templo e enviaria a nação para o exílio. Isso ocorreu em 606-586 a.C.

O pequeno livro de Habacuque indica que ele, como teólogo competente, conhecia bem as Escrituras e tinha grande fé em Deus. Em função do salmo registrado no capítulo 3, alguns estudiosos acreditam ser possível que ele fosse um sacerdote que dirigia a adoração no templo. Se esse é o caso, como Jeremias e Ezequiel, era um sacerdote chamado para ser profeta – um ministério ainda mais difícil.

Seu nome significa "abraçar" ou "lutar", e em seu livro ele faz as duas coisas. Seu conflito com Deus foi entender como um Deus santo podia usar uma nação perversa como a Babilônia para disciplinar o povo de Judá, e assim, pela fé, aceitou o que Deus lhe disse e apegou-se a suas promessas. Habacuque também lutou contra o declínio espiritual de sua nação e perguntou-se por

que Deus não estava tomando uma providêncial. O profeta desejava ver o povo renovado (Hc 3:2), mas Deus não estava respondendo às suas orações.

A declaração de Habacuque: “mas o justo viverá pela sua fé” (Hc 2:4) é citada três

vezes no Novo Testamento (Rm 1:17; Gl 3:11; Hb 10:38). A ênfase em Romanos é sobre o justo, em Gálatas sobre como ele deve viver e em Hebreus sobre a fé propriamente dita. São necessários três livros para explicar e aplicar esse único versículo!

Os comentários em itálico são as garantias que Deus deu a Habacuque em meio aos “ais”. Elas nos lembram de que não importa quão difícil a vida venha a se tornar, podemos confiar nas promessas de Deus (v. 4), sua glória prevalecerá (v. 14) e ele está em seu santo trono e tem controle absoluto sobre as pessoas e os acontecimentos (v. 20). Quando Habacuque se deu conta disso, começou a cantar (cap. 3).

O PROFETA SE PREOCUPA

HABACUQUE 1

Um dos “mitos cristãos” modernos que devem ser calados diz que, quando você crê em Jesus Cristo, livra-se de todos os problemas. Não é assim.

É verdade que seu problema espiritual básico – seu relacionamento com Deus – fica resolvido, mas com essa solução surge uma série de novos questionamentos que você não tinha quando era incrédulo, como por exemplo: “Por que pessoas boas sofrem e pessoas perversas prosperam?”, “Por que Deus não está respondendo à minha oração?” ou “Por que sofro tanta oposição dos outros quando estou fazendo o meu melhor para o Senhor?”

Os cristãos que dizem não ter problemas não estão dizendo a verdade nem vivendo dentro da realidade. Talvez simplesmente nem estejam pensando. Vivem num mundo religioso utópico, que impede seu contato com a realidade e reprime sentimentos verdadeiros. Assim como os consoladores incômodos de Jó, tais pessoas confundem um otimismo superficial com a paz de Deus e uma “boa vida” com a bênção de Deus. Você não ouve fazer a mesma pergunta que Davi e Jesus fizeram: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Sl 22:1; Mt 27:46).

Habacuque não era esse tipo de crente. Ao examinar a terra de Judá e, em seguida, observar o cenário internacional, viu-se lutando com alguns problemas sérios. Porém, o profeta fez a coisa certa: levou seus problemas para o Senhor.

1. “POR QUE DEUS É TÃO INDIFERENTE?” (Hc 1:2-11)

Uma vez que era um homem perceptivo, Habacuque sabia que o reino de Judá estava

se deteriorando rapidamente. Desde a morte do rei Josias, em 609 a.C., suas reformas religiosas haviam sido esquecidas, e seu filho e sucessor, Jeoáquim, vinha conduzindo a nação cada vez mais para perto da calamidade (se você deseja saber o que Deus pensava de Jeoáquim, leia Jr 22:13-19).

A preocupação do profeta (vv. 2, 3). O vocabulário de Habacuque neste capítulo indica que os tempos eram difíceis e perigosos, pois ele usa palavras como violência, iniqüidade, destruição, contendas e injustiça. Habacuque orou pedindo a Deus que tomasse uma providência quanto à violência, às contendas e às injustiças na terra, mas Deus pareceu não ouvir. No versículo 2, o profeta começa usando o verbo “clamar”, que significa simplesmente “pedir socorro”, mas em seguida diz: “gritar-te-ei”, que no original significa “clamar com um coração perturbado”. Ao orar sobre a perversidade em sua nação, Habacuque foi ficando cada vez mais aflito e se perguntou por que Deus parecia tão indiferente.

A causa fundamental (v. 4). Os problemas de Judá eram causados por líderes que não obedeciam à lei. “Por esta causa, a lei se afrouxa, e a justiça nunca se manifesta, porque o perverso cerca o justo, a justiça é tortida” (v. 4). Os ricos exploravam os pobres e escapavam do castigo subornando os oficiais. A lei era ignorada ou distorcida, e ninguém parecia se importar. Os tribunais eram corruptos, os oficiais só se interessavam em ganhar dinheiro, e a admoestação deÊxodo 23:6-8 era completamente desconsiderada.

O conselho do Senhor (vv. 5-11). Deus respondeu a Habacuque e garantiu-lhe que, ainda que seu servo não pudesse ver, o Senhor estava operando em meio às nações.¹ Deus deu a Habacuque uma revelação e não uma explicação, pois aquilo que precisamos nos momentos de dúvida é de uma nova visão de Deus. O Senhor não nos deve nenhuma explicação, mas, em sua graça, revela a si mesmo e suas obras àqueles que o buscam.²

Aquilo que o Senhor estava fazendo era tão impressionante, incrível e incomum que até mesmo seu profeta ficaria estarrecido: Deus estava planejando disciplinar os judeus

usando os perversos babilônios! A Babilônia era uma “nação amarga e impetuosa” (v. 6), e seus habitantes, “pavorosos e terríveis” (v. 7), gente que era sua própria lei e que não temia ninguém. O único propósito dos babilônios era promover a si mesmos, conquistando e escravizando outros povos.

O Senhor usou várias imagens da natureza para descrever os babilônios e como tratavam as pessoas. Seus cavalos tinham a velocidade dos leopardos e a ferocidade dos lobos, e seus soldados tomavam as presas como águias. Seus exércitos varriam o deserto como o vento e reuniam e deportavam prisioneiros como um homem escava areia e a envia para uma terra estrangeira.

Haveria alguma coisa que pudesse detê-los? Certamente Deus poderia, mas era ele quem os estava chamando para ajudar! Nada na esfera humana seria capaz de impedir o avanço dos babilônios. Não tinham respeito algum por autoridades, quer fossem reis quer generais (uma de suas práticas era colocar reis capturados em jaulas e exibi-los como animais). Em seus cercos, escarneciam de portas e de muros, enquanto construíam as rampas e capturavam as cidades fortificadas. O poder era o seu deus e dependiam somente de suas próprias forças.

Habacuque descobriu que Deus não estava indiferente aos pecados do povo de Judá. O Senhor planejava disciplinar Judá ao permitir que os babilônios invadissem a terra e transformassem os judeus em exilados.³ Essa não era a resposta que Habacuque estava esperando. Sua esperança era que Deus enviasse a seu povo um reavivamento (ver Hc 3:2), julgasse os líderes perversos e estabelecesse a justiça na terra. Só assim, a nação poderia escapar do julgamento, e o povo e as cidades seriam poupadados.

Porém, Deus havia advertido seu povo repetidamente sem que desse ouvidos. Vários profetas haviam proclamado a Palavra (2 Cr 36:14-21), só para ser rejeitados. Deus havia enviado calamidades naturais, como secas e pragas, bem como diversas derrotas militares, mas o povo não se abalou. Em vez de se arrependerem, as pessoas endureceram seu coração ainda mais e buscaram a

ajuda dos deuses das nações a seu redor. Havia tentado a longanimidade de Deus tempo suficiente, e era chegada a hora de o Senhor agir.

2. “COMO DEUS PODE SER TÃO INCOERENTE?” (Hc 1:12-17)

Para Habacuque, a primeira resposta de Deus, na verdade, não havia sido uma resposta coisa nenhuma. Na verdade, só havia criado um novo problema ainda mais desconcertante: a incoerência da parte de Deus. Como era possível um Deus santo usar uma nação perversa para castigar seu povo especial?

A santidade de Deus (vv. 12, 13). O profeta concentrou-se no caráter de Deus, como Jonas ao discordar do que Deus estava fazendo (Jn 4:2). Nas palavras de G. Campbell Morgan: “Os homens de fé são sempre os homens que devem confrontar os problemas”, pois quem crê em Deus, às vezes se pergunta por que ele permite que certas coisas aconteçam. Mas não se esqueça de que existe uma diferença entre dúvida e incredulidade. Assim como Habacuque, aquele que tem dúvidas dirige suas perguntas a Deus e talvez até discuta com ele, mas o questionador não abandona a Deus. A incredulidade, porém, é uma forma de rebeldia contra Deus, uma recusa em aceitar o que ele diz e faz. A incredulidade é uma decisão, enquanto a dúvida nasce da mente preocupada e do coração quebrantado.

A discussão de Habacuque com Deus é um curso breve de teologia. O profeta partiu do fato de os babilônios serem pecadores muito mais perversos que o povo de Judá, então como era possível Deus usar gentios maus e idólatras para castigar seu próprio povo escolhido? É certo que seu povo merecia ser castigado, mas Deus não podia encontrar um instrumento melhor? Isso significaria o fim de sua nação? Não, pois “Não morreremos” (Hc 1:12). Deus tinha propósitos a serem cumpridos por intermédio de seu povo e iria preservá-lo, mas os judeus passariam por provações dolorosas.

Era preciso que o profeta se lembrasse de dois fatos: (1) Deus havia usado outros

instrumentos para disciplinar seu povo – guerras, calamidades naturais, a pregação dos profetas –, mas eles não haviam dado ouvidos; (2) quanto maior o conhecimento, maior a responsabilidade. Sem dúvida, os babilônios eram pecadores perversos, mas eram idólatras e não conheciam o verdadeiro Deus vivo. Isso não desculpava seus pecados (Rm 1:18ss), mas explicava sua conduta. Os judeus afirmavam conhecer o Senhor e, ainda assim, estavam pecando justamente contra a lei na qual diziam crer! O pecado na vida de um cristão é muito pior do que o pecado na vida de um incrédulo. Quando o povo de Deus lhe desobedece deliberadamente, ele o faz apesar de todo o conhecimento que possui do Senhor e de todo o amor divino.

Habacuque lembrou o Senhor de que ele é eterno e, portanto, desde o princípio já sabia qual seria o fim e era impossível ser pego de surpresa. É o Deus poderoso (“Rocha”), ao qual pertence todo o poder, o Deus que nunca muda. Assim, o que dizer de sua aliança com os judeus? E quanto a suas promessas especiais? Como Deus santo, não podia olhar o pecado com aprovação (Hc 1:13); no entanto, estava “tolerando” o pecado na terra de Judá e se “calando”, enquanto os babilônios se preparavam para devorar seu povo! O desejo de Habacuque era que Deus dissesse ou fizesse alguma coisa, mas ele estava calado e parecia passivo.

Lembre-se de que, para Habacuque, não se tratava simplesmente de um problema nacional ou teológico, mas também de uma questão pessoal, pois o profeta clamou: “Ó SENHOR, meu Deus, ó meu Santo” (Hc 1:12). Os acontecimentos nacionais e internacionais estavam afetando seu relacionamento com Deus, e isso lhe causava grande preocupação. Porém, lutar com esses desafios é a única maneira de fazer crescer os “músculos da fé”. Evitar perguntas difíceis ou contentar-se com meias-verdades e respostas superficiais complacentes significa continuar na imaturidade, mas encarar as questões honestamente e discuti-las com o Senhor promove o crescimento na graça e no conhecimento de Cristo (2 Pe 3:18).⁴

A fragilidade do povo (vv. 14, 15). Depois de apresentar seu caso tomando por base a santidade de Deus, Habacuque argumentou do ponto de vista da fragilidade do povo (vv. 14, 15). Judá jamais seria capaz de sobreviver a um ataque dos ferozes babilônios. Para eles, a vida não tinha valor algum, e os prisioneiros de guerra eram sacrificáveis. As pessoas eram como peixes a ser fisgados ou répteis marinhos a ser capturados em redes varredouras.

Como era possível Deus permitir que seu povo fraco fosse invadido por uma nação tão impiedosa e cruel? É claro que os falsos profetas de Judá estavam dizendo: “de modo algum isso acontecerá aqui” (ver Jr 6:14; 8:11; 14:13ss), mas seu otimismo cego logo seria desmascarado, e todos veriam que suas palavras não passavam de mentiras. Durante quarenta anos, o profeta Jeremias advertiu o povo de Judá e suplicou que voltassem para Deus, mas eles se recusaram a ouvir. Judá não precisava de grande poderio militar, mas sim de fé obediente em Deus.

A arrogância do inimigo (vv. 16, 17). A terceira abordagem do profeta foiressaltar como os babilônios viviam e adoravam. Seu deus era o poder (ver Hc 1:11), confiavam em sua força militar (“a sua rede”; vv. 16, 17) e idolatravam a violência. Os babilônios eram “soberbos” (Hc 2:4) em sua arrogância e autoconfiança. Como era possível Deus honrá-los ao dar-lhes vitória sobre Judá? Deus estava enchendo a rede deles de vítimas, e os caldeus estavam esvaziando a rede ao destruir uma nação após a outra (Hc 1:17).

Habacuque poderia ter dito mais coisas sobre a religião abominável dos babilônios. Acreditavam numa miríade de deuses e deusas, sendo Bel o cabeça do panteão. Anu era o deus do céu, Nebo, o deus da literatura e da sabedoria e Nergal, o deus do Sol. A feitiçaria era uma parte importante de sua religião, que incluía a adoração a Ea, o deus da magia. Seus sacerdotes praticavam adivinhações e usavam agouros, sendo que todas essas coisas eram proibidas pela lei de Moisés. Parecia sem sentido algum o Senhor

permitir a tal povo espiritualmente ignorante conquistar Judá e a terra que abrigava seu templo.

Habacuque terminou sua defesa e esperou que Deus falasse. Como um servo, pôs-se a esperar e a vigiar (Hc 2:1), perguntando-se como Deus responderia à sua "queixa". A resposta do Senhor encontra-se registrada no capítulo 2.

Contudo, antes de ouvir a animadora resposta de Deus, devemos fazer uma pausa para examinar nosso próprio coração. Entregamo-nos completamente a Deus e estamos dispostos a deixar que ele faça conosco e com aqueles que ama aquilo que lhe aprouver? Não há nada de errado em lutar com os problema da vida e em buscar uma compreensão maior da vontade de Deus, mas devemos ter o cuidado de não começar a contestar a Deus para tentar fazê-lo mudar de idéia.

Admiramos Habacuque por ser um homem honesto e por desejar que Deus pouasse o povo que amava. Desejamos imitá-lo em sua sinceridade e disposição de ouvir a resposta de Deus. Contudo, também queremos lembrar o que Paulo escreveu aos cristãos em Roma:

Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!

Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído?

Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!

Romanos 11:33-36.

1. Paulo citou esse versículo no encerramento de sua mensagem na sinagoga de Antioquia da Pisídia (At 13:41; e ver também Is 29:14). Foi uma advertência para que o povo não tratasse o evangelho levianamente e, portanto, o rejeitasse. A declaração original de Habacuque referia-se à vinda dos babilônios, mas Paulo aplicou-a à obra salvadora de Jesus Cristo e à oferta do evangelho. Ambos são obras maravilhosas de Deus.
2. Aquilo que Habacuque sofreu em menor escala, Jó sofreu de modo muito mais intenso, e a resposta de Deus para as perguntas de Jó foi simplesmente se revelar a seu servo. Não vivemos de explicações, mas sim de promessas, e as promessas de Deus baseiam-se em seu caráter. O ponto crítico da experiência de Jó ocorreu quando ele fechou sua boca, parou de argumentar com Deus e começou a adorar ao Senhor (Jó 40:1-5; 42:1-6). Habacuque teve uma experiência parecida. Nada como uma nova visão da glória de Deus para dar forças para a jornada!
3. Jeremias daria mais detalhes, explicando que o povo passaria setenta anos no exílio. Depois disso, um remanescente voltaria a Judá, reconstruiria o templo e estabeleceria a nação. Ver Jeremias 25 e 29.
4. Sua pergunta: Por que "te calas"? (v. 13) já foi feita tanto por santos quanto por pecadores ao longo dos séculos. É claro que Deus não está calado, pois através de sua Palavra ele fala àqueles que têm ouvidos para ouvir. Falou mais alto no Calvário, onde seu Filho amado morreu na cruz, pois a expiação é a resposta definitiva e completa de Deus para os pecados do mundo. Por causa da cruz, Deus é "justo e o justificador" (Rm 3:26). Ele tanto preservou sua lei como manifestou seu coração amoroso. O pecado foi julgado e abriu-se caminho para os pecadores se tornarem filhos de Deus. Ninguém pode se queixar de uma resposta tão sábia e amorosa!

O PROFETA VIGIA E ESPERA

HABACUQUE 2

Este capítulo relata uma experiência de Habacuque semelhante àquela registrada pelo salmista Asafe no Salmo 73. Assim como Habacuque, Asafe viu-se atônito diante da obra providencial de Deus neste mundo: estava aflito porque os perversos pareciam prosperar, enquanto os justos sofriam. Como Habacuque, arrazoou com Deus e, também como o profeta, deu ao Senhor a oportunidade de responder.

"Em só refletir para compreender isso," escreveu, "achei mui pesada tarefa para mim; até que entrei no santuário de Deus e atinei com o fim deles" (Sl 73:16, 17). Lá no santuário, ele encontrou a resposta de Deus para seu problema, e seu lamento transformou-se em cântico.

Juntemo-nos a Habacuque na torre de vigia, seu santuário, e ouçamos o que o Senhor lhe disse. Quando Deus falou a seu servo, incumbiu-o de três responsabilidades.

1. ESCREVA A VISÃO DE DEUS (Hc 2:1-3)
O profeta viu-se como um vigia nos muros de Jerusalém esperando uma mensagem de Deus que pudesse transmitir ao povo. Na antiguidade, os vigias (ou "atalaias") eram responsáveis por alertar a cidade de qualquer perigo que se aproximasse, e se não fossem fiéis, o sangue do povo que morresse ficaria nas mãos deles (Ez 3:17-21; 33:1-3). Tratava-se de uma grande responsabilidade.

A imagem do vigia tem uma lição espiritual para nós nos dias de hoje. Como povo de Deus, devemos saber que o perigo se aproxima, e é nossa responsabilidade alertar as pessoas a "fugir da ira vindoura" (Mt 3:7).

Se não compartilharmos o evangelho com os pecadores perdidos, então é possível que seu sangue fique em nossas mãos. Queremos ser capazes de dizer como Paulo: "Portanto, eu vos protesto, no dia de hoje, que estou limpo do sangue de todos" (At 20:26).

Temos a impressão de que Habacuque temia o que Senhor poderia lhe dizer por causa da "queixa" de seu servo. No entanto, em sua graça Deus respondeu a seu profeta e deu-lhe a visão que ele necessitava para passar da preocupação à adoração. A visão consistiu não apenas das palavras de Habacuque, no capítulo 2, mas também da revelação da glória de Deus registrada em Habacuque 3:3-15. Contemplar a glória de Deus e crer na Palavra de Deus dá-nos fé para aceitar a vontade de Deus.

Não estariamos estudando este livro hoje se Habacuque não tivesse obedecido às ordens de Deus e escrito o que o Senhor lhe havia dito e mostrado. Este texto deveria ser registrado de modo permanente, a fim de que geração após geração pudesse lê-lo. Também deveria ser claro, escrito de modo que qualquer um pudesse lê-lo; deveria, ainda, ser público, a fim de que alguém que passasse correndo pelas tâbuas expostas compreendesse a mensagem imediatamente.¹ Habacuque não era a única pessoa de Judá que precisava dessa mensagem, e era sua obrigação passá-la para frente.

A revelação que Deus deu foi sobre e para um tempo futuro. Ainda que a aplicação imediata fosse o cativeiro na Babilônia, o escritor da epístola de Hebreus interpretou-a como uma referência também à volta de Jesus Cristo. Conduzido pelo Espírito Santo, ele a aplicou a nosso Senhor: "Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará" (Hb 10:37). Assim como os escarnecedores sobre os quais Pedro escreveu, é possível que alguns leitores perguntam: "Onde está a promessa da sua vinda?" (2 Pe 3:3ss), e a resposta de Deus é: "Esperem por ela, pois certamente virá!" Um judeu desalentado no exílio babilônio poderia perguntar: "O Senhor virá e nos livrará?" e a resposta seria: "Sim! Espere por ele!"

2. CONFIE NA PALAVRA DE DEUS (Hc 2:4, 5)

Aqui, o contraste apresentado é entre pessoas de fé e pessoas que, em sua arrogância, confiam em si mesmas e deixam Deus de fora de sua vida. A aplicação imediata era aos babilônios.

O pecador. Os babilônios eram “soberbos”, cheios de orgulho de seu poderio militar e de suas grandes conquistas. Havia construído um império impressionante, o qual estavam certos de ser invencível. As palavras de Nabucodonosor expressam perfeitamente esse fato: “Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com o meu grandioso poder e para glória da minha majestade?” (Dn 4:30).

No entanto, Nabucodonosor e os babilônios não eram os únicos arrogantes, orgulhosos e auto-suficientes. Essa é a situação da maioria das pessoas da sociedade de hoje que pertence ao mundo e que vivem em função dele. O apóstolo João nos advertiu sobre “a soberba da vida” (1 Jo 2:15-17), que pertence ao sistema deste mundo em oposição a Deus e que é desprovido de Deus.

Além de torná-las arrogantes, o que o orgulho faz com as pessoas? Ele as distorce interiormente, pois a alma do incrédulo “não é reta”, o que significa que os apetites de seu ser interior são depravados e pecaminosos. Ele se deleita com aquilo que Deus abomina, com o que Deus condena nos cinco “ais” deste capítulo. Uma das principais causas da corrupção deste mundo é aquilo que Pedro chama de “corrupção das paixões” (2 Pe 1:4), que quer dizer simplesmente “desejos perversos, concupiscências”. Se não fosse por esses apetites mais baixos que as pessoas anseiam por satisfazer, as “indústrias do pecado” jamais prosperariam.

O orgulho também torna as pessoas inquietas: nunca estão satisfeitas (Hc 2:5). É por isso que são dadas ao vinho, nunca estão em paz nem contentes. Estão sempre buscando alguma nova experiência para provocar suas emoções ou alguma nova conquista para torná-las importantes. O orgulho torna-nos gananciosos. Os babilônios não estavam satisfeitos com o que tinham.

Cobiçavam ainda mais terras e riquezas e, portanto, tinham como objetivo conquistar todas as nações que se colocassem em seu caminho. Mais de um rei ou ditador da história tomou esse mesmo rumo, só para descobrir que ele conduz à decepção, ruína e morte.

O justo. E agora, o contraste: “mas o justo viverá pela sua fé” (Hc 2:4b; ver Rm 1:17; Gl 3:11; Hb 10:38). Essa é a primeira de três certezas maravilhosas que Deus dá neste capítulo para estimular seu povo. Ela enfatiza a graça de Deus, pois a graça e a fé sempre andam juntas. Habacuque 2:14 ressalta a glória de Deus e nos assegura de que, apesar de este mundo estar cheio de violência e de corrupção (Gn 6:5, 11-13), um dia ele se encherá da glória de Deus. A terceira certeza encontra-se em Habacuque 2:20 e enfatiza a soberania de Deus. Os impérios podem se elevar e cair, mas Deus está assentado em seu santo trono e é o Rei dos reis e Senhor dos senhores.

As palavras “o justo viverá pela sua fé” foram o lema da Reforma e podem muito bem ter sido as mais importantes de toda a história da Igreja. Foi o versículo 4, citado em Romanos 1:17, que ajudou a levar Martinho Lutero à verdade da justificação pela fé. “Esse texto”, disse Lutero, “foi para mim a verdadeira porta do Paraíso”.

A justificação é um ato de Deus em sua graça, mediante o qual ele declara reto o pecador que crê e atribui-lhe uma reputação perfeita em Jesus Cristo. A pessoa “justa” não é alguém que preenche todos os requisitos de Deus por meio de boas obras, “porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei” (Gl 2:19; ver Rm 4:5). “Pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão” (Gl 2:21).

A parábola que Jesus contou sobre o fariseu e o publicano deixa claro que não há esforço religioso que possa salvar um pecador perdido (Lc 18:9-14). Não podemos nos justificar diante de Deus, pois juntamente com o mundo todo somos culpados e condenados perante seu trono (Rm 3:19). Tudo o que podemos fazer é depositar nossa fé para salvação em Jesus Cristo e em sua obra

na cruz, pois esse é o único caminho para sermos salvos. “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5:1).

A vitória. Não somos apenas salvos pela fé (Ef 2:8, 9), mas também instruídos a viver pela fé. “E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1 Jo 5:4). A fé é um modo de vida exatamente oposto à “soberba” e à dependência dos próprios recursos. Habacuque sabia que o povo de Judá teria pela frente tempos difíceis e que seu único recurso era confiar na Palavra de Deus e descansar em sua vontade.

Viver pela fé é o tema principal do Livro de Hebreus (Hb 10:30), pois nele a expressão “pela fé” pode ser encontrada pelo menos vinte e duas vezes. Viver pela fé significa crer na Palavra de Deus e lhe obedecer, independentemente de como nos sentimos, do que vemos ou de quais possam ser as consequências. Esse fato é ilustrado em Hebreus 11, o famoso capítulo da Bíblia sobre os “heróis da fé”. Os homens e mulheres citados nesse capítulo são pessoas comuns que realizaram feitos extraordinários porque confiaram em Deus e fizeram o que ele lhes ordenou. Alguém disse bem que ter fé não é crer apesar das evidências, mas sim obedecer apesar das consequências, descansando na fidelidade de Deus.

3. DECLARE O JULGAMENTO DE DEUS (Hc 2:6-20)

Para os judeus fiéis na terra, Deus seria refúgio e força (Na 1:7; Sl 46), mas para os perversos babilônios, seria um Juiz que, a seu tempo, os castigaria por seus pecados e lhes daria o que mereciam. Em seu “cântico de escárnio”, Deus pronuncia “ais” sobre cinco pecados diferentes, todos eles comuns no mundo de hoje.

Ambição egoísta (vv. 6-8). A ambição, em si, pode ser uma coisa boa, mas é ruim se motiva as pessoas a serem gananciosas, egoísticas e agressivas. “[Esforço-me], deste modo, por pregar o evangelho” (Rm 15:20), disse Paulo, e Deus honrou essa santa ambição. Paulo também escreveu: “É por isso que também nos esforçamos [...], para lhe

sermos agradáveis” (2 Co 5:9), uma ambição que devemos imitar.

Os babilônios se consumiam de ambição egoísta, e não havia o que os impedisse de adquirir riquezas e de expandir seu reino. Tinham depósitos enormes de bens roubados, saqueados de pessoas desamparadas. Deus os advertiu de que os donos dessa riqueza um dia se levantariam para condená-los e para recuperar o que lhes era devido.² Então, os babilônios é que seriam as vítimas! Isso ocorreu quando os medos e persas invadiram a Babilônia e derrubaram Belsazar (Dn 5). A Babilônia saqueou outras nações e ela própria foi saqueada. O babilônios haviam derramado rios de sangue, e seu sangue foi derramado. É uma lei básica do universo: mais cedo ou mais tarde colhemos aquilo que semeamos.

Ganância (vv. 9-11). De acordo com Efésios 4:28, há três maneiras de se obter riqueza: você pode trabalhar por ela, roubá-la ou recebê-la de presente. Roubar é uma transgressão do oitavo mandamento: “Não furtarás” (Ex 20:15). Os babilônios tomaram terras que não lhes pertenciam, a fim de construir um império que os glorificasse e que lhes garantisse proteção. Seu objetivo era ter segurança como a do ninho de uma águia nos altos penhascos. É claro que se tratava de uma falsa segurança, pois nenhum indivíduo ou nação pode construir muros altos o suficientes para deixar Deus de fora.

Quais seriam as consequências dessa ganância? Em vez de casas e de famílias para trazer-lhes honra, teriam desgraça e vergonha e acabariam perdendo a vida. “Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mc 8:36). Os próprios materiais de suas residências caras testemunhariam contra eles, pois haviam sido saqueados de pessoas indefesas. Tiago usou uma imagem semelhante quando advertiu os ricos sobre como os salários que deviam aos trabalhadores testemunhariam contra eles no julgamento (Tg 5:1-6).³

É bem provável que alguns dos judeus gananciosos tenham sentido remorso ao ouvir essa acusação, pois estavam acumulando fortunas explorando os pobres e usando

esse dinheiro para construir mansões (ver Am 3:15 e 6:11). Os profetas repreenderam os ricos em várias ocasiões, pois viviam em meio ao luxo, enquanto os pobres sofriam. Jesus advertiu seus discípulos: “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer aveza” (Lc 12:15), um aviso que vale para os dias de hoje. “Não cobiçarás” (Êx 20:17) pode ser o último dos dez mandamentos, mas, se formos gananciosos, correremos o risco de quebrar os outros nove!

Exploração do povo (vv. 12-14). A Babilônia foi construída com o sangue de vítimas inocentes que os babilônios derramaram. Foi construída por prisioneiros de guerra, cujo trabalho escravo era explorado ao máximo. A Babilônia orgulhava-se daquilo que havia construído, mas Deus disse que não iria durar e que era apenas lenha para o fogo. A cidade da Babilônia era um prodígio da arquitetura, mas seus grandes projetos não tinham valor algum. Hoje não existe mais nada, e quem quiser saber como a Babilônia era, precisa visitar um museu.

Quando estava estudando no seminário em Chicago, uma de nossas turmas fez exatamente isso: visitamos um museu para ver uma exposição sobre a Babilônia. Lembro-me de como fiquei impressionado com a maquete da cidade, maravilhado com o fato de que paredes, muros e prédios grandiosos como aqueles pudesse ter sido construídos na antiguidade. Contudo, minha admiração transformou-se em desgosto quando me lembrei de que a cidade havia sido construída com o trabalho de escravos e que a alma de um daqueles escravos era mais valiosa para Deus do que todas aquelas construções.

Em contraste com a vergonha e a infâmia da Babilônia, Deus prometeu que sua glória um dia cobriria a Terra (v. 14). A “glória” da Babilônia foi efêmera, mas a glória do Senhor permanecerá para sempre. Sem dúvida, o Senhor foi glorificado quando a Babilônia caiu diante de seus inimigos em 539 a.C. (ver Jeremias 50 - 51) e será glorificado quando for destruída a Babilônia do fim dos tempos, aquele último grande império que se opõe a Deus (Ap 17 - 18). Quando

Jesus Cristo voltar e estabelecer seu reino, então verdadeiramente a glória de Deus cobrirá toda a Terra (Is 11:1-9).⁴

A queda da “grande Babilônia” é uma lembrança para nós de que aquilo que o homem constrói sem Deus não pode durar. O explorador acabará perdendo tudo, e as “utopias” humanas se transformarão em catástrofes. Não é possível explorar pessoas feitas à imagem de Deus e esperar escapar do julgamento de Deus. Pode levar tempo, mas um dia o julgamento vem.

Embriaguez e violência (vv. 15-17). Esse retrato repulsivo pode ser interpretado tanto pessoal quanto nacionalmente. Ao mesmo tempo que a Bíblia não exige abstinência total, adverte sobre os males das bebidas fortes (Pv 20:1; 21:17; 23:20, 21, 29-35; Rm 13:13; Gl 5:21; 1 Ts 5:7). A embriaguez e o comportamento sensual com freqüência andam juntos (Gn 9:20-27; 19:30-38; Rm 13:11-14).

No entanto, a palavra “companheiro” também pode ser uma referência a uma nação vizinha, “embriagada” com o poder da Babilônia e despida diante dos exércitos invasores babilônios. Nas Escrituras, beber de um cálice pode ser um retrato de julgamento (Jr 25:15ss), e a nudez por vezes se refere aos efeitos devastadores de uma invasão militar (Is 47:1-3).

Contudo, aquilo que a Babilônia fez com os outros, Deus faria com ela. A Babilônia foi um cálice de ouro nas mãos de Deus (Jr 51:7) usado para disciplinar as nações, mas Deus lhe daria de beber de um cálice que traria sua ruína (ver Ap 16:19).⁵ Ela seria envergonhada quando as outras nações vissem sua nudez. Sentiria a vingança divina: a violência que fez a outros lhe seria feita; assim como derramou o sangue de outros, seu sangue seria derramado, e como ela destruiu as terras de outras nações, sua terra seria devastada. A glória de Deus cobriria a Terra, mas a “glória” da Babilônia seria recoberta de vergonha. O retrato é o de um bêbado repulsivo, vomitando sobre si mesmo, uma cena nem um pouco agradável.

Vale a pena observar que Deus menciona a forma como a Babilônia tratou as árvores

e os animais (Hc 2:17), sugerindo que os soldados cometiam desperdícios, cortando árvores desnecessariamente e matando gado para usar a lenha e a carne em suas campanhas militares. Deus também menciona sua preocupação pelos animais em Jonas 4:11, portanto verifique as referências. Ficamos imaginando quantas aves a animais perderam a vida ou seu habitat em função dessa política. Ver Deuteronômio 20:19, 20 para a política de Israel com referência aos suprimentos de guerra.

Idolatria (vv. 18-20). Infelizmente, o povo de Judá também era culpado desse pecado, pois, durante os anos de declínio do reino, adoraram os deuses de outras nações. Todos os profetas clamaram contra essa transgressão flagrante do segundo mandamento (Êx 20:4-6), mas o povo se recusou a arrepender-se.

O que é idolatria? Romanos 1:25 dá a melhor resposta: é adorar e servir a criatura em vez do Criador. Começou com Lúcifer que disse: "Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo" (Is 14:14) e entrou na humanidade quando Satanás tentou Eva com estas palavras: "E, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal" (Gn 3:5). É uma filosofia amplamente aceita no mundo que o homem é o que há de mais elevado no universo e que pode puxar-se pelos próprios cabelos e colocar-se em qualquer nível que desejar. "Glórias ao homem nas maiores alturas!"

A idolatria não apenas é uma forma de desobediência à Palavra de Deus, como também é tola e fútil. De que vale um deus feito pelo homem? É muito mais racional adorar ao Deus que fez o homem (ver Rm 1:18ss)! A idolatria não só é inútil (ver Sl 115), mas também causa verdadeiro mal ao ensinar mentiras (Hc 2:18) e ao dar às pessoas uma falsa segurança de que ídolos sem vida podem ajudá-las. Para um exemplo concreto desse tipo de raciocínio tolo, leia Jeremias 44.

Os ídolos são substitutos mortos do Deus vivo (Sl 115). Tudo aquilo de que as pessoas se agradam além de Deus, tudo aquilo a que se dedicam e pelo que se sacrificam,

tudo aquilo que não podem viver sem é um ídolo e, portanto, condenado por Deus. A maioria das pessoas de países civilizados não adora imagens da natureza feitas por mãos humanas, mas se a definição acima está correta, a sociedade moderna tem seus ídolos exatamente como a Babilônia. Pessoas famosas são "ídolos" de milhões, especialmente políticos, atletas, magnatas, atores e atrizes. Até mesmo estrelas já falecidas, como Marilyn Monroe, James Dean e Elvis Presley, ainda têm seus seguidores. Também é possível adorar e servir a coisas como carros, casas, barcos, jóias e obras de arte. Ainda que todos nós apreciemos objetos bonitos e úteis, uma coisa é possuí-los e outra bem diferente é ser possuído por eles. De acordo com Albert Schweitzer: "Qualquer coisa que tiver e que não seja capaz de dar é algo que não possui, mas sim que possui você". Encontrei pessoas que idolatravam seus filhos e netos a ponto de se recusarem a permitir que estes sequer considerassem dedicar sua vida ao serviço cristão.

A posição social pode ser um ídolo, bem como a realização profissional. Para alguns, seu ídolo é o apetite (Fp 3:19; Rm 16:18) e vivem apenas em função de sentir prazer carnal. A capacidade intelectual pode ser um ídolo terrível (2 Co 10:5), quando as pessoas adoram seu QI e recusam-se a submeter-se à Palavra de Deus.

Deus conclui sua resposta a Habacuque dando-lhe uma terceira certeza: "O SENHOR, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra" (Hc 2:20; ver Sl 11:4). A primeira certeza ressaltava a graça de Deus (Hc 2:4), e a segunda, a glória de Deus (v. 14). Essa terceira certeza concentra-se na soberania de Deus; ele está assentado em seu trono e tem o controle de todas as coisas. Assim, não devemos murmurar contra Deus nem questionar o que ele está fazendo. Como servos fiéis, devemos simplesmente parar e ouvir suas ordens. "Aquietai-vos e sabei que eu sou Deus" (Sl 46:10).

Contemplar a visão de Deus e ouvir sua voz fez uma enorme diferença na vida de Habacuque. Ao compreender o significado

das três grandes certezas que Deus lhe deu, passou da preocupação e da vigilância à adoração. No capítulo de encerramento de

seu livro, compartilhará conosco a visão que recebeu de Deus e a diferença que isso fez na vida dele.

-
1. Os comentaristas e tradutores não apresentam um consenso quanto ao que significa, de fato, a frase: “para que possa ler até quem passa correndo”. F. F. Bruce apresenta a tradução: “para que aquele que lê possa fazê-lo com facilidade” (Thomas E. McCormick [Edit.]. *An Exegetical and Expository Commentary on the Minor Prophets*. Baker Book House, 1993, v. 2, p. 858). Bruce explica que essa frase significa não que a pessoa começará a correr, mas sim que o leitor, ao olhar de relance, será capaz de captar o texto – escrito com letras grandes e legíveis – “só de correr os olhos sobre ele”. Parece ser isso o que o Senhor disse a Habacuque.
 2. A imagem encontrada na segunda parte de Habacuque 2:6 parece ser a de um devedor oferecendo garantias (“penhores”) a um banqueiro e prometendo pagar dentro de um determinado prazo. Habacuque escreveu, portanto: “O predador (Babilônia), na verdade, é um credor, e um dia suas vítimas se insurgirão para reaver o que lhes é devido. Será o dia do pagamento!”. F. F. Bruce traduz o versículo 6b da seguinte forma: “Ai daquele que multiplica aquilo que não lhe pertence – mas por quanto tempo? E acumula penhores” (F. F. Bruce, p. 864).
 3. Jesus usou a imagem das pedras clamando quando purificou o templo, e as crianças cantaram louvores a Deus (Lc 19:40). Se as pessoas não louvam a Deus, então a natureza inanimada o fará! A idéia de pedras darem testemunho já aparece em Josué 24:27.
 4. Isaías prometeu que “a terra se encherá do conhecimento do SENHOR” (Is 11:9), uma oração relacionada a Números 14:21. Quando os serafins sobre o trono de Deus olham para a Terra, vêem-na cheia da glória de Deus (Is 6:3), ainda que ela não pareça gloriosa do nosso ponto de vista. Quando oramos: “Venha o teu reino”, estamos orando para que se cumpra Habacuque 2:14. “Da sua glória se encha toda a terra” (Sl 72:19).
 5. Alguns vêem nisso o retrato do conquistador dando de beber aos governantes conquistados um cálice de veneno. Contudo, a ênfase parece ser sobre a desgraça e não sobre a morte.

3

O PROFETA ADORA HABACUQUE 3

Quando Habacuque começou seu livro, estava “no fundo do vale”, em conflito com a vontade de Deus. Então se elevou até a torre de vigia, esperando pela resposta do Senhor. Depois de ouvir a Palavra de Deus e de ver a sua glória, tornou-se como uma corça saltando confiantemente no alto dos montes (Hc 3:19)! Sua situação continuava inalterada, mas ele havia mudado e estava caminhando pela fé e não pelas aparências. Estava vivendo de promessas e não de explicações.

Não é fácil elevar-se na vida de fé, mas quem deseja viver num vale? Como Habacuque, devemos conversar abertamente com Deus sobre nossas dificuldades, devemos orar, meditar na Palavra de Deus e estar dispostos a sentir temor e tremor quando o Senhor se revelar a nós (v. 16). Mas terá valido a pena quando alcançarmos novos picos de fé e descobrirmos novas oportunidades de crescimento e de serviço.

O que levou Habacuque do vale para o alto do monte? As mesmas disciplinas espirituais que também podem nos elevar: oração, visão e fé. Habacuque intercedeu pela obra de Deus (vv. 1, 2), meditou sobre os caminhos de Deus (vv. 3-15) e afirmou a vontade de Deus (vv. 16-19).

1. ORAÇÃO: ORE PELA OBRA DE DEUS (Hc 3:1, 2)

Este capítulo é um “salmo de oração” que pode ter sido usado na adoração no templo de Jerusalém.¹ (Para outros “salmos de oração”, ver Sl 17; 86; 90; 102 e 142.) O profeta começou a orar ao Senhor e não discutir com o Senhor, e sua oração logo se transformou em louvor e adoração.

Ele orou porque havia ouvido Deus falar. O termo “declarações” é o mesmo que “relatos” e refere-se ao que Deus havia lhe dito anteriormente (Hc 2:2, 3). Conhecer a vontade de Deus deve nos levar a orar pedindo: “Seja feita a tua vontade”. O mesmo Deus que determina os fins também determina os meios para alcançar esses fins. “Nada tendes, porque não pedis” (Tg 4:2).

Além disso, ouvir a Palavra de Deus produz fé no coração do filho de Deus (Rm 10:17), e, sem fé, não se pode orar com eficácia (Mc 11:22-24). A Palavra de Deus e a oração devem sempre andar juntas (At 6:4; Jo 15:7) para que nossa oração não se transforme em zelo sem conhecimento. “Costumava pensar que devia fechar minha Bíblia e orar pedindo fé”, disse D. L. Moody, “mas percebi que era por meio do estudo da Palavra que obteria a fé”.

Habacuque orou porque estava sobrepujado pelo esplendor de Deus. “Tenho ouvido, ó SENHOR, as tuas declarações, e me sinto alarmado” (Hc 3:2). Havia contemplado a grandeza de Deus numa visão que encontramos registrada nos versículos 3 a 15, e essa visão o deixou fraco e sem ação (v. 16). Tudo o que podia fazer era clamar a Deus.

Muitas pessoas acreditam que conhecer a Deus de maneira mais profunda é sempre uma experiência agradável, mas não é isso que os santos de Deus na Bíblia diriam. Moisés estremeceu no monte Sinai quando Deus lhe deu a lei (Hb 12:18-21). Josué prostrou-se com o rosto em terra diante do Senhor (Js 5:13-15), como também o fez Davi (1 Cr 21:16). Daniel ficou exausto e enfermo depois das visões que recebeu de Deus (Dn 8:27; 10:11). A visão da glória de Cristo no monte da Transfiguração deixou Pedro, Tiago e João prostrados com o rosto em terra e cheios de pavor (Mt 17:6). Quando João viu o Cristo glorificado, caiu a seus pés como se estivesse morto (Ap 1:17).

Tenho no meu escritório um quadro com as seguintes palavras de A. W. Tozer: “Conhecer a Deus é, ao mesmo tempo, a coisa mais fácil e a mais difícil do mundo”. Deus certamente tem a capacidade de se revelar

a nós, pois para ele nada é impossível; porém, Deus tem dificuldade em achar alguém que esteja pronto para encontrar-se com ele. Deus não se revela aos cristãos superficiais que estão apenas buscando "uma nova experiência" da qual possam se vangloriar ou aos cristãos curiosos que querem apenas "experimentar uma amostra" da comunhão mais profunda com Deus, mas não a um preço muito alto.

Somos nós que tornamos difícil conhecer melhor a Deus. "Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros" (Tg 4:8). "Mas o homem para quem olharei é este:", diz o Senhor, "o aflito e abatido de espírito e que trema da minha palavra" (Is 66:2). "Arrepia-se-me a carne com temor de ti, e temo os teus juízos" (Sl 119:120).

Habacuque orou porque desejava que a obra de Deus fosse bem-sucedida. Deus lhe disse que estava "realizando uma obra" (Hc 1:5), e o profeta orou para que Deus mantivesse viva essa obra e a fizesse prosperar. Aquilo que Deus estava realizando não era o que Habacuque teria escolhido, mas o profeta aceitou o plano de Deus e orou: "Seja feita a tua vontade". Quando Deus revelou essa obra a Habacuque, o profeta exclamou: "Não morreremos!" (Hc 1:12). Então, em 2:4, Deus lhe disse que a única maneira de viver era pela fé. Assim, quando Habacuque orou para que a obra do Senhor se mantivesse viva, estava orando também para que sua própria fé crescesse.²

Por fim, Habacuque orou porque desejava que Deus mostrasse misericórdia. O profeta concordava que o povo de Deus merecia ser disciplinado e que a disciplina de Deus seria para o bem, mas pediu que o coração amoroso do Senhor se revelasse em sua misericórdia. Fez como Moisés quando intercedeu pela nação no monte Sinai (Êx 32) e em Cades-Barnéia (Nm 14). Talvez, ao orar, Habacuque tivesse em mente a promessa de Isaías 54:7, 8 (ver também Jr 10:23, 24). Sem dúvida, o Senhor mostrou misericórdia pelos judeus, pois os preservou na Babilônia e depois permitiu que um remanescente voltasse para sua terra e estabelecesse a nação.

Se, como Habacuque, você desanimar com a situação de sua igreja, do mundo ou de sua própria vida espiritual, separe um tempo para orar e para buscar a misericórdia de Deus. Nas palavras de Charles Spurgeon: "Quer gostemos quer não, a regra no reino é pedir". O que o mundo de hoje mais precisa é de intercessores. "Viu que não havia ajudador algum e maravilhou-se de que não houvesse um intercessor" (Is 59:16).

2. VISÃO: MEDITE SOBRE A GRANDEZA DE DEUS (Hc 3:3-15)

É pouco provável que, nos dias de hoje, o Senhor nos dê uma visão como a de Habacuque, mas pelo fato de o profeta tê-la registrado na Palavra, podemos meditar sobre ela e deixar que o Espírito a use para nos ensinar.³ Deus revela sua grandeza na criação, nas Escrituras e na história, e se tivermos olhos para ver, podemos contemplar sua glória.⁴

Deus veio em esplendor (vv. 3-5). De acordo com alguns estudiosos, o monte Pará é outro nome para toda a península do Sinai ou para o próprio monte Sinai (Dt 33:2). Temã normalmente é identificado com Edom. Em seu cântico, Habacuque parece estar rememorando a marcha de Israel do Sinai para a Terra Prometida.

Tudo nessa estrofe revela a glória de Deus. Ele é chamado de "Santo" (Hc 3:3; ver 1:12), nome usado em Isaías pelo menos trinta vezes. A expressão: "A sua glória cobre os céus" (Hc 3:3) é um antegozo do tempo em que sua glória cobrirá toda a Terra (Hc 2:14). A aparência de Deus é como a de um relâmpago que cruza os céus antes da tempestade. Toda a criação participa da adoração, uma vez que "a terra se enche do seu louvor". O esplendor de Deus era como o nascer do Sol, porém muito mais intenso (ver Mt 17:2). Raios saíam de sua mão, em que estava oculto o seu poder (Hc 3:4).

O versículo 5 nos leva para o Egito, onde Deus revelou seu poder e glória nas pragas e pestes que devastaram a terra e que tiraram a vida dos primogênitos (Êx 7 - 12). Aquelas dez pragas não foram apenas um castigo pela dureza do coração do Faraó, mas também revelaram a inutilidade dos

deuses do Egito. "Executarei juízo sobre todos os deuses do Egito. Eu sou o SENHOR" (Êx 12:12; Sl 78:50). Contudo, também é possível que esse versículo inclua os vários julgamentos que Deus enviou sobre Israel quando lhe desobedeceram repetidamente durante sua marcha pelo deserto.

Nos tempos do Antigo Testamento, Deus com freqüência revelava sua glória por meio de tais julgamentos, mas na presente era mostra sua glória por meio de Jesus Cristo. "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai" (Jo 1:14). O Faraó não reconheceu a verdade e, portanto, não experimentou a graça. A primeira praga de Moisés no Egito foi a transformação de água em sangue (Êx 7:14-25), enquanto o primeiro milagre registrado de Jesus foi a transformação de água em vinho.

O Senhor deteve-se em poder (vv. 6, 7). Numa invasão, os generais avançam para ganhar terreno ou recuam em retirada, mas o Senhor simplesmente se deteve e, desmedido, encarou o inimigo. Na verdade, mediu a terra calmamente,⁵ como sinal de que ela era sua propriedade. Medir algo era indicação de que aquilo lhe pertencia e de que você poderia fazer disso o que bem entendesse. Também era um passo preliminar para uma ação, como se o Senhor estivesse avaliando a situação e calculando quanto poder seria necessário para derramar sua ira sobre as nações. O Senhor revelou seu poder quando fez estremecer a terra no Sinai antes de dar sua lei a Israel (Êx 19:18; Hb 12:18-21).

As nações entre o Egito e Canaã são tipificadas por Cusã e Mídã, dois povos que viviam próximos a Edom. Quando a notícia do êxodo se espalhou rapidamente entre as nações, os povos ficaram aterrorizados e se perguntaram o que aconteceria com eles quando Israel chegasse a suas terras (Êx 15:14-16; 23:27; Dt 2:25; Js 2:8-11).

Deus marchou em vitória (vv. 8-15). Habacuque usa imagens poéticas dinâmicas para descrever a marcha de Israel pelo deserto seguindo o Senhor até a Terra Prometida e, depois, ao tomar posse de sua herança.

O mar Vermelho abriu-se para deixar Israel sair do Egito, e o Jordão abriu-se para deixar Israel entrar em Canaã. Os carros egípcios afundaram na lama e seus cavaleiros afogaram-se, mas os carros de Deus eram carruagens de salvação. O versículo 9 retrata as diversas batalhas que os israelitas travaram em Canaã, batalhas estas que o Senhor venceu para eles quando confiaram nele e obedeceram a suas ordens.

No versículo 10, passamos para a Terra Prometida e vemos Israel conquistando o inimigo. Deus tinha o controle de toda a terra e água e usou sua criação para derrotar os cananeus. O versículo 10 descreve a vitória de Débora e Baraque sobre Sísera (Jz 4 - 5), quando uma súbita tempestade transformou o campo de batalha num pântano e inutilizou completamente os carros do inimigo. Em Habacuque 3:11, temos o famoso milagre de Josué, quando o dia foi prolongado para que Josué tivesse mais tempo de conquistar uma vitória absoluta (Js 10:12, 13). Comandando seu exército, o Senhor marchou pela terra de Canaã como um lavrador debulhando grãos, e seu povo tomou posse de sua herança (Hc 3:12).

Os comentaristas não apresentam um consenso quanto ao acontecimento histórico descrito nos versículos 13 a 15. Talvez se trate de um retrato do livramento de Israel do Egito, mas se esse é o caso, Habacuque deveria tê-lo mencionado anteriormente. O "ungido" de Deus é a nação de Israel, pois eles eram o povo santo do Senhor (Êx 19:5-8). É possível que o profeta esteja se referindo às várias ocasiões em que Deus teve de livrar seu povo, conforme registrado no Livro de Juízes, e que o "ungido" represente, então, os juízes que ele suscitou e usou para trazer o livramento (Jz 2:10-19).

No entanto, pode ser que Habacuque estivesse olhando para o futuro e descrevendo o livramento do povo de Deus do cativeiro na Babilônia. Deus enviou os medos e persas para aniquilar os babilônios e, assim, permitir que os judeus voltassem para sua terra (Ed 1:1-4). A imagem de Deus descobrindo a Babilônia "da cabeça aos pés" (Hc 3:13) é paralela àquela em Jeremias 50

e 51. Talvez Habacuque esteja olhando tanto para o passado (o êxodo) quanto para o futuro (livramento da Babilônia) e usando a vitória no passado para encorajar o povo a esperar um nova vitória.⁶

Nesse hino, Habacuque descreve seu Deus, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, e o Deus e Pai da nosso Senhor Jesus Cristo. Ele é o Deus da glória que revela sua glória na criação e na história. Ele é o Deus vivo que faz com que os ídolos mortos das nações pareçam ridículos. Ele é o Deus de poder que pode comandar o céu, a terra e o mar e, portanto, ele é o Deus da vitória que conduz seu povo em triunfo.

Não há substitutos para uma teologia correta – nem sermões nem cânticos. A superficialidade dos sermões, livros e cânticos da atualidade pode ser o principal fator a contribuir para o enfraquecimento da igreja e para o crescimento do “entretenimento religioso” em encontros nos quais deveríamos estar louvando a Deus. O que elevou Habacuque até o alto do monte foi sua compreensão da grandeza de Deus. Precisamos voltar ao tipo de adoração que se concentra na glória de Deus e buscar honrar somente o Senhor.⁷

3. FÉ: AFIRME A VONTADE DE DEUS (Hc 3:16-19)

Essa é uma das mais magníficas confissões de fé das Escrituras. Habacuque encarou o fato assustador de que a nação seria invadida por um inimigo inclemente. O profeta sabia que muitos do povo iriam para o exílio e que muitos outros seriam mortos. A terra seria devastada, e Jerusalém e o templo seriam destruídos. E, no entanto, declara ao Senhor que confiaria nele em qualquer circunstância! Ouça sua confissão de fé.

“Esperarei pacientemente no Senhor”
(v. 16). Se Habacuque tivesse dependido de seus sentimentos, jamais teria escrito essa magnífica confissão de fé. Ao olhar para o futuro, Habacuque viu a nação rumando para a destruição. Ao olhar para dentro de si, viu-se tremendo de medo, e ao olhar a seu redor, viu todo o sistema prestes a se desintegrar. Contudo, quando pela fé ele

olhou para o alto, viu Deus, e todos os seus medos desvaneceram. Andar pela fé significa concentrar-se na grandeza e na glória de Deus.

Um dos sinais da fé é a disposição de esperar pacientemente enquanto o Senhor realiza sua obra. “Aquele que crer não foge” (Is 28:16). Quando corremos adiante de Deus, nos metemos em apuros. Abraão aprendeu essa lição quando se casou com Agar e teve com ela seu filho, Ismael (Gn 16). O mesmo aconteceu com Moisés quando ele tentou livrar os judeus com suas próprias mãos (Êx 2). “Em vos converterdes e em sossegardes, está a vossa salvação; na tranqüilidade e na confiança, a vossa força” (Is 30:15).

Habacuque podia esperar tranqüilamente, pois sabia que o Senhor estava realizando sua obra no mundo (Hc 1:5), e orou para que a obra de Deus permanecesse avivada e forte (Hc 3:2). Quando você sabe que Deus está trabalhando em sua vida, é capaz de esperar silenciosamente e de deixar que ele faça a vontade dele. Além disso, Deus ordenou ao profeta que esperasse (Hc 2:3), e “Deus capacita para aquilo que ordena”. Não importa o que vemos nem como nos sentimos, devemos depender das promessas de Deus e não permitir que nos desintegremos. “Descansa no SENHOR e espera nele” (Sl 37:7).

Ao longo dos anos, aprendi três versículos que têm me ajudado a esperar pacientemente no Senhor: “Não temais; quietai-vos” (Êx 14:13), “Espera” (Rt 3:18) e “Aquietai-vos e sabei que eu sou Deus” (Sl 46:10). Sempre que nos sentimos agitados, podemos estar certos de que precisamos parar, orar e esperar no Senhor antes de fazer alguma tolice.

“Eu me alegrarei no Senhor” (vv. 17, 18). Depois que os babilônios passassem por Judá, não restaria muita coisa de valor (Hc 2:17). Destruiriam as construções, saqueariam os tesouros e devastariam lavouras e pomares. A economia se desintegraria, e não haveria motivo para cantar. Contudo, Deus ainda estaria assentado em seu trono, cumprindo os propósitos divinos para seu povo (Rm 8:28). Habacuque não podia se

alegrar com suas circunstâncias, mas podia se alegrar em seu Deus!

O testemunho do profeta nesta passagem nos lembra das admoestações de Paulo para os cristãos de hoje: “Regozijai-vos sempre. Orai sem cessar. Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco” (1 Ts 5:16-18). Habacuque descobriu que Deus era sua força (Hc 3:19) e também seu cântico e sua salvação (ver Is 12:1, 2; Ex 15:2; Sl 118:14), portanto, não precisava temer coisa alguma. Uma coisa é “assobiado no escuro” para tentar animar nossa coragem e outra bem diferente é cantar sobre o Deus eterno que nunca falha. Apesar de seus lábios estarem tremendo e suas pernas vacilando (Hc 3:16), o profeta irrompeu em cânticos e adorou a seu Deus. Um exemplo e tanto para seguirmos! Isso nos traz à memória Jesus Cristo antes de ir para a cruz (Mc 14:26) e Paulo e Silas na prisão em Filípos (At 16:19-34). Deus pode nos dar cânticos na escuridão (ver Sl 42:8; 77:6; Jó 35:10), se confiarmos nele e virmos sua grandeza.

“Confiarei no Senhor” (v. 19). Se minhas pernas estivessem tremendo e meu coração palpitando, eu procuraria um lugar seguro para me sentar e relaxar, mas Habacuque começou a saltar para o alto das montanhas como uma corça! Por causa de sua fé no Senhor, pode ficar em pé e caminhar a passos firmes como o cervo; pode correr velozmente e chegar a lugares mais altos que jamais havia alcançado. Este é o motivo pelo qual Deus permite que passemos por provações: elas podem nos aproximar dele e nos elevar

acima das circunstâncias para que andemos nas alturas com o Senhor.

Deus nos criou para as alturas. Se ele nos permite passar pelos vales, é para que possamos esperar nele e subir com asas como águias (Is 40:30, 31). “Ele o fez cavalgar sobre os altos da terra” (Dt 32:13). Essa foi a experiência de Davi quando estava sendo perseguido por seus inimigos e por Saul: “O Deus que me revestiu de força e aperfeiçou o meu caminho, ele deu a meus pés a ligeireza das corças e me firmou nas minhas alturas” (Sl 18:32, 33).

Nas palavras do grande comentarista inglês, G. Campbell Morgan: “Nossa alegria é proporcional a nossa confiança. Nossa confiança é proporcional a nosso conhecimento de Deus”.⁸ De acordo com o hino que parafraseia essa passagem:

Ainda que nem a vide nem a figueira,
Fruto algum venham a dar;
Ainda que se sequem os campos,
E não haja mais rebanhos a pastar;
Deus é o mesmo e permanece,
Louvores a ele hei de entoar;
Pois enquanto nele confio,
Outra coisa não resta senão me alegrar.

Habacuque nos ensina a encarar nossas dúvidas e conflitos com honestidade, a levá-los humildemente ao Senhor, a esperar que sua Palavra nos ensine e, então, a adorá-lo a despeito do que sentimos e vemos.

Deus nem sempre muda as circunstâncias, mas pode nos transformar para enfrentarmos as situações. Isso é viver pela fé.

1. Não sabemos o que o termo hebraico *Shigionoth* significa. Alguns estudiosos associam sua origem a um radical que quer dizer “oscilar de um lado para o outro”, de modo que talvez seja um termo musical que indicava ao povo como o salmo devia ser cantado. No original também aparece três vezes o termo “Selá” (vv. 3, 9, 13), outra palavra hebraica cujo significado e importância ainda são um mistério. Alguns dizem que marca uma pausa no salmo para o leitor (ou cantor e ouvintes), a fim de meditar sobre o que foi dito.
2. A expressão “no decorrer dos anos” provavelmente se refere ao período entre o tempo de Habacuque e o “tempo determinado” em que se cumpriria a visão (Hc 2:3). Ao longo dos séculos, o povo de Deus tem orado pedindo poder vivificador para que a grande obra de Deus prospere. Apesar de Habacuque não ter em mente a palavra “reavivamento” da forma como a entendemos, o conceito está presente. Ver Salmos 44 e 85.
3. Ao escrever sobre sua experiência da transfiguração (2 Pe 1:15-21), o apóstolo Pedro ressalta que a Palavra escrita é superior a experiências glorioas. Somente poucas pessoas podem ter experiências arrebatadoras, mas com a ajuda do Espírito Santo

qualquer cristão pode meditar na Palavra. As pessoas que tiveram essas experiências magníficas já morreram, mas a Palavra permanece. As memórias das experiências desvanecem, mas a Palavra é sempre a mesma. Hoje temos a Bíblia completa, de modo que o Novo Testamento esclarece as experiências de pessoas como Moisés, Davi e os profetas e podemos ver coisas que talvez eles não foram capazes de enxergar. Assim, em vez de dizer: “Gostaria de ter esse tipo de experiência”, deveríamos estar pedindo: “Senhor, o que tu desejas me ensinar com essa experiência?”

4. Essas revelações poderosas de Deus na história são chamadas de “teofanias”, termo que vem de duas palavras gregas que juntas significam “uma aparição de Deus”. Para outros exemplos, ver Salmos 18; 68 e 77; Éxodo 15 e 19 e Deuterônómi 33.
5. O termo usado no original pode ser traduzido por “medir” ou “sacudir”, tudo depende da raiz hebraica que se escolhe. Talvez a palavra inclua as duas idéias.
6. Para mais descrições poéticas da história de Israel, ver Salmos 44; 68; 74; 78; 80; 83; 89; 105 – 106; 135 e 136.
7. O Hino de William Cowper, “God Moves in a Mysterious Way” [Deus age de modo misterioso], é baseado em partes de Habacuque 3.
8. MORGAN, G. Campbell. *The Westminster Pulpit*. Londres: Pickering and Inglis, v. 6, p. 153.

SOFONIAS

ESBOÇO

Tema-chave: O vindouro Dia do SENHOR

Versículos-chave: 1:14 e 2:3

I. O DIA DO SENHOR E OS JUDEUS – 1:1 – 2:3

1. Retratos daquele grande dia
 - (1) Uma inundação – 1:2-6
 - (2) Um grande sacrifício – 1:7-13
 - (3) Uma batalha – 1:15-18
2. Súplica para buscar ao SENHOR – 2:1-3

II. O DIA DO SENHOR E OS GENTIOS – 2:4-15

1. Filístia – 2:4-7
2. Moabe e Amom – 2:8-11
3. Etiópia – 2:12
4. Assíria – 2:13-15

III. O DIA DO SENHOR E O REINO – 3:1-20

1. Jerusalém: a ira zelosa de Deus – 3:1-8
2. Os gentios: a graça e o perdão – 3:11-20
3. O remanescente: bênçãos abundantes – 3:11-20
 - (1) Os pecadores são removidos – 3:11-13
 - (2) Os fiéis se regozijam – 3:14-17
 - (3) A terra é restaurada – 3:18-20

CONTEÚDO

1. Um grande dia está vindo!
(Sf 1 – 2)..... 526
2. A glória do reino
(Sf 3)..... 531
3. Você em sua época..... 536

SOFONIAS EM SUA ÉPOCA

Se o Ezequias mencionado em Sofonias 1:1 é o rei Ezequias (715-686 a.C.), então o profeta Sofonias era seu tataraneto. Seu nome significa “Jeová esconde” (ou seja, “Jeová protege”) e descreve o ministério de proteção de Deus a seu povo fiel quando chegar o dia da sua ira (Sf 2:3).

O principal tema de Sofonias é o Dia do SENHOR, aquele período em que Deus julgará as nações e trará seu reino de retidão.¹ Esse tema é encontrado em quase todos os profetas, mas fica particularmente claro em Joel e Sofonias. “Está perto o grande Dia do SENHOR” (Sf 1:14).

As Escrituras revelam muito pouco sobre a vida pessoal de Sofonias. Ele ministrou em Judá no tempo do rei Josias (640-609 a.C.), que conduziu a nação a uma reforma religiosa desencadeada pela descoberta do Livro da Lei no templo em 622 a.C. (2 Cr 34:14ss).² É bem provável que Sofonias tenha pregado antes dessa reforma, do contrário teria dito alguma coisa sobre ela em seu livro. Jeremias e Sofonias foram contemporâneos.

Em termos políticos, aqueles foram tempos conturbados. A Assíria estava perdendo seu poder, os citas estavam invadindo do Norte, e a Babilônia se tornava o principal império. O rei Manassés (697-642 a.C.) havia levado o povo de Judá a afundar-se cada vez mais na idolatria e na adoção de idéias e de costumes estrangeiros, e o rei Josias havia procurado reverter essa tendência. Infelizmente, o rei Josias morreu no campo de batalha antes de concluir seu trabalho, e seus sucessores no trono permitiram que o povo retornasse a seus caminhos maus.

UM GRANDE DIA ESTÁ VINDO!

SOFONIAS 1:1 – 2:15

Quando foi a última vez que você cantou um hino sobre o futuro julgamento do mundo? A maioria dos hinários não contém hinos sobre o Dia do SENHOR, e certamente não encontramos essa expressão em nossos jornais diários ou revistas semanais. Mesmo que creiam em Deus, muitas pessoas não vêem qualquer associação entre ele e os acontecimento do presente ou do futuro. Pessoas mais sensatas costumavam levar o julgamento do mundo por Deus a sério e até cantavam hinos sobre isso. Um conhecido hino medieval em latim baseava-se em Sofonias 1:15: “Aquele dia é dia de indignação, dia de angústia e dia de alvoroço e desolação”. As duas primeiras estrofes diziam:

Dia de ira! Dia de lamentar!
Dos profetas,
os avisos se cumprem!
Céus e terra em cinzas a queimar!

Ó que temor nós, os homens, sentiremos,
Quando vier
lá do céu o Juiz
De cuja sentença todos dependemos!³

Fico imaginando como seria a aceitação, hoje, de um líder de louvor que escolhesse o hino acima para cantar na igreja...

O Dia do SENHOR é um conceito bíblico importante que devemos levar a sério, pois ele nos diz para onde estão indo as coisas e como terminarão. No Dia do SENHOR, Deus enviará tribulações sobre a Terra, julgará as nações, salvará seu povo Israel e, então, estabelecerá seu reino de retidão. Deus

adverte o mundo de que o julgamento está a caminho e é imprudente não estar preparado. A grande pergunta é: “Porventura, lograreis esconder-vos no dia da ira do SENHOR?” (ver Sf 2:3).

Nos dois primeiros capítulos de seu livro, o profeta Sofonias relaciona o Dia do SENHOR tanto a judeus quanto a gentios.

1. O DIA DO SENHOR E OS JUDEUS (Sf 1:1 – 2:4)

Seria de se esperar que o tataraneto do rei Ezequias estivesse vivendo confortavelmente em Jerusalém, desfrutando uma vida tranqüila. Em vez disso, o encontramos ministrando como profeta de Deus, o que, naquele tempo, era um chamado perigoso. Seu contemporâneo, Jeremias, foi preso e colocado numa cisterna imunda por exortar os líderes de Judá a se entregarem aos babilônios.

Deus havia mostrado a Sofonias que o julgamento estava vindo sobre Judá na forma do cativeiro na Babilônia, e o profeta deveria transmitir essa mensagem ao povo. Porém, a invasão de Judá pela Babilônia era apenas um exemplo insignificante do que ocorreria naquele Dia final do SENHOR, que varreria toda a Terra. Sofonias começou seu livro apresentando três retratos claros do Dia do SENHOR.

O primeiro retrato é de *uma grande inundação de proporções universais* (Sf 1:2, 3). A palavra hebraica traduzida por “consumir” significa “eliminar completamente”. Trata-se de um retrato de devastação total de tudo o que Deus criou, provavelmente uma referência ao dilúvio de Noé (encontramos palavras semelhantes em Gn 6:7; 7:4; 9:8-10). Deus deu ao homem domínio sobre os peixes, as aves e os animais da terra (Gn 1:28; Sl 8:7, 8), mas o homem perdeu esse domínio quando Adão desobedeceu a Deus. No entanto, por meio de Jesus Cristo, o domínio perdido do homem um dia será restaurado (Hb 2:5-9).

Deus não apenas destruirá sua criação, mas também os ídolos que o povo adora – os “tropeços para a iniqüidade” que ofendiam o Senhor (Ez 14:1-8). No tempo de

Sofonias, a idolatria estava por toda a parte em Judá, graças à influência maligna do rei Manassés. Quando Deus estende sua mão, significa que o julgamento está vindo (Is 9:12, 17, 21). O profeta cita dois desses falsos deuses que haviam tomado o coração do povo: Baal (Sf 1:4), o deus cananeu da chuva e Milcom (Malcom ou Moloque), o terrível deus dos amonitas (1 Rs 11:33; Am 5:26). O povo também adorava às hostes celestiais (Dt 4:19; Jr 19:13; 32:29) e seguia o exemplo dos sacerdotes idólatras⁴ (Sf 1:4; ver 2 Rs 23:5, 8; Os 10:5).

É possível que esses idólatras afirmassem que ainda estavam adorando fielmente a Jeová, o verdadeiro Deus vivo, mas Jeová não divide sua adoração ou glória com qualquer outro Deus. Ao voltar-se para ídolos, os judeus haviam se afastado do Senhor e não estavam buscando sua bênção (Sf 1:6). Eram culpados de pecados de comissão (adstrar ídolos) e de omissão (ignorar o Senhor).

Durante o cativeiro, os judeus foram curados de seu fascínio por deuses estrangeiros. Seu templo foi destruído, seu sacerdócio foi disperso, e durante setenta anos não puderam adorar da forma como Moisés lhes havia ordenado. Quando finalmente receberam permissão para voltar a sua terra, uma das primeiras coisas que os judeus fizeram foi restaurar os sacrifícios.

O segundo retrato é o de *um grande sacrifício* (Sf 1:7-13). Uma vez que o povo judeu estava acostumado a participar de sacrifícios públicos (1 Sm 9:11ss), conhecia bem essa imagem. Porém, esse sacrifício era diferente, pois o próprio Deus o estava conduzindo. Seus convidados eram os babilônios, e os sacrifícios oferecidos eram o povo de Judá! Não é de se admirar que o profeta pedisse silêncio enquanto contemplava tal cena terrível⁵ (ver Am 6:10; 8:3; Hc 2:20)!

Seria de se esperar que a família real e os líderes religiosos⁶ da terra fossem os convidados de honra do banquete do Senhor, mas eles é que seriam sacrificados (Sf 1:8, 9)! Deus os castigaria por terem abandonado sua Palavra e adotado práticas de outros povos, inclusive o uso de roupas estrangeiras e a adoração a outras nações (ver Nm

15:38; Dt 22:11, 12). Depois da morte do rei Josias, em 609 a.C., os quatro últimos reis de Judá foram homens fracos, que cederam às políticas dos partidários do Egito dentro do governo. Em vez de confiarem no Senhor, confiaram em seus aliados, e foi isso o que os levou à ruína.

É bem provável que Sofonias morasse em Jerusalém, pois conhecia a distribuição física da cidade (Sf 1:10-13). Quando os babilônios, convidados do Senhor, chegasse ao banquete sacrificial, iriam entrar na cidade, saqueá-la e destruí-la. Os pescadores tinham seus mercados na Porta do Peixe; os ricos viviam na Cidade Baixa, onde suas mansões eram construídas com os salários que deviam aos trabalhadores pobres. Mactés era o mercado e a região comercial da cidade, onde ficavam os negociantes e banqueiros.⁷

No entanto, a cidade seria destruída, e a riqueza dos comerciantes lhes seria tomada. Os babilônios realizariam uma “operação malha fina” por toda a cidade, encontrando até aqueles que estivessem escondidos.

O mais triste é que essa invasão poderia ter sido evitada, se o povo não tivesse sido complacente e indiferente para com o que Deus estava lhes dizendo por meio de seus profetas. Judá tinha certeza de que o Senhor estava a seu lado, pois eles eram o povo da aliança de Deus. Eram como o vinho que fica parado durante muito tempo (Jr 48:11; Am 6:1) e engrossa, por não ser derramado de um jarro para outros, a fim de livrar-se de resíduos amargos. A adoração a falsos deuses havia contaminado a nação, e o vinho puro havia se tornado amargo.

O terceiro retrato que o profeta apresenta do Dia do SENHOR é o de *uma grande batalha* (Sf 1:14-18). Sua descrição é vívida: podem-se ouvir os clamores dos cativos e os gritos dos guerreiros; podem-se ver as nuvens carregadas de julgamento e o brilho dos relâmpagos; vê-se o sangue das vítimas derramado como pó sem valor algum e “e a sua carne [...] atirada como esterco” (Sf 1:17). Que cena terrível de destruição e de carnificina, tudo porque a nação se recusou a submeter-se à Palavra do Senhor.

O fogo do zelo de Deus⁸ consumiria tudo, e ninguém escaparia. Mesmo os ricos não teriam como resgatar sua vida, e o inimigo tomaria deles as riquezas que eram fruto de sua desonestade.

O que Sofonias descreve nessa passagem é apenas uma ilustração do que acontecerá no fim dos tempos, quando o julgamento de Deus vier sobre um mundo perverso, mas o Dia final do SENHOR será muito mais terrível (ver Ap 6 – 19). Haverá desordens de grande proporção que afetarão o curso da natureza e que levarão as pessoas a implorar por um lugar de refúgio (Am 5:18; 8:9; Jl 2:1, 2, 10, 30-32; Ap 6:12-17). A menos que você conheça Jesus Cristo como seu Salvador, não terá onde se esconder (Sf 2:3).

Isso explica por que o profeta encerrou essa mensagem com uma súplica para que o povo se arrependesse de seus pecados e se voltasse para o Senhor buscando seu perdão (vv. 1-3). Assim como o profeta Joel (Jl 2:16), ele lhes disse para convocar uma assembleia solene e buscar ao Senhor. Sofonias dirigiu-se especialmente ao remanescente fiel (“os mansos da terra”; 2:3) para orar e buscar a Deus, talvez numa referência a 2 Crônicas 7:14. Mas, ainda que a maioria do povo seguisse falsos deuses e se afastasse do Senhor, Deus protegeria seu próprio remanescente precioso quando viesse o julgamento (Ml 3:16-18).

Sofonias e Jeremias ministraram na mesma época, e os dois suplicaram aos governantes que confiassem em Deus e que abandonassem o pecado, mas os reis, oficiais e sacerdotes se recusaram a obedecer. Deus teria salvo a nação no último instante, mas os líderes foram insensíveis ao chamado de Deus e desobedientes a sua Palavra.

No entanto, o Senhor poupará um remanescente piedoso que permaneceu fiel a ele ao longo dos setenta anos de cativeiro. Constituiram um “grupo de fiéis que se importavam”, os quais, ao retornar para a terra, tornou-se o núcleo do Israel restaurado. Em todo o período da história, é o remanescente piedoso que mantém acesa a chama quando parece que as trevas estão prestes a cobrir a Terra. Hoje, Deus precisa de um “grupo de

fiéis que se importam” para trilhar o caminho estreito a despeito do rumo que outros venham a tomar, que obedeça à Palavra de Deus e que fale de seu evangelho aos perdidos. Deus está guardando seu “memorial escrito” (Ml 3:16, 17), e você e eu queremos que nosso nome esteja nesse livro.

2. O DIA DO SENHOR E OS GENTIOS (Sf 2:4-15)

O julgamento de Deus começa pela casa do Senhor (1 Pe 4:17), o que explica por que Sofonias começou com o povo de Judá. Nesta passagem, porém, ele explica como o Dia do SENHOR afetará as nações gentias ao redor de Judá. Apesar de nunca terem recebido a lei de Deus como os judeus (Sl 147:19, 20), os gentios ainda eram responsáveis diante do Senhor, pois Deus havia se revelado a eles por meio da criação e da consciência (Rm 1:18ss). Além disso, nem sempre essas nações haviam tratado os judeus com bondade, e era chegada a hora de o Senhor julgá-las.

É possível que as nações citadas representem todos os gentios, uma vez que correspondem aos quatro pontos cardeais: Assíria (Norte), Etiópia (Sul), Moabe e Amom (Leste) e Filistia (Oeste). Durante o grande Dia do SENHOR, todas as nações da Terra provarão o julgamento de Deus.

Filistia (vv. 4-7). Os filisteus eram inimigos de longa data dos judeus (Gn 20 – 21, 26). De acordo com Amós 1:6-8, tomaram cativos judeus de cidades do Sul de Judá e venderam-nos como escravos para outras nações. Contudo, chegaria o dia em que suas cidades populosas ficariam vazias e sua terra seria devastada, tornando-se um lugar para os pastores alimentarem seus rebanhos. Suas cidades costeiras, enriquecidas pelos vastos empreendimentos marítimos, seriam destruídas pelo inimigo e deixadas em ruínas. Nabucodonosor invadiu a Filistia e conquistou-a, e tudo o que resta dessa grande nação nos dias de hoje é o nome “Palestina”, que vem de “Filistia” (ver Ez 25:15 – 28:26).

Contudo, os judeus habitarão as terras dos filisteus quando o reino for estabelecido,

e o Senhor permitirá que vivam em paz. Mais adiante, Sofonias voltará a falar desse assunto ao descrever as bênçãos do reino (Sf 3:9-20).

Moabe e Amom (vv. 8-11). Os moabitas e amonitas originaram-se da união incestuosa de Ló com suas duas filhas (Gn 19:30 – 38) e eram inimigos odiosos dos judeus (Nm 22; Jz 3; 10; 1 Sm 11:1-5; 2 Sm 12:26ss). Porém, essas duas nações arrogantes teriam o mesmo fim que Sodoma e Gomorra e seriam exterminadas da face da Terra (Gn 19; observe a ligação com Ló). Nunca mais insultariam a nação de Israel nem o Deus de Israel (ver Am 1:13 – 2:3 para mais evidências da perversidade e da desumanidade dessas duas nações). Mais uma vez, o profeta prometeu que os judeus ocupariam a terra de seus inimigos quando o reino fosse estabelecido (ver também Ez 25:1-11).

Etiópia (v. 12). A nação situava-se na região do alto Nilo. Alguns estudiosos acreditam que essa referência inclui o Egito, outro inimigo de longa data dos judeus. Nabucodonosor e as espadas dos soldados babilônios conquistaram essa nação antiga (Ez 30:4, 5).

Assíria (vv. 13-15). Até a ascensão da Babilônia, a Assíria havia sido a potência predominante, um povo impiedoso conhecido por seu orgulho e crueldade com os inimigos. Um século e meio antes, Deus havia enviado o profeta Jonas a Nínive, a capital da Assíria, para adverti-los sobre o julgamento de Deus, e o povo havia se arrependido. Contudo, as gerações seguintes voltaram aos antigos costumes pagãos, e Nínive foi destruída em 612 a.C. Nos anos que se seguiram, o outrora poderoso império assírio desapareceu da face da Terra, conforme a previsão de Sofonias.

Pelo fato de Nínive ser considerada uma cidade invencível, quando Sofonias proferiu

essas palavras, seus cidadãos eram despreocupados e descuidados, mas Deus fez o povo e a cidade comerem a poeira da derrota (ver o Livro de Naum e Is 45; 47:10).

Tendo em vista que tudo o que foi predito sobre a destruição dessas nações já se cumpriu, não faz sentido supor que as outras previsões de Sofonias também se cumprirão? Cada uma dessas invasões e conquistas locais foi precursora do Dia do SENHOR no fim dos tempos, que virá sobre o mundo todo. Porém, quando o Dia do SENHOR tiver passado, Israel será liberto, e o Senhor estabelecerá seu reino glorioso na Terra. No último capítulo de sua profecia, Sofonias explica de que maneira o Dia do SENHOR está relacionado a esse reino prometido.

Antes de sair de Sofonias 1 e 2, devemos observar algumas verdades práticas que se aplicam aos cristãos de hoje. Primeiro, Deus julga seu povo quando este desobedece deliberadamente à sua lei. Seu povo deve ser diferente das outras nações e não deve imitá-las em seus caminhos nem adorar seus deuses (Nm 23:9; Ex 33:16; Dt 32:8). “E não vos conformeis com este século” (Rm 12:2; ver 2 Co 6:14 – 7:1) – essa é uma admoestação para todos os cristãos de hoje.

Segundo, a promessa de Deus a Abraão ainda está em vigor: os que abençoam a Israel, Deus os abençoará; os que amaldiçoam a Israel, Deus os amaldiçoará (Gn 12:1-3). As nações que pecaram contra Deus maltratando os judeus podem esperar o julgamento divino.

Por fim, a Palavra de Deus é verdadeira e se cumprirá em seu devido tempo. O povo de Deus pode apropriar-se de suas promessas e saber que o Senhor será fiel, enquanto os inimigos de Deus podem estar certos de que suas palavras de advertência trazem consigo grandes castigos. “Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10:31).

1. Estritamente falando, qualquer período de julgamento divino poderia ser chamado de Dia do SENHOR. Os julgamentos locais não passaram de exemplos do Dia final do SENHOR, que englobará toda a Terra nos últimos tempos.
2. Alguns estudiosos chamam essa reforma de “Reavivamento de Josias”, mas é de se duvidar que “reavivamento” seja o termo mais apropriado. Por certo, o povo deixou de lado seus falsos deuses e voltou a adorar a Jeová, mas sua motivação não foi espiritual. Uma vez que o rei ordenou que abandonassem seus deuses estrangeiros, o povo obedeceu mais por medo do rei

do que por amor ao Senhor. As mudanças nacionais foram apenas superficiais; o coração do povo ainda estava dedicado a falsos deuses. Assim que Josias morreu, a nação voltou a seus antigos caminhos. Sua experiência foi apenas uma reforma superficial e não um reavivamento profundo.

3. O hino *Dies Irae* [Dia da Ira] é atribuído a Tomás de Celano. Esta tradução é de William J. Irons.
4. O radical da palavra hebraica significa “preto”, numa referência à cor de suas vestes (os sacerdotes judeus vestiam roupas brancas) ou “zeloso”, referindo-se ao frenesi de suas cerimônias religiosas quando se prostravam diante de seus deuses.
5. Para outros exemplos de julgamento retratado como sacrifício, ver Isaías 34:5-7, Jeremias 46:10, Ezequiel 39:17-19; e veja Apocalipse 19:17-21.
6. A oração “sobem o pedestal dos ídolos”, no versículo 9, normalmente é associada às práticas pagãs descritas em 1 Samuel 5:1-5, mas talvez ela descreva a pressa com que os cobiçosos judeus deixavam suas casas para irem explorar o pobre e adquirir riqueza para dedicar a seus falsos deuses. Os profetas condenavam os ricos pela maneira brutal como tratavam os pobres da terra.
7. Mactés significa “pilão”, em hebraico, possivelmente pelo fato de esse bairro ficar numa parte baixa de Jerusalém correspondente a uma depressão natural. No entanto, talvez haja ainda um duplo sentido: Deus trataria com seu povo como as mulheres amassavam grãos num pilão.
8. A palavra hebraica traduzida por “zelo” (Sf 1:18; 3:8) significa “quente, inflamado”. O zelo de Deus não é como os ciúmes humanos, pois que motivo Deus teria para ficar com ciúmes, uma vez que tudo lhe pertence? Ele é zeloso com sua glória, e sua ira é suscitada quando seu povo adora a outros deuses (Êx 34:14; Sl 78:58; 79:5). Deus é zeloso com seu povo e deseja todo o seu amor e devoção.

A GLÓRIA DO REINO

SOFONIAS 3:1-20

Por que os profetas quase sempre encerravam seus livros com mensagens de esperança? Há pelo menos três motivos para isso. Em primeiro lugar, a esperança é uma grande motivação para a obediência, e os profetas desejavam encorajar o povo de Deus a obedecer à vontade do Senhor e fazer o que ele ordenava. As bênçãos da aliança de Deus são derramadas sobre seu povo somente quando ele obedece às estipulações da aliança.

O segundo motivo é a ênfase dos profetas sobre a fidelidade de Deus. O Senhor cumprirá suas promessas e, um dia, estabelecerá o reino; e, uma vez que Deus é fiel em cumprir suas promessas, também devemos ser fiéis em obedecer à sua Palavra. Se desobedecermos, ele será fiel em disciplinar; se confessarmos, ele será fiel em perdoar.

Por fim, a mensagem conclusiva de esperança era um encorajamento para o remanescente fiel na terra, aqueles que eram leais a Deus e que sofriam em função de sua devoção a ele. É difícil pertencer a esse “grupo de fiéis comprometidos” que permanecem firmes no Senhor e em sua Palavra, a despeito do que outros possam fazer ou dizer. Saber que Deus, um dia, iria derrotar seus inimigos e reinar em justiça serviria para animar os cristãos restantes a perseverar em sua caminhada fiel com Deus.

Neste último capítulo, Deus revela seus planos para Jerusalém, para as nações gentias e para o remanescente fiel. Ao mesmo tempo, o Senhor revela a si mesmo e a sua obra cheia de graça em favor de seu povo em todas as eras e em todos os lugares.

1. JERUSALÉM: A IRA ZELOSA DE DEUS (Sf 3:1-8)

Jerusalém é chamada com freqüência de “cidade santa”,¹ mas no tempo de Sofonias não demonstrava muita santidade! Isaías (Is 1:21ss), Jeremias (Jr 29:12ss) e Ezequiel (Ez 4 – 6, 9) apresentaram a mesma avaliação em sua época. Até mesmo os gentios chamavam Jerusalém de “rebelde e maldada cidade” (Ed 4:12, 15) e podiam provar essa declaração.

Um povo pecador (vv. 1, 2). Em vez de santa, a cidade era imunda e poluída pelos pecados vergonhosos, e, em vez de trazer paz (“Jerusalém” quer dizer “cidade da paz”), a cidade era culpada de rebelião e de opressão. Deus revelou-se aos israelitas por meio de sua Palavra e de seus grandes feitos, mas eles não creram nele nem o buscaram. “Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros. Purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração” (Tg 4:8).

Uma liderança ímpia (vv. 3, 4). Deus esperava que os líderes civis e religiosos da terra levassem sua Palavra a sério e conduzissem o povo pelo caminho da retidão. Em vez disso, os líderes agiam como feras vorazes em sua maneira de oprimir o povo e de tomar dele o que desejavam. Os profetas eram infiéis ao Senhor e a sua Palavra, traiçoeiros com o povo. Não proclamavam a verdade de Deus, mas sim pregavam apenas o que o povo queria ouvir.

Quanto aos sacerdotes, seu próprio ministério era nocivo e contaminava o santuário. (Mt 23:25-28 relata o que Jesus disse sobre os fariseus do seu tempo!) Em vez de servirem a Deus para sua glória, os sacerdotes distorciam a lei para agradar a si mesmos e para obter o que desejavam.

O mais triste é que Deus havia falado a seu povo corrigindo-o com disciplina, e, no entanto, ainda assim não quiseram ouvir nem obedecer (Sf 3:2). “Se ainda com isto não vos corrigirdes para volverdes a mim, porém andardes contrariamente comigo, eu também serei contrário a vós outros e eu mesmo vos ferirei sete vezes mais por causa dos vossos pecados” (Lv 26:23, 24). Essa foi a mensagem

de Jeremias para a cidade de Jerusalém enquanto os babilônios estavam a postos para atacar (Jr 2:30; 5:3; 7:8; 17:23; 32:33).

Um Deus justo (vv. 5-8). O nome de Deus era identificado com a cidade e com o templo (2 Sm 7:13; 1 Rs 5:5; Ne 1:9), no entanto, os dois eram antros de iniquidade. Portanto, Deus teria de agir em julgamento por amor a seu próprio nome. Os oficiais perversos reuniam-se na porta da cidade a cada manhã para realizar suas transações malfazejas, e o Senhor estava lá para observar seus atos. Como ele esperou pacientemente e, ainda assim, não se arrependeu nem se voltaram para ele a fim de ser purificados!

Deus lembrou seu povo de que havia julgado os gentios e exterminado nações (Sf 3:6), portanto poderia fazer o mesmo com Judá. Na verdade, os judeus eram mais culpados do que os gentios, pois o Senhor havia dado a Israel muito mais conhecimento da verdade e bônus. O povo estava pecando deliberada e conscientemente. Por certo, o julgamento de Deus sobre as outras nações deveria ter despertado os judeus para o perigo, mas não prestaram atenção. Afinal, eram o povo da aliança de Deus, e ele os protegeria de seus inimigos. Esqueceram-se de que os privilégios da aliança também traziam consigo responsabilidades.

O Senhor concluiu esta mensagem a Jerusalém descrevendo uma cena de um tribunal, no qual se levantava para testemunhar contra seu povo (v. 8). Apesar de estar em questão, aqui, o cativeiro iminente na Babilônia, também há uma aplicação para o fim dos tempos, numa referência à batalha do Armagedom, quando as nações do mundo convergirão para Jerusalém. Deus derramará sua ira sobre essas nações, livrará seu povo e estabelecerá seu reino (Zc 14:1-9). Sua ira zelosa arderá como fogo contra todos os que resistirem a sua verdade e desobedecerem à sua Palavra. O terrível Dia do SENHOR virá, e não haverá saída (ver Sf 1:2ss).

2. OS GENTIOS: O PERDÃO E A GRAÇA DE DEUS (Sf 3:9, 10)

É importante lembrar que o chamado de Deus a Abraão acarretava bônus divinas

para todo o mundo (Gn 12:1-3). Deus cumpriu esse propósito ao dar aos judeus o conhecimento do Deus verdadeiro, a Palavra de Deus em sua forma escrita e o Salvador Jesus Cristo (Rm 9:1-5). Portanto, era seu dever compartilhar essas bênçãos com os gentios.

Os judeus deveriam engrandecer o nome do Senhor perante os gentios. Em vez disso, imitaram as nações pagãs e desonraram o nome de Deus (Is 52:5; Rm 2:24). O átrio dos gentios no templo judeu deveria ser um lugar onde os gentios pudessem se reunir com os judeus para conversar sobre o Deus verdadeiro e até mesmo para orar ao Senhor, mas os líderes religiosos transformaram essa área num mercado para vender sacrifícios e trocar dinheiro. Que tipo de testemunho era esse para os de fora que estavam sinceramente em busca da verdade?

Que bônus Deus promete aos gentios nos últimos dias? Em primeiro lugar, promete que os gentios serão convertidos (Sf 3:9). Em vez de invocarem seus falsos deuses, invocarão o verdadeiro Deus vivo, e seus lábios serão purificados. Uma vez que as palavras de nossos lábios vêm do coração (Mt 12:34, 35), lábios purificados indicam pecados perdoados e coração purificado (Is 6:1-8).

Contudo, os gentios farão muito mais do que invocar o Senhor e receber sua purificação; também servirão ao Senhor como um só povo e não serão mais divididos ("e o sirvam de comum acordo", Sf 3:9). Os profetas ensinam que durante a era do reino os gentios irão a Jerusalém para adorar e servir ao Senhor (Is 2:1-5; 4:1-6; Ez 40 - 48; Zc 14:9ss).² O Deus de Israel será o Senhor de toda a Terra, e as nações gentias o honrarão e servirão. Juntamente com os israelitas dispersos que voltarem para sua terra, os gentios trarão ofertas ao Senhor e serão chamados de seus "adoradores".

Antes da morte de Cristo na cruz, havia uma enorme diferença no relacionamento de judeus e gentios entre si e com o Senhor. Porém, o muro de separação foi derrubado (Ef 2:11ss), e ambos podem participar das bênçãos espirituais que vêm pela fé em Cristo. "Pois não há distinção entre judeu e

grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. Porque: *Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo*" (Rm 10:12, 13, grifos meus). O milagre da graça de Deus será demonstrado na era do reino quando as nações gentias crerem e adorarem o Deus de Israel.

3. O REMANESCENTE: AS BÊNÇÃOS ABUNDANTES DO SENHOR (Sf 3:11-20)

Quando o terrível Dia do SENHOR tiver terminado, Israel será uma nova nação. Pela fé, os judeus se voltarão para o Messias que crucificaram, crerão nele e terão uma nova vida no reino prometido.

O pecado será removido (vv. 11-13). Os judeus não precisarão ser humilhados, pois quando virem a Cristo, se envergonharão daquilo que fizeram ao Senhor e prantearão por suas transgressões (Zc 12:10 – 13:1). Será um tempo de profundo arrependimento e confissão que levará à salvação. Deus tratará especificamente do orgulho de Israel, que durante séculos havia sido um empecilho para que a nação se submetesse humildemente à justiça de Deus, que vem somente pela fé em Cristo (Rm 9:30 – 10:13; Fp 3:1-12). No santo monte de Deus não haverá lugar para pecadores arrogantes que acreditam ser capazes de conquistar a salvação de Deus com suas boas obras. Em contraste com os pecadores arrogantes, haverá um remanescente fiel, "um povo modesto e humilde, que confia em o nome do SENHOR" (Sf 3:12).

A fé em Cristo fará todas as coisas novas para que o povo não mais desobedeça a Deus nem seja dissimulado. Isso indica que todo o amor à idolatria será tirado de seu coração, pois os ídolos são mentiras, e adorá-los é dissimulação. Pela primeira vez em séculos, os judeus poderão desfrutar suas refeições e seu sono, pois todos os inimigos terão sido derrotados. Nos anos de sua dispersão por todo o mundo, em muitos lugares os judeus foram sujeitados a ameaças e a intimidações, chegando a temer pela vida (Dt 28:63-68), mas isso terá fim quando Deus estabelecer o reino e quando Cristo reinar sobre as nações.

O povo de Deus se alegrará (vv. 14-17).

Esta é uma das passagens mais comoventes das Escrituras. Retrata Deus como uma mãe amorosa cantando para os filhos e se alegrando com eles. O povo de Deus canta e exulta por tudo o que Deus fez por eles. Tirou deles seu castigo, derrotou seus inimigos e foi habitar no meio deles. Garantiu, ainda, que o povo de Israel nunca mais terá medo. O Senhor é o Rei de Israel, por isso seu povo não tem o que temer.

Quando Pilatos apresentou Jesus agonizante aos líderes judeus, eles o rejeitaram e bradaram: "Não temos rei, senão César!" (Jo 19:15). Mas aqui o povo de Deus reconhecerá com alegria que Jesus Cristo é o Rei dos reis e Senhor dos senhores (Fp 2:9-11). Em vez de se sentirem abatidos como prisioneiros de guerra derrotados, os judeus louvarão a Deus em alta voz.

Que motivos têm para cantar? Para começar, têm a presença de Deus com eles e o poder de Deus trabalhando a seu favor (Sf 3:17). Além disso, seu Deus os guarda junto ao coração, como uma mãe amorosa seguirá seu bebê. Ele os aquietá com seu amor³ e até canta para eles! Essa imagem do "caráter maternal de Deus" dá aos pecadores perdoados a certeza de que Deus está com eles, de que os ama e de que não precisam temer coisa alguma.⁴

Nosso Deus é um Deus que "canta". Deus, o Pai, canta para o remanescente judeu entrando no reino (v. 17). Deus, o Filho, cantou no encerramento da ceia de Páscoa e, então, foi ao jardim para orar (Mt 26:30). Também cantou depois de sua ressurreição triunfante (Sl 22:22; Hb 2:12). Deus, o Espírito, canta nos dias de hoje por meio do coração e dos lábios dos cristãos que louvam a Deus no Espírito (Ef 5:18-21).

A nação será restaurada (vv. 18-20). Durante os setenta anos do cativeiro na Babilônia e, mais tarde, em sua dispersão mundial entre os gentios depois do ano 70 d.C., os judeus devotos não puderam comemorar suas festas (Lv 23). Desde a destruição do templo em 70 d.C., o povo judeu não tem templo, altar, sacerdócio nem sacrifícios (Os 3:4, 5). É claro que os tipos e símbolos do

Antigo Testamento já se cumpriram todos em Cristo, inclusive as festas e sacrifício (Hb 10), mas Sofonias sugere que essas festas serão restauradas na era do reino, e Zacarias 14:16-21 parece apoiar essa interpretação.

Que motivos o Senhor teria para restaurar as práticas religiosas que já se cumpriram? Seriam, possivelmente, uma forma de ensinar a Israel o significado da doutrina da salvação em Jesus Cristo. As festas descritas em Levítico 23 retratam a “história da salvação”, desde a imolação do cordeiro pascal (Jo 1:29) até o Dia da Expiação (a purificação de Israel) e a Festa dos Tabernáculos (a era do reino). O profeta Ezequiel descreve detalhadamente a estrutura e os cultos num grande templo em Israel (Ez 40 - 48) e inclui a oferta de sacrifícios levíticos. Assim como os tipos do Antigo Testamento apontam para a vinda do Salvador, talvez na era do reino esses rituais sirvam para lembrar sua obra terminada.

A promessa de Deus é de que seu povo disperso será reunido, seu povo coxo será salvo e seu povo pecador será perdoado e não levará mais consigo a vergonha de seus atos perversos. “Eu vos farei voltar” (Sf 3:20) – essa é a promessa de Deus em sua graça, e ele a cumprirá. Enquanto no passado a nação de Israel trouxe vergonha e desonra para o nome de Deus e os judeus foram um mau testemunho para os gentios, no futuro Israel trará honra e louvores ao Senhor seu Deus e revelará às nações gentias a glória de seu nome. Israel será respeitado pelos gentios e dará glória ao Senhor.

O Estado de Israel “nasceu” em 14 de maio de 1948, mas esse acontecimento, por mais importante que seja, não foi o cumprimento da promessa de Deus de ajuntar seu povo e de restaurar sua sorte. Essa promessa se cumprirá no fim dos tempos, depois que os judeus tiverem passado pelo Dia do SENHOR e tiverem sido preparados para ver seu Messias. Mas as promessas de Deus se cumprirão, e o povo de Deus, Israel, será restaurado e, em todo o mundo, trará glória

para o Deus de Abraão, Isaque e Jacó e para o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

No entanto, encontramos aqui uma lição prática para nosso tempo, a qualquer um do povo de Deus que tenha se afastado da vontade do Senhor e passado por sua disciplina. Se nos chegarmos a Deus com um coração quebrantado, tendo confessado nossos pecados, o Senhor nos receberá da mesma forma que uma mãe amorosa recebe um filho desobediente. Ele nos amará e até cantará para nós! Trará paz a nosso coração nos renovará “no seu amor”. Sem dúvida, nossa desobediência causa sofrimento e, por vezes, levamos conosco as cicatrizes dessa desobediência para o resto da vida. Porém o Senhor nos perdoará (1 Jo 1:9), esquecerá nossos pecados e nos restaurará à sua amorosa comunhão.

O Dr. William Culbertson, falecido presidente do Instituto Bíblico Moody, às vezes terminava suas orações públicas dizendo: “E, Senhor, ajuda-nos a suportar as consequências dos pecados perdoados e a terminar bem”. Mesmo depois de perdoado, o pecado tem consequências, pois ainda que Deus, em sua graça, nos purifique, em sua soberania ele diz: “Você colherá aquilo que semou”. Depois que o rei Davi confessou seu pecado, o profeta Natã assegurou lhe que o Senhor havia perdoado o rei, mas, pelo resto de sua vida, Davi sofreu as consequências trágicas daquilo que havia feito (2 Sm 12:1-15).

Contudo, quando Deus estabelecer seu reino na Terra, restaurará seu povo, renovará a terra e dará a seu povo um recomeço que os fará esquecer de suas desobediências do passado e concentrar-se em louvar ao Senhor e em glorificar seu nome.

Jeová é o “Deus da esperança”. Assim, pode nos encher “de todo o gozo e paz no [nossa] crer, para que [sejamos] ricos de esperança no poder do Espírito Santo” (Rm 15:13).

É isso que você está experimentando hoje?

1. Ver Neemias 11:1, 18; Isaías 48:2; 52:1; Daniel 9:24; Mateus 4:5; 27:53; Apocalipse 11:2; 21:2; 22:19.
2. Os intérpretes apresentam diferentes opiniões sobre os profetas estarem falando literalmente (de um templo real com sacerdotes e sacrifícios reais) ou metaforicamente (do templo como símbolo de adoração e de serviço na era do reino). Sem dúvida, os profetas falaram usando linguagem e imagens que o povo pudesse compreender, mas se essas previsões não devem ser entendidas literalmente, é difícil compreender o motivo de os profetas (especialmente Ezequiel) terem escrito sobre elas de modo tão detalhado.
3. A oração hebraica já foi explicada de várias maneiras: “Ele vos aquietará no seu amor”; “Ele se calará no seu amor” (ou seja, não falará dos pecados passados); “Ele te renovará em seu amor”; “Renovará o seu amor por ele”; “O amor dele por vós fará novas todas as coisas”. Talvez todas essas orações tenham o mesmo significado: um relacionamento novo e mais profundo com Deus trará paz e alegria e renovará todas as coisas.
4. Outras passagens que falam do “caráter maternal de Deus” são Isaías 49:14-16, 66:13; e Mateus 23:37-39. Ver também Salmos 131 e 1 Tessalonicenses 2:7, 8.

3

VOCÊ EM SUA ÉPOCA

Não adianta muita coisa aprender sobre a época dos profetas menores se não tarmos uma atitude em nosso próprio tempo.

As situações variam de uma nação para outra, mas as estatísticas para meu país, os Estados Unidos, não são muito animadoras.¹

- Desde 1960, a taxa de natalidade para adolescentes solteiras subiu 200%.
- Desde 1960, os crimes violentos aumentaram 560%.
- O segmento que mais cresce na população de criminosos é o das crianças.
- Entre 1982 e 1991, o número de prisões por homicídios cometidos por menores aumentou em 93%.
- Aos dez anos de idade, uma criança terá assistido a até oito mil homicídios e a mais de cem mil atos de violência na TV.
- Oito dentre dez norte-americanos estão sujeitos a ser vítimas de um crime violento.
- Desde 1960, o número de suicídios entre adolescentes mais do que triplicou e agora é a segunda principal causa de morte nessa faixa etária.
- Os maiores problemas enfrentados pelas escolas médias são: consumo de álcool, uso de drogas, gravidez prematura, suicídios e roubos.

A condição dos lares, igrejas e escolas determina a condição do país. É hora de nos preocuparmos.

O GRUPO DE FÍEIS QUE SE IMPORTAM

Uma das verdades fundamentais encontradas nos profetas menores é a presença de

um remanescente fiel em tempos de declínio moral e espiritual. Esse remanescente é um pequeno grupo de pessoas, cuja devoção ao Senhor pode fazer a diferença em uma nação. Afinal, se Deus tivesse encontrado dez pessoas justas em toda Sodoma, teria poupado a cidade inteira (Gn 18:32)!

Israel chegou a seu ponto mais baixo no tempo dos juízes. E, no entanto, Deus sempre conseguiu encontrar uma pessoa dedicada para comandar seus exércitos e livrar seu povo. Elias pensou que era a única pessoa fiel que restava na terra, mas Deus lhe informou que sete mil pessoas não haviam se curvado para Baal (1 Rs 19:18). O profeta Isaías escreveu: “Se o SENHOR dos Exércitos não nos tivesse deixado alguns sobreviventes, já nos teríamos tornado como Sodoma e semelhantes a Gomorra” (Is 1:9).

Gosto de chamar esse remanescente piedoso de “grupo de fiéis que se importam”. São pessoas que verdadeiramente se importam com a vontade do Senhor e com o caráter de seu país, pessoas que se afligem com o mal e que desejam tomar uma atitude. O profeta Ezequiel teve uma visão do remanescente de sua época: “Passa pelo meio da cidade, pelo meio de Jerusalém, e marca com um sinal a testa dos homens que suspiram e gemem por causa de todas as abominações que se cometem no meio dela” (Ez 9:4).

Quem quer que tenha escrito o Salmo 119, pertencia aos “lamentadores e pranteadores” de seu tempo. “De mim se apoderou a indignação”, escreveu, “por causa dos pecadores que abandonaram a tua lei” (Sl 119:53) e confessou: “Companheiro sou de todos os que te temem e dos que guardam os teus preceitos” (Sl 119:63). Essa pessoa foi um encorajamento para os outros que faziam parte do “grupo de fiéis que se importam”, pois disse: “Alegaram-se os que te temem quando me viram, porque na tua palavra tenho esperado” (Sl 119:74). E dirigiu-se aos pecadores indiferentes da terra: “Apartai-vos de mim, malfitores; quero guardar os mandamentos do meu Deus” (Sl 119:115).

Contudo, é necessário que uma coisa fique clara desde o princípio: estou me

referindo a pessoas motivadas pela angústia e não pela ira. Sem dúvida, há um lugar para a ira justa na vida cristã (Ef 4:26), mas a ira, por si só, faz mais mal do que bem. “Porque a ira do homem não produz a justiça de Deus” (Tg 1:20). Quando a ira justa é acompanhada de compaixão, o resultado é a angústia, e é isso que o “grupo de fiéis que se importam” sente quando contempla o declínio moral e espiritual de sua nação. “Torrentes de água nascem dos meus olhos, porque os homens não guardam a tua lei” (Sl 119:136). “Sobre mim vieram tribulação e angústia; todavia, os teus mandamentos são o meu prazer” (Sl 119:143).

Todos os profetas cujos escritos estudamos pertenciam ao “grupo de fiéis que se importam” e constituem bons exemplos para nós.

Em primeiro lugar, eram totalmente comprometidos com o Senhor. Amós era um simples lavrador e bocheiro que não havia estudado em nenhuma das escolas dos profetas e, no entanto, Deus o chamou para transmitir sua mensagem num momento estratégico da história. Nas viagens que faço em meu ministério, fico cada vez mais impressionado com os “leigos” que Deus tem chamado para lhe servir em lugares importantes, pessoas que não têm qualquer treinamento profissional para o ministério e que, ainda assim, estão fazendo grandes coisas para a glória de Deus.² Robert Murray M’Cheyne escreveu: “Deus abençoa mais a grande semelhança a Cristo do que os grandes talentos. Um ministro santo é uma arma poderosa nas mãos de Deus”.

O “grupo de fiéis que se importam” é composto de pessoas separadas do pecado (Rm 12:1, 2; 2 Co 6:14 – 7:1), porém não isoladas do mundo real. Não possuem uma atitude de superioridade espiritual em relação aos pecadores. Têm a coragem de ser diferentes (porém não esquisitas) e de andar no caminho estreito a qualquer custo. São pessoas que oram constantemente por aqueles que ocupam posições de autoridade (1 Tm 2:1-4). De nada adianta escrever cartas de protesto se não estamos orando pelos líderes de nosso país.

Em segundo lugar, o “grupo de fiéis que se importam” é composto de pessoas que têm o devido temor de Deus no coração. Os profetas certamente ensinam o amor de Deus para com seu povo e para com os pecadores perdidos, mas também nos lembram de que “nossa Deus é fogo consumidor” (Hb 12:29). Eles criam na Palavra de Deus e sabiam que o julgamento estava a caminho da terra. Apesar de muitos dos fundadores dos Estados Unidos da América terem sido homens tementes a Deus, os norte-americanos não têm nenhum privilégio especial de Deus em função de sua cidadania. É verdade que os patriarcas puritanos sentiram-se chamados para edificar o reino de Deus em solo norte-americano, mas não temos base bíblica alguma para sua visão.

O que temos, então? As promessas de Deus para aqueles de seu povo que obedecerem a 2 Crônicas 7:14 e que intercederem por seu país. Deus opera em resposta às orações de fé, e estas, por sua vez, devem basear-se na Palavra de Deus.

O temor do Senhor é o temor que conquista todos os medos. John Wesley disse: “Dê-me cem pregadores que não temem outra coisa senão o pecado e que não desejam outra coisa senão a Deus e pouco me importa se são clérigos ou leigos, pois tais homens farão estremecer as portas do inferno e estabelecerão o reino de Deus na Terra”. Com essas palavras, estava descrevendo o “grupo de fiéis que se importam”.

Em terceiro lugar, esse “grupo de fiéis que se importam” é, de fato, um grupo constituído de cristãos que sabem que Deus quer que seu povo seja um “rebanho reunido” e que não tente fazer tudo sozinho. Os cristãos mais perigosos são aqueles que não prestam contas a ninguém, mas que fazem o que bem entendem e que acreditam estar servindo a Deus. Escrevem cartas iradas a políticos, a gente da mídia e até a pastores locais e, com freqüência, não assinam embaixo. Deus os chamou para endireitar todas as coisas no mundo, ainda que nem sempre comprehendam os problemas que estão tentando resolver. Em vez de pertencerem ao

"grupo de fiéis que se importam", fazem parte do "grupo de fiéis desnorteados".

Malaquias 3:16 é uma boa descrição do tipo de "grupo de fiéis" que Deus procura: "Então, os que temiam ao SENHOR falavam uns aos outros; o SENHOR atentava e ouvia; havia um memorial escrito diante dele para os que temem ao SENHOR e para os que se lembram do seu nome". "Quanto mais as verdades nas quais cremos são contraditas", escreveu Alexander Maclaren, "mais devemos ter comunhão com outros cristãos". Ao estudar as declarações sobre "uns aos outros" no Novo Testamento, você descobre quanto os cristãos precisam uns dos outros e quanto é necessário que ministrem uns aos outros. Alguém disse bem que educar um cristão é tão impossível quanto educar uma abelha. Certamente que toda igreja local possui seus pontos fortes e fracos, mas é a família de Deus, da qual nós fazemos parte. Não nascemos em uma família perfeita. No entanto, amamos nossos irmãos e irmãs e tentamos ignorar o que nos irrita. Quando Jesus enviou seus doze apóstolos para pregar, dividiu-os em pares, pois "Melhor é serem dois do que um" (Ec 4:9). As pessoas que pertencem ao "grupo de fiéis que se importam" não tentam fazer tudo sozinhas. Amam umas às outras, oram umas pelas outras e procuram encorajar-se mutuamente.

Podemos dizer ainda sobre tais pessoas que têm consciência da importância da retidão e da justiça na terra. "A justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos" (Pv 14:34). Os cristãos do "grupo de fiéis que se importam" procuram ser sal e luz na terra (Mt 5:13-16) e fazer todo o possível para evitar a corrupção e dissipar as trevas. A influência de seu caráter, conduta e testemunho promove a retidão, seja em seu trabalho diário, na maneira como votam ou pagam seus impostos, na forma como educam os filhos ou como investem seu tempo e dinheiro.

Neemias é um exemplo do que significa fazer parte do "grupo de fiéis que se importam". Quando ficou sabendo da situação trágica de Jerusalém, sentou-se e chorou, ajoelhou-se e orou e, então, levantou-se e

trabalhou para promover mudanças (Ne 1 - 2). Poderia ter se desculpado usando argumentos como "não é culpa minha se Jerusalém está em ruínas" ou "Tenho um trabalho a fazer aqui no palácio". Neemias nunca leu as palavras de Edmund Burke, mas viveu de acordo com elas: "Para que o mal triunfe, só é preciso que os homens retos não façam coisa alguma".

Ao ler o Livro de Neemias, vê-se um homem que buscou a ajuda dos líderes judeus e que reuniu o povo em mutirão para reconstruir o muro da cidade. Não tentou fazer tudo sozinho. Foi um homem de oração que confiou que Deus supriria as necessidades e que derrotaria os inimigos ao redor de Jerusalém. Em cinqüenta e dois dias, o trabalho estava concluído, e o cântico de louvor de Jerusalém podia ser ouvido a quilômetros de distância.

Há muito mais a dizer sobre o "grupo de fiéis que se importam", mas vou encerrar com a seguinte observação: essas pessoas sabem da importância de uma boa liderança em seu país. "A ascensão e a queda dependem da liderança", afirma corretamente o Dr. Lee Robertson. Porém, no tempo dos profetas, os líderes de Israel e de Judá muitas vezes eram egoístas, desobedientes à lei de Deus e relutantes em confiar nele para receber a sabedoria e ajuda de que precisavam. Os profetas advertiram reis, príncipes e sacerdotes de que seus pecados causariam a ruína de sua nação, mas esses homens recusaram-se a dar ouvidos. Depois que Judá foi devastada e que Jerusalém e o templo foram destruídos, Jeremias escreveu que isso havia acontecido por causa "dos pecados dos seus profetas, das maldades dos seus sacerdotes" (Lm 4:13).

Uma democracia não é uma teocracia em que o rei é representante de Deus na Terra, assim como uma sociedade pluralista também não é o mesmo que a sociedade homogênea do povo judeu, governada pelo mesmo código moral. Ainda assim, deve-se esperar que os líderes de uma democracia sejam homens e mulheres de caráter, que agem com honestidade e integridade e que se preocupam verdadeiramente com o povo. Alguém disse que o político se preocupa

com seu partido e pergunta: “É bem aceito pelo povo?”. O diplomata se preocupa com as negociações e pergunta: “É seguro?”. Mas o estadista se preocupa com o bem do país e pergunta: “É certo?”

Edward Everett Hale, autor da obra *The Man Without a Country* escreveu:

Sou apenas um, mas ainda assim sou um.
Não posso fazer tudo, mas ainda posso
fazer algo.

E pelo fato de não poder fazer tudo,
não me recusarei a fazer aquilo que posso.

Esse é um bom lema para o “grupo de fiéis preocupados”. Crescente, porém, a isso as magníficas palavras de Paulo: “tudo posso naquele que me fortalece [...] porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 4:13; 2:13).

É hora de se preocupar.

1. Estatísticas do estudo em William J. Bennett. *Index of Leading Cultural Indicators*. Nova York: Simon and Schuster, 1994.
2. Essa declaração não é uma crítica ao estudo e ao preparo para o ministério. Uma vez que leciono em várias escolas cristãs evangélicas, não sou contra a intelectualidade. Contudo, Deus muitas vezes usa pessoas e as treina a seu próprio modo para realizar sua obra. Há um lugar na vinha de Deus para um homem erudito como Jonathan Edwards e também para alguém como D. L. Moody, que só estudou até ao que hoje equivale, provavelmente, à sexta série do ensino fundamental.

AGEU

ESBOÇO

Tema-chave: Completem a obra que vocês começaram

Versículo-chave: Ageu 1:8

I. PRIMEIRA MENSAGEM: CONDENAÇÃO – 1:1-15

1. Parem de encontrar desculpas – 1-4
2. Passem a refletir sobre os seus caminhos – 5-11
3. Comecem a servir ao Senhor – 12-15

II. SEGUNDA MENSAGEM: COMPARAÇÃO – 2:1-9

1. Desânimo – 1-3
2. Ânimo – 4-9
 - (1) Sejam fortes – 4
 - (2) Não temam – 5

- (3) A glória virá – 6-7
- (4) Deus proverá – 8-9

III. TERCEIRA MENSAGEM: CONTAMINAÇÃO – 2:10-19

1. A questão da contaminação – 10-13
2. A certeza da bênção – 14-19

IV. QUARTA MENSAGEM: CORAÇÃO – 2:20-23

1. O julgamento vindouro – 20-22
2. O Messias prometido – 33

CONTEÚDO

1. Encorajando o povo de Deus
(Ag 1)..... 541
 2. Mantendo viva a obra
(Ag 2)..... 546
-

ENCORAJANDO O POVO DE DEUS

AGEU 1

Quando foram lançados os alicerces do templo em Jerusalém, no ano de 536 a.C., os homens mais jovens exultaram, enquanto os mais velhos choraram (Ed 3:8-13). Apesar de ser provável que Ageu tivesse visto o templo de Salomão em seu esplendor (Ag 2:3), sem dúvida era um dos que expressaram alegria, pois o Senhor estava operando no meio de seu povo.

No entanto, não tardou para que o zelo esfriasse e para que o povo de Deus desse lugar à apatia, especialmente quando o rosnado ameaçador da oposição transformou-se num rugido. O brado despertou os inimigos dos judeus, suscitou o antagonismo oficial, interrompeu as obras (Ed 4:1-6, 24) e o templo ficou inacabado de 536 a 520 a.C., quando Ageu e Zacarias levaram a mensagem de Deus a Zorobabel e a Josué.

Nesta primeira mensagem, o profeta apresentou quatro admoestações aos líderes e ao povo para encorajá-los a voltar ao trabalho e a concluir a construção do templo.

1. “COLOQUEM DEUS EM PRIMEIRO LUGAR EM SUA VIDA” (AG 1:1-4)

A primeira declaração desta mensagem divina foi direto ao cerne do problema e desmascarou a hipocrisia e a incredulidade do povo.

Desculpas. “Ainda não é hora de reconstruir a Casa do SENHOR” – foi a justificativa do povo para sua inatividade. Billy Sunday chamou uma desculpa de “um invólucro de uma razão recheado com uma mentira” e Benjamin Franklin disse: “Jamais conheci um homem que fosse bom em inventar desculpas e que também fosse bom em alguma outra coisa”.

A primeira congregação que pastoreei reunia-se num templo feito de chapas metálicas que deveria ter sido substituído muitos anos antes, mas sempre que alguém sugeriu um programa de construção, algumas das pessoas mais temerosas ressuscitavam velhas desculpas para deixar as coisas como estavam.

– A economia não anda bem e pode ser que haja mais uma greve – era a principal desculpa que ouvíamos, mas naquela região do país, sempre havia greves! E quem pode prever ou controlar a economia?

– Nossos pastores não ficam muito tempo aqui –, disse-me um membro, – e seria horrível estar no meio de um programa de construção e não ter um líder.

Contudo, o Senhor nos orientou para que construíssemos um belo templo e nos acompanhou do começo ao fim!

Provas. Que outras provas os judeus precisavam de que havia chegado o tempo de Deus? Como poderiam duvidar de que era a vontade de Deus que construíssem o templo e que restaurassem a verdadeira adoração em Jerusalém? Deus não havia tocado o coração do rei Ciro para libertar os exilados e comissioná-los a voltar a Jerusalém justamente com esse propósito (ver 2 Cr 36:22, 23; Ed 1:1-4)? O rei não havia lhes dado generosamente o dinheiro e os materiais de que precisavam, e o Senhor, em sua graça, não havia protegido os exilados que levavam consigo os tesouros do templo em sua viagem da Babilônia para Judá?

Sem dúvida os judeus conheciam as palavras que o profeta Isaías havia registrado sobre Ciro: “Ele é meu pastor e cumprirá tudo o que me apraz; que digo também de Jerusalém: Será edificada; e do templo: Será fundado” (Is 44:28). Isaías também escreveu: “Eu, na minha justiça, suscitei a Ciro e todos os seus caminhos endireitarei; ele edificará a minha cidade e libertará os meus exilados” (Is 45:13). Ao interromper seu trabalho, os judeus estavam admitindo que não tinham fé na Palavra de Deus e nem no poder do Senhor para cumprir sua Palavra.

Diante desses fatos, quais eram os motivos para o povo estar se recusando a obedecer

a Deus e a construir a casa do Senhor? Em primeiro lugar, tanto Isaías quanto Jeremias haviam predito uma restauração nacional que surpreenderia as nações gentias e que traria glória para Israel, mas esse acontecimento maravilhoso ainda não havia ocorrido (ver Is 2:1-5; 11; 35; 60:1-5; Jr 30 – 31). O povo não entendeu que algumas dessas promessas se cumpririam no fim dos tempos (“últimos dias”), e quando a situação em Judá piorou, o povo questionou a confiabilidade da Palavra de Deus.

Talvez alguns dos escribas tivessem estudado a promessa de Jeremias sobre os setenta anos de cativeiro (Jr 25:1-14) e decidido que o tempo determinado ainda não havia chegado ao fim. De acordo com os especialistas, apenas cinqüenta anos haviam se passado desde a destruição do templo em 586 a.C., de modo que os judeus ainda teriam de esperar mais vinte anos para que a profecia se cumprisse. Deus fez cumprir o que eles haviam dito, e as obras ficaram paradas por dezesseis anos.¹ O templo foi completado em 515 a.C., de modo que os estudiosos tiveram exatamente seus setenta anos!

Evasão. A incoerência do povo era assustadora: ainda não era hora de construir a casa de Deus, mas era hora de construir suas próprias casas! E algumas pessoas já haviam construído não apenas habitações comuns, mas “casas apaineladas”, do tipo que os reis construíam para si (1 Rs 7:3, 7; Jr 22:14).

“Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas [comida, vestuário, abrigo] vos serão acrescentadas” (Mt 6:33). A congregação de Ageu nunca havia ouvido essa promessa maravilhosa, mas o princípio por trás das palavras de Cristo encontrava-se escrito na lei. “Honra ao SENHOR côm os teus bens e com as primícias de toda a tua renda; e se encherão fartamente os teus celeiros, e transbordarão de vinho os teus lagares” (Pv 3:9, 10; e ver Lv 26:3-13; Dt 16:17; 28:1-14; 30:3-9).

É evidente que as prioridades de Israel não estavam na ordem correta, mas o povo de Deus, nos dias de hoje, é diferente dos judeus da antiguidade?

As igrejas locais não conseguem expandir seu orçamento para missões mundiais, pois não há fundos. Isso porque muitos membros da igreja não acreditam em Mateus 6:33 e não colocam Deus em primeiro lugar em sua contribuição. De acordo com os padrões do Terceiro Mundo, os cristãos do Primeiro Mundo estão vivendo em meio ao luxo e, no entanto, suas ofertas são pequenas e suas dívidas são enormes, pois sua riqueza está sendo usada para coisas que na realidade não importam.

Quando colocamos Deus em primeiro lugar e lhe damos o que é de direito, abrimos a porta para o enriquecimento espiritual e para o tipo de mordomia que honra ao Senhor. Um século depois do ministério de Ageu, o profeta Malaquias acusou o povo de roubar de Deus os elízimos e ofertas e, assim, de privar-se das respectivas bênçãos (Ml 3:7-12), e suas palavras precisam ser ouvidas hoje em dia.

2. “CRIAM NAS PROMESSAS DE DEUS” (AG 1:5, 6, 9-11)

A segunda admoestação de Ageu convidou o povo a examinar seu modo de vida e suas ações à luz da aliança que Deus havia feito com eles antes de sua nação entrar na terra de Canaã (Lv 26; Dt 27 – 28). O verbo “considerar” significa “meditar, pensar com cuidado” (Ag 1:5). Era chegada a hora de o povo fazer uma séria introspecção diante do Senhor.

A aliança de Deus declarava que ele os abençoaria se obedecessem à sua lei e que os disciplinaria se desobedecessem. “Se ainda assim com isto não me ouvirdes, tornarei a castigar-vos sete vezes mais por causa dos vossos pecados. Quebrantarei a soberba da vossa força e vos farei que os céus sejam como ferro e a vossa terra, como bronze. Debalde se gastará a vossa força; a vossa terra não dará a sua messe, e as árvores da terra não darão o seu fruto” (Lv 26:18-20; ver Dt 28:38-40).

De fato, gastavam suas forças em vão! Semeavam abundantemente, mas a colheita era pouca. Quando comiam e bebiam, não se sentiam saciados. Suas roupas não

os aqueciam e sua renda não cobria as despesas. À medida que as provisões tornavam-se escassas, os preços subiam e era como se o comprador carregasse seu dinheiro numa carteira cheia de furos!

Apesar de eu não crer que o dízimo do Antigo Testamento seja exigido do cristão do Novo Testamento (At 5:1-4), no que se refere à mordomia sistemática, acredito que ele seja um bom começo. Afinal, se um judeu da antiga aliança sob a lei podia dar de bom grado seus dízimos ao Senhor, será que um cristão da nova aliança sob a graça não deve fazer pelo menos isso? Mas o dízimo é só o começo! Os princípios apresentados em 2 Coríntios 8 – 9 nos encorajam a dar ofertas ao Senhor e a confiar que ele suprirá todas as nossas necessidades (ver 2 Co 8:9).

Pelo fato de os judeus terem voltado à terra em obediência ao Senhor, pensaram que ele lhes daria bênçãos especiais por seus sacrifícios, mas se decepcionaram (Ag 1:9). Em vez disso, o Senhor fez vir uma seca e reteve tanto o orvalho quanto a chuva. Tomou suas bênçãos dos homens que labutavam nos campos, nas vinhas e nos pomares. No versículo 11, Ageu citou os produtos básicos dos quais o povo necessitava para sobreviver: água, grãos, vinho e azeite (Dt 7:13; 11:14).

Mais uma vez, o profeta revelou a origem de seus problemas: o povo estava ocupado demais construindo suas próprias casas e não tinha tempo para a casa do Senhor (Ag 1:9). É exatamente o que se encontra em Mateus 6:33! Se a nação tivesse crido naquilo que Deus havia prometido em suas alianças, teria obedecido ao Senhor e desfrutado suas bênçãos.

Porém, devemos ter o cuidado de não transformar a contribuição num “negócio”, pois nossa obediência deve ser a prova de nosso amor e fé. O industrial cristão R. G. LeTourneau costumava dizer com razão: “Se você contribuir visando o retorno, então não valerá a pena!”

O Senhor nunca fez uma “aliança de prosperidade” com a Igreja como fez com Israel. Na verdade, a primeira declaração de

Jesus no Sermão da Montanha é: “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mt 5:3). “Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus” (Lc 6:20). Aprouve ao Senhor abençoar alguns cristãos com riqueza, mas não se trata de uma garantia para todos os cristãos, apesar do que os “pregadores da prosperidade” afirmam hoje em dia. Se ajudamos a suprir a necessidade de outros, Deus supre nossas necessidades (Fp 4:10-20; 2 Co 9:6-15), mas não se trata de uma promessa de prosperidade material. Não importa quanto Deus nos dê materialmente, devemos todos ser como Paulo: “pobres, mas enriquecendo a muitos” (2 Co 6:10).

3. “GLORIFIQUEM O NOME DE DEUS” (AG 1:7, 8)

Quando o exército babilônio pôs fogo no templo, o incêndio destruiu as grandes vigas de madeira que ajudavam a segurar a pesada estrutura de pedra. As pedras ainda podiam ser aproveitadas, mas toda a parte interna de madeira havia sido destruída e queimada e precisava ser substituída.

De acordo com Esdras 3:7, os judeus compraram madeira de Tiro e Sidom, como Salomão havia feito quando construiu o primeiro templo (1 Rs 5:6-12). Aqui, Ageu ordenou que os homens fossem às florestas nas montanhas e que cortassem a madeira para ser usada a fim de reparar e de reconstruir o templo. O que aconteceu com a primeira leva de madeira? O povo usou-a para si? Algum empreendedor astuto lucrou vendendo a madeira que havia sido comprada com a doação do rei? Não sabemos, mas nos perguntamos onde o povo conseguiu material para fazer suas casas apaineladas, quando não havia madeira disponível para a casa de Deus.

Ao longo de quase cinquenta anos de ministério, tenho observado que alguns cristãos confessos compram o que há de melhor para si mesmos e dão ao Senhor aquilo que sobra. Móveis usados são doados para a igreja e roupas usadas são enviadas para missionários. Assim como os sacerdotes do tempo de Malaquias, levamos ao Senhor

dádivas que teríamos vergonha de dar a nossos familiares e amigos (Ml 1:6-8). Ao fazê-lo, cometemos dois pecados: (1) desagrados ao Senhor; e (2) desonramos seu nome. O Senhor disse ao povo por intermédio de Ageu: “edificai a casa; dela me agradarei e serei glorificado” (Ag 1:8). Deus se compraz do serviço obediente de seu povo, e seu nome é glorificado quando nos sacrificamos pelo Senhor e o servimos.²

“Santificado seja o teu nome” é o primeiro pedido da oração do Pai Nossa (Mt 6:9), mas com freqüência é a última coisa em que pensamos quando buscamos servir ao Senhor. Jesus disse com referência a seu Pai: “faço sempre o que lhe agrada” (Jo 8:29), e esse é um bom exemplo a ser seguido por nós. “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mt 5:16).

Sem dúvida, não agradou a Deus nem glorificou seu nome quando o povo deixou de lado a casa do Senhor para construir casas sofisticadas para si mesmos. Sabemos que Deus não vive em templos feitos por mãos humanas (At 7:48-50) e que os edifícios de nossas igreja não são sua santa morada, mas a maneira como cuidamos desses templos reflete nossas prioridades espirituais e nosso amor por Deus. O Dr. G. Campbell Morgan expressou-se bem quando pregou sobre Ageu 1:4 muitos anos atrás:

Apesar de, hoje em dia, a casa de Deus não ser mais material, mas sim espiritual, o material ainda é um símbolo muito real do espiritual. Quando a igreja de Deus em qualquer lugar é desleixada com o ambiente físico de reunião, com seu lugar de adoração e seu trabalho, trata-se de um sinal e de uma evidência de declínio da vida dessa igreja.³

4. “OBEDEÇAM À ORDEM DE DEUS” (AG 1:12-15)

Quando Deus nos fala por sua Palavra, a única resposta aceitável é nossa obediência. Não pesamos as opções, analisamos as alternativas nem negociamos os termos.

Simplesmente fazemos o que Deus nos ordena e deixamos o resto ao encargo dele. “Fé não é crer apesar das evidências”, disse o pregador inglês Geoffrey Studder-Kennedy; “é obedecer apesar das consequências”.

Os líderes e todo o povo uniram-se em obediência às instruções de Deus e foram motivados por um temor reverente do Senhor (Ag 1:12). Afinal, ele é o “SENHOR dos Exércitos”, título usado dez vezes no livro de Ageu (vv. 2, 9, 14; 2:4, 7, 8, 9, 23). Deus é o comandante supremo das hostes celestiais (estrelas e anjos) e da terra.⁴ A obediência sempre revela mais da verdade de Deus (Jo 7:17), e o profeta garantiu-lhes que Deus estava com eles em suas empreitadas (Ag 1:13; ver 2:4). “O SENHOR dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é o nosso refúgio” (Sl 46:7, 11). A obediência dos líderes e do povo era resultado da operação de Deus no coração deles, da mesma forma como havia tocado o coração do rei Ciro e dos exilados que haviam retornado para Jerusalém com Zorobabel (Ed 1:5). “Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2:13).

Ageu transmitiu essa primeira mensagem em 29 de agosto de 520 a.C., mas o povo só voltou a trabalhar no templo no dia 21 de setembro. Qual o motivo dessa demora de três semanas? Em primeiro lugar, era o mês da colheita de figos e de uvas, e o povo não queria perder sua safra. Além disso, antes de poderem construir, os judeus precisavam remover os escombros do local do templo, fazer um inventário de seus suprimentos e organizar as equipes de trabalho. Teria sido imprudente precipitar-se sem qualquer preparo. Também é possível que tivessem separado um tempo para confessar seus pecados e para se purificar a fim de que sua obra fosse agradável ao Senhor (Sl 51:16-19).

A Igreja de hoje pode aprender uma lição com o remanescente judeu do tempo de Ageu. Com demasiada freqüência, inventamos desculpas quando deveríamos estar nos confessando e obedecendo ao Senhor. Dizemos: “Não é hora de uma campanha evangélica”. “Não é hora de o Espírito

trazer reavivamento”. “Não é hora de expandir o ministério”. Agimos como se entendêssemos os “tempos ou épocas” que Deus ordenou a seu povo, mas na verdade não os compreendemos (At 1:6, 7).

Qualquer interpretação da Bíblia que limite a Deus e que incentive seu povo a ser indolente em vez de diligente no ministério

é uma interpretação falsa e deve ser rejeitada. A fim de que o Senhor se agrade de nós e seja glorificado diante de um mundo incrédulo, devemos ouvir sua voz, crer nela e agir de acordo com ela, quaisquer que sejam as circunstâncias. Afinal, Deus está conosco, e “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8:31).

1. Contudo, é difícil crer que os servos de Deus esperariam dezesseis anos antes de instar o povo a voltar à reconstrução da casa de Deus. Será que Ageu e Zacarias chegaram a Judá bem depois, enviados por Deus para retomar o trabalho? Ou será que seus livros registram apenas os sucessos de seu ministério? É possível que estivessem insistindo com o povo desde o princípio, visando levá-los de volta à tarefa para a qual haviam sido libertos do cativeiro. Esdras só os menciona em seu livro a partir do capítulo 5, versículo 1. É provável que Deus tenha permitido a seu povo sofrer dezesseis anos de disciplina e de decepção, a fim de prepará-los para as palavras de seus profetas. Trata-se de uma ótima ilustração de Mateus 6:33.
2. Um dos temas fundamentais de Malaquias é a honra do nome de Deus. Para uma interpretação de Malaquias, ver minha obra *Be Amazed* (Victor).
3. MORGAN, G. Campbell. *The Westminster Pulpit*. Londres: Pickering and Inglis, v. 8, p. 315.
4. Zacarias usa o título “SENHOR dos Exércitos” cinqüenta e três vezes e Malaquias vinte e quatro vezes. Que motivo havia para o pequeno remanescente judeu temer os exércitos gentios a seu redor, se o SENHOR dos Exércitos era seu Salvador e Comandante?

MANTENDO VIVA A OBRA

AGEU 2

Uma coisa é conseguir que o povo de Deus volte ao trabalho, outra bem diferente é fazê-lo perseverar em sua tarefa. O Dr. Bob Jones Sr. costumava dizer que a maior aptidão de uma pessoa é sua confiabilidade, mas que, com freqüência, trabalhadores em potencial inventam desculpas e dizem: "Eis-me aqui Senhor; envia outrem". O parâmetro de Deus para seus trabalhadores é apresentado em 1 Coríntios 15:52. "Trabalhar é orar", disse santo Agostinho, e o povo de Deus pode realizar qualquer trabalho honesto para a glória do Senhor (1 Co 10:31).

A reconstrução do templo era uma tarefa especial, pois significava a restauração da verdadeira adoração em Jerusalém, e a conclusão do projeto agradaria ao Senhor e seria um poderoso testemunho às nações incrédulas que estavam observando o remanescente em Jerusalém. Ageu transmitiu mais três mensagens curtas para incentivar os trabalhadores a completar seus serviços. Em cada mensagem, pediu-lhes para olhar numa determinada direção a fim de descobrir aquilo que Deus queria lhes ensinar.

1. "OLHEM PARA O ALTO: DEUS ESTÁ CONOSCO" (AG 2:1-9)

Quando os alicerces do templo haviam sido lançados dezesseis anos antes, alguns dos homens mais velhos olharam para trás com tristeza ao lembrar-se da glória e da beleza do templo de Salomão (Ed 3:8-13). É possível que Ageu fizesse parte da geração mais velha e que tivesse visto o templo antes de ser destruído, mas certamente não chorou como os outros de sua idade. Alegrou-se

porque a obra havia começado, e era seu desejo vê-la completa.

Desânimo (vv. 1-3). Em vez de ignorar o problema do desânimo que certamente surgiria quando o povo comparasse os dois templos, o profeta encarou-o de frente. Escolheu um dia importante para transmitir sua mensagem: 17 de outubro, o último dia da Festa dos Tabernáculos. Essa festa era dedicada a louvar a Deus pelas colheitas e a lembrar os dias de peregrinação de Israel no deserto (Lv 23:34-43).

Contudo, o mais importante sobre essa data era o fato de ter sido durante a Festa dos Tabernáculos que o rei Salomão havia consagrado o primeiro templo (1 Rs 8:2) e Ageu queria que o povo pensasse nisso. O edifício restaurado não tinha nada do resplendor do templo de Salomão, mas ainda assim era a casa do Senhor construída de acordo com seu plano e para a sua glória. O mesmo ministério seria realizado em seus altares e a mesma adoração seria oferecida ao Senhor. Os tempos mudam, mas o ministério continua.

Ânimo: a presença de Deus (vv. 4-9).

Ageu não negou que o novo templo era "como nada" comparado com o templo que Salomão havia construído, mas isso não era importante. O que importava era que se tratava de uma obra de Deus, e o povo podia contar com o Senhor para ajudá-los a concluí-la. A mensagem de Ageu para o governador, o sumo sacerdote e o povo que estava trabalhando na construção foi: "Sê forte!", e essas duas palavras seriam muito importantes para ele.

Durante a Festa dos Tabernáculos, o Livro de Deuteronomio era lido para os judeus (Dt 31:9-13), de modo que ouviram e se lembraram das três vezes que Moisés disse a Josué e ao povo para serem fortes (Dt 31:6, 7, 23). Sem dúvida, também se lembraram de que o Senhor disse a Josué em três ocasiões para ser forte (Js 1:6, 7, 9) e de que, quando o rei Davi incumbiu Salomão da tarefa de construir o primeiro templo, em três ocasiões disse a seu filho para ser forte (1 Cr 22:13; 28:10, 20). "Sê forte" não era uma expressão vazia, mas sim parte importante da própria história do povo judeu.

Uma coisa é dizer às pessoas para serem fortes e para trabalharem; outra é dar-lhes um fundamento sólido para essas palavras. Ageu disse aos judeus por que deveriam ser fortes e trabalhar, pois o Senhor estava com eles (Ag 2:4; ver 1:13).

A promessa da presença de Deus foi um estímulo para Josué (Js 1:5, 9; 3:7) e para Salomão (1 Cr 28:20). Os cristãos de hoje podem se apropriar da mesma promessa ao servir ao Senhor. “Porque ele [o Senhor] tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei” (Hb 13:5; ver Dt 31:6, 8).

Ânimo: a aliança de Deus (v. 5). A promessa da presença de Deus com seu povo é garantida por sua Palavra imutável (v. 5). Quando o tabernáculo foi consagrado por Moisés, a presença de Deus mudou para lá (Êx 40:34-38), pois o Senhor havia prometido habitar no meio de seu povo. “E habitarrei no meio dos filhos de Israel e serei o seu Deus. Esaberão que eu sou o SENHOR, seu Deus, que os tirou da terra do Egito, para habitar no meio deles” (Êx 29:45, 46). O mesmo Espírito Santo que capacitou Moisés e os anciões para liderarem o povo (Nm 11:16, 17, 25; Is 63:11) também capacitaria os judeus para que terminassem a construção do templo.

O profeta Zacarias, que ministrou com Ageu, também enfatizou a importância de se confiar no Espírito Santo para receber a capacitação necessária a fim de cumprir a vontade de Deus: “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos” (Zc 4:6). A. W. Tozer disse certa vez: “Se Deus tivesse o Espírito Santo deste mundo, boa parte daquilo que estamos fazendo em nossas igrejas simplesmente prosseguiria, e ninguém sentiria a diferença”. Uma acusação e tanto!

Ânimo: a promessa de Deus (vv. 6, 7, 9). Dotado de discernimento profético, Ageu olhou adiante, para o tempo em que o Filho de Deus ministraria no templo e traria a glória de Deus àquele lugar (Jo 1:14). O templo de Herodes substituiu o templo construído por Zorobabel, mas os judeus ainda o consideravam o “segundo templo”.

Sem dúvida a glória que Jesus trouxe àquele templo foi maior do que a glória do tabernáculo ou do templo construído por Salomão.

Então, Ageu voltou os olhos para um futuro ainda mais distante e viu o fim dos tempos, quando Deus abalaria as nações e Jesus voltaria (Ag 2:7). Esse versículo é citado em Hebreus 12:26, 27 e aplicado à voltar de Cristo no fim dos tempos. Deus havia feito o monte Sinai estremecer quando deu a lei (Hb 12:18-21; Éx 19:16-25) e abalará as nações antes de enviar seu Filho (Mt 24:29, 30). Hoje, porém, o povo de Deus pertence a um reino que não pode ser abalado (Hb 12:28), e os cristãos participarão da glória de Cristo quando ele estabelecer seu reino na Terra.

Tanto na tradição judaica quanto na cristã, a oração “as coisas preciosas de todas as nações” (Ag 2:7) normalmente é interpretada como um título messiânico de Cristo (ver ARC: “o Desejado de todas as nações”). Em seu interior, as nações do mundo desejam aquilo que só Cristo pode dar, quer reconheçam esse anseio espiritual quer não. No texto hebraico, a expressão “coisas preciosas de todas as nações” atua como um substantivo composto e significa “tesouros”. O remanescente não tinha belo tesouro algum com o qual pudesse adornar o templo, mas quando o Messias vier reinar, os tesouros das nações serão entregues a ele e usados para sua glória.

A glória à qual Ageu 2:7 se refere é a glória que Jesus trouxe ao templo, mas a glória do versículo 9 é a glória do templo milenar, que será usado durante o reinado de Cristo aqui na Terra (Ez 40 – 48; ver 43:1-12). Isaías 60:1-5 e Zacarias 14:14 ensinam que, quando Israel estiver estabelecido no reino prometido, as nações levarão suas riquezas ao Rei.

Deus não apenas prometeu a vinda do Messias e a glória de Deus no templo futuro, mas também prometeu sua paz (Ag 2:9). “Neste lugar” é uma referência à cidade de Jerusalém, onde o Messias reinará como “Príncipe da Paz” (Is 9:6). Aqueles que crêem em Jesus hoje têm paz com Deus (Rm 5:1).

por causa da morte expiatória de Cristo e de sua ressurreição vitoriosa (Cl 1:20; Jo 20:19-21). Também podem desfrutar a " paz de Deus", à medida que se entregam a Cristo e confiam inteiramente nele (Fp 4:6-9).

Ânimo: a provisão de Deus (v. 8). Por fim, o Senhor garantiu-lhes que, apesar da economia fraca e da falta de riqueza do povo, ele era capaz de prover todas as suas necessidades. "Minha é a prata, meu é o ouro" (v. 8). Por certo, o remanescente havia recebido a promessa de contribuições do governo (Ed 1:4; 3:7; 6:4), mas os recursos do governo eram limitados. Deus possuía toda a riqueza, mesmo aquela guardada na casa do tesouro do rei. Deus promete suprir todas as nossas necessidades de acordo com sua riqueza em glória (Fp 4:19).

É melhor fracassar ao longo de uma empreitada que certamente será bem-sucedida no final do que ser bem-sucedido numa empreitada que acabará por fracassar. O templo humilde que o remanescente judeu estava construindo não iria durar para sempre, e até mesmo o templo sofisticado de Herodes seria destruído pelos romanos. Um dia, porém, haveria um templo glorioso que ninguém poderia destruir nem profanar. Sabendo disso, o remanescente desanimado poderia criar coragem e terminar seu trabalho.

2. OLHANDO PARA DENTRO: CONTAMINAÇÃO (AG 2:10-19)

Cerca de dois meses depois (18 de dezembro), o Senhor falou novamente a Ageu e deu-lhe uma mensagem sobre o pecado. Deus não podia abençoar o povo da maneira como desejava, pois estavam contaminados, de modo que era importante que se mantivessem puros diante do Senhor. Os conceitos de "limpo" e "imundo" eram extremamente importantes para os judeus que viviam sob a antiga aliança, sendo, inclusive, o tema principal do Livro de Levítico.¹ Se um judeu fosse contaminado ao tocar, por exemplo, o corpo de um morto ou uma ferida aberta, era separado do resto do acampamento até o final do dia e devia se lavar antes de poder voltar. Em alguns casos, deveria oferecer um determinado sacrifício

a fim de restaurar sua comunhão com o Senhor.

Ageu foi até os sacerdotes, que eram as autoridades nesse assunto, e lhes fez duas perguntas simples, não para sua própria instrução (pois ele certamente conhecia a lei), mas para o benefício do povo ali presente

Primeira pergunta – santidade (vv. 11, 12).

Quando um animal era apresentado no altar como sacrifício, era considerado santo, ou seja, pertencia ao Senhor e era separado para ser usado conforme ele instruísse. Os sacerdotes e suas famílias tinham permissão de comer porções de alguns dos sacrifícios, mas precisavam ter cuidado com sua maneira de comer, com o lugar onde se alimentavam e com aquilo que faziam com os restos (Lv 6:8 - 7:38).

"Se uma veste contendo um pedaço de carne consagrada tocar em algum alimento", perguntou Ageu, "essa veste torna o alimento santo?" E os sacerdotes responderam "Não". Isso porque não se pode transmitir santidade de maneira tão simples. Ainda que a veste fosse santa (separada) em função da carne santificada, essa santidade não podia ser passada pela veste a outros objetos.²

Segunda pergunta – contaminação (v. 13).

"Suponhamos que alguém tocasse o corpo de um morto e se tornasse imundo", disse Ageu. "Seria possível essa pessoa tocar outra e, assim, torná-la imunda?" A resposta, obviamente, foi "Sim". Ageu havia provado o que queria dizer: pode-se transmitir contaminação de um objeto para outro ou de uma pessoa para outra, mas não se pode transmitir santidade. O mesmo princípio aplica-se à saúde: você pode transmitir uma enfermidade a pessoas saudáveis e levá-las a adoecer, mas não pode dividir com elas sua saúde.

A aplicação (vv. 14-19). Sem dúvida, o povo estava se perguntando aonde Ageu queria chegar, de modo que ele lhes disse. As pessoas que trabalhavam no templo não podiam transmitir-lhe santidade, mas podiam contaminá-lo com seus pecados. Não era importante apenas que fizessem a obra do Senhor, mas também que realizassem essa obra com o coração puro e consagrado

a Deus. O profeta recapitulou a história recente do povo. Ao longo dos anos em que haviam sido egoístas, tinham experimentado a disciplina do Senhor (Ag 1:1-11). Os judeus não estavam obedecendo às estipulações da aliança, de modo que Deus não podia abençoá-los conforme havia prometido. Quando o grão ainda estava no campo, Deus o havia ferido com pragas e granizo, e depois que o grão havia sido colhido, os suprimentos não haviam durado (Dt 28:22).

Por que Deus havia feito isso com seu povo? A fim de levá-lo a voltar para ele de todo o coração. “E não houve, entre vós, quem voltasse para mim” (Ag 2:17). Estavam tão preocupados em construir suas próprias casas que ignoraram a casa de Deus e, no entanto, o trabalho de reconstrução do templo era o que os havia levado a Jerusalém!

Ageu estava chamando o povo ao arrependimento e, com esse chamado, dava-lhe a garantia da bênção de Deus (Ag 2:18, 19). Lembrou o povo da promessa que Deus havia dado a Salomão depois da consagração do templo: “Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra” (2 Cr 7:14).

Se os trabalhadores tivessem se dedicado ao Senhor quando os alicerces haviam sido lançados, a bênção de Deus teria vindo logo em seguida, mas o coração do povo era pecaminoso, e seu pecado entristeceu o Senhor e profanou seu trabalho. “Já não há semente no celeiro” (Ag 2:19), declarou o profeta, e sua congregação foi obrigada a concordar. Era final de dezembro, e os homens haviam acabado de arar os campos para a lavoura de inverno. Ageu estava pedindo que confiassem em Deus com relação à próxima colheita. Tratava-se de mais um exemplo de Mateus 6:33: coloquem as coisas de Deus em primeiro lugar e ele cuidará do resto. “Mas, desde este dia, vos abençoarei” (Ag 2:19).

Os estatutos de diversas igrejas locais atribuem aos presbíteros a “direção espiritual” da igreja e aos diáconos as responsabilidades

referentes aos aspectos “materiais” do ministério. É possível que essa divisão seja conveniente para fins organizacionais, mas essa separação de “material” e “espiritual” não é bíblica. A construção de um novo templo de uma igreja deve ser uma empreitada tão espiritual quanto uma campanha evangelística ou um congresso sobre missões. Uma das melhores formas de demonstrar devoção espiritual ao Senhor é usar as coisas materiais para sua glória. A administração das bênçãos materiais requer tanta santidade quando a administração dos ministérios “espirituais” da igreja.

O pecado sempre atrapalha a obra de Deus e nos priva das bênçãos divinas. Foram os pecados do povo que causaram a destruição de Jerusalém, e seus pecados seriam um empecilho para a reconstrução do templo e a renovação de Israel como nação em sua própria terra. “A justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos” (Pv 14:34).

Ageu havia pedido aos judeus que olhassem para trás e, depois, que fizessem uma introspecção. Haviam aprendido sobre a glória e a santidade de Deus.

Restava ainda uma terceira perspectiva e mais uma lição a ser aprendida.

3. OLHEM PARA FRENTE: COROAÇÃO (Ag 2:20-23)

Ageu havia encorajado o povo judeu a perseverar em seu trabalho e a terminar a casa de Deus. Em seguida, apresentou uma palavra especial de encorajamento para Zorobabel, o governador. Essa mensagem foi transmitida em 18 de dezembro, o mesmo dia da terceira mensagem. Uma vez que era um pregador fiel da Palavra, Ageu estava sempre alerta para ouvir a voz de Deus e sensível àquilo que o Senhor desejava que ele dissesse e fizesse.

Zorobabel era neto do rei Joaquim (Jeconias, Jr 22:24, 28; Mt 1:12) e, portanto, da linhagem real de Davi. Contudo, em vez de usar uma coroa e de assentar-se num trono, Zorobabel era o humilde governador de um remanescente dos judeus, lutando para tentar completar a construção de um templo

um tanto inglório. Que situação desanima-dora para um príncipe!

Assim, Deus deu a seu servo, Ageu, uma palavra especial de encorajamento para o governador. As nações ao redor de Jerusalém eram maiores e mais fortes? Esteja certo de que o Senhor cuidará de seu povo, Israel, como sempre fez no passado. O mesmo Deus que capacitou Moisés para derrotar o Egito e Josué para conquistar as nações em Canaã protegeria seu povo para que seus propósitos se cumprissem por intermédio deles. Israel permaneceria até os últimos dias e, então, o Senhor derrotaria seus inimigos e o estabeleceria em seu reino.

O Senhor chamou Zorobabel de “servo meu”, um título exclusivo reservado a pessoas especialmente escolhidas, e sem dúvida Zorobabel havia sido escolhido pelo Senhor. Deus o comparou ao anel de selar do rei. O anel de selar era usado pelos reis para colocar sua “assinatura” oficial em documentos (Et 3:10; 8:8, 10), a garantia de que o rei cumpriria sua promessa e as estipulações do documento.

O rei Joaquim (Jeconias), antepassado de Zorobabel, havia sido rejeitado por Deus, mas Zorobabel era aceito por Deus. “Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR, ainda que Jeconias, filho de Jeoaquim, rei de Judá, fosse o anel do selo da minha mão direita, eu dali o arrancaria” (Jr 22:24). Deus estava revertendo o julgamento e renovando sua promessa de que a linhagem de Davi não morreria, mas um dia daria ao mundo um Salvador. Por isso, encontramos o nome de Zorobabel nas genealogias de Jesus Cristo (Mt 1:12; Lc 3:27).

Essa mensagem deve ter servido de estímulo a Zorobabel para que perseverasse em seu trabalho e terminasse a obra da qual Deus o havia incumbido. Ele era especial para Deus, escolhido por Deus, servo de Deus! Era tão próximo de Deus e valioso para ele como o anel de selar de um rei. O povo de Israel teria diante de si muitos séculos de lutas e de sofrimento, mas o Messias viria, e, um dia, os inimigos de Israel seriam derrotados, e o reino glorioso seria estabelecido.

Ao ler o Antigo Testamento, vemos como a “história da salvação” se desenrolou ao longo das eras, sempre se movendo em direção ao cumprimento da promessa messiânica. Muitas pessoas desempenharam papéis diferentes nesse drama, porém cada uma delas foi importante. Abraão fundou a nação, e Isaque e Jacó a construíram. José a protegeu no Egito, e Moisés livrou seu povo de lá. Josué deu-lhes a herança prometida, e Davi estabeleceu o reino. Apesar do pecado, do sofrimento e dos fracassos, a linhagem de Davi não se extinguiu, e veio o dia em que Jesus Cristo, o Filho de Davi, nasceu em Belém.

Quando a igreja cristã comemora o nascimento de Cristo, as pessoas se lembram de Maria, de José, dos magos, dos pastores e até do perverso rei Herodes, mas raramente pensam em Zorobabel, um participante humilde porém fiel desse drama.

Não podemos concluir nosso estudo sobre Ageu sem observar algumas lições práticas para o povo de Deus nos dias de hoje.

1. A obra de Deus é iniciada, sustentada e encorajada pela sua Palavra. “Os anciãos dos judeus iam edificando e prosperando em virtude do que profetizaram os profetas Ageu e Zacarias, filho de Ido” (Ed 6:14). Quando os servos do Senhor proclamam a Palavra de Deus no poder do Espírito, as coisas começam a acontecer. “Ao termos uma visão geral da história da Igreja, não fica claro que os períodos e eras de declínio da história da Igreja sempre foram aqueles em que a pregação havia entrado em decadência?”, perguntou o Dr. D. Martin Lloyd-Jones. “O que sempre anuncia o início de uma Reforma ou reavivamento? É a renovação da pregação”.³

2. Os servos do Senhor devem trabalhar em conjunto para construir o templo de Deus. Ageu e Zacarias, um homem mais idoso e outro mais moço, ministraram a Palavra ao remanescente judeu, e Deus abençou seus esforços mútuos. É triste quando pregadores e igrejas competem entre si e até contendem em público, dando ao inimigo munição para opor-se ao evangelho.

"Porque de Deus somos cooperadores" (1 Co 3:9).

3. Quando as perspectivas são sombrias, procure olhar para o alto. Sem as promessas de Deus, não temos esperança alguma. Como Vance Havner costumava dizer: "A fé vê o invisível, escolhe o imperecível e faz o impossível". Nossa trabalho hoje é parte da obra de Deus no futuro, e queremos fazer o melhor.

4. Colocar Deus em primeiro lugar garante a bênção maior do Senhor. Por que a obra de Deus deve ser prejudicada enquanto corremos atrás de nosso próprio prazer e bem-estar? Uma geração de cristãos abastados que está desperdiçando as dádivas generosas de Deus com coisas banais e brinquedos terá muito pelo que responder

quando o Senhor voltar. Mateus 6:33 ainda faz parte da Bíblia, bem como Romanos 14:12.

5. Sem o poder do Espírito Santo, nosso trabalho é em vão. "Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2:13). Deus ainda demonstra seu poder e recebe grande glória por meio das coisas fracas deste mundo (1 Co 1:26-31). Se somos fortes demais em nós mesmos, o Senhor não pode usar-nos. Foi isso o que arruinou o rei Uzias: "porque foi maravilhosamente ajudado, até que se tornou forte" (2 Cr 26:15).

Em seguida, voltaremos nossa atenção para Zacarias, o jovem companheiro de Ageu, e estudaremos suas profecias impressionantes e Jerusalém, os judeus e o Messias.

1. No Livro de Levítico, palavras relacionadas à pureza cerimonial aparecem mais de setenta vezes, e palavras associadas à "imundícia", mais de cento e vinte vezes. O termo "imundo" aparece vinte e duas vezes em Levítico 11, o capítulo que trata daquilo que era permitido aos judeus comer. É claro que esse termo refere-se apenas à contaminação cerimonial e não à condição do coração. Não há lavagem nem sacrifício que, por si mesmo, seja suficiente para purificar o ser interior. A purificação depende do arrependimento, da confissão e da fé (Sl 51).
2. Tudo o que tocava o altar tornava-se santo (Êx 29:37), bem como tudo aquilo que tocava os utensílios santificados do tabernáculo (Êx 30:28, 29), mas a "santidade" dos objetos que tocavam o altar ou os utensílios não podia ser transmitida a qualquer outra coisa.
3. LLOYD-JONES, D. Martyn. *Preaching and Preachers*. Londres: Hodder and Stoughton, 1971, p. 24.

ZACARIAS

ESBOÇO

Tema-chave: A preocupação zelosa de Deus com Jerusalém e com os judeus

Versículo-chave: Zacarias 1:14

I. DEUS CHAMA O SEU POVO AO ARREPENDIMENTO – 1:1-6

II. DEUS ENCORAJA SEU POVO A CONFIAR NELE – 1:7 – 6:15

1. Oito visões noturnas

- (1) Os cavaleiros: Deus observa as nações – 1:7-17
- (2) Os chifres e os ferreiros: a nação é julgada – 1:18-21
- (3) O cordel de medir: Jerusalém é restaurada – 2:1-13
- (4) O sumo sacerdote: Israel é purificado – 3:1-10
- (5) As oliveiras: Deus dá poder a seu povo – 4:1-14
- (6) O rolo voante: o mal é tirado da terra – 5:1-4
- (7) O efa: o mal é levado para a Babilônia – 5:5-11
- (8) Os quatro carros: os gentios são julgados – 6:1-8

2. A coroação de Josué: o Messias reinará – 6:9-15

III. DEUS INSTRUÍ SEU POVO – 7:1 – 8:23

1. Sobre o verdadeiro jejum – 7:1-7
2. Sobre a obediência à Palavra – 7:8-14
3. Sobre o futuro de Jerusalém – 8:1-23

IV. DEUS REDIME SEU POVO – 9:1 – 14:21

Dois oráculos

1. A rejeição do Messias – 9:1 – 11:17
2. A volta do reino do Messias – 12:1 – 14:21

As mensagens nos capítulos 1 – 8 foram dadas a Zacarias durante a construção do templo, e as dos capítulos 9 – 14 depois que o templo havia sido concluído.

CONTEÚDO

1. Deus e seu povo
(Zc 1 – 2)..... 553
2. Deus e seus líderes
(Zc 3 – 4)..... 559
3. Deus e as nações
(Zc 5 – 6)..... 565
4. Verdade, tradições e promessas
(Zc 7 – 8)..... 570
5. O Messias, o Rei-Pastor
(Zc 9 – 11)..... 576
6. Redimido, refinado e restaurado
(Zc 12 – 14)..... 583

DEUS E SEU POVO

ZACARIAS 1 – 2

Um jovem pastor, no início de seu ministério, me telefonou em busca de ânimo.

— A maioria das pessoas na igreja são mais velhas do que eu — disse ele. — Fico pensando se elas prestam atenção em mim. Sinto-me deslocado pregando para elas.

Tendo em vista que eu havia passado pela mesma situação em minha primeira igreja, pude lhe dar a mesma resposta que recebi de um pastor mais velho quando pedi sua ajuda.

— Não se preocupe com sua idade, desde que você esteja transmitindo a mensagem de Deus. Quando você abre a Bíblia, tem mais de dois mil anos de idade!

Zacarias¹ era um rapaz (Zc 2:4) quando Deus o chamou para ministrar ao remanescente judeu lutando para tentar reconstruir seu templo na cidade arruinada de Jerusalém. Ageu, o profeta mais velho, havia transmitido duas de suas mensagens antes de Zacarias juntar-se a ele no ministério, e os dois serviram a Deus juntos por um curto período. Ageu havia levado o povo a retomar o programa de construção depois de uma interrupção de dezesseis anos, e Zacarias os animaria a terminar seu trabalho. Deus deu ao jovem “palavras boas, palavras confortadoras” (Zc 1:13, 17) para garantir ao povo que, apesar dos tempos difíceis, Deus estava com eles e os acompanharia até o fim.

Eram duas as ênfases do profeta quando ele deu início a seu ministério para o remanescente: Deus os estava chamando ao arrependimento, e Deus os estava assegurando de sua preocupação pessoal. Numa série de oito visões, Deus explicou seu envolvimento com seu povo.

1. DEUS CHAMA SEU POVO AO ARREPENDIMENTO (Zc 1:1-6)

O primeiro sermão de um pastor normalmente é difícil de ser pregado, mas no caso de Zacarias, sua mensagem era duas vezes mais difícil em função de seu tema: o arrependimento. Deus ordenou a seu jovem servo que instasse o remanescente desanimado a deixar seus caminhos maus e a obedecer à sua Palavra. Zacarias proclamou com ousadia o que Deus havia mandado dizer, pois, afinal de contas, o Senhor não poderia abençoar seu povo escolhido enquanto não estivesse puro diante de Deus. Se Zacarias tivesse procurado um texto para citar em seu sermão, poderia ter sido 2 Crônicas 7:14, um versículo que o povo judeu conhecia bem.

Zacarias convidou o povo a olhar para trás e a lembrar-se daquilo que seus antepassados haviam feito para provocar a ira de Deus e seu julgamento (Zc 1:2, 4). O povo judeu que havia regressado à terra conhecia bem a história de sua nação. Sabia que Deus enviara um profeta depois do outro para rogar a seus antepassados que abandonassem a idolatria e que voltassem para o Senhor, mas que a nação havia se recusado a ouvir.

Isaías advertira os líderes de que Deus disciplinaria a nação, se eles não mudassem seus caminhos (Is 2:6 – 3:26; 5:1-30; 29:1-14). Jeremias havia chorado ao advertir Judá e Jerusalém de que o julgamento estava vindo do Norte (Babilônia) e de que os judeus passariam setenta anos no exílio (Jr 1:13-16; 4:5-9; 6:22-26; 25:1-14). “O SENHOR, Deus de seus pais, começando de madrugada, falou-lhes por intermédio dos seus mensageiros, porque se compadecera de seu povo e da sua própria morada. Eles, porém, zombavam dos mensageiros, desprezavam as palavras de Deus e mofavam dos seus profetas, até que subiu a ira do SENHOR contra o seu povo, e não houve remédio algum” (2 Cr 36:15, 16).

Então, Zacarias compartilhou com eles a promessa de Deus: “Tornai-vos para mim [...] e eu me tornarei para vós outros” (Zc 1:3). Deus havia entregado o povo a seus próprios caminhos, e era por isso que estavam passando por tantas dificuldades. Ageu

já havia lhes dito isso em sua primeira mensagem (Ag 1), mas valia a pena repetir essa verdade. "Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros" (Tg 4:8). A. W. Tozer nos lembra de que "proximidade é similitude",² de modo que, se queremos permanecer perto de Deus, devemos ser obedientes e desenvolver um caráter piedoso. O remanescente não havia colocado Deus em primeiro lugar, por isso o Senhor não poderia abençoá-lo da maneira como desejava.

Nesse ponto, Zacarias fez duas perguntas ao povo: "Vossos pais, onde estão eles? E os profetas, acaso, vivem para sempre?" (Zc 1:5). Se os ouvintes tivessem respondido com honestidade, teriam dito: "Muitos dentre nossos pais estão mortos, pois foram assassinados pelos babilônios, e alguns ainda estão no exílio na Babilônia. Alguns dos profetas estão mortos, pois nossos antepassados os mataram".

Mas o que Zacarias desejava deixar claro era que a morte dos profetas indicava que a nação havia deixado passar oportunidades. Deus deu aos judeus tempo mais do que suficiente para se arrependerem e escaparem do castigo, mas desperdiçaram suas oportunidades, e era tarde demais. Porém, a Palavra de Deus proferida e escrita pelos profetas nunca morre e, um dia, acaba alcançando os pecadores rebeldes (Zc 1:6). Uma vez que a longanimidade de Deus se esgota, suas palavras vivas vão ao encalço dos transgressores e os julgam.³

Alguns de seus antepassados se arrependeram (v. 6), mas seu arrependimento chegou tarde demais para evitar a destruição de Jerusalém e a deportação do povo. É possível que alguns judeus tenham se arrependido quando Nabucodonosor e seu exército chegaram às portas de Jerusalém, enquanto outros se voltaram para Deus enquanto estavam exilados na Babilônia. Admitiam que seu castigo era merecido e que Deus era justo (ver Lm 2:17).

Ao chamar o povo ao arrependimento, Zacarias os estava preparando para a mensagem que iria transmitir-lhes, pois, a menos que nosso coração esteja em ordem com Deus, não podemos ouvir sua Palavra com

verdadeira compreensão espiritual. "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração" (Hb 3:7, 8).

De tempos em tempos, ouvimos evangelistas chamando pecadores perdidos ao arrependimento, o que é bom e bíblico. Contudo, raramente ouvimos pregadores chamando o povo de Deus ao arrependimento, apesar de essa ter sido a mensagem dos profetas, de João Batista e de Jesus. "A última palavra de nosso Senhor para a igreja não é a grande comissão", disse Vance Havner. "A grande comissão é, na verdade, nosso programa para o final dos tempos; a última palavra de nosso Senhor para a igreja é: 'Arrependei-vos'.⁴ Uma coisa é pedir a Deus que nos abençoe, porém outra bem diferente é ser o tipo de povo que ele pode abençoar!

2. DEUS CONSOLA SEU Povo (ZC 1:7-17)

Cerca de três meses depois, na noite de 15 de fevereiro de 519 a.C., Zacarias teve uma série de oito visões que Deus lhe deu para encorajar o remanescente e motivá-lo a concluir a reconstrução do templo. Essas três visões concentram-se principalmente no ministério de Deus em Israel e em seu julgamento das nações gentias que afligiram Israel.

O exército (vv. 7-11). Na primeira visão, o profeta viu um homem sobre um cavalo vermelho, comandando um exército em cavalos vermelhos, baio e brancos. Esse "homem que estava entre as murteiras" era o "anjo do SENHOR" (vv. 11-13), a segunda Pessoa da divindade, que nos tempos do Antigo Testamento realizava aparições temporárias em sua forma pré-encarnada. O Filho de Deus apareceu como Anjo do SENHOR a Agar (Gn 16:7-14), Abraão (Gn 18; 22:11-18), Jacó (Gn 31:11, 13), Moisés (Êx 3), Gideão (Jz 6:11-23) e aos pais de Sansão (Jz 13).

No entanto, estava presente também um "anjo intérprete" que explicou várias coisas a Zacarias (Zc 1:9, 13, 14, 19; 2:3; 4:1, 4, 5; 5:10; 6:4, 5). Durante suas visões, Zacarias fez perguntas a esse anjo dez vezes e recebeu dele respostas (Zc 1:9, 19, 21; 2:2; 4:4, 11, 12; 5:5, 10; 6:6). "Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes

impropera; e ser-lhe-á concedida" (Tg 1:5). "A intimidade do SENHOR é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança" (Sl 25:14).

Nessa primeira visão, o anjo do SENHOR explicou a Zacarias o significado dos cavaleiros (Zc 1:10). Eram os exércitos angelicais de Deus que patrulhavam a Terra e executavam os decretos do Senhor (v. 11, ver Dt 33:2; 1 Rs 22:19; Jó 1:6, 7; 2:1-2; Dn 7:10; Mt 27:63). Jeová é "SENHOR dos Exércitos", o comandante dos exércitos dos céus e da Terra.

O mensageiro relatou que as nações gentias estavam "repousadas e tranqüilas". Depois de um período conturbado para os impérios e da conquista da Babilônia e de outras nações pela Pérsia, essa notícia aparentemente animadora na verdade era motivo de preocupação. O remanescente judeu estava sofrendo, enquanto as potências gentias desfrutavam tranqüilidade. Ageu havia prometido que o Senhor faria estremecer as nações e remiria seu povo (Ag 2:6-9, 20-23), mas esse acontecimento importante ainda não havia ocorrido. O reino prometido pelo profeta parecia não passar de um sonho que jamais se realizaria.

O apelo (v. 12). Algo impressionante ocorreu: o Filho de Deus intercedeu pelo povo de Deus que se encontrava em grande aflição! Por séculos, "Até quando?" é o clamor dos sofredores, especialmente do povo de Israel (Sl 74:9, 10; 79:5; 80:4; 89:46; Hc 1:2). Mesmo nos céus, os santos martirizados clamam: "Até quando?" (Ap 6:10). O fato de o Filho de Deus identificar-se com o clamor de seu povo dessa forma revela sua compaixão e preocupação. "Em toda a angústia deles, foi ele angustiado" (Is 63:9).

Jeremias havia prometido que os setenta anos de cativeiro seriam seguidos das bênçãos de Deus (Jr 25:8-14; 29:10, 11), mas a nação continuava sofrendo.⁵ Isso porque se esqueceram de que Deus havia colocado condições para essas bênçãos: o povo deveria arrepender-se de todo o coração, exatamente aquilo que Zacarias havia pregado. A intercessão por Israel ainda deve fazer parte de nossas orações. Moisés (Êx 32; Dt 9:18), os profetas (1 Sm 12:23; 1 Rs

18; Jr 9:1; Hc 3), Jesus (Lc 23:34) e Paulo (Rm 10:1) oraram por Israel e são bons exemplos a serem seguidos. "Sobre os teus muros, ó Jerusalém, pus guardas, que todo o dia e toda a noite jamais se calarão; vós, os que fareis lembrado o SENHOR, não descansais, nem deis a ele descanso até que restaurarei Jerusalém e a ponha por objeto de louvor na terra" (Is 62:6, 7). "Orai pela paz de Jerusalém! Sejam prósperos os que te amam" (Sl 122:6).

A resposta (vv. 13-17). Depois de interceder por Israel, o Senhor deu "palavras boas, palavras consoladoras" para que o anjo transmitisse ao profeta.⁶ Afirmou seu amor zeloso e preocupação por Jerusalém (ver Zc 8:2). Deus é zeloso com seu povo escolhido, como um marido é zeloso com sua esposa e os pais com seus filhos (Êx 20:5; Dt 4:24; 5:9; 6:15). Isso explica por que o Senhor acusava os judeus de adultério e de infidelidade sempre que eles eram culpados de adorar a deuses pagãos (Jr 2:1-3; 3:14; 31:32; Os 1). A profanidade da parte dos cristãos também é retratada como "adultério espiritual" (Tg 4:4-10).

O Senhor estava irado com as nações gentias, pois haviam sido desnecessariamente brutais com os judeus. Por certo, Deus havia chamado a Assíria para castigar Israel, o reino do Norte, e a Babilônia para disciplinar Judá, mas essas nações tinham ido além do que Deus as havia chamado para fazer e tentado destruir os judeus. Outras nações, como Moabe, também haviam se juntado aos invasores (ver Sl 83 e 137).

No entanto, as palavras mais animadoras do Senhor referiam-se ao futuro de Judá e não a seus inimigos, pois Deus prometeu voltar para seu povo e fazer sua nação prosperar. Ele consolaria Sião e provaria às nações inimigas que Jerusalém era, de fato, sua cidade escolhida. Essa promessa é repetida e expandida no restante da profecia de Zacarias.

Quando nossa situação parece perdida, devemos nos lembrar de que Deus se identifica com nosso sofrimento e está no controle do futuro. Nossa responsabilidade é nos arrependermos, confessarmos nossos

pecados e crermos nas “palavras consoladoras” de Deus. A responsabilidade do Senhor é corresponder à nossa fé e realizar sua vontade perfeita para nós.

3. DEUS VINGA SEU POVO (Zc 1:18-21)

Ao longo dos séculos, os judeus sofreram repetidamente nas mãos de muitas nações e, ainda assim, sobreviveram. Porém, toda nação que procurou destruir o povo de Deus descobriu a veracidade da promessa de Deus para Abraão: “Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem” (Gn 12:3).

Essa é a mensagem da segunda visão que Deus deu a Zacarias: as nações que dispersaram os judeus ficariam aterrorizadas e seriam lançadas por terra pelos agentes do julgamento divino. Numa carta ao presidente Ronald Reagan, o primeiro-ministro israelense, Menachen Begin, escreveu: “Prezado Ron, minha geração jurou no altar de Deus que qualquer um que declarar a intenção de destruir o Estado judeu, o povo judeu ou ambos terá selado sua sorte.” Contudo, é o Senhor quem julga e não os exércitos de Israel, e os julgamentos divinos nunca falham.

Nas Escrituras, o chifre é um sinal de poder, especialmente de uma nação ou governante (Sl 75:4, 5; 89:17; 92:10; Jr 48:25; Am 6:13; Dn 7:7-12; 8:1ss; Ap 17). Os quatro ferreiros (artesãos, artífices) representam as nações que Deus usa para derrotar os inimigos dos judeus. Elas usariam suas “ferramentas” para remover os chifres e torná-los impotentes.

O conceito dos quatro chifres (nações) nos traz à memória as visões que Daniel teve da imagem (Dn 2) e dos animais (Dn 7), sendo que ambas se referem a quatro impérios: Babilônia, Média-Pérsia, Grécia e Roma.⁸ Em 722 a.C., a Assíria devastou o reino do Norte, Israel, mas Deus levantou os babilônios para derrotar a Assíria (Jr 25:9; 27:6) e, por fim, para levar Judá ao cativeiro em 586 a.C. De fato, a Babilônia oprimiu os judeus, mas Deus levantou Ciro para conquistar a Babilônia em 539 a.C. (Is 44:28; 45:1) e, em 538 a.C., permitiu que os judeus voltassem a sua terra. Os persas foram conquistados

pelos gregos sob o comando de Alexandre, o Grande,⁹ e a Grécia foi conquistada por Roma.

Essa situação indica que os “chifres” também se tornaram “ferreiros”, uma vez que cada império conquistou os opressores anteriores. Também lembra os judeus do cuidado providencial de Deus no passado e de sua promessa de proteção para o futuro, pois Deus não permitirá que nação alguma extermine seu povo escolhido. Nos últimos dias, quando o anticristo, o “animal terrível”, estabelecer seu reino (Dn 7:7, 8, 15-28) e perseguir os judeus, ele e seus reinos serão destruídos pela volta de Jesus Cristo em glória e poder. Zacarias falará mais sobre isso na última parte de seu livro.

4. DEUS RESTAURARÁ SEU POVO (Zc 2:1-13)

O remanescente que havia voltado a Judá estava preocupado em reconstruir o templo e em restaurar a cidade e a nação, mas seu trabalho era extremamente difícil. Nessa visão, Deus garantiu a seu povo que ele havia planejado glória e honra futuras para eles e para sua cidade, quando ele próprio iria habitar com eles.

Expectativa (vv. 1-3). Se um estranho chegasse a minha casa e começasse a medir as janelas para colocar cortinas e o piso para pôr carpete, eu provavelmente pediria que saísse. Afinal, medimos aquilo que nos pertence, coisas sobre as quais temos autoridade. Quando o profeta viu um homem medindo Jerusalém, foi uma prova de que Jerusalém era a cidade de Deus e de que, um dia, ele a tomaria para si a fim de restaurá-la em glória.

O homem com a linha de medir é, obviamente, o Anjo do SENHOR, o Messias de Israel. Os líderes e diplomatas podem discutir sobre quem deve controlar Jerusalém, mas o Senhor Jesus Cristo tem a última palavra. Ao medir a cidade, declara que ela lhe pertence, e, quaisquer que sejam as decisões de líderes e de assembleias nacionais, Deus realizará seus propósitos para ela.

No entanto, esse ato simbólico anuncia outra verdade: no futuro, Jerusalém desfrutará

expansão e glória tais como a cidade nunca viu. A população transbordará para fora dos muros, e, na realidade, não haverá necessidade de muros, pois o Senhor construirá "um muro de fogo" ao redor de seu povo (ver Is 49:13-21 e 54:1-3). O pequeno remanescente judeu nas ruínas de Jerusalém estava ajudando a manter viva uma cidade que, um dia, seria grandemente honrada e abençoada pelo Deus Todo-Poderoso!

Admoestação (vv. 6-9). O Senhor admoestou os judeus que ainda estavam na Babilônia a deixar a cidade e a se juntar ao remanescente em Jerusalém. Que motivo teriam para permanecer no conforto e na segurança de uma sociedade pagã quando eram desesperadamente necessários em sua própria terra? Chegaria o dia em que a Babilônia, então sob o governo persa, seria julgada por seus pecados, e aqueles que a serviam iriam saqueá-la. Saíam enquanto ainda podem!

Essa admoestação não deixava implícito que todo judeu que permaneceu na Babilônia viu-se fora da vontade de Deus. Assim como o Senhor havia enviado José para o Egito, a fim de preparar o caminho para sua família, também havia colocado pessoas como Ester, Mordecai, Daniel e seus amigos e Neemias em posições de autoridade em cidades pagãs, onde poderiam realizar a obra que ele havia planejado para eles. A convocação do Senhor era para os judeus que estavam colocando o conforto, o trabalho e a segurança antes da obra de Deus em sua própria cida-de sagrada (ver Is 48:20 e 52:11; Jr 50:8 e 51:6, 9, 45; 2 Co 6:14-18; e Ap 18:4).

Os judeus eram extremamente preciosos para Deus; ele os chamou de "menina [pupila] do seu olho" (Zc 2:8; Dt 32:10; Sl 17:8). A pupila é uma pequena abertura na íris que deixa passar a luz, constituindo uma parte de grande importância para esse órgão vital. Assim, qualquer coisa querida e preciosa é comparada à menina do olho.

Ainda é o Messias quem está falando quando diz: "Para obter ele a glória, [Deus o Pai] enviou-me às nações" (Zc 2:8). Todo o propósito da vida de Cristo na Terra, de seu ministério, morte e ressurreição era dar

glória a Deus (Jo 1:14; 12:23, 28; 17:4), e parte dessa glória incluirá a futura restauração de Israel no reino quando ele governar sobre a Terra (Is 61:3-11).

Aclamação (vv. 10-13). Promessas como essas devem fazer o povo de Deus "cantar e exultar". Seu Messias virá e habitará com eles, assim como a glória de Deus havia habitado no tabernáculo e no templo. Ezequiel descreve a nova cidade e o novo templo em Ezequiel 40 - 48 e encerra seu livro chmando a nova cidade de "Jeová-Shamá", que significa: "O SENHOR Está Ali" (Ez 48:35). Naquele dia, muitos gentios crerão no Senhor e serão reunidos a Israel no reino glorioso do Messias (Is 2:1-5; 19:23-25; 60:1-3; Zc 8:20-23).

Zacarias 2:12 é a única passagem das Escrituras em que a Palestina é chamada de "terra santa". Esse nome é usado com freqüência, mas na verdade não é apropriado. A terra só será santa quando o Messias purificar seu povo e a terra na ocasião em que voltar para reinar (Zc 3:9). Uma fonte se abrirá para lavar os pecados e impurezas (Zc 13:1), e, então, os judeus serão chamados de "Povo Santo" (Is 62:12). Sem dúvida, isso é motivo de exultação!

Também será motivo para as nações do mundo pararem e refletirem em silêncio cheio de temor (Zc 2:13; Hc 2:20; Sf 1:7). Isso porque, antes de o Messias vir para reinar, julgará as nações da Terra durante o período chamado de "tempo de angústia para Jacó" (Jr 30:7), "Dia do SENHOR" (Is 2:12; 13:6, 9; Jl 1:15; 2:1ss; Zc 14:1) e "grande tribulação" (Mt 24:21; Ap 6 - 19). Será um tempo de sofrimento intenso, quando as nações receberão a justa sentença por seus atos de desumanidade e de impiedade. Quando o povo de Deus "se [levantar] da sua santa morada" (Zc 2:13), as nações do mundo sentirão a ira divina e não terão para onde fugir.

Ao recapitular essas três visões noturnas, vemos que Deus observa as nações e sabe o que estão fazendo. Ele julga as nações por seus pecados, especialmente por seus ultrajes contra Israel, e há um futuro glorioso planejado para Jerusalém e para a nação judia, quando o Messias voltará para purificá-los

e para restaurar a glória de Deus no meio deles.

Não é de se admirar que tenhamos sido ensinados a orar: "Venha o teu reino"

(Mt 6:10), pois, quando fazemos essa oração, estamos pedindo a paz para Jerusalém. E só haverá verdadeira paz em Jerusalém quando o Príncipe da Paz reinar em glória.

1. Zacarias, o profeta do período pós-exílio, não deve ser confundido com o Zacarias martirizado no tempo do rei Joás (2 Cr 24:20-22) e ao qual Jesus se refere (Mt 23:35). Os pais dos dois tinham o mesmo primeiro nome, o que não é incomum na Bíblia. Uma vez que a Bíblia hebraica termina com 2 Crônicas, Jesus estava dizendo: "Desde o início das Escrituras [o assassinato de Abel em Gênesis] até o final das Escrituras [o assassinato de Zacarias em 2 Crônicas], todo o sangue inocente que foi derramado recairá sobre vós". Não temos evidência alguma de que o profeta Zacarias, que ministrou juntamente como Ageu, tenha sido assassinado.
2. Ver TOZER, A. W. *Born After Midnight*. Christian Publications, 1959, cap. 29.
3. Sem dúvida, os judeus conheciam as estipulações da aliança de Deus. Se obedecessem, seriam cobertos de bônegos (Dt 28:2), mas se desobedecessem, seriam tomados de maldições. "Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do SENHOR, teu Deus [...], então, virão todas estas maldições sobre ti e te alcançarão [...]. Todas estas maldições virão sobre ti, e te perseguirão, e te alcançarão, até que sejas destruído" (Dt 28:15, 45).
4. Ver Apocalipse 2:5, 16, 21, 22; 3:3, 19. Cinco das sete igrejas às quais Jesus escreveu receberam a ordem de arrepender-se.
5. Os estudiosos das profecias não apresentam um consenso sobre a data do início do cativeiro. Se começarmos a contar em 606-605 a.C., quando os primeiros prisioneiros foram levados à Babilônia, então o cativeiro terminou em 537 a.C., quando os judeus voltaram para Judá liderados por Zorobabel e Josué. Se contarmos a partir da destruição de Jerusalém e do templo em 586 a.C., então o cativeiro terminou com a consagração do segundo templo em 515 a.C. Se era essa última data que o Senhor tinha em mente, então a conclusão do templo foi, de fato, um acontecimento fundamental. Contudo, a pergunta em Zacarias 1:12 deixa implícito que os setenta anos haviam chegado ao fim.
6. Jeremias lamentou que ninguém houvesse consolidado Jerusalém depois que a cidade foi destruída (Lm 1:2, 9, 16, 17, 21).
7. *The London Observer*, 2 jan. 1983. Citado no *The Columbia Dictionary of Quotations*, compilado por Robert Andrews. Nova York: Columbia University Press, 1993, p. 477.
8. O império neo-romano aparece novamente no final desta era sob o controle da Besta (Dn 7:8; Ap 13). Esse império será destruído pela volta de Cristo em poder e grande glória (Dn 2:44, 45 e 7:9ss).
9. As conquistas de Alexandre são mencionadas em Zacarias 9:1-8, 13.

DEUS E SEUS LÍDERES

ZACARIAS 3 – 4

De acordo com os especialistas em administração M. Kouzes e Barry Z. Posner, um dos mitos populares sobre a liderança é o de que “os líderes são visionários prescientes com poderes semelhantes aos do mago Merlin”.¹ Em outras palavras, os líderes tudo sabem e tudo podem. Porém, se isso fosse verdade, a liderança não seria uma tarefa tão difícil e não exigiria tanto esforço. Mas não é assim que funciona. Sem dúvida, os líderes de sucesso desfrutam as prerrogativas e regalias que acompanham seus cargos, mas também precisam lidar com os vales e sacrifícios que são parte importante do trabalho. A verdadeira liderança não é fácil.

Zacarias 3 e 4 concentra-se em Josué e Zorobabel, os dois líderes do remanescente judeu que sabiam como era difícil liderar. Josué era o sumo sacerdote e Zorobabel o governador e responsável por administrar os assuntos públicos de Israel. O trabalho de ambos apresentava grandes desafios. Zorobabel estava tentando motivar pessoas desanimadas e egoístas, e Josué estava procurando educar pessoas desonestas e perversas. Existe alguma esperança para uma nação corrompida e desanimada ou para uma igreja ou pessoa desonrada e desalentada?

Sem dúvida! Deus deu ao profeta Zacarias duas visões relevantes para nosso tempo e que nos estimulam a continuar servindo o Senhor por mais difíceis que sejam as pessoas ou circunstâncias que precisemos enfrentar.

1. DEUS PURIFICA SEU POVO PARA SERVIR (Zc 3:1-10)

A primeira mensagem de Ageu (Ag 1:1-11) e a conclamação de Zacarias ao arrependimento

(Zc 1:1-6) são prova de que o remanescente judeu encontrava-se num profundo vale espiritual.² A maioria das pessoas havia nascido na Babilônia, onde não havia muita instrução nem exemplos religiosos para nutrir sua adoração a Jeová, e as circunstâncias em sua própria terra eram uma grande provação de sua fé.

O acusado (vv. 1a, 3). Josué estava diante do Senhor como representante de Israel, povo que Deus havia chamado para ser uma nação santa de sacerdotes (Êx 19:5, 6). Estava vestido com roupas sujas, não porque ele próprio tivesse pecado, mas porque o povo havia pecado e encontrava-se imundo aos olhos de Deus. A ênfase dessa imagem não é sobre Josué como indivíduo, mas sobre a nação em sua coletividade, pois tanto Josué quanto Zorobabel eram “homens de presságio” (Zc 3:8). Deus havia escolhido Jerusalém e tirado os judeus do fogo do cativeiro na Babilônia (v. 2). Aquilo que Deus fez simbolicamente por Josué era o que faria pessoalmente com Israel: um dia, a iniqüidade da terra seria removida (v. 9).

Estar “diante do Anjo do SENHOR” significa encontrar-se numa posição de serviço (Gn 41:46; Dt 10:8; 1 Sm 16:21), de modo que os judeus tornaram-se impuros quando estavam tentando servir o Senhor. Se seu serviço era imundo aos olhos de Deus, então como deviam ser horríveis seus pecados deliberados! A palavra hebraica traduzida por “sujas” indica a pior espécie possível de contaminação para um judeu. De acordo com Merril Unger, o termo pode ser traduzido por “coberto de excremento”.³

Uma vez que os sacerdotes receberam a ordem de manter-se puros em todo o tempo, sob a pena de morte (Êx 28:39-43; 30:17-21), o fato de Josué estar vestindo trajes imundos era terrivelmente embaráçoso para ele e uma transgressão à lei de Deus. Seus trajes eram “para glória e ornamento” (Êx 28:2, 40), mas ao contemplar seu servo, o Senhor não via nem glória nem beleza.

O acusador (v. 1b). Zacarias descreveu uma cena de um tribunal, no qual Josué era o acusado, Deus era o Juiz, Satanás, o advogado de acusação e Jesus Cristo, o advogado

de defesa, o Advogado do povo de Deus diante do santo trono do Senhor (1 Jo 2:1, 2). A palavra “Satanás” significa “adversário” e refere-se ao inimigo que resiste à obra e ao povo de Deus. Satanás tem acesso ao trono de Deus (Jó 1 – 2), onde ele acusa o povo de Deus (Ap 12:10). Quando Satanás fala conosco sobre Deus, ele mente, mas quando ele fala com Deus sobre nós, ele diz a verdade!

O trono de Deus é um trono de justiça, e Deus é um justo Juiz. Sabendo disso, Satanás apontou para a contaminação de Josué, que simbolizava a contaminação de todo o povo de Israel, e insistiu que o Deus santo castigasse seu povo corrompido. Parecia um caso incontestável, exceto por uma coisa: a graça de Deus.

O Advogado (vv. 2-5). O ministério presente de Cristo no céu é duplo. Ele é nosso Sumo Sacerdote, intercedendo por nós e dando-nos a graça de que precisamos para viver e servir aqui na Terra (Hb 4:14-16; 13:20, 21), e ele é nosso Advogado, representando-nos perante o trono de Deus quando pecamos (1 Jo 2:1, 2). Não se engane pensando que o Pai deseja nos castigar e que o Filho suplica para que mude de idéia, pois de modo algum esse é o caso. Tanto o Pai quanto o Filho nos amam e querem o que há de melhor para nós, mas Deus não pode ser santo e, ao mesmo tempo, ignorar nossos pecados.

Isso explica por que Jesus levou de volta para o céu as marcas de sua crucificação (Lc 24:39, 40; Jo 20:20, 25-27): elas provam que ele é aquele “a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça” (Rm 3:25). Satanás não pode nos acusar nem Deus pode nos condenar por pecados pelos quais Cristo morreu! “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8:1).

O Senhor repreendeu Satanás tomando por base sua graça eletiva: ele havia escolhido Jerusalém e a nação judia por seu próprio amor e graça (Dt 7:7-11; Sl 33:12; 132:13). Uma vez que não os havia escolhido por suas boas obras, como poderia

condená-los por suas más obras? “Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós” (Rm 8:33, 34).

Deus provou a Israel sua graça ao resgatá-los do cativeiro na Babilônia; os judeus eram “um tição tirado do fogo” (Zc 3:2; ver Am 4:11). Em várias ocasiões, as Escrituras compararam o sofrimento de Israel com uma passagem pelo fogo. Suas provações no Egito foram como uma fornalha (Dt 4:20), e o exílio na Babilônia foi comparado a ser refinado no fogo (Is 48:10; ver 43:16). Quando Israel passar pela tribulação no fim dos tempos, será uma experiência de depuração (Zc 13:9; Jr 30:7).

A resposta (vv. 4, 5). O mesmo Salvador que morreu por nossos pecados ressuscitou dentre os mortos e agora intercede por seu povo no trono de Deus (Hb 7:23-28). “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 Jo 1:9). A resposta de Deus à acusação de Satanás foi dizer aos anjos diante de seu trono: “Tirai-lhe as vestes sujas”. É nisso que consiste o perdão.

O Senhor assegurou a Josué: “Eis que tenho feito que passe de ti a tua iniqüidade” (Zc 3:4). Os cristãos de hoje sabem que são perdoados quando confessam seus pecados, pois têm a certeza da promessa de Deus. De acordo com 1 João 1:9, Deus não é fiel apenas a suas promessas, mas também a seu Filho, e não condenará seu povo por pecados pelos quais seu próprio Filho já foi condenado.

No entanto, a graça de Deus vai além do perdão e nos veste com sua retidão. “Te vestirei de finos trajes” (Zc 3:4). Adão e Eva tentaram esconder sua culpa sob vestes que eles próprios haviam feito (Gn 3:7), mas Deus matou animais e vestiu o casal com peles (v. 21). Foi preciso derramar sangue para que os pecados fossem perdoados. “Regozi-jar-me-ei muito no SENHOR, a minha alma se alegra no meu Deus; porque me cobriu de

vestes de salvação e me envolveu com o manto de justiça, como noivo que se adorna de turbante, como noiva que se enfeita com as suas jóias" (Is 61:10; ver Lc 15:22).

O auge da purificação (perdão) e paramentação (justiça de Deus; 2 Co 5:21) foi o gesto de colocar a mitra (turbante) sobre sua cabeça, pois na lâmina de ouro na frente da mitra estava escrito: Santidade ao Senhor (Êx 28:36-38; 39:30, 31). Era isso o que fazia o sumo sacerdote, o povo e suas ofertas aceitáveis ao Senhor. Não temos em nós mesmos retidão alguma, porém nos achegamos a Deus por meio da retidão e dos méritos de Jesus Cristo nosso Salvador (1 Pe 2:5).

A certeza (vv. 6, 7). O Senhor Jesus Cristo deu uma incumbência a Josué, pois a purificação e a restauração sempre implicam responsabilidade. Josué e seus sacerdotes não foram colocados num período de experiência, mas sim purificados e restaurados para servir. Porém, a continuidade de seu ministério dependia de sua fidelidade ao Senhor e à sua Palavra. É um privilégio servir ao Senhor, e não devemos jamais deixar de dar-lhe o devido valor.

"[Eu] te darei livre acesso entre estes que aqui se encontram" (Zc 3:7) – essa afirmação indica que o serviço de Josué era conjunto com os anjos de Deus (ver v. 4, "aos que estavam diante dele")! Os anjos são servos de Deus, obedecendo fielmente a todas as suas ordens, e os servos de Deus na Terra são unidos a eles na realização da vontade do Senhor. "Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu" (Mt 6:10). Os mensageiros invisíveis de Deus têm um papel essencial em seus planos tanto para Israel (Dn 10:10-21; Mt 24:31) quanto para a Igreja (Hb 1:13, 14).

A proclamação (vv. 8-10). Essa proclamação extraordinária feita a Josué e a seus sacerdotes concentra-se em Jesus Cristo e apresenta três imagens diferentes do Messias que há de vir: o Sacerdote, o Renovo e a Pedra. Zacarias ainda falará mais sobre o sacerdote no capítulo 6:9-15, passagem que será estudada em detalhes mais adiante. Em seu ministério sacerdotal, Josué

e seus sacerdotes eram "homens de preságio" (Zc 3:8).

"O Renovo" é uma imagem do Messias encontrada com freqüência nos profetas (Is 11:1, 2). Aqui, o Messias é chamado de "o meu servo, o Renovo". Também é "o Renovo do SENHOR" (Is 4:2), "um Renovo justo" levantado a Davi (Jr 23:5; 33:15) e "o homem cujo nome é Renovo" (Zc 6:12, 13). Esses quatro títulos são paralelos a quatro aspectos da pessoa de Cristo conforme ela é vista nos quatro Evangelhos:

Renovo justo de Davi – Mateus, o Evangelho do Rei;

Meu servo o Renovo – Marcos, o Evangelho do Servo;

O homem cujo nome é Renovo – Lucas, o Evangelho do Filho do Homem e

O Renovo do Senhor – João, o Evangelho do Filho de Deus.

A "Pedra" é outra imagem do Messias encontrada com freqüência nas Escrituras, revelando vários aspectos de seu ministério. O Messias é a pedra angular ou fundamental (Sl 118:22, 23; Mt 21:42; Ef 2:19-22; 1 Pe 2:7; ver Zc 10:4), é uma pedra de tropeço (Is 8:14; 1 Pe 2:8; Rm 9:32, 33), a pedra rejeitada (Sl 118:22, 23; Mt 21:42), a pedra ferida (Êx 17:6; 1 Co 10:4) e a pedra que esmiúça (Dn 2:34, 35). Em sua primeira vinda, Jesus foi uma pedra de tropeço para Israel que o rejeitou, mas se tornou pedra fundamental para sua Igreja. Em sua segunda vinda, ele esmiuçará os reinos do mundo e estabelecerá seu reino glorioso.

É provável que os sete "olhos" na pedra refiram-se à onisciência do Senhor (Zc 4:10; Ap 5:6). O termo pode ser traduzido também por sete "facetas", indicando uma jóia bela e preciosa pela forma como é lavrada (cortada). Contudo, o texto refere-se a uma inscrição que Deus lavrou (gravou) na pedra e não a uma jóia, e também não nos revela o que foi gravado. Alguns dos pais da Igreja interpretavam essa inscrição como as feridas glorificadas do corpo de Cristo, mas o texto não traz nada que valide essa interpretação.

A mensagem-chave desse versículo complexo é a remoção dos pecados de Israel em um só dia. Esse milagre da graça é descrito em Zacarias 5 e 12:10 – 13:1 e será estudado em capítulos posteriores. Na segunda vinda, quando Israel contemplar Aquele que foi trespassado (Zc 12:10), o povo se arrependerá e será purificado. “Quem jamais ouviu tal coisa? Quem viu coisa semelhante? Pode, acaso, nascer uma terra num só dia? Ou nasce uma nação de uma só vez?” (Is 66:8).

Quando isso acontecer, Deus cumprirá a promessa de paz que havia feito a Israel por intermédio dos profetas. Repousar sobre sua vide e figueira (Zc 3:10) é uma imagem da paz e segurança (1 Rs 4:25; 2 Rs 18:31; Mq 4:4) as quais Israel sempre ansiou, mas nunca encontrou.

Saber que Deus iria perdoar e purificar seu povo e restaurar o ministério de seus sacerdotes deve ter sido um grande estímulo para Josué. Na visão seguinte, Deus encoraja seu servo Zorobabel.

2. DEUS DÁ PODER PARA SEU POVO SERVIR (Zc 4:1-14)

O profeta mais moço havia tido quatro visões maravilhosas, e a experiência o havia deixado exausto. Zacarias adormeceu e precisou ser acordado pelo “anjo intérprete” antes que o Senhor pudesse lhe revelar a quinta visão. Receber visões de Deus e compreender seu significado deixou Daniel exausto, mudo e sem forças (Dn 10:8, 15-19). A maneira leviana e alegre com a qual alguns do povo de Deus falam de questões proféticas hoje em dia nos faz perguntar se, de fato, viram o que a Palavra de Deus diz sobre o futuro.

A visão (vv. 1-3, 11-14). No lugar santo do tabernáculo, defronte ao véu e à esquerda do altar de incenso, havia um candelabro de ouro com sete hastas (Êx 25:31-40).⁴ Na extremidade de cada haste, havia uma lâmpada de ouro, e era função do sumo sacerdote cada manhã e cada noite aparar o pavio e prover o óleo necessário para manter acesas as lâmpadas (Lv 24:3). Esse candelabro iluminava o Lugar Santo para que

os sacerdotes pudessem queimar incenso no altar de ouro toda manhã e tarde (Êx 30:7, 8).

No entanto, o candelabro que Zacarias viu era totalmente distinto daquele que Moisés havia colocado no tabernáculo. Juntamente com as sete hastas e lâmpadas, esse candelabro possuía um vaso de azeite no alto, dentro do qual pingava azeite de duas oliveiras (Zc 4:3), que simbolizavam Josué e Zorobabel (Zc 4:14). O candelabro também tinha sete tubos que saíam do vaso para cada lâmpada, num total de quarenta e nove tubos. Nenhum sacerdote precisava prover o azeite, pois ele pingava constantemente das árvores. Os sete tubos para cada lâmpada garantiam um suprimento abundante de combustível para manter as luzes acesas.

O candelabro do tabernáculo simbolizava o Messias, a luz do mundo (Jo 8:12), que um dia viria e daria a “luz da vida” a todos que cressem nele. A luz do candelabro brilhava sobre a mesa do lugar santo (Êx 26:35) e revelava os pães, sendo Cristo o pão da vida (Êx 25:30; Jo 6:33, 35, 48, 50, 51).

O candelabro do tabernáculo também se referia à nação de Israel, a nação que Deus havia escolhido para ser luz num mundo de trevas espirituais (Is 60:1-3; 62:1). (O candelabro de sete hastas, o menorá, é o símbolo oficial do Estado moderno de Israel.) Quando o remanescente regressou para a terra para construir o templo, o brilho da luz era fraco demais, e Zorobabel não estava certo de que tinha poder suficiente para dar continuidade ao trabalho.

Os cristãos de hoje devem ter sempre em mente que a igreja é uma luz num mundo em trevas e que devemos depender do Espírito Santo para nos capacitar a fim de ser testemunhas (Mt 5:14-16; Fp 2:14-16). Em Apocalipse 1 a 3, as igrejas locais são simbolizadas por candeeiros individuais, e o propósito do candeeiro é iluminar. Se não fazemos aquilo que Cristo nos ordena, ele pode tomar de nós o candeeiro (Ap 2:5).

Deus provê o poder (vv. 4-7a). Quando Salomão construiu o templo que os babilônios destruíram, tinha a seu dispor recursos praticamente ilimitados. Seu pai Davi havia travado muitas batalhas e juntado espólios

a serem usados para a construção do templo (1 Cr 26:20, 27, 28), mas o remanescente não possuía um exército. Salomão era o monarca de um reino poderoso que governou sobre muitas nações gentias, delas recebendo tributos, mas os judeus do tempo de Zácarias não tinham essa autoridade.

Foi por isso que Deus lhes disse por intermédio de seu profeta: “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito” (Zc 4:6). A palavra “força” refere-se à força militar, àquilo que as pessoas podem fazer em conjunto, mas o remanescente não possuía um exército. O termo “poder” refere-se à força individual, mas sem dúvida as forças de Zorobabel estavam chegando ao fim. “Não desanime!” Essa era a mensagem do profeta. “O meu Espírito habita no meio de vós; não temais” (Ag 2:5).

Podemos tentar realizar a obra de Deus de três maneiras: confiar em nossa própria força e sabedoria; tomar emprestados os recursos do mundo; ou depender do poder de Deus. As duas primeiras abordagens podem parecer funcionar, mas no final, sempre falham. Somente a obra realizada pelo poder do Espírito glorificará a Deus e passará pelo fogo do seu julgamento (1 Co 3:12-15).

Com seus recursos limitados, para os judeus a conclusão do templo devia parecer algo tão impossível quanto mover uma montanha, mas Deus disse a Zorobabel que o governante iria, pelo poder do Senhor, aplainar o monte e transformá-lo em campina! Jesus disse a seus discípulos que exercitar a fé como um grão de mostarda (pequeno, porém vivo) podia mover montanhas (Mt 17:20; 21:21).

Quais eram as “montanhas” que Zorobabel tinha diante de si? O desânimo no meio do povo, a oposição dos inimigos a seu redor, colheititas escassas, uma economia instável, pessoas desobedecendo à lei de Deus – problemas não muito diferentes daqueles que o povo de Deus tem enfrentado ao longo dos séculos. A resposta para esses problemas é a oração, que libera o poder do Espírito Santo. Quando os cristãos da Igreja primitiva enfrentaram dificuldades, voltaram-se para Deus em oração, e ele

respondeu enchendo-os novamente com o Espírito (At 4:23-31).

“Afirmamos depender do Espírito Santo”, disse Vance Havner, “mas na verdade estamos tão ligados em nossos próprios recursos que, se o fogo não descer do céu, produzimos nosso próprio fogo falso. Se não se pode escutar o som do vento poderoso, nossa fornalha está preparada para soltar ar quente. Deus nos livre de um Pentecostes sintético!”⁵

Deus termina sua obra (vv. 7b-10). Deus garantiu a Zorobabel que ele terminaria de reconstruir o templo e que o povo se regozijaria com aquilo que Deus havia feito por intermédio deles. Zorobabel colocaria “a pedra de remate [a última pedra a serposta numa construção] em meio a aclamações: “Haja graça e graça para ela!” (Zc 4:7b). Outra tradução possível é: “Beleza! Perfeição!” Não era isso o que algumas pessoas estavam dizendo quando foram lançados os alicerces do templo (Ed 3:10-13) e enquanto o templo estava sendo construído (Ag 2:3).

Deus deu uma promessa clara de que Zorobabel completaria o templo (Zc 4:9), o que nos faz lembrar da promessa de Deus em Filipenses 1:6: “Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus”. Também se assemelha às palavras de Davi ao seu filho, Salomão: “Sê forte e corajoso e faze a obra; não temas, nem te desanimes, porque o SENHOR Deus, meu Deus, há de ser contigo; não te deixará, nem te desampará, até que acabes todas as obras para o serviço da Casa do SENHOR” (1 Cr 28:20). Trata-se de uma promessa que me sustentou durante todo o primeiro programa de construção de um templo no início de meu pastorado, e posso garantir que funciona!

Para alguns judeus, o projeto era apenas um “humilde começo” (Zc 4:10) em comparação com o templo grandioso de Salomão, mas devemos ver a obra de Deus com os olhos dele e não com os olhos do povo do mundo. Grandes carvalhos crescem a partir de pequenas sementes. Quando o Messias veio à Terra, era um “rebento” saindo “do tronco de Jessé” (Is 11:1) e “era des-

prezado e o mais rejeitado entre os homens” (Is 53:3). A Igreja começou com cento e vinte pessoas e hoje ministra em toda parte do mundo.

A história da Bíblia é um registro de como usa os “humildes começos”. Quando Deus quis dar início ao plano da salvação, começou com um pequeno bebê chamado Isaque (Gn 21). Quando quis subjugar o Egito e libertar seu povo, usou as lágrimas de outro bebê (Ex 2:1-10). Usou um pastor com uma funda para derrotar um gigante (1 Sm 17) e o lanche de um menino para alimentar uma multidão (Jo 6). Livrou o apóstolo Paulo da morte com um cesto e uma corda (At 9:23-25). Nunca despreze os humildes começos, pois Deus é glorificado nas coisas pequenas e as emprega para realizar grandes coisas.

Deus e seus servos devem trabalhar em conjunto a fim de cumprir os propósitos divinos. “Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2:13). Deus dá a seus servos o Espírito, e, ao ver Zorobabel trabalhando, tendo em mãos o prumo e certificando-se de que o muro estava reto, o povo animou-se. Enquanto Zorobabel estava trabalhando, os olhos do Senhor estavam observando seu povo e monitorando as nações da Terra (a expressão “aqueles sete” em Zc 4:10 remete a Zc 3:9, os olhos do Senhor que significam sua onisciência).

A visão chega a seu auge (Zc 4:14) com Deus chamando Zorobabel e Josué de “dois ungidos, que assistem junto ao Senhor de toda a terra”. Que título mais nobre para os servos de Deus! Como as duas oliveiras, Josué e Zorobabel receberam o poder do Espírito de Deus e mantiveram acesas as luzes do trabalho e do testemunho de Israel. Nas Escrituras, o óleo normalmente simboliza o Espírito Santo. Profetas, sacerdotes e reis eram ungidos com óleo, e as palavras “Messias” e “Cristo” significam “ungido”. O óleo sagrado da unção não devia ser preparado por ninguém além dos sacerdotes nem usado para qualquer outro fim senão ungir os servos de Deus (Ex 30:22-33). “O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu” (Is 61:1; Lc 4:18, 19).

Se nosso Deus é “Senhor de toda a Terra”, o que havemos de temer? Se ele nos promete o poder de seu Espírito, por que devemos vacilar e cair? Lembremo-nos de Josué e de Zorobabel, homens que servem de encorajamento para todos os que procuram servir ao Senhor de alguma forma.

Não existem “pequenos lugares” nem “pequenos ministérios” e não há “grandes pregadores”. Temos, porém, um grande Deus que pode dar poder e abençoar os servos consagrados a ele. Pode nos purificar e nos dar seu poder; portanto, confiemos nele e façamos sua obra!

1. KOZES, James M. & POSNER, Berry Z. *The Leadership Challenge*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1987, p. xvi.
2. A espiritualidade de Israel atingiu níveis ainda mais baixos depois que o templo foi concluído. Para provas desse fato, leia a oração de Esdras (Ed 9) e o Livro de Malaquias. Quando nosso Senhor veio à Terra, a chama da fé dos judeus estava prestes a se extinguir.
3. UNGER, Merrill F. *Commentary on Zachariah*. Grand Rapids: Zondervan, 1963, p. 59.
4. No templo de Salomão, no lugar de um grande candelabro, foram colocados dez menores (1 Rs 7:49; 1 Cr 28:15).
5. HAVNER, Vance. *The Vance Havner Quote Book*. Compilado por Dennis J. Hester. Grand Rapids: Baker Book House, 1986, p. 111.

DEUS E AS NAÇÕES

ZACARIAS 5 – 6

A visão anterior terminou com o anjo intérprete chamando o Deus de Israel de “o Senhor de toda a terra” (Zc 4:14), título que também é usado no Salmo 95:7 e em Isaías 54:5. O propósito de Zacarias ao escrever é nos falar sobre o futuro dos judeus e de Jerusalém, mas o futuro dos judeus envolve o futuro do mundo todo, pois Deus chamou Israel para trazer bênçãos ou maldições a todas as nações da Terra (Gn 12:1-3).

O profeta descreve três acontecimentos que dão prova de que o Deus de Abraão, Isaque e Jacó é, de fato, “o Senhor de toda a Terra”.

1. A PURIFICAÇÃO DA TERRA (Zc 5:1-11)

As visões do rolo voante e do efa concentram-se principalmente na terra de Israel.¹ Em ambas, Deus realiza uma operação de purificação e trata dos pecados de sua nação.

Deus remove tudo o que é contrário à lei (vv. 1-4). O profeta viu um grande rolo aberto, com cinco metros por dez, pairando no ar e com seus dois lados escritos. Num dos lados, viu o terceiro mandamento sobre tomar o nome de Deus em vão (Êx 20:7) e, no outro, o oitavo mandamento sobre roubar (v. 15).

O rolo representava a lei de Deus, que traz maldição sobre todos aqueles que lhe desobedecem, e isso inclui todos nós (Dt 27:26; Gl 3:10-12), pois ninguém é capaz de obedecer inteiramente à lei de Deus. Aliás, a lei não foi dada para salvar as pessoas (Gl 2:16, 21; 3:21), mas para revelar que as pessoas precisam ser salvas, “em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado” (Rm 3:20).

Dos dez mandamentos, por que o Senhor escolheu aqueles que proíbem roubar e jurar falsamente? Tratava-se de pecados especialmente predominantes no meio do remanescente judeu daquela época? É possível que muitos do povo judeu não estivessem sendo fiéis em sua contribuição ao Senhor, roubando dele seus dízimos e ofertas e depois mentindo sobre isso. É bem possível que estivessem logrando uns aos outros em seus negócios. O profeta Ageu repreendeu-os pelo fato de colocarem seus interesses antes da obra do Senhor (Ag 1:1-11), e, sem dúvida, roubar do Senhor era um pecado grave no meio dos judeus um século depois (Ml 3:7-15).

Há, porém, outro motivo para isso. O terceiro mandamento é o que fica no centro da primeira tábua da lei, e o oitavo mandamento é o que fica no centro da segunda tábua da lei, de modo que esses dois mandamentos representam a lei como um todo. “Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos” (Tg 2:10).

Se estou suspenso sobre um abismo por uma corrente de dez elos, quantos elos precisam se romper para que eu caia? Se estou numa rodovia e sou parado por um policial por excesso de velocidade, faz diferença para ele se nunca soneguei impostos nem menti para meu vizinho? A obediência a uma lei não anula a desobediência a outras. Quebrar uma lei é tornar-se um transgressor.

Deus anunciou que o rolo de sua lei visitaria as casas das pessoas na terra e julgaria aqueles que estavam desobedecendo a Deus deliberadamente. Não fica claro se o sentido de “ser expulso” é literal, ou seja, ser expulso da comunidade da aliança, ou se significa a morte. Como um ladrão ou uma praga, a maldição entraria nos lares da terra sem ser anunciada e traria destruição.

O remanescente judeu certamente estava familiarizado com as “bênçãos e maldições” da aliança conforme registradas por Moisés. Ele também sabia que, depois de Josué ter levado o povo para a terra prometida, haviam se reunido nos montes Ebal e

Gerizim, lido as “bênçãos e maldições” e prometido obedecer ao Senhor (Js 8:30-35).

Hoje em dia, a transgressão da lei está por toda a parte, e o único mandamento com o qual muita gente se preocupa é: “Não serás pego em flagrante!” A ética é algo estudado nas salas de aula, porém não praticado no mercado de trabalho, e os dez mandamentos são apenas artefatos empoeirados no museu da moralidade. Não é de se admirar que Oséias escreveu: “Falam palavras vãs, jurando falsamente, fazendo aliança; por isso, brota o juízo como erva venenosa nos sulcos dos campos” (Os 10:4). As pessoas transgridem a lei de Deus e tentam usar a lei dos homens para proteger-se, e com frequência conseguem!

No final, porém, Deus julgará todos os pecadores que se rebelaram contra sua lei (Jd 14, 15), mas começará com Israel, a nação que nos deu a lei de Deus. É um princípio divino que o julgamento comece pelo povo de Deus (1 Pe 4:17; Ez 9:6). Esse julgamento ocorrerá antes de nosso Senhor estabelecer seu reino na Terra, e a “terra santa” se tornará, de fato, santa (Zc 2:12). Deus tirará “a iniqüidade desta terra, num só dia” (Zc 3:9).

Deus remove a perversidade (vv. 6-11).

Não apenas pecados e pecadores individuais serão julgados, mas também a perversidade em si será removida da terra. Nessa visão, a perversidade é personificada por uma mulher, pois a palavra hebraica para “perversidade” é feminina. O efa era uma medida comum em Israel, mas nenhum efa era grande o suficiente para conter uma pessoa, de modo que, como o rolo gigante, tratava-se de um efa especial. A mulher tentou sair do efa e, assim, foi colocado sobre ele uma tampa pesada de chumbo. A tampa com um talento de chumbo pesava aproximadamente de trinta e dois a cinqüenta quilos.

Em seguida, o profeta viu outras duas mulheres, mas elas eram aladas! Com a ajuda do vento, levantaram o cesto e seu conteúdo, juntamente com a tampa de chumbo, e carregaram tudo pelo ar para a Babilônia. Apesar de os anjos, na verdade, não terem sexo (Mt 22:30), nas Escrituras normalmente

são descritos como homens, de modo que essas duas mulheres eram agentes específicas do Senhor criadas precisamente para essa tarefa em particular. Levaram o efa e a mulher para Sinar (Babilônia; Dn 1:2) e colocaram o efa numa base dentro de uma determinada casa.

A fim de compreender essa visão, devemos nos perguntar: “O que os judeus trouxeram consigo para sua terra quando saíram da Babilônia?” Não foi a idolatria, pois os anos de exílio curaram-nos desse mal. A resposta é o mercantilismo. Quando foram para a Babilônia os judeus eram um povo agrícola, mas muitos dos judeus nascidos na Babilônia, moravam em cidades e tornaram-se comerciantes bem-sucedidos. Assim, a mulher no efa representava o espírito competitivo mercantilista, pois tanto o efa como o talento são medidas de bens.

O povo da cidade antiga da Babilônia é mencionado pela primeira vez em Gênesis 10:10, como parte do império de Ninrode. Este, por sua vez, é chamado de “poderoso na terra” e “poderoso caçador” (Gn 10:8, 9). Trata-se do retrato de um despotismo conquistador, criando para si mesmo um reino a qualquer custo e afrontando o Senhor nesse processo. A famosa torre de Babel foi construída em Sinar numa tentativa de exaltar o homem e destronar a Deus (Gn 11:1-19).

Ao longo das Escrituras, a Babilônia é símbolo da inimizade do mundo contra Deus, culminando com a descrição vívida em Apocalipse 17 e 18 (ver também o paralelismo em Jr 50 – 51). O Livro de Apocalipse apresenta o contraste entre a Noiva (a cidade celestial) e a meretriz (a cidade terrena da Babilônia). Ao ler Apocalipse 18, você vê que a ênfase é sobre o sucesso comercial e a grande riqueza da Babilônia, exatamente o mesmo “vírus” pelo qual os judeus foram contaminados durante seu exílio na Babilônia.

Isso não deixa implícito que o povo de Israel, nos dias de hoje, é dado a práticas comerciais suspeitas ou que é errado ganhar dinheiro por meio de transações comerciais. Tanto cristãos como incrédulos, judeus como gentios, podem ser produtores e comerciantes e fazê-lo com honestidade. Porém, se o

espírito mundano do mercantilismo infecta o filho de Deus, o resultado é uma distorção de valores, uma confusão de prioridades e uma ânsia por riqueza e *status* que entristece o Senhor (1 Tm 6). O melhor antídoto para isso é Mateus 6:33.

As duas mulheres com asas semelhantes às da cegonha colocaram o efa sobre uma base numa casa especial na Babilônia, o que sugere que o mercantilismo era adorado como um dos deuses babilônios. Infelizmente, o dinheiro tornou-se um deus no mundo todo, e, como se costuma fazer com um deus, as pessoas confiam que o dinheiro as ajudará, resolverá seus problemas, lhes dará felicidade e poder para alcançar seus objetivos na vida. O último dos dez mandamentos é “Não cobiçarás” (Êx 20:17), pois a cobiça leva à transgressão dos outros nove mandamentos. “Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males” (1 Tm 6:10); males que vão desde mentir na declaração de impostos até matar uma vítima indefesa por alguns trocados.

Deus acabou de purificar a terra. Qual é seu próximo passo na preparação de seu povo para o reino prometido?

2. DEUS JULGA AS NAÇÕES (Zc 6:1-8)

As imagens dessa visão são semelhantes àquelas descritas em Zacarias 1:7-17, mas os detalhes apresentam diferenças importantes. A ênfase, aqui, é nos cavalos e carros e não nos cavaleiros, e o ministério deles é cumprir os propósitos de Deus e não apresentar um relatório sobre a situação do mundo gentio. Na primeira visão, havia muitos cavalos e cavaleiros, mas aqui encontramos apenas quatro carros, cada um com seus cavalos.

Os quatro carros e seus cavalos representam os “quatro espíritos” de Deus, ou seja, quatro anjos (Hb 1:14) a serviço de Deus em diferentes partes do mundo. “Os carros de Deus são vinte mil, sim, milhares de milhares” (Sl 68:17). A presença de carros sugere batalha, o que implica julgamento. “Porque eis que o SENHOR virá em fogo, e os seus carros, como um torvelinho, para tornar a sua ira em furor e a sua repreensão, em chamas de fogo” (Is 66:15).

Se as cores dos cavalos são importantes, então Apocalipse 6:1-8 pode ser de ajuda. Os cavalos vermelhos simbolizam a guerra; os pretos a fome; os brancos, a morte. Não há cavalos baio na visão de João em Apocalipse 6, mas podem muito bem simbolizar as pragas. No Dia do SENHOR, Deus lançará mão de guerras, fome, pragas e morte para castigar as nações da Terra.

Uma vez que as duas montanhas (Zc 6:1) são feitas de bronze, também são simbólicas, pois não existem montanhas desse tipo nem na Terra Santa e nem em outro lugar qualquer. Nas Escrituras, o bronze com frequência simboliza julgamento. O altar do sacrifício no tabernáculo e no templo era de madeira revestida de bronze, e nele o pecado era julgado quando os sacrifícios eram queimados. A serpente que Moisés colocou na haste era feita de bronze (Nm 21:9), e quando o Senhor apareceu a João e estava prestes a julgar as igrejas, seus pés foram comparados a bronze “como que refinado numa fornalha” (Ap 1:15).

Assim, o efeito cumulativo dessa visão é o de que Deus julgará as nações gentias por seus pecados. Isso acontecerá durante um tempo chamado de “tribulação” ou “Dia do SENHOR”, que antecede a volta de Cristo à Terra para estabelecer seu reino de retidão. Em capítulos posteriores de seu livro, Zacarias descreve muitos dos acontecimentos que ocorrerão no “Dia do SENHOR”.

Quando Zacarias viu os cavalos, estavam se esforçando para alcançar seu destino e para fazer o que Deus havia lhes ordenado. Porém, o julgamento está nas mãos do Senhor, reservado para o tempo e o lugar certos (ver Ap 9:15). Os cavalos pretos foram incumbidos da região norte (Babilônia) e seriam seguidos pelos cavalos brancos, enquanto os baio iriam para o sul (Egito). O texto não diz nada sobre os cavalos vermelhos, de modo que aparentemente o Senhor os está guardando para outra ocasião.² Deus estava irado com as nações do Norte (Zc 6:8; ver 1:15), e seus mensageiros providenciariam para que seus santos propósitos se cumprissem. Isso traria paz ao coração de Deus, e sua justiça seria satisfeita.

O ministério dos anjos entre as nações e na dispensação do julgamento de Deus é descrito claramente em outras partes das Escrituras (Dn 4:4-18; 10; 12:1; Ap 8; 14; 16). A visão de Zacarias garante que Deus está no controle do futuro e julgará as nações gentias no “Dia do SENHOR”. Deus é longâmido (2 Pe 3:9), mas chega um momento em que as nações enchem “a medida da iniqüidade” (Gn 15:16; Mt 23:32), quando o julgamento deve recair sobre elas.

3. DEUS COROA SEU SACERDOTE-REI (Zc 6:9-15)

As oito visões chegaram ao fim, mas ainda há mais uma mensagem do Senhor para seu servo. Nas visões, Deus havia assegurado seu povo de que iria purificá-lo e protegê-lo de seus inimigos. No entanto, essas revelações também continham uma mensagem para o futuro. No “Dia do SENHOR”, as nações seriam castigadas por seus pecados, mas Israel seria liberto. No auge desse dia, o Messias voltaria, os judeus o veriam e creriam nele, e a nação seria purificada. Então, o Messias seria coroado Sacerdote-Rei para governar sobre seu reino de retidão (Zc 9 – 14).

Confrontação (vv. 9-11). O texto não nos diz quando Deus deu essas instruções a Zacarias, mas provavelmente foi logo depois de ele ter as oito visões, pois esse acontecimento, na realidade, é o auge das revelações apresentadas nas visões.

Deus disse a Zacarias que três judeus respeitáveis voltariam da Babilônia trazendo ofertas de ouro e de prata ao Senhor para a construção do templo. Ficariam hospedados na casa de Josias, que também era chamado de “Hem”, um excelente apelido que significa “benevolente” (Zc 6:14). Zacarias foi vê-los depois que chegaram a Jerusalém.

Só podemos imaginar o que ocorreu quando o profeta disse aos visitantes o que Deus havia ordenado que fizesse: que tomasse o ouro e a prata que haviam trazido e que confeccionassem uma coroa.³ Em seguida, ele deveria colocar essa coroa não sobre a cabeça de Zorobabel, o governador, que pertencia à linhagem real de Davi, mas sim sobre o sumo sacerdote Josué!

Sem dúvida, os visitantes viram-se diante de dois problemas: (1) o dinheiro dos deuses da Babilônia deveria ser usado para a conclusão do templo; e (2) não havia precedentes nas Escrituras para que um sacerdote fosse coroado rei. Zacarias estava tentando derrubar o governador e fazer de Josué o rei daquele remanescente aflito? Em que isso iria melhorar a situação deles a apressar a conclusão do templo?

Coroação (vv. 12, 13). Zacarias deixou para explicar somente depois que tivesse obedecido a todas as instruções do Senhor. Confeccionou a coroa e, levando consigo os visitantes, foi até o sumo sacerdote Josué e realizou a cerimônia de coroação. Não sabemos se todos os anciãos de Israel foram convidados, mas uma vez que a mensagem transmitida por esse ato era tão importante, é bem provável que estivessem todos presentes. Então, Zacarias explicou a mensagem de Deus para o sumo sacerdote e as testemunhas. Deve ter-lhes dito que tanto Zorobabel quanto Josué eram “homens de presságio” (Zc 3:8). Ainda que Zorobabel fosse da linhagem de Davi, não era o escolhido de Deus para ser coroado. Deus escolheu Josué, e, pela primeira vez na história dos judeus, o Senhor uniu a monarquia com o sacerdócio.

Tudo isso, obviamente, é uma referência a Jesus Cristo, pois ele é “o homem cujo nome é Renovo” (Zc 6:12; ver 3:8).⁴ Olhando para o tempo do reino, Deus anunciou que o Messias seria tanto Rei quanto Sacerdote: assentar-se-ia no trono e reinaria, mas também construiria o templo e serviria como sacerdote. De fato, muitos judeus e gentios virão de todas as partes para ajudar a construir o templo milenar (Zc 6:15; Is 60:5-12; Ag 2:7-9).

Nenhum sacerdote na história de Israel serviu como rei, e Uzias, o único rei que tentou tornar-se sacerdote, foi julgado pelo Senhor com severidade (2 Cr 26:16-21). Somente no Messias é que Jeová une o trono e o altar. Hoje, Jesus Cristo serve no céu como Rei e Sacerdote, ministrando “segundo a ordem de Melquisedeque” (Hb 7 – 8). Trata-se de um cumprimento da promessa

do Pai para o Filho registrada no Salmo 110:4.

No entanto, durante o reinado de Cristo na Terra, haverá um templo e um sacerdócio restaurados (Is 2:1-5; 27:13; Ez 40 – 48; Zc 14:16), e Jesus Cristo se assentará no trono de seu pai, Davi, como Rei e Sacerdote (Lc 1:32, 33).⁵ Será o cumprimento da promessa de Deus na aliança que fez com Davi, de que sempre teria um herdeiro assentado em seu trono (2 Sm 7).

A declaração de Zacarias 6:13 de que “reinará perfeita união entre ambos os ofícios” pode ser traduzida por “haverá perfeita harmonia entre os dois”. No reino, haverá paz e justiça perfeitas, pois toda autoridade civil e religiosa se encontrará harmonizada numa só Pessoa, o Messias, Rei e Sacerdote.

Memorial (vv. 14, 15). Em seguida, Zacarias removeu a coroa da cabeça de Josué e deu-lhe sua mitra sacerdotal (Zc 3:5). Isso porque o ato simbólico havia chegado ao fim, e a coroa não pertencia a Josué. Pertencia ao Messias que haveria de vir. Zacarias colocou a coroa em algum lugar do templo para servir de memorial (lembrança) da promessa do Senhor de enviar um Sacerdote-Rei, que traria paz e santidade a seu povo.

Deus será fiel em sua promessa, mesmo que seu povo seja infiel (2 Tm 2:12, 13),

mas a infidelidade fará com que percam as bênçãos. Deus não impôs nenhuma condição na maravilhosa promessa de um Sacerdote-Rei, mas Zacarias 6:15 parece limitar a obra do Senhor à obediência de seu povo. “Isto sucederá se diligentemente ouvirdes a voz do Senhor, vosso Deus”.

Essa declaração é uma referência à aliança de Deus registrada em Deuteronômio 28:1: “Se atentamente ouvires a voz do SENHOR, teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os seus mandamentos que hoje te ordeno, o SENHOR, teu Deus, te exaltará sobre todas as nações da terra”. O remanescente judeu que se encontrava na Terra Santa deveria obedecer à lei de Deus, a fim de que ele pudesse protegê-los e abençoá-los conforme havia prometido, pois o Messias devia nascer dessa nação. Alguns séculos depois, o anjo Gabriel visitaria Maria e lhe diria que havia sido escolhida para trazer ao mundo o Messias prometido (Lc 1:26-38). A fidelidade de uma geração garantiu a bênção das gerações seguintes e, por fim, a bênção do mundo todo.

Esse é o fim das visões. Observamos um panorama nítido dos planos de Deus para Israel, culminando com o Sacerdote-Rei no trono de Davi reinando sobre Israel e o mundo todo.

Lembre-se dessas profecias da próxima vez que você orar: “Venha o teu reino”.

1. O termo hebraico *eretz* pode significar “terra” ou “mundo”, dependendo do contexto, e por vezes não é fácil determinar qual termo o escritor tinha em mente. Em Zacarias 4:14, *eretz* é, obviamente, “mundo”, pois Deus é “Senhor de toda a terra”. No caso de Zacarias 5:3 e 6, prefiro as traduções que indicam o sentido de “terra de Israel”, uma vez que as visões tratam especificamente dos pecados dos judeus contra a lei de Deus.
2. Com uma pequena alteração no texto hebraico, pode-se traduzir que os cavalos brancos estão indo para o oeste, mas o texto original mostra os cavalos brancos seguindo os pretos.
3. A palavra hebraica empregada nesse caso é plural (“coroas”), mas uma vez que seria difícil colocar várias coroas na cabeça de um homem, o termo refere-se à sofisticação da coroa. Era um diadema (Ap 19:12), uma coroa com vários níveis, um sobre o outro.
4. A declaração “eis aqui o homem” (v. 12) nos lembra do que Pilatos disse aos judeus em João 19:5 quando lhes apresentou Cristo. Também traz à memória o Evangelho de Lucas, o Evangelho do Filho do Homem. “Eis aqui o meu servo” (Is 42:1) nos faz lembrar de Marcos, o Evangelho do Servo, enquanto “eis aí te vem o teu Rei” (Zc 9:9) está relacionado a Mateus, o Evangelho do Rei, e “Eis aí está o vosso Deus!” (Is 40:9) nos lembra de João, o Evangelho do Filho de Deus.
5. Algumas pessoas “espiritualizam” essas profecias do reino associando-a à Igreja de hoje e não ao Israel restaurado do futuro. Nenhum estudioso honesto negaria que existem aplicações atuais para as passagens do Antigo Testamento. No entanto, há uma diferença entre aplicação e interpretação. Mesmo que tenha várias aplicações, cada passagem possui apenas uma interpretação fundamental.

VERDADE, TRADIÇÕES E PROMESSAS

ZACARIAS 7 – 8

Até que ponto as tradições do passado têm autoridade sobre aquilo que a Igreja faz nos dias de hoje? Em tempos de mudança, os costumes também devem mudar? Quem tem autoridade para mudar os costumes? As tradições religiosas devem permanecer como sempre foram ou podemos deixar para trás as antigas e adquirir novas tradições?

Ainda que não sejam novidade, essas perguntas têm desafiado e até mesmo dividido as igrejas de hoje. Questões semelhantes foram levantadas séculos atrás quando Sarezer e Regém-Meleque chegaram a Jerusalém vindos da Babilônia. Os judeus da Babilônia haviam enviado esses homens para perguntar ao profeta Zacarias sobre os jejuns tradicionais dos judeus. Zacarias usou a oportunidade para ensinar o povo sobre a verdadeira adoração espiritual e, então, voltou a atenção deles do passado para as promessas do futuro.

1. PROBLEMAS REFERENTES À TRADIÇÃO (Zc 7:1-14)

A tradição é uma prática social útil e necessária. Ajuda a criar vínculos entre as gerações e mantém a sociedade em movimento de maneira unida. Quer as tradições envolvam o modo como comemos e bebemos, a forma como tratamos nossos pais e família, a maneira como saímos da infância e entramos na idade adulta ou ainda o modo como escolhemos um emprego ou cônjuge, dão estabilidade e servem de diretrizes para que tomemos decisões aceitáveis. No entanto, por vezes as tradições criam problemas, especialmente quando os tempos mudam

radicalmente e as pessoas não querem acompanhar essas mudanças.

O pedido (vv. 1-3). Havia se passado quase dois anos desde a coroação de Josué, e o trabalho de reconstrução do templo prosseguira sem maiores interrupções. Passados mais três anos, o templo seria concluído e consagrado. Apesar de não termos registradas mensagens de Zacarias durante esse tempo, certamente ele estava ministrando ao povo e encorajando os trabalhadores em sua incumbência tão importante.

A lei de Moisés ordenava que os judeus guardassem um jejum nacional, a ser observado no dia da expiação (Lv 23:16-32). É claro que cada judeu podia jejuar de tempos em tempos conforme se sentisse orientado por Deus a fazê-lo, mas não se tratava de algo estabelecido para a nação como um todo.

A fim de lembrar os acontecimentos relacionados à destruição de Jerusalém e do templo, os exilados judeus na Babilônia haviam acrescentado quatro novos jejuns ao calendário religioso (ver Zc 8:19): um no décimo mês, quando os babilônios haviam dado início ao cerco da cidade; um no quarto mês, quando os muros da cidade haviam sido penetrados; um no quinto mês, quando o templo havia sido incendiado; e outro no sétimo mês, quando o governador judeu Gedalias havia sido assassinado (ver Jr 41).

A pergunta importante era: "Uma vez que o templo estava sendo reconstruído, era necessário continuar observando o jejum do quinto mês que lembrava quando o templo havia sido queimado?"

A resposta (vv. 4-7). Zacarias não lhes respondeu imediatamente. Na verdade, o Senhor só revelou posteriormente sua vontade sobre essa questão (Zc 8:9). Antes de tudo, era necessário tratar das atitudes do coração do povo. Afinal, nosso relacionamento com o Senhor é muito mais uma questão de fé, amor e desejo de lhe agradar do que de tradição e regras. Pessoas imaturas precisam de regras religiosas que lhes digam o que fazer, e essas regras ajudam a medir sua "vida espiritual". Mas Deus quer que amadureçamos espiritualmente, crescendo

de modo a deixar de simplesmente obedecer a regras e começar a seguir princípios e cultivar um relacionamento pessoal vivo com o Senhor.

Bem à moda dos rabinos, Zacarias respondeu às questões com algumas perguntas! Na verdade, fez essas perguntas para o povo como um todo e para os sacerdotes, pois eles também deveriam guardar esses jejuns. “Quando vocês jejuavam”, perguntou Zacarias, “vocês o faziam para o Senhor ou para si mesmos? E quando vocês banqueteavam, era para o Senhor ou para si mesmos? O que se passava em seu coração?”

Os profetas que ministraram antes da queda de Jerusalém haviam ensinado que as práticas religiosas deviam vir do coração. Adorar a Deus de qualquer outra maneira era o mesmo que praticar a hipocrisia. Desde o ministério de Samuel, Deus vinha dizendo ao povo que desejava sua obediência e não seus sacrifícios (1 Sm 15:22), e essa verdade também foi ensinada nos Salmos (Sl 50:8-14; 51:16). Isaías havia proclamado essa mensagem (Is 1:11-17; 58:1-14), bem como o profeta Miquéias (Mq 6:6-8), mas o povo não deu ouvidos. Naqueles dias, a vida era tranquila e segura, e era muito mais fácil manter as tradições do que ter um verdadeiro encontro com Deus e uma experiência profunda de adoração.

Zacarias não estava condenando as tradições em si. Antes, estava ressaltando o fato de que a verdadeira vida espiritual não pode ser ligada e desligada quando nos convém, de modo que servimos a Deus num momento e logo depois nos esquecemos dele. Se comemos e bebemos, devemos fazê-lo para glorificar a Deus (1 Co 10:31); se jejamos, devemos fazê-lo para honrar ao Senhor. O Senhor deve ser o centro de nossa vida e a motivação de nossas ações. Se guardamos um jejum (ou qualquer outra tradição religiosa) simplesmente para agradar a nós mesmos e para conquistar a admiração e a aprovação de outros, então Deus não se compraz, e nossa atividade é desperdiçada.

A resposta final de Deus foi dada posteriormente (Zc 8:19): um dia, os quatro jejuns serão transformados num banquete! Isso

ocorrerá na era do reino, quando o Messias estabelecerá seu trono, julgando com justiça e verdade. (Isaías viu a mesma imagem; Is 61:2, 3; 65:19.) Assim, em vez de vivermos no tempo passado, lamentando sobre as calamidades de outrora, por que não vivermos no tempo futuro, nos regozijando com aquilo que Deus prometeu fazer por seu povo?

A repreensão (vv. 8-14). Zacarias lembrou o povo da forma como seus antepassados haviam praticado sua religião rotineiramente, mas não tinham dado ouvidos à Palavra de Deus nem obedecido de coração. Era por isso que Jerusalém e o templo haviam sido destruídos. Sua “religião” era apenas uma parte de sua vida, não o cerne de seu ser. Podiam ir ao templo e apresentar seus sacrifícios e orações com devoção, mas, ao sair do templo, transgrediam a lei de Deus, adoravam ídolos e maltratavam outras pessoas.

Por intermédio dos profetas, o Senhor havia instado o povo a praticar a justiça, mas os líderes haviam continuado explorando as pessoas em benefício próprio. Os governantes das nações haviam ignorado a lei de Moisés e se recusado a demonstrar compaixão para com os pobres, as viúvas, os órfãos e os estrangeiros na terra (Êx 22:22-24; Dt 10:18-22; Am 2:6-8; 5:11, 12, 21-24). Deus estava mais interessado na obediência do coração deles do que em seus sacrifícios.

O perigo da tradição é que ela pode transformar-se facilmente em tradicionalismo. “A tradição é a fé viva dos mortos”, escreveu o teólogo Jeríslav Pelikan; “o tradicionalismo é a fé morta dos vivos”. O tradicionalismo é a realização dos rituais externos em vez da honra ao Senhor de coração; é participar de um acontecimento religioso sem ter uma experiência espiritual interior.

Às vezes, a única forma de o Senhor nos trazer de volta à realidade é nos forçar a passar pelo sofrimento. “Antes de ser afligido, andava errado, mas agora guardo a tua palavra” (Sl 119:67). Quando nos encontramos na fornalha da aflição, voltamo-nos para Deus e para suas promessas, pois essa é a única esperança que temos. O Senhor teve de mandar o povo judeu para o exílio a fim

de que abrissem mão dos ídolos e que apreciassem todas as bênçãos que possuíam pela graça de Deus.

A palavra “tradição” significa simplesmente “aquilo que é passado para frente”. Vem de um termo no latim que quer dizer “entregar”. As doutrinas fundamentais da fé cristã devem ser passadas de geração em geração (1 Tm 2:2; 1 Jo 1:1-3; 1 Co 11:2; 1 Ts 2:15; 3:6; Jd 3), mas os costumes e tradições da Igreja primitiva não têm a mesma autoridade que a Palavra inspirada de Deus. Na verdade, à medida que os tempos mudam, alguns desses costumes podem ser prejudiciais para a obra do Senhor. Instituir quatro jejuns em função de tragédias que haviam ocorrido em Jerusalém e, no entanto, não se arrepender dos pecados que levaram a essas tragédias era uma falta de compreensão de todo o propósito da disciplina de Deus.

Séculos atrás, quando chegaram os primeiros missionários à Morávia, não lhes era permitido pregar na língua eslava! Isso porque as únicas “línguas sagradas” aprovadas pela igreja eram o hebraico, o grego e o latim. Felizmente, os líderes da igreja tiveram o bom-senso de revogar esse edital ridículo, de outro modo, teria sido impossível evangelizar aquele povo. Os cristãos de hoje que insistem que devemos cantar apenas Salmos em nosso culto público, acompanhados apenas de órgão ou piano, são prisioneiros de tradições sem qualquer fundamento bíblico. Congregações urbanas que seguem os horários dos cultos de domingo criados para uma comunidade rural podem estar perdendo oportunidades de alcançar a população da cidade com o evangelho. Ao longo dos anos, tive o privilégio de ministrar em várias igrejas de diferentes denominações e vi como as tradições mortas podem tornar-se barreiras para o progresso.

As igrejas são como famílias, cada uma tem seu próprio conjunto de tradições, muitas das quais podem ser boas. As verdades da Palavra de Deus não mudam, mas circunstâncias em transformação revelam novos princípios e novas aplicações para essa Palavra. O lema do ministério Mocidade para

Cristo é “ligados a nossos tempos, mas ancorados à Rocha”.

Jesus tratou da questão da tradição quando estava ministrando aqui na Terra (Mt 15; Mc 7). Fez uma distinção cuidadosa entre a Palavra de Deus, que nunca muda, e as tradições humanas, que estão sempre sujeitas a críticas e a revisões. A autoridade suprema da fé e da prática deve ser a Palavra de Deus. “A tradição é um guia e não um carcereiro”, escreveu o romancista W. Somerset Maugham, mas a história revela que para muitas pessoas é difícil libertar-se da tradição. É mais fácil ter uma religião de hábitos do que uma religião de coração. As igrejas, famílias e cristãos como indivíduos precisam examinar suas tradições tão estimadas à luz da verdade de Deus. Talvez alguns de nossos jejuns precisem ser transformados em banquetes (Zc 8:18)!

2 PROMESSAS REFERENTES A ISRAEL (Zc 8:1-23)

O povo de Deus não vive de explicações, mas sim de promessas. A fé e a esperança são nutridas pelas promessas que Deus nos dá nas Escrituras. Isso explica por que Zaqueus pôs de lado a discussão sobre as tradições e transmitiu uma mensagem do Senhor. Nessa mensagem, voltou os olhos da fé do povo para o futuro e compartilhou com eles algumas promessas maravilhosas, a fim de encorajá-los. Observe a repetição da expressão: “Assim diz o SENHOR”.

A cidade de Jerusalém será reconstruída (vv. 1-6). Deus declarou seu amor zeloso e sua preocupação com Sião exatamente como havia feito antes (Zc 1:14). Prometeu que Jerusalém seria reconstruída e que se tornaria uma cidade completamente diferente. Essa promessa se cumprirá quando Jesus Cristo voltar para a Terra a fim de estabelecer seu reino (Is 1:26; 2:3; 60:14; 62:12).

O Deus compassivo não se concentra nas construções, mas sim nas pessoas, especialmente nos idosos e nas crianças. Ele descreve uma cidade tão segura e amistosa que os idosos podem sentar-se tranquilamente nas praças e conversar, e as crianças podem brincar pelas ruas sem correr qualquer

perigo. Nas cidades de hoje, construídas por mãos humanas, as crianças e os idosos não estão seguros nem nas praças e ruas nem em qualquer outro lugar! As crianças são mortas antes de ter a chance de nascer, e quando os idosos deixam de ser "úteis", encontramos maneiras legais de dar cabo da vida deles. Mas tudo isso mudará quando Jesus voltar e a justiça reinar!

O povo de Israel será ajuntado (v. 7). Honrando sua aliança, Deus disciplinou seu povo desobediente, dispersando os judeus por todo o mundo (Dt 28:63), mas um dia ele os ajuntará em sua terra e em sua cidade santa (Is 11:11, 12; 43:5-7; Jr 30:7-11; 31:7, 8). Apesar de grupos de patriotas judeus terem voltado periodicamente para sua terra ao longo dos séculos, o tipo de reunião mundial descrito pelos profetas ainda não ocorreu.

O relacionamento entre Jeová e Israel será restaurado (v. 8). A promessa "eles serão meu povo" nos lembra de que Deus tomou o povo de Israel para si. Quando Deus libertou Israel da escravidão no Egito, disse-lhes: "Dai ouvidos à minha voz e fazei tudo segundo o que vos mando; assim, vós me sereis a mim por povo, e eu vos serei a vós outros por Deus" (Jr 11:4; ver Ex 19:3:5). Durante algum tempo, Deus abandonou seu povo, pois eles o haviam abandonado e o Senhor os chamou de Lo-ami: "Não-Meu-Povo, porque vós não sois meu povo, nem eu serei vosso Deus" (Os 1:9).

O castigo de Israel por sua idolatria foi ser enviado para o cativeiro na Babilônia. Posteriormente, a nação foi castigada por ter rejeitado seu Messias ao ser dispersa por todo o mundo. Um dia, Deus chamará seus filhos e filhas de todas as partes, e as ruas da Jerusalém restaurada ficarão abarrotadas com seu povo. "Naquele tempo, eu vos farei voltar e vos recolherei; certamente, farei de vós um nome e um louvor entre todos os povos da terra, quando eu vos mudar a sorte diante dos vossos olhos, diz o SENHOR" (Sf 3:20).

A terra de Israel será renovada (vv. 9-13). Ageu havia repreendido o remanescente judeu, pois o povo não foi fiel ao Senhor em sua mordomia (Ag 1). Em vez de honrarem

ao Senhor e de construírem a casa dele, construíram suas próprias casas primeiro, e Deus os disciplinou por esse pecado. O clima deteriorou-se, as colheitas foram escassas, e a economia entrou em declínio. Deus não estava sendo insensível com seu povo, mas sim fiel a sua aliança (Dt 28:38-46).

Agora, porém, a terra podia ser renovada pelo Senhor, e as lavouras cresceriam abundantemente. Os trabalhadores receberiam seu salário, e o dinheiro seria suficiente para pagar suas contas. O Senhor enviria as chuvas prometidas (Dt 28:11, 12) e as outras nações seriam testemunhas das bênçãos do Senhor sobre seu povo. Em vez de ser uma advertência, Israel viria a ser um testemunho para a glória do Senhor.

Apesar de a promessa de bênçãos materiais ter sido dada, antes de tudo, ao remanescente no tempo de Zacarias, pode ser aplicada à nação que, um dia, será reunida e restaurada. Deus promete que "O deserto e a terra se alegrarão; o ermo exultará e florescerá como o narciso" (Is 35:1) no reino do Messias.

Devemos sempre ter em mente dois fatos relacionados às bênçãos materiais. Em primeiro lugar, não obedecemos a Deus simplesmente para ficar ricos e para ter segurança. Obedecemos a Deus porque ele é o Senhor e merece nossa obediência em amor. A obediência constrói o caráter, e quando nosso caráter é correto, Deus pode nos confiar suas bênçãos. As bênçãos materiais não são subornos e nem recompensas. São a maneira de Deus dizer: "Você está amadurecendo no temor do Senhor, de modo que posso confiar-lhe mais coisas a serem usadas para minha glória".

Em segundo lugar, nem sempre Deus responde com bênçãos materiais, e a pobreza não é sinal de que Deus abandonou seu povo. A experiência de Jó lança por terra essa idéia "comercial" de fé e obediência. Os amigos de Jó possuíam uma visão "comercial" da fé e, assim, incentivaram Jó a confessar seus pecados, a fim de que Deus pudesse voltar a enriquecê-lo – barganhar com Deus! Porém, Jó se recusou a fazer isso, ainda que não compreendesse o que

o Senhor estava realizando por meio de seu sofrimento.

A aliança de Deus com Israel declarava que ele os castigaria física e materialmente se eles lhe desobedecessem, mas que os abençoaria se fossem obedientes (Dt 27 - 28; Lv 26). Porém, Deus não tem aliança alguma desse tipo com os cristãos de hoje. Ele promete suprir todas as nossas necessidades (Fp 4:19) e nos dirigir em todas as circunstâncias (Rm 8:28), mas nossas riquezas são de natureza celestial (Ef 1:3). Se Deus escolhe enriquecer alguns de seu povo, é para que usem essa riqueza recebida dele para ajudar a outros (1 Tm 6:17-19). Ele nos abençoa para que possamos ser uma bênção. Porém, as riquezas não são, de modo algum, prova do amor especial de Deus, assim como a pobreza não é sinal de que ele nos abandonou.

As estipulações da aliança serão renovadas (vv. 14-19). Quer Deus esteja tratando com seu povo no Antigo Testamento ou no Novo Testamento, suas estipulações não mudam. A igreja de hoje não vive sob a antiga lei da aliança, mas o “preceito da lei” ainda é aquilo que Deus quer desenvolver em nossa vida (Rm 8:1-4). “Sereis santos, porque eu sou santo” é uma oração da lei do Antigo Testamento citada para os cristãos do Novo Testamento (Lv 11:44; 1 Pe 1:15, 16).

Deus lembrou seu povo de sua obrigação de falar a verdade, de praticar a justiça e de amar ao próximo. É evidente que, se praticarmos o amor, toda a lei é cumprida em nossa conduta (Rm 13:8-10). O Deus de amor odeia o pecado (ver Pv 6:16-19)! As dispensações de Deus podem mudar, e ele pode trabalhar de diferentes maneiras em diferentes ocasiões, mas seu caráter e seus padrões nunca mûdam. Ele quer que seu povo seja uma “nação santa” (Êx 19:6; 1 Pe 2:9). “Amai, pois, a verdade e a paz” (Zc 8:19).

No versículo 18, o profeta respondeu claramente à pergunta sobre os jejuns. Chegaria o dia em que o Messias reinaria, e todos os jejuns de Israel se transformariam em banquetes! “E exultarei por causa de Jerusalém e me alegrarei no meu povo, e nunca mais

se ouvirá nela nem voz de choro nem de clamor” (Is 65:19). Tanto Zacarias quanto Isaías estavam dizendo: “Não vivam no tempo passado, mas sim no tempo futuro! Alegram-se nas promessas que Deus lhes dá de um futuro jubiloso!”²

As nações gentias serão remidas (vv. 20-23). Deus chamou Abraão e fundou a nação de Israel para que seu povo pudesse ser testemunha para os gentios, conduzindo-os à fé no Deus verdadeiro (Gn 12:1-3). Ao separar uma nação, Deus estava procurando alcançar o mundo todo. Muitos dos grandes acontecimentos da história dos judeus que se encontram registrados nas Escrituras tinham como contexto o objetivo de ser um testemunho “para todas as nações”: as pragas do Egito (Êx 9:16); a conquista de Canaã (Js 4:23, 24); as bênçãos de Deus sobre a nação (Dt 28:9-11) e até a construção do templo (1 Rs 8:42, 43). Quando Davi matou Golias, anunciou que Deus lhe daria vitória para que “toda a terra [soubesse] que há Deus em Israel” (1 Sm 17:46).

Porém, Israel fracassou em sua missão aos gentios. Em vez de as nações gentias adorarem o Deus verdadeiro de Israel, os israelitas abandonaram Jeová e adoraram os falsos deuses das nações gentias. O “átrio dos gentios” no templo de Herodes tornou-se um mercado em que os judeus, visitando Jerusalém, vindos de outros países, podiam trocar dinheiro e comprar os devidos sacrifícios. Contudo, antes de criticar os judeus, devemos examinar o histórico da Igreja no que se refere a ganhar os perdidos de seu próprio país e levar o evangelho a outras nações.

Quando o Messias restaurar seu povo e estabelecer seu reino, os gentios crerão no verdadeiro Deus vivo e irão a Jerusalém para adorá-lo. Isaías viu um rio de gentios “fluindo” para a cidade (Is 2:1-5), a mesma imagem usada por Miquéias (Mq 4:1-5). Zacarias descreve uma cena em que dez homens (uma expressão hebraica para “muitos homens”) pegarão a um judeu e implorarão para ir com ele ao templo!

É maravilhoso quando Deus abençoa seu povo de tal modo que outros desejem aquilo que o povo de Deus tem. “Porque

temos ouvido que Deus está convosco" (Zc 8:23). É algo assim que deve acontecer em nossas igrejas locais quando um incrédulo assiste a nossa adoração ao Senhor. "Porém, se todos profetizarem, e entrar algum incrédulo ou indouto, é ele por todos convencido e por todos julgado; tornam-se-lhe manifestos os segredos do coração, e, assim, prostrando-se com a face em terra, adorará a Deus, testemunhando que Deus está, de fato, no meio de vós" (1 Co 14:24, 25).

Nas palavras de Paulo: "Pergunto, pois: terá Deus, porventura, rejeitado o seu povo?

De modo nenhum! Porque eu também sou israelita da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim" (Rm 11:1). Há um futuro brilhante e abençoado para Israel, o povo de Deus, mesmo que a nação tenha sido oprimida e perseguida pelos gentios, alguns deles dizendo-se cristãos. Nossa privilégio é amá-los, orar por eles e dizer-lhes que o seu Messias, Jesus, já veio e irá salvá-los se crerem nele.³ O evangelho de Cristo ainda é "o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego" (Rm 1:16).

1. Não esperemos, porém, até essa ocasião para mostrar compaixão para com os que ainda não nasceram e para com os idosos. Se o ideal de Deus é ver crianças felizes brincando juntas nas praças e pessoas idosas conversando, então por que não buscar isso no presente? Jesus veio para que tivéssemos vida em abundância e também vida eterna, porém, cada vez mais, nossas cidades modernas estão se tornando lugares de morte.
2. Na verdade, seus jejuns não levavam a nada, pois seu coração não estava em ordem com Deus (Zc 7:4-14). Apenas realizavam rituais religiosos que faziam mais mal do que bem. É melhor não fazer coisa alguma do que fazer algo de modo insincero.
3. A oposição contemporânea ao evangelismo dos judeus é uma forma nova e sutil de anti-semitismo. A igreja cristã deve muita coisa a Israel, e a melhor forma de pagar essa dívida é compartilhando o evangelho com o povo judeu. Se é errado testemunhar aos judeus, então Jesus estava errado, bem como Paulo e Pedro. Jesus chorou sobre Jerusalém, e Paulo estava disposto a ir para o inferno pela conversão dos judeus (Rm 9:1-3). Isso deve ser motivação mais do que suficiente para testemunharmos em amor ao povo que nos deu a Bíblia e o Salvador.

O MESSIAS, O REI-PASTOR

ZACARIAS 9 – 11

Na última metade de seu livro, Zacarias apresenta dois oráculos (“sentenças”),¹ cujo enfoque é a primeira e a segunda vindas do Messias. Esses seis capítulos constituem uma das maiores concentrações de verdade messiânica das Escrituras, mas tal verdade está sempre relacionada aos propósitos de Deus para seu povo, Israel. Zacarias revela o Messias como o Rei humilde, o Pastor amoroso, o Guerreiro poderoso, o Salvador cheio de graça e o Governante justo que reinará sobre a Terra como Rei e Sacerdote.

Os estudiosos da Bíblia podem não apresentar um consenso quanto à interpretação de cada detalhe dessas profecias complexas, mas concordam no que se refere à grandeza de Cristo, cujo caráter e ministério são retratados de modo tão nítido nessas passagens. Ao estudar esses capítulos, que nosso coração possa arder dentro de nós (Lc 24:32) e que possamos amar ao Senhor ainda mais.

1. A PRIMEIRA VINDA DO MESSIAS (Zc 9:1-9)

A vinda do Filho de Deus à Terra não foi o “Plano B” do céu nem uma decisão apressada do Pai depois que nossos primeiros antepassados pecaram. O plano da redenção havia sido determinado na eternidade, antes mesmo de a criação existir. A vinda do Cordeiro de Deus foi “[conhecida], com efeito, antes da fundação do mundo” (1 Pe 1:20), pois ele era o “Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Ap 13:8).

Preparação para o rei (vv. 1-8). Estes versículos descrevem a marcha de Alexandre, o Grande, e seu exército pela região Norte

e Leste da Palestina. Alexandre derrotou os persas em 333 a.C. na Batalha de Issus e, então, voltou para conquistar as principais cidades da Fenícia. Daniel havia previsto o sucesso de Alexandre e comparou-o a um leopardo (Dn 7:6) e a um carneiro lutador (Dn 8). Já foi dito que a profecia é a história escrita de antemão, e tanto Daniel quanto Zacarias escreveram parte dessa história.

Hadraque era uma região no extremo Norte da Palestina, delimitada pelo rio Eufrates, e Damasco era a capital da Síria. Depois de derrotar essas nações, o exército marchou para o sul em direção à costa fenícia, tomando uma cidade depois da outra, de Tiro a Sidom, no Norte, até Asquelom e Gaza, no Sul. De fato, Deus “[exterminou] a soberba dos filisteus” (Zc 9:6) e deu fim a seus cultos idólatras (Zc 9:7).²

A declaração do versículo 1, “o SENHOR põe os olhos sobre os homens”, também pode ser traduzida por “os olhos dos homens voltaram-se para o Senhor”, significando que a marcha vitoriosa de Alexandre levou as pessoas a olhar para Deus em busca de ajuda. Porém, o primeiro sentido indica que os olhos de Deus estavam sobre as nações, especialmente sobre seu povo, Israel. Merrill Unger sugere que, ao observar Alexandre, na verdade as pessoas estavam vendo Deus em ação, pois “a história humana é a história de Deus”.

Depois de um cerco de dois meses a Gaza, Alexandre tomou a cidade e prosseguiu para Jerusalém.³ Ele não estava contente com os judeus, pois estes haviam se recusado a pagar-lhe o tributo anual que normalmente entregavam aos persas. O sumo sacerdote em Jerusalém convocou o povo para um período de jejum e oração e apresentou sacrifícios ao Senhor para buscar sua proteção especial.

Na noite anterior à chegada de Alexandre e de seu exército a Jerusalém, o sumo sacerdote teve um sonho no qual Deus lhe disse para enfeitar a cidade, para ordenar ao povo que vestisse roupas brancas e para abrir as portas para receber seu visitante. Foi exatamente o que fizeram, sendo que o sumo sacerdote e os outros sacerdotes

tomaram a frente da procissão trajando suas vestes sagradas. Alexandre ficou tão impressionado que os recebeu em paz. O sumo sacerdote contou a Alexandre sobre as profecias de Daniel a respeito dele, e Alexandre chegou até a oferecer sacrifícios a Jeová no templo. Assim, a cidade e o povo foram tratados com clemência.

Mas Zacarias havia prometido que Jerusalém e Judá seriam poupadados. "Acampar-me-ei ao redor da minha casa para defendê-la contra forças militantes, para que ninguém passe, nem volte" (Zc 9:8). O começo do versículo 8 também pode ser traduzido por: "Acampar-me-ei ao redor da minha casa por causa daquele que passa e daquele que volta". Alexandre havia passado por Jerusalém a caminho de Gaza, mas então voltou para a cidade santa. Não sabemos quanto do relato de Josefo é fato e quanto é tradição, mas sabemos que Deus cumpriu sua promessa e protegeu seu povo.

Mas qual o motivo de toda essa preocupação com as conquistas de Alexandre, o Grande? Suas conquistas ajudaram a preparar o mundo para a vinda de Jesus Cristo. Ao construir cidades gregas, incentivar seus soldados a casar-se com mulheres das nações conquistadas e difundir a cultura e a língua gregas, Alexandre unificou o mundo antigo, e, quando os romanos assumiram o poder, encontraram um império todo preparado para eles. O grego era a língua da literatura, e nosso Novo Testamento foi escrito no grego comum do povo daquela época. A combinação de cultura grega com o governo romano, bem como suas estradas e leis eram exatamente o que a Igreja primitiva precisava para propagar o evangelho.

No entanto, a promessa do versículo 8 vai muito além do tempo de Alexandre, pois declara que Deus está sempre protegendo seu povo e sua casa. Ninguém pode tocá-los sem sua permissão. Nos séculos seguintes à conquista de Alexandre, a nação judia sofreu várias invasões, e o templo foi destruído pelos romanos no ano 70 d.C. Porém, virá o dia em que o Messias reinará, e nenhum invasor poderá ameaçar o povo de Deus, muito menos atacá-lo.

A apresentação do Rei (v. 9). Essa profecia cumpriu-se quando Jesus Cristo entrou em Jerusalém montado num jumento no dia que chamamos tradicionalmente de "Domingo de Ramos", acontecimento registrado nos quatro Evangelhos (Mt 21:1-11; Mc 11:1-11; Lc 19:29-44; e Jo 12:12-19). Essa foi a única manifestação pública que Jesus permitiu durante seu ministério, e o fez para cumprir as Escrituras.

Quando Zacarias colocou essa profecia sobre Jesus logo depois da profecia sobre Alexandre, o Grande, estava, obviamente, convidando seus leitores a comparar os dois conquistadores. A chegada de Alexandre trouxe medo ao povo, mas os judeus receberam a ordem de alegrar-se e de exultar, pois seu Rei estava vindo. Jesus foi justo em tudo o que fez, e o propósito de sua vinda foi trazer a salvação àqueles que cressem nele. Que diferença entre Alexandre e Cristo!

Alexandre cavalgava um poderoso corcel liderando altivamente um grande exército em vitórias consecutivas, mas Jesus montou um simples jumento e veio em humildade.⁴ A multidão que o recebeu era composta de camponeses que colocaram ramos de palmeira e vestes diante dele na estrada. Os cidadãos ilustres de Jerusalém não o receberam, mas as criancinhas cantaram para ele no templo. Jesus poderia ter trazido julgamento, mas em vez disso trouxe graça e perdão (Jo 3:17). Em vez de realizar um grande discurso, Jesus contemplou a cidade e chorou sobre ela; em vez de exterminar seus inimigos, ele foi até a cruz e morreu por eles.

Que maravilhoso Conquistador! Passemos agora ao futuro e examinemos suas conquistas.

2. AS CONQUISTAS DO MESSIAS EM SUA SEGUNDA VINDA (ZC 9:10 – 10:12)

Toda a era da Igreja pode ser encaixada entre Zacarias 9:9 e 10, como também cabe entre Isaías 9:6 e 7 e, depois da vírgula, em Isaías 61:2. O profeta estava escrevendo sobre o que acontecerá quando Jesus voltar à Terra para derrotar seus inimigos e estabelecer seu reino. Em sua primeira vinda, montou num humilde jumento, mas em sua

segunda vinda, virá num cavalo branco e comandará os exércitos do céu (Ap 19:11-21).

O Messias proclamará a paz (9:10-13).

No começo da Primeira Guerra Mundial, o autor britânico H. G. Wells publicou um panfleto chamado *The War That Will End War* [A guerra que dará fim à guerra]. No dia 11 de novembro de 1918, no final da grande guerra, o primeiro ministro David Lloyd George disse ao parlamento britânico: “Às onze horas da manhã de hoje chegou ao fim a guerra mais cruel e terrível que jamais assolou a humanidade. Espero que possamos dizer que, desse modo, na manhã de hoje, chegaram ao fim todas as guerras”. Mas o título de Wells mostrou-se equivocado, e o desejo de Lloyd George nunca se realizou, pois as guerras continuam.

Porém, quando Jesus Cristo voltar, ele “anunciará paz” (Zc 9:10), o que significa que ele “proclamará a paz”, pois, ao contrário dos escritores e políticos, quando Jesus fala, suas palavras têm autoridade e as coisas acontecem (Sl 33:9). Sua palavra será propagada com poder e haverá um desarmamento geral em todo o mundo. Carros e cavalos de guerra serão desmobilizados, todas as armas serão destruídas e todos “converterão as suas espadas em relhas de arados e suas lanças, em podadeiras; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra” (Is 2:4; ver Mq 4:3). O reino de nosso Senhor será universal, “de mar a mar e desde o Eufrates até às extremidades da terra” (v. 10; ver Sl 72:8).

Zacarias 12:1-9 ensina que haverá uma última grande batalha antes de Jesus estabelecer seu reino, quando os exércitos gentios atacarem Jerusalém. Porém, o Senhor usará Judá como seu arco e Efraim como sua flecha e derrotará todos os seus inimigos (Zc 9:13). Ele chamará todos os exilados de volta das muitas nações dentre as quais foram dispersos durante esta era e voltarão à “fortaleza”, que pode significar tanto Deus, seu Refúgio, quanto a fortaleza do monte Sião. Em sua terra governada pelo Messias, os judeus receberão bênçãos em dobro em troca de todo seu sofrimento.

O Messias marchará em triunfo (9:14 – 10:1). Trata-se da imagem de uma tempestade, semelhante àquela que encontramos no Salmo 18:7-15 e em Habacuque 3:3-15. O Messias avançará em sua marcha acompanhado de seu exército; sua voz será semelhante à de um trovão, e suas flechas como relâmpagos. Eles os protegerá do perigo e da morte e os capacitará para que derrotem seus inimigos.

Em Zacarias 9:15, a imagem muda de uma tempestade para um banquete, e o profeta retrata os soldados gritando como homens embriagados (ver Zc 10:7), mas em vez de estarem bêbados de vinho, estarão “inebriados” com o sangue de seus inimigos. Todos eles se “encherão” como as bacias usadas no templo para recolher o sangue dos sacrifícios no altar (Lv 4:6, 7).

A imagem muda novamente (Zc 9:16 – 10:1), e o exército é retratado como um rebanho de ovelhas que o Messias salva com seu poder. As ovelhas são os últimos animais que alguém deve levar à guerra, mas Israel sempre foi o rebanho especial de Deus (Sl 100:3), e Deus é o “pastor de Israel” (Sl 80:1). Zacarias voltará a usar as imagens do “rebanho” e do “pastor” mais adiante em sua profecia (Zc 10:2, 3; 11:4-16; 13:7).

Mais uma vez, a imagem muda, passando das ovelhas para pedras preciosas (Zc 9:16). Quando o sumo sacerdote Josué foi purificado e vestido, recebeu a mitra sagrada especial que era sua coroa (Zc 3:5), depois foi coroado com um diadema real que fez dele tanto rei quanto sacerdote (Zc 6:9-12). Mas agora é o povo de Deus que se parece com belas jóias preciosas, resplandecendo na terra e revelando a beleza de seu Deus.

Esta seção termina com uma rápida descrição da terra e das mudanças que Deus realizará para a felicidade de seu povo (Zc 9:17 – 10:1). Haverá grãos em abundância nos campos e frutos nas vinhas, pois o Senhor mandará as chuvas em seu devido tempo. Ao longo da história, o povo de Israel voltou-se com freqüência para Baal, o deus das tempestades, em vez de buscar o socorro do Senhor, o único que pode enviar as

chuvas (ver 1 Rs 18). Durante a era do reino, a terra da Palestina será fértil e bela, pois Deus fará cair a chuva tão necessária para que qualquer coisa possa crescer nessas terras áridas.

Pode haver um significado espiritual por trás da promessa de chuva em Zacarias 10:1, pois o Espírito Santo é referido em termos associados à chuva (Is 32:15; 44:3; Ez 29:39; Os 6:3; Jl 2:23-32). Deus promete derramar seu Espírito sobre Israel (Zc 12:10) e levá-lo ao arrependimento e à fé em Cristo.

O Messias fortalecerá seu povo (10:2-12). Mais uma vez, o profeta usa a imagem de um rebanho, dessa vez, um rebanho conduzido por pastores perversos que fazem com que fiquem vagando sem rumo e que se percam (Mt 9:36). Os judeus deviam obedecer aos sacerdotes, que lhes transmitiam a vontade de Deus (Êx 28:30; Lv 8:8; Ed 2:63), mas com freqüência demasiada esses líderes transformaram-se em adivinhos e videntes, usando artifícios de adivinhação idólatras proibidos pela lei (Dt 18:10-12). Nos últimos dias, Israel será como um rebanho de ovelhas perdidas, pois seus líderes seguirão mentiras em lugar da verdade de Deus (ver Ez 34).

Porém o Messias transformará as “ovelhas” em cavalos de guerra! (10:3-12). Ele castigará os pastores (líderes) perversos e dará vitória ao seu povo. O versículo 4 apresenta várias figuras impressionantes do Messias. A pedra angular refere-se a Cristo, o alicerce para o seu povo, a pedra fundamental que une as paredes (ver Zc 3:10 e referências à Pedra). A estaca da tenda refere-se ao Messias como aquele sobre o qual os fardos podem ser colocados confiantemente (ver Is 22:20-24) e, como o arco de guerra, ele é o Guerreiro vitorioso que jamais perde uma batalha (Sl 45:5; Is 63:2-4). Observe que o Messias vem “de Judá” (Zc 10:4), pois Deus deu a promessa messiânica a Judá em Gênesis 49:10. Todo o governante do povo judeu desde Davi veio da tribo de Judá, pois foi com Davi que Deus fez sua aliança (2 Sm 7).

A ênfase no resto do parágrafo é sobre a “força” e os “valentes” (Zc 10:5-7, 12). Uma

vez que o Senhor estará com os judeus, eles pisotearão seus inimigos como lama nas ruas e terão vitórias consecutivas na força do Senhor. Deus também chamará de volta suas ovelhas dispersas entre as nações. O Senhor ajuntará seu povo como um pastor que assobia ou toca uma melodia em sua flauta para reunir seu rebanho. Será como um segundo “êxodo”, quando eles passarem pelo “mar de angústia” para voltar para o Senhor e para sua terra.

Que dia de vitória! O povo de Deus, Israel, será ajuntado, redimido e reunido como uma só nação, regozijando-se na força do Senhor! Porém, esse mesmo Deus pode dar as mesmas bênçãos a sua Igreja nos dias de hoje. Somos um povo disperso, dividido e, por vezes, distantes uns dos outros, mas o Senhor pode unir-nos em Cristo e nos ajudar. Estamos lutando contra o inimigo, mas o Senhor pode nos fortalecer e nos transformar de ovelhas desamparadas em cavalos de guerra vitoriosos. Quanta coisa o Senhor está disposto a fazer por nós, se admitirmos nossas falhas e incredulidade e nos voltarmos para ele em busca de socorro.

3. O MESSIAS É REJEITADO POR SEU Povo (Zc 11:1-17)

Os dois capítulos que acabamos de estudar indicam que, nos últimos dias, Israel se verá em grandes apuros até que seu Messias venha resgatá-los, purificá-los e dar-lhes um reino. Como chegarão a esse ponto?

No tempo de Davi e de Salomão, Israel foi a nação mais poderosa da Terra, com riquezas e recursos imensuráveis. Depois da morte de Salomão, a nação dividiu-se em dois reinos, Israel e Judá. Israel, o reino do Norte, começou a se deteriorar, de modo que Deus enviou os assírios para conquistá-los e dispersá-los. Judá teve uma série de reis ímpios, e Deus enviou os babilônios para levar Judá ao cativeiro.

Setenta anos depois, um pequeno grupo de judeus voltou para sua terra a fim de reconstruir o templo. A vida era difícil e não lhes restava nada de sua glória passada. Porém, o povo perseverou ao longo dos anos e restaurou o templo e a cidade. Então seu

Messias, Jesus Cristo, veio ao mundo, e eles o rejeitaram e pediram aos governantes romanos que o crucificassem. Cerca de quarenta anos depois, em 70 d.C., os exército romanos destruíram Jerusalém e o templo e dispersaram os judeus entre as nações do mundo. Pelo fato de não terem recebido seu próprio Messias, desde então tem sido um povo disperso.

Este capítulo explica o motivo de Israel ter rejeitado o verdadeiro Messias e de como aceitarão o falso messias, o anticristo, que surgirá no fim dos tempos e enganará o mundo todo. O pastor é a imagem-chave do capítulo, sendo apresentados três pastores diferentes.

Os pastores uivantes (vv. 1-3). Esses versículos descrevem a invasão da Terra Santa pelos romanos. São mencionados lugares importantes como o Jordão, o Líbano e Basã. Os exércitos invasores são como um fogo que consome as florestas. Os “pastores uivantes” são os líderes que fizeram o povo perder-se e que estão pagando por seus pecados. No Oriente, os líderes e governantes eram chamados de “pastores”, pois conduziam o povo, protegiam-no e supriam suas necessidades. Jeremias viu uma cena semelhante: “Uivai, pastores, e clamai; revolvei-vos na cinza, vós, donos dos rebanhos, porque já se cumpriram os vossos dias de matardes e dispersardes” (Jr 25:34). Era comum os pastores levarem as ovelhas para o matadouro, mas nesse caso os próprios pastores é que seriam levados para o abate!

O sumo sacerdote Caifás achou que, ao matar Jesus, salvaria os judeus da destruição (Jo 11:47-53), mas o que ocorreu foi justamente o contrário. Ao rejeitar seu Messias, abriram as portas para o julgamento e a dispersão. Por certo Jesus morreu pela nação de Israel, pois morreu pelos pecados de todo o mundo (1 Jo 2:1-3), mas sua rejeição da verdade levou-os a aceitar mentiras, e o resultado foi a invasão romana e a destruição do templo e da cidade.

O verdadeiro Pastor (vv. 4-14). Deus ordenou a Zacarias que fizesse o papel do verdadeiro Pastor. Ele se tornou um tipo de Messias em seu ministério aqui na Terra. Por

causa de seus governantes perversos, o rebanho de Israel estava destinado ao abate, mas o profeta devia fazer todo o possível para resgatá-los. Os líderes judeus não estavam preocupados com as ovelhas. Sua única preocupação era sua própria posição e poder. Zacarias chegou, de fato, a adquirir um rebanho e a tornar-se um pastor ou se tratava apenas de algo a ser escrito em seu livro? Isaías, Jeremias e especialmente Ezequiel usaram “sermões práticos” para conseguir a atenção do povo indiferente,⁵ de modo que é possível que Zacarias tenha feito exatamente isso. Ele levou os dois instrumentos de um pastor fiel, uma vara para conduzir as ovelhas e um cajado para espantar os inimigos, e dedicou atenção especial aos oprimidos (“pobres”) do rebanho, que precisavam de mais cuidados. De acordo com o versículo 11, alguns dos “pobres do rebanho” o estavam observando, de modo que, aparentemente, foi um “sermão prático”.

Ele chamou uma vara de “Graça” e a outra de “União”. Alimentou o rebanho e até se livrou dos pastores infieis.⁶ Então, um dia, quebrou as duas varas! A graça de Deus para com seu povo havia chegado ao fim, e a união da aliança entre Deus e seu povo havia sido rompida. O mesmo havia acontecido com a união entre Judá (o reino do Sul) e Israel (Zc 11:14).⁷

Deus é longâmico e sofredor e espera os pecadores se arrependerm, mas chega um momento em que fez tudo o que devia para alcançá-los. Foi o que ocorreu com Israel quando Jesus estava ministrando na Terra. “E, embora tivesse feito tantos sinais na sua presença, não creram nele” (Jo 12:37). O próprio Jesus disse: “Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!” (Mt 23:37).

Na realidade, o povo queria que Zacarias desistisse! Ele pediu seu pagamento e lhe deram trinta moedas de prata, o preço de um escravo (Êx 21:32), uma quantia que ele chamou sarcasticamente de “magnífico preço”. Zacarias desgostou-se tanto com seu pagamento que foi ao templo e jogou

as moedas para o oleiro que estava trabalhando lá, talvez fazendo vasilhas para os sacerdotes.

De acordo com Mateus 27:1-10, os gestos de Zacarias foram proféticos, pois Judas vendeu Jesus por trinta moedas de prata, levou o dinheiro de volta e jogou-o no templo. Os sacerdotes usaram o dinheiro para comprar o campo do oleiro e transformá-lo num cemitério para estrangeiros. O versículo 9, porém, atribui a citação a Jeremias, não a Zacarias, fato que há séculos tem causado perplexidade nos estudiosos da Bíblia.

Se temos plena convicção da inspiração da Escrituras, não podemos simplesmente descartar essa declaração como um equívoco ou uma falha de algum escriba; como também não podemos escapar dizendo que Jeremias proferiu essa profecia, mas que Zacarias a escreveu em seu livro. Nesse caso, não seria esperável encontrar as palavras no livro de Jeremias? Talvez a solução esteja numa compreensão da maneira como os autores da antiguidade usavam textos de outros autores.

Em primeiro lugar, como foi que Jeremias entrou em cena? Ao que parece, Mateus faz uma alusão aos atos de Jeremias, registrados em Jeremias 19, quando quebrou a botija e pronunciou julgamento sobre Judá e Jerusalém. Ele anunciou que o vale do filho de Hinom, nas cercanias de Jerusalém, se tornaria um cemitério por causa dos pecados do povo (Jr 19:11). Observe que esse acontecimento ocorreu próximo à entrada da porta oriental, a Porta do Oleiro que levava ao campo do oleiro (Jr 19:1-2). Atente ainda para a expressão "sangue de inocentes", em Jeremias 19:4, expressão que Judas usou quando devolveu a prata aos sacerdotes (Mt 27:4). Assim, Mateus tomou emprestadas de Jeremias as imagens do campo do oleiro, do sangue de inocentes e de um cemitério.

Mateus citou Zacarias 11:12, 13 com referência às trinta moedas de prata que foram jogadas para o oleiro no templo. Por que haveria um oleiro no templo? Tendo em vista que os sacerdotes usavam diversos tipos diferentes de vasilhas, sem dúvida os serviços do oleiro eram necessários. Assim,

de Zacarias Mateus tomou emprestado o templo, as trinta moedas de prata que foram jogadas no templo e o oleiro para o qual foram jogadas.

É evidente que as palavras de Zacarias não são perfeitamente paralelas aos acontecimentos descritos em Mateus 27:1-10. Em Zacarias, o dinheiro foi dado ao profeta, enquanto em Mateus foi entregue a Judas, o traidor. O profeta deu o dinheiro para o oleiro do templo, mas Judas deu seu pagamento aos sacerdotes que, depois, compraram o campo do oleiro. O que Mateus fez foi combinar em um só todos os elementos tanto de Jeremias quanto de Zacarias, mas uma vez que Zacarias era um profeta menor, o apóstolo citou apenas o nome de Jeremias, o profeta maior.⁸

Qualquer que seja a perspectiva usada para analisar essa questão, é impressionante que Jesus tenha sido vendido por trinta moedas de prata, que a prata tenha sido jogada no templo e que tenha sido usada para comprar o campo do oleiro. Tudo isso porque o povo judeu rejeitou Zacarias, o pastor, e Jesus o Bom Pastor!

O falso pastor (vv. 15-17). Em seguida, o Senhor ordenou ao profeta que fizesse o papel de um "pastor insensato". Nesse caso, a palavra "insensato", não significa "tolo", mas sim "moralmente deficiente ou corrompido". Ele também é chamado de "pastor inútil", pois não cuida das ovelhas. Ao contrário do Bom Pastor, ele não procura as ovelhas perdidas, não cuida das jovens, não alimenta o rebanho e nem cura as feridas. Só o que faz é abater o rebanho para se alimentar (ver Ez 34)!

Pelo fato de Israel ter rejeitado seu verdadeiro Pastor, Jesus Cristo, um dia aceitará cegamente e obedecerá o falso pastor (o anticristo), que fará o rebanho se perder. Aqueles que rejeitam a luz aceitam, inevitavelmente, a escuridão. "Eu vim em nome de meu Pai", disse Jesus, "e não me recebereis; se outro vier em seu próprio nome, certamente, o recebereis" (Jo 5:43).

De acordo com Daniel 9:27, o anticristo, na realidade, conseguirá fazer um pacto de sete anos com os judeus. É provável que o

propósito dessa aliança seja protegê-los para que possam reconstruir o templo e voltar a realizar seus sacrifícios. Porém, depois de três anos e meio, o anticristo romperá o pacto, colocará sua própria imagem no templo e fará o mundo a adorá-lo (2 Ts 2:1-12; Ap 13).

É difícil entender como o povo escolhido de Deus, que possui as Escrituras inspiradas, pode rejeitar aquele que é “a verdade” (Jo 14:6) e que veio do Pai e seguir aquele que é um mentiroso e recebe seu poder de Satanás, mas isso acontecerá exatamente

conforme as Escrituras dizem. Contudo, o Senhor julgará esse falso pastor ao quebrar seu poder (seu braço direito) e confundir sua mente (seu olho direito), e então o Messias virá do céu e o prenderá no lago de fogo por mil anos (Ap 19:11-21).

Durante esses mil anos, Cristo governará em seu reino glorioso, Israel receberá as bênçãos prometidas pelos profetas, a Igreja reinará com ele, e a criação entrará “na liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8:21).

-
1. A palavra hebraica significa “elevar”, sugerindo que o profeta elevou sua voz para proclamar a Palavra de Deus. Contudo, há também a idéia de um grande peso que o profeta carrega em função da seriedade de sua mensagem.
 2. A conquista da Filistia também foi predita por Isaías (Is 23:1-18), Jeremias (25:22; 47:4), Ezequiel (Ez 26:1-21 e 28:20-24) e Amós (Am 1:9-10).
 3. O relato da viagem de Alexandre à cidade santa foi registrado pelo historiador judeu Josefo em sua obra *Antigüidade dos Judeus*, livro XI, seções 3-5.
 4. O jumento era o animal usado pela realeza (2 Sm 16:2; 18:9; 1 Rs 1:33).
 5. Isaías deu a seus dois filhos nomes que ilustravam o que o profeta estava pregando ao povo e também, por três anos, vestiu-se com poucas roupas, como um prisioneiro de guerra.
Jeremias usou um jugo, quebrou vasilhas de cerâmica em público e vestiu um cinto sujo. Ezequiel fez uma encenação de guerra, cortou o cabelo e livrou-se dos restos de três maneiras incomuns e fez um buraco na parede para poder “escapar”.
 6. Mesmo depois de investigar listas de nomes de governantes, de sacerdotes e de outras pessoas importantes daquela época, os estudiosos têm dificuldade em determinar a identidade desses pastores. Simplesmente não se sabe quem eram, e é inútil especular.
 7. A história revela que os judeus têm a tendência de se separar em partidos e seitas em vez de entrar num acordo e de buscar objetivos comuns. Ao longo dos séculos, Israel tem produzido muitos grupos políticos e religiosos diferentes e só haverá unidade nacional depois do “nascimento” de uma nova nação quando vier o Messias.
 8. Nos textos gregos mais confiáveis, Marcos 1:1-3 cita Malaquias 3:1 e Isaías 40:3 e diz: “Conforme está escrito na profecia de Isaías”. Ele menciona o profeta maior.

REDIMIDO, REFINADO E RESTAURADO

ZACARIAS 12 – 14

Em seu segundo oráculo, Zacarias nos transporta para o fim dos tempos. Descreve as nações gentias atacando Jerusalém, os judeus passando por grandes provações (“tribulação de Jacó”) e o Senhor voltando em poder e grande glória para livrar seu povo e estabelecer o reino prometido. Que enredo mais empolgante! Mas não se trata de ficção; é a própria Palavra de Deus, e ela se cumprirá.

Ao estudar esses três capítulos, observe a repetição das palavras “naquele dia”, que aparecem dezesseis vezes. “Aquele dia” é o “Dia do SENHOR”, o dia de ira e julgamento sobre o qual os profetas escreveram (Jl 3:9-16; Sf 1) e que Jesus descreveu em Mateus 24:4-31 e do qual João falou em Apocalipse 6 – 19.

Zacarias descreve três acontecimentos importantes.

1. O SENHOR LIVRARÁ JERUSALÉM (Zc 12:1-9; 14:1-7)

Jerusalém é mencionada quarenta vezes no Livro de Zacarias, e vinte dessas referências encontram-se nos três últimos capítulos. Zacarias disse que Deus estava “com grande empenho [...] zelando por Jerusalém e Sião” (Zc 1:14). Essa declaração revela o anseio do coração de um Pai amoroso por seu primogênito (Ex 4:22) e o desejo de um Marido fiel por sua esposa infiel (Jr 2:2; 3:2). O tempo de Deus nem sempre é como nós teríamos planejado, mas o Senhor é mais sábio do que nós e cumprirá as promessas que fez a Israel.

Jerusalém será atacada (12:1-3; 14:1-2). O oráculo começa com uma afirmação da

soberania de Deus e de seu poder. Se olharmos para o alto, veremos os céus que ele criou; se olharmos para baixo, veremos a Terra que ele fundou, e se olharmos para dentro, veremos o espírito que ele formou. O Deus da criação é o Deus que cuida de nós! “Grande é o Senhor nosso e mui poderoso; o seu entendimento não se pode medir. O SENHOR ampara os humildes e dá com os ímpios em terra” (Sl 147:5, 6).

Observe a ênfase em “todos os povos” e “todas as nações” (Zc 12:2, 3, 6, 9; 14:2, 12, 14, 16), pois esse ataque abrange os exércitos do mundo todo e parte da famosa “batalha do Armagedom”¹ descrita em Joel 3:9-16; Mateus 24:27-30; Apocalipse 9:13-18; 16:12-16; e 19:17 – 21:1. Há três forças envolvidas no ajuntamento desse grande exército: (1) as nações concordam em cooperar em sua luta contra Deus e seu povo (Sl 2:1-3); (2) Satanás usa de poderes demoníacos para influenciar as nações a se ajuntarem (Ap 16:13-15); e (3) o Senhor exercita seus poderes soberanos ao ajuntá-las (Zc 14:2; Ap 16:16).

A fim de descrever a situação de Jerusalém “naquele dia”, Zacarias usou as imagens de um cálice e de uma pedra. O cálice é uma imagem bíblica conhecida para julgamento (Sl 75:8; Is 51:17, 21-23; Jr 25:15-28; Ez 23:31-33; Hc 2:16; Ap 14:10; 16:19; 18:6). As nações planejaram “engolir” Jerusalém, mas quando começaram a “beber” do cálice, ficaram doentes e embriagadas! A história nos mostra que todas as nações que tentaram destruir os judeus acabaram sendo, elas próprias, destruídas. Não será diferente com as nações que atacarem coletivamente o povo escolhido de Deus.

Alguns dos soldados inimigos entrarão na cidade, saquearão suas riquezas, violentarão as mulheres e levarão cativos metade dos habitantes. Mas as esperanças dos gentios de destruir a cidade e a nação serão frustradas, pois o Senhor fará de Jerusalém uma pedra que não pode ser movida e que não cede. No final, essa pedra fará empedreiros os exércitos inimigos.

O Senhor se manifestará visivelmente (14:3-7). Nosso Senhor subiu aos céus do

monte das Oliveiras (At 1:9-12) e quando voltar à Terra ficará no alto do monte das Oliveiras e causará um grande terremoto para mudar a topografia (Is 29:6; Ap 16:18, 19). Isso criará um vale novo, que oferecerá uma rota de fuga para muita gente. Também haverá mudanças no céu, de modo que o dia não será claro nem escuro, não terá manhã nem noite (ver Is 60:19, 20).

“O SENHOR é homem de guerra”, cantaram os hebreus depois de terem sido libertados do Egito (Êx 15:3). Hoje em dia, porém, esse aspecto do caráter de Cristo é ignorado, senão objetado pelas pessoas. Em sua busca pela paz mundial, algumas denominações removeram de seus hinários os “hinos marciais”, de modo que uma nova geração está crescendo sem saber coisa alguma sobre “combater o bom combate” ou adorar um Salvador que um dia enfrentará as nações do mundo na batalha (Ap 19:11-21).

Antes de Israel entrar na Terra Prometida, Moisés lhes garantiu que o Senhor lutaria por eles (Dt 1:30; 3:22). “Quem é o Rei da Glória?”, perguntou Davi; e sua resposta foi: “O SENHOR, forte e poderoso, o SENHOR, poderoso nas batalhas” (Sl 24:8). Isaías anunciou que “O SENHOR sairá como valente, despertará o seu zelo como homem de guerra; clamará, lançará forte grito de guerra e mostrará sua força contra os seus inimigos” (Is 42:13). Nossa Deus tem sido longâmido para com as nações, mas um dia ele as encontrará na batalha e triunfará sobre elas.

O Senhor derrotará o inimigo (12:4-9; 14:12-15). O pânico, a praga e o poder especial que os guerreiros judeus receberão (Zc 12:8) serão os meios usados por Deus para conquistar os exércitos invasores. Os cavalos se apavorarão com sua cegueira e os cavaleiros serão tomados de loucura e acabarão lutando uns contra os outros (Zc 14:13).² Deus guardará seu povo e providenciará para que sejam libertos. Fará com que os judeus sejam como fogo, e seus inimigos, como palha. Jesus demonstrará seu grande poder ao defender o povo e derrotar seus inimigos.

Ainda que os habitantes de Jerusalém ocupem uma posição central, esse relato dá

especial atenção ao papel que Judá terá na batalha. A fim de conseguirem alcançar Jerusalém, os invasores deverão marchar pelo território de Judá (Zc 12:2). O Senhor, porém, guardará o povo de Judá e os livrará por amor a Davi (Zc 12:4, 7). A fé e a coragem do povo em Jerusalém servirão de encorajamento para Judá encher-se de valentia na batalha, e Deus permitirá que sejam vitoriosos (Zc 12:5, 6). O guerreiro judeu mais fraco terá a força de Davi, que matou dezenas de milhares de soldados inimigos (1 Sm 18:7). O exército judeu atacará como o Anjo do SENHOR, que matou 185 mil soldados assírios em uma só noite (Is 37).

2. O SENHOR PURIFICARÁ ISRAEL (Zc 12:10 – 13:9)

O objetivo maior de nosso Senhor ao livrar Israel de seus inimigos é mais do que sua preservação nacional, pois o mais importante no coração de Deus é sua restauração espiritual. Seu desejo é revelar-se a eles e estabelecer o tipo de relacionamento que foi impossível em séculos anteriores por causa da incredulidade do povo.

O povo se arrependerá (12:10-14). O arrependimento não é algo que nós mesmos somos capazes de produzir, mas sim uma dádiva de Deus ao ouvir sua Palavra e reconhecer sua graça (At 5:31; 11:18; 2 Tm 2:25). Deus derramará seu Espírito³ sobre Israel (Jl 2:28, 29), e o povo se dará conta de seus pecados e clamará pelo perdão de Deus. Também verão seu Messias traspasado pela nação (Sl 22:16; Is 53:5; Jo 19:34, 37) e crerão nele. O perdão só é concedido ao pecador que crê no sacrifício de Cristo na cruz.

A nação ficará de luto, como os pais pranteiam a morte de seu único filho, do modo como a nação pranteou em Megido, quando seu amado rei Josias foi morto na batalha (2 Cr 35:20-27). Zacarias menciona que todas as famílias (clãs) de Israel prantearão, homens e mulheres separadamente, inclusive a nobreza (“a família da casa de Davi”), os profetas (“a família da casa de Natã”; ver 2 Sm 7) e os sacerdotes (“a família da casa de Levi”; Nm 3:17, 18, 21). A expressão

"todas as mais famílias" inclui o resto do povo de Israel. Será um tempo de arrependimento nacional profundo e sincero como nunca se viu antes.

A nação será purificada (13:1-7). Isaías havia admoestado a nação: "Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos" (Is 1:16), mas eles se recusaram a ouvir. Jeremias havia rogado ao povo: "Lava o teu coração da malícia, ó Jerusalém, para que sejas salva!" (Jr 4:14), mas eles não obedeceram. Mas agora, em resposta ao arrependimento e à fé do povo de Israel, o Senhor removerá deles toda a impureza! Esse perdão é parte da nova aliança que Deus prometeu a seu povo (Jr 31:31, 34): "Pois perdoarei as suas iniqüidades e dos seus pecados jamais me lembrarei" (Jr 31:34).

William Cowper baseou seu hino *There's a Fountain Filled with Blood* [Há uma fonte cheia de sangue] em Zacarias 13:1, pois é o sacrifício de Cristo que expia o pecado. Os judeus podiam purificar-se de sua imundície cerimonial exterior ao lavar-se com água, mas a purificação interior do coração pecaminoso de homens e mulheres só pode ser feita pela sangue do Salvador (Lv 16:30; 17:11). "E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro" (1 Jo 2:2).

Não apenas o coração do povo será purificado, mas também a própria terra será limpa de tudo o que é enganoso e que a contamina. Os ídolos e falsos profetas⁴ – dois dos pecados persistentes de Israel – serão removidos, bem como o “espírito imundo” que levou o povo a afastar-se de Deus (ver Zc 5:5-11).

De acordo com a lei, os falsos profetas deviam ser mortos (Dt 13); de modo que os falsos profetas daquela época mentirão sobre sua ocupação, a fim de preservar sua vida (Dt 13:2-6). Não usarão suas vestes especiais (Dt 13:4; 2 Rs 1:8; Mt 3:4) e afirmarão ser lavradores em vez de profetas. Se alguém lhes perguntar sobre as cicatrizes em seu corpo, que na verdade foram causadas por ferimentos feitos enquanto adoravam ídolos (1 Rs 18:28), dirão que seus amigos

(ou familiares) causaram esses ferimentos para discipliná-los.⁵

Zacarias 13:7 apresenta o verdadeiro Pastor em contraste com os falsos profetas (releia Zc 11 para outras profecias relacionadas a pastores). Jesus citou parte dessa profecia quando estava a caminho do Getsêmani com seus discípulos (Mt 26:31) e referiu-se novamente a ela quando foi preso no jardim (Mt 26:56). Somente Jesus, o Messias, poderia ser considerado “um” com o Pai, ou seja, seu “igual” (ver Jo 10:30 e 14:9).

No entanto, este texto possui um significado mais amplo, uma vez que está relacionado à dispersão de Israel no ano 70 d.C. quando Jerusalém foi tomada pelos romanos. Os judeus haviam ferido seu Pastor na cruz (Is 53:10) e esse ato de rejeição levou a nação a ser dispersa (Dt 28:64; 29:24, 25). Hoje, Israel é um povo espalhado, mas um dia será ajuntado; é um povo contaminado, mas um dia será purificado.

A nação será depurada (13:8, 9). Essa imagem nos lembra o alto valor que Deus atribui a seu povo, Israel: eles são como ouro e prata que precisam ser depurados na fornalha da aflição. Foi isso o que experimentaram no Egito (Dt 4:20) e na Babilônia (Is 48:10), mas o tempo da “tribulação de Jacó” será sua experiência mais intensa na “fornalha”.

O ourives depura o ouro e a prata para remover a escória, exatamente o que a tribulação dos últimos dias fará com Israel. Um terço do povo será poupadão – o verdadeiro remanescente com fé –, enquanto o resto será rejeitado e perecerá. Esse remanescente piedoso que clamou pelo Senhor (At 2:21) será salvo e se tornará o núcleo do reino prometido, pois o Senhor os reconhecerá como seu povo (ver Os 2:21-23).

Antes de irmos adiante, devemos observar as aplicações espirituais para o povo de Deus nos dias de hoje. Sem dúvida, a Igreja é um povo contaminado que precisa se arrepender e ser purificado, e a promessa de perdão ainda é válida (1 Jo 1:9). Deus muitas vezes precisa fazer com que passemos pela fornalha do sofrimento antes que clamemos por ele e busquemos sua face (Hb 12:3-11; 1 Pe 4:12). Se o povo de Deus seguir as

instruções de 2 Crônicas 7:14, o Senhor purificará e abençoará a Igreja e sarará a terra.

3. O SENHOR REINA SOBRE TODA A TERRA (Zc 14:8-11, 16-21)

“O SENHOR será Rei sobre toda a terra; naquele dia, um só será o SENHOR, e um só será o seu nome” (Zc 14:9). Depois que as nações tiverem sido castigadas e Israel tiver sido purificado, o Senhor estabelecerá seu reino de retidão e reinará no trono de Davi (Lc 1:32, 33; Ap 17:14; 19:16). Seu reino será universal (“sobre toda a terra”), ele será o único Deus adorado, e seu nome será o único nome honrado (ver Sl 72; Jr 30:7-9). O que acontecerá quando o Rei exercer seu domínio supremo?

A terra será sarada (v. 8). Jerusalém é a única cidade importante da antiguidade que não foi construída à beira de um grande rio. Porém, durante a era do reino,⁶ um imenso rio de “água viva” correrá de Jerusalém e trará cura e fertilidade para toda a terra (ver Ez 47:1-12 e Jl 3:18). O rio se dividirá de modo que suas águas possam correr para o mar Morto (“mar oriental”) e para o mar Mediterrâneo (“mar ocidental”). Há séculos as pessoas se perguntam como o mar Morto pode ser salvo, mas isso só acontecerá durante o reino. Para uma bela descrição da terra durante a era do reino, leia Isaías 35.

A topografia sofrerá alterações (vv. 10, 11). Além das mudanças causadas pelo terremoto na volta de Cristo (Zc 14:4-5), ocorrerão duas outras transformações: (1) a terra ao redor de Jerusalém será rebaixada e nivelada de modo a tornar-se uma planície; e (2) a cidade de Jerusalém será elevada em relação à terra a seu redor. Essas mudanças serão o cumprimento das profecias de Isaías. “Nos últimos dias, acontecerá que o monte da Casa do SENHOR será estabelecido no cimo dos montes e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão todos os povos” (Is 2:2; ver Zc 8:1-3 e Mq 4:1-3).

A fim de que o Messias possa reinar como Sacerdote-Rei (Zc 6:9-15), deve haver um templo e um sacerdócio durante a era do reino, elementos descritos em detalhes em Ezequiel 40 - 48. Jerusalém será a cidade

mais importante da Terra, e a área do templo será a parte mais essencial da nova e gloriosa cidade.⁷

Todos os perigos serão removidos (v. 11).

As montanhas ao redor de Jerusalém tinham a finalidade de protegê-la (Sl 48:1-8; 125:1, 2); mas uma vez que o Messias estiver reinando, a cidade não correrá mais o risco de uma invasão inimiga (Ez 34:22-31). As palavras “habituarão nela” nos fazem lembrar de que somente cinqüenta mil judeus mostraram-se dispostos a deixar a segurança e o conforto da Babilônia para ir morar nas ruínas de Jerusalém, e até Neemias teve dificuldades em conseguir que o povo vivesse na cidade (Ne 11). Zacarias já havia dito que as crianças brincariam nas praças e os homens e mulheres idosos se assentariam ao sol para conversar (Zc 8:4-8).

Os gentios adorarão em Jerusalém (v. 16). Israel ministrará aos gentios que crerão no verdadeiro Deus vivo e irão a Jerusalém para adorar no templo do Senhor (Is 2:2-5; Zc 2:10-13). Das sete festas anuais relacionadas em Levítico 23, a Festa dos Tabernáculos é a única que será celebrada durante a era do reino (Lv 23:33-44). Essa festa comemorava a peregrinação de Israel pelo deserto, mas também era um tempo de regozijo pelas bênçãos abundantes do Senhor durante a colheita (Lv 23:40).

Mas por que celebrar apenas a Festa dos Tabernáculos? Merrill Unger apresenta uma excelente sugestão quando ressalta que a Festa dos Tabernáculos é a única das sete festas de Levítico 23 que não terá se cumprido quando o reino for estabelecido.

A Páscoa cumpriu-se com a morte de Cristo (1 Co 5:7; Jo 1:29), as Primícias, com sua ressurreição (1 Co 15:23) e a festa de uma semana dos Pães Asmos está se cumprindo com a Igreja de hoje, à medida que os cristãos andam em santidade (1 Co 5:6-8). Pentecostes cumpriu-se em Atos 2, e a Festa das Trombetas se cumprirá antes do início do reino quando Deus ajuntar seu povo dos confins da Terra (Is 18:3, 7; Mt 24:29-31). O Dia da Expiação se cumprirá quando a nação vir o seu Messias, se arrependere e for purificada.

A Festa dos Tabernáculos, porém, prenuncia a alegria e a abundância da era do reino, por isso será celebrada no decorrer do reino.⁸ Será um lembrete anual às nações gentias de que as bênçãos abundantes de que desfrutam procedem da graça e da generosidade do Senhor. Como é fácil deixar de dar o devido valor às bênçãos que recebemos!

O Senhor fará justiça (vv. 17-19). As nações que não enviarem representantes para adorar em Jerusalém serão disciplinadas com falta de chuva para sua terra. Essa foi a maneira de Deus disciplinar Israel quando a nação se recusou a lhe obedecer (Dt 28:22-24). Lembre-se de que, apesar de o milênio ser um tempo de paz e bênção, também é um tempo durante o qual Jesus reinará sobre toda a Terra “com vara de ferro” e julgará a desobediência (Sl 2:9; Ap 2:27; 12:5; 19:15). Deixar de comemorar a Festa dos Tabernáculos seria o mesmo que desprezar as bênçãos do Senhor, o que constitui uma transgressão grave (ver Rm 1:18).

O Egito é mencionado especificamente, pois a nação dependia de modo particular das cheias do rio Nilo para irrigar suas terras, e sem as chuvas, o Nilo não subia. No tempo de José, houve sete anos de fome terrível no Egito. Além disso, o Egito havia perseguido Israel e sido seu inimigo e, durante o reino, a nação desfrutará bênçãos por causa do Messias de Israel. Deixar de mostrar gratidão seria um pecado hediondo.

Toda a vida será caracterizada pela santidade (vv. 20, 21). É natural encontrar a palavra “santidade” inscrita na mitra que acompanhava as vestes do sumo sacerdote (Êx 28:36-38), mas certamente não nas campainhas colocadas em cavalos! E por que utensílios comuns do lar seriam tratados como vasilhas usadas no templo?⁹ Essas duas

imagens são a maneira de Deus dizer: “Na era do reino, todos os aspectos da vida serão santos ao Senhor”. Deus havia chamado Israel para ser um “reino de sacerdotes” (Êx 19:6), e seriam exatamente isso pela graça de Deus.

Para o cristão de hoje, essa é a versão do Antigo Testamento da passagem de 1 Coríntios 10:31: “Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus”. Na vida do cristão, não existe divisão entre “secular” e “sagrado”, pois tudo vem de Deus e deve ser usado para a glória dele.

A palavra hebraica traduzida por “mercador” em Zacarias 14:21 também significa “cananeu” e refere-se tanto a um comerciante quanto a uma pessoa imunda, sendo que ambos profanariam o templo de Deus. Quando Jesus começou e encerrou seu ministério, encontrou “mercadores religiosos” usando a casa de Deus em benefício próprio (Jo 2:13-22; Mt 21:12, 13; Mc 11:15-17; Lc 19:45, 46). A casa de oração para todas as nações havia sido transformada num covil de ladrões para o lucro do sumo sacerdote judeu e sua família. O templo milenar, porém, será um templo santo, sem a contaminação daqueles que não conhecem ao Senhor nem o amam, e seu sacerdócio sagrado servirá ao Senhor.

O Livro de Zacarias começa com um chamado ao arrependimento, mas termina com a visão de uma nação santa e de um reino glorioso. Zacarias foi um dos heróis de Deus que ministrou num tempo complicado e num lugar difícil, mas encorajou o povo de Deus ao mostrar-lhes visões daquilo que Deus planejou para o seu futuro. Deus ainda é zeloso para com Jerusalém e o povo judeu e cumprirá suas promessas.

“Orai pela paz de Jerusalém!” (Sl 122:6).

1. A palavra “Armagedom” é usada apenas em Apocalipse 16:16. Alguns estudiosos das profecias preferem a “campanha do Armagedom”, uma vez que a invasão e o ataque ocorrerão em vários estágios.
2. Para alguns, o fato de a última grande guerra do mundo incluir carros e cavalos é motivo de perplexidade. No entanto, os profetas escreveram de modo que as pessoas pudessem compreender, e cavalos e carros era o melhor e mais poderoso equipamento militar que um exército podia ter naquela época. Porém, a descrição dos resultados da praga (Zc 14:12-15) se assemelha às consequências de uma explosão atômica.

3. A expressão usada no versículo 10 é “o espírito da graça e de súplicas”, ou seja, uma atitude do coração. Contudo, passagens paralelas indicam que se trata de uma referência ao Espírito Santo de Deus (Jl 2:28, 29; Ez 29:39; ver também as referências de Pedro às profecias de Joel quando o Espírito veio em Pentecostes, At 2:16-21).
4. Uma vez que rejeitaram a verdade, os judeus foram vítimas de mentiras, especialmente de falsos profetas. Jeremias teve de lutar contra os mesmos profetas em sua época, e ainda haverá muitos outros no fim dos tempos (Mt 24:4, 5, 11, 23, 24).
5. Alguns intérpretes aplicam o versículo 6 ao Messias, mas o contexto não permite que se faça isso. Nos versículos 2 a 6, fica claro que a questão refere-se aos falsos profetas.
6. Costuma-se chamar o reino de Deus na Terra de “milênio”, pois terá mil anos de duração. O termo “milênio” vem do latim: *mille* = mil e *annum* = ano (ver Ap 20:1-7).
7. Alguns estudiosos consideram que a Jerusalém milenar de Ezequiel 40 a 48 é a mesma coisa que a cidade celestial descrita em Apocalipse 21 e 22, mas aceitar essa idéia exige que se desconsiderem vários fatos. Não há templo algum na cidade celestial (Ap 21:22), mas a Jerusalém da era do reino terá um templo e um sacerdócio. Adoradores de todas as nações irão comemorar a Festa judaica dos Tabernáculos na Jerusalém do reino (Zc 14:16-21), mas certamente não haverá esse tipo de adoração na cidade celestial.
Além disso, aqueles que não adorarem corretamente serão castigados, algo que de modo algum podemos imaginar que acontecerá na cidade celestial. Durante a era do reino, Jesus reinará em Jerusalém, assentado no trono de Davi (Lc 1:32, 33), mas o trono na cidade celestial é “o trono de Deus e do Cordeiro” (Ap 22:3). A cidade celestial é “a noiva, a esposa do Cordeiro”(Ap 21:9), enquanto a Jerusalém milenar é o remanescente judeu depurado, a “esposa de Jeová” que se encontra purificada e restaurada.
8. UNGER, op. cit., pp. 265-66.
9. Zacarias 14:21 é outra prova de que o templo e o sacerdócio serão elementos importantes na era do reino.

MALAQUIAS

ESBOÇO¹

Tema-chave: Glorificando o nome de Deus com uma vida piedosa

Versículo-chave: Malaquias 1:11

I. DUVIDANDO DO AMOR DE DEUS – 1:1-5

1. A graça eletiva de Deus – 1:2
2. A bênção de Deus sobre Israel – 1:3-5

II. ENVERGONHANDO O NOME DE DEUS – 1:6 – 2:9

1. Oferecendo sacrifícios contaminados – 1:6-14
2. Desprezando os privilégios divinos – 2:1-9

III. PROFANANDO O NOME DE DEUS – 2:10-16

1. Casamento com mulheres pagãs – 2:10-12
2. Arrependimento hipócrita – 2:13
3. Divórcio das esposas – 2:14-16

IV. QUESTIONANDO A JUSTIÇA DE DEUS – 2:17 – 3:6

1. Onde estão as bênçãos prometidas? – 2:17
2. O primeiro mensageiro – João Batista – 3:1a
3. O segundo mensageiro – o Messias – 3:1b-6

V. ROUBANDO DA CASA DE DEUS – 3:7-12

1. Roubando de Deus – 3:7, 8
2. Roubando de si mesmos – 3:9-11
3. Roubando de outros – 3:12

VI. DESPREZANDO O SERVIÇO DE DEUS – 3:13 – 4:6

1. Os murmuradores – 3:13-15
2. Os crentes – 3:16-18
3. Os malfeitores – 4:1-3
4. Os pregadores – 4:4-6

MALAQUIAS EM SUA ÉPOCA¹

O nome Malaquias significa “Meu mensageiro” (Ml 3:1). Foi o último dos profetas a registrar suas mensagens por escrito, mas não escreveu nada sobre si mesmo. Não temos informação bíblica alguma sobre seus antepassados, seu chamado ou sua vida pessoal. Contudo, o mais importante sobre os mensageiros é a mensagem que trazem e não quem são ou de onde vieram.

Em 538 a.C., Ciro publicou um decreto permitindo aos judeus na Babilônia voltar para sua terra e reconstruir o templo (2 Cr 36:22, 23; Ed 1). Cerca de cinqüenta mil judeus aceitaram o desafio e, em 515 a.C., depois de muita demora, concluíram o templo. Esdras visitou-os em 458 a.C., e em 445 a.C. Neemias tornou-se seu governador e serviu durante doze anos (Ne 5:14).

Enquanto Neemias estava de volta a seu posto em Susã (Ne 13:6, 7), as coisas começaram a se desintegrar em Jerusalém, e quando ele voltou, teve de tomar algumas medidas drásticas para reformar a nação. É possível que o profeta Malaquias tenha sido chamado naquela época para expor os pecados do povo e para chamá-los de volta para Deus.

As condições descritas no Livro de Neemias coincidem exatamente com as

questões tratadas por Malaquias em seu livro: colheitas escassas e economia instável (Ml 3:11), casamentos mistos com pagãos (Ml 2:11), contaminação do sacerdócio (Ml 1:6ss), opressão dos pobres (Ml 3:5), falta de apoio para o templo (Ml 3:8-10) e um descaso generalizado para com a religião (Ml 3:13ss). Foi um tempo de declínio

espiritual em Judá, e o povo precisava ouvir a Palavra de Deus.

Malaquias foi o último profeta que Judá ouviu antes da vinda de João Batista e do cumprimento da profecia de Malaquias 3:1: Em nosso tempo, precisamos dar ouvidos a suas mensagens sobre os “pecados dos santos”.

-
1. Observe que o Livro de Malaquias foi escrito na forma de diálogo entre Deus e o povo: Deus acusa e o povo responde para se defender. Ver Malaquias 1:2, 6, 7, 12, 13; 2:14, 17; 3:7, 8, 13, 14. Observe também a ênfase dada por Malaquias ao nome de Deus (Ml 1:6, 11, 14; 2:2, 5; 3:16; 4:2) e seu lembrete de que Deus quer que seu nome seja conhecido entre os gentios (Ml 1:11; 3:12).

Os PECADOS DO POVO DE DEUS – PARTE 1

MALAQUIAS 1:1 – 2:16

Uma senhora da igreja repreendeu seu pastor por fazer uma série de sermões sobre “os pecados dos santos”.

— Afinal — argumentou ela —, os pecados dos cristãos são diferentes dos pecados de outras pessoas.

— Sem dúvida — disse o pastor. — São piores.

São piores porque, quando os cristãos pecam, não apenas transgridem a lei de Deus, mas também entristecem o coração do Senhor. Quando um cristão peca deliberadamente, não se trata apenas da desobediência de um servo para com seu mestre ou da rebelião de um súdito contra seu rei, mas também da ofensa de um filho contra seu Pai amoroso. Esses pecados que nutrimos e de que achamos que não sofreremos as consequências enchem o coração de Deus de pesar.

Malaquias foi chamado para realizar uma tarefa difícil e perigosa. Era sua responsabilidade repreender o povo pelos pecados que estavam cometendo contra Deus e uns contra os outros e instá-los a voltar para o Senhor. Malaquias usou uma abordagem sábia: previu as objeções do povo e encarou-as de frente. “É isto que Deus diz”, declarava o profeta, “mas vocês dizem [...]” e, em seguida, passava a responder às queixas dos judeus. Os profetas do Antigo Testamento eram, com freqüência, as únicas pessoas que tinham uma percepção clara da realidade e que viam as coisas como elas eram de fato, o que os tornava malquistos. “Alguns profetas ficaram duas vezes sob pedras”, disse Christopher Morley parafraseando Mateus 22:29-31; “primeiro ao ser apedrejados com

ira e, depois de sua morte, sob uma bonita lápide no cemitério”.

Neste capítulo, estudaremos o que Malaquias escreveu sobre três dos pecados do povo e, em seguida, consideraremos os outros três no capítulo seguinte. Contudo, não leia Malaquias como se fosse história antiga. Infelizmente, esses pecados ainda estão presentes na igreja de hoje.

1. DUVIDANDO DE DEUS (Ml 1:1-5)

Assim como Naum (Na 1:1) e Habacuque (Hc 1:1), Malaquias chamou sua mensagem de “sentença”. Os profetas eram homens que sentiam sobre si o peso da “sentença do SENHOR”, quando Deus lhes dava uma percepção mais profunda do coração do povo e dos problemas da sociedade. Não foi fácil para Malaquias arrancar a cobertura de piedade dos sacerdotes e desmascarar sua hipocrisia, ou repetir para o povo as queixas que vinham expressando em secreto contra o Senhor, mas foi para isso que Deus o chamou. Nas palavras de Eugene Peterson: “A tarefa de um profeta não é amenizar as situações, mas sim corrigi-las”.¹

O primeiro pecado citado por Malaquias foi a falta de amor do povo para com Deus. Esse também foi o primeiro pecado que Jesus mencionou quando escreveu para as igrejas da Ásia Menor (Ap 2:4) e talvez apareça em primeiro lugar, pois a falta de amor a Deus é a origem de todos os outros pecados. Durante séculos, os judeus haviam recitado o *Shema*² como sua oração diária: “Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força” (Dt 6:4, 5). Mas uma vez que o povo para o qual Malaquias pregou duvidava até do amor de Deus para com eles, então por que deveria amá-lo?

O profeta apresentou várias provas do amor de Deus por Israel, sendo a primeira delas a declaração explícita feita por Deus de seu amor (Ml 1:2a). É provável que Malaquias estivesse se referindo ao que o Senhor disse por intermédio de Moisés no Livro de Deuteronômio, especialmente em Deuteronômio 7:6-11. Quando Deus deu a

lei no Sinai, a ênfase foi: “Obedeçam à minha lei, pois sou um Deus santo”. Porém, quando Moisés recapitulou a lei para a nova geração, a ênfase foi: “Obedeçam ao Senhor, pois ele os ama e vocês o amam”. Essas duas motivações são válidas para os dias de hoje.

A segunda evidência do amor de Deus apresentada por Malaquias foi a graça eletiva de Deus (Ml 1:2b-3). Como primogênito da família, Esaú deveria ter herdado tanto a bênção quanto o direito de primogenitura, mas o Senhor os entregou a seu irmão mais novo, Jacó (Gn 25:21-23).³ Os descendentes de Esaú receberam suas terras, mas Deus não deu aos edomitas bênçãos da aliança como fez com os descendentes de Jacó.

A declaração de que Deus amava a Jacó e aborrecia a Esaú perturba algumas pessoas. Paulo citou-a em Romanos 9:10-13 para provar a graça eletiva de Deus tanto para com Israel quanto para com todos aqueles que crerem em Jesus Cristo para receber a salvação. Porém, o verbo “aborrecer” usado nessa passagem não deve ser definido como uma expressão categórica da ira de Deus. O amor de Deus por Jacó era tão grande que, em comparação, suas atitudes para com Esaú se pareciam com desgosto. Jacó, por exemplo, amava tanto Raquel que seu relacionamento com Lia parecia desprezo (Gn 29:20, 30, 31; ver também Dt 21:15-17). Jesus empregou esse termo de maneira semelhante quando disse a seus discípulos para “aborrecerem” sua própria família (Lc 14:26). Nosso amor por Cristo pode, em certas ocasiões, nos levar a fazer coisas que parecem gestos de desgosto ou de desprezo contra pessoas que amamos (ver Mt 12:46-50).

Alguém disse ao Dr. Arno C. Gaebelein, talentoso líder cristão hebreu da geração passada: “Tenho um problema sério com Malaquias 1:3, em que Deus diz ‘porém aborreci a Esaú’”, e o Dr. Gaebelein respondeu: “Minha maior dificuldade é com Malaquias 1:2, em que Deus diz ‘todavia, amei a Jacó’”. Por certo, não somos capazes de explicar a graça e o amor eletivos de Deus nem precisamos, mas podemos expressar a graça e o amor de Deus ao crer em Cristo e

andar com ele. O Senhor está disposto até mesmo a ser “o Deus de Jacó”.

A terceira prova apresentada por Malaquias do amor de Deus é a bênção evidente do Senhor sobre o povo de Israel (Ml 1:4). Assim como outras nações daquela região, Edom sofreu durante a invasão dos babilônios a Israel, mas o Senhor não prometeu restaurar a terra do povo de Edom como fez com os judeus. Os edomitas orgulhosos glorificaram-se dizendo que, em pouco tempo, restaurariam sua terra, mas Deus tinha outros planos. Ele chamou Edom de “Terra-De-Perversidade” (Ml 1:4), mas a Israel chamou de “terra santa” (Zc 2:12).⁴ Não se esqueça de que os edomitas eram comprovadamente um povo perverso (ver Ob 8-14), que merecia todo o julgamento que Deus enviou sobre eles. Para os judeus, a invasão da Babilônia foi uma disciplina, mas para os edomitas, foi um julgamento.

Pense em como Deus mostrou seu amor ao povo judeu. Primeiro, poupar os judeus exilados na Babilônia (ver Jr 29). Depois, tocou Ciro para que publicasse o decreto permitindo aos cativos voltarem a Judá e reconstruírem o templo. Proveu a liderança do sumo sacerdote Josué, de Zorobabel e de Neemias bem como o ministério profético de Ageu, Zacarias e Malaquias. Se seu povo tivesse obedecido às estipulações da aliança, o Senhor os teria abençoado ainda mais. Por certo, eram um remanescente frágil, mas o Senhor estava com eles e prometeu abençoá-los.

Observe que o nome que Deus usa em Malaquias 1:4 é “SENHOR dos Exércitos”, nome que aparece vinte e quatro vezes em Malaquias e quase trezentas vezes no Antigo Testamento. Esse é o nome militar de Deus, pois o termo hebraico traduzido por “exércitos” significa “guerrear”. O Senhor é o Comandante dos exércitos da Terra e dos céus: das estrelas (Is 40:26; Gn 2:1), dos anjos (Sl 103:20, 21), dos exércitos de Israel (Êx 12:41) e de todos os que crêem em Deus (Sl 46:7, 11).

Por fim, Malaquias lembrou os judeus do grande privilégio que Deus lhes deu de testemunhar para os gentios (Ml 1:5). Durante

os reinados de Davi e de Salomão, Deus manifestou sua glória por intermédio de Israel a ponto de os gentios virem de terras distantes para ver o que estava acontecendo em Israel. O mesmo aconteceu, em menor escala, durante os reinados de Josias e de Ezequias. No entanto, a destruição de Jerusalém e do templo serviu de pretexto para os gentios ridicularizarem Israel e zombarem de sua religião e de seu Deus (Sl 74; 137; Jr 18:13-17; Lm 2:15, 16).

Quando o Senhor levou seu remanescente de volta à terra, quis abençoá-los e, mais uma vez, manifestar sua glória por meio deles, mas o povo não creu em Deus nem obedeceu à sua lei. Apesar de terem sido disciplinados por Deus e arruinados pela Babilônia e apesar de terem perdido o respeito das nações gentias a seu redor, os judeus poderiam ter recomeçado e testemunhado aos gentios da graça e misericórdia de Deus. Em vez disso, cometem os pecados que Malaquias ataca em seu livro e deram um testemunho fraco às outras nações. Perderam a oportunidade de glorificar a Deus.

Contudo, precisamos nos lembrar de que as provações pelas quais passamos como indivíduos ou como congregação também são oportunidades de glorificar a Deus diante do mundo que nos observa. Foi assim que Paulo encarou sua prisão e possível morte em Roma (Fp 1:12-26) e é assim que devemos encarar as provações que Deus permite em nossa vida. Toda dificuldade é uma oportunidade de demonstrar aos outros o que o Senhor pode fazer por aqueles que depositam nele sua fé.

2. ENVERGONHANDO O NOME DE DEUS (Ml 1:6 – 2:9)

Em seguida, Malaquias dirige sua mensagem especificamente aos sacerdotes (Ml 1:6; 2:1, 7, 8) que, em vez de estar vivendo de maneira exemplar, transgrediam exatamente a lei a que deveriam obedecer e ensinar. O modo como estavam servindo ao Senhor era uma desgraça para o nome dele.

Nessa seção, encontramos oito vezes as palavras “o meu nome” (Ml 1:6, 11, 14; 2:2, 5; ver também 3:16 e 4:2), numa referência,

obviamente, ao caráter e à reputação de Deus. Os sacerdotes que deveriam glorificar o nome de Deus o estavam envergonhando diante do povo e do Senhor. Os sacerdotes deveriam ser filhos de Deus e, no entanto, não honravam o Pai; foram chamados para ser servos de Deus, porém não mostravam respeito algum por seu Senhor. Quando Malaquias os confrontou, os sacerdotes perguntaram com arrogância: “Em que desprezamos nós o teu nome?” (Ml 1:6), então o profeta respondeu.

Para começar, estavam oferecendo sacrifícios contaminados no altar (vv. 6-14). A palavra “pão” significa “alimento” e refere-se aos sacrifícios determinados pela lei de Moisés (Lv 1 – 7). Eram ofertas de animais que deveriam ser perfeitos, e qualquer coisa que contivesse alguma imperfeição e fosse colocada sobre o altar de Deus era inaceitável (Dt 15:19-23; Lv 22:17-33). Afinal, esses sacrifícios apontavam para o Cordeiro de Deus que, um dia, morreria pelos pecados do mundo (Jo 1:29; Hb 10:1-14) e, se fossem imperfeitos, como poderiam tipificar o Sacrifício Perfeito do Filho de Deus?

Em resumo, os sacerdotes estavam permitindo que o povo trouxesse para Deus aquilo que ficava aquém do que tinham de melhor. Se tivessem oferecido esses animais defeituosos a seu governador, ele os teria rejeitado, mas os animais eram considerados adequados para o Senhor. Esses sacerdotes haviam se esquecido do que estava escrito em sua própria lei: “Porém todo o que tiver defeito, esse não ofereceréis; porque não seria aceito a vosso favor” (Lv 22:20). De que maneira isso se aplica a cristãos professos que gastam grandes somas de dinheiro todos os anos em presentes para si mesmos, para seus familiares e amigos, mas dão a Deus uma quantia simbólica quando é passada a sacola de ofertas na igreja?

Nossas ofertas a Deus indicam o que está em nosso coração: “porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (Mt 6:21). As pessoas que dizem amar ao Senhor e a sua obra podem prová-lo facilmente com seu talão de cheques! Contribuir

é uma graça (2 Co 8:1, 6-9), e se experimentamos a graça de Deus, não teremos problemas em contribuir com generosidade para o Senhor, que nos deu tanta coisa. Como podemos pedir a Deus que nos dê sua graça e que responda a nossas orações (Ml 1:9), se não praticamos a graça em nossa contribuição?

Malaquias disse a esses sacerdotes desobedientes que seria melhor fecharem as portas do templo e interromperem os sacrifícios do que continuar praticando tal hipocrisia. É preferível não ter religião alguma do que ter uma religião que não dá a Deus o que há de melhor. Se nosso conceito de Deus é tão baixo a ponto de pensarmos que ele se agrada com uma adoração indiferente, então não conhecemos o Deus da Bíblia. Na verdade, um Deus que nos incentiva a fazer menos do que o nosso melhor não é um Deus digno de adoração.

Virá o dia em que os gentios adorarão ao Senhor e exaltarão seu grande nome (Ml 1:11). Malaquias olhou adiante para um tempo em que a mensagem de salvação seria levada a todas as nações e, ainda mais além, viu o estabelecimento do reino na Terra, quando os gentios afluíram para ele (Is 2:2; ver também 11:3, 4, 9; 45:22-25; 49:5-7). O chamado de Deus a Abraão incluía os judeus tornarem-se uma bênção para toda a terra (Gn 12:1-3), assim como seu chamado à Igreja inclui levar o evangelho a todas as nações (Mc 16:15).

Os sacerdotes permitiam até que as pessoas trapaceassem em seus votos (Ml 1:13, 14). Se um homem prometesse a Deus um sacrifício, mas trouxesse um animal doente ou defeituoso, o sacerdote o aceitava, ainda que esse homem tivesse em casa um animal perfeito. Na lei mosaica, os votos eram inteiramente voluntários, mas, uma vez feitos, deveriam ser cumpridos à risca (Lv 27; Nm 30; Dt 23:21-23). Se o governador não aceitava ofertas de qualidade inferior (Ml 1:8), por que um grande rei aceitaria substitutos de pouco valor (Ml 1:14)? Deus é um grande Rei e merece o melhor que podemos lhe oferecer. Devemos cumprir aquilo que prometemos.

Por que os sacerdotes desobedeciam à sua própria lei, poluíam o altar do Senhor e encorajavam o povo a adorar a Deus de maneira desprezível e descuidada? Um dos motivos era o fato de eles mesmos não estarem dando a Deus o que tinham de melhor, então por que exigir mais do povo? "Por isso, como é o povo, assim é o sacerdote" (Os 4:9; Jr 5:30, 31), pois nenhum ministério eleva-se além de seus líderes.

Havia, porém, outro motivo pelo qual os sacrifícios imperfeitos eram considerados aceitáveis: os sacerdotes e suas famílias alimentavam-se daquilo que era oferecido no altar, e os sacerdotes queriam estar certos de que teriam comida na mesa. Afinal, a economia não andava bem, os impostos eram altos, e o dinheiro estava escasso; apenas os israelitas mais devotos levavam animais perfeitos para o Senhor. Desse modo, os sacerdotes contentavam-se com algo aquém do melhor e incentivavam o povo a trazer o que tivessem disponível. Um animal doente morreria de qualquer forma, e os coxos não serviam para nada mesmo, então o povo podia muito bem levá-los para o Senhor! Esqueceram-se de que "o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros" (1 Sm 15:22; Sl 51:16, 17; Mq 6:6-8; Mc 12:28-34).

Os sacerdotes também desonraram o nome de Deus de outra forma: desprezando o privilégio de ser sacerdotes (Ml 2:1-5). Não estavam dando o devido valor à elevada vocação que Deus havia lhes dado e tratavam o ministério do templo com desasco. Servir no altar para eles era um trabalho e não um ministério, e faziam-no para satisfazer a si mesmos e não para agradar e glorificar o Senhor. Infelizmente, encontramos essa mesma atitude na Igreja nos dias de hoje.

Deus os advertiu de que amaldiçoaria as bênçãos de Israel se não começassem a "[fazer], de coração, a vontade de Deus" (Ef 6:6) e lhe dar o que tinham de melhor. Na verdade, as colheitas já haviam sido destruídas por insetos devoradores (Ml 3:11; ver Ag 1:3-11), mas as coisas ficariam ainda piores. Deus advertiu que amaldiçoaria toda

semente plantada, de modo que não germinasse nem produzisse sua safra. Uma vez que a lei determinava que se separasse para os sacerdotes e levitas o dízimo das colheitas, uma safra destruída significaria pratos vazios.

A palavra “descendência”, em Malaquias 2:3, também é traduzida por semente, numa referência aos filhos. Era importante que os judeus tivessem filhos a fim de perpetuar a nação, mas Deus impediria até que a semente humana fosse produtiva. Pode-se dizer ainda que Deus transformaria seus filhos, que deveriam ser uma bênção (Sl 127), num fardo e maldição. Seria triste não ter filhos, mas seria ainda pior ter filhos que partiriam o coração dos pais diariamente e que trariam tristeza ao lar.

Os restos dos sacrifícios eram levados para fora do acampamento e queimados (Êx 29:14), mas Deus iria humilhar os sacerdotes e “esfregar o nariz” deles nos excrementos dos sacrifícios! Com isso, os sacerdotes ficariam imundos, de modo que teriam de sair do acampamento. Em resumo, Deus estava dizendo: “Vocês me tratam sem qualquer respeito, então eu tratarei vocês como lixo! Vocês não valorizam o ministério sacerdotal, então por que devem ter esse ofício?”

Os sacerdotes não davam o devido valor a seus privilégios e nem se lembravam da aliança que Deus, em sua graça, havia feito com eles por intermédio de Arão (Ml 2:4; Êx 29) e de Finéias, neto de Arão (Nm 25:1-13). Era um grande privilégio ser um sacerdote, servir no altar, ministrar no templo e ensinar a lei de Deus ao povo. Mas os sacerdotes não tinham temor algum de Deus e tratavam as coisas sagradas como se fossem coisas comuns, pois seu coração não estava em ordem com Deus (Ez 44:23). O romancista escocês George Macdonald disse: “Nada é tão mortal para o divino quanto o tratamento rotineiro das coisas espirituais e de suas atividades exteriores”. Aquilo que os sacerdotes estavam fazendo não era um ministério, mas apenas um ritual, uma formalidade religiosa vazia que desagradava o Senhor.

Havia ainda um terceiro pecado: os sacerdotes tinham se afastado da lei de Deus

(Ml 2:6-9). Os versículos 6 e 7 descrevem os servos perfeitos do Senhor: há verdade em seus lábios, obediência em seu proceder, comunhão com Deus, responsabilidade de levar outros ao Senhor e paixão por falar da Palavra de Deus a outros que precisam ouvi-la. No entanto, os sacerdotes não estavam seguindo esse padrão, mas sim seus próprios caminhos. Eles ensinavam “os teus juízos [de Deus] a Jacó e a tua lei, a Israel” (Dt 33:10), mas eles próprios não estavam obedecendo à lei. “Os profetas profetizam falsamente, e os sacerdotes dominam de mãos dadas com eles; e é o que deseja o meu povo. Porém que fareis quando estas coisas chegarem ao seu fim?” (Jr 5:31).

Já era terrível os sacerdotes estarem transgredindo a lei, mas além disso estavam levando outros a tropeçar (Ml 2:8). Assim como os fariseus que Jesus descreveu, os sacerdotes eram “nocivos” e contaminavam tudo e todos que tocavam (Mt 23:15, 25-28). Um falso ministro é uma arma poderosa nas mãos de Satanás. “Um só pecador destrói muitas coisas boas” (Ec 9:18). Pelo fato de se mostrarem parciais na aplicação da verdade de Deus (Ml 2:9), desobedeciam a Deus e prejudicavam seu povo (ver Lv 19:15; Dt 24:17; 1 Tm 5:21).

Ao longo dos anos, tenho participado de muitos exames para ordenação e procuro em cada candidato quatro características: uma experiência pessoal de salvação pela fé em Cristo Jesus; um chamado do Senhor; amor pela Palavra de Deus e conhecimento dela e um grande respeito pelo trabalho do ministro. Sempre me recusei a dar meu voto a candidatos com uma atitude leviana em relação ao ministério, considerando-o um trabalho e não um chamado divino. Quer seja na posição de pastor, de missionário, de professor ou de membro do coral, servir a Deus é algo sério e merece o que temos de melhor a oferecer.

Deus tornou os sacerdotes hipócritas “desprezíveis e indignos diante de todo o povo” (Ml 2:9). Os sacerdotes queriam popularidade e chegavam a distorcer a lei para fazer amigos, mas o povo não tinha respeito algum por eles. Líderes com integridade e

caráter têm seus inimigos, mas ainda assim conquistam o respeito do povo. Os escândalos recentes com líderes religiosos de programas de televisão nos Estados Unidos mostraram que os incrédulos esperam que os líderes da igreja vivam de acordo com o que pregam.

3. PROFANANDO A ALIANÇA DE DEUS (Ml 2:10-16)

Depois de tratar dos pecados dos sacerdotes, Malaquias voltou-se para a nação como um todo, confrontando os homens que haviam se divorciado de suas esposas para casar-se com mulheres pagãs.

Traição (vv. 10, 11, 14). O amor dos homens judeus por mulheres pagãs não era novidade no meio do povo. Quando os hebreus saíram do Egito, um “misto de gente” os acompanhou (Êx 12:38), o que sugere que alguns hebreus haviam se casado com mulheres egípcias (Lv 24:10; Nm 11:4). Os israelitas pecaram grandemente quando se misturaram com as mulheres de Midiâ e de Baal-Peor (Nm 25), e Deus julgou-os com severidade. Esdras (Ed 9:1-4) e Neemias (Ne 13:23-31) tiveram de lutar com esse problema que, aliás, ainda pode ser encontrado na Igreja nos dias de hoje (2 Co 6:14-18).

Ao divorciar-se de suas esposas judias e casar-se com mulheres pagãs, esses homens estavam cometendo vários pecados. Para começar, era um caso de traição romper seus votos com Deus e com a esposa. Profanavam e desprezavam a aliança de Deus. Não apenas o Senhor apresentou requisitos específicos para o casamento em sua lei (Êx 34:11-16; Dt 7:3, 4), como também a aliança do casamento já fazia parte da criação. A pergunta: “Não temos nós todos o mesmo Pai?” (Ml 2:10) refere-se a Deus como Pai de todos os seres humanos, seu Criador (At 17:28). Deus fez o homem e a mulher um para o outro e estabeleceu o casamento para o bem da família humana. Assim, esses homens contrariavam o que Deus havia escrito na natureza e em sua aliança.

Hipocrisia (vv. 12, 13). Depois de cometer esses pecados, os homens levavam ofertas ao Senhor e choravam no altar (Ml

2:12, 13), buscando o socorro e a bênção do Senhor. Talvez pensassem que podiam pecar descaradamente com a intenção de voltar para Deus e pedir perdão. Porém, se estivessem verdadeiramente arrependidos, teriam deixado suas mulheres pagãs e tomado de volta suas verdadeiras esposas, que foi o que Esdras obrigou-os a fazer (Ed 9, 10). Esses homens eram culpados de adoração hipócrita que não tinha relação alguma com um coração transformado. Em vez de perdoá-los, Deus estava pronto para “eliminá-los”.

Em termos de ética e de moral, há muitas coisas na sociedade que são legais, porém não bíblicas. Noivas e noivos devem se lembrar de que, em todo casamento, Deus está presente como testemunha invisível (Ml 2:14) e também vê aqueles que vivem juntos sem ser casados. Um dia, haverá uma terrível colheita das sementes que estão sendo plantadas hoje pelos que desprezam as leis de Deus e os princípios dele na natureza.

Pureza (v. 15). Esse versículo é considerado o mais difícil de ser traduzido e interpretado em todo o Livro de Malaquias. Creio que a melhor tradução é aquela apresentada pelo Dr. Gleason Archer: “Mas ninguém em quem resta algo do Espírito faz tais coisas. E o que tal pessoa busca? Uma descendência piedosa! Assim dêem ouvidos a seu espírito [como um verdadeiro fiel na aliança], e que nenhum de vós proceda de modo desleal contra a esposa de sua mocidade”.⁵

Nessa passagem, Malaquias elogiou os maridos fiéis que obedeciam ao Espírito de Deus e à Palavra de Deus. Diferentemente dos homens que tomavam para si esposas pagãs simplesmente para satisfazer seus apetites sexuais, esses homens fiéis desejavam ter filhos que seriam uma semente piedosa, judeus dedicados e não idólatras. A questão fundamental não era a raça, pois todos, quer midianitas quer judeus, são seres humanos. O que estava em questão era a lealdade ao Deus de Israel e a manutenção de um lar piedoso.

Deus chamou Israel para ser o meio pelo qual ele traria ao mundo o Messias, e qualquer coisa que corrompesse tal meio exerceria oposição ao maravilhoso plano de

salvação. Deus ordenou a Israel que fosse um povo separado não porque fosse melhor do que qualquer outra nação, mas porque tinha reservado para eles uma tarefa especial a realizar. Qualquer coisa que quebrasse esse muro de separação favoreceria o maligno, que fez todo o possível para impedir o nascimento do Messias.

Hostilidade (v. 16). “O SENHOR, Deus de Israel, diz que odeia o repúdio”. Trata-se da mais explícita declaração de Deus.⁶ Aqueles que desejam agradar a Deus certamente não querem fazer algo que Deus odeia tanto e, portanto, procuram de todas as maneiras sarar o casamento. Deus deu a Adão uma esposa, não várias, e declarou que os dois eram uma só carne (Gn 2:21-25). O divórcio separa aquilo que Deus juntou, e Jesus advertiu contra isso (Mt 19:6).⁷ O divórcio é como um ato de violência onde deveria haver ternura.

Por que Malaquias fala de “vestes” e “violência”? Na sociedade ocidental moderna, o homem coloca um anel de noivado no dedo da mulher para pedi-la em casamento, mas no antigo Israel, colocava uma ponta de sua veste sobre ela (Ez 16:8; Rt 3:9).⁸ Se um homem se divorciava de sua esposa, em vez de ter uma veste que simbolizava amor, tinha uma veste que simbolizava violência. Ele rompia aquilo que Deus havia tornado

um; com sua infidelidade, transformava o leito matrimonial em um lugar de ultraje.

Apesar de se tratar de um texto difícil e com diferentes interpretações, a principal lição dessa passagem é clara. No casamento, o homem e a mulher tornam-se uma só carne, e Deus é um parceiro dessa união. Por meio do casamento, o Senhor está procurando uma descendência piedosa que levará adiante sua obra aqui na Terra. O casamento é uma união física (“uma só carne”) que só pode ser rompida por alguma causa física: morte (Rm 7:1-3), pecado sexual (Mt 19:9) ou abandono (1 Co 7:12-16). A intenção original de Deus era que um homem e uma mulher se dedicassem um ao outro por toda a vida. O divórcio por motivos que não se encontram nas Escrituras, ainda que legais, causaria tristeza ao coração do Senhor.

Em sua Declaração Universal dos Direitos Humanos, as Nações Unidas descrevem a família como “a unidade natural e fundamental da sociedade”. Os historiadores Will e Ariel Durant chamam a família de “núcleo da civilização”. Famílias fortes começam com casamentos fortes e com um homem e uma mulher que se amam e que desejam viver um para o outro e ambos para o Senhor. Qualquer coisa a menos fica aquém da vontade de Deus.

1. PETERSON, Eugene. *Run with the Horses*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1983, p. 69.
2. A palavra *Schema* significa “ouvir” em hebraico – a primeira palavra da oração.
3. Em sua graça soberana, Deus com freqüência rearranjou a ordem de nascimento dos filhos. Abel era mais velho que Sete, mas Deus escolheu Sete (Gn 4:25, 26). Ismael foi o primogênito de Abraão, mas Deus colocou Isaque em seu lugar (Gn 17:15-22). Manassés era o primogênito de José, mas Deus deu a bênção a Efraim (Gn 48:13-22). Isso pode servir para nos lembrar de que nosso primeiro nascimento é desconsiderado e não possui qualquer bênção, mas pelo novo nascimento, o segundo nascimento, somos “[abençoados] com toda sorte de bênção espiritual” (Ef 1:3).
4. Zacarias 2:12 é a única passagem das Escrituras em que a Palestina é chamada de “terra santa”. Malaquias 3:12 a chama de “terra deleitosa”; e também é chamada de “terra gloriosa” (Dn 11:41), “terra do Senhor” (Os 9:3) e “terra desejável” (Zc 7:14).
5. Para uma discussão completa desse versículo, ver *The Encyclopedia of Bible Difficulties*, Gleason L. Archer. Grand Rapids: Zondervan Publishing, 1982, pp. 305-6.
6. Algumas pessoas se surpreendem de que o amor de Deus possa aborrecer alguma coisa, mas observe Provérbios 6:16-19, bem como os Salmos 5:5 e 11:5; Amós 5:21; Zacarias 8:17; Apocalipse 2:6 e 15. “Vós que amais o SENHOR, detestai o mal” (Sl 97:10; ver também Sl 139:21, 22).
7. Se Deus odeia o divórcio, então por que o permitiu? Deus permitiu aos judeus que se divorciassem da esposa desde que esta recebesse um certificado que protegeria sua reputação, de modo que pudesse casar-se novamente. No entanto, não lhes era permitido voltar ao primeiro marido (Dt 24:1-4). Jesus deixou claro que a permissão do divórcio era uma concessão e não um

mandamento (Mt 19:1-12), porém Deus, o Autor do casamento, pode fazê-lo. Pessoas competentes e tementes a Deus não apresentam um consenso quanto à interpretação e à aplicação dos ensinamentos do Novo Testamento sobre divórcio e segundo casamento, e são poucos (se é que existem) aqueles que tratam essa questão de maneira coerente. Ao que parece, o pecado sexual podia servir de motivo para o divórcio, bem como o abandono (1 Co 7:12-16).

8. Uma tradução de Deuteronômio 22:30 seria: "Nenhum homem tomará sua madrasta, pois não deve descobrir o canto da veste de seu pai."

MAZINHO RODRIGUES!
Um Instrumento Escolhido - At 9.15

Os PECADOS DO POVO DE DEUS – PARTE 2

MALAQUIAS 2:17 – 4:6

Malaquias continuou sua mensagem, e o povo insistiu em resistir à verdade de Deus. Os judeus já haviam argumentado com o profeta sobre o amor de Deus (Ml 1:2), o nome de Deus (Ml 1:6) e os ensinamentos de Deus sobre o casamento e o divórcio (Ml 2:14), e em seguida argumentariam sobre outras três questões: a justiça de Deus, ofertas para Deus e o serviço a Deus. As pessoas que discutem com Deus raramente recebem bênçãos dele. Só quando nos calamos e nos submetemos à vontade de Deus é que podemos experimentar a graça divina (Rm 3:19).

Contudo, o profeta não deixou de pregar; prosseguiu tratando dos “pecados dos santos”.

1. QUESTIONANDO A JUSTIÇA DE DEUS (Ml 2:17 – 3:6)

“Enfadais o SENHOR com vossas palavras”, disse o profeta, e o povo respondeu: “Em que o enfadamos?” (Ml 2:17). É claro que Deus nunca se enfada no sentido físico, pois Deus não tem corpo (Is 40:28), mas ele se cansa de algumas das coisas que seu povo diz e faz. O povo hipócrita de Israel cansou o Senhor com suas iniquidades (Ml 43:24), e o remanescente do tempo de Malaquias cansou-o com suas palavras.

Eram palavras cínicas e incrédulas. “Vie-mos à terra, reconstruímos o templo e restauramos a adoração”, disseram, “e olhe as dificuldades pelas quais estamos passando! Por que Deus não está cumprindo sua promessa? Onde estão todas as bênçãos que ele prometeu por intermédio de seus profetas?” Trata-se de um problema antigo: “Por

que os justos sofrem enquanto os ímpios prosperam?” Jó e seus amigos se debateram com essa questão, bem como Asafe (Sl 73), Jeremias (Jr 12) e Habacuque.

No entanto, esses judeus céticos haviam se esquecido das estipulações da aliança e das condições apresentadas pelos profetas: se o povo obedecesse à lei de Deus, o Senhor os abençoaria suprindo todas as suas necessidades. Porém, estavam se divorciando de suas esposas, casando-se com mulheres pagãs, oferecendo sacrifícios contaminados, roubando os dízimos e ofertas de Deus e queixando-se de ter de servir ao Senhor! Se Deus abençoasse pessoas assim, estaria concordando com seus pecados. Os judeus não precisavam de justiça, mas sim de misericórdia! Malaquias respondeu à sua pergunta: “Onde está o Deus do juízo?” falando de dois mensageiros.

“Meu mensageiro” – João Batista (3:1a).

Como vimos, o nome Malaquias significa “meu mensageiro”, e o mensageiro ao qual o profeta se refere nessa declaração é João Batista. Ao falar sobre João Batista, Jesus disse: “Este é de quem está escrito: Eis aí eu envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho diante de ti” (Mt 11:10; ver Mc 1:2 e Lc 7:27).

Enquanto Malaquias foi o último profeta a escrever suas mensagens, João Batista foi o último e maior dos profetas da antiga aliança.¹

João recebeu o privilégio singular de ministrar no final da antiga dispensação e no início da nova, e foi João quem apresentou Jesus a Israel (Jo 1:29-31). Assim como Jeremias e Ezequiel, João nasceu numa família sacerdotal, mas foi chamado por Deus para ser um profeta. Também foi um mártir, pois deu sua vida para a obra que o Senhor o havia chamado a realizar (Mt 14:1-12).

O profeta Isaías também escreveu sobre o ministério de João (Is 40:3-5; Mc 1:3; Lc 3:4-6; Jo 1:23). A imagem apresentada é de pessoas preparando o caminho para o rei que está vindo, aplaniando as estradas e removendo obstáculos, a fim de que o rei possa desfrutar uma viagem tranquila e confortável. João preparou o caminho para o

ministério de Jesus ao pregar a Palavra para multidões, instando-as a arrependerem-se de seus pecados, batizando-as e apresentando-as para Jesus.

Porém, de que modo isso responde à pergunta: "Onde está o Deus do juízo?" Quando Jesus Cristo veio e morreu na cruz, satisfez completamente a justiça de Deus. Sofreu o castigo pelos pecados do mundo e vindicou a santidade de Deus. Ninguém pode dizer com razão que "Deus não é justo!" A cruz de Cristo é prova de que o mesmo Deus que ordenou a "lei do pecado e da morte" (Gn 2:15-17; Rm 6:23; 8:2-4) também "tomou uma dose de seu próprio remédio" (como disse Dorothy Sayers) e de bom grado morreu pelos pecadores. Em consequência do Calvário, Deus é "justo e justificador" (Rm 3:26) de todos aqueles que crêem em Jesus Cristo.

"O mensageiro da aliança" – Jesus Cristo (3:1b-6). A primeira profecia refere-se à primeira vinda de nosso Senhor em sua graça e misericórdia, mas essa profecia trata de sua segunda vinda em julgamento. Quando ele vier, provará que Deus é justo ao purificar seu povo e julgar os pecadores rebeldes. Jesus Cristo é o "mensageiro da aliança" no sentido de que cumpriu em sua vida todas as estipulações da aliança, sofreu os castigos em sua morte e ressuscitou para trazer uma nova aliança de graça (Jr 31:31-40; Mt 26:26-30; Hb 8:6-13). Todas as alianças do Antigo Testamento unem-se indicando Jesus Cristo e sua maravilhosa obra de redenção.

Uma vinda inesperada (3:3). A segunda vinda do Messias será súbita e inesperada, e seu propósito será julgar os pecadores e estabelecer seu reino na Terra. "Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai" (Mt 24:36). "Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vêm as dores de parto à que está para dar à luz" (1 Ts 5:3).

Um povo despreparado (3:1). A oração "a quem vós desejais" sugere que os judeus do tempo de Malaquias estavam esperando que o "Dia do SENHOR" viesse logo, sem ter consciência de como seria um dia terrível

para toda a Terra. Seus ouvintes eram como as pessoas do tempo do profeta Amós, que tinham a mesma certeza de que estavam prontos para o "Dia do SENHOR" prometido. Amós advertiu-os: "Ai de vós que desejais o Dia do SENHOR! Para que desejais vós o Dia do SENHOR? É dia de trevas e não de luz" (ver Am 5:18-20).

Quando o remanescente judeu daquele época lia os profetas, via apenas as promessas de bênçãos e não as advertências de julgamento. Regozijavam-se nas profecias da vinda do Rei e de seu glorioso reino, mas desconsideravam as profecias que descreviam o terror mundial quando a ira de Deus fosse derramada sobre os pecadores.² Esses israelitas não eram muito diferentes dos cristãos de hoje que falam sobre a vinda do Senhor como se contemplá-lo fosse mais como ver uma celebridade e desfrutar sua glória. Mesmo sabendo que temos um lugar reservado para nós no céu, passar pelo tribunal de Cristo será uma experiência impressionante.

Uma nação impura (3:2b-4). Malaquias perguntou: "Quem poderá suportar o dia da sua vinda?" e, em seguida, descreveu o que o Messias faria quando viesse: purificaria a nação de Israel, especialmente os sacerdotes, e traria julgamento imediato sobre os pecadores que transgrediram com arrogância sua lei.

Na lei de Moisés, Deus havia providenciado três formas de purificar pessoas e coisas e de torná-las aceitáveis diante dele: água, fogo e sangue. Nessa passagem, o sangue não é mencionado, pois Jesus Cristo morreu pelos pecadores em sua primeira vinda. Porém, lavaria a nação impura como um lavadeiro lava roupas sujas. Purificaria a tribo de Levi como o ourives depura metais preciosos em sua fornalha. "Naquele dia, haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, para remover o pecado e a impureza" (Zc 13:1).

Uma vez que a nação e os sacerdotes estiverem purificados, podem tornar-se sacrifícios aceitáveis ao Senhor (Ml 3:4), e ele se agradará deles. Os sacerdotes do tempo de Malaquias estavam oferecendo sacrifícios

inaceitáveis (Ml 1:7, 8), e os próprios sacerdotes eram inaceitáveis, mas naquele grande dia, o Mensageiro de Deus viria para tornar seu povo “sacrifícios vivos” aceitáveis ao Senhor (Rm 12:1).

Um julgamento severo (3:5). Essa lista de pecadores dá-nos uma idéia do tipo de coisas que estavam ocorrendo no tempo de Malaquias e que ocorrerão no fim dos tempos. Todas elas são contrárias à lei de Deus. A feitiçaria é proibida, pois implica relacionar-se com demônios (Êx 22:18; Lv 20:27; Dt 18:14). O “reavivamento satânico” que vem ocorrendo nos dias de hoje indica que muitas pessoas não estão dando ouvidos às advertências de Deus ao “brincar” com bruxaria e com outras práticas demoníacas. Na verdade, a bruxaria é uma religião legalmente válida em muitos lugares.

“Os que juram falsamente” são pessoas que cometem perjúrio mentindo quando estão sob juramento. O perjúrio transgride o terceiro mandamento: “Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão” (Êx 20:7) e o nono mandamento: “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo” (Êx 20:16). A confiança é a argamassa que mantém unida a sociedade, e, se ela falha, a sociedade se desintegra. Se não podemos confiar nas palavras e promessas uns dos outros, então como é possível viver e trabalhar juntos em segurança?

A opressão dos pobres e necessitados é um pecado que os profetas condenaram com veemência e que também precisa ser condenado nos dias de hoje. Deus demonstra uma preocupação especial com as viúvas e os órfãos explorados e com os trabalhadores que não recebem seus salários (Êx 22:22-24; Lv 19:10; Dt 10:17-19; 24:14, 15, 19-32; 27:19; Sl 68:5; Is 1:17, 23; Jr 7:6; Tg 5:1-8).

Um Deus imutável (3:6). Qual era o motivo desses abusos sociais? O povo que cometia essas transgressões não temia o Senhor. Achavam que Deus era como eles e que faria vista grossa para o pecado, deixando de julgá-los por transgredir sua lei. “Pensavas que eu era teu igual; mas eu te argüirei e porei tudo à tua vista” (Sl 50:21).

Os judeus deveriam ter ficado agradecidos pela natureza imutável de Deus, de seus propósitos e de suas promessas, pois se assim não fosse, ele os teria consumido por seus pecados. Em duas ocasiões, Moisés usou esse fato referente ao caráter de Deus como argumento ao interceder pela nação (Êx 33:12-23; Nm 14:11-21). O mesmo princípio aplica-se aos cristãos de hoje, pois 1 João 1:9 afirma que Deus “é fiel e justo para nos perdoar os pecados”. Deus é fiel a suas promessas e justo para com seu Filho, que morreu pelos nossos pecados a fim de que pudéssemos ser perdoados (ver também Ml 23:19; Dt 4:31; e Tg 1:17).

Malaquias já provou que Deus é justo. Agora ele discute o fato de que o povo é injusto pelo fato de que tem roubado a Deus o que lhe pertence de direito.

2. ROUBANDO DA CASA DO TESOURO DE DEUS (Ml 3:7-12)

Se as palavras: “Como é o povo, assim é o sacerdote” (Os 4:9) aplicavam-se aos líderes espirituais de Israel, então o ditado “tal pai, tal filho” (ou “tal mãe, tal filha”) referia-se a todo o resto do povo. Dos tempos dos patriarcas até a época de Malaquias, a nação desobedeceu à Palavra de Deus com freqüência, e o Senhor teve de enviar profetas para chamar os judeus ao arrependimento e para voltar para ele.

Quando o povo ouviu Malaquias rogar-lhes que tornassem ao Senhor, em vez de obedecerem a esse chamado, começaram a discutir com o servo do Senhor. Esses judeus me fazem lembrar aquelas pessoas que evitam uma questão dizendo: “Defina seus termos! O que você quer dizer com ‘tornai-vos?’” Malaquias, porém, não hesitou ao dizer-lhes como começar a voltar para Deus: “Levem à casa do Tesouro de Deus todos os dízimos e ofertas que lhe são de direito!” Estavam cometendo o pecado de roubar em pelo menos três áreas distintas.

Estavam roubando de Deus (vv. 7, 8). As necessidades dos sacerdotes e levitas eram supridas pelos sacrifícios e também pelos dízimos e ofertas levados ao templo pelo povo. A palavra “dízimo” vem do termo

hebraico que quer dizer “dez”. O dízimo é 10% dos grãos, dos frutos, dos animais ou do dinheiro de uma pessoa (Lv 27:30-34; Ne 13:5). Havia no templo depósitos especiais para guardar grãos, frutos e dinheiro que o povo levava para o Senhor em obediência a sua lei. Se as pessoas não queriam carregar produtos pesados, podiam convertê-los em dinheiro, mas deviam acrescentar 20% só para certificar-se de que não estavam lucrando nem roubando de Deus (Lv 27:31).

O dízimo anual era entregue aos levitas (Nm 18:21-24) que, por sua vez, davam aos sacerdotes o dízimo daquilo que recebiam (Nm 18:25-32). Quando um adorador levava seu dízimo ao templo, podia usar parte dele para desfrutar uma refeição especial com sua família e os levitas (Dt 12:6, 7, 17-19). A cada três anos, o dízimo devia ser levado a um líder local a fim de ser usado para os pobres (Dt 14:28, 29).

Dar o dízimo é um gesto de adoração que vem desde a ocasião em que Abraão deu o dízimo a Melquisedeque, reconhecendo que Melquisedeque era o representante do Deus Altíssimo (Gn 14:20; Hb 7). Jacó fez um voto ao Senhor de que daria o dízimo (Gn 28:22), de modo que essa prática é anterior à lei de Moisés. Porém, o dízimo foi incorporado oficialmente à lei de Moisés como parte da adoração de Israel. Ao levar os dízimos e ofertas, as pessoas não estavam apenas sustentando o ministério do templo, mas também dando graças a Deus pela provisão abundante de suas necessidades.

Ao longo dos séculos, muitos judeus cometeram dois erros em relação ao dízimo: (1) os legalistas obedeceram à lei com tanto escrúpulo que, assim como os fariseus, davam o dízimo até das mais minúsculas ervas de seu jardim (Mt 23:23,24), crendo que sua obediência lhes conquistaria justiça diante de Deus; (2) os descendentes eram negligentes em dar o dízimo, e sua desobediência a Deus privava o ministério do templo dos recursos necessários para sua continuidade. Quando Neemias voltou a Jerusalém, os depósitos do templo estavam vazios, e muitos sacerdotes e levitas haviam abandonado o serviço para voltar para casa e trabalhar em

seus campos, a fim de prover para suas famílias (Ne 13:10). O povo havia prometido solenemente que daria o dízimo (Ne 10:34-39), mas não havia cumprido a promessa.

Tendo em vista que Deus fez todas as coisas e que tudo lhe pertence, não precisa de nada que possamos lhe dar (At 17:25). Porém, ele se compraz quando obedecemos à sua Palavra e levamos nossas ofertas como um ato de adoração com o coração agradecido. Ainda que 1 Coríntios 16:1, 2 sugira a contribuição proporcional (“conforme a sua prosperidade”),³ o Novo Testamento não apresenta nenhum mandamento explícito para a igreja sobre dar o dízimo. Em 2 Coríntios 8 e 9, Paulo ensina a “contribuição pela graça”, que certamente vai além dos 10%. Muitos cristãos acreditam que, se os fiéis sob a antiga aliança davam o dízimo, então como os cristãos sob a nova aliança podem começar com qualquer quantia abaixo disso?

Estavam roubando de si mesmos (vv. 9-11). Ao roubar de Deus, o povo não estava cumprindo a aliança que havia feito com o Senhor; assim, Deus não podia cumprir sua promessa de abençoá-los (Lv 26:3ss). “O SENHOR determinará que a bênção esteja nos teus celeiros e em tudo o que colocares a mão; e te abençoará na terra que te dá o SENHOR, teu Deus” (Dt 28:8). A terra havia sido invadida por insetos (“o devorador”, Mt 3:11), e os grãos e frutos não estavam amadurecendo.

Sempre que roubamos de Deus, também roubamos de nós mesmos. Em primeiro lugar, privamo-nos das bênçãos espirituais que sempre acompanham a obediência e a contribuição fiel (2 Co 9:6-15). Porém, mais do que isso, o dinheiro que pertence a Deus por direito e que tomamos para nós nunca fica conosco. Acaba indo para o médico, para o mecânico ou para o pagamento de impostos. “Tendes semeado muito e recolhido pouco [...] e o que recebe salário, recebe-o para pô-lo num saquitel furado” (Ag 1:6). Se não confiamos que Deus cuida de nós, então qualquer coisa em que confiarmos se mostrará inútil. As pessoas que amorosamente dão o dízimo e ofertas a Deus descobrem que aquilo que

resta sempre rende muito mais e traz bênçãos muito maiores.

Sem dúvida, contribuir é um ato de fé, mas essa fé é compensada por Deus de todas as maneiras. Porém, não é isso o que nos leva a contribuir, pois esse tipo de motivação seria egoísta. Como disse corretamente o industrial R. G. LeTourneau: “Não adianta contribuir pensando no que se vai receber”. Contribuímos porque amamos a Deus, porque lhe obedecemos e por sua generosidade para conosco. Quando guardamos tesouros no céu, eles dão um retorno abundante por toda a eternidade.

A promessa de Malaquias 3:10 estava associada à aliança que os israelitas haviam feito com o Senhor (Dt 28:1-14), de modo que, se eles obedecessem fielmente, Deus seria fiel em cumprir suas promessas. Porém, o princípio espiritual por trás dessa promessa se repete em Lucas 6:38 e em 2 Coríntios 9:6-8, de modo que os cristãos de hoje podem se apropiar dela. Para alguns cristãos de meu país, os Estados Unidos, o dízimo seria uma quantia pequena demais, mas cada cristão deve ter plena convicção em seu coração daquilo que o Senhor deseja que faça.⁴

Estavam roubando de outros (v. 12). O remanescente que voltou a Judá depois do exílio teve uma excelente oportunidade de confiar em Deus e de dar testemunho às outras nações de que seu Deus era o verdadeiro Deus vivo. Se os judeus tivessem confiado no Senhor, ele teria feito grandes coisas por eles, e o povo teria sido um testemunho formidável para outros. Mas vacilaram na fé, e ninguém podia olhar para eles e dizer que eram abençoados.

A promessa de Deus era: “O SENHOR te constituirá para si em povo santo, como te tem jurado, quando guardares os mandamentos do SENHOR, teu Deus, e andares nos seus caminhos. E todos os povos da terra verão que és chamado pelo nome do SENHOR e terão medo de ti” (Dt 28:9, 10).

Os gentios teriam ido a Jerusalém para saber quem era esse grande e maravilhoso Deus que podia pegar um pequeno grupo de refugiados e transformá-los numa nação abençoada.

3. DESPREZANDO O SERVIÇO DE DEUS (Ml 3:13 – 4:6)

Essa é a sexta e última acusação de Malaquias: “As vossas palavras foram duras para mim, diz o SENHOR” (Ml 3:13). Ao encerrar seu livro, ele aponta para quatro grupos de pessoas e para aquilo que disseram e fizeram.

Os murmuradores (3:13-15). Essas pessoas eram culpadas de dizer “palavras duras” ao Senhor. Em primeiro lugar, achavam que servir a Deus era extremamente enfadonho; era “inútil” ser servos de Deus. É possível que sacerdotes tivessem liderado essa murmuração, mas o povo em geral era igualmente culpado. “Não estamos ganhando nada com isso!”, reclamavam. “As coisas só estão piorando.”

Ouço essa reclamação de alguns cristãos sobre sua igreja. “Isso não está nos trazendo benefício algum!” Mas a igreja é como um banco ou como um lar: se você não dá coisa alguma, não recebe coisa alguma de volta. Servimos a Deus, pois é a coisa certa a se fazer, não porque somos recompensados por nosso serviço. (Seremos recompensados, mas essa não é nossa principal motivação.)

Além disso, tinham outra queixa: os povos pagãos a seu redor que não conheciam ao Senhor estavam em melhores condições do que o povo de Judá! Os perversos estavam prosperando, enquanto os piedosos estavam sofrendo. É claro que os judeus teriam grande dificuldade em provar que eram “piedosos”, pois eram culpados de desobedecer ao Senhor. Deus os teria abençoado se tivessem se entregado ao Senhor, mas preferiram fazer as coisas a sua maneira e, então, murmurar sobre o que deixou de acontecer.

Servir ao Senhor é algo sério, e a ordem que recebemos foi: “Servi ao SENHOR com alegria” (Sl 100:2). É triste quando um servo do Senhor faz seu trabalho sem qualquer entusiasmo, simplesmente executando tarefas porque são sua obrigação ou porque vai levar alguma vantagem. Filipenses 2:1-12 é o retrato que Deus apresenta de Cristo, o Servo ideal de Deus, e é o seu exemplo que devemos seguir.

Os crentes (3:16-18). No meio desse remanescente, havia um grupo de crentes verdadeiros que permaneceram fiéis ao Senhor. Temiam ao Senhor, o que significa que o reverenciavam e adoravam como Senhor Todo-Poderoso. Encontravam-se, não para murmurar, mas para encorajar e edificar uns aos outros. Falavam do Senhor e não tinham medo de que ele ouvisse o que diziam!

É provável que esse grupo não fosse muito grande e é possível que pensasse que sua adoração não estava tendo muito resultado, mas Deus estava prestando atenção e registrando as palavras deles. Talvez seus vizinhos zombassem deles, mas Deus se agradava desses cristãos. Não era uma perda de tempo, pois estavam investindo na eternidade.

Deus tomou-os para si e prometeu poupar-lhos do julgamento futuro, quando todos veriam que há uma diferença entre o justo e o perverso, e essa diferença é importante. Um dos pecados dos sacerdotes é que não faziam distinção entre os caminhos da santidade e os caminhos do pecado. Para eles, qualquer sacrifício era aceitável, e, no entanto, era seu dever ensinar o povo de Deus “a distinguir entre o santo e o profano [...] , discernir entre o imundo e o limpo” (Ez 44:23).

Muitos dos servos fiéis de Deus desanimam porque os tempos vão ficando difíceis; os cristãos são em número cada vez menor e seu trabalho não parece valorizado. Pessoas que não estão verdadeiramente caminhando com o Senhor parecem receber mais atenção do que aqueles que são servos fiéis. Porém, virá o dia em que Deus revelará suas “propriedades peculiares” (ver Ex 19:5; Dt 7:6) e, então, os fiéis receberão sua recompensa. Todo servo de Deus que se encontra desanimado precisa ler e meditar sobre 1 Coríntios 4:1-5.

Os malfeiteiros (4:1-3). Malaquias retoma o tema da vinda do Dia do SENHOR, quando Deus castigará os malfeiteiros. Os pecadores serão queimados como o fogo consome o restolho; eles se tornarão como cinzas sob os pés dos santos! Mas os verdadeiros crentes verão o amanhecer de um novo dia, no qual nascerá o “sol da justiça” (ver Lc 1:78,

79). Então, Jesus reinará como Rei dos reis e seu povo saltará como bezerros soltos da estrebaria!

Os pregadores (4:4-6). Malaquias foi fiel como mensageiro de Deus e encerrou seu livro lembrando o povo de outros dois profetas fiéis, Moisés e Elias. A lei de Moisés ainda era a regra de vida dada pelo Senhor aos judeus e, se eles obedecessem, Deus os abençoaria. É claro que os cristãos de hoje não vivem mais sob a lei (Rm 6:15; Gl 5:1-4), mas ainda praticam a retidão da lei pelo poder do Espírito Santo que habita em nós (Rm 8:1-4).

A promessa de Malaquias 4:5 era examinada e discutida com freqüência por rabinos judeus que perguntavam: “Quem é o Elias que o Senhor enviará?”. Os líderes judeus interrogaram João Batista sobre esse assunto (Jo 1:19-21), e Pedro, Tiago e João fizeram a Jesus uma pergunta relacionada a isso (Mt 17:10).

O profeta Elias é mencionado pelo menos trinta vezes no Novo Testamento, e dez dessas referências o relacionam a João Batista. Porém, João Batista disse claramente que ele não era Elias (Jo 1:21, 25). Ele veio no “espírito e poder” de Elias e converteu muitos dos filhos de Israel, dos pais aos filhos (Lc 1:16, 17). Assim como Elias, João foi um homem corajoso, um homem de oração que recebeu poder do Espírito, um homem que viveu sozinho no deserto e um servo que levou muitas pessoas de volta ao Senhor, mas não era Elias que voltou à Terra.

Contudo, para aqueles que creram em Cristo durante seu ministério aqui na Terra, João Batista realizou o trabalho de Elias em sua vida: preparou essas pessoas para encontrar-se com o Senhor. “E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir” (Mt 11:14). “Eu, porém, vos declaro que Elias já veio, e não o reconheceram” (Mt 17:10-13). Os discípulos entenderam que Jesus estava falando de João Batista, que veio no espírito e poder de Elias.

Porém, Malaquias 4:5 promete que o próprio Elias virá e que essa vinda estará relacionada ao “Dia do SENHOR”, que queimará os perversos como restolho (Ml 4:1). Por

isso Jesus disse: “Elias virá e restaurará todas as coisas” (Mt 17:11). Muitos estudiosos acreditam que Elias seja uma das duas testemunhas cujo ministério é descrito em Apocalipse 11:3-12 (e crêem que a outra é Moisés). Vale a pena observar que tanto Moisés quanto Elias apareceram a Jesus no monte da transfiguração (Mt 17:3), o que explica por que os três apóstolos perguntaram sobre Elias.

Tendo em vista que o “Dia do SENHOR” não ocorreu no Novo Testamento, devemos crer que João Batista não era o Elias prometido, ainda que tivesse ministrado de maneira semelhante a Elias. Assim, essa profecia ainda está para se cumprir. Pode muito bem ser que Elias volte à Terra como uma das duas testemunhas (Ap 11:3-12), pois os sinais que esses dois homens realizarão nos lembram dos milagres de Elias. Depois do ministério das testemunhas, o Senhor derramará sua ira sobre a Terra (Ap 11:18; 16:1ss),

e o Dia do SENHOR irromperá no mundo com grande furor.

Parece estranho que as Escrituras do Antigo Testamento terminem com a palavra “maldição”. Quando nos aproximamos do final do Novo Testamento, lemos: “Nunca mais haverá qualquer maldição” (Ap 22:3). Toda a criação aguarda ansiosamente a volta do Salvador para redimi-la do cativeiro do pecado (Rm 8:18-23). Também devemos aguardá-lo e, enquanto esperamos, devemos dar testemunho do Senhor a outros. Pois, quando o Sol da justiça nascer, será tempo de fogo ou de bênçãos (Ml 4:1, 2): bênçãos para aqueles que creram nele e fogo para os que o rejeitaram.

Ninguém pode se dar o luxo de discutir com Deus como fizeram os israelitas quando ouviram Malaquias, pois Deus sempre terá a última palavra.

Para você, a última palavra será de salvação ou de julgamento?

1. Lembre-se de que a antiga aliança não terminou com o nascimento de Jesus na manjedoura, mas sim com sua morte na cruz. O ministério de João ocorreu próximo ao encerramento dessa antiga dispensação, de modo que, estritamente falando, ele foi um profeta do Antigo Testamento.
2. Algumas edições mais antigas da Bíblia cometem esse mesmo engano no título dos capítulos. Se o capítulo era sobre bênção, então o título era: “As bênçãos de Deus para a igreja”, mas se era sobre julgamento, o título dizia: “O julgamento de Deus sobre os judeus”. A Bíblia diz que “o juízo [começa] pela casa de Deus” (1 Pe 4:17).
3. As ofertas mencionadas em 1 Coríntios 16:1-3 não eram as ofertas habituais recebidas semanalmente nos encontros da igreja. Era uma “oferta emergencial” que Paulo estava recolhendo dos cristãos gentios para os cristãos judeus em Jerusalém.
4. Multidões têm testemunhado sobre a bênção da contribuição sistemática e proporcional. Porém, devemos nos lembrar de que, mesmo depois de ofertar generosamente ao Senhor, aquilo que resta ainda pertence a Deus, pois somos despenseiros de tudo o que ele nos dá. Separar o dízimo não significa que temos o direito de usar os outros 90% para nós mesmos.